



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS - POSLIN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

LÉXICO TOPONÍMICO DO MÉDIO JEQUITINHONHA-MG: reflexo de
aspectos históricos e socioculturais

Belo Horizonte - MG
2023

SHIRLENE APARECIDA DA ROCHA

**LÉXICO TOPOONÍMICO DO MÉDIO JEQUITINHONHA-MG: reflexo de
aspectos históricos e socioculturais**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito para obtenção do grau de doutora em Estudos Linguísticos

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva
Linha de pesquisa 1A: Estudo da Variação e Mudança
Linguística

Orientadora: Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça
Cohen

**Belo Horizonte - MG
2023**

R672I Rocha, Shirlene Aparecida da.
Léxico topográfico do Médio Jequitinhonha-MG
[manuscrito] : reflexo de aspectos históricos e socioculturais
/ Shirlene Aparecida da Rocha – 2023.

1 recurso online (734 f. : il., tabs., fotos., grafos., color., p&b.) : pdf.

Orientadora: Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais,

Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 323-339.

Apêndices: f. 340-405.

Anexos: f. 406-734.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Língua portuguesa – Variação – Jequitinhonha, Rio, Vale (MG e BA) – Teses. 2. Língua portuguesa – Regionalismos – Jequitinhonha, Rio, Vale (MG e BA) – Teses. 3. Toponímia – Teses. 4. Onomástica – Teses. 5. Lexicologia – Teses. 6. Sociolinguística – Teses. 7. Linguagem e cultura – Teses. I. Cohen, Maria Antonieta Amarante de Mendonça. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 469.798

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

LÉXICO TOPONÍMICO DO MÉDIO JEQUITINHONHA-MG: reflexo de aspectos históricos e socioculturais

SHIRLENE APARECIDA DA ROCHA

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRIPTIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Aprovada em 27 de fevereiro de 2023, pela banca constituída pelos membros:

Prof (a). Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen – Orientadora -UFMG

Prof (a). Maria Cândida Trindade Costa de Seabra - UFMG

Prof (a). Eduardo Tadeu Roque Amaral - UFMG

Prof (a). Ana Paula Mendes Alves de Carvalho - IFMG

Prof (a). Elaine Chaves - UEMG

Belo Horizonte, 27 de fevereiro de 2023.

Documento assinado eletronicamente por **Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, Professora do Magistério Superior**, em 28/02/2023, às 16:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.](#)

Documento assinado eletronicamente por **Eduardo Tadeu Roque Amaral, Professor do Magistério Superior**, em 28/02/2023, às 20:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.](#)

Documento assinado eletronicamente por **Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen, Professora do Magistério Superior**, em 28/02/2023, às 21:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.](#)

Documento assinado eletronicamente por **Ana Paula Mendes Alves de Carvalho, Usuário Externo**, em 01/03/2023, às 22:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.](#)

Documento assinado eletronicamente por **Elaine Chaves, Usuária Externa**, em 03/03/2023, às 14:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.](#)

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2055092** e o código CRC **33D5AE2C**.

Dedico este trabalho à minha mãe, Maria
José (Juca) e meu pai, Ademar Corrêa, *in
memoriam*, por terem sido e
continuarem sendo meu exemplo de
honestidade, humildade e resiliência.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é reconhecer que, em algum momento precisamos de alguém, pois não somos autossuficientes. Nesta caminhada foram vários os esteios que me deram sustentabilidade para que eu chegassem a este momento. O primeiro de todos e de sempre foi Deus, minha maior sustentação na vida. Foi Ele que me deu força nos momentos de fraqueza; Ele que me impulsionou quando o desânimo invadia meu ser; foi Ele que me deu sabedoria quando o obscurantismo parecia dominar minha mente; foi Ele o meu direcionamento nas vezes em que eu me sentia sem rumo.

Agradeço à minha segunda base da vida, à minha família, que desde sempre acredita em mim muito mais do que eu mesma. Ter a presença de vocês ao meu lado me dá a certeza de que, independente das minhas conquistas ou derrotas, vocês estarão sempre prontos para me apoiar. Principalmente aos que estavam mais próximos de mim: Werilson, que desempenhou o papel de pai e mãe no início do curso, quando eu precisava estar em Belo Horizonte e em vários outros momentos, sempre apoiando nas minhas decisões; minhas filhas, a melhor parte de mim, Dani, por ser minha companhia desde o processo seletivo até o auxílio na parte tecnológica desta tese e Lívia, que, apesar da pouca idade, entendeu este processo, inclusive encontrando estratégias para que eu não me sentisse sozinha. Aos meus irmãos Valdirene, Rosilene, Claudinei e Cláudio, cunhados, sobrinhos e tios, meu agradecimento. Foram várias as vezes que precisei da força deles durante esta caminhada e eles sempre disponíveis. Minha família é meu maior estímulo para encarar as lutas diárias da vida!

À minha orientadora, Dra. Maria Antonieta, a quem aprendi a chamar de Tilah, com quem, no início eu tinha vergonha de conversar, tendo em vista o seu vasto conhecimento e história acadêmica. Com o tempo minha admiração e respeito pelo ser humano e profissional Tilah foi sempre aumentando. É imensurável o quanto Tilah foi importante para que eu aprendesse a confiar um pouco mais em mim, a me sentir menos incapaz e a terminar esta pesquisa. Suas palavras sempre tão assertivas e seus questionamentos direcionadores foram fundamentais neste processo. Na pessoa da professora Tilah, agradeço a todo o corpo docente da UFMG pela oportunidade, acolhida e compartilhamento do conhecimento que possuem. Através do Filipe Oliveira, que sempre, em tempo recorde, sanou minhas dúvidas durante estes 4 anos, agradeço a todo o corpo técnico da UFMG.

Jamais poderia deixar de agradecer aos meus informantes, que foram 37 desde o início do processo. A eles toda a minha gratidão por terem me recebido em suas casas, se disponibilizado para tomarmos um café, almoçarmos, ou terem me atendido por telefone com tanta boa vontade. Meus informantes sempre foram muito receptivos, deixando seus outros afazeres de lado, apenas com o intuito de me ajudarem a vencer este processo. Sem eles esta pesquisa não teria se concretizado, por isso, minha eterna gratidão.

Agradeço ao IFNMG - Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, através da reitora atual Joaquina Nobre, por acreditar em seus profissionais e incentivá-los a aprimorar seus conhecimentos para oferecer à comunidade onde a instituição se encontra inserida uma educação gratuita cada vez melhor. Em especial agradeço ao campus Araçuaí, onde sou lotada. Através das pessoas de Aécio Oliveira de Miranda, ex-diretor, Irã Pinheiro Neiva, diretor e Joaquina Nobre, reitora, agradeço a todos os colegas que sempre me ajudaram, trocando horário de aulas comigo, me incentivando, trocando experiências, de maneira especial Lillian, Luna e Eliane, sempre dispostas a me ajudarem em tudo.

Agradeço às pessoas que me ajudaram nas partes que dependiam de tecnologia (Danielly, Luíde, Higna, João Jacintho, Dirlene e Fernando Marcos, dentre outros). Gratidão a Ernani Calazans pela cessão da imagem da capa e outras fotos. Outro agradecimento necessário é à dona Maria Rodrigues, pois em um momento difícil da minha vida, em que eu já tinha me decidido a desistir, ela me disse “Lena, você é mais forte, não desiste, eu não estudei, mas estudo é a única coisa que ninguém pode tirar de você”, isso foi tão significativo para mim naquele momento.

Meu agradecimento a todos os meus amigos, principalmente Andreza, Maria Célia e Gilmara Casagrande, que, apesar da distância física, sempre se fizeram presentes, me apoioando em todo o percurso. Aos meus conterrâneos, colegas e conhecidos que, se manifestando, ou em silêncio, caminharam junto comigo, torcendo e vibrando com cada etapa concluída, meu muito obrigada. Cada palavra de incentivo, cada ligação, mensagem, interesse em saber sobre o processo, foram essenciais, pois me fizeram entender que eu jamais estaria sozinha nestes 4 anos.

Por fim, meu agradecimento à Dra. Ana Paula Mendes de Carvalho, Dra. Elaine Chaves, Dra. Maria Cândida Trindade da Costa Seabra e Dr. Eduardo Tadeu Roque Amaral que fizeram parte da banca na minha defesa, pela disponibilidade e pelo olhar cuidadoso com que leram meu texto.

“O topônimo não é algo estranho ou alheio ao contexto histórico-político da comunidade. Sua carga significativa guarda estreita ligação com o solo, o clima, a vegetação abundante ou pobre e as próprias feições culturais de uma região em suas diversas manifestações” (DICK, 1990b, p.47).

RESUMO

Considerando os diferentes níveis da linguagem, o léxico é o meio mais confiável de revelar a cultura de uma sociedade. Reflete a maneira como a comunidade vê o mundo, tanto fisicamente por meio de palavras, que refletem sua visão do ambiente, quanto psicologicamente por meio de termos que representam suas crenças, costumes, desejos e assim por diante. O objetivo deste estudo foi descrever o léxico toponímico do Médio Vale do Jequitinhonha, que fica a nordeste de Minas Gerais, numa área coberta por catiñas, cerrados e mata atlântica distribuídos por montanhas, chapadões e grandes vales abertos, situados na maior parte no domínio do Semiárido. Os nomes de comunidades rurais, distritos, fazendas, aldeia, rios, córregos, ribeirões, barragem, cachoeiras e serras constituíram o *corpus* para investigar como a relação entre língua e cultura é representada no campo toponímico. Como aporte teórico, foram utilizados trabalhos do campo da Lexicologia, cujos principais autores são Sapir (1969), Ullmann (1974), Biderman (1981, 1998, 2001), Dauzat (1926), Stewart (1954), Dick (1986, 1990 a 1990b, 1996), Seabra (2004, 2008, 2010, 2015), Isquierdo (1996, 1998, 2012, 2019), Castro (2018), Carvalhinhos (2007, 2009) Amaral (2013, 2020) e Duranti (2000). Para tanto, delimitamos a área geográfica designada pelo IBGE em 2017 como Região Geográfica Imediata de Araçuaí, que inclui os municípios de Araçuaí, Berilo, Coronel Murta, Francisco Badaró, Itinga, Jenipapo de Minas, José Gonçalves de Minas e Virgem da Lapa. Os 252 topônimos analisados foram coletados por meio de 24 entrevistas semiestruturadas, três em cada município da área de pesquisa, além da utilização de mapas geográficos e documentos oficiais fornecidos pelos respectivos municípios. Os resultados apontaram uma toponímia conservadora, em que apenas 5,15% de topônimos sofreram mudança por substituição. Em relação à origem, prevaleceram os topônimos de origem portuguesa com 80%, os de origem indígena somaram 16%, de origem africana totalizaram 2% e os demais correspondem a 2%. Sobre a estrutura morfológica, houve uma leve predominância dos topônimos de estrutura simples com 54% em relação aos topônimos compostos que somaram 46%. As 05 taxes mais recorrentes foram os hidrotopônimos (22%); os fitotopônimos (22%); os hierotopônimos (12%); os antropotopônimos (11%) e os geomorfotopônimos (9%). A análise dos dados mostrou que nomes de lugares no Médio Jequitinhonha, como em outras regiões, são criados, recriados, adaptados ou modificados dependendo do contexto em que foram inseridos em determinado período, refletindo aspectos históricos e socioculturais de uma região.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico toponímico; Cultura; Médio Jequitinhonha.

ABSTRACT

Considering the different levels of language, the lexicon is the most reliable means of revealing the culture of a society. It reflects the way the community sees the world, both physically, through words that reflect its view of the environment, and psychologically, through terms that represent its beliefs, customs, desires, and so on. The objective of this study was to describe the toponymic lexicon of the Middle Jequitinhonha Valley, which is located in the northeast of Minas Gerais, in an area covered by caatingas, cerrados and Atlantic forest spread over mountains, tablelands and large open valleys, situated mostly in the domain of the Semiarid Region. The names of rural communities, districts, farms, villages, rivers, streams, brooks, dams, waterfalls, and mountain ranges constituted the *corpus* to investigate how the relationship between language and culture is represented in the toponymic field. As a theoretical contribution, works from the field of Lexicology were used, whose main authors are Sapir (1969), Ullmann (1974), Biderman (1981, 1998, 2001), Dauzat (1926), Stewart (1954), Dick (1986, 1990 to 1990b, 1996), Seabra (2004, 2008, 2010, 2015), Isquierdo (1996, 1998, 2012, 2019), Castro (2018), Carvalhinhos (2007, 2009) Amaral (2013, 2020), and Duranti (2000). To this end, we delimited the geographical area designated by the IBGE (Brazilian Institute of Geography and Statistics) in 2017 as the Immediate Geographic Region of Araçuaí, which includes the municipalities of Araçuaí, Berilo, Coronel Murta, Francisco Badaró, Itinga, Jenipapo de Minas, José Gonçalves de Minas, and Virgem da Lapa. The 252 toponyms analyzed were collected through 24 semi-structured interviews, three in each municipality within the research area, in addition to the use of geographic maps and official documents provided by the respective municipalities. The results showed a conservative toponomy, in which only 5.15% of the toponyms underwent changes by substitution. Regarding origin, toponyms of Portuguese origin prevailed with 80%, those of indigenous origin totaled 16%, those of African origin accounted for 2%, and the others corresponded to 2%. As for the morphological structure, there was a slight predominance of toponyms with a simple structure, with 54%, in relation to compound toponyms, which added up to 46%. The five most recurrent taxa were hydrotoponyms (22%), phytotoponyms (22%), hierotoponyms (12%), anthropotoponyms (11%), and geomorphotoponyms (9%). Data analysis showed that place names in the Middle Jequitinhonha, as in other regions, are created, recreated, adapted or modified depending on the context in which they were inserted in a given period, reflecting historical and sociocultural aspects of a region.

KEYWORDS: Toponymic lexicon; Culture; Middle Jequitinhonha.

RESUMEN

Considerando los diferentes niveles del lenguaje, el léxico es el medio más confiable para revelar la cultura de una sociedad. Refleja la forma en que la comunidad ve el mundo, tanto físicamente, por medio de palabras que reflejan su visión del entorno, como psicológicamente, por medio de términos que representan sus creencias, costumbres, deseos, etcétera. El objetivo de este estudio fue describir el léxico toponímico del Medio Valle del Jequitinhonha, que se sitúa en el nordeste de Minas Gerais, en un área cubierta por catingas, cerrados y bosque atlántico distribuidos por montañas, mesetas y grandes valles abiertos, ubicados en su mayoría en el dominio del Semiárido. Los nombres de comunidades rurales, distritos, granjas, aldeas, ríos, arroyos, riachuelos, embalses, cascadas y sierras constituyeron el *corpus* para investigar cómo se representa la relación entre lengua y cultura en el campo toponímico. Como aporte teórico se utilizaron trabajos del campo de la Lexicología, cuyos principales autores son Sapir (1969), Ullmann (1974), Biderman (1981, 1998, 2001), Dauzat (1926), Stewart (1954), Dick (1986, 1990 a 1990b, 1996), Seabra (2004, 2008, 2010, 2015), Isquierdo (1996, 1998, 2012, 2019), Castro (2018), Carvalhinhos (2007, 2009) Amaral (2013, 2020) y Duranti (2000). Para ello, delimitamos el área geográfica designada por el IBGE (Instituto Brasileño de Geografía y Estadística) en 2017 como Región Geográfica Inmediata de Araçuaí, que comprende los municipios de Araçuaí, Berilo, Coronel Murta, Francisco Badaró, Itinga, Jenipapo de Minas, José Gonçalves de Minas y Virgem da Lapa. Los 252 topónimos analizados se recolectaron mediante 24 entrevistas semiestructuradas, tres en cada municipio del área de investigación, además del uso de mapas geográficos y documentos oficiales proporcionados por los respectivos municipios. Los resultados mostraron una toponimia conservadora, en la que solo el 5,15% de los topónimos sufrieron cambios por sustitución. Con respecto al origen, prevalecieron los topónimos de origen portugués con el 80%, los de origen indígena sumaron el 16%, los de origen africano totalizaron el 2% y los demás correspondieron al 2%. En cuanto a la estructura morfológica, hubo un ligero predominio de los topónimos de estructura simple, con un 54%, en relación a los topónimos compuestos, que sumaron un 46%. Los cinco taxones más recurrentes fueron los hidrotopónimos (22%), los fitotopónimos (22%), los hierotopónimos (12%), los antropotopónimos (11%) y los geomorfotopónimos (9%). El análisis de los datos mostró que los nombres de lugares en el Medio Jequitinhonha, al igual que en otras regiones, se crean, recrean, adaptan o modifican dependiendo del contexto en el que se insertaron en un determinado período, reflejando aspectos históricos y socioculturales de una región.

PALABRAS CLAVE: Léxico toponímico; Cultura; Medio Jequitinhonha.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Uma viagem de piroga nas cachoeiras do Rio Grande de Belmonte	33
Figura 2: Botocudo regressando da caçada	34
Figura 3: Combate entre os botocudos e pataxós	35
Figura 4: Mapa das Mesorregiões do estado de Minas Gerais.....	41
Figura 5: Divisão do Vale do Jequitinhonha	42
Figura 6: Mapa das Microrregiões do Vale do Jequitinhonha.	42
Figura 7: Mapa das Regiões Geográficas de Minas Gerais	44
Figura 8: Mapa da Região Imediata de Araçuaí	45
Figura 9: Municípios que compõem a Região Imediata de Araçuaí	47
Figura 10: Triângulo Semiótico de Ogden e Richards	61
Figura 11: Onomástica	64
Figura 12: Mapa das Regiões Culturais do Brasil	76
Figura 13: Estrutura do sintagma toponímico simples e composto	92
Figura 14: Jiquitinhonha registrado em carta geográfica.....	274
Figura 15: Gruta do Pai Joaquim e túmulo da Escrava Feliciana	281
Figura 16: Encontro do rio Araçuaí e rio Jequitinhonha	286
Figura 17: Indígenas no Vale do Jequitinhona no século XIX	293
Figura 18: Foto de uma lobeira ou macieira.....	294
Figura 19 : Foto do Tum tum	295
Figura 20: Foto do cacto cabeça de frade	296
Figura 21: Rio e pedra de Adão na comunidade do Pega.....	309

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Análise comparativa de dados até 2017 e após nova divisão do IBGE	46
Quadro 2: Modelo de classificação taxonômica.....	67
Quadro 3: Roteiro direcionador	81
Quadro 4: Perguntas norteadoras	81
Quadro 5: Viagens e quilometragem percorrida	85
Quadro 6: Identificação das entrevistas	86
Quadro 7: Regras de transcrições a serem utilizadas	87
Quadro 8: Modelo da ficha toponímica	90
Quadro 9: Classificação taxonômica dos compostos	91
Quadro 10: Modelo de classificação taxonômica	95
Quadro 11: Síntese quantitativa das fichas toponímicas	259
Quadro 12: Listagem dos topônimos simples	270
Quadro 13: Listagem dos topônimos de classificação composta	271
Quadro 14: Lista de topônimos de origem indígena	276
Quadro 15: Topônimos de origem africana.....	280
Quadro 16: Acidentes geográficos (hidrográficos) toponimizados no Médio Jequitinhonha ..	289
Quadro 17: Exemplo de toponimização do termo córrego	290
Quadro 18: Termos genéricos (topográficos) toponimizados no Médio Jequitinhonha	307
Quadro 19: Topônimos que sofreram mudança por substituição	315
Quadro 20: Modelo de classificação taxonômica.....	406

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Tipos de acidentes geográficos.....	261
Gráfico 2: Detalhamento dos acidentes humanos	262
Gráfico 3: Detalhamento dos acidentes físicos.....	262
Gráfico 4: Classificação taxonômica dos topônimos	264
Gráfico 5: Natureza das taxes.....	264
Gráfico 6: Taxes de natureza física	265
Gráfico 7: Taxes de natureza antropocultural.....	266
Gráfico 8: Origem dos topônimos	267
Gráfico 9: Estrutura morfológica dos topônimos	268

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A Africana

Al. Alemã

ATB Atlas Toponímico do Brasil

ATEMA Atlas Toponímico do Maranhão

ATEMIG Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais

ATEMS Atlas Toponímico do Estado do Mato Grosso do Sul

Bras. Brasil

C.f conforme

CEDEFES Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva

CNPq Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CODEVALE Comissão de Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha

COVID (CO) rona (VI) rus (D) isease - doença do coronavírus

CPT Comissão Pastoral da Terra

EALMG Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais

FAPEMIG Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais

Fig. Figurado

Hol Holandesa

I Indígena

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Inq. *inquisitiones*

LP Língua portuguesa

Nº Número

P. ext. por extensão

P. página

Sf Substantivo feminino

Sm Substantivo masculino

TCLE Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Tel. Telefone

Top. Topônimo

UFMG Universidade Federal de Minas Gerais

USP Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	19
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA ÁREA DE PESQUISA.....	29
2.1 OCUPAÇÃO E FORMAÇÃO DO VALE DO JEQUITINHONHA	30
2.1.1 Os povos indígenas: primeiros habitantes	32
2.1.2. Os povos africanos	37
2.2 ESPAÇO GEOGRÁFICO E PERTENCIMENTO.....	40
2.2.1 Araçuaí (gentílico: aracuaiense)	47
2.2.2 Berilo (gentílico: berilense)	50
2.2.3 Coronel Murta (gentílico: coronelmurtense)	51
2.2.4 Francisco Badaró (gentílico: badarosense)	52
2.2.5 Itinga (gentílico: itinguense)	52
2.2.6 Jenipapo de Minas (gentílico: jenipapense)	53
2.2.7 José Gonçalves de Minas (gentílico: gonçalvense).....	53
2.2.8 Virgem da Lapa (gentílico: virgolapense)	54
3 REVISÃO DE LITERATURA.....	56
3.1 O ATO DE NOMEAR	56
3.2 A ONOMÁSTICA E A TOPONÍMIA	59
3.2.1. O signo linguístico em função toponímica	60
3.2.2 Motivação toponímica – taxonomias	65
3.2.3 Panorama dos estudos toponímicos	70
3. 3 LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE	73
4 PERCURSO METODOLÓGICO.....	80
4.1 TIPO DE PESQUISA E INSTRUMENTO UTILIZADO	80
4.2 CONSTITUIÇÃO DO CORPUS E SEU ITINERÁRIO	82
4.2.1 Seleção e perfil dos informantes	83
4.2.2 Trabalho de campo para as entrevistas acima citadas	84
4.2.3 Realização das entrevistas	85
4.2.4 Gravações	85
4.2.5 Transcrições	86
4.2.6 Sistematização dos dados	88
4.2.7 Fichas toponímicas.....	89
4.2.8 Armazenamento dos dados	93
5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	94
5.1 FICHAS TOPONÍMICAS	94
5.1.1 A) Topônimos compostos com o primeiro elemento idêntico	97

5.1.2 B)Topônimos idênticos, simples ou compostos, que nomeiam mais de um acidente geográfico	124
5.1.3 C)Topônimos formados pelos nomes Santa, Santo, São e outras invocações religiosas.....	149
5.1.4 D)Topônimos, simples e compostos, formados por nomes e sobrenomes próprios de pessoas (acompanhados ou não de títulos)	162
5.1.5 E)Topônimos formados por derivação ou flexão	175
5.1.6 F) Outros topônimos.....	186
6 QUANTIFICAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	260
6.1 RESULTADOS QUANTITATIVOS.....	260
6.1.1. Acidente geográfico	260
6.1.2 Classificação taxonômica e natureza das taxes	263
6.1.3 Origem.....	266
6.1.4 Estrutura morfológica.....	268
<i>6.1.4.1 Topônimos de classificação simples.....</i>	<i>269</i>
<i>6.1.4.2 Topônimos compostos.....</i>	<i>270</i>
6.2 TOPONÍMIA DO MÉDIO JEQUITINHONHA: FONTE DE IDENTIFICAÇÃO HISTÓRICA E SOCIOCULTURAL DE UM POVO	272
6.2.1 Alguns vestígios linguísticos indígenas e africanos encontrados na toponímia do Médio Jequitinhonha.....	272
<i>6.2.1.1. Topônimos de origem indígena.....</i>	<i>273</i>
<i>6.2.1.2. Topônimos de origem africana.....</i>	<i>277</i>
6.2.2. Taxes mais recorrentes na toponímia do Médio Jequitinhonha	282
<i>6.2.2.1. Topônimos ligados à hidrografia.....</i>	<i>284</i>
<i>6.2.2.2. Topônimos ligados à flora e fauna.....</i>	<i>291</i>
<i>6.2.2.3. Topônimos ligados às crenças religiosas.....</i>	<i>297</i>
<i>6.2.2.4. Topônimos ligados a nomes de pessoas, precedidos ou não de títulos....</i>	<i>301</i>
<i>6.2.2.5. Topônimos ligados à topografia.....</i>	<i>306</i>
<i>6.2.2.6. Outros topônimos.....</i>	<i>307</i>
6.2.3. Variação e mudança toponímica no médio Jequitinhonha.....	311
<i>6.2.3.1. Variação.....</i>	<i>312</i>
<i>6.2.3.2. Mudança.....</i>	<i>314</i>
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	320
REFERÊNCIAS.....	323
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE	340
APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO DE UMA ENTREVISTA.....	341
APÊNDICE C - LISTA DE TOPÔNIMOS COLETADOS POR INFORMANTE	352

APÊNDICE D - QUADRO GERAL COM PRINCIPAIS INFORMAÇÕES DOS TOPÔNIMOS	376
ANEXO A - LISTA DE TAXONOMIAS UTILIZADAS PARA CLASSIFICAÇÃO DOS TOPÔNIMOS (DICK, 1990b)	406
ANEXO B - MODELO DE CARTA GEOGRÁFICA DA COLETA DE TOPÔNIMOS ..	408
ANEXO C - VARIAÇÃO E MUDANÇA TOPONÍMICA-ARAÇUAÍ<ARASSUAHY E VIRGEM DA LAPA<SÃO DOMINGOS	409
ANEXO D - CARTA RÉGIA DE 13 DE MAIO DE 1808.....	410
ANEXO E - BIOGRAFIA DE PADRE WILLY	413
ANEXO F - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	416

1 INTRODUÇÃO

A Toponímia, uma das áreas de estudo da Onomástica, trata do estudo dos nomes de lugares, ou seja, investiga o léxico topônimo de uma localidade, por meio do estudo da origem e motivação dos respectivos topônimos. Pesquisar os topônimos de uma região permite-nos conhecer a sua história, cultura, crenças e costumes, tendo em vista que esses nomes se refletem tanto no ambiente físico quanto nos valores compartilhados pelas pessoas do lugar e as projeções do que se espera dele. Com esta pesquisa, procuramos compreender quais os fatores que contribuem com as especificidades dos aspectos topográficos da região do Médio Jequitinhonha, uma vez que o léxico reflete a maneira como uma comunidade percebe o mundo ao seu redor.

O meu primeiro contato com os nomes de lugares do Médio Jequitinhonha se deu em 2011 quando, em viagem para Araçuaí, deparei-me com os nomes: Carbonita, Caçaratiba, Catugi, Acauã, Ijicatu, Leliveldia e Virgem da Lapa, até então desconhecidos por mim. Em Araçuaí, tive meu primeiro contato linguístico com as pessoas da cidade e conheci termos linguísticos que, semanticamente, eram usados em contextos totalmente diferentes dos usos na minha cidade, localizada no Vale do Rio Doce, a 310 km de Araçuaí, ou seja, apesar da pouca distância, linguisticamente, parecia se tratar de outro estado.

Assim sendo, o apagamento de algumas vogais nos finais de palavras como *Cac'* para "caco", *burac'* para "buraco", o uso constante de *ni* como substituto de em, termos como *crendiospad* para "creio em Deus Pai", *ribuçar* para "cobrir", *rumbora* para "vamos embora", ausência do uso do artigo antes dos nomes próprios de pessoas, ou ainda, expressões registradas por Antunes (2013) no dicionário do dialeto rural do Vale do Jequitinhonha, como *revertéro* para se referir a mal-estar e *biba* para dizer taruíra, chamaram-me atenção, pois pareciam fotografias lexicais que identificavam quem era de Araçuaí.

Os designativos utilizados como referência aos bairros e ruas da cidade também eram muito interessantes e sempre com uma motivação. Durante a procura por imóvel residencial, ouvi de vários moradores: "O melhor bairro aqui é o "*Nim das Cobras*" ou, "se você 'querer' um bairro mais chique e caro, é 'ni' Santa Tereza", além de "no *Mutirão* e na *Pipoca* o aluguel é mais em conta", ou ainda interrogações como "agora

você também é *kiauzeira*, né? Tá gostando do *Kiau*? ” “Se você ‘querer’ posso te dar carona até as *Cruzinhas*”. Unidades léxicas que faziam parte do repertório linguísticos dos moradores da cidade e tinham surgido a partir de um contexto sociocultural e, quando situados em um contexto, eram compreensíveis, mas, se ditos soltos, para quem não é do município, exigiam uma investigação para entender o porquê daquele termo para se referir a determinado lugar, tendo em vista que todo nome ou apelido de lugar não surge por acaso.

Por meio de conversas informais com pessoas da zona urbana e rural do município, eu fui entendendo muito vocabulário e conhecendo melhor os lugares e suas histórias. Em 2018, submeti um projeto de iniciação científica, finalizado em 2019, ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) com o objetivo de estudar os nomes dos logradouros do centro da cidade de Araçuaí. Durante a execução do projeto, reacendeu em mim a vontade de retomar os estudos e desenvolver algum trabalho que pudesse contribuir de alguma forma para a região. Por isso, propus esta pesquisa que tem como objeto de estudo nomes de lugares da região imediata de Araçuaí, nova divisão territorial feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2017 que substituiu as microrregiões. Estes nomes de lugares são estudados pela Toponímia, uma das subdivisões da Onomástica que, por sua vez, é uma parte da Linguística responsável pelo estudo dos nomes próprios de todos os gêneros, suas origens e processos de denominação no âmbito de uma ou mais línguas. Atualmente, o estudo onomástico tem ganhado relevância nos estudos linguísticos, mas nem sempre foi assim.

Nesse sentido, para Amaral (2013), até o final do século XIX e ainda no início do século XX, os estudos linguísticos tinham como foco identificar e analisar as diferenças entre o português do Brasil e de Portugal. Em 1920, aconteceu o lançamento da obra "O dialeto caipira", de Amadeu Amaral, mostrando que, ainda de forma lenta, começava a surgir o interesse pelos estudos dialetais tanto que, passados 2 anos, Antenor Nascentes publicou, em 1922, "O linguajar carioca" que, seguido de mais trabalhos, começou a enfatizar a diversidade no falar do português do Brasil, ainda que sem um rigor metodológico na coleta e análise dos dados, que só teria início a partir de 1930 com a criação das primeiras faculdades de filosofia no Rio de Janeiro e em São Paulo. Neste período, a maior parte dos trabalhos concentrava-se no Rio de Janeiro que, além de ser a capital do país, era considerada modelo para os outros estados, o que dificultou a expansão dos estudos dialetais em outras localidades. No início do século

XX, ainda que timidamente, já apareciam alguns traços linguísticos de Minas na *Gramática da Língua Portuguesa* (1907) de Pacheco da Silva Júnior e Lameira de Andrade e *Gramática Expositiva* de Carlos Pereira. Em 1938, José Aparecido Teixeira já afirmava que "o falar mineiro é uma variedade do dialeto brasileiro" (TEIXEIRA, 1938 p.11), porém, somente em 1960, após a proposta de criação de um atlas linguístico do Brasil, os trabalhos linguísticos sobre a língua falada em Minas começaram a aparecer e ganhar destaque.

Em Ribeiro *et al.* (1977), lemos que a primeira proposta de elaboração do Atlas Linguístico do Brasil surgiu em 1952, quando foi publicado o Decreto 30.643 de 20 de março do Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa. Este Centro realizou trabalhos nos setores de Direito e Língua Portuguesa. Portanto, inicialmente, compreendia duas seções: a Jurídica e a de Filologia. A seção de Filologia era composta por Álvaro Ferdinando de Sousa da Silveira, Clóvis Monteiro, Augusto Meyer, Antenor Nascentes, Antônio dos Santos Jacinto Guedes e o padre Augusto Magne, conforme Portaria nº 651, de 31 de julho de 1952, e tinha como principal finalidade elaborar, de acordo com o artigo 3º, § 3º do decreto de nº 30.643/52 o Atlas Linguístico do Brasil, que não se efetivou em virtude de dificuldades naturais como a extensão do país e deficiências comunicativas.

Ainda assim, Antenor Nascentes (1958) reiterava a importância da elaboração do atlas e propôs, tal como ocorria nos Estados Unidos, a elaboração de atlas regionais, dividindo o país em áreas culturais, ou seja, uma separação dialetal entre norte e sul do país com subdivisões dentro destas duas áreas. Na proposta de Nascentes, o norte de Minas compreenderia o falar nordestino; a uma parte do triângulo mineiro e do sul do estado fazia parte o falar sulista; o falar fluminense englobaria uma faixa da parte do oriente e a área central do estado representaria o falar mineiro propriamente dito.

Em Ribeiro *et al.* (1977), lemos que ainda que esta divisão não tenha sido o suficiente para execução do projeto, os trabalhos da Comissão de Filologia motivaram o professor Nelson Rossi a elaborar o primeiro trabalho do gênero no Brasil, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Tendo conhecimento da obra, os professores José Ribeiro, Mário Roberto Lobúglia Zágari, Antônio Pereira Gaio e José Passini, da Universidade Federal de Juiz de Fora, começaram trabalho semelhante em Minas Gerais seguindo o rigor metodológico de um trabalho científico e, em 1977, lançaram o volume 1 e único do "*Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*", o EALMG, que consistia em cartas com foco nas ocorrências lexicais a partir de 3 fenômenos fonéticos: o

abaixamento das vogais médias em posição pré-tônica, a presença de R retroflexo e a ausência dessas ocorrências. Este trabalho foi resultado de uma pesquisa direta por meio de conversação dirigida mediante questionário em 116 municípios mineiros (dentre os quais Araçuaí, Medina, Padre Paraíso e Virgem da Lapa que integram o Médio Jequitinhonha) com pessoas menos escolarizadas, de idade entre 30 e 50 anos, além de uma pesquisa indireta, com questionários enviados a 672 municípios, por correspondência. Este esboço serviu como fonte de consulta para trabalhos posteriores, inclusive para a proposta de Zágari do estudo dos 3 falares de Minas, ratificando, em parte, a proposta de divisão de Nascentes (1954) em 4 falares mineiros, uma vez que não foi constatada a existência do falar fluminense.

Após 10 anos, em 1987, com mais de 6.000 horas de gravações, Zagari (1998) reafirma a existência destes 3 falares em Minas, independente de estratos sociais: 1 no Sul; 1 no Triângulo e 1 no Norte, com características próprias no aspecto fonético, preferências lexicais e ritmo da fala, não se divergindo no aspecto sintático “cuja gramática passa a funcionar de acordo com os estratos sociais e o maior ou menor índice de escolaridade” (ZÁGARI, 1998, p. 48). O autor classifica estes falares em: 1) **baiano**, que vai do norte à linha no sentido leste oeste, do qual fazem parte Mantena, Galiléia, Governador Valadares, Nacip Raydan, Água Boa, São Sebastião do Maranhão, Itamarandiba, Várzea da Palma, João Pinheiro e vai até Paracatu; 2) **paulista**, que engloba todo o Triângulo e a região sul do estado. Parte de Passa Vinte no sul do estado e se dirige ao norte abrangendo Liberdade, Andrelândia, Lavras, Oliveira, Pará de Minas, Divinópolis e, vai a oeste até Vazante, passando por Bom Despacho, Dores do Indaiá, São Gotardo, Patos de Minas e São Gonçalo do Abaeté; 3) **mineiro**, preso entre essas duas áreas que, “desfaz constantemente os ditongos [aj], [ej] e [ow] quando não finais e faz surgirem outros, quando finais e antecedidos de sibilante: [a'xoys], ['fajs]” (ZAGARI, 1998, p. 51). Rocha (2011) salienta que ainda foram publicados outros atlas regionais como o “Atlas Linguístico da Paraíba” (1984), o “Atlas Linguístico de Sergipe” (1987), o “Atlas Linguístico do Paraná” (1994), o “Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul do Brasil” (2002) e o “Atlas Linguístico Sonoro do Pará” (2004).

Em relação aos estudos linguísticos em Minas, de acordo com Cohen (2011), dois projetos que coletam criteriosamente dados da língua escrita e falada tanto do presente quanto do passado que, ao lado de outros, podem ser considerados pioneiros no

estudo da língua portuguesa em Minas, são: *Filologia Bandeirante*, iniciado em 1998¹ composto por 4 equipes responsáveis por estudar o português na rota das bandeiras, que englobava Goiás, Mato Grosso, parte de Minas Gerais e São Paulo; *Pelas trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais*², após a reestruturação, redefinição de objetivos e reorganização das equipes que compunham o projeto Filologia Bandeirante. Isso porque, conforme Cohen (2011), dos anos 50 até os anos 80, a história da língua portuguesa em Minas Gerais não era muito explorada nos estudos linguísticos, visto que os estudiosos brasileiros estavam “preocupados em absorver novas teorias linguísticas e aplicá-las ao português brasileiro contemporâneo” (COHEN, 2011, p.20).

Na contemporaneidade, diversos trabalhos vêm sendo desenvolvidos com a finalidade de descrever o português falado em Minas, principalmente em localidades mais próximas da capital mineira, como evidenciado por Amaral (2013), que cita 3 obras de extrema relevância, publicadas em 2011: 1) Anais do 1º encontro sobre a diversidade linguística de Minas Gerais: cultura e memória de Cohen, Rocha, Seabra e Coelho; 2) Pela trilha de Minas: a língua nas Gerais de Dogliani e Cohen e 3) Minas é plural de Viegas. Outra obra importante para o estudo do português mineiro é *Dialeto mineiro: estudos de variação e mudança linguística* de Cohen e Ramos (2002), uma coletânea que reúne 12 artigos resultantes de pesquisas sobre o processo de variação e mudança linguística, tanto no português mineiro quanto em outras falas, a partir de dados reais da língua falada e escrita.

Sobre léxico, alguns estudos em que se procura estabelecer a relação entre léxico e cultura já foram realizados em Minas Gerais e no Vale do Jequitinhonha, a saber: a) *O vocabulário rural de Passos/Minas Gerais: um estudo linguístico nos Sertões do Jacuhy*, Ribeiro (2011), pesquisa que investiga o vocabulário rural de Passos, relacionando léxico, cultura e ambiente, constatando a existência de um vocabulário regional influenciado pelo falar do interior paulista, evidenciando aspectos históricos e culturais da região como a relevância da agricultura e pecuária presentes no município; b) *Café com quebra-torto: um estudo léxico-cultural da Serra do Cipó/MG*, Freitas (2012) trabalho que, por meio de entrevistas orais, estudou o vocabulário rural da Serra do Cipó, na região Metropolitana de Minas Gerais, mostrando a relação entre língua e sociedade a partir de um glossário elaborado com as lexias que melhor representam o perfil sociocultural dominante na região; c) *Estudo linguístico no Vale do*

¹ Sob a coordenação do Prof. Dr. Heitor Megale

² Proposto por Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen à FAPEMIG em 2002.

Jequitinhonha: o léxico de Minas Novas, Cordeiro (2013), estudo semelhante ao de Freitas, que objetivou apresentar o vocabulário rural de Minas Novas, no Vale do Jequitinhonha, realçando a relação entre língua, sociedade e cultura, sendo concluído com a elaboração de um glossário com as lexias que melhor caracterizavam a realidade rural do município); d) *Léxico e cultura: estudo linguístico na área rural de Sabinópolis* (Miranda, 2013), estudo que buscou evidenciar os aspectos históricos, sociais e culturais da região, demonstrando a relação do homem com a cultura e ambiente em que se encontra inserido; e) *O léxico remanescente de comunidades garimpeiras do Alto Jequitinhonha-MG*, Santos (2015), estudo que descreveu, analisou e registrou o léxico remanescente das comunidades garimpeiras de Datas no Alto Jequitinhonha, a fim de mostrar como as características do socioculturais de uma comunidade evidenciam a relação entre língua, cultura e sociedade; f) *Cultura e identidade no léxico das canções das lavadeiras do Vale do Jequitinhonha*, Santos (2018), que se tratou do estudo das lexias que compõem as canções da lavadeiras do Vale do Jequitinhonha a fim de compreender a cultura local, estabelecendo a inter-relação linguagem, identidade e cultura; g) *O léxico da cachaça em Salinas*, Pereira (2021), que descreveu o léxico da cachaça no município de Salinas, que fica localizado no norte de Minas e recebe o título de capital nacional da cachaça, demonstrando a importância do léxico como retrato da realidade sociocultural de um grupo.

Além do estudo do léxico geral tratado nas pesquisas acima citadas, a toponímista Dick (1990a) afirma que dentre os meios importantes para se fazer uma investigação linguística estão os instrumentos onomásticos, dentre os quais a Toponímia, “que reflete de perto a vivência do homem, enquanto entidade individual e enquanto membro do grupo que o acolhe (DICK, 1990a, p. 19)” sendo os topônimos “verdadeiros testemunhos históricos de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população” [...] (DICK, 1990a, p. 22).

No Brasil e em Minas Gerais, já ocorreram diversos avanços em relação aos estudos do léxico toponímico e muitos pesquisadores têm se interessado cada vez mais pelo tema. Um dos trabalhos toponímicos pioneiros em Minas foi o de Seabra (2004), que analisou a relação língua e cultura a partir da Toponímia da região do Carmo-MG, por meio de pesquisa de campo em Ouro Preto, Mariana, Barra Longa, Diogo de Vasconcelos, Alvinópolis, Ponte Nova, Rio Doce e Dom Silvério. A análise dos dados encontrados retratou o contexto histórico-cultural da formação desta área do território mineiro, que recebeu muitos imigrantes portugueses.

Ainda em Minas, foram realizados dois estudos da região Central de Minas: A *Toponímia da região Central Mineira*, de Patrícia de Cássia Gomes Pimentel (2015), que investigou e descreveu o léxico da região a partir de nomes de origem indígena e africana que compõem o banco de dados do ATEMIG, a fim de conhecer aspectos históricos e culturais da referida comunidade linguística; *O nome e o lugar: a Toponímia na região Central de Minas Gerais*, de Joviano Gonçalves dos Santos (2012), que analisou 136 topônimos da região central de Minas, coletados por intermédio de entrevistas orais constatando ser a maioria de natureza física, relacionados com elementos típicos da região, prevalecendo as taxonomias referentes à hidrografia. No norte de Minas, Mônica Emanuelle Ferreira Carvalho (2010), em sua pesquisa *Língua e cultura do norte de Minas: a Toponímia do município de Montes Claros*, discutiu a relação entre língua, cultura e sociedade a partir dos dados coletados em entrevistas orais. Os resultados exibiram a predominância dos nomes de natureza física evidenciando a influência do ambiente físico na geração de designativos, além de ter revelado uma toponímia conservadora, com poucos casos de variação ou mudança.

Referente aos estudos com enfoque global no estado de Minas Gerais, foram acessadas as seguintes pesquisas: *Hagiotoponímia em Minas Gerais*, de Ana Paula Mendes Alves de Carvalho (2014), que analisou os hagiotopônimos mineiros, com ênfase nos nomes de santas e invocações à Virgem Maria, utilizados para designar tanto acidentes físicos quanto humanos e *Litotoponímia mineira* de Maryelle Joelma Cordeiro (2018), que procurou, em sua pesquisa por meio de um estudo linguístico e cultural dos litotopônimos contemporâneos e históricos, evidenciar traços históricos e socioculturais do povo mineiro, salientando indícios do passado linguístico de Minas Gerais.

O estudo toponímico encontrado mais próximo da nossa área de pesquisa é *Léxico toponímico de Diamantina: língua cultura e memória*, de Tatiana Martins Mendes (2010), pesquisa que analisou os topônimos de município de Diamantina, localizado no nordeste de Minas, mais especificamente no Alto Jequitinhonha, e que foi uma região ocupada antes do Baixo e Médio Jequitinhonha. Diamantina teve uma importância histórica durante o período de ocupação do Vale do Jequitinhonha e do ciclo da mineração nos séculos XVIII e XIX devido a sua localização estratégica, visto que, além da ocorrência de ouro, por ser um local alto, permitia vigiar com mais facilidade os grupos inimigos formados por indígenas ou escravizados. A pesquisa de Mendes (2010) constatou a prevalência dos nomes motivados por nomes de plantas,

nomes geográficos e nomes de pessoas, além de poucos casos de variação e mudança linguística, portanto, uma toponímia bastante conservadora.

Todos estes estudos são essenciais para o conhecimento das especificidades linguísticas das diversas regiões que formam o Brasil e corroboram com o entendimento de que as formas de povoamento, assim como outros aspectos históricos e socioculturais da região, favorecem a compreensão da multidimensionalidade da língua. No entanto, não foi encontrado nenhum trabalho toponímico no Médio Vale do Jequitinhonha, região estigmatizada como região de extrema pobreza, escassez de água, clima muito quente, contrastando com a abundante riqueza natural da região, principalmente no que se refere à fauna e flora.

Ademais, por ser uma região originária da mistura de habitantes nativos indígenas da raça tapuia, dos bandeirantes paulistas, do sertanejo baiano, do negro de Angola, portanto, com várias heranças históricas e socioculturais, esse espaço mostra-se singular para um estudo toponímico, motivo pelo qual se propôs, por meio do estudo do léxico, que, dentro dos vários níveis da linguagem, é o mais revelador da cultura de uma sociedade, realizar este estudo com o objetivo de investigar, descrever e analisar a toponímia da região imediata de Araçuaí, reforçando a importância da pesquisa toponímica tanto no âmbito linguístico quanto na análise sociocultural de uma comunidade. Isso porque, ao descrever o léxico toponímico, apresenta-se também a história e cultura de um povo.

Para alcançar o objetivo geral acima descrito, definimos os seguintes objetivos específicos: a) apresentar informações de ordem contextual acerca da história dos municípios que compõem a Região Imediata de Araçuaí; b) coletar topônimos em entrevistas orais realizadas na região; c) verificar o registro destes topônimos em documentos escritos; d) elaborar as fichas toponímicas; e) classificar os topônimos coletados, por meio destas fichas, com informações linguísticas e realização no contexto escrito e oral; f) demonstrar, por intermédio de quadros ou gráficos, a quantificação dos dados encontrados referentes aos tipos de acidentes, taxonomia, natureza das taxonomias, estrutura morfológica e origem; g) descrever a toponímia da região, observando a forma como se interliga a algum aspecto físico, histórico ou sociocultural do local nomeado;

Uma vez que, a partir dos topônimos, criam-se identidades, pertencimentos e territorialidades que aos poucos vão sendo aceitos pelas comunidades, interessa-nos investigar quais informações linguísticas e extralingüísticas existem em cada topônimo

coletado na região do Médio Jequitinhonha. Neste sentido, a pesquisa proposta busca contribuir com a descrição toponímica do Médio Jequitinhonha e, consequentemente, o conhecimento da língua portuguesa em Minas Gerais, com enfoque no Vale do Jequitinhonha, especificamente o Médio Jequitinhonha, assim como contribuir com o Projeto ATEMIG - Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais³.

Esta parte introdutória, que constitui o item 1, procurou contextualizar o surgimento da proposta de pesquisa, apresentar um panorama dos estudos linguísticos, do estudo do léxico geral e do léxico toponímico, relatando alguns estudos linguísticos relevantes em Minas Gerais, além de descrever o objetivo e justificativa da proposta da pesquisa.

No capítulo 2, apresentamos a contextualização da área de pesquisa. Para isso, discorremos sobre a ocupação e formação da região, os primeiros habitantes e outros aspectos históricos e socioculturais do Jequitinhonha. Ainda neste capítulo, trazemos o histórico de cada um dos 8 municípios (Araçuaí, Berilo, Coronel Murta, Francisco Badaró, Itinga, Jenipao de Minas, José Gonçalves de Minas e Virgem da Lapa) que compõem a região imediata de Araçuaí.

No capítulo 3, fazemos a revisão bibliográfica da literatura na qual se filia esta pesquisa, tendo como base teórica a Lexicologia, com foco na Onomástica, especificamente na subárea da Toponímia. Como referência básica, foram consultados trabalhos dos pesquisadores Dauzat (1926), Leite de Vasconcellos (1928, 1931), Sapir (1969[1928-1929-1931]), Ullmann (1964), Guérios (1973, 1979), Stewart (1954), Dick (1990a, 1990b, 1996, 1999, 2004 e 2007), Seabra (2004, 2010, 2011, 2015 e 2018), Isquierdo (1996, 1997, 2006, 2012 e 2019), Biderman (1981, 1998, 2001 e 2005), Souza e Henriques (2010) e Castro (2017, 2018).

No capítulo 4, descrevemos o objetivo geral e os específicos, além de descrever todo o percurso metodológico para a concretização desta pesquisa. Iniciamos com o tipo de pesquisa e instrumentos utilizados, a formação do *corpus*, que engloba desde a seleção dos informantes, o trabalho de campo, as entrevistas, as gravações, as transcrições até o armazenamento dos dados.

Destinamos o capítulo 5 para a apresentação e sistematização dos dados. Por intermédio das fichas toponímicas, apresentamos, classificamos e contextualizamos os 252 topônimos que constituem nosso *corpus*. Fazemos sua classificação, situamos o

³ Coordenado pela Dra. Maria Cândida Costa Trindade de Seabra. UFMG, 2005.

topônimo na região, identificamos o tipo de acidente que nomeia, destacamos sua estrutura morfológica, origem, histórico, informações enciclopédicas e exemplificamos sua realização no contexto oral e escrito.

No capítulo 6, quantificamos e discutimos os dados salientados nas fichas toponímicas. Primeiro, por meio de gráficos, apresentamos a análise quantitativa no que se refere aos tipos de acidentes, origem, estrutura morfológica dos topônimos, taxonomias e natureza taxonômica. Na sequência, discorremos sobre as taxes mais recorrentes, discutindo a relação entre os nomes de lugares analisados e o contexto histórico e sociocultural da região. Por fim, mostramos os topônimos do nosso *corpus* que sofreram variação ou mudança.

No capítulo 7, nas considerações finais, retomamos os dados gerais do capítulo 5 no que se referere às taxes predominantes, origem e estrutura morfológia dos topônimos do Médio Jequitinhonha. Através dos dados da análise realizada, ratificamos a importância dos estudos toponímicos, como fonte de resgate de aspectos históricos e socioculturais de uma comunidade comprovando, assim, a relação língua-cultura.

E, por último, encontram-se as referências, os Apêndices A (Termo de Consentimento Livre Esclarecido); B (Transcrição de uma entrevista); C) (Lista de topônimos por informante); D) Lista geral dos topônimos e informações sobre eles e os anexos A (Lista das taxonomias sugeridas por Dick); B (Modelo de carta geográfica utilizada); C) (Carta geográfica antiga com exemplo de variação e mudança toponímica; D) (Carta régia de 1808 decretando a Guerra Justa) e E) (Bibliografia do padre Willy).

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA ÁREA DE PESQUISA

UM VALE QUE VALE CONHECER

JEQUI TE AMO

*Vigia da Almenara, para além de Botumirim,
 Desfralda Bandeira em Serro, semeia gado em Rubim.
 É tempo bom em Jordânia, mas vai chover em Medina.
 Em Pedra Azul tem Berilo e pode ter Turmalina.
 Ai, minha Virgem da Lapa, rezar é muito preciso
 Nas missas de Capelinha, pelo Padre Paraíso.
 Sonha Coronel Murta ao lado de André Fernandes,
 Mais Couto de Magalhães e Modestino Gonçalves.
 E ainda Felício dos Santos e Francisco Badaró.
 Em São Gonçalo do Rio Preto com um destino maior.
 Santa Maria do Salto junta a Salto da Divisa
 Os planos de Minas Novas quase Rio Pardo de Minas.
 As águas de Rio Vermelho desaguem em Araçuaí.
 Em Itaobim, rio do Prado faz navegar Caraí.
 E transbordar Comercinho nas margens de Carbonita,
 Nas vazas de Taiobeiras, nas safras de Bocaiuva.
 São Datas de Joaima, Itamarandibas de sorte,
 No Riacho dos Machados e na Chapada do Norte.
 Passou um vento em Salinas trazendo um Novo Cruzeiro
 E Santo Antônio em Jacinto, abençoou-nos primeiro.
 E Felizburgo nos trouxe Itinga toda que tinha,
 Estradas muitas passaram como também Porteirinha.
 Malacacheta é mistério à sombra de Itacambira
 Que custa por Grão Mogol, que vale por Rubelita.
 As pedras de Diamantina reluzem sobre Cristália,
 Convidam Jequitinhonha para a futura Cabrália.*

Wesley Pioest Almeida. Cabrália, 1980.

2.1 OCUPAÇÃO E FORMAÇÃO DO VALE DO JEQUITINHONHA

O rico e valente Vale do Jequitinhonha traz em sua história e, principalmente, na história de seu povo construtor de um legado de desenvolvimento cultural e social, uma marca impressa à luta e ao trabalho, mas também de elevação humana, que transforma sofrimento em canto, dor em dança, memória em artesanato, força em fé e esperança de sempre alcançar um dia melhor, sob a luz de toda a dedicação pessoal e coletiva, construindo um lugar próspero e iluminado (FOGAÇA, 2017, p.21).

Por intermédio das obras de autores regionais, relatos de viagens de estrangeiros que estiveram na região e órgãos públicos como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), são apresentadas, neste capítulo, informações importantes sobre o Vale do Jequitinhonha, local desta pesquisa.

Antes da vinda dos migrantes de várias regiões em busca de pedras preciosas, no início do século XVIII, a região era povoada apenas pelos indígenas, que viviam do que lhes era oferecido pela natureza. Conforme Veloso e Matos (2013), a ocupação da região foi favorecida pela condição de perenidade de seus rios se comparados aos rios da Bahia. Guimarães (1960) explicita que os caminhos dos navegantes eram preferencialmente por vias que possuíam águas. Por isso, a navegação pelo hoje chamado Vale do Jequitinhonha, que além de possuir fontes perenes de água, ofereciam menos riscos, pois eram livres de possíveis obstáculos do relevo.

O Vale do Jequitinhonha é uma das primeiras regiões ocupadas em Minas Gerais. De acordo com uma reportagem do Estado de Minas realizada por Lobato (2017), a corrida para povoar a região se deu em 1727, depois da descoberta de pepitas pelos bandeirantes liderados pelo paulista Sebastião Leme do Prado. O bandeirante comunicou o achado ao governador baiano e não mineiro, mesmo a região pertencendo à província das Gerais, passou a vincular-se à Jacobina (BA) em 1730, ficando assim até 1757, quando voltou a integrar o estado de Minas Gerais. Dessa forma, o Vale do Jequitinhonha já foi capitania de Porto Seguro, depois teve uma parte passada para São Paulo, posteriormente à Minas Gerais, em seguida à Bahia e, novamente, Minas Gerais.

Sobre o percurso histórico do processo de formação da região, para a descrição dos primeiros habitantes e demais aspectos, essencial para a descrição toponímica da localidade, é necessária uma (re) visitação ao passado para conhecer um pouco mais sobre o Vale do Jequitinhonha

Onde os rios já não são tão largos nem tão cheios de peixes, a terra é sujeita a migrações constantes, do que decorre alienação cultural pelo conflito do mundo urbano com o mundo rural [...]. Há, naturalmente, um verdadeiro anseio de desenvolvimento, sem que, no entanto, se perca o direito ao sonho e ao humanismo da vida (POEL, 1986, p. 15).

Pereira (1969) afirma que o Nordeste foi a primeira região do estado de Minas Gerais a ser pisada “por pés de homem civilizado” (PEREIRA, 1969, p.7), quando “os aventureiros do último quartel do Século XVI”, vislumbrando a possibilidade de aqui encontrarem pedras e metais preciosos, tentaram, com várias expedições, descobrir e explorar estas minas. Era uma vasta região de matas e, mesmo não dispondo de aparatos tecnológicos, esses homens adentravam pelas florestas desertas, lutando contra animais selvagens, rios quase impossíveis de se atravessar e enfrentavam, até mesmo, a fome por escassez de alimentos, pois o que importava era encontrar as jazidas de pedras preciosas.

Pode-se dizer que a formação do Vale acompanha a formação do estado de Minas Gerais, tendo início com o ciclo do ouro no fim do século XVII se estendendo até o século XVIII, quando se consolidou com o ciclo do diamante que, conforme a CODEVALE (1986), acelerou o processo de povoamento e urbanização, bem como acarretou dificuldades no abastecimento de gêneros alimentícios para a região. As capitania de São Paulo e Minas de Ouro foram criadas em 1709 e, em 1720, foram desmembradas em São Paulo e Minas Gerais. Assim, no início do século XVIII, Minas tornou-se um importante centro econômico da colônia, com rápido povoamento.

O historiador Pereira (1969) relata também que a primeira expedição a penetrar em Minas foi a de Tourinho, que partiu da costa do Espírito Santo, subindo pelas margens do Rio Doce, atravessando matas, depois tornou para o Norte e ganhou a Região das Serras, sendo o primeiro a dar notícia do famoso Pico do Itambé. Quando encontrou o Jequitinhonha, seguiu por ele até a costa da Bahia, passando pelo atual município de Araçuaí, onde encontrou as tão procuradas esmeraldas e safiras que, na verdade, não se passavam de turmalinas verdes e berilos, respectivamente.

Pereira (1969) cita o nome de Adorno, como o segundo a adentrar a região e que, assim como Tourinho, colheu muitas pedras e minérios, denunciando que possivelmente existiam ali outros metais preciosos. Dessa forma, é oportuno frisar que Tourinho e Adorno foram os responsáveis por noticiar ao mundo as riquezas do

Jequitinhonha. No século XVII, quando foram descobertas as minas de ouro de Vila Rica em Ouro Preto e de Mariana, o Jequitinhonha foi praticamente abandonado até o princípio do século XIX, quando em 1804 a coroa ordenou guar necê-lo por julgar o rio diamantífero.

O Vale do Jequitinhonha teve seu processo de ocupação, paralelo à ocupação de Minas Gerais, com a chegada de estrangeiros em busca de ouro e outras pedras preciosas. Quando chegaram aqui, encontraram na região os habitantes nativos, os indígenas, que ocupavam as densas matas, quase intransitáveis. Neste processo de busca por pedras preciosas, a mão de obra pesada era executada pelos negros escravizados, que viviam em condições de miserabilidade e que, após o fim do ciclo, foram se deslocando para as margens do rio, formando pequenas povoações. Essas povoações foram nomeadas por analogia às características físicas ambientais, por serem habitadas por algum tipo de animal ou possuir alguma planta em abundância, como também em razão de determinada crença, em homenagem a alguém de destaque em determinada época ou mesmo por algum acontecimento na região.

Dessa forma, quando foi noticiada a descoberta das riquezas do Vale, a região já era habitada pelos indígenas, depois vieram os negros que foram escravizados, dois estratos populacionais que contribuíram muito com a formação e povoação da região, assim como para a cultura do Vale do Jequitinhonha.

2.1.1 Os povos indígenas: primeiros habitantes

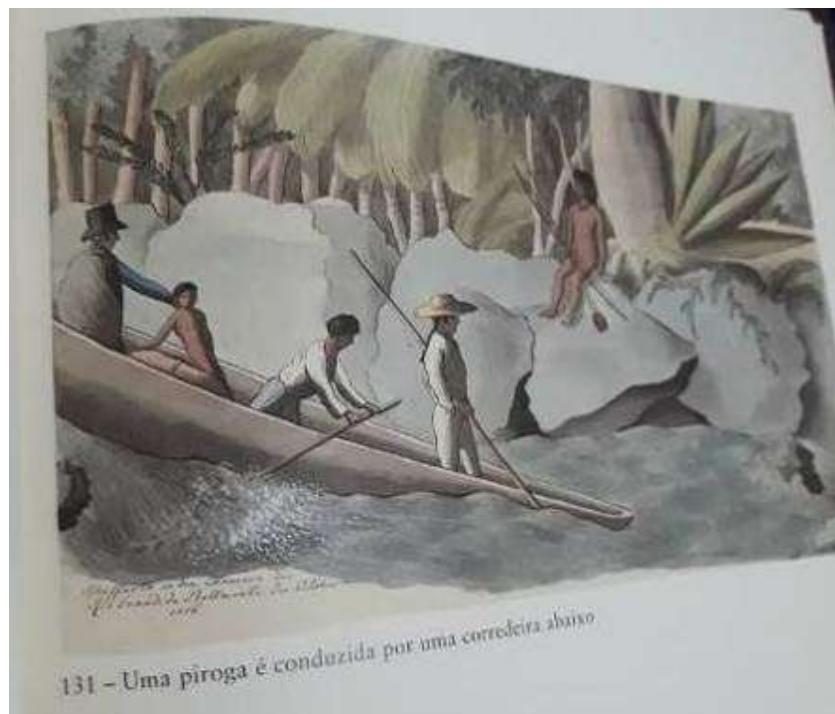
“A TERRA é nossa mãe! A TERRA é nossa mãe. Ela mesma cria nós. Ela mesmo come nós... Eu tenho esta esperança de ter a TERRA de volta”.
Sêo Antônio Pankararu, 1989 apud Soares1992.

Sobre os primeiros habitantes do Vale do Jequitinhonha, nas palavras de Pereira (1969) era habitado “ por selvagens da raça Tapuia, divididos em nações e tribos diversas, bravios como os Aimorés que ainda hoje existem, porém mais acessíveis à civilização” (PEREIRA, 1969, p.15). Pereira continua os descrevendo assim

Eram geralmente de estatura média, um pouco propensos à obesidade, morenos, de cor bronzeada; raspavam as sobrancelhas e os cabelos ao redor da cabeça, deixando apenas no alto uma espécie de penacho; tatuavam todo o corpo de preto e vermelho, e traziam pedaços de pau metidos em um furo do lábio inferior e nas orelhas; mas tinham um parecer que denunciava brandura, tristeza e indolência (PEREIRA, 1969, p.15-16).

Além da descrição, segundo Pereira (1969), os botocudos, nome que receberam dos portugueses por causa dos adornos de pau que eles usavam nos lábios semelhante aos batoques⁴ das pipas, amavam dança e canto e, apesar de residirem à margem de um grande rio, não conheciam as pirogas, demonstradas na imagem abaixo, que figuravam como uma embarcação comprida, estreita e veloz, feita de um tronco de árvore escavado, usada a remo por indígenas da África e das Américas.

Figura 1: Uma viagem de piroga nas cachoeiras do Rio Grande de Belmonte



Fonte: Bragança Júnior e Hartl, 2001.

Os indígenas desde sempre despertaram o interesse do príncipe alemão Maximiliano de Wied- Neuwied, que faleceu em 1867, mas deixou como legado um acervo que continha uma minuciosa descrição de sua viagem ao Brasil e muitas fotos do período de julho de 1815 a agosto de 1817, em que esteve no Brasil, acervo este que mais tarde foi publicado em duas obras. O príncipe Wied pouco sabia dos indígenas, mas, mesmo sentindo falta de um retratista com ele para os representar, valorizava muito a representação fidedigna dos nativos e assim o fazia, deixando os indígenas lisonjeados por serem desenhados.

⁴ Conforme Luiz Santiago (1999), os batoques eram feitos da madeira da barriguda, uma espécie de paineira.

Na obra de Hartl e Júnior (2001), *Viagem ao Brasil do príncipe Maximiliano Wied-Neuwied entre 1815 e 1817*, percebemos a importância do príncipe Maximiliano que se esforçou para aprender sobre a língua dos nativos e ser porta-voz deles, quando percebeu que as medidas tomadas pelos portugueses para proteger os colonos brancos poderiam provocar o extermínio das tribos indígenas. Ele não os representou nem como bons selvagens, nem como bárbaros, mas sim como possuidores de características especiais, descrevendo-os e representando em foto assim:

(...) perfuram as orelhas e os lábios inferiores, abrindo orifícios com auxílio de objetos cilíndricos, uma espécie de madeira leve, talhada em forma de calço, trocados periodicamente por outros de tamanho maior, de maneira que o seu rosto adquire um aspecto altamente repugnante (HARTL; JÚNIOR 2001, p.35).

Figura 2: Botocudo regressando da caçada



Fonte: Bragança Júnior e Hartl, 2001.

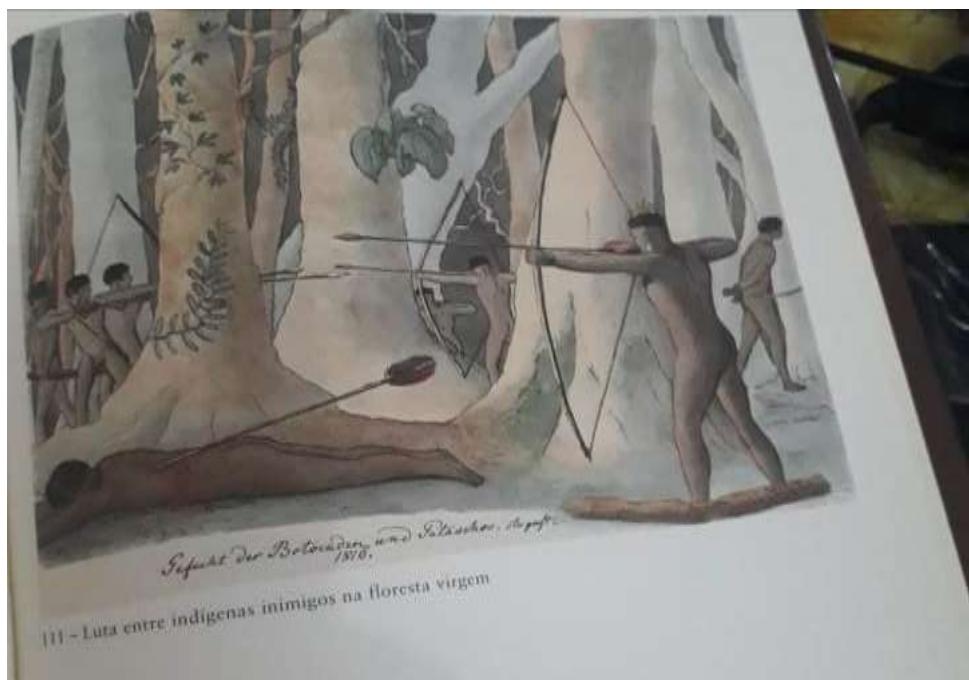
O naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire, que esteve no Brasil de 1816 a 1822, disse:

Todavia, embora os Botocudos tudo tenham feito para se desfigurar, e o tenham perfeitamente conseguido, mostram um ar de franqueza, de docura, de alegria, que em pouco tempo torna familiar sua extrema fealdade (SAINT-HILAIRE, 1975 [1830], p.248).

Impressão compartilhada pelo príncipe Wied para quem, embora o botoque no lábio chamassem a atenção, não se passava de uma característica. Para ele, os botocudos eram pessoas que transmitiam a impressão de saúde, franqueza e boa índole e se esforçou para passar esta imagem na Europa.

O material ilustrativo era muito importante para que Wied representasse o que vivenciava no Brasil. Em uma de suas pinturas, o príncipe esclarece que os botocudos e pataxós eram inimigos e retrata uma luta entre as duas tribos. Aponta também que uma das principais características que os diferenciava eram os arranjos dos cabelos.

Figura 3: Combate entre os botocudos e pataxós



Fonte: Bragança Júnior e Hartl, 2001.

A indigenista Geralda Chaves Soares (1992) esclarece que, antes de serem denominados como botocudos pelos colonizadores, já foram chamados de Aimoré, Gren, Guérém e Kren. Portanto, o termo botocudo, surgido no século XVIII, refere-se a todos os povos que constituíam a grande família Aimoré. Uma explicação para as várias denominações usadas com um mesmo povo indígena era ser esta uma maneira de se defender e enganar os inimigos quando o grupo estava muito grande e se tornava difícil conseguir alimentos ou mudar sem chamar a atenção. Para isso, dividiam-se em grupos

pequenos, mudavam de nome, escolhendo algum nome de rio, região, montanha, parecendo aos olhos dos colonizadores ser um povo muito maior por estarem em vários lugares.

Fossem os botocudos, aimorés ou boruns, fato é que, em 1808, aconteceu como política indigenista do Governo o maior massacre de indígenas do Rio Doce, por meio da pseudo “Guerra Justa” determinada pela carta régia de 13 de maio de 1808 por Dom João VI, que se encontra transcrita no Anexo D desta tese. Conforme Soares (1992) os colonizadores diziam que os Botocudos eram inimigos da espécie humana e devia ser exterminado por direito. Esses defensores nativos fizeram verdadeiras barreiras contra os colonizadores e muitos desistiram de morar na região. Porém, enviaram à corte, várias cartas queixas detalhando a colonização da região e solicitando a manutenção da segurança dos colonos, o que fez com que Dom João VI declarasse Guerra aos indígenas.

De acordo com a Carta Régia, Dom João VI, alegando que os botocudos eram antropófagos, devastavam fazendas e praticavam as mais bárbaras atrocidades, ordenou que fosse uma guerra ofensiva tomando as seguintes providências: divisão da terra dos índios entre 6 comandantes das 6 divisões militares que seguiriam o curso do rio, que seriam os responsáveis pela redução dos nativos; escravização dos indígenas que encontrassem armados por 10 anos ou toda a vida, se necessário; recompensa com pagamento de um salário maior a quem não permitisse invasão de botocudos, ou seja, exterminasse um número maior; fiscalização da perseguição aos índios; benefício de isenção de pagamento do dízimo por 10 anos para quem tomasse mais terras.

Foram muitas mortes de indígenas em uma guerra que durou até 1819, quando o governo, um militar francês chamado Guido Marlière, muda a política indigenista, procurando um bom relacionamento com os indígenas, proibindo o tráfico de crianças índias causando descontentamento nos interessados pelas terras achando que fossem regalias demais para os nativos. Mas o objetivo desta amizade era se apossar das terras dos indígenas do Jequitinhonha, que foram invadidas por pessoas, grupos e bandeiras que vinham do litoral para o interior, por garimpeiros, negros escravos que desciam das nascentes do rio para o litoral e fundaram vários quilombos. Tais povos viviam da mineração na região das nascentes, usando o trabalho dos africanos escravizados e quando as minas se esgotaram desceram rio abaixo, conforme Soares (1992).

No médio Jequitinhonha, muitos migrantes que já constituíam uma população mestiça foram se fixando ao redor dos quartéis, misturando-se com os indígenas que

haviam sido aldeados ou tinham perdido suas terras. No decorrer do tempo, foram sendo formados núcleos populacionais às margens dos rios, quase sempre pessoas desiludidas das esperanças de se enriquecerem com as minas de pedras preciosas era quem chegava ao local contribuindo, assim, com a povoação da região, surgindo aldeias como São Domingos, Calhau, Itinga, São Miguel, formadas sem interferência dos governos.

2.1.2. Os povos africanos

A exuberante diversidade cultural do Vale do Jequitinhonha é resultado, principalmente, de toda região ter sido destino de quilombolas à época da exploração do ouro, no século XVIII. Nessa área, eram os escravos que faziam o trabalho pesado na mineração, mas também foram eles que trouxeram tal conhecimento da África. (Fogaça, 2017).

Além dos povos indígenas, os quilombolas, descendentes de ex-escravizados negros, sempre tiveram presença marcante no Vale do Jequitinhonha que, conforme o curso do rio, é dividido em: Alto Jequitinhonha, Médio Jequitinhonha e Baixo Jequitinhonha. Durante o ciclo do ouro de Minas, diversos africanos vieram à força da África e foram escravizados por uma pequena camada dominante, geralmente portugueses, sendo obrigados a viver em condições subumanas e fazerem o serviço pesado de mineração. A ocupação da região se deu com a chegada das bandeiras paulistas às Minas Gerais no final do século XVII e iniciou-se o ciclo da mineração no alto Jequitinhonha, sendo descobertas as primeiras minas no Arraial do Tijuco, hoje Diamantina. Posteriormente no Médio, enquanto no Baixo a atividade principal era a pecuária que ainda prevalece, tal como frisado por Souza (2003).

Findado o ciclo da mineração, começou no século XIX uma migração para o Baixo Jequitinhonha, que ainda era coberta por matas densas, começando naquela região a formação de comunidades quilombolas, que atualmente somam em Minas Gerais, de acordo com o CEDEFES (2021) 1043 comunidades identificadas até junho de 2021, sendo a 3^a maior concentração de quilombolas do Brasil. Na região Imediata de Araçuaí há o registro de 86 comunidades remanescentes de quilombos, distribuídas em: 32 comunidades em Virgem da Lapa, 30 em Berilo, 10 em Araçuaí, 8 em Jenipapo de Minas, 3 em Francisco Badaró, 1 em Itinga, 1 Coronel Murta e 1 em José Gonçalves de Minas.

Estes povos negros trouxeram para a região, além da mão de obra escrava, uma grande contribuição de atividades como danças, festas e cantos que só enriqueceram a cultura do Vale, além de lutarem incansavelmente para a preservação da memória de seus antepassados e terem garantidos os direitos que lhe são devidos. Além das atividades culturais citadas, a pesquisadora Sônia Queiroz em *Pé preto no barro branco*: a língua dos negros da Tabatinga, que a aborda a importância da influência do negro na nossa cultura, demonstrando as marcas que os negros deixaram na língua portuguesa falada em Mina como exemplo de contribuição africana na linguagem do Vale do Jequitinhonha.

No projeto desenvolvido pela Faculdade de Letras da UFMG, denominado “Quem conta um conto, aumenta um ponto”, que é constituído de gravações com contadores do Vale, a figura do negro mesmo quando não aparece como escravo é, na maioria das vezes, representada pelo contador como inferior, sempre o que tem obrigação de servir, ser submisso e às vezes até descrito como feiticeiro (Souza, 2014). Todas estas narrativas fazem vir à tona preconceitos enraizados, estereótipos raciais e até sua invisibilidade em uma sociedade branca dominante, corroborando com a ocultação do negro em diversas obras literárias.

Os negros, assim como os indígenas e tantos outros povos que vieram para o Vale, foram essenciais na constituição de uma cultura tão diversificada na região. Podemos afirmar que o Vale do Jequitinhonha é sincrético, e isso o faz um vale de diversas artes e linguagens. Como sintetiza Marques:

Ao contrário do que se poderia imaginar, o que ocorre no Vale é um processo intenso de mesclagens culturais decorrente das transferências interculturais, em que se combinam elementos os mais tradicionais e arcaicos com os mais modernos produtos da tecnologia, a comunicação oral primária com as técnicas dos meios eletrônicos e massivos de comunicação, o rural e o urbano. E que bem exemplifica o fenômeno da hibridação cultural designado por Canclini. Um fenômeno relacionado, a meu ver, com os procedimentos da reciclagem cultural (MARQUES, 2000, p. 127).

Esta miscigenação de culturas contribuiu com a riqueza cultural que se encontra na região, que exala cultura. Os mesmos negros que cavaram, trabalharam pesado e foram escravizados, contribuíram significativamente com o patrimônio histórico-cultural do Vale do Jequitinhonha para que fosse referência em Minas e no Brasil.

Um vale que existe desde 1727, mas, segundo Lobato (2017), somente na década de 1960, por decisão de decreto estadual, foi oficialmente batizada por *Vale do*

Jequitinhonha e, desde então, começou a ser divulgado como uma região associada à pobreza, miserabilidade, devido a uma visão fragmentada dos veículos de comunicação que consideram apenas indicadores sociais e econômicos.

O Vale do Jequitinhonha é uma região repleta de riquezas culturais, religiosidade marcante, onde o rio representa um papel fundamental, mas também um lugar que foi palco de exploração de pedras preciosas, de extermínio de indígenas, de escravização de mão de obra negra e que sempre sofreu com o descaso político, com a escassez de políticas públicas, tendo índices econômicos muito baixos, chegando a ser estereotipado de Vale da miséria. Estigma este que, para Servilha (2012), marca a região.

Atraso e miséria tornam-se marcas históricas de uma região que acabara de surgir. Uma bacia que encontramos diferentes biomas naturais (cerrado, caatinga e mata atlântica) e uma enorme diversidade de realidades socioespaciais, socioculturais e socioeconômicas torna-se homogênea aos nossos olhos, representada pela repetição da imagem da seca, de notícias da fome e de índices de pobreza (SERVILHA, 2012, p. 43).

A desconstrução desta identidade de “Vale da miséria” começa a partir da elaboração de propostas de desenvolvimento para a região do Vale do Jequitinhonha, com o objetivo de transformá-lo em “Vale da esperança”. Ribeiro (1993) destaca que

a elaboração de propostas de desenvolvimento regional passa pela construção de uma identidade regional, que tenta substituir outras identidades. Ou seja, o Vale do Jequitinhonha, como região, é uma identidade de construção recente que concorre com outras ainda presentes no imaginário social. Essa nova identidade é construída sobre a imagem das carências socioeconômicas do “Vale da miséria”, que fundamentam as sucessivas propostas de desenvolvimento regional, que permitem o surgimento do “Vale da esperança” (RIBEIRO, 1993, p. 10).

As propostas de desenvolvimento regional colaboram para que a identidade do Vale aos poucos se transforme e que a região, geralmente apresentada por meio dos noticiários como um lugar de extrema pobreza, escassez de água e calor extremo, seja divulgada em suas duas nuances: uma região carente de investimentos em políticas públicas, mas também, um Vale acolhedor com os melhores anfitriões almejado por quem chega à região, um lugar que exala cultura por meio de manifestações em diversos setores como: música, dança, artesanato e artes plásticas, ou seja, um Vale de efervescência cultural, tão bem retratado por Tadeu Martins Soares (2020) em sua obra *Jequitinhonha: 42 anos de travessia de Vale da Miséria a Vale da Cultura*.

2.2 ESPAÇO GEOGRÁFICO E PERTENCIMENTO

Queremos a definição do nosso mapa, pois hoje o Vale tem 80 municípios. Só o governo de Minas tem três mapas diferentes em uso, fazendo a região variar de 53 a 74 municípios. Pode parecer uma questão menor, mas não é. Um povo que não conhece sua terra, não pode contribuir com o seu desenvolvimento... “Se o governo enxergasse o Vale com outros olhos, esta situação já teria sido resolvida. A solução desse problema deve ser cobrada também dos políticos locais e dos prefeitos. Sabendo quais são de fato os municípios da região, facilitaria uma melhor organização política entre as entidades da sociedade civil, prefeitos e vereadores para cobrar ações concretas dos governos (SOARES, 2012, p. 163-164),

Os jequitinhonhenses se identificam como pertencentes ao Alto, Médio ou Baixo Vale do Jequitinhonha, divisão que ocorreu entre 1987 e 1990 no governo de Newton Cardoso, de acordo com os territórios das Associações de Municípios e ignorando os critérios técnicos do IBGE. Essa subdivisão se deu seguindo o curso do Rio Jequitinhonha, que “é o tesouro mais precioso destas Minas; não só o Jequitinhonha, mas todos os mais rios e ribeiros que nele se metem, desde o seu nascimento” (ROCHA, 1995, p. 132). No entanto, os municípios da margem esquerda foram ignorados, ficando na mesorregião do Norte de Minas. Ressaltamos que o mapa da divisão política é alterado de tempos em tempos, ao passo que o mapa cultural tende a sobreviver a essas mudanças.

Certo é que o Vale do Jequitinhonha tem uma indefinição pelos órgãos públicos de quantos e quais são os municípios que o constituem, indo de 52 a 80 municípios e com diversos limites geográficos. Portanto, concordamos com a afirmação de Souza (2010) de que “não havendo uma delimitação precisa do seu território, o Vale é aquilo que recordam os agentes que lá atuam” (SOUZA, 2010, p.13).

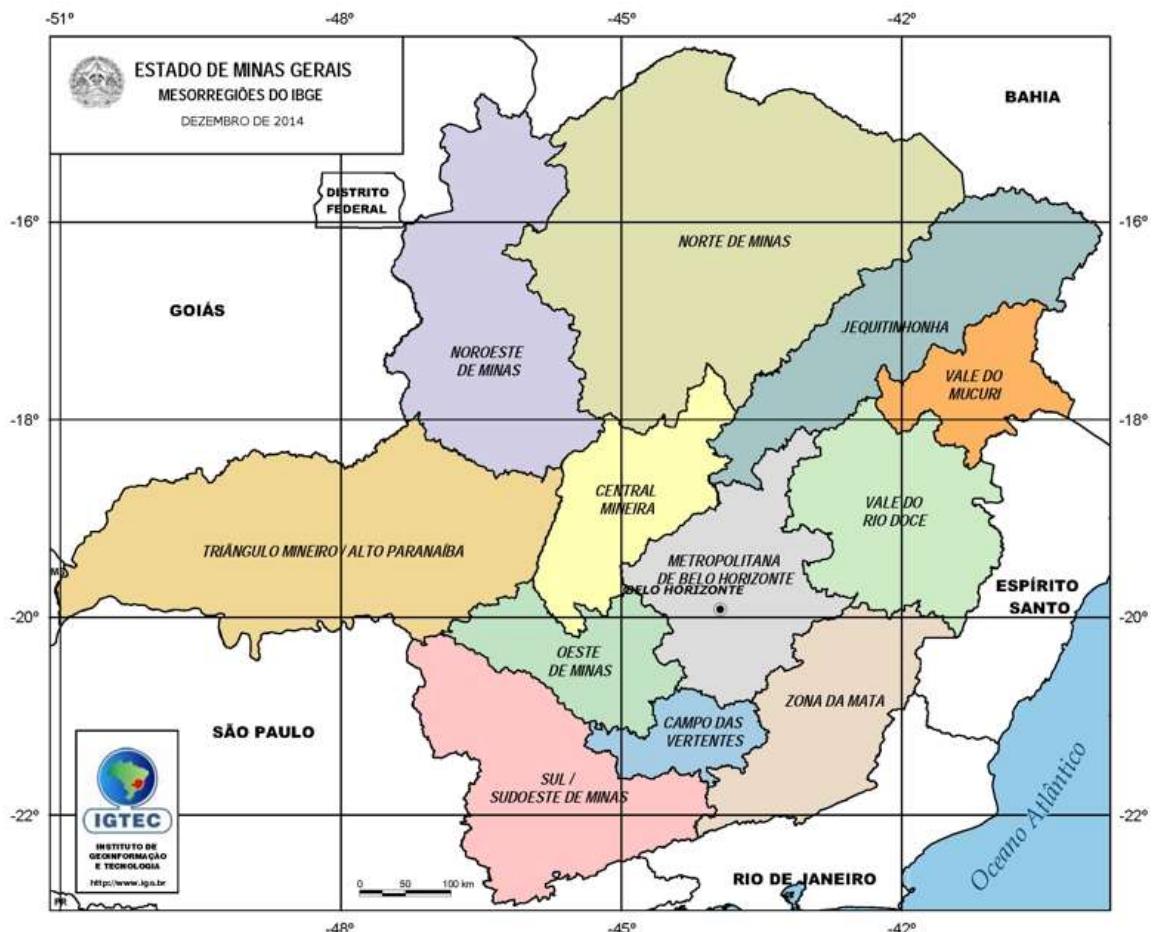
Na verdade, até as nomenclaturas para designar as diversas partes que constituem o estado de Minas, como o Vale do Jequitinhonha são modificadas, o que às vezes causa confusão para os habitantes. Para Nascimento (2009), as regiões que compõem o estado de Minas Gerais eram denominadas pelo IBGE como zonas fisiológicas em 1941, microrregiões homogêneas em 1969, regiões funcionais urbanas em 1972, mesorregiões e microrregiões em 1990.

Sendo assim, em 1990, o IBGE subdividiu Minas em 12 mesorregiões: Noroeste de Minas, Norte de Minas, *Jequitinhonha*⁵, Vale do Mucuri, Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, Central Mineira, Metropolitana de Belo Horizonte, Vale do

⁵ Que se divide em Baixo, Médio e Alto Jequitinhonha.

Rio Doce, Oeste de Minas, Sul e Sudoeste de Minas, Campos das Vertentes e Zona da Mata, tal como no mapa abaixo.

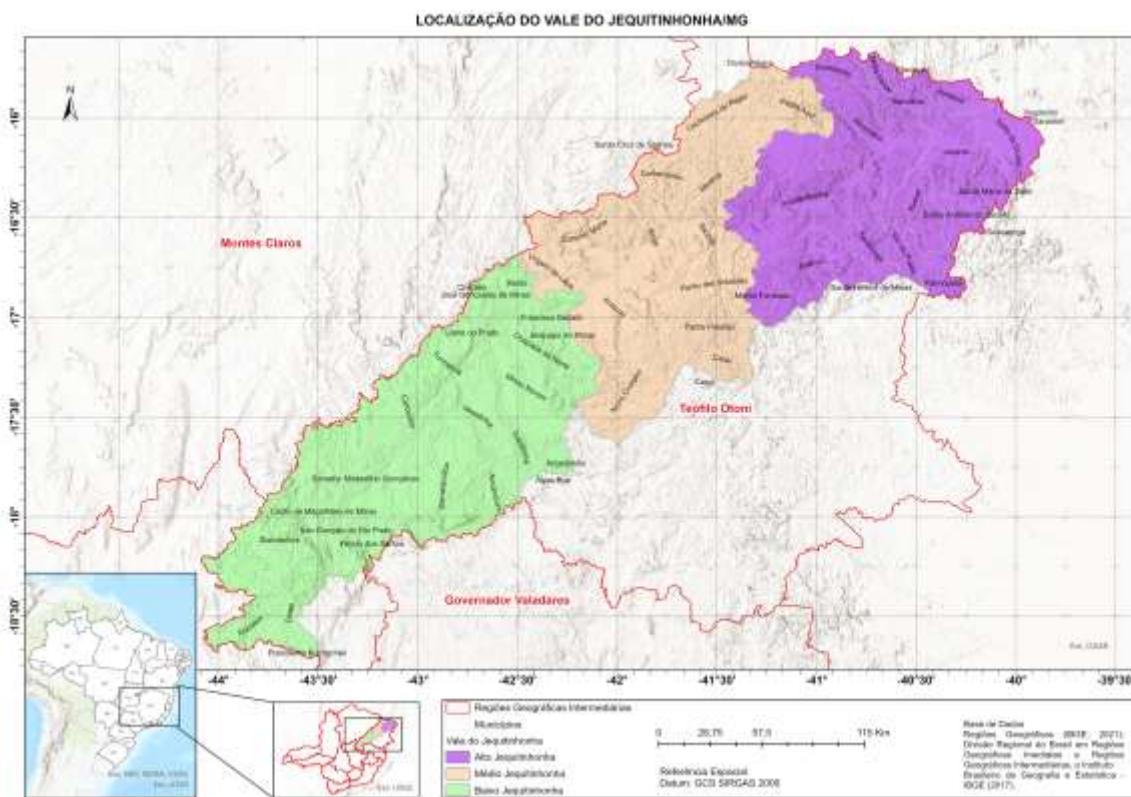
Figura 4: Mapa das Mesorregiões do estado de Minas Gerais



Fonte: Instituto de Geoinformação e Tecnologia de Minas Gerais, 2014.

Na mesorregião do Jequitinhonha, encontra-se o Médio Vale do Jequitinhonha, constituído pelos municípios: Araçuaí, Novo Cruzeiro, Jenipapo de Minas, Francisco Badaró, José Gonçalves de Minas, Berilo, Virgem da Lapa, Coronel Murta, Itinga, Caraí, Padre Paraíso, Ponto dos Volantes, Itaobim, Medina, Comercinho, Cachoeira do Pajeú e Pedra Azul, conforme demonstrado no gráfico abaixo:

Figura 5: Divisão do Vale do Jequitinhonha



Fonte: Caminhas, 2023

Dentro das mesorregiões existiam as microrregiões, sendo que Araçuaí e Pedra Azul eram microrregiões do Médio Jequitinhonha, Almenara aparecia como microrregião do Baixo Jequitinhonha, enquanto Diamantina e Capelinha constituíam microrregiões do Alto Jequitinhonha, conforme o mapa abaixo.

Figura 6: Mapa das Microrregiões do Vale do Jequitinhonha.



Fonte: Geografia do Brasil⁶

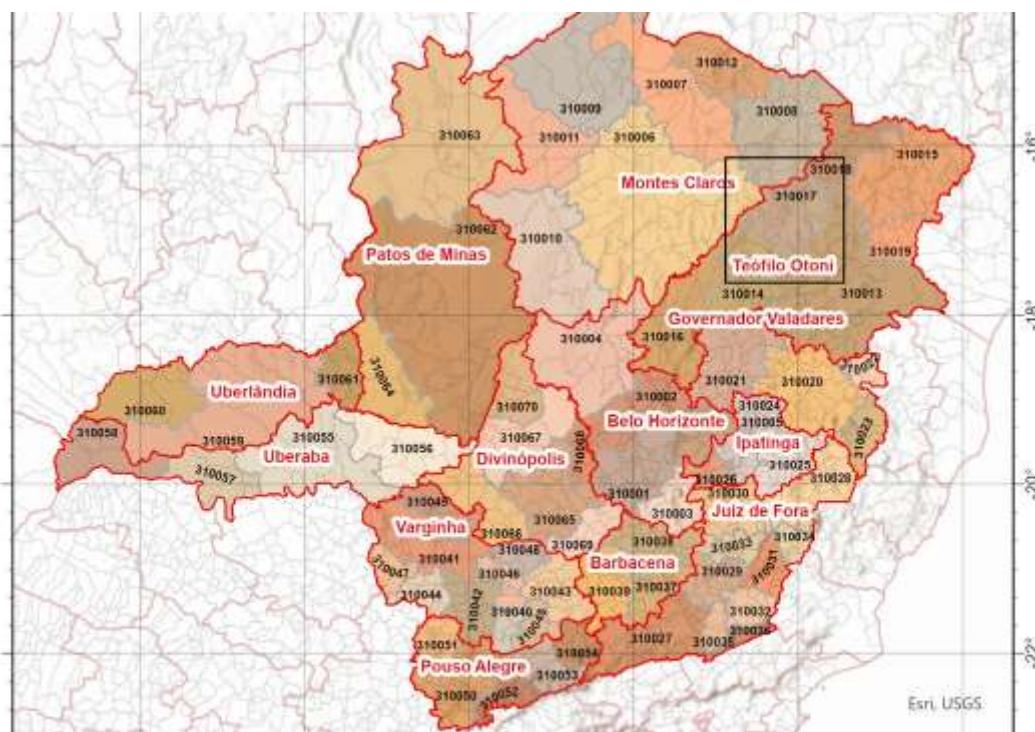
⁶ Fonte: Portal Polo Jequitinhonha UFMG, 2014. O Vale é dividido em três regiões: alto, médio e baixo Jequitinhonha. Nele, encontram-se três importantes Biomas registrados no Brasil: o Cerrado, a Caatinga e a Mata Atlântica.

A microrregião de Araçuaí era composta pelos 8 municípios: Araçuaí, Caraí, Coronel Murta, Itinga, Novo Cruzeiro, Padre Paraíso, Ponto dos Volantes e Virgem da Lapa, conforme figura abaixo. A partir de 2015, com base nas informações de Fóruns Regionais do Governo de Minas⁷, a forma administrativa do Estado foi modificada. Por intermédio das propostas “ouvir para governar” e “descentralizar para administrar”, foram instituídos 17 Territórios de Desenvolvimento, subdivididos em microterritórios, ficando o microterritório de Araçuaí formado por: Araçuaí, Berilo, Coronel Murta, Francisco Badaró, Itinga, Jenipapo de Minas, José Gonçalves de Minas e Virgem da Lapa, alterando a microrregião anterior que era composta por Araçuaí, Caraí, Coronel Murta, Itinga, Novo Cruzeiro, Padre Paraíso, Ponto dos Volantes e Virgem da Lapa.

Em 2017, a divisão de mesorregiões passou por uma revisão com a finalidade de atualizar o quadro regional do País, que havia sido elaborado na década de 1980 e publicado em 1990. Nessa revisão, as unidades mesorregionais e microrregionais começaram a ser chamadas de “Regiões Geográficas Intermediárias”, totalizando 13 e “Regiões Geográficas Imediatas” que somam 70, respectivamente, ficando o Vale do Jequitinhonha dividido em duas Regiões Geográficas Intermediárias: Montes Claros com quase todos os municípios da margem esquerda; e Teófilo Otoni com os atuais Alto, Médio e Baixo Jequitinhonha, conforme o mapa abaixo.

⁷ Disponível em http://www.agenciaminas.mg.gov.br/ckeditor_assets/attachments/3257/2017_07_27_entregas_medio_e_baixo_jequitinhonha_vf_2.pdf. Acesso em: 5 abr. 2021.

Figura 7: Mapa das Regiões Geográficas de Minas Gerais



Regiões Geográficas Imediatas



310001 - Belo Horizonte	310034 - Carangola	310065 - Divinópolis
310002 - Sete Lagoas	310035 - São João Nepomuceno - Bicas	310066 - Formiga
310003 - Santa Bárbara - Ouro Preto	310036 - Além Paraíba	310067 - Dores do Indaiá
310004 - Curvelo	310037 - Barbacena	310068 - Pará de Minas
310005 - Itabira	310038 - Conselheiro Lafaiete	310069 - Oliveira
310006 - Montes Claros	310039 - São João del Rei	310070 - Abaeté
310007 - Janaúba	310040 - Varginha	
310008 - Salinas	310041 - Passos	
310009 - Januária	310042 - Alfenas	
310010 - Pirapora	310043 - Lavras	
310011 - São Francisco	310044 - Guaxupé	3101 - Belo Horizonte
310012 - Espinosa	310045 - Três Corações	3102 - Montes Claros
310013 - Teófilo Otoni	310046 - Três Pontas - Boa Esperança	3103 - Teófilo Otoni
310014 - Capelinha	310047 - São Sebastião do Paraíso	3104 - Govern. Valadares
310015 - Almenara	310048 - Campo Belo	3105 - Ipatinga
310016 - Diamantina	310049 - Piumhi	3106 - Juiz de Fora
310017 - Araçuaí	310050 - Pouso Alegre	3107 - Barbacena
310018 - Pedra Azul	310051 - Poços de Caldas	3108 - Varginha
310019 - Águas Formosas	310052 - Itajubá	3109 - Pouso Alegre
310020 - Governador Valadares	310053 - São Lourenço	3110 - Uberaba
310021 - Guanhães	310054 - Caxambu - Baependi	3111 - Uberlândia
310022 - Mantena	310055 - Uberaba	3112 - Patos de Minas
310023 - Aimorés - Resplendor	310056 - Araxá	3113 - Divinópolis
310024 - Ipatinga	310057 - Frutal	
310025 - Caratinga	310058 - Iturama	
310026 - João Monlevade	310059 - Uberlândia	
310027 - Juiz de Fora	310060 - Ituiutaba	
310028 - Manhuaçu	310061 - Monte Carmelo	
310029 - Ubá	310062 - Patos de Minas	
310030 - Ponte Nova	310063 - Unaí	
310031 - Muriaé	310064 - Patrocínio	
310032 - Cataguases		
310033 - Viçosa		

Regiões Geográficas Intermediárias

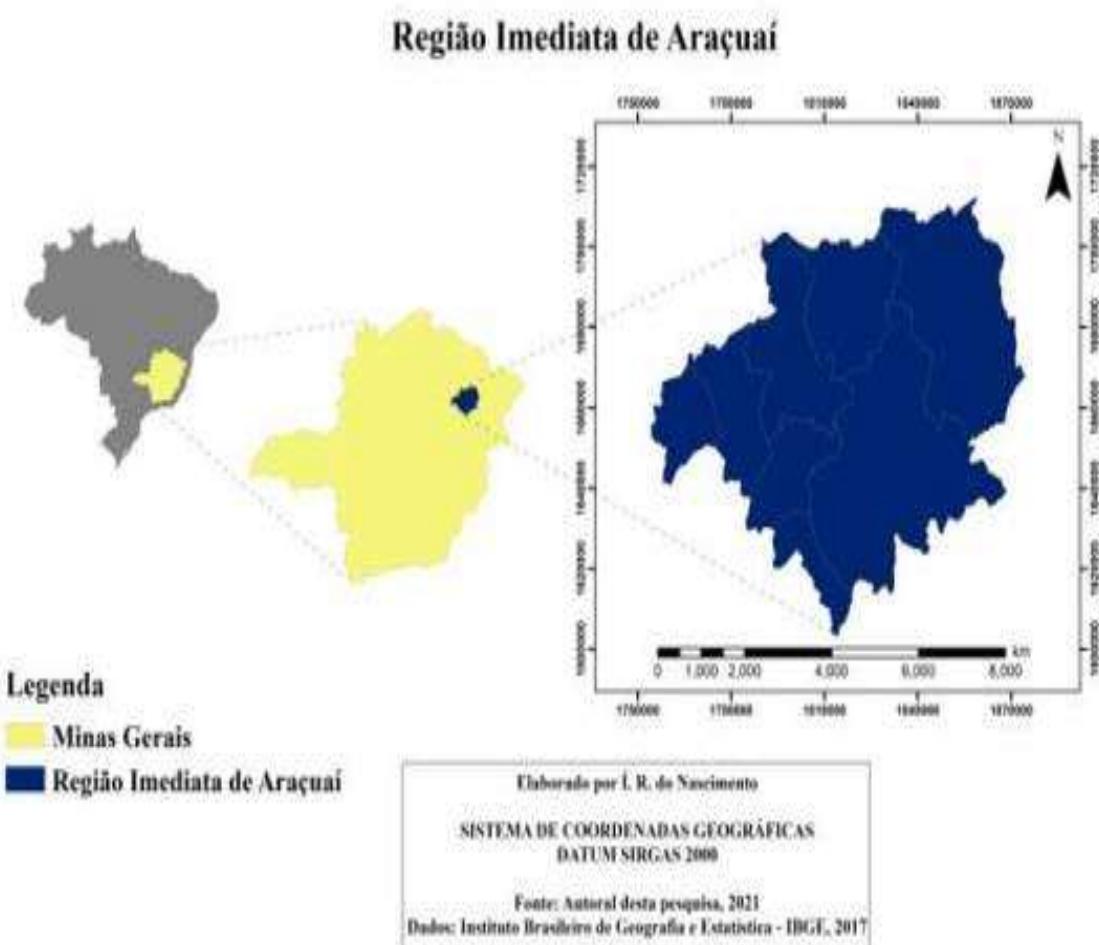
- 3101 - Belo Horizonte
- 3102 - Montes Claros
- 3103 - Teófilo Otoni
- 3104 - Govern. Valadares
- 3105 - Ipatinga
- 3106 - Juiz de Fora
- 3107 - Barbacena
- 3108 - Varginha
- 3109 - Pouso Alegre
- 3110 - Uberaba
- 3111 - Uberlândia
- 3112 - Patos de Minas
- 3113 - Divinópolis

Municípios

Fonte: Caminhas, 2023

Na Bacia do Jequitinhonha, ficaram as seguintes Regiões Geográficas Imediatas: Almenara, **Araçuaí**, Capelinha, Diamantina, Grão Mogol, Pedra Azul, Salinas, Teófilo Otoni e parte de Janaúba. Os 8 (oito) municípios que, em 2015, constituíam o microterritório de Araçuaí passaram a compor a Região Imediata de Araçuaí, a saber: Araçuaí, Berilo, Coronel Murta, Francisco Badaró, Itinga, Jenipapo de Minas, José Gonçalves de Minas e Virgem da Lapa, tal como evidenciado no recorte abaixo:

Figura 8: Mapa da Região Imediata de Araçuaí



Fonte: Nascimento, 2021

Esta nova divisão alterou alguns dados significativos para a ex-microrregião de Araçuaí, atual região Imediata Araçuaí, conforme quadro 1 a seguir.

Quadro 1: Análise comparativa de dados até 2017 e após nova divisão do IBGE.

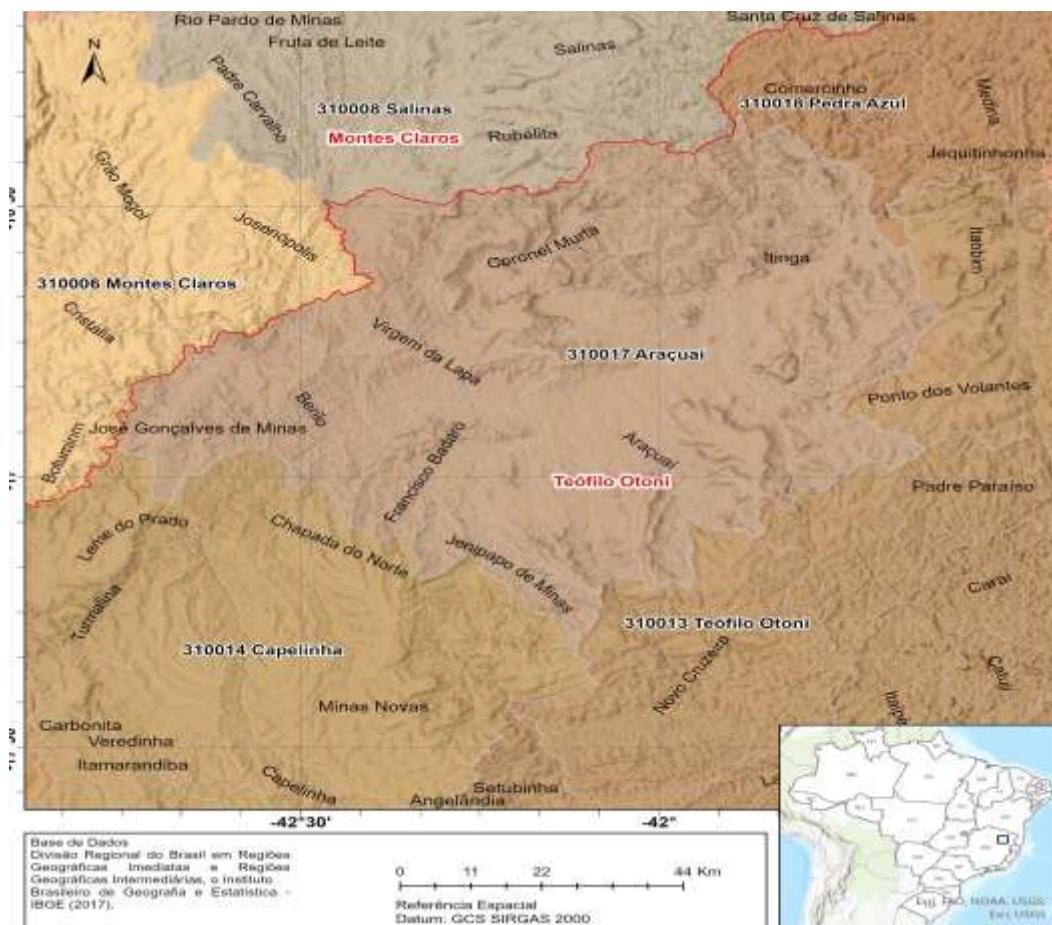
Microrregião de Araçuaí (até 2017)	Região Imediata de Araçuaí (após 2017)
População: 156.418 habitantes	População: 107.373 habitantes
1. Araçuaí 2. Caraí 3. Coronel Murta 4. Itinga 5. Novo Cruzeiro 6. Padre Paraíso 7. Ponto dos Volantes 8. Virgem da Lapa	1. Araçuaí 2. Berilo 3. Coronel Murta 4. Francisco Badaró 5. Itinga 6. Jenipapo de Minas 7. José Gonçalves de Minas- 8. Virgem da Lapa

Fonte: Dados do IBGE, 2010 e 2017.

Nessa nova divisão, o quantitativo de municípios que compõem o polo Araçuaí permanece 8, porém não são os mesmos, o que alterou o número de habitantes e a extensão da área vinculada a Araçuaí, a partir de dados coletados no censo do IBGE de 2010. Com a nova divisão do IBGE, deixaram de fazer parte da área de abrangência de Araçuaí: Caraí, Novo Cruzeiro, Padre Paraíso e Ponto do Volantes e foram inseridos Berilo, Francisco Badaró, Jenipapo de Minas e José Gonçalves de Minas. No entanto, o objetivo de colocar Araçuaí como referência para outras cidades ao seu redor nas áreas da saúde e da educação mostra que nem sempre as definições geográficas condizem com as relações estabelecidas entre os municípios. José Gonçalves de Minas e Francisco Badaró, por exemplo, usam os serviços de saúde de Araçuaí, mas quando se trata dos serviços de justiça ou trânsito buscam os vinculados à Turmalina.

Diante das indefinições geográficas pelos diversos órgãos governamentais, nesta pesquisa seguimos os critérios e nomenclaturas estabelecidos pelo IBGE em 2017. Assim, delimitamos como área geográfica de abrangência deste estudo os 8 municípios, Araçuaí, Berilo, Coronel Murta, Francisco Badaró, Itinga, Jenipapo de Minas, José Gonçalves de Minas e Virgem da Lapa, que compõem a Região Imediata de Araçuaí, conforme figura 9 abaixo:

Figura 9: Municípios que compõem a Região Imediata de Araçuaí



Fonte: Caminhas, 2023.

2.2.1 Araçuaí (gentílico: aracuaiense)

Conforme dados do IBGE, Araçuaí, polo do Médio Jequitinhonha, é um município localizado no Nordeste de Minas, com uma população estimada em 36.013 habitantes em 2010. Tal como o IBGE (2010) destaca, está localizado a 678 Km de Belo Horizonte, é formado pela sede e pelos distritos de Engenheiro Schnoor e Itira, além de aproximadamente 67 comunidades rurais. Pereira (1969, p. 94) afirma que “a fundação da cidade de Araçuaí deve ser fixada entre os anos de 1830 e 1840”.

Sua emancipação política ocorreu no dia 21 de setembro de 1871, por força da Lei nº 1870 e, inicialmente, Calhau era o nome do arraial que nos anos de 1830 começou a se formar entre a chapada do Piauí e a do Candonga, onde o instável Calhauzinho faz barra no rio Araçuaí, ficando o arraial na margem direita de ambos.

Denominadas por calhau, que segundo o dicionário aulete é uma pedra dura e solta de diferentes tamanhos, as pedras que se espalharam pela correnteza da água dos

córregos eram usadas para calçamento das primeiras ruas e é bem possível que, pela presença destas pedras, este nome tenha sido escolhido, conforme dados do IBGE. Mas, seja como for, ainda hoje o nome Calhau é utilizado, ou melhor, Caiau ~ Kiau, embora lá em 1857, quando o mesmo lugar foi criado vila, tenha passado a se chamar Arassuahy. De acordo com determinados relatos, o Padre Carlos Pereira de Moura havia fundado no vértice dos ângulos de confluência dos rios Araçuaí e Jequitinhonha a Aldeia do Pontal, atualmente Itira, e ao se deparar com meretrizes e diversos canoeiros que por lá se aportavam, expulsou estas mulheres de lá, como consta na página oficial do município de Araçuaí.

Com base nos poucos documentos encontrados da época, Luciana Teixeira, que era proprietária da Fazenda da Boa Vista, na Barra do Calhau, abrigou os emigrantes do pontal em suas terras à margem direita do ribeirão do Calhau e de Araçuaí, tornando-se este o ponto de arribada das canoas que subiam o Jequitinhonha. Possivelmente por este acontecimento, no imaginário popular, perpetuou-se a condição de Luciana Teixeira ser prostituta. Optamos, com base nos relatos de viagem de Sain-Hilaire e à certidão de nascimento em que consta que ela tinha um marido, atribuir a ela a apenas acaracterística de uma mulher idosa negra, que com sua bondade acolhia a todos que dela precisassem em sua fazenda Boa Vista, e possivelmente acolheu as mulheres que foram expulsas da Barra do Pontal. Sobre a fazenda Boa Vista de propriedade de Luciana Teixeira, Saint-Hilaire, que esteve na região em 1817, assim escreve:

Boa Vista era a residência de uma velha mulata chamada Luciana Teixeira. Tendo sabido que eu viajava com passaporte do governo, essa boa mulher cumulou-me de atenções, e, pondo-se quase de joelhos, quis abraçar-me as coxas; mas compreende-se bem que recusei a semelhante polidez (SAINT-HILAIRE, 1975 [1830], p. 238, grifo nosso).

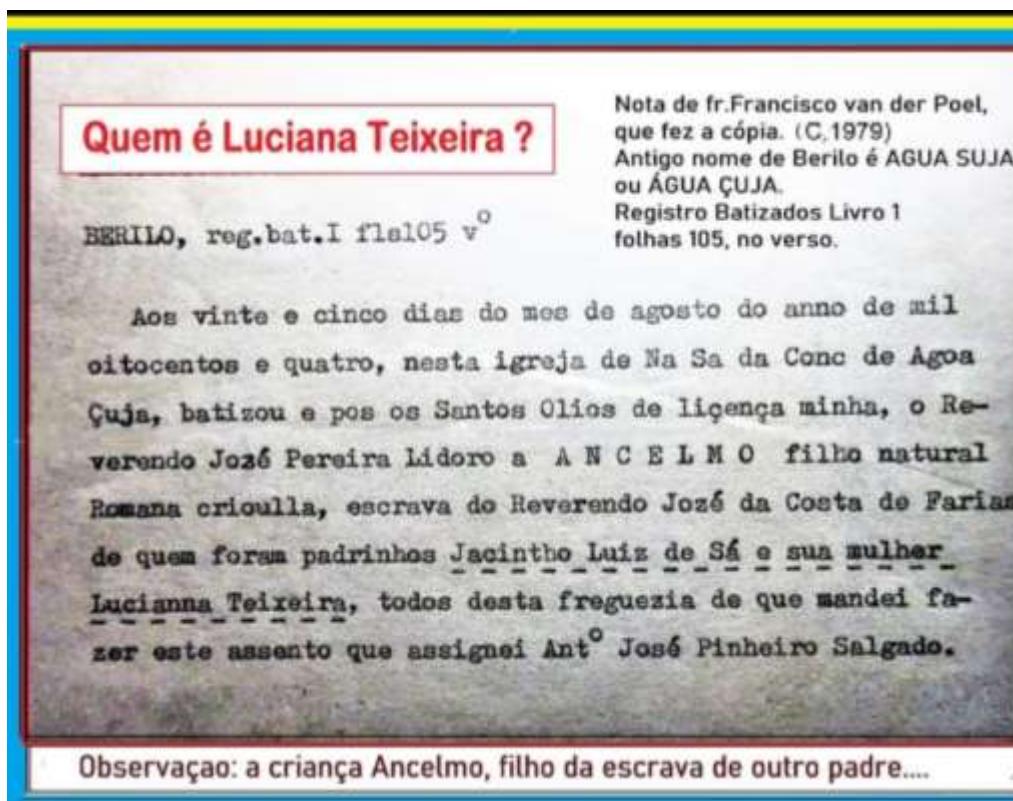
Em conformidade com a descrição, Luciana era uma mulher generosa e em sua casa, inclusive, era onde se realizavam celebrações religiosas como podemos observar no relato abaixo. Em nenhum momento, Saint-Hilaire (1975) faz parecer que se tratava de uma prostituta.

Passei em Boa Vista o dia de Pentecostes. Um sacerdote ali chegara, vindo de nove léguas de distância, e todos os colonos da vizinhança se tinham reunido na habitação com os filhos e netos de minha hospedeira, para assistir ao serviço divino. Essa boa gente jantou em casa dela: a mesma mesa foi posta e desfeita várias vezes, e os que, depois disso, acharam não ter comido bastante, jantaram, depois confusamente (SAINT-HILAIRE, 1975 [1830], p. 238, grifo nosso).

O trecho acima também permite afirmar que não temos evidências de que se tratava de uma prostituta quando surgiu Araçuaí, uma vez que mostra que era uma senhora de idade, já em 1817. Portanto, em 1830, época de fundação do arraial, deveria estar bem idosa. Ademais, parece que sua casa era um local onde as pessoas gostavam de estar, inclusive, para eventos religiosos.

Ainda sobre a possível fundadora de Araçuaí, Frei Chico disponibilizou, em seu *Facebook*, um documento de extrema importância para desmistificar a inverdade que se espalhou de que se tratava de uma prostituta. No documento, que foi autorizado por ele o uso nesta pesquisa⁸, constatamos que se tratava de uma mulher casada com o senhor Jacintho Luiz Sá e dificilmente a igreja católica naquela época aceitaria uma prostituta como madrinha de batismo de alguma criança.

Figura 10: Registro de Batizado de 1804



Fonte: Poel, F.V. (Frei Chico), 1979.

Parece-nos que se Araçuaí foi fundado por uma mulher, foi uma mulher negra e muito forte, assim como as mulheres do Vale o são, que ousou abrigar em suas terras, mulheres prostitutas expulsas de Barra do Pontal.

⁸ Shirlene, perfeitamente! Pode usar e, se quiser, fazer a referência tanto do documento (reg.Batizado) ou do pesquisador: Francisco Vander Poel.ofm.Disponha)

Sobre o surgimento do nome Araçuaí, existem algumas interpretações que fazem parte do imaginário popular como:

1) "... na iscola falava né... que era Luciana Teixeira né que descubriu Araçuaí né... e porque... que na... tinha muita lavra, o rio também dava muito diamante e ouro é, e ela falou que...quando ela orientava o garimpeiro aí ela falava: nesse local aí "oro só aí" falava assim "oro só aí", por causa do ôro só aí que surgiu Araçuaí" ... (ARAZCM72).

2)"... deram o nome de Araçuaí porque na época, naquela época da dona Luciana Teixeira o único meio de transporte que aqui tinha era canoa, canoa e o lombo de burro né. Depois que foi emancipada é... recebeu o nome de Araçuaí porque... na região aqui havia muita arara então o pessoal falava "arara só aí, arara só aí", e resolveram falar Araçuaí."... (ARATRM73).

Na explicação de Teodoro Sampaio (1987[1901]), Araçuaí é um topônimo originado do tupi *Araçoyá-y* que significa rio do chapéu ou do cocar (SAMPAIO, 1987, p.198). Em Costa (1970, p.158), lê-se que, para Martius, Araçuaí seria *ara-assu-hy*, rio da arara ou do papagaio grande; para Macêdo Soares, poderia ser a corrupção de *iroiçahy*, rio da água muito fria e Saint-Hilaire interpretou como *araçu*-certo pássaro ou o *ará* vermelho, e *hy*, rio, o rio dos arás. Para os araçuaienses, significa arara vermelha, que inclusive é o símbolo que representa o município.

2.2.2 Berilo (gentílico: berilense)

De acordo com o IBGE é um município com 12.300 pessoas, conforme censo de 2010, que fica a 62 km de Araçuaí e é formado pela sede e pelo distrito de Leliveldia. Segundo o IBGE⁹, com quase 300 anos de história, o município teve como primeiros habitantes bandeirantes paulistas liderados por Sebastião Leme do Prado que, em busca de ouro no local, no início do século XVIII, descobriram ricas minas na região e se fixaram na confluência do rio Araçuaí com córrego Água Suja, iniciando em 1727 o primeiro núcleo populacional, que foi se expandindo com a notícia de ouro na região. Para Fogaça (2017), Berilo nasceu da mineração, mas posteriormente a agricultura e pecuária se desenvolveram como cultura de subsistência.

O primeiro nome do lugar foi Vila de Nossa Senhora da Conceição de Água Suja, o segundo Vila de Nossa Senhora da Conceição de Água Limpa e, posteriormente, Água Limpa. Em 7 de setembro de 1923, pela Lei nº 843 recebeu o nome de Berilo

⁹ Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/coronel-murta/historico>

(distrito), devido a uma pedra preciosa abundante na região e, em 1962, foi elevado à categoria de município, desmembrando-se de Minas Novas.

É considerado o município mineiro com maior número de comunidades quilombolas, totalizando 42 comunidades (36 identificadas e 08 certificadas). Em Berilo, está localizada a igreja católica Nossa Senhora da Conceição, construída em 1729 e que, possivelmente, seja uma das primeiras edificações de todo o vale do Jequitinhonha, tendo sido reconhecida e Tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o IPHAN, em 1974, de acordo com Fogaça (2017).

Diversas manifestações como música e dança que foram repassadas de pai para filho fazem parte das manifestações culturais quilombolas de Berilo durante as festas tradicionais da cidade, como a festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, que é realizada em outubro.

2.2.3 Coronel Murta (gentílico: coronelmurtense¹⁰)

Conforme o IBGE é um município com 9.117 pessoas, de acordo com o censo de 2010, e fica a 48 km de Araçuaí. É formado pela sede, os distritos Barra de Salinas e Freire Cardoso. Conforme o IBGE¹¹, os primeiros habitantes da região foram os índios tocoiós e botocudos. Por meio de Julião Fernandes e outros, ocorreu a entrada do homem branco que fez com que, progressivamente, desaparecessem os silvícolas.

Em 1908, às margens do Rio Jequitinhonha começou a surgir uma povoação denominada Boa Vista, fundada pelo então Deputado Estadual Coronel Inácio Carlos Moreira Murta, o que viria a motivar o nome do atual município que antes foi o povoado *Boa Vista*, elevado à categoria de Distrito Pela lei Estadual nº 843, de 07/09/1923 com o nome de Itaporé e pertencente à Araçuaí.

Em 1948, pela Lei Estadual nº 336, de 27/09/1948, Itaporé foi desmembrado de Araçuaí para pertencer ao município de Virgem da Lapa, que havia sido emancipado pela mesma lei. Em 12/12/1953, pela lei Estadual nº 1039, Itaporé foi elevado à categoria de município, alterando o topônimo *Itaporé* para *Coronel Murta*, em homenagem ao seu fundador.

¹⁰ Disponível em http://coronelmurta.mg.gov.br/pagina/78_Historia-da-Cidade.html

¹¹ Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/coronel-murta/historico>

2.2.4 Francisco Badaró (gentílico: badarosense)

Município surgido em meados do século XVIII, durante o ciclo da mineração, Francisco Badaró tinha 10.248 pessoas, conforme censo de 2010, e fica a 34 km de Araçuaí. Conforme dados do IBGE¹², Antônio de Faria se estabeleceu na sede do atual município e Atanásio Couto na Fazenda do Engenho que pertencia às vertentes do córrego Sucuriú. Para facilitar a lavagem de cascalho, Atanásio construiu um açude que levava água até sua fazenda. Ao redor deste açude, foram sendo construídas moradias formando o povoado Arraial Velho.

Quando se tratou da construção da capela na fazenda de Atanásio, Antônio Faria ofereceu o dobro do auxílio para que fosse edificada a capela onde ele morava, surgindo ali um povoado. Conforme informações do IBGE, o topônimo Sucuriú permaneceu até 1948, quando houve nova divisão administrativa se adotando o novo topônimo Francisco Badaró, em homenagem a um ilustre político de Minas Novas, Dr. Francisco Coelho Duarte Badaró, líder do movimento que, em na divisão administrativa de 1962, viu realizado o sonho de tornar a elevar o povoado à categoria de município.

2.2.5 Itinga (gentílico: itinguense)

De acordo com dados do IBGE¹³ é um município com 14.407 pessoas, conforme censo de 2010, localizado a 45 km de Araçuaí. Trata-se de uma antiga região Pastoril de Pedra Azul que teve os índios Borum, popularmente conhecidos como botocudos e que não se opuseram ao desbravamento da região, onde em 1805 se formou Santo Antônio da Barra do Itinga, pelo capitão-mor João da Silva Santos. Este, seguindo ordens do governador da Bahia, subiu o rio Jequitinhonha com 13 canoas até a Barra do Pontal (atual Itira). Em Itinga, existem inscrições rupestres em cavernas e lapas, o que para populares são vestígios deixados pelos “bugres”, denominação usada para se referir aos índios botocudos.

Em 1825, já com a primeira capela e cemitério, desenvolveu-se o povoado que tinha como base econômica a agropecuária. O nome do distrito criado pela Lei provincial nº 670, de 29-04-1854, e Lei estadual nº 2, de 14-09-1891 denominado Itinga devido à brancura das águas do rio, vem do tupi-guarani *Y-tinga* e significa água branca,

¹² Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/francisco-badaró/historico>

¹³ Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/itinga/historico>

pertencia a Araçuaí. Mantendo o mesmo nome, foi elevado à categoria de município pela Lei estadual nº 1058, de 31-12-1943, desmembrando-se de Araçuaí.

2.2.6 Jenipapo de Minas (gentílico: jenipapense)

Município com 7.116 pessoas, conforme censo de 2010, que fica a 52 km de Araçuaí. Sobre a cidade, conforme dados do IBGE¹⁴, existia um cemitério à margem esquerda do rio Setúbal onde foi enterrado um escravo de nome Joaquim por quem os fiéis têm muita devoção. Em razão de muitas pessoas irem até o local para cumprir promessas feitas ao Pai Joaquim, nome dado pelas diversas graças concedidas aos fiéis, foi construída uma gruta no lugar e o povo começou a aglomerar para rezar o terço, o que acontecia debaixo de uma árvore. Em seguida, foi construída lá a primeira capelinha de Jenipapo, local no qual depois foi construída uma casa paroquial para receber os padres.

Próximo à Capela, existiam vários moradores que iniciaram, a partir de 1954, o povoamento daquele local, e as missas mensais da Vila de Jenipapo contribuíram para que o senhor Manoel Rodrigues dos Santos prosseguisse com o serviço de fundação e povoamento da Vila, adquirindo áreas para construção de praças, igrejas, escolas e doando lotes para aqueles que sonhavam em construir e não tinham terreno.

Em 1962, pela Lei nº 2764 de 30/12/1962, o povoado foi elevado a distrito. Por conta da grande quantidade de Jenipapeiros existentes ao redor de uma lagoa, recebeu o nome de Jenipapo, o que só foi alterado depois de sua emancipação pela Lei nº 12030, quando foi acrescentado 'de Minas'. Com isso, passou a ser chamado, a partir de 21/12/1995, Jenipapo de Minas.

2.2.7 José Gonçalves de Minas (gentílico: gonçalvense)

Conforme dados do IBGE¹⁵, o município que fica a 92 km de Araçuaí, possuía uma poupalçao composta por por 4.553 pessoas, em 2010. Inicialmente, a localidade foi chamada de Gangorras que, de acordo com os moradores mais idosos do local, se deve ao fato de por volta de 1850 ter chegado ao local um senhor apelidado de Santos

¹⁴ Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/jenipapo-de-minas/historico>

¹⁵ Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/jose-goncalves-de-minas/historico>.

Pombo. Após fixar residência, construiu duas gangorras e começou a cultivar milho. Em seguida, mais duas famílias se estabeleceram na região e começaram a construir gangorras, bem como produzir farinha para trocar por sal, açúcar e outros alimentos não encontrados na região.

O topônimo Gangorras se estendeu ao nome do ribeirão que banha o local, Ribeirão das Gangorras. Após as 3 famílias instaladas no lugar, chegaram Domingos Pampinha, Américo Torres, Ramiro, Tonico de Eva e José Gonçalves da Mota e, com a notícia da expansão comercial, novos moradores foram atraídos.

Gangorras tornou-se distrito em 1962 e, em 1995, foi elevado à categoria de município com o nome de José Gonçalves de Minas. Não conseguimos mais informações sobre a biografia de José Gonçalves, o homenageado.

2.2.8 Virgem da Lapa (gentílico: virgolapense)

Município com 13.619 pessoas, conforme censo de 2010, que fica a 37km de Araçuaí. De acordo com dados do IBGE¹⁶, a fundação de Virgem da Lapa (antiga São Domingos) ocorreu em 1729, por um rico português de nome Antônio Pereira dos Santos, que se estabeleceu no lugar denominado 'Água Suja', em Minas Novas. Por intermédio de uma carta régia, obteve, a partir de doação, extensos terrenos na margem esquerda do rio Araçuaí e na margem direita do Jequitinhonha viabilizando a transferência, então, para o lugar denominado 'Pega', com fazenda de lavoura e criação.

Antigamente, Virgem da Lapa exportava para Bahia os célebres cobertores denominados como 'Minas Novas' e o pano de algodão tecido em tares de mão que, no interior daquele estado, servia como roupas de escravos e para ensacar sal. Virgem da Lapa foi elevada à categoria de vila pela Lei estadual nº 2, de 14/09/1891, desmembrada do município de Minas Novas e incorporada a Araçuaí. Em 1948, foi elevada à categoria de cidade, alterando o nome São Domingos de Araçuaí para Virgem da Lapa, em homenagem à Senhora da Lapa.

O córrego São Domingos, que serviu de local para exploração de ouro, foi o que deu origem ao primeiro nome ao município “Arraial de São Domingos”, pois, mesmo com sua denominação alterada, sempre teve a religiosidade muito presente no

¹⁶ Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/virgem-da-lapa/historico>

município, inclusive, nesta alteração de nome que continuou representando a fé da população no nome Virgem da Lapa.

Este capítulo foi destinado à apresentação de informações básicas sobre os municípios que compõem a área de pesquisa, denominada pelo IBGE como Região Imediata de Araçuaí, nomenclatura que é indiferente para os jequitinhonhenses que se sentem pertencentes ao Vale do Jequitinhonha, visto que, corroborando Albano (2019), o território dos vales ao mar é marcado pelo pertencimento, ainda que o estado divida o Vale em regiões de planejamento. No próximo capítulo, discorremos sobre os principais trabalhos que serviram de aporte teórico para subsidiar esta pesquisa.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo 3, perfazemos uma revisitação ao referencial teórico que nos serviu de apporte para subsidiar a análise. Dividimos o capítulo em três seções. No tópico 3.1, abordamos a importância do ato de nomear desde os tempos mais remotos até os trabalhos mais atuais e as diferenças entre nomes próprios e comuns, tal como já se vê desde Platão (século IV a.C), Sampaio (1987[1901]) até Almeida (1965), Gúerios (1973), Lyons (1977), e Barros (2004). No item 3.2, salientamos uma revisão de literatura sobre Onomástica e Toponímia, subdividindo esta seção nos seguintes tópicos: o signo linguístico em função topográfica, motivação semântica dos topônimos e as taxonomias, panorama dos estudos topónomicos. Nossa apporte teórico, nesta seção, é composto pelos estudos dos pesquisadores Dauzat (1926), Leite de Vasconcelos (1928 e 1931), Saussure (1995[1916]), Ullmann (1964), Guiraud (1986), Stewart (1954), Dick (1980, 1990a, 1990b, 1996, 1999 e 2004), Isquierdo (1996 e 2004), Seabra (2004, 2008, 2010, 2011 e 2015) e Castro (2017 e 2018). Na seção 3.3, discorremos sobre a indissociabilidade entre língua, cultura e sociedade, a partir dos estudos de pesquisadores como Sapir (1969[1928-1929-1931]), Basílio (1987), Benveniste (1989), Biderman (1981, 1998, 2001), Duranti (2000), Seabra (2004, 2008, 2010 e 2015) e Antunes (2007 e 2012).

3.1 O ATO DE NOMEAR

Nomear é uma prática muito antiga e indispensável na vida das pessoas. Na Bíblia Sagrada, já se percebe esta importância no momento em que Deus confia ao homem a tarefa de nomear os seres, como encontramos em Gênesis:

O senhor Deus da terra formou todos os animais do campo e todas as aves do céu, e os trouxe ao homem para ver como lhes chamaria; e tudo o que o homem chamou ao ser vivente, esse foi seu nome. O homem deu nomes a todos os animais domésticos, às aves do céu e a todos os animais do campo (GÊNESIS 2.19-20 - ALMEIDA, 1965).

No século IV A.C., o grande filósofo Platão, em um de seus Diálogos, **Crátilo**, já enxergava o ato de nomear muito além de um recurso para marcar a identidade. Esse diálogo envolve as questões sobre a natureza da linguagem e sobre as relações que

existem entre linguagem e realidade e linguagem e pensamento, sendo o debate principal a oposição entre naturalismo e convencionalismo do signo linguístico.

Para o naturalista, deve existir uma relação entre a forma da palavra e o sentido que ela expressa. Para o convencionalista, o som de uma palavra nada tem a ver com o sentido que ela designa, podendo cada pessoa nomear como lhe convier. Platão afirma que “nomear também é ação, uma vez que falar é uma espécie de ação, com relação a certas coisas” (PLATÃO, 1973 p.124). Esta ação de nomear surgiu por várias necessidades do homem de identificar os objetos e situações ao seu redor. Com o passar do tempo e com as mudanças socioeconômicas, surge a necessidade de se criar novos termos “a cada nova invenção, a cada nova situação, atividade, produto, serviço, reivindicação, lei etc.[...]” (BARROS, 2004, p. 26).

No caso das palavras já existentes, bem como aquelas que ainda estão por vir, chamamos de léxico, que é objeto de estudo de várias pesquisas linguísticas no Brasil. Desde 1969, já se ministram as disciplinas de Lexicologia e Lexicografia no curso de Pós-graduação em Linguística da USP. Nos anos setenta, linguistas como Maria Tereza Camargo Biderman, Antônio Houaiss e Ieda Maria Alves desenvolveram trabalhos importantes nesta área.

Sobre a definição de léxico, existem várias, dentre as quais a seguinte¹⁷:

O léxico é entendido como o conjunto de todas as palavras de uma língua, também chamadas de lexias. As lexias são unidades de características complexas cuja organização enunciativa é interdependente, ou seja, a sua textualização no tempo e no espaço obedece a certas combinações. Embora possa parecer um conjunto finito, o léxico de cada uma das línguas é tão rico e dinâmico que mesmo o melhor dos linguistas não seria capaz de enumerá-lo. Isto ocorre porque dele faz parte a totalidade das palavras, desde as preposições, conjunções ou interjeições, até os neologismos, regionalismos ou terminologias, passando pelas gírias, expressões idiomáticas, provérbios ou palavrões.¹⁸

De maneira mais generalizada, o léxico pode ser entendido como um amplo repertório de palavras encontradas em uma língua, ou um conjunto de itens disponíveis para atender às necessidades de comunicação dos falantes. A definição acima confirma a dinamicidade da língua e a concebe como “uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura

17 Conforme site do Grupo de Trabalho (GT) de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL.

18 Disponível em

http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/?web=gtlex&lang=1&page=2329&menu=1547&tipo=1 acesso em 02 de março de 2020.

gramatical” (MARTELOTTA; AREAS, 2003, p. 20). Portanto, o léxico pode refletir os diferentes momentos da língua, da sociedade e de uma comunidade, a partir de diferentes concepções e possibilidades que os falantes têm de ver o mundo.

A Ciência Linguística responsável pelo estudo do léxico é a Lexicologia que, de acordo com a definição abaixo, reconhece a relação entre as palavras e o ambiente externo em que são produzidas.

A Lexicologia é a ciência que estuda o léxico e a sua organização de pontos de vista diversos. Cada palavra remete a particularidades relacionadas ao período histórico em que ocorre, à região geográfica a que pertence, à sua realização fonética, aos morfemas que a compõem, à sua distribuição sintagmática, ao seu uso social e cultural, político e institucional. Desse modo, cabe à Lexicologia dizer científicamente em seus variados níveis o que diz o léxico, ou seja, a sua significação. Ao lexicólogo, especialista da área, incumbe levar a termo essa tarefa tão complexa sobre uma ou mais línguas.¹⁹

Dentro da Linguística, que é a ciência responsável pelo estudo científico da linguagem humana em sua totalidade e se interessa por todas as línguas, em todos os seus níveis e modalidades, temos o ramo da Lexicologia. A Lexicologia se ocupa do estudo das palavras quanto à sua formação, derivação, etimologia e significado, ou seja, “estuda cientificamente o vocabulário, o relacionamento do léxico com os restantes subsistemas da língua, incidindo, sobretudo, na análise da estrutura interna do léxico, nas suas relações e inter-relações” (VILELA, 1994, p.10).

Um dos domínios da Lexicologia é o da nomeação, que se ocupa do estudo dos nomes. O termo *onoma*, atual conceito de nome, como é frisado por Lyons (1977), surgiu no século II a.C aparecendo na primeira gramática sistematizada por Dionísio, o Trácio, e era utilizado para designar tanto seres individuais quanto atividades humanas e objetos. Entretanto, posteriormente tais grupos se tornaram distintos e divididos em nome próprio e nome comum, ambos desdobráveis em subgrupos diferenciados uns dos outros. Sendo próprio ou comum, “a questão do nome sempre foi palpitante por problematizar alguns temas como a relação semântica entre um objeto e sua denominação, e a referência entre o objeto, o conceito e a forma da palavra” (CARVALHINHOS, 2007, p. 2).

¹⁹Disponível em:
http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/?web=gtlex&lang=1&page=2329&menu=1547&tipo=1. Acesso em 02 de março de 2020.

3.2 A ONOMÁSTICA E A TOPONÍMIA

Os nomes próprios constituem uma categoria linguística com algumas propriedades específicas e sua função é o traço essencial que os diferencia dos nomes comuns. A área da Lexicologia responsável pelo estudo e investigação dos nomes próprios, em geral, é a Onomástica, do grego antigo *Vνομαστικ*, ato de nomear, dar nome.

Para o filólogo português José Leite de Vasconcellos (1928), a Onomástica, que é um dos desdobramentos da Lexicologia, é a parte que trata da origem, razão de emprego, formal, evolução etc., dos nomes próprios, seja de pessoas, animais, lugares, acidentes geográficos, seres sobrenaturais, livros etc. Sendo assim,

(...) temos como se vê, muitas espécies de nomes próprios. A secção da Glotologia que trata d'eles (origem, razão de emprêgo, fórmula, evolução, etc.), convieram os filólogos em a designar por **Onomatologia**, que, de acordo com aquelas espécies, deverá decompor-se em três disciplinas secundárias. (VASCONCELLOS, 1928, p.2 Grifo nosso).

As três disciplinas as quais Vasconcellos (1928) se refere são:

- a) Toponímia: estudo de nomes de lugares, ditos nomes geográficos e suas respectivas motivações, origens, evoluções ou mudanças ao longo do tempo;
- b) Antropónima: estudo específico dos nomes de pessoas. Importante ressaltar que o autor propôs e usou a expressão antropónima pela primeira vez em 1887 na Revista Lusitana;
- c) Panteonímia: estudo de astros, ventos, animais, navios, seres sobrenaturais.

Dentre as três disciplinas acima, a Toponímia e Antropónima são as duas principais e fazem parte da onomatologia. O termo *Onomatologia*, utilizado por Vasconcellos, tem como sinônimo *Onomástica*, “ambas as secções formam a Onomástica ou Onomatologia, ciência dos nomes próprios” (GUÉRIOS 1973, p. 15). Nos estudos do Brasil, Onomástica é o termo que vem se consagrando e sendo mais utilizado pelos pesquisadores que realizam estudos toponímicos ou antropónimos.

Dargel e Sousa (2017), assim como Geraes e Siqueira (2018), utilizam o termo Toponomástica como sinônimo de Toponímia. No entanto, lemos em Cabrera (2002) que, apesar de ser comum se empregar o termo Toponímia como sinônimo de Toponomástica na Espanha, “Coseriu (1999:15) realiza una importante diferencia entre ambos términos: ‘... distinguiremos estrictamente entre toponimia, como ‘conjunto de

los nombres de lugar', y toponomástica como disciplina que los estudia" (CABRERA, 2002, p. 3).

Neste estudo, utilizamos os termos *Onomástica* para fazer referência ao estudo dos nomes próprios em geral e *Toponímia*, que é o termo mais usual para tratarmos tanto do estudo quanto do conjunto dos nomes próprios de lugares. A palavra Toponímia, formada por *topos* (lugar) e *onoma* (nome), era definida tradicionalmente como o estudo dos nomes dos lugares, que buscava realizar uma análise etimológica dos nomes de origem indígena, o que foi ampliado. Atualmente, os topônimos são "importantes fonte de pesquisa, senão em sua origem significativa pelo menos na maneira pela qual se estrutura em relação à língua, à história, e à geografia do país" (DICK, 1990b, p. 4).

Os estudos onomásticos no Brasil vêm resgatando a história social dos nomes de lugares, podendo ser a área toponímica “comparada a um sítio arqueológico: podemos reconstruir, através do estudo de significados cristalizados de nomes de lugar, fatos sociais desaparecidos [...]” (CARVALHINHOS (2003, p. 172). Ao se propor reflexão sobre a prática da nomeação dos acidentes físicos e humanos de uma região, é necessário, antes de tudo, considerar que esse processo se constitui na relação entre ambiente, cultura e vida de um povo. Para entendermos os significados dos nomes de lugares, é necessário compreendermos as especificidades do signo linguístico quando assume a função toponímica.

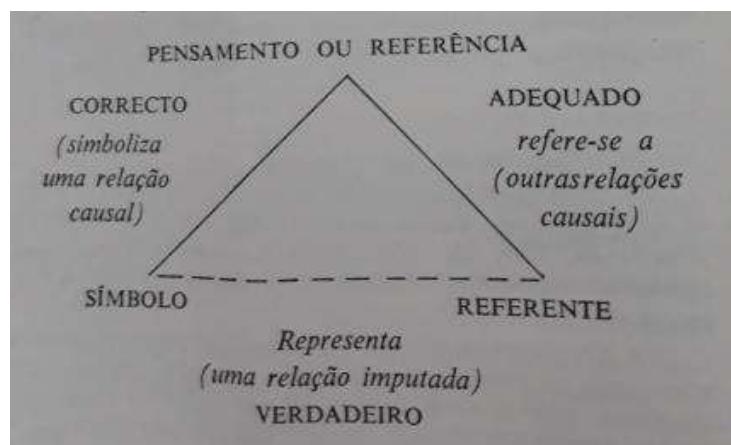
3.2.1. O signo linguístico em função toponímica

Saussure, no século XX, foi um dos responsáveis por conferir caráter científico ao estudo da língua, considerando-a como estrutura ou sistema. Suas teorias contribuíram muito com o desenvolvimento e aquisição do caráter autônomo da Linguística. De acordo com a proposta de Saussure (1995 [1916], p. 80), o signo "não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica", sendo, portanto, o signo "uma entidade psíquica de duas faces": o *significante* (o elemento tangível) e o *significado* (o abstrato, o conceito que ele porta em relação ao elemento tangível). O autor deixou clara a sua visão sobre a arbitrariedade da relação entre o significante e o significado, que pode ser absoluta ou relativa. O autor reafirmou seu posicionamento exemplificando com o número *vinte*, que é totalmente arbitrário

(imotivação total do signo isolado) e o número *dezenove* que é relativamente arbitrário (uma vez que faz lembrar os signos que o compõe: dez e nove), como acontece também com alguns derivados, em que apenas parte é motivada.

Lê-se em Ullmann (1964) que Ogden e Richards (1936) já tinham esquematizado um triângulo semiótico a fim de mostrar a relação de significado do nome com a semântica. Neste triângulo, aparece o referente como terceiro elemento do signo linguístico de Saussure que era composto por dois elementos: um símbolo, o *significante* e o pensamento ou referência, o *significado*.

Figura 10: Triângulo Semiótico de Ogden e Richards



Fonte: Ogden e Richards, 1936

No triângulo acima, além do símbolo que é o *significante* de Saussure, o pensamento ou referência que é o *significado*, há o acréscimo de um terceiro elemento, o *referente*.

Posteriormente, o linguista Peirce (1975) acrescenta uma reflexão importante sobre as chamadas tricotomias do signo, iniciando uma abordagem da inter-relação entre o signo e seu objeto referido. Esta nova perspectiva foi enriquecida, principalmente para os estudos onomásticos, com as relevantes contribuições de Guiraud (1986[1955]), para o qual o signo “é um estímulo – isto é, uma substância sensível – cuja imagem mental está associada no nosso espírito à de um outro estímulo que ele tem por função evocar com vista a uma comunicação” (GUIRAUD, 1986[1955], p. 15-16).

Assim como Guiraud, acreditamos que, em princípio, toda palavra é originalmente motivada, ainda que nem sempre se consiga perceber, de maneira clara, a sua motivação, em virtude do seu emprego convencional. Na concepção do linguista,

todas as palavras "são motivadas em seu ponto de partida, e muitas continuam a sê-lo por algum tempo. A motivação constitui, portanto, um dos caracteres fundamentais do signo linguístico" (GUIRAUD, 1986 [1955], p. 28-29).

Ullmann (1964), ao se referir aos nomes, afirma que “a função específica de um nome próprio é identificar e não significar” (Ullmann, 1964, p. 155). Contudo, quando aplicados a pessoas ou lugares conhecidos do locutor ou do interlocutor, é totalmente certo dizer que os nomes transmitem ricas conotações, o que não ocorre se eles foram desligados do contexto, quando nada significariam.

Para o autor, muitas vezes, o que acontece é que, com o decorrer do uso e tempo, por se tornarem funcionais, o signo vai se tornando arbitrário, quando a motivação desaparece, altera ou apaga. Assim, embora inicialmente motivadas por aplicação de regras fonéticas, morfológicas, sintáticas da língua oral espontânea ou mesmo de interpretações semânticas e pragmáticas, com o passar do tempo as palavras podem se tornar (Ullmann, 1964, p. 169) "opacas", caso não tenham correlação nome/sentido, ou "transparentes", quando apresentam relação nome/sentido.

O topônimo é também um signo linguístico e, como tal, está sujeito a todas as regras do sistema, mas "é pensado de forma associada ao objeto que evoca ao provocar uma imagem do lugar por meio das palavras que identificam seus aspectos particulares" (CASTRO, 2018, p. 48). Dick (1990a) profere que

Muito embora seja o topônimo, em sua estrutura, como já se acentuou, uma forma de língua, ou um significante animado por uma substância de conteúdo, da mesma maneira que todo e qualquer outro elemento do código em questão, a funcionalidade de seu emprego adquire uma dimensão maior, marcando-o duplamente: o que era **arbitrário**, em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente **motivado**, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo (DICK, 1990a, p. 38, GRIFO NOSSO).

Dick assegura que os elementos formadores do signo toponímico podem se tornar opacos e ocultar sua significação, transformando-o em um fóssil linguístico, porém, “identificar acidentes geográficos, significando é, sem dúvida, a primeira qualidade que se infere do signo toponímico” (DICK, 1990a, p. 365), podendo possibilitar uma compreensão mais profícua dos elementos internos e externos ao sistema linguístico. Ou seja, quando o signo linguístico assume a função toponímica, o que era arbitrário em termos de língua passa a ser motivado e esta é uma das suas principais características que se manifesta em dois momentos:

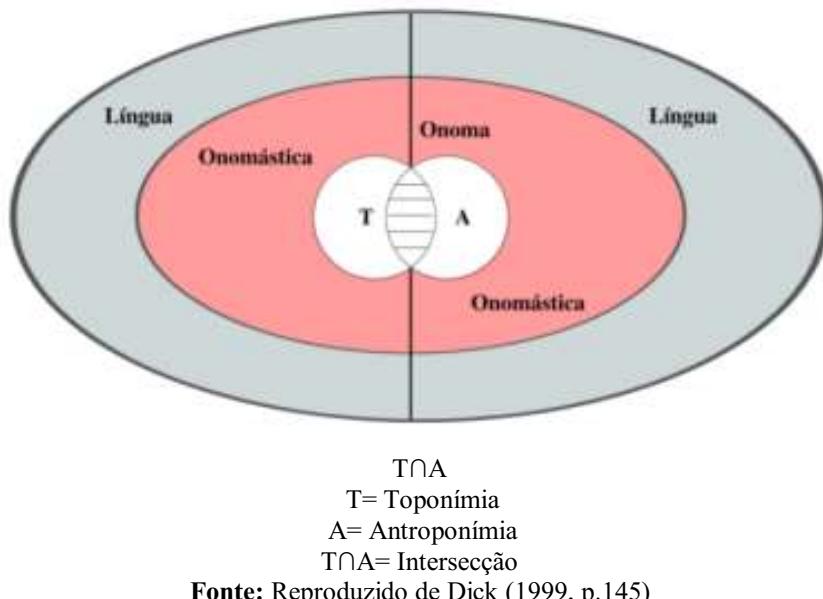
- primeiro, na intencionalidade que anima o denominador, acionado em seu agir por circunstâncias várias, de ordem subjetiva ou objetiva, que o levam a eleger, num verdadeiro processo seletivo, um determinado nome para este ou aquele acidente geográfico;
- e, a seguir, na própria origem semântica da denominação, no significado que revela, de modo transparente ou opaco, e que pode envolver procedências as mais diversas (DICK, 1990a, p. 39).

Dick (1990a) utiliza os termos *causa denominativa* e *causa motivadora* como o motivo ou motivos iniciais, considerados ao se atribuir um nome a determinado acidente, revelando a importante característica de fóssil linguístico²⁰ do topônimo. O denominador tem o costume de transferir suas impressões, crenças, observações de características físicas e topográficas ou alguma particularidade ao lugar nomeado. Por isso, geralmente, os nomes dizem muito sobre o lugar nomeado, e somente uma investigação aprofundada pode nos levar à verdadeira causa denominativa de determinado lugar.

Sobre o signo topônimo e significação, é essencial mostrar este processo de passagem de um vocábulo do seu uso pleno na língua, para o uso onomástico, em suas duas principais subáreas Toponímia e Antropónímia. Embora sejam subáreas distintas da Onomástica, a primeira se ocupando do estudo dos nomes de lugares e a segunda dos nomes de pessoas, respectivamente, a Toponímia e Antropónímia estabelecem uma relação de inclusão quando se encontram no *onoma*. Conforme demonstrado na figura abaixo, o item lexical sai do seu uso pleno na língua para ser “referencializado como topônimo ou antropônimo, seguindo direções opostas e complementares” (SEABRA, 2008, p. 1954).

²⁰ Termo tomado de Jean Brunhes que utilizava a expressão fóssil da geografia humana.

Figura 11: Onomástica



Para Seabra (2008), o deslocamento da palavra do sistema lexical para o onomástico a faz sair do plano onomasiológico da designação e se integrar ao plano semasiológico da significação. Logo, o signo linguístico em função de topônimo utilizado para designar os espaços geográficos e humanos representa “uma projeção aproximativa do real, tornando clara a natureza semântica de seu significado e evidenciando a realidade do ambiente físico e antropocultural de uma dada região” (DICK 1980, p. 290).

Tendo em vista o triângulo de Ogden e Richards (1936[1923]), quando se refere a topônimos, “é necessário considerar o contexto, ou seja, o referente, para que o significado seja recuperado, de modo a estabelecer o percurso gerativo do signo toponímico” (AGUIAR, 2018 p. 179), ou seja, o significado é apresentado como produto das relações sociais. Deste fato decorre a importância de desvendar os aspectos extralingüísticos como crenças, costumes, preferências que contribuíram para determinados nomes de lugares, uma vez que a escolha do nome para determinado acidente geográfico, possui um motivo inicial.

Portanto, o nome de um lugar tem uma intrínseca relação com a memória de um povo, mesmo quando a motivação tenha se tornado opaca ao longo dos tempos, em razão de uma cultura e/ou uma língua não existir mais. Corroborando Dick (1990a):

Se, em nível de língua, a função denominativa se define pelo **arbitrário** ou convencional, no plano da Toponímia ela se apresenta essencialmente **motivada**, ou impulsionada por fatores de diferentes conteúdos semânticos, que poderão conduzir à localização de áreas toponímicas, em correspondência, ou não, às respectivas áreas geográfico-culturais. (DICK, 1990a, p. 22. GRIFO NOSSO).

Diante das teorias expostas, depreendemos que os nomes, por serem motivados, geralmente dizem muito sobre o lugar nomeado, uma vez que ressaltam suas características físicas, crenças ou outras particularidades do lugar. Por isso, não é exagero afirmar que "uma das principais características dos topônimos é ser motivado" (DICK, 1990b, p. 38), ou ainda, como é dito por Castro (2017), terem graus de motivação.

3.2.2 Motivação toponímica – taxonomias

Uma das necessidades nos estudos toponímicos era buscar modelos taxonômicos para um agrupamento macroestrutural dos topônimos. O toponimista americano George Stewart (1954) elaborou e apresentou em *A classification of place names* uma proposta com nove possibilidades de categorias toponímicas,²¹ a fim de identificar a motivação e categorizar os topônimos de forma objetiva e padronizada, a saber: 1) nomes descritivos; 2) nomes possessivos; 3) nomes incidentais; 4) nomes comemorativos; 5) nomes eufemísticos; 6) nomes artificiais; 7) nomes trasladados; 8) etimologias populares; 9) nomes por incorreção.

Para este toponimista, o sistema de classificação elaborado é prático e tão abrangente quanto se pode esperar. Ele já o tem observado há anos e testado bastante desde então²². Todavia, apesar de o autor afirmar ser abrangente a sua proposta de categorias, Dick (1990b) assim manifesta:

Parece-nos que sua aplicabilidade, em termos abrangentes de um maior número de casos, pode não satisfazer a todos, desde que alguns dos tipos tidos como genéricos ("folk etymologies", "manufactured names"), podem não ocorrer em todos os sistemas onomásticos conhecidos, restringindo, assim, o emprego das taxes (DICK 1990b, p.25).

²¹ Categorias toponímicas propostas em *A classification of place names*: "1) Descriptive names; 2) Possessive names; 3) Incident names; 4) Commemorative names; 5) Euphemistic names; 6) Manufactured names; 7) Shift names; 8) Folk etymologies; 9) Mistake names" Stewart (1954, p.11).

²² ..."practical and is as nearly all inclusive as can be expected. I worked it out some years ago, and have tested it pretty since that time". Stewart (1954, p.2).

A autora ressalta não se tratar de uma crítica, mas de “marcar quão problemática se torna, na maioria das vezes, empregar adequadamente a expressão designativa, que defina, com menor possibilidade de erro, os motivos topográficos” (DICK, 1990b, p.25).

Em 1975, Dick fez algumas ponderações sobre a problemática na “estruturação dos motivos ou das fontes geradoras dos nomes de lugares, e que integram o quadro amplo da motivação topográfica, propriamente dita” (DICK 1990a, p.22) no trabalho denominado *O problema das taxonomias topográficas: uma contribuição metodológica*, por meio do qual apresentou um quadro classificatório para os topônimos. O objetivo deste quadro classificatório era contribuir na averiguação das causas motivadoras nas escolhas das lexias designativas dos acidentes geográficos. Com esta proposta, a autora elaborou e publicou a primeira versão de um modelo taxonômico, composto por dezenove (19) taxes, divididas em taxes de natureza física e taxes de natureza antropocultural. O intuito era preencher lacunas não contempladas na proposta de Stewart (1954), marcando assim uma nova fase para os estudos topográficos no Brasil. Mesmo que existisse a proposta do toponímista Stewart (1954) para classificação dos topônimos, essas nem sempre se adequavam aos exemplos brasileiros por:

sugerir, amiúde, a volta à intenção do denominador, no ato da nomeação, ainda quando diz expressamente não ser tal procedimento a finalidade precípua dos meios ou mecanismos de ação, dá ênfase a aspectos diferentes do problema por nós estudado. Meios ou mecanismos denominativos, de fato, relacionam-se aos impulsos que levaram o denominador a colocar um nome específico em acidente geográfico, é a história desse nome que irá determinar, porém, o seu enquadramento em um dos itens propostos pelo autor (DICK, 1990a, p. 25).

Para Dick (1990a), o modelo taxonômico proposto por ela tentou, tanto quanto possível, evitar a necessidade de um “constante recuo ao passado histórico, para se atingir o alcance do significado do topônimo (...), que “seria fornecido pela interpretação linguística de seus elementos formadores” (DICK, 1990a, p. 24). Neste sentido, são evidenciados aspectos diferentes da proposta de Dick (1990b), pois se para Stewart é a história do nome que determinará sua classificação, para Dick (1990a) a história do nome não figura em primeiro plano para os Atlas, pois “o essencial será o conteúdo semântico perceptível nos topônimos (...)” (DICK 1990a, p.25).

Em 1986, ela revisou e ampliou o modelo que passou a conter vinte e sete (27) categoremas toponímicos ou taxes explicativas, subdivididas em: 11 de natureza física e 16 de natureza antropocultural, formando o *Sistema Toponímico Taxonômico*, detalhado a seguir:

Quadro 2: Modelo de classificação taxonômica

Natureza	Tipo	Descrição	Exemplo
Física	Astrotopônimos	topônimos relativos aos corpos celestes em geral	rio da Estrela
	Cardinotopônimos	topônimos relativos a posições geográficas em geral	lagoa do Sul
	Cromotopônimos	topônimos relativos à escala cromática	rio Pardo
	Dimensiotopônimos	topônimos relativos às características dimensionais como extensão, comprimento, largura, grossura, espessura, altura, profundidade	morro Alto.
	Fitotopônimos	topônimos de ínole vegetal	ribeirão do Café
	Geomorfotopônimos	topônimos relativos às formas topográficas como elevações, depressões do terreno e formações litorâneas	Monte Azul, Baixada, Angra dos Reis
	Hidrotopônimos	topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral	serra das Águas
	Litotopônimos	topônimos de ínole mineral	Barreiro
	Meteorotopônimos	topônimos relativos a fenômenos atmosféricos	serra do Vento
	Morfotopônimos	topônimos que refletem o sentido de forma geográfica	ilha Quadrada
Antropocultural	Animotopônimos ou Nootopônimos	topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo todos os produtos do psiquismo humano, cuja matéria prima fundamental, e em seu aspecto mais importante não pertence à cultura física	cachoeira da Saudade, Belo Campo
	Antropotopônimos	topônimos relativos aos nomes próprios individuais (prenomes, hipocorísticos, prenome+alcunha, apelido de família ²³ , prenome+apelido de família)	ilha Chiquita
	Axiotopônimos	topônimos relativos aos títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais	Presidente Prudente
	Corotopônimos	topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes	Brasil
	Cronotopônimos	topônimos que se encerram indicadores cronológicos, representados em toponímia, pelos adjetivos novo/ nova, velho/velha	rio Novo Mundo.
	Dirrematopônimos	topônimos constituídos ou enunciados linguísticos	Há Mais Tempo
	Ecotopônimos	topônimos relativos às habitações de um modo geral	Casa da Telha
	Ergotopônimos	topônimos relativos aos elementos da cultura material	Flecha
	Etnotopônimos	topônimos referentes aos elementos	Guarani

²³ O mesmo que sobrenome.

		étnicos, isolados ou não (povos, tribos, castas)	
Hierotopônimos	topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças: cristã, hebraica, maometana, etc. Apresenta duas subdivisões: <i>hagiotopônimo</i> , relativo a santos e santas e <i>mitotopônimo</i> , relativo a entidades mitológicas.	Cristo Rei Santa Tereza ribeirão do Saci	
Historiotopônimos	topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como às datas correspondentes	Independência	
Hodotopônimos ou Odotopônimos	topônimos relativos às vias de comunicação rural ou urbana	Estradas	
Numerotopônimos	topônimos relativos aos adjetivos numerais	Duas Barras	
Poliotopônimos	topônimos constituídos pelos vocábulos Vila, Aldeia, Cidade, Povoação, Arraial	rio da Cidade	
Sociotopônimos	topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade (largo, pátio, praça)	Sapateiro	
Somatotopônimos	topônimos empregados em relação metafórica à partes do corpo humano ou do animal	Pé de Boi	

Fonte: Elaborado a partir de Dick (1990b)

Esta é a versão utilizada atualmente nos estudos toponímicos brasileiros, por ser a mais completa

Com subdivisões explicativo-distintivas nos antropotopônimos, ergotopônimos, hierotopônimos, que comportam as subclasses de hagiotopônimos e mitotopônimos, além das próprias particularidades da identificação do sagrado, como as designações dos templos religiosos, títulos eclesiásticos ou de congregações, por exemplo (DICK, 2007, p. 466).

Além disso, este modelo de classificação taxonômica é uma das principais ferramentas para a pesquisa toponímica e consegue explicar a motivação semântica de quase todos os topônimos. No entanto, a autora ressalta que:

não são exaustivas em suas ocorrências e, sim, exemplificativas, podendo ser ampliadas em seus categoremas (fitotopônimos, ergotopônimos, somatotopônimos, etc.) à medida que novas estruturas vocabulares se constituam, respeitando sempre o modelo originário, assim descrito: adoção de um prefixo nuclear (greco-latino) de característica nocional, relativo a um dos dois campos de ordenamento cósmico, o físico e o humano; acréscimo do termo “topônimo” ao elemento prefixal, para dar a justa medida do campo de atuação da unidade onomástica criada (DICK, 1999, p. 142).

Logo, não se trata de uma classificação fechada, mas com possibilidades de elaboração de novas taxonomias. Por outro lado, estas não podem, nem devem ser criadas aleatoriamente, mas respeitando os critérios acima apresentados pela pesquisadora e, conforme as reais necessidades percebidas por meio de novas pesquisas

sobre os topônimos. Com este modelo, acreditamos ser possível mostrar que, em algum momento, o topônimo mostra alguma motivação figurativa que tem relação direta ou indireta com o local nomeado. Isso porque, a maioria dos nomes de lugares atua como uma representação do real, seja por meio da demonstração de aspectos físicos ou não físicos, ativando imediatamente uma representação mental do referente, revelando o caráter icônico do topônimo (DICK, 1990b).

Entretanto, outras taxonomias ou novas contribuições, desde que não seja de modo arbitrário, podem ser elaboradas por novos pesquisadores, o que tende a acontecer, uma vez que nas últimas décadas, os estudos toponímicos têm se destacado no Brasil. As contribuições de Isquierdo (1996), por exemplo, são acrescentadas, quando, após estudar os topônimos dos seringais acreanos propõe, justificadamente, uma subdivisão para as categorias dos animotopônimos em: a) eufóricos, aqueles representados por lexias que transmitem sensação agradável, expectativas otimistas, como *Liberdade*, *Esperança* etc. e; b) disfóricos, aqueles representados por lexias que transmitem sensação desagradável, expectativas não muito otimistas como *Confusão*, *Encrenca* etc.

Salazar-Quijada (1985) estende o conceito de Dick (1990b) de que somatotopônimos são os que fazem relação metafórica a partes do corpo humano ou animal para topônimos que se referem às características físicas humanas, partes do corpo, *postura do corpo*, ou alguma enfermidade ou doença, como *Las Bonitas*, *Las Caras*, *El Agachado*, *La Fiebre*, *El Dolor*.

Outra contribuição referente às taxes propostas por Dick (1992b) é de Glauciane Faria (2017), que propõe uma subdivisão taxonômica para os antropotopônimos. A autora justifica que, antes de qualquer título, a pessoa já era conhecida pelo seu nome de batismo. Portanto, a priori, os axiotopônimos e historiotopônimos são antropotopônimos, ou seja, surgiram a partir de um nome próprio de pessoa. Faria (2017, p.111-112) propõe a seguinte classificação: *antropotopônimos* (referente aos nomes de pessoas que se tornaram topônimos), *antropo-axiotopônimos* (aqueles topônimos que são identificados por nomes de pessoas precedidos dos títulos e dignidades), *antropo-historiotopônimos* (são os topônimos que, além de homenagear uma pessoa, homenageia, também, o papel histórico exercido por ela) e *antropo-axio-historiotopônimos* (aqueles topônimos que são antropônimos, são axiotopônimos e, também, são historiotopônimos).

3.2.3 Panorama dos estudos toponímicos

A Onomástica é uma subárea da *Lexicologia* responsável pelo estudo dos nomes próprios. Dentro da *Onomástica*, encontra-se a *Toponímia* que, inicialmente, tinha como objetivo fazer uma análise etimológica dos nomes de lugares de origem indígena.

Na França, desde 1878 a Toponímia era uma disciplina científica introduzida na *École Pratique des Hautes-Études* por Auguste Longnon. Contudo, apenas 48 anos após, surgiram as primeiras diretrizes para estudos toponímicos, com um dos pioneiros no estudo da Onomástica, Albert Dauzat (1926), para quem:

a Toponímia, conjugada com a história, indica ou torna precisos os movimentos antigos dos povos, as migrações, as áreas de colonização, as regiões onde tal ou tal grupo linguístico deixou seus vestígios. [...]. Ela nos ensina como se operou a aculturação do solo nas épocas gaulesa, galorromana e franca; ela nos informa sobre as relações entre o homem e a terra, fazendo pressentir desde o século III, através de uma simples mudança de nomes de fortalezas, toda a germinação do regime feudal (DAUZAT, 1926, apud FAGGION; MISTURINI, 2014, p.149, tradução dos autores).

O autor já assinalava a relação entre a Toponímia, a História e Cultura de um povo. Para Dauzat (1926), a nomeação se dava por meio de dois ângulos: séries lógicas e categorias históricas, apresentando uma proposta de divisão dos topônimos franceses em dois campos de influências: o da geografia física e da geografia humana.

Em Portugal, ao estudar os nomes de lugares, Leite de Vasconcellos (1931) propôs classificar os nomes em três seções: a) por línguas; b) por modos de formação dos topônimos e; c) por categorias, segundo as causas de origem. Referente à formação dos topônimos eram utilizados, para a pesquisa, os estudos gramaticais do sintagma nominativo e, para as categorias classificatórias, foram consideradas as causas (fauna, flora, religião, história) que lhe deram origem. Tanto os estudos toponímicos de Dauzat (1926) quanto os de Leite de Vasconcellos (1931) ressaltaram a importância dos nomes geográficos como fonte de resgate das características naturais e socioculturais do meio ambiente em que se encontravam registrados.

Outro pesquisador, um dos pioneiros no estudo da Toponímia Indígena e dos mais conhecidos colaboradores dos estudos toponímicos, de renome mundial, foi o toponímista americano George Stewart que, em 1954, enfocou os meios pelos quais se dá nomes aos lugares, afirmando que toda nomeação de lugares tem como objetivo

básico identificar um lugar e o distinguir dos outros nomes²⁴. A partir desses meios, o toponímista mostrou as 9 possibilidades de categorias discriminativas já citadas para classificar os topônimos. Stewart (1954) já assinalava a recorrência dos nomes descritivos como um dos mecanismos mais produtivos para se dar nome a um lugar, podendo ser uma característica permanente ou transitória a causa denominativa para escolha do nome do acidente.

No Brasil, os primeiros estudos toponímicos tiveram início com a obra de Theodoro Sampaio "*Tupi na Geografia Nacional*" (1901) e, em seguida, 59 anos, "*Toponímia Brasílica*" (1961), de Levy Cardoso. Na época do estudo de Cardoso (1961), de acordo com Andrade (2010), a disciplina Toponímia já fazia parte da grade curricular da Universidade de São Paulo (USP), fato que aconteceu em 1944.

Tal como consta em Dick (1990a), Carlos Drummond, quando publicou sua tese denominada "*Contribuições do Bororo à Toponímia Brasílica*" (1965), salientou que “o estudo dos nomes de lugares, dentro dos estudos brasileiros, não era bem cuidado, sendo relegado a segundo plano”, chegando a evidenciar que o Brasil “não possuía, até então, verdadeiros toponimistas” (DICK, 1990a p. 11). Isso porque, os estudos, quando realizados, eram, na maioria das vezes, sem uma metodologia apropriada e consistiam apenas em enumerar os nomes de origem indígena e, algumas vezes, com uma possível explicação etimológica. A partir desta constatação, a professora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick iniciou sua dedicação ao estudo da Toponímia no Brasil e hoje é referência para qualquer estudo toponímico pretendido.

É inquestionável a contribuição de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick para os avanços das investigações toponímicas do Brasil, desde seus primeiros estudos até a proposição e criação do projeto Atlas Toponímico do Brasil (ATB)²⁵, desenvolvido na Universidade de São Paulo (USP). O objetivo do Atlas é reconhecer a toponímia do país sob os pontos de vista lexical, etimológico, morfossemântico e etnolinguístico, levando à percepção por meio das designações dos motivos socioculturais predominantes na Onomástica brasileira. Como desdobramento do ATB, surgiram o Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (ATEMIG), o Atlas

²⁴ All naming of places stems from basic motive, that is the desire to identify a place and thus distinguish it from others" (STEWART, 1954, p.46).

25 Projeto que teve como primeira coordenadora a professora Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick.

Toponímico do Estado do Maranhão (ATEMA) e o Atlas Toponímico do Estado do Mato Grosso do Sul²⁶ (ATEMS).

Em Minas Gerais, o ATEMIG²⁷ teve início em fevereiro de 2005 objetivando coletar e analisar topônimos de várias regiões que compõem o estado mineiro. O projeto segue as categorias taxonômicas sugeridas por Dick (1990b) e adota o *método das áreas* “ou dialetológico”, de Dauzat (1926). De acordo com Seabra (2008), os objetivos básicos do projeto são:

- a) reconhecer remanescentes lexicais na rede topográfica mineira cuja origem remonta a nomes portugueses, africanos, indígenas, dentre outros;
- b) estudar o padrão motivador dos nomes, resultante das diversas tendências étnicas registradas (línguas indígenas, africanas e de imigração); e
- c) buscar a influência das línguas em contato no território (fenômenos gramaticais e semânticos).

O projeto teve início com a análise dos nomes dos municípios, seguindo a divisão territorial do Estado, objetivando identificar as causas denominativas dos nomes de acidentes geográficos, promovendo um detalhamento da topografia por meio do levantamento dos nomes dos povoados, rios e outros acidentes documentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

De acordo com Seabra (2008, p.1950), as análises já concluídas revelam que as três taxonomias mais recorrentes no Jequitinhonha/Mucuri, tomando como base os nomes dos municípios são: hidrotopônimos em primeiro lugar com o maior número de ocorrências, seguido dos fitotopônimos em segundo lugar, ambos de natureza física. Em terceiro lugar no número de ocorrências, estão os antropotopônimos, de natureza antropocultural. A pesquisa constatou ainda que os “hagiotopônimos, ou seja, os nomes de santos, é recorrente, predominando em todo o estado, com exceção das regiões Noroeste, Jequitinhonha e Triângulo” (SEABRA, 2008, p.1951).

Além do atlas topográfico de Minas Gerais, diversos trabalhos na área topográfica vêm sendo desenvolvidos no Brasil e em Minas Gerais, evidenciando que os estudos dos nomes de lugares têm ganhado destaque no meio acadêmico. Esta pesquisa tende a contribuir com o ATEMIG e com os estudos sobre os topônimos do Brasil, uma

²⁶ Assim como o ATEMA é supervisionado pela Prof.^a. Dr^a. Aparecida Negri Isquierdo, da UFMS PPGL/UFMS.

²⁷ Coordenado pela Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.

vez que comunga objetivos do projeto e de outros trabalhos toponímicos já desenvolvidos.

3. 3 LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE

Em uma seleção de artigos de Sapir, produzidos entre o período de 1911 a 1929, traduzidos por Mattoso Câmara Júnior (1969), o autor defende uma inter-relação homem-ambiente-língua-cultura. Para Sapir (1969[1929]), a forma linguística não está desligada de um conteúdo significativo e, cada vez mais, a língua vem se tornando um instrumento valioso de estudo científico de uma dada cultura. Isso porque, “em certo sentido, a trama de padrões culturais de uma civilização está indicada na língua em que essa civilização se expressa” (SAPIR, 1969[1929], p. 20), afirmação que ratifica a concepção de língua como produto cultural ou social.

Assim sendo, os estudiosos das culturas humanas precisam conhecer os mecanismos e desenvolvimentos históricos das línguas, uma vez que, com esta concepção, a linguagem se torna o direcionamento para a realidade social ou, nas palavras do autor, “*o guia da simbolização da cultura*” (SAPIR, 1969[1929], p.21). Concordamos com o autor ao dizer que é ilusório querer explicar todo traço de cultura humana, como proveniente apenas da ação do ambiente físico, pois as forças sociais podem mudar ou consolidar estas influências ambientais.

Quando se fala em forças sociais ou ambiente social, estão incluídos os aspectos geográficos, históricos e socioculturais de uma região, que são revelados por meio do léxico da comunidade. E estes aspectos podem ser melhor entendidos através do estudo lexical de uma comunidade, que auxilia muito no estudo dos fenômenos sociais, ultrapassando investigações que poderiam não ser levadas em conta, pois

O léxico da língua é que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes. O léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de todas as idéias, interesses e ocupações que acombarcam a atenção da comunidade; e, por isso, se houvesse à nossa disposição um tesouro assim cabal da língua de uma dada tribo, poderíamos daí inferir, em grande parte, o caráter do ambiente físico e as características culturais de um povo considerado (SAPIR, 1969[1911], p.45).

Aplicando esta afirmação aos nomes de lugares, podemos ponderar que o léxico toponímico de uma dada comunidade revela aspectos peculiares, referentes aos fatores

históricos, sociais e culturais da localidade onde se encontram. Ademais, os topônimos possuem um grande valor documental, visto que o denominador, na maioria das vezes, ao fazer sua escolha lexical dentro de um repertório linguístico, busca palavras que representam o ambiente ao seu redor, sejam aspectos físicos ou antropoculturais.

Na visão do linguista francês Émile Benveniste (1989):

A língua engloba a sociedade de todos os lados e a contém em seu aparelho conceitual, mas ao mesmo tempo, em virtude de um poder distinto, ela configura a sociedade instaurando aquilo que se poderia chamar o semantismo social. [...] O vocabulário fornece aqui uma matéria muito abundante, de que se servem historiadores da sociedade e da cultura. O vocabulário conserva testemunhos insubstituíveis sobre as formas e as fases da organização social, sobre os regimes políticos, sobre os modos de produção que foram sucessivas ou simultaneamente empregados etc. (BENVENISTE, 1989, p. 100).

O que nos leva a compreender que a língua reflete os aspectos socioculturais de uma comunidade, o que vem nas últimas décadas sendo exposto de maneira mais explícita por diversos pesquisadores. Para Duranti (2000), “uma língua é mais que um conjunto de categorias fonológicas, morfológicas, sintáticas e uma série de regras para seu uso. Uma língua existe no contexto de práticas culturais [...]”²⁸. Por isso,

adquirir uma língua significa fazer parte de uma comunidade de pessoas que participam de atividades comuns através do uso, ainda que incompleto, de uma variedade de recursos comunicativos compartilhados (DURANTI, 2000 p. 447).

Assim sendo, os signos linguísticos utilizados pelos falantes de uma determinada comunidade na função toponímica podem revelar as crenças e costumes daquele lugar, o que eles sabem ou acreditam a partir de suas práticas culturais. Isto porque o léxico, em qualquer época, funciona como “um conjunto de símbolos, referentes ao quadro cultural do grupo” (SAPIR, 1969[1929], p.51). Por intermédio da linguagem, os falantes exteriorizam seus valores, a construção das suas histórias de vida e do lugar em que residem. Podemos afirmar que é a linguagem a responsável por ligar os indivíduos aos grupos e comunidades a que pertencem ou, como frisado por Duranti (2000, p. 23), “a linguagem é parte da cultura, e que, dessa forma, as línguas categorizam o mundo natural”.

28 Duranti (2000, p. 104) "Uma lengua es más que un conjunto de categorías fonológicas, morfológicas, sintácticas o léxicas y una serie de regias para su uso. Una lengua existe en el contexto de prácticas culturales..."

Sobre cultura, Diegues Júnior (1960), que dividiu o Brasil por regiões culturais, menciona que antes já haviam sido feitas estas divisões por outros pesquisadores, porém, tendo como base apenas um elemento: a língua. Tristão de Ataíde analisou o Brasil sob o ponto de vista de condições psicológicas das populações e assim o classificou: o Litoral e o Sertão; a cidade e o campo; o Norte e o Sul. Joaquim Ribeiro usou para a classificação o termo áreas de homogeneidade cultural, ficando assim: área de civilização costeira; área da civilização agrícola; área da civilização pastoril; área da civilização mineira; área da civilização platina; área da civilização amazônica. Donald Pierson e M. Wagner da Cunha encontrou no Brasil as seguintes áreas culturais: a faixa costeira (Ceará a São Paulo); a floresta tropical; áreas montanhosas de floresta densa; a caatinga do Nordeste; os campos do interior. Temos ainda Charles Waglei, para quem temos: Vale do Amazonas; costa do Nordeste; Nordeste árido; Estados industriais do Centro e a fronteira do Oeste. Por fim, Preston James viu o território brasileiro dividido em 7 regiões culturais: o Norte; Nordeste; Litoral do Leste; Sudeste; São Paulo; Sul e Sertões. Sobre estas divisões culturais do Brasil, Diégues Júnior profere

(...) esta caracterização de região cultural no Brasil, deve partir do processo de ocupação humana e aí, dando-se a mão a base geográfica e a formação histórica, seguir para o exame de desenvolvimento daquele processo, através do comportamento do colonizador nas suas relações com o ambiente. Relações geralmente diversificadas, tendo em vista as peculiaridades do meio, ambiente a proporcionar riquezas naturais diferentes, atraindo de maneira igualmente diferente a adaptação do colonizador (DIÉGUES JUNIOR, 1960, p.13-14).

O autor buscou no processo de ocupação humana elementos como tipo de atividade agrícola, mineração, pecuária e outras atividades econômicas que o oferecesse base para propor a classificação das regiões culturais do Brasil. Após esta análise, ele propôs a divisão do Brasil em 10 regiões culturais: Nordeste Agrário; Mediterrâneo Pastoril; Amazônia; Mineração; Centro-Oeste; Pastoril do Extremo Sul; Colonização Estrangeira; Café; Cacau e Sal, conforme mapa abaixo.

Figura 12: Mapa das Regiões Culturais do Brasil



Fonte: Diégues Júnior, 1960.

Com base na divisão de Diégues Júnior (1960), a região do Jequitinhonha faz parte da região da Mineração, caracterizada como uma região de verdadeiro cruzamento de formação, de mestiçagem entre negros, brancos, indígenas. A partir dos séculos XIX e início do século XX, foram vários os imigrantes na região das minas e, nas palavras de Diégues Júnior

Não apenas gente do Nordeste, e em especial escravos negros, como também portugueses e outros alienígenas se encaminharam para aquela área. Aos bandeirantes paulistas, desbastadores e conquistadores, vieram-se juntar baianos e pernambucanos, chegados pelos caminhos do São Francisco, e reinóis de várias origens (DIEGUES JÚNIOR, 1960, p.243).

Esta mistura de culturas, de povos vindos de vários lugares, pode estar refletida no léxico toponímico da região, pois no estudo dos nomes dos lugares são consideradas as interações sociais que possivelmente motivaram a escolha de uma determinada lexia para a denominação. Tuan (1983) ressalta que “o espaço se transforma em lugar à medida que adquire definição e significado” (TUAN, 1983, p.151). No ato de nomeação de lugares, inicia-se a construção identitária de uma localidade, o sentimento de pertencimento e, aos poucos, o que era apenas um signo linguístico se transforma em

um verdadeiro depósito cultural, por meio do qual podemos descobrir costumes e crenças de um povo.

Dick (1990a) enfatiza que a atribuição dos nomes próprios de lugares é uma prática exercida pelo homem desde os primeiros tempos alcançados pela memória humana. Assim, fica evidente que, ao se propor reflexão sobre a prática da nomeação de acidentes físicos e humanos de uma região, é necessário, antes de tudo, levar em conta que esse processo se constitui na relação entre ambiente, cultura e vida de um povo.

A necessidade de estudar a história de uma cidade ou região, sua cultura e motivos para determinadas escolhas linguísticas, justifica-se porque “o léxico só pode ser adequadamente interpretado quando analisado a partir do contexto em que foi enunciado” (LEITE, 2003, p.29). O estudo dos topônimos de uma região confirma a menção de Dick (2007) de que a “Onomástica (...) é indício de rumos tomados pelos falares ao longo dos períodos históricos, de comportamentos presentes no cotidiano e de atitudes morais ou operosas valorizadas pela população”(...) (DICK, 2007, p.144).

Tendo em vista a relação da língua com seu contexto histórico, social e cultural, condizente com as condições de produções de sentido de que os falantes fazem uso e que adquirem diferentes interpretações, é importante conhecer os nomes de lugares e os momentos históricos, sociais e culturais da comunidade no ato de nomeação. Os nomes de lugares ligados à história são veículos de ideologia, pois "o sistema denominativo que aciona é, assim, um reflexo de tudo aquilo que representa, cumulativamente, hábitos, usos, costumes, moral, ética, religião" (DICK, 1996, p. 13). Portanto, os estudos onomásticos vão além de aspectos relacionados somente com as questões linguísticas, embora o fator linguístico seja o “antecedente motivador do batismo de pessoas ou lugares, segundo as tendências assimiladas pelo grupo” (DICK, 2007, p. 144).

Os estudos toponímicos permitem identificar fatores sociais e culturais de uma região, um dos objetivos do trabalho pretendido, fato também ratificado por Faggion, Dal Corno e Frosi (2008), ao explicarem que os topônimos são sinais importantes, indicativos da cultura, da história e da linguagem de um povo. Dessa forma, informações históricas e transformações socioculturais de um povo podem ser resgatadas por gerações futuras a partir do estudo dos topônimos.

As mudanças socioculturais e linguísticas não ocorrem paralelamente, podendo-se notar a tendência conservadora, muito mais profundamente na língua, do que na cultura (Sapir, 1969[1911]). Mas, ainda assim, elas estão em constante interação e o

léxico reflete os diferentes momentos de uma sociedade, tal como afirmado por Seabra (2004, p. 34):

como portadoras de significado, as unidades lexicais refletem os diferentes momentos da história de uma sociedade, enquanto recortam o universo em categorias que variam exprimindo visões particulares de mundo. Desse modo, como reflete a multiplicidade do real, constitui a reserva onde as pessoas dispõem as palavras ao ritmo de suas necessidades (SEABRA, 2004, p.34).

Mesmo que as formas linguísticas não mudem tão rapidamente como as culturais, sempre que ocorrer uma mudança sociocultural significativa, as pessoas dispõem de lexias que, modificadas ou não, podem ser utilizadas quando necessário. Realizar estudos topográficos levando em conta os topônimos como fontes de intersecções língua-cultura é ratificar que as crenças, impressões e características físicas de um local se encontram reveladas e ou impressas nestes designativos.

A Onomástica tem uma indubitável importância como fonte de resgate sociocultural de uma região, como evidenciado por Leite de Vasconcellos (1931, p. 312) quando afirma que:

as invasões passam, os costumes modificam-se ou desaparecem, as condições físicas do solo variam, e, contudo, os nomes lá ficam muitas vezes, como marcos esquecidos, como sentinelas do passado, a revelar grande número de factos que de outro modo nos seriam inteiramente desconhecidos.

Os topônimos são instrumentos para conhecimento da história de uma região, suas crenças, as características físicas do ambiente, sua topografia e fatos culturais marcantes na localidade.

Nesta perspectiva, o estudo dos topônimos de um lugar pode ser mais uma das formas de se confirmar a inter-relação entre léxico e cultura, segundo a menção de Seabra (2004, p. 18) de que “os topônimos detêm a função conservadora das tradições e dos costumes de uma comunidade, na medida em que se utilizam de sua cultura linguística para nomear acidentes geográficos”. Esta mesma autora, em 2015, reitera que “o patrimônio lexical de uma língua constitui um arquivo que armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade” (SEABRA, 2015, p. 73).

Nesta mesma linha, Antunes (2007) assevera que o léxico “é mais do que um repertório de unidades. É um depositário dos recortes com que cada comunidade vê o mundo, as coisas que a cercam, o sentido de tudo” (ANTUNES, 2007, p. 42). Portanto,

os vocábulos constituintes do léxico de uma língua refletem o patrimônio histórico e sociocultural de uma determinada comunidade ou, de acordo com Melo (2012), estudos toponímicos podem ser tomados como “um indicador cultural, uma vez que o modo como a língua retrata a visão de mundo de um povo evidencia a inter-relação que se estabelece entre língua, cultura e sociedade” (Melo, 2012, p. 66).

Apresentamos, nesta seção, uma síntese sobre as relações entre o léxico, cultura e sociedade. É no convívio social que os falantes têm a necessidade de se referir e fazer o uso de suas escolhas lexicais, possibilitando a criação de nomes e significados para pessoas, objetos ou lugares que estão ao seu redor. A partir dessa interação e da prática social é que vão surgindo as crenças, costumes e culturas que constituem a história de uma língua e de um povo. Corroborando Dick (2004), o nome é “um verdadeiro marcador existencial, aquilo que confere ao lugar personalidade jurídico-administrativa capaz e pertinente” (DICK 2004, p. 39) e, mais que isso, é fonte de memória afetiva por meio da qual identificamos raízes individuais e coletivas em uma comunidade.

No próximo capítulo, delineamos o percurso metodológico que perfizemos na presente pesquisa.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, exibimos todo o percurso metodológico para constituição do nosso *corpus*, constituído de 252 topônimos. Iniciamos com os nossos objetivos e, na sequência, salientamos o tipo de pesquisa e instrumentos utilizados.

4.1 TIPO DE PESQUISA E INSTRUMENTO UTILIZADO

Em relação ao tipo de pesquisa, foi realizada uma investigação descritiva, predominantemente qualitativa. Para Gil (1999), a abordagem qualitativa é uma forma de abordagem que permite ao pesquisador se aprofundar nas questões referentes a um fenômeno específico, em estudo e nas suas relações, sendo mais participativa, valorizando o contato direto, estando sempre aberto às individualidades e ao surgimento de significados múltiplos, que podem direcionar os rumos da pesquisa. Neste tipo de abordagem, mesmo que o foco seja buscar o que é comum, valoriza-se muito o processo e não se descarta o quantitativo, pois são estes dados que direcionam a análise qualitativa.

Sobre as fontes de pesquisa, de acordo com a toponímista Dick (1990b),

há um consenso unânime entre os toponimistas de pesquisar as origens da denominação em duas fontes principais, uma reputada espontânea ou popular, sem uma autoria identificável à primeira vista, porque nascida no seio da população e não individualizada; e, outra, conhecida como sistemática ou oficial, atribuída aos descobridores, aos dirigentes ou ao poder de mando, legitimamente constituído ou não (DICK 1990b, p.49).

Na presente pesquisa, que se encontra cadastrada na Plataforma Brasil a partir do Parecer 4.512.831 e CAAE (Certificado de Apresentação de Apreciação Ética) 39316820.1.0000.5149, utilizamos duas fontes principais: a espontânea e a sistemática.

Como instrumento para coleta dos dados orais, elaboramos um roteiro com temas a serem abordados, com base no qual o informante, sem ter uma lista padronizada de respostas, abordou tópicos de interesse do pesquisador, de forma mais livre. Tal procedimento é denominado como entrevista semiestruturada que, para Triviños (1987, p. 146), ocorre por meio de questionamentos básicos, sustentados por teorias e hipóteses relacionadas ao tema da pesquisa podendo, inclusive, fazer surgir novas hipóteses.

Além disto, nas palavras do autor, este tipo de entrevista “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” (TRIVIÑOS, 1987, p. 152), além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações.

Por não ter uma lista padronizada de respostas, foi elaborado um roteiro direcionador com os temas infância, fatos marcantes na região, locais preferidos, locais de diversão no lugar, principais córregos, lagoas, animais e plantas da região, conforme demonstrado abaixo no quadro 3. Segundo este roteiro, foi elaborada uma lista com algumas perguntas norteadoras empregando pronomes *como, onde, quando*, dentro de temas que favoreceriam conter, nas respostas dos entrevistados, nomes de lugares, conforme consta no quadro 4.

Quadro 3: Roteiro direcionador

1. Local de nascimento do (a) entrevistado (a);
2. Tempo de residência no município;
3. Local de nascimento dos pais;
4. Local onde estudou;
5. Local das brincadeiras de infância;
6. Relatos da juventude, emprego;
7. Locais de diversão, passeios e reuniões dos finais de semana;
8. Infraestrutura do município antigamente;
9. Flora e fauna da região;
10. Escassez de água na região, os lugares para se pescar, tomar banho;
11. Local de brincadeira, estudo e passeio dos filhos;
12. A parte rural do município, as fazendas;
13. Lembrança de algum fato marcante do município;
14. Presença de indígenas na região;
15. Enchentes da região;
16. Crença religiosa;
17. Meios de transporte da região.
18. A vida no município.

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Quadro 4: Perguntas norteadoras

1. Onde você nasceu?
2. Você reside neste município há quanto tempo?
3. Onde seus pais nasceram?
4. Você frequentou escola? Em qual escola você ia e onde fica a escola?
5. Sobre sua infância? Como foi? Pode, por favor, me contar onde brincava, onde passeava e o que se fazia para divertir.
6. Na sua adolescência e juventude tem algum relato importante que te marcou? Algum lugar que ia se divertir, algum lugar que ficou na sua memória. As pessoas trabalhavam onde?
7. Onde as pessoas daqui se divertem, saem para passear, se reunir com os amigos, parentes? Tem algum lugar específico?
8. Você lembra como aqui era antigamente? Pode, por favor, me falar um pouco sobre o que melhorou, como era a região.
9. Nesta região teve ou tem muitos animais selvagens? Quais os principais? E plantas? Quais são as plantas típicas daqui? São as mesmas de antigamente? Como você acha que está a preservação dos

animais e plantas desta região?

10. Vocês têm muita água por aqui, rio, córregos, lagoas? Tem o hábito de pescar? Onde pescam? Qual rio tem mais peixe, por aqui? Todos os córregos daqui ainda correm água? Por que você acha que secaram tantos córregos e ribeirões da região?
11. Você tem filhos, sobrinhos, primos ou amigos crianças? Onde eles brincam, estudam e se divertem?
12. Você conhece bem a parte rural deste município? Como é? Tem muitas fazendas, sítios e animais?
13. Existe algum fato marcante para você que aconteceu aqui neste lugar? O que foi? E por que você acha que é marcante para o município?
14. Por aqui existem indígenas? Sempre existiu? O que você sabe sobre os povos indígenas da região, a importância deles para a região etc.
15. Em 1979, teve uma enchente que destruiu a parte baixa de Araçuaí? Você já ouviu falar? Aqui no seu município também teve alguma enchente que marcou o município? (Se não for informante de Araçuaí).
16. Você tem alguma crença religiosa? Qual? Onde é a igreja que você frequenta? Tem muitas igrejas por aqui?
17. Hoje sabemos que motocicletas, carros são principais meios de transporte. Antigamente quais os meios de transportes utilizados aqui?
18. O que você tem a falar sobre o Vale do Jequitinhonha? Por favor, resuma, como é a sua vida aqui, o que gosta e o que não gosta, se tem vontade de se mudar para outro município, o porquê de querer ou não sair de onde mora.

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Em razão da modalidade de entrevista ser mais flexível, durante algumas delas surgiram outros assuntos que, embora não constassem neste roteiro, não foram ignorados, propiciando mais espontaneidade por parte do entrevistado.

4.2 CONSTITUIÇÃO DO CORPUS E SEU ITINERÁRIO

Em razão do tipo de análise pleiteada e da hipótese aqui defendida - da existência de uma relação entre o processo de nomeação dos acidentes geográficos do Médio Jequitinhonha e o seu contexto histórico e sociocultural, então vigorante no ato da nomeação, elegeu-se como ação inicial a coleta de topônimos da região por meio de contextos orais. Para isso, foram realizadas 24 entrevistas semiestruturadas com moradores dos 8 municípios que compõem a Região Imediata de Araçuaí, para coleta dos 252 topônimos que constituem o *corpus* desta pesquisa.

Na sequência, a fim de verificar se estes topônimos encontravam-se registrados em documentos escritos, foram consultadas as seguintes cartas geográficas elaboradas pelo IBGE (2010) em uma escala 1:100.000: 1) carta geográfica de Araçuaí; 2) carta geográfica de Berilo; 3) carta geográfica de Coronel Murta; 4) carta geográfica de Francisco Badaró; 5) carta geográfica de Itinga; 6) carta geográfica de Jenipapo de Minas; 7) carta geográfica de José Gonçalves de Minas e 8) carta geográfica de Virgem da Lapa. Além destes documentos cartográficos, foram consultados outros documentos antigos e documentos históricos disponibilizados por Santos e Seabra (2017) em Toponímia Histórica de Minas Gerais: do Setecentos ao Oitocentos Joanino – Registro

em Mapas da Capitania e das Comarcas. Em seguida voltou-se ao presente para a análise dos dados coletados.

4.2.1 Seleção e perfil dos informantes

Tarallo (1997, p. 27) evidencia que “devemos entrar em uma comunidade através de terceiros, isto é, de pessoas que já mantêm um vínculo dentro da comunidade e que são bem aceitas e quistas naquela localidade”. Seguindo esta orientação, as entrevistas foram realizadas com pessoas dos oito municípios que compõem a Região Imediata de Araçuaí, a partir de indicação de pessoas que já mantinham algum vínculo com os respectivos municípios. A fim de estabelecer os primeiros contatos com pessoas dos municípios, foi feita uma postagem na rede social da pesquisadora e professora da rede pública de ensino, isto é, no *Facebook*, com os seguintes dizeres:

Caros alunos e ex-alunos, estou desenvolvendo uma atividade acadêmica na qual preciso conhecer bem a região. E para conhecer melhor preciso conversar com algumas pessoas que atendam os seguintes critérios: ser dos municípios de Araçuaí, Berilo, Coronel Murta, Francisco Badaró, Itinga, Jenipapo de Minas, José Gonçalves de Minas e Virgem da Lapa e ter mais de 18 anos. Caso possam colaborar, me indicando pessoas, favor me chamarem no privado. Grata. Shirlene Rocha, 2020.

A partir da postagem, muitas pessoas entraram em contato querendo colaborar e/ou indicar algum conhecido. Em pouco tempo, já havia sido formada uma rede de contatos e foi dado início ao primeiro contato com os futuros entrevistados, a fim de estabelecer a relação de confiança que favoreceria a espontaneidade durante a entrevista.

Sobre o perfil dos informantes, a presença do componente social na análise linguística é o ponto fundamental na abordagem laboviana. Labov (2008[1972]) cita como principais condicionadores sociais relacionados à variação o grau de escolaridade, o nível socioeconômico, o sexo/gênero e a faixa etária. Para este estudo, no entanto, entendemos que o fator favorável para o uso de um topônimo atual ou antigo, assim como o conhecimento ou não de determinado nome, é a faixa etária e ter nascido ou vivido a maior parte da vida na região. Por isso, estes foram os dois fatores observados na seleção dos informantes e os condicionadores sexo, escolaridade e nível socioeconômico não foram levados em consideração.

Neste sentido, foram realizadas 3 entrevistas com pessoas de faixas etárias distintas em cada um dos 8 municípios, totalizando 24 entrevistas, assim distribuídas:

- a) em relação à faixa etária: foram oito informantes com idades entre 18 e 39 anos, oito informantes com idades entre 40 e 59 anos e oito informantes com mais de 60 anos;
- b) em relação à naturalidade: três entrevistados de Araçuaí, três entrevistados de Berilo, três entrevistados de Coronel Murta, três entrevistados de Francisco Badaró, três entrevistados de Itinga, três entrevistados de Jenipapo de Minas, três entrevistados de José Gonçalves de Minas e três entrevistados de Virgem da Lapa.

4.2.2 Trabalho de campo para as entrevistas acima citadas

Antes da ida a campo para a realização das entrevistas, foi feito um primeiro contato via telefone com o informante, para uma primeira aproximação, um bate-papo despretensioso. Em relação ao local, a intenção era que as entrevistas ocorressem, preferencialmente, nas residências dos informantes, por se tratar de ambientes mais confortáveis, onde eles possivelmente se sentiriam mais à vontade

Após este primeiro contato, as entrevistas foram agendadas, com uma antecedência de 7 dias. Foram 6 viagens a campo, sempre partindo de Araçuaí, local da residência da pesquisadora. O primeiro percurso foi da cidade de Araçuaí à comunidade de Ijicatu, que fica no município de José Gonçalves de Minas, passando pela comunidade de Cansanção, cidade de Virgem da Lapa e distrito de Lelivéldia. O segundo trajeto foi da cidade de Araçuaí à Coronel Murta, passando pela comunidade de Alagadiço. A terceira viagem foi de Araçuaí a Itinga, passando pela comunidade de Laranjeiras. O quarto percurso foi de Araçuaí a Berilo, passando também em Francisco Badaró. Mais uma viagem a campo, partiu-se de Araçuaí até Jenipapo de Minas. Por fim, o sexto trajeto, foi de Araçuaí a José Gonçalves de Minas.

Os locais visitados foram 12, totalizando 737,6 quilômetros percorridos, a partir de informações do *Google Maps*, resumido no quadro abaixo:

Quadro 5: Viagens e quilometragem percorrida

Percorso	Quilometragem percorrida
1.Araçuaí – Cansanção-Virgem da Lapa- Lelivéldia- Ijicatu	159.2
2.Araçuaí- Alagadiço-Coronel Murta	87.6
3.Araçuaí- Laranjeiras- Itinga	89.8
4.Araçuaí- Francisco Badaró- Berilo	118.8
5.Araçuaí- Jenipapo de Minas	99.8
6.Araçuaí- José Gonçalves de Minas	182.4
Total percorrido	737.6km

Fonte: Elaboração própria, 2022.

4.2.3 Realização das entrevistas

Tendo em vista o momento no qual ocorreram as entrevistas, em que o Brasil e o mundo enfrentavam uma pandemia: a COVID-19, a fim de preservar a saúde dos entrevistados foram necessários alguns ajustes no formato de entrevista previamente estabelecido. Dessa maneira, das vinte e quatro (24) entrevistas realizadas, quinze (15) ocorreram de forma presencial e nove (9) aconteceram de maneira remota, sendo oito por chamadas telefônicas, gravadas pelo aplicativo chamado *gravador de chamadas* e uma pelo *Whatsapp*, pelo fato de a informante não possuir rede telefônica disponível.

Em relação às entrevistas presenciais, foram seguidos todos os protocolos de segurança sanitária estabelecidos pelos órgãos responsáveis como: distanciamento de 2 metros, entrevista fora da residência do informante e ao ar livre, com o uso de máscara e *face shield*, higienização constante das mãos com álcool em gel, sem uso comum de objetos como canetas e celulares, nenhum contato físico como aperto de mão ou abraço, principalmente quando se tratava de informantes idosos. Além dos cuidados sanitários acima descritos, antes de cada entrevista presencial foi realizado o exame de testagem em laboratório e apresentado o resultado aos entrevistados.

4.2.4 Gravações

Antes de cada entrevista foi solicitada a autorização para gravar a conversa em áudio e, posteriormente, lido para o informante o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que se encontra como Apêndice A nesta tese. Após a leitura, para as entrevistas presenciais foi solicitada a assinatura e entregue uma via para o entrevistado, ao passo que a outra via ficou com o pesquisador. Para as entrevistas remotas, foi lido o TCLE e gravada a autorização do entrevistado.

Todas as entrevistas foram realizadas utilizando o celular modelo *j7 prime* da *Samsung*. As entrevistas foram numeradas por faixa etária: de 001 a 008 entrevistados de 18 a 39 anos; de 009 a 016 faixa etária de 40 a 59 anos e 016 a 024 informantes com mais de 60 anos. Buscando manter a confidencialidade dos dados de cada informante, etiquetamos as entrevistas da seguinte forma: os 3 primeiros dígitos referentes ao número sequencial, os próximos 3 referem-se ao município do informante, na sequência 2 letras do alfabeto que correspondem às iniciais do nome e sobrenome do entrevistado, o sexo representado por M (masculino) e F (feminino) e, por fim, a idade. Demonstramos a codificação realizada no quadro abaixo:

Quadro 6: Identificação das entrevistas

18 a 39 anos	40 a 59 anos	Acima de 60 anos
001ARADSM38	009ARADB53	017ARALOM66
002BERGLM18	010BERASF44	018BERIAF60
003CMUERM35	011CMUHFM52	019CMUESM64
004FBAJSM21	012FBAECM42	020FBAMEF66
005ITIMAM19	013ITIJCM45	021ITIDAM72
006JEMCGF36	014JEMFRM46	022JEMMFJ82
007JGMMWM21	015JGMVJM46	023JGMOAF65
008VDLMVM18	016VDLMJF55	024VDLMOF90

Fonte: Elaboração própria, 2022.

4.2.5 Transcrições

Após realizadas as entrevistas, por segurança, os arquivos foram transferidos para um computador e para um *drive* externo, além de uma cópia em *pen drive*, que acompanha esta tese. Posteriormente, foram realizadas as transcrições das 24 entrevistas, conforme modelo abaixo, que totalizaram 318 páginas e que acompanham esta tese, com o nome de arquivo 2- transcrição das 24 entrevistas condensadas em arquivo único.

ENTREVISTA: XXXXXXXXXXXX

Dados do Informante

Informante XX, idade, sexo e naturalidade.

Dados da Entrevista

Data:	Duração:	Local:
-------	----------	--------

Legenda: P=pesquisadora I= informante

As entrevistas foram programadas para ter uma duração de, aproximadamente, 30 minutos. Entretanto, existiram algumas variações, sendo a 013ITIMAM19 com duração de 24 minutos e 6 segundos e a 008CMUHFM52 com duração de 51 minutos e 57 segundos. Todas as transcrições foram realizadas seguindo o modelo de transcrição abaixo²⁹ com adaptações, quando necessárias, e totalizaram 318 (trezentos e dezoito) páginas, que acompanham esta tese como anexo.

O modelo de transcrição seguido traz as seguintes orientações gerais: a transcrição não será sobrecarregada de símbolos; deverá ser adequada aos fins; deverá permitir a compreensão do significado do texto; deverá respeitar o vocábulo mórfico como unidade gráfica (Ferreira Netto & Rodrigues, 2000); deverá tentar facilitar para o leitor a criação de uma ‘imagem’ do texto elaborado no plano da oralidade.

Quadro 7: Regras de transcrições a serem utilizadas

O que não será registrado	O que será obrigatoriamente registrado
O alçamento das postônicas não será registrado ex.: carne=carni namorado=namoradu A ideia é: o que é categórico, não-marcado no dialeto não precisa ser registrado)	<p>a) alteamento/abaixamento das pretônicas Pirdi=perdi Reberão= ribeirão // premero= primeiro</p> <p>b) a redução dos ditongos [ow]; [ey]; [ay], serão grafados ortograficamente como pronunciados. Dotô=doutor Falô=falou; Primero=primeiro; Reberão=ribeirão</p> <p>c) ausência do -r no final dos nomes: doutor = dotô - Ausência do -r final em verbos: falá=falar; comê=comer - Ausência do -r- no meio de vocábulos: pá=prá; madugada=madrugada</p> <p>d) ausência do -m final, desnasalização: homem=home; garagem=garage</p> <p>e) nasalização de segmentos normalmente não-nasalados deverão ser marcadas com o til: assim termos ïlusão e ïzame. (Clicar em inserir símbolos, latim estendido e lá há todas essas possibilidades do ~ com vogais como e, i e u - Times New Roman).</p> <p>f) prótese: as próteses serão marcadas ortográficamente, como pronunciadas: Izé= Zé;</p>

29 Regras utilizadas pelo projeto "Pelas Trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais" FAPEMIG-SHA844/2 (2002-2005), coordenado pela Prof.^a Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen e usado por outros pesquisadores como Seabra (2004), Mendes (2009), Carvalho (2010) e Santos (2012).

	<p>ieu=eu; aleembrá=lembra g) supressão de consoantes, vogais ou sílabas finais, serão marcadas com '.</p> <p>Mai' ~ mais; ago' ~ agora</p> <p>h) paragoge: mali= mal</p> <p>i) iotização, grafando com i: fia = filha; jueio= joelho</p> <p>j) aglutinação, com apóstrofo: dex'eu = deixa eu; pr'eu ~ para eu</p> <p>k) pronomes <i>ele</i>, <i>ela</i>, <i>eles</i>, <i>elas</i> e <i>eu</i> serão grafados como realizados: eis=eles; ê =ele; ea =ela; eas = elas</p> <p>l) casos de <i>uma</i>, <i>alguma</i>, <i>nenhuma</i>, etc, marcar com til: ùa ~ uma; algùa ~ alguma</p> <p>m) variação fonética do s – será grafada como efetivamente realizada. Ex.: mermo ~ mesmo; memo</p>
	<p style="text-align: center;">Indicações de:</p> <p>a) pausa: ...; b) inaudível ou hipótese do que foi ouvido (); c) comentários: (()); d) sobreposição de fala: { }; e) discurso direto: “ “ ; f) ênfase: maiúscula; g) truncamento: / h) alongamentos:eeeeee; i) começar com minúsculas; j) pontuação: apenas interrogação?k)interjeição: com h</p>

Fonte: Dogliani e Cohen, 2011.

4.2.6 Sistematização dos dados

O corpus desta pesquisa foi sistematizado na seguinte ordem: primeiro, as entrevistas realizadas foram salvas e transcritas; na sequência, foram identificados todos os topônimos e organizados em ordem alfabética por informante, conforme tabela que acompanha esta pesquisa como Apêndice C. Depois elaboramos uma lista única com todos os topônimos, em ordem alfabética, e verificamos que muitos ocorreram em mais de uma entrevista, como é o caso do topônimo Araçuaí, que apareceu nas entrevistas de 21 dos 24 informantes.

Topônimos, como Belo Horizonte, Ponto dos Volantes e Padre Paraíso, foram alguns nomes ditos nas entrevistas, mas que não foram incluídos no nosso *corpus* por não fazerem parte da região imediata de Araçuaí, nossa área geográfica de abrangência. O topônimo *chapada do Agachado* foi citado na entrevista 011CMUHFM52 p.1, linhas 13 e 14, porém, pós-gravação, o entrevistado retificou e disse que não existe o termo *chapada*, que é apenas *Agachado*, e que se trata de uma fazenda onde seu pai nasceu.

Tendo em vista que esta explicação não consta na entrevista, optamos por excluir o topônimo chapada do Agachado, como foi dito pelo entrevistado, do *corpus*.

Desconsiderado este topônimo, bem como todos os topônimos que não fazem parte da nossa área de pesquisa, os nomes de bairros e ruas em que o processo de denominação não é espontâneo, mas imposto pelo Legislativo, constituímos nosso *corpus* com 252 (duzentos e cinquenta e dois) nomes de córregos, ribeirões, lagoas, rios, cachoeiras, usina, barragens, serras, chapadas, fazendas, comunidades e aldeias. Topônimos que não são espontâneos consideramos apenas os oito municípios que compõem a região Imediata de Araçuaí. Após o *corpus* constituído, passamos, em seguida, para a elaboração das fichas toponímicas.

Ressaltamos que, na maioria das vezes, o topônimo ocorreu com o termo genérico como em *barragem de Irapé*, *córrego Calhauzinho*, *comunidade Carrapato*, *serra do Elefante*, *chapada do Candonga e rio Piauí*. Nestes casos, o entrevistado citou o sintagma toponímico completo (acidente geográfico mais topônimo). Para fins de classificação taxonômica, este sintagma toponímico foi desmembrado nas fichas, ficando o termo específico no item topônimo e o termo genérico no item acidente geográfico, como em *córrego do Arrozal*, em que córrego aparece no item acidente geográfico e Arrozal no item topônimo.

4.2.7 Fichas toponímicas

Nossa primeira organização dos dados ocorreu por meio de uma listagem geral com os 252 topônimos, que acompanha esta tese como Apêndice D, em que consta: 1) ordem: a sequência numérica dos topônimos; 2) topônimo atual: a forma do topônimo encontrada nos documentos escritos e a forma realizada no contexto oral, em ordem alfabética; 3) definição: o significado lexia que se transformou em topônimo, a partir dos dicionários Houaiss (2009), Nascentes (1976), Machado (1984), Sampaio (1987[1901]), Cunha (2010); 4) acidente geográfico: o tipo de acidente: registro se o acidente é humano ou físico e qual é o acidente; 5) estrutura morfológica: classificação do topônimo em simples (formado por um só elemento) ou composto (formado por dois ou mais elementos); 6) origem: se língua portuguesa ou portuguesa proveniente de língua indígena, africana a partir de Castro (2005]2001], Sampaio (1987[1901]) e Mendonça (1935]1933]); 7) taxonomia: a classificação do topônimo a partir do modelo

proposto por Dick (1990b); 8) ocorrências: o número de vezes que o topônimo foi dito pelos entrevistados.

Após a elaboração desta listagem geral, passamos à elaboração das fichas toponímicas, agrupando os topônimos por séries, de acordo com as características que possuem em comum, que são as arroladas abaixo:

- a) topônimos compostos que têm o primeiro elemento idêntico;
- b) topônimos idênticos, simples ou compostos, que nomeiam mais de um acidente geográfico;
- c) topônimos, simples ou compostos, formados pelos termos Santo, Santa, São e outras invocações religiosas;
- d) topônimos, simples ou compostos, formados por nomes ou sobrenomes próprios de pessoas, acompanhados ou não de títulos;
- e) topônimos formados por derivação ou flexão;
- f) outros topônimos.

Seguindo o modelo proposto por Dick (1990 b), com adaptações de Seabra (2004) e novas modificações nossas, em decorrência dos dados encontrados, elaboramos uma ficha constituída com 10 itens, tal como no modelo abaixo:

Quadro 8: Modelo da ficha toponímica

1.(XXX) Topônimo:	2.Taxonomia/natureza:
3.Município:	
4.Acidente:	
5.Estrutura morfológica:	
6.Origem:	
7.Histórico:	
8.Informações enciclopédicas:	
9.Contexto oral:	
10.Contexto escrito:	

Fonte: Elaboração própria a partir de Dick, 1990b.

Em relação aos 10 itens que compõem as fichas toponímicas, apresentamos abaixo as informações contidas em cada tópico:

1.Topônimo. Neste item, foi registrado o termo específico do sintagma toponímico, ou seja, a denominação do acidente geográfico, conforme (DICK, 1986, p.33). Registrarmos a forma encontrada nas cartas geográficas, como entrada lexical. A forma coletada na entrevista oral foi registrada no item “realização no Contexto oral: Em virtude da

elaboração de fichas por série, em algumas fichas consta mais de um topônimo. Nestes casos, acrescentamos neste item a informação do quantitativo de topônimos da ficha.

2 Taxonomia/natureza. Neste campo, consta a classificação taxonômica do topônimo, ou seja, o termo específico do sintagma toponímico, conforme as 27 taxes elaboradas por Dick (1990b). Em relação aos nomes próprios de pessoas, utilizamos a nomenclatura de Faria (2017) antropotopônimos e antropo-axiotopônimos. Adicionamos neste item da ficha a informação sobre a natureza da taxe, se *física* ou *antropocultural*, que são as duas bipartição utilizadas por Dick (1990b) para dividir as 27 taxes. Como critério de classificação, orientamo-nos por Dick (1990b, p. 31 a 34), classificando os compostos, tal como demonstrado abaixo:

Quadro 9: Classificação taxonômica dos compostos

Termo genérico (acidente)	Termo específico (topônimo)	Classificação
Comunidade	Água Fria dos Alves	Hidrotopônimo
Comunidade	Bom Jesus da Aguada Nova	Hierotopônimo
Comunidade	Córrego do Arrozal	Hidrotopônimo

Fonte: Elaboração própria, 2022.

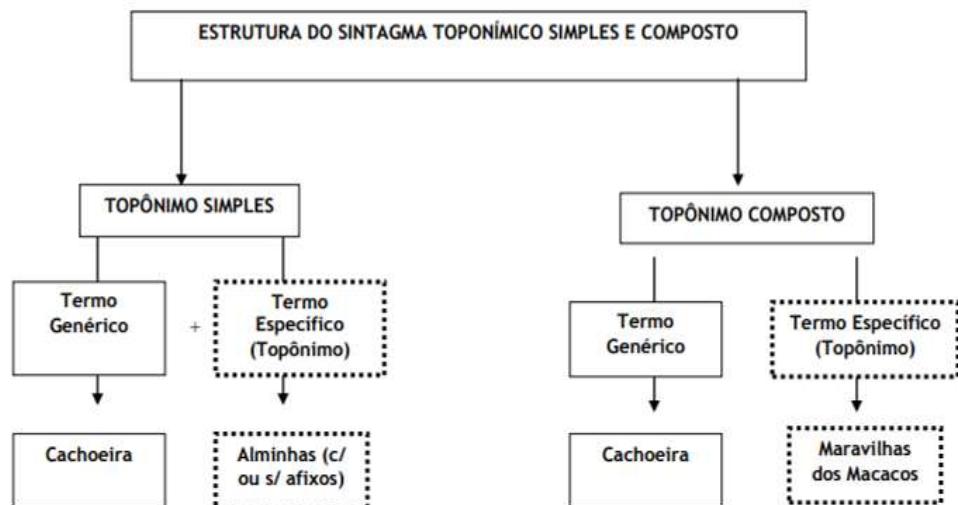
3. Município. Informação acerca de onde o topônimo está inserido, ou seja, sua localização geográfica. Quando se trata de rio, por exemplo, o nome pode se encontrar em mais de um lugar. Portanto, foi lançado o nome de mais de um município neste tópico.

4. Acidente. Neste tópico, lançamos o que Dick (1990b, p. 10) chama de primeiro membro do sintagma toponímico e que define a classe genérica, isto é, o elemento genérico que pode ser *físico* (AF): rio, córrego, chapada, lagoa, serra, chapada; ou *humano* (AH): aldeia, fazenda, comunidade rural, barragem, usina, distrito e município e que antecede o topônimo.

5. Estrutura morfológica. Em relação à estrutura dos topônimos, de acordo com Dick (1990b, p.10), o nome do lugar compõe-se de dois elementos básicos: elemento *genérico* e elemento *específico*, que juntos formam o *sintagma toponímico*. Nesta configuração, o elemento genérico é o acidente geográfico nomeado e o elemento específico, o que particulariza este acidente, ou seja, o topônimo propriamente dito. Apresentamos neste item a estrutura do topônimo que pode ser: um *topônimo simples*, que é “aquele que se faz definir por um só formante (seja substantivo ou adjetivo, de

preferência) podendo, contudo, se apresentar acompanhado de sufixações”; ou um *topônimo composto*, “aquele que se apresenta com mais de um elemento formador” (Dick (1990b.p.13-14). Demonstramos a estrutura do sintagma toponímico, esquematizado por Anjos (2012, p.60).

Figura 13: Estrutura do sintagma toponímico simples e composto



Fonte: Anjos, 2012, p.60.

Além do registro se o topônimo é simples ou composto, inserimos neste item a informação sobre o gênero (masculino ou feminino) e número (singular ou plural) do topônimo. No tocante à classe gramatical, optamos por classificar todos como substantivos, uma vez que, quando assumiram a função toponímica, ainda que inicialmente fossem adjetivos, verbos ou advérbios se substantivaram.

6.Origem. Neste item, lançamos todos os topônimos encontrados nas fontes consultadas como de origem portuguesa, sem aprofundamento no estudo da base etimológica da (s) lexia (s) que compõe (m) os topônimos, tendo em vista já integrarem o sistema morfológico português. No entanto, além dos portugueses, os indígenas e africanos são dois estratos populacionais responsáveis pela formação do português brasileiro e que foram de extrema relevância na formação do Vale do Jequitinhonha. Por esta razão, registramos esta informação nas fichas para indicar os designativos que, segundo as fontes consultadas (Houaiss (2009), Nascentes (1976), Sampaio (1987]1901]), Castro (2005]2001]), Mendonça (1935[133]), são provenientes de alguma língua indígena, ou de alguma língua africana, ficando assim o registro da origem: LP (portuguesa); LP<LI (portuguesa proveniente de língua indígena); LP<LA

(portuguesa proveniente de língua africana). Para os topônimos não dicionarizados, sem informações encontradas nas fontes de consulta ou com informações insuficientes para definição da origem, empregamos o termo *não encontrada*.

7. Histórico. Apresentamos neste campo o nome atual e seu *continuum* histórico de alteração por substituição. Nos casos em que não foram encontrados registros de nomes anteriores ao atual, registramos com o termo *não encontrado*.

8. Informações Enciclopédicas. “Neste campo, encontram-se várias informações sobre o topônimo estudado, as quais embasam a classificação sobre sua origem, sobre sua estrutura morfológica e sobre sua taxionomia” (SEABRA, 2006, p.1949). Andrade acrescenta: “caracteriza-se por acréscimo de informações coletadas em outros materiais de apoio: livros, dicionários, pesquisa na internet e outros” (ANDRADE, 2012, p.7).

9. Realização no Contexto oral. Item em que registramos a ocorrência do topônimo no Contexto oral por meio da citação dos trechos das entrevistas. Ao final do trecho, inserimos os dados constantes do cabeçalho da transcrição da entrevista que são: número da entrevista, município da entrevista, iniciais do nome do entrevistado, gênero e idade, seguidos da página e linhas de ocorrência. Além do trecho transcrita, inserimos neste item um *link* e um *QR code* que direcionam o leitor para o áudio em que ocorreu o topônimo.

10. Realização no contexto escrito. Neste tópico, registramos o local, cartas geográficas, mapas e/ou outros documentos, em que foi encontrada a forma escrita do topônimo da ficha.

4.2.8 Armazenamento dos dados

Quanto ao registro do material, as 24 entrevistas devidamente identificadas com número, local, iniciais do nome do entrevistado, sexo e idade. Ex: 011ARAGIF105 (entrevista número 11, município de Araçuaí, 2 letras do nome, feminino, 105 anos), encontram-se armazenadas em *pen drive* e *drive* do computador. Estes dados serão guardados e protegidos por 5 anos, após o término da pesquisa, tal como estabelece a Resolução CNS 510/2016, com os demais documentos da investigação, sejam eles de dados linguísticos ou extralingüísticos.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, conforme explicitado anteriormente, registramos os 252 topônimos que compõem nosso *corpus*, listados e classificados, conforme apêndice D e os retomamos através de 113 fichas toponímicas, apresentadas a seguir em 5.1. Todos os dados das fichas abaixo encontram-se em um quadro único no apêndice D desta tese, em que constam: ordem numérica, o topônimo escrito e oral em ordem alfabética, definição do topônimo, o acidente geográfico nomeado, a estrutura morfológica, a origem, a taxonomia e o número de ocorrências de cada um dos topônimos, que somadas totalizam 1955.

5.1 FICHAS TOPONÍMICAS

Dick (1990b) propôs um modelo de ficha toponímica que tem sido utilizado por muitos pesquisadores, às vezes com modificações, para classificar os topônimos. Como já informado, no presente estudo, em decorrência dos dados encontrados, seguimos em linhas gerais este modelo, modificando-o quanto aos itens que devem constar das fichas, que no presente caso são: o topônimo, taxonomia e natureza taxonômica, localização, estrutura morfológica, origem, acrescidos de informações enciclopédicas sobre o topônimo e sua ocorrência na língua escrita e falada (contexto escrito e oral), itens descritos no capítulo 3. Além do texto transscrito das entrevistas, no item contexto oral, acrescentamos o link do áudio da fala do entrevistado.

Em vista da repetição de elementos constitutivos dos topônimos, repetição que se apresenta sob variadas formas, não os ordenamos do topônimo 1 ao 252, de uma vez em ordem alfabética, mas os dividimos em tipos, conforme características em comum, expostas nos critérios de A a F, já apresentados e que repetimos abaixo, para clareza da exposição. Essa reorganização dos dados consequentemente acarreta uma alteração na ordenação das fichas:

- a) topônimos compostos que têm o primeiro elemento idêntico;
- b) topônimos idênticos, simples ou compostos, que nomeiam mais de um acidente geográfico;
- c) topônimos, simples ou compostos, formados pelos termos Santo, Santa, São e outras invocações religiosas;

- d) topônimos, simples ou compostos, formados por nomes ou sobrenomes próprios de pessoas, acompanhados ou não de títulos;
- e) topônimos formados por derivação ou flexão;
- f) outros topônimos.

As fichas de A a C apresentam topônimos repetitivos e agrupados por traços comuns; D e E são agrupados os topônimos com traços comuns como Nomes e Sobrenomes de pessoas em D, e em E, os que têm em comum o processo de formação por derivação sufixal em ão, inho (a), al, eiro (a) em sua formação morfológica, e finalmente em F vêm os demais topônimos (81), em ordem alfabética corrida. Nas fichas não constam os números de ocorrências de cada topônimo, mas esta informação se encontra no quadro do apêndice D.

Para fins de classificação toponímica, utilizamos o modelo proposto por Dick (1990b) que repetimos abaixo, para clareza da análise do presente corpus, no que se refere à classificação taxonômica e natureza das taxes.

Quadro 10: Modelo de classificação taxonômica

Natureza	Tipo	Descrição	Exemplo
Física	Astrotopônimos	topônimos relativos aos corpos celestes em geral	rio da Estrela
	Cardinotopônimos	topônimos relativos a posições geográficas em geral	lagoa do Sul
	Cromotopônimos	topônimos relativos à escala cromática	rio Pardo
	Dimensiotoxônimos	topônimos relativos às características dimensionais como extensão, comprimento, largura, grossura, espessura, altura, profundidade	morro Alto.
	Fitotopônimos	topônimos de ínole vegetal	ribeirão do Café
	Geomorfotopônimos	topônimos relativos à formas topográficas como elevações, depressões do terreno e formações litorâneas	Monte Azul, Baixada, Angra dos Reis
	Hidrotopônimos	topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral	serra das Águas
	Litotopônimos	topônimos de ínole mineral	Barreiro
	Meteorotopônimos	topônimos relativos a fenômenos atmosféricos	serra do Vento
	Morfotopônimos	topônimos que refletem o sentido de forma geográfica	ilha Quadrada
	Zootopônimos	topônimos de ínole animal, individual ou em grupo da mesma espécie	Vacaria
Antropocultural	Animotopônimos ou Nootopônimos	topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo todos os produtos do psiquismo humano, cuja matéria prima fundamental, e em seu aspecto mais importante não pertence à cultura física	cachoeira da Saudade, Belo Campo

	Antropotopônimos	topônimos relativos aos nomes próprios individuais (prenomes, hipocorísticos, prenome+alcunha, apelido de família ³⁰ , prenome+apelido de família)	ilha Chiquita
	Axiotopônimos	topônimos relativos aos títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais	Presidente Prudente
	Corotopônimos	topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes	Brasil
	Cronotopônimos	topônimos que se encerram indicadores cronológicos, representados em toponímia, pelos adjetivos novo/ nova, velho/velha	rio Novo Mundo.
	Dirrematopônimos	topônimos constituídos ou enunciados linguísticos	Há Mais Tempo
	Ecotopônimos	topônimos relativos às habitações de um modo geral	Casa da Telha
	Ergotopônimos	topônimos relativos aos elementos da cultura material	Flecha
	Etnotopônimos	topônimos referentes aos elementos étnicos, isolados ou não (povos, tribos, castas)	Guarani
	Hierotopônimos	topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças: cristã, hebraica, maometana, etc. Apresenta duas subdivisões: <i>hagiotopônimo</i> , relativo a santos e santas e <i>mitotopônimo</i> , relativo a entidades mitológicas.	Cristo Rei Santa Tereza ribeirão do Saci
	Historiotopônimos	topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como às datas correspondentes	Independência
	Hodotopônimos ou Odotopônimos	topônimos relativos às vias de comunicação rural ou urbana	Estradas
	Numerotopônimos	topônimos relativos aos adjetivos numerais	Duas Barras
	Poliotopônimos	topônimos constituídos pelos vocábulos Vila, Aldeia, Cidade, Povoação, Arraial	rio da Cidade
	Sociotopônimos	topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade (largo, pátio, praça)	Sapateiro
	Somatotopônimos	topônimos empregados em relação metafórica à partes do corpo humano ou do animal	Pé de Boi

Fonte: Cópia do quadro 2, da página 60 - 62 desta tese. Elaborado a partir de Dick (1990b)

Seguindo a metodologia proposta no capítulo 3, apresentamos abaixo as 113 fichas toponímicas em que se organizam os 252 topônimos que constituem o *corpus* desta pesquisa. Decidimos utilizar a numeração sequencial por série, assim, a *série A* dos topônimos composto com o primeiro elemento idêntico, vai da ficha de número 1 até a ficha de número 12. A próxima *série B*, dos topônimos idênticos, simples ou compostos, que nomeiam mais de um acidente geográfico, recomeça do número 01 e vai até a ficha de número 15; *série C*, topônimos formados pelos nomes Santo, Santa,

³⁰ O mesmo que sobrenome.

São e outras invocações religiosas, ficha 1 com 30 topônimos; *série D*, topônimos simples ou compostos, formados por nomes e sobrenomes de pessoas, ficha 1 com 27 topônimos; *série E*, topônimos formados por derivação ou flexão, ficha 1 com 25 topônimos e *série F*, outros topônimos, que vai da ficha 01 até a ficha 81.

5.1.1 A) Topônimos compostos com o primeiro elemento idêntico

001) topônimos: ÁGUA BRANCA; ÁGUA CHOMA; ÁGUA FRIA; ÁGUA FRIA ALVES; ÁGUA FRIA DOS LOBATOS ÁGUA FRIA FÁBRICA; ÁGUA FRIA SANTA CRUZ; ÁGUA LIMPA ³¹ (2x); ÁGUA SUJA ³² (2x) Total de topônimos com o primeiro elemento “Água”:11	Taxonomia/natureza: hidrotopônimo/física
Município: Berilo (Água Limpa, Água Suja); Coronel Murta (Água Branca) e Itinga (Água Choca, Água Fria, Água Fria Fábrica, Água Fria Santa Cruz, Água Fria dos Alves, Água Fria dos Lobatos).	
Acidente: comunidades rurais e córregos (Água Limpa e Água Suja) / humanos e físicos	
Estrutura morfológica: topônimo composto – substantivo composto feminino singular Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado Informações enciclopédicas: O mecanismo de descrição de um lugar, através de seus aspectos mais relevantes, inscreve-se nos meios que retratam o espaço geográfico de um ponto de vista imediato, fácil de ser notado pelo observador, pois reproduz parcialmente condições do lugar, fato comum em muitos cursos de água. Dick (1992 a, p.73). Desde épocas remotas da história da humanidade, a água sempre foi o fator de equilíbrio em um determinado meio (DICK, 1992 a p.196). Segundo a autora além dos termos fontes, lagoa, lagos, na hidroponímia brasileira, o termo água em formas compostas surge com expressivos índices de exemplificação. (DICK 1992a, p.73.196, 251 e 252). Segundo Machado (1984, p. 62) o topônimo <i>água</i> é muito frequente, sobretudo em compostos, “Água Alta, Água Boa, Água Branca, Olho de Água [...]”. “Com a palavra “água” muitos locais mineiros se compuseram, dentro da nossa língua, segundo o falar brasileiro. Assim, Agua Doce” (ribeirão e sítio, em Paracatu); Água Clara” (município de Bonfim); „Agua Limpia” (no município de Juiz de Fora); Agua	

³¹ Nomeia dois acidentes geográficos: córrego e comunidade.

³² Nomeia dois acidentes geográficos: córrego e comunidade.

Rosa” (vereda no município da Vila de João Pinheiro) etc.” (SENNA, 1926, p. 197).

Contexto oral:

1) ÁGUA BRANCA

I: *Tem, Oro Fino, pro lado de Oro Fino, tem a comunidade da Pedra, tem da Água Branca (...).* (019CMUESM64 página 11, linhas 331- 332).



<https://youtu.be/Z26aHfFbr4k>

2) ÁGUA CHOMA

I: ...tem *Água Choma*, que é logo após a minha comunidade (...). (005ITIMAM19, página 6, linha 178).



<https://youtu.be/dh5Xa08gZcQ>

3) ÁGUA FRIA (córrego)

I:(...) *aí cê vai vê que tem os córregos que vão desaguano dentro do próprio córrego Água Fria, porém como eles não correm água durante todo o decorrer do ano, não tem um fluxo de água muito grande no córrego hoje, né?* (005ITIMAM19, página 6, linhas 163-165).



<https://youtu.be/6Lb3hKKNQBU>

4) ÁGUA FRIA ALVES~ÁGUA FRIA DOS ALVES

I: *devido à escola ter fechado eu fui estudá o quinto ano na escola Água Fria dos Alves.*

P: Água Fria dos Alves?

I: *Isso ou Água Fria Alves, no caso Água Fria Alves, mais agora eu não sei realmente dizê se é Água Fria Alves, ou dos Alves, mas popularmente Água Fria dos Alves.* (005ITIMAM19, página 2, linhas 31-35).



<https://youtu.be/hvtewZ5PmyE>

5) ÁGUA FRIA LOBAT’

I: Justamente, tem Água Fria Lobat', Tem Água Fria Fábrica. Então tem vários.

(013ITIJCM45, página 9, linha 281).



https://youtu.be/bW4--_10-jQ

6) ÁGUA FRIA FÁBRICA

I: Então, predominantemente na região da Água Fria Fábrica mesmo, sabe, por questão de ser longe das outras comunidades um pouco assim, no local próprio pra sua realização das orações, das missas, então a... () (005ITIMAM19, página 3, linhas 64-66).



<https://youtu.be/rvWMpdZgMeg>

7) ÁGUA FRIA SANTA CRUZ

I: Ah, não com grande frequência, mas tem aqui próximo da minha comunidade tem Água Fria... Água Fria Santa Cruz, tem Água Choca, que é logo após a minha comunidade (...) (005ITIMAM19, página 6, linhas 175-176).



<https://youtu.be/Thn0pZbt2JQ>

8) ÁGUA LIMPA (córrego)

I: ... Água Limpa que com a lavagem do ouro, sujava muito a água, então quando chegava na próxima comunidade, a água já tava suja. (018BERIAF60, página 9, linhas 275 - 276).



<https://youtu.be/ZmBAOXUSIU>

9) ÁGUA LIMPA (comunidade)

I: ... aí pega a região de Córrego do Melado, Cachuera, Água Limpa, passando a ponte, que é no meio da cidade, no meio desse trânsito passa a pertencer a Araçuaí, então a comunidade dela pertence a Araçuaí... (012FBAECM42, página 1, linhas 17-18).



<https://youtu.be/W0XtUxLj7G0>

10) ÁGUA SUJA (córrego)

I: O único que ainda corre em período da, da chuva e fica um pouco mais tempo, é o Água Suja. (018BERIAF60, página 9, linha 173).



https://youtu.be/1lF8gYif2_8

11) ÁGUA SUJA (comunidade)

I: ... Água Suja tem a ver com os negros mesmo, os quilombolas, lavando na água suja, na água limpa e a água descendo. São comunidades quilombolas. (018BERIAF60, página 13 linhas 406 - 407).



<https://youtu.be/DhR9AsxZmBk>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Coronel Murta, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Mapa municipal estatístico de Itinga, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Mapa municipal estatístico de Berilo, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

002) topônimos: ALTO BRAVO; ALTO CAITITU e ALTO MORRO REDONDO

Total de topônimos com o primeiro elemento “Alto”: 03

Taxonomia/natureza:
geomorfotopônimo/física

Município: Berilo (Alto Caititu); Coronel Murta (Alto Morro Redondo) e Virgem da Lapa (Alto Bravo).

Acidente: comunidades rurais/humanos

Estrutura morfológica: topônimo composto–substantivo composto masculino singular

Origem: língua portuguesa

Histórico: não encontrado

Informações enciclopédicas:

Houaiss (2009, p.104) apresenta a seguinte definição para alto: substantivo masculino, dimensão vertical, altura, elevação, parte mais elevada, topo.

Senna (1926), nos apresenta ‘Alto’ como “um termo geographic commummente empregado em Minas para designar, ora ‘um monte destacado, de pequena elevação’,

sobre os terrenos circunjacentes; ora um 'têso', ou a parte superior de um serrote, de um morro; a cabeça, o cimo ou 'cabeço' de uma collina. Nesse sentido diz-se: o Alto da Serra; o Alto do Morro; o Alto da Grotá; o Alto dos Bois, etc. Nas povoações do interior, é freqüente existir um 'Alto da Cruz', um 'Alto do Cruzeiro', um 'Alto da Matriz', um 'Alto do Rosário', etc. (SENNA, 1926, p.204).

Contexto oral:

1) ALTO BRAV'~BRAVO

I: Já fui, já fui, já fui sim, tem festa, tem a tradicional Festa do Abacaxi ali no Alto Brav'.

P: Alto Bravo é uma comunidade?

*I: Ééé, o **Bravo**, que cê falou que vai visitá...*

(002BERGLM18 página 4, linhas 97-100 e 110).



<https://youtu.be/3kWPo7qWBqA>

*I: É, eu acho que agora é, né, é ali do **Alto Brav'**, né, sentido Jequitinhonha, né (...)*

(015JGMVJM46, página 4, linha 92).



https://youtu.be/_sXWoehCVCs

2) ALTO CAITITU~ALTO CATITU

*I: É... Ultimamente () óh, Caititu, **Alto Caititu** (...)*



<https://youtu.be/GWyzM7XHt-Y>

*I: Ribeirão, Datas, ééé Ribeirão, Datas, a Lagoa Ezequiel, **Alto Catitu**, igual eu te falei, Mocó, déxa eu ir rodando assim, e as outras têm, tem ensino médio.*

(018BERIAF60, página 2 linhas 38-42).



<https://youtu.be/jldbAeokNQk>

3) ALTO MORREDONDO

*I: ... depois tem oo, tem aaa, tem o **Alto Morredondo**, Alto e Baxo Morredondo.*

(019CMUESM64, página 11, linhas 327-328).



<https://youtu.be/dQH8oQuTwcA>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Virgem da Lapa, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Mapa municipal estatístico de Berilo, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Mapa municipal estatístico de Coronel Murta, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

003) topônimos: BAIXA QUENTE; BAIXO MORRO REDONDO	Taxonomia/natureza: geomorfotopônimo/física
Total de topônimos com o primeiro elemento “Baixa(o)": 02	

Município: Araçuaí (Baixa Quente); Coronel Murta (Baixo Morro Redondo)

Acidente: comunidades rurais/humanos

Estrutura morfológica: topônimo composto - substantivo composto feminino singular e substantivo composto masculino singular.

Origem: língua portuguesa

Histórico: não encontrado

Informações enciclopédicas:

Em Houaiss (2009, p.245) encontramos a definição de *baixa* como um substantivo feminino, depressão de terreno e *baixo* como substantivo masculino, parte inferior.

Cunha (2010) assim define "Baixo - 'pouco elevado' / BaixADA 1881." Em Machado (1984, p.85) temos: Baixa, topônimo, a parte baixa da zona central e antropônimo de Lisboa. "Baixo, entra na composição de muitos topônimos de Portugal e do Brasil. Indica localidade que, em relação a outra, geralmente como o mesmo nome (este muitas vezes com a antônimo de Cima), se encontra em ponto de menor altitude". (MACHADO, 1984, p.206)

"A comunidade de Baixa Quente é uma das comunidades mais próximas ao centro urbano de Araçuaí. As casas são próximas entre si e tem como ponto central uma quadra de esportes comunitária coberta, onde parte dos eventos e reuniões acontece. Segundo os moradores, a comunidade recebeu esse nome pelo temperamento intempestivo das mulheres que ali viviam" (BARRETO, 2018, p.130).

Contexto oral:

1) BAIXA QUENTE~BAXA QUENTE~BAXA

*I: Minha mãe é da **Baxa**, meu pai é daqui. Meus bisavós, meus avós, meu avô paterno, ele é de Virgem da Lapa, na verdade.*



<https://youtu.be/ZF4mNSwzPl8>

*I: Eu, eu fui muito na **Baxa Quente**, que com a minha mãe era de lá, eu ia muito na **Baxa Quente** lá, tinha uma, tinha festa, né?*

(009ARADBM53, página 1, linhas 8-9; página 5, linhas 133-134).



<https://youtu.be/h7AdIW1cYiw>

2) BAXO MORREDONDO

*I: ... depois tem oo, tem aaa, tem o Alto Morredondo, Alto e **Baxo Morredondo**.*

(019CMUESM64, página 11, linhas 327-328).



<https://youtu.be/hff4wZOlcY8>

Contexto escrito:

BARRETO, R.O. Cartografia dos modos de ser da velhice e trabalho rurais do Médio Vale do Jequitinhonha, 2018

Mapa municipal estatístico de Araçuaí, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Mapa municipal estatístico de Coronel Murta, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

004) topônimos: BARRA DA BARRIGUDA; BARRA DO BOLAS; BARRA DO CORRENTE; BARRA DO SALINAS

Total de topônimos com o primeiro elemento “Barra”: 04

Taxonomia/natureza:
hidrotopônimo/física

Município: Araçuaí (Barra da Barriguda); Jenipapo de Minas (Barra do Bolas); Itinga (Barra do Corrente); Coronel Murta (Barra do Salinas).

Acidente: comunidades rurais e distrito (Barra do Salinas) /humanos

Estrutura morfológica: topônimo composto - substantivo composto feminino singular

Origem: língua portuguesa

Histórico: não encontrado

Informações enciclopédicas:

Senna (1926, p.240) afirma que o topônimo barra "é das denominações locaes mais comuns em Minas, havendo sítios, povoados e bairros desse nome". O autor reforça ainda que existem muitas localidades de nomes compostos com a palavra Barra. No Médio Jequitinhonha, a melhor acepção é a seguinte "conforme o rio ou ribeirão, que faz barra em outro, tomam vários logares de Minas os nomes, verbi-gratia, 'Barra do Manhuassú' (no Rio Doce); 'Barra de Santo Antonio'(no mesmo Rio Doce), etc. É o mesmo que foz ou embocadura, e a barra indica o ponto da confluência, em que uma corrente desagua noutra (rio, ribeirão, córrego ou riacho) ".

Além de topônimo frequente no Brasil, segundo Machado (1984) "Barra é topônimo em Barcelos, Braga, Felguerias, Figueira da Foz, Mangualde, Mira, Ovar, Resende, S. Pedro do Sul, Vila Verde.

Contexto oral:

1) BARRA DA BARRIGUDA

I: Dimais, tem um lugá aqui que chama Barra da Barriguda, exatamente porque tinha muita barriguda... (011CMUHFM52 página 8, linhas 259-260).



<https://youtu.be/MdG6LNvdJc4>

2) BARRA DO BOLAS

I: Barra do Bolas, Capão, ... inclusive, os mininos de Machad', (014JEMFRM46, página 3, linhas 85-88).



<https://youtu.be/mdNFkQC4B2g>

3) BARRA DO CORRENTE

I: tem Frade, tem Itinguinha, tem Barra do Corrente, tem Pasmado. (005ITIMAM19, página 6, linha 175-176, 182).



<https://youtu.be/TjURjgQP0IQ>

4) BARRA DO SALINAS~BARRA DE SALINAS

I: As que tem a escola é de Oro Fino no sentido de Salinas e a outra é na Barra do

Salinas, que é no sentido da zona rural aqui, subin' pro lado da serra.
(003CMUERM35, página 2, linhas 31-32)



https://youtu.be/m_B5cq5Nc8M

I: ... E como eles vieram pra qui, ele veio junto, já veio rapaz pra cá. E aqui começô a trabalhá na região de Barra de Salinas, com, né... (019CMUESM64, página 2, linhas 28-32).



<https://youtu.be/0Bu1VNqSrug>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Araçuaí, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Mapa municipal estatístico de Jenipapo de Minas, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Mapa municipal estatístico de Itinga, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Mapa municipal estatístico de Coronel Murta, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

005) topônimos: CÓRREGO DA SEDE; CÓRREGO DAS VELHAS; CÓRREGO DO ARROZAL; CÓRREGO DO BOI; CÓRREGO DO CANDONGA; CÓRREGO DO CIPÓ; CÓRREGO DO MELADO; CÓRREGO NOVO; CÓRREGO SECO³³ (2x).

Total de topônimos com o primeiro elemento “Córrego”: 10

Taxonomia/natureza:
hidrotopônimo /física

Município: Araçuaí (Córrego das Velhas, Córrego do Candonga); Coronel Murta (Córrego da Sede); Francisco Badaró (Córrego do Boi, Córrego do Melado, Córrego Seco); Itinga (Córrego Novo); José Gonçalves de Minas (Córrego do Arrozal, Córrego do Cipó).

Acidente: córregos e comunidades rurais/físicos e humanos

Estrutura morfológica: topônimo composto – substantivo composto masculino singular

Origem: língua portuguesa

Histórico: não encontrado

Informações enciclopédicas:

Conforme Machado (1984, p.454), em Portugal córrego é um “*top.* Felgueiras.

Guimarães.V.N. de Famalicão: na Galiza; Orense: frequente no Brasil. Do s.m córrego.

³³ Nomeia dois acidentes geográficos: córrego e comunidade.

Corrogo em 1220. Córregos, ilha da Madeira (ao lado de Corgãos): no Brasil: Minas Gerais, Santa Catarina. "Corgo topônimo frequente na Galiza: Corunha.Lugo, Orense.Do s.m corgo, este de córrego, Corgos, Albufeira (MACHADO, 1984, p.450). Em Houaiss (2009) temos a seguinte definição: "Córrego - 1. Fenda ou sulco aberto na terra pelas águas correntes. 2. Via estreita e funda entre montes, cadeia de montanhas. 3. Pequeno rio com fluxo de água bastante tênue; corgo, riacho. Córrego seco - sulco temporário na terra provocado pelas chuvas torrenciais".

Contexto oral:

1) CÓRREGO DA SEDE~CORGO DA SEDE

*I: Eu lembro, eu lembro de um que marcô muita minha infância que foi o **Córrego da Sede**, né. O **Corgo da Sede**, ele passava, ele nascia na região do Olho D'água (...).* (011CMUHFM52, página 2, linhas 35-37).



<https://youtu.be/ZyWfwWjfhSo>

*I: (...) então eu lavava cascalho lá, né, no **Corgo da Sede**, eu brinquei muito, tomei muito banho no **Corgo da Sede**.* (011CMUHFM52, página 2, linhas 41-42).



<https://youtu.be/qaJf-WbVoUc>

2) CÓRREGO DA VELHA~CÓRREGO DA VELHA DE BAIX'~CÓRREGO DA VELHA DE MEI'~CÓRREGO DA VELHA DE CIMA

*I: É, tá na região do **Córrego da Velha**.*



<https://youtu.be/wMK9hqN6SVw>

*I: Parece que é variação, é, mais ninguém fala Córrego das Velhas, o **Córrego da Velha**, o **Córrego da Velha**, o **Córrego da Velha de Baix'**, de **Mei'** e de **Cima**. (...)*



<https://youtu.be/-tsU7Pqcv2w>

I; ...e esses Córregos da Velha, que na verdade é uma coisa só, né.

(001ARADSM38, página 8, linhas 247-251, 257-259).



https://youtu.be/g_rKorDJU_0

3) CÓRREGO DO ARROZAL

I: Farinha Seca, éé Samambaia, **Córrego do Arrozal...** (015JGMVJM46, página 7, linhas 220-222).



https://youtu.be/GA_vO8aEy_4

4) CÓRREGO DO BOI

I: Aqui tem é, que eu conheço, tem onde minha, meus parentes, meus descendentes moraram, que é **Córrego do Boi...** (004FBAJSM21, página 3, linhas 80-81).



<https://youtu.be/j5RUCntfUJs>

5) CÓRREGO DO CANDONGA

I: Nasci dali, dali do entroncamento, onde eu nasci comunidade que chama **Córrego do Candonga**, dava um quilômetro. (017ARALOM66, página 2, linhas 30-31).



<https://youtu.be/C8GNhLJ1UPE>

6) CÓRREGO DO CIPÓ~CIPÓ

Lá tem **Córrego do Cipó** (...) (007JGMMWM 21, página 4, linhas 117-118).



<https://youtu.be/0x3q5V4y4AY>

I....é **Cipó**, comunidade chamada **Cipó**. Então meu, meu maior tempo de serviço todo foi em lugares mais distantes, nas comunidades do município e de outros municípios. (016VDLMJF55, página 7, linhas 212-214).



<https://youtu.be/95EB8CB0i3Y>

7) CÓRREGO DO MELADO

I: ... então do lado da ponte pertence a Badaró, aí pega a região de **Córrego do Melado...** (012FBAECM42, página 1, linhas 16-17).



<https://youtu.be/q1a9CibYvcY>

8) CÓRREGO NOVO

I: Aquelas regiões mais secas né, que é do lado do, que é do **Córrego Novo**, ééé Campo Quemad'né, que é uma região bem seca. (013ITIJCM45, página 8, linhas 248-249).



<https://youtu.be/cwGCOiyNOi0>

9) CÓRREGO SEC' ~CORGO SECO (comunidade)

I: I: Aqui tem é, que eu conheço, tem onde minha, meus parentes, meus descendentes moraram, que é Córrego do Boi, tem Passagem, Mocó, éé, os Moriços, Mouricós, tem Chapadão, Mocó, **Córrego Sec'**, Zabelê. (004FBAJSM21, página 3, linhas 80-82)



<https://youtu.be/aqy3PwL7HD0>

I: Eu nasci numa comunidade próxima daqui, né, é, também comunidade quilombola, chamada **Corgo Seco...** (020FBAMEF66, página 2, linhas 43-44).



https://youtu.be/Zd6_17tHgg

10) CORGO SEC' ~CORGO SECO (córrego)

I: Então, lá tinha muitos córregos, córrego Água Limpa, córrego da Passage, é, é, o, o Riberão, **Córrego Sec'**. (012FBAECM42, página 10, linhas 327-328).



<https://youtu.be/3NOzhyWSNFE>

I: São os mesmos, são os mesmos. Aqui na nossa região tem muito corgo. Só que não corre mais, igual o Corgo Seco mesm', curria quase, aqui quase o ano todo. Agora já num corre mais. (020FBAMEF66, página 6, linhas 176-179).



<https://youtu.be/VZsOh1YpWNE>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Araçuaí, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Geração de cartografia e temática básica e concepção de um programa de fomento mineral para os municípios do Médio Jequitinhonha. Município de Araçuaí, Governo de Minas, Ministério de Minas e Energia, 2005.

Mapa municipal estatístico de Itinga, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Mapa municipal estatístico de José Gonçalves Minas, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Mapa municipal estatístico de Francisco Badaró, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

006) topônimos: LAGOA DO ZABELÊ; LAGOA DOS PATOS; LAGOA EZEQUIEL; LAGOA GRANDE. Total de topônimos com o primeiro elemento “Lagoa”: 04 Município: Francisco Badaró (Lagoa do Zabelê); Araçuaí (Lagoa dos Patos); Berilo (Lagoa Ezequiel); José Gonçalves de Minas (Lagoa Grande). Acidente: comunidades rurais/humanos Estrutura morfológica: topônimo composto – substantivo composto feminino singular Origem: língua portuguesa – Lagoa do Zabelê (2ºelemento< indígena cf. Sampaio 1987[1901], p.347). Histórico: não encontrado Informações enciclopédicas: “Lagoa, top. Frequentemente em Portugal e na Galiza. Do s.f lagoa. Os diplomatas em lat. Bárbaro escrevem Lacona (em 1090, Lacona de Obil, em Dipl., p.441; séc. XIII(?)). Lacuna, Lacunam em 1141. (...). Lagoa em 1220”. (MACHADO, 1984, p.847). De acordo com Dick (1990a), as fontes, olhos d’água, lagos e lagos surgem na hidrotoponímia brasileira com expressivos índices.	Taxonomia/natureza: hidrotopônimo/física
--	--

Zabelê é definido por Sampaio (1987[1901], p.347) como de origem tupi: voz espúria ou onomatopaica, já que, completa Nascentes, o tupi não tem os fonemas /l/ nem /z/. Nome da ave *Crypturus noctivagus*, espécie de nambu.

Patos – “designação comum às aves anseriformes da família dos anatídeos, aquáticas, que geralmente possuem grande porte; ipeca” (HOUAISS 2009, p.1446).

Ezequiel – nome próprio de pessoa que significa força de Deus, conforme Guérios (1973).

Grande- segundo Houaiss (2009), cujas dimensões são maiores que o normal.

Obs: não foi encontrado o nome da comunidade Lagoa do Zabelê na carta geográfica do IBGE, mas é uma comunidade rural do município de Francisco Badaró que existe há mais de 20 anos, conforme consta na Lei do município de nº 579 de 07 de abril de 1997, que autoriza o funcionamento da pré-escola Pingo de Gente na respectiva comunidade de Lagôa do Zabelê

Contexto oral:

1) ZABELÊ LAGOA

I: () Tem Zabelê Lagoa e Cabecera de Zabelê. (020FBAMEF66, página 8, linha 256).



<https://youtu.be/TumUtvix5J0>

2) LAGOA DOS PATOS

I: E dentro dessa região do Córrego da Velha nós temos Lagoa dos Patos, região de Mandinga, é a Vargem João Alves e esses córregos da velha....

(001ARADSM38, página 8, linhas 257-259).



<https://youtu.be/J-vCTr60RIY>

3) LAGOA EZEQUIEL~LAGOA ZEQUIEL

I: Né? O congado de Nossa Senhora do Rosário e tem o congado de Lagoa Ezequiel, que é de outra comunidade também Quilombolas, que fica do outro lado do rio Araçuai. (010BERASF44, página 10, linhas 304-305).



https://youtu.be/P_fZ0TXpedY

I: Faz parte, indo pra **Lagoa Zequiel**.

P: Lagoa Ezequiel é uma lagoa mesmo?

I: É uma comunidade. É uma comunidade e a comunidade existe porque existiu sempre uma lagoa. Essa, essa lagoa é da família Ezequiel... (018BERIAF60, página 3, linhas 71-75).



<https://youtu.be/J7D2Tcbx0JI>

4) comunidade de **LAGOA GRANDE~LAGOA GRAND'**

*I: ... viviam ali trabalhando pra ganhar uma rapadura no dia, ou trabalhando pra ganhar uma medida de feijão né, é muito vivo, sabe, ai eles relatavam a história toda, nossa, muitos relatos interessantes na **comunidade de Lagoa Grande**.*



<https://youtu.be/pBLvavgdOeI>

*I: Aqui, nós temos uma comunidade tradicional, que é a **comunidade de Lagoa Grand'**, que eu destaco, né, vem de uma luta aí, muito grande desde 2003. (014JEMFRM46, página 7, linhas 229-232 e linhas 201-202).*



<https://youtu.be/WwGeDz780-Q>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Francisco Badaró, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Mapa municipal estatístico de Araçuaí, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Mapa municipal estatístico de Berilo, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Mapa municipal estatístico de Jenipapo de Minas, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

<p>007) topônimos: MONTE ALEGRE, MONTE ALTO e MORRO REDONDO Total de topônimos com o primeiro elemento “Monte e Morro”: 03</p>	<p>Taxonomia/natureza: geomorfotopônimo/física</p>
<p>Município: Jenipapo de Minas/Berilo</p>	
<p>Acidente: comunidades rurais/humanos</p>	
<p>Estrutura morfológica: topônimo composto – substantivo composto masculino singular</p>	
<p>Origem: língua portuguesa</p>	
<p>Histórico: não encontrado</p>	
<p>Informações enciclopédicas:</p>	
<p>Bluteau (1712, v.5, p. 566), registra <i>monte</i> como: “terra, ou penedia muito mais alta, que o nível ordinario da terra.” Em Antônio de Moraes Silva (1813, v. 2 p. 315), “porção, ou parte da Terra, notavelmente levantada do nível da outra que a rodeaya.” Em Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2004), “elevação notável de terreno acima do solo que a cerca; serra”. Conforme Houaiss (2009) <i>Morro</i> é pequena elevação em uma planície; monte de poucas dimensões.</p>	
<p>MONTE ALEGRE - " Monte Alegre - Topônimo freqüente no Brasil: Goiás, Minas Gerais, Pará, Piauí, Sergipe, São Paulo. Significação evidente. Também, existe, em Portugal, a aglutinação Moníale^re."(MACHADO: 1984)</p>	
<p>MONTE ALTO - Conforme Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2004) <i>alto</i> é algo de “grande extensão vertical; elevado”. Machado (1984, p. 112) afirma que o adjetivo <i>alto</i> é “frequente na composição de topônimos, tanto no Brasil quanto em Portugal”.</p>	
<p>MORRO REDONDO – Morro é comum em topônimos compostos em Portugal, Morro de São Jorge e no Brasil, Morro da Graça em Minas Gerais, Morro da Fumaça em Santa Catarina. (MACHADO, 1984, p. 1025).</p>	
<p>Contexto oral:</p>	
<p>1) MONTE ALEGRE</p>	
<p><i>I: ...Monte Alegre, inclusive, os mininos de Machad', que tão também no município de, de Araçuaí (...).</i> (014JEMFRM46, página 3, linha 87).</p>	
 <p>https://youtu.be/88cWXBeD8T0</p>	
<p>2) comunidade MONTE ALTO</p>	

*I: Que tem mais, é, tem muitas comunidades quilombolas. Ééé, já fui **ni comunidade Monte Alto** que fica para o lado do distrito de Lelivéldia... (010BERASF44, página 7, linhas 221-222).*



https://youtu.be/W_qnDom6UNQ

3) MORRO REDONDO~MORREDONDO

*I: Olha, eu me lembro, assim vagamente, ela me falava, ela fala Bananal, mais me parece que é próximo de **Morro Redondo** ali, aquela região ali. (015JGMVJM46, página 2, linhas 36-37).*



https://youtu.be/U_LUFuDjrCY

*I: (...) que é pertin da cidade, depois tem a comunidade é do, do **Morredondo** (...). (019CMUESM64, página 11, linhas 326-2327).*



<https://youtu.be/zglxBIKvHdM>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Jenipapo de Minas, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Mapa municipal estatístico de Berilo, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Mapa municipal estatístico de Coronel Murta, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

008) topônimos: PAU ALTO³⁴ (2x) e PAU D'ALHO³⁵ (2x) Total de topônimos com o primeiro elemento “Pau”: 04	Taxonomia/natureza: fitotopônimo/física
Município: Araçuaí (Pau D’alho); Coronel Murta (Pau Alto).	
Acidente: serra, comunidade rural, fazenda/físico e humanos	
Estrutura morfológica: topônimo composto - substantivo composto masculino singular	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	

³⁴ Nomeia dois acidentes geográficos: serra e comunidade.

³⁵ Nomeia dois acidentes geográficos: fazenda e comunidade.

Informações enciclopédicas:

Pau “Topônimo. Arganil. Entra em numerosos topônimos compostos: Cruz de ou do Pau, Lisboa (actual rua do Marechal Saldanha), Seixal, Vila Franca de Xira; Pau de Corna, Pau do Aro, Pau do Freixo, Pau do Pinheiro, etc.”

Conforme Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2004) *alto* é algo de “grande extensão vertical; elevado”. Machado (1984, p. 112) afirma que o adjetivo *alto* é “frequente na composição de topônimos, tanto no Brasil quanto em Portugal”.

Pau d'Alho "topônimo no Brasil, em Pernambuco. Do substantivo masculino pau d'alho, caracterizada pelo cheiro de alho que liberta." (MACHADO, 1984, p.1142).

Conforme Houaiss (2009), pau d'alho é uma árvore de até 40 metros, nativa do Brasil e do Peru, cuja madeira exala "forte cheiro aliáceo; burarema, gorazema, guararema, guarema, gurarema, ibirarema, pau-d'alho-verdadeiro, pau-de-alho, pau-de-mau-cheiro, pau-fedorento, ubirarema."

Contexto oral:

1) Serra do PAU ALTO

I: Tem a do Frade aqui, serra do Cachimboete ali imbaixo, serra do Pau Alto. (003CMUERM35 página 2, linha 36).



<https://youtu.be/7iQlBTf56ok>

2) PAU ALTO~comunidade do PAU ALTO

I: Ah, eu, eu avalio que estão bem precárias, sim, apesar de que a gente ainda tem umas regiões de mata bem densa, por exemplo, ali Pau Alto, inclusive. (003CMUERM35, página 5, linhas 160-161).



<https://youtu.be/6A9eL-7sBpg>

I: Num sei. Lá não é uma comunidade não, ela tá dentro da comunidade da Lorena e a comunidade do Pau Alto. (003CMUERM35, página 7, linhas 196-197).



<https://youtu.be/vwSzVWbXqzw>

3) PAU D'ALHO (fazenda)

I: Pau D'elho. É, uma região, próximo na Maciera, né, inclusive nome de uma fazenda também: Pau D'elho.

(001ARADSM38, página 6, linhas 162-163).



<https://youtu.be/H0tHlF0npQs>

4) PAU D'ALHO (comunidade)

I:... Então a gente se valia do, do Nova Esperança, da região do Pau D'elho, da região da Piabanha, região da Maciera, pra buscar essas árvores.

(001ARADSM38, página 5, linhas 159-160).



<https://youtu.be/Ib54rG9eZM>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Araçuaí, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Mapa municipal estatístico de Coronel Murta, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

009) topônimos: RIBEIRÃO DAS GANGORRAS; RIBEIRÃO DE AREIA³⁶ (2x); RIBEIRÃO DO ALTAR; RIBEIRÃO DO BOSQUE; RIBEIRÃO GRANDE, RIBEIRÃO PEQUENO³⁷ (2x).

Total de topônimos com o primeiro elemento “Ribeirão”: 08

Taxonomia/natureza:
hidrotopônimo/física

Município: Jenipapo de Minas (Ribeirão de Areia, Ribeirão do Bosque); José Gonçalves de Minas (Ribeirão das Gangorras, Ribeirão do Altar, Ribeirão Grande, Ribeirão Pequeno)

Acidente: comunidades rurais/humanos

Estrutura morfológica: topônimo composto – substantivo composto masculino singular

Origem: língua portuguesa

Histórico: não encontrado

Informações enciclopédicas:

Em Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2004), o vocábulo *ribeirão* é “curso de água

³⁶ Nomeia dois acidentes geográficos: córrego e comunidade.

³⁷ Nomeia dois acidentes geográficos: córrego e comunidade.

menor que um rio e maior que um riacho; de *ribeiro + ão*”. Também em Souza (2004, p. 280), *ribeirão*, pode ser empregado no sentido de “riacho de maior curso e volume”.

De acordo com Machado (1984, p. 1261), o vocábulo *ribeirão* é topônimo comum não só no Brasil, como em Portugal nas localidades de “Loures (Casal do Ribeirão), Oleiros, Vila Nova de Famalicão, Ilha do Pico”.

Dick (1990a) afirma que “ sem dúvida alguma, a importância dos rios e dos riachos, dos córregos e dos ribeirões, para a toponímia, está patente no índice quantitativo dos acidentes geográficos que participam, estruturalmente, dessas formas toponomásticas (...)” (DICK, 1990a, p.244). Os segundos elementos dos topônimos, são assim definidos por Houaiss (2009).

Gangorras – substantivo feminino, espécie de engenho primitivo, formado apenas por dois rolos de madeira entre dois esteios verticais.

Areia – substantivo feminino, massa constituída de grânulos resultantes da desagregação de rochas silícias, graníticas ou argilosas e que se acumulam no leito dos rios e mares, nas praias etc.

Altar – substantivo masculino, estrutura geralmente elevada onde os sacerdotes de religiões diversas oferecem sacrifícios ou fazem imolações, mesa sagrada.

Bosque – substantivo masculino, formação vegetal dominada por árvores e arbustos, não muito extensas.

Grande – cujas dimensão são maiores que o normal.

Pequeno – que tem extensão, volume, tamanho, quantidade reduzido.

Contexto oral:

1) RIBEIRÃO DAS GANGORRAS~RIBERÃO GANGORRAS.

I: (...) A comunidade que eu fui criada é, tem o nome de **Ribeirão das Gangorras**, que acho que sua nascente é lá para o lado de José Gonçalves de Minas, que antes também chamava Gangorras, né? (010BERASF44, página 5, linhas 134-136).



<https://youtu.be/nL1wYt7YsfQ>

I: A mais próxima aqui é **Ribeirão Gangorras** (...) (015JGMVJM46, página 7, linha 20).



<https://youtu.be/UYNnw1kWPPA>

2) RIBEIRÃO DE AREIA~comunidade de RIBERÃO DE AREIA

*I: Tem um coral nessa comunidade, que Grace acompanha por Jenipapo também. Mas tem a comunidade chamada **Ribeirão de Areia** (...). (012FBAECM42, página 11, linha 333).*



<https://youtu.be/vE8nwrühr0A>

*I: Éé, os alunos da comunidade de **Ribeirão de Areia** (...) (014JEMFRM46, página 3, linha 85).*



<https://youtu.be/C-idOIDTdS8>

3) córrego RIBERÃO DE AREIA

*I: Tem o corgo do Bolas, o córrego São José, o córrego **Ribeirão de Areia**, que, depois, dá origem ao córrego São João, que desce, passa no município de Francisco Badaró. (014JEMFRM46, página3, linhas 74-76).*



<https://youtu.be/w9JXtu0ElkU>

4) RIBERÃO DO ALTÁ~REBERÃO~REBERÃO DO ALTAR~REBEIRÃO DO ALTAR

*I: Não, o **Reberão** é um só, do Altá, é só um. Chama **Reberão do Altar**, num tem outro. **Reberão do Altar** é onde que eu nasci e criei. (023JGMOAF65, página 12, linhas 372-376).*



<https://youtu.be/1XljYuaFGtQ>

5) RIBERÃO DO BOSQUE

*I: Éé, os alunos da comunidade de Ribeirão de Areia, Vila São José, **Ribeirão do***

Bosque (...) (014JEMFRM46, página 3, linhas 85-86).



<https://youtu.be/MiTA-S-MbrQ>

6) REBERÃO GRANDE

I2: É Reberão Grande o nome dele. Aí chega até na Dileta lá em cima, (...).



https://youtu.be/VJg8tZeC_JQ

I: Agora, caino po lado de Berilo afora, outros corgos que tinha pra lá, é Reberão Grande já num tem mais água. (023JGMOAF65, página 9, linhas 270-271 e 281-281).



<https://youtu.be/zlshV0CQ944>

7) RIBERÃO PIQUENO (comunidade)

I: Riberão Piqueno (...) (007JGMMWM21, página 4, linhas 116-117).



<https://youtu.be/YdxcE3QGegQ>

8) REBERÃO PIQUENO (córrego)

I: (...) os que tem é Maçambé, Alegre, Boa Vista, Santana, depois vem aqui o Reberão Piqueno, corgo do Cipó, (...). (023JGMOAF65, página 9, linhas 266-268).



<https://youtu.be/VXuO21tbYdc>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de José Gonçalves de Minas, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Mapa municipal estatístico de Jenipapo de Minas, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Mapa municipal estatístico de Berilo, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

010) topônimos: TOCA DA ONÇA e TOCA DAS ABELHAS Total de topônimos com o primeiro elemento “Toca”: 02	Taxonomia/natureza: ecotopônimo/antropocultural
Município: Itinga	
Acidente: comunidades rurais/humanos	
Estrutura morfológica: topônimo composto–substantivo composto feminino singular	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
<p>Conforme Machado (1984, p.1414) trata-se de um top. Cadaval, Fundão (Chão da Toca), Odemira (Toca do Mocho), Oliveira do Hospital; na Galiza: Corunha, Lugo. Do s.f toca.</p>	
<p>Sobre os segundos elementos, Houaiss (2009), apresenta as seguintes acepções.</p>	
<p><i>Onça</i> – substantivo feminino, designação genérica de alguns felídeos brasileiros de grande porte.</p>	
<p><i>Abelha</i> – substantivo feminino, designação comum aos insetos himenópteros, cosmopolitas, da superfamília dos apoídeos (...) que se distinguem das vespas por apresentarem pelos, especialmente no tórax.</p>	
Contexto oral:	
1) TOCA DA ONÇA	
<p><i>I: Acha, Itinga tem. A região de Água Fria, na região do Maitá, cê ainda acha onça. Inclusive nós temos uma, uma região que chama, chamada Toca da Onça. É ondê que, que, que 'la fica.</i> (013ITIJCM45, página 6, linhas 170-172).</p>	
	https://youtu.be/q8RHx_Y28CA
2) TOCA DAS ABELHAS~VILA	
<p><i>I: (...) tem a comunidade Toca das Abelhas, popularmente conhecida como apenas Vila (...)</i></p>	
	https://youtu.be/VPHzKCP_BOo
<p><i>I: (...)inclusive tem a comunidade chamada Toca das Abelhas que onde hoje cê encontra pinturas rupestres que detalham um pouco sobre essas pessoas habitaram</i></p>	

aqui, se eu não me engano foram os índios botocudos que estiveram aqui inicialmente (005ITIMAM19, página 6, linhas 178-179; página 7, linhas 216-219).



<https://youtu.be/0jHEaGMkREQ>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Itinga, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

011) topônimos: VARGEM GRANDE e VARGEM JOÃO ALVES	Taxonomia/natureza: geomorfotopônimo/física
Total de topônimos com o primeiro elemento “Vargem”: 02	

Município: Araçuaí

Acidente: comunidades rurais/humanos

Estrutura morfológica: topônimo composto – substantivo composto feminino singular

Origem: língua portuguesa

Histórico: não encontrado

Informações enciclopédicas:

Machado (1984, p. 1459) registra *Vargem* como topônimo “freqüente no Centro, no Sul e na Ilha da Madeira. Do substantivo feminino vargem, o mesmo que várzea [...].”

Segundo SOUSA (1960), os vocábulos varge, vargem e suas variantes chegaram ao Brasil muito cedo, tendo, "ao que parece, maior emprego do que em Portugal, é claro, devemos dizer, como substantivo comum e não como substantivo próprio locativo ou tópico."

Grande – topônimo frequente do adjetivo grande que entra em topônimos compostos nacionais e estrangeiros como Aldeia Grande, Ilha Grande de Joane, Rio Grande, Grande Oceano (...) Machado (1984, p.740).

João Alves – antropônimo formado por prenome + sobrenome.

Contexto oral:

1) VARGE GRANDE

I: Meus pais é, a minha mãe, ela é de, ela nasceu mesmo na Varge Grande, perto de Araçuaí, ali, num sei se você conhece a Varge Grande, fica antes de, daqui pra lá, fica acho que dez quilômetros, parece, antes de chegá ni Araçuaí. (019CMUESM64, página 1, linhas 16-18).



<https://youtu.be/bk3oBkJyOyo>

2) VARGEM JOÃO ALVES

I: E dentro dessa região do Córrego da Velha, nós temos Lagoa dos Patos, região de Mandinga, é a Vargem João Alves (...)
 (001ARADSM38, página 8, linhas 257-258).



https://youtu.be/6bdvgoSp_X8

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Araçuaí, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

012) topônimos: VILA DE SANTO ISIDORO; VILA DE SÃO JOÃO e VILA DE SÃO JOSÉ Total de topônimos com o primeiro elemento “Vila”: 03	Taxonomia/natureza: poliotopônimo/antropocultural
--	---

Município: Berilo, Francisco Badaró e Jenipapo de Minas

Acidente: comunidades rurais/humanos

Estrutura morfológica: topônimo composto – [substantivo composto feminino singular]

Origem: língua portuguesa

Histórico: não encontrada

Informações enciclopédicas:

Vila é um “topônimo frequente em nomes simples e compostos, no Norte de Portugal e na Galiza, antigos e modernos; o mesmo se diz de Vilas. Em Portugal antigamente também designava a “parte inicial, a “parte central” de uma cidade(...)” (MACHADO, 1984, p.1476).

Santo Isidoro – Lavrador que é um santo da Igreja Católica Romana. Canonizado em 1622 pelo papa Gregório XV. A sua festa é celebrada no dia 15 de maio.

São João – Séc I. Comumente representado às margens do rio Jordão, batizando Jesus Crsto, em pé, dentro da água e os braços cruzados sobre o peito; no alto o Espírito Santo simbolizado por uma pomba. Poel (2013, p.982).

São José – A ele é dedicado o mês de março. Esposo da Virgem Maria, vivia em Nazaré

como carpinteiro. Além de ser patrono dos profissionais da madeira, São José protege os viajantes e os asilados. Poel (2013, p.986).

Contexto oral:

1) VILA SANTO ISIDORO~SANTO ISIDORO

P: A zona rural oferece ensino médio?

I: Hoje? Oferece. Quase...quase todas...Xovê. É éé Lagoinha, é Lagoinha, Roça Grande, Vila Santo Isidoro (...). (018BERIAF60, página 2, linhas 29-31).



<https://www.youtube.com/watch?v=mNE8CdN9d-Y>

I: Quilombolas têm, acho que Berilo tem o maior número de comunidades quilombolas.

P: Ah, é? Quais são as comunidades que tem aqui?

I: Santo Isidoro, Tabulero, é Vai Lavando. (018BERIAF60, página 9, linhas 268-270).



<https://youtu.be/BRzSt8-NdA8>

2) VILA SÃ JÃO~VILA SÃO JOÃO

I: (...)e a água do rio Araçuáí que é lá pro lado de Virge da Lapa, Vila Sã Jão que é extremante de Badaró pra Virge da Lapa. (012FBAECM42, página 11, linhas 348-350).



<https://youtu.be/sdUpQNuzi0Q>

I: Eu conheço é Vila Sã Jão, conheço Empuera, conheço Barreiros, conheço Água Limpa, é, conheço Zabelê. (020FBAMEF66, página 8, linhas 252-253).



<https://youtu.be/Pgy5tIcZqSo>

I: Não, aqui tem uma comunidade aqui que rio abaix', bem distante chamada Vila. Eu fui uma vez, nunca mais. Vila São Jão. (024VDLMOF90, página 8, linhas 250-253).



<https://youtu.be/P5wzEgqAoEc>

3) VILA SÃO JOSÉ

I: Éé, os alunos da comunidade de Riberão de Areia, *Vila São José* (...). (014JEMFRM46, página 3, linhas 85-90).



<https://youtu.be/0yLkf6q3klg>

I: (...) só que a comunidade que eles colocô foi só *Vila São José*, só um, por enquanto. (006JEMCFG36, páginas 5, linhas 136-137).



<https://youtu.be/4kTZqAuXTAQ>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Berilo, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Mapa municipal estatístico de Francisco Badaró, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Mapa municipal estatístico de Jenipapo de Minas, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Neste grupo A, constatamos que predominam nos compostos com primeiro elemento idêntico, as taxes de natureza física. Dos 56/252 topônimos apresentados, 51/56 são de natureza física e apenas 5/56 são de natureza antropocultural. Os predominantes de natureza física são os formados com elementos ligados à hidrografia (água, barra, córrego, lagoa e ribeirão) que somam 39/51, seguidos dos geomorfotopônimos com 8/51 e fitotopônimos com 4/51. Os de natureza antropocultural são 3 poliotopônimos e 2 ecotopônimos. Apresentamos os compostos com o primeiro elemento *Monte e Morro* na mesma ficha, por serem lexias sinônimas.

5.1.2 B)Topônimos idênticos, simples ou compostos, que nomeiam mais de um acidente geográfico

001) topônimo: ALAGADIÇO 2 accidentes nomeados com Alagadiço: fazenda e comunidade Município: Coronel Murta Acidente: comunidade rural e fazenda/humanos Estrutura morfológica: topônimos simples – substantivo masculino singular Origem: língua portuguesa Histórico: não encontrado Informações enciclopédicas: <p>Antônio Houaiss (2009, p.80) define alagadiço como uma palavra de 1552 que significa solo úmido e pesado, próprio para o cultivo de arroz; alagadeiro. Nascentes (1976) define como terreno apaulado, encharcado.</p> <p>Alagadiço está situado no atual município de Coronel Murta, local onde apareceram os maxacalis em “1801(...) onde ficam até 1809, partindo dali contra os gueréns, em Alto dos Bois, em São Miguel e nos demais quartéis da 7ª divisão” (SANTIAGO,1999, p.121).</p> <p>Contexto oral:</p> <p>1) ALAGADIÇO~ALAGADIÇ’~LAGADIÇ’ (comunidade)</p> <p>I: É. Essa região aqui de <i>Alagadiço</i>, São José, aqui é <i>Alagadiço</i>, mais embaixo São José, do outro lado, Vereda, os alunos vão, estudam todos na, na sede. (019CMUESM64, página 3, linhas 77-79).</p>  <p>https://youtu.be/EL589SWyYDc</p> <p>I: Não, não é, tem.... Aqui mesmo, aqui embaixo, no <i>Alagadiço</i>, na bera do rio, tem muito pessoal que dedica à agricultura familiar. (019CMUESM64, página 5, linhas 128-129).</p>  <p>https://youtu.be/17sk7CV-wPQ</p> <p>I: Aqui no, no, no, na, na região aqui do <i>Alagadiç’</i> tem, em Freire Cardoso, tem, na Barra às vezes tem também, éééé, já ouvi falá também na Vereda. (003CMUERM35 p.8 linhas 249-251).</p>	Taxonomia/natureza: hidrotopônimo/física
--	--



<https://youtu.be/4hwptwEZd7w>

I: E tem ôta comunidade lá já no município de Coronel da Murta, lá em... chama Lagadiç', que também tem índios.

P: É uma comunidade rural?

I: Comunidade rural. De vez em quando esses índios lá do Alagadiç, eles põe ês num carro e traz e solta aí perto aí daí da rodoviária. Cê já viu por aí? Pois de vez enquanto ês fazem isso. (017ARALOM66, p.9/10, linhas 290-295).



<https://youtu.be/Xwcr-1jJ4ww>

2) ALAGADIÇO (fazenda)

I (...) A diocese fez. Essas pessoas estavam sem local e a diocese ela, ela tinha herdado, tinha ganhado, foi doado pra diocese a fazenda Alagadiço, né, que pertenceu a uma senhora chamada Mariquinha Murta. (001ARADSM38, página 10, linhas 298-300).



<https://youtu.be/HsDEZqw0fmY>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Coronel Murta, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

002) topônimo: ALEGRE 2 acidentes nomeados com Alegre: córrego e comunidade	Taxonomia/natureza: animotopônimo/antropocultural
Município: Berilo	
Acidente: córrego e comunidade /físico e humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples –substantivo masculino singular<adjetivo	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
De acordo com Machado (1984, p.87). Alegre é um topônimo de Lisboa (quinta). É frequente na composição Monte Alegre, de significação evidente.	
Houais 2009 apresenta algumas acepções para alegre: <i>adjetivo de 2 gêneros - que tem,</i>	

sente ou manifesta alegria, contente, jubiloso; que inspira ou causa alegria; ligeiramente embriagado; que se comunica com facilidade, expansivo.

Contexto oral:

1) ALEGRE (córrego)

I2: *Os que tem é Maçambé, Alegre, Boa Vista (...).* (023JGMOAF65, página 9, linhas 264-265).



<https://youtu.be/0ETr7kXFWRA>

2) ALEGRE (comunidade)

I: *Oh, moça, o único lugar que a gente vai muito é aqui no Alegre, de vez em quando a gente vai, aqui ni Santana mesmo, é, minha família, a família dele é de lá, a gente vai muito lá, em Santana, e Maiada aqui embaixo já é.* (023JGMOAF65, página 12, linhas 380-382).



<https://youtu.be/cKGTBs1ml5M>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Berilo, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

003) topônimo: ARAÇUAÍ 2 acidentes nomeados com Araçuaí: rio e município	Taxonomia/natureza: hidrotopônimo/física
Município: Araçuaí	
Acidente: rio e município/ físico e humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo singular masculino	
Origem: língua portuguesa<língua indígena (tupi) Cf. Sampaio	
Histórico: Araçuaí <Arassuaí<Calhau<Vila de Arassuahy<Calhau	
Informações enciclopédicas:	
Conforme Joaquim Ribeiro Costa (1970) existem versões distintas para o significado de Araçuaí: Teodoro Sampaio(1987[1901, p. 198) - define como <i>arçoyá-y</i> , rio do chapéu ou do cocar; Para Saint-Hilaire (1975[1830],) - é <i>araçu</i> , certo pássaro vermelho ou o ará vermelho e <i>hy</i> , rio, logo, o rio dos arás; Martius, por sua vez define <i>ara-assu-hy</i> - rio da arara ou do papagaio grande; Macedo Soares - afirma que não seria impossível ser a corruptela de <i>iroiçahy</i> , rio da água muito fria; Leopoldo Pereira (1969)	

- define como palavra indígena, formada por aglutinação, significando rio dos pássaros grandes. E na linguagem popular existem duas versões " arara só aí, ou ainda, ouro só aí", expressões que teriam resultado em Araçuaí. A população do município aceitou e usa como verdadeira a versão de rio das araras grandes.

O nome do município de Araçuaí surgiu a partir do nome do rio que passa na cidade e, de acordo com Soares e Cândido (2016), passa por mais 19 municípios, abastecendo 23, ou seja, beneficiando, aproximadamente, 500 mil pessoas do Vale do Jequitinhonha. Segundo Diniz et al (2015), o rio Araçuaí, possui extensão de 250 km e área total de 16.343 km². É responsável pela prática das principais atividades econômicas da região, como a agropecuária e a pesca, inclusive o rio é utilizado para o abastecimento de toda população da cidade. Já foi bem extenso conforme relatado por Saint-Hilaire em sua passagem pela região em 1817 que assim o descreve “ O Araçuaí é o único rio de volume um tanto considerável que vi depois de transpor o Paraíba e o Paraibuna”. (SAINT-HILAIRE, 1975 [1830], página 238).

O nome aparece escrito **Arassuahy** em um documento de 1940 Bandeiras e Bandeirantes de São Paulo “Dizem alguns que alcançou o Pará-Mirim, querendo outros que tivesse atravessado o valle do Arassuahy e fosse alcançar o rio das Rãs, no interior bahiano”. (...). “A tradição quer que essas pedras fossem colhidas na região banhada pelos rios Jequitinhonha e **Arassuahy**. ” “Ao mesmo tempo que cuidava da conquista dos sertões e da pesquisa do ouro e das esmeraldas, Domingos Dias do Prado dedicava-se ao commercio do gado para as Minas-Geraes, onde a mineração se desenvolvia consideravelmente no rio das Velhas e no Arassuahy”. (Carvalho Franco, 1940, páginas 35 ,143 e 18).

Contexto oral:

1) ARAÇUAÍ~CALHAU~CAIAU~KIAU (município)

I: Boa tarde! Eu nasci em Araçuaí. A minha família é proveniente da zona rural, mais eu nasci no perímetro urbano aqui em Araçuaí, no bairro chamado Corredor. (001ARADSM38, página 1, linhas 4-6).



https://youtu.be/nouNJ5_k0Fk

I: (...) eu tenho ex-alunos em muitos países – eles, quando saem de lá pra vir aqui, eles falam através da internet, pelo Face né, que vai fazer uma visita ao Calhau. Para eles

Araçuaí é Calhau ainda (...). O pessoal não fala Calhau não. O pessoal fala: Caiau.
K-I-A-U. Caiau. (002ARAZCM72, Página 10, linhas 245- 249).



<https://youtu.be/mSTgK-AE8LM>



<https://youtu.be/eCgNksLgyqE>

I: Aí eu vim aqui ni Araçuaí, mais quando eu quis voltar, aí meus irmãos já mixia cum oficina, com essas coisas e minha mãe danô chorar e eu num voltei. (017ARALOM66, página 2, linhas 48-49).



<https://youtu.be/beBEqY6e9JE>

I: Depois é que aí foi trôxe água, mais a gente ia no rio e no a gente ir buscar água, num tinha água encanada ni Araçuaí não, no a gente ir buscar a água, a gente também, cada um trazia uma lata d'água. (017ARALOM66, página 5, linhas 137-139).



<https://youtu.be/NKHNTD9MBWI>

2) ARAÇUAÍ (rio)

I: Porque o córrego Calhauzinho tá bem ali, próximo, né, ee com o Araçuaí, o rio maior, o causador dessa, Araçuaí bloqueia o Calhauzinho e faz com que ele se expanda em épocas de chuvas, chuvas fortes né, muito presentes. (001ARADSM38, página 10, linhas 327-330).



<https://youtu.be/fnv8U9uAw80>

Contexto escrito:

CARVALHO F. Bandeiras e Bandeirantes de São Paulo, 1940.

SAINT-HILAIRE, A. Viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. 1975[1830].

Mapa municipal estatístico de Araçuaí, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

004) topônimo: BOA VISTA 2 acidentes nomeados com Boa Vista: córrego e comunidade	Taxonomia/natureza: animotopônimo/antropocultural
Município: Berilo	
Acidente: córrego e comunidade rural/físico e humano	
Estrutura morfológica: topônimo composto - substantivo composto feminino singular 1º elemento< adjetivo	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
<p>De acordo com Machado (1984, p.259) "Boa - entra na composição de vários topônimos (Boa Aldeia: Águeda, Viseu: Boa Farinha, Vila de Rei: Boa Fé, Évora, Grândola, etc.)". E o substantivo <i>Vista</i>, é frequente em Portugal na composição de topônimos como em Vista Alegre, sobretudo em Ponte de Lima, no Norte e na Galiza. É usado para interpretar a largueza da paisagem vista desses locais.</p>	
<p>No Médio Jequitinhonha, Saint-Hilaire em sua passagem pela comunidade de Boa Vista, em 1817 assim relata “Passei em Boa Vista o dia de Pentecostes. Um sacerdote ali chegara, vindo de nove léguas de distância, e todos os colonos da vizinhança se tinham reunido na habitação (...). (...)desde que se tenha o trabalho de descarregar as canoas em alguns lugares difíceis, onde-se remontá-lo não só até Boa Vista, como ainda até a povoação de Água Suja(...)" (SAINT-HILAIRE, 1975 [1830], p. 238).</p>	
Contexto oral:	
1) BOA VISTA (córrego)	
<p>I2: <i>Os que tem é Maçambé, Alegre, Boa Vista (...).</i> (023JGMOAF65, página 9, linhas 264-265).</p>	
	https://youtu.be/mMSxYEyyZFs
2) BOA VISTA (comunidade)	
<p>I: <i>A minha mãe nasceu em Virgem na Lapa e o meu pai numa comunidade chamada Boa Vista. Boa Vista (...).</i> (018BERIAF60, página 1, linhas 10-11).</p>	



<https://youtu.be/g1xYHD5--2M>

I2: Da igreja, lá tá no, no caso na comunidade que chama **Boa Vista**.

I: E é município de Berilo. (023JGMOAF65, página 4, linhas 115-116).



<https://youtu.be/9VuVVQdmXkE>

Contexto escrito:

SAINT-HILAIRE, A. Viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. 1975[1830].

Mapa municipal estatístico de Berilo, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

005) topônimo: CANDONGA 2 acidentes nomeados com Candonga: córrego e chapada	Taxonomia/natureza: animotopônimo/antropocultural
Município: Araçuaí	
Acidente: chapada e córrego/físicos	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular]	
Origem: língua portuguesa<língua africana (quimbundo) Cf. Mendonça, 1935 [1933], p.189.	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
Em Castro (2005, p. 196) encontramos duas acepções para esse vocábulo: “fuxico; falsidade, manha, lisonja enganosa”; e “bem-querer, benzinho, amor, a pessoa querida, tratamento dado a mulheres jovens”. Mendonça (1935 [1933], p.189), apresenta as acepções de benzinho, barulho e intriga, com etimologia do quimbundo <i>ka</i> , prefixo diminutivo + <i>ndengue</i> , menor, pequeno.; Segundo Senna (1926) são várias as Serras de Minas denominadas por esse nome “Candonga”. No Médio Jequitinhonha, Candonga nomeia uma chapada, um córrego, uma fazenda e uma comunidade rural. Conforme o site eletrônico do patrimônio brasileiro (2022), Calhau era o nome do arraial que nos anos de 1830 começou a formar-se na planície entre a chapada do Piauí e a do Candonga , onde o instável Calhauzinho faz barra no caudaloso rio Araçuaí, ficando o arraial na margem direita de ambos. Machado (1984, p.334) afirma que Candonga é	

um topônimo no Brasil (Goiás, Minas Gerais, Piauí, Rio de Janeiro, São Paulo e Sergipe).

Contexto oral:

1) CANDONGA (córrego)

*I: Mas, mais córregos mesmo é tem é esse aí, **Candonga**, tem o Casanção, que você já conhece, né? (...)*



<https://youtu.be/oZbs41rTOEQ>

*I: Depois do **Candonga**, que o **Candonga** já ele travessa aquela estrada de Coronel Murta. Intão tem o **Candonga**, depois do **Candonga** (...). (017ARALOM66, página 8, linhas 258-263).*



<https://youtu.be/20Hrb2UZMBQ>

2) CANDONGA~chapada do CANDONGA (chapada)

*I: E a torre de televisão lá em cima, ondê que é a chapada do **Candonga**. Se chovesse também, pronto, cabô televisão, num tinha televisão.*

P: Essa chapada é, é chapada do quê?

I: Do Candonga.

P: Candonga?

*I: É. És fala do Condonga, mas é **Candonga**, inclusive é a chapada que o Saint-Hilaire fala no livro dele. Fala no livro dele sobre a chapada do **Candonga**. (009ARADBM53, página 7, linhas 215-222).*



<https://youtu.be/MJCjPB7g7is>

Contexto escrito:

SAINT-HILAIRE, A. Viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. 1975[1830].

Mapa municipal estatístico de Araçuaí, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

<p>006) topônimo: CANSANÇÃO 2 accidentes nomeados com Cansanção: córrego e comunidade</p>	<p>Taxonomia/natureza: fitotopônimo/física</p>
<p>Município: Virgem da Lapa</p>	
<p>Acidente: córrego e comunidade rural/físico e humano</p>	
<p>Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular</p>	
<p>Origem: língua portuguesa</p>	
<p>Histórico: não encontrado</p>	
<p>Informações enciclopédicas:</p>	
<p>Cansanção é uma planta que o naturalista francês Saint-Hilaire (1975[1830]) cita em seu relato de viagem pela região em 1817, assim como gonu (usada nas febres e como purgativo), ipecacuanha, sambaíba, caapiá, barbasco, centaurea, dentre outras), todas plantas de uso comum entre os indígenas. Machado (1984, p.337) assim se refere a Cansanção: topônimo no Brasil (Bahia, Minas Gerais, Piauí, Sergipe). Do substantivo feminino cansanção, nome de várias plantas brasileiras.</p>	
<p>Contexto oral:</p>	
<p>1) CASANÇÃO (córrego)</p>	
<p><i>I: (...) tem o Casançao, que você já conhece, né? Depois do Casançao tem o Santa Rita e pra o lado aqui de tá indo pra Coronel Murta, (...) (017ARALOM66, página 9, linhas 259-261)</i></p>	
	<p>https://youtu.be/KwXpHiqyHX4</p>
<p>2) CANSANÇÃO (comunidade)</p>	
<p><i>I: Aqui em Cansanção mesmo.</i></p>	
<p>P: Como é o nome?</p>	
<p><i>I: Cansanção. (008VDLMVM18, página 1, linhas 12-16).</i></p>	
	<p>https://youtu.be/ZL4O9vEjk-E</p>
<p>Contexto escrito:</p>	
<p>SAINT-HILAIRE, A. Viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. 1975[1830].</p>	
<p>Mapa municipal estatístico de Virgem da Lapa, escala 1:100.000, IBGE, 2010.</p>	

007) topônimo: FRADE 2 accidentes nomeados com Frade: serra e comunidade	Taxonomia/natureza: fitotopônimo/física
Município: Coronel Murta	
Acidente: serra e comunidade/físico e humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
<p>No dicionário de botânica, Taylor e Zappi (2004) que define o <i>melocactus zehntneri</i> como uma espécie de planta da família das Cactaceae, endêmica de Minas Gerais e da Bahia e também conhecido como cabeça de frade. Machado (1984, p .663) traz a acepção de frade como um “topônimo frequente em Portugal e no Brasil.; na Galiza: Pontevedra. Do s.m frade ou, em alguns casos, de Frade. Conforme o historiador José Cladionor Pinto, é esta segunda acepção que motivou o topônimo Frade no município de Itinga-MG, para nomear uma comunidade rural na qual ainda se encontra em abundância o cacto cabeça de frade.</p>	
Contexto oral:	
1) FRADE (serra do)	
<p><i>I: Tem a do Frade aqui, serra do Cachimboete ali imbaixo, serra do Pau Alto.</i> (003CMUERM35, página 2, linhas 34-36).</p>	
 https://youtu.be/intvov8rMxw	
2) comunidade do FRADE	
<p><i>I: Meu pai é, é de comunidade quilombola, eu sou quilombola, né? Meu pai é da comunidade quilombola de Jenipapo zona rural daqui de Itinga e minha mãe é da comunidade do Frade, né? Na mesma região do Jenipapo, aí os dois vieram pra cá quando casaram, vieram pra cá morá aqui na cidade.</i> (013ITIJCM45, página 1, linhas 13-16).</p>	
 https://youtu.be/J7ekBjYp0yY	
Contexto escrito:	
Mapa municipal estatístico de Coronel Murta, escala 1:100.000, IBGE, 2010.	

008) topônimo: GANGORRAS 2 accidentes nomeados com Gangorras: ribeirão e comunidade	Taxonomia/natureza: ergotopônimo/antropocultural
<p>Município: Itinga e José Gonçalves de Minas</p> <p>Acidente: ribeirão e comunidade/físico e humano</p> <p>Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo feminino plural</p> <p>Origem: língua portuguesa</p> <p>Histórico: não encontrado</p> <p>Informações enciclopédicas:</p> <p>Gangorra é um substantivo feminino – “engenho de cana-de-açúcar de tipo primitivo” (Nascentes, 1976, p. 793), complementado por Houaiss (2009), formado apenas por dois rolos de madeira entre dois esteios verticais. Conforme dados do IBGE, por volta de 1900, existiam muitas gangorras no ribeirão da localidade. Com as Gangorras movidas à água iniciou-se a produção de farinha de milho, grão este que era pilado para posterior consumo. A farinha era trocada por sal, açúcar e outros alimentos não encontrados aqui, logo já havia a fabricação de cachaça e rapadura aumentando assim o comércio local. Todo o comércio era transportado em animais. E o ribeirão que banha a atual cidade recebeu o nome de ribeirão das Gangorras, onde estavam instaladas as gangorras.³⁸</p> <p>Contexto oral:</p> <p>1) GANGORRAS~RIBERÃO (ribeirão)</p> <p><i>I: Olha, faltá, faltá, assim na cidade, não, é, aqui, nós temos, o Riberão até num período do ano ele ainda corre água, né, aqui até mês de agosto, ano passado, pelo menos, até setembro, tinha água no Riberão, parte dele</i> (015JGMVJM46, página 6, linhas 171-172 e 185-187).</p>  <p>https://youtu.be/88AAIDSbSEA</p> <p><i>I: Eu num, num tenho andado muito pela região, mas eu posso dizê pelo riberão das Gangorras que já não corre mais. (...). Já tem... eu posso dizê...já tem uns 20 ano que não corre.</i> (010BERASF44, página 7, linhas 196-199).</p>	

³⁸ Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/jose-goncalves-de-minas/historico> acesso em 04 de outubro de 2022.



<https://youtu.be/ra83IVRSRZI>

2) GANGORRA (comunidade)

I: (...)tem a comunidade **Gangorra**, tem a comunidade Capão é, aí depois vem a de () Jacaré que faz parte do município, tem... (005ITIMAM19, página 6, linhas 178-182).



<https://youtu.be/nJuCbvLCure>

I: O reberão de Gangorra, esses corgos tudo desaguava nele aqui. Na ponte de Gangorra já tá secano. (023JGMOAF65, página 9, linhas 283-284).



<https://youtu.be/e4mRQZlycuc>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Itinga, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Mapa municipal estatístico de José Gonçalves de Minas, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

009) topônimo: GRAVATÁ

2 acidentes nomeados com Gravatá: córrego e comunidade

Taxonomia/natureza:

fitotopônimo/física

Município: Araçuaí

Acidente: córrego e comunidade/físico e humano

Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular

Origem: língua portuguesa<língua indígena (tupi). Cf. Sampaio, 1987 [1901], p.234, 217 e 218.

Histórico: não encontrado

Informações enciclopédicas:

Gravatá, de acordo com Sampaio, (1987 [1901], p.234, 217/218) é o mesmo que carauatá que é a corruptela de *caruá-uã*, talo armado de espinho, nervura farpada, bromélia, cujas folhas dão excelentes fibras para vários misteres industriais: cordas, tecidos, papel. Alt. Crauá. Norte do Brasil

Saint-Hilaire em sua passagem pela região entre 1816 e 1822 cita o córrego Gravatá em

seu relato de viagem “Entre Setuba e Boa Vista da Barra do Calhao, atravessei dois riachos que se lançam no Araçuaí: o Setuba, que, no local em que o transpus, pode ter a largura de nossos rios de terceira ordem, e o **Gravatá**, que achei muito menos largo”. (SAINT-HILAIRE, 1975 [1830], página 238).

A comunidade de Gravatá fica a 20 km da comunidade Córrego da Velha. “A comunidade também carrega o nome do ribeirão ao longo do qual foi constituída, e a paisagem é bem parecida com a da comunidade anterior. As casas distantes umas das outras dão a impressão de isolamento, e há pouquíssimo movimento na estrada. Em termos populacionais, cerca de 74 famílias vivem na comunidade” (BARRETO, 2018, p.132.

Contexto oral:

1) GRAVATÁ (córrego)

*Que eu vim, é, é, conhecê tanto o o, córrego **Gravatá** quanto o Setúbal já mais velho, eu já não morava mais no, no bairro Corredô. (001ARADSM38, página 6, linhas 184-187).*



<https://youtu.be/eS-OzC0L0L4>

2) GRAVATÁ (comunidade)

*I: (...)até mesmo do **Gravatá**, que já é uma comunidade rural um pouquin mais distante, mais também atendia, nessa escola, Escola Estadual Isaltina Cajubi Fulgêncio.*

(001ARADSM38, página 2, linhas 37-39; página 5, linhas 150-153.)



https://youtu.be/A7j_mTXb5Qc

Contexto escrito:

SAINT-HILAIRE, A. Viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. 1975[1830].

MATOS, J.R.C. Mapa dos rios Doce e Jequitinhonha e seus afluentes, no estado brasileiro de Minas Gerais, na região sudeste (1776-1839).

Mapa municipal estatístico de Araçuaí, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

010) topônimo: ITINGA 02 acidentes nomeados com Itinga: rio e município	Taxonomia/natureza: hidrotopônimo/física
Município: Itinga	
Acidente: rio e município/físico e humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo feminino singular	
Origem: língua portuguesa < língua indígena (tupi). Cf. Sampaio, 1987 [1901], p.261	
Histórico: Itinga (1854) < Santo Antônio da Barra do Rio Itinga < Itinga.	
Informações enciclopédicas:	
<p>Sampaio, 1987 [1901], p.261 define Itinga – corruptela <i>Y-tinga</i>, a água branca, o rio branco. Alt. Utinga, Otinga. Conforme dados do IBGE, o distrito, anteriormente denominado de Santo Antônio da Barra do Rio Itinga, foi criado com a denominação de Itinga, pela lei provincial nº 670, de 29-04-1854, e lei estadual nº 2, de 14-09-1891, subordinado ao município de Arassuaí. Elevado à categoria de município com a denominação de Itinga, pela lei estadual nº 1058, de 31-12-1943, desmembrado de Arassuaí. No período de 1939-1943, o município é constituído de 2 distritos: Itinga e Santana do Arassuaí. Pela lei estadual nº 336, de 27-12-1948, é criado o distrito de Jacaré (ex-povoado) e anexado ao município de Itinga. Pela lei estadual nº 8285, de 08-10-1982, é criado o distrito de Ponto dos Volantes (ex-povoado) e anexado ao município de Itinga. Pela lei estadual nº 10703, de 27-12-1995, desmembra do município de Itinga os distritos de Ponto dos Volantes e Santana do Araçuaí, para formar o novo município de Ponto dos Volantes. Em divisão territorial datada de 2001, o município é constituído de 2 distritos: Itinga e Jacaré. De acordo com o IBGE, no censo demográfico de 2010, Itinga possuía 14 407 habitantes. Quem nasce em Itinga é Itinguense.</p>	
Contexto oral:	
1) ITINGA (rio)	
<p><i>I: (...) Só que ês ficaram nessa região de Itinga na beira do rio de Itinga, no rio Itinga com o rio Jequitinhonha e aí colonizaram, começaram a colonizá aí mais ou menos nessa época. E aí depois vieram (...) em mil oitocentos e cinco de uma expedição pá, pá criá os ouriferos nessa região. (013ITIJCM45, Página 3, linhas 72-76).</i></p>	
 https://youtu.be/4MNVtQggwt4	

2) ITINGA~cidade de ITINGA~município da ITINGA

I: (...)A *Itinga* nasceu de um quartel...



<https://youtu.be/6LQSG8L2dGY>

I: Só que é conhecido também como pedra negra aqui ni *Itinga* também, por causa duma pedra negra, onde que fica justamente numa das tocas das construções rupestres, *Itinga* tem 8 cavernas de construções rupestres. (013ITIJCM45, página 3, linha 81; página 6, linhas 184-186).



<https://youtu.be/DdaRNGoN5p4>

I: Então, aqui ni *Itinga* a gente tem, tem o poliesportivo aqui, né? Agora, devido pandemia não tá tendo tanta atividade realizada lá, porém, tem jogos aqui, acontecem torneios, tem a Arena *Itinga*, que é um local de, de futebol também (005ITIMAM19, página 4, linhas 108-110.)



<https://youtu.be/IU8LB2IHF08>

I: Se você adentrasse aqui no município da *Itinga*, alguns lugares da *Itinga* tinha onça é.... porém, cê conhece o viado, né? Que o povo gosta de caçar? (017ARALOM66, página 6, linhas 188-190).



<https://youtu.be/PIby7DQ26DE>

I: Diminuiu muito Shirlene, porque até aqui na *Itinga*, por exemplo, tem muitas pessoas que veve de pesca né, pesca artesanal (...) (021ITIDAM72, página 5, linhas 138-139).



<https://youtu.be/omJ9tpNZfsI>

Contexto escrito:

MATOS, J.R.C. Mapa dos rios Doce e Jequitinhonha e seus afluentes, no

estado brasileiro de Minas Gerais, na região sudeste (1776-1839). [Imagen: Map of Doce and Jequitinhonha Rivers Copied from Documents Found in the House of Representatives WDL945.png|thumb|180px|Legenda]]

ALBUM CHOROGRAPHICO de 1927. Disponível em https://www.albumchorographico1927.com.br/imprimir.php?mapa=2012_05_04_16_38_25_arassuary.jpg Acesso em 06 de dezembro de 2022.

Mapa municipal estatístico de Itinga, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

011) topônimo: JENIPAPO 2 acidentes nomeados com Jenipapo: córrego e comunidade	Taxonomia/natureza: fitotopônimo/física
Município: Itinga	
Acidente: córrego e comunidade /físico e humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular	
Origem: língua portuguesa<língua indígena (tupi) Cf. Sampaio 1987(1901), p.232	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas: Em Sampaio (1987[1901], p.232) temos Genipapo: corruptela de <i>Yanipáb</i> ou <i>Yandipab</i> , podendo-se escrever <i>nhandipab</i> , e significa fruto das extremidades que dá suco. O termo <i>yandi</i> ou <i>nhandi</i> exprime suco, óleo, o que ressuma, e o final <i>ipab</i> se traduz como fruto da ponta, do extremo, ou fruto extremo, alusão a que os frutos dos genipapeiros são tantos quanto as extremidades dos seus galhos. Machado (1984, p.825) descreve como um topônimo. No Brasil. Do s.m jenipapo, árvore de fruto, o fruto dessa árvore. Contexto oral: 1) JENIPAPO~córrego de JENIPAP' (córrego) <i>I: É, tinha ooo, corgo, que era corgo do Jenipapo né, só que ele ficava é de frente, né, do outro lado do rio. Então tem esse córrego lá até hoje né, e aí gent' ia, tinha amizade com as meninas, as crianças que morava também né, na barra desse córrego, né, no, na margens do rio Jequitinhonha e a gente fazia amizad', gent' ia pra lá brincá com eles e nadá por lá, né. (021ITIDAM72, página 2, linhas 56-60).</i>	
	https://youtu.be/EnwKXNUrViQ
<i>I: O mesmo corgo do Jenipapo é do Santa Maria, né passa aqui é o córrego de</i>	

Jenipap' e aí passa na Santa Maria e desagua no rio Jequitinhonha. (021ITIDAM72, página 8, linhas 243-244).



<https://youtu.be/AnFeqiqGrUc>

2) JENIPAPO~JENIPAPO~JENIPAP' PINTO~JENIPAPO 1~JENIPAPO II~JENIPAPO III~JENIPAP' (comunidade quilombola)

I: Meu pai é, é de comunidade quilombola, eu sou quilombola, né? Meu pai é da comunidade quilombola de Jenipapo zona rural daqui de Itinga e minha mãe é da comunidade do Frade, né? Na mesma região do Jenipapo, aí os dois vieram pra cá quando casaram, vieram pra cá morá aqui na cidade. (...). (013ITIJC45, página 1, linhas 13-16).



https://youtu.be/B_omDkojblg

I: (...) ni Itinga tem o grande, a grande comunidade do Jenipap' que é dividido pelas pessoas em três jenipapos: Jenipap' I, II e III, que é o Jenipap' Pinto, onde que originou, que é onde que me, meu, meu avô criô a comunidade, né, no início do século XIX (...). (013ITIJC45, página 1, linhas 19-20).



<https://youtu.be/KkAfQzmDovU>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Itinga, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

012) topônimo: OLHO D'ÁGUA 02 acidentes nomeados com Olho D'água: córrego e comunidade	Taxonomia/natureza: hidrotopônimo/física
--	--

Município: Coronel Murta

Acidente: córrego e comunidade/físico e humano

Estrutura morfológica: topônimo composto – substantivo composto masculino singular

Origem: língua portuguesa

Histórico: não encontrado

Informações enciclopédicas:

Antônio de Moraes Silva (1813, v. 2, p. 363) descreve *olho de água*, como um golpe de água que arrebenta de algum buraco, ou abertura da terra. Machado (1984, p. 1090) registra o topônimo Olho D'água. Em Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2004) *olho d'água* é a “nascente que rebenta do solo; fonte natural perene; lacrimal, olho”.

Contexto oral:

1) OLHO D'ÁGUA~corgo do OLHO D'ÁGUA (córrego)

I: (...)ele passava, ele nascia na região do Olho D'água, que também é um corgo, corgo do Olho D'água, né, éé, que hoje não existe mais (...) (011CMUHFM52, página 2, linhas 37-38).



https://youtu.be/4T_TmNBS3wI

2) OLHO D'ÁGUA~OLHOS D'ÁGUA (comunidade)

I: Meu pai nasceu na, na localidade conhecida por Olho D'água. (11CMUHFM52, página 1, linha 13).



<https://youtu.be/XXth9YWNzC4>

I: (...)inclusive esses dias eu tomei um susto porque eu tenho uma propriedade lá numa localidade chamada Olhos D'água, lá ni Oro Fino eu tenho propriedade, 52 hectares. (11CMUHFM52, página 12, linhas 382-384).



<https://youtu.be/ei7Xz4W-DHc>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Coronel Murta, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

013) topônimo: PASSAGEM 2 acidentes nomeados com Passagem: córrego e comunidade	Taxonomia/natureza: hodotopônimo/antropocultural
Município: Francisco Badaró	
Acidente: córrego e comunidade/físico e humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo feminino singular	
Origem: língua portuguesa	

Histórico: não encontrado

Informações enciclopédicas:

MACHADO (1984) apresenta "Passagem" como um topônimo freqüente em Portugal e no Brasil. Dentre as várias definições que encontramos para passagem em Houaiss (2009, p.1441) uma delas é: lugar por onde se passa, passadouro.

Contexto oral:

1) córrego da PASSAGE

*I: Então, lá tinha muitos córregos, córrego Água Limpa, **córrego da Passage**, é, é, o, o Riberão.* (012FBAECM42, página 10, linhas 327-328).



https://youtu.be/tLrxuT_RpY4

2) comunidade PASSAGE~comunidade quilombola de PASSAGE~PASSAGE~PASSAGEM

*I: (...) porque minha, minha, a casa dos meus pais é no Corgo Seco, mais é próximo à comunidade **Passage** que é comunidade quilombola também.* (020FBAMEF66, página 2, linhas 46-47).



<https://youtu.be/vM3F3qYTMjE>

*I: A comunidade quilombola de **Passage**, ela tem o nome hoje de **Passage** é porque era lá que os tropeiros parava pá pôs os burros pá descansá e atravessá o ri, então ês chamava de **Passage** porque era lá quês tinha que passá né. Então, tornou-se a comunidade **Passage**.* (020FBAMEF66, página 10, linhas 325-328).



<https://youtu.be/cWrPmEANqg4>

*I: Aqui tem é, que eu conheço, tem onde minha, meus parentes, meus descendentes moraram, que é Córrego do Boi, tem **Passagem**...* (004FBAJSM21, página 3, linhas 80-81).



<https://youtu.be/nFxUVgPVZZY>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Francisco Badaró, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

014) topônimo: SETÚBAL 03 acidentes nomeados com Setúbal: rio, barragem e comunidade	Taxonomia/natureza: corotopônimo/antropocultural
Município: Araçuaí	
Acidente: barragem, rio, comunidade/físicos e humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
<p>Em Machado (1984, p.1341) temos que Setúbal é uma cidade portuguesa. “O ponto de partida para o estudo deste nome está no topônimo latino <i>Caetobriga</i> (...). O nome coerente do povoado era <i>Setobriga</i>, que os cultos escreviam <i>Caetobriga</i>. <i>Setobriga</i> seria palavra céltica, como o parece provar a presença do elemento – <i>briga</i>; quanto ao inicial, creio tratar-se de <i>set</i>-radical pré-indo-europeu na acepção de elevação, monte. O topônimo significaria, portanto, sítio, povoação elevada”.</p> <p>Além de nomear um rio, uma barragem e uma comunidade, Setúbal serviu de inspiração para nomeação de uma cidade do Vale do Mucuri, de nome Setubinha, conforme descrito no site eletrônico as minas gerais. “Por volta de 1830, a região de Setubinha foi visitada por um homem chamado Jerônimo. Jerônimo era um Português cobrador de impostos, que se orientou pelo leito de um rio ao qual deu o nome de Setúbal. Deste rio originou o diminutivo Setubinha, nome dado à vila que nasceu próximo a esse rio³⁹.”</p> <p>Saint Hilaire em sua viagem pelo Brasil entre 1816 e 1822, passou pela região de Setúbal conforme descreve “ (...) nessa orla entre Sucuriú e Setuba, as caatingas assemelham-se singularmente aos bosques, e apresentaram-me um denso maciço de sarças, plantas trepadeiras e arbustos (...). “Entre Setuba e Boa Vista, além do limite</p>	

³⁹ Disponível em

<http://asminasgerais.com.br/?item=ALBUM&codAlbum=572#:~:text=Por%20volta%20de%201830%20a,nasceu%20pr%C3%B3ximo%20a%20esse%20rio>. Acesso em 09 de janeiro de 2023.

dos carrascos, observei novas diferenças”. “Como toda a região em que está localizada, a pequena fazenda em que me apeei toma o nome do regato de Setuba”. (SAINT-HILAIRE 1975 [1830], páginas 233, 237).

Saint-Hilaire em sua passagem pela região entre 1816 e 1822 cita o córrego Gravatá em seu relato de viagem “Entre Setuba e Boa Vista da Barra do Calhao, atravessei dois riachos que se lançam no Araçuaí: o Setuba, que, no local em que o transpus, pode ter a largura de nossos rios de terceira ordem, e o **Gravatá**, que achei muito menos largo”. (SAINT-HILAIRE, 1975 [1830], página 238).

Contexto oral:

1) barragem do SETÚBAL~barragem do rio SETÚBAL

I: A barragem do Setúbal, ela foi inaugurada em 2010. 014JEMFRM46, página 5, linha 139).



<https://youtu.be/uxzc2kyOTI4>

I: (...)E é por causa da barragem do rio Setúbal. É uma barragem que eles fizeram mais ou menos 12km aqui acima da cidade e ela interferiu nesse costume. (014JEMFRM46, página 5, linhas 151-153).



<https://youtu.be/yR-bDd0x5y8>

2) rio SETÚBAL~SETÚBAL~SETUBA~rio SITUBA

I: Que eu vim, é, é, conhecê tanto o o, córrego Gravatá quanto o Setúbal já mais velho, eu já não morava mais no, no bairro... (001ARADSM38, página 6, linhas 185-187).



https://youtu.be/IkD27_JWvqY

I: (...) que na enchente ele subiu po Setuba acima. (020FBAMEF66, página 5, linhas 138-139).



<https://youtu.be/am6UgmBgOSo>

I: (...)Cinco anos tem um registro que acharam onça lá. E a sucuri também, se hoje tem, disse que viram no rio **Setúbal**, porque o Sucuriú deságua no **Setúbal**. Segundo eles, eles viram no rio **Setúbal**. (012FBAECM42, página 10, linhas 297 a 299).



<https://youtu.be/NFgjGI4sjyU>

I: É o rio **Situba** mesmo. O nome da comunidade, do lugá era **Situba** por causa do rio, o rio é **Situba**, rio **Situba**(...). (022JEMMF82, página 3, linhas 76-77).



https://youtu.be/h9Yf_NhwFFg

3) SETÚBAL~comunidade de SETÚBAL~SITUBA~SETUBA

I: Nasceram lá também, minha mãe é de... da **comunidade de Setúbal**, que (...), ela é de mil novecentos e cinquenta, pertence a Araçuaí, porque **Setúbal** é separado pela ponte, né? (012FBAECM42, página 1, linhas 14-16).



<https://youtu.be/DSb0tMkH4pY>

I: (...). Da família que eu nasci, de pai e mãe, todo mundo foi nascido aqui mesmo em Jenipapo. Era **Situba**. **Setuba** que falava, né. (022JEMMF82, página 2, linhas 39-41 e 46-48).



<https://youtu.be/bbSLx9aUScA>

Contexto escrito:

SAINT-HILAIRE, A. Viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. 1975[1830].

MATOS, J.R.C. Mapa dos rios Doce e Jequitinhonha e seus afluentes, no estado brasileiro de Minas Gerais, na região sudeste (1776-1839).

Mapa municipal estatístico de Araçuaí, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

<p>015) topônimo: VAI LAVANDO 02 acidentes nomeados com Vai Lavando: córrego e comunidade</p>	<p>Taxonomia/natureza: dirrematopônimo/antropocultural</p>
<p>Município: Berilo</p>	<p>Acidente: córrego e comunidade/físico e humano</p>
<p>Estrutura morfológica: topônimo composto – substantivo composto masculino singular<locução verbal</p>	<p>Origem: língua portuguesa</p>
<p>Histórico: não encontrado</p>	<p>Informações enciclopédicas: não encontradas</p>
<p>Contexto oral:</p>	<p>1) VAI LAVANDO (córrego)</p>
<p><i>I: Vai Lavando, Vai Lavando é.... eles falavam que, eles falavam que tinha muito ouro, né, acima assim do córrego Vai Lavando (...).</i> (018BERIAF60, página 9, linhas 272-274).</p>	 <p>https://www.youtube.com/watch?v=lj15NbiUVLs</p>
<p>2) VAI LAVANDO (comunidade)</p>	<p><i>I: Comunidade Vai Lavando, é uma comunidade, é uma comunidade quilombolas de Vai Lavando.</i> (010BERASF44, página 7, linhas 215-216).</p>
	<p>https://youtu.be/z0Q-6KjGJa8</p>
<p>Contexto escrito:</p>	<p>FOGAÇA, S. Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória, 2017. Mapa municipal estatístico de Berilo, escala 1:100.000, IBGE, 2010.</p>

<p>016) topônimo: VEREDA 02 acidentes nomeados com Vereda: fazenda e comunidade</p>	<p>Taxonomia/natureza: hodotopônimo/antropocultural</p>
<p>Município: Coronel Murta e Jenipapo de Minas</p>	<p>Acidente: fazenda e comunidade rural/humano</p>
<p>Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo feminino singular</p>	

Origem: língua portuguesa

Histórico: não encontrado

Informações enciclopédicas:

Vereda, conforme encontramos em Houaiss (1999), substantivo feminino - caminho estreito, senda, sendeiro; caminho secundário pelo qual se chega mais rapidamente a um lugar; atalho [...]. Regionalismo: Minas Gerais, Centro-Oeste do Brasil. Na região dos cerrados, curso de água orlado por buritizais. Machado (1984, p.1468) diz ser um topônimo português de Mértola; ilha da Madeira; na Galiza: Corunha, Lugo.

Contexto oral:

1) VEREDA (fazenda)

I: Tem Vereda, Folha Roxa, tem muitas. Agora, a maioria das fazendas, o que que acontece hoje? A maioria das fazendas hoje virô o que? Local onde os, as pessoas que moram na cidade, os donos vão passá fim de semana (...) (011CMUHFM52, página 13, linhas 399-402).



<https://youtu.be/74hMysL8C9g>

2) VEREDA~VEREDA 1~VEREDA2~VEREDAS (comunidade)

I: Aqui no, no, no, na, na região aqui do Alagadiç tem, em Freire Cardoso, tem, na Barra às vezes tem também, ééée, já ouvi falá também na Vereda.



<https://youtu.be/zckAvhPnfFY>

I: A formação do município assim que eu, que eu sei, que primero, foi quando a família do, do coronel comprô a, a fazenda lá embaixo na Vereda. Que, que o município começou lá, uma fazenda lá embaixo, né, na Vereda, quando ele veio pra cá, a família dele, o coronel, acho que ele nasceu lá inclusive, salvo me engano. (003CMUERM35, página 8, linhas 250-251; página 11, linhas 334-337).



https://youtu.be/_I-pnl68rIs

I: (...) o nome da comunidade é Vereda. Então, é Vereda 1, Vereda 2... (019CMUESM64, página 10, linhas 321-322).



<https://youtu.be/-N800W0E3y8>

I: (...) Aí também tem a **comunidade de Veredas**, é, que são comunidades próximas. (55JEMFRM46, página 4, linhas 100-101).



<https://youtu.be/yzZJdYHroUE>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Coronel Murta, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Mapa municipal estatístico de Jenipapo de Minas, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

No grupo B, dos topônimos idênticos que nomeiam mais de um acidente, constatamos um equilíbrio entre natureza das taxes: física com 16/33 (10 fitotopônimos e 6 hidrotopônimos,) e 17/33 taxes de natureza antropocultural (6 animotopônimos, 4 hodotopônimos, 3 corotopônimos, 2 dirrematopônimos e 2 ergotopônimos). Neste agrupamento tivemos a substantivação do adjetivo alegre “o único lugar que a gente vai muito é aqui no Alegre”, do adjetivo boa para compor o Boa Vista, além da substantivação da locução verbal vai lavando “voltada para a questão do ouro, que é o Vai Lavando”. Observamos que na maioria dos casos o mesmo topônimo nomeia um acidente físico e um humano, o que é comum na região, o nome da comunidade surgir a partir do nome de um rio ou córrego como *Alegre, Boa Vista, Setúbal, Gangorras, Passagem, Cansanção, Olho D'água, Gravatá, Itinga, Vai Lavando*, que antes de nomearem uma comunidade rural ou um município, nomeavam um córrego ou rio.

5.1.3 C)Topônimos formados pelos nomes Santa, Santo, São e outras invocações religiosas

<p>001) topônimos: SANTA LUZIA, SANTA MARIA, SANTA RITA⁴⁰ (2x), SANTA RITA DO TOMBO, SANTANA⁴¹ (3x), SANTANA DO ARAÇUAÍ, SANTO ANTÔNIO, SANTO ANTÔNIO DO BOLAS, SÃO BENTO, SÃO DOMINGOS, SÃO JOÃO, SÃO JOAO DO VACARIA, SÃO JOÃO DE QUELÉ, SÃO JOAQUIM, SÃO JOSÉ⁴² (2x), SÃO JOSÉ DAS NEVES, SÃO JOSÉ DO BOLAS, SÃO PEDRO, SÃO VICENTE, CINTA VERMELHA JUNDIBA, CRUZEIRO, NEVES, PASSOS, ROSÁRIO⁴³ (2x) e VIRGEM DA LAPA.</p> <p>30 acidentes (córregos, fazendas, aldeia e comunidades) nomeados com os nomes Santa, Santo , São e outras invocações religiosas.</p>	<p>Taxonomia/natureza: hierotopônimos /antropocultural</p>
<p>Município: Araçuaí (Neves, Santa Rita, Santa Rita do Tombo e São José das Neves); Berilo (São Joaquim e São Pedro); Coronel Murta (Santana, Santo Antônio, São José e São Vicente); Francisco Badaró (São João e São João de Quelé); Itinga (Santa Maria); Jenipapo de Minas (Santa Luzia, Santo Antônio do Bolas e São José do Bolas); José Gonçalves de Minas (Passos, Santana, São Bento); Virgem da Lapa (Rosário, São João do Vacaria, Virgem da Lapa).</p> <p>Acidente: córrego, fazenda, comunidade e município/ físicos e humanos</p> <p>Estrutura morfológica: <i>topônimo simples</i> – substantivo feminino (Neves, Santana); substantivo masculino (Passos, Rosário)</p> <p><i>Topônimo composto –substantivo composto feminino</i> (Santa Luzia, Santa Maria, Santa Rita, Santa Rita do Tombo, Santana do Araçuaí e Virgem da Lapa); <i>substantivo composto masculino</i> (Santo Antônio, Santo Antônio do Bolas, São Bento, São Domingos, São João, São João do Vacaria, São João de Quelé, São Joaquim, São José, São José das Neves, São José do Bolas, São Pedro, São Vicente).</p> <p>Origem: língua portuguesa</p> <p>Histórico: não encontrado para Santa Luzia, Santa Maria, Santa Rita, Santa Rita do Tombo, Santana, Santana do Araçuaí, Santo Antônio, Santo Antônio do Bolas, São Bento, São Domingos, São João, São Joao do acaria, São João de Quelé, São Joaquim, São José, São José das Neves, São José do Bolas, São Pedro, São Vicente, Neves, Passos e Rosário.</p>	

⁴⁰ Nomeia dois acidentes geográficos: córrego e comunidade.

⁴¹ Nomeia três acidentes geográficos: córrego, fazenda e comunidade.

⁴² Nomeia dois acidentes geográficos: córrego e comunidade.

⁴³ Nomeia dois acidentes geográficos: córrego e comunidade.

Virgem da Lapa (1948) < São Domingos do Araçuaí (1729) <Arraial de São Domingos

Informações enciclopédicas:

SANTA LUZIA - Conforme Machado (1984), ilha de Cabo Verde. Deve ter sido descoberta no dia da festa daquela santa. Em 1462.

SANTA MARIA – Top. Ilha dos Açores. Assim denominada por ter sido descoberta no dia da festa de Santa Maria, segundo Machado (1984).

SANTA RITA – Conforme Poel (2013, p.952) na religiosidade popular é a santa dos impossíveis, por ter tirado o marido do inferno, como consta do bendito de Santa Rita cantado em muitas versões.

SANTANA – Segundo Machado (1984), topônimo frequente; Ilha da Madeira; muito frequente também no Brasil. Aglutinação de Santa Ana.

SANTO ANTÔNIO -De acordo com Machado (1984), o topônimo Santo Antônio é bastante comum em Portugal e no Brasil.

SÃO BENTO – “São Bento tornou-se o fundador da ordem dos beneditinos; é considerado o pai dos monges do Ocidente. Tinha por lema “*Ot et labora*”: rezar e trabalhar. Poel (2013, p.974).

SÃO DOMINGOS – representado com o hábito branco dos dominicanos, com sobrepeliz, usando manto e estola negros. Muitas vezes traz na mão um livro, símbolo da pregação e do ensino, ou um crucifixo grande com quem domina o demônio caído por terra. Poel (2013, p.978). Dos topônimos com nomes de santos e santas na região, São Domingos é o mais antigo. Além de ser o primeiro nome do município de Virgem da Lapa é o nome de um ribeirão com mesmo nome conforme Saint- Hilaire descreve em seu relato de viagem à região “ São Domingos foi fundada em 1728, por bandeirantes que encontraram ouro no leito do ribeirão de São Domingos, e na encosta de alguns morros vizinhos. ” (SAINT-HILAIRE, 1975 [1830], p.284).

SÃO JOÃO – Séc I. Comumente representado às margens do rio Jordão, batizando Jesus Crsto, em pé, dentro da água e os braços cruzados sobre o peito; no alto o Espírito Santo simbolizado por uma pomba. Poel (2013, p.982).

SÃO JOÃO DE QUELÉ - Séc. I. Comumente representado às margens do rio Jordão, batizando Jesus Cristo, em pé, dentro da água e os braços cruzados sobre o peito; no alto o Espírito Santo simbolizado por uma pomba. Poel (2013, p.982). Quelé – gravata do orixá, conforme Houaiss (1999, p.1590).

SÃO JOAQUIM – Em companhia de Ana e Maria menina, veste a túnica de rabino, o manto cobrindo-lhe a cabeça. Usa barba comprida e apoia-se num cajado. Esposo da senhora Santana, foi apenas no séc. XIII que ele começou a ser venerado no Ocidente. Poel (2013, p.984).

SÃO JOSÉ – A ele é dedicado o mês de março. Esposo da Virgem Maria, vivia em Nazaré como carpinteiro. Além de ser patrono dos profissionais da madeira, São José protege os viajantes e os asilados. Poel (2013, p.986).

SÃO PEDRO – Séc.I Pescador, natural de Betsaida, inicialmente chamado Simão, era filho de João. Apóstolo e mártir, foi o primeiro papa. Poel (2013, p.991).

SÃO VICENTE – topônimo no Algarve, conforme Machado (1984).

CINTA VERMELHA - Conforme a indigenista Geralda Soares Cinta-Vermelha é o nome do protetor espiritual da aldeia, é o Encantado ou Praiá, da cultura Pankararu. Segundo Soares (2012), a aldeia Cinta-Vermelha Jundiba (CVJ), que está localizada no Médio Jequitinhonha, especificamente no município de Araçuaí -MG, foi fundada em 2005, quando Ivan Pankararu, adquiriu o terreno onde vivem através do regime de Crédito Funcionário. A aldeia reúne indígenas das etnias Pankararu e Pataxó, composta por poucos núcleos familiares. A aldeia Cinta Vermelha Jundiba, assim como outros agrupamentos indígenas, é resultado de migrações recentes, particularmente da década de 1990. Antes disso, a memória sobre os índios mais forte que se tinha era relacionada às “guerras justas” iniciadas com Dom João VI, em 1808. Após todo um processo de guerras, colonização, catequese e escravidão, vários dos povos que ali viviam foram dizimados, migraram ou se diluíram pelos povoados que se formaram. A primeira migração Pataxó-Pankararu se deu por volta de 1992, quando um bispo da diocese de Araçuaí concedeu, por comodato, 60 hectares de terra do município de Coronel Murta, para os indígenas formarem a aldeia Apukaré. Conforme Liberato e Rocha (2012) “a aldeia Cinta Vermelha-Jundiba (CVJ) representa um caso único no Brasil. Pela primeira vez, um grupo de indígenas formado por diferentes grupos étnicos (Pataxó e Pankararu) se uniu e comprou sua própria terra” (LIBERATO e ROCHA, 2012, p.1).

CRUZEIRO- Topônimo muito frequente em Portugal, no Brasil na Galiza. Alude especialmente a cruzes elevadas nas igrejas, praças e cemitérios, conforme consta em Machado (1984, p.476).

NEVES - Top. Frequentado s.f plural neves, certamente em referência, nuns casos, à devoção local de Nossa Senhora das Neves (...). Em Santa Maria celebra-se o milagre

da neve em agosto, para marcar o terreno de Roma onde se ergueria a Basílica de Santa Maria Maior.

PASSOS – Da invocação de Senhor dos Passos ou *Senhor Bom Jesus dos Passos*. Refere-se ao caminhar de Jesus para o Monte Calvário. “Relativo a cada uma das 14 estações que compõem a via-sacra da Paixão de Cristo (HOUAISS, 2009, p.1443).

ROSÁRIO - o rosário é em português vocábulo erudito, de origem religiosa, do latim *rosarium*. Há quem afirme que esse nome, aplicado às contas da corrente, é por se comparar, na ladinha, a Virgem Maria à rosa – ‘Rosa mystica’. Porém é mais provável que a designação da corrente haja sido aplicada em atenção à grinalda de rosas com a qual, na Idade Média, se coroava a Virgem. Gúerios (1979, p.173)

VIRGEM DA LAPA - Leopoldo Pereira (1969, p.13) no território do atual Município de Araçuaí, já havia uma pequena aldeia (Arraial de São Domingos), fundada em 1728 por aventureiros que acharam ouro no Ribeirão de São Domingos. Um rico português chamado Antônio Pereira dos Santos obteve, por carta régia doação de extensos terrenos na margem esquerda do Araçuaí e direita do Jequitinhonha fundando a aldeia de São Domingos. (Pereira, 1969, p.98). Em 1969 no distrito de São Domingos “é ainda praticada a tradicional indústria da fiação de tecelagem à mão. Antigamente daí se exportava uma enorme quantidade de tecido grosso de algodão”(...). (PEREIRA, 1969, p.87). A aldeia de São Domingos, que foi a primeira povoação do município de Araçuaí. A paróquia foi criada em 1840 pela lei 167. Em 1948, pela lei estadual nº 336 de 27/12/1948, foi elevada à categoria de cidade, alterando o nome de São Domingos do Arassuaí para Virgem da Lapa, em homenagem à *Senhora da Lapa*.

Contexto oral:

1) SANTA LUZIA

I: (...) É **Santa Luzia**. Agora o nome é **Santa Luzia**, mas quando eu nasci o nome era **Setuba**. Era município de... Badaró. (022JEMMF82, página 2, linhas 40-41).



<https://youtu.be/UIURebKFxHw>

2) SANTA MARIA

I: (...) Jenipapo por exemplo ficava de frente ond' eu nasci, né, de frente a Laranjera. O mesmo corgo do Jenipapo é da **Santa Maria**, né passa aqui é o córrego de Jenipap' e aí passa na **Santa Maria** e desagua no rio Jequitinhonha. (021ITIDAM72, página 8,

linhas 242-244).



<https://youtu.be/96XSNYFEDCc>

3) SANTA RITA (córrego)

I: Depois do Casanção tem o Santa Rita e pra o lado aqui de tá indo pra Coronel Murta (...). (017ARALOM66, página 9, linhas 259-261).



<https://youtu.be/C5bh1UM2Tuo>

4) SANTA RITA (comunidade)

I: Éé, região adentrando aqui pra esse meio aqui dos Boi, onde eu já até citei, é, região de Santa Rita (...). (017ARALOM66, página 7, linhas 194-195).



<https://youtu.be/R1DRMeF62iQ>

5) SANTA RITA DO TOMBO~TOMBO

I: (...) são várias comunidades. Éé, a Chapada do Lagoão, por exemplo, que está ali, né que pertence. Tem é, Tombo... Santa Rita do Tombo (...). (001ARADSM38, página 11, linhas 235-237).



<https://youtu.be/vGXrDszUDW0>

6) SANTANA~corgo SANTANA (córrego)

I: É. Corgo Santana. Lá é um corgo, mais vô falá procê, tem época que a água tá passano desse tantin assim, ó. (023JGMOAF65, página 9, linhas 266-267; página 8, linhas 238-239).



https://youtu.be/IJWQ7MJA_yI

7) SANTANA (fazenda)

*I: (...) se eu não tivé enganado. E **Santana** que é a fazenda, que fica do outro lado da Itira, é uma fazenda que (...) (009ARADBM53, página 5, linhas 150-152).*



<https://youtu.be/zGzeOr3LL2k>

8) SANTANA (comunidade)

*I: (...) de vez em quando a gente vai, aqui ni **Santana** mesmo, é, minha família, a família dele é de lá, a gente vai muito lá, em **Santana**, e Maiada aqui embaixo já é. (023JGMOAF65, página 12, linhas 380-382).*



https://youtu.be/_woUNDJ-3ZI

9) SANTANA DO ARAÇUAÍ

*I: Tem **Santana do Araçuaí**, que pertence a, a, não pertence a Araçuaí. Se eu não tivé enganado **Santana do Araçuaí** pertence a, ééé Padre Paraíso, (...) (009ARADBM53, página 5, linhas 149-150).*



<https://youtu.be/MRaJScmGA1w>

10) SANTO ANTÔNIO

*I: Córrego **Santo Antônio** aqui em cima, no córrego Palmeiras, na verdade não, **Santo Antônio** aquele, córrego Palmeiras um que tem aqui atrás. (003CMUERM35, página 2, linhas 52-53; página 6, linhas 187-189).*



<https://youtu.be/CHqAZMCrtVY>

11) comunidade de SANTO ANTÔNIO DO BOLAS~SANTANTÔNIO

*I: Então, são algumas comunidades, assim, que são atendidas por essa **comunidade Santantônio**.*



<https://youtu.be/5HZkAz0awnM>

*I: Tem uma outra comunidade lá, a gente chama assim, na ponta do município, porque já tá lá na divisa com Novo Cruzero, é uma escola também estadual, na **comunidade de Santo Antônio do Bolas**. (014JEMFRM46, página 4, linhas 101-102).; página 5, linhas 95-97).*



<https://youtu.be/RDt0c4fU-pw>

12) SÃO BENTO

I: ééé Palmital, Lapinha, assim são todos bem próximos, né, São Bento. (015JGMVJM46, página 7, linhas 220-222).



<https://youtu.be/WyCLYZKxkzA>

13) ribeirão SÃO DOMINGOS~córrego SÃO DOMINGOS

*I: A gente morava numa rua, inclusive é uma rua que deu, assim, que foi onde começo tudo em Virgem da Lapa, né. É na bera do **ribeirão São Domingos**, né eee ali começo tudo ali. (015JGMVJM46, página 2, linhas 40-43).*



<https://youtu.be/JrZE1L8DkYA>

*I: No córrego **São Domingos** antigo, né? Quando corria água mesmo a gente, lavava roupa, levava aquelas baciadas de rôpa pro lajedo, né pra lavá. (...) (016VDLMJF55, página 5, linhas 133-134).*



<https://youtu.be/RXTqNxdkYrI>

14) SÃ JÃO

*I: Esse córrego (...) nasce lá pra cima de Jenipap', desce pro Ribeirão (...) até caí em **Sã Jão** que cai no Sucuriú, que cai em Setúbal. (012FBAECM42, página 11, linhas 334-336).*



<https://youtu.be/d4PptzYTNyk>

15) SÃ JÃO DE QUELÉ

I: Esse córrego (...) nasce lá pra cima de Jenipap', desce pro Riberão, desce pro **Sã Jão de Quelé**, (...) que cai em Setúbal. (012FBAECM42, página 11, linhas 335-336).



<https://youtu.be/fL9BvBi49oY>

16) SÃO JOÃO VACARIAS~SÃO JOÃO DE VACARIA

I: (...) vem muita gente pra cá, éé **São João Vacarias**, aquela regiõozinha eles fazem éé, turma de domingo e vem, passa domingo todo aqui, chega de manhãzinha, fica o dia todo vai embora no final da tarde. (003CMUERM35, página 11, linhas 330-332).



<https://youtu.be/tbeEwwMzDrU>

I: E ele trabalhô aqui também, mais fundiu algumas classes ele foi pará lá ni **São João de Vacaria** perto do município de Virgem da Lapa. (...). (023JGMOAF65, página 11, linhas 350-351).



<https://youtu.be/R45iTPMjxPw>

17) SÃO JOAQUIM

I: Aaaa, aqui...é contano, ééé zonas rurais? Ah, tem **São Joaquim** (...) (002BERGLM18, página 3, linha 67).



<https://youtu.be/ht4E7PlmGVA>

18) SÃO JOSÉ~SÃO JOSÉ (córrego)

I: Éé, eee, o córrego **São José** tamém que, mais desde quando eu só criança, eu só vi escorrê água do córrego **São José** quando chuvia, assim, quando não chuvia nunca vi corrê água lá não. (003CMUERM35 página 7, linhas 203-205).



<https://youtu.be/h7nhGENVkN0>

I: (...)tem éé, Tibussu depois do, do Tibussu tem o São José, é vários córregos até Coronel Murta. (017ARALOM66, página 9, linhas 263-265).



<https://youtu.be/1hqzrfgpA-4>

19) SÃO JOSÉ (comunidade)

I: É. Ruas, né, é, ruas, comunidades com nome de santo: São José, éé São Vicente, deixa eu vê qual nome que eu vô lembrá com nome de santo. Ééé, num me lembro agora, mais tem alguns aí que tem nome de santo. (003CMUERM35, página 12, linhas 376-378).



https://youtu.be/GvAUzduz_84

I: (...) Festa do, de Pentecostes em São José (...), (012FBAECM42, página 6, linha 190).



https://youtu.be/6wv_-WBcRII

20) SÃO JOSÉ DAS NEVES

I: (...) Então tem Baxa Quente, (...), Neves, São José das Neves, é... (001ARADSM38, página 8, linhas 234-235).



<https://youtu.be/VKck-jU5sz0>

21) comunidade SÃO JOSÉ DO BOLAS~BOLAS

I: É, do Bolas (risos), São José do Bolas. Tem a comunidade São José do Bolas e tem Córrego do Bolas, do Bolas. Não é da Bola, não é das Bolas.



<https://youtu.be/bsK6SrdgRCg>

I: (...)nós temos a comunidade Martins, nós temos a comunidade São José do Bolas, (...) (014JEMFRM46, página 4, linhas 107-108; página 8, linhas 245-246).



<https://youtu.be/ta9qlI8ccGw>

I: Meus pais, eles nasceram, é, a minha mãe nasceu também é, Tamanduá, que é o nome; e meu pai nasceu no Bolas, São José do Bolas. (006JEMCGF36, página 2, linhas 23-24).



<https://youtu.be/ePlXp2efXos>

22) SÃO PEDRO

I: São Joaquim, é, xô vê mais... São Pedro...

(002BERGLM18, página 8, linha 228).



https://youtu.be/G63YGh_svM4

23) SÃO VICENTE

I: É. Ruas, né, é, ruas, comunidades (...) São José, éé São Vicente, deixa eu vê qual nome que eu vô lembra com nome de santo. Ééé, num me lembro agora, mais tem alguns aí que tem nome de santo... (003CMUERM35 página 12, linhas 376-378).



<https://youtu.be/yX7Ilr8hA7U>

24) CINTA VERMELHA

I: (...) E aí depois, Dom Enzo, quando foi bispo aqui, pegô um pedaço da terra, fez é reforma agrária na terra, e vei uma comunidade indígena, que segundo Geralda Soares tem descendências aqui, que é o povo do, do povo da aldeia Cinta Vermelha, que mora aqui hoje, que acho ótimo eles estarem ali, que é direito deles, é deles

mesmo, né? (009ARADBM53, página 15, linhas 476-480.)



<https://youtu.be/BysdoeqkO5k>

25) CRUZERO

*I: Tem comunidade chamada **Cruzero**, foram todas pra cidade, uma comunidade chamada Passagem, sentido Tocoiós, se tiver lá deve ter duas famílias, porque as outras famílias todas vieram pra cidade por falta de, de água lá nesse lugar. (012FBAECM42, página 12, linhas 365-367).*



<https://youtu.be/-sj8ZsaZmO4>

26) NEVES

*I: (...) Então tem Baxa Quente, (...), **Neves**, São José das Neves, é, (...), são várias comunidades. (001ARADSM38, página 8, linhas 234-235).*



<https://youtu.be/eITdTL-inYo>

27) corgo dos PASSES

*I2: Tem corgo dos Passes, tudo tem água, corgo dos **Passes** também, tudo tem água ainda. (023JGMOAF65, página 9, linhas 273-274).*



https://youtu.be/fvSO5xy_FnA

28) RUSARO (córrego)

P: Quais córregos que tem aí perto?

*I: É um corgo que chama corgo do **Rusaro**. (024VDLMOF90, página 7, linhas 204-205).*



<https://youtu.be/2pEOVHbBKBE>

29) ROSÁRIO~ROSÁRIO DE CIMA e de BAIXO (comunidade)

I: (...) tem a comunidade quilombola o Pega, é comunidade quilombola. Ééé, aqui próximo Rosário, tem Rosário de Cima e de Baixo (...). (016VDLMJF55 página 8, linhas 248-249).



<https://youtu.be/vqyBLWn5vow>

30) VIRGEM DA LAPA~VIRGE DA LAPA~VIRDALAPA~ ARRAIÁ SÃO DUMINGOS~SÃO DUMINGOS

I: Não, antigamente se chamava São Dumingos, Arraiá São Dumingos. E.... depois foi, que emancipô, recebeu esse nome de Virgem da Lapa por causa da Santa, aquela história toda, né, que cê já deve conhecê, né. A Nossa Senhora da Lapa.



<https://youtu.be/4dWVEn2lhal>

I: Eu sempre falo que Virgem da Lapa pra mim, eu me sinto feliz em viver aqui, porque, eu aprendi muita coisa, tudo de bom na minha que eu aprendi, né, foi com meus familiares aqui eeee vendo também a, a, a transformação do lugar, né? (016VDLMJF55, página 4, linhas 107-109; página 11, linhas 347-349).



https://youtu.be/Iqz0G_woUlw

I: É como eu te falei. Lá ni Virge da Lapa, Luizim Lanterneiro, aqui era Luizim de Dorico, Luizim num sei quilôtro, Luizim do PT, né? (017ARALOM66, página 10, linhas 316-317).



<https://youtu.be/mcikinsQASk>

I: (...) nasceram lá, só que mora aqui, sabe? Mas lá a comunidade é quilombola, é tanto que cê fô lá, cê fô pra Virdalapa vai tê uma placa lá escrito "comunidade quilombola". (008VDLMVM18, página 9, linhas 276-279).



<https://youtu.be/U1euJqZjHpl>

Contexto escrito:

Rocha (Mappa da capitania de Minas Geraes, 1776,1777,1778 e 1793.) Parochia e freguesia de *São Domigos*

POEL, F.V. Dicionário da religiosidade popular: cultura e religião no Brasil, 2013.

Mapa municipal estatístico de Araçuaí, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Mapa municipal estatístico de Coronel Murta, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Mapa municipal estatístico de Francisco Badaró, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Mapa municipal estatístico de Jenipapo de Minas, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Mapa municipal estatístico de Virgem da Lapa, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

O agrupamento C, formado pelos topônimos iniciados pelos termos Santo, Santa, São e outras invocações religiosas ocorreram nos 08 municípios e somaram 30 ocorrências. Dos 30 hierotopônimos, 23 são hagiotopônimos, ou seja, 76,6% dos hagiotopônimos, com predominância do termo São, registrado em 12 topônimos, seguido de Santa com 09 nomes. Apenas um hierotopônimo não está ligado ao catolicismo: *Cinta Vermelha Jundiba* (o protetor espiritual da aldeia da cultura Pankararu).

5.1.4 D)Topônimos, simples e compostos, formados por nomes e sobrenomes próprios de pessoas (acompanhados ou não de títulos)

<p>001) topônimos:</p> <p>ALFREDO GRAÇA, BARBOSA, BOLAS, CAMPOLINO, CORONEL MURTA, DUTRA, ENGENHEIRO SCHNOOR, FRANCISCO BADARÓ, FREIRE CARDOSO, FREITAS, HERMÓGENES, JOSÉ GONÇALVES DE MINAS, LELIVÉLDIA, LORENA DE TOCOIÓS, MACHADOS⁴⁴ (2x), MARTINS, MATEUS, MAURÍCIOS, MUNIZ, PACHECO, PAULINOS, QUITÉRIA, SILVOLÂNDIA, TEIXEIRA, TEIXEIRÃO E TEIXEIRINHA.</p> <p>27 acidentes (fazenda, comunidade, distrito e município) nomeados com nomes ou sobrenomes</p>	<p>Taxonomia/natureza: antropotopônimo e antropo-axiotopônimo/antropocultural</p>
<p>Município: Araçuaí (Alfredo Graça, Engenheiro Schnoor, Machados, Mateus e Quitéria); Berilo (Freitas, Lelivéldia e Muniz); Coronel Murta (Coronel Murta, Freire Cardoso e Lorena); Francisco Badaró (Dutra, Francisco Badaró e Maurícios); Itinga (Campolino, Hermógenes, Teixeira, Teixeirão e Teixeirinha); Jenipapo de Minas (Bolas, Martins e Silvolândia); José Gonçalves de Minas (José Gonçalves de Minas e Paulinos); Virgem da Lapa (Barbosa e Pacheco).</p> <p>Acidente: fazenda, comunidade, distrito, município e córrego/humanos e físico</p> <p>Estrutura morfológica: <i>topônimo simples</i> –substantivo masculino singular (Barbosa, Campolino, Dutra, Freitas, Hermógenes, Martins, Mateus, Muniz, Pacheco, Teixeira, Teixeirão e Teixeirinha); substantivo masculino plural (Bolas, Machados, Machados, Maurícios, Paulinos); substantivo feminino singular (Lelivéldia, Quitéria, Silvolândia); <i>Topônimo composto</i> – substantivo composto masculino singular (Alfredo Graça, Coronel Murta, Engenheiro Schnoor, Francisco Badaró, Freire Cardoso, José Gonçalves de Minas); substantivo composto feminino singular (Lorena de Tocoiós).</p> <p>Origem: língua portuguesa.</p> <p>Histórico: não encontrado</p> <p>Informações enciclopédicas⁴⁵:</p> <p>ALFREDO GRAÇA – nome + sobrenome. De acordo com o site eletrônico estações ferroviárias, Alfredo Graça é um distrito do município de Araçuaí que em 1942 teve uma estação ferroviária da ferrovia Bahia–Minas que começou a ser aberta em 1881. A estação de Alfredo Graça foi ponta de linha durante dois anos, entre 1940 e 1942 e</p>	

⁴⁴ Nomeia dois acidentes geográficos: córrego e comunidade.

⁴⁵ Todas as informações sobre nomes e sobrenomes foram retiradas de Guérios, 1973.

fechada em 1966 com o fim das atividades da ferrovia. O nome do distrito se deve a um engenheiro responsável pela construção da estação na localidade.

BARBOSA – sobrenome português geográfico “ lugar onde há muitas barbas de bode ou barbas de velho”.

BOLAS - Conforme Machado (1984, p. 264) Bolas é um apelido alentejano. Ant. alc. do s.m bolas, indivíduo de fracos préstimos, borra-botias. Ramos e Silva (2013) também definem Bolas como s.m/f. Denominação que é atribuída a um indivíduo que é baixo e gordo (Castro Verde, Santiago do Cacém, Ourique, Cuba e Monforte); o visado foi jogador de futebol (Alcácer do Sal); porque o alcunhado diz, frequentemente, “ora bolas” (Santiago do Cacém). Existe também em Borba, Portel, Serpa Sousel, Fronteira Évora e Campo Maior.

CAMPOLINO – encontrado em Houaiss (1999) *campolina*, como sobrenome do primeiro criador da raça de cavalo marchador, originária de Minas Gerais.

CORONEL MURTA – sobrenome português precedido de título.

DUTRA – sobrenome português, vindo dos Açores; aglutinação de Utra, adaptação do holandês Van Hurtere.

ENGENHEIRO SCHNOOR – sobrenome alemão precedido de título.

FRANCISCO BADARÓ – prenome e sobrenome.

FREIRE CARDOSO – sobrenome português e sobrenome português.

FREITAS - sobrenome português geográfico, lugar onde há fragas.

HERMÓGENES – sobrenome que significa o gerado, o filho de Hermes.

JOSÉ GONÇALVES DE MINAS – prenome e sobrenome e acréscimo *de Minas*.

LELIVÉLDIA – aportuguesamento do sobrenome holandês *Leliveld*.

LORENA DE TOCOIÓS - sobrenome geográfico “natural de Lorena”+ Tocoíos.

MACHADOS – sobrenome português “ o vendedor ou fabricante de machados”.

MACHADOS - sobrenome português “ o vendedor ou fabricante de machados”

MARTINS- sobrenome português, de Martim ou Martino.

MATEUS - prenome, o mesmo que Matias ou Malatias.

MAURÍCIOS- sobrenome, *Mauritius* ou *Mauricius*, o mesmo que Mauro.

MUNIZ - sobrenome português.

PACHECO – sobrenome português e espanhol, talvez de origem geográfica.

PAULINOS – sobrenome, do latim *Paulinus*, *Paullinus*.

QUITÉRIA – prenomes, talvez derivado do nome Quito.

SILVOLÂNDIA – sobrenome Silva com acréscimo sufixal.

TEIXEIRA – sobrenome português geográfico “lugar onde há teixos”.

TEIXEIRÃO – Diminutivo do sobrenome Teixeira.

TEIXEIRINHA - Diminutivo do sobrenome Teixeira.

Contexto oral:

1) ALFREDO GRAÇA

I: Então, aqui perto eu frequentava muito ooo, uma região ali chamada Baxa Quente, que é perto da, do Calhauzin. Baxa Quente eu ia muito, ia muito no Alfredo Graça, né, ééé, eu ia muito na Itira. (011CMUHFM52, página 4, linhas 124-126).



https://youtu.be/HzwPWb_mTFs

2) BARBOSA

*I: Aqui no Pega é já, ni Virge da Lapa eu num ia, meu marido não, não gostava, ai Virge da Lapa nunca frequentei essas coisas não, mais é na roça, é qui no Pega é no lugá que chama **Barbosa** que de vez em quando nós ia. (024VDLMOF90, página 9, linhas 275-277).*



<https://youtu.be/VE0IWJzHU64>

3) BOLAS (córrego)

*I: No município, tem é, vários córregos, né. Tem o corgo do **Bolas**, o córrego São José (...). (014JEMFRM46, página 3 linhas 72-77).*



https://youtu.be/LIE_yRptVkg

4) CAPULIN’~CAMPULINO

*I: (...) nós da sede não tem muita não, mas as comunidades lá, Jenipapo, o pessoal do Areião, o pessoal do **Capulin'**, eles têm muita ligação lá com Itira. (013ITIJCM45, página 8, linhas 260-261).*



<https://youtu.be/DvM4GlNeIfQ>

I: (...) tem Campinhos, **Campulino**, tem Frade, tem Itinguinha, tem Barra do Corrente... (005ITIMAM19, página 6, linhas 181-182).



<https://youtu.be/q4ymArsVEaw>

5) CORONEL MURTA~ITAPORÉ~BOAVISTA DO JEQUITIHONHA

I: (...) Ela era de lá de **Coronel Murta** e que ela fez a doação dessa fazenda pra a diocese(...) (001ARADSM38, página 10, linhas 300-303).



<https://youtu.be/Sz-S3FruPY4>

I: Muita gente, tem gente que não aceita o nome, éé, lá fora mesmo, as pessoas mais velhas falam **Itaporé**.



<https://youtu.be/Lw5np5eQhFY>

I: (...) nós ensaiamos fazê um plebiscito pra poder voltá o nome de **Itaporé**. (019CMUESM64, página 8, linhas 228-229,231-232).



<https://youtu.be/kMVoVMqj5gw>

I: Olha, é, porque Coronel Murta chamava, o primero nome foi **Boa Vista do Jequitionha**, sempre tinha uma vista muito bonita. Você viu lá, **Coronel Murta** tem realmente uma vista muito bonita né. (019CMUESM64, página 7, linhas 215-217).



<https://youtu.be/MwGyt3bIsQo>

6) DUTRA

I: (...) Francisco Badaró, por exemplo, a gente ia muito em Zabelê, **Dutra**. (01ARADSM38, página 8, linha 243).



<https://youtu.be/GHfjP0hVDwQ>

7) SCHNOOR

I: (...) Esse dia eu passei lá inclusive, pra ir lá no **Schnoor**, falei: “meu Deus do céu, eu via isso aqui cheio de água”. (009ARADBM53, página 11, linhas 329-330).



<https://youtu.be/GDrXv9x9AHc>

8) FRANCISCO BADARÓ~BADARÓ~SUCURIÚ~ARRAIÁ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO SUCURIÚ~VILA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO SUCURIÚ~VILA DO SUCURIHU

I: (...) Cê só tinha o próprio corredor, com casas à direita e à esquerda e essa rua dava acesso à cidade de Novo Cruzero, Jenipapo, de **Francisco Badaró** e era um corredor comprido. (001ARADSM38, página 1, linhas 10-12).



<https://youtu.be/X1vHG9HgmmY>

I: (...) Então, **Badaró**, está a quarenta e dois quilômetros daqui, então do lado da ponte pertence a **Badaró**, aí pega a região de (...), passando a ponte, que é no meio da cidade (...), então comunidade dela pertence a Araçuá. Minha mãe nasceu em Setúbal, mas meu pai nasceu em **Badaró**. (012FBAECM42, página 1, linhas 16-20).



<https://youtu.be/0y5J0fyxLcI>

I: **Badaró** ela foi é, é, é **Badaró** ela foi emancipada, mas antes era chamada de **Sucuriú**, por quê? Porque **Badaró** era chamada de **Arraiá de Nossa Senhora da Conceição, Vila de Nossa Senhora da Conceição do Sucuriú**, porque **Badaró** foi uma cidade do percurso da mineração.



<https://youtu.be/a19GHHJi0Bc>

I: (...). Aí deu-se o nome, **sucuriHU**, ou **sucuriú**, que HU é homem em indígena, homem que achô a cobra. Aí ficou por muitos anos chamado de **Vila do Sucuriú**. (012FBAECM42, página 7, linhas 199-203 e 212-214).



https://youtu.be/B67uyT_p7yI

9) FREIRE CARDOSO~ORO FINO~ORO FIN'

I: As que tem a escola é de **Oro Fino** no sentido de Salinas e a outra é na Barra do Salinas, que é no sentido da zona rural aqui, subin' pro lado da serra.



<https://youtu.be/kv-O4s7fdJc>

I: **Freire Cardoso** era uma família que morava lá, uma não, duas família, a família Freire e a família Cardoso que tinha as maiores propriedades lá, por isso colocaram o nome ééé, dentro desses acordos políticos que são feitos, né. (003CMUERM35, página 2, linhas 31-32; página 9, linhas 260-262 e 265-267).



<https://youtu.be/g557l0cjXD8>

I: (...) e assim, o lugazin chama **Oro Fino**, o, onde minha família mais ficô presente foi **Oro Fino**, né, onde eu passei também muito a minha infância (...).



<https://youtu.be/DuxJZq4BjBU>

I: **Oro Fino** é chamado de **Freire Cardoso** hoje. (011CMUHFM52, página 11, linhas 355-357; página 12, linhas 377).



<https://youtu.be/LGkHypFzFis>

10) FREITAS

*I: Por exemplo, nós tínhamos o córrego que a gente lavava a roupa, chamado **Freitas** ele ficava uns seis meses após as chuvas, ele ficava correndo. Acabô a chuva ele já, já fizeram até casas.* (018BERIAF60, página 6, linhas 175-177).



<https://youtu.be/HO6gsTlVazw>

11) HERMÓGIS~HERMÓGINIS

*I: Existem, regi..., certificadas só a nossa, Jenipapo Pinto né, e tem outra em processo que é a dos **Hermógis**.*

P: Como é que é?

*I: **Hermóginis**.* (013ITIJCM45, página 2, linhas 25-28).



https://youtu.be/gIA_MNKm9qw

12) JOSÉ GONÇALVES DE MINAS~JOSÉ GONÇALVES~ZÉ GONÇALVES~ZÉ GONÇALV'~GANGORRAS

*I: Antigamente era **Gangorras**. (...) e aí instalô uma gangorra, né, pra fazê a soca do mi, essas coisas né, aí por causa dessas gangorras que o pessoal pegava e trabalhava em torno, né, do, do Riberão, e produzia e vendia, aí se deram, foi, e aí foi criano o arraial né e se deu o nome **Gangorras**.* (015JGMVJM46)



<https://youtu.be/pW6yVsdqd5U>

*I: Toda comunidade rural aqui, a única diversão, o lazer que o pessoal aqui de **Zé Gonçalves** tem é essas festas.*



<https://youtu.be/GZvv17W5Fvk>

*I: (...) agora é **José Gonçalves de Minas**, acho que refere, é, é, é um cidadão daqui família daqui, é um senhor d'uma família tradicional, que eu acho que ele foi, na época, vereador em **Berilo**, alguma coisa desse tipo.* (015JGMVJM46, página 5, linhas

143-144; página 6, linhas 163-170).



<https://youtu.be/QbwMbfGfGIM>

P: E a senhora reside aqui no município há quanto tempo?

I2: *Antes era Berilo né, hoje é Zé Gonçalv*”?

I: *É. Antes era Berilo. Município de Berilo.*



<https://youtu.be/nUafNi3jXTE>

I: *Trabalha aqui, trabalha ni Zé Gonçalves e passô no concurso da polícia, né, agora tá esperano ês chamá.*



<https://youtu.be/Pfwbintq6F8>

(...) *E tinha uma velha também, tinha uma Lilia lá ni Zé Gonçalves, ela era uma baxutinha assim, ela fazia esses galhinhos de pano, fazia aquês gain de pano, é artesanato (...) (023JGMOAF65, página 1, linhas 6-10; página 12, linhas 359-360, página 14, linhas 419-421).*



<https://youtu.be/muJeS3smASM>

13) LELIVÉLDIA~LAMARÃO

I: *Capivara, é selvagem? Capivara, lobo, pro lado de Lamarão ali, ó.*



<https://youtu.be/gDEEDnOtdCA>

I: *Em Lelivéldia, Bunito, aquela região toda ali, passa a o, o Jequitinhonha, é, banha, banha a o município. (018BERIAF60, página 5, linhas 138-139 e 145-147; página 7, linhas 208-209).*



<https://youtu.be/Iptm8oigkKY>

I: (...) Ééé, já fui ni comunidade Monte Alto que fica para o lado do distrito de **Lelivéldia**. (010BERASF44, página 7, linhas 221-223).



<https://youtu.be/7kwgA7O35j4>

14) comunidade da **LORENA**

I: Num sei. Lá não é uma comunidade não, ela tá dentro da comunidade da **Lorena** e a comunidade do Pau Alto. (003CMUERM35, página 7, linhas 197-201).



<https://youtu.be/qZQ8Cjwo1Jw>

15) MACHADOS (córrego)

I: (...)né, que ali é onde que nasce o córrego **Machados**, que já corta ali no município de Francisco Badaró, né, ou melhor de Araçuaí mesmo e tal, e assim, quando eu falo que nós somos um grande quilombo (...) (014JEMFRM46, página 8, linhas 247-249).



<https://youtu.be/c34d5VwPTmg>

16) MACHADOS~MACHAD' (comunidade)

I: Jenipapo era muito pequenininho, era um povoado muito pequenininho, o centro era **Machados**, **Machados** é, né, que era a referência, que tinha comércio, tinha vendas, que tinha as lojas de tecidos e tal, era em **Machados**. (014JEMFRM46, página 3, linhas 87-90; página 9, linhas 277-280).



<https://youtu.be/D1t1-CEpxY>

17) comunidade **MARTINS~MARTINS~comunidade quilombola dos MARTINS**

I: Nós temos a comunidade **Martins**, nós temos a comunidade São José do Bolas, a

comunidade de Silvolândia, de Tamanduá, né, (...). (014JEMFRM46, página 8, linhas 245-247).



<https://youtu.be/ca7Ob-nqMgQ>

I: (...), Martins também é certificada, (...)



<https://youtu.be/SrsuV04HTQ0>

E sem certificação é Muquém. É. Comunidade quilombola dos Martins. (006JEMCFG36, página 3, linha 69 e 75).



<https://youtu.be/yOfvufIpB4w>

18) corgo do MATEUS~SÃO MATEUS

I: E o rio Araçuá que eu tive acesso, né, mais cresci lá no Corredô, ouvino falá do São Mateus e do córrego Gravatá (...). (001ARADSM38, página 6, linhas 184-185).



<https://youtu.be/vzIKxvDm864>

I: Ele me pôs para pegar água do corgo do Mateus na cacimba pra apagar o fogo no capim. Dá procê? (00ARALPF81, página 2, linhas 45-46).

19) MORIÇOS~MOURIÇOS

I: Aqui tem é, que eu conheço, tem onde minha, meus parentes, meus descendentes moraram, que é Córrego do Boi, tem Passagem, Mocó, éé, os Moriços, Moriços, (...)



<https://youtu.be/GbgMQUmyUXE>

I: E os Moriços, é por causa de uma família que morava lá né, e a família, por ela ser bem grande e por tá, por ser os primeiros que mudaram pra lá, recebeu esse nome. (004FBAJSM21, página 3, linhas 80-82 e 87-88).



<https://youtu.be/Qi4-fiVQ2zw>

20) MUNIZ

*I: Agora, todas as outras foram: Roça Grande, Alto Catitu, Catitu do Meio, **Muniz**, Boa Vista. (018BERIAF60, página 9, linhas 286-287).*



https://youtu.be/KcgL_y2FLck

21) PACHECO

*I: (...) essa é, é, tem até uns moradô, tem até um moço de lá que mora aqui disse que é município de Badaró... é **Pacheco**, chama **Pacheco**. (024VDLMOF90, página 8, linhas 258-260).*



<https://youtu.be/hAEH0KdqZag>

22) POLINO (córrego)

*I: (...) depois vem aqui o Reberão Piqueno (...) e depois corgo dos **Polino**. (023JGMOAF65, página 9, linhas 267-268).*



<https://youtu.be/5yzYsY4kfFc>

23) fazenda QUITÉRIA

*I: Hoje também tem, tem a fazenda aqui, quer dizê do, do Dotor Aécio que é de Araçuá, fazenda **Quitéria**, tem outra ali, fazendas aqui tem muitas. (008VDLMVM18, página 8, linhas 229-230).*



https://youtu.be/B_Vb9sJJPqk

24) comunidade quilombola SILVOLÂNDIA~comunidade de SILVOLÂNDIA

*I: Hoje eu moro na comunidade quilombola **Silvolândia**.*



<https://youtu.be/geXjzmu7u4w>

*I: Na terça-fera mesmo, eu fui pra uma represa, e tá correno risco da própria nascente nascê, que é Palmital, é, uma, é uma, essa e a comunidade de **Silvolândia**, sabe.*



<https://youtu.be/eUvMaQXrzAo>

*I: Na verdade, é, ainda eles falam que era pra ser **Silvolândia**, só que a comunidade que eles colocô foi só Vila São José, só um, por enquanto. (006JEMCGF36, páginas 3,4 e 5, linhas 64, 116-118 e 136-137).*



<https://youtu.be/yrwkUKDSSfU>

25) TEXERA

*I: Olha, eu conheço é, é Humaitá, éé Texerão, éé **Texera**, Texerinha (...), todas eu conheço, sabe. (021ITIDAM72, página 8, linhas237-238).*



https://youtu.be/P35k_v2P408

26) TEXERÃO

*I: Olha, eu conheço é, é Humaitá, éé **Texerão**, éé Texera, Texerinha (...), todas eu conheço, sabe. (021ITIDAM72, página 8, linhas237-238).*



https://youtu.be/ITBecqs_7hU

27) TEXERINHA

*I: Tem **Texerinha** também, tem Calderão, tem muita comunidade, Humaitá... (005ITIMAM19, página 6, linha 186).*



https://youtu.be/mofKMY-_Wek

Contexto escrito:

ROCHA (Mappa da capitania de Minas Geraes, 1776,1777,1778 e 1793.) *Sucurihú*.

Enciclopédia dos municípios brasileiros, 1960.

Mapa municipal estatístico de Araçuaí, Berilo, Coronel Murta, Francisco Badaró, Itinga, Jenipapo de Minas, José Gonçalves de Minas e Virgem da Lapa. Escala 1:100.000, IBGE, 2010.

No grupo dos antropotopônimos formados por nomes ou sobrenomes próprios de pessoas prevaleceram os sobrenomes, com 17/27 ocorrências, o que corresponde a 63% deste grupo. Destes sobrenomes um é origem alemã (*Schnorr*); um é de origem holandesa (*Leliveld*); o sobrenome Silva recebeu o acréscimo de *lândia*, para formar o topônimo Silvolândia e um distrito foi formado por dois sobrenomes Freire Cardoso. Apenas dois são nomes antecedidos de títulos, ou, antropo-axiotopônimos (Coronel Murta e Engenheiro Schnoor) e apenas 2 formados apenas por prenomes, um masculino (Mateus) e um feminino (Quitéria). Ainda registramos um topônimo formado por nome e sobrenome que foi alterado para formação do topônimo, acrescentando o termo de Minas, como identificador geográfico (José Gonçalves de Minas). Dos 27 topônimos apenas 05 nomeiam acidentes físicos, córregos.

5.1.5 E)Topônimos formados por derivação ou flexão

<p>001) topônimo: AREÃO, ARROZAL, BANANAL⁴⁶ (2x), BARREIROS, BARRIGUDA, CALDEIRÃO, CALHAUZINHO, CAMPINHOS, CHAPADÃO, COQUEIROS⁴⁷, CORGUINHO, ITINGUINHA⁴⁸ (2x), LAGOINHA, LAJINHA, LAPINHA, LARANJEIRA, MACIEIRA, PALMEIRAS⁴⁹, PALMITAL, PAREDÃO, PASMADINHO, POÇÃO e TAQUARAL DE MINAS⁵⁰</p> <p>25 acidentes (córrego e comunidade rural) nomeados com topônimos formados por afixos.</p>	<p>Taxonomia/natureza: litotopônimo⁵¹ e outras/física</p>
<p>Município: Araçuaí (Barriguda, Calhauzinho e Macieira,); Berilo (Coqueiros, Lagoinha, Palmital e Poção); Coronel Murta; (Bananal, Bananal, Lajinha e Palmeiras); Francisco Badaró (Barreiros e Chapadão); Itinga (Areão, Caldeirão, Campinhos, Corguinho, Itinguinha, Itinga, Laranjeira, Pasmadinho e Taquaral de Minas); José Gonçalves de Minas (Arrozal e Lapinha); Virgem da Lapa (Paredão).</p>	
<p>Acidente: comunidades rurais e córregos/humanos e físicos</p>	
<p>Estrutura morfológica: <i>topônimo simples</i> – substantivo masculino singular (Areão, Arrozal, Bananal, Caldeirão, Calhauzinho, Chapadão, Corguinho, Palmital, Paredão, Pasmadinho e Poção); substantivo masculino plural (Barreiros, Campinhos e Coqueiros); substantivo feminino singular (Itinguinha, Lagoinha, Lajinha, Lapinha, Laranjeira e Macieira); substantivo feminino plural (Palmeiras);</p> <p><i>topônimo composto</i> – substantivo composto masculino singular (Taquaral de Minas)</p>	
<p>Origem: língua portuguesa</p>	
<p>Histórico: não encontrado (Areão, Arrozal, Bananal, Barreiros, Caldeirão, Calhauzinho, Campinhos, Chapadão, Coqueiros, Corguinho, Itinguinha, Lagoinha, Lajinha, Lapinha, Laranjeira, Macieira, Palmeiras, Palmital, Paredão, Pasmadinho, Poção).</p>	
<p>Taquaral de Minas<Taquaral</p>	
<p>Informações enciclopédicas:</p>	
<p>AREÃO – Larga extensão de terreno coberta de areia; grande areal. Registrado por Macedo Soares, Amadeu Amaral, Valdomiro Silveira e outros. "O areão do os. "O areão do S. José, lá embaixo, faiscou, e a espaços voltas e anéis do rio, batidos de chapa, pareciam, uma serpente de luz..." (PEIXOTO, p.10, 1924[1922]). "Logo depois de Assis</p>	

⁴⁶ Nomeia dois acidentes geográficos: córrego e comunidade.

⁴⁷ Formado por flexão

⁴⁸ Nomeia dois acidentes geográficos: córrego e comunidade.

⁴⁹ Formado por flexão.

⁵⁰ Os topônimos Cruzeiro, Teireinha e Teixeirão, apesar de serem formados por derivação sufixal, foram agrupados nos grupos C (hierotopônimos) e D (antropotopônimos), respectivamente.

⁵¹ Classificação para o primeiro da lista, Areão.

até Indiana encontra-se uma zona arenosa, na qual não há estradas para automóveis. O terreno é formado por extensos *areões*, semeados de tocos, e os caminhos não passam, em geral, de velhos trilhos, de há muito usados para o trânsito de boiadas e de carros de bois" (Do Jornal *Boas Estradas* da Associação Paulista Boas Estradas, nº 3, Ano VIII, p. 7). (SOUZA, 2004, p. 14-15).

ARROZAL – Definido por Houaiss (1999) como aglomerado de pés de arroz em determinada área.

BANANAL - De acordo com Senna (1926, p. 234-235) "Em Minas, todos os toponimos derivados desta palavra e planta índico-asiática transplantadas do Oriente para o continente negro e dahi vindas para o Brasil por intermédio do trafego com a costa africana de Oeste (Atlântico), são bastantes communs, havendo povoações, fazendas, rios, sitios e logares conhecidos com o nome de *Bananal* e de Bananeiras. [...] *Banâna* já é reputado nome africano affeiçado pela língua congaleza, si bem que na America já era conhecida a planta. [...] O nome indígena de „banâna“ é *pavoca* ou *pacoba* (do tupi *pac-òba*, a „folha que se enrola“) [...] *Banana*, bananeira, bananinha, bananaço, bananica, bananice, bananona, banazóia, bananudo, abananado... são termos derivados do mesmo nome – *banâna* – na linguagem do nosso povo brasileiro".

BARREIROS – Barreiro é um topônimo muito frequente em Portugal e na Galiza, tal como Barreiros. Do s.m barreiro, "lugar donde se tira barro", "terra alagada". Barrário em 1258 (inq., p.529). Quanto a Barreiros temos Barrarios em 992 (Dipl., p.102), Barreiros em 1050. (MACHADO, 1984, p.221).

BARRIGUDA – Designação comum a algumas árvores da família das bombáceas, de tronco grosso e ventrudo pela grande quantidade de água que armazena. Em sua passagem pela região, no período de 1816 a 1822, Saint-Hilaire descreve a existência de barrigudas na região " Entre as árvores da caatinga existem umas três que me atraíram a atenção pela curiosidade de seus caracteres. Uma dela, cujo tronco tem muitas mais de duas braças de circunferência, impressiona tanto mais, visto como o diâmetro das árvores que a rodeiam não vai além de um pé. (...). A barriguda, é assim que denominam a árvore de que se trata, tem um cerne muito mole; todavia, emprega-se o tronco dessa árvore para fazer canoas, mas elas não duram senão poucos meses (...) (SAINT-HILAIRE, 1975 [1830], p. 234). Além de um córrego, barriguda nomeia uma fazenda e uma comunidade rural do município de Araçuaí.

CALDEIRÃO: Lê-se em Seabra (2004, p.151) "Modo de extração dos cascalhos: Nos

rios grandes, é necessário tirá-los da sua natural corrente, passando-os, ou por bicas ou por terra, rompendo-se em alguma parte, conforme se precisa e é mais conveniente. E mudando assim o rio, se lhe assenta uma roda de esgotar água por rosário, e esgotada se vai tirando o desmonte ou entulho da terra, por baixo do qual está o cascalho que se tira à bateia para ser lavado na forma acima. E em partes do rio Jequitinhonha se lhe acham poços, a que chamam caldeirões, de 120 e 140 palmos de fundo, tendo dentro em si várias lapas e concavidades que metem para as serras que estão nos lados do rio imediatas a ele."(Modo de extração dos cascalhos. Anônimo, Vila do Príncipe; ca. 1750, *apud* Código Costa Matoso, 1999:850).

CALHAUZINHO – Diminutivo de calhau- que significa pedaço, fragmento de rocha duras, pedra (Houaiss, 1999). Machado (1984) afirma ser um topônimo em vários lugares de Portugal: Faro (Alto do Calhau), Funchal, Lisboa, Graciosa etc.

CAMPINHOS: Machado (1984, p. 329) afirma que *Campos* é um topônimo frequente em Portugal e no Brasil. O autor relaciona o nome apenas aos terrenos planos e cultiváveis.

CHAPADÃO – Conforme Machado (1984, p.400) é um topônimo frequente no Brasil e vem do substantivo masculino chapadão, terra muito plana e elevada.

COQUEIROS – Topônimo Cabeço na ilha da Madeira; frequente no Brasil de acordo com Machado (1984).

CORGUINHO –Diminutivo de corgo. Machado diz ser um topônimo em Odemira e Vila Verde em Portugal, e no Brasil em Mato Grosso, São Paulo e Minas Gerais.

ITINGUINHA – Diminutivo de Itinga, que vem do tupi *Y tynga*, a água branca, conforme Sampaio (1987[1901]).

LAGOINHA – Diminutivo de lagoa. Machado (1984) afirma ser um topônimo frequente no Brasil e na Galiza.

LAJINHA – Diminutivo de laje. Segundo Machado (1984) é um topônimo frequente na Galiza e em Minas Gerais, no Brasil.

LAPINHA – Diminutivo de lapa, que nomeia lugares em Armamar, Marco de Canaveses e ilha Terceira em Portugal, de acordo com Machado (1984).

LARANJEIRA- topônimo frequente na Galiza (Laranxeira), em Portugal (Lisboa) e no Brasil (Ceará, Paraná e Sergipe), conforme Machado (1984).

MACIEIRA – Machado (1984, p. 914) define como um “topônimo frequente; na Galiza: Lugo. Do lat. Mattianaria, derivado de mattiana (donde maçã), pelo que é

divergente de maceira.

PALMEIRAS – plural do substantivo feminino palmeira, topônimo em Alandroal, Évora, Lisboa (quinta, rua, lago); no Brasil (Bahia e Goiás), segundo Machado (1984).

PALMITAL – é um topônimo no Brasil, em São Paulo, de acordo com Machado (1984).

PAREDÃO – topônimo também em Portugal, conforme Machado (1984), aumentativo de parede. Em Souza (2004, p.240) lemos que é um termo usado em Mato Grosso e São Paulo para designar ribanceira elevada de um rio, muitas vezes talhada a pique. Definição que se aplica ao topônimo Paredão, comunidade rural do município de Virgem da Lapa-MG.

PASMADINHO- Diminutivo de pasmado que no Houaiss (1999) está definido como muito admirado, espantado, assustado.

POÇÃO -Os *poções* encontram-se nos rios e também nos furos” (SOUZA, 2004, p. 256). Em Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2004), “lugar, no leito de um igarapé, rego ou lago, onde é maior a profundidade; de *poço* + *-ão*”

TAQUARAL -um substantivo masculino (províncias meridionais) “mata de taquaras. Nas províncias do Norte dizem tabocal”. (BEAUREPAIRE-ROHAN, (1956[1889], p. 226).

Conforme dados do IBGE, até 2015 o povoado distante de Itinga 16 km tinha o nome de Taquaral, nome que lhe fora dado em virtude da abundância de taquara ali existente. A partir de 29 de dezembro de 2015, Taquaral se transforma em distrito de Itinga, recebendo o nome de Taquaral de Minas.

Contexto oral:

1) AREIÃO

I: (...) as comunidades rurais têm muita ligação com Itira, nós aqui da sede até que num tem muita não, mas as comunidades igual Jenipapo, o pessoal do Areão, o pessoal do Capulin', eles têm muita ligação lá com Itira. (013ITIJCM45, página 8, linhas 256-261).



<https://youtu.be/nR1x6avJ63Q>

2) ARROZAL (córrego)

I: Corgo do Arrozal.

12: No corgo do **Arrozal** num tem água lá mais não. (023JGMOAF65, página 9, linhas, 276-277277).



https://youtu.be/_5p2rCySswI

3) BANANAL (córrego)

I: (...) tem o **Bananal**, depois do **Bananal** tem, é...(...). (017ARALOM66, página 9, linhas 263-264).



<https://youtu.be/nCRDWEILA24>

4) BANANAL (comunidade)

I: Olha, eu me lembro, assim vagamente, ela me falava, ela fala **Bananal**, mais me parece que é próximo de Morro Redondo ali, aquela região ali. (015JGMVJM46, página 2, linhas 36-37).



<https://youtu.be/RKqr71IKsbQ>

5) BARREIROS~comunidade de BARREROS

I: (...) Tocoiós, **Barreiros**, é, é, é, Ribeirão, Passagem, então tinha suas escolas, aí as pessoas começaram a ir para o ensino médio lá em Badaró.



<https://youtu.be/IHSN0Mc244Q>

I: Empoera é uma comunidade, perto da **comunidade de Barreros**.

(012FBAECM42, página 2, 7, linhas 35-36,194).



https://youtu.be/r84np-_LRG4

I: Aqui tem a festa de Nossa Senhora de Aparecida e de Nossa Senhora das Graças. E as comunidades vizinhas têm também, **Barreiros**, éé, e Zabelê ainda tem suas festas. (004FBAJSM21, página 5, linhas 154-155).



<https://youtu.be/HqCg2n30z9c>

6) córrego da **BARRIGUDA**

I: (...) tem o córrego da Barriguda, entendeu, o córrego da Barriguda é um córrego que, que tem ali pra baix' ali, uns dez quilômetros aqui pra baix', ino pá Itaobim que, que nas margens dele cê via muita barriguda, muita barriguda. (011CMUHFM52, página 8, linhas 259-262).



<https://youtu.be/bjQDV2naG7c>

7) CALDERÃO ~CALDERÃO PINHEIROS

*I: Tem Texerinha também, tem **Calderão**, tem muita comunidade, Humaitá... (005ITIMAM19, página 6, linha 186.)*



<https://youtu.be/qGT48e52u3s>

*I: Indo por Itira, é, que tem acesso mais, mais rápido a ele ou por uma comunidade chamada é, **Calderão Pinheiros e Barra...** (001ARADSM38, página 7, linhas 223-225).*



<https://youtu.be/oUBftz0NO2g>

8) (riberão) **CALHAUZINHO~**(córrego) **CALHAUZINHO~CALHAUZIN**

*I: Gente ia, éé, da pracinha (...), hora que chegava na pracinha do coreto a gente tirava o chinelo, gente tirava o chinelo ou o sapato, se tivesse, porque tinha que lavá o pé no **Calhauzin** e era de uma transparência, coisa de besta, entendeu? Gente via lambarizin passá (...) (011CMUHFM52, página 4, linhas 109-112).*



<https://youtu.be/LWycKls1468>

*I: Então eu cresci a minha infância entre o **Calhauzinho**, o córrego **Calhauzinho** e o rio Araçuaí. (...). (001ARADSM38 página 6, linhas 170-171).*



<https://youtu.be/onw0aAg0wHQ>

9) CAMPINHOS

*I: É, **Campinhos** também vive do artesanato também. (013ITIICM45, página 5, linha 158).*



<https://youtu.be/AZv1xoA-SgI>

10) CHAPADÃO

*I: Atende outras comunidades: Zabelê, Mocó, **Chapadão**. (004FBAJSM21, página 5, linhas 130-133).*



<https://youtu.be/C1wJTBimnrw>

11) COQUEIROS

*I: (...) que fica para o lado do distrito de Lelivéldia, comunidade de **Coqueiros**... (010BERASF44, página 7, linhas 221-222).*



<https://youtu.be/ta1bdwkajrk>

12) CORGUIN

*I: É, na minha própria comunidade tem, tem pequenos córregos, tem próximo da minha casa tem um córrego que chama de, popularmente de **Corguin** mesmo que a gente chama lá mesmo, que ele não corre água também o ano todo. (005ITIMAM19, página 6, linhas 160-162).*



<https://youtu.be/OiL4qyPE8k8>

13) ITINGUINHA (córrego)

I: tem Frade, tem Itinguinha, tem Barra do Corrente... (005ITIMAM19, página 6, linhas 181-182).



<https://youtu.be/Dz3b8IsbhCA>

14) ITINGUINHA (comunidade)

*I: Nessa região do **Itinguinha** tem, ondê que tá o rio, o rio Itinga, ai nessa região tem, mas nas outras regiões nem tanto, cê vai vê só naquelas regiões mais secas né.* (013ITIJCM45, página 8, linhas 245-246).



<https://youtu.be/ZVCauu8Nl6M>

15) LAGOINHA

*I: É. É, **Lagoinha**, ééé xô vê mais...*
(002BERGLM18, página 3, linhas 70-71).



<https://youtu.be/Sa9y8o0QLiA>

16) LAJINHA

*I: Tem, Oro Fino, pro lado de Oro Fino, tem a comunidade da Pedra, tem da Água Branca, tem a **Lajinha**, éé (...).* (019CMUESM64, página 11, linhas 330-331).



<https://youtu.be/ADNNNgdUP2Ls>

17) LAPINHA

*I: (...) ééé Palmital, **Lapinha**, assim são todos bem próximos, né.* (015JGMVJM46, página 7, linhas 220-222).



<https://youtu.be/1T6CmEp2Cng>

18) LARANJERA

*I: Ah, tá! Eu nasci éé, aqui no município de Itinga mesmo, numa fazenda por nome, numa comunidade por nome **Laranjera**.* (021ITIDAM72, página 1, linhas 19-20).



<https://youtu.be/0UPOwPmW0MU>

19) MACIERA

*I: (...) atendia esses alunos e alunas vindo dessa, dessas regiões, da **Maciera**, da Piabanha, né, até mesmo do Gravatá, que já é uma comunidade rural um pouquin mais distante, mais também atendia, nessa escola, Escola Estadual Isaltina Cajubi Fulgêncio.* (001ARADSM38, página 2, linhas 36-39).



<https://youtu.be/LYoFm-uFKxw>

20) PALMEIRAS (córrego)

*I: Córrego Santo Antônio aqui em cima, no córrego **Palmeiras**, na verdade não, Santo Antônio aquele, córrego **Palmeiras** um que tem aqui atrás.* (003CMUERM35, página 2, linhas 52-53).



<https://youtu.be/fy2qDHQTOTo>

21) comunidade de PALMITAL~PALMITAL DE BAIX’~PALMITAL DE CIMA

*I: (...) comunidade de **Palmital**, é um vilarejo, né, que assim, é, minha vó disse que nasceu foi lá, minha vó que já é falecida também, morô um tempo comigo, faleceu, ela disse que nasceu foi lá.* (010BERASF44, página 11, linhas 225-228).



https://youtu.be/E9x5a1_OKcc

*I:(...) **Palmital (Palmital de Baix’, Palmital de Cima)**, (...).* (001ARADSM38, página 8, linhas 235).



<https://youtu.be/EjO0HFdAvDg>

22) PAREDÃO

*I: (...) lá tem um lugá que o pessoal chamava de **Paredão**, que é lá perto da Barrage*

mesmo. É um lugá onde que tem uma serra bem alta, aí divido ter uma serra bem alta o pessoal chama de **Paredão**, lá é conhecido como **Paredão**, (...). (007JGMMWM21, página 2, linhas 54-57).



<https://youtu.be/NEOdTiHqmwE>

I: Óh, aqui tem, Tum-Tum, **Paredão**, Jequitibá, Bugre, Santa Rita, comunidades assim, as mais próximas, né? (008VDLMVM18, página 7, linhas 219-220).



<https://youtu.be/yBfIoCKTg7Y>

23) PASMADIN

I: tem Pont' do Pasmad', **Pasmad' Impedrad'** e Pasmadin. (013ITIJCM45, página 9, linhas 278-279).



<https://youtu.be/0vc1F3vKSmU>

24) POÇÃO

I: (...)que é pr'ali pra, pro lado ali de baixo quee... é, chamava de **Poção**. O pessoal colocou o nome de **Poção** aqui porque lá era tipo um córrego que chegava num certo local que, é, fazia um poço grande de água, aí ês nomearam como **Poção** (...). (002BERGLM18, página 3, linhas 76-79).



<https://youtu.be/27yOX5WzGN0>

25) TAQUARAL

I: (...)da Ponte do Pasmado, né, **Taquaral** que é o distrito também né, (...) (013ITIJCM45, página 9, linhas 273-276).



https://youtu.be/Gr_PWUQ8zcA

Contexto escrito:

MATOS, J.R.C. Mapa dos rios Doce e Jequitinhonha e seus afluentes, no estado brasileiro de Minas Gerais, na região sudeste (1776-1839). *Calhao*

SAINT-HILAIRE, A. Viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. 1975[1830].

Mapa municipal estatístico de Araçuaí, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Mapa municipal estatístico de Araçuaí, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Mapa municipal estatístico de Berilo, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Mapa municipal estatístico de Coronel Murta, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Mapa municipal estatístico de Francisco Badaró, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Mapa municipal estatístico de Itinga, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Mapa municipal estatístico de Virgem da Lapa, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Os topônimos do grupo F, formados por derivação sufixal com as terminações *ão*, *al*, *uda*, *eiro (a)*, *inho (a)*, nomeiam 17/25 acidentes humanos e 8/25 acidentes físicos. Este tipo de formação ocorreu em 07 dos 8 municípios pesquisados, com maior número de ocorrência em Itinga 9/25, e não ocorrendo apenas no município de Jenipapo de Minas. Apenas um topônimo deste grupo de 25 apresenta estrutura composta (Taquaral de Minas). Neste agrupamento, 24 topônimos são classificados com taxes de natureza física (litotopônimo, fitotopônimo, hidrotopônimo e geomorfotopônimo), apenas Pasmadinho foi classificado com taxe de natureza antropocultural (animotopônimo).

5.1.6 F) Outros topônimos

01) topônimo: AGROVILA <p>Município: Jenipapo de Minas</p> <p>Acidente: comunidade rural/humano</p> <p>Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo singular feminino</p> <p>Origem: língua portuguesa</p> <p>Histórico: não encontrado</p> <p>Informações enciclopédicas: agrovila – substantivo feminino (s.XX) 1. Núcleo populacional construído para servir de abrigo e oferecer assistência aos que trabalham na construção de estradas de desbravamento. (Houaiss, 2009, p.72).</p> <p>Contexto oral:</p> <p>1) AGROVILA</p> <p>I: (...) Funil, <i>Agrovila</i>, Monte Alegre, inclusive, os mininos de Machad'... (014JEMFRM46, página 3, linhas 85 a 90).</p>  <p>https://youtu.be/42Prhw6691A</p> <p>Contexto escrito:</p> <p>Mapa municipal estatístico de Jenipapo de Minas, escala 1:100.000, IBGE, 2010.</p>	Taxonomia/natureza: poliotopônimo/antropocultural
---	---

002) topônimo: AGUADA NOVA <p>Município: Araçuaí</p> <p>Acidente: comunidade/humano</p> <p>Estrutura morfológica: topônimo composto – substantivo composto feminino singular</p> <p>Origem: língua portuguesa</p> <p>Histórico: não encontrado</p> <p>Informações enciclopédicas:</p> <p><i>Aguada</i> é um topônimo em Águeda, na Galiza. Do substantivo feminino aguada, de acordo com Machado (1984, p.62).</p> <p>Houaiss (2009, p.73) define <i>aguada</i> como substantivo feminino, provisão de água potável, lugar em que se faz essa provisão. Lugar em que existem cacimbas, poços ou fontes.</p>	Taxonomia/natureza: hidrotopônimo/física
--	--

Nova – feminino de novo que se atesta com frequência, isolado e como qualificativo de (Aldeia, Vila), ou mais vulgarmente do que novo, a anteceder transplantações toponímicas como Nova Lisboa, Nova Sintra etc. Machado (1984, p.1080).

Contexto oral:

1) AGUADA NOVA

I: (...) De de é Bom Jesus da Aguada Nova, que eles falam lá, então a gente ia muito ni festa lá e festa Santa Cruz (...) (009ARADBM53, página 5, linhas 134-135).



<https://youtu.be/E8vv-Zv6M8>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Araçuaí, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

003) topônimo: BEM – QUERER	Taxonomia/natureza: animotopônimo/antropocultural
Município: Berilo	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo composto - substantivo composto masculino singular	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
Bem-querer – Substantivo masculino, sentimento de amizade, afeição, benquerença (<i>Granpear o bem-querer dos mestres</i>); boa disposição de ânimo, benevolência. Houaiss (2009, p. 276).	
Contexto oral:	
1) comunidade de BEM- QUERER~comunidade BEM QUERÊ	
<i>I: Eles nasceram na comunidade de Bem Querer.</i>	
	
https://youtu.be/imwHfQa05Tc	
<i>I: Ééé, eu nasci na comunidade Bem Querê, mas, quando eu tinha dois meses, a minha família, por uma história triste que você vai descobrir... por ironia do destino, né, que te trouxe aqui, minha família foi separada, cada irmão foi morá num lugar</i>	

diferente. (010BERASF44, página 1, linhas 21-25).



https://youtu.be/x1HlgXR_SV8

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Jenipapo de Minas, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

004) topônimo: BERILO	Taxonomia/natureza: litotopônimo/física
Município: Berilo	
Acidente: município/humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: Berilo (1923) <Água Limpa (1887) <Vila de Nossa Senhora da Conceição de Água Suja (1729) <Água Suja	
Informações enciclopédicas:	
Berilo – substantivo masculino do século XIV- mineral, silicato de berílio e alumínio hexagonal, prismático ou tabular, que forma cristais com até vários metros de comprimento (HOUAISS, 1999, p.280).	
Ágoa suja, atual Berilo, aparece no mapa de Rocha (1777 ^a , 1778, 1793) e de Miranda (1804), sendo portanto topônimos históricos ⁵² que faziam parte da Capitania de Minas nos séculos XVIII e XIX. Agoa Suja ~ Água Suja, atualmente Berilo, aparece na carta geográfica de 1767 na comarca de Serro Frio como arraial e em 1777a como <i>parochia</i> . O topônimo teve origem no nome de dois córregos que banham a cidade: córrego Água Suja e córrego Água Limpa.	
Barbosa (1995), assim descreve “ o notável sertanista Sebastião Leme do Prado, que vinha, com outros paulistas, explorando o rio das Velhas, desde 1700, organizou, em 1725, uma bandeira de exploração da região o Serro Frio. Como guarda-mor das minas que descobrisse, internou-se, em 1727, pelos sertões do Itamarandiba. Na região do Fanado, descobriu ouro abundante, no rio Bom Sucesso. Organizou o arraial das Minas Novas. Nessa mesma época, Brás Esteves descobriu ricas minas no Araçuaí. Dos vários arraiais que surgiram dessas explorações, um foi o de Água Suja, que prosperou e foi elevado a freguesia. Com a decadência da mineração, acabou a freguesia	

⁵² Conforme <http://www.repositoriotoponimia.com.br/busca>. Acesso em: 07 out. 2021.

transferida, em 1846, para o arraial do Sucuriú pela lei nº 312 de 8 de abril. Criada novamente a paróquia, veio de novo a ser suprimida pela lei nº 1479, de 9 de julho de 1868.

A paróquia teve sua denominação mudada para Água Limpa, pela lei nº 2419, de 5 de novembro de 1877. Nova mudança na denominação se verificou, em 1923, quando a lei nº 843, de 7 de setembro, determinou se chamassem Berilo. Finalmente, a lei nº 2764, de 30 de dezembro de 1962, elevou Berilo à categoria de cidade, criando o município. (Francisco de Assis Carvalho Franco, Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil, Diogo de Vasconcelos, História Média de Minas Gerais; Coleção de Leis Mineiras) (BARBOSA, 1995, p.48).

Contexto oral:

1: BERILO~ÁGUA SUJA~ÁGUA LIMPA

I: Meu pai, segundo informações, porque eu não o cunhici, ele veio de fora, de outra cidade, veio pará em Berilo. (010BERASF44, página 1, linhas 16-17).



<https://youtu.be/AQinZ5n87H0>

I: (...)Aí, uma outra irmã que mora em São Paulo, que foi adotada por outra família também, daqui de Berilo, mais hoje ela mora em São Paulo, ela jogô no sistema, acho que é Ache Fácil, parece, num site, né? (010BERASF44, página 4, linhas 97-99).



https://youtu.be/LVFy_437yd0

I: Primeiro Água Suja, era um povoado, né? Mas que era sob a égide do ouro, no período da, do ouro no século XVIII, 1723, foram criados primeiros povoados aqui, 1723. E esse, esse povoado foi chamado de Água Limpa, porque era exatamente onde tinha uma povoação maior, existia um povoamento maior né? Na zona rural e 1728, Água Suja, mais tarde Berilo.



<https://youtu.be/Vo5WWoXfIZI>

I: Água Limpa, Água Suja, Berilo. (018BERIAF60, página 1, linhas 15-20).



<https://youtu.be/dGjpJaJqdSA>

Contexto escrito:

ROCHA (Mappa da capitania de Minas Geraes, 1776,1777,1778 e 1793.) *Ágoa suja*.
 MATOS, J.R.C. Mapa dos rios Doce e Jequitinhonha e seus afluentes, no estado brasileiro de Minas Gerais, na região sudeste (1776-1839). *Ágoa Cuja*
 Mapa municipal estatístico de Berilo, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

005) topônimo: BICUDO	Taxonomia/natureza: zootopônimo/física
------------------------------	--

Município: Araçuaí

Acidente: córrego/físico

Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular

Origem: língua portuguesa

Histórico: não encontrado

Informações enciclopédicas:

Conforme Nascentes (1976, p.257) nome comum a cinco aves, uma da família dos Galbulídeos (*jacaramalcyon tridactyla*) e as demais da família dos Fringilídeos (*Oryzobus angolensis*). Peixe da família dos Esfirânideos (*sphyraena barracuta*).

Contexto oral:

1) BICUDO

I: (...) tem o **Bicudo**, depois do **Bicudo** tem o **Bananal** (...). (017ARALOM66, página 9, linhas 263-265).



<https://youtu.be/ViJO1Ah1TAo>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Araçuaí, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

006) topônimo: BOIS	Taxonomia/natureza: zootopônimo/física
Município: Araçuaí	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
<p>Em relação a <i>Bois</i>, Machado (1984, p.262-263) afirma conhecer apenas um caso em Alcobaça, local também chamado Monte de Bois, o que parece provar se tratar do plural do s.m boi, nome de animal. O autor ainda diz “Boi é um topônimo, algo frequente, mas não disponho de elementos para afirmar que em todos os casos se trata de aplicação do substantivo masculino boi, nome de animal; esta dúvida não deve existir quanto aos numerosos casos brasileiros”. Bois é a comunidade rural mais distante de Araçuaí pertencente ao município e por isso “até mesmo em função das distâncias, origens, vocações produtivas e organização em associações comunitárias, são comunidades com características específicas e que desenvolvem diferentes relações com a cidade. Um exemplo é a comunidade dos Bois que está a aproximadamente 77 km de Araçuaí e, embora pertença ao município, está mais próxima de outro município chamado de Padre Paraíso” (BARRETO, 2018, p.129).</p>	
Contexto oral:	
1) BOIS~comunidade dos BOI	
<p>I: Não, não. Os <i>Bois</i> cé pega é a estrada que vai pra Teofltoni mesmo (...), daquele posto, posto de gasolina, na estrada, na BR 116 já. Parece que tá, tá saindo, saino, cé tá saino de Araçuaí (...). (009ARADBM53, página 11, linhas 359-361).</p>	
 https://youtu.be/kvm2Riq6P2Y	
<p>I: Então o elemento lá torna-se adulto sem conhecê Araçuaí, mas conhece Padre Paraíso, comunidade dos <i>Boi</i>, já ouviu falar?</p>	
 https://youtu.be/4lytuXzFO8k	
<p>I: (...). Éééé, num sei se você conhece a jurema, a aroeira, o angico. Tendeu? Éé,</p>	

região adentrando aqui pra esse meio aqui dos Boi, onde eu já até citei (...).
 (017ARALOM66, página 6, linhas 174-175; página 7, linhas 193-195).



<https://youtu.be/rXxyMVj87aE>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Jenipapo de Minas, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

007) topônimo: BONITO	Taxonomia/natureza: animotopônimo/antropocultural
Município: Berilo	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular<adjetivo	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
<p><i>Bonito:</i> uma das acepções em Houaiss (1999) é “ cuja forma, som ou cores agrada aos sentidos”.</p> <p>Machado (1984, p.268) afirma que em Portugal bonito é“ apelido (tel.). Do adj. bonito ou do s.m bonito, nome de peixe. Parece ser moderno (ant.,195). Top. Arruda dos Vinhos (Casal do Bonito), Santarém. Há Bonitos, Pombal, Soure”. Ainda questiona “Ou adaptação de Benito, apel. Galego?</p> <p>“A fartura da vizinha famosa, considerada a segunda barragem mais alta do mundo, construída pela CEMIG, em nada contribui para amenizar o sofrimento das famílias de pequenos agricultores da “comunidade do Bonito, a 2 km do distrito de Leliveldia, no município de Berilo (MG), no Vale do Jequitinhonha”⁵³ (GAZETA DE ARACUAI, 2013).</p>	
Contexto oral:	
1) BUNITO	
<p><i>I: Em Leliveldia, Bunito, aquela região toda ali, passa a o, o Jequitinhonha, é, banha, banha a o município.</i> (018BERIAF60, página 7, linhas 208-209).</p>	

⁵³ Disponível em <https://acervo.racismoambiental.net.br/2013/08/20/mg-em-leliveldia-vizinhos-da-hidreletrica-de-irape-clamam-por-agua/> acesso em 13 de janeiro 2023.



<https://youtu.be/RqjiYDMwK7E>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Berilo, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

008) topônimo: BOSQUE	Taxonomia/natureza: fitotopônimo/física
------------------------------	---

Município: Jenipapo de Minas

Acidente: comunidade/humano

Estrutura morfológica: topônimo simples - substantivo masculino singular

Origem: língua portuguesa

Histórico: não encontrado

Informações enciclopédicas:

Bosque, substantivo masculino – formação vegetal dominada por árvores e arbustos, não muito extensa, geralmente resultante da rarefação de florestas, como é frequente na Europa, ou típica das savanas ou campos cerrados, como na África e no maciço central do Brasil, em que pontua regiões abertas, forradas por gramíneas e outras ervas: caapuã, capão, capuão. (HOUAISS, 2009, p.316)

A região é caracterizada por muitos arbustos conforme descreve Saint-Hilaire “ Nessa orla, entre Sucuriú e Setuba, as caatingas assemelhavam-se singularmente aos **bosques**, e apresentaram-me um denso maciço de sarsas, plantas trepadeiras e arbustos de dez a vinte pés, em meio aos quais se viam aqui e ali árvores de altura mais ou menos mediana. (...) umas vezes os arbustos que constituíam esses **bosques** eram poucos elevados, e lembravam os nossos **bosques** artificiais de três ou quatro anos (...)” (SAINT-HILAIRE, 1975 [1830], p. 233, grifo nosso).

Contexto oral:

1: BOSQUE

I: Éé, os alunos da comunidade de(...), Ribeirão do Bosque, **Bosque**, Santana, (...).

(014JEMFRM46, página 3, linhas 85-90).



<https://youtu.be/5ue8qpkiNq0>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Jenipapo de Minas, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

009) topônimo: BUGRE	Taxonomia/natureza: etnotopônimo/antropocultural
Município: Virgem da Lapa	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas	
Conforme o visconde de Beaurepaire-Rohan, bugre é o “nome depreciativo dado aos selvagens do Brasil. O autor afirma “bem podemos pensar que, depois do desmantelamento da colônia calvinista, os franceses que se deixaram ficar no Brasil, e se puseram em relações com os colonizadores portugueses, usassem daquêle vocábulo injurioso quando se referiam aos selvagens, e que este vocábulo, tornando-se usual, se perpetuasse na linguagem vulgar, não mais com a primitiva significação, senão como um nome genericamente aplicado a todos os selvagens bravios”. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 1956 [1889], p. 51).	
Contexto oral:	
1) BUGRE~comunidade do BUGRE	
<i>I: Bugre, que fica próximo a Cansanção, é comunidade quilombola. Nossa, tem muita, muita mesmo.</i> (016VDLMJF55, página 9, linhas 253-254).	
	https://youtu.be/GzNNDb84pJM
<i>I: (...)Ondé que fica aquela comunidade, aqués comunidade do Bugre, Jequitibá, praquele lado, se não me engano.</i> (008VDLMVM18, página 7, linhas 206-207).	
	https://youtu.be/juL1W0sq0uE
Contexto escrito:	
Mapa municipal estatístico de Virgem da Lapa, escala 1:100.000, IBGE, 2010.	

010) topônimo: CABECEIRA DE ZABELÊ	Taxonomia/natureza: hidrotopônimo/física
Município: Francisco Badaró	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo composto – substantivo composto feminino singular	
Origem: língua portuguesa- (zabelê<língua indígena) Cf. Sampaio (1987[1901]p.347).	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
Souza (2004, p. 59) registra <i>cabeceira</i> como “nascentes de rio ou riacho. O mesmo que fonte, mina, vertente, lacrimal, minadouro, nascente, manadeiro, manancial, etc.” Zabelê é o nome da ave <i>crypturus naktivagus</i> , espécie de nambu, de acordo com Sampaio (1987[1901]).	
Contexto oral:	
1) CABECERA DE ZABELÊ	
<i>I: Tem Zabelê Lagoa e Cabecera de Zabelê.</i> (020FBAMEF66, página 8, linha 256).	
	
https://youtu.be/oh0wSHYPb7w	
Contexto escrito:	
Mapa municipal estatístico de Francisco Badaró, escala 1:100.000, IBGE, 2010.	

011) topônimo: CACHIMBOETÊ	Taxonomia/natureza: não classificado
Município: Coronel Murta	
Acidente: serra/físico	
Estrutura morfológica: topônimo simples - substantivo masculino singular	
Origem: não encontrada	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas: não encontradas	
Contexto oral:	
1) serra do CACHIMBOETE	
<i>I: Tem a do Frade aqui, serra do Cachimboete ali imbaixo, serra do Pau Alto.</i>	
(003CMUERM35, página 2, linhas 34-37).	



https://youtu.be/VxapX_1qoUk

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Coronel Murta, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

(012)Topônimo: CACHOEIRA	Taxonomia/natureza: hidrotopônimo/física
--------------------------	---

Município: Francisco Badaró

Acidente: comunidade rural/humano

Estrutura morfológica: topônimo simples - substantivo feminino singular

Origem: língua portuguesa

Histórico: não encontrado

Informações enciclopédicas:

MACHADO (1984, p. 305) afirma ser o topônimo Cachoeira "muito freqüente no Brasil." Em Houaiss (2009) encontramos a seguinte definição para cachoeira: substantivo feminino – torrente de água que corre ou cai formando cachão; local, ou trecho de um curso de água onde isso ocorre.

Contexto oral:

1) CACHUÊRA

*I: ...ai pega a região de Córrego do Melado, **Cachuêra**, Água Limpa, passando a ponte, que é no meio da cidade, no meio desse trânsito, passa a pertencer a Araçuaí, então comunidade dela pertence a Araçuaí. (012FBAECM42 página 1, linhas 17-19).*



<https://youtu.be/dXirbqB968M>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Francisco Badaró, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

013)Topônimo: CACHOEIRA DA BARRA	Taxonomia/natureza: hidrotopônimo/física
Município: Coronel Murta	
Acidente: cachoeira/físico	
Estrutura morfológica: topônimo composto - substantivo composto feminino singular	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
MACHADO (1984, p. 305) afirma ser o topônimo Cachoeira "muito freqüente no Brasil."	
<i>Cachoeira</i> - substantivo feminino – torrente de água que corre ou cai formando cachão; local, ou trecho de um curso de água onde isso ocorre.	
<i>Barra</i> – local em que um rio deságua no mar ou em lago; desembocadura, foz.	
Contexto oral:	
1) CACHUÊRA DA BARRA DO RIO SALINAS~CACHUÊRA DA BARRA	
<i>I:...onde tem o último salto dele, que é lá na Cachuêra da Barra do rio Salinas, é, Cachuêra da Barra, eu tive lá esses dias mais a Aurê.</i> (011CMUHFM52, página 9, linhas 277-278).	
	
 https://youtu.be/psYThlbDSUA	
Contexto escrito:	
Mapa municipal estatístico de Coronel Murta, escala 1:100.000, IBGE, 2010.	
014) topônimo: CAITITU	Taxonomia/natureza: zootopônimo/física
Município: Berilo	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular	
Origem: língua portuguesa<língua indígena. Cf. Antenor Nascentes, 1976, p.300.	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
Caititu - segundo Nascentes (1976, p.300) é um substantivo masculino, espécie de porco-do-mato (<i>tayassu tayacu</i>).	

Caititu é um animal ainda encontrado na região, mas em pequena quantidade. Pereira (1969) já citava a diminuição das plantas e animais da região, principalmente devido à caça, que segundo ele, ultrapassava a necessidade para sobrevivência. Era uma espécie de trabalho para os lavradores, matar os **caititus**, que estragavam os mandiocais.

Contexto oral:

1) CAITITU~CAITITU DO MEIO~CATITU DO MEIO

*I: (...) Roça Grande, Vila Santo Isidoro... tem **Caititu do Meio**, umas cinco, umas quatro escolas de Ensino Médio na zona rural.*



<https://youtu.be/ULnp-w2a09Q>

*I: Ultimamente () óh, **Caititu**, Alto Caititu, Mocó, éé Roça Grande até então mandava.*



<https://youtu.be/bQnpGglL8wI>

*I: Agora, todas as outras foram: Roça Grande, Alto Catitu, **Catitu do Meio**, Muniz (...). (018BERIAF60, página 2, linhas 29-33, 38-40; página 9, linhas 285-287).*



https://youtu.be/V4jEuZ_NNfI

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Berilo, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

015) topônimo: CAMPO QUEIMADO	Taxonomia/natureza: geomorfotopônimo/física
Município: Itinga	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo composto – substantivo composto masculino singular	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
<i>Campo, trata-se de um terreno plano, extenso, com poucos acidentes e poucas árvores,</i>	

campina. Beaurepaire-Rohan define campo como “ nome que dão aos descampados, mais ou menos acidentados formando extensas pastagens apropriadas à criação de gados. A sua vegetação consiste em gramíneas rasteiras e outras plantas herbáceas”. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 1956 [1889], p.64). *Queimado* - topônimo frequente na Galiza: Corunha. Do adjetivo queimado, a concordar com campo, chão etc. (Machado, 1984, p.1223)

Contexto oral:

1) CAMP' QUEMAD'

I: Que é pro lado do, que é do Corgo Novo, ééé Camp' Quemad' né, que é uma região bem seca. (013ITIJCM45, página 8, linhas 248-249).



<https://youtu.be/iB30gbgtdng>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Itinga, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

016) topônimo: CANA-BRAVA	Taxonomia/natureza: fitotopônimo/física
Município: Jenipapo de Minas	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo composto – substantivo composto feminino singular	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
Bearepaire-Rohan (1956[1889]) defina cana-brava como “gramínea do gênero <i>Gynerium</i> de cujos pendúnculos, fazem os selvagens suas frechas, e os fogueteiros as canas dos seus foguetes. Tem o porte da cana de açúcar e por isso lhe chamam também cana-brava tanto no Rio de Janeiro como em outras partes”. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 1956 [1889], p.237). Em Machado (1984, p. 330) lemos: “segundo creio, <i>cana</i> , neste caso, estará por <i>canavial</i> , <i>canaviais</i> e, se assim for, o nome resultará da existência nos locais por ele conhecidos da abundância de canaviais silvestres. Na toponímia brasílica brasileira, há <i>Cana-Bravão</i> (Baía) e <i>Cana- Bravinha</i> (Baía, Ceará, Piauí, Minas Gerais, Goiás) ”. Na localidade com este nome já teve e ainda tem muita	

cana-brava.

Contexto oral:

1) CANA-BRAVA

I: (...) Cana-Brava, (...). (014JEMFRM46, página 3, linhas 87-90).



<https://youtu.be/4XTTkHnX01c>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Jenipapo de Minas, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

017) topônimo: CAPÃO	Taxonomia/natureza: fitotopônimo/física
Município: Itinga, Jenipapo de Minas e Virgem da Lapa	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular	
Origem: língua portuguesa<língua indígena. Cf. Sampaio (1987[1901]), p.215.	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
Beaurepaire-Rohan define capão como “bosque isolado no meio de um descampado. Podemo-lo quase comparar a um oásis, e assim o faz Saint-Hilaire na descrição que nos dá dêsse acidente florestal. Todavia, cumpre não esquecer que os oásis estão separados entre si por áreais estéreis, enquanto os capões existem cercados de magníficas pastagens”, (BEAUREPAIRE-ROHAN 1956 [1889], p.69)	
Contexto oral:	
1) comunidade CAPÃO~CAPÃO	
<i>I: (...)tem a comunidade Gangorra, tem a comunidade Capão é, aí depois vem a de () Jacaré que faz parte do município, (...).</i> (005ITIMAM19, página 6, linhas 180-181).	
	
https://youtu.be/YRMTmxmwCEo	
<i>I: Barra do Bolas Bolas, Capão, Cana-Brava, Funil, Agrovila, Monte Alegre (...).</i> (014JEMFRM46, página 3, linhas 85-90).	



<https://youtu.be/RU5JuCL0MTo>

*I: Eu nasci, eu fui criada ni Virge da Lapa, fui criada num lugá que chama **Capão**, na serra, mais fui criada ni Virge Da Lapa.* (024VDLMOF90, página 2, linhas 51-52).



<https://youtu.be/gLRQT0vbK2g>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Itinga, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Mapa municipal estatístico de Jenipapo de Minas, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Mapa municipal estatístico de Virgem da Lapa, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

018) topônimo: CARRAPATO

Taxonomia/natureza:
zootopônimo/física

Município: Itinga

Acidente: comunidade/humano

Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular

Origem: língua portuguesa

Histórico: não encontrado

Informações enciclopédicas:

De acordo com Nascente (1976, p.334) trata-se de um aracnídeo da família dos ixodídeos, que se fixa à pele dos animais, sugando-lhes o sangue e do qual há diversos gêneros.

Contexto oral:

1) comunidade de CARRAPATO

I: (...) tem Água Choca, que é logo após a minha comunidade, tem Água Fria dos Alves, tem a comunidade de Carrapato... (005ITIMAM19, página 6, linhas 177-178).



<https://youtu.be/trgP3xB5u6I>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Itinga, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

019) topônimo: CARRAPICHO	Taxonomia/natureza: fitotopônimo/física
Município: Coronel Murta	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
Nome comum a plantas das famílias das compostas, Gramíneas, Leguminosas, malváceas e Tiliáceas; semente espinhosa destas plantas, à qual se prende às roupas dos que andam pelo campo, conforme Nascentes (1976).	
Contexto oral:	
1) CARRAPICHO	
<i>I: (...) depois, tem, tem pro lado de, em direção a Barra de Salinas, tem a comunidade da, do Carrapicho (...).</i> (019CMUESM64, página 11, linhas 328-329).	
	
 https://youtu.be/Zu9BF6nE8YE	
Contexto escrito:	
Mapa municipal estatístico de Coronel Murta, escala 1:100.000, IBGE, 2010.	

020) topônimo: CATUTIBA	Taxonomia/natureza: Não classificado
Município: José Gonçalves de Minas	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo feminino singular	
Origem: língua portuguesa<língua indígena	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
Apesar de constar em Sampaio (1987[1901], p.86), a definição de <i>catu</i> - como adjetivo que significa bom e em Sampaio (1987[1901], p.89) <i>tyba</i> como sufixo para se formar coletivo e que exprime abundância e vale pelo sufixo <i>al ou eiro</i> , como ocorre como curi (pinhão, logo curityba–pinhal. Itá (pedra), portanto Itatyba (pedregal), não foi possível ter clareza do significado de Catu- tiba (bom - abundante)	
Contexto oral:	

1: CATUTIBA

*I: (...) Tem a de **Catutiba** que é a comunidade mais vizinha daonde eu moro, a de Jicatú... (007JGMMWM21 página 3, linhas 76-78).*



<https://youtu.be/RP33SIv9ETY>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de José Gonçalves de Minas, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

021) topônimo: CHAPADA DO LAGOÃO	Taxonomia/natureza: geomorfotopônimo/física
---	---

Município: Araçuaí

Acidente: aglomerado de comunidades/humano

Estrutura morfológica: topônimo composto – substantivo composto masculino singular

Origem: língua portuguesa

Histórico: não encontrado

Informações enciclopédicas:

Segundo Machado (1984) *Chapada* é um topônimo. Ílhavo, Santiago de Cacém; no Brasil, frequente. Do s.f. chapada: Em Portugal, planície no alto de elevação; no Brasil, “terra muito plana e elevada” sobretudo no Centro-Oeste, Meio-Norte e Nordeste.

Lagoão é um topônimo. Olhão. Do substantivo masculino lagoão, aumentativo de lago ou de lagoa. (MACHADO, 1984, p.847).

Contexto oral:**1) CHAPADA DO LAGOÃO**

*I: (...) são várias comunidades. É é, a **Chapada do Lagoão**, por exemplo, que está ali, né que pertence. Tem é...*

(001ARADSM38, página 11, linhas 235-238).



<https://youtu.be/2MHVDMrzUmg>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Araçuaí, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

022) topônimo: CIPÓ	Taxonomia/natureza: fitotopônimo/física
Município: José Gonçalves de Minas	
Acidente: córrego/físico	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular	
Origem: língua portuguesa<língua indígena. Cf. Sampaio (1987[1901]), p.223	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
Topônimo frequente no Brasil, mas predominando nos estados da Baía (18), Minas Gerais (16), Ceará (15), Maranhão (10), Piauí (10), menos abundante em Rio Grande do Norte (5), Sergipe (5), Pernambuco (5), Paraíba (4), Goiás (3), Santa Catarina (3), Paraná (2), Rio Grande do Sul (2), São Paulo (2) e Alagoas de acordo com Machado (1984). Sampaio (1987[1901], p.223) afirma ser a corruptela de <i>yça-pó</i> , literalmente galho- mão que é o mesmo que dizer galho apreensor que tem a propriedade de se prender, de se enlear, de atar.	
Contexto oral:	
1) CIPÓ (córrego)	
I: (...) tem várias grotinhas aí que num tem água mais não, já tinha mais num tem mais, igual corgo da Lapa, Catuá, Barriguda, num tem água mais não. Os que tem é (...) corgo do <i>Cipó</i> , (...). (023JGMOAF65, página 9, linhas 265-267).	
	
https://youtu.be/kJZuJIeeYE4	
Contexto escrito:	
Mapa municipal estatístico de José Gonçalves de Minas, escala 1:100.000, IBGE, 2010.	

023) topônimo: CONTENDAS	Taxonomia/natureza: animotopônimo/antropocultural
Município: José Gonçalves de Minas	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo feminino plural	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	

Também um topônimo em *São Bento da Contenda*, Alandroal. Segundo A. Costa chamava-se da *Contenda*, por causa da desavença havida por quererem os castelhanos que por meio da igreja matriz desta freguesia passasse a linha divisória de Portugal e Espanha. E dentro dela, com efeito, se puseram os marcos que dividem os dois reinos. Machado (1984, p.444).

Contenda – conforme Houaiss (1999) é um substantivo feminino que significa 1. Luta, combate, guerra (as contendas pela independência). 2.altercação, rixa, discussão, discórdia (as contendas numa família).

Contexto oral:

1) CONTENDAS

*I: (...) Aí geralmente tem uma festa numa comunidade chamada **Contendas**, que eu ia praticamente todos os anos.* (007JGMMWM21, página 3, linhas 75-76).



<https://youtu.be/wuZ0dNP6iMU>

*I: Ééé, Córrego do Cipó, ééé, **Contendas** (...).* (015JGMVJM46, página 7, linhas 220-222).



<https://youtu.be/NCI6LUrN1w4>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de José Gonçalves de Minas, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

024) topônimo: CORRENTE	Taxonomia/natureza: hidrotopônimo/física
Município: Itinga	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
Nascentes (1976, p. 453) apresenta como uma das acepções para o termo, curso de água. Houaiss (2009) define como: 8. Movimento próprio das águas, correnteza.	

Top. Braga, Coimbra. Coruche; frequente no Brasil, conforme Machado (1984).

Contexto oral:

1) CORRENT'

I: *Itinga tem uma tradição nas comunidades rurais, assim, Itinga tem muitas festas rurais né, porque cada cidade que tem um padroeiro tem-se uma festa, então lá no Corrent' tem uma festa de São Sebastião (...).* (013ITIJCM45, página 2, linhas 54-56).



<https://youtu.be/HmrJWm1csI8>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Itinga, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

025) topônimo: CORUTO	Taxonomia/natureza: geomorfotopônimo/física
Município: Berilo	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
Acepção dada por Machado (1984), top. Barcelos: na Galiza: Corunha, Pontevedra. Do s.m coruto, pináculo, sumidade de um monte.	
Contexto oral:	
1: CURUT'	
I: Aaaa, aqui...é contano, ééé zonas rurais? Ah, tem São Joaquim, tem Muquém, Curut' , Lagoinha. (002BERGLM18, Página 3, linhas 67-68).	
	
https://youtu.be/_j8cbPY8oi8	
Contexto escrito:	
Mapa municipal estatístico de Berilo, escala 1:100.000, IBGE, 2010.	

026) topônimo: CURRAL NOVO	Taxonomia/natureza: sociotopônimo/antropocultural
Município: Virgem da Lapa	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo composto – substantivo composto masculino singular	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
<i>Curral</i> - topônimo frequente em Portugal e na Galiza (Corral). Do s.m curral. Currais frequente em Portugal e no Brasil; na Galiza há Corrales, frequente e Curráis (Corunha e Lugo). Em 1140. (MACHADO, 1984, p.482)	
<i>Novo</i> – que nasceu ou apareceu recentemente (HOUAISS, 2009, p. 1365).	
Contexto oral:	
1) CURRAL NOVO	
P: Quilombolas? Aqui existem?	
<i>I: Tem, existe. Inclusive essa comunidade Vai Vi mesmo é, tem aaa, é comunidade quilombola, aqui, Curral Novo.</i> (016VDLMJF55, página 8, linhas 242-244).	
	
https://youtu.be/5X2tY3rJ0f8	
Contexto escrito:	
Mapa municipal estatístico de Virgem da Lapa, escala 1:100.000, IBGE, 2010.	

027) topônimo: CURTUME	Taxonomia/natureza: sociotopônimo/antropocultural
Município: Jenipapo de Minas	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
Top. No Brasil, frequente. Do s.m curtume, Curtumes, em Portugal, beco em Lisboa; antes chamou-se de Curtimento das Peles e em seguida Curtimento. (MACHADO, 1984, p.483).	

Contexto oral:**1) comunidade de CURTUME**

*I: (...) e assim, quando eu falo que nós somos um grande quilombo, aqui além dessas comunidade tem também a **comunidade de Curtume** né, que também se autodeclarou quilombola, mas nessa modalidade aí ó. (014JEMFRM46) página3, linhas 85-90 e página 8, linhas 248-251).*



<https://youtu.be/TeiCSkku6Fg>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Jenipapo de Minas, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

028) topônimo: DATAS	Taxonomia/natureza: litotopônimo/físico
Município: Berilo	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples - substantivo feminino plural	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
Nascentes (1976) apresenta como uma das acepções para o termo data – substantivo feminino: jazida ou mineração de ouro ou pedras preciosas, porção de terreno.	
Contexto oral:	
1) comunidade de DATAS	
<i>I: (...) cunheço por alto porque eu fui, né? comunidade de Datas... (010BERASF44, página 7 e 8, linhas 225-228).</i>	
https://youtu.be/hjCqnqySqwE	
Contexto escrito:	
Mapa municipal estatístico de Berilo, escala 1:100.000, IBGE, 2010.	

029) topônimo: DILETA	Taxonomia/natureza: animotopônimo/antropocultural
Município: José Gonçalves de Minas	
Acidente: fazenda/humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo feminino singular<adjetivo feminino	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
Em Nascentes (1976) temos como uma definição para o termo: adjetivo, preferida na estima, muito querida, muito amada.	
Contexto oral:	
1: DILETA	
I2: É Reberão Grande o nome dele. Aí chega até na Dileta lá em cima, esse trecho tem esses corgo tudo. (023JGMOAF65, página 9, linhas 270-271).	
	
https://youtu.be/7GMclQIvm-Q	
Contexto escrito:	
Mapa municipal estatístico de J. Gonçalves de Minas, escala 1:100.000, IBGE, 2010.	

030) topônimo: ELEFANTE	Taxonomia/natureza: zootopônimo/física
Município: Coronel Murta	
Acidente: serra/físico	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
Elefante – “mamífero herbívoro da ordem dos proboscídeos, família dos elefantídeos, da qual existem atualmente 3 espécies: duas africanas e uma asiática” (NASCENTES, 1976, p. 583).	
Conforme Machado (1984) top. No Brasil: São Paulo e Sergipe.	
Contexto oral:	
1) ELEFANTE	

I: Não, serra é essa serra aqui, a do Elefante, quês, que a gente vê daqui.
 (003CMUERM35, página 2, linha 34).



<https://youtu.be/oEZQpvmpOEo>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Coronel Murta, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

031) topônimo: EMPOEIRA	Taxonomia/natureza:
	Não classificado

Município: Francisco Badaró

Acidente: comunidade/humano

Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo feminino singular

Origem: língua portuguesa

Histórico: não encontrado

Informações enciclopédicas: não encontradas

Contexto oral:

1) EMPUERA~EMPOERA~EMPOEIRA

I: (...) em setembro, se não me engano, vinte e um de setembro, em barre... em...

Empuera, festa de Sant'Ana Mestra.

P: Empoeira também é um lugar?

I: Empoera é uma comunidade, perto da comunidade de Barreros.

P: Empoeira?

I: Empoeira, porque tem muita puera. Empoera, chama a comunidade, chama Empoera. E lá é Sant'Ana Mestra. (012FBAECM42, página 6, linha 191-192, página 7, linhas 196-197).



<https://youtu.be/65FB91Njv2M>

I: Eu conheço é Vila Sã Jão, conheço Empuera, conheço Barreiros, conheço Água Limpa, é, conheço Zabelê. Tem outros que agora esqueci o nome. (020FBAMEF66, página 8, linhas 252-253).



<https://youtu.be/2ifgfRiXZjc>

Contexto escrito:

Prefeitura Municipal de Francisco Badaró. Lei Municipal 862 de 04/09/20214.

Mapa municipal estatístico de Francisco Badaró, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

032) topônimo: ESTIVA	Taxonomia/natureza: hodotopônimo/antropocultural
------------------------------	--

Município: José Gonçalves de Minas

Acidente: comunidade/físico

Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo feminino singular

Origem: língua portuguesa

Histórico: não encontrado

Informações enciclopédicas:

Em Souza (2004[1910]) estiva é definido como “paus ou varas atravessadas por sobre um riacho ou pequeno rio, formando uma ponte tosca e pouco segura não raras vezes” (SOUZA, (2004[1910], p.144). Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1975), no Novo Dicionário Aurélio, ratifica esta definição: “Estiva [do lat. Stiva.]. S.f. 9. Bras., Ponte feita de um só pau, sobre forquilhas, em terrenos alagadiços ou pantanosos. 10. Bras., MG e RS. Ponte tosca, feita de varas ou paus atravessados sobre um córrego”. (FERREIRA, 1975, p. 583). No mapa de quilombos da fundação Palmares, já aparece o registro como Quilombo Estiva. Freire (1954) explica que é uma ponte com revestimento feito por paus roliços ou varas, para formar o suporte da terra nas pontes e para estabelecer a passagem para os terrenos alagadiços e esta é a acepção que mais se adequa ao Médio Jequitinhonha em que os moradores relatam ser uma espécie de ponte, contenção.

Contexto oral:

1) ISTIVA

I: Que, que é Istiva (...). (015JGMVJM46, página 8, linhas 238-242).



<https://youtu.be/r2zKNHZwt0Q>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de J. Gonçalves de Minas, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

033) topônimo: FARINHA SECA:	Taxonomia/natureza: fitopônimo/antropocultural
Município: José Gonçalves de Minas	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo composto – substantivo composto feminino singular	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
Em Houaiss (1999) temos: 4. Árvore de até 15m (<i>ouratea castaneaefolia</i>) da família das ocnáceas, de madeira compacta e elástica, folhas simples, flores amarelas em panículas terminais e frutos drupáceos, nativa do Brasil (AM a MG e SP) e cultivada como ornamental, mangue-do--mato.	
Contexto oral:	
1) FARINHA SECA	
<i>I: (...) Farinha Seca... (015JGMVJM46, página 7, linhas 220-222).</i>	
	https://youtu.be/moVl6r9BumU
Contexto escrito:	
Mapa municipal estatístico de J. Gonçalves de Minas, escala 1:100.000, IBGE, 2010.	

034) topônimo: FOLHA ROXA	Taxonomia/natureza: fitotopônimo/física
Município: Coronel Murta	
Acidente: fazenda/humano	
Estrutura morfológica: topônimo composto – substantivo composto feminino singular	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
Folha – Machado (1984) diz ser um topônimo de Alenquer (Portugal), do substantivo feminino folha. Topônimo no Brasil em Minas Gerais, Maranhão, Piauí e São Paulo,	

Alagoas e Bahia: Folha Larga e Folha Miúda. Segundo o autor com origem e significação evidentes, mas que ele desconhece a razão do topônimo.

Contexto oral:

1) FOLHA ROXA

*I: Tem Vereda, **Folha Roxa**, tem muitas... (011CMUHFM52, página 13, linha 399).*



<https://youtu.be/SUzNZWmGSPU>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Coronel Murta, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

035) topônimo: FUNIL	Taxonomia/natureza: geomorfotopônimo/física
Município: Virgem da Lapa	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
Nascentes (1976) apresenta a seguinte definição para funil: substantivo masculino que significa abertura que as águas dos rios fazem nas serras e montanhas. (NASCENTES, 1976, p.782)	
Segundo Machado (1984), Funil é um topônimo de Lisboa e frequente também no Brasil.	
Contexto oral:	
1) FUNILI	
<i>I: É, não. Tem um lugá aqui qui chama Funili, é lá que tem os, as cachuera, ca quês remanso, que agora tem água currida né, a água, cachuera pôca, num é cum muita velocidade não, mais tem.</i>	
P: Funil é o nome de um lugar também.	
<i>I: É, é, por cima aqui do Pega, chama Funili.</i> (024VDLMOF90, página 7, linhas 220-224).	



https://youtu.be/2W_0cINEbr4

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Virgem da Lapa, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

036) topônimo: HUMAITÁ	Taxonomia/natureza: zootopônimo/física
Município: Itinga	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular	
Origem: língua portuguesa<língua indígena Cf. Sampaio (1987[1901], p.242) e Costa (1970, p.249).	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
<p>Sampaio (1987[1901]) apresenta a seguinte definição para Humaitá “ corruptela de <i>Mbaitá</i>, o papagaio pequeno, também conhecido por maitaca (<i>psittacus cyanogastra</i>). Nome da famosa fortaleza à margem esquerda do rio Paraguai, que tão importante papel representou na guerra da Tríplice Aliança, de 1864 a 1870. (SAMPAIO, 1987[1901], p. 242)</p> <p>Definição ratificada por Joaquim Ribeiro Costa (1970) ao afirmar ser Humaitá, a corruptela de <i>mbaitá</i>, o papagaio pequeno, também conhecido por maitaca (<i>psittacus cyanogastra</i>) ”.</p> <p>Lemos em Machado (1984) que Humaitá é um topônimo no Brasil (Amazonas, Ceará, Minas Gerais, Paraíba, Rio de Janeiro, Fortaleza do Paraguai. “ Do guarani <i>mbaitá</i>, o que fala muito, maitaca, nome comum de aves da família dos Psitacídeos. Segundo Nasc.II⁵⁴, os topônimos brasileiros vêm do paraguaio, depois de passagem da esquadra brasileira pelo rio Paraguai, diante da fortaleza, em 19 de Fevereiro de 1868” (MACHADO, 1984, p. 787)</p>	
Contexto oral:	
1) HUMAITÁ~MAITÁ	
<p>I: Acha, Itinga tem. A região de Água Fria, na região do Maitá, cê ainda acha onça.</p>	

⁵⁴ Dicionário etimológico da Língua Portuguesa por Antenor Nascentes. Tomo II (nomes próprios). Rio de Janeiro, 1952.

(...).



<https://youtu.be/d6zY28ppHH4>

I: Na verdade é uma montanha qui tem atrás dela que é bem escura lá no **Humaitá**, (...) (013ITIJCM45, página 6, linhas 170-179).



<https://youtu.be/LRWIU9psMBA>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Itinga, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

037) topônimo: IJICATU

Taxonomia/natureza:
hidrotopônimo/física

Município: José Gonçalves de Minas

Acidente: comunidade/humano

Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular

Origem: língua portuguesa<língua indígena. Cf. Sampaio 1987[1901], p.84 e 86).

Histórico: Ijicatu<Buriti

Informações enciclopédicas:

Sampaio (1987[1901]) define *Yg* como a água, o rio e *catu*, bom. *Ygcatu* que foi se modificando e atualmente é Ijicatu (Igicatu).

Contexto oral:

1) IJICATU~JICATU~BURITI~BURITI QUEBRAD'

I2: Aí ês colocô **Buriti**, depois colocô, foi até o padre Willy que pôs **Ijicatu**.

I2: Ele “ah tem que tirá **Buriti** porque no município Virge da Lapa tem um buriti quebrad’”.

I3: Na realidade era, era por causa do buriti quebrado que tinha, né, quês falava assim” onde que ocê tá ino?” a gente falava assim “ah, eu tô ino lá no buriti quebrado”. Daí pegô o nome daqui de **Buriti**.

I2: O buriti deu um vento nele, ele era mais no fundo aí imbaxo e quebrô ele, aí ficô o lugar como **Buriti Quebrad'**. Aí aqui ficô seno **Buriti**, ah tô ino no **Buriti Quebrad'**, teve um dia o padre falô assim: “quebrado aqui num tem nada, nós vão mudá o nome, pô **Ijicatu**”. (023JGMOAF65, página 6, linhas 156-167).



<https://youtu.be/CI60pyH0N2Q>

I: (...) tem a de Catutiba que é a comunidade mais vizinha da onde eu moro, a de **Jicatú**, e tem a da cidade também, que é o aniversário da cidade em março, e em outubro tem a festa do santo. (007JGMMWM21, página 3, linhas 75-78).



<https://youtu.be/HI50REByjEE>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de J.Gonçalves de Minas, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

038) topônimo: ILHA DO BENTO	Taxonomia/natureza: geomorfotopônimo/física
-------------------------------------	---

Município: Coronel Murta

Acidente: praia/físico

Estrutura morfológica: topônimo composto – substantivo feminino singular

Origem: língua portuguesa

Histórico: não encontrado

Informações enciclopédicas:

Ilha – em Nascentes (1976) é definido como substantivo feminino, porção de terra emersa, circundada de água doce ou salgada, porém menor que os continentes.

Machado (1984) afirma ser um topônimo de vários lugares de Portugal como Arraiolos (Aldeia da Ilha), Castro Daire, Estremoz, Feira, Lamego, Lisboa (quinta), Pombal, Póvoa de Lanhoso (...) muito vulgar em formas compostas; isolado é também designação da ilha da Madeira e, por vezes, das de S. Jorge e de S. Miguel. O autor faz o seguinte questionamento “ como explicar os casos longe de mar? Serão nomes antiquíssimos ligados ao pé-celta *Ilia, iria, povoação?* ”

Bento é um antropônimo – nome do dono da área em que havia uma grande praia de cascalho que se formava no meio do rio.

Contexto oral:

1) ILHA DO BENTO

I: (...), essa **Ilha do Bento**, ela fica a cinco quilômetros do centro de Taobim, então todo dia eu chegava da escola, ali 11h chegava da escola, minha mãe fazia a marmita

*e falava "vai levá cumida po seu pai", aí eu adorava porque, eu ia levá comida pá ele na bera do rio, que era um local chamado **Ilha do Bento**, né, é onde ele tirava cascalho, Então pra mim era uma maravilha, eu ficava nessa **Ilha do Bento**.* (011CMUHFM52, página 3, linhas 63-71).



<https://youtu.be/TMZDtbzjHAY>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Coronel Murta, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

039) topônimo: IRAPÉ Município: Berilo Acidente: usina/físico Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo feminino singular Origem: língua portuguesa<língua indígena. Cf. Navarro (2013, p.570) <i>eîrarárapé</i> , que significa "caminho das iraras" (<i>eîrara</i> , "irara" + <i>pé</i> , "caminho") Histórico: não encontrado Informações enciclopédicas: Navarro (2013), define Irapé como derivado do tupi antigo <i>eîrarárapé</i> , que significa "caminho das iraras" (<i>eîrara</i> , "irara" + <i>pé</i> , "caminho"). Contexto oral: 1) IRAPÉ~barrage~barrage de IRAPÉ~ usina de IRAPÉ <i>I: Inclusive, nós tamo aqui ao lado da Irapé, né.</i>  https://youtu.be/hW_n6VOADFI <i>I: Quando eu cheguei aqui, logo quando eu cheguei, em 2001, foi bem no auge da construção da barrage de Irapé (...).</i> (015JGMVJM46, página 4, linhas 174-176; Página 6, linhas 179-181; página 10, 301-304).  https://youtu.be/_LK-qPM_kjM <i>I: Depois que veio a usina de Irapé e o regime da cheia foi mudado essa ilha</i>	Taxonomia/natureza: hodotopônimo/antropocultural
---	--

floresceu, ela tem árvores enormes lá hoje. (011CMUHFM52, página 3, linhas 76-77).



<https://youtu.be/8hnRqWjnMUY>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Berilo, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

040) topônimo: ITIRA	Taxonomia/natureza: geomorfotopônimo/física
Município: Araçuaí	
Acidente: distrito/humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo feminino singular	
Origem: língua portuguesa<língua indígena. Cf. Sampaio (1987[1901], p.261).	
Histórico: Itira<Barra do Pontal<Bom Jesus do Pontal	
Informações enciclopédicas:	
Sampaio (1987[1901]) apresenta a seguinte definição para <i>Ityra</i> : o mesmo que <i>atyra</i> , elevação; o cabeço; o cúmulo; o monte.	
De acordo com o IBGE, Itira é um distrito de Araçuaí. Sua população estimada em 2010 era de 1.813 habitantes, sendo 925 homens e 888 mulheres distribuídos em 743 domicílios. O distrito foi criado pela lei estadual de nº 843 de 07 de setembro de 1923, com o nome de Bom Jesus do Pontal. Em 17 de dezembro de 1938, através da lei estadual nº 148, passou a chamar-se Pontal e através da lei estadual 1058 de 31 de dezembro de 1943 recebeu a denominação de Itira (<i>Ityra</i>). No site oficial do município de Araçuaí, o atual distrito de Itira é descrita como “esplêndida perspectiva, terras férteis, os dois grandes rios, a viração do vale, que abate o calor, o fácil acesso às canoas, um conjunto de qualidades locais indicava aquele lugar apropriado para abrigar uma cidade, mas o Padre Carlos era excessivamente autoritário e exigente. Assim, lançando os fundamentos de uma futura cidade, portou-se como senhor de alta e baixa justiça, e uma de suas determinações foi que não se consentisse ali meretrizes nem bebidas alcoólicas, então as infelizes mulheres emigraram subindo o rio Araçuaí, e, atraídos por elas os canoeiros mudaram de porto” ⁵⁵ .	
Contexto oral:	

1) ITIRA~BARRA DO PONTAL~BARRA DO PONTALI~PONTAL

I: É. Olha, é, é, escuta aqui. A população, Araçuaí quando começou não sei se você já ouviu falá na **Barra do Pontal**. Já conhece lá?

P: Conheço.

I: Conhece? Ali quando começou não tinha Araçuaí não.

P: Hoje é Itira, né?

I: Hojé é **Itira**. Aí ééé, não tinha Araçuaí, de lá é que veio, é que começô aqui, mais quando tinha **Itira** e ainda não tinha Araçuaí aqui morava era índio. Tendeu? (017ARALOM66, página 7, linhas 201-207).



<https://youtu.be/wCaHOAGloiw>

I: (...) Era uma bichinha morena, que o Carlos sem ter pena, do **Pontal** a expulsou, fazendo-a subir as águas para acalentar suas mágoas neste lugar se aportou. (017ARALOM66, página 8, linhas 246-247).



https://youtu.be/dch_A6bDTZ4

I: (...) Um é lá na **Barra do Pontali**, pra lá um pouco da **Barra do Pontali**, tendeu? São até índios mudernos. (017ARALOM66, página 9, linhas 287-290).



<https://youtu.be/x7Mi3e3LAkU>

Contexto escrito:

ARASSUAHY. Album chorographic de 1927. *Pontal*. Disponível em https://www.albumchorographic1927.com.br/imprimir.php?mapa=2012_05_04_16_38_25_arassuary.jpg acesso em 30 de novembro de 2022.

Mapa municipal estatístico de Araçuaí, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

041) topônimo: JACARÉ	Taxonomia/natureza: zootopônimo/física
Município: Itinga	
Acidente: distrito/humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular	
Origem: língua portuguesa< língua indígena. Cf. Sampaio (1987[1901], p. 263.	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
Sampaio (1987[1901]) define jacaré como corr. <i>ya-caré</i> , aquele que é torto, ou sinuoso. Pode ser, ainda, <i>y-echá-caré</i> , aquele que olha de banda. (<i>Crocodillus sclerops</i>).	
Em Joaquim Ribeiro Costa (1970) encontramos a mesma definição de Sampaio e o acréscimo de se tratar de um distrito do município de Itinga por lei nº 336 de 27 de dezembro de 1948, território desmembrado do distrito da sede.	
Contexto oral:	
1) JACARÉ~JACARÉ DAS COBRAS	
<i>I: (...)então Itinga era o entreporto, eles vinham por, por dentro né, por Rubelita, subia pro Jacaré e descia. Então lá ondê quês parava tinha uma lagoa e essa lagoa tinha muito jacaré e era o ponto onde quês paravam aí ês colocaram o nome, ficô cunhido como Jacaré.</i> (013ITIJCM45, página 9, linhas 291-294).	
	
https://youtu.be/R6rhPcJRmOA	
<i>I: Meu pai nasceu na, na localidade conhecida por Olho D'água, na chapada do Agachado e minha mãe nasceu numa comunidade chamada Jacaré, Jacaré das Cobras.</i> (011CMUHFM52, página 1, linhas 13-15).	
	
https://youtu.be/4nZlamZrkjM	
Contexto escrito:	
COSTA, J.R. Toponímia de Minas Gerais, 1970.	
Mapa municipal estatístico de Itinga, escala 1:100.000, IBGE, 2010.	

042) topônimo: JATOBÁ	Taxonomia/natureza: fitotopônimo/física
Município: Coronel Murta	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular	
Origem: língua portuguesa<língua indígena. Cf. Sampaio (1987[1901], p.268)	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
Sampaio, (1987[1901]) define o termo como corruptela de <i>yatay-ybá</i> , contrato em <i>yatay-ybá</i> , o fruto do <i>yatahy</i> que se chama moça-branca (mosca-branca). De acordo com Machado (1984) Jatobá é um topônimo do Maranhão, no Brasil (Mata do Jatobá, onde nasceu Gonçalves Dias). Do substantivo masculino <i>jatobá</i> , árvore.	
Contexto oral:	
1) JATOBÁ	
<i>I: Tem duas, tem essas três comunidades. Tem o Jatobá também.</i> (019CMUESM64, página 11, linhas 327-328).	
	
https://youtu.be/adl2RV6Ulg4	
Contexto escrito:	
Mapa municipal estatístico de Coronel Murta, escala 1:100.000, IBGE, 2010.	

043) topônimo: JENIPAPO DE MINAS	Taxonomia/natureza: fitotopônimo/física
Município: Jenipapo de Minas	
Acidente: município/humano	
Estrutura morfológica: topônimo composto – substantivo composto masculino singular	
Origem: língua portuguesa (1ºelemento) <língua indígena Cf. Sampaio, 1987(1901), p.232.	
Histórico: Jenipapo de Minas (1995) < Jenipapo (1954).	
Informações enciclopédicas:	
Top. No Brasil. Do s.m jenipapo, árvore de fruto, o fruto dessa árvore, de acordo com Machado (1984). Município onde, conforme o IBGE, “há longos anos existia à margem esquerda do Rio Setúbal, um cemitério onde eram sepultados os mortos daquela circunvizinhança, inclusive um escravo por nome Joaquim cuja alma virtuosa concede graças a muitas pessoas que a ele recorrem. Vinham pessoas de lugares	

distantes fazendo romarias para cumprirem suas promessas e veneraram sua imagem. Devido as muitas graças recebidas deram-lhe o nome de 'Pai Joaquim', que era escravo, e muito sofreu sob o domínio do seu senhor". Pela lei nº 2764 de 30/12/1962 o povoado foi elevado a distrito com o nome de Jenipapo, devido a grande quantidade de Jenipapeiros existentes ao redor de uma lagoa; depois da sua emancipação político-administrativa pela lei Nº 12030 acrescentou-se 'de Minas' e a partir de 21/12/1995 recebeu o nome de 'Jenipapo de Minas'.

Contexto oral:

1) JENIPAPO DE MINAS~JENIPAPO~JENIPAP'

I: Eu nasci é, em Jenipapo de Minas. (006JEMCGF36, página 1, linhas 10-11).



<https://youtu.be/PepcSAXCCB4>

I: Que ainda o povo tem esse receio porque a água é suja, né? Fez a barragem, a água não limpa, de jeito nenhum, vem de Jenipap', mas a água vem, conseguiu, esse é um, um uma evolução. (012FBAECM42, página 12, linhas 381-383).



<https://youtu.be/StvjZpsu3ec>

I: Tem um coral nessa comunidade, que Grace acompanha por Jenipapo também. (012FBAECM42, página 11, linha 333).



https://youtu.be/dTqDm1t_TMI

I: Eu nasci no hoje município de Jenipapo de Minas, na época era município de Francisco Badaró. (014JEMFRM46, página 2, linhas 25-26).



https://youtu.be/Hj_vCTC8sr4

I: E quando emancipou né, se tornou cidade, aí foi mantido o nome, mas acrescentou o de Minas: Jenipapo de Minas. Mas mesmo antes da emancipação já era o distrito de Jenipapo que pertencia a Francisco Badaró. (014JEMFRM46, página 9, linhas 289-

291).



<https://youtu.be/kearfHB7X1g>

I: E na estrada da gente chegá ni Jenipap', aqui mais na cidade, o meu genro tem uma oficina e tem um pé do jenipap' que fica mesmo na porta dele. Na área aqui do quintal tem eu acho que uns quatro pés, sabe, bastant' jenipap'. (022JEMMJF82, página 9, linhas 263-265).



<https://youtu.be/ciHPZCmq41U>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Jenipapo de Minas, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

044) topônimo: JEQUITIBÁ	Taxonomia/natureza: fitotopônimo/física
Município: Virgem da Lapa	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular	
Origem: língua portuguesa<língua indígena. Cf. Sampaio (1987[1901], p.269)	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
Sampaio (1987[1901]) assim define Jiquitibá – corruptela de <i>Yiki-t-ybá</i> , o fruto de jiqui, isto é, fruto com a forma de covo. O fruto do jequitibá é pequeno e afunilado à semelhança de um jiqui. É a árvore gigante do Brasil. (<i>Couratari legalis</i>). Alt. <i>Jequitibá</i> . Em Houaiss (2009) temos "Jequitibá - árvore de até 45 metros (<i>Cariniana estrellensis</i>), nativa do Brasil, do Sul da Bahia ao Rio Grande do Sul, de grande copa, cujo tronco atinge mais de um metro de diâmetro, folhas com a margem serreada, pequenas flores branco-amareladas, em panículas terminais, e pixídios alongados, usado como cachimbo; a madeira tem uso diverso, de pequenos objetos à constmção civil e da casca faz-se boa estopa..."	
Contexto oral:	
1) JEQUITIBÁ	
<i>I: Eu acredito, pelo que eu vejo que seja negros e pardas né, como as comunidades</i>	

quilombola que tem lá em cima, né comunidade do Bugre, Jequitibá! Ali pra cima, eu acho que Bugre, eu acho quês são quilombolas, são quilombolas. (008VDLMVM18, página 13, linhas 417-419).



<https://youtu.be/HgN4vAACMyk>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Virgem da Lapa, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

(045)Topônimo: JEQUITINHONHA	Taxonomia/natureza: ergotopônimo/antropocultural
Município: Araçuaí, Coronel Murta, Itinga.	
Acidente: rio/físico	
Estrutura morfológica: topônimo simples – [substantivo masculino singular]	
Origem: língua portuguesa<língua indígena. Cf Sampaio (1987[1901], p.270).	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
<p>Beuarepaire –Rohan (1956[1889]) diz ser um vocábulo de origem tupi, tanto usual entre os Tupinambás do Brasil, como entre os Guaranis do Paraguai e define como s.m “espécie de nassa, que consiste em um cesto mui oblongo e afunilado, feito de varas finas e flexíveis. Para que o jiqui funcione convenientemente, praticam os pescadores uma cerca que toma toda a largura do riacho, deixando no meio uma abertura na qual colocam a parte larga daquela nassa, ficando a estreita no sentido da corrente” BEUAREPAIRE –ROHAN (1956[1889], p.139/140). Sampaio (1987[1901]), define Jequitinhonha como corruptela de <i>Yiki-tinhonhe</i>, o covo⁵⁶ mergulhado, ou assentado n’água.</p>	
<p>José Joaquim da Rocha (1995, p. 132), entre os anos de 1780 e 1781, assim se referia ao rio Jequitinhonha, também já registrado como Jiquitinhonha, em <i>Geografia Histórica da Capitania de Minas Gerais</i>: “O Rio Jequitinhonha, que tem o seu nascimento ao norte das serras de Santo Antônio e Itambé da Vila do Príncipe, é o tesouro mais precioso destas Minas; não só o Jequitinhonha, mas todos os mais rios e ribeiros que nele se metem, desde o seu nascimento”.</p>	

⁵⁶ Cesto comprido, feito de geralmente de vime e usado para pescar, armadilha de pesca (Houaiss, 2009).

Saint-Hilaire (1975[1830]), relata em sua passagem pela região entre 1816 e 1822 como era o Jequitinhonha “nas duas margens o Jequitinhonha é bordado por imensas matas virgens que avançam até o seu leito. A vegetação não tem por toda a parte igual vigor; mas sempre as árvores ostentam o mais fresco dos verdores (...). O rio nunca se apresenta encaixado entre barrancas; mas quase sempre, as margens se elevam por declives mais ou menos brandos, para formar colinas e, às vezes montanhas”. (SAINT-HILAIRE, 1975[1830], p.263). Saint-Hilaire (1975[1830], p.248-249) relata que havia pouco tempo que se conhecia o Jequitinhonha em todo o seu curso, pois o rio que se via reunir suas águas ao mar, perto da pequena vila de Belmonte havia recebido o nome de Rio Grande. Porém, João da Silva Santos, capitão mor de Porto Seguro embarcou em 1804 no Rio Grande e perto de Tocoyós, cerca de oitenta e seis léguas de Belmonte, encontrou um colono português que lhe disse que o Rio Grande não era outro senão o Jequitinhonha, conhecido pelos diamantes que fornecia.

Contexto oral:

1) rio JEQUITINHONHA~rio JEQUITIONHA~JEQUITINHONHA

*I: No rio **Jequitionha**. É, o rio que tinha uma praia muito bonita, uma praia grande mesmo, era uma praia de extensão, de largura, tinha lugares que dava aí uns, ia daqui lá no asfalto, assim ó. (019CMUESM64, página 4, linhas 99-101).*



<https://youtu.be/EdeJHA9pdZ8>

*I: O rio Salinas, que é um afluente do **Jequitinhonha**, ele tá correno porque tem a barragem que foi construída lá na cabecera dele que perenizou o rio, senão ele também não estaria mais correno, teria secado até. (019CMUESM64, página 9, linhas 264-267).*



<https://youtu.be/YpIt42Q5gE0>

*I: Então, a infância foi passada na bera do rio **Jequitionha**, exatamente entre Coronel Murta e Taobim, (...). (011CMUHFM52, página 1, linhas 19-20).*



<https://youtu.be/rmII40XglCA>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Araçuaí, escala 1:100.000, IBGE, 2010.
 Mapa municipal estatístico de Coronel Murta, escala 1:100.000, IBGE, 2010.
 Mapa municipal estatístico de Itinga, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

046) topônimo: JIRAU	Taxonomia/natureza: ergotopônimo/antropocultural
Município: Araçuaí	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular	
Origem: língua portuguesa<língua indígena. Cf. Sampaio (1987[1901], p. 233)	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
Em Sampaio (1987[1901]) temos <i>Girao</i> , corruptela <i>y-rau</i> , suspenso d'água ou da umidade. Construção sobre forquilhas para evitar os efeitos da água ou da umidade; estrato feito de varas. SOUZA (2004) afirma que também era grafado – <i>girao</i> , <i>jurá</i> , <i>jurau</i> . Significa armação de varas sobre estacas ou forquilhas que serve para leito dos matutos ou para depósito de mantimentos e objetos nas casas sertanejas. ”	
Contexto oral:	
1) JIRAU	
<i>I: (...). Tem é (...)a região da Malhada Preta, Jirau, que é uma comunidade quilombola, foi reconhecida agora, né.</i> (001ARADSM38, página 8, linhas 237-238).	
	
https://youtu.be/Z1wj8DbP8xc	
Contexto escrito:	
Mapa municipal estatístico de Araçuaí, escala 1:100.000, IBGE, 2010.	

047) topônimo: LAJE	Taxonomia/natureza: litotopônimo/física
Município: Coronel Murta	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo feminino singular	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	

Informações enciclopédicas:

Laje, definido por Nascentes (1976) como substantivo feminino, pedra de superfície plana, quadrada ou retangular, de pouca espessura, destinada a cobrir pavimentos, sepulturas etc; qualquer pedra lisa, chata e larga, de grandes dimensões, embora não seja quadrada nem retangular.

Segundo Machado (1984) top. Frequentemente, em Portugal, na Galiza (laje) e no Brasil. Do s.f laje, variação de lájea.

Contexto oral:

1) comunidade da LAJE

I: Moça, eu fiquei tão chateado, que eu, eu ganhei uma casa lá na comunidade da Laje, cinco quilômetros de Coronel Murta (...). (019CMUESM64, página 13, linhas 408-411).



https://youtu.be/GkGOtLY_hiE

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Coronel Murta, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

048) topônimo: LAPA	Taxonomia/natureza:
----------------------------	----------------------------

Informações enciclopédicas:

Lapa, substantivo feminino - parte de mina em exploração, a qual forma o chão (NASCENTES, (1976, p. 969). Houaiss (1999) define como grande pedra ou laje que, ressaltando de um rochedo, forma abrigo.

Top. Frequentemente na Galiza, (Corunha, Lugo); no Brasil: Paraná. Do s.f lapa, incluindo o caso brasileiro, segundo Machado (1984).

Contexto oral:

1) corgo da LAPA

I: (...) tem várias grotinhas aí que num tem água mais não, já tinha mais num tem

mais, igual corgo da Lapa, Catuá, Barriguda, num tem água mais não. (023JGMOAF65, página 9, linhas 264-266).



<https://youtu.be/8DOrTRLk1lM>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de J.Gonçalves de Minas, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

049)Topônimo: MALHADA	Taxonomia/natureza: ecotopônimo/antropocultural
Município: José Gonçalves de Minas	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo feminino singular	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
<p>Machado (1984) escreve: <i>Malhada</i>, topônimo frequente do substantivo feminino malhada. “Como se sabe, este vocábulo apresenta vários sentidos, sendo possível que nem sempre o mesmo tenha originado os vários tipónimos aqui em causa” (MACHADO, 1984, p.928). Uma das acepções do termo malhada em Houaiss (2009) é: substantivo feminino, toca ou ninho de animal sevagem, estábulo. Local à sombra de grandes árvores, em que o gado se protege do calor intenso, malhador.</p> <p>Antunes (2013) define maiada como “ forma com despatalização de malhada, ‘cabana de pastores, curral de gado’ . (ANTUNES, 2013, p.160).</p> <p>No Médio Jequitinhonha, Maiada ou Malhada é o lugar em que o gado se junta, uma espécie de moradia.</p>	
Contexto oral:	
<p>1) MAILADA~MAIADA~MALHADA~MALHADINHA</p> <p><i>I: Mailada (...) (007JGMMWM21, página 4, linha 117).</i></p>	
<p>https://youtu.be/mOsQmbRaeA8</p> <p><i>I: Pois é, aí é Malhada só, a gente chama Malhadinha.</i> (023JGMOAF65, página 13, linha 388).</p>	



<https://youtu.be/LeQ53rhnKm0>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de José Gonçalves de Minas, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

050)Topônimo: MALHADA PRETA	Taxonomia/natureza: ecotopônimo/antropocultural
------------------------------------	---

Município: Araçuaí

Acidente: comunidade/humano

Estrutura morfológica: topônimo composto – substantivo composto feminino singular

Origem: língua portuguesa

Histórico: não encontrado

Informações enciclopédicas:

Malhada, em Houaiss (2009): substantivo feminino, toca ou ninho de animal selvagem, estábulo. Local à sombra de grandes árvores, em que o gado se protege do calor intenso, malhador.

Preta – que tem a cor negra.

Contexto oral:

1) MALHADA PRETA

I: (...)são várias comunidades. Éé, a Chapada do Lagoão, por exemplo, que está ali, né que pertence. Tem é, Tombo... Santa Rita do Tombo, a região da Malhada Preta, Jirau, que é uma comunidade quilombola, foi reconhecida agora, né.

(001ARADSM38, página 11, linhas 235-238).



<https://youtu.be/q2Ze0R5qqXk>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Araçuaí, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

051) topônimo: MANDINGA	Taxonomia/natureza: etnotopônimo/antropocultural
Município: Araçuaí	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo feminino singular	
Origem: língua portuguesa<língua africana. Cf. Castro (2022, p.443)	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
Em Poel (2013) temos a seguinte explicação para Mandingas: Na África, nos vales do Senegal e do Niger, grupo étnico que compreende os malinkes, soninkes, bambaras e djulas. No Brasil são chamados assim os malinkes, oriundos do reino de Mali, um reino islâmico. (POEL, 2013, p.604).	
Para Mendonça (1935 [1933]), mandinga é “feitiço, talismã para fechar o corpo” (MENDONÇA, 1935 [1933], p. 213).	
Castro (2022) apresenta duas acepções para mandinga: 1. s. f bruxaria, ardil, feitiço; (p.ext.) Mau olhado, no português do Brasil. Kik/Kimb.mazinga, ação de complicar, de impedir por feitiço. 2.s.adj.denominação de um povo oeste africano, do grupo de língua mandê, que foi trazido para o Brasil durante a escravidão.Cf. Mandinga ou Malinke. Em Mendonça (2012 [1933]) lemos: “ao contrário dos bantuístmos que circulam em diferentes contextos socioculturais de linguagem, os termos do iorubá, em número relativamente menor no glossário, procedem da linguagem religiosa afrobrasileira, ou seja, de uso entre os terreiros de candomblé. Trata-se, principalmente, de nomes de suas entidades – Oxum, Ogum, Oxóssi, Xangô – que começaram a ser conhecidos a partir do momento em que passaram a gozar de certo prestígio sociocultural no Brasil e divulgados por compositores da música popular brasileira, entre eles, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Vinicius de Moraes.	
Destaque para mandinga, miçanga, senzala e jimbo porque já se encontram registrados no século XVII, na obra satírica do poeta baiano Gregório de Matos e Guerra (1633-1696). No século seguinte, como “termos do vulgo no Brasil”, mereceram verbetes no Vocabulário Português Latino de Raphael Bluteau, publicado na primeira metade do século XVIII, em Lisboa (1º vol. 1712 e 10º vol. 1728), e, ao final do mesmo século, em 1889, no dicionário de João Ribeiro, entre os 57 verbetes que ele classifica de africanismos (MENDONÇA, 2012 [1933], p.25).	
Contexto oral:	

1) MANDINGA

I: *Mandinga que pertence a, é aqui em Araçuaí. É, tá na região do Córrego da Velha.*
 (001ARADSM38, página 8, linha 247).



<https://youtu.be/ZS6quNWGtOI>

Contexto escrito:

POEL, F.V. Dicionário da religiosidade popular: cultura e religião no Brasil, 2013.
 Mapa municipal estatístico de Araçuaí, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

052) topônimo: MOCÓ DOS PRETOS	Taxonomia/natureza: zootopônimo/física
Município: Francisco Badaró	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo composto – substantivo composto masculino singular	
Origem: língua portuguesa<língua indígena. Cf Sampaio 1987[1901], p. 284).	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
Temos em Sampaio 1987[1901]), que <i>mocó</i> é a corruptela de <i>mo-coó</i> , bicho que rói, animal roedor, (<i>cavia rupestris</i>). Beaurepaire-Rohan (1956 [1889]), apresenta duas acepções para o termo: 1. Substantivo masculino, nome vulgar de uma espécie de mamífero, pertencente à ordem dos roedores. 2. substantivo masculino, espécie de pequena bolsa, a que também chamam bocó, e em Minas Gerais e Bahia capanga. Usam dêle a tiracolo os viajantes, para levarem pequenos objetos necessários para a jornada. No mocó levam os meninos de escola seus papeis e livrinhos de estudo. Serve também de embornal para dar a ração do milho às bestas. No Médio Jequitinhonha, mocó é um roedor, que ainda existe na região.	
<i>Preto (s)</i> – relativo a ou indivíduo dos pretos, povo da Índia transgangética.	
Trata-se de uma comunidade quilombola do município de Berilo certificada pela Portaria 29/2006 de 13 de dezembro de 2006.	
Contexto oral:	
1) comunidade de MOCÓ	
I: <i>Comunidade de Mocó, comunidade quilombolas também.</i> (010BERASF44, página 7,	

linha 215).



https://youtu.be/Ypsh9hE_Edg

I: (...)nós temos Tocoiós de Minas, que dentro de Tocoiós tem a comunidade de **Mocó**, que é totalmente quilombola, igual eu te falei, há uns uns três anos recebeu o título de quilombola, então, pra ser mais beneficiado. (012FBAECM42, página 13, linhas 404-406).



<https://youtu.be/mw4Z11q3xzg>

Contexto escrito:

Comissão Pró-Indio de São Paulo. Disponível em <https://cpisp.org.br/moco-dos-pretos/>
Acesso em 06 de dezembro de 2022.

Diário Oficial da União. Nº 238, quarta-feira, 13 de dezembro de 2006. Disponível em <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=13/12/2006&jornal=1&pagina=59&totalArquivos=232> acesso em 06 de dezembro de 2022.

Mapa municipal estatístico de Francisco Badaró, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

053) topônimo: MOQUÉM	Taxonomia/natureza: ergotopônimo/antropocultural
Município: Berilo	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular	
Origem: língua portuguesa<língua indígena. Cf. Sampaio (1987[1901], p. 285)	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
Encontramos em Beurepaire Rohan (1956[1889]) a seguinte definição: substantivo masculino de origem tupi - grade de páus em forma de grelhas, com uns 60cm de altura, e sobre a qual se põe a carne ou o peixe, que deve ser moqueado, isto é, assado a meio para se conservar. Sampaio (1987[1901]), afirma ser a corruptela de <i>mocae</i> ou <i>mô-caé</i> , faz que seque, o secadouro, o assador, gradeado de varas sobre brasas para assar a caça ou peixe. Alteração Muquem.	
Contexto oral:	

1) MUQUEM~MUQUIM~comunidade MUQUEM

*I: tem um ali pra baixo na região é do **Muquim** que eles fala, né, que é pr'ali pra, pro lado ali de baixo quee... é, chamava de Poção.* (002BERGLM18, página 3, linhas 67-68 e 75-77).



<https://youtu.be/l1tEnibFN3s>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Berilo, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

054) topônimo: MUÇAMBÉ	Taxonomia/natureza: fitotopônimo/física
Município: Berilo	
Acidente: córrego/físico	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular	
Origem: língua portuguesa<língua indígena. Cf. Cunha (2010, p.440)	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
Antenor Nascentes (1976) define muçambé como substantivo masculino-planta da família das caparidáceas (<i>cleome heptaphylla</i>) do tupi <i>musâbe</i> . Cunha (2010), apresenta a mesma definição acrescentando que era <i>mussambê</i> em 1876. Houaiss (2009) apresenta uma definição mais detalhada: 1.1 erva (<i>cleome psoraleaefolia</i>), da mesma família, nativa da América do Sul, de folhas compostas, flores alvas e racemosas, e silíquas cilíndricas e lineares, que exala cheiro desagradável; jupindá. 1.2 arbusto de até 2m (<i>C. dendoides</i>), nativo do Brasil, de folhas compostas, flores violáceas em racemos e silíquas lanceoladas e oblongas. Muçambê em 1876.	
Contexto oral:	
1) MAÇAMBÉ~corgo de MAÇAMBÉ	
<i>I: Ééé d'um..., d'um reservatório chamado Maçambé.</i> (002BERGLM18, página 6, linhas 179).	
	
https://youtu.be/E32aVTB8ITE	
<i>I2: Os que tem é Maçambé, Alegre, Boa Vista (...).</i> (023JGMOAF65, página 9, linhas	

264-265).



<https://youtu.be/-mXQWM8wG1E>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Berilo, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

055) topônimo: MUTUCA	Taxonomia/natureza: zootopônimo/física
Município: Coronel Murta	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo feminino singular	
Origem: língua portuguesa<língua indígena. Cf. Cunha (2010, p.443). 1547 do tupi <i>mu'tuka</i>	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
Conforme Cunha (2010) mutuca é um termo de 1547 originado do tupi <i>mu'tuka</i> e significa nome comum dado às moscas da família dos tabanídeos.	
Houaiss (2009) define como proveniente do tupi <i>mu'tuka</i> , uma designação comum a todos os insetos dípteros da família dos tabanídeos, de corpo robusto e de tamanho médio a grande, sendo apenas as fêmeas hematófagas; butuca, moscardo, motuca, tavão (são incômodas ao gado e ao homem devido às suas picadas dolorosas).	
Contexto oral:	
1) MUTUCA~comunidade de MUTUCA	
<i>I: Quilombolas tem também, inclusive tem uma comunidade, comunidade de Mutuca que éss tão reivindicando demarcação lá como quilombola.</i> (003CMUERM35, página 11, linhas 349-354).	
https://youtu.be/Kf_GN77Klcc	
Contexto escrito:	
Mapa municipal estatístico de Coronel Murta, escala 1:100.000, IBGE, 2010.	

056) topônimo: PANKARARU	Taxonomia/natureza: etnotopônimo/antropocultural
Município: Coronel Murta	
Acidente: aldeia/humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular	
Origem: língua portuguesa <indígena	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
Em Houaiss (2009), temos as seguintes acepções: 1. Pancararu – <i>etnólogo</i> , indígena pertencente ao grupo dos pancararus. 4.grupo indígena que habita as proximidades do médio São Francisco, junto aos limites dos municípios de Tacaratu e Petrolândia-PE (Área Indígena Pankararu e Terra Indígena Entre Serras), e o nordeste da Serra do Ramalho, no município de Bom Jesus da Lapa- BA (Área Indígena Vargem Alegre). Conforme Santiago (1999), com exceção dos pankararus que em 1994 vieram de Petrolândia-PE para Coronel Murta-MG, passando por São Paulo e Carmésia-MG, no vale do Jequitinhonha não há mais indígenas vivos. “ Das nações que habitaram o vale, restam gueréns, maxacalis e pataxós. Os gueréns são do grupo Krenak (não dos Kracmuns) e vivem na acima citada Carmésia. Maxacalis e pataxós são de uma única família que tem o nome dos primeiros”. (SANTIAGO, 1999, p.120). Em Coronel Murta, atualmente, conforme o Conselho Indigenista Missionário –CIMI, vive um grupo familiar de 25 indígenas PANKARARUS, em uma área de 60 hectares, doados pela Diocese de Araçuaí.	
Contexto oral:	
1) aldeia PANKARARU	
<i>I: Tem. Tem uma comunidade aqui inclusive, ali no Lagadiç, que tem uma comunidade indígena lá éé, aldeia Pankararu, salvo engano, esqueci o nome... agora, mais tem umas, tem uma comunidade lá, não sei dizê quantos que são mais tem bastante e tem muito descendente de índio aqui também. (003CMUERM35, página 11, linhas 342-345).</i>	
	
https://youtu.be/E3hiqoZWq5Q	
Contexto escrito:	
Terras indígenas do Brasil. Estado de Minas, 1997. Disponível em	

<https://terrasindigenas.org.br/pt-br/noticia/141066> acesso em 06/12/2022.

Mapa municipal estatístico de Coronel Murta, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

057)Topônimo: PASMADO	Taxonomia/natureza: animotopônimo/antropocultural
Município: Itinga	
Acidente: comunidade rural/humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular<adjetivo	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: Pasmado<Forno de Telha	
Informações enciclopédicas:	
Conforme Nascentes (1976) o termo pasmado tem duas acepções 1. Substantivo masculino - pau, mourão que resta após o desaparecimento de uma porteira ou cancela. 2. adjetivo – surpreendido, espantado, inexpressivo.	
Machado (1984) apresenta um topônimo português semelhante que é Pasmal. E faz um questionamento. De pasmo? Alusão às belezas panorâmicas daqueles locais?	
Contexto oral:	
1) PASMADO~PASMAD'	
<i>I: Em termos de movimento acho que é (...) a do Pasmado, da Ponte do Pasmado, né, Taquaral que é o distrito também né... (013ITIJCM45, página 9, linhas 273-276).</i>	
	https://youtu.be/GMmBsEZvDrU
Contexto escrito:	
Mapa municipal estatístico de Itinga, escala 1:100.000, IBGE, 2010.	

058)Topônimo: PASMADO EMPEDRADO	Taxonomia/natureza: animotopônimo/antropocultural
Município: Itinga	
Acidente: comunidade rural/humano	
Estrutura morfológica: topônimo composto – substantivo composto masculino singular	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	

Nascentes (1976) apresenta duas definições para o termo pasmado: 1. Substantivo masculino - pau, mourão que resta após o desaparecimento de uma porteira ou cancela. 2. adjetivo – surpreendido, espantado, inexpressivo.

Empedrado - substantivo masculino, que levou ou foi coberto ou pavimentado com pedra; que tem a consistência de pedra; cheio de concreções calcárias, conforme Houaiss (2009).

O historiador Claudio Pinto, em sua obra Memórias de Itinga (2010), relata que Pasmado Empedrado é a comunidade rural onde se encontra o túmulo da escrava Feliciana, conhecida popularmente na região como Friciana ou Santa Friciana a quem a população é devota.

Contexto oral:

1) PASMAD' IMPEDRAD'

I: É, Itinga tem Pasmado, () tem Pasmado, tem Pont' do Pasmad', **Pasmad'** Impedrad' e Pasmadin. (013ITIICM45, página 9, linhas 278-279).



<https://youtu.be/jLP0w2An1F0>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Itinga, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

059) topônimo: PEDRA	Taxonomia/natureza: litotopônimo/física
Município: Coronel Murta	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo feminino singular	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
<p><i>Pedra</i> é, para Bluteau (1712, v. 6, p.349), um “corpo sólido e duro que se cria na terra”. (BLUTEAU,1712, v. 6, p.349). Silva (1813) registra <i>pedra</i> como um“corpo sólido e duro que resulta de partículas terreas agregadas” (SILVA, 1813, v. 2, p. 418). Para Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2004) <i>pedra</i> é matéria mineral dura e sólida, da natureza das rochas.</p> <p>Segundo Machado (1984), <i>Pedras</i> “é topônimo freqüente em Portugal e na Galiza”</p>	

(MACHADO, 1984, p. 1146).

Contexto oral:

1) comunidade da PEDRA

I: (...) num sei como é que chama lá, esqueci o nome, tem a comunidade. Tem, Oro Fino, pro lado de Oro Fino, tem a comunidade da Pedra, tem da Água Branca (...). (019CMUESM64, pagina 11, linhas 329-331).



<https://youtu.be/qcGQUQ215Rs>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Coronel Murta, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

060) topônimo: PEGA (É)	Taxonomia/natureza: animotopônimo/antropocultural
Município: Virgem da Lapa	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular<interjeição	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
Em Nascentes (1976) o temo pega é definido com um substantivo masculino que significa discussão acalorada, desavença; ato ou efeito de pegar; lugar onde se pega uma coisa (asa, cabo, etc.). Acepção também encontrada em Houaiss (2009): pega – substantivo masculino, luta corporal, vias de fato, briga. Ou ainda interjeição, usado na perseguição de alguém, como pedido de que detenham a sua fuga.	
Contexto oral:	
1) PEGA	
<i>I: (...) E como a minha família toda assim, veio da, do Pega, meus avós moravam lá, então a gente, a gente tinha aquela questão de ir pra roça assim no domingo passeá, pra visitá os parente e também pá tomá banho de rio, né. (...) (015JGMVJM46, página 3, linhas 59-62).</i>	



<https://youtu.be/KLjrlpVxUk0>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Virgem da Lapa, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

061) topônimo: PIABANHA	Taxonomia/natureza: zootopônimo/física
Município: Araçuaí	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo feminino singular	
Origem: língua portuguesa<língua indígena. Cf. Sampaio (1987[1901], p.299).	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
<p><i>Piabanha</i> em Sampaio (1987[1901]), é definido como corruptela de <i>piá-bāi</i>, o que é manchado. Batista Caetano. Nome de um peixe fluvial.</p> <p>O Estado de Minas de dezembro de 2008 traz uma reportagem sobre a diversidade de peixes no médio Jequitinhonha, dentre os quais a piabanha que já existiu em grande quantidade e está ameaçada de extinção. “Os primeiros relatos de espécies de peixes são de expedições colonizadoras do século 19. Muitos dos nomes populares surgiram de moradores ribeirinhos que utilizam o rio para a pesca. Essa vocação, mesmo que menos aparente do que em outras bacias de Minas Gerais, reflete-se no próprio nome do rio. Jequi significa armadilha para apanhar peixes, enquanto que o significado de tinhonha é rio largo”. (Estado de Minas, 09 de dezembro de 2008).</p> <p>A Cemig, por meio do Programa Peixe Vivo, catalogou 22 espécies de peixes do Rio Jequitinhonha e pretende conhecer mais sobre as espécies ameaçadas, como o surubim e a piabanha, avaliando seu desenvolvimento inicial, o habitat, a dieta, o período reprodutivo, a área de ocorrência, dentre outros aspectos.</p>	
Contexto oral:	
1) PIABANHA	
<p>I: Então a gente se valia do, do Nova Esperança, da região do Pau D’alho, da região da Piabanha, região da Maciera, pra buscar essas árvores. (001ARADSM38, página 5, linhas 158-160).</p>	



<https://youtu.be/0xzXO5AOUt8>

Contexto escrito:

Estado de Minas, dezembro de 2008. Disponível em https://www.em.com.br/app/noticia/tecnologia/2008/12/09/interna_tecnologia,91493/pequisa-no-jequitinhonha-descobre-especie-rara-de-peixe.shtml acesso em 06/12/22
 Projeto peixe vivo. Disponível em <http://peixevivocemig.blogspot.com/2012/07/ce mig-desenvolve-estudo-sobre-peixes-do.html> acesso em 06/12/22
 Mapa municipal estatístico de Araçuaí, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

062) topônimo: PIAUÍ	Taxonomia/natureza: zootopônimo/física
-----------------------------	--

Município: Araçuaí e Itinga

Acidente: córrego/físico

Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular

Origem: língua portuguesa<língua indígena. Cf. Sampaio (1987[1901], p.300)

Histórico: não encontrado

Informações enciclopédicas:

Definido por Sampaio (1987[1901]) como corruptela de *py-yáu-y*, o rio dos piaus. O córrego Piauí, no município de Araçuaí, já foi volumoso e com o tempo foi secando, principalmente pelas atividades de mineração conforme relata Martins (2008) “no decurso do século XIX e início do século XX, o Médio Jequitinhonha experimentou muitos surtos breves de progresso, graças a atividades econômicas diversas. A mineração de pedras preciosas irrigou de dinheiro áreas ao sul (vales dos rios Araçuaí, Piauí e Setúbal) (...)" (MARTINS, 2008, p.17).

Contexto oral:

1) PIAUÍ

I: E o Piauí, ele pega dois municípios: ele pega Itinga e pega Araçuaí. Então é um córrego que pega dois municípios ao lado e serve de divisa, né, entre municípios. Há o Piauí que pertence a Itinga e há o Piauí que pertence a Araçuaí. (001ARADSM38, página 7, linhas 217-219).



<https://youtu.be/GjnJqiCQSTE>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Araçuaí, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

063)Topônimo: PONTE DO PASMADO	Taxonomia/natureza: hodotopônimo/antropocultural
Município: Itinga	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo composto – substantivo composto feminino singular	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
Machado (1984) registra <i>Ponte</i> como topônimo “freqüente em formas simples e compostas, de Portugal, da Galiza e do Brasil”.	
<i>Pasmado:</i> 1. Substantivo masculino - pau, mourão que resta após o desaparecimento de uma porteira ou cancela. 2. adjetivo – surpreendido, espantado, inexpressivo, de acordo com Nascentes (1976).	
Contexto oral:	
1.PONTE DO PASMADO~PONT' DO PASMAD'	
<i>I: (...) que são, a do Pasmado, da Ponte do Pasmado, né, Taquaral que é o distrito também né, e a região lá de, do Pasmado, que o Pasmad' ele é ()... Pasmandin. Itinga tem vários Pasmado, mais ou menos 4 Pasmado.</i>	
	https://youtu.be/Z16U9iMMrYo
<i>I: (...) tem Pont' do Pasmad', Pasmad' Impedrad' e Pasmandin. (013ITIJCM45, página 9, linha s 273-276 e linha 278).</i>	
	https://youtu.be/oGMcVzcFzHU
Contexto escrito:	
Mapa municipal estatístico de Itinga, escala 1:100.000, IBGE, 2010.	

064) topônimo: PORCOS	Taxonomia/natureza: zootopônimo/física
Município: Itinga	
Acidente: córrego/físico	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino plural	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
Apesar de não se ter clara a causa denominativa do nome, porcos apresenta as seguintes acepções em Nascentes (1976) – substantivo masculino mamífero da família dos suídeos; a carne deste animal. Adjetivo e substantivo masculino (fig.) diz-se de, ou indivíduo sujo, imundo. (Por extensão) Diz-se de, ou indivíduo obsceno, indecente.	
Machado (1984) afirma que Porcos um topônimo de Portugal em Santo Tirso (<i>Chão de Porcos</i>), Sesimbra e no Brasil: ilha de São Paulo; <i>Porcos de Armenteiro</i> . Ainda traz o termo Porcos como uma denominação depreciativa dos habitantes de Arronches.	
Contexto oral:	
1) córrego dos PORCOS	
<i>I: (...) Tem o córrego dos Porcos se num me engano, aí cê vai vê que tem os córregos que vão desaguano dentro do próprio córrego Água Fria, porém como eles não correm água durante todo o decorrer do ano, não tem um fluxo de água muito grande no córrego hoje, né?</i>	
(005ITIMAM19, página 6, linhas 162-165).	
	
https://youtu.be/BJaQ3Gh3gXw	
Contexto escrito:	
Mapa municipal estatístico de Itinga, escala 1:100.000, IBGE, 2010.	

065) topônimo: QUILOMBO BAÚ	Taxonomia/natureza: sociotopônimo/antropocultural
Município: Araçuaí	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo composto – substantivo composto masculino singular	
Origem: língua portuguesa 1º elemento<língua africana. Cf. Mendonça (1935 [1933],	

p.236) e Rohan (1956[1889]p.203).

Histórico: não encontrado

Informações enciclopédicas:

Quilombo- nome afro-brasileiro que significa “povoação, união”, é usado no Brasil como sinônimo de “refúgio de escravos fugidos” e serve de nome a várias localidades brasileiras (BARBOSA, 1986, p.113).

Em Mendonça (1935 [1933]) temos: quilombo-substantivo masculino: ”povoação fortificada dos negros fugidos ao cativeiro. Rohan deriva-os da língua bunda sem menção de étimo que afirmamos ser kilombo, povoação em quimbundo” (MENDONÇA, (1935 [1933], p.236).

Beaurepaire-Rohan (1956[1889]) assim descreve o termo quilombo - substantivo masculino “habitação clandestina nas matas e desertos, que servia de refúgio a escravos fugidos. Também lhe chamavam mocambo”. Vocáculo da língua bunda significando acampamento (Capello e Ivens) ” (BEAUREPAIRE-ROHAN (1956[1889], p.203).

Baú- Sobrenome. Do espanhol Bao, com origem toponímica (muito frequente em Corunha, Lugo, Orense, Oviedo) (MACHADO, 1984, p.228).

O Quilombo Baú é uma comunidade quilombola do município de Araçuaí certificada, conforme Portaria nº 60/2008.

Contexto oral:

1) QUILOMBO~QUILOMBO DOS BAÚS~comunidade BAÚ

I: Eu venho de uma região, da minha história, como eu te disse, do, dessa comunidade que os meus pais é, nasceram e moraram, do Quilombo. E que, né, a gente investigando um pouco mesmo, a, a incidência de negros e negras é muito grande. (001ARADSM38, página 9, linhas 285-288).



<https://youtu.be/f70laAonrVM>

I: Isso deu uma confusão danada. Mas hoje lá é uma remanescente dos quilombos dos Baús, da comunidade Baú. (009ARADBM53, página 6, linhas 165-166).



<https://youtu.be/sKZlsVPKdR0>

Contexto escrito:

IPATRIMONIO. Disponível em <http://www.ipatrimonio.org/aracuai-quilombo-bau#!/map=38329&loc=-16.857068833778573,-42.06617763592033,17> acesso em 06/12/22
Mapa municipal estatístico de Araçuaí, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

066) topônimo: ROÇA GRANDE	Taxonomia/natureza: sociotopônimo/antropocultural
Município: Berilo	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo composto – substantivo composto feminino singular	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
<p>Marcos Lobato Martin (2008) faz uma descrição do que foi o povoamento às margens do Jequitinhonha, promovido pela chamada roça grande. Segundo o autor, os colonos colocavam fogo no terreno após derrubar as matas para fazer suas plantações. Quando a fertilidade do solo já não era tão boa devido à ação do tempo, estes colonos não tinham mais interesse na terra e nada faziam para recuperá-la. “Simplesmente abandonava a pequena casa que edificara e se mudava para outro trecho do rio. Assim, as <i>roças grandes</i> se moviam, engolindo terras virgens”. (MARTINS 2008, p.15).</p>	
Contexto oral:	
<p>1) ROÇA GRANDE~comunidade ROÇA GRANDE</p> <p><i>I: Começô muito cedo e também porque a minha mãe adotiva, é, a comunidade de Riberão também tinha essa tradição, não usava pra venda, igual hoje em dia Berilo tem essa tradição vinda de Roça Grande, da comunidade Roça Grande, né?</i> (010BERASF44, página 5, linhas 146-148).</p>	
 <p>https://youtu.be/GQkrhRrbKiE</p> <p><i>I: Roça Grande é o nome de uma comunidade, nós temos até aluno de lá, eles são maravilhosos na produção de pavio e peças, colchas, de, de algodão e exporta e da Roça Grande ainda exporta. É um produto daqui, da produção de algodão.</i> (012FBAECM42, página 13, linhas 411 a 413).</p>	



https://youtu.be/Ql8ID_iUiow

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Berilo. escala 1:100.000, IBGE, 2010.

067) topônimo: SALINAS	Taxonomia/natureza: litotopônimo/física
-------------------------------	---

Município: Coronel Murta

Acidente: rio/físico

Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo feminino plural

Origem: língua portuguesa

Histórico: não encontrado

Informações enciclopédicas:

Salinas- é definido por Nascentes (1976) como substantivo feminino marinha ou monte de sal; terreno exposto ao vento e preparado para nele se produzir sal pela evaporação da água.

Machado (1984) define assim: top. Carregal do Sal; ilha da Madeira; no Brasil: Mato Grosso, Minas Gerais, Pará. Pl. do s.f salina.

Conforme site oficial do município de Salinas, em 1663, o famoso Conde da Ponte, por concessão de sesmaria, compras, iniciou a ocupação desta região. Por volta de 1698, o bandeirante Antônio Luiz dos Passos estabelecia uma fazenda de criação de gado às margens do rio Pardo, e daí percorreu toda essa região, a procura de riquezas. Numa dessas incursões chegou às margens de um rio pouco caudaloso (atual rio Salinas) e encontrou ricas *jazidas de salgemas*, produto precioso por ser oficial naqueles ermos.

Contexto oral:

1) rio SALINAS

I: É porque o rio *Salinas* desagua lá, então quando, geralmente, eu falo: quando o rio desagua, é, na foz, a gente fala barra, aqui nós falamos barra. Então justamente onde que é a foz do rio *Salinas*, a 18 quilômetros, mais ou menos, distante de Coronel Murta. (019CMUESM64, página 2, linhas 39-42).



<https://youtu.be/J7gOSLZm5EQ>

Contexto escrito:

PREFEITURA DE SALINAS. Disponível em <https://www.salinas.mg.gov.br/portal/servicos/1001/historia-de-salinas/> acesso em 06/12/22
Mapa municipal estatístico de Coronel Murta, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

068) topônimo: SAMAMBAIA	Taxonomia/natureza: fitotopônimo/física
Município: José Gonçalves de Minas	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo feminino singular	
Origem: língua portuguesa<língua indígena. Cf. Sampaio (1987[1901], p.311)	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
Sampaio (1987[1901]) define samambaia como corruptela de <i>çama-mbai</i> , o trançado de cordas; cordas entrelaçadas formando parapeito; cordas emaranhadas; alusão à trama confusa dessas plantas sociais, invasoras (<i>Felix herbacea</i>).	
Contexto oral:	
1) SAMAMBAIA	
I: (...)Farinha Seca, ééé <i>Samambaia</i> , Córrego do Arrozal... (015JGMVJM46, página 7, linhas 220-222).	
	https://youtu.be/Ha-9YJfoGio
Contexto escrito:	
Mapa municipal estatístico de José Gonçalves de Minas, escala 1:100.000, IBGE, 2010.	

069) topônimo: SEDE [ê]	Taxonomia/natureza: não classificado
Município: Coronel Murta	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples - substantivo feminino singular	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	

Sede – substantivo feminino, sensação causada pela necessidade de beber, sobretudo água; vontade natural de beber. (Fig.) desejo ardente, vivo e imoderado; avidez, ânsia, aflição, impaciência.

Contexto oral:

1) SEDE~comunidade da SEDE

I: Tem, Oro Fino, pro lado de Oro Fino, tem a comunidade da Pedra, tem da Água Branca, tem a Lajinha, éé, a Sede.

P: Sede é o nome de um lugar?

I: É, comunidade da Sede. (019CMUESM64, página 11, linhas 330-333).



<https://youtu.be/5pEADV0HFB4>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Coronel Murta, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

070) topônimo: SETE CANAIS	Taxonomia/natureza: numerotopônimo/antropocultural
Município: Coronel Murta	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo composto – substantivo composto masculino plural	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
<i>Sete</i> – numeral (sXIII). O número cardinal logo acima de seis, que equivale a essa quantidade, de acordo com o Houaiss (1999).	
<i>Canais</i> - substantivo masculino. 1. sulco ou vala corrida, natural ou artificial, por onde corre água. 2. leito para curso da água especialmente construído para estabelecer comunicação entre rios, lagos, mares etc. e usado para navegação, irrigação etc. são algumas acepções que encontramos em Houaiss (1999).	
Segundo Machado (1984) é comum aparecer o termo sete em topônimos compostos em Portugal como: Sete águas, Sete Camisas, Sete Cidades, Sete-Estrelo, Sete-Falinhas, Sete Irmãos.	
Contexto oral:	
1) SETE CANAIS	

I: *Sete Canais, Mutuca. Éé... (019CMUESM64, página 11, linha 335).*



<https://youtu.be/D8CTSuHvoHw>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Coronel Murta, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

071) topônimo: SUCURIÚ	Taxonomia/natureza: zootopônimo/física
-------------------------------	--

Município: Francisco Badaró

Acidente: rio/físico

Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular

Origem: língua portuguesa<língua indígena. Cf. Rohan (1956[1889], p.221).

Histórico: não encontrado

Informações enciclopédicas:

Rohan (1956 [1889]) apresenta o termo sucuriú como um substantivo masculino, o mesmo que sucuri. Espécie de ofídio do gênero Boa, que chega a ter mais de 8 metros de comprimento; vive nos rios e lagos do interior, é temível por sua voracidade.

Sampaio (1987[1901]) define como corruptela de *Çuucuri-yu*, forma contrata de *çuucuri-yuba*, a sucuri amarela.

Saint-Hilaire passou pela região entre 1816 e 1822 e descreve em seu relato de viagem a existência do rio sucuriú na localidade “ (...) no dia em que deixei a povoação de Sucuriú, atravessei o **rio também denominado Sucuriú**, que se lança no Setuba, outro riacho cujas águas se reúnem às do Araçuaí”. (SAINT-HILAIRE, 1975 [1830], p. 237, grifo nosso).

Contexto oral:

1) SUCURIÚ~SUCRUIÚ~ rio SUCUIÚ

I: (...) Cinco anos tem um registro que acharam onça lá. E a sucuri também, se hoje tem, disse que viram no rio Setúbal, porque o **Sucuriú** deságua no Setúbal. (012FBAECM42, página 10, linhas 297 a 298).



<https://youtu.be/kID2npAGEC8>

I: No rio **Sucuiú**, o que passa dentro de Francisco Badaró.

P: Sucuriú?

I: *Sucuriú. E ele é dado o nome de Sucuriú porque foi achado, uma, uma cobra sucuriú dentro do tacho de rapadura, no meio do rio, lá dentro de Badaró. Que na enchente ele subiu po Setuba acima.* (020FBAMEF66, página 5, linhas 135-139).



https://youtu.be/Jsv9G9_AeJI

Contexto escrito:

SAINT-HILAIRE, A. Viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. 1975[1830].

ROCHA (Mappa da capitania de Minas Geraes, 1776,1777,1778 e 1793.). *Sucurihú, paróchia.*

Mapa municipal estatístico de Francisco Badaró, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

072) topônimo: TABULEIRO	Taxonomia/natureza: geomorfotopônimo/física
---------------------------------	---

Município: Francisco Badaró

Acidente: comunidade/humano

Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular

Origem: língua portuguesa

Histórico: não encontrado

Informações enciclopédicas:

Beaurepaire-Rohan (1956[1889]) apresenta a seguinte definição para tabuleiro “extensa planície geralmente arenosa e de vegetação acanhada. (Minas Gerais) planalto de montículos pouco elevados e separados entre si por meio de vales estreitos (Saint-Hilaire) ” (BEAUREPAIRE-ROHAN (1956[1889, p. 222-223]). Em seus relatos de viagem pela região Saint-Hilaire passou pela localidade acima citada e relata estes tabuleiros “ em vários lugares, notei, no meio dos **tabuleiros**, grande número de caules desprovidos de folhas e semi-calcinados(...). Quando um morro termina por uma pequena planície, esta, conforme sua extensão, chama-se, como já disse, **tabuleiro** ou chapada, e, conforme a vegetação se eleva mais ou menos sobre um tabuleiro, dá-se-lhe o nome de coberto ou descoberto”. (SAINT-HILAIRE, 1975 [1830], p.202 e 232, grifo nosso).

Contexto oral:

1) TABULERO

I: Santo Isidoro, Tabulero, Vai Lavando (...). (018BERIAF60, página 9, linhas 270).



<https://youtu.be/VuXfdpJr4Wo>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Berilo, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

073) topônimo: TAMANDUÁ

Taxonomia/natureza:
zootopônimo/física

Município: Araçuaí

Acidente: comunidade/humano

Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular

Origem: língua portuguesa<língua indígena. Cf. Rohn (1956[1889], p. 223)

Histórico: não encontrado

Informações enciclopédicas:

Rohan (1956[1889]) indica o termo como de origem tupi e que significa “ nome comum a diversas espécies de mamíferos do gênero *Myrmecofaga*, de ordem dos desdentados. Ao de maior espécie chamam *Tamanduá bandeira* (*M. jubata*); aos menores dão o nome de *Tamanduá-mirim*”.

Contexto oral:

1) TAMANDUÁ

I: Meus pais, eles nasceram, é, a minha mãe nasceu também é, Tamanduá, que é o nome; e meu pai nasceu no Bolas, São José do Bolas. (006JEMCGF36, página 2, linhas 23-24).



<https://youtu.be/cYNPf7dQQ8o>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Araçuaí, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

074) topônimo: TERRA VERMELHA	Taxonomia/natureza: litotopônimo/física
Município: José Gonçalves de Minas	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo composto – substantivo composto feminino singular	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
<p><i>Terra-</i> substantivo feminino, parte sólida da superfície terrestre; parte do solo que produz os vegetais; chão, solo; argila própria para escultura, segundo Nascentes (1976).</p> <p><i>Vermelha</i> – adjetivo, que tem cor encarnada, muito viva, cor do sangue dos vertebrados, rubro.</p> <p>Machado (1984) diz ser um topônimo de Portugal em Felgueiras, Marco de Canaveses; entra em vários compostos, nacionais (Terra Alta, Terra Boa, Terra Cerrada, Terra Chã, Terra de Santa Maria, Terra Fria, Terra Quente, etc.) e estrangeiros (...).</p>	
Contexto oral:	
1) TERRA VERMELHA	
I: (...) <i>Terra Vermelha</i> . (007JGMMWM21, página 4, linhas 117-119).	
	
https://youtu.be/JSpghlFJ90g	
Contexto escrito:	
Mapa municipal estatístico de J. Gonçalves de Minas, escala 1:100.000, IBGE, 2010.	

075) topônimo: TESOURAS	Taxonomia/natureza: zootopônimo/física
Município: Araçuaí	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo feminino plural	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
<i>Tesoura-</i> uma das acepções que encontramos em Nascentes (1976) é: substantivo feminino, pássaro da família dos Tiranídeos (<i>Muscivora tyrannus</i>); ave, o mesmo que que alcatraz.	

Machado (1984) apresenta duas acepções para o termo tesoura: 1. “Topônimo em Chaves. Talvez derivado de teso, ‘elevação’. 2.Tesouras, Fronteira; no Brasil (Goiás), há um rio assim chamado, porque na região haveria abundância de pássaros assim chamados, por terem a cauda em forma de tesoura” (MACHADO, 1984, p. 1405).

No Médio Jequitinhonha, trata-se de uma comunidade “localizada a aproximadamente 40 km do centro urbano de Araçuaí, a comunidade está numa região mais alta dentro da área conhecida como APA do Lagoão” (BARRETO, 2018, p.132). O nome da comunidade se deu em virtude da abundância do pássaro conhecido na região como tesourinha devido ao rabo em formato de uma tesoura.

Contexto oral:

1) TESOURAS DE BAIXO~TESOURAS DE MEIO~TESOURAS DE CIMA

I: (...) então tem Baxa Quente, Tesouras de Baixo, Tesouras de Meio, Tesouras de Cima (001ARADSM38, página 8, linhas 233-234).



<https://youtu.be/15pbEuUVIZA>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Araçuaí, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

076) topônimo: TIBUSSU	Taxonomia/natureza: não classificado
Município: Araçuaí	
Acidente: córrego/físico	
Estrutura morfológica: topônimo simples	
Origem: não encontrada	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas: não encontradas	
Contexto oral:	
1) TIBUSSU	
<i>I: (...) depois do Bananal tem, é Tibussu depois do, do Tibussu tem o São José é vários córregos até Coronel Murta.</i> (017ARALOM66, página 9, linhas 264-265).	
	
<p>https://youtu.be/V23uy5P_hR8</p>	

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Araçuaí, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

077) topônimo: TOCOIÓS DE MINAS	Taxonomia/natureza: etnotopônimo/antropocultural
Município: Francisco Badaró	
Acidente: distrito/humano	
Estrutura morfológica: topônimo composto – substantivo masculino	
Origem: língua portuguesa	
Histórico: Tocoios de Minas<Tocoios	
Informações enciclopédicas:	
Conforme se lê em Houaiss (2009) é um termo de origem obscura que consta no Arquivo Público Mineiro, como uma tribo indígena que habitava Minas Gerais. Acepção condizente com o pesquisado na respectiva comunidade.	
Contexto oral:	
1) comunidade quilombola de TOCOIÓS DE MINAS~TOCOIÓS	
<i>I: Não, eu só do município de Francisco Badaró desde que nasci né, mais eu moro hoje aqui na comunidade de Tocoios, comunidade quilombola Tocoios de Minas.</i> (020FBAMEF66, página 3, linhas 74-75).	
	
https://youtu.be/2Yuh3QioMd0	
<i>I: Não, lá cidade, por ser uma cidade simples, o que marcou, que trouxe, foi to, todo um processo, foi a água, se não me engano foi no ano de noventa e quatro que chegô a água, que a água vinha das veredas de Tocoios, onde foi desmatado, de poço artesiano.</i> (012FBAECM42, página 12, linhas 375-378).	
	
https://youtu.be/E8-YVVIk5ZA	
Contexto escrito:	
Mapa municipal estatístico de Francisco Badaró, escala 1:100.000, IBGE, 2010.	

078) topônimo: TUM – TUM	Taxonomia/natureza: fitotopônimo/física
Município: Virgem da Lapa	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo composto – substantivo composto masculino singular	
Origem: não encontrada	
Histórico: não encontrado	
Informações enciclopédicas:	
Tuntum (Maranhão) segundo a Encyclopédia dos Municípios Brasileiros, editada pelo IBGE em 1959 re referia ao som “produzido pela queda de água de um riacho de igual nome e que banha a cidade”.	
Contexto oral:	
1) TUM-TUM	
<i>I: Eu nasci na, na comunidade chamada Tum-Tum que pertence a Virgem da Lapa.</i>	
	
	https://youtu.be/WyCwIF7qbYg
<i>I: Era muito difícil porque era terra, né, estrada de terra muito ruim, mais muitos, assim igual lá do Tum-Tum mesmo, tinha pessoas que ia para Araçuaí a pé, carregano coisas pra vendê na quarta-feira, no sábado, né? (016VDLMJF55, página 1, linha 8 e página 10, linhas 296-299).</i>	
	
	https://youtu.be/RbWGRGbYCBA
Contexto escrito:	
Mapa municipal estatístico de Virgem da Lapa, escala 1:100.000, IBGE, 2010.	

079) topônimo: VAI VIR	Taxonomia/natureza: dirrematopônimo/antropocultural
Município: Virgem da Lapa	
Acidente: comunidade/humano	
Estrutura morfológica: topônimo composto – substantivo composto masculino singular<locução verbal	

Origem: língua portuguesa

Histórico: não encontrado

Informações enciclopédicas: não encontradas

Contexto oral:

1) VAI VI

I: *Em todos os lugares assim, mais próximos, é, no Tum-Tum, no Santa Rita, né? Que são comunidades próximas, é, Vai Vi, assim.*

P: *Como se chama?*

I: *Vai Vi. Tinha uma comunidade, tem uma comunidade próxima aqui que chama Vai Vi.* (016VDLMJF55, página 3, linhas 66-70).



<https://youtu.be/19fx7-qy6wg>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Virgem da Lapa, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

080)Topônimo: VALE DO JEQUITINHONHA

Taxonomia/natureza: geomorfotopônimo/física

Município: Araçua, Berilo, Coronel Murta, Francisco Badaró, Itinga, Jenipapo de Minas, José Gonçalves de Minas, Virgem da Lapa

Acidente: mesorregião/humano

Estrutura morfológica: topônimo composto – substantivo composto masculino singular

Origem: língua portuguesa

Histórico: não encontrado

Informações enciclopédicas:

O Vale do Jequitinhonha fica a nordeste de Minas Gerais, numa área coberta por catingas, cerrados e mata atlântica distribuídos por montanhas, chapadões e grandes vales abertos, situados na maior parte no domínio do Semiárido. Conforme Ribeiro (2014), o conde de Afonso Celso esteve no Vale do Jequitinhonha nos fins do século XIX e descreveu em seu diário que o lugar era habitado por um povo cortês e hospitaleiro, que vivia da força dos próprios braços numa situação que definiu como de "farta mediania". Descrição esta que mudou com o decorrer do século XX em que "a rica cultura material, a produção agrícola estável, a ativa sociabilidade rural -

desapareceram dos relatos, principalmente depois dos anos 1960, quando o Jequitinhonha passou a ser descrito pelas ausências: relatório dos anos 1960 destacava os baixos indicadores sociais, diagnóstico dos anos 1970 associava a região ao "atraso", livro dos anos 1980 informava que a população da região vivia no "paroxismo da pobreza", autora dos anos 1990 escreveria que na região faltava saúde, energia, produção, estrada, escola e emprego" (RIBEIRO, 2014, p.2).

"O processo de ocupação e expansão das fronteiras da bacia do rio Jequitinhonha acompanha a história e os interesses colonizadores na busca pelas riquezas das "Minas Gerais", que passa pelo contato com os "índios" do território e as relações que foram se constituindo em torno da terra. Para uma análise introdutória, alguns autores destacam a relevância da mineração na "conquista" inicial do território da bacia do rio Jequitinhonha e também a importância da agropecuária. Segundo Jardim (1998), a história de conquista do Vale do Jequitinhonha começou na década de 1550, devido às potencialidades minerais da região. Nessa mesma perspectiva, Silva (2007) também aponta que a região começou a ser alcançada pelas entradas a partir de 1550 e, já no final do século XVII, fez-se a primeira descoberta de ouro nos arredores do que hoje é conhecido como município do Serro; depois em Grão Mogol, Minas Novas e outras localidades, instalando-se os núcleos mineiros e sendo formados os primeiros povoados, que foram se consolidando ao longo do século XVIII, com a descoberta dos diamantes" (SANTOS, 2018, p.18).

Contexto oral:

1) VALE DO JEQUITINHONHA~VALE

I: Ah, outra conquista também, eu vou te respondê, é a questão da, da filmagem de um filme chamado Kenoma, que trouxeram alguns artistas pra cá. Que foi um marco na região, né, principalmente de Itira, que a produção valorizô dimais os condecorados e as condecoradas tradicionais e quiseram, pela cultura do Vale do Jequitinhonha, pela cultura presente em Araçuaí, valorizar essas pessoas. (001ARADSM38, página 9, linhas 276-280).



<https://youtu.be/pYeRq4jSkvk>

I: (...) Acho que o Vale é bonito demais, é gostoso demais. Eu gosto do Vale, eu acho que o Vale é o melhor lugar que tem no mundo, sabe. É tanto que nós falamos assim:

sô do Vale. (014JEMFRM46, página 10, linhas 306-308).



https://youtu.be/u4Q8j0_IbUU

Contexto escrito:

Guia Gerais de Minas, mesorregiões. Disponível em <https://www.guiagerais.com.br/minas-gerais/mesorregioes/> acesso em 07 de outubro de 2022.

081) topônimo: ZABELÊ Município: Francisco Badaró Acidente: comunidade/humano Estrutura morfológica: topônimo simples – substantivo masculino singular Origem: língua portuguesa<língua indígena. Cf. Sampaio (1987[1901], p. 347) Histórico: não encontrado Informações enciclopédicas: <p>Rohan (1956[1889] atribui a zabelê o conceito de substantivo masculino, o mesmo que Johó. Johó é uma ave do gênero <i>Crypturus noctivagus</i>) da família das perdiceas em Goiás e Mato Grosso e Zabelê em outras províncias. É vocábulo onomatopaico, que se deriva do canto desta ave, que mais se faz ouvir durante a noite. Será talvez o <i>inambú-hôhô</i> dos Guaranis. Sampaio (1987[1901]), define como a voz espúria ou onomatopaica, já que, completa Nascentes, o tupi não tem os fonemas /l/ nem /z/, nome da ave <i>Crypturus noctivagus</i>, uma espécie de <i>nambu</i>. Saint-Hilaire (1975 [1830]) em seu relato de viagem pela região, que ocorreu no ano de 1817, descreve que os colonos e os botocudos (indígenas que residiam na região) caçavam e pescavam com frequência e tinham como alvo as capivaras, veados, tatus e porcos do mato. Eles ficavam à beira dos regatos esperando os veados que iam tomar água para matá-los. Além dos mamíferos gostavam também de caçar aves, dentre as quais, o mutum, zabelê, perdiz e macuco.</p>	Taxonomia/natureza: zootopônimo/física
--	--

Contexto oral:

1) ZABELÊ

I: (...) em Jenipapo, em Francisco Badaró. Francisco Badaró, por exemplo, a gente ia muito em **Zabelê**, Dutra. (001ARADSM38, página8, linhas 242-243).



<https://youtu.be/4M7CCoe1hDI>

I: Aqui tem a festa de Nossa Senhora de Aparecida e de Nossa Senhora das Graças. E as comunidades vizinhas têm também, Barreiros, éé, e Zabelê ainda tem suas festas.
(004FBAJSM21, página 5, linhas 154-155).



<https://youtu.be/pnHF1V5CALQ>

Contexto escrito:

Mapa municipal estatístico de Francisco Badaró, escala 1:100.000, IBGE, 2010.

Neste último agrupamento registramos 27/40 topônimos de origem indígena. Constatamos também comunidades constituídas por remanescentes de quilombos com nomes de origem indígena, como Mutuca e Jequitibá. Outra característica deste grupo de topônimos é a presença de lexias com boa produtividade na região, como Pasmado, que é uma comunidade do município de Itinga, e gerou mais 3 topônimos: Pasmadinho, Ponte do Pasmado e Pasmado Empredrado; Zabelê que gerou Lagoa de Zabelê (grupo A) e Cabeceira de Zabelê; Lapa e Laje que geraram Lapinha e Lajinha e Cachoeira que originou Cachoeira da Barra.

Foram, portanto, elaboradas 113 fichas toponímicas para os 252 topônimos analisados nesta pesquisa, que assim se distribuem:

Quadro 11: Síntese quantitativa das fichas toponímicas

Agrupamento	Nº de fichas	Nº de topônimos do agrupamento
A)Topônimos compostos que têm o primeiro elemento idêntico	12	56
B)Topônimos idênticos, simples ou compostos, que nomeiam mais de um acidente geográfico	17	33
C)Topônimos, simples ou compostos, formados por nomes de santos, santas e outras invocações religiosas	01	30
D)Topônimos, simples ou compostos, formados por nomes e sobrenomes próprios de pessoas, acompanhados ou não de títulos	01	27
E)Topônimos simples formados por derivação (afixos)	01	25
F) Outros topônimos	81	81
Total	113	252

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Concluido este capítulo de apresentação, classificação e detalhamento dos 252 topônimos do nosso *corpus*, no próximo capítulo, quantificamos, descrevemos e discutimos estes estes dados.

6 QUANTIFICAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

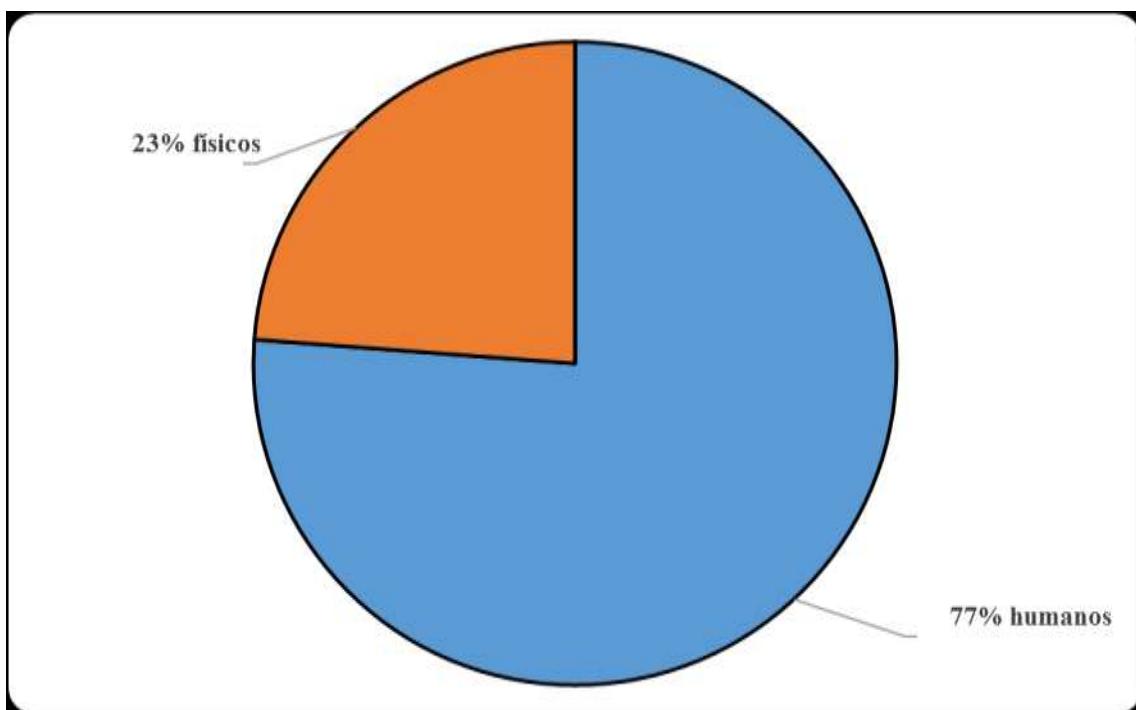
Dividimos este capítulo em duas seções. Na seção 6.1, fazemos a análise quantitativa de 4 dos itens das fichas toponímicas (tipo de acidente, classificação e natureza taxonômica, origem e estrutura morfológica dos topônimos). Na seção 6.2, descrevemos a toponímia do Médio Jequitinhonha, apresentando uma discussão sobre a origem dos topônimos, as taxes mais recorrentes, as variações e mudanças toponímicas ocorridas.

6.1 RESULTADOS QUANTITATIVOS

Nesta seção, realizamos uma análise quantitativa referente aos itens que compõem as fichas toponímicas: 6.1.1 Tipos de acidentes geográficos; 6.1.2 A classificação taxonômica e natureza das taxes; 6.1.3 A origem dos topônimos e 6.1.4 A estrutura morfológica dos 252 topônimos.

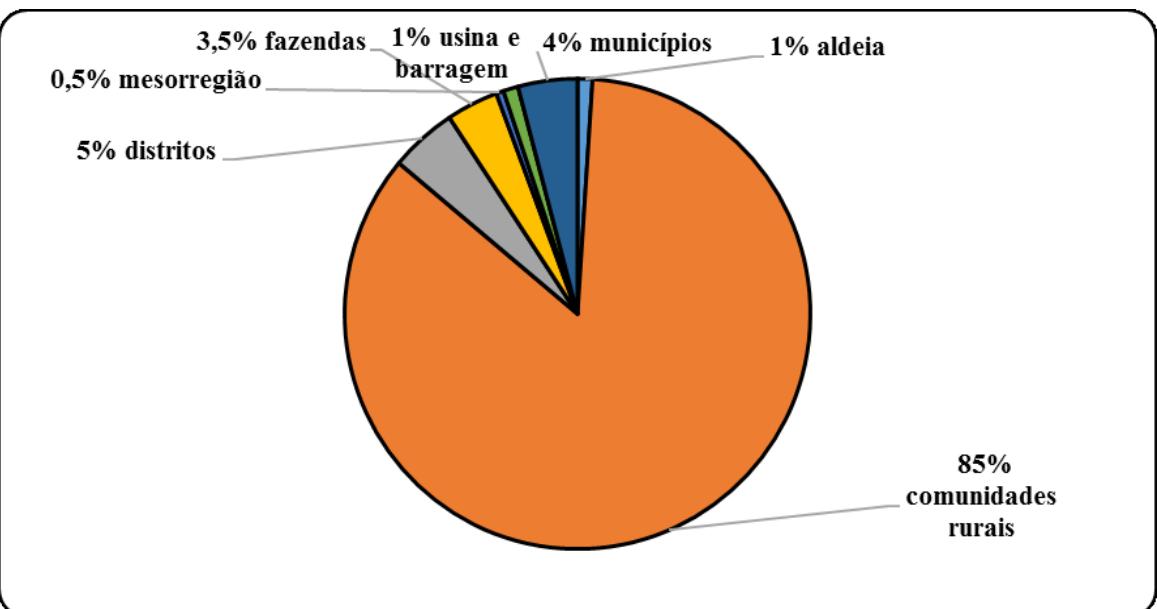
6.1.1. Acidente geográfico

Os acidentes geográficos podem ser divididos em dois tipos: físicos e humanos. Na presente pesquisa, em relação aos acidentes geográficos, prevaleceram os acidentes humanos, ou seja, aqueles referentes a lugares que possuem construções e são povoados pelo homem como comunidades rurais, municípios, sítios, aldeias e fazendas somando 194/252, o que equivale a 77% dos acidentes geográficos. Os acidentes físicos, aqueles relacionados à geografia da região como rios, córregos, ribeirões, serras, cachoeiras e lagoas totalizaram 58/252, perfazendo 23%, conforme demonstrado no gráfico 1 abaixo.

Gráfico 1: Tipos de acidentes geográficos

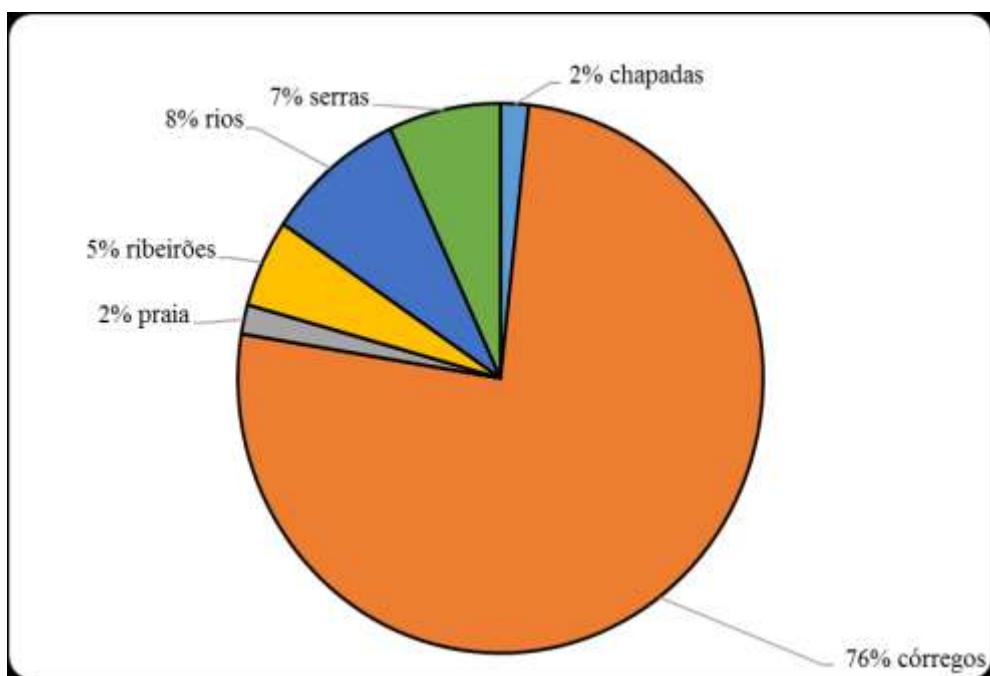
Fonte: Elaboração própria, 2022.

Dentre os 194 acidentes humanos, as comunidades rurais foram as que mais ocorreram, com 165/194 casos, o que equivale a 85% dos topônimos humanos coletados. Na sequência, constatamos 9/194 nomes de distritos totalizando 5%; os municípios aparecem com 8/194, o equivalente a 4%; as fazendas apareceram em terceira posição com 7/194 totalizando 3,5%; aldeias verificamos 2/194 que perfazem 1%; 2/194 usinas que correspondem a 1%; além de 1/194 mesorregião que representa 0,5% dos acidentes humanos.

Gráfico 2: Detalhamento dos acidentes humanos

Fonte: Elaboração própria, 2022.

No que se refere aos acidentes físicos que totalizaram 58 ocorrências, prevaleceram os ligados à hidrografia (44 córregos, 5 rios, 3 ribeirões e 1 praia) com 53/58 ocorrências que perfazem 91% desse tipo de acidente. Os outros acidentes físicos 5/58 (4 serras e 1 chapada) equivalem a 9% e são ligados à topografia da região, conforme detalhamento abaixo.

Gráfico 3: Detalhamento dos acidentes físicos

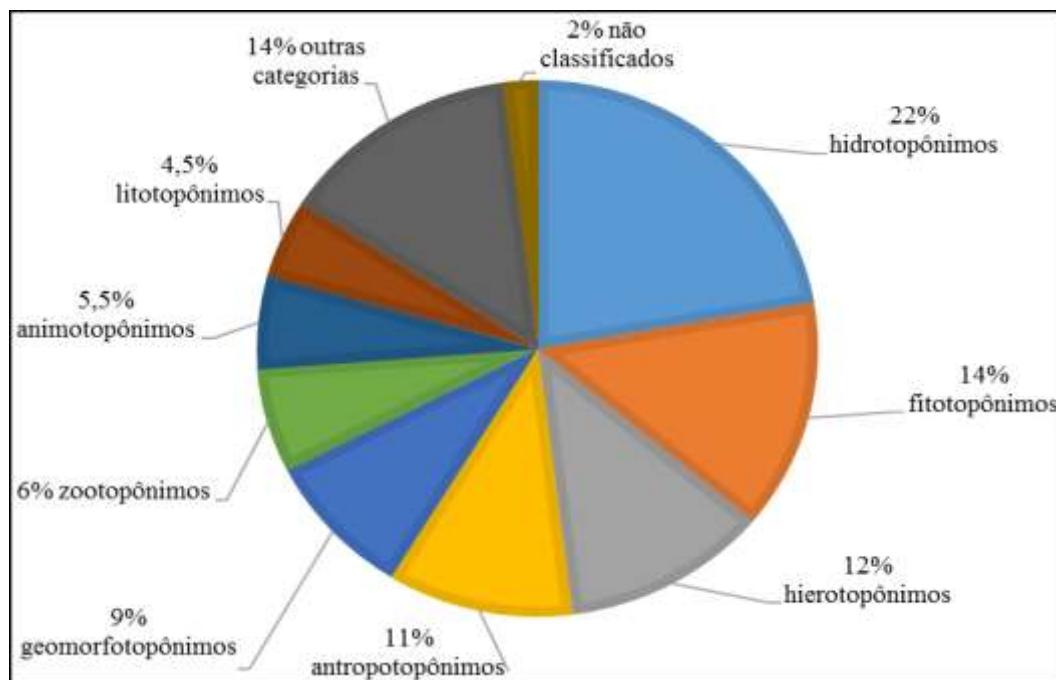
Fonte: Elaboração própria, 2022.

6.1.2 Classificação taxonômica e natureza das taxes

Para a classificação dos 252 topônimos do nosso *corpus*, foi utilizado o modelo taxonômico proposto por Dick (1990b), acrescido da proposta de Faria (2017) de classificar os nomes próprios de pessoas antecedidos por títulos como antropo-axiotopônimos. O modelo de Dick, que se encontra na subseção 4.1 do capítulo 4, e no anexo A desta tese, disponibiliza 27 taxes para classificação, divididas em 11 de natureza física e 16 de natureza antropocultural. Os resultados apontaram as 08 taxes abaixo como as mais recorrentes:

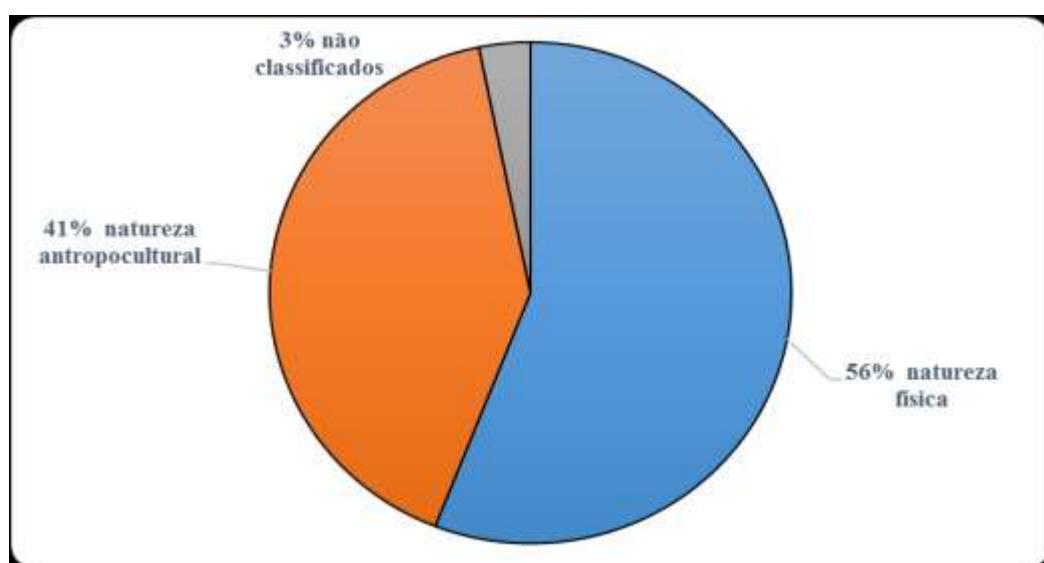
- 1º) os **hidrotopônimos** com 56/252 ocorrências, o que equivale a 22% do total de topônimos;
- 2º) os **fitotopônimos** com 35/252, ou seja, 14% dos topônimos referem-se a elementos vegetais;
- 3º) os **hierotopônimos** com 30/252 equivalem a 12%. Destes 30 hierotopônimos 23/30 são hagiotopônimos, ou seja 76%;
- 4º) os **antropotopônimos** com 27/252, somam 11%. Nesta classe dos nomes de pessoas, 2/27 são precedidos de títulos, são antropo-axiotopônimos.
- 5º) os **geomorfotopônimos** com 22/252, ou seja, 9 % dos dados;
- 6º) os **zootopônimos** com 16/252, isto é, 6%;
- 7º) os **animotopônimos** com 14/252 ocorrências, correspondem a 5,5%;
- 8º) os **litotopônimos** 12/252, totalizam 4,5%.

As demais categorias 35/252 totalizam 14% e estão distribuídas em 07 hodotopônimos, 05 ergotopônimos, 03 corotopônimos, 04 poliotopônimos, 04 etnotopônimos, 04 ecotopônimos, 03 dirrematopônimos, 04 sociotopônimos e 01 numerotopônimo. Os 05/252 nomes de comunidades rurais: *Catutiba*, *Cachimboetê*, *Empoeira*, *Sede* e *Tibussu*, correspondem a 2% dos dados e não foram classificados por não terem sido encontradas informações suficientes para a classificação.

Gráfico 4: Classificação taxonômica dos topônimos

Fonte: Elaboração própria, 2022.

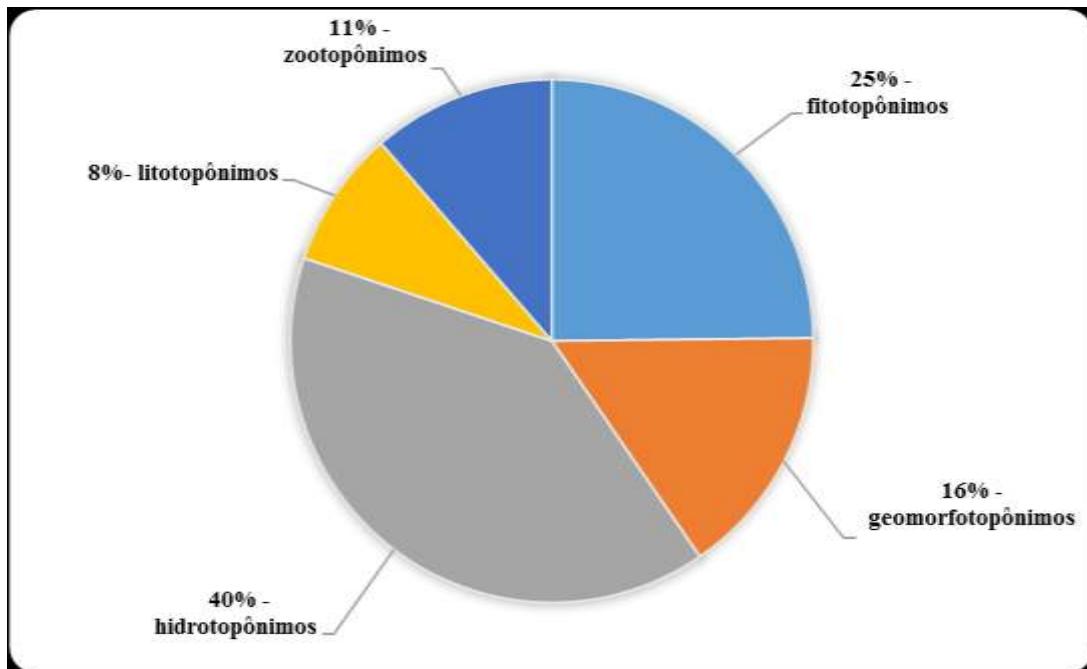
Em relação à natureza das taxes utilizadas, houve uma leve predominância das taxes de *natureza física* que somam 141/252 ocorrências, o que equivale a 56% dos dados enquanto as taxes de *natureza antropocultural* ocorrem 106/252, totalizando 42%. Os 05/252 topônimos não classificados, perfazem 2% dos topônimos.

Gráfico 5: Natureza das taxes

Fonte: Elaboração própria, 2022.

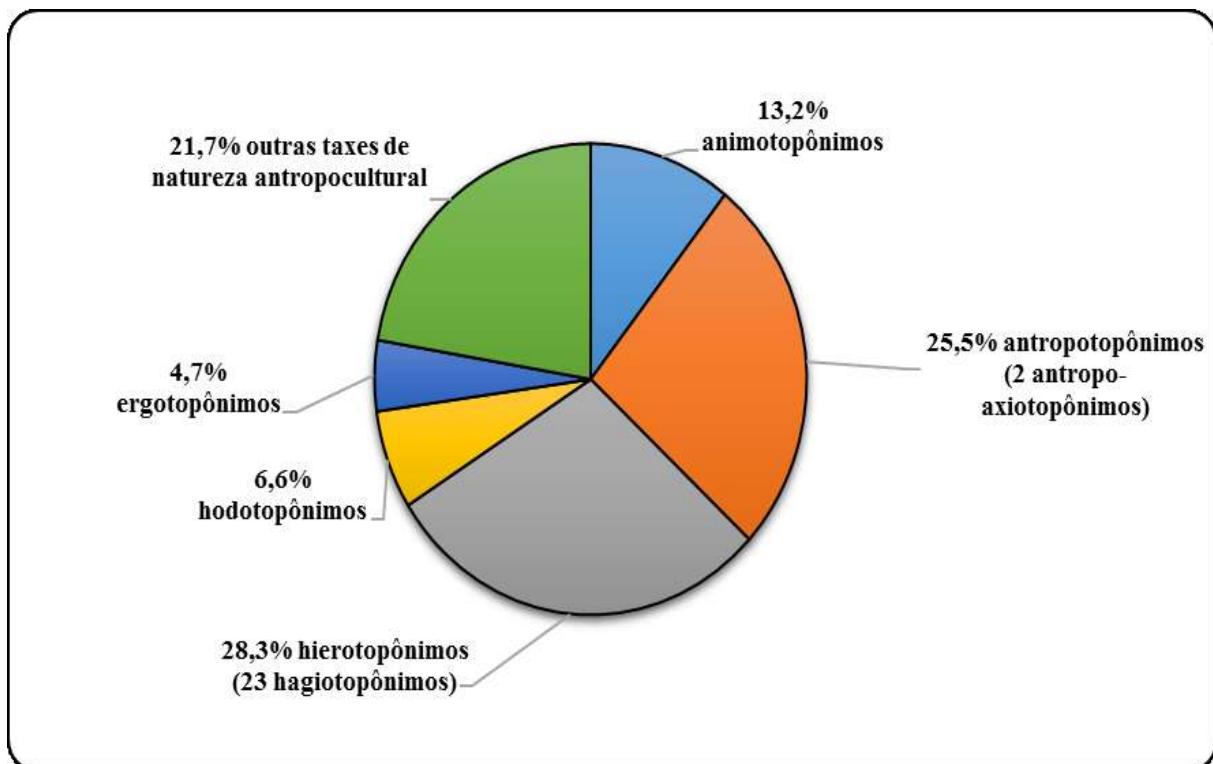
Dentro das 141 taxes de natureza física encontradas, a mais recorrente foi a dos *hidrotopônimos* com 56/141 (40%). Na sequência, aparecem os *fitotopônimos* com 35/141 ocorrências (25%); os *geomorfotopônimos* somam 22/141 registros (16%); os *zootopônimos* equivalem a 16/141 (11%) e, por fim, os *litotopônimos* que correspondem a 12/141 (8%), conforme demonstrado abaixo.

Gráfico 6: Taxes de natureza física



Fonte: Elaboração própria, 2022.

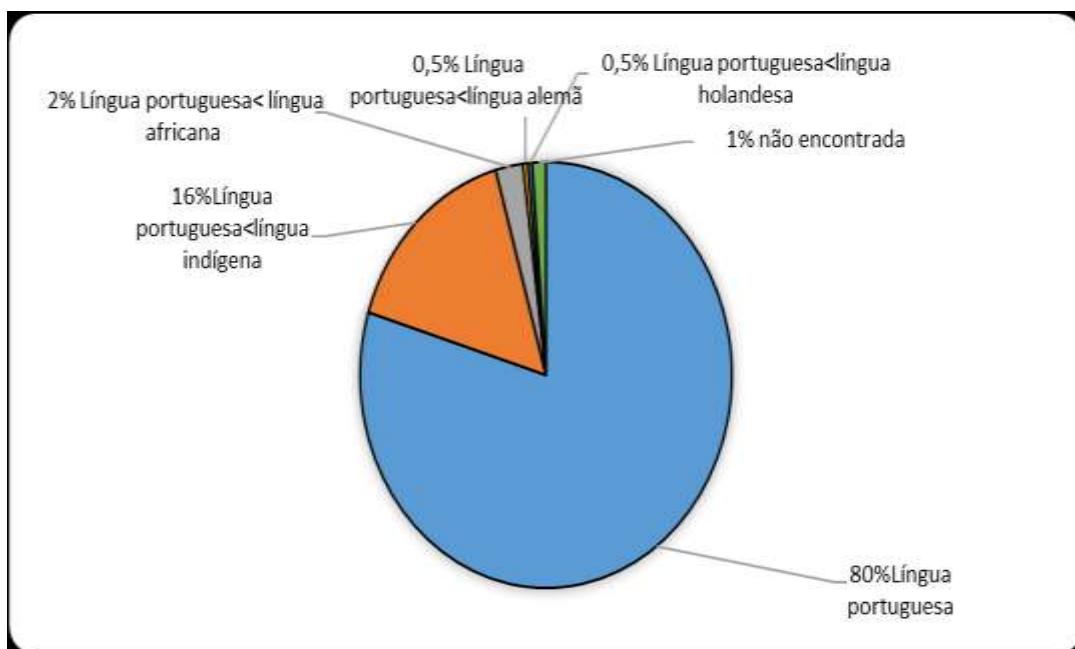
Referente às taxes de natureza antropocultural, os *hierotopônimos*, com predominância dos hagiotopônimos, são os mais recorrentes com 30/106 (28,3%), seguidos dos *antropotopônimos* (sendo 2 antropo-axiotopônimos) com 27/106 (25,5%) e em terceiro lugar estão os animotopônimos 14/106, equivalente a 13,2%. Os hodotopônimos somam 7/106 perfazendo 6,6%; os ergotopônimos aparecem 5/106 e equivalem a 4,7% dos topônimos de natureza antropocultural. As demais taxes são 4 *etnotopônimos*, 4 *ecotopônimos*, 4 *sociotopônimos*, 4 poliotopônimos, 3 *corotopônimos*, 3 *dirrematopônimos*, e 1 *numerotopônimo* que juntos somam 23/106 e equivalem a 21,7% das taxes de natureza antropocultural, conforme gráfico abaixo.

Gráfico 7: Taxes de natureza antropocultural

Fonte: Elaboração própria, 2022.

6.1.3 Origem

No que se refere à origem, tal como explicitado no capítulo 3, apesar de considerarmos todos os topônimos como de origem de língua portuguesa por já integrarem o sistema morfológico do português brasileiro, evidenciamos aqueles que procedem de alguma língua indígena, africana, holandesa ou alemã, tendo em vista que foram povos presentes na formação do Vale do Jequitinhonha. Dessa forma, obtivemos os seguintes resultados, demonstrados abaixo.

Gráfico 8: Origem dos topônimos

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Assim sendo, constatamos 201/252 topônimos de origem de língua portuguesa (LP), dentre os quais Areião, Alegre, Arrozal, Funil, Gangorras, Lapa etc., o que corresponde a 80% dos nomes de lugares. Topônimos oriundos de alguma língua indígena (LP<I),⁵⁷ foram contabilizados 40/252, como Araçuaí, Caititu, Itinga, Jenipapo, Jequitibá etc., equivalente a 16% dos dados. Provenientes de alguma língua africana (LP<A⁵⁸), foram 6/252 ocorrências, dentre os quais Candonga, Mandinga, Quelé perfazendo 2% dos topônimos. Registraramos ainda um topônimo aportuguesado<holandês (LP<H) que é Lelivéldia de *Leliveld*; e 1 topônimo com 2º elemento<alemão (LP<AL) que é Engenheiro Schnoor (*Schnorr*) e 3 topônimos que não encontramos dos dicionários consultados (*Cachimboetê*, *Catutiba* e *Tibussu*), que correspondem a 2% dos topônimos.

⁵⁷ Segundo Houaiss (2009, p.1073), tudo o que é relativo à população autóctone de um país ou que neste tenha sido estabelecido anteriormente um processo colonizador.

⁵⁸ De acordo com Houaiss (2009, p.64) é uma palavra, construção ou expressão tomada de empréstimo de qualquer da línguas africanas; qualquer fato de linguagem (fonético, mórfico, sintático, lexical) privativo do português de alguma das ex-colônias portuguesas na África, em contraste com o de Portugal ou do Brasil.

6.1.4 Estrutura morfológica

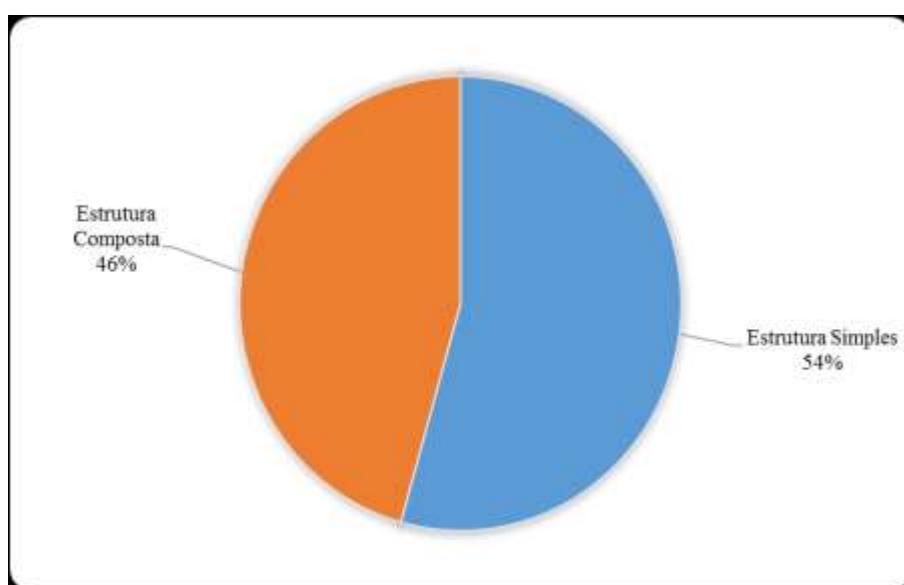
Nesta subseção, apresentamos os resultados referentes à estrutura morfológica do topônimo, que pode ser:

- *Simples* “aquele que se faz definir por um só formante (seja substantivo ou adjetivo, de preferência), podendo, contudo, se apresentar também acompanhado de sufixações (diminutivas, aumentativa ou de outras procedências linguísticas) ” (DICK, 1990b, p.13).
- *Composta* “aquele que apresenta mais de um elemento formador, de origem diversas entre si, do ponto de vista do conteúdo [...]” (DICK, 1990b, p.13). O topônimo de estrutura composta pode ser formado por elementos linguísticos de mesma origem ou de origem distintas.

Ressalta-se que Dick (1990b, p.13-14) classifica a estrutura em simples, composta ou híbrida, porém, entende-se que a estrutura híbrida é um tipo de composição. Logo, faz parte da estrutura composta e foi acomodada com os topônimos compostos, conforme quadros abaixo.

Os resultados apontaram uma leve predominância dos topônimos simples, com 137/252 ocorrências, o que equivale a 54% e os designativos compostos somaram 115/252 casos, perfazendo 46% dos dados, tal como demonstrado abaixo.

Gráfico 9: Estrutura morfológica dos topônimos



Fonte: Elaboração própria, 2022.

Na subseção 5.1.4.1, destacamos os topônimos classificados como simples. Na subseção 5.1.4.2, listamos os nomes de lugares que integram a categoria dos compostos.

6.1.4.1 Topônimos de classificação simples

Listamos abaixo os 137/252 topônimos de estrutura simples, ou seja, aqueles com apenas 1 formante. Alguns nomes se repetem por nomearem mais de um acidente geográfico, conforme descrito entre parênteses.

Quadro 12: Listagem dos topônimos simples

1. Agrovila	46. Datas	93. Muçambê
2. Alagadiço (fazenda)	47. Dileta	94. Muniz
3. Alagadiço (comunidade.)	48. Dutra	95. Mutuca
4. Alegre (comunidade)	49. Elefante	96. Neves
5. Alegre (córrego)	50. Empoeira	97. Pacheco
6. Araçuá (município)	51. Estiva	98. Palmeiras
7. Araçuá (rio)	52. Frade (comunidade)	99. Palmital
8. Areião	53. Frade (serra)	100. Pankararu
9. Arrozal (córrego)	54. Freitas	101. Paredão
10. Bananal (comunidade)	55. Funil	102. Pasmadinho
11. Bananal (córrego)	56. Gangorras	103. Pasmado
12. Barbosa	57. Gangorras (ribeirão)	104. Passagem (córrego)
13. Barreiros	58. Gravatá (comunidade)	105. Passagem (comunidade)
14. Barriguda	59. Gravatá (córrego)	106. Passos
15. Berilo	60. Hermógenes	107. Paulinos
16. Bicudo	61. Humaitá	108. Pedra
17. Bois	62. Ijicatu	109. Pega
18. Bolas	63. Irapé	110. Piabanga
19. Bonito	64. Itinga (córrego)	111. Piauí
20. Bosque	65. Itinga (município)	112. Poção
21. Bugre	66. Itinguinha (córrego)	113. Porcos
22. Cachimboetê	67. Itinguinha (comunidade)	114. Quitéria
23. Cachoeira	68. Itira	115. Rosário (córrego)
24. Caititu	69. Jacaré	116. Rosário (comunidade)
25. Caldeirão	70. Jatobá	117. Salinas
26. Calhauzinho	71. Jenipapo (córrego)	118. Samambaia
27. Campinhos	72. Jenipapo (comunidade)	119. Santana (comunidade)
28. Campolino	73. Jequitibá	120. Santana (fazenda)
29. Candonga (córrego)	74. Jequitinhonha	121. Santana (córrego)
30. Candonga (chapada)	75. Jirau	122. Sede (comunidade)
31. Cansanção (córrego)	76. Lagoinha	123. Setúbal (rio)
32. Cansanção (comunidade)	77. Laje	124. Setúbal (comunidade)
33. Capão	78. Lajinha	125. Setúbal (comunidade)
34. Carrapato	79. Lapa	126. Silvolândia
35. Carrapicho	80. Lapinha	127. Sucuriú
36. Catutiba	81. Laranjeira	128. Tabuleiro
37. Chapadão	82. Lelivélida	129. Tamanduá
38. Cipó	83. Lorena	130. Teixeira
39. Contendas	84. Machados (córrego)	131. Teixeirão
40. Coqueiros	85. Machados (comunidade)	132. Teixeirinha
41. Corguinho	86. Macieira	133. Tesouras
42. Corrente	87. Malhada	134. Tibussu
43. Coruto	88. Mandinga	135. Vereda (fazenda)
44. Cruzeiro	89. Martins	136. Vereda (comunidade)
45. Curtume	90. Mateus	137. Zabelê
	91. Maurícios	
	92. Moquém	

Fonte: Elaboração própria, 2022.

6.1.4.2 Topônimos compostos

Nesta listagem, enumeramos os topônimos que consideramos como compostos por possuírem mais de um elemento formador.

Quadro 13: Listagem dos topônimos de classificação composta

<i>Elementos de mesma origem</i>	42. Francisco Badaró 43. Freire Cardoso 44. Ilha do Bento 45. José Gonçalves de Minas 46. Lagoa dos Patos (comunidade) 47. Lagoa Ezequiel 48. Lagoa Grande 49. Malhada Preta 50. Mocó dos Pretos 51. Monte Alegre 52. Monte Alto 53. Morro Redondo 54. Olho D'água (córrego) 55. Olho D'água (comunidade) 56. Pasmado Empedrado 57. Pau Alto (comunidade) 58. Pau Alto (serra) 59. Pau D'alho 60. Pau D'alho 61. Ponte do Pasmado 62. Ribeirão das Gangorras (comunidade) 63. Ribeirão de Areia (córrego) 64. Ribeirão de Areia (comunidade) 65. Ribeirão do Altar (comunidade) 66. Ribeirão do Bosque 67. Ribeirão Grande 68. Ribeirão Pequeno (córrego) 69. Ribeirão Pequeno (comunidade) 70. Roça Grande 71. Santa Luzia 72. Santa Maria 73. Santa Rita (comunidade) 74. Santa Rita (córrego) 75. Santa Rita do Tombo 76. Santo Antônio 77. Santo Antônio do Bolas 78. São Bento 79. São Domingos 80. São João 81. São João de Quelé	82. São João do Vacaria 83. São Joaquim 84. São José (córrego) 85. São José (comunidade) 86. São José das Neves 87. São José do Bolas 88. São Pedro 89. São Vicente 90. Sete Canais 91. Terra Vermelha 92. Toca da Onça 93. Toca das Abelhas 94. Tocoíos de Minas 95. Vai Lavando (córrego) 96. Vai Lavando (comunidade) 97. Vai Vir 98. Vargem Grande 99. Vargem João Alves 100. Vila de São João 101. Vila Santo Isidório 102. Vila São José 103. Virgem da Lapa
<i>Origens distintas</i>		

Fonte: Elaboração própria, 2022.

6.2 TOPONÍMIA DO MÉDIO JEQUITINHONHA: FONTE DE IDENTIFICAÇÃO HISTÓRICA E SOCIOCULTURAL DE UM POVO

Nesta seção, discutimos os resultados da seção anterior e analisamos a relação entre os 252 topônimos constituintes deste *corpus* e aspectos históricos e socioculturais da região do Médio Jequitinhonha. No item 6.2.1, discorremos sobre a influência indígena e africana no Médio Jequitinhonha e os vestígios linguísticos deixados por estes povos na toponímia da região. Na sequência, no item 6.2.2, descrevemos e discutimos sobre as 6 taxes mais recorrentes. A subseção 6.2.3 é destinada à apresentação e discussão dos dados referentes à variação e mudança toponímica.

6.2.1 Alguns vestígios linguísticos indígenas e africanos encontrados na toponímia do Médio Jequitinhonha

O Vale do Jequitinhonha fica no nordeste de Minas Gerais, em uma área coberta por caatingas, cerrados e mata atlântica distribuídos por montanhas, chapadões e grandes vales abertos, situados na maior parte no domínio do Semiárido. Ribeiro (2014) especifica que o conde de Afonso Celso esteve no Vale do Jequitinhonha nos fins do século XIX descrevendo em seu diário que o lugar era habitado por um povo cortês e hospitaleiro, que vivia da força dos próprios braços em uma situação que definiu como de "farta mediania".

Esse tipo de descrição mudou no decorrer do século XX, em que “a rica cultura material, a produção agrícola estável, a ativa sociabilidade rural - desapareceram dos relatos, principalmente depois dos anos 1960, quando o Jequitinhonha passou a ser descrito pelas ausências: o relatório dos anos 1960 destacava os baixos indicadores sociais; o diagnóstico dos anos 1970 associava a região ao “atraso”; o livro dos anos 1980 informava que a população da região vivia no “paroxismo da pobreza”; a autora dos anos 1990 escreveria que na região faltava saúde, energia, produção, estrada, escola e emprego” (RIBEIRO, 2014, p.2).

Para Jardim (1998), a história de conquista do Vale do Jequitinhonha começou na década de 1550, devido às potencialidades minerais da região. Nessa mesma perspectiva, Silva (2007) também profere que a região começou a ser alcançada pelas entradas a partir de 1550 e, já no final do século XVII, fez-se a primeira descoberta de ouro nos arredores do que hoje é conhecido como município do Serro; depois em Grão Mogol, Minas Novas e outras localidades, instalando-se os núcleos mineiros e sendo formados os primeiros povoados, que

foram se consolidando ao longo do século XVIII, com a descoberta dos diamantes” (SANTOS, 2018, p.18).

Ainda hoje, o Vale do Jequitinhonha, já tão explorado pelos colonizadores, costuma ser erroneamente descrito como vale da miséria, da poeira, do calor, mas é impossível não perceber a efervescência cultural da região, seja por meio da música, do artesanato ou das festas religiosas que ocorrem anualmente em quase todas as cidades e comunidades rurais da região. Grande parte desta cultura integra as heranças que nos foram deixadas pelos primeiros habitantes da região, os indígenas, que já habitavam a região, ou pelos negros que foram trazidos da África e escravizados para realizar o serviço de garimpo para os colonizadores. Estes povos, os indígenas e africanos, por muito tempo estiveram silenciados, mas, ao mesmo tempo, “iam tecendo sua malha invisível no dia a dia das fazendas, das aldeias, dos bairros pobres, no coração de cada um” (SOARES, 2002, p.17).

Na toponímia do Médio Jequitinhonha predominam os nomes de origem portuguesa, com 80% dos dados, talvez por ter sido a primeira região de Minas em que os colonizadores portugueses estiveram, quando os “aventureiros do último quartel do século XVI” (PEREIRA, 1969, p.7), vislumbrando a possibilidade de aqui encontrarem pedras e metais preciosos, tentaram, com várias expedições, descobrir e explorar estas minas. Quando os portugueses chegaram ao Brasil, nomearam vários lugares recém-descobertos ou modificaram os nomes já existentes, acrescentando algum nome de santo, dentre outros. Ou seja, mesmo tendo sido os indígenas e africanos povos presentes durante a colonização e povoação da região do Médio Jequitinhonha, pouco restou da herança linguística indígena e menos ainda da africana na toponímia da região, conforme discutimos nas próximas duas subseções.

6.2.1.1. Topônimos de origem indígena

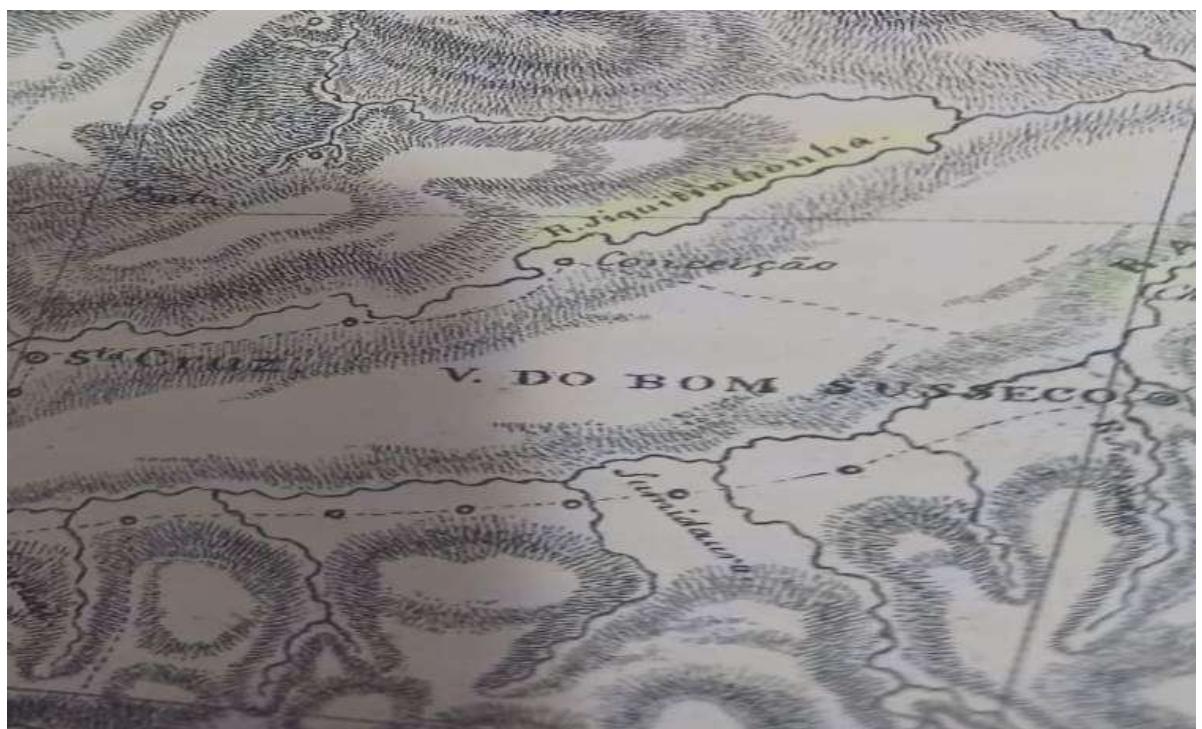
Os indígenas sempre mantiveram uma relação muito próxima com a natureza, característica evidenciada pela Toponímia em que os nomes de origem indígena normalmente evidenciam características físicas do lugar nomeado. Para Sampaio (1987[1901]), os designativos utilizados por estes autóctones traduzem fielmente as características naturais do lugar. A partir desta pesquisa, constatamos que os nativos indígenas, povos originários que já não existem mais na região, deixaram-nos uma herança cultural linguística na toponímia,

principalmente nos topônimos ligados à flora (13/40, ou seja, 32,5% fitotopônimos) e à fauna (10/40, isto é, 25% zootopônimos).

Apesar de não se saber o número exato de línguas indígenas que eram faladas no Brasil quando os europeus chegaram, “o linguista brasileiro Aryon Dall’gna Rodrigues chegou a estimar que eram 1.273 línguas” (FARACO, 2019, p. 134). Mas essas línguas possivelmente são do tupi, expandido como língua geral principalmente pelos europeus ou por seus descendentes cruzados que conquistaram os sertões.

Em um destes sertões, nomeado de *Vale do Jequitinhonha*, já observamos traços linguísticos da influência indígena no léxico toponímico da região. Jequitinhonha que nomeia um rio e a mesorregião. Jequitinhonha é uma variante de *Jiquitinhonha*, termo que vem do tupi *Yiki-tynhonhe* e significa “o covo mergulhado ou assentado na água”, como é frisado por Sampaio (1987[1901], p. 270). O autor ainda destaca que provavelmente seja um vocábulo da língua dos Botocudos da região banhada pelo rio Jequitinhonha. No livro de viagem do príncipe *Wied-NeuWied* pela região, entre 1815 e 1817, encontramos uma carta geográfica em que consta a variante *Jiquitinhonha*

Figura 14: Jiquitinhonha registrado em carta geográfica



Fonte: Bragança Júnior e Hartl, 2001.

Ressaltamos que Botocudos⁵⁹ era a denominação pejorativa atribuída aos gueréns ou boruns pelos portugueses. Para Santiago (1999), o termo “botocudo” surgiu no fim do século XVIII e era abominado pelos boruns. Seja borum ou botocudo, de acordo com Sampaio (1987[1901], “na região mineira, entre a zona litorânea e a serra do Espinhaço, que foi o país dos Botocudos, dos Poris e de numerosas tribos tapuias, já a raridade dos nomes selvagens na geografia local ressalta logo” (SAMPAIO, 1987[1901], p.72). “Prevalecem denominações portuguesas entre alguns nomes tupis. Dificilmente se encontrará aí um nome tapuia, botocudo, pori ou camacã, designando um monte, um rio ou um povoado” (SAMPAIO, 1987[1901], p.72), pois “não há quem desconheça a predominância do tupi em nossas denominações geográficas” (SAMPAIO, 1987[1901], p.63).

Na presente pesquisa, confirma-se a afirmação de Sampaio sobre a predominância dos nomes portugueses com alguns indígenas (tupi). Pertencentes ao tronco Macro-Jê, “como eram os índios da região, só há um nome de cidade: Joáima, nome de um cacique botocudo, que foi aliado de Fernandes Leão” (SANTIAGO, 1999, p.118). No Jequitinhonha, apesar de não existirem tupis, houve uma valorização do tupi em detrimento de outras línguas indígenas no século XIX, surgindo nomes como rio *Itinga*, *rio Piauí*, *rio Sucuriú*.

A partir das consultas a Sampaio (1987[1901]), Beaurepaire-Rohan (1956[1889]), Nascentes (1976), Houaiss (2009) e Cunha (2010) elaboramos o quadro abaixo, com as lexias que encontramos dicionarizadas como provenientes de alguma língua indígena. Algumas aparecem mais de uma vez, pois nomeiam mais de um acidente geográfico. *Araçuaí* nomeia um rio, um município e faz parte do topônimo composto Santana do Araçuaí, que nomeia uma comunidade; *Cipó*, *Gravatá* e *Itinguinha* nomeiam córrego e comunidade; *Jenipapo* nomeia um córrego, uma comunidade e integra o nome do município Jenipapo de Minas; *Itinga* nomeia um rio e um município; *Zabelê* nomeia uma comunidade e é elemento formador do nome de mais duas comunidades: Cabeceira de Zabelê e Lagoa Zabelê, assim como *Caititu* e Alto *Caititu*.

⁵⁹ Nome pelo fato de usarem adereços feitos da madeira da barriguda, chamados batoques nos lábios.

Quadro 14: Lista de topônimos de origem indígena

Topônimos de origem indígena	
1	Alto Caititu (comunidade)
2	Araçuaí (município)
3	Araçuaí (rio)
4	Cabeceira de Zabelê (comunidade)
5	Caititu (comunidade)
6	Capão (comunidade)
7	Catutiba (comunidade)
8	Cipó (comunidade)
9	Cipó (córrego)
10	Gravatá (comunidade)
11	Gravatá (córrego)
12	Humaitá (comunidade)
13	Irapé (usina)
14	Itinga (município)
15	Itinga (rio)
16	Itinguinha (comunidade)
17	Itinguinha (córrego)
18	Itira (distrito)
19	Jacaré (distrito)
20	Jatobá (comunidade)
21	Jenipapo (comunidade)
22	Jenipapo (córrego)
23	Jenipapo de Minas (município)
24	Jequitibá (comunidade)
25	Jequitinhonha (rio)
26	Jirau (comunidade)
27	Lagoa Zabelê (comunidade)
28	Mocó dos Pretos (comunidade)
29	Moquém (comunidade)
30	Muçambê (córrego)
31	Mutuca (comunidade)
32	Piabanha (comunidade)
33	Piauí (rio)
34	Samambaia (comunidade)
35	Santana do Araçuaí (comunidade)
36	Sucuriú (rio)
37	Tamanduá (comunidade)
38	Taquaral de Minas (distrito)
39	Vale do Jequitinhonha (mesorregião)
40	Zabelê (comunidade)

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Soares (1992) enfatiza que ser indígena foi, por muito tempo, sinônimo de vergonha, como se não fosse gente, fazendo com que muitos usassem frases que ainda hoje se repetem, como: “Eu não sou índio não, minha avó, meu avô e minha mãe era, mas pai já era civilizado” ou ainda “Minha vó, coitada! Não sabia nada, era bugra, foi pega no laço e criada numa fazenda. O filho do dono da fazenda é que tirou ela de casa. Ela teve minha mãe”. “Meu avô foi aldeado em São Miguel...virou gente” (SOARES, 1992, p.17-18).

Portanto, deparamo-nos, em 2022, no Vale do Jequitinhonha, com 40/252 topônimos, o que equivale a 16% dos dados, em que algum termo é de origem indígena, conforme demonstrado no quadro acima, significa mais uma demonstração de resistência destes bravos guerreiros nativos, manifestada a partir da língua com a preservação destes topônimos. Diante de todo este cenário de ser ignorado como humano, atacado como bicho e menosprezado, são incontestáveis a força e a resistência do indígena, refletidas também no léxico toponímico do Vale do Jequitinhonha, com a manutenção de topônimos de origem indígena. Foram 40 topônimos com elementos linguísticos de origem indígena (tupi) em 27 bases lexicais, a saber: *Araçuaí, Caititu, Capão, Catutiba, Cipó, Gravatá, Humaitá, Irapé, Itinga, Itira, Jacaré, Jatobá, Jenipapo, Jequitinhonha, Jequitibá, Jirau, Mocó, Moquém, Muçambê, Mutuca, Piabanga, Piauí, Samambaia, Sucuriú, Tamanduá, Taquaral e Zabelê*.

6.2.1.2. Topônimos de origem africana

Assim como os indígenas que já residiam no Brasil, muitos negros da África foram trazidos para cá. Para Mendonça (1935[1933]), “seguramente cerca de 4.830.000, ou melhor, em número mais arredondado, perto de 5.000.000”, o que possivelmente chega a 7.0000.000 se considerado o contrabando, o comércio “de tal mercadoria”. A “barateza do negro vindo por mar, em relação à carestia do índio, objeto de luxo, determinou a preferência de negociantes e fazendeiros do litoral em seu favor” (MENDONÇA 1935[1933], p. 80), além da sua maior capacidade para trabalhos na lavoura da cana.

Inicialmente, a maior concentração de negros era na Bahia e Pernambuco. No “século XIX, a lavoura do café desloca uma grande leva de escravos do Norte para S. Paulo, Minas Gerais e Estado do Rio” (MENDONÇA, 1935[1933], p.81). A distribuição de negros no Brasil, no período colonial, estende-se a todos os centros de mineração e nas demais atividades agrícolas. Tal como já explicitado no capítulo 1, a 3^a maior concentração de povos tradicionais remanescentes dos quilombos no Brasil encontra-se no Vale do Jequitinhonha, sendo Berilo o município com maior número de quilombolas. Na nossa área de pesquisa, são mais de 60 comunidades quilombolas, mas mesmo com este número expressivo, muitas delas ainda não foram reconhecidas e certificadas como remanescentes de quilombo. No entanto, a falta de certificação não muda a questão identitária das comunidades, pois, como disse um dos entrevistados:

Os quilombolas, éé, aqui tem, na verdade, nós somos um grande quilombo, né Shirlene. O município é um grande quilombo, né, o, eu tento observar mesmo as características das comunidades, das organizações, nós somos uma herança né, da, do tempo da escravidão e depois deu origem a muitas comunidades tradicionais. Aqui, nós temos uma comunidade tradicional, que é a **comunidade de Lagoa Grand'**, que eu destaco, vem de uma luta aí, muito grande desde 2003 (014JEMFRM46).

Em pleno século XXI, ainda presenciamos a luta destes povos por direito à terra e ao suprimento de necessidades básicas. De acordo com o entrevistado, os moradores da comunidade Lagoa Grande sequer tinham direito à água e energia elétrica

Tinha uma escola dentro da comunidade, eee, mas a escola era dentro da sede da fazenda, e a comunidade era dentro da fazenda. Foi bastante sofrido, sabe, assim, e eles vivia lá dentro da fazenda, mas a escola tinha acesso à água de um poço artesiano, água de boa qualidade e tá, mas as famílias não tinha, as famílias não podia ter água encanada. Aí depois, né, veio o programa Luz para Todos e as famílias foram impedidas de ter acesso à energia [...] e aí essas entidades⁶⁰ entraram aí nessa discussão de entender comé que era a vida daquelas pessoas, daquelas famílias, e depois se percebeu que não era uma questão só de luta pela água, pela energia, não eram questões assim, tão superficiais. Era uma questão mais estrutural, né, e aí num dado momento, veio aí alguém que falou: "uai, isso aqui é um quilombo né". Aí quando a gente começava a ouvir os relatos das pessoas que viviam ali, mas muito característico, muito vivo, sabe, assim na memória das pessoas, o relato dos avós, os pais, né, que viviam ali trabalhando pra ganhar uma rapadura no dia, ou trabalhando pra ganhar uma medida de feijão, é muito vivo, sabe, aí eles relatavam a história toda, nossa, muitos relatos interessantes (014JEMFRM46).

Assim como a comunidade citada acima, em que famílias muito grandes vivem em espaços muito pequenos e que não lhes pertence documentalmente, existem outras que lutam pelo reconhecimento e pela certificação como comunidades remanescentes de quilombos. Este processo é feito junto à Fundação Palmares, mas é demorado e precisa de um grupo de pessoas dispostas a ir à comunidade, visitar, reunir a população, entender a organização e o modo de vida das pessoas, por meio de um estudo antropológico para, então, entrar com um processo no Incra para titularização da terra.

Muitas comunidades nem sabem que são ou se reconhecem como quilombolas, embora seja inegável a contribuição dos negros tanto para a formação do Médio Jequitinhonha quanto na riqueza cultural que nos trouxeram. Corroborando o entrevistado 014JEMFRM46, “somos um grande quilombo”. Contudo, apesar de toda esta contribuição,

⁶⁰ A Comissão Pastoral da Terra, a CPT e o Movimento de Pequenos Agricultores, MPA, que começou um trabalho na comunidade em 2002/2003.

por muito tempo, estes povos tradicionais foram invisíveis diante da sociedade e há pouco começaram a receber apoio para lutar pelo seu reconhecimento, pelo direito à terra, acesso à educação gratuita e outras garantias básicas previstas na Constituição.

Além da extensa contribuição dos africanos na nossa culinária, nas manifestações culturais, como dança, cantos e festas como a de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, que é realizada em alguns municípios da região, na toponímia do Médio Jequitinhonha, ainda existem alguns resquícios linguísticos da influência dos africanos. Mendonça (1935[1933]) assegura que, no Brasil, foram faladas as línguas de matriz africana: *nagô ou ioruba, quimbundo, gegê ou ewe, kanuri, tapa ou nifê e guruncis*, das quais *nagô ou ioruba* foram adotadas como línguas gerais na Bahia e o *quimbundo* no norte e no sul.

Para Mendonça (1935[1933]), Delafosse reconhece que “na linguística africana só se projetam duas individualidades fortes: línguas bantu e línguas não bantu” (MENDONÇA, 1935 [1933], p.40). Sobre a língua bantu, Mendonça (1935[1933]) as divide em: a) línguas do grupo sudeste; b) línguas do grupo sudoeste; c) línguas do grupo nordeste e Homburger “esmiúça outra divisão pormenorizada dos falares bantu”

- I) *Grupo norte ou ganda*, a noroeste do lago Vitória Niansa, de que são falares mais importantes: *ganda, nioro, kerewe*.
- II) *Grupo Ruanda*, a sudeste do grupo ganda e a norte do lago Tanganika; representantes notáveis: *ruanda e kirundi*.
- III) *Grupo do nordeste*, que se estende pela região do Kilimandjaro; falares mais conhecidos: *kikíui, kamba, tchagga, mochi e siha*.
- IV) *Grupo norte da costa oriental* e países limítrofes, falares principais: *tawetai, tata, tchassu, pokomo*.
- V) *Grupo da África oriental*, língua: *nyamwezi, gogo, hehe, pogoro,conde*.
- VI) *Grupo do sudeste* compreende a África oriental portuguesa e o nordeste da União Sul Africana: línguas de importância: *tchuana, soto, kololo*.
- VII) *Grupo zulú* com as línguas: *cafre ou xosa, zulú, tebele*.
- VIII) *Grupo do centro* com as línguas *bemba, senga, tonga*.
- IX) *Grupo ocidental*, para nós o mais importante, pois contém o ***mbunda, quimbundo, umbundo, lunda, ndonga***.
- X) *Grupo congolês* com os falantes *hanioka, kele*.
- XI) *Grupo nordeste* com as línguas *bangui, galoa, benga*. (Homburger, apud MENDONÇA, 1935 [1933], p.45-46, grifo nosso).

No *corpus* desta pesquisa, em proporção bem menor do que termos de origem indígena, foram constatados 06/252 topônimos, o que equivale a 2,3% dos dados, originados de uma língua africana (banto, Grupo ocidental).

Quadro 15: Topônimos de origem africana

Topônimos de origem africana
1.Córrego do Candonga (comunidade)
2. Candonga (chapada)
3. Candonga (córrego)
4. Mandinga (comunidade)
5. Quilombo (comunidade)
6. São João de Quelé (comunidade)

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Para estes 6 topônimos, são utilizadas 4 bases lexicais de origem africana, em conformidade com Mendonça (1935[1933]): **Candonga**, do *quimbundo*, nomeia 03 acidentes geográficos (comunidade, chapada e córrego); **Mandinga**, proveniente de um nome geográfico na Guiné, nomeia uma comunidade rural; **Quilombo**, língua *bunda*, do étimo kilombo, povoação em quimbundo, também nomeia uma comunidade rural e **Quelé**, palavra *iorubá*, (HOUAISS, 1999, p.1590), aparece na denominação de uma comunidade rural em uma mistura de termos do catolicismo com palavras do candomblé.

O volume de africanos escravizados para a mão de obra na mineração foi expressivo, pois “o aumento da produção dependia fundamentalmente do aumento da mão de obra nela engajada” (PAIVA, 1996, p.42). A autora profere que, no final do século XVIII, em 1786,

dos 393698 habitantes da capitania 188698, ou seja 48%, eram escravos e entre os escravos os negros eram a maioria absoluta, representando os mulatos apenas 12% da escravaria. Mas, também entre os livres, neste último quartel do século XVIII negros e mulatos juntos representavam a maioria (65,2%) dos habitantes (PAIVA, 1996, p.42).

Esses dados refletem a importância do elemento negro trazido para ser escravizado, na Minas colonial. Paiva (1996) assevera que, com base na estimativa da população escrava para o ano de 1819, durante o século XIX ainda era grande o número de escravizados em Minas Gerais. O vale do Jequitinhonha foi uma região que recebeu muitos negros escravizados, principalmente durante o ciclo da mineração, quando eram os responsáveis pelo trabalho pesado.

No entanto, são raros os casos de negros que são adorados, sacralizados, uma espécie de santos populares e tidos como milagreiros pela população, como é o caso do Pai Joaquim, nome popular do escravo Joaquim Maria Mocarana, na cidade de Jenipapo de Minas. Pai Joaquim, a partir de relatos orais, foi um negro escravizado que sofreu muito, foi morto por seu patrão e enterrado em uma gruta construída bem na área central da cidade de Jenipapo de

Minas. Muitos o consideram um santo popular, um mártir, por isso fazem promessa e rezam diariamente diante da gruta em homenagem a ele.

Outra negra ex-escravizada venerada como santa é Feliciana, que faz parte da crença religiosa da população de Itinga-MG e, segundo relatos populares, já realizou mais de 150 milagres. Foi consagrada santa pelo povo que vai até seu túmulo para rezar e fazer pedidos. Ela foi vítima de intolerância e racismo, tendo sua vida ceifada covardemente por uma senhora cruel que ordenou aos escravizados que a matassem queimada, por ciúmes de seu marido. No lugar em que foi enterrada, com base nos relatos de pessoas mais idosas, os escravos amigos dela estavam procurando animais e foram surpreendidos por uma música suave, um aroma de perfume nunca sentido antes e parecem ter visto Feliciana em forma de luz, sorrindo para eles. A partir deste momento, começaram a elevar suas preces a ela, fazendo com que se espalhasse a fama de Feliciana como santa, milagreira. Nos dias atuais, seu túmulo é visitado por muitos fiéis, principalmente no dia da Consciência Negra, dia dedicado à “Santa Feliciana ou Santa Friciana”, como é conhecida na religiosidade popular por esta história contada de geração a geração há quase 200 anos. Memória da Escrava Feliciana é hoje um dos 3 bens registrados como patrimônio imaterial do município de Itinga-MG, que já está na 17^a celebração anual da festa da escrava Feliciana. No quadro abaixo apresentamos a imagem da gruta do Pai Joaquim em Jenipapo de Minas, assim como o túmulo e o convite para a festa popular realizada em Itinga em homenagem à Escrava Feliciana.

Figura 15: Gruta do Pai Joaquim e túmulo da Escrava Feliciana



Fonte: Site da prefeitura de Jenipapo e Conselho Municipal de Patrimônio Cultural de Itinga.

As histórias de negros escravizados, sem visibilidade, quase sempre apresentados na posição de submissão, condizem com a justificativa de Mendonça (1935[1933]) sobre os poucos topônimos de origem africana ao afirmar que “o negro que sua no eito e, esfalfado, trabalha sob o chicote, não oferece a mesma poesia do índio aventureiro que erra pelas florestas” (MENDONÇA, 1935 [1933], p.109). Por isso, o indígena recebeu mais importância que o negro na formação da nacionalidade brasileira e os bandeirantes foram “propagandistas insuperáveis do tupi porque lhe marcaram um lugar invejável na toponímia brasileira” (MENDONÇA, 1935 [1933], p.109), o que possivelmente explica este percentual tão baixo de topônimos de origem africana no Médio Jequitinhonha.

Findada esta seção em que discorremos sobre a influência indígena e africana na toponímia do Médio Jequitinhonha, na próxima seção, descrevemos sobre as taxes mais recorrentes no léxico toponímico da região.

6.2.2. Taxes mais recorrentes na toponímia do Médio Jequitinhonha

Antes de descrever sobre as taxes mais recorrentes, é importante retomar a metodologia, já referida no capítulo 3, proposta por Dick para classificar os topônimos compostos. De acordo com o modelo de Dick (1990b, p.31-34), para definição taxonômica dos compostos deve-se considerar como base o primeiro elemento, e apresenta os exemplos: Porto Velho – geomorfotopônimo; Córrego Novo – hidrotopônimo; Nova Emas – cronomotopônimo; Casa da Telha – ecotopônimo; Duas Pontes – numerotopônimo; Vila dos Anjos – poliotopônimo e Engenho Novo – sociotopônimo. Dick (1990b) menciona que o modelo proposto é um instrumento de trabalho que “permitirá a aferição objetiva de causas motivadoras dos designativos geográficos, procurando suprir as demandas da pesquisa” (DICK, 1990b, p.26).

É incontestável a relevância do modelo de Dick (1990b) para os estudos toponímicos, mas, ao levar em conta os compostos como unidades complexas do léxico, definidas por Biderman (2005) como aquelas constituídas por vários vocábulos, concorda-se com Isquierdo e Oliveira que, em relação ao topônimo composto, “não é possível se pautar em apenas um modelo de classificação para analisá-lo” (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2020, p.2144).

Neste sentido, Dick (1990b, p-31-34) propôs, para os compostos, tomar por base para classificação o primeiro elemento do termo específico, excetuando-se alguns casos, em que é

necessário levar em consideração, em termos motivacionais, uma unidade, portanto, que deve ser interpretado como um todo. Dessa forma, *Olho D'água* foi classificado como um hidrotopônimo e não um somatotopônimo, pois a lexia “olho” forma uma unidade com água construindo um significado ligado à hidrografia (nascente que rebenta do solo; fonte natural perene), portanto, considerado como um todo, é um hidrotopônimo.

Outra observação importante em relação aos topônimos compostos é a possibilidade de englobarem mais de um referencial, que vem ocorrendo cada vez com mais frequência. É lido em Oliveira e Isquierdo (2020, p.2144) que Dick (1996) admitiu esta possibilidade de um mesmo topônimo agregar mais de um referencial quando propôs o agrupamento de dois referenciais de natureza antropocultural “historio-sociotoponímico” em um só topônimo. Oliveira e Isquierdo (2020, p.2145) ratificam esta possibilidade, demonstrando o topônimo rural composto *Alto da Serra*, que abrange dois referenciais de natureza física, dimensio-geomorfotoponímico.

Ainda em relação aos compostos, cumpre-nos fazer uma discussão sobre o topônimo *Córrego da Velha*, nome de uma comunidade do município de Araçuaí. Segundo pesquisa de Barreto (2018), o nome da comunidade advém do nome do córrego que hoje tem pouquíssima água, e a denominação se deu em virtude de há muitos anos ter sido vista uma velha índia várias vezes às margens do córrego.

Segundo os moradores, a comunidade leva esse nome porque há muitos anos uma velha índia teria sido vista várias vezes às margens do córrego ao longo do qual o povoado se constituiu. Conforme registrado no diário de bordo, atualmente esse córrego que deu origem à comunidade tem pouquíssima água, e a paisagem é extremamente seca (BARRETO, 2018, p.131).

Alguns pesquisadores classificam rio das Velhas como hidrotopônimo e cronotopônimo. Nossa visão, porém, é de que o sintagma preposicional de+*a* faz com que a lexia “velha” adquira outro valor semântico diferente de indicador de tempo. Dessa forma, seria um hidro-antropotônico, considerando o termo Velha como um termo substitutivo para um nome de pessoa, uma espécie de apelido, que é assim definido por Amaral e Seide (2020)

O apelido (alcunha ou, mais raramente, cognome) é o antropônimo atribuído a um indivíduo geralmente por outra pessoa. Muitas vezes, alude a uma característica física (Cabeção, Bigode, Fofão, Zoinho, etc.) ou intelectual (Coruja, Nerd) ou ainda

a um fato ou comportamento social (Baiano, Titia). Pode ou não ser depreciativo (AMARAL; SEIDE, 2020, p. 83).

E que faz parte dos antropônimos não pertencentes ao registro civil, e é agrupado por Amaral (2011) no conjunto dos alônimos (do grego *al* (*o*) = diferente + *ónoma* = nome de uma pessoa). Sobre o sintagma preposicional, a sua presença ou ausência faz com que topônimo tenha sentidos diferentes, consequentemente entendemos que a classificação taxonômica deve considerá-lo.

No nosso *corpus*, o sintagma preposicional de+artigo apresenta sentidos diferentes. Em Barra **do** Bolas, é a barra do córrego Bolas; Córrego **da** Sede, ausência de água; Córrego **do** Cipó, indica que existe cipó no local; Água Fria **dos** Alves, os Alves foram os primeiros habitantes do lugar; *comunidade* **do** Pega, indica uma ação de pegar que teria ocorrido no local; Taquaral **de** Minas, indica a localização geográfica do lugar; Chapada **do** Lagoão, especifica qual chapada

Discutida a metodologia utilizada para a classificação dos topônimos e o quadro dos compostos com mais de um referencial, abaixo detalhamos as 6 taxes mais recorrentes em ordem decrescente: hidrotopônimos, fitotopônimos, hierotopônimos, antropotopônimos, geomorfotopônimos, zootopônimos e a relação delas com aspectos históricos e socioculturais do Médio Jequitinhonha.

6.2.2.1. Topônimos ligados à hidrografia

Em relação à motivação toponímica, a taxa mais recorrente é a dos *hidrotopônimos*, de natureza física, com 56/252 ocorrências, o que corresponde a 22% dos dados, conforme já demonstrado no item 5.1.2 e gráfico 4.

A lexia água, que consta na ficha 1 da série A - topônimos com primeiro elemento idêntico, apareceu em 11 topônimos compostos: *Água Branca*, *Água Choca*, *Água Fria*, *Água Fria dos Alves*, *Água Fria dos Lobatos*, *Água Fria Fábrica*, *Água Fria Santa Cruz*, *Água Limpa* (córrego), *Água Limpa* (comunidade), *Água Suja* (córrego) e *Água Suja* (comunidade).

Barra (ficha 4 da série A) forma 4 topônimos compostos: Barra da Barriguda, Barra do Bolas, Barra do Corrente e Barra do Salinas.

Córrego (ficha 5 da série A) aparece em 10 topônimos compostos: *Córrego da Sede*, *Córrego da Velha*, *Córrego do Arrozal*, *Córrego do Boi*, *Córrego do Candonga*, *Córrego do*

Cipó, Córrego do Melado, Córrego Novo, Córrego Seco (córrego) e *Córrego Seco* (comunidade) e um topônimo simples na forma diminutiva: *Corguinho*.

Lagoa (ficha 6, série A) forma 4 compostos: *Lagoa do Zabelê, Lagoa dos Patos, Lagoa Ezequiel e Lagoa Grande* e 1 simples em sua forma diminutiva: *Lagoinha*.

Ribeirão (ficha 9, série A) está na formação de 8 topônimos compostos: *Ribeirão Gangorras, Ribeirão de Areia, Ribeirão de Areia, Ribeirão do Altar, Ribeirão do Bosque, Ribeirão Grande, Ribeirão Pequeno* (córrego) e *Ribeirão Pequeno* (comunidade).

Além dos topônimos acima, existem os topônimos de origem indígena formados por Y/I traduzidos como água, como ocorre em *Araçuaí, Itinga, itinguinha, Ijicatu* e outros termos relacionados ao líquido como *Poção, Corrente, Cachoeira e Olho D'água*, que fazem dos hidrotopônimos a categoria taxonômica mais recorrente.

De acordo com Pereira (1969), aspectos relacionados à hidrografia sempre fizeram parte da história do Vale do Jequitinhonha, principalmente as regiões próximas à nascente do rio Jequitinhonha na serra do Espinhaço, o recurso natural mais importante da região que, durante o ciclo de mineração ocorrido entre os séculos XVII e XIX, se tornou foco de migrantes de várias regiões, pois em busca de diamantes começaram a fixar moradia às margens do rio. A outra parte do Vale mantinha-se isolada, povoada apenas pelas várias nações indígenas, com imprecisão de número, que tinham as matas como protetoras e a natureza como responsável por lhes oferecer os alimentos necessários à sobrevivência.

As duas situações fazem com que o Vale tenha divisão geográfica interna, conforme o curso do rio. Moreno (2001) ressalta que,

Segundo o curso do rio, o Vale do Jequitinhonha foi dividido em três regiões distintas: a primeira região foi denominada de Alto Jequitinhonha, indo da nascente até o encontro dos rios Araçuaí e Jequitinhonha - uma região de cerrado; a segunda região é o Médio Jequitinhonha e situada a partir da confluência dos rios Araçuaí e Jequitinhonha até o arraial do Salto Grande, que por sua vez foi dividido em Médio Alto e Médio Baixo – região de caatinga e mata atlântica; e a terceira é o Baixo Jequitinhonha, região entre Salto Grande e Belmonte, já na Capitania de Porto Seguro (MORENO, 2001, p. 47-48).

Desde esta época, o rio é personagem principal na formação do Baixo, Médio e Alto Jequitinhonha que, embora pertençam ao Vale do Jequitinhonha, possuem realidades diferentes, o que torna cada área singular no que se refere, além de características naturais, a dados demográficos, aspectos econômicos e socioculturais. Era pelo rio que aconteciam as navegações comerciais, foi em busca de pedras preciosas nele, que diversos estrangeiros

vieram para a região, também eram os rios os locais em que as lavadeiras se reuniam para executar o trabalho que lhes permitia o sustento dos filhos além de servir de fonte de lazer para as famílias. Dentre os rios da região, sem dúvida, o mais importante é o Jequitinhonha que, para Santiago (1999), ainda recebia outros nomes “Jequitinhonha, ou Gequitinhonha é também chamado de Rio Grande, Rio Grande de Belmonte ou Rio Belmonte [...] sendo conhecido como Paticha pelos camacãs e como Iguaçu pelos tupis” (SANTIAGO, 1999, p.29). No entanto nenhum entrevistado citou estes outros nomes para se referir ao rio Jequitinhonha.

Além do Jequitinhonha, o rio Araçuaí, afluente do Jequitinhonha pela margem direita, é de extrema relevância para a região, pois banha 19 municípios e abastece 23, dos quais fazem parte Berilo, Francisco Badaró, Jenipapo de Minas, José Gonçalves de Minas e Virgem da Lapa. No entanto, o rio Araçuaí, que se encontra com o Jequitinhonha em Itira, tal como na figura abaixo, vem se degradando a cada dia, principalmente com dragas colocadas nele em busca de pedras preciosas, o que consequentemente espalha produtos químicos e tóxicos nas águas, fazendo com que muitos peixes morram e com que sua água diminua dia após dia, correndo o risco de secar permanentemente.

Figura 16: Encontro do rio Araçuaí e rio Jequitinhonha



Fonte: Calazans, 2022.

Os dois rios e outros cursos de água, além de serem fundamentais para a sobrevivência dos seres vivos da região, serviram de inspiração para denominar diversas comunidades rurais da região, confirmando a influência acentuada do elemento água na toponímia brasileira, “indo ao encontro da tendência universal que sempre condicionou o homem a transformá-la em instrumento no ato denominativo” (DICK, 1990b, p. 80).

Os dados confirmam a importância da água para a região, assim como para o mundo e, por outro lado, o contraste de uma localidade extremamente seca atualmente e que possivelmente, no passado, já foi abastada de recursos hídricos, tendo em vista o número de hidrotopônimos encontrados nos 252 topônimos coletados. Ademais, constatamos a predominância de acidentes físicos ligados à hidrografia, 55/60, indicando que, provavelmente, já houve abundância de água na região e com o tempo esta água foi cessando. Devido aos efeitos do ciclo de secas, agravados por ações humanas, como desmatamento para construções e fins agropastoris, mineração ou queimadas para lavoura, que se iniciaram em meados do século XIX, com o declínio da mineração, quando a bacia do Jequitinhonha direcionou seu desenvolvimento para a pecuária e a agricultura, houve a diminuição dos córregos e demais acidentes ligados à hidrografia.

Há mais de 50 anos, Leopoldo Pereira preanunciou o atual momento de escassez de água em que vive a região quando afirmou que “o machado do lavrador e o fogo das queimadas estão esterilizando o Norte de Minas, ou aliás, todo o País” (PEREIRA, 1969, p. 56). Nesta mesma obra, o autor relata a diminuição das águas dos afluentes do Jequitinhonha, como o rio Itinga, Piauí e ribeirão Santa Rita, mas ressalta a escassez ainda maior na região de Araçuaí. José Claudio Pinto, em 2008, catalogou 15 córregos no município de Itinga, porém, apenas 7 perenes. O que Pereira (1969) já preanunciava ao afirmar que “há afluentes notáveis, opulentos e permanente, como o Setúbal, o Gravatá (...). Uma grande quantidade, porém, de pequenos córregos desde anos já não corre” (PEREIRA, 1969 p.41/42), citando como exemplo os córregos do Matheus, da Velha, Machado, Piabanga, Teixeira, Quatis e Barriguda. Todos esses córregos foram abundantes no passado e serviram, inclusive, de motivação para a nomeação de muitas comunidades rurais. Dessa forma, ainda que sem água, eternizados na história da região, por meio dos topônimos confirmado, assim, que o léxico toponímico é uma fonte documental que revela aspectos de uma sociedade em determinada época e espaço.

Os acidentes relativos à hidrografia, além de se configurarem como os mais recorrentes na categoria dos físicos, de acordo com Dick (1990b), são responsáveis por gerarem topônimos no Brasil. No Médio Vale do Jequitinhonha, seguindo a tendência nacional, córregos, lagoas e ribeirões são responsáveis por nomear acidentes geográficos humanos, principalmente nomes de comunidades rurais: *Córrego do Arrozal, Lagoa dos Patos e Ribeirão de Areia*.

Em alguns casos, o termo “córrego” acompanha o nome da comunidade rural e, em outras vezes, mesmo tendo sido o córrego a causa motivadora, o termo é suprimido do novo topônimo. *Boa Vista* e *Córrego do Candonga* são nomes de duas comunidades rurais e tiveram o córrego que existe na localidade como motivação para denominação dos respectivos lugares.

No primeiro caso, embora o nome da comunidade tenha surgido a partir do topônimo córrego *Boa Vista*, que nomeava um córrego da região, o termo “córrego” foi abolido do nome da comunidade, ficando apenas comunidade *Boa Vista*. No segundo caso, o nome da comunidade manteve o mesmo nome do córrego motivador, ficando tanto o córrego como a comunidade denominados de *Córrego do Candonga* e, por isso, só é possível identificar se o falante se refere ao córrego ou à comunidade quando empregados contextualizados.

No segundo exemplo acima, comunidade *Córrego do Candonga*, o termo “córrego”, originalmente definido como genérico (acidente geográfico), passou a integrar o termo específico (topônimo), ou seja, foi toponimizado. Além do termo “córrego”, no presente estudo, houve toponimização dos acidentes geográficos hidrográficos cachoeira, lagoa e ribeirão considerados, *a priori*, genéricos e que se transformaram em 24 topônimos, conforme demonstrado abaixo.

Quadro 16: Acidentes geográficos (hidrográficos) toponimizados no Médio Jequitinhonha

Termo originalmente genérico	Termo toponimizado (nomes de comunidades)
Cachoeira	1. <i>Cachoeira</i> 2. <i>Cachoeira da Barra</i>
Córrego	1. <i>Corguinho</i> 2. <i>Córrego da Velha</i> 3. <i>Córrego do Arrozal</i> 4. <i>Córrego do Boi</i> 5. <i>Córrego do Candonga</i> 6. <i>Córrego do Cipó</i> 7. <i>Córrego do Melado</i> 8. <i>Córrego Novo</i> 9. <i>Córrego Seco</i>
Lagoa	1. <i>Lagoa do Zabelê</i> 2. <i>Lagoa dos Patos</i> 3. <i>Lagoa Ezequiel</i> 4. <i>Lagoa Grande</i> 5. <i>Lagoinha</i>
Ribeirão	1. <i>Ribeirão das Gangorras</i> 2. <i>Ribeirão de Areia (córrego)</i> 3. <i>Ribeirão de Areia (comunidade)</i> 4. <i>Ribeirão do Altar</i> 5. <i>Ribeirão do Bosque</i> 6. <i>Ribeirão Grande</i> 7. <i>Ribeirão Pequeno (córrego)</i> 8. <i>Ribeirão Pequeno (comunidade)</i>

Fonte: Elaboração própria, 2022.

A partir do quadro acima, todas as lexias toponimizadas pertencem ao mesmo eixo semântico (massa de água), porém são diferentes no que se refere ao volume de água, largura, profundidade e extensão. Todos os tipos de acidentes que, originalmente, eram físicos, quando toponimizados, se transformaram topônimos que nomeiam acidentes humanos (nomes de comunidades). Os elementos genéricos mais produtivos na geração de topônimos são córrego e ribeirão⁶¹, o que é muito comum no Brasil em nomes de municípios, como frisado por Carvalhinhos (2007). Esse fato, linguisticamente, ratifica a atuação do homem como

⁶¹ Ribeirão, definido como ‘terreno apropriado para nele se lavrarem minas de diamantes’, conduz-nos a pensar ter sido produtivo na geração de topônimos, em virtude das atividades ligadas à mineração que ocorreram na região de Berilo-MG, onde estão localizados todos os ribeirões do nosso *corpus*.

agente transformador de nomes originalmente comuns para nomes próprios. Logo, concordamos com Isquierdo (2012) ao afirmar que o léxico topônimo é

O conjunto de unidades lexicais investidas da função de nome próprio de lugar que podem reunir formas do vocabulário comum, alçadas à categoria de topônimos; nomes próprios de pessoas, de lugares, de crenças, de entidades sobrenaturais que são ressemantizadas com o fim precípuo de nomear um lugar (ISQUERDO,2012, p. 116).

O processo de alçar formas do vocabulário comum à categoria de topônimos pode ocorrer por meio da toponomização, em que o termo genérico do sintagma topônimo passa para a categoria de topônimo, como acontece com *córrego*, *lagoa* e *ribeirão*. Pode ainda, acontecer, a partir do que os gramáticos tradicionais denominam de derivação imprópria ou conversão, que “consiste no emprego de uma palavra fora de sua classe normal” (BECHARA, 2009, p.372) como acontece com *bonito* e *pega* que, *a priori*, são adjetivo e verbo, respectivamente, e se transformam em substantivos. Ou ainda, quando um termo do vocabulário comum passa para a categoria de nome próprio, como acontece com o nome comum *berilo*, uma pedra preciosa encontrada em grande abundância na região do Médio Jequitinhonha. Em 1923, por meio da Lei 843 de 7 setembro, *berilo* passou a nomear um município do Médio Jequitinhonha, passando da categoria dos nomes comuns para a categoria dos nomes próprios.

Quando ocorreu a toponomização, constatamos que alguns elementos considerados, originalmente, como *genéricos*, se esvaziaram de sentido ao se transformarem em específicos. Córrego, como elemento genérico, tipo de acidente geográfico, indica a existência de água na localidade, mas quando toponomizado, ou seja, quando migrou de genérico para específico a fim de nomear uma comunidade rural, houve o esvaziamento de significado da lexia *córrego*, tal como exemplo do quadro 18 abaixo em que o córrego do **Melado** se transforma em comunidade **Córrego do Melado**.

Quadro 17: Exemplo de toponomização do termo córrego

Elemento Genérico	Elemento Específico
1.Córrego (do)	Melado
2.Comunidade	<i>Córrego do Melado</i>

Fonte: Elaboração própria,2022.

No quadro acima, verificamos que, no exemplo 1, córrego se refere ao curso da água e melado à causa denominativa (lugar onde se produzia muita rapadura). Tradicionalmente, córrego apresenta as seguintes definições: Houaiss (1999, p.555) ‘fenda ou sulco aberto na terra pelas águas correntes, corga. Via estreita e funda entre montes, cadeia de montanhas. Pequeno rio com fluxo de água bastante tênu; corgo, riacho. Cada um dos afluentes do rio’. Cunha (2010, p.182-183) ‘riacho, que corre. Nascentes (1976, p.452) – regueiro estreito aberto por águas correntes, apertado entre margens altas. Ribeiro, riacho, regato’.

Entretanto, no exemplo 2, quando é toponimizado, embora a causa denominativa seja a existência do referido córrego na localidade, há um esvaziamento do significado tradicional. Neste contexto, córrego significa uma determinada área geográfica da parte rural dos municípios. Em Abre Campo e Matipó, “um córrego pode representar, nas zonas rurais de algumas cidades, uma espécie de subdivisão” (MENDES, 2009, p.42). Da mesma forma, no Jequitinhonha, é muito comum usar os termos “córrego” “fazenda” “ribeirão” como delimitação geográfica espacial das comunidades rurais, ou seja, córrego e fazenda são uma subdivisão territorial, quando estes termos são toponimizados, como em “*Eu nasci numa comunidade próxima daqui, né, é, também comunidade quilombola chamada Corgo Seco*” (020FBAMEF66) ou em “***Reberão do Altar*** é onde que eu nasci e criei” (023JGMOAF65).

A partir dos exemplos acima, “Corgo Seco” e “Reberão do Altar”, fica evidente que as variantes lexicais córrego~corgo; ribeirão~reberão~riberão; cachoeira~cachuera, genéricos ou toponimizados, fenômenos que acontecem em outras regiões também, revelam dados dialetológicos do Médio Jequitinhonha, uma vez que, quando o nome de lugar surge de forma espontânea, reflete o ato de fala.

6.2.2.2. Topônimos ligados à flora e fauna

Os fitotopônimos e os zoootopônimos serão agrupados para discussão proposta por demonstrarem a riqueza natural do Vale do Jequitinhonha através da toponímia.

Os fitotopônimos, de natureza física, foram a segunda categoria mais recorrente, com 35/252 ocorrências, o que equivale a 14% dos dados. Os zoootopônimos, também de natureza física, ocorreram 16/252, ou seja, 6% dos topônimos, ocupando a sexta posição de recorrência das taxes. A maioria dos topônimos de origem indígena na região encontram-se nestas duas categorias, sendo 13/40 fitotopônimos e 10/40 zoootopônimos, ou seja, 57,5% dos nomes de

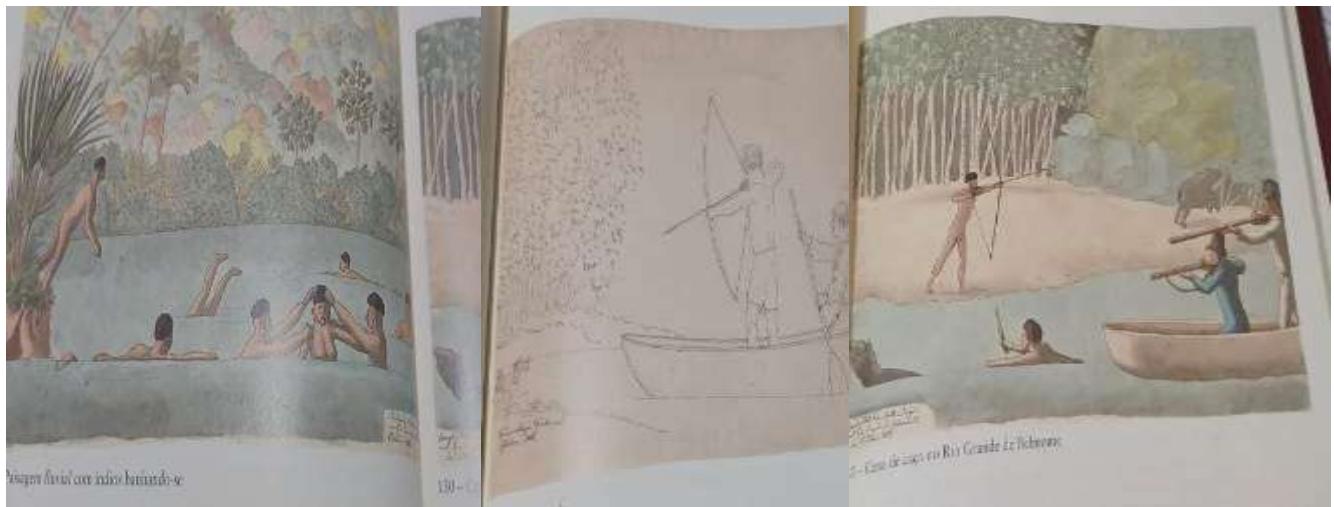
lugares de origem indígena têm como causa denominativa nome de planta ou animal, percentual que se explica pelo fato de os indígenas terem uma ligação muito forte com a natureza.

A recorrência destas taxes confirma a riqueza da região no que se refere à flora e fauna, uma vez que os topônimos indígenas costumam ser fidedignos na descrição da realidade. Para Dick (1990b), a “vinculação toponímica aos traços ambientais aparece, via de regra, na nomenclatura indígena, como uma constante” (DICK, 1990b, p.41). Na presente pesquisa, ratificamos esta afirmação por meio dos topônimos *Sucuriú*, *Caititu*, *Zabelê*, *Mocó*, *Mutuca*, *Piabanha*, *Piauí* e *Tamanduá* (nomes de aves, peixes e animais da região) e *Jenipapo*, *Cipó*, *Gravatá*, *Jatobá*, *Jequitibá*, *Samambaia* e *Taquaral* (nomes de plantas abundantes na região).

Além destes termos de origem indígena, identificamos outros topônimos que refletem a natureza física da região: barriguda, que é a árvore da qual os indígenas retiravam a madeira para fazer os batoques; tum-tum, um cacto em abundância que foi causa denominativa para o nome da comunidade; cansanção, uma planta que existe em na localidade com este nome; pau-d’alho, árvore que existe na localidade com este nome; bicudo, pássaro comum na região; tesourinha, espécie de ave que existia na comunidade de nome Tesouras.

A região era caracterizada pela abundância e diversidade de plantas (buriti, gravatá, cipó, jatobá, jenipapo, jequitibá, samambaia, taquara) e animais (caititu, jacaré, mocó, mutuca, piabanha, piau, sucuri, tamanduá, zabelê), que serviram de causa denominativa para os nomes de vários acidentes geográficos. Este número de topônimos, que retrata as características ambientais da região, como a flora e a fauna, refere-se a animais e plantas encontrados na região, principalmente no início dos séculos XIX e XX. Abaixo temos a imagem de uma paisagem fluvial com os índios se banhando, indígenas pescando em 1816, e uma caça no rio Jequitinhonha ou rio Grande. Todas as imagens registradas na obra que relata a passagem do príncipe Wied-Neuwied pela região entre 1815 e 1817.

Figura 17: Indígenas no Vale do Jequitinhona no século XIX



Fonte: Bragança Júnior e Hartl, 2001.

Deste período, é possível encontrar relatos minuciosos, escritos pelos viajantes memorialistas, como o comerciante e mineralogista John Mawe, em 1809, e o botânico Auguste Saint Hilaire. Ambos estiveram na região entre 1809-1817, como também descreveram com riqueza de detalhes as características geofísicas, tipos de animais e plantas existentes no Médio Jequitinhonha. As narrativas destes viajantes, com descrições minuciosas dos elementos da natureza, como animais e plantas, vão ao encontro do léxico toponímico da região, que tem os topônimos *Caititu*, *Zabelê*, *Carrapato*, *Bois*, *Bicudo*, *Mocó* e *Mutuca*, animais que faziam e/ou fazem parte do cenário ambiental do local, assim como os topônimos *Arrozal*, *Barriguda*, *Cansanção*, *Frade*, *Jenipapo*, *Jequitibá* e *Macieira* que se referem aos elementos de origem vegetal abundantes na região.

Castro (2018) assevera que a “motivação toponímica é depreendida diretamente do signo linguístico, o topônimo” e é o que deve ser considerado na análise dos topônimos. Já as causas denominativas, que nem sempre coincidem com a motivação toponímica, “geralmente são encontradas nos livros de Geografia, História, com os relatos de viagem dos naturalistas, nos dicionários corográficos e nos relatos orais” (CASTRO, 2018, p.52-53). Nem por isso o topônimo deixa de ser motivado e não arbitrário.

O topônimo *Macieira*, por exemplo, é um fitotopônimo e pode levar o leitor a deduzir que se trata de um lugar com grande produção de maçãs e que esta tenha sido a causa denominativa do nome do lugar, mas, segundo relatos dos moradores, nunca teve plantação do fruto no lugar. Isso porque, assim como pera, ameixa e uva, maçã é um fruto de clima

temperado. Em virtude do clima da região, nunca foram produzidas ou sequer conhecidas pela maioria da população da época da formação da comunidade rural. O nome foi dado por causa da lobeira, abaixo exposta, que existe em abundância na região e é conhecida também por macieira por produzir a maçã do cerrado.

Figura 18: Foto de uma lobeira ou macieira



Fonte: A autora, 2022.

O topônimo *Tum Tum*, que nomeia um município do Maranhão com outra grafia (Tuntum), não foi encontrado dicionarizado nas fontes de pesquisa. Entretanto, na região de Araçuaí, os moradores não têm nenhuma dúvida sobre o que é o tum tum:

Tum tum é uma fruta do mandacaru, é uma frutinha que tem, lá tem muita, na estrada lá, depois que cê entra ali depois do cimitero, à direita, cê vê muito dela. É um mandacaruzinho, que dá uma frutinha e ês chama essa frutinha de tum tum, por isso que, que lá a comunidade é Tum Tum, tem muito tuntunzeiro. (E.M.S 2021).

O relato acima traz a definição da qual compartilham todos os moradores da comunidade que têm clara a causa denominativa do nome da comunidade, embora não exista registro de tum tum nos dicionários consultados.

Figura 19 : Foto do Tum tum



Fonte: A autora, 2022.

Para *Frade*, o Houaiss (2009, p.924) apresenta algumas definições: refere-se a um indivíduo que pertence a uma ordem religiosa; grão de milho que não estoura quando posto para assar no braseiro; barata-do-arroz; percevejo-do-arroz; trecho de um texto impresso com falha; coluna de pedra; feminino de freira. No dicionário de botânica, Taylor e Zappi (2004) definem o *melocactus zehntneri* como uma espécie de planta da família das Cactaceae, endêmica de Minas Gerais e da Bahia e também conhecida como “cabeça de frade”. Algumas vezes “a substância mesma do topônimo, revelada pelos seus componentes linguísticos” (DICK, 1990a, p. 49) é insuficiente para classificação toponímica, sendo necessário saber a causa denominativa para tal escolha lexical.

No médio Vale do Jequitinhonha, como registra o historiador José Claudionor Pinto (2010), a definição botânica é a causa denominativa para o nome da comunidade rural do município de Itinga. Assim como o tum tum, frade é um tipo de cacto que existe em abundância no local com este nome, logo, fitotopônimo, mas com identificação possível apenas se o pesquisador estiver inserido no lugar e conseguir identificar a razão do denominador para seleção da lexia. Nos casos em que a lexia possui mais de uma definição, apenas a consulta a um dicionário não é o suficiente para uma classificação condizente com a realidade, sendo necessário investigar a causa denominativa, o que levou o denominador “dentro de um processo paradigmático de possibilidades, a selecionar uma delas, a que mais respondesse às suas necessidades momentâneas de opção” (DICK, 1990^a, p. 49).

Figura 20: Foto do cacto cabeça de frade



Fonte: A autora, 2022.

Atualmente, nem todas estas plantas e animais existem em abundância na região. Para Matos (2002), a redução das plantas e dos animais iniciou em 1808, quando a coroa autorizou a apropriação privada destas terras pelos imigrantes que, de forma autoritária, declararam verdadeira guerra aos indígenas, principalmente os chamados botocudos, com a finalidade de lhes impor seus costumes e absorver a mão de obra deles. Com isso, grande parte das matas foi devastada, em virtude das intensas queimadas e do desmatamento, transformando-se em áreas de agricultura e depois como pastagem para criação de gado.

Um pássaro que era muito abundante na região e não se vê em grande quantidade atualmente, é a tesourinha. Senhor Zezé das Tisôras, que tem 82 anos, é morador da comunidade das Tesouras e explica a causa denominativa do nome da comunidade:

Segundo os antepassado, chegô uma senhora aqui, ês trata de vovó Jusefa. Foi a primera possêra das Tisora. Ela chegô com seus iscravo e intão por ter encontrado uma mata, muito bunita e boa, aí ela ficô procurano um nome pá colocar no local. Como tinha um pássaro, quêle tinha uma forma de tesouras no rabo, intão ela colocô o nome Tessôras. Intão é por isso que tem o nome Tesouras. Sigundo os, os antepassados, até o pessoal que trabalha ela de vovó Jusefa, porque praticamente, a maior parte da geração de Tesoras vem da vovó Jusefa. Sigundo contava meus avós, os bisavós, são coisas que vem de boca em boca, de geração por geração, intão a gente procurô pesquisar também, a informação cá gente tem é essa e muito obrigado e uma boa tarde pra você e um bom trabalho. (ZEZÉ DAS TISÔRAS, outubro de 2022).

Para o senhor José Alves dos Santos, o Zezé das Tisôras, defensor da Chapada do Lagoão, que ele costuma afirmar ser o “pulmão para respirarmos”, a região já foi muito farta de plantas, animais, pássaros e águas límpidas. Mas, com as construções, muitas plantas e animais foram extintos, trazendo como consequência a escassez de água, pois muitos córregos atualmente não são perenes. Por isso, algumas comunidades precisam que caminhões pipa levem água até elas e outras, como Cruzeiro, já nem tem moradores mais, pois estes abandonaram a localidade e foram para a cidade de Francisco Badaró, por falta de água.

6.2.2.3. Topônimos ligados às crenças religiosas

Dick (1990b, p. 33) frisa que os hierotopônimos são os topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças: cristã, hebraica, maometana etc., às efemérides religiosas, às associações religiosas e aos locais de culto. Acrescenta-se, ainda, que os hagiotopônimos (topônimos relativos aos santos e santas do hagiólógio romano) caracterizam uma das subdivisões dos hierotopônimos.

Na nossa pesquisa, os topônimos referentes aos nomes sagrados foram a terceira categoria mais recorrente, com 30/252, o que representa 12% dos dados. Dentro destes 30 hierotopônimos, 23/30, ou seja, 76,5% são hagiotopônimos (Santos, Santas, São e Virgem), confirmando a menção de Dick (1990b) de que

as formações hiero ou hagiotoponímicas, ou seja, aquelas que envolvem nomes sagrados em geral e, especialmente, nomes de santos e santas da Igreja Católica, acusam uma frequência bastante alta na nomenclatura, muito embora os elementos que integram a composição nem sempre apresentem a mesma natureza religiosa” (DICK, 1990b, p.14).

A afirmação de que nem sempre todos os termos do topônimo têm conotação religiosa foi constatada no nosso *corpus*. Em alguns hagiotopônimos, há a mistura de elementos de natureza religiosa com elementos não religiosos, a conhecer: São José do Bolas, Santo Antônio do Bolas e São João do Vacaria. Além de encontrarmos uma comunidade rural de Francisco Badaró, chamada São João de Quelé, ou seja, há um sincretismo entre o catolicismo e o candomblé. Esta miscigenação de lexias, a princípio não usual, ratifica a importância do denominador como agente transformador, com capacidade para criar nomes de lugares, ou seja, “muitas vezes, num processo natural de criação, o usuário da língua cria novos

vocábulos emendando, misturando, aumentando ou diminuindo partes dos nomes, que são, por vezes, incorporados à língua” (ISQUERDO; TAVARES, 2006, p. 285).

Importante ressaltar que na construção São José do Bolas e Santo Antônio do Bolas não há concordância da contração da prep.+artigo e o elemento subsequente.

P: E uma curiosidade: o nome é do Bolas?

I: É, do Bolas (risos), São José do Bolas. Tem a comunidade São José do Bolas e tem Córrego do Bolas, do Bolas. Não é da Bola, não é das Bolas. Do Bolas. (014JEMFRM46, p.4, linhas 106-108).

A partir da pesquisa de campo, foi possível compreender a construção sintática “do Bolas”, em que aparece artigo masculino singular e não feminino plural antes da lexia “bolas” no nome das comunidades Santo Antônio do Bolas e São José do Bolas. O nome da comunidade foi originado a partir de um córrego, portanto, faz remissão à lexia córrego, implícita no topônimo São José do (córrego) Bolas, mas que não se explica no topônimo físico córrego do Bolas.⁶² Contudo, esta construção, considerada “fora” do padrão gramatical, não faz a mínima diferença para os moradores, pois “o nome, de fato, é uma outra forma de se refletir sobre as construções sintáticas, morfológicas e semânticas originárias do código em questão” (DICK, 2007, p. 145).

Nos 115 compostos, os nomes sagrados apareceram como a segunda combinação mais recorrente, com 22/115 ocorrências, isto é, 19% (*Cinta Vermelha Jundiba, Santa Luzia, Santa Maria, Santa Rita do Tombo, Santa Rita, Santana do Araçuaí, Santo Antônio, Santo Antônio do Bolas, São Bento, São Domingos, São João, São João do Vacaria, São João de Quelé, São Joaquim, São José, São José das Neves, São José do Bolas, São Pedro, São Vicente e Virgem da Lapa*), demonstrando a forte influência dos portugueses, que nomearam vários acidentes com nomes sagrados, principalmente os hagiotopônimos. Isso porque, tal como afirm Villalta (1998), durante o Brasil Colônia não era possível separar a administração jurídica e eclesiástica, sendo comum utilizar a ação religiosa como antecipação para a conquista política, por entender que, com a religião, se conquistava a confiança que seria garantia da ordem social e do controle moral.

Os colonizadores que vieram para a região exaltavam os bens espirituais e tinham como objetivo propagar o nome de cristo, catequizando os pagãos. Esta religiosidade dos portugueses que aqui chegaram trouxe para a toponímia muitos nomes sagrados. A devoção

⁶² Conforme já explicitado, um sobrenome português.

aos santos e santas é uma marca do cristianismo, pois os santos representam um modelo de vida cristã e são intercessores dos cristãos junto a Deus para alcançar as preces feitas. Como se lê em Dick (1990b), alguns lugares já possuíam nomes religiosos e os que não possuíam eram nomeados por Pero Lopes, sendo relatado em seu diário de navegação:

Quarta-feira, 27 de novembro (...). E à postura do sol, fui surgir a ua ilha grande, redonda, toda cheia de arboredo, à qual pus o nome de Santa Ana. Sabado, 21 de dezembro, como foi menhã, acalmou o vento e saí ao rio, a que pus o nome de Sam João (DICK, 1990b, p. 83).

Muitos nomes sagrados do catolicismo foram incluídos na toponímia brasileira e paulatinamente houve a transformação de topônimos indígenas simples em compostos, principalmente antepondo ao nome indígena nomes do hagiólógio português (santos e santas). No Médio Jequitinhonha, foi verificado este processo quando *Itinga* se transformou em *Santo Antônio da Barra do Rio Itinga*, *Sucuriú* em *Arraial de Nossa Senhora da Conceição do Sucuriú*, ambos sofrendo novas alterações posteriormente: *Santo Antônio da Barra do rio Itinga* voltou a ser *Itinga* e *Arraial de Nossa Senhora da Conceição do Sucuriú* voltou a ser *Sucuriú* e posteriormente recebeu nova denominação de *Francisco Badaró*.

Os nomes sagrados ligados ao catolicismo fazem parte da realidade do Médio Jequitinhonha, onde há uma diversidade sociocultural com diversas crenças religiosas, mas a religião católica é a predominante, tanto que apenas um nome sagrado que não faz parte do catolicismo foi encontrado: *Cinta Vermelha Jundiba*, em que Cinta Vermelha é uma espécie de santo da cultura pankararu, o protetor espiritual da aldeia, o Encantado ou Praiá, como foi registrado pela indigenista Geralda Chaves Soares.

Então... Cinta Vermelha é um protetor espiritual, é o Encantado ou Praiá, protetor espiritual lá da... cultura Pankararu, e é o protetor de Ivan Pankararu, que foi um dos fundadores da aldeia e é o cacique aí. Jundiba tem a ver com os Pataxó. A Jundiba é a árvore sumaúma (...), é uma árvore muito grande, é uma árvore sagrada dos Pataxó, e eles têm muita... muita ligação com essa árvore porque ela tem história e tudo dos pajés, que morreram e que foram enterrados perto dela, é uma árvore protetora, ela tem raízes bem grandes, e na perseguição do massacre de 51, lá em Barra Velha, que é a aldeia mãe deles, que dispersou os Pataxó, é... eles se escondiam debaixo das raízes, né, dessa jundiba, pra se proteger da, da perseguição dos fazendeiros e da polícia. Então a Jundiba é muito especial, nós já tentamos de toda forma conseguir uma muda e não conseguimos aqui, pra plantar aí na aldeia” (GERALDA SOARES, janeiro 2023).

A aldeia Cinta Vermelha Jundiba, em conformidade com Liberato e Rocha (2012), representa um caso único no Brasil, em que pela primeira vez há a união de um grupo de

indígenas formado por diferentes grupos étnicos (Pankararu e Pataxó) para comprarem sua própria terra. Esta junção de culturas está refletida no nome da aldeia, pois *Cinta Vermelha* é da cultura pankararu e *Jundiba* da cultura pataxó.

Os demais nomes sagrados fazem parte da crença católica. No Médio Jequitinhonha, é tradição em cada comunidade rural ter um santo padroeiro a quem é dedicado um dia do ano para a realização de festividades em sua homenagem, além de ser comum encontrar a expressão da fé por meio de imagens nas paredes ou estantes das casas. Esta fé se reflete no léxico toponímico, pois, embora os hierotopônimos não sejam a taxe predominante, é a mais recorrente de natureza antropocultural, reforçando a tese de que “são os santos e as divindades que dão sentido aos dias especiais” (MOURA, 1988, p. 20).

A referida expressão de fé, demonstrada por intermédio do léxico toponímico, na nomeação dos lugares com nomes sagrados, não se restringe ao Médio Jequitinhonha, mas se estende por todo o Vale do Jequitinhonha, consoante os dados apresentados por Carvalho (2014, p.168), a saber: **Santo Antônio**, um dos santos mais populares da Igreja Católica, tem o seu dia comemorado no dia 13 de junho. Nomeia 45 acidentes geográficos no Vale do Jequitinhonha e ocorre desde a primeira metade do século XVIII. **São Bento**, que nomeia 14 acidentes no Vale do Jequitinhonha, aparece na toponímia brasileira na segunda metade do século XVIII. Bento vem do latim *benedictus* e recebeu este nome por ter abençoado muito, ter recebido muitas bênçãos ou porque todos os abençoaram. **São Domingos** nomeia 16 acidentes, a primeira ocorrência é na segunda metade do século XVIII, tem seu dia comemorado em 08 de agosto. **São João**, considerado o precursor de Cristo, tendo padecido nas mãos de Herodes, aparece na toponímia brasileira na primeira metade do século XVIII, dá nome a 39 acidentes no Jequitinhonha, e tem seu dia celebrado em 24 de junho. **São Joaquim**, esposo de Santa Ana, pai da Virgem Maria e avô materno de Jesus Cristo, aparece na toponímia brasileira na segunda metade do século XIX e nomeia 2 acidentes no Jequitinhonha. **São José**, pai adotivo de Jesus e esposo da Virgem Maria, tem seu dia celebrado em 19 de março. Aparece na toponímia brasileira na segunda metade do século XVIII, nomeia 28 acidentes no Jequitinhonha. **São Pedro** foi discípulo de Jesus, de quem recebeu este nome, e foi designado como chefe dos apóstolos, além de ter sido o primeiro papa. Aparece na segunda metade do século XVIII, nomeia 12 acidentes e tem seu dia celebrado em 29 de junho. **São Vicente**, que é um dos santos mais populares do ocidente, aparece na toponímia brasileira na segunda metade do século XVIII, nomeia 7 acidentes, e é

celebrado no dia 22 de janeiro. **Santa Ana**, celebrada em 26 de julho era esposa de São Joaquim, avó materna de Jesus e mãe da Virgem Maria. Seu nome aparece na toponímia brasileira na primeira metade do século XVIII e nomeia 23 acidentes no Jequitinhonha. **Santa Luzia**, considerada a protetora da visão, aparece na toponímia brasileira na primeira metade do século XVIII, nomeia 8 acidentes no Jequitinhonha e tem seu dia celebrado em 13 de dezembro. **Santa Maria**, identificação da Virgem Maria mãe de Deus invocada sob vários títulos de Nossa Senhora, aparece na toponímia brasileira na primeira metade do século XVIII, nomeia 14 acidentes no Jequitinhonha e tem seu dia celebrado em 08 de dezembro. **Santa Rita**, muitas vezes invocada como solução para as causas desesperadas, aparece na primeira metade do século XVIII, nomeia 17 acidentes no Jequitinhonha e é celebrada em 22 de maio.

6.2.2.4. Topônimos ligados a nomes de pessoas, precedidos ou não de títulos

Faria (2017) acrescenta uma contribuição ao modelo taxonômico de Dick (1990b), ao defender que, mesmo precedidos de títulos, os nomes de pessoas são, em primeiro momento, antropotopônimos. A autora sugere trocar a nomenclatura dos topônimos referentes aos nomes de pessoas precedidos de títulos e dignidades de axiotopônimos para antropo-axiotopônimos. Por concordarmos que todo axiotopônimo é, *a priori*, um antropotopônimo, consideramos pertinente a proposta e, neste trabalho, utilizamos a nomenclatura antropo-axiotopônimo para fazer referência aos nomes de pessoas precedidos por títulos.

No presente estudo, a quarta categoria mais recorrente é de natureza antropocultural e são os topônimos formados por nomes de pessoas que somam 27/252 ocorrências (25 *antropotopônimos* e 2 *antropo-axiotopônimos*), e corresponde a 11% dos dados.

Em relação aos topônimos formados por nomes de pessoas, há uma diferença entre o processo denominativo dos nomes de logradouros urbanos e rurais. A nomeação dos logradouros urbanos ocorre por uma lei proposta pelo legislativo e sancionada pelo executivo com a intenção de homenagear alguma pessoa considerada pelo legislativo como personalidade em determinada época, ainda que às vezes parte da população não tenha sequer conhecimento do quem se trata. Diferentemente, os logradouros rurais são nomeados em virtude da primeira família a ocupar a área, do maior número de moradores de uma mesma família, de algum doador de terreno para construção de igreja, escola ou outra instituição

importante para a comunidade. Esse fato justifica a maioria dos antropônimos que passaram para a categoria dos topônimos em logradouros rurais, serem sobrenomes, 22/27, ou seja, 81%: a) **antropotopônimos** - *Barbosa, Bolas, Campolino, Dutra, Freire Cardoso, Freitas, Hermógenes, Lorena, Machado, Machado, Martins, Maurícios, Muniz, Pacheco, Paulinos, Teixeira, Teixeirão, Teixeirinha e Silvolândia* b) **antropo-axiotopônimos** – *Coronel Murta e Engenheiro Schnoor.*

O topônimo Silvolândia nasce da criatividade da população da localidade, fazendo uso das regras da língua portuguesa na formação de nomes de cidades brasileiras como Uberlândia, Virgolândia, Divinolândia, Felixlândia e tantas outras. O topônimo que nomeia uma comunidade rural do município de Jenipapo de Minas é formado a partir do sobrenome Silva + lândia, sufixo: *ia*, associado a: *land*: que designa terra, país ou região de, seguindo a tradição dos tempos históricos, em que os lugares recebiam os nomes dos seus possuidores. O sufixo *ia*, *land*, *lândia* que é muito utilizado para formar topônimos como os já citados acima, serviu de inspiração para que surgisse, espontaneamente *Silvolândia*, o nome de uma comunidade rural no município de Jenipapo de Minas, comprovando a consciência linguística do falante ao criar um topônimo a partir de uma motivação local, conforme relatado em uma entrevista:

[...] é em homenagem ao proprietário do terreno doado para a construção de uma pequena vila. O senhor chamava-se José da Silva. Antes a área era conhecida como Tamanduá. Imagino que pela existência do animal no local, pois é uma área de chapada. Algumas famílias, que moravam na encosta da chapada foram ‘levadas’ para uma parte plana, no topo da chapada. A comunidade encontra-se no município de Jenipapo, localizada muito próxima da nascente do córrego de Machados, no limite do município de Araçuaí. O povoado muito pequeno, poucas casas, mas é organizado com traçados de ruas e casas muito próximas umas das outras (014JEMFR46).

A partir da adaptação do sobrenome *Silva*, acrescido do sufixo *lândia*, que exprime a ideia de domínio do espaço territorial, região pertencente ou ocupada por um grupo familiar, formou-se Silvolândia, terra do José da Silva.

Freire e Cardoso são sobrenomes de duas famílias distintas, tradicionais na região, que resolveram trocar o nome do distrito chamado *Ouro Fino* para *Freire Cardoso*. A população usa as duas variantes e o IBGE registra os dois nomes nas cartas geográficas, como se fossem lugares distintos.

Lorena é o designativo utilizado para nomear uma comunidade do município de Coronel Murta. A população se refere ao local como comunidade **da** Lorena, como se Lorena

fosse um prenome feminino: “Num sei. Lá não é uma comunidade não, ela tá dentro da *comunidade da Lorena* e a comunidade do Pau Alto” (003CMUERM35). Lorena de Tocoiós foi o primeiro aldeamento do Vale do Jequitinhonha, onde, em 1801, aparecem indígenas pataxós, que ficam até 1809, conforme Santiago (1999). Todavia, Lorena não se refere a um nome feminino e sim a um sobrenome. Na época, José Pereira Freire era o inconfidente chefe de Minas Novas e não chegou a ser preso mas temia futuras represálias. Para que isso não acontecesse, “conseguiu junto ao governador da capitania, *Bernardo de Lorena*⁶³, Barão de Sarzedas, que fora seu colega no curso de Direito, em Coimbra, ser nomeado diretor dos índios Tocoiós” (SANTIAGO, 1999, p.122).

Os dois sobrenomes precedidos de títulos, ou seja, os antropo-axiotopônimos constatados, foram *Coronel Murta* e *Engenheiro Schnoor*. O primeiro formado pelo título *coronel+sobrenome Murta* do senhor Inácio Carlos Moreira Murta. De acordo com Murta (2021), o coronel é descendente de família portuguesa que veio para o Brasil pelos anos de 1750, foi alferes da Milícia em Vila Rica e, em 1820, veio para a região e casou-se com dona Rita, em Tocoiós, distrito de São Domingos, atual Virgem da Lapa. Na região, foi vereador, juiz de paz, subdelegado, juiz municipal, capitão, tenente coronel e faleceu em 1872, 4 anos após a morte de sua esposa.

No segundo, temos o título *engenheiro+sobrenome Schnoor* do engenheiro Émile Armand Henri Schnoor⁶⁴, o Emílio Schnoor. Como tinha um sobrenome de difícil pronúncia, as pessoas o chamavam de “Schnôr” foneticamente fechado. Filho de alemães, Émile Armand Henri Schnoor nasceu na localidade francesa de Châteauroux em 1885. Perdeu sua mãe aos 10 anos e emigrou com seu pai, que era dentista, e com sua irmã para o Brasil, quando simultaneamente frequentava a Academia de Belas Artes e a Escola Central (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro) onde se formou em Ciências Físicas e Matemáticas e, posteriormente, engenharia. Sua vida profissional se iniciou em 1875 como engenheiro residente em trecho da Mantiqueira. Quando Dr. Afonso Pena assumiu a presidência da República, o nomeou para efetuar estudos ferroviários no Mato Grosso e se destacou na área. No Vale do Jequitinhonha, foi diretor da estação ferroviária Bahia Minas, que teve uma

⁶³ Cujo nome completo é Bernardo José Maria de **Lorena** e Silveira.

⁶⁴ Schnoor. Disponível em <https://www.progresso.com.br/variedades/bebes-e-criancas/emilio-schnoor-a-quem-se-deve-a-estrada-de-ferro/262449/> Acesso em: 19 dez. 2022.

estação inaugurada em 1930 e esta estação, assim como o distrito, recebeu o nome de Engenheiro Schnoor em homenagem ao profissional.

Figura 21: Foto do Coronel Murta e da estação Engenheiro Schnoor



Fontes: Murta, 2021.

Além dos sobrenomes, constatamos: 3 topônimos formados por prenome e sobrenome: *Alfredo Graça, Francisco Badaró* e *José Gonçalves de Minas* e 2 por prenome: *Mateus* e *Quitéria*. Quitéria foi o único nome feminino encontrado na região e refere-se ao nome de uma propriedade privada, uma fazenda cujo nome foi atribuído em homenagem à mãe do proprietário.

Outra formação toponímica com nome próprio de pessoa que merece atenção por ter recebido o acréscimo do termo “Minas” é o nome do município de *José Gonçalves de Minas*, que é um topônimo formado por prenome + sobrenome + locativo para identificar a qual estado pertence aquele José Gonçalves. Diferentemente de Jenipapo e Taquaral, para Costa (1970), este acréscimo caracteriza uma impropriedade administrativa, pois quando o nome de pessoa José Gonçalves recebeu o “de Minas”, transformando-se no nome do município mineiro *José Gonçalves de Minas*, houve uma alteração antropónímica. Portanto, “este recurso deveria ser usado apenas para os topônimos designativos de aspectos naturais, nos três reinos” (COSTA, 1970, p. 138) e jamais para nomes de pessoas.

Sobre o nome *Lelivéldia*, que nomeia um distrito do município de Berilo-MG, a influência é holandesa, ou melhor, de um holandês. Lelivéldia é o aportuguesamento de

Leliveld para substituir o primeiro nome do lugar, que era Lamarão. Este nome tem como causa denominativa uma homenagem ao fundador do distrito, um padre holandês chamado *Willhelmus Joannes Lelivéld*, conhecido como padre Willy. Com base nos relatos dos moradores da região, além de se preocupar muito com a futura falta de água em virtude da plantação de eucalipto, padre Willy era o pai dos pobres, tendo ajudado muita gente, como é relatado em uma das entrevistadas:

Lelivéldia, estudei em **Lelivéldia** também, na fazenda do padre Willy. É, tinha a escola do Padre Willy. Era uma fazenda, do padre Willy, que hoje é uma, uma escola né. Padre Willy ajudô muita gente, ajudô muita gente. Na época quem num pudia saí pra fora, duzentos e tanto menino numa fazenda aqui. Ele morreu pouco tempo (021 JGMOAF65 p. 3, l. 75 a 83).

A partir da biografia constante na Escola Estadual Padre Willy, em Jenipapo de Minas, Willhelmus Joannes Lelivéld, filho único de Christianus Joannes Lelivéld e Gertrudes Ord, nasceu na Holanda em 5 de fevereiro de 1918. Estudou com os salesianos na Bélgica e, desde cedo, descobriu que era chamado para o serviço de Deus. Formou-se em Teologia, ainda na Bélgica, durante os anos de 1946 a 1950 pela ordem que São Norberto fundou. Em 1950, chegou ao Brasil, no Rio de Janeiro, e começou a vivenciar uma realidade diferente da que conhecia, uma vez que era de família rica. No Vale do Jequitinhonha, instalou-se na região que engloba os municípios de Araçuaí, Coronel Murta, Virgem da Lapa e Berilo. Trabalhou como missionário entre 1953 a 1959, batizando e realizando casamentos, catequese com o povo mais sofrido e analfabeto da região. Em 1954, foi para Jenipapo, comunidade com poucos moradores que tinham o anseio de que a comunidade crescesse. Padre Willy, como vigário de Berilo na época, uniu-se à comunidade e, juntos, começaram a traçar os passos para o desenvolvimento, tendo sido fundamental na ajuda ao senhor Manoel Rodrigues dos Santos na fundação de Jenipapo. Posteriormente, o padre comprou e doou lotes aos mais necessitados e ainda contribuiu para que o Ensino Médio chegassem a Jenipapo, o que faz com que sempre seja lembrado e homenageado pela população. Nas palavras da autora da biografia⁶⁵, Padre Willy, que faleceu em 8 de abril de 2007, “é sem dúvida o ombro que sustentou as pedras de grande valia para a construção da nossa Jenipapo. Hoje, Jenipapo de Minas, que num simples gesto de gratidão tem em uma de suas ruas o seu lindo nome”. Importante ressaltar que a influência não é apenas no nome do distrito, pois existem ruas e escola que carregam seu

⁶⁵ Completa como anexo desta tese.

nome. Além disso, o padroeiro de Lelivéldia é São Norberto, um santo pouco conhecido e difundido no Vale do Jequitinhonha.

Lelivéld significa ‘campo dos lírios’ e na região não existem lírios, portanto, não é possível afirmar que a causa denominativa sempre coincide com a motivação semântica depreendida do topônimo. Muitas vezes, torna-se difícil a identificação da causa denominativa de um topônimo devido ao distanciamento temporal e espacial entre o pesquisador e o local nomeado. Assim, uma busca em dicionários etimológicos permite identificar a motivação semântica, mas a causa denominativa exige que o pesquisador procure estar no local da pesquisa e procure conhecer a região.

6.2.2.5. Topônimos ligados à topografia

A quinta categoria mais recorrente, de natureza física, refere-se aos topônimos que têm como motivação semântica as características do relevo do lugar nomeado tanto no que diz respeito à elevação como depressão, os geomorfotopônimos com 22/252, ou seja, 9% dos topônimos. Nestes casos, geralmente, a motivação semântica coincide com a causa denominativa, sendo a lexia utilizada no ato de nomeação fidedigna à topografia do lugar nomeado. Alto e baixo, por exemplo, são elementos topográficos que indicam a parte mais alta e a parte mais baixa, acrescentados a alguns nomes já existentes como *Bravo*, *Caititu*, *Corrente*, *Salinas*, *Morro Redondo*, em virtude da expansão destas comunidades.

No léxico toponímico do Médio Jequitinhonha, a estratégia de utilizar as características topográficas do lugar para atribuir-lhe um nome apareceu principalmente nos compostos com o uso das lexias *alto*, *baixo*, *monte*, *morro*, *vale* e *vargem*. *Alto Bravo*, *Alto Caititu*, *Alto Morro Redondo*, *Baixa Quente*, *Baixo Morro Redondo*, *Monte Alegre*, *Monte Alto*, *Morro Redondo*, *Vale do Jequitinhonha*, *Vargem Grande* e *Vargem João Alves*. Assim como elementos hidrográficos, 8 acidentes geográficos topográficos se toponimizaram, conforme demonstrado abaixo.

Quadro 18: Termos genéricos (topográficos) toponimizados no Médio Jequitinhonha

Termo originalmente genérico	Termo toponimizado (nomes de comunidades)
Chapada	Chapada do Lagoão Chapadão
Monte	Monte Alegre Monte Alto
Morro	Morro Redondo
Vale	Vale do Jequitinhonha
Vargem	Vargem Grande Vargem João Alves

Fonte: Elaboração própria, 2022.

6.2.2.6. Outros topônimos

Além destas 6 categorias taxonômicas mais recorrentes (hidrotopônimos, fitotopônimos, hierotopônimos, antropotopônimos, geomorfotopônimos e zootopônimos), outras que são importantes para o conhecimento do contexto histórico e sociocultural da região foram constatadas no léxico toponímico da região, a saber: 14 animotopônimos, 12 litotopônimos, 7 hodotopônimos, 5 ergotopônimos, 4 etnotopônimos, 4 poliotopônimos, 4 sociotopônimos 4 ecotopônimos, 3 corotopônimos, 3 dirrematopônimos, e 1 numerotopônimos que são importantes para compreendermos a toponímia da região como reflexo de aspectos históricos e socioculturais.

O termo *pasmado*, que foi classificado como um animotopônimo possui duas acepções: 1) adjetivo- muito admirado, espantado e 2. Substantivo masculino – pau ou mourão fincado que resta depois do desaparecimento de uma porteira. Em Itinga, há duas versões para o surgimento do nome. Uma das versões vem da explicação de José Claudio Pinto, historiador que pesquisa sobre o município de Itinga que lançou em 2010 o livro Memórias de Itinga. Segundo José Claudio Pinto, conhecido como Jô Pinto, o nome se deve ao fato de as pessoas ficarem muito espantadas, assustadas com o barulho que ouviam com frequência:

Antigamente dava muito estrondos que hoje a gente sabe o que que é, estava explorando então o minero, a terra tremia e as pessoas falavam que ficavam, que ficavam pasmadas, então ficava com medo, né, aí elas ficavam pasmados, então o nome **Pasmado** é por isso, que tava nessa região ela dava muito estrondo nessa região e aí o pessoal mais velho falava que eles ficava pasmados, e aí a palavra pegô. (013ITIJCM45, LINHAS 287 A 290, 2021).

Além desta versão de José Cladionor, existe outra versão contada por Sandro Neres, artesão e morador do Pasmado. Em entrevista concedida à rádio Bonsucesso de Minas Novas, Sandro, cuja vó era filha de indígenas revela que o nome se deu em virtude da vista que se tem do alto de uma serra próxima à localidade. Neste local, que inclusive há tocas indígenas com pinturas rupestres, segundo ele, tem-se uma vista admirável e quando as pessoas chegam lá ficam admiradas, pasmadas com o que se vê. Nesta mesma reportagem, há o relato de dona Maria Batista de que inicialmente o nome do lugar era Forno de Telha e lá existiam instalações de produção de telhas antes de os moradores fabricarem panelas e outros artesanatos de barro e o nome ser Pasmado⁶⁶. As duas versões, apesar de diferentes, condizem com a acepção de muito admirado, espantado e por este motivo optamos por classificar os topônimos *Pasmado*, *Pasmadinho* e *Pasmado Empedrado* como animotopônimos.

Os topônimos *Vai Lavando* (dirrematopônimo) e *Pega* (animotopônimo), por exemplo, demonstram que, apesar de todo o contexto de escravatura e do baixo número de topônimos de origem africana, por algumas vezes, o negro se torna protagonista de acontecimentos que definem topônimos no Médio Jequitinhonha, configurando-se como elemento que une passado e presente e ajuda a contar a história das comunidades, mantendo-a viva na memória dos moradores, pois estes aspectos históricos e socioculturais com os geográficos, constituem o ambiente social.

O nome Vai Lavando surgiu no período da mineração no município de Berilo, na época denominado de Água Suja. Conforme relatos orais, os escravizados lavavam o ouro em um córrego e sujavam a água, fazendo com que chegasse bem suja no próximo córrego surgindo, assim, os 3 topônimos *Água Limpa*, *Vai Lavando* e *Água Suja* que são comunidades rurais de Berilo. A comunidade do *Pega* está localizada no município de Virgem da Lapa e recebeu este nome também por um acontecimento no local, como relatado na entrevista 024VDLMOF90:

É **Pega**. Aqui é o lugá que pegava os iscravo. É. Lá do ôtro lado do ri chama **Pega**. E aqui ês trevessa... posso falá? Aí os, os iscravo curria e trevessava o rio, aí eu numo lembro, minha sogra que contava né? Conto a história que minha sogra contava. E aí do ôtro lado do ri era uma mata virge e lá ês pegava os iscravo a trôco de cachorro.

⁶⁶ Domingos, A. Rádio Bom Sucesso de Minas Novas. Disponível em <https://www.facebook.com/profile/100023915783179/search/?q=Pasmado> acesso em 13 de janeiro de 2023.

Agora do lado daqui que eu moro tem uma pedra, chama pedra de Adão, ês iscundia nessa pedra, dibaixo dessa pedra. 024VDLMOF90 páginas 3/4, linhas 91 a 104.

Abaixo, está uma foto da localidade à qual a entrevistada se refere, a comunidade do *Pega*, em que vemos o rio que os escravizados atravessavam para fugir e a pedra atrás da qual se escondiam. Normalmente, acontecia uma briga no lugar e ali eram pegos pelos donos das fazendas, sendo este fato da história regional a causa denominativa para a denominação do lugar.

Figura 21: Rio e pedra de Adão na comunidade do Pega



Fonte: A autora, 2022.

Sendo assim, topônimos *Vai Lavando* e *Pega*, encontrados nesta pesquisa, permitem-nos concordar com Isquierdo e Oliveira (1998) ao afirmarem que o léxico, por ser o nível da língua que mais revela as crenças, hábitos e valores de comunidade, conserva uma relação estreita com a história cultural de determinada localidade. Estes nomes, mais que instrumentos utilizados para marcar ou identificar um lugar, transformam-se “em um fundo de memória, de natureza documental tão valiosa e significativa como os textos escritos” (DICK, 1996, p.337). Isso porque, como enfatiza Sapir (1969), “a língua é o que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes” e ainda determina a linguagem como o “guia da simbolização da cultura” (SAPIR, 1969, p.45).

Dick (1990a) destaca que os topônimos, com uma função identificadora, guardam em sua estrutura imanente “uma significação precisa, muitas vezes não mais transparente em virtude da opacidade que esses nomes adquirem, ao distanciarem de suas condicionantes tempo-espaciais” (DICK, 1990a, p. 41), como acontece com Cachimboetê, Catutiba, Empoeira e Tibussu, em que parece ter havido, com o tempo, um esvaziamento semântico da significação originária. *Empoeira* vem do verbo empoeirar e, na explicação dos moradores do lugar, deve-se ao fato de o lugar ter muita poeira e as pessoas irem lá e saírem empoeiradas. Com isso, existe a possibilidade de *Empoeira* ter surgido por meio do processo de hipercorreção, em virtude de mudanças fonéticas ocorridas com o tempo no nome *Ipueira*, termo indígena que significa curso da água extinto, braço ou canal de rio que não corre, seco (DICK, 1990b, p.70), o que não pode ser comprovado por falta de fontes.

Além de José Gonçalves de Minas, já discutido na subseção dos antropotopônimos, *Jenipapo de Minas*, *Taquaral de Minas* e *Tocoiós de Minas*, que antes eram simplesmente *Jenipapo*, *Taquaral* e *Tocoiós*, receberam o acréscimo do termo “de Minas” como forma de identificação geográfica quando passaram pelo processo de emancipação político-administrativa. Para Costa (1970), a expressão “de Minas” foi acrescentada com a finalidade de, sem suprimir o nome antigo (de origem indígena), propiciar a diferenciação de topônimos duplicados em outros estados.

Setúbal é um nome que a princípio não apresenta característica do lugar. Mas a região recebeu muitos portugueses que, quando chegaram ao Brasil, muitas vezes substituíam os nomes de lugares já existentes, mesmo que o atual nada tivesse a ver com o local, segundo relata Santiago (1999):

Apesar do nome Belo Monte ou Belmonte, não há montanhas, ou morro, nem uma colina sequer, num rio de muitos quilômetros em torno da área ocupada pela localidade. O nome parece ser o de uma cidade em Portugal. A razão dessa escolha inusitada está numa carta de instrução recebida pelo ouvidor e Desembargador Tomé Couceiro- o mesmo que instalou a vila; são palavras da dita carta “ ‘ ‘Ordena também. S. Majestade, que assim naquelas povoações chamadas aldeyas que já estão domesticadas, com as que de novo se estabelecerem [com] índios descidos; logo que estes de descerem no competente número, se vão estabelecendo novas Vilas e se vão abolindo nelas os bárbaros e antigos nomes que tiverem; e se lhe vão impondo outros novos de cidades ou vilas deste Reyno (SANTIAGO, 1999, p.20).

O deste Reyno refere-se a Portugal, o que justifica, por exemplo, o topônimo *Setúbal* que nomeia um rio, uma comunidade rural e uma barragem, não ter nenhuma relação com as características físicas, geográficas ou sociais dos lugares que recebem tal nome.

Além de descrever e discutir as taxes mais recorrentes, cumpre-nos discorrer sobre uma característica da toponímia do Médio Jequitinhonha que é a formação de topônimos por meio do processo de derivação por acréscimo de sufixo que, de acordo com Bechara (2009) “dificilmente aparecem com uma só aplicação; em regra, revestem-se de múltiplas acepções (...)” (BECHARA, 2009, p.357). No nosso *corpus*, registramos 28/252, o que equivale a 11% dos topônimos formados por derivação sufixal, alguns mais transparentes em relação à noção de sufixação: a) sufixo *eiro* (*a*) e *al* – para significar abundância, aglomeração, coleção⁶⁷ (Coqueiros, Barreiros, Laranjeira, Macieira, Palmeiras, Arrozal, Bananal (córrego), Bananal (comunidade), Palmital, Taquaral); b) para significar causa produtora, lugar onde se encontra ou se faz a coisa denotada pela palavra primitiva (*Cruzeiro*); c) sufixo *uda* para formar adjetivos (Barriguda); d) aumentativo (Areão, Chapadão, Caldeirão, Paredão, Poção e Teixeirão); e)diminutivo (Calhauzinho, Campinhos, Corguinho, Intinguinha, Itinguinha, Lagoinha, Lajinha, Lapinha, Pasmadinho e Teixeirinha).

Destes 28 topônimos formados por derivação sufixal, 25 são classificados com taxe de natureza física, apenas *Cruzeiro* (hierotopônimo), *Teixeirinha* e *Teixeirão* (antropotopônimo) são topônimos de natureza antropológica. Importante ressaltar que, inclusive, o sobrenome Teixeira foi modificado com o acréscimo de sufixo aumentativo e diminutivo para a formação de novos topônimos. Isso nos permite afirmar que é inquestionável a importância da Onomástica que, “muito mais do que um mero fator auxiliar do agir e do viver individual ou coletivo; é indício de rumos tomados pelos falares ao longo dos períodos históricos, de comportamentos presentes no cotidiano e de atitudes morais ou operosas valorizadas pela população” (DICK, 2007, p. 144).

6.2.3. Variação e mudança toponímica no médio Jequitinhonha

Sobre variação e mudança dos nomes de lugares, a pesquisa está pautada em Dauzat (1926), que define *variação* como as modificações, sejam fonéticas, lexicais ou morfossintáticas, sofridas pelos topônimos, e as *mudanças* que compreendem as substituições (espontâneas ou sistemáticas) e transformações que os nomes de lugares sofrem ao longo do tempo.

⁶⁷ Conforme Bechara 2009, p.359.

6.2.3.1. Variação

Entendemos como variante lexical toponímica as escolhas do denominador quando se refere ao nome de um lugar no eixo paradigmático da linguagem. Sendo a variação inerente ao sistema linguístico, os dados desta pesquisa apresentaram variantes linguísticas, sejam fonéticas, gráficas ou morfossintáticas que designam um lugar, como apresentado a seguir.

- *Dados escritos*

Em relação à variação, nos dados escritos, não foram levados em conta os topônimos *Mandinga*, que aparece como *Mandiga*; *Baixa Quente* grafado como *Barra Quente*; *Areião* por *Areão*; *Curuto* no lugar de *Coruto* e *Condonga* ao invés de *Candonga* como variações, por se tratar de possível erro de digitação nas cartas geográficas do IBGE (2010). Sendo assim, as variações encontradas foram:

Gráficas: *Jenipapo~Genipapo*; *Araçuá~Arassuai~Arassuahy*; *Água Suja~Ágoa Suja⁶⁸~Ágoa Cuja⁶⁹*; *Igicatu ~ Ijicatu*;

Fonética: *Setúbal~Setuba⁷⁰*.

Lexical: *Água Fria Fábrica~Fábrica*; *Araçuá~Calhau*; *Francisco Badaró~Sucuriú*; *Ouro Fino~Freire Cardoso*; *Itira~Barra do Pontal*; *Jequitinhonha~Rio Grande*.

Morfossintática: *córrego do Bola~córrego do Bolas*.

Em relação à variação gráfica nos dados escritos, constatamos apenas um caso que é a ausência do l no final da palavra Setúbal, nos relatos de viagem de Saint-Hilaire, quando esteve no Brasil de 1816 a 1822. “Nessa orla, entre Sucuriú e **Setuba**, as caatingas assemelhavam-se singularmente aos bosques” (...) (SAINT-HILAIRE, 1975 [1830], p. 233).

- *Dados orais*

Fonética: *Água Fria Lobato~Água Fria Lobat’; Berilo~Beril’Alagadiço~Lagadiço~Alagadiç’*; *córrego do Alegre~corgo do Alegre*; *Alto Bravo~Brav’; Bem*

⁶⁸ Carta geográfica, 1767. Disponível em: <http://www.repositoriotoponimia.com.br/busca>.

⁶⁹ Registro de batizado livro 1, folha 105verso, 1804.

⁷⁰ SAINT-HILAIRE, 1975[1830], p.233.

Querer~Bem Querê; Barreiros~Barreiro~Barrero; Baixa Quente~Baxa Quent'~Baxa; Cabeceira de Zabelê~Cabicera de Zabelê; Caititu~Catitu; Cachimboetê~Cachimboete; Cachoeira da Barra~Cachuera da Barra; Calhauzinho~Calhauzin~Caiauzin; Campolino~Campulin'~Capulin'; Cansanção~Casanção; Córrego da Velha do Meio~Córrego da Velha do Mei'; Córrego Seco~Corgo Sec'; córrego do Cipó~corgo do Cipó; Corrente~Corrent'; Cruzeiro~Cruzero; Coruto~Curut'; Empoeira~Empoera~Impuera; Funil~Funili; Hermógenes~Hermóginis~Hermógis ; Ijicatu~Jicatu; Barra do Pontal~Barra do Pontali; Jenipapo~Jenipap'; Jequitinhonha~Jequitionha; José Gonçalves~Zé Gonçalv'; Macieira~Maciera; Maurícios~Moriço; Malhada~Mailada; Moquém~Muquém~Muquin; Morro Redondo~Morredondo; Muçambê~Maçambé; córrego Olho d'água~corgo Olho D'água; Pasmadinho~Pasmadin; Passagem~Passage; Pasmado~Pasmad'; Paulinos~Polino; Ribeirão~Reberão; Rosário~Rusaro; Córrego do Bolas~Corgo do Bolas; Sucuriú~Sucruíú; Setúbal~Setuba⁷¹~Situba~Setubo; Vai Vir~Vai Vi~Vai Vim; Santo Antônio~Sant'Antônio; Tabuleiro~Tabulero; Teixeira~Texera; Teixeirinha~Texerinha; Teixeirão~Texerão; Vargem Grande~Varge Grande e Virgem da Lapa~Virdalapa~Virge da Lapa.

Lexical: Araçuai~Calhau~Kiau; Itira~Barra do Pontal; Coronel Murta~Itaporé; Itira~Barra do Pontal; José Gonçalves de Minas~Gangorras e Ijicatu~Buriti~Buriti Quebrado.

Morfossintática: Água Fria Alves~Água Fria dos Alves; Alfredo Graça~Graça; Engenheiro Schnoor~Schnoor; Jacaré~Jacaré das cobras; e José Gonçalves de Minas~Zé Gonçalves.

Em relação aos dados orais, ocorreram as seguintes variações fonéticas: a) abaixamento ou elevação das pretônicas (*Ribeirão~Reberão, Rosário~Rusaro*); b) redução de ditongos (*Cachoeira~Cachuera, Cabeceira~Cabicera, Caititu~Catitu, Barreiro~Barrero, Baixa~Cruzeiro~ Cruzero, Empoeira~Empoera, Macieira~Maciera, Tabuleiro~Tabulero, Teixeira~Texera, Teixeirinha~Texerinha, Teixeirão~Texerão*); c) ausência do r no final dos nomes (*Vai Vir~Vai Vi, Bem-Querer~Bem Querê*); d) ausência do m final, desnalização (*Vargem~Varge, Virgem~Vige*); e) ausência do n no meio da palavra, desnalização (*Cansanção~Casanção, Jequitinhonha~ Jequitionha*); f) prótese (*José Gonçalves~Zé Gonçalves*); g) supressão de consoantes, vogais ou sílabas finais (*Lobato~Lobat', Berilo~Beril', Alagadiço~Alagadiç', Bravo~Brav', Quente~Quent', Campolino~Campulin', Jenipapo~Jenipap' Mei', Corrente~Corrent', Coruto~Curut', Pasmado~Pasmad'*,

⁷¹ SAINT-HILAIRE, (1975[1830], p.233).

Pasmadinho~Pasmadin, Calhauzinho~Calhauzin); h) supressão de vogais no início das palavras (Ijicatu~Jicatu, Alagadiço~Lagadiço) i) paragoge (Funil~Funili, Pontal~Pontali); j) aglutinação, com apóstrofo (Santo Antônio~Sant'Antônio); k)síncope (Córrego~Corgo, Hermógenes~Hermogis); l) substituição de ditongo por uma vogal (Paulino~Polino, Maurício~Moriço); m) alteração da sílaba tônica (Cachimboetê~Cachimboete); n) alteração de consoante de lugar (Sucuriú~Sucruiú).

No que se refere às variações lexicais, encontramos pessoas que ainda utilizam a primeira denominação do lugar. Itira é o topônimo atual, mas ainda se usa a variante Barra do Pontal “*I: Não, um é lá na Barra do Pontali, pra lá um pouco da Barra do Pontali. Tendeu?*” (017ARALOM66). “*(...)perto da Barra do Pontal, ele já rapaz foi pra lá”* (...) (009ARADBM53). O mesmo acontece com Ijicatu que ainda convive com as variantes Buriti e Buriti Quebrado. “*Daqui de Buriti ni Berilo, uns 40 minutos. (...) eu tô ino lá no Buriti Quebrado*” (023JGMOAF65).

As variações morfossintáticas ocorreram: a) *por meio do acréscimo de sintagma presposicional* (Agua Fria Alves~Água Fria **dos** Alves, Jacaré~Jacaré das Cobras); b) *redução do topônimo* (Alfredo Graça~Graça, Engenheiro Schnoor~Schnoor e José Gonaçalves de Minas~Zé Gonçalves).

6.2.3.2. Mudança

Os nomes de lugares tendem a conservar a primeira denominação por um longo tempo e às vezes para sempre. Por serem integrantes do sistema lexical de uma língua, estão sujeitos à mudança ao longo dos tempos a fim de acompanhar as transformações socioculturais ou políticas da sociedade.

Sobre mudança no nível onomástico-lexical, seguindo Dauzat (1926), ela pode ser dividida em dois tipos: mudança por *substituição*, quando um topônimo é substituído por outro; e mudança por *transformações*, quando o mesmo topônimo sofre alterações fonéticas ou apenas gráficas, quando passa um topônimo de uma língua para outra. Em relação às substituições, elas podem ser espontâneas, quando não existe uma lei ou decreto de substituição e sistemáticas, quando os nomes são trocados por alguma lei elaborada pelo poder público, ou seja, como uma imposição do novo nome.

Na presente pesquisa, foram encontrados 13/252 topônimos que sofreram mudança por substituição, o que corresponde a 5,15% dos dados e os outros 239/252, ou seja, 94,85%, se mantiveram. Os 13 topônimos que sofreram mudança são apresentados abaixo por meio de um quadro em que é mostrado o topônimo atual e seu histórico de mudança utilizando o díple divergente < indicando que o termo antecedente provém do posterior.

Quadro 19: Topônimos que sofreram mudança por substituição

Nome atual	Histórico dos nomes ⁷²
1. Araçuaí	Araçuaí ⁷³ <Arassuaí (1887)<Calhau (município,1887)<Arassuaí(município,1871)<Arassuahy (sede de distrito, 1857)<Calhau (distrito, 1850).
2. Berilo	Berilo (1923)<Água Limpa (1887)<Vila de Nossa Senhora da Conceição de Água Suja (1729).
3. Coronel Murta	Coronel Murta (1953)< Itaporé (1923) < Boa Vista do Jequitinhonha (1908).
4. Francisco Badaró	Francisco Badaró (a partir de 1948) Vila de Nossa Senhora da Conceição do Sucuriú< Sucuriú < Arraial Velho (1732).
5. Freire Cardoso	Freire Cardoso < Ouro Fino.
6. Itinga	Itinga (1854) < Santo Antônio da Barra do Rio Itinga< Itinga.
7. Itira	Itira (1943)<Barra do Pontal (até 30/12/1943)<Bom Jesus do Pontal
8. Jenipapo de Minas	Jenipapo de Minas (1995)< Jenipapo(1954).
9. José Gonçalves de Minas	José Gonçalves de Minas (1995)<José Gonçalves<Gangorras (1850).
10. Lelivélidia	Lelivélidia<Lamarão (1953).
11. Taquaral de Minas	Taquaral de Minas (2015)<Taquaral (1954) .
12. Tocoiós de Minas	Tocoiós de Minas (1985)<Tocoiós.
13. Virgem da Lapa	Virgem da Lapa (1948)<São Domingos do Araçuaí (1729)

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Em relação ao tipo de mudança dos 13 topônimos listados acima, foi constatado:

Mudança por substituição

a) Espontânea

- Por substituição total dos itens léxicos
 - 1) Freire Cardoso<Ouro Fino.
 - 2) Lelivélidia<Lamarão.

b) Sistemática

- Por substituição total dos itens lexicais
 - 1) Araçuaí<Arassuaí<Calhau<Arassuahy<Calhau.

⁷² Dados retirados do site do IBGE e sites oficiais dos municípios.

⁷³ Grafia retificada de Arassuaí partir de 27/12/1948 pela lei estadual de nº 333.

- 2) Berilo < Água Limpa < Vila de Nossa Senhora da Conceição de Água Suja.
 - 3) Coronel Murta < Itaporé < Boa Vista do Jequitinhonha.
 - 4) Francisco Badaró < Sucuriú < Arraial Velho.
 - 5) Itira < Barra do Pontal
 - 6) José Gonçalves de Minas < José Gonçalves < Gangorras.
 - 7) Virgem da Lapa < São Domingos do Araçuaí.
- Por redução dos itens lexicais
 - 1) Itinga < Santo Antônio da Barra do Rio Itinga.
 - Por acréscimo de itens lexicais
 - 1) Jenipapo de Minas < Jenipapo.
 - 2) Taquaral de Minas < Taquaral.
 - 3) Tocoiós de Minas < Tocoiós.

Os 13 topônimos que sofreram mudança por substituição são acidentes humanos (municípios e distritos). *Freire Cardoso* < *Ouro Fino* e *Leliveldia* < *Lamarão* foram considerados como substituição espontânea, uma vez que não foram encontradas leis de substituição. Os outros 11 topônimos sofreram mudança por substituição sistemática, que aconteceu em virtude de um novo acontecimento envolvendo o lugar, geralmente sua emancipação político-administrativa, elevação de categoria, ou ainda, com a finalidade de prestar homenagem a alguma pessoa tida como importante para a história do lugar. Dentre as mudanças ocorridas, algumas foram mais profundas e alteraram completamente a motivação semântica, como a mudança de *Itaporé* para *Coronel Murta*, *Sucuriú* para *Francisco Badaró* e *Gangorras* para *José Gonçalves de Minas*. Outras, entretanto, apenas receberam um acréscimo como forma identificadora da localização geográfica do lugar, por existirem outros lugares homônimos como foi o caso de Jenipapo, Taquaral e Tocoiós em que foi acrescentado o termo *de Minas* para evidenciar que são localidades situadas no estado de Minas Gerais.

Em relação ao uso do topônimo atual ou do mais antigo, a faixa etária é um fator que favorece o uso das variantes simultaneamente, assim como é um indício de que no futuro os primeiros nomes tendem a não ser mais utilizados como são hoje pelos moradores com mais de 60 anos, exceto em associações já registradas com o primeiro nome, como é o caso da Abita, Associação Beneficente de Itaporé (nome anterior a Coronel Murta), que ainda é a forma utilizada nos veículos, conforme figura 23 abaixo.

Figura 23: Foto de veículo com o nome Itaporé em 2022



Fonte: A autora, 2022.

Os entrevistados que se encaixam na 2^a e 3^a faixa etárias, ou seja, com mais de 40 anos, utilizaram espontaneamente tanto os topônimos atuais *Coronel Murta, Francisco Badaró, Itira, Lelivéldia, Freire Cardoso e Ijicatu* quanto os mais antigos *Itaporé, Sucuriú, Barra do Pontal, Lamarão, Ouro Fino e Buriti*, conforme exemplos abaixo:

I: Aí depois o entreporto, depois que Araçuaí começou a desenvolvê o porto começo ser, ser ni Araçuaí, eles mudaram a rota, invêz de, de vim por aqui, eles começaram a vim por **Itaporé**. (013ITIJCM45 linhas 424-426)

I: É. Olha, é, é, escuta aqui. A população, Araçuaí quando começou não sei se você já ouviu falá na **Barra do Pontal**. Já conhece lá? (017ARALOM66 linhas 199-200)

I: Ainda se encontra. Capivara, é selvagem? Capivara, lobo, pro lado de **Lamarão** ali, ó. Nós, um dia... (018BERIAF60, linhas 137-138).

I: É bem longe. Daqui lá gente gasta uns 40 minutos, né? Uns 40 minutos daqui de Berilo, né? Daqui de **Buriti** ni Berilo, uns 40 minutos. (023JGMOAF65 linhas 517-518).

Por outro lado, os entrevistados da 1^a faixa etária, de 18 a 39 anos, quando questionados, alguns sabiam da existência de outro nome mais antigo, mas, espontaneamente, utilizam apenas os nomes atuais.

Importante ressaltar que dos 13 topônimos listados no quadro 11, *Ágoa suja*, *Sucuriú* e *São Domingos*, atuais *Berilo*, *Francisco Badaró* e *Virgem da Lapa*, já apareciam no mapa de Rocha (1777^a, 1778, 1793) de Miranda (1804) sendo, portanto, topônimos históricos⁷⁴ que faziam parte da Capitania de Minas nos séculos XVIII e XIX. Agoa Suja ~ Água Suja, atualmente Berilo, aparece na “carta geográfica” de 1767 na comarca de Serro Frio como arraial e em 1777a como *parochia*. O topônimo teve origem no nome de dois córregos que banham a cidade: córrego Água Suja e córrego Água Limpa. Sucuriú, atual Francisco Badaró, e suas variações Secoriu, Securiu, Securiu de Baxo, Securiu de Sima, Securiú de Baixo, aparecem em 1777a como capella da comarca de Serro Frio e, em 1804, como arraial. São Domingos, hoje município de Virgem da Lapa, aparece denominando uma capela em 1777, 1788 e 1793 e dando nome a um arraial em 1804.

Em relação aos nomes dos córregos, comunidades rurais, fazendas, lagoas, serras e cachoeiras, a toponímia do Médio Jequitinhonha se mostra conservadora, mantendo até a atualidade os nomes iniciais. *Sucuriú* é um vocábulo que nomeava um córrego e um município. No decorrer dos anos, houve mudança no nome do município que passou a se chamar *Francisco Badaró*, mas o nome do córrego continua *Sucuriú*; o que acontece também com o termo *Calhau* que, apesar de o nome do município ter mudado para *Araçuáí*, o ribeirão continua sendo *Calhauzinho*; *Água Limpa* e *Água Suja* já nomearam o atual município de *Berilo*, porém os córregos que foram causa denominativa dos primeiros nomes do município permanecem sendo *córrego Água Suja* e *córrego Água Limpa*; *Gangorras* era o antigo nome do atual município de José Gonçalves de Minas. O nome do município mudou, no entanto, o ribeirão que deu origem ao primeiro nome do lugar permanece com o nome de *Gangorras*. Isso se justifica por se tratar de nomes escolhidos pela comunidade, ao que Dick (1990a) atribui o nome de toponímia espontânea:

[...] em Toponímia, denominação espontânea, distinta daquela imposta por autoridades ou eventuais detentores do poder de mando e que, tantas vezes, se distinguem pelo distanciamento da realidade ambiental ou do gosto popular (DICK, 1990a, p. 294).

⁷⁴ Conforme <http://www.repositoriotoponomia.com.br/busca>. Acesso em: 7 out. 2021.

Tendo como característica evidenciar características ambientais, os acidentes físicos como córrego, ribeirão, lagoa, morro e cachoeira, tendem a conservar com mais frequência, a primeira denominação que lhe foi dada, “sendo avessos a mudanças de qualquer ordem, o que, talvez, até possa ser generalizado como regra inerente à Toponímia” (DICK, 1990b, p.III), como constatamos nesta subseção 5.2.3.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O homem escreve a sua história ao denominar os lugares em que vivencia suas experiências e essa história só se perpetuará e se manterá armazenada na memória de seu povo, se o topônimo passar a ser visto e preservado como um patrimônio cultural, ou um patrimônio linguístico-cultural de uma sociedade. (SEABRA, 2010 p.95).

Pereira (1969) evidenciou que o nordeste de Minas, onde se situa o Vale do Jequitinhonha, foi a primeira região de Minas em que os colonizadores adentraram em busca de pedras e metais preciosos. Nesse processo de exploração e formação, temos o rio como personagem principal, pois, por ser considerado rio diamantino, a coroa se declarou proprietária das riquezas do subsolo, o que fez com que o governo tentasse impedir mineração nele e em seus córregos, que eram numerosos. Posteriormente o Jequitinhonha tornou-se o ponto de aglomerações em seu entorno tanto pela sua riqueza ambicionada quanto por servir de meio de navegação para comercialização. A partir da miscigenação dos habitantes nativos, os indígenas da raça Tapuia, depois os portugueses, mestiços paulistas, mestiços da Costa da Bahia e sertanejos baianos, foram se formando núcleos populacionais às margens dos rios e ribeirões, sobrevivendo da agricultura, da pesca e da caça.

Pereira (1969) descreve ainda o sol ardente do sertão, a diversidade da fauna e flora da região, as serras, chapadas e a importância dos córregos para que haja locais com matas frescas chamadas capões e que são vistas de longe, frisando já ter início a pobreza de água no sertão naquela época em que diversos córregos já não eram perenes e muitos sequer tinham mais água em virtude da diminuição de chuvas, que na visão dele se dava em virtude “principalmente do empobrecimento dos mananciais” (Pereira, 1969, p. 45), bem como da destruição das florestas.

Esta diversidade de elementos que constituem a flora e a fauna, assim como a possível abundância de água na região em épocas antigas e características topográficas do lugar e riqueza mineral, são aspectos reproduzidos no léxico toponímico do Médio Vale do Jequitinhonha, quando os dados apontam 35/252 fitotopônimos, 16/251 zootopônimos, 56/252 hidrotopônimos, 22/252 geomorfotopônimos e 12/252 litotopônimos. Estes topônimos classificados com taxes de natureza física somam 141/252, o equivalente a 56% dos topônimos. Os hidrotopônimos, que é a taxonomia mais recorrente, mesmo não sendo predominância absoluta, correspondem a 22% dos dados.

Em relação às taxes relacionadas aos fatores ambientais antropoculturais, registramos 106/252 ocorrências, ou seja, 42% dos topônimos. As mais recorrentes foram os hierotopônimos com 30/252 (sendo 23 hagiotopônimos), os antropotopônimos com 27/252 e os animotopônimos com 14/252. Os 5/252 nomes lugares não classificados correspondem a 2% (cf. capítulo 4).

Esta predominância das taxes de natureza física, ainda que sutil, confirma a caracterização contrastante da realidade do Médio Jequitinhonha: a) de um lado, a riqueza destacada pelas potencialidades do subsolo, promissor em recursos minerais e a diversidade da flora e da fauna; b) de outro lado, a extrema pobreza em que vive grande parte de sua população em virtude da falta de um olhar cuidadoso e de proposição de políticas públicas pelos governantes.

Os resultados parciais da pesquisa de Seabra (2008, p.1950), realizada por meio do ATEMIG, revelam que no Médio Jequitinhonha, tendo como base os nomes dos municípios, as taxes com número maior de ocorrências são as de natureza física, sendo os hidrotopônimos a mais recorrente seguida dos fitotopônimos. Estes dados coincidem com os resultados da presente pesquisa, uma vez que na área geográfica do presente estudo, a Região Imediata de Araçuaí, registramos em nosso *corpus* 56/252 hidrotopônimos, o que equivale a 22%; 35/252 fitotopônimos, ou seja, 14%.

Quando considerados os mais de 80.000 nomes já coletados dos 853 municípios, Seabra (2011) constatou que, de natureza antropocultural, predominam os antropotopônimos. No presente estudo, com uma leve diferença predominaram os hierotopônimos com 30/252, equivalente a 12% e, na sequência, os antropotopônimos com 27/252 ocorrências, ou seja, 11%.

Quando analisamos a origem destes topônimos, apesar da forte presença do indígena e do negro na formação da região, dos 252 nomes de lugares, encontramos 40/252, o que corresponde a 16% de topônimos de origem indígena e 6/252 de origem africana, ou seja, 2%, predominando os topônimos de origem portuguesa com 201/252 ocorrências, o que totaliza 80% dos topônimos. Constatamos ainda um topônimo de origem alemã, um de origem holandesa e 3 não encontrados nos dicionários consultados (Catutiba, Tibussu e Cachimboetê) que totalizam 2%.

O léxico toponímico desempenha um papel fundamental neste resgate das origens de uma comunidade, contribuindo para que se mantenha na memória da população a

contribuição tão relevante dos povos indígenas e africanos na região. Dois povos que, em alguns momentos, se misturam na toponímia, pois existem comunidades quilombolas com nomes de origem indígena como: comunidade *quilombola de Mocó dos Pretos*, comunidade *quilombola Tocoiós de Minas*, comunidade *quilombola de Jenipapo*, comunidade *quilombola de Jequitibá* e comunidade quilombola da *Mutuca*.

Dos indígenas da região, restam-nos os vestígios linguísticos. Em relação aos negros, grupos descendentes dos quilombos, estes ainda são muito presentes no Médio Jequitinhonha, principalmente no município de Berilo. Fogaça (2017) registra que até 20 de maio de 2016, em Berilo havia 12 comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Palmares: Água Limpa de Baixo, Água Limpa de Cima, Alto Caititu, Muniz, Caititu do Meio, Mocó dos Pretos, Morrinhos, Quilombolas, Vila Santo Isidoro, Brejo, Cruzeiro e Tabuleiro e a comunidade Vai Lavando em processo de certificação.

Esta presença forte dos povos remanescentes dos quilombos mantém viva as tradições culturais que são repassadas de pai para filho, como batuque, congada, refeições durante a festa de Nossa Senhora do Rosário dos homens preto. Tal como consta no único livro da irmandade, esta festa foi criada em 1821 com o nome de *Venerável Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Água Suja da Minas Novas do Araçuaí*, conforme Fogaça (2017).

Tendo em vista a relação da língua e seu contexto histórico, social e cultural, condizente com as condições de produções de sentido de que os falantes fazem uso e que adquirem diferentes interpretações, é importante conhecer os nomes de lugares e os momentos históricos, sociais e culturais da comunidade no ato de nomeação. Este estudo possibilitou ratificar o assinalado por Dick (1996), de que os topônimos, essencialmente os ligados à história, são veículos de ideologia, isto porque, “o sistema denominativo que aciona é, assim, um reflexo de tudo aquilo que representa, cumulativamente, hábitos, usos, costumes, moral, ética, religião” (DICK, 1996, p.13).

Nesta perspectiva, o lugar é compreendido além de uma categoria alusiva à dimensão espacial, mas também como um local onde se é possível construir, restaurar e revelar a identidade de um povo, uma vez que “qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades” (BIDERMAN, 2001, p. 179). Logo, o léxico toponímico de uma região constitui-se em verdadeira fotografia léxico-histórica e sociocultural do lugar, legitimando nossa ideia de que

é impossível separar língua de cultura e que a língua é dinâmica. Corroborando Oliveira (2008), quando refletimos sobre o léxico toponímico, retratamos “a história sociocultural da constituição do léxico toponímico da língua portuguesa no país, na medida em que veiculam em seu conteúdo semântico características ideológicas, fatos políticos, culturais e históricos” (OLIVEIRA, 2008, p. 210/211).

Por fim, esta pesquisa confirma a relevância dos estudos toponímicos como uma ferramenta que possibilita resgatar e /ou revelar aspectos históricos e socioculturais dos lugares, demonstrando a realidade do ambiente em sua dicotomia física e antropocultural. Física no momento em que evidencia a fauna, flora, topografia, hidrografia de uma determinada região e antropocultural quando, a partir dos hierotopônimos, antropotopônimos e animotopônimos, conhecemos as crenças e personalidades que contribuíram com a formação da localidade. Ademais, podemos levar em conta a toponímia de uma localidade como uma fonte para enriquecer e /ou renovar o léxico quando, por exemplo, se cria a lexia *cachimboetê* a partir de possíveis elementos de línguas distintas (*cachimbo* da língua africana e *etê* sufixo tupi); quando se atribui a córrego uma nova acepção de aglomerado rural, ou ainda, quando se transformam as locuções verbais *vai lavando* e *vai vir* nos substantivos próprios Vai Lavando e Vai Vir~Vaivi.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, M. S. Hagiônimos em Goiás. In: AGUIAR, M.S; CASTRO, M.C.D e DIAS, A.L.C(orgs.). **Onomástica e identidade do homem em seu meio**. Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2018.P.81 a 113.
- ALBUM CHOROGRAPHICO de 1927. Disponível em https://www.albumchorographico1927.com.br/imprimir.php?mapa=2012_05_04_16_38_25_arassuary.jpg Acesso em 06 de dezembro de 2022.
- ALMEIDA, W.P. Jequi te amo. Cabralia, 1980.
- ALMEIDA, J. F. **Bíblia Sagrada**. Edição Revista e corrigida. São Paulo: Editora Sociedade Bíblica Brasileira, 1965.
- AMARAL, E.T.R. **O português falado em Minas**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013.
- AMARAL, E.T.R; SEIDE, M.S. **Nomes próprios de pessoa**: introdução à antropónímia brasileira. São Paulo: Edgard Blücher, 2020.

ANDRADE, K. S. **Atlas toponímico de origem indígena do estado de Tocantins.** Editora da PUC Goiás, 2010.

ANDRADE, K. S. **Atlas toponímico do Tocantis (Att):** criação de um software para a catalogação dos dados das fichas lexicográfico-toponímicas. Goiás, 2012. Disponível em <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/3902> acesso em 13 de outubro de 2022.

ANJOS, M.A.L. **Marcas toponímicas em solo piauiense:** seguindo as trilhas das águas. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos – Universidade Federal de Minas Gerais). Belo Horizonte, p.331. 2012

ANPOLL. Disponível em http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/?web=gtlex&lang=1&page=2329&menu=1547&tipo=1. Acesso em 02 de março de 2020.

ANTUNES, C. **Dicionário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha.** 1ª edição, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

ANTUNES, I. **Muito além da gramática:** por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ANTUNES, I. **O território das palavras:** estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

AULETE DIGITAL. **Lexikon Editora Digital Ltda,** 2018. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2020.

ARASSUAHY. Álbum chorographic de 1927. Disponível em https://www.albumchorographic1927.com.br/imprimir.php?mapa=2012_05_04_16_38_25_arassuary.jpg acesso em 30 de novembro de 2022

BARROS, L. A. **Curso Básico de Terminologia.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

BARBOSA, Osmar. **Dicionário de nomes próprios, indígenas e afro-brasileiros.** Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1986.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. **Dicionário Histórico Geográfico de Minas Gerais.** Belo Horizonte: Coleção Reconquista do Brasil, 1995.

BARRETO, R.O. **Cartografia dos modos de ser da velhice e trabalho rurais do Médio Vale do Jequitinhonha.** Tese (Doutorado em Administração – Universidade Federal de Minas Gerais). Belo Horizonte, p.335. 2018.

BASÍLIO, M. **Teoria Lexical.** São Paulo: Ática S.A,1987.

BEAUREPAIRE-ROHAN. **Dicionário de vocábulos brasileiros.** Livraria Progresso Editôra, 1956[1889].

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa.** 37^a edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira e Editora Lucerna, 2009.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral II.** Tradução Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1989.

BIDERMAN, M.T.C. A estrutura mental do léxico. In: **Estudos de filologia e linguística.** Homenagem a Isaac Nicolau Salum. São Paulo: T.A. Queiroz / Edusp, 1981. P.131-145.

BIDERMAN, M.T.C **Dimensões da palavra.** Filologia e Linguística portuguesa, n 2. Araraquara, 1998. P. 81-118.

BIDERMAN, M.T.C. **Teoria linguística** (linguística quantitativa e computacional). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2001.

BIDERMAN, M. T. C. Unidades complexas do léxico. In: RIO-TORTO, G. et al. (Org.). **Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela.** Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005. P. 747–757.

BEAUREPAIRE-ROHAN. **Dicionário de vocábulos brasileiros.** Bahia: Livraria Progresso Editora, 1956 [1889].

BLUTEAU, R. **Vocabulário Portuguez e Latino.** Coimbra: Collegio das Artes, 1712- 1728. 10v.

BNB (b). **Carta topográfica da Vila do príncipe no Serro Frio e do seu distrito.** [17--]. Desenho a tinta ferrogálica, 56 x 65,5 cm. ARC.030,01,013. BN Digital. Disponível em <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/docannexe/image/2366/img-2.jpg> Acesso em 28 de novembro de 2022.

BRAGANÇA JUNIOR; HARTL. I. M. **Viagem ao Brasil do príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied** (1815 a 1817). Rio de Janeiro. Kapa Editorial, 2001.

CABRERA, G.T. **Sobre toponomástica.** Philologica canarie. Las Palmas de Gran Canarias: REBIUN, n. 8-9, p. 191-206, 2002-2003. Disponível em http://www.canatlantico.ulpgc.es/pdf/8/7/Sobre_toponomastica.pdf acesso em 02 de janeiro de 2023.

CALAZANS, E. **Foto do encontro dos rios Araçuaí e Jequitinhonha.** Novembro, 2022.

CALAZANS, E. **Mapa das culturas.** 2022.

CÂMARA JR., J.M. **Dicionário de linguística e gramática referente à língua portuguesa.** Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

CAMINHAS, F.G. **Mapa das regiões geográficas de Minas Gerais.** 2023.

CARDOSO, A.L. **Toponímia Brasílica**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora Vol.9. ,1961.

CARVALHINHOS, P.J. **Variantes lexicais na toponímia portuguesa: os elementos genéricos (entidades geográficas) denominados**. Estudo de caso: diferenças terminológicas entre português do Brasil e português europeu. Cadernos do CNLF (CiFEFil), Rio de Janeiro, Volume XI, no.11 - Léxico e Semântica, pp. 177-194, 2009 (c). Disponível em http://www.filologia.org.br/xicnlf/11/Cad11_XICNLF.pdf

CARVALHINHOS, P.J; ANTUNES, A.M. **Princípios teóricos de Toponímia e Antropónima**. A questão do nome próprio. Cadernos do CNLF. Livro dos Minicursos. RJ: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. Vol. XI, nº. 2, Rio de Janeiro, 2007.

CARVALHINHOS, P. J. Toponímia- Onomástica e Lexicologia: o léxico toponímico como catalisador de fundo de memória. Estudo de caso: os sociotopônimos de Aveiro. **Revista USP**. São Paulo, v. 56. pp. 172 - 179, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33819>. Acesso em 31 de maio de 2021.

CARVALHO, M.E.F. **Língua e cultura no norte de Minas**: a toponímia do município de Montes Claros. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos – Universidade Federal de Minas Gerais). Belo Horizonte, p. 225. 2010.

CARVALHO, A.P.M.A. **Hagiotoponímia em Minas Gerais. Tese**. (Doutorado em Estudos Linguísticos – Universidade Federal de Minas Gerais). Belo Horizonte, p.823. 2014.

CARVALHO FRANCO. **Bandeiras e Bandeirantes de São Paulo**. Série: 5^a, vol.181.Biblioteca Pedagógica Brasileira. São Paulo-Rio de Janeiro-Recife-Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1940.

CASTRO, M.C.D. Revisão aos graus de motivação na toponímia Maranhense. In: AGUIAR, M.S; CASTRO, M.C.D e DIAS, A.L.C(orgs.). **Onomástica e a Identidade do homem**. Editora Imprensa Universitária, Goiânia, 2018.P.33 a 55.

CASTRO, M.C.D. Graus de motivação e toponímia maranhense. Simpósio 15 - **Linguística histórica e onomástica: línguas românicas, línguas indígenas e línguas de sinais**, 391-410. Università del Salento, 2017. Disponível em: file:///D:/Downloads/17793-123611-1-PB.pdf. Acesso em 31 de maio de 2021.

CASTRO, Y.P. **Falares africanos na Bahia**: um vocabulário afro-brasileiro.2^a edição. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005[2001].

CEDEFES. **Relação das comunidades negras quilombolas em Minas Gerais**. Disponível em <https://www.cedefes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/Relacao-CNQ-em-Minas-Gerais-actualizadaem04062021.pdf> acesso em fevereiro 2023.

CEDEFES (Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva). **Comunidades quilombolas de Minas Gerais no século XXI – História e resistência.** Belo Horizonte: Autêntica/CEDEFES, 2008.

CODEVALE. **Vale do Jequitinhonha:** informações básicas. Belo Horizonte, 1986.

COHEN, Maria Antonieta A. M. **A língua portuguesa no território mineiro:** variação linguística. In: Português: língua pátria, fator de identidade e resistência. Coleções Lições de Minas. Vol. VIII, Belo Horizonte: Secretaria de Educação de Minas Gerais, 2000, p.45-51.

COHEN, M.A.A.M; RAMOS, J.M. **Dialeto mineiro e outras falas:** estudo de variação e mudança linguística. Universidade Federal de Minas Gerais, FALE, 2002.

COHEN, M.A.A.M. A importância dos projetos Filologia Bandeirante (1998-2002) e Pelas Trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais (2002-2004). In: COHEN, M.A.A.M; ROCHA, A.P.A; SEABRA, M.T.C; COELHO, S.M. (orgs). **Anais do 1º encontro sobre a diversidade linguística de Minas Gerais: cultura e Memória.** P.20-26. Ouro Preto, MG, 2011.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução 510/16,** disponível em <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf> acesso em 12 de dezembro de 2020.

CORDEIRO, M.J. **Estudo linguístico no Vale do Jequitinhonha:** o léxico de Minas Novas. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos – Universidade Federal de Minas Gerais). Belo Horizonte, p.291. 2013.

CORDEIRO, M.J. **Litotoponímia mineira.** Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos – Universidade Federal de Minas Gerais). Belo Horizonte, p. 542. 2018.

COSTA, Joaquim Ribeiro. **Toponímia de Minas Gerais:** com estudo histórico da divisão territorial administrativa. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1970.

CUNHA, A.G. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi.** São Paulo: Melhoramentos, 1978.

CUNHA, A.G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DARGEL, A.P.T.P. SOUSA, A.M. **Onomástica:** interdisciplinaridade e interfaces. GTLex | Uberlândia | vol. 3, n. 1 | jul. – dez. 2017.

DAUZAT, A. **Les noms de lieux:** origine et évolution. Paris: Librairie Delagrave, 1926.

DICK, M.V.P.A. O problema das taxionomias toponímicas: uma contribuição metodológica in **Língua e Literatura**, Vol. 4, P.373-380. UNICAMP, São Paulo, 1975.

DICK, M.V.P.A. **A motivação toponímica:** princípios teóricos e modelos taxeonômicos. (Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo). São Paulo, p.366. 1980.

DICK, M.V.P.A. **A Motivação Toponímica:** Princípios teóricos e Modelos Taxionômicos. São Paulo; FFLCHAJSP, 1990.

DICK, M.V.P.A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira.** São Paulo: Arquivo do Estado, 1990a.

DICK, M.V.P.A. **Toponímia e antropónima no Brasil.** Coletânea de estudos. São Paulo: Impresso pelo Serviço de Artes Gráficas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 1990b.

DICK, M.V.P.A. Atlas Toponímico: um Estudo de Caso, *in Acta Semiótica et Linguística*, vol. 6. São Paulo, 1996.

DICK, M.V.P.A. Métodos e Questões Terminológicas na onomástica. Estudo de Caso: O Atlas Toponímico do Estado de São Paulo. *In: Investigações Linguísticas e Teoria Literária.* Recife, UFPE: v. 9, p.119-148, 1999.

DICK, M.V.P.A. A língua de São Paulo. São Paulo: **Revista USP**, n.63, setembro/novembro 2004.

DICK, M.V.P.A. Atlas toponímico do Brasil: teoria e prática II. **Revista Trama - Volume 3 - Número 5 - P. 141-155.1º Semestre de 2007.**

DIEGUES JUNIOR, M. **Regiões Culturais do Brasil.** Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1960.

DINIZ, H. N.; PEREIRA, P. R. B.; PEREIRA, S. Y.; GUTJAHR, M. R.; TORRIGO, M. **Utilização de curvas de depleção de rios para estimativa de parâmetros hidrodinâmicos de aquíferos freáticos:** exemplo da bacia do rio Capivari, Centro-Sul do Estado de São Paulo, 1998.

DOGLIANI, E.; COHEN, M.A.A.M. **Pelas Trilhas de Minas:** a língua nas Gerais. Belo Horizonte: FALE UFMG, 2011.

DOMINGOS, A. **Artesanato de Pasmado:** Itinga em Foco. Disponível em <https://www.facebook.com/profile/100023915783179/search/?q=Pasmado> acesso em 13 de janeiro de 2023.

DUBOIS, J.et al. **Dicionário de linguística.** São Paulo: Cultrix, 2000.

DURANTI, A. **Antropologia Linguística.** Madrid; Cambridge University Press, 2000.

ESTADO DE MINAS. **Nos 260 anos de anexação a Minas, Jequitinhonha revela seus contrastes,** 2017. Disponível em:

<https://www.em.com.br/app/noticia/especiais/jequitinhonha/2017/06/01/jequitinhonha,873524/jequitinhonha-terra-dos-contrastes.shtml> Acesso em 27 de outubro 2022.

ESTADO DE MINAS. **Projeto Peixe Vivo.** Disponível em
Disponível em <http://peixevivocemig.blogspot.com/2012/07/cemig-desenvolve-estudo-sobre-peixes-do.html> acesso em 06/12/22

FAGGION, C.M; DAL CORNO, G.O.M; FROSI, V.M. Topônimos em Bento Gonçalves: motivação e caracterização. In: **Métis: história e cultura.** v. 1, n. 1 (2002). Caxias do Sul: Educs, 2008.

FAGGION, C. M.; MISTURINI, B. Toponímia e memória: nomes e lembranças na cidade. **Linha D'Água,** [S. l.], v. 27, n. 2, p. 141-157, 2014. DOI: 10.11606/issn.2236-4242.v27i2p141-157. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/83370>.

Acesso em: 19 fev. 2022

FARACO, Carlos Alberto. **História do Português.** São Paulo: Parábola, 2019.

FARIA, G.C.S. **Tradição e memória:** um estudo antropônimo dos nomes de logradouros da cidade de Ponte Nova –Minas Gerais. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos – Universidade federal de Minas Gerais). Belo Horizonte, p.686.2017.

FERRAZ, A. P. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: SEABRA, M. C. T. C. O. (Org.). **O Léxico em estudo.** Faculdade de Letras, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio.** São Paulo: Nova Fronteira, 1975.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio**, versão 5.0. São Paulo: Nova Fronteira, 2004. CD-ROM.

FERREIRA NETO, W; RODRIGUES.A.C.S. **Transcrição de inquéritos:** problemas e sugestões. Filologia bandeirante, 2000.

FIGUEIREDO, C. **Novo dicionário da língua portuguesa**, 1913.

FOGAÇA, S. **Quilombos do Vale do Jequitinhonha:** Música e Memória. 1. ed. - São Paulo: Nota Musical Comunicação, 2017.

FRANCISCO BADARÓ. Disponível em
<https://www.franciscobadaró.mg.gov.br/site/prefeitura/conheca-nossa-cidade/historico/>
Acesso em 24 de junho de 2021.

FREITAS, C.J. O léxico da Serra do Cipó. In: COHEN, M.A.A.M; ROCHA, A.P.A; SEABRA, M.T.C; COELHO, S.M. (orgs). **Anais do 1º encontro sobre a diversidade linguística de Minas Gerais: cultura e Memória.** P.181-185. Ouro Preto, MG, 2011.

FREITAS, C.J. **Café com quebra torto: um estudo léxico-cultural da Serra do Cipó-MG.** Dissertação (Estudos Linguísticos –Universidade Federal de Minas Gerais). Belo Horizonte, p.302. 2012.

GAZETA DE ARAÇUAÍ. **Racismo ambiental.** Disponível em <https://acervo.racismoambiental.net.br/2013/08/20/mg-em-leliveldia-vizinhos-da-hidreletrica-de-irape-clamam-por-agua/> acesso em 13 de janeiro 2023.

GERAES, P.A.C.G. SIQUEIRA, K.M.F. Duas praças, quatro nomes: considerações acerca da nomeação espontânea em Piracanjuba (Go). **Palimpsesto**, Nº 28, ano 17, P. 380-397. Goiás, 2018.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOVERNO DE MINAS GERAIS. Disponível em <https://www.mg.gov.br/conteudo/conheca-minas/geografia/localizacao-geografica> acesso em 05 de abril de 2021.

GUÉRIOS, R. F. M. **Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes.** 2^a edição. São Paulo: Ave Maria, 1973.

GUÉRIOS, R. F. M. **Dicionários de etimologias da Língua Portuguesa.** 5^a edição, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

GUIA GERAIS DE MINAS MESORREGIÕES. Disponível em <https://www.guiagerais.com.br/minas-gerais/mesorregioes/> acesso em 07 de outubro de 2022.

GUIMARÃES, A.P. **Vale do Médio Jequitinhonha.** Publicação do Grupo de Trabalho para a pecuária. Belo Horizonte, 1960.

GUIRAUD, P. **A semântica.** São Paulo: Difel, 1986 [1 ed. *La sémantique*, 1955].

HENRIQUES, M.S. **Sobre o vale do Jequitinhonha.** Disponível em <https://www.ufmg.br/polojequitinhonha/o-vale/sobre-o-vale-do-jequitinhonha/> Acesso em 19 de março de 2021.

HOUAISS, A; VILLAR, M.S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IBGE. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**, vol.VII, 1960.

IBGE. **Mapa Municipal Estatístico.** Escala 1:100.000. Ministério do Planejamento Orçamento e Gestão. Rio de Janeiro, 2010.

IBGE. **Divisão Regional do Brasil em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias**, 2017. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100600.pdf> Acesso em 12 de outubro de 2021.

IBGE. **José Gonçalves de Minas.** Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/jose-goncalves-de-minas/historico> Acesso em 12 de outubro de 2021.

IBGE. **Virgem da Lapa.** Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/virgem-da-lapa/historico> Acesso em 12 de outubro de 2021.

IBGE. **Jenipapo de Minas.** Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/jenipapo-de-minas/historico> Acesso em 12 de outubro de 2021.

IBGE. **Coronel Murta.** Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/coronel-murta/historico> Acesso em 12 de outubro de 2021.

IBGE. **Francisco Badaró.** Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/francisco-badaró/historico> Acesso em 12 de outubro de 2021.

IBGE. **Itinga.** Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/itinga/historico> Acesso em 12 de outubro de 2021.

IBGE. **Araçuaí.** Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/aracuai/historico> Acesso em 12 de outubro de 2021.

IBGE. **Berilo.** Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/berilo/historico> Acesso em 12 de outubro de 2021.

IPATRIMÔNIMO. Patrimônio brasileiro. Disponível em <http://www.ipatrimonio.org/aracuai-prefeitura/> Acesso em 23 de setembro de 2022.

ISQUERDO, Aparecida Negri. O Fato Linguístico como Recorte da Realidade Sociocultural. Tese (Doutorado em Letras - UNESP). Araraquara, 1996.

ISQUERDO, Aparecida Negri. “A Toponímia como signo de representação de uma realidade”. **Fronteiras: Revista de História.** 2: jul. /Dez.31 - 32, Campo Grande, 1997, p. 31- 32.

ISQUERDO, A. N. TAVARES, M. C. A questão da estrutura morfológica dos topônimos: um estudo na toponímia sul-mato-grossense. In.: **SIGNUM: Estudos da Linguagem.** Londrina, n. 9/2, p.273-288, dez. 2006.

ISQUERDO, Aparecida. Negri. Léxico regional e léxico toponímico: interfaces linguísticas, históricas e culturais. In. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia.** v. VI. Campo Grande: Editora da UFMS, 2012, p. 115- 139.

ISQUERDO, A. N. **Toponímia ATEMS:** caminhos metodológicos. Vol 1. Editora UFMS.Campo Grande, 2019.

JARDIM, Maria Nelly Lages. **O vale e a vida:** história do Jequitinhonha. Belo Horizonte: Armazém das Ideias, 1998.

JUNIOR E LAMEIRA DE ANDRADE. **Grammatica da Língua Portugueza para uso dos Gymnasios, Lyceus e Escolas Normaes.** 3^a edição, 1907.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola, 2008[1972].

LEITE, M.Q. **Aspectos de uma língua na cidade: marcas da transformação social no léxico.** São Paulo: Humanitas, 2003.

LEITE DE VASCONCELOS, J. **Antropónimia portuguesa.** Lisboa: Imprensa Nacional, 1928.

LEITE DE VASCONCELOS, J. Onomatologia. **Opúsculos**, v. III, Lisboa, 1931.

LIBERATO, R.S.B. ROCHA, C. Mangutando culturas: indígenas construindo segurança alimentar e nutricional no Vale do Jequitinhonha. **Ateliê Geográfico Goiânia-GO** v. 6, n. 3 (Ed. Especial) out /2012 p. 95-112.

LIMA, E.C. **Nomes de possível origem africana na toponímia de Minas Gerais:** pressupostos teóricos e metodológicos da pesquisa toponímica. Cadernos do CNLF, Vol. XV, Nº 5, t. 3. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. P.2075-2095.

LIMA, R.V. **Descrição de compostos toponímicos e formalização para processamento automático de linguagem natural.** Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos - Universidade Federal do Espírito Santo). Espírito Santo, p.131. 2010.

LOBATO, P.H. **Nos 260 anos de anexação a Minas, Jequitinhonha revela seus contrastes.** Disponível em

<https://www.em.com.br/app/noticia/especiais/jequitinhonha/2017/06/01/jequitinhonha,873524/jequitinhonha-terra-dos-contrastess.shtml> Acesso em Dezembro 2022.

LYONS, J. **Semantics.** Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa.** Lisboa: Editorial Confluência, 1984. 3 vols.

MARQUES, R.M. **Entre o global e o local:** cultura popular do Vale do Jequitinhonha e reciclagens culturais, 2000.

MARTELOTTA, M. E; AREAS, E.K. **A visão funcionalista da linguagem no século XX.** In: CUNHA, M.A. F; OLIVEIRA, M. R; MARTELOTTA, M.E. (org.). **Linguística funcional: teoria e prática.** RJ: DP&A, 2003.P.17-28.

MARTINS, M.L. O Jequitinhonha dos viajantes, séculos XIX e XX: olhares diversos sobre as relações sociedade – natureza no nordeste mineiro. **VARIA HISTORIA**, Belo Horizonte, vol. 24, nº 40: p.707-728, jul. /Dez 2008

MATOS, J.R.C. **Mapa dos rios Doce e Jequitinhonha e seus afluentes, no estado brasileiro de Minas Gerais, na região sudeste (1776-1839).** Disponível em <https://www.loc.gov/item/2021668348> acesso em 28 de novembro de 2022.

MELO, P. A. G. de. Uma interface línguo-cultural: um estudo onomástico em topônimos da microrregião alagoana do Sertão do São Francisco. **Revista Memento**, Minas Gerais, UNINCOR, vol. 3, n. 1, janeiro-julho, 2012.

MENDES, T.M. **Léxico toponímico de Diamantina**: língua, cultura e memória.2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos - Universidade Federal de Minas Minas Gerais). Belo Horizonte, p.227. 2010.

MENDES, A.A. **Uma breve análise a respeito dos nomes próprios**. Cadernos do CNLF, Vol. XVI, Nº 04, t. 1 – Anais do XVI CNLF, 2012. P. 1243- 1253.

MENDES, A.A. **A ausência ou a presença de artigo definido diante de nomes próprios na fala dos moradores da zona rural de Abre Campo e Matipó – MG**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos- Universidade Federal de Minas Gerais). Belo Horizonte, p.188. 2009.

MENDONÇA, R. **A influência africana no português do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935[1933].

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Disponível em <https://www.gov.br/saude/pt-br> acesso em 11 de outubro de 2020.

MIRANDA, V.M. R. **Léxico e cultura**: estudo linguístico na área rural de Sabinópolis. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos – Universidade Federal de Minas Gerais). Belo Horizonte, p.263.2013

MIRANDA, C.L. **Carta Geographica da Capitania de Minas Geraes**, 1804. Disponível em <http://www.repositoriotoponimia.com.br/busca> acesso 20 de fev.2021.

MORENO, Cezar. **A colonização e o povoamento do baixo Jequitinhonha no século XIX: A guerra contra os índios**. Belo Horizonte: Canoa das Letras, 2001.

MOURA, Margarida Maria. **Campões**. 2. Ed. São Paulo: Ática. 1988.

MURTA, P.L.A. **Anotações do Coronel Inácio Carlos Moreira Murta**. Coronel Murta, 2021.

NASCENTES, A. **Bases para a elaboração de um atlas linguístico do Brasil**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958.

NASCENTES, A. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, 1952.

NASCENTES, A. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, 1955.

NASCENTES, A. **Dicionário Ilustrado da língua portuguesa da academia brasileira de letras.** Volumes I, II, III, IV, V e VI. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1976.

NASCIMENTO, I.R. **Mapa da Região Imediata de Araçuaí**, 2021.

NASCIMENTO, R.V; ANDRADE, K.S; PEREIRA, C.M.R.B.P. Toponímia e Geografia Cultural: tecendo fios de investigações no âmbito da interdisciplinaridade. In SEABRA, M.C.T.C; ISQUERDO, A.N. **Revista Estudos da Linguagem**. V.23, nº3. P.1003-1029. Fale, UFMG, 2018.

NASCIMENTO, E.C. Vale do Jequitinhonha: Entre a carência social e a riqueza cultural. **Revista de Artes e Humanidades**. Nº 4. Maio-outubro, 2009.

NAVARRO, E.A. **Tupi antigo:** a língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Global, 2013.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2011.

OGDEN, C.K.; RICHARDS, I. A. **The Meaning of Meaning**. A study of the influence of language upon thought and of the science of symbolism. 4^a edição, Londres, 1936[1923].

OGDEN, C.K.; RICHARDS, I. A. **O Significado de significado:** um estudo da influência da linguagem sobre o pensamento e sobre a ciência do simbolismo. Tradução de Álvaro Cabral. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

OLIVEIRA, L. R; ISQUERDO, A.N. Mecanismos de classificação semântica: um estudo da toponímia de acidentes humanos rurais no município de Rio Negro-MS. **Revista Philologus**, ano 26, nº78. CiFEFiL, set/dez.2020. p.2139-2155.

OLIVEIRA, Cláudia; FREITAS, Maria Cláudia de. Classes de palavras e etiquetagem na Linguística Computacional. **Calidoscópio**, Porto Alegre, v. 4, n. 3, p. 179-188, 2006.

PAIVA, C. A. **População e economia nas Minas Gerais do século XIX**. Tese (Doutorado - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo). São Paulo, p. 254. 1996

PEIRCE, C.S. **Semiótica e Filosofia**. São Paulo: Cultrix,1975.

PEIXOTO, A. **Bugrinha**. Francisco Alves, 2^a edição, 1924[1922].

PEREIRA, M.A.S. **O léxico da cachaça de Salinas**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos – Universidade Federal de Minas Gerais). Belo Horizonte, p.376.2021

PEREIRA, L. **O município de Araçuaí**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1969.

PEREIRA, E.C. **Grammatica Expositiva**. Weiszflog irmãos editora & CO, 1907.

PIMENTEL, P.C.G. **A toponímia da região central mineira.** Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos- Universidade Federal de Minas Gerais). Belo Horizonte, p. 272. 2015.

PINTO, J.C.S. **Memórias de Itinga.** Governo de Minas, FECULT, 2010.

PLATÃO. **Os diálogos de Platão.** Tradução de Carlos Alberto Nunes. v. IX: Teeteto – Crátilo. Belém: Editora UFP, 1973.

PLATO. **Cratylus.** 360 B.C. Translated by Benjamin Jowett. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/6697253/Plato-Cratylus>. Acesso em: 07 de abril 2021.

POEL, F.V. **Bibliografia do Jequitinhonha e outras coisas de lá.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas, 1986.

POEL, F.V. **Dicionário da religiosidade popular:** cultura e religião no Brasil. Curitiba: Nossa Cultura, 2013.

PREFEITURA DE ARAÇUAÍ. **História do município.** Disponível em <https://www.aracuai.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/aracuai---nossa-historia-nossa-origem/6501> acesso em 23 de setembro de 2022.

PREFEITURA DE SALINAS. **História de Salinas.** Disponível em <https://www.salinas.mg.gov.br/portal/servicos/1001/historia-de-salinas/> acesso em 06/12/22.

QUEIROZ, S. **Pé preto no barro branco:** a língua dos negros da Tabatinga [online]. 2nd ed. rev. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018, 149 p. ISBN: 978-85-423-0305-6. Disponível em <https://books.scielo.org/id/hz6s2/pdf/queiroz-9788542303056.pdf> acesso em out.2022

RAMOS, F.M.SILVA.C.A. **Tratado das Alcunhas Alentejanas.** 4ª edição. Lisboa: Edições Colibri, 2013.

RIBEIRO, José; ZÁGARI, Mário; PASSINI, José; GAIO, Antônio. **Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais (EALMG).** I. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

RIBEIRO, R.F. **Campesinato:** resistência e mudança – o caso dos atingidos por barragens do Vale do Jequitinhonha. Dissertação (Mestrado em Sociologia - Universidade Federal de Minas Gerais). Belo Horizonte, 1993.

RIBEIRO, G.A. O vocabulário rural de Passos/Minas Gerais: um estudo linguístico nos sertões do Jacuhi. In: COHEN, M.A.A.M; ROCHA, A.P.A; SEABRA, M.T.C; COELHO, S.M. (orgs). **Anais do 1º encontro sobre a diversidade linguística de Minas Gerais: cultura e Memória.** P.194-201. Ouro Preto, MG, 2011.

RIBEIRO, E.M. AYRES, E.B. GALIZONI, F.M. ALMEIDA, A.F. PEREIRA, V.G. Programas sociais, mudanças e condições de vida na agricultura familiar do Vale do Jequitinhonha Mineiro. **Revista de Economia e Sociologia Rural.** 52 (2), jun. 2014.

ROCHA, A. P. A.; RAMOS, J. M. Estudos de dialetologia em Minas Gerais: breve histórico. In: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A. **Estudos Linguísticos e Literários.** (UFBA) nº 41/2010-1, 2010.

ROCHA, A.P. A importância do “esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais” (1977) e do projeto “Atlas Linguístico do Brasil” para a descrição e análise da diversidade linguística de Minas Gerais. In: COHEN, M.A.A.M; ROCHA, A.P.A; SEABRA, M.T.C; COELHO, S.M. (orgs). **Anais do 1º encontro sobre a diversidade linguística de Minas Gerais: cultura e Memória.** P.12-19. Ouro Preto, MG, 2011.

ROCHA, J.J. **Mappa da Capitania de Minas Geraes**, 1767, 1777a, 1778 e 1793. Disponível em <http://www.repositoriotoponimia.com.br/busca> acesso em 20 de fevereiro 2021.

ROCHA, J.J. **Geografia histórica da Capitania de Minas Gerais.** Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1995. p.132.

RODRIGUES, C.M. Os mapas sertanistas das pedras brilhantes. In: **Dossiê trajetórias de geógrafos.** Terra brasilis: revista da rede brasileira da história da geografia e geografia histórica, 2017. Disponível em <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/2366> acesso em 28 de novembro de 2022.

ROSSI, N. **Atlas prévio dos falares baianos.** Rio de Janeiro: INL, 1963.

SAINT-HILAIRE, A. **Viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais.** Tradução de Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1975[1830].

SALAZAR-QUIJADA, A. **La toponímia en Venezuela.** Caracas: Universidad Central de Venezuela, Facultad de Ciencias Económicas y Sociales, 1985.

SAMPAIO, T. **O tupi na geografia nacional.** São Paulo: Instituto Histórico e geográfico de São Paulo, 1987[1901].

SANTIAGO, L. **O Vale dos Boqueirões:** história do vale do Jequitinhonha. Almenara: Edição Boca das Caatingas, 1999.

SANTIAGO, L.C.M. Processo tardio de colonização do Médio e Baixo Jequitinhonha. In: SOUZA, J.V.A; HENRIQUES, M.S. (org.). **Vale do Jequitinhonha: formação histórica, populações e movimentos.** Belo Horizonte: UFMG/PROEX, 2010.P.71-81.

SANTOS, J.G. **O nome e o lugar:** a toponímia na região central de Minas Gerais. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos - Universidade Federal de Minas Gerais). Belo Horizonte, p.241. 2012.

SANTOS, L.S. **O léxico de remanescentes de comunidades garimpeiras do Alto Jequitinhonha – MG.** Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos – Universidade Federal de Minas Gerais). Belo Horizonte, p. 128. 2015.

SANTOS, M.M. D., SEABRA, M. C. T. C., COSTA, A. G. **Toponímia Histórica de Minas Gerais:** do Setecentos ao Oitocentos Joanino – Registro em Mapas da Capitania e das Comarcas. Belo Horizonte: MHNJB/UFMG/IHGMG, 2017. Disponível em www.repositoriotoponimia.com.br

SANTOS, L.A.A. **Cultura e identidade no léxico das canções das lavadeiras do Vale do Jequitinhonha.** Dissertação (Mestrado em Letras - Universidade Vale do Rio Verde). Três Corações, p.115. 2018.

SANTOS, A.C. **A codevale e o discurso desenvolvimentista do estado no Vale do Jequitinhonha entre 1960 a 1980.** Dissertação (Mestrado Profissional Interdisciplinar em Ciências Humanas – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri). Diamantina, p. 130. 2018

SAPIR, E. **Linguística como Ciência.** Seleção - Tradução - Notas de J. M. Câmara Jr. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969[1928-1929-1931].

SAUSSURE. F. **Curso de linguística geral.** 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995[1916].

SEABRA, M. C. T.C. **A Formação e a Fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais: A Toponímia da região do Carmo.** Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos - Universidade Federal de Minas Gerais). Belo Horizonte, p.368. 2004.

SEABRA, M. C. T.C. **Referência e onomástica,** 2008. Disponível em: http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_442.pdf. Acesso em 22 de abril de 2020

SEABRA, M.C.T.C. Toponímia do Vale: passado e presente. In: SOUZA, J.V.A; HENRIQUES, M.S. (org.). **Vale do Jequitinhonha: formação histórica, populações e movimentos.** Belo Horizonte: UFMG/PROEX, 2010.P.83-96.

SEABRA, M.C.T.C; LIMA, E.C. Africanismos da Toponímia do Triângulo Mineiro: resultados parciais do Projeto ATEMIG. In: COHEN, M.A.A.M; ROCHA, A.P.A; SEABRA, M.T.C; COELHO, S.M. (orgs). **Anais do 1º encontro sobre a diversidade linguística de Minas Gerais: cultura e Memória.** P.186-193. Ouro Preto, MG, 2011.

SEABRA, M.C.T.C. A importância do projeto ATEMIG – Atlas Toponímico de Minas Gerais para a descrição e análise da diversidade linguística de Minas Gerais. In: COHEN, M.A.A.M; ROCHA, A.P.A; SEABRA, M.T.C; COELHO, S.M. (orgs). **Anais do 1º encontro sobre a diversidade linguística de Minas Gerais: cultura e Memória.** P.30-35. Ouro Preto, MG, 2011.

SEABRA, M. C. T.C. **Língua, cultura, léxico. Linguagem, Sociedade e Discurso,** cap. IV. ENEB, UFMG, 2015.

SEABRA, M. C. T. C., ISQUERDO, A. N. A Onomástica em diferentes perspectivas: resultados de pesquisas. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 26, n. 3, p. 993-1000, 2018. Disponível em <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/issue/view/635>. Acesso em 19 de março de 2021.

SENNA, Nelson de. Nótulas sobre a toponímia geográfica brasílico-indígena em Minas Gerais. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, v.20, 1926.

SERVILHA, M.M. Vale do Jequitinhonha: a emergência de uma região. In: NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel (Org.). **Vale do Jequitinhonha: cultura e desenvolvimento**. Belo Horizonte: UFMG/PROEX, 2012. p. 22-50.

SILVA, Dalva Maria de Oliveira. **A arte de viver:** riqueza e pobreza no médio Jequitinhonha – Minas Gerais de 1970 a 1990. São Paulo: Educ, 2007.

SILVA, Antônio de Moraes. **Diccionario da Língua Portugueza**. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. 2v.

SOARES, G.C. **Os Borun do Watu:** os índios do Rio Doce. CEDEFES/MG, 1992.

SOARES, G.C. **Olhando o passado e construindo o bem viver na Aldeia Cinta Vermelha Jundiba**. Ouro Preto: UFOP, 2012.

SOARES, T.M. Geraes: uma história do Jequitinhonha. In: NOGUEIRA, M.D. P (org.). **Vale do Jequitinhonha: cultura e desenvolvimento**. Belo Horizonte: UFMG, PROEX. 2012. P.150 a 168.

SOARES, T.M. **Jequitinhonha:** 42 anos de travessia - de Vale da Miséria a Vale da Cultura. Editora Pedra Verde, 2020.

SOARES, A.G. CÂNDIDO, E.L. **Degradação ambiental do rio Araçuaí do ponto de vista da memória local**. XIII Congresso Nacional de Meio Ambiente de Poços de Caldas, MG, 2016.

SOLIS FONSECA, G. **La gente pasa, los nombres quedan. Introducción en la Toponímia**. Lima: Lengua y Sociedad, 1997.

SOUZA, J. **Negros pelo Vale**. 3^a edição. FALE, UFMG, 2014.

SOUZA, J.V.A; HENRIQUES, M.S. (orgs). **Vale do Jequitinhonha: formação histórica, populações e movimentos**. Universidade Federal de Minas Gerais/PROEX. Belo Horizonte, 2010.

SOUZA, J.B. **Dicionário da terra e da gente do Brasil**: onomástica geral da Geografia Brasileira. Editora Itatiaia, 2004.

SOUZA, J.W.A. Fontes para uma reflexão sobre a história do Vale do Jequitinhonha. **Unimontes científica**. Montes Claros, v.5, n.2, jul. /dez. 2003

SOUZA, A. **A língua portuguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura, 1960.

STEWART, G. R. *A classification of place names*. Tradução de Erasmo de Almeida Magalhães. *Names*, Beckerley, v. II, n. 1, p. 1-13, mar. 1954.

TARALLO, F. L. **Tempos linguísticos:** itinerário histórico da língua portuguesa. Editora Ática, 1990

TARALLO, F. L. **A pesquisa sociolinguística.** 6. ed. São Paulo: Ática, 1997.

TAYLOR, N. P.; ZAPPI D. C. **Cacti of Eastern Brazil.** Royal Botanic Gardens, Kew. 2004.

TAYLOR, N.P. ZAPPI, D. C.2020. **Cactaceae in Flora do Brasil 2020.** Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em:
<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB1595>. Acesso em: 20 out. 2021

TEIXEIRA, J.A. **O falar mineiro.** Revista do Arquivo municipal de São Paulo. São Paulo, nº 45, 1938.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TUAN, Y. -F. **Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

UFMG. **Grupo de trabalho de Lexicologia, Lexicografia da ANPOLL.** In: FACULDADE DE LETRAS- FALE. Disponível em:
http://www.letras.ufmg.br/padroao_cms/?web=gtlex&lang=1&page=2329&menu=1547&tipo=1. Acesso em 02 de março de 2020.

UFMG. **Saberes populares.** Disponível em
<https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/saberesplurais/municipio/berilo/> acesso em 20 fev. 2020

ULLMANN, S. **Semântica. Uma introdução à ciência do significado.** Tradução de J.A. Osório Mateus. 3^a edição. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1964.

VELOSO.A; MATOS, R. A rede de cidades do Vale do Jequitinhonha nos séculos XVIII e XIX. **Genomos** 6 (2). Belo Horizonte, 2013.

VIEGAS, M. do C. (Org.). **Minas é plural.** Belo Horizonte: UFMG, 2011.

VILLALTA, L.C. O cenário urbano em Minas Gerais Setecentista: ouseiros do Sagrado e do Profano. In.: **Termo de Mariana: história e documentação.** Ouro Preto: Editora da UFOP. Vol. 1, 1998;

VILELA, M. **Estudos em Lexicologia.** Coimbra: Almedina, 1994.

ZÁGARI, M. R. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, V. de A. (org.). **A geolinguística no Brasil:** caminhos e perspectivas. Londrina: Ed. UEL, 1998. p. 31-77.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Sou Shirlene Aparecida da Rocha, estudante do Curso de Doutorado em Estudos Linguísticos e estou convidando-o para participar como voluntário do Projeto de pesquisa intitulado "**Léxico toponímico do médio Jequitinhonha MG: revelação de aspectos históricos e socioculturais**", sob minha responsabilidade e com orientação da professora Doutora Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen. O objetivo da minha pesquisa é analisar quais relações existem entre os nomes dos lugares (rios, córregos, fazendas, povoados, ribeirões etc.) e aspectos sociais, culturais e históricos da região. A entrevista será uma conversa de, aproximadamente 30 minutos e gravada apenas em ÁUDIO, sem uso de imagem, onde falaremos sobre a flora, fauna, a cultura local, as tradições, enfim, a vida na região. Caso não se sinta à vontade para responder a alguma pergunta por achar que é muito pessoal ou que lhe causa algum desconforto, sinta-se à vontade para não responder. Todas as informações fornecidas terão sigilo absoluto e serão usadas, exclusivamente, para fins acadêmicos. Sua participação é voluntária, portanto, a qualquer momento ou fase da pesquisa poderá desistir de participar e, se tiver qualquer dúvida, poderá entrar em contato comigo, pessoalmente ou pelo telefone XXXXXXXX, e-mail shirlenerocha37@gmail.com e com a orientadora Doutora Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen, telefone XXXXXXXX, e-mail tilah@letras.ufmg.br, que estaremos à disposição para esclarecimentos necessários. Asseguro que os riscos que esta entrevista poderá trazer para você são riscos equivalentes aos existentes na vida cotidiana como: alteração da rotina diária, cansaço, emoções fortes por lembranças do passado, constrangimento por desconhecimento de algum tema abordado, e não trará nenhum benefício direto como direitos financeiros, mas, indiretamente, você estará contribuindo para um melhor conhecimento da história e cultura da nossa região e com o conhecimento científico. O material da entrevista será armazenado e somente utilizado mediante aprovação do Conselho de Ética e Pesquisa (CEP), localizado na Avenida Antônio Carlos 6627, Pampulha, Belo Horizonte- Minas Gerais, CEP: 31270-901, Unidade Administrativa II, 2º andar, sala 2005, telefone (31) 34094592, e-mail coep@prpq.ufmg.br que estará disponível para esclarecimentos de natureza ética. Encerrada a pesquisa, o material será guardado em arquivo físico (*pendrive*) e digital (drive do computador) por um período de 5 anos, conforme estabelece a Resolução CNS 510/2016.

Local e Data

Shirlene Aparecida da Rocha - Doutoranda

Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen – Orientadora

1). Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma via deste termo de consentimento.

Assinatura do participante da pesquisa

2) . Aceito que minha entrevista seja gravada em áudio e utilizada para fins acadêmicos.

Assinatura do participante da pesquisa

Impressão Digital, caso necessário



APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO DE UMA ENTREVISTA
ENTREVISTA: 014JEMFR46

Dados do Informante

Informante 14, 46 anos, masculino, ensino superior completo, natural do município de Jenipapo de Minas.

Dados da Entrevista

Data:	Duração:	Local:
10/02/2021	45min e 03segundos	Via telefone

Legenda: P=pesquisadora I= informante

TRANSCRIÇÃO ORTOGRÁFICA

P: Oi, FR. Dá pra gente falar agora, então né?

I: *Estou tranquilo, tô aqui à disposição.*

P: Então, está bom. Prometo que não vou tomar mais do que 30 minutos do seu tempo não, tá?

I: *Não, eu tô bem tranquilo, é porque agora, no final do, na verdade, assim, a gente tá encerrano o ano letivo agora, né, então a semana passada, já era pra eu tá de férias, mas, eu não consegui fechá o serviço de escola, e nem era o serviço que eu tinha que tá fazendo mesmo, mas eu tinha iniciado o serviço, então era minha obrigação fechá né. Aí passei a semana passada fechando as atividades da escola, porque hoje eu não tô na sala de aula, estou na biblioteca. Mas aí têm me solicitado alguns serviços, e aí eu comecei, fiquei uma semana aí trabalhando de graça, mas foi ontem, ontem que eu consegui fechá, aí fechô exatamente ontem, cê ligô no dia certin.*

P: Que bom.

I: *É, mas é com Deus, né, é o tempo, estamos num tempo diferente. Então, tô sempre aqui e a gente () mas graças a Deus não acontece nada né, tem muita coisa acontecendo.*

P: No atual cenário, a gente estar com saúde hoje já é a melhor benção. Então, vamos começar. Tudo bem?

I: *Tudo bem, tô de acordo, Shirlene. É Shirlene mesmo né?*

P: Shirlene. Seu nome completo, por favor.

I: *FR.*

P: Quantos anos, pode falar?

I: *46 anos.*

P: Ok, então vamos lá. Você nasceu onde, FR?

I: Eu nasci no hoje município de Jenipapo de Minas, na época era município de Francisco Badaró. É, eu nasci na beira do rio Setúbal, em meu domicílio, na verdade domicílio do meu pai, né, aqui na beira do rio Setúbal. Fica a dois quilômetros de, é da cidade de Jenipapo hoje, é rio acima, a gente diz.

P: E você reside no município há quanto tempo?

I: Desde que nasci. Eu só, só me ausentei do município por um período de cinco anos, foi o período que eu estudei, mas sempre morei aqui, sempre vivi aqui no município de Jenipapo'.

P: E seus pais também são aí da região?

I: Meus pais, sim, eles nasceram aqui também na mesma, no mesmo espaço né. Tem meus avós, bisavós que, realmente estes viveram aqui em Jenipapo mesmo.

P: Na mesma comunidade?

I: Na verdade nem chega a ser uma comunidade, assim é, só três famílias que vivem nesse espaço, vamos dizer assim, bem próximo da cidade, então não chega a ser um povoado, uma comunidade, como a gente entende hoje as nossas comunidades, é, rurais aqui do município. Então, como é bem próximo aqui da cidade, então sempre viveram aqui mesmo, enfim, no município aqui mesmo, em Jenipapo, então bem próximos aqui da cidade mesmo.

P: Vocês chamam os espaços da zona rural de comunidades, povoados? Como vocês denominam?

I: Aqui, Shirlene, a gente chama os espaços rurais de comunidades, aí de acordo com a proximidade das casas, né, assim das casas, do território, aí a gente vê assim como uma comunidade. Aqui, nós temos, me parece vinte e poucas comunidades hoje, e aí cada comunidade, assim, é, tem as suas características específicas, mas é isso. Tem a sede, né, aqui, a cidade de Jenipapo, e nós temos aí várias comunidades no município.

P: E o município de Jenipapo tem quantos habitantes atualmente?

I: Em torno de sete mil e pouco, assim, não me lembro. Me parece que o IBGE traz aí sete mil e cem, me parece em 2010, mas é sete mil e pouco.

P: E a maior parte é urbana ou rural?

I: Eu acredito que seja assim metade e metade. Acredito que a gente tenha perdido muito, assim, muito, as, o, que a gente perdeu muito, assim, () eu percebo que muitas comunidades que, antes, assim, tinham uma população maior, hoje têm muitas casas vazias, é, os jovens não mais querem permanecer na comunidade. Nós temos aqui o transporte, é, o transporte escolar né, pra estudar, e a grande maioria do município vem aqui pra cidade.

Num sei se isso também, né, faz com que os meninos vão crescendo, já imaginando que não vai morar lá no seu espaço né, saindo do seu espaço desde cedo, e eu não tenho números não. Eu realmente não sei os números hoje, mas imagino que é, seja metade, mas a zona urbana tem crescido, e a zona rural, a gente percebe que tem muitas casas vazias em algumas comunidades, famílias vão saindo, vão pros município, é, aí que tem cidades maiores, né. Mas ainda é um município rural, nós ainda temos é, essa característica muito forte, né. Eu vi alguém dizer que algumas, alguns municípios deveriam ser considerados urbanos né, só o município ()um buraco porque, realmente a cidade, ainda tem essa relação com o campo, né, as pessoas tão na cidade, mas se relacionam com o campo, trabalham lá, têm assim, essa relação forte, com o campo mesmo. Eu nasci na beira do rio Setúbal, que é o principal rio que corta aqui o município, tem um nome bem interessante, bem enigmático aí, eu até tenho curiosidade de entender isso, esse nome, de onde vem. Mas, então...

P: E só tem esse rio ou tem mais córregos no município?

I: *No município, tem é, vários córregos, né. Tem o corgo do Bolas, o córrego São José, o córrego Riberão de Areia, que, depois, dá origem ao córrego São João, que desce, passa no município de Francisco Badaró, é, mas esses córregos, hoje são todos, não são perenes mais, né. Até não muito tempo atrás, eram perenes, e hoje, já não são mais. Perene mesmo, nós temos o rio Setúbal, né.*

P: E nessas comunidades rurais oferece até o ensino médio ou só até o fundamental? Agora é tudo educação básica, mas...

I: *Bem, o município é, tem três, duas, três escolas estaduais aqui dentro do município de Jenipap'. Duas estão ativas, são bem próximas uma da outra. Uma tem até o nono ano e a outra tem até o ensino médio. A que tem até o ensino médio, ela é até considerada escola do campo, porque ela recebe, é, a grande a maioria dos alunos né, da zona rural, que é próximo da sede vem pra essa escola, é a Escola Nossa Senhora de Fátima. Éé, os alunos da comunidade de Riberão de Areia, Vila de São José, Riberão do Bosque, Bosque, Santana, Cipó, Curtume, Tamanduá, Istiva, Barra do Bolas, Capão, Cana Brava, Funil, Agrovila, Monte Alegre, inclusive, os mininos de Machad', que tão também no município de, de Araçuáí, são todos transportados pra estudar, a partir do médio, ou melhor, a partir do sexto ano dos anos finais do fundamental, já são transportados pra estudar nessas duas escolas aqui de Jenipapo. Inicialmente, eram todos na Escola Nossa Senhora de Fátima, mas, depois, a Nossa Senhora de Fátima passou a ser tempo integral o ensino médio, e não tá suportando,*

*é, em termos de número de alunos, os alunos estudam o dia inteiro lá, é, uma parte, então, pra o ensino fundamental, vai também pra a Escola Padre Willy. Isso aí éé, as comunidades que tão mais próximas aqui da sede. Tem uma outra comunidade lá, a gente chama assim, na ponta do município, porque já tá lá na divisa com Novo Cruzeiro, é uma escola também estadual, na **comunidade de Santo Antônio do Bolas**. Ali, as comunidades () a partir do sexto ano e ensino médio, tanto que as comunidades vizinhas lá , tudo nessa escola. Aí tem a **comunidade Muquém**, a **comunidade de Lagoa Grande**, comunidade, o próprio **Santantônio**. Aí também tem a **comunidade de Veredas**, é, que são comunidades próximas. Então, são algumas comunidades, assim, que são atendidas por essa comunidade **Santantônio**. É mais ou menos assim: do primeiro ao quinto ano, normalmente, são as escolas municipais que atendem, os alunos estudam nas escolas do município. E a partir do sexto ano, as escolas estaduais é que atendem à demanda da educação.*

P: E uma curiosidade: o nome é do Bolas?

I: *É, do Bolas (risos), São José do Bolas. Tem a **comunidade São José do Bolas** e tem **Córrego do Bolas**, do Bolas. Não é da Bola, não é das Bolas. Do Bolas.*

P: E você não sabe o porquê, de onde surgiu o nome?

I: *Não, não sei explicar porque.*

P: E você acha que esses córregos terem deixado de ser perenes tem a ver com a questão climática ou com interferência humana mesmo?

I: *Eu acredito que, é, na nossa região, o gado, né, o capim, eu acho foi uma das principais interferências assim, pra que a gente tivesse os problemas que a gente tem, né. O pé do gado, eu acho que fez uma devastação muito grande, assim. Tem muitas famílias né, que gosta de gado, o meu pai gosta de gado, sempre criou gado, sempre teve leite, sempre fez queijo, mas eu, eu vejo isso. Eu tenho um irmão que continua na zona rural, ele continua na atividade principal da pecuária, né, ele é menos agricultor e mais criador de gado, assim, não em grande quantidade, numa pequena quantidade e tal mas, é, por muito tempo, teve essa ligação, né. O meu pai sempre teve essa ligação. E eu vejo que o gado fez essa devastação, porque realmente eu acho que a atividade pecuária é o que mais influenciou nesses aspectos, né, principalmente, né. Porque, realmente, é, meus pais contam que... não vou conseguir lembrar aqui, Shirlene, mais assim, falava de 30 anos, acho que já deve ter uns 20 que eles me falaram isso, que teve um padre que falou assim: " óh, se continuar assim, daqui 30 anos,*

cês não vão ter água mais", que ele falava isso deve ter uns 50 anos atrás. E, realmente, assim, é isso mesmo, acho que é a nossa interferência, é a atividade agrícola, principalmente.

P: E as pessoas aí têm hábito de pescar, de ir para o rio para tomar banho?

I: Para o rio tomar banho, tinha até, até fazerem a Barragem, né, porque pescar, na verdade, a quantidade de peixes diminuiu, só via isso quando eu era menino e me lembro muito que se pescava bastante, viu. Era farturoso nesse sentido, tomar banho no rio era uma atividade, assim, muito frequente, né. Sou de família ribeirinha, né, eu sempre tomei banho no rio, até que, foi feita a Barragem...

P: Qual barragem que você fala?

I: A barragem do Setúbal, ela foi inaugurada em 2010.

P: É porque eu imaginei que fosse lá de Irapé, falei: "mas está muito distante de Irapé".

I: Não. Foi feita uma barragem aqui, é, inaugurada em 2010, foi a Rural Minas que coordenou o processo de construção. A ideia era que era pra fazer... é, desenvolver a ideia de que era uma barragem de cunho social. Não sei comé que funciona isso, né, tanta desapropriação, com tantos problemas sociais que uma barragem traz, mas desenvolveram essa ideia, que era uma barragem de cunho social, que era principalmente pra irrigação, e acabou que ela num, num foi desenvolvido nenhum projeto de irrigação, e não sei os motivos, assim, não consigo te falar, ela suja, a água é constantemente suja. Então cê vai no rio Araçuaí, na seca, ocê pode, pode olhar o, a água do rio Araçuaí aí na cidade de Araçuaí , ela é suja. É barrenta, quando eu falo suja, num é uma composição, assim, de porqueira, vamos usar essa expressão, é a cor, a tonalidade barrenta, né, vermelha. E é por causa da barragem do rio Setúbal. É uma barragem que eles fizeram mais ou menos 12km aqui acima da cidade e ela interferiu nesse costume. As pessoas, hoje, não tomam mais banho no rio, mas não é somente por causa da cor da água, é por causa também da esquistossomose, assim, tem muita assim, a água é contaminada por schistose. Então, interferiu muito nesse costume. Eu tenho três crianças, e eu nossa, adora tomar banho no rio e hoje eu não levo eles pra tomar banho no rio, então interferiu muito negativamente.

P: Criança gosta mesmo.

I: Nossa! Eu saio daqui, às vezes, vou no rio Araçuaí em Berilo né, que tá próximo daqui, lá na roça ee não faço questão de levar no rio aqui, passa no fundo da nossa cidade, como se diz, passa bem pertin aqui, mas é, não tem possibilidade. Perde o costume, o costume tá se perdendo né. Ainda tem gente que sai e tal, mas mesmo assim eu percebo assim, que tinha

gente que frequentava e hoje não vai mais, porque é um risco pra saúde. A partir daqui da cidade, aí se torna complicado ainda, porque a Copanor, ela deixa o esgoto diretamente no rio. Num, num tem tratamento nenhum, é in natura, sabe, todo o nosso esgoto da cidade, joga no rio Setúbal, aqui na altura da cidade.

P: Muita cidade tem isso.

I: O costume de pescar e o costume de tomar banho no rio, ele vai sendo proibido, né.

P: E melhorou a infraestrutura da região como um todo. A gente acaba percebendo algumas melhorias, e tem alguma melhoria que você acha que foi marcante para o município? Pode ser acesso, infraestrutura.

I: Acesso ao asfalto, né, acho que facilitou muito, éé, com os programas sociais, a partir de 2003, a gente percebe que a qualidade de vida de nossas famílias, assim, melhorou bastante. A gente, eu tô com 46 anos, como eu te falei, e eu me lembro, assim, de muitas pessoas pedintes, pedindo as coisas, e assim, como eu te falei, minha família tinha gado, muito leite, fazia queijo. Então, é uma família que não tinha, vamo dizer assim, não era uma família rica, de jeito nenhum, mas também não passava necessidade, e eu presenciava, né, as pessoas procurando por mãe, procurando por pai, pedindo as coisas. E a partir de 2003, a situação foi melhorando um pouco, assim. Eu percebo que as pessoas pararam de pedir, não tinham essa necessidade de pedir, então eu percebo que isso, né, mudou aqui no município. Não sei, vamos ver agora, né, comé que vai ficar, porque eu acho que nós estamos voltando...

P: Verdade, a gente tem medo disso.

I: A, como diz, a essa condição, né, porque as políticas públicas tão sendo todas destruídas, né, em todos os sentidos, né: acesso a saúde, acesso à educação, acesso, né, como vê muito jovem, acesso ao trabalho, acesso a tudo, está sendo prejudicado, né. Na verdade é isso que tá acontecendo, né. Então, assim, acho que tem melhorado, tem mudado né, por um período, e agora vamos ficar aqui, esperando, né, vamos observar, né, ver o que vai acontecer.

P: Vamos torcer. E você disse ser de comunidade ribeirinha. Aí no município, existem ainda comunidades ribeirinhas, quilombolas, remanescentes de indígenas?

I: As comunidades ribeirinhas, sim, todas as pessoas que ainda vivem na beira do rio, é muito característica, né, elas fazem hortas né, tem um estilo de vida, ()mas que usam até a beira do rio pra o cultivo, pra plantação. Mas elas, elas são as famílias ribeirinhas na beira do rio Setúbal, é bem característica mesmo, a tradição, éé, são comunidades tradicionais. Os quilombolas, éé, aqui tem, na verdade, nós somos um grande quilombo, né Shirlene. O

*município é um grande quilombo, né, o, eu tento observar mesmo as características das comunidades, das organizações, nós somos uma herança né, da , do tempo da escravidão e depois deu origem a muitas comunidades tradicionais. Aqui, nós temos uma comunidade tradicional, que é a **comunidade de Lagoa Grand'**, que eu destaco, vem de uma luta aí, muito grande desde 2003. A **comunidade de Lagoa Grand'**, é, em 2002, 2003, a Comissão Pastoral da Terra, a CPT e o Movimento de Pequenos Agricultores, MPA começou um trabalho lá, porque, assim, as pessoas relatavam, assim, que não tinha acesso à água. Tinha uma escola dentro da comunidade, eee, mas a escola era dentro da sede da fazenda, e a comunidade era dentro da fazenda. Foi bastante sofrido, sabe, assim, e eles vivia lá dentro da fazenda, mas a escola tinha acesso à água de um poço artesiano, água de boa qualidade e tá, mas as famílias não tinha, as famílias não podia ter água encanada. Aí depois, né, veio o programa Luz para Todos e as famílias foram impedidas de ter acesso à energia, porque o prefeito, juntamente com o proprietário, impediam né, assim, de que a rede passasse no terreno dele pras famílias ter acesso e aí essas entidades entraram aí nessa discussão de entender comé que era a vida daquelas pessoas, daquelas famílias, e depois se percebeu que não era uma questão só de luta pela água, pela energia, não eram questões assim, tão superficiais. Era uma questão mais estrutural, né, e aí num dado momento, veio aí alguém que falou: "uai, isso aqui é um quilombo né". Aí quando a gente começava a ouvir os relatos das pessoas que viviam ali, mas muito característico, muito vivo, sabe, assim na memória das pessoas, o relato dos avós, os pais, né, que viviam ali trabalhando pra ganhar uma rapadura no dia, ou trabalhando pra ganhar uma medida de feijão, é muito vivo, sabe, aí eles relatavam a história toda, nossa, muitos relatos interessantes na **comunidade de Lagoa Grande**.*

P: Com certeza, deve ter muita coisa.

I: Sim. Pode falar.

P: Pode continuar.

I: Aí, Shirlene, que alguém pensou: "isso aqui é um quilombo, né" e a gente começou então a trabalhar, e eu tenho a satisfação de dizer a gente, porque eu dediquei um pouco da minha, do meu tempo, doeí uma parte do meu tempo assim pra isso, pra ir à comunidade, pra visitar, pra motivar, pra reunir e a comunidade ser reconhecida pela Fundação Palmares, e entrou com um processo no Incra de, de titularização da terra. O processo já foi feito, já foi feito tudo, foi uma parceria do Incra com a UFVJM, e já fez o estudo antropológico e já tá assim, na verdade, agora , esperando a boa vontade do presidente assinar, né, pro território, pra

que libere o título do território pra comunidade. É uma fazenda, né, tá lá a fazenda, depois, no meio desse processo todo, a fazenda caçou o... que antes fazia café, mas já tava em decadência a fazenda, aí mesmo nesse processo, aí, na morosidade que é no Incra e nessas estruturas pra se resolver essas questões pra, como diz, fazer a Constituição de 1988 ser, assim, né, respeitada, então assim, se colocar na prática isso, ao longo desse processo e passou a plantar hortaliça na parte de Chapada. A gente nem mesmo, no processo de luta pela conquista da terra a gente viu algumas situações desse tipo. Mas a comunidade tá, tá viva, tá forte, tá animada e esperando o título da terra, né, assim éee. E depois disso, algumas outras comunidades também fizeram o processo de reconhe, autodeclaração junto à Fundação Palmares, mas num sei, são comunidades mais mistas, assim, são comunidades em que muitas pessoas tão em sua própria propriedade, né, num é a mesma realidade da comunidade de Lagoa Grande. Nós temos a comunidade Martins, nós temos a comunidade São José do Bolas, a comunidade de Silvolândia, de Tamanduá, né, que ali é onde que nasce o córrego do Machado, que já corta ali no município de Francisco Badaró, né, ou melhor de Araçuaí mesmo, e assim, quando eu falo que nós somos um grande quilombo, aqui além dessas comunidade tem também a comunidade de Curtume né, que também se autodeclarou quilombola, mas nessa modalidade aí ó. É uma comunidade, as pessoas vivem lá e tal, mas que não é a mesma luta pelo território, porque a grande maioria tá em seus, em suas propriedades pequenas, né, muito pequenas, mas, muitos não têm o título da terra, mas é a (). Então, vamos dizer assim, agora, a comunidade de Lagoa Grande, não, eles, tão em espaços muito pequenos, quintais de sete, cinco hectares, e famílias muito grandes, né, uma família com dez, 12 pessoas, sabe assim, muitos filhos né. Então, os filhos já agora casando, tendo mais filhos, então é uma outra luta, digamos assim, é uma outra articulação. Eu falo da comunidade de Lagoa Grande porque ali a gente já tem uma luta mais é, concreta, assim, de realmente colocar em prática a Constituição de 1988, quando fala do resgate aos quilombolas, então é isso. E quando eu falo assim que somos um grande quilombo, aqui em Jenipapo, nós temos, na praça da cidade, uma gruta, eu diria, é, meio lendária aqui, sabe, diz que era uma gruta de escravos, e que muitos entendem como, no imaginário popular, e as pessoas entendem como santo, santo popular.

P: É do Pai Joaquim?

I: É do Pai Joaquim.

P: Eu vi uma foto e achei maravilhosa. Vou aí em Jenipapo, esperar só dar uma trégua na pandemia, mas eu quero ir aí. Vi uma foto maravilhosa desse lugar.

I: Você não conhece não?

P: Não, mas eu vou.

I: Nunca veio aqui em **Jenipapo** não? ().

P: Eu vi a foto e achei maravilhosa. Vi no site de um fotógrafo... Belezas de Minas, Encantos de Minas, alguma coisa assim.

I: Pois é. Tem a gruta de Pai Joaquim aqui bem, bem na área central da cidade.

P: Mas sempre foi Jenipapo o nome? O nome daí sempre foi Jenipapo?

I: Aqui sempre foi **Jenipapo**, né. Aqui na verdade, Shirlene, era menos, não sei porque, obra do destino, do destino não, obra da ação humana, né. **Jenipapo** era muito pequenininho, era um povoado muito pequenininho, o centro era **Machados**, **Machados** é, né, que era a referência, que tinha comércio, tinha vendas, que tinha as lojas de tecidos e tal, era em **Machados**. Está me ouvindo?

P: Sim.

I: Por causa da BahiMinas, né, que ele está próximo do **Alfredo Graça**. Aí **Machados**, então, era uma referência pra gente. Mas, depois, com a desativação da BahiMinas, é, **Jenipapo** começou a crescer. O nome **Jenipapo** é por causa da lagoa, que é bem no centro da cidade e hoje não tem mais, é uma área de comércio local, que até pouco tempo, o pessoal tinha um problema danado quando chovia, porque inundava tudo, era uma lagoa, né, mas agora, de um tempo pra cá, mudaram a infraestrutura e não tem esse problema mais. Mas é por causa dessa lagoa, por causa dos jenipapeiros, né, que tinha na lagoa. Então, o nome vem daí. E quando emancipou né, se tornou cidade, aí foi mantido o nome, mas acrescentou o de Minas: **Jenipapo de Minas**. Mas mesmo antes da emancipação já era o distrito de **Jenipapo** que pertencia a **Francisco Badaró**.

P: Eu fiquei ouvindo você falar da questão da comunidade Lagoa Grande, da questão quilombola, da questão de dedicar um tempo para tentar ajudar, de alguma forma, a melhorar o nosso espaço, a nossa região, e aí eu fiquei pensando: se fosse para você resumir a sua vida no Vale ou em Jenipapo, no caso, essa questão sua de pertencimento ao lugar, como você resumiria esse seu sentimento de pertencer a uma determinada região, determinado lugar.

I: (risos) Eu nunca pensei nisso não. Mas assim, essa convivência, o acolhimento, essa aproximação, assim, a gente é muito próximo, né. Não tô conseguindo achar a palavra certa,

mas é, é esse conviver assim muito, muito é, deixa eu achar a palavra, calma, muito interligadas as pessoas assim, com esse envolvimento social, a gente sentir o outro, a gente tentar assim, enxergar o outro, se colocar no lugar do outro, é, pertencer pra tentar assim, desenvolver algo mais coletivo, um bem-estar mais coletivo, um bem viver, assim, acho que é bem viver mesmo, as pessoas viverem, mas tendo acesso aos bens, ao conhecimento de forma integral, sabe, assim. Não é mudar nada daqui não e nem mudar daqui não. Acho que o Vale é bonito demais, é gostoso demais. Eu gosto do Vale, eu acho que o Vale é o melhor lugar que tem no mundo, sabe. É tanto que nós falamos assim: só do Vale. Cê é de onde, Shirlene?

P: Do Vale do Jequitinhonha.

I: Você é de onde?

P: Eu sou de São José do Jacuri, Vale do Rio Doce.

I: Nasceu, mas agora cê é do Vale do Jequitinhonha. (risos)

P: Eu já sou aracuaiense desde 2011.

I: A gente, quando fala do Vale, fala assim, quando eu vou em Belo Horizonte, falam assim “cê é de onde”? , eu “Do Vale”, como se existisse só um vale, é como se não existisse outro. O mundo inteiro é obrigado a saber de onde você é porque fala que é do Vale. Então, assim, é muito forte isso, isso é muito gostoso, é muito bom a gente pertencer a esse lugar. Agora, é, eu acho que é... tá falando dessa questão do pertencimento, assim. Acho que o que nós precisamos é de ação política pra que nós não sejamos mais tratados como vale da pobreza, para que a nossa riqueza seja externada, seja visualizada, e para que a nossa riqueza seja usada para o bem-estar, usada para o bem, para a qualidade de vida, pra que as pessoas tenham condição de viver bem, porque nós não temos necessidade nenhuma de pessoas ainda não estudarem, passarem necessidades de alimentação adequada. O Vale não tem precisão nenhuma disso, o Vale é muito rico. Então, é possível mudar isso, é possível a gente, como diz, acabar com isso que ainda existe, né. Ainda tem tristeza, ainda tem realidades, nós temos alunos que sofrem muito, a gente percebe assim que a família sofre muito, e que falta coisas básicas, e o Vale não precisa disso, porque nós somos ricos, muito ricos , não é pouco não. Então essa condição assim, é isso, é isso mesmo. (risos) Me pegou na surpresa, essa pergunta sua ai, realmente me surpreendeu.

P: Que bom, FR. Foi muito bom, eu agradeço muito a sua colaboração, sua disponibilidade, eu ficar te perturbando para você tirar um tempo para me atender. Porque tinham me indicado você, e eu coloquei na cabeça que seria com você que eu iria fazer minha entrevista.

I: Ih, Shirlene, na verdade, eu que te agradeço, sabe, assim. Foi muito bom te conhecer, assim, mas a gente vai ter a oportunidade de se conhecer pessoalmente, conversar pessoalmente, nós vamos ter esse momento. Eu, realmente, tenho me orientado muito nessa pandemia pra que o que eu puder fazer pra me isolar, uma vez que sou servidor público e que tenho essa possibilidade, tenho obrigação de fazer. Tem outros que não têm possibilidade, então não vou cobrar deles. Mas quem tem, tem obrigação de fazer esforço, porque na medida que a gente se isolar, a gente vai tá contribuindo pra pandemia não espalhar.

P: Verdade. Muito obrigada

APÊNDICE C - LISTA DE TOPÔNIMOS COLETADOS POR INFORMANTE

LISTA DE TOPONIMOS COLETADOS DAS 24 ENTREVISTAS (REGISTRADOS COMO FALADOS)

Lista de topônimos e ocorrências por informante

Topônimo	Informante 001ARADSM38	Acidente
1. Araçuaí		Município
2. Barra da Barriguda		Comunidade
3. Baxa Quente		Comunidade
4. Calderão Pinheiros		Comunidade
5. Chapada do Lagoão		Chapada
6. Coronel Murta		Município
7. Córrego Calhauzinho~rio Calhauzinho~Calhauzinho		Córrego
8. Córrego da Velha		Comunidade
9. Córrego da Velha de Baix'~ Córrego da Velha		Comunidade
10. Córrego da Velha de Cima		Comunidade
11. Córrego da Velha de Meio		Comunidade
12. Córrego Gravatá~Gravatá		Córrego
13. Dutra		Comunidade
14. Fazenda Alagadiço		Fazenda
15. Francisco Badaró		Município
16. Gravatá		Comunidade
17. Itinga		Município
18. Itira		Distrito
19. Jenipapo		Município
20. Jirau		Comunidade
21. Lagoa dos Patos		Comunidade
22. Maciera		Comunidade

23. Malhada Preta	Comunidade
24. Mandinga	Comunidade
25. Neves	Comunidade
26. Novo Cruzero~cidade de Novo Cruzero	Município
27. Palmital	Comunidade
28. Palmital de Baix'	Comunidade
29. Palmital de Cima	Comunidade
30. Pau D'Alho	Comunidade
31. Pau D'Alho	Fazenda
32. Quilombo	Comunidade
33. Rio Araçuaí~Araçuaí	Rio
34. Rio Jequitinhonha~ Jequitinhonha	Rio
35. Rio Piauí~ Piauí	Córrego
36. Santa Rita do Tombo	Comunidade
37. São José das Neves	Comunidade
38. São Mateus	Córrego
39. Setúbal	Rio
40. Taquaral	Comunidade
41. Tesouras de Baixo	Comunidade
42. Tesouras de Cima	Comunidade
43. Tesouras de Meio	Comunidade
44. Tombo	Comunidade
45. Vale do Jequitinhonha~Vale Jequitinhonha~Vale	Mesorregião
46. Vargem João Alves	Comunidade
47. Virgem da Lapa	Município
48. Zabelê	Comunidade

1. Alto Brav'~Bravo	Comunidade
2. Araçuaí	Município
3. Barragem de Irapé~Barrage	Barragem
4. Berilo	Município
5. Curut'	Comunidade
6. Ijicatu	Comunidade
7. José Gonçalves	Município
8. Lagoinha	Comunidade
9. Lamarão	Distrito
10. Lelivéldia	Distrito
11. Maçambé	Córrego
12. Muquém	Comunidade
13. Muquin	Comunidade
14. Poção~Córrego	Córrego
15. São Joaquim	Comunidade
16. São Pedro	Comunidade
17. Vale do Jequitinhonha~Vale	Mesorregião
18. Vigem da Lapa	Município

Informante 003CMUERM35

1. Alagadiç'~Lagadiç'	Comunidade
2. Aldeia Pankararu	Aldeia
3. Araçuaí	Município
4. Barra do Salinas~Barra~Barra de Salinas	Distrito
5. Comunidade da Lorena~Lorena	Comunidade
6. Comunidade de Mutuca	Comunidade
7. Comunidade de Pau Alto	Comunidade
8. Coronel Murta	Município

9. Córrego Palmeiras~córrego Palmeras	Córrego
10. Córrego Santantônio~Santo Antônio	Córrego
11. Córrego São José	Córrego
12. Frade	Serra
13. Freire Cardoso	Distrito
14. Itaporé	Município
15. Laje	Comunidade
16. Oro Fino~Ouro Fin'	Distrito
17. Rio Jequitinhonha~Jequitinhonha	Rio
18. Rio Salinas	Rio
19. São João Vacarias	Comunidade
20. São José	Comunidade
21. São Vicente	Comunidade
22. Serra do Cachimboete	Serra
23. Serra do Elefante~Serra	Serra
24. Serra do Pau Alto	Serra
25. Vale do Jequitinhonha ~Vale	Mesorregião
26. Vereda	Comunidade

Informante 004FBAJSM21

1. Araçuaí	Município
2. Barreiros	Comunidade
3. Chapadão	Comunidade
4. Córrego do Boi	Comunidade
5. Córrego Sec'	Comunidade
6. Córrego Seco	Córrego
7. Córrego Sucuriú~Sucuriú~rio Sucuriú	Córrego
8. Francisco Badaró~Badaró	Município

9. Mocó	Comunidade
10. Moriços~Mouriços	Comunidade
11. Passagem	Comunidade
12. Rio Setúbal	Rio
13. Sucuriú	Fazenda
14. Tocoíós de Minas~Tocoíós	Comunidade
15. Vale	Mesorregião
16. Zabelê	Comunidade

Informante 005ITIMAM19

1. Água Choca	Comunidade
2. Água Fria Alves~ Água Fria dos Alves	Comunidade
3. Água Fria Fábrica~Água Fria	Comunidade
4. Água Fria Santa Cruz	Comunidade
5. Barra do Corrente	Comunidade
6. Calderão	Comunidade
7. Campinhos	Comunidade
8. Campulino	Comunidade
9. Comunidade do Capão	Comunidade
10. Comunidade Carrapato	Comunidade
11. Corguinho	Córrego
12. Córrego Água Fria	Córrego
13. Córrego dos Porcos	Córrego
14. Córrego Itinguinha	Córrego
15. Frade	Comunidade
16. Comunidade da Gangorra	Comunidade
17. Humaitá	Comunidade

18. Itinga	Município
19. Itinguinha	Comunidade
20. Jacaré	Distrito
21. Jenipapo 1	Comunidade
22. Jenipapo 2	Comunidade
23. Jenipapo 3	Comunidade
24. Pasmado	Comunidade
25. Rio Jequitinhonha ~Jequitinhonha	Rio
26. Texerinha	Comunidade
27. Comunidade Toca das Abelhas~Toca das Abelhas~Vila	Comunidade

Informante 006JEMCGF36

1. Araçuaí	Município
2. Barrage~Barragem	Barragem
3. Comunidade Vila São José~Vila São José	Comunidade
4. Curtume	Comunidade
5. Francisco Badaró~Badaró	Município
6. Jenipapo de Minas~Jenipap'	Município
7. Lagoa Grande	Comunidade
8. Machados	Comunidade
9. Martins	Comunidade
10. Muquém	Comunidade
11. Palmital	Comunidade
12. Rio Setúbal	Rio
13. São José do Bolas~Bolas	Comunidade
14. Silvolândia	Comunidade
15. Tamanduá	Comunidade

16. Virgem da Lapa Município

Informante 007JGMMWM21

1. Araçuaí	Município
2. Barrage de Irapé~Barrage	Barragem
3. Catutiba	Comunidade
4. Contendas	Comunidade
5. Córrego do Cipó	Comunidade
6. Farinha Seca	Comunidade
7. Gangorras	Município
8. Ijicatu~Jicatu	Comunidade
9. José Gonçalves de Minas~Zé Gonçalves	Município
10. Mailada	Comunidade
11. Paredão	Comunidade
12. Riberão ~Riberão Gangorras	Córrego
13. Riberão Piqueno	Comunidade
14. Rio Jequitinhonha~Jequitinhonha	Rio
15. Santa Rita	Povoado
16. São Bento	Comunidade
17. Terra Vermelha	Comunidade
18. Virgem da Lapa	

Informante 008VDLMVM18

1. Araçuaí	Município
2. Cansanção	Comunidade
3. Comunidade do Bugre~Bugre	Comunidade
4. Comunidade Paredão~Paredão	Comunidade
5. Comunidade Santa Rita~Santa Rita	Comunidade

6. Coronel Murta	Município
7. Fazenda Quitéria	Fazenda
8. Jequitibá	Comunidade
9. Rio Araçuaí	Rio
10. Tum-Tum	Comunidade
11. Vale do Jequitinhonha~Vale de Jequitinhonha~Vale	Mesorregião
12. Virgem da Lapa~Virdalapa	Município

Informante 009ARADBM53

1. Aldeia Cinta Vermelha	Aldeia
2. Araçuaí	Município
3. Badaró	Município
4. Baixa Quente~Baxa Quente~Baxa	Comunidade
5. Barra do Pontal	Distrito
6. Bois	Comunidade
7. Bom Jesus da Aguada Nova	Comunidade
8. Chapada do Candonga	Chapada
9. Córrego Gravatá~Gravatá	Córrego
10. Gravatá	Comunidade
11. Itaobim	Município
12. Itinga	Município
13. Itira	Distrito
14. Lagoa do Doutor Geraldo	Lagoa
15. Padre Paraíso	Município
16. Quilombo dos baús~ Quilombo~Baú	Comunidade
17. Rio Araçuaí~ Araçuaí~rio Grande~	Rio
18. Rio Calhauzin~ Calhauzin~Córrego	Córrego
19. Santana	Fazenda

20. Santana do Araçuaí	Comunidade
21. Schnoor	Distrito
22. Vale do Jequitinhonha~Jequitinhonha	Mesorregião
23. Virgem da Lapa	Município

Informante 010BERASF44

1. Araçuaí	Município
2. Berilo	Município
3. Comunidade de Bem Querer~Bem Querer	Comunidade
4. Comunidade de Coqueiros	Comunidade
5. Comunidade de Datas	Comunidade
6. Comunidade de Mocó	Comunidade
7. Comunidade de Palmital	Comunidade
8. Comunidade de Roça Grande~Roça Grande	Comunidade
9. Comunidade Monte Alto	Comunidade
10. Comunidade Vai Lavando~Vai Lavando	Comunidade
11. Gangorras	Município
12. José Gonçalves de Minas	Município
13. Lagoa Ezequiel	Comunidade
14. Lelivéldia	Distrito
15. Ribeirão das Gangorras~Ribeirão	Córrego
16. Ribeirão das Gangorras~Riberão	Comunidade
17. Rio Araçuaí	Rio
18. Vale	Mesorregião

Informante 011CMUHFM52

1. Alfredo Graça	Comunidade
2. Araçuaí	Município

3. Barra da Barriguda	Comunidade
4. Barra de Salinas	Distrito
5. Barragem de Irapé~Usina de Irapé Irapé	Barragem
6. Baxa Quente	Comunidade
7. Cachuera da Barra do Rio Salinas~ Cachuera da Barra	Cachoeira
8. Chapada do Agachado	Chapada
9. Cinta Vermelha	Aldeia
10. Corgo Olho D'água~Olho D'água	Córrego
11. Coronel Murta	Município
12. Córrego da Barriguda	Córrego
13. Córrego da Sede	Córrego
14. Folha Roxa	Fazenda
15. Freire Cardoso	Distrito
16. Ilha do Bento~Lagoa da Ilha do Bento	Ilha
17. Itaobim~Taobim	Município
18. Itaporé	Município
19. Itinga	Município
20. Itira	Distrito
21. Jacaré das Cobras~Jacaré	Comunidade
22. Lagoa dos Pato	Lagoa
23. Lagoa Escura	Lagoa
24. Olho D'água~Olhos D'água	Comunidade
25. Oro Fino~Ouro Fino	Distrito
26. Riberão Calhauzinho~Calhauzin	Córrego
27. Rio Araçuaí ~ Araçuaí	Rio
28. Rio Jequitionha~Jequitionha	Rio
29. Rio Salinas	Rio

30. Vale do Jequitionha	Mesorregião
31. Vereda	Fazenda
32. Virge da Lapa	Município

Informante 012FBAECM42

1. Água Limpa	Comunidade
2. Araçuaí	Município
3. Arraiá de Nossa Senhora da Conceição	Município
4. Barreiros~Barreros	Comunidade
5. Berilo	Município
6. Cachuera	Comunidade
7. Caititu	Comunidade
8. Chapada	Município
9. Comunidade de Mocó	Comunidade
10. Comunidade de Setúbal Setúbal~Setuba	Comunidade
11. Coronel Murta	Município
12. Córrego Água Limpa	Córrego
13. Córrego da Passage	Córrego
14. Córrego do Melado	Comunidade
15. Córrego Riberão~ Riberão	Córrego
16. Córrego Sec'	Córrego
17. Córrego Sucuriú~ Sucuriú	Córrego
18. Cruzero	Comunidade
19. Empoeira~Empoera	Comunidade
20. Francisco Badaró~Badaró	Município
21. Itaporé	Coronel Murta
22. Itinga	Município

23. Jenipapo~Jenipap'	Município
24. Passagem	Comunidade
25. Riberão de Areia~Riberão	Comunidade
26. Rio Araçuaí	Rio
27. Rio Setúbal~ Setúbal~Rio	Rio
28. Roça Grande	Comunidade
29. São João de Quelé	Comunidade
30. São José	Comunidade
31. Tocoiós de Minas~Tocoiós	Distrito
32. Vale do Jequitinhonha~Vale~Jequitinhonha	Mesorregião
33. Veredas de Tocoiós	Comunidade
34. Vila de Sã Jão~São João	Comunidade
35. Vila do Sucuriú~ Sucuriú~SucuriHU	Município
36. Vila Nossa Senhora da Conceição do Sucuriú	Município
37. Virge da Lapa~Virgem da Lapa	Município

Informante 013ITIJCM45

1. Água Branca	Município
2. Água Fria	Comunidade
3. Água Fria Fábrica	Comunidade
4. Água Fria Lobat'	Comunidade
5. Araçuaí	Município
6. Areião	comunidade
7. Barra do Pontal	Distrito
8. Camp' Quemad'	Comunidade
9. Campinhos	Comunidade
10. Capulin'	Comunidade
11. Comunidade do Frade	Comunidade

12. Coronel Murta	Município
13. Córrego Novo	Comunidade
14. Corrent'	Comunidade
15. Hermóginis~Hermógis	Comunidade
16. Humaitá~Maitá	Comunidade
17. Itaobim~Taobim	Município
18. Itaporé	Município
19. Itinga	Município
20. Itinguinha	Comunidade
21. Itira	Distrito
22. Jacaré	Distrito
23. Jenipap' Pinto~Jenipapo 1	Comunidade
24. Jenipap'~Jenipapo	Município
25. Jenipapo 2	Comunidade
26. Jenipapo 3	Comunidade
27. Medina	Município
28. Pasmad' Impedrad'	Comunidade
29. Pasmadin	Comunidade
30. Pasmado~Pasmad	Comunidade
31. Ponte do Pasmad'	Comunidade
32. Ponto dos Volantes	Município
33. Rio Araçuaí	Rio
34. Rio Itinga	Rio
35. Rio Jequitinhonha	Rio
36. Santana	Comunidade
37. Santantônio da Barra do Rio Itinga	Município
38. Taquaral	Distrito

39. Toca da Onça	Comunidade
40. Vale do Jequitinhonha	Mesorregião

Informante 014JEMFRM46

1. Agrovila	Comunidade
2. Alfredo Graça	Comunidade
3. Araçuaí	Município
4. Barra do Bolas	Comunidade
5. Barragem do Setúbal ~Barragem do Rio Setúbal ~Barragem	Barragem
6. Berilo	Município
7. Bosque	Comunidade
8. Cana Brava	Comunidade
9. Capão	Comunidade
10. Cipó	Comunidade
11. Comunidade de Curtume ~Curtume	Comunidade
12. Comunidade de Veredas	Comunidade
13. Comunidade Lagoa Grand'~Lagoa Grande	Comunidade
14. Corgo do Bolas ~córrego do Bolas	Córrego
15. Córrego do Machado	Córrego
16. Córrego Riberão de Areia	Córrego
17. Córrego São João	Córrego
18. Córrego São José	Córrego
19. Francisco Badaró~Badaró	Município
20. Funil	Comunidade
21. Istiva	Comunidade
22. Jenipap'de Minas~Jenipap'~Jenipapo	Município
23. Machad'~Machados	Comunidade
24. Martins	Comunidade

25. Monte Alegre	Comunidade
26. Muquém	Comunidade
27. Novo Cruzero	Município
28. Riberão de Areia	Comunidade
29. Riberão do Bosque	Comunidade
30. Rio Araçuaí	Rio
31. Rio Setúbal	Rio
32. Santana	Comunidade
33. Santo Antônio do Bolas ~comunidade Santantônio	Comunidade
34. São José do Bolas	Comunidade
35. Silvolândia	Comunidade
36. Tamanduá	Comunidade
37. Vale do Jequitinhonha~Vale	Mesorregião
38. Vila de São José	Comunidade

Informante 015JGMVJM46

1. Alto Brav'	Comunidade
2. Araçuaí	Município
3. Bananal	Comunidade
4. Barrage de Irapé ~Barrage~Irapé	Barragem
5. Berilo	Município
6. Comunidade de Santana	Comunidade
7. Comunidade do Pega~Pega	Comunidade
8. Contendas	Comunidade
9. Coronel Murta	Município
10. Córrego do Arrozal	Comunidade
11. Córrego do Cipó	Comunidade
12. Córrego São Domingos~Riberão São Domingos	Córrego

13. Farinha Seca	Comunidade
14. Gangorras	Município
15. Ijicatu	Comunidade
16. Istiva	Comunidade
17. Itaobim	Município
18. Itinga	Município
19. Lagoinha	Comunidade
20. Lapinha	Comunidade
21. Lelivéldia	Distrito
22. Morro Redondo	Comunidade
23. Palmital	Comunidade
24. Ponto dos Volantes	Município
25. Ribeirão Gangorras~Riberão	Comunidade
26. Riberão Gangorras	Córrego
27. Rio Araçuaí	Rio
28. Rio Jequitinhonha~Jequitinhonha	Rio
29. Samambaia	Comunidade
30. São Bento	Comunidade
31. Vale do Jequitinhonha~Vale	Mesorregião
32. Virgem da Lapa~Virge da Lapa	Município
33. Ze Gonçalv'~Zé Gonçalves~José Gonçalves de Minas	Município

Informante 016VDLMJF55

1. Araçuaí	Município
2. Arraiá São Domingos~São Domingos	Município
3. Bugre	Comunidade
4. Cansanção	Comunidade

5. Cipó	Comunidade
6. Córrego São Domingos	Córrego
7. Curral Novo	Comunidade
8. Ijicatu	Comunidade
9. Lagoinha	Comunidade
10. Lelivéldia	Distrito
11. Monte Alto	Comunidade
12. Pega	Comunidade
13. Rio Araçuaí~Rio	Rio
14. Rosário de Baixo	Comunidade
15. Rosário de Cima~Rosário	Comunidade
16. Santa Rita	Comunidade
17. Santana	Comunidade
18. Tum-Tum	Comunidade
19. Vai Vi~Vai Vir	Comunidade
20. Vale	Mesorregião
21. Virgem da Lapa	Município

Informante 017ARALOM66

1. Alagadiç~Lagadiç'	Comunidade
2. Araçuaí	Município
3. Badaró	Município
4. Bananal	Córrego
5. Barra do Pontal ~Barra do Pontali~Pontal	Distrito
6. Berilo	Município
7. Bicudo	Córrego
8. Calhau	Município

9. Candonga	Córrego
10. Casanção	Córrego
11. Chapada do Norte	Município
12. Comunidade de Piabanga~ Piabanga	Comunidade
13. Comunidade dos Boi~Boi	Comunidade
14. Coronel Murta~ município de Coronel Murta	Município
15. Corredô	Bairro
16. Córrego do Candonga~Candonga	Comunidade
17. Itinga~município da Itinga	Município
18. Itira	Distrito
19. Jequitionha	Rio
20. Padre Paraís'	Município
21. Rio Araçuaí	Rio
22. Santa Rita	Comunidade
23. Santa Rita	Córrego
24. São José	Córrego
25. Tibuçu	Córrego
26. Tum Tum	Comunidade
27. Vale do Jequitionha~Vale~Jequitinhonha	Mesorregião
28. Virgem da Lapa~Virge da Lapa	Município

Informante 018BERIAF60

1. Água Limpa	Córrego
2. Água Limpa	Município
3. Água Suja	Município
4. Alto Caititu~Alto Catitu	Comunidade
5. Araçuaí	Município
6. Badaró	Município

7. Berilo	Município
8. Boa Vista	Comunidade
9. Bonito	Comunidade
10. Caititu do Meio~Catitu do Meio	Comunidade
11. Catitu	Comunidade
12. Chapada	Município
13. Córrego Água Suja ~Água Suja	Córrego
14. Córrego Vai Lavando	Córrego
15. Datas	Comunidade
16. Freitas	Córrego
17. Irapé	Barragem
18. Jequitinhonha	Rio
19. Lagoa Ezequiel~Lagoa Zequiel	Comunidade
20. Lagoinha	Comunidade
21. Lamarão	Distrito
22. Lelivéldia	Distrito
23. Mocó	Comunidade
24. Muniz	Comunidade
25. Ouro Fino	Comunidade
26. Ribeirão	Comunidade
27. Rio Araçuaí~ Araçuaí	Rio
28. Roça Grande	Comunidade
29. Sucuriú	Município
30. Tabulero	Comunidade
31. Vai Lavando	Comunidade
32. Vale do Jequitinhonha~Vale	Mesorregião
33. Vila Santo Izidoro~Santo Izidoro	Comunidade

34. Virgem da Lapa Município

Informante 019CMUESM64

1. Água Branca	Comunidade
2. Alagadiço~Lagadiç'	Comunidade
3. Alto Morredondo	Comunidade
4. Araçuaí	Município
5. Baixo Morredondo	Comunidade
6. Barra de Salinas	Distrito
7. Barragem de Irapé~Barrage de Irapé~Irapé	Barragem
8. Boa Vista do Jequitionha	Município
9. Comunidade da Laje	Comunidade
10. Comunidade da Pedra	Comunidade
11. comunidade da Sede~Sede	Comunidade
12. Comunidade do Carrapicho	Comunidade
13. Comunidade do Morredondo	Comunidade
14. Coronel Murta	Município
15. Córrego Santo Antônio	Córrego
16. Córrego São José	Córrego
17. Freire Cardoso	Distrito
18. Itaporé	Município
19. Jatobá	Comunidade
20. Lajinha	Comunidade
21. Mutuca	Comunidade
22. Oro Fino	Distrito
23. Rio Jequitionha~Jequitionha~Rio	Rio
24. Rio Salinas	Rio

25. São José	Comunidade
26. Sete Canais	Comunidade
27. Varge Grande	Comunidade
28. Vereda 2	Comunidade
29. Vereda~Vereda 1	Comunidade
30. Virge da Lapa	Município

Informante 020FBAMEF66

1. Água Limpa	Comunidade
2. Araçuaí	Município
3. Barreiros	Comunidade
4. Cabicera de Zabelê	Comunidade
5. comunidade de Passage~Passage	Comunidade
6. Corgo Seco	Córrego
7. Corgo Seco	Comunidade
8. Empuera	Comunidade
9. Francisco Badaró~Badaró	Município
10. Mocó	Comunidade
11. Rio Sucuiú~ Sucruiú~Sucuriú	Córrego
12. Setuba	Rio
13. Tocoiós de Minas~comunidade de Tocoiós~Tocoiós	Distrito
14. Vila Sã João	Comunidade
15. Zabelê~Zabelê Lagoa	Comunidade

Informante 021ITIDFM72

1. Araçuaí	Município
2. Chapada do Norte	Município
3. Corgo Jenipapo	Córrego

4. Humaitá	Comunidade
5. Itinga	Município
6. Jenipapo	Comunidade
7. Lamarão	Distrito
8. Laranjera	Comunidade
9. Novo Cruzero	Município
10. Pasmad'	Comunidade
11. Pasmadin	Comunidade
12. Pont' de Pasmad'	Comunidade
13. Rio Jequitinhonha~Jequitinhonha	Rio
14. Santa Maria	Comunidade
15. Santa Rita	Comunidade
16. Texera	Comunidade
17. Texerão	Comunidade
18. Texerinha 2	Comunidade
19. Texerinha 3	Comunidade
20. Texerinha~Texerinha 1	Comunidade
21. Zé Gonçalv' de Minas	Município

Informante 022JEMJSF82

1. Araçuaí	Município
2. Badaró	Município
3. Barrage	Barragem
4. Beril'	Município
5. Jenipap' de Minas~Jenipap'	Município
6. Rio Situba	Rio
7. Santa Luzia	Comunidade

8. Situba~Setuba Comunidade

Informante 023JGMOAF65

1. Alegre, do	Comunidade
2. Barrage ~Irapé	Barragem
3. Barriguda	Córrego
4. Berilo ~Beril'	Município
5. Boa Vista	Comunidade
6. Boa Vista	Córrego
7. Buriti	Comunidade
8. Buriti Quebrad'~Buriti Quebrado	Comunidade
9. Catuá	Córrego
10. Corgo da Lapa	Córrego
11. Corgo de Maçambé~Maçambé	Córrego
12. Corgo do Alegre	Córrego
13. Corgo do Arrozal	Córrego
14. Corgo do Cipó~Cipó	Córrego
15. Corgo dos Passes	Córrego
16. Corgo dos Polino	Córrego
17. Corgo Santana~Santana	Córrego
18. Coronel Murta	Município
19. Dileta	Fazenda
20. Gangorras~Gangorra	Município
21. Ijicatu	Comunidade
22. Jequitinhonha	Rio
23. José Gonçalv' ~Zé Gonçalv' ~José Gonçalves de Minas	Município
24. Lelivéldia	Distrito
25. Maiada~Malhada~Malhadinha	Comunidade

26. Reberão do Altar~Reberão	Córrego
27. Reberão do Altar~Riberão do Altar~Reberão	Comunidade
28. Reberão Grande~Riberão Grande	Córrego
29. Reberão Piqueno ~Riberão Pequeno	Córrego
30. Santana	Comunidade
31. São João de Vacaria	Distrito
32. Vale do Jequitinhonha~Vale	Mesorregião
33. Virgem da Lapa ~ Virge da Lapa	Município

Informante 024VDLMOF90

1. Araçuaí	Município
2. Badaró	Município
3. Barbosa	Comunidade
4. Capão	Comunidade
5. Corgo do Rusaro	Córrego
6. Fazenda Pega	Fazenda
7. Funili	Comunidade
8. Funili	Cachoeira
9. Pacheco	Comunidade
10. Pega	Comunidade
11. Rio Araçuaí~Ri~Rio	Rio
12. Vila de São João~Vila	Comunidade
13. Virge da Lapa	Município

APÊNDICE D - QUADRO GERAL COM PRINCIPAIS INFORMAÇÕES DOS TOPO NIMOS

Ordem	Topônimo atual Contexto escrito:contexto oral:	Definição	Acidente geográfico	Estrutura morfológica	Origem	Taxonomia	Ocorrê- ncias
1.	<i>Agrovila: Agrovila</i>	<i>Agrovila</i> (s.f/ séc.XX) - núcleo populacional construído para servir de abrigo e oferecer assistência aos que trabalham na construção de estradas de desbravamento.	Comunidade /humano	Simples	LP	Poliotônimo	01
2.	<i>Água Branca: Água Branca</i>	<i>Água</i> : líquido composto de hidrogênio e oxigênio, sem cor, cheiro. <i>Branca</i> : sem cor, transparente, translúcida.	Comunidade /humano	Composta	LP	Hidrotônimo	01
3.	<i>Água Choca: Água Choca</i>	<i>Água</i> : líquido composto de hidrogênio e oxigênio, sem cor, cheiro. <i>Choca</i> : estagnada, parada.	Comunidade /humano	Composta	LP	Hidrotônimo	01
4.	<i>Água Fria Alves: Água Fria Alves~Água Fria dos Alves</i>	<i>Água</i> : líquido composto de hidrogênio e oxigênio, sem cor, cheiro. <i>Fria</i> : que tem ou parece ter temperatura mais baixa do que a do organismo humano; <i>Alves</i> - sobrenome português.	Comunidade /humano	Composta	LP	Hidrotônimo	11
5.	<i>Água Fria dos Lobatos: Água Fria Lobat'</i>	<i>Água</i> : líquido composto de hidrogênio e oxigênio, sem cor, cheiro. <i>Fria</i> : que tem ou parece ter temperatura mais baixa do que a do organismo humano. <i>Lobato</i> - sobrenome	Comunidade /humano	Composta	LP	Hidrotônimo	01
6.	<i>Água Fria Fábrica: Água Fria ~ Fábrica</i>	<i>Água</i> : líquido composto de hidrogênio e oxigênio, sem cor, cheiro. <i>Fria</i> : que tem ou parece ter temperatura mais baixa do que a do organismo humano. <i>Fábrica</i> - local onde se processa a	Comunidade /humano	Composta	LP	Hidrotônimo	09

		transformação de matéria-prima.					
7.	<i>Água Fria Santa Cruz:</i> Água Fria Santa Cruz	<i>Água:</i> líquido composto de hidrogênio e oxigênio, sem cor, cheiro. <i>Fria:</i> que tem ou parece ter temperatura mais baixa do que a do organismo humano. <i>Santa Cruz-</i> pequena capela ou cruz à beira da estrada	Comunidade /humano	Composta	LP	Hidrotopônimo	01
8.	<i>Água Fria: Água Fria</i>	<i>Água:</i> líquido composto de hidrogênio e oxigênio, sem cor, cheiro. <i>Fria :</i> que tem ou parece ter temperatura mais baixa do que a do organismo humano	Córrego /física	Composta	LP	Hidrotopônimo	03
9.	<i>Água Limpa:</i> Água Limpa	<i>Água:</i> líquido composto de hidrogênio e oxigênio, sem cor, cheiro. <i>Limpa:</i> isenta de imundície.	Comunidade /humano	Composta	LP	Hidrotopônimo	06
10.	<i>Água Limpa: Água Limpa</i>	<i>Água:</i> líquido composto de hidrogênio e oxigênio, sem cor, cheiro. <i>Limpa:</i> isenta de imundície.	Córrego /física	Composta	LP	Hidrotopônimo	02
11.	<i>Água Suja:</i> Água Suja	<i>Água:</i> líquido composto de hidrogênio e oxigênio, sem cor, cheiro. <i>Suja:</i> que apresenta sujidade.	Comunidade /humano	Composta	LP	Hidrotopônimo	03
12.	<i>Água Suja:</i> Água Suja	<i>Água:</i> líquido composto de hidrogênio e oxigênio, sem cor, cheiro. <i>Suja:</i> que apresenta sujidade.	Córrego /física	Composta	LP	Hidrotopônimo	03
13.	<i>Aguada Nova:</i> Aguada Nova	<i>Aguada:</i> lugar em que existe cacimbas, poços ou fontes. <i>Nova:</i> que existe há pouco	Comunidade /humano	Composta	LP	Hidrotopônimo	01

		tempo.					
14.	<i>Alagadiço: Alagadiç'~Lagadiç'</i>	Terreno baixo e úmido, sujeito a inundações; aguacal, encharcado.	Comunidade /humano	Simples	LP	Hidrotopônimo	11
15.	<i>Alagadiço: Alagadiço</i>	Terreno baixo e úmido, sujeito a inundações; aguacal, encharcado.	Fazenda / humano	Simples	LP	Hidrotopônimo	01
16.	<i>Alegre</i>	Que tem, sente ou manifesta alegria; contente; jubiloso.	Córrego /físico	Simples	LP	Animotopônimo	02
17.	<i>Alegre: Alegre</i>	Que tem, sente ou manifesta alegria; contente; jubiloso.	Comunidade /humano	Simples	LP	Animotopônimo	01
18.	<i>Alfredo Graça: Graça</i>	Prenome+sobrenome	Comunidade /humano	Composta	LP	Antropotopônimo	02
19.	<i>Alto Bravo: Alto Brav'~Bravo</i>	<i>Alto</i> : termo geográfico comumente empregado em Minas para designar um monte destacado, de pequena elevação. <i>Bravo</i> : não civilizado, violento, bravio, inculto.	Comunidade /humano	Composta	LP	Geomorfotopônimo	05
20.	<i>Alto Caititu: Alto Catitu</i>	<i>Alto</i> : termo geográfico comumente empregado em Minas para designar um monte destacado, de pequena elevação <i>Caititu</i> : mamífero	Comunidade /humano	Composta	LP<LI(2º elemento tupi)	Geomorfotopônimo	04
21.	<i>Alto Morro Redondo: Alto Morredondo</i>	<i>Alto</i> : termo geográfico comumente empregado em Minas para designar um monte destacado, de pequena elevação. <i>Morro</i> : pequena elevação de uma planície, monte. <i>Redondo</i> : abaulado, em forma de cilindro.	Comunidade /humano	Composta	LP	Geomorfotopônimo	01
22.	<i>Araçuaí: Araçuaí~Calhau~Kiau</i>	O rio do chapéu ou do cocar.	Município /humano	Simples	LP <LI(tupi)	Hidrotopônimo	157
23.	<i>Araçuaí: Araçuaí</i>	O rio do chapéu ou do cocar	Rio /físico	Simples	LP <LI(tupi)	Hidrotopônimo	50

24.	<i>Areião: Areião</i>	Espaço extenso em que há muita areia.	Comunidade /humano	Simples	LP	Litotopônimo	01
25.	<i>Arrozal: Arrozal</i>	Plantação de arroz.	Córrego /físico	Simples	LP	Fitotopônimo	02
26.	<i>Baixa Quente: Baxa Quente~Baxa</i>	<i>Baixa:</i> pouco elevado. <i>Quente:</i> exaltado, inflamado	Comunidade /humano	Composta	LP	Geomorfotopônimo	11
27.	<i>Baixo Morro Redondo:Baxo Morredondo</i>	<i>Baixo:</i> pouco elevado. <i>Morro:</i> pequena elevação de uma planície, monte. <i>Redondo:</i> abaulado, em forma de cilindro	Comunidade /humano	Composta	LP	Geomorfotopônimo	01
28.	<i>Bananal: Bananal</i>	Terreno plantado de bananeiras.	Comunidade /humano	Simples	LP	Fitotopônimo	01
29.	<i>Bananal: Bananal</i>	Terreno plantado de bananeiras.	Córrego /físico	Simples	LP	Fitotopônimo	02
30.	<i>Barbosa: Barbosa</i>	Sobrenome	Comunidade /humano	Simples	LP	Antropotopônimo	01
31.	<i>Barra da Barriguda: Barra da Barriguda</i>	<i>Barra:</i> o mesmo que foz ou embocadura, indica o ponto da confluência, em que uma corrente deságua noutra (rio, ribeirão, córrego ou riacho). <i>Barriguda:</i> árvore de tronco grosso e ventruído.	Comunidade /humano	Composta	LP	Hidrotopônimo	02
32.	<i>Barra do Bolas: Barra do Bolas</i>	<i>Barra:</i> o mesmo que foz ou embocadura, indica o ponto da confluência, em que uma corrente deságua noutra (rio, ribeirão, córrego ou riacho). <i>Bolas:</i> sobrenome alentejano.	Comunidade /humano	Composta	LP	Hidrotopônimo	01
33.	<i>Barra do Corrente: Barra do Corrente</i>	<i>Barra:</i> o mesmo que foz ou embocadura, indica o ponto da confluência, em que uma corrente deságua noutra (rio, ribeirão,	Comunidade /humano	Composta	LP	Hidrotopônimo	01

		córrego ou riacho). <i>Corrente:</i> marcha da água em determinada direção.					
34.	<i>Barra do Salinas: Barra de Salinas~Barra</i>	<i>Barra:</i> o mesmo que foz ou embocadura, indica o ponto da confluência, em que uma corrente deságua noutra (rio, ribeirão, córrego ou riacho). <i>Salinas:</i> monte de sal.	Distrito /humano	Composta	LP	Hidrotopônimo	12
35.	<i>Barreiros: Barreiros~Barreros</i>	Lugar onde há ou de onde se extraí barro.	Comunidade /humano	Simples	LP	Litotopônimo	08
36.	<i>Barriguda: Barriguda</i>	Árvore de tronco grosso e ventruído.	Córrego /físico	Simples	LP	Fitotopônimo	03
37.	<i>Bem - Querer: Bem - Querer~Bem Querê</i>	Desejar o bem, afeição, benquerença.	Comunidade /humano	Composta	LP	Animotopônimo	07
38.	<i>Berilo: Berilo~Água Limpa~Água Suja</i>	Mineral, silicato de berílio e alumínio hexagonal, prismático ou tabular.	Município /humano	Simples	LP	Litotopônimo	66
39.	<i>Bicudo: Bicudo</i>	Designação dada a várias espécies de aves.	Córrego /físico	Simples	LP	Zootopônimo	02
40.	<i>Boa Vista: Boa Vista</i>	É usado para interpretar a larguezza da paisagem vista desses locais. <i>Boa:</i> o que é considerado positivo. <i>Vista:</i> o que os olhos alcançam de um lugar.	Comunidade /humano	Composta	LP	Animotopônimo	05
41.	<i>Boa Vista: Boa Vista</i>	É usado para interpretar a larguezza da paisagem vista desses locais. <i>Boa:</i> o que é considerado positivo. <i>Vista:</i> o que os olhos alcançam de um lugar.	Córrego /físico	Composta	LP	Animotopônimo	03

42.	<i>Bois: Bois~Boi</i>	Quadrúpede da família dos bovídeos.	Comunidade /humano	Simples	LP	Zootopônimo	06
43.	<i>Bolas: Bolas</i>	<i>Sobrenome alentejano</i>	Córrego (do) /físico	Simples	LP	Antropotopônimo	02
44.	<i>Bonito: Bunito</i>	Cuja forma, som ou cores agrada aos sentidos; nome de peixe.	Comunidade /humano	Simples	LP	Animotopônimo	01
45.	<i>Bosque: Bosque</i>	Terreno extenso coberto de árvores, arbustos e outras formações silvestres.	Comunidade /humano	Simples	LP	Fitotopônimo	01
46.	<i>Bugre: Bugre</i>	Indígena selvagem.	Comunidade /humano	Simples	LP	Etnotopônimo	07
47.	<i>Cabeceira de Zabelê: Cabecera de Zabelê</i>	<i>Cabeceira:</i> nascentes de rio ou riacho. <i>Zabelê:</i> ave, espécie de nambu	Comunidade /humano	Composta	LP<LI(2º elemento tupi)	Hidrotopônimo	01
48.	<i>Cachimboetê: Cachimboete</i>	Não encontrada	Serra /físico	Simples	Não encontrada	Não classificado	01
49.	<i>Cachoeira da Barra: Cachuera da Barra~Cachuera da Barra do rio Salinas</i>	<i>Cahoeira:</i> torrente de água que corre ou cai formando cachão. <i>Barra:</i> local em que um rio deságua no mar ou em um lago.	Cachoeira /físico	Composta	LP	Hidrotopônimo	02
50.	<i>Cachoeira: Cachuera</i>	<i>Cahoeira:</i> torrente de água que corre ou cai formando cachão.	Comunidade /humano	Simples	LP	Hidrotopônimo	01
51.	<i>Caititu: Caititu do Meio~Catitu do Meio</i>	<i>Caititu:</i> mamífero semelhante ao javali com cerca de 1 metro. <i>Meio:</i> que está numa posição intermediária.	Comunidade /humano	Simples	LP<LI	Zootopônimo	05
52.	<i>Caldeirão: Calderão~Calderão Pinheiros</i>	Depressão em rocha que detém água de rio, quedas d'água.	Comunidade /humano	Simples	LP	Geomorfotopônimo	02
53.	<i>Calhauzinho: Calhauzinho~Calhauzin</i>	Diminutivo de calhau, pedra solta.	Ribeirão /físico	Simples	LP	Litotopônimo	19
54.	<i>Campinhos: Campinhos</i>	Terreno plano, extenso, com	Comunidade	Simples	LP	Geomorfotopônimo	03

		poucos acidentes e poucas árvores.	/humano				
55.	<i>Campo Queimado:</i> <i>Camp'Quemad'</i>	Campo: terreno plano, extenso, com poucos acidentes e poucas árvores. Queimado:	Comunidade /humano	Composta	LP	Geomorfotopônimo	01
56.	<i>Campolino:</i> <i>Campulino~Capulin'</i>	Sobrenome	Comunidade /humano	Simples	LP	Antropotopônimo	02
57.	<i>Cana- Brava: Cana- Brava</i>	Gramínea que tem o porte da cana de açúcar e por isso lhe chamam também cana-brava tanto no Rio de Janeiro como em outras partes.	Comunidade /humano	Composta	LP	Fitotopônimo	01
58.	<i>Candonga: Candonga</i>	Fuxico; falsidade, manha, lisonja enganosa, barulho e intriga.	Córrego /físico	Simples	LP<LA(banto)	Animotopônimo	06
59.	<i>Candonga: Candonga</i>	Fuxico; falsidade, manha, lisonja enganosa, barulho e intriga.	Chapada (do) /físico	Simples	LP<LA (banto)	Animotopônimo	03
60.	<i>Cansanção : Casanção</i>	Uma planta que urticante, que provoca coceira. Saint-Hilaire relata que de uso comum entre os indígenas contra febres e como purgativo.	Córrego /físico	Simples	LP	Fitotopônimo	02
61.	<i>Cansanção: Cansanção</i>	Uma planta que urticante, que provoca coceira. Saint-Hilaire relata que de uso comum entre os indígenas contra febres e como purgativo.	Comunidade /humano	Simples	LP	Fitotopônimo	07
62.	<i>Capão: Capão</i>	Formação arbórea de pequena extensão, volume e composição variados.	Comunidade /humano	Simples	LP<LI (tupi)	Fitotopônimo	03
63.	<i>Carrapato: Carrapato</i>	Acarídeo que se prende à pele de animais.	Comunidade /humano	Simples	LP	Zootopônimo	01
64.	<i>Carrapicho: Carrapicho</i>	Designação comum a diversas plantas do gênero <i>desmodium</i> , de	Comunidade /humano	Simples	LP	Fitotopônimo	01

		frutos capsulares articulados, com pequenos espinhos que aderem à roupa e aos pelos dos animais.					
65.	<i>Catutiba: Catutiba</i>	Não encontrado	Comunidade /humano	Simples	LP<LI (tupi)	Não classificado	05
66.	<i>Chapada do Lagoão: Chapada do Lagoão~Lagoão</i>	<i>Chapada:</i> área de terra elevada, de dimensões consideráveis, com topo relativamente plano. <i>Lagoão:</i> lagoa grande e profunda que surge ao longo dos córregos.	Comunidade /físico	Composta	LP	Geomorfotopônimo	01
67.	<i>Chapadão: Chapadão</i>	Área de terra elevada, de dimensões consideráveis, com topo relativamente plano.	Comunidade /humano	Simples	LP	Geomorfotopônimo	02
68.	<i>Cinta Vermelha Jundiba: Cinta Vermelha</i>	Cinta Vermelha: o protetor espiritual da aldeia. É o encantado ou Praiá da cultura pankararu.	Aldeia /humano	Composta	LP	Hierotopônimo	01
69.	<i>Cipó: Cipó</i>	Corruptela de <i>yça-pó</i> , literalmente galho- mão que é o mesmo que dizer galho apreensor que tem a propriedade de se prender, de se enlear, de atar.	Córrego /físico	Simples	LP<LI(tupi)	Fitotopônimo	02
70.	<i>Contendas: Contendas</i>	Luta, combate, guerra (as contendas pela independência). Rixa, discussão, discórdia (as contendas numa família).	Comunidade /humano	Simples	LP	Animotopônimo	03
71.	<i>Coqueiros : Coqueiros</i>	Árvore da família das palmeiras que produz o coco.	Comunidade /humano	Simples	LP	Fitotopônimo	01
72.	<i>Corguinho: Corquin</i>	Córrego pequeno.	Córrego /físico	Simples	LP	Hidrotopônimo	01
73.	<i>Coronel Murta: Coronel Murta~ Itaporé~Boa Vista</i>	<i>Coronel:</i> título <i>Murta:</i> sobrenome	Município /humano	Composta	LP	Antropo-axiotopônimo	90

	<i>do Jequitinhonha</i>						
74.	<i>Córrego da Sede: córrego da Sede~Corgo DA Sede</i>	<i>Córrego:</i> fenda ou sulco aberto na terra pelas águas correntes. <i>Sede:</i> necessidade ou vontade de beber.	<i>Córrego /físico</i>	<i>Composta</i>	<i>LP</i>	<i>Hidropônimo</i>	05
75.	<i>Córrego da Velha: Córrego da Velha de Baix'~Córrego da Velha de Cima~Córrego da Velha de Mei'</i>	<i>Córrego:</i> fenda ou sulco aberto na terra pelas águas correntes. <i>Velha:</i> mulher com idade avançada. <i>Baixo/meio/cima:</i> posição geográfica	<i>Comunidade /humano</i>	<i>Composta</i>	<i>LP</i>	<i>Hidropônimo</i>	10
76.	<i>Córrego do Arrozal: Córrego do Arrozal</i>	<i>Córrego:</i> fenda ou sulco aberto na terra pelas águas correntes. <i>Arrozal:</i> plantação de arroz.	<i>Comunidade /humano</i>	<i>Composta</i>	<i>LP</i>	<i>Hidropônimo</i>	01
77.	<i>Córrego do Boi: Córrego do Boi</i>	<i>Córrego:</i> fenda ou sulco aberto na terra pelas águas correntes. <i>Boi:</i> Quadrupede da família dos bovídeos.	<i>Comunidade /humano</i>	<i>Composta</i>	<i>LP</i>	<i>Hidropônino</i>	01
78.	<i>Córrego do Candonga: Córrego do Candonga</i>	<i>Córrego:</i> fenda ou sulco aberto na terra pelas águas correntes. <i>Candonga:</i> Fuxico; falsidade, manha, lisonja enganosa, barulho e intriga.	<i>Comunidade /humano</i>	<i>Composta</i>	<i>LP<LA(2º elemento banto)</i>	<i>Hidropônimo</i>	04
79.	<i>Córrego do Cipó : Córrego do Cipó~Cipó</i>	<i>Córrego:</i> fenda ou sulco aberto na terra pelas águas correntes. <i>Cipó:</i> Corruptela de <i>yça-pó</i> , literalmente galho- mão que é o mesmo que dizer galho apreensor que tem a propriedade de se prender, de se enlear, de atar.	<i>Comunidade /humano</i>	<i>Composta</i>	<i>LP<LI(2º elemento tupi)</i>	<i>Hidropônimo</i>	05
80.	<i>Córrego do Melado:</i>	<i>Córrego:</i> fenda ou sulco aberto	<i>Comunidade</i>	<i>Composta</i>	<i>LP</i>	<i>Hidropônimo</i>	01

	<i>Córrego do Melado</i>	na terra pelas águas correntes. Melado: caldo de cana-de-açúcar, limpo na calda e pouco grosso.	/humano				
81.	<i>Córrego Novo: Corgo Nov'</i>	<i>Córrego:</i> fenda ou sulco aberto na terra pelas águas correntes. <i>Novo:</i> que existe há pouco tempo.	Comunidade /humano	Composta	LP	Hidrotopônimo	01
82.	<i>Córrego Seco: Córrego Sec'~Corgo Seco</i>	<i>Córrego:</i> fenda ou sulco aberto na terra pelas águas correntes. <i>Seco:</i> que perdeu o viço.	Comunidade /humano	Composta	LP	Hidrotopônimo	04
83.	<i>Córrego Seco: Córrego Sec'~Corgo Seco</i>	<i>Córrego:</i> fenda ou sulco aberto na terra pelas águas correntes. <i>Seco:</i> que perdeu o viço.	Córrego /físico	Composta	LP	Hidrotopônimo	03
84.	<i>Corrente: Corrent'</i>	Curso de água.	Comunidade /humano	Simples	LP	Hidrotopônimo	01
85.	<i>Coruto:Curut'</i>	Pináculo, sumidade de um monte, ponto mais alto..	Comunidade /humano	Simples	LP	Geomorfotopônimo	01
86.	<i>Cruzeiro : Cruzero</i>	Cruz grande ao ar livre.	Comunidade /humano	Simples	LP	Hierotopônimo	01
87.	<i>Curral Novo: Curral Novo</i>	<i>Curral:</i> área descoberta cercado ou recinto coberto fechado onde se abriga o gado. <i>Novo:</i> que existe há pouco tempo.	Comunidade /humano	Composta	LP	Sociotopônimo	02
88.	<i>Curtume: Curtume</i>	Estabelecimento onde se curtem couros e peles.	Comunidade /humano	Simples	LP	Sociotopônimo	04
89.	<i>Datas: Datas</i>	Jazida ou mineração de ouro ou pedras preciosas, porção de terreno.	Comunidade /humano	Simples	LP	Litotopônimo	03
90.	<i>Dileta: Dileta</i>	Preferida na estima, muito querida, muito amada.	Fazenda /humano	Simples	LP	Animotopônimo	01
91.	<i>Dutra: Dutra</i>	Sobrenome	Comunidade /humano	Simples	LP	Antropotopônimo	01
92.	<i>Elefante: Elefante</i>	Mamífero herbívoro da ordem	Serra (do)	Simples	LP	Zootopônimo	01

		dos proboscídeos, família dos elefantídeos, da qual existem atualmente 3 espécies: duas africanas e uma asiática	/físico				
93.	<i>Empoeira:</i> <i>Empoeira~Empuera</i>	Do verbo empoeirar, cobrir-se de pó ou de poeira.	Comunidade /humano	Simples	LP	Não classificado	06
94.	<i>Engenheiro Schnoor:</i> <i>Schnoor</i>	<i>Engenheiro:</i> título <i>Schnoor:</i> sobrenome	Distrito /humano	Composta	LP(2ºelemento< alemão)	Antropo-axiotopônimo	01
95.	<i>Estiva: Istiva</i>	Ponte tosca, feita de varas ou paus atravessados sobre um córrego.	Comunidade /humano	Simples	LP	Hodotopônimo	02
96.	<i>Farinha Seca: Farinha Seca</i>	Árvore de até 15m (<i>ouratea castaneaefolia</i>) da família das ocnáceas, de madeira compacta e elástica, folhas simples, flores amarelas em panículas terminais e frutos drupáceos, nativa do Brasil (AM a MG e SP) e cultivada como ornamental, mangue-do--mato.	Comunidade /humano	Composta	LP	Fitotopônimo	02
97.	<i>Folha Roxa: Folha Roxa</i>	<i>Folha:</i> cada uma das partes que constitui a verdura dos vegetais. <i>Roxa:</i> que é da cor da violeta	Fazenda /humano	Composta	LP	Fitotopônimo	01
98.	<i>Frade: Frade</i>	Espécie de planta da família das Cactaceae, <i>o melocactus zehntneri</i> como uma endêmica de Minas Gerais e da Bahia, conhecido como cabeça de frade.	Comunidade /humano	Simples	LP	Fitotopônimo	02
99.	<i>Frade: Frade</i>	Espécie de planta da família das Cactaceae, <i>o melocactus zehntneri</i> como uma endêmica de Minas Gerais e da Bahia, é também conhecido como cabeça de frade.	Serra /físico	Simples	LP	Fitotopônimo	02

100.	<i>Francisco Badaró:</i> Francisco Badaró ~ Badaró~Sucuriú ~ Arraiá de Nossa Senhora da Conceição do Sucuriú~Vila Nossa Senhora da Conceição do Sucuriú~Vila do SucuriHU	<i>Francisco:</i> prenome <i>Badaró:</i> sobrenome	Município /humano	Composta	LP	Antropotopônimo	93
101.	<i>Freire Cardoso: Freire</i> <i>Cardoso~Oro Fino~Oro</i> <i>Fin'</i>	Freire: sobrenome Cardoso:sobrenome	Distrito /humano	Composta	LP	Antropotopônimo	19
102.	<i>Freitas: Freitas</i>	Sobrenome	Córrego /físico	Simples	LP	Antropotopônimo	01
103.	<i>Funil: Funil~Funili</i>	Abertura que as águas dos rios fazem nas serras e montanhas.	Comunidade /humano	Simples	LP	Geomorfotopônimo	05
104.	<i>Gangorras: Gangorra</i>	Engenho de cana-de-açúcar de tipo primitivo.	Comunidade /humano	Simples	LP	Ergotopônimo	01
105.	<i>Gangorras:Gangorras ~</i> Ribeirão	Engenho de cana-de-açúcar de tipo primitivo.	Ribeirão /físico	Simples	LP	Ergotopônimo	15
106.	<i>Gravatá: Gravatá</i>	Corruptela de <i>caruá-uã</i> , talo armado de espinho, nervura farpada, bromélia, cujas folhas dão excelentes fibras para vários misteres industriais: cordas, tecidos, papel.	Córrego /físico	Simples	LP<LI(tupi)	Fitotopônimo	06
107.	<i>Gravatá: Gravatá</i>	Corruptela de <i>caruá-uã</i> , talo armado de espinho, nervura farpada, bromélia, cujas folhas dão excelentes fibras para vários misteres industriais: cordas, tecidos, papel	Comunidade /humano	Simples	LP<LI(tupi)	Fitotopônimo	06
108.	<i>Hermógenes:</i> <i>Hermogis~Hermóginis</i>	Sobrenome	Comunidade /humano	Simples	LP	Antropotopônimo	02
109.	<i>Humaitá: Humaitá~Maitá</i>	corruptela de <i>Mbaitá</i> , o papagaio pequeno, também conhecido por	Comunidade /humano	Simples	LP <LI(tupi)	Zootopônimo	07

		maitaca (<i>psittacus cyanogastra</i>).					
110.	<i>Ijicatu</i> : Ijicatu~Jicatu ~Buriti Quebrad'~Buriti	<i>Yg</i> , água, o rio e <i>catu</i> , bom, boa. Água boa	Comunidade /humano	Simples	LP<LI(tupi)	Hidrotopônimo	27
111.	<i>Ilha do Bento</i> : Ilha do Bento	Porção de terra emersa, circundada de água doce ou salgada, porém menor que os continentes. Bento: prenome	Praia /físico	Composta	LP	Geomorfotopônimo	06
112.	<i>Irapé</i> : barragem de Irapé~barrage de Irapé~Irapé~Barrage~usina de Irapé	Do tupi antigo <i>eîrarapé</i> , que significa "caminho das iraras" (<i>eîrara</i> , "irara" + pé, "caminho").	Usina /físico	Simples	LP<LI(tupi)	Hodotopônimo	48
113.	<i>Itinga</i> : Itinga~ Santantônio da Barra do Rio Itinga ~ Água Branca	Corruptela <i>Y-tinga</i> , a água branca, o rio branco.Alt. Utinga, Otinga.	Município /humano	Simples	LP<LI(tupi)	Hidrotopônimo	143
114.	<i>Itinga</i> : Itinga	Corruptela <i>Y-tinga</i> , a água branca, o rio branco.Alt. Utinga, Otinga.	Rio /físico	Simples	LP<LI(tupi)	Hidrotopônimo	03
115.	<i>Itinguinha</i> : Itinguinha	Diminutivo de Itinga	Córrego /físico	Simples	LP<LI(tupi)	Hidrotopônimo	02
116.	<i>Itinguinha</i> : Itinguinha	Diminutivo de Itinga	Comunidade /humano	Simples	LP<LI(tupi)	Hidrotopônimo	01
117.	<i>Itira</i> : Itira~Barra do Pontal~Barra do Pontali~Pontal	O mesmo que <i>atyra</i> , elevação; o cérebro; o címbalo; o monte.	Distrito /humano	Simples	LP<LI(tupi)	Geomorfotopônimo	21
118.	<i>Jacaré</i> : Jacaré~Jacaré das Cobras	Corruptela de <i>ya-caré</i> , aquele que é torto, ou sinuoso. Pode ser, ainda, <i>y-echá-caré</i> , aquele que olha de banda	Distrito/ Humano	Simples	LP<LI(tupi)	Zootopônimo	06
119.	<i>Jatobá</i> : Jatobá	Corruptela de <i>yatay-ybá</i> , contrato em <i>yat-ybá</i> , o fruto do <i>yatahy</i> que se chama moça-branca (mosca-branca).	Comunidade /humano	Simples	LP<LI(tupi)	Fitotopônimo	01

120.	Jenipapo: Jenipapo Pinto-Jenipapo 1~Jenipapo 2~Jenipapo 3	Fruto do jenipapeiro.	Comunidade /humano	Simples	LP<LI(1º elemento tupi)	Fitotopônimo	23
121.	<i>Jenipapo de Minas:</i> <i>Jenipapo de Minas</i> <i>Jenipapo~ Jenipap'</i>	Fruto do jenipapeiro. Minas: estado do Brasil	Município /humano	Composta	LP<LI(1º elemento tupi)	Fitotopônimo	39
122.	<i>Jenipapo: Jenipapo</i>	Fruto do jenipapeiro.	Córrego /físico	Simples	LP<LI(tupi)	Fitotopônimo	03
123.	<i>Jequitibá : Jequitibá</i>	Corruptela de <i>Yiki-t-ybá</i> , o fruto de jiqui, isto é, fruto com a forma de covo. O fruto do jequitibá é pequeno e afunilado à semelhança de um jiqui. É a árvore gigante do Brasil. (<i>couratari legalis</i>). Alt. <i>Jequitibá</i> .	Comunidade /humano	Simples	LP<LI(tupi)	Fitotopônimo	03
124.	<i>Jequitinhonha:</i> <i>Jequitinhonha~</i> <i>Jequitionha</i>	Corruptela. <i>Yiki-tinhonhe</i> , o covo mergulhado, ou assentado n'água.	Rio /físico	Simples	LP<LI(tupi)	Ergotopônimo	44
125.	<i>Jirau: Jirau</i>	Corruptela <i>y-rau</i> , suspenso d'água ou da umidade. Construção sobre forquilhas para evitar os efeitos da água ou da umidade; estrato feito de varas.	Comunidade /humano	Simples	LP<LI(tupi)	Ergotopônimo	01
126.	<i>José Gonçalves de Minas:</i> <i>José Gonçalves de</i> <i>Minas~José Gonçalves~Zé</i> <i>Goncalves~Zé</i> <i>Gonçalv'~Gangorras</i>	<i>José</i> : prenome <i>Gonçalves</i> : sobrenome <i>Minas</i> : estado do Brasil	Município /humano	Composta	LP	Antropotopônimo	56
127.	<i>Lagoa do Zabelê: Zabelê</i> <i>Lagoa</i>	<i>Lagoa</i> : pequena extensão de água estagnada. <i>Zabelê</i> : o nome da ave <i>Crypturus noctivagus</i> , espécie de nambu	Comunidade /humano	Composta	LP <LI(2º elemento tupi)	Hidrotopônimo	07

128.	<i>Lagoa dos Patos: Lagoa dos Patos</i>	<i>Lagoa:</i> pequena extensão de água estagnada. <i>Patos:</i> ave da família dos anatídeos.	Comunidade /humano	Composta	LP	Hidrotopônimo	01
129.	<i>Lagoa Ezequiel: Lagoa Ezequiel ~Lagoa Zequiel</i>	<i>Lagoa:</i> pequena extensão de água estagnada. <i>Ezequiel:</i> prenome	Comunidade /humano	Composta	LP	Hidrotopônimo	04
130.	<i>Lagoa Grande: Lagoa Grand’~Lagoa Grande~Lagoa Grand’</i>	<i>Lagoa:</i> pequena extensão de água estagnada. <i>Grande:</i> que tem dimensões maiores que o habitual	Comunidade /humano	Composta	LP	Hidrotopônimo	08
131.	<i>Lagoinha: Lagoinha</i>	Lagoa pequena	Comunidade /humano	Simples	LP	Hidrotopônimo	08
132.	<i>Laje:Laje</i>	Pedra de superfície plana, quadrada ou retangular, de pouca espessura, destinada a cobrir pavimentos, sepulturas etc; qualquer pedra lisa, chata e larga, de grandes dimensões.	Comunidade /humano	Simples	LP	Litotopônimo	03
133.	<i>Lajinha: Lajinha</i>	Laje pequena	Comunidade /humano	Simples	LP	Litotopônimo	01
134.	<i>Lapa: Lapa</i>	Grande pedra ou laje que, ressaltando de um rochedo, forma abrigo.	Córrego /físico	Simples	LP	Litotopônimo	01
135.	<i>Lapinha: Lapinha</i>	Lapa pequena	Comunidade /humano	Simples	LP	Litotopônimo	01
136.	<i>Laranjeira: Laranjera</i>	Árvore cítrica da família das rutáceas.	Comunidade /humano	Simples	LP	Fitotopônimo	03
137.	<i>Lelivéldia: Lelivéldia~Lamarão</i>	Do sobrenome holandês <i>Leliveld</i>	Distrito /humano	Simples	LP<Holandesa	Antropotopônimo	30
138.	<i>Lorena: Lorena</i>	Sobrenome	Comunidade /humano	Simples	LP	Antropotopônimo	02

139.	<i>Machado: Machado</i>	Sobrenome	Córrego /físico	Simples	LP	Ergotopônimo	01
140.	<i>Machado:</i> <i>Machados~Machad'</i>	Sobrenome	Comunidade /humano	Simples	LP	Ergotopônimo	06
141.	<i>Macieira: Maciera</i>	Designação comum às plantas do gênero malus, da família das rosáceas. Do lat. Mattianaria, derivado de mattiana (donde maçã),	Comunidade /humano	Simples	LP	Fitotopônimo	06
142.	<i>Malhada Preta: Malhada Preta</i>	<i>Malhada:</i> cabana de pastores, curral de gado. <i>Preta:</i> que tem a cor do piche, do carvão.	Comunidade /humano	Composta	LP	Ecotopônimo	01
143.	<i>Malhada:</i> <i>Mailada~Maiada~Malhada ~Malhadinha</i>	Cabana de pastores, curral de gado.	Comunidade /humano	Simples	LP	Ecotopônimo	06
144.	<i>Mandinga: Mandinga</i>	Grupo étnico que compreende os malinkes, soninkes, bambaras e djulas. No Brasil são chamados assim os malinkes, oriundos do reino de Mali, um reino islâmico.	Comunidade /humano	Simples	LP<LA(banto)	Etnotopônimo	02
145.	<i>Martins: Martins</i>	Sobrenome	Comunidade /humano	Simples	LP	Antropotopônimo	05
146.	<i>Mateus: São Mateus~Mateus</i>	Prenome	Córrego /físico	Simples	LP	Antropotopônimo	02
147.	<i>Maurícios:</i> <i>Mouriços~Moriços</i>	Sobrenome	Comunidade /humano	Simples	LP	Antropotopônimo	03
148.	<i>Mocó dos Pretos: Mocó</i>	Corruptela de <i>mo-coó</i> , bicho que rói, animal roedor, (<i>cavia rupestres</i>).	Comunidade /humano	Composta	LP <LI(tupi)	Zootopônimo	11
149.	<i>Monte Alegre: Monte Alegre</i>	<i>Monte:</i> elevação notável de terreno acima do solo que a cerca; serra. <i>Alegre:</i> que manifesta alegria,	Comunidade /humano	Composta	LP	Geomorfotopônimo	01

		satisfação					
150.	<i>Monte Alto : Monte Alto</i>	<i>Monte:</i> elevação notável de terreno acima do solo que a cerca; serra. <i>Alto:</i> que se eleva muito em relação ao solo.	Comunidade /humano	Composta	LP	Geomorfotopônimo	03
151.	<i>Moquéém: Muquéém~Muquim</i>	Grade de páus em forma de grelhas, o secadouro, o assador, gradeado de varas sobre brasas para assar a caça ou peixe. Alt. Muquéém.	Comunidade /humano	Simples	LP<LI(tupi)	Ergotopônimo	04
152.	<i>Morro Redondo: Morro Redondo~Morredondo</i>	<i>Morro:</i> pequena elevação de uma planície, monte. <i>Redondo:</i> abaulado, em forma de cilindro.	Comunidade /humano	Composta	LP	Geomorfotopônimo	03
153.	<i>Muçambê: Maçambé</i>	planta da família das caparidáceas (<i>cleome heptaphylla</i>) do tupi <i>musâbe</i> .	Córrego /física	Simples	LP<LI(tupi)	Fitotopônimo	05
154.	<i>Muniz: Muniz</i>	Sobrenome	Comunidade /humano	Simples	LP	Antropotopônimo	01
155.	<i>Mutuca: Mutuca</i>	Nome comum dado às moscas da família dos tabanídeos, que causa incômodo ao gado e ao homem.	Comunidade /humano	Simples	LP<LI(tupi)	Zootopônimo	03
156.	<i>Neves: Neves</i>	Invocação Nossa Senhora das Neves, sobrenome português de origem cristã.	Comunidade /humano	Simples	LP	Hierotopônimo	01
157.	<i>Olho D'água: Olho D'água</i>	Golpe de água que arrebenta de algum buraco, ou abertura da terra.	Córrego /físico	Composta	LP	Hidrotopônimo	02
158.	<i>Olho D'água: Olho d'água~Olhos D'água</i>	Golpe de água que arrebenta de algum buraco, ou abertura da terra.	Comunidade /humano	Composta	LP	Hidrotopônimo	04

159.	<i>Pacheco: Pacheco</i>	Sobrenome.	Comunidade /humano	Simples	LP	Antropotopônimo	03
160.	<i>Palmeiras:</i> <i>Palmeiras~Palmeras</i>	Designação comum às plantas das famílias das palmas, especialmente as de porte arbóreo.	Córrego /físico	Simples	LP	Fitotopônimo	03
161.	<i>Palmital: Palmital ~Palmital de Baix'~Palmital de Cima</i>	Extenso aglomerados de palmitos em determinada área.	Comunidade /humano	Simples	LP	Fitotopônimo	07
162.	<i>Pankararu: Pankararu</i>	grupo indígena que habita as proximidades do médio São Francisco, junto aos limites dos municípios de Tacaratu e Petrolândia-PE.	Aldeia /humano	Simples	LP	Etnotopônimo	01
163.	<i>Paredão: Paredão</i>	Ribanceira elevada de um rio, muitas vezes talhada a pique.	Comunidade /humano	Simples	LP	Geomorfotopônimo	05
164.	<i>Pasmadinho: Pasmadin</i>	Diminutivo de pasmado, muito espantado, assustado.	Comunidade /humano	Simples	LP	Animotopônimo	02
165.	<i>Pasmado Empedrado:</i> <i>Pasmad' Impedrad'</i>	<i>Pasmado:</i> assustado, espantado, admirado. <i>Empedrado:</i> cheio de concreções calcárias, pedras.	Comunidade /humano	Composta	LP	Animotopônimo	01
166.	<i>Pasmado:</i> <i>Pasmado~Pasmad'</i>	Assustado, admirado, espantado.	Comunidade /humano	Simples	LP	Animotopônimo	14
167.	<i>Passagem: Passage</i>	Lugar por onde se passa, passadouro.	Córrego /físico	Simples	LP	Hodotopônimo	01
168.	<i>Passagem:</i> <i>Passagem~Passage</i>	Lugar por onde se passa, passadouro.	Comunidade /humano	Simples	LP	Hodotopônimo	11
169.	<i>Passos: Passes</i>	Invocação de Senhor dos Passos ou Senhor Bom Jesus dos Passos . Refere-se ao caminhar de Jesus para o Monte Calvário. Passos é u sobrenome português	Córrego (dos) /físico	Simples	LP	Hierotopônimo	02

		de origem cristã.					
170.	<i>Pau Alto: Pau Alto</i>	<i>Pau</i> - qualquer madeira ou pedaço dela. <i>Alto</i> - algo de grande extensão vertical; elevado.	Comunidade /humano	Composta	LP	Fitotopônimo	03
171.	<i>Pau Alto: Pau Alto</i>	<i>Pau</i> - qualquer madeira ou pedaço dela. <i>Alto</i> - algo de grande extensão vertical; elevado.	Serra /físico	Composta	LP	Fitotopônimo	01
172.	<i>Pau D'alho: Pau D'alho</i>	Árvore de até 40 metros, nativa do Brasil e do Peru, cuja madeira exala forte cheiro.	Comunidade /humano	Composta	LP	Fitotopônimo	02
173.	<i>Pau D'alho: Pau D'alho</i>	Árvore de até 40 metros, nativa do Brasil e do Peru, cuja madeira exala forte cheiro.	Fazenda /humano	Composta	LP	Fitotopônimo	01
174.	<i>Paulinos: Polino</i>	Sobrenome	Córrego /físico	Simples	LP	Antropotopônimo	01
175.	<i>Pedra: Pedra</i>	Corpo sólido e duro que resulta de partículas terreas agregadas, matéria mineral dura e sólida, da natureza das rochas.	Comunidade /humano	Simples	LP	Litotopônimo	01
176.	<i>Pega: Pega</i>	Discussão acalorada, desavença; luta corporal, vias de fato, briga.	Comunidade /humano	Simples	LP	Animotopônimo	27
177.	<i>Piabanha: Piabanha</i>	Corruptela de <i>piá-bái</i> , o que é manchado, nome de um peixe fluvial.	Comunidade /humano	Simples	LP<LI(tupi)	Zootopônimo	08
178.	<i>Piauí: Piauí</i>	Corruptela de <i>py-yáu-y</i> , o rio dos piaus.	Córrego /físico	Simples	LP <LI(tupi)	Zootopônimo	05
179.	<i>Poção : Poção</i>	Lugar, no leito de um igarapé, rego ou lago, onde é maior a profundidade.	Córrego /físico	Simples	LP	Hidrotopônimo	03

180.	<i>Ponte do Pasmado: Pont' do Pasmad'~Pont' de Pasmad'</i>	<i>Ponte:</i> obra construída para estabelecer comunicação entre dois pontos separados. <i>Pasmado:</i> admirado, espantado, assustado.	Comunidade /humano	Composta	LP	Hodotopônimo	03
181.	<i>Porcos: Porcos</i>	Mamífero da família dos suídeos.	Córrego (dos) /físico	Simples	LP	Zootopônimo	01
182.	<i>Quilombo Baiú:Quilombo~Quilombo dos Baiús~Baiú</i>	Quilombo: união, povoação fortificada dos negros fugidos do cativeiro. Bau ⁷⁵ : local da África.	Comunidade /humano	Composta	LP<LA(1º elemento banto)	Sociotopônimo	08
183.	<i>Quitéria: Quitéria</i>	Prenome	Fazenda /humano	Simples	LP	Antropotopônimo	01
184.	<i>Ribeirão das Gangorra: Ribeirão das Gangorras~Ribeirão Gangorras</i>	<i>Ribeirão:</i> curso de água menor que um rio e maior que um riacho. <i>Gangorras:</i> engenho de cana-de-açúcar de tipo primitivo.	Comunidade /humano	Composta	LP	Hidrotopônimo	12
185.	<i>Ribeirão de Areia:Ribeirão de Areia</i>	<i>Ribeirão:</i> curso de água menor que um rio e maior que um riacho. <i>Areia:</i> massa constituída de grânulos resultantes da desagregação de rochas.	Córrego /físico /físico	Composta	LP	Hidrotopônimo	04
186.	<i>Ribeirão de Areia: Ribeirão de Areia~Ribeirão</i>	<i>Ribeirão:</i> curso de água menor que um rio e maior que um riacho. <i>Areia:</i> massa constituída de grânulos resultantes da desagregação de rochas.	Comunidade /humano	Composta	LP	Hidrotopônimo	05

⁷⁵ Conforme relatos orais, Baú veio de Baus, uma comunidade africana de onde vieram os descendentes africanos. As pessoas entendiam Baú e assim ficou. Inclusive hoje as pessoas da comunidade usam Baú como sobrenome: Antônio Baú, Maria Baú.

187.	<i>Ribeirão do Altar</i> : Ribeirão do Altá~Reberão do Altar~Rebeirão do Altar	<i>Ribeirão</i> : curso de água menor que um rio e maior que um riacho. <i>Altar</i> : estrutura onde o sacerdote de religiões diversas faz imolações, mesa sagrada.	Comunidade /humano	Composta	LP	Hidrotopônimo	11
188.	<i>Ribeirão do Bosque</i> : Ribeirão do Bosque	<i>Ribeirão</i> : curso de água menor que um rio e maior que um riacho. <i>Bosque</i> : terreno extenso coberto de árvores, arbustos e outras formações silvestres.	Comunidade /humano	Composta	LP	Hidrotopônimo	01
189.	<i>Ribeirão Grande</i> : Reberão Grande	<i>Ribeirão</i> : curso de água menor que um rio e maior que um riacho. <i>Grande</i> : que tem dimensões maiores que o habitual.	Córrego /físico	Composta	LP	Hidrotopônimo	05
190.	<i>Ribeirão Pequeno</i> : Riberão Piqueno	<i>Ribeirão</i> : curso de água menor que um rio e maior que um riacho. <i>Pequeno</i> : que tem dimensões menores que o habitual.	Córrego /físico	Composta	LP	Hidrotopônimo	02
191.	<i>Ribeirão Pequeno</i> : Riberão Piqueno	<i>Ribeirão</i> : curso de água menor que um rio e maior que um riacho. <i>Pequeno</i> : que tem dimensões menores que o habitual.	Comunidade /humano	Composta	LP	Hidrotopônimo	01
192.	<i>Roça Grande</i> : Roça Grande	<i>Roça</i> : povoação formada por grupos de pequenos agricultores familiares, moradores do campo. <i>Grande</i> : que tem dimensões maiores que o habitual.	Comunidade /humano	Composta	LP	Sociotopônimo	07
193.	<i>Rosário</i> : Rosário de Baixo~Rosário de Cima	é em português vocábulo erudito, de origem religiosa, do latim	Comunidade /humano	Simples	LP	Hierotopônimo	02

		<i>rosarium</i> . Há quem afirme que esse nome, aplicado às contas da corrente, é por se comparar, na ladinha, a Virgem Maria à rosa – ‘Rosa					
194.	<i>Rosário: Rusaro</i>	Vocabulo erudito, de origem religiosa, nome, aplicado às contas da corrente, é por se comparar, na ladinha, a Virgem Maria à rosa.	Córrego /físico	Simples	LP	Hierotopônimo	01
195.	<i>Salinas: Salinas</i>	Monte de sal, salgemas.	Rio /físico	Simples	LP	Litotopônimo	09
196.	<i>Samambaia: Samambaia</i>	Corruptela de <i>çama-mbai</i> , o trançado de cordas; cordas entrelaçadas formando parapeito; cordas emaranhadas; alusão à trama confusa dessas plantas sociais, invasoras (<i>Felix herbacea</i>).	Comunidade /humano	Simples	LP<LI(tupi)	Fitotopônimo	01
197.	<i>Santa Luzia: Santa Luzia</i>	Santa protetora da visão.	Comunidade /humano	Composta	LP	Hagiotopônimo	08
198.	<i>Santa Maria: Santa Maria</i>	Identificação da Virgem Maria mãe de Deus.	Comunidade /humano	Composta	LP	Hagiotopônimo	03
199.	<i>Santa Rita do Tombo: Santa Rita do Tombo~Tombo</i>	Santa Rita: a santa dos impossíveis, por ter tirado o marido do inferno. Tombo: cachoeira alta, volumosa, quase vertical.	Comunidade /humano	Composta	LP	Hagiotopônimo	02
200.	<i>Santa Rita: Santa Rita</i>	Na religiosidade popular é a santa dos impossíveis, por ter tirado o marido do inferno, como consta do bendito de Santa Rita cantado em muitas versões.	Córrego /físico	Composta	LP	Hagiotopônimo	01
201.	<i>Santa Rita: Santa Rita</i>	Na religiosidade popular é a santa	Comunidade	Composta	LP	Hagiotopônimo	07

		dos impossíveis, por ter tirado o marido do inferno, como consta do bendito de Santa Rita cantado em muitas versões.	/humano				
202.	<i>Santana: Santana</i>	Esposa de São Joaquim, avó materna de Jesus e mãe da Virgem Maria.	Córrego /físico	Simples	LP	Hagiopônimo	03
203.	<i>Santana: Santana</i>	Esposa de São Joaquim, avó materna de Jesus e mãe da Virgem Maria.	Comunidade /humano	Simples	LP	Hagiopônimo	09
204.	<i>Santana: Santana</i>	Esposa de São Joaquim, avó materna de Jesus e mãe da Virgem Maria.	Fazenda /humano	Simples	LP	Hagiopônimo	04
205.	<i>Santana do Araçuaí: Santana do Araçuaí</i>	<i>Sant'Ana:</i> esposa de São Joaquim, avó materna de Jesus e mãe da Virgem Maria. <i>Araçuaí:</i> o rio do chapéu ou do cocar.	Comunidade /humano	Composta	LP<LI(2º elemento tupi)	Hagiopônimo	02
206.	<i>Santo Antônio do Bola: Santo Antônio do Bolas~ Santantonô</i>	<i>Santo Antônio:</i> conhecido também como Santo Antônio de Lisboa e Santo Antônio de Pádua, é um dos santos mais populares da Igreja Católica. <i>Bolas:</i> sobrenome alentejano.	Comunidade /humano	Composta	LP	Hagiopônimo	04
207.	<i>Santo Antônio: Santo Antônio</i>	<i>Santo Antônio:</i> conhecido também como Santo Antônio de Lisboa e Santo Antônio de Pádua, é um dos santos mais populares da Igreja Católica	Córrego /físico	Composta	LP	Hagiopônimo	04
208.	<i>São Bento: São Bento</i>	O fundador da ordem dos beneditinos; é considerado o pai dos monges do Ocidente.	Comunidade /humano	Composta	LP	Hagiopônimo	02
209.	<i>São Domingos: São Domingos</i>	São Domingos era de família nobre muito católica. Muitas	Ribeirão /físico	Composta	LP	Hagiopônimo	06

		vezes traz na mão um livro, símbolo da pregação e do ensino, ou um crucifixo grande com quem domina o demônio caído por terra.					
210.	<i>São João do Vacaria: São João da Vacaria~São João de Vacaria</i>	<i>São João:</i> comumente representado às margens do rio Jordão, batizando Jesus Cristo, em pé, dentro da água e os braços cruzados sobre o peito. <i>Vacaria:</i> curral ou estábulo onde se recolhem as vacas.	Distrito /humano	Composta	LP	Hagiotopônimo	02
211.	<i>São João de Quelé</i>	<i>São João:</i> comumente representado às margens do rio Jordão, batizando Jesus Cristo, em pé, dentro da água e os braços cruzados sobre o peito. <i>Quelé:</i> no candomblé, certo adereço que as filhas e filhos de santo levam em torno do pescoço como sinal de sujeição a um orixá.	Comunidade/ Humano	Composta	LP(último elemento< língua africana)	Hagiotopônimo	01
212.	<i>São João: São João</i>	Comumente representado às margens do rio Jordão, batizando Jesus Cristo, em pé, dentro da água e os braços cruzados sobre o peito.	Córrego /físico	Composta	LP	Hagiotopônimo	01
213.	<i>São Joaquim: São Joaquim</i>	Esposo de Santa Ana, pai da Virgem Maria e avô materno de Jesus Cristo.	Comunidade /humano	Composta	LP	Hagiotopônimo	02
214.	<i>São José das Neves: São José das Neves</i>	<i>São José:</i> esposo da Virgem Maria, vivia em Nazaré como carpinteiro. Além de ser patrono dos profissionais da madeira, São	Comunidade /humano	Composta	LP	Hagiotopônimo	01

		José protege os viajantes e os asilados. <i>Neves:</i> invocação a Nossa Senhora das Neves.					
215.	<i>São José do Bolas: São José do Bolas~Bolas</i>	<i>São José:</i> esposo da Virgem Maria, vivia em Nazaré como carpinteiro. Além de ser patrono dos profissionais da madeira, São José protege os viajantes e os asilados. <i>Bolas:</i> sobrenome alentejano.	Comunidade /humano	Composta	LP	Hagiopônimo	07
216.	<i>São José: São José</i>	<i>São José:</i> esposo da Virgem Maria, vivia em Nazaré como carpinteiro. Além de ser patrono dos profissionais da madeira, São José protege os viajantes e os asilados	Córrego /físico	Composta	LP	Hagiopônimo	05
217.	<i>São José:São José</i>	<i>São José:</i> esposo da Virgem Maria, vivia em Nazaré como carpinteiro. Além de ser patrono dos profissionais da madeira, São José protege os viajantes e os asilados	Comunidade /humano	Composta	LP	Hagiopônimo	05
218.	<i>São Pedro: São Pedro</i>	Pescador, natural de Betsaida, inicialmente chamado Simão, era filho de João. Apóstolo e mártir, foi o primeiro papa.	Comunidade /humano	Composta	LP	Hagiopônimo	02
219.	<i>São Vicente: São Vicente</i>	Declarado santo pelo Papa Clemente XII em 1737, foi um dos santos mais populares do ocidente.	Comunidade /humano	Composta	LP	Hagiopônimo	01
220.	<i>Sede: Sede</i>	Sensação causada pela necessidade de beber, sobretudo água.	Comunidade /humano	Simples	LP	Não classificado	02

221.	<i>Sete Canais: Sete Canais</i>	<i>Sete</i> –o número cardinal logo acima de seis, que equivale a essa quantidade. (Houaiss, 1999). <i>Canais</i> - sulco ou vala corrida, natural ou artificial, por onde corre água.	Comunidade /humano	Composta	LP	Numerotopônimo	01
222.	<i>Setúbal: Setúbal~Barragem</i>	Distrito português, o qual tem a cidade de Setúbal como capital, desde 1926, que fica a 48 km de Lisboa, fazendo fronteira com o Alentejo,	Barragem /físico	Simples	LP	Corotopônimo	10
223.	<i>Setúbal:</i> <i>Setúbal~Setuba~Situba</i>	Distrito português, o qual tem a cidade de Setúbal como capital, desde 1926, que fica a 48 km de Lisboa, fazendo fronteira com o Alentejo,	Rio /físico	Simples	LP	Corotopônimo	04
224.	<i>Setúbal: Setúbal~Setuba~</i> <i>Situba</i>	Distrito português, o qual tem a cidade de Setúbal como capital, desde 1926, que fica a 48 km de Lisboa, fazendo fronteira com o Alentejo,	Comunidade /humano	Simples	LP	Corotopônimo	23
225.	<i>Silvolândia: Silvolândia</i>	Sobrenome Silva que recebeu o sufixo lândia.	Comunidade /humano	Simples	LP	Antropotopônimo	06
226.	<i>Sucuriú: Sucuriú~Sucruíú~</i> <i>Sucuiú</i>	Corruptela de <i>Cuucuri-yu</i> , forma contrata de <i>cuucuri-yuba</i> , a sucuri amarela.	Rio /físico	Simples	LP<LI(tupi)	Zootopônimo	08
227.	<i>Tabuleiro: Tabulero</i>	Extensa planície geralmente arenosa e de vegetação acanhada.	Comunidade /humano	Simples	LP	Geomorfotopônimo	01
228.	<i>Tamanduá: Tamanduá</i>	Nome comum a diversas espécies de mamíferos do gênero <i>Myrmecofaga</i> , de ordem dos desdentados.	Comunidade /humano	Simples	LP <LI(tupi)	Zootopônimo	07
229.	<i>Taquaral de Minas:</i>	Mata de taquaras.	Distrito	Composta	LP<LI(1º)	Fitotopônimo	03

	<i>Taquaral</i>		/humano		elemento tupi)		
230.	<i>Teixeira: Texera</i>	Sobrenome	Comunidade /humano	Simples	LP	Antropotopônimo	01
231.	<i>Teixeirão: Texerão</i>	Aumentativo do sobrenome Teixeira.	Comunidade /humano	Simples	LP	Antropotopônimo	01
232.	<i>Teixeirinha: Texerinha~Texerinha 1~Texerinha 2~Texerinha 3</i>	Diminutivo do sobrenome Teixeira.	Comunidade /humano	Simples	LP	Antropotopônimo	05
233.	<i>Terra Vermelha: Terra Vermelha</i>	<i>Terra-</i> chão, solo; argila própria para escultura. <i>Vermelha</i> – que tem cor encarnada, muito viva, cor do sangue dos vertebrados, rubro.	Comunidade /humano	Composta	LP	Litotopônimo	01
234.	<i>Tesouras: Tesouras de Baixo~Tesouras de Cima~Tesouras de Meio</i>	Pássaro da família dos tiranídeos(<i>muscivora tyrannus</i>); ave, o mesmo que alcatraz.	Comunidade /humano	Simples	LP	Zootopônimo	03
235.	<i>Tibussu: Tibussu</i>	Não encontrado	Córrego /físico	Simples	Não encontrada	Não classificado	02
236.	<i>Toca da Onça: Toca da Onça</i>	<i>Toca:</i> buraco onde se abrigam certos animais. <i>Onça:</i> designação genérica de alguns felídeos brasileiros de grande porte.	Comunidade /humano	Composta	LP	Ecotopônimo	01
237.	<i>Toca das Abelhas: Toca das Abelhas~Vila</i>	<i>Toca:</i> buraco onde se abrigam certos animais. <i>Abelhas:</i> designação comum aos insetos himenópteros, cosmopolitas, da superfamília dos apoídeos.	Comunidade /humano	Composta	LP	Ecotopônimo	04
238.	<i>Tocoiós de Minas: Tocoiós de Minas~Tocoiós</i>	Tribo indígena que habitava Minas Gerais.	Distrito /humano	Composta	LP	Etnotopônimo	17
239.	<i>Tum Tum: Tum Tum</i>	Não encontrado	Comunidade /humano	Composta	Não encontrada	Fitotopônimo	13

240.	<i>Vai Lavando: Vai Lavando</i>	Locução verbal.	Córrego /físico	Composta	LP	Dirrematopônimo	01
241.	<i>Vai Lavando: Vai Lavando</i>	Locução verbal.	Comunidade /humano	Composta	LP	Dirrematopônimo	07
242.	<i>Vai Vir: Vai Vi</i>	Locução verbal.	Comunidade /humano	Composta	LP	Dirrematopônimo	07
243.	<i>Vale do Jequitinhonha: Vale do Jequitinhonha~Vale do Jequitionha~Vale</i>	<i>Vale:</i> depressão alongada situada no sopé de um monte ou entre elevações topográficas colo colinas, montanhas. <i>Jequitinhonha:</i> corruptela. <i>Yikitinhonhe</i> , o covo mergulhado, ou assentado n'água.	Mesorregião /humano	Composta	LP <LI(2º elemento tupi)	Geomorfotopônimo	82
244.	<i>Vargem Grande: Varge Grande</i>	O mesmo que várzea.	Comunidade /humano	Composta	LP	Geomorfotopônimo	02
245.	<i>Vargem João Alves: Vargem João Alves</i>	<i>Vargem:</i> o mesmo que várzea. <i>João Alves</i> – prenome+sobrenome.	Comunidade /humano	Composta	LP	Geomorfotopônimo	01
246.	<i>Vereda: Vereda~Vereda 1~Vereda 2~Veredas</i>	Caminho estreito, senda, sendeiro; caminho secundário pelo qual se chega mais rapidamente a um lugar; atalho.	Comunidade /humano	Simples	LP	Hodotopônimo	12
247.	<i>Vereda: Vereda</i>	Caminho estreito, senda, sendeiro; caminho secundário pelo qual se chega mais rapidamente a um lugar; atalho.	Fazenda /humano	Simples	LP	Hodotopônimo	01
248.	<i>Vila de Santo Isidoro: Vila Santo Isidoro~Santo Isidoro</i>	<i>Vila:</i> povoação de categoria inferior a uma cidade. <i>Santo Isidoro:</i> Padroeiro dos trabalhadores, camponeses e agricultores de algumas cidades espanholas e italianas	Comunidade /humano	Composta	LP	Poliotopônimo	02
249.	<i>Vila de São João: Vila São</i>	<i>Vila:</i> povoação de categoria	Comunidade	Composta	LP	Poliotopônimo	07

	<i>João~Vila Sã Jão</i>	inferior a uma cidade. <i>São João</i> : santo da igreja católica que batizou Jesus.	/humano				
250.	<i>Vila de São José: Vila de São José</i>	<i>Vila</i> : povoação de categoria inferior a uma cidade. <i>São José</i> : esposo da Virgem Maria, vivia em Nazaré como carpinteiro.	Comunidade /humano	Composta	LP	Poliotopônimo	04
251.	<i>Virgem da Lapa: Virgem da Lapa~Virge da Lapa</i> <i>Virdalapa~Arraiá São Dumingos~São Dumingos</i>	<i>Virgem</i> : alusão à mãe de Jesus Cristo, a Virgem Maria. <i>Lapa</i> : grande pedra ou laje que, ressaltando de um rochedo, forma abrigo.	Município /humano	Composta	LP	Hagiotopônimo	80
252.	<i>Zabelê: Zabelê</i>	O nome da ave <i>Crypturus noctivagus</i> , espécie de nambu.	Comunidade /humano	Simples	LP <LI (tupi)	Zootopônimo	01
TOTAL							1955

Fonte: Elaboração própria

**ANEXO A - LISTA DE TAXONOMIAS UTILIZADAS PARA
CLASSIFICAÇÃO DOS TOPÔNIMOS (DICK, 1990b)**

Quadro 20: Modelo de classificação taxonômica

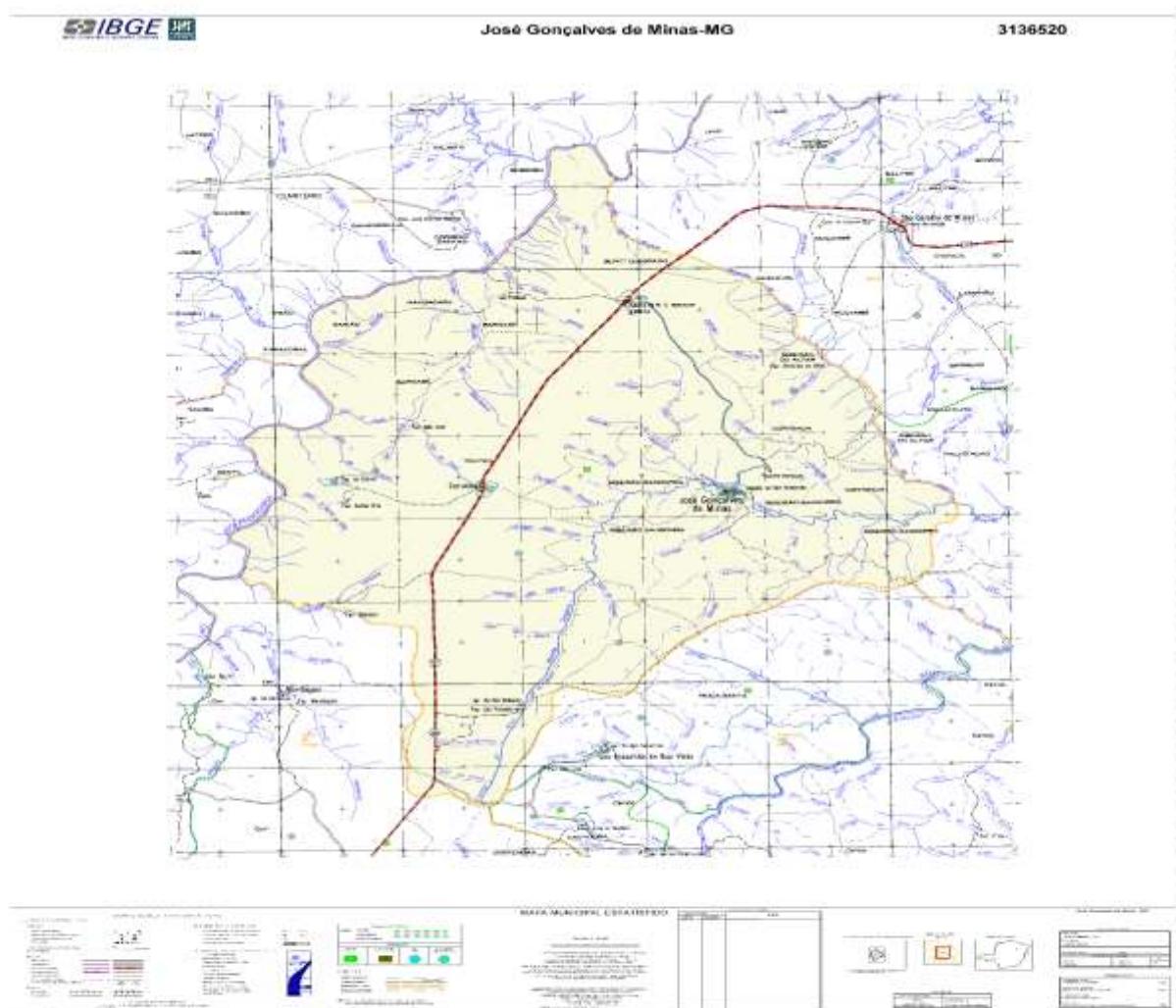
Natureza	Tipo	Descrição	Exemplo
Física	Astrotopônimos	topônimos relativos aos corpos celestes em geral	rio da Estrela
	Cardinotopônimos	topônimos relativos a posições geográficas em geral	lagoa do Sul
	Cromotopônimos	topônimos relativos à escala cromática	rio Pardo
	Dimensiotopônimos	topônimos relativos às características dimensionais como extensão, comprimento, largura, grossura, espessura, altura, profundidade	morro Alto.
	Fitotopônimos	topônimos de ínole vegetal	ribeirão do Café
	Geomorfotopônimos	topônimos relativos à formas topográficas como elevações, depressões do terreno e formações litorâneas	Monte Azul, Baixada, Angra dos Reis
	Hidrotopônimos	topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral	serra das Águas
	Litotopônimos	topônimos de ínole mineral	Barreiro
	Meteorotopônimos	topônimos relativos a fenômenos atmosféricos	serra do Vento
	Morfotopônimos	topônimos que refletem o sentido de forma geográfica	ilha Quadrada
Antropocultural	Zootopônimos	topônimos de ínole animal, individual ou em grupo da mesma espécie	Vacaria
	Animotopônimos ou Nootopônimos	topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo todos os produtos do psiquismo humano, cuja matéria prima fundamental, e em seu aspecto mais importante não pertence à cultura física	cachoeira da Saudade, Belo Campo
	Antropotopônimos	topônimos relativos aos nomes próprios individuais (prenomes, hipocorísticos, prenome+alcunha, apelido de família ⁷⁶ , prenome+apelido de família)	Ilha Chiquita
	Axiotopônimos	topônimos relativos aos títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais	Presidente Prudente
	Corotopônimos	topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes	Brasil
	Cronotopônimos	topônimos que se encerram indicadores cronológicos, representados em toponímia, pelos adjetivos novo/ nova, velho/velha	rio Novo Mundo.
	Dirrematopônimos	topônimos constituídos ou enunciados linguísticos	Há Mais Tempo
	Ectotopônimos	topônimos relativos às habitações de um modo geral	Casa da Telha
	Ergotopônimos	topônimos relativos aos elementos da cultura material	Flecha
	Etnotopônimos	topônimos referentes aos elementos étnicos, isolados ou não (povos, tribos,	Guarani

⁷⁶ O mesmo que sobrenome.

		castas)	
Hierotopônimos	topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças: cristã, hebraica, maometana, etc. Apresenta duas subdivisões: <i>hagiotopônimo</i> , relativo a santos e santas e <i>mitotopônimo</i> , relativo a entidades mitológicas.	Cristo Rei Santa Tereza Ribeirão do Saci	
Historiotopônimos	topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como às datas correspondentes	Independência	
Hodotopônimos ou Odotopônimos	topônimos relativos às vias de comunicação rural ou urbana	Estradas	
Numerotopônimos	topônimos relativos aos adjetivos numerais	Duas Barras	
Poliotopônimos	topônimos constituídos pelos vocábulos Vila, Aldeia, Cidade, Povoação, Arraial	rio da Cidade	
Sociotopônimos	topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade (largo, pátio, praça)	Sapateiro	
Somatotopônimos	topônimos empregados em relação metafórica à partes do corpo humano ou do animal	Pé de Boi	

Fonte: Dick (1990b)

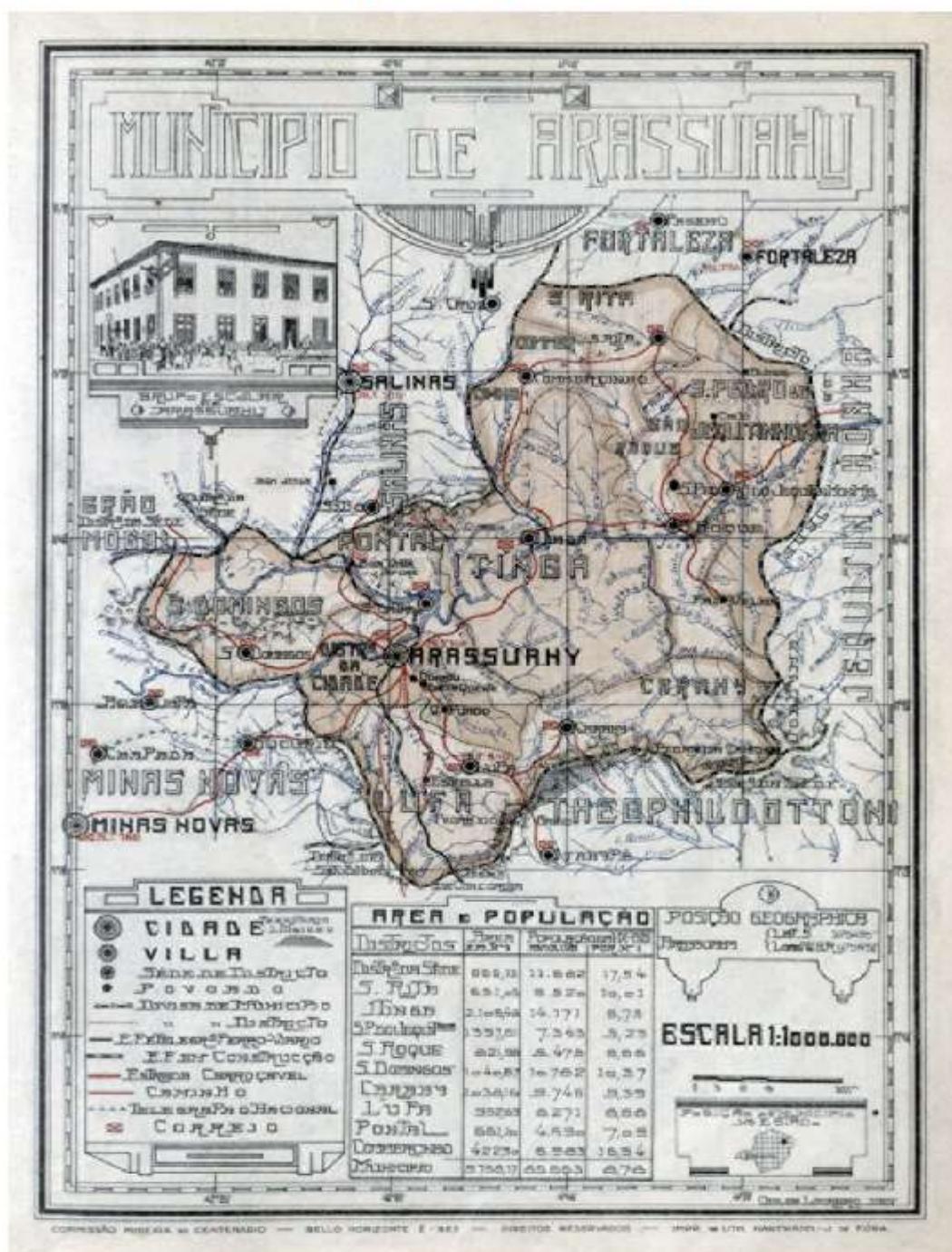
ANEXO B - MODELO DE CARTA GEOGRÁFICA DA COLETA DE TOPÔNIMOS



Fonte: IBGE, 2010

ANEXO C - VARIAÇÃO E MUDANÇA TOPONÍMICA-
ARAÇUAÍ<ARASSUAHY E VIRGEM DA LAPA<SÃO DOMINGOS

29/04/2020

www.albumchorographico1927.com.br/imprimir.php?mapa=2012_05_04_16_38_25_arassuary.jpgwww.albumchorographico1927.com.br/imprimir.php?mapa=2012_05_04_16_38_25_arassuary.jpg

1/1

ANEXO D - CARTA RÉGIA DE 13 DE MAIO DE 1808

Manda fazer guerra aos índios Botocudos.

"Pedro Maria Xavier de Ataíde e Mello, do meu Conselho, Governador e Capitão General da Capitania de Minas Geraes. Amigo. Eu o Principe Regente vos envio muito saudar. Sendo-me as graves queixas da Capitania de Minas Geraes têm subido á minha real presença, sobre as invasões que diariamente estão praticando os indios Botocudos, antropophagos, em diversas e muito distantes partes da mesma Capitania, particularmente sobre as margens do Rio Doce e rios que no mesmo desaguam e onde não só devastam todas as fazendas sitas naquellas vizinhanças e tem até forçado muitos proprietarios a abandonal-as com grave prejuizo seu e da minha Real Coroa, mas passam a praticar as mais horriveis e atrozes scenas da mais barbara antropophagia, ora assassinando os Portuguezes e os Indios mansos por meio de feridas, de que servem depois o sangue, ora dilacerando os corpos e comendo os seus tristes restos; tendo-se verificado na minha real presença a inutilidade de todos os meios humanos, pelos quaes tenho mandado que se tente a sua civilisação e o reduzil-os a aldear-se e a gozarem dos bens permanentes de uma sociedade pacifica e doce, debaixo das justas e humanas Leis que regem os meus povos; e até havendo-se demonstrado, quão pouco util era o systema de guerra defensivo que contra elles tenho mandado seguir, visto que os pontos de defesa em uma tão grande e extensa linha não podiam bastar a cobrir o paiz: sou servido por estes e outros justos motivos que ora fazem suspender os effeitos de humanidade que com elles tinha mandado praticar, ordenar-vos, em primeiro logar: Que desde o momento, em que receberdes esta minha Carta Regia, deveis considerar como principiada contra estes Indios antropophagos uma guerra offensiva que continuareis sempre em todos os annos nas estações secas e que não terá fim, senão quando tiverdes a felicidade de vos senhorear de suas habitações e de os capacitar da superioridade das minhas reaes armas de maneira tal que movidos do justo terror das mesmas, peçam a paz e sujeitando-se ao doce jugo das leis e promettendo viver em sociedade, possam vir a ser vassallos uteis, como ja o são as immensas variedades de Indios que nestes meus vastos Estados do Brazil se acham aldeadados e gozam da felicidade que é consequencia necessaria do estado social: Em segundo logar sou servido ordenar-vos que formeis logo um Corpo de soldados pedestres escolhidos e commandados pelos mesmos habeis commandantes que vós em parte propuzestes e que vão nomeados nesta mesma Carta Regia, os quaes terão o mesmo soldo que o dos soldados Infanteas; e sendo Indios domesticos, poderá diminuir-se o soldo a 40 réis, como se faz na guarnição dos Presidios dos Barretos e da Serra de S. João; e para que não cresçam as despezas da Capitania, ordeno-vos que deis logo baixa a todos os soldados Infantes que ora existem nessa Capitania, ficando os Officiaes aggregados ao Regimento de Cavallaria regular, donde successivamente passarão a effectivos, logo que haja vaga: Em terceiro logar, ordeno-vos que façais distribuir em seis districtos, ou partes, todo o terreno infestado pelos Indios Botocudos, nomeando seis Commandantes destes terrenos, a quem ficará encarregada pela maneira que lhes parecer mais proficua, a guerra offensiva que convém fazer aos Indios Botocudos: e estes Commandantes que terão as patentes e soldos de Alferes e aggregados ao Regimento de Cavallaria de Minas Geraes, que logo lhes mandareis passar com vencimento de soldo dessa nomeação, serão por agora Antonio Rodrigues Taborda, ja Alferes; João do Monte da

Fonseca; Januario Vieira Braga; Arruda, morador na Pomba; e se denominarão Commandantes da primeira, segunda, terceira, quarta, quinta e sexta Divisão do Rio Doce. A estes Commandantes ficará livre o poderem escolher os soldados que julgarem proprios para essa qualidade de duro e aspero serviço, e em numero sufficiente para formarem diversas Bandeiras, com que hajam constantemente todos os annos na estação secca de entrar nos matos; ajudando-se reciprocamente não só as Bandeiras de cada Comandante, mas todos os seis Commandantes com as suas respectivas forças, e concertando entre si o plano mais proficuo para a total reducção de **uma semelhante e atroz raça antrophopaga**. Os mesmo Commandantes serão responsaveis pelas funestas consequencias das invasões dos Indios Botocudos nos sitios confiados á sua guarda, logo que contra elles se prove omissão, ou descuido: Que sejam considerados como prisioneiros de guerra todos os Indios Botocudos que se tomarem com as armas na mão em qualquer ataque; e que sejam entregues para o serviço do respectivo Commandante por dez annos, e todo o mais tempo em que durar sua ferocidade, podendo elle empregal-o em seu serviço particular durante esse tempo e conserval-os com a devida segurança, mesmo em ferros, enquanto não derem provas do abandono de sua atrocidade e antropophagia. Em quarto logar, ordeno-vos que a estes Commandantes se lhes confira annualmente um augmento de soldo proporcional ao bom serviço que fizerem, regulado este pelo principio que terá mais meio soldo aquelle Commandante que no decurso de um anno mostrar, não sómente que no seu distrito não houve invasão alguma de Indios Botocudos, nem de outros quaesquer Indios bravos, de que resultasse morte de Portuguezes, ou destruição de suas plantações; **mas que aprisionou e destruiu no mesmo tempo maior numero**, do que qualquer outro commandante; conferindo-se aos demais um augmento de soldo proporcional ao serviço que fizeram, servindo de base para maxima recompensa o augmento de meio soldo. Em quinto logar ordeno-vos que em cada tres mezes convoqueis uma Junta que será por vós presidida e composta do Coronel do Regimento de linha, do coronel Inspector dos destacamentos da capitania, do tenente Coronel, do Major, do Ouvidor da Comarcas na qualidade de Auditor do Regimento, e do Escrivão Deputado da Junta da Fazenda, na qual fareis conhecer do resultado de tão importante serviço; e me dará conta pela Secretaria de Estado de Guerra e Negocio Estrangeiros, de tudo o que tiver acontecido e for concernente a este objecto, para que se consiga a **reducção e civilisação dos Indios Botocudos**, si possivel for, e a das outras raças de Indios que muito vos recomendado; podendo tambem a Junta propor-me tudo o que julgar conveniente para tão saudaveis e grandes fins, particularmente tudo o que tocar á pacificação, civilisação e aldeação dos Indios; declarando-vos tambem que por este trabalho os Ministros da Junta não terão paga ou vencimento algum, reservando-me o dar-lhes aquellas demonstrações do meu real agrado e generosidade, de que os seus serviços, demonstrados pelas suas contas e resultado favoravel para a Capitania, os fizerem dignos.

Propondo-me igualmente por motivo destas saudaveis providencias contra os Indios Botocudos, preparar os meios convenientes para se estabelecer para o futuro a navegação do Rio Doce, que faça a felicidade dessa Capitania, e desejando igualmente procurar, com a maior economia da minha Real Fazenda, meios para tão saudavel empreza; assim como favorecer os que quizerem ir povoar aquelles preciosos terrenos auriferos, abandonados hoje pelo susto que causam os Indios Botecudos; sou servido ordenar-vos nesta conformidade, que na Junta que vos mando organizar, façais propor e

executar todos os tres mezes, os meios de exploração do Rio Doce, seja para o exame das cachoeiras que impedem que elle seja totalmente navegavel, seja para fazer mais facil a sua navegação, sendo possivel abrevil-a, e que seguindo este trabalho de um modo fixo e permanente, me deis sucessivamente conta do que resultar das mesmas explorações, para que eu resolva o que deve seguir-se em tão importante materia. Igualmente vos ordeno que em todos os terrenos do Rio Doce **actualmente infestados pelos Indios Botocudos, estabeleçais, de acordo com a Junta da Fazenda, que os terrenos novamente cultivados e infestados pelos Indios, ficarão isentos por dez annos de pagarem dizimo a favor daquelles que os forem por em cultura de modo que se possa reputar permanente:** que igualmente fique estabelecida por dez annos a livre expotação e importação de todos os generos de commercio que se navegarem pelo mesmo Rio Doce, seja descendo para a Capitania do Espirito Santo, seja subindo da mesma para a de Minas Geraes, fazendo contudo as competentes declarações, para que se não confundam as fazendas importadas e exportadas pelo Rio Doce com as que forem para a Capitania pela via de terra: que finalmente fique declarado, que concedo a todos os devedores da minha Real Fazenda que forem fazer semelhantes estabelecimentos de cultura e de trabalhos auriferos, a especial graça, de uma moratoria, que haja de durar seis annos da data desta minha Carta Regia, em cujo periodo não poderão ser inquietados por dividas que tenham contrahido com a minha Real Fazenda e que só ficarão obrigados a pagar no fim do mesmo periodo. Ordeno-vos finalmente que para poderdes executar tão uteis objectos sem gravame da minha Real Fazenda, introduzais na administração de rudo o que diz respeito á maior economia e me proponhais tudo o que possa contribuir para o mesmo fim pelas respartições competentes, como a suppressão do posto de Capitão Mór Regente da Campanha, o excessivo ordenado de Thesoureiro da Intendencia da Villa Rica, de muitos Fieis de Registro que não podem ser pagos pelo rendimento dos mesmos Registros.. E sobretudo vos ordeno que desde logo deixeis de prover postos Milicianos com soldo, voltando neste ponto ao que antigamente se praticava na Capitania e assim procedereis logo com os que fordes propondo, pois com aquelles que ja teem soldo, nada mando alterar, excepto se forem promovidos a postos superiores. E igualmente vos ordeno que façais logo suprimir o pagamento da musica dos regimentos milicianos, que me consta montar ao enorme preço de muitos contos de réis, o que é um abuso intoleravel, e de que me devieis ter proposto a suppressão. O que assim tereis entendido e fareis executar, como nesta vos ordeno. Dada no Palacio do Rio de Janeiro em 13 de Maio de 1808.

PRINCIPE.

Para Pedro Maria Xavier de Ataide e Mello.

Este texto não substitui o original publicado no Coleção de Leis do Império do Brasil de 1808

Publicação:

- Coleção de Leis do Império do Brasil - 1808, Página 37 Vol. 1 (Publicação Original)

Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/carreg_sn/anterioresa1824/cartaregia-40169-13-maio-1808-572129-publicacaooriginal-95256-pe.html acesso em 18 de maio de 2021

ANEXO E - BIOGRAFIA DE PADRE WILLY

BIOGRAFIA

Cópia

PADRE WILLHELMUS JOANNES LELIVÉLD

Em Amsterdam ,Holanda, nas terras estrangeiras pela graça, uma criança nasceu, Willhelmus Joannes Leliveld ,este menino foi crescendo e descobrindo que era chamado para o serviço de Deus.

O Padre Dr. Willhelmus Joannes Leliveld, nascido em Amsterdam (Holanda) em 05 de fevereiro de 1918, filho único de Christianus Joannes Leliveld e Gertrudes Ord, estudou o colegial com os Salesianos na Bélgica, onde aprendeu a ajudar a juventude como São João Bosco. Formou-se em Teologia ainda na Bélgica durante os anos de 1946 à 1950. Pela ordem que São Norberto fundou.

Em Setembro de 1950, chegou ao Brasil, no Rio de Janeiro, à partir daí passou a conhecer uma realidade que não estava acostumado, pois era de família rica e deixou tudo pelo amor em ajudar aos outros.

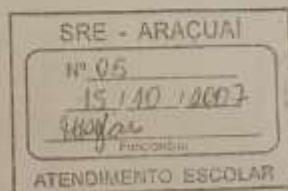
Instalou - se na região pobre do vale do Jequitinhonha, particularmente na região que engloba os municípios de Araçuaí, Coronel Murta, Virgem da Lapa e Berilo.

Entre os anos de 1953 e 1959, trabalhou como padre missionário, batizando e realizando casamentos, catequese com o povo pobre, analfabeto e sofrido da região. Nesse período atendeu e frequentou diversos lugares como Itaporé, hoje, Coronel Murta, Araçuaí, Caçaratiba, Peixe Cru, Berilo, Francisco Badaró, Minas Novas .

Por volta do ano de 1954, consagrado pelas lutas que travava em outras regiões, o jovem padre WILLY chegou à pequena comunidade de Jenipapo que contava com poucos moradores que já traziam consigo o anseio de relativa grandeza para, através da união de seu trabalho, trazer o desenvolvimento e o progresso que mais tarde levaria Jenipapo a ser agraciado com a sua emancipação .

E PadreWilly, vigário de Berilo, na época, juntando-se então ao grupo, passou a trabalhar sobre a visão do possível crescimento possível, ajudando muitíssimo ao senhor Manoel Rodrigues dos Santos a dar continuidade ao serviço de fundação de Jenipapo.

A partir de sua chegada, empenhou -se no trabalho como missionário, realizando batizados, catequese, preocupando -se , principalmente com os mais pobres.



copiou

Mais tarde, oferecia a Jenipapo outra oportunidade de crescimento comprando e doando lotes aos mais necessitados.

Em suas visitas mensais, planejava algumas tarefas que eram executadas pelos moradores.

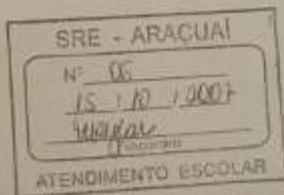
Em 1993, procurado pela direção da E.E. Nossa Senhora de Fátima, que encontrava dificuldades em implantar o ENSINO MÉDIO, novamente mostrando sua disposição em continuar ajudando, o PADRE WILLY, providenciou imediatamente todos os modelos de impressos que possibilitaram à diretoria, na busca, que resultou na conquista do ENSINO MÉDIO EM 1994, que beneficiaria sempre a todas as Famílias Jenipapenses.

Além de muito amado, o PADRE WILLY, terá o agradecimento eterno dos jenipapenses que foi, e será sempre lembrado e homenageado nos desfiles da escola em 07 de Setembro e nas celebrações religiosas por ocasião das festas tradicionais, nas quais ele sempre fez questão de estar presente.

O PADRE WILLY É SEM DÚVIDA, O OMBRO QUE SUSTENTOU AS PEDRAS DE GRANDE VALIA PARA A CONSTRUÇÃO DA NOSSA JENIPAPO, HOJE, JENIPAPO DE MINAS, QUE NUM SIMPLES GESTO DE GRATIDÃO TEM EM UMA DE SUAS RUAS O SEU LINDO NOME.

"O NOSSO QUERIDO PADRE WILLY DEIXOU- NOS DESAMPARADOS COM A SUA PARTIDA EM 08 DE ABRIL DE 2007 INDO FICAR AO LADO DO VERDADEIRO PAI"

* 02/1918
+ 08/04/07



ANEXO F – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA: 001ARADSM38

Dados do Informante

Informante 01, 38 anos, masculino, ensino superior completo, solteiro, natural do município de Araçuaí.

Dados da Entrevista

Data:	Duração:	Local:
21/09/2020	43min e 28segundos	Residência da pesquisadora

Legenda: P=pesquisadora I= informante

TRANSCRIÇÃO ORTOGRÁFICA

- 1 P: Boa tarde, DS!
- 2 *I: Boa tarde!*
- 3 P: Por favor, rubrica para mim. Vamos lá começar a nossa conversa. Onde foi que você
4 nasceu?
- 5 *I: Boa tarde! Eu nasci em Araçuaí. A minha família é proveniente da zona rural, mais*
6 *eu nasci no perímetro urbano aqui em Araçuaí, no bairro chamado Corredor. Na*
7 *verdade, no ano em que eu nasci, em 82, o bairro Corredô ele era ainda considerado*
8 *perímetro rural. A partir de 97 é que ele passa a ser considerado perímetro urbano. Até*
9 *então era considerado é, zona rural, a parte mais periférica da cidade. E o nome era*
10 *engraçado porque, de fato, era um corredor. Né, cê não tinha ruas nesse bairro. Cê só*
11 *tinha o próprio corredor, com casas à direita e à esquerda e essa rua dava acesso à*
12 *cidade de Novo Cruzeiro, Jenipapo, de Francisco Badaró e era um corredor comprido.*
- 13 *Ele era tão grande que se dividia entre Corredô e Pedregulho, daí eu morava bem no,*
14 *no, nasci e crisci, fiquei lá até os 14 anos, bem no, no, na região limite entre os dois*
15 *bairros: Corredô e bairro Pedregulho. O bairro Pedregulho, ele já era um pouquin, ele*
16 *era um pouquin maior porque ele tinha duas ruas a mais. Nós tínhamos, então, esse*
17 *extenso corredor que deu nome ao bairro, mais o bairro Pidrigulho tinha duas ruas a*
18 *mais. Então era um pouquinho maior, então eu nasci ali. E a partir de, como eu disse,*
19 *de 97 que passa a ser considerado perímetro urbano, né.*
- 20 P: E os seus pais, nasceram onde?
- 21 *I: Meus pais nasceram na zona rural de Virgem da Lapa. Eles são de Virgem da Lapa,*
22 *não são de Araçuaí, mais na zona rural de Virgem da Lapa. Éé, numa comunidade*
23 *chamada Quilombo, que é onde que { }.*
- 24 P: Seu pai e sua mãe?

25 I: Meu pai e minha mãe.

26 P: E seu período de infância, você frequentou escola? Qual escola que foi e onde que
27 foi? Aqui mesmo?

28 I: Durante a minha infância, como eu disse, né, eu só nascido e criado no bairro Corredô
29 e nesse bairro tinha uma es, ainda tem, uma escola chamada Escola Estadual Isaltina
30 Cajubi Fulgêncio. Até pouco tempo, é, funcionava nela apenas o Ensino Fundamental
31 I, era da, do pré-escolar, na minha época a gente falava né, pré-escolar, até aaa, a
32 quarta série, que hoje é o quinto ano. Mais na minha época a gente falava como série.
33 Essa escola, ela foi muito importante para o bairro porque ela trouxe dignidade pra
34 região, né, que era um bairro que pegava, como eu te disse, Corredô ainda era, ainda
35 era, por ser periférico, Corredô, Pidrigulho, Lazaredo, acompanhava algumas
36 comunidades rurais ali mais próximas , atendia é, esses alunos e alunas vindo dessa,
37 dessas regiões, da Maciera, da Piabinha, né, até mesmo do Gravatá, que já é uma
38 comunidade rural um pouquin mais distante, mais também atendia, nessa escola,
39 Escola Estadual Isaltina Cajubi Fulgêncio.

40 P: Lazaredo ainda existe?

41 I: Laza, o bairro Lazaredo ainda existe, que'le é anexo ao Corredô, né. Fala-se,
42 Shirlene, que o Lazaredo, era, vem do nome Lázaro, né, era relacionado àquelas
43 pessoas é ... acometidas de hanseníase, que se falava Lepra, né, então era um bairro,
44 era uma, uma rua próxima ao bairro Pidrigulho em que se tinha muito receio de ir lá
45 por conta dessa questão da hanseníase, da lepra. Então o bairro Lazaredo, as pessoas
46 que eram acometidas, elas ficavam mais isoladas, né. FALA-SE, isso vem da tradição
47 cultural, né, então eu nasci num bairro que, que falava "o Lazaredo, ele existe por
48 isso". Evitava-se de ir lá. Você já estava numa região periférica, que era o Corredô e
49 Pidrigulho, e dentro da periferia tinha a região mais periférica ainda, né. Tinha essa
50 localidade mais periférica.

51 P: Eu estou perguntando porque me falaram que tem um bairro aqui que, foi trocado o
52 nome para Nova Esperança. Eu não sei qual é esse bairro.

53 I: Não, na verdade, o, existia é, até... a administração, a primeira administração de
54 Cacá, né, ela assumiu em 97, existia o Corredô e o Pidrigulho. Onde é hoje o bairro
55 Nova Esperança, era sítio. Era região de, de propriedade particular. Era só mato, mato
56 e lagoa. Inclusive o bairro Nova Esperança, eu lembro da, do início dele, né, o
57 maquinário chegano pra abrir as ruas, pra retirada da vegetação nativa. Era onde a
58 gente buscava lenha, costumava buscar lenha na infância, né, não tinha casa nenhuma,

59 era só, só a vegetação mesmo. Com a chegada da assistência social é que fez ali a
60 abertura do bairro e onde ééé, é hoje o Nova Esperança, ele foi povoado a princípio
61 com quatro casas pela assistência social e a Cáritas, ela ajudô nesse processo em
62 colocar algumas famílias lá, e com o passar do tempo ele foi crescento. Mas percebe-se
63 que a maioria das famílias que estão lá hoje são oriundas da zona rural, né, ou de
64 pessoas é, que migraram pra fora, principalmente pro, pra região de São Paulo, região
65 de Belo Horizonte, que retornaram, né pela possibilidade de ter uma casa na região.

66 P: Aproveitando que você falou da sua infância, conta um pouquinho como é que foi, o
67 que você fazia para se divertir, onde eram as brincadeiras, onde eram os passeios, quais
68 eram as formas de diversão.

69 *I: Como eu falei, eu nasci em 82 lá nesse bairro que era mais afastado, periférico da
70 cidade. Eu sou filho de lavadera e de pedrero, né, então a... é uma realidade muito é,
71 comum pra todo mundo do bairro Corredô. A maioria das mulheres, é, além de
72 domésticas, elas eram lavadeiras ou é, trabalhavam com roupa, lavan' é: lavaderas,
73 faxineras, né, é, às vezes pegavam é, resíduos do matadouro na época pra revendê.
74 Então os miúdos de boi, né, era muito comum ter essas pessoas no bairro Corredô e
75 Pedregulho que faziam uso dos, dos miúdos do boi que se ganhava no matadouro pra
76 revendê, para fazê a sua, a sua renda. Então, na minha infância, que foi uma infância,
77 apesar de muita privação, mais foi uma infância muito feliz porque a gente reunia as
78 crianças, né, os adolescentes. As famílias elas eram todas conhecidas e muito próximas
79 e amigas. Então a gente brincava do que era possível, né, sem muitos recursos, mais
80 nós brincávamos de roda é, antes da chegada da luz, pra nós, a gente se reunia, né,
81 com fogueiras no bairro, pra brincá eee, contá histórias pra passar a noite, né. Era
82 muito comum, eee, mais comum ainda era as brincadeiras no rio, no rio Araçuá.
83 Porque o Corredô e o Pedregulho tão bem próximos é, ao rio. Então a diversão era
84 ajudá a mãe na lavagem de roupa, na lavagem de vasilha, mais ao mesmo tempo brincá
85 no rio. O rio tem uma presença muito importante, muito forte, o rio Araçuá,
86 pra'quelas famílias do Corredô, hoje do Nova Esperança e do Pedregulho, porque era o
87 ponto de lazer que a gente tinha, né.*

88 P: Então o lugar que ficou, talvez, na memória da sua infância e a sua adolescência
89 tenham sido essas brincadeiras no rio.

90 *I: As brincadeiras no rio e no próprio bairro, ne', de futebol ou de é, brincadeiras de
91 roda, que eram muito comuns, cê não tinha tantos recursos, né. É, a partir do momento
92 em que chega a luz no bairro e que algumas famílias têm acesso à televisão, começô-se*

93 o isolamento. Aí muda toda a dinâmica do bairro, mais até então a gente é,
94 improvisava o campinho de terra pra jogá futebol, pra brincá de roba bandeira, pra
95 brincá de queimada; que era o que nos é, fortalecia os nossos vínculos enquanto, como
96 moradores lá do bairro.

97 P: E você lembra como era aqui antigamente? Na sua infância? Se teve melhoria de
98 infraestrutura.

99 *I:Ôh Shirlene, até eu saí do bairro Corredô, em 20 de novembro de 1996. Eu tinha 14*
100 *anos quando eu saí de lá. Até então não se tinha infraestrutura nenhuma, né. O bairro,*
101 *ele era, não era calçado, não era pavimentado, e onde eu morava, como eu disse, ele*
102 *era o limite entre o bairro Corredô e o bairro Pedregulho. E era chamado assim pelo*
103 *excesso de pedras que se tinha. Então, hoje a gente que tem um acesso direto é, a*
104 *Francisco Badaró, a Jenipapo, onde o asfalto passa tranquilo, ali não tinha acesso a*
105 *carro. O acesso que se tinha era numa outra éé, numa outra mão que dava acesso ao*
106 *bairro Piabanga, né. Na bifurcação do bairro Corredô, cê tinha acesso a outras*
107 *comunidades, a primeira dela era a Piabanga. Então carro só passava ali. Onde é o o*
108 *trânsito normal hoje, o tráfego normal hoje, não se tinha porque era muita pedra. Daí o*
109 *nome. Tinha muita muita pedra mesmo. Então foi obra de engenharia, a retirada dessas*
110 *pedras, né, onde a gente brincava muito, né, onde era, era local de, de brincaderas, em*
111 *épocas de chuva, por exemplo, que faziam as pocinhas d'água, a criançada se divertia.*
112 *Cê tinha é, era mais um recurso pra brincá. Hoje não existe mais porque o asfalto*
113 *chegô, mais na minha época, até quando eu saí de lá, não tinha estrutura, né. Hoje o*
114 *bairro já tem asfalto, né, o trânsito ele é mais livre, ele, ele é mais funcional, né.*
115 *Cresceu muito, o Corredô ainda continua como esse grande corredô, né. Mais parale,*
116 *é, transversal a ele tem o bairro Nova Esperança, que é muito grande, mais também de*
117 *poucas ruas, não são tão ruas, tão, muitas ruas assim. O bairro Pedregulho, que*
118 *também deu uma crescida e a Piabanga.*

119 P: E na região aqui em Araçuaí, na região aqui próxima, você já ouviu contar de animais
120 selvagens que existem por aqui, se existem?

121 *I: Eu cresci no Corredô ouvino muito é, da gente fala de jaguatirica, né, que pra gente*
122 *tomá cuidado , que elas, é, principalmente, a forma dos pais... não é metê medo,*
123 *apesar de que a educação foi através do medo, pra gente não ir pro rio sozin por conta*
124 *de, de jiboia, na verdade que eles falavam sucuri né: "tem sucuri no rio, vai pegá*
125 *criança". Tem batedor, que é um tipo de cobra, né, que ele reage dessa forma, chama-*
126 *se batedor. O nome científico eu não vou sabê te dizer, mais é fácil da gente, da gente*

127 encontrá. Então, batedor, né, essa sucuri no rio, (risos) coisa para metê medo na
128 criança mesm', ee jaguatirica, que é uma espécie de, de felino, né. Usava, falava-se
129 muito disso, desses, desses animais, mais eu acho que era mais pra educá pelo, pelo
130 medo, né, pra evitá traquinagem de crianças e de adolescentes.

131 P: E sobre as plantas, existem algumas plantas que são típicas daqui que você acha em
132 quase toda a região? São as mesmas de antigamente?

133 I: Eu cresci ouvindo minha mãe falano muito de tansage e saião. Saião principalmente
134 pra dor de ouvido, né. A tansagem pra a questão é, estomacal e de rins e o saião, é,
135 mais eu não tenho muito conhecimento das, das plantas (())).

136 I: Jenipapo sim, porque era muito, tinha muito na região. Logo no início do Corredô,
137 próximo ao rio, tinham muitos pés de jenipapo, né.

138 P: Eu descobri hoje, que tem Jenipapo lá em Itinga também. Tem dois Jenipapos.,

139 I: Era região de jenipapo. E de, de árvore, é, eu cresci muito com, com coisas que
140 tinham no, no Corredô e que eu vi isso. Como eu te disse, era bem rural, né, que era
141 juá, a frutinha juá, mutamba, o jenipapo era muito presente e, pra nós, caju. Não tinha
142 uma casa que não tinha um cajueiro. Poucas as casas que não tinha o, o cajueiro,
143 apesar de não ser da região, né, mais chegou aqui pra nós.

144 P: Eu vi um nome lá perto do Luiz Sapateiro, ele falou o nome da rua dele e ele falou
145 que era uma árvore. Só que eu não consegui achar o significado disso como árvore no
146 dicionário. É Itapicuru?

147 I: Itapicuru. A rua Itapicuru.

148 P: É, ele falou isso comigo. Só que eu não achei como árvore.

149 I: Pois é, igual eu tô te falano, é, a região da **Piabanhá** e **Maciera**, por exemplo, né. A
150 **Maciera** lembra o quê? Lembra as, as maçãs. E é uma região próxima ao, ao bairro
151 Corredô, que tinha lá o Pidrigulho. **Gravatá**, a região do **Gravatá** que também é
152 próxima, não tá distante, nome de uma árvore, né. Talvez isso explica um pouco essa
153 questão dos nomes.

154 P: Dizem que tinha muita árvore aqui.

155 I: Mais a região era de muita árvore. Igual tô te falano, o Nova Esperança, por
156 exemplo, era onde se buscava lenha, né. Era uma das possibilidades, na época o acesso
157 ao fogão a gás era difícil, não eram todas as fam, principalmente no Corredô e no
158 Pidrigulho, não eram todas as famílias que tinham. Então a gente se valia do, do Nova
159 Esperança, da região do **Pau D'alho**, da região da **Piabanhá**, região da **Maciera**, pra
160 buscar essas árvores.

161 P: Pau D’alho é um lugar?

162 I: **Pau D’alho**. É, uma região. Próximo na Maciera, né, inclusive nome de uma fazenda
163 também: **Pau D’alho**. E aí a gente se valia disso. Buscava lenha, então, eu cresci com
164 acesso a aroeira, aos sacatrapos, né, ao próprio gravatá, que se tinha, se andava muito
165 pra buscá.

166 P: E em relação à água, aqui na região existem muitos rios, córregos, lagoas? As
167 pessoas têm o hábito de pescar?

168 I: Eu tiv’, morava bem perto do, do **rio Araçuaí**, então era, como eu te falei, além de
169 ser o ponto de trabalho pros adultos, né, para pescar, pra lavagem de roupa, para as
170 crianças era o ponto de lazê. Então eu cresci a minha infância entre o **Calhauzinho**, o
171 **córrego Calhauzinho** e o **rio Araçuaí**.

172 P: E as pessoas pescavam lá? Tinha muito peixe nesses rios?

173 I: Tinha-se, né. Pra, pra a criançada, então, o o **rio Araçuaí**, onde a gente tinha acesso
174 a pegá barro, o barro branco para pintá as paredes, o fogão de casa , a gente nadava.
175 Era inda um corgo que se tinha condições de nadá, de pegá peixe. Pra criança, então,
176 era uma maravilha os lambaris, né, que a gente se divertia dimais com, com aquilo.
177 Enquanto os mais velhos faziam os seus trabalhos, as crianças divertiam. Então assim,
178 e a pesca, que é muito comum pá, pros moradores de lá, era uma fonte de renda,
179 principalmente para os homens, que tinha as mulheres que cuidavam da, dos afazeres
180 domésticos, com a lavagem de roupa, de vasilha. Como eu te falei, algumas famílias
181 elas tinham acesso aos, aos miúdos do boi , né, pra revendê e era no rio a lavagem, era
182 feita no rio, e os homens, a pesca.

183 P: E os principais rios, então, tem o córrego Calhauzinho...

184 I: E o **rio Araçuaí** que eu tive acesso, né, mais cresci lá no Corredô, ouvino falá do **São**
185 **Mateus** e do **córrego Gravatá** também, do **Setúbal**, na verdade, né.{ }. Que eu vim, é,
186 é, conhecê tanto o o, **córrego Gravatá** quanto o **Setúbal** já mais velho, eu já não
187 morava mais no, no bairro Corredô. Hoje o, ah, eu esqueci de falá, o Corredô era,
188 como era só essa rua, é, o acesso era rua principal. E que hoje virou Clementino
189 Silveira, por questões de de poder, né, político.

190 P: E existem aqui córregos que já secaram? Você acha que tem muitos córregos secos
191 aqui na região?

192 I: Oh Shirlene, a gente fala dos córregos intermitentes. Por exemplo, o, o **Calhauzinho**
193 hoje não tá seco em função da, da barrage que se construiu no final da década de 80 e
194 90, né. Mais ele era um córrego intermitente. Era muito potente. Lembro, ainda, na

195 minha infância, um, um córrego limpo, né. Como eu falei, a gente nadava, a gente
196 brincava. Na época das chuvas ele ficava é, intran, não se podia, né, a gente se valia
197 das canoas, porque pra atravessá enchia-se muito, o **rio Araçuaí** bloqueava, então
198 éé,ele enchia. E tomava uma boa parte da, do bairro. Atravessava-se com canoa. Com
199 o passar do tempo não se faz mais nada nele, né, as questões de saneamento

200 P: Eu passei nesse São Mateus, que você falou. Saindo daqui para Itinga. Eu parei para
201 olhar lá, está seco.

202 I: *Aí eu ia falá do São Mateus, que eu só conheci depois de de mais velho, que eu ouvia*
203 *falá muito né, que era recreativo, um local recreativo. Mais que hoje ele está seco, né,*
204 *em função de, de queimadas, em função do, do descuido com, com as matas, né, com a*
205 *localidade, o desenvolvimento da cidade.*

206 P: É isso que eu ia te perguntar. Você acha que a construção às beiras dos rios
207 contribuiu para esse...{ }

208 I: *Sim. Os próprios loteamentos, tanto do JK quanto do bairro São Francisco,*
209 *influenciavam demais pra, pra intermitênciadesse, desses córregos. E o córrego*
210 *Gravatá, que eu te falei que eu conheci um pouquinho mais velho, que eu já vi com*
211 *muita abundância de água e que hoje, né, tá, não chegô a secar, mais bem, bem*
212 *pouco. E cresci, também, a minha vida inteira ouvindo falar no rio Piauí, que na*
213 *verdade é um córrego. O rio Piauí é o córrego, e assim, que sofre com essa questão*
214 *também da, da intermitência.*

215 P: Sabe se esse Piauí tem a ver com Piauí de Teresina?

216 I: *Acho que não, mas eu num tenho, porque são realidades bem, bem distantes, né. E o*
217 *Piauí pega dois municípios: ele pega Itinga e pega Araçuaí. Então é um córrego que*
218 *pega dois municípios ao lado e serve de divisa, né, entre municípios. Há o Piauí que*
219 *pertence a Itinga e há o Piauí que pertence a Araçuaí.*

220 P: E tem o rio maior, também, que encontra o Araçuaí.

221 I: *Que é o rio Jequitinhonha.*

222 P: E aqui as pessoas vão muito para lá ou não?

223 I: *Indo por Itira, é, que tem acesso mais, mais rápido a ele ou por uma comunidade*
224 *chamada é, Calderão Pinheiros e Barra da Barriguda , por conta das árvores, né, tem*
225 *uma, são árvores chamada barriguda, a gente tem acesso ao Jequitinhonha. Sem*
226 *precisá ir pra Taquaral, sem precisá ir pra Itinga, né, que também são, é, como eu*
227 *falei, os rios aqui, eles oferecem, eles ainda oferecem, uma opção de lazer pra, pra*
228 *comunidade.*

229 P: E a parte rural daqui do município. Você já foi em muitos lugares?
230 Quais lugares aqui da parte rural que você já esteve?

231 *I: Na bacia do rio Calhauzinho, por exemplo, que são 23 comunidades de Araçuaí e*
232 *três pertencentes, três ou duas... minha memória está me traindo agora, que pertencem*
233 *a Novo, Novo Cruzero, à região de Novo Cruzero, eu fui em todas. Então tem Baxa*
234 *Quente, Tesouras de Baixo, Tesouras de Meio, Tesouras de Cima, Neves, São José*
235 *das Neves, é, Palmital (Palmital de Baix', Palmital de Cima), são várias comunidades.*
236 *Éé, a Chapada do Lagoão, por exemplo, que está ali, né que pertence. Tem é, Tombo...*
237 *Santa Rita do Tombo, a região da Malhada Preta, Jirau, que é uma comunidade*
238 *quilombola, foi reconhecida agora, né.*

239 P: E Jirau tem a ver com o lugar de colocar as coisas?

240 *I: Tem a ver e é uma baxa, né. Uma baixada, na verdade. Éé, onde mais?... Muitas*
241 *comunidades, e isso na bacia do Araçuaí. E com o trabalho na Cáritas, muitas outras*
242 *comunidades é, do, de outros municípios, né: em Jenipapo, em Francisco Badaró.*
243 *Francisco Badaró, por exemplo, a gente ia muito em Zabelê, Dutra.*

244 P: Zabelê é o nome da comunidade?

245 *I: Zabelê é o nome da comunidade.*

246 P: Essa que você falou, Mandinga é aqui ou?

247 *I: Mandinga que pertence a, é aqui em Araçuaí. É, tá na região do Córrego da Velha.*

248 P: Tem Córrego da Velha e das Velhas, ou não?

249 *I: Parece que é variação, é, mais ninguém fala Córrego das Velhas, o Córrego da*
250 *Velha, o Córrego da Velha. Que tem o o Córrego da Velha de Baix', de Mei' e de*
251 *Cima.*

252 P: Aqui usa muito essa questão da geografia, da topografia para explicar. Às vezes tem
253 três lugares com o mesmo nome, aí colocam de cima, de baixo, do meio.

254 *I: E às vezes pertence até éé, pertence a uma família. Que Córrego da Velha de Baixo é*
255 *mais comum, um exemplo: a família Viana lá em cima. Na verdade, é lá de cima, né,*
256 *Córrego da Velha, de cima. Lá mais pra cima, uma outra família, ou outras famílias*
257 *por conta disso. E dentro dessa região do Córrego da Velha nós temos Lagoa dos*
258 *Patos, região de Mandinga, é a Vargem João Alves e esses córregos da velha, que na*
259 *verdade é uma coisa só, né.*

260 P: Que interessante. E o que você acha que aqui no município, que tenha sido algo que
261 marcou o município. Uma conquista ou algo que acabou ou que trouxe para aqui. O que
262 você acha que poderia ser marcante para o município? Um acontecimento marcante.

263 *I: Se falando, em se falando do bairro onde eu nasci, por exemplo, a, a abertura dessa*
264 *rodovia é algo marcante, porque foi um bairro, né, como eu disse, periférico e um*
265 *pouco esquecido e a partir do momento em que se, é, eliminou-se a possibilidade de*
266 *lazer pra quem ficou, mais trouxe essa facilidade que é o trânsito, que é o acesso, né,*
267 *livre, com, com a abertura dessa rodovia, e o asfalto para a região. Então é um marco*
268 *muito bom. Na minha saída éé, do bairro, vieram esses, esses benefícios, né. É, um*
269 *marco pra a cidade, também, é a rodoviária e o hospital, né, que, o Hospital São*
270 *Vicente de Paulo. A rodoviária Monsenhor Clóvis, se não me engano, Monsenhor*
271 *Clóvis, né. Que existe, é, hojee onde é a Hagrogemito, né, uma. Funcionou a*
272 *Hagrogemito, Agrope, que hoje funciona o Seminário São José e a escola Ineacle, que é*
273 *o Instituto Educacional Cosenza Leite.*

274 P: E sobre a questão do início, dos povos daqui, dos povos indígenas. O município
275 ainda tem indígena?

276 *I: Ah, outra conquista também, eu vou te respondê, é a questão da, da filmagem de um*
277 *filme chamado Kenoma, que trouxeram alguns artistas pra cá. Que foi um marco na*
278 *região, principalmente de Itira, que a produção valorizô dimais os conhecedores e as*
279 *conhecedoras tradicionais e quiseram, pela cultura do Vale Jequitinhonha, pela*
280 *cultura presente em Araçuáí, valorizar essas pessoas. Então foi um marco pra a*
281 *cidade, a produção do filme Kenoma. Tanto aqui quanto em Itira. Quanto à questão*
282 *dos indígenas, é, fala-se que da região tínhamos aqui os Boruns, pejorativamente*
283 *chamados de botocudo, né, que...a história, conta isso pra nós, que eles tinham aqui,*
284 *existiam, eram os primeiros habitantes é, da região, mais eu não cresci com acesso a*
285 *eles, só a história, a História mesmo, né. Eu venho de uma região, da minha história,*
286 *como eu te disse, do, dessa comunidade que os meus pais é, nasceram e moraram, do*
287 *Quilombo. E que, né, a gente investigando um pouco mesmo, a, a incidência de negros*
288 *e negras é muito grande.*

289 P: Seus pais são quilombolas?

290 *I: O próprio, do Quilombo, da região do Quilombo, que pertence a, a Virgem da Lapa,*
291 *né.*

292 P: Aqui tem os indígenas, nessa aldeia, dizem que foram trazidos para cá bem depois
293 né.

294 *I: Eles vêm de outra região, do na verdade do Pernambuco, né, região do, do Nordeste,*
295 *né, os índios que têm, vieram parar aqui num, num processo de, de, errância mesmo,*
296 *de buscá outras possibilidades, uma vez que os territórios deles tinham sido invadido e*

297 eles é, se firmam aqui através de uma minirreforma agrária que a diocese fez, né. Essas
298 pessoas estavam sem local e a diocese ela, ela tinha herdado, tinha ganhado, foi doado
299 pra a diocese a **fazenda Alagadiço**, né, que pertenceu a uma senhora chamada M M.
300 Ela era de lá de **Coronel Murta** e que ela fez a doação dessa fazenda pra a diocese.
301 Então era muito grande. E na época Dom Enzo, sensibilizado com, é, o abandono que
302 os indígenas estavam sofrendo, resolveu doar uma parte pra que eles fixassem, né. E
303 estão aqui até hoje. Então vem dessa, de uma obra de caridade, de uma ação de
304 caridade que o bispo, na época Dom Enzo, é, Crescenzo Rinaldini fez pra seguirá essas
305 famílias aqui, né, garanti o mínimo de direito pra elas. Mais não são os originários
306 daqui, né. Fala-se que nós é, e pra mim é uma, é motivo de orgulho, que a gente
307 descende dos Boruns, esses botocudos,né, que eram guerreros, que não eram passivos.
308 P: E contraditório a essa falta de... a seca daqui, já me falaram que ficou uma época,
309 muitos anos sem chover, tiveram momentos de uma chuva em excesso, como foram
310 algumas enchentes marcantes daqui.

311 I: Na história de Araçuaí, pra a questão da, da seca, e hoje a ASA - Articulação no
312 Semiárido Brasileiro, ela traz isso muito, muito forte pra nós, é uma articulação, né, de
313 organizações da sociedade civil e das igrejas, também. Tô falando de, das igrejas
314 porque não engloba só a Igreja Católica, né, são, outras denominações fazem parte
315 também, é, da ASA. Ela, com o tempo, até com o próprio projeto Calhauzinho, que foi
316 um projeto que existiu aqui pra, pra fazê um diagnóstico do que poderia ser feito pra
317 conviver com a seca. Então a ASA traz a ideia de não combatê, né. Porque a ideia de
318 combatê com a seca foi ideia politica, eleitoreira que reinou durante muito tempo
319 aqui em Araçuaí. Eu ainda lembro como criança, o discurso era de combatê a seca
320 com a ideia de caminhão pipa. A ASA não, ela vem e desconstrói isso. Não é combatê,
321 porque é um processo natural. A seca é um fenômeno natural. Dá-se pra conviver com
322 ela através de acesso , a, a condições. E na época das grandes enchentes que se fala
323 aqui, a de 29,de 28-29, né, que acabô com a parte baixa da cidade, obrigano, inclusive,
324 a igreja, que é detentora de, de boa parte da documentação da cidade, a Igreja
325 Católica, ela tem isso, né, obrigô a, a mudança dela de onde é hoje a Praça do Coreto
326 pra a Praça da Matriz e pro Santuário, em função das enchentes. Porque o **córrego**
327 **Calhauzinho** tá bem ali, próximo, é, ee com o Araçuaí, o rio maior, o causador dessa,
328 Araçuaí bloqueia o **Calhauzinho** e faz com que ele se expanda em épocas de chuvas,
329 chuvas fortes né, muito presentes. A outra enchente foi de 79, né,que se tem mais
330 registros fotográficos dela. E uma enchente que eu presenciei é, ainda em 89, né, que

331 *eu vivenciei do rio ficá, do rio bloquear o Calhauzinho muito tempo e a gente ter*
332 *acesso à cidade através de canoa, né. Na época o canoero era o seu Ramilo, eu não sei*
333 *te dizê o, o nome dele, mais ele ainda é vivo, ele é conhecido como seu Ramilo ou*
334 *Ramilin, né. Inclusive mora no início do Corredô, atravessou o córrego Calhauzinho,*
335 *né, a casa dele ta'li, ta'li próximo. Ele que fazia é, a travessa, a travessia, né, quando o*
336 *rio enchia. Ou, se não, é, se não quisesse atravessar via canoa, ele era um dos, dos*
337 *canoeros, andava-se muito do Corredô, do Pidrigulho, dessas regiões da Maciera.*
338 *Quem vinha do, do lado de cima com, no bairro Arraial, Arraial dos Criolos, que se*
339 *tinha, na época a gente falava uma pinguela, que era uma passarela né, para pessoas,*
340 *não era pra, pro transporte não. Então não queria atravessá de canoa, tinha medo,*
341 *achava arriscado, perigoso, né, cê tinha que dar essa volta no, no, no bairro Arraial*
342 *dos Criolos, que pega o Calhauzinho.*

343 P: E a igreja aqui, parece que é muito, ou foi, ou ainda é, muito atuante nessas causas
344 sociais.

345 *I: A própria Cáritas né, ela nasce da Igreja, ela é o braço social da Igreja. Eee, criada*
346 *aqui em 79, justamente nesse período em que as famílias foram desabrigadas por essa*
347 *grande enchente. Choveu-se muito aqui, desabrigou muitas famílias, né, e aí o bairro*
348 *Canoero, por exemplo, ele surge a partir dessa éé, obra de caridade da Igreja pra*
349 *acolher as famílias desabrigadas. Então a própria diocese doa parte do seu terreno*
350 *para acolher essas famílias em função da enchente de 79.*

351 P: Era predominantemente católica, hoje já tem uma diversidade maior, aqui, de
352 religião?

353 *I: A cidade sim, ela foi predominantemente católica, mais hoje, já, né, há outras,*
354 *outras é, crenças, outras vertentes religiosas. Mais o trabalho desenvolvido pela*
355 *Cáritas é um trabalho social, independeu e independe de crenças religiosas, né. Ele é*
356 *um braço social da Igreja Católica em função do ser humano, né. E ainda hoje*
357 *continua atuando principalmente nessa questão da convivência com o semiárido.*

358 P: E em relação aos meios de transporte? Você lembra ou tem algum relato da questão
359 de tropeiros?

360 *I: Eu cresci é, lá no Corredô, em que o acesso era ou a pé, ou de bicicleta, ou a cavalo,*
361 *ou transporte pra mudança, pra certos materiais era feito com carroça. Então, na*
362 *minha memória vem demais o carrocerio que ainda é vivo, chamado seu Natalino. Não*
363 *sei o sobrenome dele, sei onde ele mora. Ainda hoje ele é atuante e que fazia o*
364 *transporte. Se precisava mudá, levá um guarda-roupa pra aqui, levá qualquer outra*

365 coisa, a mudança, principalmente pra pra nós que tínhamos, é, que éramos da baixa
366 renda, até custumo de brinca, "da baixíssima renda"(risos) , o transporte era
367 garantido porque pagá um, um frete de carro era muito caro, nem, não se tinha. A
368 frota que se tem hoje, né, ela comparado ao que se tinha, eram poucas famílias que
369 tinham um carro que dava pra fazer isso, né.

370 P: E o mercado também sempre existiu, então as pessoas usavam animais.

371 *I: Isso que eu ia te fala, então o transporte pra qualqué outras necessidades era,*
372 *pagava-se um carroceiro, né. Um dos carroceros mais famoso aqui é esse seu Natalino.*
373 *Pincipalmente pra, pro comércio na feira nos sábado, nas quartas e nos sábados, eram*
374 *via animal. Então onde hoje é, funcionou o supermercado Silveira, onde hoje tem*
375 *aquelas construções próximas à, à padaria do seu Zé Padeiro, ali era um espaço aberto*
376 *em que os animais, tinha um curral, onde eles ficavam ali. Tô tentano lembrá o nome,*
377 *num é curral. Vamos considerá curral. Então ali os os tropeiros, os comerciantes, os*
378 *vendedores, eles vinham, deixavam os animais ali e iam pro o mercado pra negociá os*
379 *seus produtos, né. Hoje tá diferente, hoje cê vem com carro, com as pick-ups, com a*
380 *moto, né, que foi outra coisa bacana. Era só bicicleta ,o cavalo, carro era pra algumas*
381 *pessoas. E as motos foram chegando aos poucos com os migrantes que iam pro corte de*
382 *cana, trabalhavam sete, nove meses, oito meses, eles juntavam dinheiro e vinham pra*
383 *cá. E aos pouquinhas foram é, investino, melhorano de vida e o transporte foi isso, né.*
384 *Então assim, as primeiras, o boom dessas motos são de pessoas, dos migrantes que iam*
385 *pro corte de cana. Hoje não, qualquer um já tem acesso com as linhas de crédito , né,*
386 *que se tem hoje. Mas antes era com o pessoal que ia pro corte de cana. Esse bem*
387 *material era fruto do trabalho braçal.*

388 P: E muitos, né DS? Que deixavam as esposas aqui e iam pra lá.

389 *I: Muitos. Era muito comum. Era a fonte de renda que se tinha, né. Então assim, éé,*
390 *todo ano saía uma, uma turma grande de homens para o corte de cana, né. Uma forma*
391 *de garantir renda pras famílias que estavam aqui. Daí a gente fala é"as viúvas de*
392 *marido vivo" por conta disso, né, vem dai. A migração é,que se tinha era muito comum.*
393 *Ainda existe, né, mais era mais forte ainda, a saída desses homens, é, desses jovens pra*
394 *fora da cidade, pra fora do estado e ficavam aqui as mulheres, né. As mulheres têm*
395 *uma importância muito grande pra história de Araçuaí, pra a história do Vale do*
396 *Jequitinhonha. Porque elas é que enfrentavam tudo, né, então a criação dos filhos e*
397 *das filhas, era por conta da, a educação era preocupação da mulher, né. Elas têm uma*
398 *importância muito grande.*

399 P: Esse moço que faleceu agora, me falou dessa questão do mercado também, o Zé de
400 Curto, da questão de o mercado ter vindo parar aqui por erro, por engano. Segundo ele,
401 não era para aqui Araçuaí, era para Araçaiá.

402 *I: Fala-se disso, não, não se tem é comprovação. Porque o, nós tivemos três mercados,*
403 *três é, localidades onde funcionou o mercado. Na minha infância ainda era onde hoje é,*
404 *tem a praça Manuel Fulgêncio, fica próximo à sede, própria da prefeitura. Embora a*
405 *prefeitura não esteja, o núcleo não esteja funcionando no prédio que é dela. Que era*
406 *ali, lembro daquela região ali, de se falar muito. Depois é que o mercado vai pra*
407 *próximo da, da rodoviária, onde é hoje. Eu passei a minha infância como carregadô de*
408 *feira, que fui também, né, cê fala de Zé de Curto, eu carreguei muita feira pra ele, eu*
409 *até é, costumo brincá que ele foi um dos meus patrões, um dos melhores patrões que se*
410 *tinha, porque carregá feira pra ele, ele era um professor de Educação Física e também*
411 *fotógrafo, né, o acesso que se tinha à fotografia era com ele, com o Marconi. É,*
412 *pouquíssimas pessoas tinham isso. E carregar feira pra ele era certeza de, de ter café*
413 *da manhã garantido porque ele não deixava a gente sair da casa sem tomar café, né.*
414 *Então com a passagem dele agora. E o mercado lá em cima. Mais era assim, dessa*
415 *forma que eu te falei: os tropeiros deixavam seus cavalos numa região, hoje cê já quase*
416 *num vê mais isso, né, bem, os carros tomaram conta. E a cidade cresceu, também, né.*

417 P: Se fosse para você resumir como é a vida no Médio Jequitinhonha, o que você gosta
418 daqui, o que você não gosta, se tem vontade de mudar para outro município. Qual é o
419 seu sentimento de pertencimento ao Vale de Jequitinhonha, ao município? Como você
420 resumiria isso?

421 *I: O Vale, pra mim, a vida no Vale é motivo de orgulho pela simplicidade. Ainda temos*
422 *conosco essa questão da simplicidade, essa questão da proximidade, conhecer o outro,*
423 *né, ainda temos vínculo. Então havia, tive a oportunidade de morar fora, né, em, em*
424 *cidades grandes e sei...estou hoje aqui, né, há mais de 10 anos sem querer sair. Apesar*
425 *da dinâmica ter mudado, da rotina ser outra, mais ainda somos um, um povo , que vai*
426 *na casa do outro, que visita, que sabe o nome, que preocupa, né. Apesar de toda a*
427 *adversidade, de toda a mazela e da má vontade política que a gente tem, que a gente*
428 *vivencia, ainda somos, somos próximos, temos vínculos. Ainda temos vínculos. Então é*
429 *o que me faz ter orgulho dessa região. Que ela é toda rural ainda, Shirlene. Apesar, né,*
430 *de ter se separado em cidades, mais nós somos um povo muito rural ainda, né. Então*
431 *esses vínculos, esse cuidar com o outro, essa delicadeza, esse cuidado que se tem com o*
432 *outro é o que me faz ter orgulho sem ser um orgulho bairrista, né, um orgulho de*

433 *pertencimento mesmo, de falar assim: "é a minha região, é aqui que eu nasci,eu*
434 *pertenço aqui. Eu tenho a minha história, a minha memória toda tá aqui". E pela*
435 *simplicidade das pessoas.*

436 P: Muito bom, DS. Muito obrigada pela colaboração.

437 I: *Não sei se te ajudou não, mais...*

438 P: Com certeza vai me ajudar muito. Muito obrigado pela disponibilidade. O
439 entrevistado vindo até a casa. Isso é chique demais.

440 I: *Não, mais é pra você ir lá em casa depois, viu!*

441 [00:43:28]

ENTREVISTA: 002BERGLM18
Dados do informante

Informante 02, 18 anos, masculino, ensino médio completo, solteiro, residente no município de Berilo há 18 anos.

Dados da entrevista

Data: 17/09/2020	Duração: 31 minutos e 36 segundos	Local: Residência do Informante
----------------------------	---	---

Legenda: P =pesquisadora I= informante

TRANSCRIÇÃO ORTOGRÁFICA

- 1 P: Bom dia, GL. O consentimento, você prefere que seja sem identificação ou que a sua
2 identidade e imagem podem aparecer.
- 3 *I: Ah, pode ser o prime'ro.*
- 4 P: Ok. Então, vamos lá pra conversar, né? Começar a nossa conversa. Você nasceu em
5 qual município?
- 6 *I: São Paulo.*
- 7 P: São Paulo?
- 8 *I: É.*
- 9 P: Aqui você reside há quanto tempo?
- 10 *I: Aaaa, dzoito anos.*
- 11 P: Sim. E seu pai e sua mãe?
- 12 *I: São separados.*
- 13 P: Nasceram onde?
- 14 *I: Meu pai no Paraná e minha mãe ni São Paulo.*
- 15 P: Ninguém nasceu aqui ?
- 16 *I: Não.*
- 17 P: Como vocês vieram parar aqui?
- 18 *I: É...fazenda... meu vó ele conseguiu um terreno aqui e aí eles saíram de lá de São
Paulo e veio a família toda pra cá trabalhá com fazenda. Aí eles viraram agricultores.*
- 20 P: Seu pai também não é daqui?
- 21 *I: Não.*
- 22 P: Seu avô, desculpa.
- 23 *I: Meu avô, não. Todo mundo de São Paulo. E minha vó, ela, a família dela veio de lá
de Viçosa.*
- 24

- 25 P: Você não tem parentesco aqui?
- 26 I: Não.
- 27 P: Então, tá. Aqui, como chama aqui esse lugar que você mora?
- 28 I: **Lelivéldia.**
- 29 P: Lelivélda, você sabe o porquê?
- 30 I: *Sei, chama Lelivéldia porque em homenagem ao nome de um padre holandês que fundô a cidade, o nome dele era o Wilhelmus Johannes Leliveld Oud. Lelivéldia significa Vale dos Lírios na verdade assim.*
- 33 P: E aqui sempre teve muitas flores, muitos lírios, você sabe?
- 34 I: *Não, exatamente isso, nunca teve lírios aqui, mais o nome é isso, mais assim... no geral, foi por causa do nome do fundador daqui mês, que tinha um pouco do nome.*
- 36 P: Você sabe se sempre foi esse nome?
- 37 I: *Aqui já na, bem no início, quando, nas primeiras habitações aqui, o pessoal chamava de Lamarão, tipo assim, um nome alternativo, porque aqui ééé... na, nos tempos passados é, teve muitos alagamentos, porque ali naquela região da BR era um brejo. E aí é, eles foi lá e como era uma BR, passava muito carro, aí ficava muito enlameado e aí como nome popular, né, o pessoal caracterizou de Lamarão, mais o nome assim real é Lelivéldia.*
- 43 P: E pertence... aqui é um distrito?
- 44 I: É.
- 45 P Pertence a qual município?
- 46 I: **Berilo.**
- 47 P: Qual a distância daqui a Berilo?
- 48 I: *Aaa, uns trinta quilômetros.*
- 49 P: O lugar que as pessoas vão para tratamento de saúde ou para fazer compras e tudo é Berilo?
- 50
- 51 I: *Araçuaí, maioria. Por causa da estrada de Berilo que é de terra, éé, não é muito acessível.*
- 53 P: As estradas são ruins?
- 54 I: *São. Conserta marromeno nessa época de eleição, né? E, mais o pessoal depois que saiu o asfalto tá preferino muito mais ir pra Araçuaí.*
- 56 P: E você sempre estudou aqui em Lelivéldia?
- 57 I: *Não, eu estudei o ensino fundamental aqui e o ensino médio lá em Araçuaí.*

58 P: E sua infância? O que você lembra da sua infância, como foi, onde você brincava, de
59 que você brincava, onde você passeava?

60 *I: Cara, minha infância eu... vivi somente aqui e... eu brincava, nossa, eu era aquele*
61 *menino malino, ia pos mat', cus meus, com os meus amig', visitava as , não visitav ',*
62 *né, a gent' ia andando sem rumo e...*

63 P: Vocês iam pra onde?

64 *I: Parava na, nas comunidades vizinha aí e almoçava na casa dozót', ééé, ia caçá*
65 *córrego prá tomá banho.*

66 P: E quais comunidades vizinhas que você conhece?

67 *I: Aaaa, aqui...é contano, ééé zonas rurais? Ah, tem São Joaquim, tem Muquém,*
68 ***Curut', Lagoinha.***

69 P: Muquém?

70 *I: É. É, Lagoinha, ééé xô vê mais... ééé, São Pedro, ééé e outras mais que eu não tô me*
71 *recordano agora.*

72 P: Saía pra tomar banho de rio? Córrego?

73 *I: Quando tinha água na minha época tinha, hoje eu num sei se, se...*

74 P: Quais córregos vocês tomavam banho?

75 *I: Não tinha não, mais o único, que tipo assim, tem um ali pra baixo na região é do*
76 *Muquim que eles fala, né, que é pr'ali pra, pro lado ali de baixo quee... é, chamava de*
77 *Poção. O pessoal colocou o nome de Poção aqui porque lá era tipo um córrego que*
78 *chegava num certo local que, é, fazia um poço grande de água, aí és nomearam como*
79 *Poção, mais o nome do córrego eu num tenho...*

80 P: E brincava muito na rua, né?

81 *I: Brincava também, cê tá doid'. O problema é que a gente nem ligava com nada, a*
82 *gente saía de cuequinha na rua, num ligava com nada, brincava de cueca na rua, né?*

83 P: Quais brincadeiras que tinha de rua, GL?

84 *I: Ah, no meu início, de brincadeira mesmo era brincá de polícia e ladrão, ééé, pega-*
85 *pega, essas coisas. Aí quando a gente vai ficano mais velha, aí eu comecei a brincá de*
86 *esconde-escond' que, era mais à noite, né, que a gente brincava e minha mãe de'xava*
87 *eu sair na rua, né? Tinha que ficá mais velho um pouco e também eu gostava de jogá*
88 *bola, ééé que'mada, ééé china, bolinha de gude, ééé, e gent' brincava de taco também,*
89 *num sei se ocê conhece, que joga bolinha assim e gent' pega um pauzinho, joga bola*
90 *longe, enfim. Eeee, acho que amarelinha, brincava de tudo.*

91 P: E na fase de adolescência e juventude? Tem algum relato importante que marcou
92 você aqui na cidade? Algun lugar que você ia pra se divertir, algum lugar que ficou na
93 sua memória?

94 I: *Aaa... minha adolescência... Aaa, no mais minha adolescência foi mais num campo*
95 *de futebol.*

96 P: Tinha forró, você gostava de forró em alguma comunidade aqui perto, tem festas?

97 I: *Já fui, já fui, já fui sim, tem festa, tem a tradicional Festa do Abacaxi ali no Alto*
98 *Brav'.*

99 P: Alto Bravo é uma comunidade?

100 I: *Ééé, o Bravo, que cê falou que vai visitá. E...ééé, também tem outras, tem algumas*
101 *comunidades que fazem, é, festas pra arrecadar dinheiro pra algum fim. E aí rola um*
102 *forró e a região...*

103 P: Essas mesmas que você citou ou tem alguma outra?

104 I: *O que?*

105 P: Outras comunidades, essas mesmas que você citou ou tem outra comunidade também
106 que tem festa, essas festas religiosas que você já foi?

107 I: *Aaa... festa religiosa, religiosa mês'm só tem aqui em Lelivéldia e mais próximo aqui*
108 *é Ijicatu.*

109 P: E cavalgadas?

110 I: *Cavalgada tem no Bravo também, tem aqui, geralmente final de ano.*

111 P: No bravo cultiva-se muito abacaxi por ter essa festa lá?

112 I: *Cultiva, éé, são hectares e hectares de abacaxi. Na BR mesmo dá pra ver.*

113 P: (()) . E as pessoas daqui, da região, elas trabalham onde? Qual é a principal fonte de
114 renda? É a agricultura, é comércio?

115 I: *Ééé, o pessoal aqui, ele não mexe com artesanato, nenhum tipo de artesanato. Aqui o*
116 *que predomina é o que? É o trabalho na Barrage, ali.*

117 P: Qual barragem?

118 I: *Barragem de Irapé.*

119 P: É perto daqui?

120 I: *É, relativamente sim, uns doze quilômetros. Eee, é, aí, eles, aqui, predomina mais o*
121 *comércio e o trabalho na Barrage. Quando chega alguma empresa aqui de... empresa*
122 *terceirizada pra trabalhar na ...na Barrage ou mexer ni asfalto ou até no eucalipto ali ,*
123 *é, eles contratam algum pessoal daqui também.*

124 P: Tem plantação de eucalipto aqui perto?

- 125 I: Tem, ali, cê sair aqui fora dá pra ver.
- 126 P: Ah, tá. E pra estudar também, a maioria tem que sair, né? Para estudar, para fazer
- 127 faculdade, nível superior?
- 128 I: Sim, sim.
- 129 P: Aqui tem alguma //?
- 130 I: Não, não, de curso superior não, só tem até o ensino médio.
- 131 P: E as pessoas têm algum lugar específico que se reúnem com amigos, com os parentes
- 132 para se divertir, alguma comunidade, que é o foco que todo mundo vai ou não tem?
- 133 I: Não, não, não tem.
- 134 P: E você lembra como que era que antigamente se evoluiu, se melhorou, se é do
- 135 mesmo jeito que é hoje?
- 136 I: Evoluiu bastante, Aqui no meu tempo de criança, aqui num tinha campo de futebol,
- 137 igual tem ali, enfim, melhorado, sabe? Com luz noturna, eee, e também não tinha UBS
- 138 aqui, que era pra tratamento das pessoas que tem algum problema assim emergencial,
- 139 o pessoal antigamente ia num postim, sabe? Antigo postim de saúde, então? Aí chegava
- 140 lá num tinha nem ambulância, nem nada, tinha que arrumá um carro. Hoje a gente tem
- 141 ambulância, tem a Unidade Básica de Saúde ali, onde que fornece, tem um médico já
- 142 preparado pra ajudá, tem dentista e demais coisas, fisioterapeuta também eee, a
- 143 infraestrutura também mudô bastante, porque tem, teve a construção da, dessa praça
- 144 aqui agora recentemente, teve o asfalto, né, que antigamente num tinha, ééé, também//.
- 145 P: Não tinha calçamento, porque era Lamarão né.
- 146 I: É exatamente, o calçamento das ruas foi, foi aprimorando eee, no mais é isso.
- 147 P: Mas as pessoas aqui acham normal chamar de Lamarão ou não gostam?
- 148 I: O pessoal mais velho chama de **Lamarão**. Pessoal, é, da idade da minha mãe ou mais
- 149 velho ainda, é, mas minha mãe ela chama de **Lelivéldia**.
- 150 P: Sua mãe não é velha.
- 151 I: É, o pessoal mais popular, sabe, daqui? Eeee, aí, é, é isso.
- 152 P: E aqui na região, você já ouviu falar se aqui tem muitos animais, quais são os
- 153 principais animais aqui da região, as principais plantas?
- 154 I: Principais plantas, aqui por ser uma região semiárida as plantas predominantes aqui
- 155 são, é, sem entrar nos termos técnicos, são plantas de tronco mais retorcido e sem
- 156 folhas, então aqui tem mais é, pequizeiro, ééé, é, jatobazeiro, ééé, esse tipo de, ypê
- 157 também, tem bastante e que eu conheço é só.
- 158 P: E você acha que essas plantas são as mesmas de antigamente?

159 *I: Aaaa, eu acho que sim, né, porque se tratam de plantas nativas, mais éé, acontece*
160 *que a agricultura e o e o plantio de eucalipto, eles acabam que vai acabano aos*
161 *poucos, né, com essas espécies nativas. Então, cada vez, cada ano que passa tá mais*
162 *diminuino o número.*

163 P: E em relação a água aqui da região, o que você tem a dizer sobre os rios, os córregos,
164 as lagoas, a falta de água ou se tem muita água.?

165 *I: Aaa, começano pelos córregos e lagoas, aqui tem poucos, poucos, poucos, poucos.*
166 *Ééé, situa um, um numa comunidade aqui e outro ali, no máximo deve ter um três,*
167 *quatro por aí que eu conheço, né? Mais... aqui tem a **Barrage**, né, que é pertim daqui,*
168 *que, ela é um importante recurso hídrico pra região, porém, éé, aqui na cidade sofre*
169 *extremamente com a escassez de água, principalmente nessa época do ano que tá*
170 *correno agora mesm', é a falta de água aqui, o racionamento de água tá... puxado.*

171 P: Já chegaram a ficar alguns dias sem água ou não?

172 *I: Tá desse jeito, aqui é assim, é, mesmo situando do lado da **Barrage**, é, já tem*
173 *projetos, né, que eles, que o pessoal daqui manda pra, pros governantes, pra, é,*
174 *arrumar uma licitação pra puxá água da, da **Barrage** pra cá, porque assim, é algo que*
175 *já deveria ter feito, né, porque o reservatório que, que tem, que abastece aqui, ele num,*
176 *num dá conta, porque além dele abastecer aqui, ele abastece as comunidades rurais*
177 *tamém.*

178 P: E a água vem de onde aqui?

179 *I: Ééé d'um..., d'um reservatório chamado **Maçambé**.*

180 P: É o nome de lugar?

181 *I: Não, não, é o nome do, do reservatório, acho que é um córrego, mais eu nunca fui lá*
182 *não.*

183 P: Aqui na região?

184 *I: Num, num sei, deve ser perto, né, por causa que pá, pá abastecê aqui deve ser perto*
185 *da região.*

186 P: Aqui sempre teve água encanada, da sua época?

187 *I: Não, não teve água incanada.*

188 P: E buscava onde?

189 *I: Aaa, minha mãe que sabia contá isso melhor pra você, porque ela que, já meteu a*
190 *mão na massa, acho que eu nem era nem nascido ainda. Ééé, ela contano história pra*
191 *mim, ela já contô que já carregou muita água no, na cabeça assim, carregano pra levar*

192 *pra casa porque tinha, se não me engano, tinha uma fonte aqui no meio da cidade, que*
193 *todo mundo ia buscar água nela.*

194 P: No mesmo lugar?

195 I: *Aham.*

196 P: Então tinha muita água para dar pra todo mundo?

197 I: *Tinha, uai, aqui era um brejo antigamente, tinha muita água, o pessoal fala que aqui*
198 *antigamente tinha muita água.*

199 P: Tinha nome, você sabe?

200 I: *O que?*

201 P: Se esse brejo, essa fonte tinha algum nome?

202 I: *Aaa, num sei, minha mãe deve sabê. Eee ai, ela me contava que era uma brigada*
203 *danada por causa de água aqui antigament'. Aí depois que chegô água encanada,*
204 *melhorô bastante.*

205 P: E pescar, você tem o hábito de pescar? As pessoas daqui da região tem?

206 I: *Não, não, ninguém aqui tem o hábito de pescá não, a não ser, é, o pessoal que*
207 *trabalha na **Barrage** mesmo tem um, tem um cara aqui que eu conheço, que ele mexe*
208 *com esse negócio de pesca que ele, que vai lá na **Barrage** e pesca alguns peixes, ele tem*
209 *licença pra isso e ele ajuda também biólogos e demais engenheiros que vem fazê*
210 *pesquisa na **Barragem**, ele que ajuda eles a ir lá, se locomovê pela barragem pá*
211 *colocar chip nos peixe pá localizá eles.*

212 P: O único lugar que tem de pescar é a barragem?

213 I: *Sim.*

214 P: E eu perguntei se os córregos daqui todos ainda correm água, você falou que não,
215 né?

216 I: *Sim. Corre.// Poucos, se algum secou...*

217 P: Você falou que deve ter uns três só?

218 I: *É.*

219 P: Você sabe os nomes?

220 I: *Não, num sei não.*

221 P: Você conhece bem a parte rural daqui ao redor?

222 I: *Olha, eu num visito muito não, mais assim, o que eles plantam, éé, o que eles*
223 *produzem lá, nessas, nessas regiões rurais, onde se localiza bem eu num sei, mais o*
224 *nome e o que produz eu sei, mais ó meno.*

225 P: As comunidades, quais você conhece?

- 226 I: As rurais?
- 227 P: É.
- 228 I: São Joaquim, São Pedro... aquelas que eu te falei antes.
- 229 P: Tá. E tem muitas fazendas, sítios, aqui na região?
- 230 I: Aaa tem, até que sim. É, tem muita criação de gado, é, alambiques.
- 231 P: Tem muitas fazendas com nome de córregos em alguns lugares, né? Aqui eu não sei
- 232 nessa região, tem muita fazenda daqui.
- 233 I: Pois é, eu num sei se os córregos tem o mesmo nome do lugar, num sei se te dizê isso
- 234 não.
- 235 P: Tá. E existe algum fato marcante para você que aconteceu aqui em Lelivéldia que
- 236 você possa contar ou que você achou que foi marcante para o município?
- 237 I: Marcante pro município foi o assalto. O asfalto foi o mais marcante aqui pro, pro
- 238 município, porque aqui na época que era estrada de terra ainda, o pessoal fechô a BR
- 239 pra reivindicá o asfalto, colocô fogo na, na estrada e impediu que todo mundo
- 240 passasse.
- 241 P: Era complicado passar, né? Época de chuva então...
- 242 I: É, era demais, época de chuva.
- 243 I: Até quando era sec 'extrema, aqui era aquela monte de poeira. Meu Deus!
- 244 P: Verdade.
- 245 I: E aí o pessoal colocô fogo no meio da estrada, chamô deputad', chamô todo mundo
- 246 pra vim pra cá, filmaram, colocaram na internet ,saiu no jornal e... até deu umas brigas
- 247 com o pessoal militar lá que, uma filha de um coronel tava querendo passar, ligô pro pai
- 248 dela e deu... a coisa, mais no final deu muito certo, conseguimos, né?
- 249 P: Que bom que o asfalto saiu, né?
- 250 I: É.
- 251 P: Em relação aos indígenas, aqui na região, você sabe que tem alguns descendentes?
- 252 I: Não, aqui não, aqui na, nessa região aqui de **Lelivéldia**.
- 253 P: E quilombolas?
- 254 I: Quilombolas têm, aaa, acho que **Lagoinha** é Quilombola.
- 255 P: É uma comunidade?
- 256 I: É, perto do **Bravo**.
- 257 P: E você já ouviu falar isso aqui também, sua mãe já te contou ou seus avós, se aqui
- 258 também teve uma enchente, a mesma enchente forte que teve em Araçuaí, se aqui teve
- 259 também e se causou alguma destruição?

- 260 I: Não, aqui nunca teve enchente, não.
- 261 P: Em 79 Araçuaí foi praticamente destruída, né?
- 262 I: Foi? Nossa! Por causa do rio, né?
- 263 P: (()) E religião, você tem religião? Você acredita em alguma religião? Você
- 264 frequenta?
- 265 I: Olha, eu só, eu só batizado numa, numa igreja católica.
- 266 P: Mas não é frequente?
- 267 I: Não, não Frequento não.
- 268 P: E aqui na região, qual religião você acha que predomina, como as pessoas são, é
- 269 dividido?
- 270 I: Católica, aqui né, aqui em **Lelivéldia** tem a Batista, a Católica e a Congregação
- 271 Cristã lá.
- 272 P: Assembleia não?
- 273 I: Isso, Assembleia. É que eu num, eu confundo às vezes a igreja, as igrejas, pra mim a
- 274 Batista e a Assembleia é a mesma coisa, enfim, eu num, num tenho muito conhecimento
- 275 disso não.
- 276 P: E meio de transporte aqui quais são os principais meios de transporte pra ir às outras
- 277 cidade?
- 278 I: Aaa, táxi eee ônibus, pra ir pra outras cidades é, tem pessoal que tem moto e carro
- 279 particular também.
- 280 P: Hoje quase não se usa animais mais, né?
- 281 I: Não, não.
- 282 P: Antigamente eram muitos animais
- 283 I: Antigamente era, até pá, o pessoal da zona rural pra vim pra cá, era. Eu lembro que
- 284 vinha de cavalo e hoje ninguém tem isso mais não.
- 285 P: Aqui tem feira?
- 286 I: Tem, ali ó.
- 287 P: Quais os dias da semana?
- 288 I: Domingo.
- 289 P: E aí, o que acontece, como que é essa feira?
- 290 I: Essa feira, os agricultores da região, eles trazem suas mercadorias, às vezes o
- 291 pessoal daqui mesm' também, que fazem um pão, um queijo e vai lá e coloca aqui e tem
- 292 as bancadinha de colocá as mercadorias, eles vendem.
- 293 P: Mais produtos de alimentação mesmo, né? De artesanato, essas coisas não tem?

- 294 I: Não.
- 295 P: É diferente.
- 296 I: É.
- 297 P: É porque artesanato...
- 298 I: Depois que eu conheci Araçuaí, tipo lá, o artesanato predomina muito, aqui num tem
299 nada disso.
- 300 P: Mas tem muito comércio, né?
- 301 I: Sim, comércio aqui tem o que? Pelo tamanho da cidade, aqui tem, é, três
302 supermercados, ééé, três farmácias.
- 303 P: Eu fui chegando vi um bar de um lado.
- 304 I: Bar? Bar não precisa nem, cê fô contar, nossa senhora!
- 305 P: E as festas tradicionais daqui. Aqui tem alguma festa importante?
- 306 I: Tem.
- 307 P: Qual é?
- 308 I: Aaa, do mês de julho, festa de São Norberto.
- 309 P: São Norberto?
- 310 I: Isso.
- 311 P: Por que São Norberto?
- 312 I: Isso eu num sei informar também não. Porque é o padroeiro da cidade, eu só sei isso.
- 313 P: Ah, o padroeiro aqui é São Norberto?
- 314 I: É,
- 315 P: Mas o nome é só Lelivéldia ou São Norberto de Lelivéldia?
- 316 I: Não, só **Lelivéldia**.
- 317 P: E na festa vêm pessoas da região toda?
- 318 I: Vem, vem. É uma festa assim, relativamente, bem famosa, assim, na região daqui.
- 319 P: E é feita pelo município ou pelas pessoas?{ }
- 320 I: Pelo município, o prefeito ele contrata as bandas pra vim tocá, o palc', ele que
321 contrata tudo. Mais também é, aí o, a, pessoal daqui, eles arrecadam dinheiro, né,
322 aproveitam pra arrecadá dinheiro nessas festas, pra ajudá na infraestrutura,
323 principalmente da igreja católica, que essa festa é da igreja católica.
- 324 P: E tem outras festas na região que você gosta de ir?
- 325 I: Hum... { }.Depois que fui pra Araçuaí né, a micareta né, é uma festinha boa.
- 326 P: Chegando a época.
- 327 I: Uhum. Eee tem a festa de **José Gonçalves** também é muito boa.

- 328 P: Qual é a festa de José Gonçalves?
- 329 I: *Não sei te informar.*
- 330 P: Tem nome não?
- 331 I: *É de algum padroeiro também. Festas daqui, as festas mais famosas são de padroeiro.*
- 332 P: Ah, tá.
- 333 I: *Ijicatu* também tem.
- 334 P: Também de padroeiro?
- 335 I: *Aham. A de José Gonçalves, se eu não me engano é em outubro.*
- 336 P: Esse ano não teve em Virgem da Lapa...
- 337 I: *Nem Virgem da Lapa teve. Virgem da Lapa nem precisa contar, né? Aquela ali é a principal, todo mundo vai.*
- 338 P: E de uma forma geral, como você resumiria a sua vida aqui? O que você gosta, o que não gosta daqui, se tem vontade de mudar pra outro município, ou se não quer, se quer morar aqui, se vai pra estudar e quer voltar pra'qui ou se quer ir pra fora?
- 342 I: *Olha, eu, tipo assim, aqui é um lugá muito bacana, só que é um lugá que num tem muita muito lazer, entende? Aqui num tem é, tip' um, exemplo, um lugá procê sair com os colega pra divertir assim, todos os dias, sabe? Qualquer hora que cê quisé, vai sê , cê vai lá que tem. Aqui é, no lazer, é o que? Cê sai na rua cum seus colegas, sentá num banquim e ficá jogano conversa fora. Comprá alguma coisa pra comê, bebê e ou senão fazer alguma coisa na casa do outro. No mais é, jogá bola e só. Esperá as festas tradicionais chegá e iss'. Aqui, eu num tenho muita visão de ficá aqui, né, mais, futuramente, eu gosto de lugá tranquilo, aqui é muito tranquilo, mais é, é, tranquilo ao extremo que, num dá, tipo, igual agora mesm' que eu tô em Viçosa, é, Viçosa é um lugá bacana, porque é um lugá que não é perigoso, perigo tem em todo lugá, né, mais lá por ser uma cidade universitária assim, predomina mais estudante, né? Lá é um lugá tranquilo, é um lugá simples, sabe? Não é tipo uma metrópole como BH, São Paulo, mais é um lugá agradável.*
- 355 P: Tá gostando?
- 356 I: *Eu gosto de lá, eu, minha irmã, ela formô lá e minha tia também. E ai, eu já, como eu já conhecia lá, eu sabia que lá era um lugá bacana, calmo e que também, quando cê quer sair pra algum lugá pra se divertir, o lugá é o que não falta, né, cidade Universitária. Eeee, mais, sei lá, eu penso em formá éé, em Engenharia Florestal e desenvolvê projetos pra cá. Eu tenho muita vontade de desenvolvê projetos de reflorestamento, pra recuperá os córregos que secaram, as regiões que estão*

362 *desmatadas aqui, entende? Pra... acabá com essa seca daqui, quem sabe ajudá mais na
363 chuva eee, é isso.*

364 P: E você não nasceu no Vale, mas você se considera do Vale? Qual a sua relação com
365 o Vale do Jequitinhonha? Com Lelivéldia, como você se sente em relação ao lugar?

366 *I: Aqui o Vale do Jequitinhonha ,tipo assim, quando eu fui pra Araçuaí, lá no IF foi o
367 que eu comecei a entende realmente o que era o Vale, porque, quando eu morava aqui
368 num tinha esse estudo sobre em que região eu morava, que que acontecia. Eee depois
369 que eu fui pra Araçuaí, eu comecei a entendê a injustiça que o pessoal do Vale sofre
370 em relação às demais regiões de Minas Gerais. E aí essa região pra mim é uma região
371 muito rica, tanto em conhecimento, cultura e demais coisas, mais é uma região que tem
372 que ser valorizada, porque o pessoal daqui é um pessoal muito honesto, trabalhador
373 principalmente ee, e que deve ser reconhecido pela, pelos governadores, pra eles
374 investirem mais nessa região, porque é uma região, assim, que é necessitada de
375 investimentos.*

376 P: Exatamente. Ok, GL, então é isso, muito obrigada pela sua contribuição.

ENTREVISTA: 003CMUERM35

Dados do Informante

Informante 03, 35 anos, masculino, pós-graduado, solteiro, natural do município de Coronel Murta.

Dados da Entrevista

Data:	Duração:	Local:
28/09/2020	29min e 50segundos	Residência do Informante

Legenda: P=pesquisadora I= informante .

TRANSCRIÇÃO ORTOGRÁFICA

- 1 P: Então, boa tarde, ER!
- 2 P: Tenho o seu consentimento para fazer as perguntas?
- 3 I: Tem
- 4 P: Então vamos lá... é qual é o seu nome completo?
- 5 I: É ERR.
- 6 P: E você nasceu onde ER?
- 7 I: Nasci em **Coronel Murta** mesmo.
- 8 P: Na zona urbana?
- 9 I: Na Zona Urbana.
- 10 P: Tem irmãos?
- 11 I: Tenho dois. Um rapaz e uma moça
- 12 P: T odos nasceram em Coronel Murta?
- 13 I: Meu irmão sim, minha irmã nasceu no hospital em Araçuaí.
- 14 P: Ah sim. E você reside aqui há quanto tempo?
- 15 I: Desde que nasci, exceto os anos que fiquei morando em outro Belo Horizonte né, que
- 16 foi cerca de dez anos, dez, doze anos mais ou menos
- 17 P: Seus pais também nasceram aqui na região?
- 18 I: Sim.
- 19 P: Na mesma cidade?
- 20 I: Sim.
- 21 P: E escola, você frequentou aqui? Onde foi?
- 22 I: É ensino básico, fundamental e o médio foi tudo aqui. O ensino superior foi em Belo Horizonte.
- 23 P: Aqui oferta até o ensino médio?
- 25 I: Ensino médio.

- 26 P: As comunidades também todas têm ensino médio? As comunidades rurais?
- 27 I: *As comunidades rurais, elas têm ensino médio, ééé, só que só duas tem escola onde é, oferta ensino médio, as outras elas vem pra cá ().*
- 28 P:São onde essas comunidades você sabe ?
- 30 I: *Bom, tem as comunidades que vin' de Araçuáí. Cê fala as que tem escola ou as que*
- 31 *não têm escola? As que tem a escola é de **Oro Fino** no sentido de Salinas e a outra é*
- 32 *na **Barra do Salinas**, que é no sentido da zona rural aqui, subin' pro lado da serra.*
- 33 P:Serra é um local, uma comunidade?
- 34 I: *Não, serra é essa serra aqui, a **do Elefante**, quês, que a gente vê daqui.*
- 35 P:O nome dela é Serra do Elefante? Só tem essa serra aqui?
- 36 I: *Tem a do **Frade** aqui, serra do **Cachimboete** ali imbaixo, serra do **Pau Alto**.*
- 37 P: Cachimboete?
- 38 I: *É, porque tem esse nome eu não sei, talvez a pesquise e possa identificar.*
- 39 P: Vou descobrir.
- 40 I: *Que é, é uma serra que tem aqui pra baixo, deve ficar uns oito quilômetros mais ou*
- 41 *menos, pessoal vai muito fazer trilha lá.*
- 42 P: Ah, é um local de turismo, então?
- 43 I: *É de fácil acesso.*
- 44 P: Olha que legal. E essa do Frade?
- 45 I: *Frade é esse morro aqui ().*
- 46 P: Ah, tá. E como, como foi a sua infância aqui? O que que cê tem pra falar da sua
- 47 infância? Onde você brincava, onde cê passeava?
- 48 I: *Ó, a infância foi no quintal de casa, por que as casas, os quintais, as casas eram*
- 49 *pequenas, mas os quintais era bem amplo, né? A gente brincava no quintal de casa,*
- 50 *jogando de futebol, brincano de pique, de ladrão na rua e na beira do córrego.*
- 51 P:Qual córrego ?
- 52 I: *Córrego Santo Antônio aqui em cima, no córrego Palmeiras, na verdade não, Santo*
- 53 *Antônio aquele, córrego Palmeiras um que tem aqui atrás.*
- 54 P:São córregos que ainda, são { }?
- 55 I: *Quando na, no período de chuva ainda corre água, hoje em dia não.*
- 56 P:E na adolescência, juventude, tem algum lugar importante que vocês, que os jovens,
- 57 né, e os adolescentes, que os jovens vão passear, divertir, algum lugar que fica memória
- 58 das pessoas?
- 59 I: *Geral, praça, que é um lugar que todo mundo se encontra na cidade. E o rio, que é os*

60 *lugares assim mais frequentados. Também teve os momentos da adolescência que a
61 gente ia muito pras fazendas ao redor, buscá manga, às vezes andano de bicicleta, às
62 vezes matá passarin também..*

63 P: E aqui tem muita fazenda ainda, onde as pessoas trabalham ou mais pra passar final
64 de semana?

65 I: *Aqui tem algumas fazendas, sobretudo de, de, que tem o gado de corte, gado de corte
66 leitero, né?*

67 P: Então, a pecuária aqui é forte, ééé...

68 I: *Subsistência, alguma coisa vai pro comércio, mais em geral é subsistência.*

69 P:Hum, tá. Eee as pessoas têm o hábito de sair pra trabalhar em outro lugar ou aqui
70 mesmo as pessoas vão se arrumando ?

71 I: *Ééé. Hoje em dia eu acho que, as pessoas saem mas já saem com a idia de voltá,
72 mais acabam ino pra morá na verdade né, saem muito jovem por que não tem muito
73 imprego, sai quando cê termina o ensino médio, cê sai pra Belo Horizonte, São Paulo,
74 que é os destinos mais comuns, mais há um tempo atrás, ainda havia muito, hoje em
75 dia eu acho que não há tanto, mais há um tempo atrás havia muito, muita gente que
76 saía pro corte de cana; Hoje em dia eu acho que não tem mais tantas pessoas assim.*

77 P:É eu ia te perguntar isso, se aqui as pessoas também vão. Porque em Araçuaí tem né,
78 tinha até uns apelidos pras mulheres que ficavam, né?

79 I: *Ham ham. Então é, antigamente eu acho que tinha bastante, hoje em dia não vejo
80 tanta gente saino assim não, eu acredito que ainda, ainda exista algumas pessoas mais
81 não vai turma grande igual saía antes.*

82 P: Ah tá.

83 I: *E é muito comum tamém, tem , tem a comunidade aqui, ondé, inclusive ondé que eu
84 dei aula um tempo atrás no **Barra de Salinas**, o pessoal sai muito pro litoral Paulista,
85 pra trabalhá no Litoral, no setor de restaurante, essas coisas.*

86 P: E você já trabalhou, já deu aula aqui em algumas comunidades ou só nesta?

87 I: *Eu dei aula é, todo mundo que tem entre dezesseis e dezenove anos, já foi meu aluno
88 aqui em **Coronel Murta**, porque, éé, na verdade só tem uma escola, que, aqui no
89 município que oferta, oferta o ensino médio e essas duas na zona rural né, então o
90 professor que pega as escolas do ensino, do ensino urbano, ele acaba ficano também
91 com a zona rural, que é extensão, do curso aqui.*

92 P:Ah, tá.

93 I: *Aí então, você acaba teno, como no meu caso de Filosofia, que são poucas aulas cê*

94 pega todas as aulas, então eu dei aula pra todos os alunos da, da, com essa faixa
95 etária entre dezessete e dezenove anos.

96 P: E no fundamental você nunca deu ?

97 I: *Não, no ensino fundamental não.*

98 P: Mas tem muita escola de ensino fundamental aqui na zona rural né?

99 I: *É ensino fundamental , salvo engano, quase, de primeira a quarta série, de primeira*
100 *a quinta, salvo engano, quase todas as comunidades tem escolas, eu num sei se todas,*
101 *mas quase todas eu sei que tem.*

102 P: Aqui tem muitos distritos?

103 I: *São... salvo engano são 28{ } . Distritos, são dois, são dois distritos na verdade:*

104 **I: Barra e Oro Fino.**

105 P: Barra?

106 I: **Barra do Salinas.**

107 P: Barra do Salinas ou de Salinas ?

108 I: *O pessoal fala de Salinas, mas é do Salinas, registrado como Barra do Salinas.*

109 P: Por causa do rio ?

110 I: Isso.

111 P: Esse rio que passa { }

112 I: *É a união, encontro do rio Salinas com o Jequitinhonha, por isso, por isso chama*
113 *barra. O rio Salinas desce por lá e encontra com o Jequitinhonha.*

114 P: Esse que passa na ponte é o Jequitinhonha ?

115 I: **É o Jequitinhonha.**

116 P: Sabia não. Hoje parece que ele tá mais cheio, porque da última vez que eu vim tava
117 bem baixo.

118 I: *Eventualmente, a hidrelétricas libera água lá em cima, num sei se ela tá liberando*
119 *agora, mas em determinados períodos ela libera água.*

120 P: Irapé?

121 I: *É. No final da tarde , assim tipo, seis até... o dia amanhece, aí eles vão reduzindo né.*

122 P: E você lembra como era aqui antigamente, quando cê era criança, se a região
123 melhorou, o que melhorou de infraestrutura, o que que era comum fazer aqui.

124 I: *Nó, melhorou bastante, porque... em termo de infraestrutura, a maioria das ruas não*
125 *eram calçadas, essa aqui, por exemplo, não era, foi calçada na década de noventa né,*
126 *eu tinha cerca de treze, quatorze anos ééé, hoje em dia tem mais emprego do que tinha*
127 *antigamente, sobretudo na zona urbana, que antigamente a ma, a predominância das*

128 *famílias moravam na zona rural, a zona urbana era bem pequena e hoje em dia é bem
129 grande, é hoje em dia salvo engano, são só, os números oficiais da prefeitura eu num
130 sei exatamente, mais parece que são três mil pessoas e alguma coisa de pessoas que
131 moram na zona rural, porque, praticamente...pouco né?*

132 P: Qual é a população do município?

133 *I: Nove mil e pouco.*

134 P: Então ela é predominantemente urbana ?

135 *I: Predominantemente urbana.*

136 P: E o pessoal da zona rural veio pra'qui em busca de emprego mesmo ?

137 *I: Emprego, e muita gente veio porque tinha filho , tinha que colocá pra estudá, então
138 vinha pra cá, colocava os filhos , mesmo, mesmo morano aqui ia trabalhá na zona
139 rural.*

140 P: E as fazendas, funciona ainda o sistema de agregado ou você não sabe ?

141 *I: Eu acredito que ainda exista algum agregados, mais deve, eu imagino que sejam bem
142 poucos assim, a maioria hoje mesmo é assalariado.*

143 P: E a região, é uma região com muitos animais selvagens, com plantas típicas?

144 *I: Bom, animais selvagens assim , a gente vê alguns, mais em determinados períodos,
145 assim, em época mais de... chuvas, então se a gente custuma sair mais pro mato assim,
146 cê vê alguns animais, sobretudo aves e cobras. O povo fala de, de, de lobos, onças mais
147 isso é em regiões mais afastadas assim. Quando eu era criança eu ouvia falá mais, que
148 teve onça atacano as fazendas, essas coisas, hoje em dia a gente quase num ouve fala.
149 Alguém de vez enquadra que encontrô, que tava vino da zona rural de madrugada
150 de carro e uma onça passô na frente do carro, mais assim, não há registros claros*

151 P: E plantas típicas, existem?

152 *I: Plantas assim*

153 P: Árvores.

154 *I: Que eu vejo muito assim, que eu via muito antigamente quando eu era criança, tinha
155 muito aroeira, angicos essas árvores mais nativas assim, mais hoje em dia não tem
156 tanta mais, foram tipo, cortadas, existem muitas assim nas, nas, nas partes mais
157 afastadas da zona urbana a gente ainda vê bastante, mais aqui na região,aqui nas
158 imediações da zona urbana não.*

159 P: Como você acha que está a preservação dos animais e plantas aqui dessa região ?

160 *I: Ah, eu, eu avalio que estão bem precárias, sim, apesar de que a gente ainda tem
161 umas regiões de mata bem densa, por exemplo, ali Pau Alto, inclusive.*

- 162 P: Pau alto é o que ? Uma comunidade ?
- 163 I: É uma comunidade né, com uma serra lá, que ainda tem muita mineração, mais tem,
- 164 e tem uma comunidade lá que chama **comunidade de Pau Alto**.
- 165 P: Aqui ainda funciona a mineração, ainda é comum o garimpo ?
- 166 I: É bastante comum, inclusive é um dos principais éé, fontes de renda da cidade, né. É
- 167 uma da, das áreas que mais emprega gente né, homens em sua maioria, éé, em
- 168 determinadas épocas quando tem, o pessoal encontra pedras né, dá muita renda pro
- 169 município, é o que movimenta o município em geral é a pedra, pedra preciosa.
- 170 P: Em Araçuaí eu não tô vendo o pessoal mais{ }. Esse rio deve ser muito rico então
- 171 ainda, né?
- 172 I: Aqui normalmente é de escavação, né? Falo o garimpo de escavação, lavras assim,
- 173 no, no rio, aqui na região, eu acho que quase num se acha mais diamantes e pedras
- 174 não, eu acho que não, só em Diamantina mesmo que a extração de diamante é forte.
- 175 P: Aqui tem empresa de... especialista de { }
- 176 I: Na, na mineração, tem algumas que até pra abri garimpo hoje dia a prefeitura exige
- 177 que se tenha CNPJ e tudo, mais, na maioria das vezes são empresas irregulares, num
- 178 contribuem muito, são empresas, não são de fachada por que tem o CNPJ, mais tão
- 179 irregulares.
- 180 P: E em relação a água por aqui aos rios, córregos, lagoas, ribeirões. Existem muitos
- 181 ainda?
- 182 I: Bom, o rio, o rio, tava seno degradado, assim , algumas pessoas falam que é por
- 183 conta do, da, da hidrelétrica, eu realmente num sei avaliá se é por isso. Ééé o outro rio
- 184 que , que desliga é afluente do **Jequitinhonha** que seria o **rio Salinas**, mais ééé
- 185 durante o período de estia, assim, ele praticamente não corre água, porque tem uma
- 186 barragem lá em salinas que retém água, que eles usam pra abastecê a cidade, então
- 187 corre pouquíssima água. Os córregos, os principais córregos que tinham, era o **Santo**
- 188 **Antônio** e o **Palmeiras**, os dois só correm a água por dois, três meses ao longo do ano
- 189 que é o período de chuvas eee lagoas tem, a maioria tem secado, inclusive cê diz que
- 190 vai lá na casa de Saulin, a fazenda, a terra da família, lá em cima existia uma lagoa
- 191 imensa e ela secô por conta { }.
- 192 P: Aqui dentro da cidade?
- 193 I: É bem, bem, bem perto na saída assim, da cidade assim, deve dá, daqui lá deve dá
- 194 uns seis, sete quilômetros.
- 195 P: Lá é uma comunidade?

- 196 I: Num sei. Lá não é uma comunidade não, ela tá dentro da **comunidade da Lorena** e a
197 **comunidade do Pau Alto.**
- 198 P: Da Lorena?
- 199 I: É.
- 200 P: Tem Lorena também aqui?
- 201 I: Sim, **comunidade da Lorena.**
- 202 P: É o nome de alguém, cê sabe ?
- 203 I: É eu num sei te dizê. Éé, eee, o **córrego São José** tamém que, mais desde quando eu
204 sô criança, eu só vi escorrê água do **córrego São José** quando chuvia, assim, quando
205 não chuvia nunca vi corrê água lá não.
- 206 P: Mas as pessoas pescam?
- 207 I: Nos córregos? Nos córregos não, ééé, quando eu era criança a gente custumava
208 pescá nos córregos, tilápia, lambari, normalmente a gente pescava pra fazê, pra usá
209 como isca para pescá em lagoas e córregos né, ééé, mais no rio as pessoas pescam, no
210 rio tem bastante peixe ainda.
- 211 P:Ainda tem?
- 212 I: Tem. Tem um amigo meu que pesca toda semana e toda semana ele pega de oito a
213 dez ou mais, peixe grande.
- 214 P:Nossa! Nesse Jequitinhonha?
- 215 I: No **Jequitinhonha.**
- 216 P: E por que cê acha que esses córregos, né, tantos córregos na região que pararam de...
217 de ter água, é por causa da situação climática mesmo ou é falta de preservação?
- 218 I: Eu acho que tem parte, parte é situação climática me parece, mais em parte também
219 é falta de preservação,né,fizeram plantações, plantações em, em, nas nascentes,
220 fizeram queimadas, todo ano nesse período do ano, entre setembro e novembro, que é o
221 período entre chuva, entre a chuva, é, há muitas queimadas, inclusive eu tô
222 surpreendido que num começô ainda, que normalmente já começa.
- 223 P: Sim.
- 224 I: No mês de agosto mais ou menos.
- 225 P: Mas e na beira do rio, córregos, aqui existem muitas construções ou não?
- 226 I: Bom, porque considerando a extensão do rio, eu acho que tem até poucas, assim
227 construções, né.
- 228 P: Parece que no início construíram né?

229 *I: No início construíram, mais qui no município, né, assim, zona rural, zona rural,*
230 *acho que só tem uma comunidade que eu lembro agora, só na Laje assim que tem*
231 *bastante casas e que estão basicamente na bera do rio. A, o, demais cê tem casas*
232 *isoladas, assim, uma casa aqui e há alguns quilômetros depois, outra casa, isolada,*
233 *comunidades cê num tem muito na beira do rio não, mais aqui na zona urbana que*
234 *tem.*

235 P: Existem festas tradicionais aqui nas comunidades, na zona urbana?

236 *I: Tem bastante, sobretudo na época de da de festa junina, fuguera, né pessoal de*
237 *zona rural muitos fazem né, muitos fazem em família, assim, convida os amigos, mais*
238 *num tem assim, festas grandes mesmo, são as festas tradicionais de igreja aqui na*
239 *cidade e a festa do forrozão que é ...*

240 P: Religião predominante aqui é católica ou tem diversidade?

241 *I: Eu diria que ainda é católica, mais protestantes já, já, já anda quase parado, assim.*

242 P: Araçuaí tem muitas igrejas de outras crenças a não ser a católica.

243 *I: Não, protestante aqui deve ter umas quinze.*

244 P: Mas as festas continuam sendo a festa de Santos?

245 *I: A maioria sim. Éé, normalmente na zona rural, né e aqui na cidade { }*

246 P: E as pessoas vão daqui pra onde pra dançar forró ()?

247 *I: Às vezes tem os forró na zona rural, mais, que normalmente são feitos assim em*
248 *bares que o pessoal dos bares fazem alguns forró.*

249 P: Em quais lugares?

250 *I: Aqui no, no, no, na, na região aqui do Alagadiç tem, em Freire Cardoso, tem, na*
251 *Barra às vezes tem também, éééé, já ouvi falá também na Vereda.*

252 P: Ah, tá.

253 *I: Às vezes alguma família também faz e aí convida.*

254 P: Freire de Cardoso é um distrito?

255 *I: Freire Cardoso é o Oro Fino, é porque Freire Cardoso é o nome oficial, mais o*
256 *povo se refere a Oro Fino.*

257 P: Ah, é o mesmo lugar?

258 *I: É o mesmo lugar. É, eu divia tê explicado isso né.*

259 P: Não, é porque no IBGE tem os dois.

260 *I: O IBGE tem os dois? Então, era era Oro Fin' o pessoal lá conta porque na, na*
261 *época da, da fundação da comunidade era, era uma região de garimpo e se*

262 encontrava um ouro muito, muito raro na região. E hoje em dia acho que não se
263 encontra mais oro lá.

264 P: E Freire de Cardoso?

265 I: **Freire Cardoso** era uma família que morava lá, uma não, duas família, a família
266 Freire e a família Cardoso que tinha as maiores propriedades lá, por isso colocaram o
267 nome ééé, dentro desses acordos políticos que são feitos, né.

268 P: Aqui também é um nome de pessoa, né? É alguém que...

269 I: Da cidade?

270 P: É.

271 I: Coronel Murta é o, avô de S que cê vai lá daqui a pouco. Ééé segundo o próprio S, o
272 próprio coronel Murta não queria que colocasse o nome dele na cidade, mais aí... por
273 uma questão de barganha política, fizeram alguns acordos lá e, e botaram o nome de
274 **Coronel Murta** em homenagem a ele, mais que ele mesmo não queria que colocasse o
275 nome dele.

276 P: Antes teve outro nome né?

277 I: É. Isso foi uma coisa que S me contô uma vez, a gente tomano cerveja na casa dele .

278 P: E. Mas as pessoas todo mundo aqui, se refere aqui como Coronel Murta ou tem
279 algumas pessoas que ainda chamam { }.

280 I: Hoje em dia, hoje em dia sim, a maioria das pessoas se refere aqui como Coronel
281 Murta, mais eu, eu me lembro assim, que há muito tempo atrás, as pessoas, pelo menos
282 as pessoas mais velhas, falava **Itaporé**.

283 P: ()E a parte rural do município? Você conhece bem? Sabe como é, se tem muitos
284 sítios, fazendas.

285 I: Conhecê bem, num conheço não mais assim tem, tem bastante sítios, assim, chácaras
286 piquenas, né, tem bastante comunidade, mais fazendas grandes, não tem muitas não,
287 tem mais é pequena sítios, pequenas propriedades.

288 P: As pessoas produzem muito na zona rural e trazem pra vender aqui? É tradição daqui
289 ter a feira, pra...

290 I: Ô, tem a feira, mais assim, ultimamente não tem sido muito produtivas não, porque...
291 ééé, a feira acaba bem rápido assim, começa tipo sete, seis e meia da manhã, sete,
292 quando é tipo nove, não tem nada na feira.

293 P: Aqui tem o algum padroeiro também, algum santo?

294 I: Nossa Senhora Auxiliadora.

295 P: Nossa Senhora Auxiliadora?

296 I: É.

297 P: E na região, existe algum fato marcante pras pessoas, pros moradores aqui da região
298 ou do município que ficou na história da, do município, que foi algo que trouxe muita
299 contribuição, ou que trouxe tristeza também, né das pessoas, cê lembra ?

300 I: Assim, uma coisa que as pessoas sempre se referem, sobretudo assim quem tem mais
301 de trinta anos é o, é o festival ecológico que aconteceu na década de oitenta, que é o
302 marco assim, que todo mundo se refere como sendo uma coisa Importante, assim, do
303 município. Outra coisa que as pessoas também { }.

304 P: O que era o festival ecológico?

305 I: Foi um um festival que aconteceu aquina década de oitenta, organizado pelo centro
306 cultural que Saulin que cê vai entrevistá depois também, era o fundadô, ele foi
307 idealizadô de tudo, éé eles fizeram uma, uma na ideia de fazê uma espécie de protesto e
308 de também de conscientização de pessoas pâ necessidade de preservá o rio.

309 P: Olha que legal!

310 I: Então, e trouxe muitos artistas da região, que na época tava começano a despontá,
311 Rubin do Vale, Paulin Pedra Azul, ééé, como que é nome do... esqueci o nome do cara
312 agora, é o da Praça é Nossa, esqueci o nome dele

313 P: Ah o Saulo

314 I: Saulo Laranjera. Saulo Laranjera éé, teve, tiveram outros também que vieram e que
315 foram importantes né.

316 P: Mas foi só uma edição?

317 I: Foram três, foi em oitenta e cinco, salvo me engano foi oitenta e cinco, oitenta e seis
318 e oitenta e sete.

319 P: E algo que as pessoas, as pessoas que não gostaram que aconteceu aqui, tem alguma
320 coisa assim?

321 I: Hoje em dia as pessoas lamentam muito a hidrelétrica, porque tinha uma praia
322 gigante, né, extensa, bastante extensa mesmo, assim, cê perdia de vista nos olhos
323 assim, de tão longe que era, ee que'la acabô seno alagada e depois de um tempo... ééé
324 a praia voltou, mas não tinha mais areia, tinha muita, hoje em dia tem muita grama,
325 muito mato assim.

326 P: E as pessoas da região vinham também pra'qui?

327 I: Sim. Vinha muita gente da região de Salinas, de Araçuaí também vinha bastante gente
328 mais que vem sempre, mais é da região de Salinas. Né? Não, da região de Salinas que
329 eu digo não da cidade, mais do entorno ali, Fruta do Leite, vem muita gente pra cá, ééé

330 *São João Vacarias*, aquela regiõzinha eles fazem éé, turma de domingo e vem, passa
331 domingo todo aqui, chega de manhãzinha, fica o dia todo vai embora no final da tarde.

332 P: E sobre a formação daqui da cidade? Como se deu a formação do município?

333 *I: A formação do município assim que eu, que eu sei, que primero, foi quando a*
334 *família do, do coronel comprô a, a fazenda lá embaixo na Vereda. Que, que o*
335 *município começo, uma fazenda lá embaixo, né, na Vereda, quando ele veio pra cá, a*
336 *família dele, o coronel , acho que ele nasceu lá inclusive, salvo me engano. Aí depois*
337 *eles vieram pra cá pra cidade, que instalaram a sede aqui nondé que S mora, eee, e aí*
338 *depois a cidade cresceu a partir daí, o coronel, como era influente, praticamente*
339 *trouxe pessoas pra cá pra trabalhá como as professoras, por exemplo.*

340 P: Ah, tá. E existem indígenas aqui da região ou não existem mais?

341 *I: Tem. Tem uma comunidade aqui inclusive, ali no Lagadiç, que tem uma comunidade*
342 *indígena lá éé, aldeia Pankararu , salvo engano, esqueci o nome... agora, mais tem*
343 *umas, tem uma comunidade lá, não sei dizê quantos que são mais tem bastante e tem*
344 *muito descendente de indíio aqui também.*

345 P: Aqui tem ainda ?

346 *I: Tem alguns.*

347 P: E quilombolas ?

348 *I: Quilombolas tem também, inclusive tem uma comunidade, comunidade de Mutuca*
349 *que êss tão reivindicando demarcação lá como quilombola.*

350 P: Já é reconhecida como quilombola?

351 *I: Eu num sei se eles já são reconhecidos como quilombola, mais aí acho que eles tão...*

352 P: Mutuca?

353 *I: É, comunidade de Mutuca.*

354 P: E você ...Aqui na região, lá em Araçuaí o pessoal comenta muito quando a gente
355 pergunta de fato marcante, a enchente de setenta e nove.

356 *I: Sim, é verdade.*

357 P: Ela marcou aqui também ou não?

358 *I: Sim, sim, o pessoal comenta bastante, mais eu acho que, isso num, assim, na geração*
359 *da minha mãe, né teve impacto bem maior assim, mais na minha geração acaba que*
360 *não tem muito.*

361 P: Então sua família toda se criou aqui: seus avós, pais, ninguém veio pra cá.

362 *I: A minha vó veio de fora. Ela morava, a minha avó paterna, ela morava na região de*
363 *Salinas{ }.*

- 364 P: Ah, mas aqui de perto também, Jequitinhonha também.
- 365 I: *Ês trabaia... meu avô trabaia cum garimpo.*
- 366 P: A maioria das, das famílias aqui tem algum vínculo com garimpo, né?
- 367 I: *Sim.*
- 368 P: Que veio pra'qui por este motivo, né?
- 369 I: *Sim.*
- 370 P: E sobre religião, você falou que ainda predomina católica, né? E você é católico?
- 371 I: *Eu fui criado católico, mas não sigo.*
- 372 P: Mas existe ainda muito a questão e santos aqui, nome de lugares com nomes santos.
- 373 I: *Sim, ruas, né?*
- 374 P: É.
- 375 I: *É. Ruas,né, é, ruas, comunidades com nome de santo: São José, éé São Vicente, deixa eu vê qual nome que eu vô lembrá com nome de santo. Éé, num me lembro agora, mais tem alguns aí que tem nome de santo..*
- 378 P: E sobre os meios de transporte aqui. Como que é? Aqui também já se usou animais,
- 379 pra transportar mercadoria pra algum lugar, tropeiros ou aqui não se fala muito.
- 380 I: *Sim, eu acredito que já tenha havido sim, mas isso há muito tempo atrás né, éé, qué dizê, quando eu era mais novo, também, quando eu ainda era criança, o pessoal trazia*
- 381 *as coisas da zona rural também com animal né?*
- 383 P: Sim. Hoje é moto e carro?
- 384 I: *Hoje é moto carro, é, muitas comunidade a prefeitura disponibiliza o transporte pra*
- 385 *busca e tra, e levá de volta.*
- 386 P: Ah, tá. E tem hospital aqui?
- 387 I: *Tem unidade básica de saúde, hospital aqui não tem não hospitais aqui, normalmente*
- 388 *a gente usa Araçuaí, Salinas, Taioberas, Diamantina, onde que a prefeitura estabelece*
- 389 *convênio.*
- 390 P: Se fosse pra você resumir sua vida aqui, seu sentimento de pertencimento ao Médio
- 391 Jequitinhonha e a Coronel Murta, como que você se sente em relação a você e o lugar?
- 392 Se tem vontade de morar em outro lugar, se não tem?
- 393 I: *Bom, eu me sinto completamente pertencente à região, né. Não vejo como não sendo*
- 394 *da região, do Vale Jequitinhonha, de Coronel Murta éé, são minhas referências em*
- 395 *quase tudo assim, em todas as coisas que, que eu que eu fiz, os trabalhos e e trabalhos*
- 396 *na universidade, né, de que eu tive sobre quase tudo...na vida tava relacionada a*
- 397 *região, mais eventualmente eu tenho vontade de morá em outro lugar sim, já morei um*

398 *bom tempo em Belo Horizonte, né? Mas tenho vontade de morá, até mesmo na própria*
399 *região do Vale, conhecê outras cidades, essas coisa, mais isso num é uma coisa assim*
400 *que ,que eu não viveria sem, sabe.*

401 P: Sim.

402 I: *Se acontecer.*

403 P: Sim.

404 I: *Eu gostaria.*

405 P: Mas você gosta da região?

406 I: *Hum hum, exceto por esse calor.*

407 P: Só o calor que te incomoda (risos).

408 I: *Ah, tem outra coisa, mais que são coisas.. Que cê vai achá em qualqué lugá.*

409 P: Verdade, mas cê gosta de Belo Horizonte, morar em cidade maior?

410 I: *Gosto. Gosto de lá bastante assim,eu falo que quando eu cango de lá eu venho pra*
411 *cá quando eu cango daqui vô pra lá..*

412 P: E aqui na, na região, cê já falou um pouquinho, né, da questão das pessoas terem essa
413 necessidade de ir em busca de algum recurso, mas que bom que hoje alguns já
414 conseguem ficar aqui, né? Mas quem quer fazer um curso superior precisa sair daqui?

415 I: *Depende, hoje em dia, não mais, porque cê tem os Instituto que oferecem alguns,*
416 *cursos superiores e, e muita gente faz curso nos Instituto, né, tanto o campus de*
417 *Araçuá quanto o Campus de Salinas. Tem muita gente que vai pra Teoflotoni, fica lá a*
418 *semana depois vem pra cá, fica aqui quinze dias e tal, depois volta, outras em*
419 *Diamantina a mesma coisa, ficam lá e volta, e vem de quinze em quinze dias, ééé, mais*
420 *em geral sim, quem qué fazê curso superior tem que ir embora daqui, dependendo do*
421 *curso que qué fazê né.*

422 P: E muitos vão né?

423 I: *Muitos vão. Mas a maioria acaba indo, não, pra fazê, vai na expectativa de estudá,*
424 *mais acaba ino, na verdade, pra trabalhá e depois de trabalhá, tentá fazê o curso. A*
425 *prioridade, primero é trabalhá, depois, se consegui faz um curso, um curso superior,*
426 *né, porque tem muita gente que acaba fazeno técnico,essas coisa...*

427 P: Olha. Mas então de uma maneira geral, né, resumindo, se fosse, por exemplo, é não é
428 desejo seu de morar fora do vale. Você se sente pertencente ao vale, é isso, né? Você
429 disse, se tivesse que morar também, mora, né?

430 I: *Hum hum.*

431 P: E um dos principais problemas, que cê falou aqui, vontade de mudar, por algum
432 problema específico, cê não tem, né?

433 *I: Não.*

434 P: Ah, mas então.

435 *I: Bom. E a minha maior vontade de muda é se eu passa pra ser professor universitário,*
436 *numa universidade grande né.*

437 P: E vai passar aí, vai!

438 *I: De preferência, se eu pudesse, ficá trabalhano aqui na região né, num dos, num dos*
439 *institutos seria o meu, o meu, meu, meu desejo, mais imediato.*

440 P: Cê cursou Filosofia em Belo Horizonte?

441 *I: Foi.*

442 P: Então cê já tá, de capital. Mas é isso, muito obrigada pela sua colaboração, pela sua
443 participação,

444 *I: Nada, eu que agradeço.*

445 P: Vai me ajudar muito, eu preciso aprender muito sobre a região, pra não falar
446 bobagem (risos). E é isso, brigadão, ER.

447 *I: De nada.*

ENTREVISTA: 004FBAJSM21

Dados do Informante

Informante 04, 21 anos, masculino, ensino médio incompleto, estudante, solteiro, natural do município de Francisco Badaró.

Dados da Entrevista

Data: 10/02/2021	Duração: 32min e 24segundos	Local Via telefone
Legenda: P=pesquisadora I= informante		

TRANSCRIÇÃO ORTOGRÁFICA

- 1 *I: Alô!*
- 2 P: Bom dia JS!
- 3 *I: Bom dia, tudo bem?*
- 4 P: Tudo joia. Podemos começar nossa conversa?
- 5 *I: Pode, sim.*
- 6 Vamos lá, então, começar. Qual o seu nome completo?
- 7 *I: JAS.*
- 8 P: Quantos anos você tem JS?
- 9 *I: 21.*
- 10 P: E você nasceu onde?
- 11 *I: Eu nasci em Francisco Badaró, Minas Gerais.*
- 12 P: Na zona urbana?
- 13 *I: Não, zona rural.*
- 14 P: Qual lugar?
- 15 *I: Tocoiós de Minas.*
- 16 P: E você sempre residiu no mesmo lugar?
- 17 *I: Sim, desde criança, eu moro aqui.*
- 18 P: Seus pais também nasceram aí?
- 19 *I: Sim.*
- 20 P: A família toda, pais, avós, todo mundo é aí da região?
- 21 *I: Todo mundo aqui da mesma região.*
- 22 P: Da mesma comunidade também?
- 23 *I: É.*

- 24 P: E você frequentou ensino fundamental aí na sua comunidade?
- 25 I: Sim, aqui na mesma comunidade.
- 26 P: E como foi a sua infância e a infância das pessoas da comunidade? O que eles fazem
- 27 para se divertir, onde passeiam?
- 28 I: A minha infância aqui foi, é, aqui na comunidade mesmo. A gente sempre brincava
- 29 cos brinquedos cos amig', à tarde, na rua, jogano bolinha de gude, é, indo pos matos, é,
- 30 tanto faz no rio, quanto buscá laranja, manga, é, caçá passarinhos. E, no mais era
- 31 brincá de bicicleta na rua, jogava uma bolinha, um futebol num campo, num campin
- 32 que tem aqui, que a gente mesmo fez. E foi assim minha infância.
- 33 P: E qual rio que você fala?
- 34 I: O rio Sucuriú, não, o **córrego Sucuriú**.
- 35 P: Que passa aí na sua comunidade?
- 36 I: Sim, que vai aqui na comunidade.
- 37 P: E tem mais córregos aí ao redor?
- 38 I: Aqui tem o **córrego Seco**, mais é um, uma distância muito maió. A gente não
- 39 frequentava muito.
- 40 P: É um córrego perene ou só corre quando chove?
- 41 I: Só corre quando chove. Ambos os dois só correm quando chove.
- 42 P: Até o Sucuriú?
- 43 I: Aham. O **Sucuriú** também só corria na época de chuva, mais aí passava um período
- 44 maior de cheia e dava pra, pra frequentá, tomá banho, brincano.
- 45 P: Então só tem esses dois córregos aí na sua região?
- 46 I: Sim. Aqui, é. Mas tem um, um tem o **Sucuriú** em **Badaró**, o **córrego Sucuriú**
- 47 também. É a mesma coisa.
- 48 P: E para se divertir, então, vocês também tomavam banho no rio, no córrego?
- 49 I: Sim, brincava bastante no rio.
- 50 P: E você lembra desse rio e desses córregos correndo água direto, ou você só lembra
- 51 deles enchendo só na chuva?
- 52 I: Aaa minha mãe e minha avó contava que ele corria o ano todo, mais eu,
- 53 particularmente, num lembro não.
- 54 P: E você acha que eles pararam de correr água por interferência humana ou por
- 55 questões climáticas mesmo?
- 56 I: Eu acho que é um pouco dos dois. Tanto faz o desmatamento quanto interferência
- 57 climática.

58 P: Adolescência e juventude. Para os jovens e adolescentes, quais são os meios de
59 diversão?

60 *I: É, é basicamente aquilo que eu te falei. Não tem muita, muita opção de lazer e*
61 *diversão, não. É mais um futebol, anh, brincadera na rua de peteca, queimada, éé*
62 *escond'-escond'’. E a minha juventude foi praticamente isso também, a gente brincava*
63 *bastante de escond'-escond' na rua, na boquinha da noite, jogava futebol.*

64 P: E tem algum lugar da região, alguma comunidade, que as pessoas frequentam mais,
65 que vão em festas?

66 *I: Ééé, as festas que vêm mais é aqui em **Tocoíós** mesmo, por ser da região ou distrito*
67 *local, com maiores residentes, mais residências, aí geralmente as pessoas vêm pra cá*
68 *pra festa, pras festas religiosas e coisas do tip’.*

69 P: E pelo nome, já teve indígena aí, você sabe?

70 *I: Aqui é remanescente de quilomb’, quilombolas. Indígenas mesmo, eu não sei não.*

71 P: Eu pensei por causa do nome.

72 *I: É, então, o povo falaro que esse nom’ é por causa dos indígenas, mais eu não*
73 *consigo lembrá se tiveram não.*

74 P: E antigamente as pessoas ((talvez seus pais contam, avós)) a região era da mesma
75 forma? O que tinha de diferente em relação à infraestrutura, a matas, plantas?

76 *I: Aqui, antigamente era bem é, fraco de infraestrutura. Estradas eram todas é, sem*
77 *pavimento, era todas de terra, e era bem pequen’, cresceu de uns anos pra cá, a*
78 *localidade, as pessoas migraram da, da roça mais aqui pro centro.*

79 P: Quais são as roças que tem aí perto?

80 *I: Aqui tem é, que eu conheço, tem onde minha, meus parentes, meus descendentes*
81 *moraram, que é **Córrego do Boi**, tem **Passagem**, **Mocó**, éé, os **Moriços**, **Mouriços**, tem*
82 ***Chapadão**, **Mocó**, **Córrego Sec’**, **Zabelê**.*

83 P: Alguns desses nomes, você sabe porquê?

84 *I: É, geralment’, **Mocó** é por causa daquês, dum animali que tinha, **Zabelê** também*
85 *creio que é por causa do animal, que tinha bastante por lá.*

86 P: Tem um animal que se chamava Zabelê?

87 *I: Tem, e tem um que se chama mocó tamém. E os **Moriços**, é por causa de uma família*
88 *que morava lá né, e a família, por ela ser bem grande e por tá, por ser os primeiros que*
89 *mudaram pra lá, recebeu esse nome.*

90 P: Aí é um distrito com muitos moradores?

91 *I: Não entendi.*

92 P: Tem muitos moradores aí em Tocoiós? São muitas famílias?

93 I: *Aqui tinha mais. Atualmente, eles éé, afirmam ter cerca de () pessoas.*

94 P: E em relação à questão da água aí na região, vocês também sentem escassez de água
95 ou aí é tranquilo, nunca falta água?

96 I: *Veja só: é, há uns cinco anos atrás, seis anos atrás, aqui a gente sofria muito com a*
97 *questão da, com a questão da água, até eles trazerem da, do centro urbano pra cá.*
98 *Faltava bastante água em determinados períodos do ano, período de seca mesmo, de, é,*
99 *a principal fonte de água daqui ela diminuía muito, então não chegava pra*
100 *comunidade toda. Então, a gente teria que, tinha que ir até um certo ponto coletar e*
101 *levá até em casa. Ou seja, tinha um local éé, próprio, para que todos da comunidade*
102 *iam lá com uma vasilha ou várias vasilhas pra abastecê sua própria residência.*

103 P: Aí abastece com água do córrego daí mesmo ou busca em outro lugar?

104 I: *Ééé, antigamente era do córrego daqui mesmo, hoje em dia, não é mais. Hoje, é do*
105 *rio Setúbal.*

106 P: Também passa aí no município?

107 I: *Eu acho que ele banha a cidade, o centro urbano, Francisco Badaró. É, é ele mesmo*
108 *que banha Francisco Badaró.*

109 P: Francisco Badaró é uma cidade que também fez parte do ciclo aurífero, e lá sempre
110 teve esse nome de Francisco Badaró, você sabe?

111 I: *Eu. Não, antigamente, tinha outro nome. Eu acho, era um nome que fazia referência*
112 *ao rio Sucuriú. Eu até estudei isso, mas faz muito tempo e eu esqueci. Se você dé uma*
113 *pesquisada, acho que Ernani deve sabê o primeiro nome que teve a cidad'.*

114 P: E as pessoas aí têm的习惯 de pescar só para alimentação mesmo? As pessoas aí
115 pescam muito ainda? Ainda é comum encontrar peixes nos córregos?

116 I: *Nos, você vê que eles pescam, eu creio que é mais por diversão e por ter uma*
117 *variedade mais de alimento em casa, às vezes. Mas, nos córregos, só assim na época da*
118 *chuva, tipo uma semana após, que aí tem água no rio ainda, mas não está correndo, aí*
119 *eles vão nos poços pescar. No mais, nas represas e barragens que tem aqui na*
120 *comunidade que as pessoas pescam.*

121 P: As pessoas fazem propriedades particulares?

122 I: *Sim, tem bastante.*

123 P: E na região aí, existem ainda fazendeiros que mantêm agregados, as pessoas que
124 plantam para dividir com o patrão?

- 125 I: Não. Aqui na, na minha região eu acho que não tem mais não. Pelo que eu convivi
126 aqui, isso já acabô faz um tempo.
- 127 P: E as pessoas aí... Na sua comunidade têm o ensino médio?
- 128 I: Olha, é, ao meu ver, uma parcela grande assim, na faxa etária de 40 a 70 anos não
129 tem ensino médio não.
- 130 P: Mas o município oferece? Tem escola que oferece ensino médio?
- 131 I: Agora tem. Começô há quatro anos atrás, seis anos atrás.
- 132 P: E aí atende só a região de Tocoiós ou atendem outras comunidades?
- 133 I: Atende outras comunidades: **Zabelê, Mocó, Chapadão**.
- 134 P: Aí os alunos vão para aí?
- 135 I: Sim, eles vêm pra cá por ser melhor, ter uma() melhor pra chegar aqui.
- 136 P: E quando terminam o ensino médio, se quiserem fazer o ensino superior, precisam ir
137 para onde?
- 138 I: Ééé, agora, **Araçuaí**, a principal é, referência é Araçuaí pra ensino superior aqui.
- 139 P: A questão de saúde também, de justiça e tudo, e outras coisas que talvez não tenham
140 aí, é tudo em Araçuaí?
- 141 I: Não. Aqui, questão de saúde é em **Araçuaí**, os que não conseguem ser atendidos no
142 centro urbano de **Francisco Badaró**, aí eles levam pá Araçuaí, mas, em questão de
143 justiça, já mudam para Minas Novas.
- 144 P: Minas Novas é perto daí?
- 145 I: Minas Novas não é tão perto assim não. Acho que, eu creio que fica mais longe do
146 que **Araçuaí**.
- 147 P: Porque de Araçuaí até aí eu acho perto. Minas Novas, eu nunca fui.
- 148 I: Minas Novas é mais longe, acho que uns 60 quilômetros.
- 149 P: E você conhece bem a parte rural do município? O município é mais rural ou mais
150 urbano?
- 151 I: É mais rural. Eu conheço quase tudo, quando era criança eu andava bastante pelos
152 matos aqui.
- 153 P: Existem ainda comunidades que têm forró, festas tradicionais?
- 154 I: Aqui tem a festa de Nossa Senhora de Aparecida e de Nossa Senhora das Graças. E
155 as comunidades vizinhas têm também, **Barreiros**, ééé, e **Zabelê** ainda tem suas festas.
- 156 P: É Barreiros?
- 157 I: **Barreiros**. É uma comunidade vizinha.
- 158 P: É porque eu vi aqui perto uma placa, esses dias, indo para Itinga eu vi Barreiros.

- 159 I: Aqui tem uma comunidade aqui também, **Barreiros**.
- 160 P: E normalmente, nessas comunidades, você sabe se tem algum córrego que passa na
161 comunidade?
- 162 I: Olha, **Barreiros** até tem um córrego mais eu acho que num tem relação com o nome
163 não.
- 164 P: Aí na região, você já ouviu relatos de que existem animais selvagens por aí?
- 165 I: Ah, ouvi dimais. Eu não sei éé. identificá se é por causa que era criança e andava
166 muito ou se é realmente verdad', mas eu acho que é verdade, porque muitas pessoas
167 falavam, não só minha família, né, relatos de onças, é, esses bichos assim, via fala mais
168 de onças. É, até recentemente chegô um macaco por aqui, mais eu acho que ele vei ()
169 não é normal aqui não.
- 170 P: Esse Sucuriú também tem a ver com a cobra?
- 171 I: É. Sim.
- 172 P: E aí na região ainda se encontra muito essa cobra, a sucuri?
- 173 I: A sucuri, hoje em dia, a gente num vê muito aqui não. Que aqui tinha mais
174 antigamente. Meus avô até contava uma história, que a gente tem um terreno também
175 na bera do rio que a gente chama éé, a chama de Sucuriú também, na beira do rio. Eles
176 falavam que lá, uma cobra dessas matô um cavalo e tal, lá no nosso terren'. Mas isso
177 mais antigamente.
- 178 P: Existem muitas construções na beira dos córregos?
- 179 I: Éé, hoje em dia, num tem mais não, porque foram, com o tempo elas, por estarem
180 abandonadas, foram se desfazer', mas tinha até bastant'. A minha família mesmo do
181 lado paterno tinha construção na beira do rio.
- 182 P: E aí usava a água do rio para as produções?
- 183 I: Sim, usava a água do rio pra tudo.
- 184 P: Hoje aí tem água tratada, é isso?
- 185 I: Sim. Hoje vem água lá do centro urbano até qui.
- 186 P: E o centro urbano é abastecido por algum rio, algum córrego?
- 187 I: É o **rio Setúbal**.
- 188 P: Então o Rio Setúbal ainda é grande?
- 189 I: É. Ele ainda é bem grandinho.
- 190 P: Corre água direto?
- 191 I: Para o parâmetro da nossa região, acho que ele é bem grandin aqui.
- 192 P: Mas aí não tem problema de ficar alguns dias sem água? Não tem falta de água aí?

193 *I: Aqui geralmente, não abastecem todos os dias, é, de três em três dias, ou às vezes um*
194 *período maior, às vezes, é até menos. Depende também da vazão do rio, da época do*
195 *rio. Quando ele abaixa muito, ês diminui o abastecimento pra num corrê o risco de*
196 *faltá numa determinada região, ou abastecê muito uma e faltá na outra.*

197 P: E época de chuva, a região tem problemas também com inundações, com enchentes,
198 ou não?

199 *I: Aqui, num tem não, por ser muito acidentado, num tem problema com inundaçāo e*
200 *nem encheite não. Mas, em compensaçāo, tem um problema com as estradas, por*
201 *exemplo, se chove, se chove muito, fica bem difícil a locomoçāo, daqui, por exemplo,*
202 *para o centro de saúde da cidade lá, do centro urbano, fica bem difícil, pra resolvē*
203 *alguns problemas particulares lá no centro urbano fica bem difícil.*

204 P: Quantos quilômetros daí até Francisco Badaró?

205 *I: São doze quilômetros.*

206 P: Mas é asfalto?

207 *I: Não. A estrada é de terra, sem paviment'.*

208 P: Então, esses dias de chuva ((não sei se aí está chovendo igual aqui)).

209 *I: Tá, e bem. (risos)*

210 P: Aqui também está. E tem algum fato que foi marcante para a região de melhoria ou
211 talvez de coisa que não tenha sido tão boa, que aconteceu e que é marcante para os
212 moradores da região?

213 *I: Uma melhoria que eu acho que foi marcante ultimamente foi a, o sinal telefônico que*
214 *eles trouxeram pra cá.*

215 P: É recente?

216 *I: Foi em 2016, eu acho que eles conseguiram ... esse feit'.*

217 P: ((Aí é outra forma também de diversão hoje)).

218 *I: É, ultimamente, depois, ultimamente virô né. Mais ainda a gente se reúne bastante,*
219 *agora, por exemplo, aqui, a gente joga uma bola todo dia à tarde, a gente fica*
220 *conversano nas calçada até mais tarde.*

221 P: Então aí é um distrito com as casas próximas?

222 *I: É, sim. Aqui é bem, é bem juntinha as casa, tem até um desenho bonit' se olhá aqui,*
223 *uma foto de satélite.*

224 P: Eu achava que era uma comunidade com as casas distantes mesmo, tipo uma zona
225 rural.

226 *I: Não, aqui é mais, é tipo um pequeno centro, sabe. Aí naquele centro ficam as casas.*

- 227 P: E as pessoas aí, os moradores, sobrevivem de agricultura familiar ou tem alguma
228 cultura específica da região?
- 229 I: *Hoje em dia eles não, eles plantam assim, mais pra consumo próprio, não é*
230 *basicamente a sua forma de sobrevivência não.*
- 231 P: Tem feiras para vender os produtos?
- 232 I: *Na, lá em Francisco Badaró, tem. Eles costumam leva daqui pra lá, pra vendê lá.*
- 233 P: E o artesanato aí é forte?
- 234 I: *Aqui tem o, tem as artesãs aqui que são fortes. Ultimamente elas até passaram numa,*
235 *numa rede de televisão, numa matéria. Elas são referências aqui.*
- 236 P: ((Eu vi ensinando a fazer biscoito, essas coisas, na televisão esses dias atrás)).
- 237 I: *O artesanato aqui é forte, eles recebem patrocínio de fora, incentivo, leva as peças*
238 *para fora pra vendê.*
- 239 P: Produzem para exportar mesmo, não fica tudo aí na região? Vai para outras regiões?
- 240 I: *Não. Vai pra outra região.*
- 241 P: E é com algodão, não é isso?
- 242 I: *É, com algodão.*
- 243 P: Porque na região da Itinga, por exemplo, é com barro.
- 244 I: *Nossa, já mudô bastante, do algodão pro barr'.*
- 245 P: É verdade. E quais os produtos que fazem aí?
- 246 I: *Aqui eles fazem tapetes, fazem banderas, cobertores, cobertas, eles fala. Eles fazem*
247 *pano de prato, esses, tem uma variedade grande, eu num sei te falá todas não.*
- 248 P: ((Eu quero ir aí conhecer porque a diretora aqui da escola, a Necá, tinha falado
249 comigo que foi aí e viu teando, as pessoas fazendo esses produtos.))
- 250 I: *Na prática.*
- 251 P: É, e eu acho muito bonito os produtos. Eu vi uma rede que me falaram que era daí de
252 Tocoiós, mas eu não sabia se aí produzia.
- 253 I: *Produz. Eu até tenho fotos aqui dum trabalho que eu tava fazeno que se ocê quisé, te*
254 *mand'.*
- 255 P: Quero, sim. Eu preciso. (())E aí você falou que indígenas não existem mais.
- 256 I: *Aqui, não.*
- 257 P: Remanescentes de quilombolas existem muitos?
- 258 I: *Sim, tem bastante ainda.*
- 259 P: E você sabe se aí também já sofreu alguma enchente? Alguém já te contou que teve
260 alguma enchente que estragou muito o município?

- 261 I: Não. Eu nunca ouvi relato aqui na comunidade de enchente desse tipo, mas lá no
262 centro urbano, o rio alaga bastante em dia de chuvas.
- 263 P: E a religião aí? Qual é a religião predominante?
- 264 I: Aqui é a católica.
- 265 P: A maioria das pessoas são católicas?
- 266 I: Sim, ainda são, a dominante aqui é a católica, num tem jeit'.
- 267 P: E vocês vão em festas nas comunidades? É comum as pessoas irem para outras festas
268 nas comunidades vizinhas?
- 269 I: Sim, aqui, a gente, na igreja até tem essas coisas de uma, de uma comunidade ir
270 animar a, a festa da outra, as novenas. E na casa da gente vai também né.
- 271 P: Nesses lugares que você me falou né?.
- 272 I: É sim, nas comunidades vizinhas.
- 273 P: E qual é a comunidade, ((não sei se você vai saber)) que é mais distante de
274 Francisco Badaró?
- 275 I: Comunidade que é mais distante?
- 276 P: É, que pertence ao município, mas que fica bem distante, tem alguma?
- 277 I: Eu acho que seria **Barreiros**, pela distância da de **Francisco Badaró**. Num sei te
278 afirmá ao certo não, é só no achismo mesmo.
- 279 P: E o principal meio de transporte aí? O que as pessoas usam como principal meio de
280 locomoção?
- 281 I: Aqui, geralmente pra se locomovê, veículos terrestres: moto, carro. Mas pra
282 transportá as pessoas em maiores números, são os ônibus mesmo.
- 283 P: Aí também usa muita moto, então?
- 284 I: Usa bastante moto.
- 285 P: E os jovens, quando vão trabalhar, eles vão para as cidades maiores ou aí na região
286 mesmo eles conseguem emprego?
- 287 I: Aqui até tem uma oferta de emprego, só que é bem pequena, e aí eles acabam indo
288 para panha de café, para corte de cana. Mas ainda tem uma, um pequeno grupo que vai
289 para os grandes centros: São Paulo, éé, Belo Horizonte.
- 290 P: E você acha que a cultura da região, essa questão de artesanato e tudo, tem a
291 valorização devida, ou as pessoas não valorizam tanto?
- 292 I: Aqui na região, eu acho que as pessoas não valorizam tanto não, da forma como que
293 deveria. Eu acho assim, que as pessoas de fora valorizam mais do que as pessoas que
294 convivem com isso.

295 P: E assim, JS, para a gente finalizar, como você resumiria a sua vida aí na região? Qual
296 o seu sentimento em relação ao lugar?

297 *I: Deixa eu pensá. É, assim, eu acho que por eu ter infância aqui e por eu considerá*
298 *que foi bastante divertida, até pelo fato de que não tinha muita coisa pra, ofertada pelo*
299 *poder público pra a gente fazê, de lazê, essas coisas, que a gente mesmo criava, e por*
300 *isso criou um sentimento a mais, sabe. Pela gente mesmo ter que desenvolvê algo pra se*
301 *divertir, ter que inventar algo pra podê fazê, eu creio que isso fez eu gostá cada vez*
302 *mais.*

303 P: E qual é a sua visão sobre a região, sobre o Vale?

304 *I: Ah eu amo o Vale, num tem jeit'. Aqui é o melhor lugá de todos, ainda mais aqui no*
305 *meu cantin, que é quietin, é bem de boa, conheço todo mund'.*

306 P: E muitas pessoas falam mal da nossa região.

307 *I: Falam mal porque não conhecem, num vivem aqui, não convivem.*

308 P: ((Exatamente, falta de conhecimento. Conhecem só o que falam, o que escrevem.))

309 *I: Escuta o que as pessoas falam e isso eles levam como se fosse a realidade, né, mas,*
310 *na verdade, não é.*

311 P: Exato. Agradeço muito pela sua disponibilidade, pela sua boa vontade, pela sua
312 contribuição. Se Deus quiser, quando estiver pronto o trabalho, eu te mostro. Vai
313 demorar um tempinho ainda. Mas muito obrigada.

314 *I: Está bom, por nada.*

315 P: E como eu te disse, é só para fins acadêmicos mesmo, sem imagem, só o áudio
316 mesmo que eu preciso. E muito obrigada mesmo.

317 *I: Por nada. Se precisá, eu tô à disposição.*

318 P: Sim. Qualquer coisa vou te chamar lá para pedir alguma foto, alguma informação que
319 eu precise.

320 *I: A foto, eu te mando depois.*

321 P: Então está bom. Obrigadão, fica com Deus.

322 *I: Por nada, com Deus também.*

ENTREVISTA: 005ITIMAM19

Dados do Informante

Informante 005, 19 anos, masculino, ensino médio completo, solteiro, nasceu em São Paulo, mas, sempre morou no município de Itinga.

Dados da Entrevista

Data:	Duração:	Local:
21/09/2020	24min e 06segundos	Residência do Informante

Legenda: P=pesquisadora I= informante

TRANSCRIÇÃO ORTOGRÁFICA

- 1 P: Bom dia MA, a gente vai conversar um pouquinho sobre a região, né? Pra eu
2 conhecer um pouquinho mais da região aqui do Médio Jequitinhonha.
3 E aí, depois você rubrica aqui pra mim, por favor, tá, no termo de consentimento.
4 (assinatura do termo). Então, vamos lá, conversar, começar a nossa conversa.
5 P: Onde você nasceu?
6 I: Eu nasci em Pitanguera São Paulo, mas eu apenas nasci lá, eu fui criado aqui na
7 comunidade Água Fria Fábrica mesmo.
8 P: Água Fria?
9 I: Fábrica.
10 P: É um nome só? Água Fria Fábrica?
11 I: Água Fria é por causa do córrego que corre na comunidade que também deriva,
12 deriva nomes a outras comunidades também que tem Água Fria Alves e assim vai.
13 ()Água Fria, porém a parte final diferencia devido a algumas características, eu não
14 sei dizer sobre a Alves, mas eu penso que seja alguma família que foi importante pra
15 comunidade, mais a Fábrica foi devido a uma fábrica de tecidos que teve na
16 comunidade e ela não existe hoje mais, mas foi uma fábrica que foi, marcô, sabe, o
17 desenvolvimento da cidade de Itinga no início .
18 P: E quanto tempo que você mora no município?
19 I: Ai, pode dizê a vida toda, como eu disse, só, eu nasci ni São Paulo, mas eu fui criado
20 aqui.
21 P: Quantos anos você tem?
22 I: Dezenove anos.
23 P: Dezenove. E seus pais nasceram onde?
24 I: Meus pais nasceram na comunidade, lá mesmo.

25 P: Qual comunidade?

26 I: **Água Fria Fábrica.**

27 P: Seu pai e sua mãe?

28 I: *Sim, minha bisavó era parteira, então minha mãe, ela é fruto, ela foi né, foi um parto natural em casa e meu pai também.*

30 P: E você fez o... estudou lá nessa comunidade ou aqui?

31 I: *Eu estudei na Água Fria Fábrica do primeiro ao quarto ano. Aí, devido à escola ter fechado eu fui estudá o quinto ano na escola de Água Fria dos Alves.*

33 P: Água Fria dos Alves?

34 I: *Isso ou Água Fria Alves, no caso Água Fria Alves, mais agora eu não sei realmente dizê se é Água Fria Alves, ou dos Alves, mas provavelmente Água Fria dos Alves, lá na Escola Municipal Plácido Loiola, lá na Água Fria dos Alves e na Água Fria Fábrica foi na Escola Municipal Ana Versiani.*

38 P: Tá. E sobre sua infância, como é que foi? Onde você brincava, onde você passeava, o que tinha pra se divertir?

40 I: *Lá na minha comunidade éé, eu moro em, de praticamente de frente num campo de futebol, atravessano a estrada tem um campo de futebol, então tive contato ali na infância brincava com os meninos, ia pra lá, jogava bola, brincava na estrada de pega-pega, no próprio córrego Água Fria inevitavelmente fez parte da infância agente tomá banho de rio, hoje devido ao fluxo de água ser bem menor que tinha antigamente, não dá pra tomá banho de rio como dava, mas fez parte da minha infância, eu consigo lembrá da gente tomando banho no córrego e tudo mais. O córrego, assim, ele é muito importante pra comunidade, afinal de contas o abastecimento geral da comunidade vem desse córrego.*

49 P: Água fria?

50 I: *Exatamente.*

51 P: Ele tem muita água ainda?

52 I: *Inclusive ele abastece Itinga. É de lá que a água é retirada pra abastecê a cidade intera.*

54 P: E na adolescência, alguma coisa na comunidade, que te marcou?

55 I: *Na adolescência?*

56 P: É, tinha algum lugar diferente que você começou a frequentar?

57 I: *Então, ah por volta dos meus doze anos assim, () quando eu fazia parte da igreja católica, assim, eu participei dos trabalho da comunidade, eu ia nos terços, nas rezas,*

59 essas coisas, fez parte bastante da minha adolescência porque foi quando realmente eu
60 comecei caminhá na cultura da, religiosa da comunidade assim, entendeu? Foi aí que
61 eu comecei realmente a me aprofundar nesse conhecimento da, da região.

62 P: É uma comunidade predominantemente católica?

63 I: Sim. **Água Fria Alves** é.

64 P: Ok. E quais comunidades que vocês faziam os terços, as novenas?

65 I: Então, predominantemente na região da **Água Fria Fábrica** mesmo, sabe, por
66 questão de ser longe das outras comunidades um pouco assim, no local próprio pra sua
67 realização das orações, das missas, então a..() a igrejinha lá que chama, a Igreja
68 Menino Jesus que fica lá próxima da minha casa mesmo, mas às vezes também ia até
69 outras comunidades também dependendo da, da ocasião realizava também a, os cultos
70 em outros locais também.

71 P: Ah, tá. E as pessoas de lá vão pra trabalhar, pra estudar, onde?

72 I: Então... éé,, na minha comunidade como eu falei cocê, tem uma escolinha de, é do
73 município, a Ana Versiani, porém, por algum decreto do Governo não entendo o que
74 aconteceu, fecharam a escola e, os alunos da minha comunidade passaram agora a
75 estudar na...Escola Municipal Plácido Loiola, na outra comunidade que é **Água Fria**
76 **Alves** ou então vieram aqui pra **Itinga** pra escola principal Ademar Marcos que é ali
77 perto do poliesportivo. E as pessoas pra trabalhá, então, é na minha comunidade não
78 tem pessoas assim que tem formação acadêmica, a maioria deles são pessoas que tiram
79 seu sustento do trabalho autônomo, trabalham com lavoura essas coisas, produção,
80 fazem hortas, essas coisa aí e vendem, tendeu? ()

81 P: Ah tá, são agricultores familiares.

82 I: Agricultores familiares.

83 P: E quando querem estudar mais do que o segundo grau, vão pra onde, normalmente?

84 I: Então, quando...

85 P: Ou lá, não tem segundo grau também?

86 I: Não, tem pessoas que tem formação, porém não conheço muitas pessoas, uma ou
87 outra assim que prestaram os vestibulares, sabe assim, e conseguiram ingressar numa
88 Universidade Federal, ou então, cursaram Unopar, intende?

89 P: Ah tá. Lá em... lá em Araçuaí?

90 I: É.

91 P: Ah, tá. Mas lá só tem escola até...só funciona até o primeiro grau, né? Não tem o
92 segundo grau lá?

93 I: Cê fala a escola lá?

94 P: É.

95 I: Na minha comunidade, hoje em dia não tem mais escola, tem uma escola municipal
96 em outra comunidade se eu não me engano acho que é 21 km eu acho, não sei dizer
97 agora, ou é 12 km, num sei, agora com dados a distância não lembro, mas é na outra
98 comunidade que é **Água Fria Alves**, aí tem o transporte que pega os alunos de manhã e
99 leva pra lá. Eles centralizaram assim, as várias comunidades numa só escola, estuda
100 todos os alunos lá, eeee, é do primeiro ao quinto ano lá. E o sexto ano aí vem aqui pra
101 **Itinga**, estudar aqui ni **Itinga**, do sexto até o nono, é a Escola Estadual de Itinga, aí os
102 primeiro, segundo e terceiro ano, ensino médio, é na Escola Comendador Murta, que é
103 uma outra escola que tem aqui. Então tem que ter esse processo, tem que ir pra escola
104 municipal que é na outra comunidade, aí depois vem aqui pra **Itinga** pra Escola
105 Estadual de Itinga e depois pra Comendador Murta.

106 P: E os jovens daqui se divertem onde? Vão com os amigos, reune com parentes, eles
107 vão pra onde?

108 I: Então, aqui ni **Itinga** a gente tem, tem o poliesportivo aqui, né? Agora, devido
109 pandemia não tá tendo tanta atividade realizada lá, porém, tem jogos aqui, acontecem
110 torneios, tem até área ni **Itinga**, que é um local de, de futebol também, é na saída da
111 cidade, tem clubes, tem as pracinhas, principalmente as pracinhas que o pessoal reúne
112 pra conversá e tal.

113 P: Ah, tá. E você lembra como era antigamente, quando cê era criança, se mudou a
114 infraestrutura, o que melhorou, o que não melhorou?

115 I: Então, dá infância pra cá mudô muita coisa, a cidade em si ela não era asfaltada, ela
116 era de calçamento de pedra, a praça que tem ali da, da, Avenida Gusmão, não, é da
117 Avenida Gusmão, ela não era, ela não era bonita igual você vê hoje, ela era, ela não
118 era, não parecia uma praça, era muito um terreno lá, que não tinha grama, não tinha
119 calçamento, não tinha nada, só tinha algumas árvores assim, muitos trailers parados
120 lá, e as pessoas já se encontravam ali, hoje ela já é uma praça, ela foi reformada, já
121 tem grama, ela tem lugar pras pessoas andá, tem banco pra sentá, tem iluminação.
122 Hoje cê pode vê que ela é uma praça e daqui de cima, hoje também, ó, ela sofreu uma
123 mudança também, né? Ela foi reformada e hoje tem quiosque, tem iluminação, houve
124 muitas melhorias aqui.

125 P: E a região em si, você acha que também teve melhoria? Da região como um todo?

126 *I: As melhorias na região... Acredito que teve, tiveram sim. Ééé, local antes que num
127 tinha energia elétrica e passaram a ter, lugares mais longe da, da cidade, né? De
128 melhoria não tinha água encanada, assim, não tinha banheiro, essas coisas, foram
129 coisas que foram é, com o passar do tempo foram adquiridas, aí melhoraram assim: a
130 qualidade de vida de pessoas.*

131 P: E sobre animais na região, planta, você já ouviu falar, se existem animais selvagens
132 aqui na região, se existem plantas que são, que assim, são típicas que você encontra em
133 todos os lugares?

134 *I: Plantas...*

135 P: É, árvores e plantas se são as mesmas de antigamente, o que tinha muito aqui
136 antigamente, o que tem hoje? O que as pessoas falam?

137 *I: Ah, quanto isso eu não sei.*

138 P: Não sabe?

139 *I: Quanto a plantas...*

140 P: E animais aqui da região, não?

141 *I: Não.*

142 P: Tá. E como é a questão da água, em relação a rios, córregos, ribeirões? E as pessoas
143 têm o hábito de pescar, onde vão pescar?

144 *I: Entendo, falando da minha comunidade assim tipo, num tem como falá grande pesca,
145 mas fazê () até uma forma de hobby também sabe, pescá. Hoje devido à quantidade de
146 água do córrego tá baixa, né, em consideração ao que já foi devido ao período da seca
147 que, que é bem agressivo aqui na região. Hoje em dia, a pesca não é tão praticada
148 assim, mas era algo que era, que era feito. E lá na comunidade, agora devido ao fluxo
149 de água menor não é realizado com tanta frequência assim, sabe.*

150 P: As pessoas ainda tomam banho no rio? Qual rio que as pessoas tomam banho aqui?

151 *I: Aqui na **cidade de Itinga** tem o **rio Jequitinhonha** aqui né, que o pessoal vai, na
152 comunidade tem algumas pessoas que ainda (), mas tá água muito pouca.*

153 P: O rio que passa aqui é o Jequitinhonha?

154 *I: É o Jequitinhonha.*

155 P: E quais outros que tem aqui perto? Têm mais rio e córregos?

156 *I: Que eu conheço tem o... o rio ou o **córrego Itinguinha**, porém ele não corre água o
157 ano todo, é naquela época de chuva realmente que ele, que tem água correndo nele,
158 eles fazem poço no próprio rio() porque a água passa no lençol freático, na parte
159 subterrânea da, do leito do rio lá, aí tem água corrente durante todo o ano. É, na minha*

160 própria comunidade tem, tem pequenos córregos, tem próximo da minha casa tem o
161 córrego que a gente chama de, popularmente de **Corguin** mesmo que a gente chama lá
162 mesmo, que ele não corre água também o tempo todo. Tem o **córrego dos Porcos** se
163 num me engano, aí cê vai vê que tem os córregos que vão desaguano dentro do próprio
164 **córrego Água Fria**, porém como eles não correm água durante todo o ano, não tem um
165 fluxo de água muito grande no córrego hoje, né?

166 P: Ah tá. E então não são todos os córregos aqui que correm água ainda?

167 I: Não.

168 P: E porque que você acha que eles secaram? Que secou tanto córrego e Ribeirão da
169 região?

170 I: Ah, eu creio que seja por causa da, da seca, né? A falta de chuva, assim, traz um
171 impacto grande pra comunidade.

172 P: E os seus colegas, amigos, eles brincam e se divertem todos nos mesmos lugares?

173 I: Sim, na comunidade aqui que tem aqui é praças, são clubes, são esses lugares que as
174 pessoas realmente podem se encontrá e tá socializano.

175 P: Ah, tá. E quais são os lugares, que você frequenta ou você não frequenta nenhuma?

176 I: Ah, não com grande frequência, mas tem aqui próximo da minha comunidade tem
177 **Água Fria**... **Água Fria Santa Cruz**, tem **Água Choca**, que é logo após a minha
178 comunidade, tem **Água Fria dos Alves**, tem a **Comunidade de Carrapato**, tem a
179 comunidade **Toca das Abelhas**, popularmente conhecida como apenas **Vila**, tem a
180 comunidade **Gangorra**, tem a comunidade **Capão** é, aí depois vem a de () **Jacaré** que
181 faz parte do município, tem o **Jenipapo I**, **Jenipapo II**, **Jenipapo III**, tem **Campinhos**,
182 **Campulino**, tem **Frade**, tem **Itinguinha**, tem **Barra do Corrente**, tem **Pasmado**.

183 P: Então, tem muito... Pasmado faz parte daqui?

184 I: **Pasmado** faz parte daqui.

185 P: Ah, eu achei que era de...

186 I: Tem **Texerinha** também, tem **Calderão**, tem muita comunidade, **Humaitá**.

187 P: Humaitá?

188 I: **Humaitá**.

189 P: E tem muitas fazendas, sítios, onde as pessoas ainda trabalham ou hoje não é mais
190 comum as pessoas que vão trabalhar em fazendas?

191 I: Então, tem, tem um montão daqui de quente que tem é, propriedades, inclusive meu
192 pai, ele trabalha responsável por cuidá de uma propriedade de um senhor que mora
193 aqui. Aí meu pai que cuida, agiliza todo serviço, aí ele vai lá todo fim de semana vê

194 como que tá, essas coisas, é, muitas pessoas procuram também ter um, um local assim
195 na zona rural também pra ter um descanso no fim de semana, por trabalhar de segunda
196 a sexta, aí no sábado, domingo quer ir num lugá mais tranquilo, curti a família, contato
197 com a natureza, essas coisas.

198 P: Ah, então, as pessoas, às vezes, saem daqui pra ir pra zona rural, né?

199 I: Sim, muitas pessoas têm, inclusive, casa na zona rural exatamente por isso, pra no
200 fim de semana dá aquele descanso.

201 P: E o que, que você acha um, um fato que foi muito marcante aqui pro município ou
202 pra região? Que, que aconteceu que você acha que foi marcante, que as pessoas não
203 esquecem e que pessoas acham como importante pro município?

204 I: Eu posso citá algo que realmente foi muito importante é a construção da ponte, né,
205 que aqui não tinha a ponte de **Itinga**. Então, quando foi construída, nossa, facilitou ,
206 facilitou bastante a vida das pessoas porque antes tinha atravessar o rio a canoa. Eu
207 não vivi esse período, porém o que contam () inclusive o, que o Jô Pinto escreveu, que
208 conta a história de **Itinga** assim , é detalhar sobre essa construção e facilitou demais a
209 vida das pessoas tornou a vida mais fácil, mais prático.

210 P: Pra sair daqui então tinha que sair de canoa?

211 I: Tinha que atravessá o rio a canoa pra chegá num outro bairro do outro lado da
212 cidade, popularmente a gente conhece como outro lado, a gente fala assim, outro lado,
213 tinha que atravessá a canoa e na hora de voltá a mesma coisa.

214 P: E cê sabe que aqui na região existem indígenas ainda?

215 I: Então, eu não conheço ninguém, eu sei que existem histórias que o pessoal conta,
216 porque a cidade em si() foram indígenas, inclusive tem a comunidade chamada **Toca**
217 **das Abelhas** que onde hoje cê encontra pinturas rupestres que detalham um pouco
218 sobre essas pessoas habitaram aqui, se eu não me engano foram os índios botocudos
219 que estiveram aqui inicialmente e o nome **Itinga** deriva de uma palavra da, de língua
220 indígena, num me lembro agora o que que significa a palavra **Itinga**, num sei se é água
221 branca, alguma coisa assim.

222 P: Esse Toca das Abelhas é uma aldeia ou não?

223 I: Na verdade **Toca das Abelhas** é uma localidade se eu não mim engano, a entrada pro
224 local assim é ali próximo do **Pasmado** , aí cê segue na estrada e aí cê vai, mas é um
225 local que tem tipo pedras assim que tem esses desenhos rupestres.

226 P: Ah tá. Sobre a enchente que teve em Araçuaí provavelmente você nunca ouviu falar,
227 né, de 79.

228 *I: Já ouvi falá, inclusive ela atingiu a cidade de Itinga aqui também né, inclusive meu*
229 *avô até conta que quando teve né, tiveram que pegá as conoa, realmente e usá até*
230 *mesmo... por causa que aqui o pessoal por ser boa parte de agricultores tem o costume*
231 *de fazer farinha, inclusive eles tinham que usá as () que é como se fosse realmente*
232 *peça de canoas que eles usavam pá coloca, raspá a mandioca depois que era*
233 *descascada () antes de fazê o processo de moagem pra podê virá a massa, eles usaram*
234 *isso como canoa pra podê realmente escapá da água que tava aproximano porque*
235 *dizem que atingiu aqui foi algo que, que ninguém esperava () e tiveram que sair*
236 *desesperados por causa da água.*

237 P: E sobre religião você tem alguma? Qual igreja você frequenta?

238 *I: Então, eu fui ensinado desde pequeno assim sobre, tudo base assim sobre religião*
239 *que eu sei, foi católica. Eu fui católico até os meus dezesseis anos, aí depois eu comecei*
240 *a frequentar uma igreja de, uma igreja protestante() mas eu vejo que, a frequência na*
241 *igreja católica foi extremamente importante justamente pra que eu pudesse entendê*
242 *assim, tendo conhecimento na área, toda base que eu tenho, que eu entendo sobre o que*
243 *creio hoje veio dos ensinamentos da igreja católica, hoje eu não pertenço mais, assim,*
244 *não sigo mais os dogmas que a religião católica ensina, porém eu entendo que boa*
245 *parte do conhecimento que eu tenho hoje, o entendimento que eu tenho sobre Deus, de*
246 *biblia, tudo aquilo que eu acredito surgiu na época, nesse período que eu vivi na igreja*
247 *católica. Foi muito importante.*

248 P: E os meios de transporte aqui, os principais meios de transporte aqui hoje?

249 *I: Hoje tem automóveis, né? Tem motocicletas, algumas pessoas andam de bicicletas,*
250 *ah, tem ônibus, caminhão esses meios que tem aqui. A canoa, como eu disse ela fez*
251 *parte durante bom período assim do desenvolvimento da cidade com aquela ausência*
252 *da ponte, porém a própria ponte após ter sido construída, a canoa ela permanece ()*
253 *até pode encontrar uma outra canoa na beira do rio porque algumas pessoas ainda, (*
254 *)os velhos pescadores assim, mas cê pode encontrar ainda uma canoa atracada na*
255 *beira do rio, assim, ela faz parte da história, até hoje cê pode encontrá, mesmo que ocê*
256 *não vai ver tanto presente assim, canoa atravessando o rio, mas cê ainda pode*
257 *encontrá uma ou outra atracada nas margens do rio Jequitinhonha.*

258 P: E o rio que mais tem água para pescar o Jequitinhonha?

259 *I: Sim. ()*

260 P: Você já ouviu falar dos tropeiros?

261 *I: Dos tropeiro, acho que não.*

262 P: Se você pudesse resumir assim, qual o seu sentimento de pertencimento à cidade, à
263 região, à comunidade, se você tem vontade de se mudar daqui ou se tem vontade de ir
264 para fora e voltar?

265 *I: Ah, eu posso dizê que eu sou Itinguense, nascido em São Paulo né, porque como eu
266 disse, eu nasci lá, mas eu fui criado aqui, então todo entendimento que eu tenho de
267 pertencimento a um lugá é aqui, Então se eu for pra algum lugar pra, eu entendo que
268 eu sou de **Itinga**, nasci em Pitangueiras São Paulo, mais eu sou de **Itinga**, eu nasci
269 aqui. Inclusive é um lugá que eu tenho grande admiração, apesar de não ser uma
270 cidade desenvolvida, é uma cidade pequena, não tem muitas oportunidades como
271 muitas pessoas que saem daqui e vão pro, pra o interior de São Paulo, Rio de Janeiro
272 buscá melhorias de vida, mais eu creio que apesar disso, é um lugá que, que é o lugá
273 que você se pertence, se você foi criado aqui você consegue, cê se sente extremamente
274 ligado a esse lugá, é um lugá que eu entendo que, por mais que não haja oportunidades
275 aqui, mas é possível você sair buscá conhecimento, desenvolvê e voltá pra região pra
276 ajudá a essa região desenvolvê, porque muitas pessoas saem e vão pra São Paulo e
277 vivem lá, mais não entendem que se elas buscassem conhecimento, ou seja, se
278 capacitarem elas podem voltá pra cidade delas e entendê que aqui elas podem ajudá,
279 não apenas elas se desenvolverem, mas a própria região.*

280 P: Sim

281 *I: Um exemplo, se uma pessoa vai pra São Paulo, cursa medicina e retorna pra cá,
282 nossa, ele traz umas melhorias imensas pra própria região dela, intende?*

283 P: E as pessoas daqui gostam do lugar, por mais que saiam sempre estão de volta, né?

284 *I: Não tem como generalizar porque sempre tem aquele que reclama “ah, pá, **Itinga**
285 não presta, **Itinga** não tem isso, **Itinga** não tem aquilo” mas é isso que acontece, a
286 gente perde tanto, tantas coisas boas olhando praquilo que não tem, esquece daquilo
287 que tem, intende? A pessoa fala “a **Itinga** é ruim, a **Itinga** é ruim”, mais você
288 conseguiu vivê até seus 25 anos aqui e nunca te faltô nada, apesar das dificuldades, é
289 possível sim, vivê aqui ni **Itinga**. Inclusive é um lugá que eu particularmente tenho um
290 amor muito grande pela região, gosto bastante da região.*

291 P: Então mesmo se você sair para estudar alguma coisa você pretende voltar, regressar
292 pra’qui?

293 *I: Pode ser que eu venha morá em algum lugá, mas eu não vou perdê o vínculo com a
294 região, entendeu, eu pretendo sempre ter aquele contato, porque inclusive minha
295 família é daqui, foi criada aqui, minhas raízes estão estabelecidas aqui na região,*

296 *entendeu, então não tem como eu “ah vou desligá totalmente, não tem como” a minha*
297 *história é escrita aqui nesta cidadezinha.*

298 P: Muito bem, MA. Muito obrigado pela sua contribuição e é isso aí que eu precisava:
299 conversar com você um pouquinho sobre a sua vida aqui, sobre a região para entender
300 esta relação sua com a região.

ENTREVISTA: 006JEMCGF36

Dados da Informante

Informante 006, 36 anos, feminino, ensino médio completo, solteira, natural do município de Jenipapo de Minas.

Dados da Entrevista

Data:	Duração:	Local:
05/10/2020	32min e 19 segundos	Via Whatsapp

Legenda: P=pesquisadora I= informante

TRANSCRIÇÃO ORTOGRÁFICA

- 1 *I: Oi.*
- 2 P: Boa tarde, CG.
- 3 *I: Boa tarde.*
- 4 P: Vamos ver se dá certo aqui no WhatsApp, se salva.
- 5 *I: É, mais é.*
- 6 P: Então, vamos lá. Qual é o seu nome completo?
- 7 *I: CBG.*
- 8 P: Quantos anos você tem, CG?
- 9 *I: 36.*
- 10 P: E você nasceu onde?
- 11 *I: Eu nasci é, em Jenipapo de Minas.*
- 12 P: Na zona urbana?
- 13 *I: Não, na zona rural.*
- 14 P: Qual lugar?
- 15 *I: É. Na verdade foi assim, não sei se é, porque, o pessoal , a gent' nascia em Jenipapo*
- 16 *e eles acabaram fazendo, a documentação de Francisco Badaró, porque era é, era*
- 17 *distrícto, né, de Badaró. Aí no caso aí comé que coloca? Badaró, né?*
- 18 P: Só o nome de onde você nasceu mesmo.
- 19 *I: Então, Jenipapo de Minas, zona rural Silvolândia.*
- 20 P: Como que chama?
- 21 *I: Só que na época não chama, não era Silvolândia, pode colocá é, Machados.*
- 22 P: E seus pais também nasceram no mesmo lugar?

- 23 I: Não. Meus pais, eles nasceram, /é, a minha mãe nasceu também é, **Tamanduá**, que é
24 o nome; e meu pai nasceu no **Bolas**, **São José do Bolas**.
- 25 P: Comunidades de Jenipapo?
- 26 I: É. *Comunidades próximas.*
- 27 P: Você frequentou escola nessa comunidade ou foi em outra?
- 28 I: Até quarta série eu frequentei no município de **Araçuá**, que é esse lugá de
29 **Tamanduá**, que é onde que minha mãe nasceu, que **Tamanduá** é no município de
30 **Araçuá**.
- 31 P: Sim.
- 32 I: E aí depois do, do, do, que já foi pro quinto ano, né, que hoje é sexto, na verdade, era
33 sexta série, e aí eu fui pra **Jenipapo**, aí eu fiz de quinto ao terceiro ano.
- 34 P: E sobre sua infância, como foi? O que você fazia pra se divertir? Brincar, passear?
- 35 I: Ah, a minha infância foi muito boa, porque eu brincava muito, eu brincava de
36 casinha, guizad', e foi muito assim, eu brincava muito, sabe. Boneca de pano, boneca
37 de sabugo de milho que a gente fazia, minha mãe fazia, minha avó fazia pra nós brincá.
- 38 P: E tinha algum lugar especial que as crianças se reuniam pra fazer algum tipo de
39 brincadeira?
- 40 I: Tinha, é que a gente tinha é, na bera do rio, hoje já secô, mas a gente tinha aquêis
41 corgo, que é debaixo do rio, a gente ia pra fazê () final de semana, quando a gente
42 tinha tempo, sabe.
- 43 P: Quais os córregos que tinham aí que você falou que já secaram?
- 44 I: Na verdade, esse córrego de **Tamanduá** que é, ele já secô.
- 45 P: E adolescência? Passando a infância, como foi a adolescência, o que tinha de
46 novidade, de diversão?
- 47 I: Naquela época, a gente não brincava muito, porque assim, minha família, eu só a
48 primeira e minha mãe teve seis filho, tudo mulhé. E aí meu pai era muito doente e a
49 gente brincava, tinha hora de brincá, de ir pra escola e tudo, só que a gente tinha que
50 ajudá meu pai e minha mãe, e ele plantava alho pra vendê, é, ele cuidava de fazenda
51 dos outros, e a gente tinha que ajudá ele pra sobrevivê, porque era muito difícil, num
52 tinha salário e, além de tudo ele era doente. Mais tem pessoas que, às vezes, reclamam
53 muito da adolescência porque passam fome, e graças a Deus, eu não passei fome.
- 54 P: E você falou de fazenda. Ainda existem muitas pessoas que trabalham em fazenda? (
55 ligação caiu)
- 56 I: Oi.

- 57 P: Você falou de fazenda. Ainda existem aí muitas pessoas que trabalham em fazendas?
- 58 I: *Não, agora num existe mais não, o pessoal agora trabalha pra si né, tem suas casas.*
- 59 *Na época, meu pai também não tinha assim, moradia, a gente fez uma casa lá nesse*
- 60 *Tamanduá. Hoje eu moro numa comunidade quilombola hoje, mais assim, mais antes,*
- 61 *quando eu era mais nova, é, meu pai fez uma casa de pique, tinha nem jeit' de fazê*
- 62 *outra casa, e ele trabalhava nessa fazenda p'uma pessoa.*
- 63 P: Hoje, você mora onde?
- 64 I: *Hoje eu moro na comunidade quilombola Silvolândia.*
- 65 P: Silvolândia?
- 66 I: *É uma comunidade quilombola.*
- 67 P: Aí tem muitas comunidades quilombolas reconhecidas?
- 68 I: *Hoje gent' tem Lagoa Grande já certificada, que foi uma das comunidades primeiras*
- 69 *aqui a ser certificada, São José do Bolas também é certificada, Martins também é*
- 70 *certificada, Curtume é certificada.* (ligação caiu)
- 71 P: Oi?
- 72 I: *Oi. Então aí vem São José do Bolas, que também já é certificada, Martins e*
- 73 *Curtume.*
- 74 P: Martins?
- 75 I: *E sem certificação é Muquém. É. Comunidade quilombola dos Martins.*
- 76 P: E as pessoas daí, os jovens, eles saem pra trabalhar, pra estudar? Para onde vão? Ou
- 77 ficam aí mesmo?
- 78 I: *Óh, hoje eles são, hoje eles é, sempre iam antes pra corte de cana, pra região de São*
- 79 *Paulo, esses lugares, só que hoje diminuiu o de cana, mais mesmo assim tem uns que*
- 80 *vai pra a região de , de... da construção civil.*
- 81 P: E a região aí, o município { }...
- 82 P: O município teve melhorias na infraestrutura? Você lembra como era antes e como
- 83 era agora?
- 84 I: *Teve, tem é, bastante, porque antes a gente não tinha acesso a muita coisa, né. Hoje,*
- 85 *aqui na minha comunidade mesmo, já tem PSF, é tem escola, que antes não tinha, a*
- 86 *gente tinha que sair pra outro lugá pra ir pra a escola de primeira à quarta série, e*
- 87 *hoje já tem de primeiro a quinto ano aqui na comunidade. Em todas as comunidades*
- 88 *têm.*
- 89 P: Aí quando vão para o segundo grau, vão para Jenipapo, as comunidades.

- 90 I: Vão pra **Jenipapo** e aqui a gente tem é, é, alguns alunos também que vai pras EFAS,
91 de **Virgem da Lapa**. (Ligação caiu).
- 92 P: Oi?
- 93 I: A ligação tá ruim, mais tenho fé em Deus que ocê vai consegui.
- 94 P: Verdade. E aí na região você vê relato, ouve relatos de que ainda existem alguns
95 animais selvagens e plantas típicas daí?
- 96 I: Óh, eu moro numa chapada, onde tem todo ().
- 97 P: Oi?
- 98 I: cotias, esses bichos assim, só alguns sabe, mas as plantas nativas, a gente tem muito
99 piqui, a mangaba, é, o, qual mais, a pinha da chapada.
- 100 P: E como está a preservação...
- 101 I: Fora as plantas medicinais que tem.
- 102 P: Ainda se usa muita planta como medicamento?
- 103 I: Usa. Eu mesmo sou uma conhecedora de plantas, já conheço algumas plantinhas já.
- 104 P: Que legal. E você acha que as pessoas estão preservando os animais e as plantas da
105 região? Como está a preservação?
- 106 I: A gente faz de tud', né, era um sonho nosso a gente tê ... mais agora, como a gente é
107 uma comunidade quilombola, a gente tentá é, o mais rápido, tentá pegá essa terra que
108 é nossa, porque a chapada toda vai ser da comunidade, e que ela ainda tá precisano de
109 cuidado né, porque senão o pessoal pega piqui de qualqué jeito, as frutas também caba
110 pegano de qualqué jeito, e as próprias plantas medicinais, alguns sabe pegá, mais
111 outros num sabe né..
- 112 P: E em relação à água por aí, os rios, córregos, lagoas que passam por aí, existem
113 muitos?
- 114 I: É, a nossa água... Aqui, não, não existe mais não. As nascentes nossa, aqui hoje da
115 comunidade né, ela tá secano. Gent', agora na comunidade, tem duas nascentes e
116 assim, quase secano. Na terça-feira mesmo, eu fui pra uma represa, e tá correno risco
117 da própria nascente nascê, que é **Palmital**, é, uma, é uma, essa e a **comunidade de**
118 **Silvolândia**, sabe.. Ligação caiu
- 119 P: Oi?
- 120 I: Tem dois poços artesianos.
- 121 P: E as pessoas têm{ }

- 122 *I: Agora é poços artesiano, na minha comunidade mesmo já tem água por poço*
123 *artesianos, porque comé chapada, a gente não consegue fazê lagoa, essas coisas. Ao*
124 *redó, tem, mas é mais para uso de animais mesmo, molhá planta, essas coisas.*
- 125 P: Qual é o rio mais próximo daí?
- 126 *I: O rio mais próximo aqui é o **rio Setúbal** mesmo.*
- 127 P: E as pessoas têm o hábito de pescar ainda?
- 128 *I: Têm. Pai vai pra **Barrage** quase todo dia pescá.*
- 129 P: E tem muito peixe aí? Você sabe qual o peixe que acham mais aí e pescam mais?
- 130 *I: Mais pesca aqui é, é traíra. Meu pai mesmo é um que, até foi pra **Barrage** agora.*
- 131 P: E todos os córregos daí... você falou que muitos não correm mais água.
- 132 *I: Todos já secô, num, quês que tem... O córrego mesmo que tem aqui, nasce lá pro lado*
133 *de () ele passa em **Martins**. Ligação caiu*
- 134 P: Outra coisa: quantos distritos tem aí em Jenipapo?
- 135 *I: Na verdade, é, ainda eles falam que era pra ser **Silvolândia**, só que a comunidade*
136 *que eles colocô foi só **Vila São José**, só um, por enquanto.*
- 137 P: Vila o quê?
- 138 *I: **Vila São José**.*
- 139 P: Mas já teve outro nome?
- 140 *I: **Comunidade Vila São José**.*
- 141 P: Já teve outro nome, você sabe?
- 142 *I: Não. Lá, nunca teve outro nome não. Não, teve não.*
- 143 P: E lagoas, ribeirões ainda existem?
- 144 *I: É, lagoas existe.*
- 145 P: Mas propriedade particular, é isso?
- 146 *I: Tem algumas propriedades que tem particular, e ês fez comunitária, porque a gente*
147 *tinha um projeto que acabô fazendo comunitária pras pessoas da comunidade usar.*
- 148 *Inclusive, essa nossa, a gente tinha três aqui, mas agora a gente só tem duas, porque*
149 *duas já secô. Quatro, na verdade, e agora a gente tem só duas, que duas já secô.*
- 150 P: E povoados, existem muitos aí perto?
- 151 *I: Existe.*
- 152 P: E a parte rural do município, você conhece, você frequenta algum lugar?
- 153 *I: Eu moro na zona rural, sabe, eu conheço todas as comunidades do município.*
- 154 P: E onde as pessoas vão mais? Quais são as comunidades mais frequentadas, que têm
- 155 mais pessoas?

156 *I: Não é puxano saco não mais eu tenho que voltá pra a minha comunidade, porque ela*
157 *ficô no meio das comunidades, e aí é uma das comunidades que mais é, reúne-se*
158 *pessoas, sabe: festas, jogos, qualqué evento que tivé, é a comunidade que mais tem*
159 *pessoas, que junta mais gente, assim, em qualqué evento.* Ligação caiu

160 P: Vamos lá. E qual é o fato ou fatos que você acha que foram marcantes para o
161 município e para a região, que trouxe melhoria ou que causou algum dano?

162 *I: Óh, a Barragem. Se não tivessem feito essa barragem, é, a gente hoje já num tinha*
163 *água nem no rio Setúbal mais. Por mais que a água tá suja, mais...*

164 P: Ajudou muito?

165 *I: Sim, porque, senão, já num tinha mais água. O rio já tinha secado já.*

166 P: Mas aí tem água encanada nas casas? Ligação caiu

167 *I: Sim. A gente (), mas tem que fazê um trabalho sobre essa distribuição de água pras*
168 *comunidades.*

169 P: E povos tradicionais, você falou que tem as comunidades quilombolas reconhecidas e
170 já certificadas. E indígenas ainda existem aí na região?

171 *I: Sim ...Não, indígena, não. E agora tem esses assentados da Barragem, né.*

172 P: Aí tem assentados?

173 *I: Tem.*

174 P: Interessante.

175 *I: Na verdade, os ribeirinhos aqui já era pra ser reconhecidos, só que muitas*
176 *comunidades na margem do rio, eles não tem, num fêz ainda esse trabalho e ribeirinho,*
177 *entendeu? Mais é um sonho que eu tem, que quando eu ajudei na organização das*
178 *comunidades quilombolas é...esses dias, até uma pessoa da comunidade me falô isso,*
179 *que tinha vontade de ...falá essa parte aí também né, que é interessante valorizá.*

180 P: E são muitas famílias?

181 *I: São umas quatro comunidades na margem dos rios. Oi?*

182 P: Muitas famílias?

183 *I: Tem mais ou menos, num é muito nem, porque o pessoal às vezes, tem pessoas que*
184 *acabô saino das margens dos rios e veio pra cidade, sabe?*

185 P: Mas são comunidades mais recentes?

186 *I: *

187 P: Mas essas comunidades ribeirinhas que você fala são mais recentes né?

188 *I: Dessa nunca tinha feito este trabalho, entendeu?*

189 P: Então, mas são comunidades mais antigas aí ou mais recentes?

- 190 I: () conhecimento.
- 191 P: E Jenipapo também foi atingido pelas enchentes que Araçuaí foi?
- 192 I: Naquela época lá, foi. Uns dois anos atrás, lembro que a gente até teve que soltá
- 193 água da **Barragem**, tava começando a entrá ni todos os tabuleiros aqui, nessas
- 194 margens que tô te falano, dos povos conhecidos como ribeirinhos tudo Lá os quintal
- 195 tudo encheu de água. Até as pessoas teve que sair de dentro de casa.
- 196 P: E sobre religiosidade, CG, Jenipapo é uma região predominantemente católica ou
- 197 hoje já não é mais, está muito diversificado?
- 198 I: Ainda é católica, ainda. Ligação caiu
- 199 I: Só que em comunidades que já tem, mais outras não.
- 200 P: Mas ainda existem as festas religiosas de padroeiros?
- 201 I: Existe. Nossa Senhora da Aparecida, aqui na minha comunidade é Nossa Senhora da
- 202 Aparecida. Do Divino Espírito Santo, ainda tem aquela festa que o pessoal andava nas
- 203 casas, ainda vem com a bandera. Só que esse ano que não teve por causa da pandemia.
- 204 Mais em **Jenipapo** também tem a festa de São Sebastião, de Nossa Senhora da
- 205 Conceição. Todas as comunidades têm sua, têm o seu jeito de celebrá.
- 206 P: Meio de transporte aí, terrestre, carros e motos também?
- 207 I: É, carros, motos.
- 208 P: Mas aí também já tiveram tropeiros, as pessoas andavam muito com animais?
- 209 I: Com cavalo, até hoje né, ainda, aqui ainda tem.
- 210 P: Jenipapo tem quantos anos?
- 211 I: Nossa!
- 212 P: Não tem problema não. Se não souber não tem problema.
- 213 I: Mas de emancipaçāo, eu acho que já tem... dexa eu vê, 4.. . Foi em 2007 ou 2005,
- 214 não sei, que emancipô, eu acho que foi por aí.
- 215 P: Pertencia aonde?
- 216 I: Sem contá a fundaçāo.
- 217 P: E Jenipapo pertencia aonde?
- 218 I: Pertencia a **Badaró**.
- 219 P: Quantos mil habitantes tem aí?
- 220 I: Ah, moça uns oito e pouco.
- 221 P: E qual o seu sentimento de pertencimento ao Vale do Jequitinhonha, ao Médio
- 222 Jequitinhonha e Jenipapo? Você é uma pessoa que gosta de morar na região, que
- 223 gostaria de se mudar para outro município?

224 *I: Gosto de morá na região. É tanto que eu tenho 36 anos e nunca saí fora daqui, nem*
225 *pra trabalhá e nem pra fazê nada, nem passeá, sabe. Mais eu me optei morá aqui,*
226 *quero vivê aqui. Assim que Deus me ajudá e eu consegui vivê, é difícil trabalho, mas*
227 *graças a Deus já trabalhei no Fundo Cristão pra criança, e hoje eu presto serviço pra*
228 *prefeitura. Então, eu nunca fiquei fora de serviço, entendeu, graças a Deus. Então eu*
229 *tenho muito a agradecê a Deus, porque eu sempre fiquei aqui na região e tô aqui até*
230 *agora, né. Eu trabalhei na Casinha de Cultura por muitos anos, 15 anos.*

231 P: Que legal. É muito rico, vou ter que ir aí para conhecer essas comunidades
232 ribeirinhas, fotografar.

233 *I: Então, é, a minha comunidade tem uma casinha de cultura onde que a gente resgata*
234 *a cultura local, o brincar das crianças, sabe.*

235 P: Vou ter que ir aí conhecer Jenipapo.

236 *I: Na verdade essa casinha de cultura só foi construída e quem começô a trabalhá nela*
237 *fui eu, desde o começo.*

238 P: Então por isso que a Érica falou que você é uma representante da cidade.

239 *I: () até hoje.*

240 P: Você é um nome aí de quem na cidade ajuda, que luta pela região, pelo município.

241 *I: Pra mim é difícil, porque a gente tem uma administração muito difícil dessa vez,*
242 *assim, mais tá tentano né.*

243 P: É, mas isso, a luta né. Mas eu vou querer ir aí. Muito obrigada mesmo. Às vezes,
244 deve ter cortado algumas coisas, mas vou ver se consigo juntar, porque são informações
245 muito valiosas, e para eu descrever Jenipapo, eu preciso de pessoas que conheçam, que
246 saibam sobre o lugar. Mas obrigadão.

247 *I: De nada. Mas aí o que ocê num entendê, cê pode entrá em contato comigo de novo.*
248 *Porque como tá cortano, às vezes eu falava uma coisa e num, num...*

249 P: Às vezes corta.

250 *I: Lá no começo mesmo acabô cortano, sabe, mas aí cê vê e depois cê me pergunta de*
251 *novo, pelo menos no começo, pra eu entendê o direito, porque às vezes eu respondi e*
252 *não entendi muito bem, aí eu respondi uma coisa que num precisava ou poderia ter*
253 *acrescentado mais também.*

254 P: Mas eu vou, sim, marcar para ir aí conhecer. Quero conhecer, porque nunca fui aí.

255 *I: Eles nem sabem, coitados, se eles é ribeirinhos porque eles não têm esse*
256 *conhecimento, sabe.*

257 P: Ainda hoje existem muitos quilombolas que não sabem também.

258 *I: Mas aqui mesmo em Jenipapo tem uma comunidade mesmo que era e que a gente*
259 *tentô de tudo pra ela ser e não quis, há uns 4 anos atrás. Quando é agora tá procurano,*
260 *porque á veno que agora tá mais aberto então, assim, as comunidades ribeirinhas*
261 *mesmo, elas querem, mais não se identificam porque elas não sabem, não têm esse*
262 *conhecimento. Por isso que, se chegá de uma vez e falá, elas num vai falá que é, que*
263 *nem o pessoal da prefeitura, assim, entende isso, entendeu.*

264 P: É verdade. Mas então está bom, CG. Muito obrigada.

265 *I: De nada. Desculpa, toda hora a ligação tava caino, num sei se é a minha internet. Às*
266 *vezes a internet tá muito ruim.*

267 P: Sim, mas eu vou tentar juntar tudo para ver se consigo transcrever, aí qualquer coisa
268 eu te pergunto de novo o que foi mesmo.

269 *I: Tá bom. Brigadão, viu.*

270 P: Obrigada eu pela disponibilidade e boa vontade. Boa tarde.

271 *I: Como é o seu nome? Esqueci.*

272 P: Shirlene. Eu dei aula para a E.

273 *I: Ela falô "Oh, CG, ela é a minha professora".*

274 P: Eu fui professora.

275 *I: Então, Érica eu vi ela num encontro uma vez, depois com esse negócio de cesta*
276 *básica pras comunidades quilombolas, a gente ficô muito assim perto mesm e eu, tudo o*
277 *que ela pidi() Eu fiz o pessoal carregá em caminhão, o povo é...*

278 P: Então está bom, brigadão. Eu converso mais com você no Whats.

279 *I: Obrigada você.*

280 P: Tchau.

ENTREVISTA: 007JGMMWM21

Dados do Informante

Informante 007, 21 anos, masculino, ensino médio completo, solteiro, natural do município de José Gonçalves de Minas.

Dados da Entrevista

Data:	Duração:	Local:
29/01/2021	30min e 58segundos	Via telefone

Legenda: P=pesquisadora I= informante

TRANSCRIÇÃO ORTOGRÁFICA

- 1 P: Bom dia, tudo bem? Então, vamos lá. Eu vou ler o termo de consentimento livre e
2 esclarecido, que é onde eu falo o que é a minha pesquisa, para que eu estou fazendo
3 essas perguntas, e também sobre o sigilo da pesquisa e do áudio que eu preciso gravar
4 para depois transcrever.
- 5 *I: Tá bom, beleza.*
- 6 P: tudo bem?
- 7 *I: Tudo bem.*
- 8 P: Então vamos começar. Onde você nasceu?
- 9 *I: Eu nasci em Virgem da Lapa.*
- 10 P: Na zona urbana?
- 11 *I: Sim. Nasci na zona urbana. Minhas irmãs todas nasceram em casa, na roça.*
- 12 P: Onde foi?
- 13 *I: Em José Gonçalves de Minas.*
- 14 P: E você residiu em José Gonçalves de Minas por quanto tempo?
- 15 *I: Até meus 18 anos. Nasci e criei lá. E por motivo de trabalho, fui pâ Araçuaí.*
- 16 P: Desculpa, seu nome é MW...
- 17 *I: MWGR.*
- 18 P: E seus pais também são de José Gonçalves?
- 19 *I: Sim.*
- 20 P: Da cidade?

21 *I: Na verdade, nós moramos numa comunidade que pertence a José Gonçalves de*
22 *Minas, num povoado chamado Santa Rita.*

23 P: Ah, tá. E seus pais nasceram lá também?

24 *I: Sim.*

25 P: Lá sempre se chamou José Gonçalves de Minas, você sabe?

26 *I: Comé que é?*

27 P: Você sabe se lá sempre teve esse nome de José Gonçalves de Minas?

28 *I: Não. Antes, lá por existir muitas aquelas gangorras, o nome lá era chamado*
29 *Gangorras. Aí que emancipô a cidade que puseram esse nome. Em homenagem a um, a*
30 *um homem que ajudô fundá lá, eu não sei mais detalhes dessa parte.*

31 P: E você frequentou escola lá mesmo nessa comunidade de Santa Rita?

32 *I: Não. Até os meus é, onze, foi, lá ni em José Gonçalves, isso aí, dez anos. De 11 até*
33 *meus 15 anos, foi na comunidade vizinha chamada de Ijicatu, e dos meus 15 anos aos*
34 *18, foi na cidade mesmo, que foi o ensino médio.*

35 P: Ah, sim. Ijicatu é um distrito?

36 *I: Não. Ijicatú é outra comunidade que pertence a José Gonçalves de Minas. Fica mais*
37 *perto da cidade do que aonde eu moro, do que a minha comunidade.*

38 P: Ijicatu então é próximo a José Gonçalves?

39 *I: Sim, é bem próximo. Acho que é uns, seis, um pouco mais de seis quilômetros, eu*
40 *acho.*

41 P: E sua infância nessa comunidade lá de Santa Rita? Tinha algum lugar específico que
42 vocês iam para passear, para nadar, para brincar?

43 *I: É, assim, antes, existia o rio, né, Jequitinhonha, que tinha até areia, tipo uma praia.*
44 *Só que eu pouco conheci lá, porque quando fez a Barrage, eu inda era bem novo. Aí,*
45 *mais lá tem cachoeira, ainda existe uma cachoeira lá ainda.*

46 P: Qual cachoeira que lá tem, você sabe o nome?

47 *I: Oi?*

48 P: Você sabe o nome da cachoeira?

49 *I: Vixe! O nome da cachoeira eu não sei.*

50 P: E só tem o Rio Jequitinhonha que passa lá ou tem outro rio ou outros córregos?

51 *I: Lá tem, tinha mais dois córregos... que eu cheguei a conhecê, né, tinha muito mais*
52 *secaram, aí tem um que passa na roça do meu pai, que eu também num sei o nome do*
53 *córrego também não. Mais eu num sô muito bom com os nomes, sabe, mais...tem, tinha*
54 *um outro que também só corre quando tá chovendo, e lá tinha, lá tem um lugá que o*

55 *pessoal chamava de Paredão, que é lá perto da Barrage mesmo. É um lugá onde que*
56 *tem uma serra bem alta, aí divido ter uma serra bem alta o pessoal chama de Paredão,*
57 *lá é conhecido como Paredão, eu num sei se tá ni registro com esse nome.*

58 P: E, as pessoas têm o hábito de pescar, de ir para algum córrego para nadar, ou hoje,
59 nem existe muito lá?

60 *I: Assim, lá pescaria mesmo hoje quase num existe não, porque quando fez a Barrage,*
61 *acabô que muitas piranhas, as piranhas acabaram acabando com os peixes que o*
62 *pessoal gostava de pescá lá. Aí, hoje em dia quase num pesca mais não.*

63 P: A barragem que você fala é a de Irapé?

64 *I: É, a barrage de Irapé.*

65 P: Não sabia que era perto de lá.

66 *I: Tem o rio Jequitinhonha e tem a barrage de Irapé. A hidrelétrica também é bem*
67 *perto, bem próxima.*

68 P: E na adolescência, juventude, ainda está, você está aqui em Araçuaí. Mas na
69 adolescência, tem algum lugar marcante que os adolescentes gostam de ir para passear?

70 *I: Você fala lá?*

71 P: É. De comunidades ao redor, de córregos lá perto, comunidades rurais, que tem forró,
72 festa.

73 *I: Assim, quando eu morava lá, e até hoje, na época que tem festa, todas as*
74 *comunidades têm uma festa por ano, que é homenagem a um santo, o devoto da*
75 *comunidade. Aí geralmente tem uma festa numa comunidade chamada Contendas, que*
76 *eu ia praticamente todos os anos. Tem a de Catutiba que é a comunidade mais vizinha*
77 *da onde eu moro, a de Jicatú, e tem a da cidade também, que o aniversário da cidade*
78 *em março, e em outubro tem a festa do santo. Então na cidade são duas festas e na*
79 *comunidades são uma. Mais geralmente o pessoal faz festa junina. Sempre tem um*
80 *forrozinho.*

81 P: Lá o padroeiro é São José? O padroeiro de José Gonçalves é São José ou não?

82 *I: Na verdade num é São José não. Esqueci o nome do santo. Aonde eu moro é , é Santa*
83 *Rita de Cássia. Lá, da cidade mesmo, é Nossa Senhora da Aparecida.*

84 P: Então é em outubro a festa.

85 *I: Sim. Em março é só, é só o aniversário da cidade mesmo.*

86 P: E a região lá, MW, apesar de você ser muito novo, você lembra ou as pessoas contam
87 como era antigamente, se houve melhorias, quais melhorias?

88 *I: Assim, tiveram muitas melhorias, né. Assim é, porque quando eu nasci, onde eu*
89 *morava mesmo, a maioria das pessoas morava na roça. Aos poucos, foram se.... se*
90 *mancipano lá po, mudano, aí começô fazê as casinhas no entorno lá onde é a*
91 *comunidade hoje, que foi até um tio meu, VMB, eu acho, o nome dele, só que eu num*
92 *cheguei conhecê ele não, ele faleceu eu era bem novin. Aí é tanto que a praça da*
93 *comunidade é com o nome dele. E aí o pessoal fala que teve muito muita melhoria, né,*
94 *porque, antigamente, nenhuma das roças nós tinha energia elétrica, não tinha estrada*
95 *boa, então o pessoal andava sempre era a pé e a cavalo. Aí hoje, quase ninguém mora*
96 *na zona rural não, mora dentro da comunidade mesmo. Mas eles têm a roça, onde eles*
97 *criam criação de gado, fazem plantações, mais morá mesmo é na comunidade.*

98 P: A parte urbana, então, tem mais pessoas do que a parte rural?

99 *I: É. Pelo menos lá perto de onde eu moro, né.*

100 P: Lá na região, ouve-se falar que existem animais selvagens?

101 *I: Assim, de vez em quando ês falam de alguns, sabe. Fala que viu, fala que viu rastos ,*
102 *mais eu mesmo nunca vi não.*

103 P: Plantas típicas? Tem alguma árvore típica de lá?

104 *I: Árvores típicas? Assim, eu num sei bem dizê você qual que é a árvore típica não, que*
105 *lá planta muita coisa, sabe. E lá é uma terra muito boa, tudo que planta, dá, então, o*
106 *pessoal lá num...*

107 P: A fonte de subsistência das pessoas é agricultura?

108 *I: Sim. Uma parte, sim.*

109 P: E as pessoas vendem em feiras? Lá tem feiras?

110 *I: Não. Já tentaram algumas vezes, mas num deu certo não. Às vezes, as pessoas*
111 *vendem, assim, éé, em casa mesmo, mais pá reuni numa praça e podê tá vendeno, num*
112 *tem não, num tem isso não. Alguns passam cum carro, vendeno.*

113 P: Você sabe quantos habitantes tem o município? Mais ou menos.

114 *I: Vixe! Lá na, eu sei dizê da comunidade. Nossa comunidade tem uns 200 habitantes.*

115 P: E tem muitas comunidades rurais?

116 *I: Tem, tem muitas. Eu nem conheço todas. Lá tem São Bento, Contendas, é Mailada,é*
117 *Córrego do Cipó, Riberão Piqueno, Farinha Seca, Catutiba , Ijicatu eee, Terra*
118 *Vermelha.*

119 P: Catuji pertence a José Gonçalves?

120 *I: Como é que é?*

121 P: Depois de Ijicatu tem outra comunidade, aquela comunidade pertence a José
122 Gonçalves ou não?

123 *I: Sim. Ela se chama Catutiba.*

124 P: Catutiba?

125 *I: Isso. Depois de Catutiba, cê vai andá mais, menos de um quilômetro, cê vê a entrada*
126 *que é pra minha comunidade, aí você anda mais cinco ou seis quilômetros, chega lá*
127 *onde eu moro.*

128 P: Eu já passei em frente a essa placa, porque eu faço aquele percurso ali para ir para a
129 minha cidade, só que eu achava que aquele Santa Rita era aquela Santa Rita lá da
130 Chapada.

131 *I: Não, é outra. Todo mundo confunde isso.*

132 P: E a região é uma região que tem falta de água ainda ou, hoje, isso já está controlado?

133 *I: Olha, assim, na época da seca, por mais que tem muita água aos redores, mais pá*
134 *chegá na tornera acaba que tem falta. Num falta muito pá pudê passá aperto. Onde eu*
135 *moro mesmo, teve, por volta, assim, na seca mesmo, teve alguns dias que teve que pedi*
136 *pipa. Lá é uma região que tá chovendo muito pouco.*

137 P: A fonte de abastecimento lá é o Rio Jequitinhonha?

138 *I: Não, é uma mina.*

139 P: Dentro de José Gonçalves?

140 *I: Ni José Gonçalves de Minas tem um riberão, eee, eles fizeram um poço também.*
141 *Acho que quando a água tá poca aí usa o poço. Em Ijicatu e Catutiba também têm uma*
142 *mina d'água também, e lá na minha comunidade a mesma coisa. A Barrage mesmo num*
143 *é usada pá abastecimento de água potável, não.*

144 P: Eu ia te perguntar se lá as pessoas têm o hábito de fazer barraginhas para captação de
145 água de chuva.

146 *I: Não, na minha comunidade mesmo não, mais tem muitas comunidades que usam*
147 *sim.*

148 P: Os córregos de lá, você já falou que poucos, hoje, correm água, na verdade é só o rio
149 e mais dois córregos, né?

150 *I: Lá onde eu moro, é. Na verdade é barrage, porque num existe mais o rio lá não. Mais*
151 *na comunidade tem o Ribeirão. Na cidade principal, tem o Ribeirão que passa dentro da*
152 *cidade.*

153 P: O nome é ribeirão?

154 *I: É ribeirão Gangorras, que eles fala.*

155 P: Por causa do antigo nome da cidade mesmo.

156 I: Isso.

157 P: E você acha que essa falta de água tem a ver com influência humana ou é só situação
158 climática mesmo?

159 I: *Com certeza tem a ver com a influência humana, viu, porque é, o Riberão mesmo lá*
160 *da cidade, as pessoas construíram as casas praticamente dentro dele, né. Então, há*
161 *época que ele seca, ele não corre mais o ano todo. E lá, na cabeceira do córrego da*
162 *comunidade, o pessoal planta eucalipto. Então, as pessoas desmatam muito, sabe. Mais*
163 *eu acho que com certeza tem a influência humana.*

164 P: Verdade. E as pessoas da região de José Gonçalves, das comunidades, para
165 atendimento médico, o centro maior que elas vão é para Diamantina?

166 I: *Sim. Diamantina e Turmalina. Depende muito do caso, entendeu, mais é, tipo*
167 *urgência e emergência vai pá Turmalina, e tem outro carro que é pá Diamantina, que*
168 *tem o cara que carrega.*

169 P: As pessoas de José Gonçalves têm um vínculo maior com Turmalina do que com
170 Araçuaí, é isso?

171 I: Sim.

172 P: Porque no mapa que estou usando para fazer esse trabalho, José Gonçalves está na
173 região de Araçuaí.

174 I: *Então, mais, geralmente, apesar de ser a mesma distância, eu acho que, eu num sei*
175 *se Araçuaí é um pouco mais perto pá gente do que Turmalina, mais o pessoal vai tudo*
176 *pá Turmalina. Alguns casos resolvem aqui, mais sobre saúde é pra lá.*

177 P: E você conhece bem a parte rural do município?

178 I: Mais ó menos, viu.

179 P: Como é? Existem muitas fazendas, sítios, cachoeiras, represas?

180 I: *Represas, assim, tem bastante, na comunidade, em alguns sítios do pessoal lá, só que*
181 *esses sítios, eu num conheço muitos não.*

182 P: Ainda é comum nas fazendas terem agregados ou já não existe mais na região?

183 I: Agregado, como assim?

184 P: As pessoas que trabalham nas fazendas para dividirem a colheita, que plantam para
185 depois dar uma parte para os donos das terras.

186 I: *Não. Isso, pelo menos assim, perto da roça que eu conheço assim, não. Lá perto*
187 *daonde, tem uma fazenda de café, sabe, que o pessoal é, por agora mesmo, assim lá po,*
188 *daqui uns dois meses já começa a colheta já.*

189 P: A produção maior lá é café, então, ou abacaxi também?

190 I: Lá tem, acho que é abacaxi, viu. Tem uma parte que é muito boa pá abacaxi. O
191 pessoal planta muito eucalipto lá também. E o café, num é muito, ééé, deve ser umas
192 três pessoas que planta café.

193 P: Mas lá é comum()as pessoas irem trabalhar com corte de cana ou para apanhar
194 café? Lá também as pessoas, os jovens, vão para esse trabalho ou vão para outras
195 metrópoles procurar outros trabalhos?

196 I: É, éé, há uns anos atrás, a maioria , éé, inclusive, meu pai e meus tios, sempre iam po
197 corte de cana ou po café. Depois, acabô saindo algumas firmas, essas empresas de
198 asfalto, aí muitas pessoas lá conseguiram vaga, hoje estão encarregadas, aí um vai
199 puxando o outro. Aí o corte de cana e panha de café mesmo, são poucas pessoas que
200 vão ainda, mas ainda vai muito, outras vão pá praia.

201 P: Tem isso também, vão vender coisas, trabalhar de ambulante.

202 I: Sim. Agora mesmo, tem muita gente pa praia. Não foram mais por causa da
203 pandemia.

204 P: E é asfalto até José Gonçalves, MW? É tudo asfalto?

205 I: Sim. Até a cidade é asfalto.

206 P: Então, a gente indo naquele trevo de Ijicatu, que entra à esquerda, tem uma placa;
207 dali até José Gonçalves é tudo asfalto?

208 I: Tudo asfalto. Aí ocê já vai chegá , direto cê vai chega numa ponte, já é na cidade, é
209 onde já tem o **Riberão** passando também, passa dentro da cidade.

210 P: Então o ribeirão passa dentro.

211 I: É. Assim, é uma cidade bem pequena.

212 P: E na região, você sabe ou tem conhecimento que existem indígenas ou já existiram?

213 I: Já existiram, mas hoje mesmo, hoje num existe mais não, até onde eu sei.

214 P: E artesanato, é uma cidade que produz muito artesanato ou lá o foco é outro, o que
215 predomina da cultura de lá é outro tipo de produção?

216 I: Já, as pessoas produziam muito, mas hoje em dia já num tá mais o principal lá não.

217 P: Corais, tem?

218 I: Corais? Num tô lembrado o que coral.

219 P: Algum grupo de festa tradicional, de batuque, de cultura. O que lá tem?

220 I: Ah sim. Inclusive, meu, meu bisavô tinha, o padrasto da minha mãe, ele, ele tinha
221 uma banda de folia, entendeu, que ele era o chefe. Só que hoje, esse grupo já num existe
222 mais na cidade onde moro. Na verdade é numa comunidade vizinha, que chama

223 *Cachoera, porém, essa comunidade pertence a, eu acho que a Leme do Prado, mais é*
224 *bem próxima, sabe. Eles faziam folia de reis, essas coisas.*

225 P: É isso que eu queria saber, se lá ainda tem essa cultura das folias de reis, de congado,

226 alguma coisa assim.

227 *I: É, tem pouca, viu. Lá, no ano de 2016, eu acho, eles fizeram essas coisas, em algumas*
228 *comunidades, acho que ainda usa.*

229 P: É um município predominantemente católico ou a religiosidade lá é bem

230 diversificada?

231 *I: Bem, assim, é mais católico, mais tem muitos evangélicos também.*

232 P: Mas existe novena, festas religiosas ainda?

233 *I: Sim. Toda festa lá, lá as festas é o seguinte: nas comunidades eles fazem as novenas,*
234 *é, começa nove dias antes as comunidades fazem as novena todos os dias. No final, tem*
235 *uma missa e eles fazem o cortejo na rua com o andor. Na festa da cidade, é, passam*
236 *com a santa e levam pá comunidades. Cada comunidade leva pá outra comunidade. Aí*
237 *essa procissão eles faz numa comunidade, no outro dia, a santa vai pá outra, aí no*
238 *último dia que vai começá a festa, faz na cidade de novo. Aí faz o cortejo, é, faz a*
239 *queima de fogos, e são três dias de festa normalmente.*

240 P: E quilombolas? Existem comunidades quilombolas na região de lá?

241 *I: Não. Que eu conheça, não. Não.*

242 P: Você já ouviu relato de que lá também já sofreu com alguma enchente ou é mais com

243 a seca mesmo?

244 *I: Enchente mesmo, acho que, na cidade, a cidade quando chove muito mesmo, dias*
245 *seguidos, né, a chuva forte, já aconteceu de dá enchente, mais é enchente passageira,*
246 *assim: enche, entra na casa do pessoal, mais rapidinho passa.*

247 P: E meio de transporte que as pessoas usam para se locomover são motos e carros, a

248 maioria?

249 *I: Sim.*

250 P: Cavalo já não se usa muito?

251 *I: É bem poco, viu.*

252 P: Porque aqui se usava muito, antigamente, os tropeiros para carregar os mantimentos,

253 levar as coisas para trocar. E José Gonçalves é emancipada há muito tempo, você sabe?

254 *I: Eu num sei a data certa mesmo, mais deve ter uns, pra 20 anos. Mais ou menos por*
255 *essa faxa, a média, eu acho.*

256 P: As pessoas mais idosas ainda conhecem lá e se referem a lá com o primeiro nome ou
257 todo mundo chama de José Gonçalves?

258 *I: Lá, acho, na verdade, todo mundo chama um pouquin dos dois. Às vezes fala um*
259 *nome, às vezes fala outro. Mais eu, lá onde eu moro mesmo, até eu mesmo, uma hora eu*
260 *falo **Gangorras**, outra hora eu falo **Zé Gonçalves**.*

261 P: Os mais novos ainda falam o nome mais antigo? Que legal.

262 *I: Sim. Muita gente fala. A maioria das pessoas lá é, usa os dois termos.*

263 P: Mas lá ainda existem parentes e descendentes desse senhor homenageado, você sabe?
264 Desse José Gonçalves.

265 *I: Existir, existe, só que eu num tenho muito conhecimento deles não.*

266 P: Nem a história dele, por que ele foi para lá?

267 *I: Não. Eles contaram muito, mais são tantas histórias que eu num consegui aprendê*
268 *não.*

269 P: E se você pudesse resumir como é a sua vida lá em José Gonçalves, se você gosta da
270 região, o que você gosta e o que não gosta, se tem vontade de mudar de vez para outro
271 lugar, para uma cidade maior. Como você resumiria?

272 *I: Lá, eu gosto muito da cidade. Acho uma cidade muito bacana, assim, um pessoal*
273 *muito acolhedô. O único pobrema lá é a falta de emprego, que o desemprego lá é muito*
274 *grande, as pessoas, todo mundo pá construir algo, tem que sair pra fora, porque lá não*
275 *acha, infelizmente, não consegue é, construir nada. São poucos né, assim: professores,*
276 *técnicos de enfermagem. Mais são poucas áreas, então éé, esse é o pobrema de lá. Se*
277 *eu pudesse, eu moraria lá, se tivesse emprego, eu não queria sair de lá, mais como a*
278 *gente tem que sair, né. Aí a gente acaba costumano. Não sei se eu voltaria a morá lá*
279 *mesmo não. Assim, eu sempre vô pra lá pá casa dos meus pais, cê entendeu, mais a*
280 *minha vontade é trazê meus pais pá morá perto de mim. Apesar de que eles não saem*
281 *de lá, que eles gostam mesmo viu.*

282 P: É verdade, é mais difícil. A pessoa mais velha não gosta de sair.

283 *I: Mais, tipo assim, mais todo mundo que sai de lá sempre gosta de voltá e passá férias*
284 *lá. Só num aguenta ficá muito tempo, que eu acho que eles acaba achando a cidade*
285 *muito parada.*

286 P: Mas têm esse vínculo com o lugar, a pessoa estabelece um vínculo, e por menor que
287 seja, apesar de todas as dificuldades e problemas, é o lugar da gente, a gente gosta.

288 *I: Sim, todo mundo gosta. Ninguém fala mal de lá.*

289 P: É verdade. Minha cidade também é super pequena. Mas então, é isso, MW. Era uma
290 conversa assim mesmo para conhecer um pouquinho mais. Muitíssimo obrigada pela
291 colaboração, por tirar seu tempo para me atender - foi a Elaine que me indicou, você
292 briga com ela.

293 *I: Nada. Ela tinha me falado já, já tinha algum tempo que ela tinha falado, até achei*
294 *que não ia ter mais.*

295 P: É que eu tive uns problemas, tive que viajar.

296 I: *Ah sim.*

ENTREVISTA: 008VDLMVM18

Dados do Informante

Informante 008, 18 anos, masculino, ensino médio completo, solteiro, natural do município de Virgem da Lapa.

Dados da Entrevista

Data: 17/09/2020	Duração: 24min e 06segundos	Local: Residência do Informante
Legenda: P=pesquisadora I= informante		

TRANSCRIÇÃO ORTOGRÁFICA

- 1 P: Bom dia, MV!
- 2 *I: Bom dia, Shirlene!*
- 3 Você quer participar sem identificação ou você não importa de foto, de imagem sua?
- 4 *I: Cê fala. como assim?*
- 5 P: Você quer participar sem identificar você, sem imagem ou você não se importa de
- 6 Identificar.
- 7 *I: Identificar é só, só o nome*
- 8 P: Só o nome.
- 9 *I: Só MV, pode identificar só o nome sim.*
- 10 P: Ok, então, muito obrigada, vamos lá, então. E vamos começar uma conversa então,
- 11 tá? Se não tiver à vontade pra responder. Você nasceu onde MV?
- 12 *I: Assim, foi no hospital em Virgem da Lapa, só que eu sempre morei aqui.*
- 13 P: Aqui onde?
- 14 *I: Aqui em Cansanção mesmo.*
- 15 P: Como é o nome?
- 16 *I: Cansanção.*
- 17 P: Cansanção.
- 18 *I: Só que eu nasci em Virgem da Lapa, hospital de lá.*
- 19 P: Tá. E você mora aqui há quanto tempo?
- 20 *I: Ah, dês que nasci, 18 anos.*
- 21 P: Você tem 18 anos?
- 22 *I: Sim.*
- 23 P: Ok. Você fez o ensino médio, né?
- 24 *I: No IFNMG... no Instituto lá em Araçuaí.*

- 25 P: Tá. E seus pais nasceram onde?
- 26 I: *Aqui mesmo.*
- 27 P: Cansanção?
- 28 I: *É pai é, a mãe foi..., mãe nasceu na, mãe nasceu foi ni zona rural se eu não me engano, lá pro lado de Araçuaí e veio morá aqui.*
- 29
- 30 P: Como que chama o lugar? Cê sabe?
- 31 I: *Nome ao certo não sei, sei que é uma zona rural, só que é mais afastado, só que ela*
- 32 *vei morá aqui né, morá aqui ni uma comunidade Santa Rita com 7 anos, bem nova.*
- 33 P: Santa Rita é de onde?
- 34 I: *É daqui mesmo, aqui perto, uma fazenda que tem aqui, tipo uma, uma fazenda que*
- 35 *tem lá. Aí mãe vei pra cá bem nova, com meu avô veio trabalhá, tomá conta, sabe?.*
- 36 P: Ah, tá. Você estudou aqui mesmo?
- 37 I: *Até o nono (), até concluí o ensino, é até no ano aqui, sim, só que desse, desse,*
- 38 *entre nesse período de primeiro, do pré até o nono ano, eu fiz um ano na Escola*
- 39 *Família Agrícola.*
- 40 P: Onde que é a Escola Família Agrícola?
- 41 I: *Virgem Lapa. Um ano não, fiquei algum tempo lá, alguns meses se não me engano.*
- 42 P: E como era a infância aqui?
- 43 I: *Cê fala de, de minha parte, cê fala? Eu particularmente sim, bacana sim, sempre teve*
- 44 *assim.*
- 45 P: O que você fazia?
- 46 I: *Me divertia muito, brincava, como qualquer outra criança normal, ia pra igreja*
- 47 *normalmente, como eu sempre fui cristão, a minha mãe sempre foi também,*
- 48 *acompanhava a minha mãe pros cultos, brincava muito, jogava muita bola aqui,*
- 49 *divertia muito, sabe?*
- 50 P: Tem algum lugar específico que você ia pra passear?
- 51 I: *Ah, na casa do meu vó , que era a fazenda que meu avô trabalhava.*
- 52 P: Onde era?
- 53 I: *Lá ni Santa Rita que eu te falei, a fazenda que ele trabalhava.*
- 54 P: Ah, tá.
- 55 I: *Tipo assim, eu ia às vezes, sabe? Ficava lá bem tempo, divertia, fica lá de vez*
- 56 *quando, quando era pequeno, né? Hoje depois que ele faleceu eu não cheguei ir mais*
- 57 *não, depois que ele faleceu, depois que ele faleceu eu não fui mais.*
- 58 P: Então pra divertir era futebol?

- 59 I: É isso aí mesmo, futebol, saí, saí de vez em quando, né.
- 60 P: E a sua adolescência?
- 61 I: Ah, bem tranquilo também, foi assim, o período que eu mais me dediquei, tentei me dedicá um pouco aos estudos, né?
- 62
- 63 P: Ah, tá. E as pessoas daqui saem pra divertir onde?
- 64 I: Cê fala como assim?
- 65 P: Onde as pessoas vão se divertir pra..., se tem algum forró, né? Algum lugar
- 66 específico?
- 67 I: Ah aqui nas comunidade aqui, é comum na nossa região, né? Comunidade rural
- 68 sempre tem isso e aqui na cidade também, de vez em quando tem bem, tem. Só que
- 69 assim, eu particularmente, inclusive, acho até um problema daqui, é porque devido
- 70 muito as condições sociais, um cado de minino não termina o ensino médio não e vão
- 71 vão trabalhá, trabalhá em Santa Catarina, assim, nas praias, ni plantação de, trabalha
- 72 em plantação de café, muitos minino até menor de idade, novo, sabe?
- 73 P: Mas tem os lugares específicos que tem uns forrós? Algumas comunidades
- 74 específicas?
- 75 I: Quase todas assim, todas tem.
- 76 P: Quais?
- 77 I: Ah, tem a **comunidade Paredão** aqui perto, **Bugre**, **Tum-Tum**, aqui imbaixo.
- 78 P: Paredão, Bugre...
- 79 I: **Tum-tum** também.
- 80 P: Todas são comunidades rurais.
- 81 I: Circuvizinhas aqui, sim, sim.
- 82 P: E as pessoas trabalham normalmente aqui em que? Onde?
- 83 I: É tipo assim, de, de, tem cada pessoa tem ofício diferente, por exemplo, tem pessoa
- 84 que trabalha aqui, que trabalha fora, outros que trabalha aqui mesmo na comunidade,
- 85 uns sempre trabalha pra si mesmo que é o produtô rural, né? Mexe com gado, lavo'ra,
- 86 essas coisa, acaba fazendo mesmo.
- 87 P: São as maiores ocupações?
- 88 I: Não, algum, a maior ocupação () foi trabalhá pra si, aqui como muita pessoa não
- 89 consegue muito emprego, trabalha pra si mesmo, né?
- 90 P: Aham.
- 91 I: Criano alguma ave em casa, criano alguns animais, fazeno horta, coisa assim, mais.
- 92 P: Aqui tem muitas igrejas?

- 93 I: *Algumas.*
- 94 P: Católica?
- 95 I: *Católica e evangélica, da igreja evangélica, assim da igreja Assembleia de Deus,*
96 *acho que mais da Assembleia de Deus e da Igreja Congregação Cristã do Brasil.*
- 97 P: A maioria da população tem uma religião específica ou é dividido?
- 98 I: *Ah, católica. Maioria é católica, grande maioria é bem católica.*
- 99 P: Você acha que tem a ver com a ocupação daqui, os primeiros moradores?
- 100 I: *Eu acho que, ôh Shirlene eu acho que sim, pelomeno aqui também é tradição né,*
101 *porque, quando foi tê igreja evangélica aqui, se bem já faz bem um tempo, né? Só que*
102 *quando chegô aqui as igreja evangélica já tinha bem, já tinha, a referência católica era*
103 *bem maior sabe? Bem maior, a maioria é bem, a maioria é católica mesmo , sabe?*
- 104 P: É, porque tá avançando essas outras também, tá crescendo.
- 105 I: *É, tá crescendo, sim. Com certeza.*
- 106 P: E você lembra como era aqui antigamente, quando você era criança? Se era do
107 mesmo jeito que hoje, se mudou alguma coisa?
- 108 I: *Cê fala dos termos assim...*
- 109 P: De infraestrutura.
- 110 I: *Ah, melhorô bastante.*
- 111 P: Ah, é?
- 112 I: *Que fizeram muita coisa, né? Construíram posto tal e fizeram moradia pra outras*
113 *pessoas e tal, ajudaram bastante.*
- 114 P: Ah, que legal.
- 115 I: *Isso é algo bem recente aqui também.*
- 116 P: Animais selvagens? Aqui perto tem?
- 117 I: *Não, não.*
- 118 P: Nunca ouviu falar que tem muitos animais aqui perto?
- 119 I: *Animais selvagens assim, não, é normal assim, só animal assim, eu particularmente*
120 *nunca vi onça essas coisas assim, num tem não, não tem, pelo menos aqui não.*
- 121 P: E as plantas aqui? Quais são as plantas típicas daqui?
- 122 I: *Essas que todo mundo, essas que geralmente o povo planta, né? Cê fala como assim,*
123 *típica daqui da comunidade mesmo?*
- 124 P: É, que são comuns, que todo canto você acha um pé disso.
- 125 I: *Pé de Nin é o que mais tem.*
- 126 P: Sério?

127 *I: Só que tipo assim, o nome da comunidade Cansanção, ela vei de uma planta*
128 *chamada cansanção não sei se ocê cunhece, que ela coça mar que tudo, só que aqui eu*
129 *quase num, quase num tem ela mais, pelomeno, pelo menos eu num sei ondê que tem.*

130 P: Provavelmente, quando veio o nome tinha, né?

131 *I: É, hoje já não tem.*

132 P: E foi acabando, né?

133 *I: É.*

134 P: (())

135 *I: Não, pelo menos foi.*

136 P: E como você acha que é a preservação aqui dos animais, das plantas, você acabou de
137 falar, né? Porque você acabou cansanção, é porque não tá...

138 *I: É, cê fala, ah tipo assim normal, Shirlene, tipo assim, eu falo, é, desde a produção*
139 *das plantas mesmo aqui, ()é devido à questão de não chuvê muito né, não favorece*
140 *ficá plantando assim, mei que esmurece a pessoa, sabe, as pessoas não tem aquele*
141 *incentivo assim, tanto, devido a isso.*

142 P: Já que você falou de chuva? Como é a questão de água aqui na comunidade?

143 *I: Assim, água um, um, é destacá também que há uns anos atrás num tinha água, nós*
144 *num tinha água tratada, né, água pela Copasa, hoje nós já temos, né. Isso evoluiu*
145 *bastante, já tem água tratada pela Copasa. Só que tipo assim, eu falo pra pessoa que*
146 *tem plantio, fazê uma lavoura é meio complicado, porque tipo assim, o córrego já não*
147 *corre água mais.*

148 P: Qual córrego que tem aqui?

149 *I: O córrego aqui mesmo.*

150 P: Como que chama?

151 *I: Acho que é córrego, nossa, mas eu num sei o nome específico do córrego não, eu sei*
152 *que, do córrego não, ele passa aqui*
153 *no fundo. Só que tipo assim, Shirlene, particularmente, porque se as pessoas querem*
154 *plantá, querem um pouco expandi aqui, elas têm que pagá, só que muitos acaba não*
155 *fazeno porque tem que pagá um preço mais alto pela água tratada, né? E também*
156 *devido à dificuldade de acesso de chegá a poço artesiano e a córrego, que o córrego*
157 *não fica com água aqui direto não. Só quando chove e durante alguns dias, depois...*

158 P: É um córrego que passa aqui só?

159 *I: Que vai até no rio Araçuaí, que deságua no rio Araçuaí.*

160 P: E o pessoal aqui tem hábito de pescar, tem muitos lagos, muitas lagoas?

161 I: *Aí tem demais, tem.*

162 P: Quais são as lagoas e lagos que tem aqui? Você sabe os nomes?

163 I: *Ah eu penso que, acho que começa no rio e tem algumas lagoas ni algumas fazendas,*
164 *sabe? Só que nome eu num sei, assim específico dos lagos, mas geralmente são lagos*
165 *assim de, que tem algumas fazendas que o proprietário deixa pescá, libera pesca*
166 *tranquilo.*

167 P: Ah, tá, você sai pra pescar?

168 I: *Não.*

169 P: Gosta não? E tomar banho no Rio?

170 I: *Shirlene, eu gosto, só que faz bem tempo que eu num vô, se bem que eu tava querendo*
171 *ir agora, este fim de semana.*

172 P: E vocês vão em qual rio?

173 I: **Rio Araçuaí.** O *rio Araçuaí* passa aqui, passa i no fundo assim, marromeno, qué vé?
174 *De moto é uns 10, 15 minutos.*

175 P: Mas ele passa aqui com muita água ou pouca?

176 I: *Ah, o **rio Araçuaí** depende do ponto assim, num passa com muita água, só que tipo*
177 *assim, aqui pra baixo é mais fundo, tem lugá ai, tem lugá pra, tem lugá em cima que é*
178 *mais raso, depende dos pontos, sabe?*

179 P: Então, aqui tem o rio Araçuaí, tem o córrego também, você não sabe nome?

180 I: *Tipo assim, Shirlene, vô dá exemplo, tem lugá no **rio Araçuaí** lá em cima que eu*
181 *travessei o rio inteiro sem tirá o short, sem brincadeira ,que a água tava bem baixa, foi*
182 *ano passado, foi no final do passado, quase nessa mesma época. Eu atravessei o rio*
183 *sem podê assim, tirá o short, sem precisá, sabe? Tava bem tranquilo, tava bem raso pá*
184 *passá.*

185 P: E sempre foi assim, você já ouviu pessoas falando como era antigamente, você já
186 ouviu alguém contando?

187 I: *O que cê fala?*

188 P: A questão do rio, dos córregos?

189 I: *Antigamente corria demais, né? É que tem um moço memo, moço de idade, que eu*
190 *visito direto, né? Eu sempre fui lá, ele fala comigo que antigamente assim Shirlene, vô*
191 *dá exemplo, as pessoas quando o rio, o córrego chuvia bastante, aquela época foi um*
192 *pouco mais próspero né? Se você plantava, colhia bastante, colhia de tudo assim era, a*
193 *planta, a planta, a colheita era mais diversa, né? Aí cê colhia de tudo um pouco, hoje*
194 *não, essa pessoa que conversa comigo, esse sinhô, ele sempre fala comigo que*

195 *antigamente quando ele plantava, quando o cor'go era cheio ele quase, que ele quase*
196 *num precisava comprá alimento na rua não. Hoje em dia quase tudo é dependente de*
197 *lá, sabe?*

198 P: E você acha que é o quê? Que foi secando?

199 *I: Ôh, Shirlene, é o desmatamento, desmatação, desmatação, né? Procê vê que esse*
200 *córrego aqui ele enche, ele transborda, com uma semana já tá, a água já tá bem*
201 *tranquila, bem rasa. Acho também que é desmatação porque a nascente dele não é*
202 *aqui, né, a nascente dele é lá em cima na chapada.*

203 P: Qual chapada?

204 *I: Naqué chapada ali mesmo, só chapada.*

205 P: Sabe o nome dela não?

206 *I: É onde fica aquela comunidade, aqués **comunidade do Bugre, Jequitibá**, pra quele*
207 *lado, se não me engano.*

208 P: Jequitibá?

209 *I: É uma comunidade rural, comunidade quilombola também, aqui pra cima.*

210 P: Chama Jequitibá?

211 *I: Se eu não me engano é quilombola.*

212 P: Ah, tá.

213 *I: Creio que sim.*

214 P: Aí você acha que secaram mais por causa dessa questão de falta de cuidado?

215 *I: Desmatamento também, desmatamento, desmataram muito. E também sem contá*
216 *também que hoje em dia não chove o que chuvia antigamente né, a quantidade de*
217 *chuvas que tem hoje é bem, bem inferiô a que tinha antigamente, muito, muito mesmo.*

218 P: É, e você conhece bem a região aqui ao redor, M?

219 *I: Um pouco. Ôh, aqui tem, **Tum-Tum, Paredão, Jequitibá, Bugre, Santa Rita,***
220 *comunidades assim, as mais próximas, né?*

221 P: Todas de Virgem da Lapa.

222 *I: Sim.*

223 P: E o que você sabe sobre a fundação daqui dessa comunidade, você sabe alguma

224 coisa?

225 *I: Só isso mesmo, só a questão do nome.*

226 P: Só do nome? E tem muitas fazendas, sítios, aqui perto?

227 *I: Tem, tem fazenda sim.*

228 P: É que antigamente tinha muitas fazendas, né?

- 229 I: Hoje também tem, tem a fazenda aqui, quer dizê do, do DA de Araçuaí, fazenda
230 Quitéria, tem outra ali, fazendas aqui tem muitas.
- 231 P: E aconteceu alguma coisa que você julga marcante pra você aqui na comunidade?
- 232 I: Pra mim assim, não.
- 233 P: Nada que marcou assim que você pensou “ah isso é muito importante”!?
- 234 I: Ah, minha entrada no Instituto, minha entrada no Instituto Federal.
- 235 P: Ah, é?
- 236 I: É. Demais Shirlene, porque, tipo assim, particularmente vô sé bem sincero procê, a
237 minha visão, sem brincadêra, quando era pequeno, vou ser bem sincer', eu até achava
238 assim, que eu podia estudá alguma coisa na vida, né? Só que eu nunca achava que
239 tinha um estudo de qualidade, assim, público, em nosso Brasil, sabe? Inclusive acho
240 que isso é até um problema porque os jovem de zona rural num cunhece, cê vai falá do
241 Instituto Federal, quando eu fui no Instituto Federal a primeira semana e falei pros
242 meus colega cumé que era, eles achô que era pago, muitos achô que era pago , outros
243 achô que num tinha aqui próximo, porque cê tê assim, o Instituto Federal que te ajuda
244 assim, te ajuda a mantê na facul, a mantê no lugá, financeiramente, oportunidade de tê
245 os laboratório de ponta, professores qualificados como o Instituto Federal é muito bom
246 Shirlene, e quando cê fala isso pras muitas pessoas da zona rural ês discunhece, sabe?
247 Alguns agora tão começano a conhecê devido a acesso à internet, assim, mas tem
248 muitos que ainda não conhece.
- 249 P: Tem muita gente daqui que estuda lá?
- 250 I: Não, só minha irmã.
- 251 P: Sua irmã tá estudando, lá?
- 252 I: Começô esse ano.
- 253 P: Que Maravilha, M. Que bom que você abriu caminhos, né? Você foi o primeiro
254 daqui?
- 255 I: Ah, ensino médio sim, minhas prima tinha feito técnico de enfermagem, antes.
256 Algumas primas minha, fizeram técnico de enfermagem antes.
- 257 P: Que bom, você ser o pioneiro, assim, pra contar pra os outros jovens.
- 258 I: Agora de ensino médio, ensino médio técnico fui eu, eu e minha irmã.
- 259 P: E você foi assim, na cara e na coragem?
- 260 I: É, foi.
- 261 P: Que bom, hein? Seus pais se incentivaram?
- 262 I: Muito, muito, sempre.

- 263 P: Incentivam, né? Estudar, né?
- 264 I: Sim.
- 265 P: E a questão indígena M, aqui têm indígenas?
- 266 I: *Indígenas, não. A única aldeia indígena que eu visitei foi, cê deve conhecê, fica ali perto de Coronel Murta (). Se eu não me engano, a igreja fazia uns cultos lá na época e acabei indo pra conhecê, mas achei bem bacana, gostei muito.*
- 269 P: Aqui você não sabe, aqui não tem?
- 270 I: *Comunidade indígena.*
- 271 P: Não? Descendentes indígenas?
- 272 I: *Descendentes assim, eu num, diretamente que eu conheça, assim, não.*
- 273 P: E quilombola?
- 274 I: *Quilombolas têm, tem um cado, essa comunidade que eu falei cocê é quilombola, essa comunidade do Bugre, ali pra cima, perto da chapada são quilombolas, tem pessoas daqui que mora ali, que mora lá, que são de lá. Aliás, nasceram lá, só que mora aqui, sabe? Mas lá a comunidade é quilombola, é tanto que cê fô lá, cê fô pra Virdalapa vai tê uma placa lá escrito "comunidade quilombola".*
- 279 P: Eu passo dentro dela ou não?
- 280 I: *Não, cê vai passá na estrada, na pista aqui, só que tipo assim, quando cê tivé vino, vaivê uma placa apontando pra lá, comunidade quilombola..*
- 282 P: Hum, tá. Indo aqui pra Virgem da Lapa eu passo em alguma outra comunidade, não né?
- 284 I: *Não, não.*
- 285 P: Só Virgem da Lapa mesmo?
- 286 I: Sim.
- 287 P: E você já ouviu falar sobre enchente de 79?
- 288 I: *Ouvi agora, pouco tempo quando entrei no IF algumas pessoas comentarem, mais no mais, não.*
- 290 P: Aqui ninguém conta dessa enchente não?
- 291 I: *Já, já ouvi falá, só que depois que, depois que, logo quando entrei no IF eu ouvi lá e ouvi aqui também, sabe?*
- 293 P: Pessoal aqui não teve, não sofreu assim, não conta não? As pessoas mais idosas?
- 294 I: *Alguém daqui já falô comigo que teve enchente ni Araçuaí, só que não especi, não foi muito específico assim sobre, sabe?*
- 296 P: Aham.

- 297 I: Só falaram que teve uma enchente só.
- 298 P: Então, você não sabe quais foram as consequências aqui, em Cansanção, não, né?
- 299 I: Não, não, não.
- 300 P: E você tem alguma religião?
- 301 I: Eu sou evangélico.
- 302 P: Frequenta a igreja?
- 303 I: Sim, Igreja Batista.
- 304 P: Ah tá. E Aqui você já falou que a maioria é católica, né?
- 305 I: É católica.
- 306 P: Maioria das pessoas, né? E meio de transporte aqui antigamente, como que as
- 307 pessoas faziam pra ir para as... Sempre foram em Araçuaí, a cidade polo? Ou vocês iam
- 308 para outro lugar para cuidar de saúde?
- 309 I: Sim, Araçuaí e Virgem da Lapa.
- 310 P: Na sua época sempre teve transporte de carro mesmo, né? Você não é da época
- 311 anterior, né?
- 312 I: Não, não.
- 313 P: Mas já ouviu falar como que as pessoas iam?
- 314 I: Ah, muitos aqui iam a pé sem brincadeira nenhuma, uns ia a pé, de pé mesmo daqui
- 315 a, um cado de gente aqui fala que já foi, o povo mais antigo, mais de idade, né,
- 316 antigamente? Outros iam a cavalo, quem tinha, né? Porque, tipo assim, muita gente
- 317 saía daqui, Shirlene e ia a pé pra vendê as coisa, pra comercializá na feira, sabe? Aí ia
- 318 chegava ni Araçuaí mesmo, começava a vendê as coisas, produtos na feira, eu era
- 319 produto de plantação mesmo, né, para vendê. Vendia e comprava as coisas necessária
- 320 pra casa.
- 321 P: E ainda fazem isso?
- 322 I: Hoje não. Ah, hoje, hoje, aliás alguns aqui produtores aqui vão vendê na feira, só
- 323 que já vão de transporte de táxi, já tem mais.
- 324 P: Ainda tem muitos produtores rurais, aqui tem, né, M?
- 325 I: Tem, ó, cé fala assim não tanto assim, cé fala, tem ó, ó, como cé fala, não tanto assim
- 326 em questão de número pelo menos aqui mesmo não, mas alguma zona rural tem alguém
- 327 que produz, que vai na rua vendê ou vende aqui mesmo, sabe?
- 328 P: E essas comunidades...aqui é um, é distrito de Virgem da Lapa ou é só uma, um
- 329 povoado?
- 330 I: Comunidade mesmo.

331 P: Comunidade? Ah, tá, mas vocês usam mais, tem mais contato com Virgem da Lapa
332 ou com Araçuaí?

333 *I: Virgem da Lapa e Araçuaí também, vão muito em Araçuaí, tem parentes que mora*
334 *lá. Pra mim, assim, eu tenho contato com os dois assim, sabe?*

335 P: E como é a vida aqui das pessoas, sua? Se gosta, se não gosta, o que você acha de
336 bom ou o eu acha de ruim? Dá uma resumida pra mim.

337 *I: Cê fala assim? Assim Shirlene, eu sempre gostei, sabe? Porque é um lugá mais*
338 *tranquilo, sabe? Essa questão da tranquilidade, assim, tá perto da família da gente e*
339 *faz parte da história da gente, Shirlene, faz parte da história marcante, sabe? Porque,*
340 *vô dá exemplo, minha vó, minha vó que faleceu ano passado, o que ela fez por mim, por*
341 *mim ali, é algo que me marca até hoje, sabe? Eu lembro que quando eu ia pro IF*
342 *memo, nos primeiros dia de aula, ela levantava cinco horas da manhã e vinha correno*
343 *cum a, correno pra me dá café na estrada pra mim tomá, pra mim não ir pá escola sem*
344 *tomá nada. Eu sou muito grato a ela mesmo, sou muito grato de coração, sabe? Isso*
345 *marcô demais cum lugá, sabe? Aí tem esse, eu tenho esse pensamento um dia, pô, podê*
346 *fazê uma faculdade, sei lá, e podê fazê algo por aqui, não só por aqui, mas pro Vale em*
347 *geral, sabe? Ir pr'esse lado de zona rural pra ter mais contato e conhecê melhor,*
348 *assim, as oportunidades, as oportunidades do, do ensino, assim, que tem como o*
349 *Instituto Federal, Universidades Públicas, sabe? Porque é desconhecido, porque tem*
350 *muitas pessoas, muitos jovens hoje em dia, cê fala de Universidade Pública pra ês, ês*
351 *acha que é brincadeira. Muitos não, muitos não, ainda num acredita que tem*
352 *universidade, que pode fazê uma faculdade, ou uma pós-graduação, de graça, é*
353 *público, sabe? Infelizmente, ainda tem pessoa que não, que não acredita nisso se eu*
354 *falá, porque desconhece. Mesmo que é pouco, né?*

355 P: É, então, mesmo saindo, tendo que sair pra estudar você pretende um dia voltar para
356 aqui?

357 *I: Cê fala assim? Assim, isso, Shirlene, isso é bem, sinceramente não sei, porque tipo*
358 *assim, pretendo fazê uma faculdade e trabalhá ondé que eu achá oportunidade, sabe?*
359 *Só que eu falo assim, quando eu falo assim, do lugá, eu falo pra nunca esquecê, sabe,*
360 *Tê em meu coração, vim às vezes quando pudé.*

361 P: Ah, entendi. Essa sua relação com o lugar, né?

362 *I: É, a questão social também, é isso.*

363 P: Você acha que não tem como desmembrar-se do lugar?

364 I: É, não tem, num tem como, porque faz parte da história da gente, né Shirlene, isso
365 nos acompanha, faz parte da nossa história.

366 P: E se você pudesse construir sua vida aqui, você queria continuar aqui?

367 I: Cê fala na região aqui do?

368 P: É, do Vale.

369 I: Do Vale do Jequitinhonha? Se eu tivesse oportunidade um dia de dia terminá a
370 faculdade, eu consegui um emprego efetivo assim, sem problema nenhum. Um emprego
371 estável assim, efetivo, né, sem problema nenhum, não vejo, não precisa sair, sabe? Só
372 que tipo assim, tenho um espírito meu que tem, eu, devido à formação histórica
373 também, eu tenho muita vontade assim, no meu coração mesmo, de conhecê e viajá pra
374 cidade histórica, sabe? Conhecê outros lugares históricos, assim, viajá assim pra
375 conhecê. Eu tenho muita vontade mesmo, talvez é meu grande sonho, atualmente.

376 P: Olha, que legal. E você já ouviu falar de tropeiros?

377 I: Não. Não, não aqui não.

378 P: O pessoal que levava as mercadorias no lombo dos animais, pra trocar, igual você
379 falou que ainda troca, só que não tinha transporte, né?

380 I: Naquela época, tipo assim, cado de gente que conheço aqui ia a pé, né? Tipo assim,
381 igual eu te falei, muito idoso aqui falô comigo, nós ia a pé, sei lá, vendia, ia vendê
382 arroz, feijão, ia comercializá alguma fruta, alguma coisa da horta, né? Aí lá no meio,
383 nesse meio que vendia e terminava de vendê, ês comprava coisa necessária pra, pra se
384 mantê em casa. Mais um cado de gente fala comigo que ia a pé porque quem tinha
385 cavalo na época, não era todo mundo que tinha, bicicleta então, muito menos, quase
386 ninguém tinha ou senão ninguém né.

387 P: Verdade. Então... você vai em alguma comunidade aqui perto, você já foi, em
388 alguma?

389 I: Já fui, já fui no culto de igreja, jogá, praticá algum esporte, mais essa questão,
390 sabe? Mas é isso, mas é jogá bola assim, culto igreja, um cado de coisa, andei
391 bastante, sabe?

392 P: Já andou muito aqui?

393 I: Praí sim.

394 P: Que legal. É Virgem da Lapa, é o é o lugar que vocês vão mais, né?

395 I: É, Araçuaí também.

396 P: Então, sua experiência, de uma maneira geral, aqui é boa, né? Você gosta do seu
397 lugar, você gostaria de voltar pro seu lugar, né?

398 *I: Sim, pro, gosto do Vale em geral não só daqui, mas do Vale de Jequitinhonha*
399 *assim, por mais que fale assim, que muita gente fala que é o Vale da miséria e tal, de*
400 *fato aqui tem problemas sociais, tem problemas social aqui no Vale? Tem muito, mas*
401 *cê vê tipo assim, cê se encanta pela simplicidade do povo, pela simplicidade, pelo*
402 *carisma que és tem por você e pela cultura do Vale, né? É uma cultura assim muito*
403 *boa, tanto que cê vê aquês artesanato também, algo assim, fantástico.*

404 P: Verdade aqui o povo é muito, muito acolhedor, né?

405 *I: É. É um povo assim, vô dá exemplo Shirlene, é um povo que não tem assim, talvez*
406 *nunca desfrutô assim de um bom salário, nunca teve uma roupa de marca assim, mais*
407 *as pessoas aqui te atende tão bem , Shirlene. Tem um carisma cocê muito grande, sabe?*
408 *Daquela, aquela coisa cocê e tal, tratam bem demais, são muito hospitalero, isso aqui*
409 *são.*

410 P: É verdade M.

411 P: Mas é isso, né? Dos indígenas você não sabe muita, né?

412 *I: Aqui perto não.*

413 P: Dos negros que primeiros habitantes daqui.

414 *I: Aqui sempre a maior parte da população grande parte é negra e parda, a maioria da*
415 *população?*

416 P: É o que?

417 *I: Eu acredito, pelo que eu vejo que seja negros e pardas, como as comunidades*
418 *quilombola que tem lá em cima, né comunidade do Bugre do Jequitibá! Ali pra cima,*
419 *eu acho que Bugre, eu acho quês são quilombolas, são quilombolas.*

420 P: Que foram os primeiros povos que habitaram aqui, né?

421 *I: Sim, sim. Mais lá prá cima, mais se cê for nessa comunidade lá visitá, lá é evidência,*
422 *lá tem tudo, lá é comunidade quilombola, a maioria das pessoas são, são de cor negra,*
423 *né?*

424 P: É, e também tem um apoio hoje parece que maior do que antigamente.

425 *I: Tem o apoio maior.*

426 P: Que antigamente.

427 *I: Hoje em dia se eu não me engano tem vaga na universidade, tem vaga na*
428 *universidade específica, que eu acho importante demais, um cado de coisa, cado de*
429 *coisa também. Melhorô bastante.*

430 P: Mas é isso então, M. Muito obrigada pela disponibilidade, pela boa vontade, pelo
431 apoio e pelo auxílio.

ENTREVISTA: 009ARADBM53

Dados do Informante

Informante 009, 53anos, masculino, ensino superior completo, solteiro, natural do município de Araçuaí.

Dados da Entrevista

Data: 29/09/2020	Duração: 39min e 20segundos	Local: Residência do Informante
Legenda: P=pesquisadora I= informante		

TRANSCRIÇÃO ORTOGRÁFICA

- 1 P: Então, vamos lá. Boa tarde, DA! Mas seu nome não é DA, né?
- 2 I: É. DAB.
- 3 E onde que você nasceu?
- 4 I: Eu nasci em Araçuaí.
- 5 P: Zona urbana?
- 6 I: Na zona urbana.
- 7 P: Seus pais também são daqui da zona urbana?
- 8 I: Minha mãe, é... minha mãe na verdade é d'uma comunidade chama Baixa Quente,
9 minha mãe é de lá, minha mãe nasceu e criou lá. Ela vem d'uma família que ela era ela
10 e mais de doze irmãos. E minha vó e meu avô, todos eram de lá. Ééé, meu avô tinha um
11 curtume, mexia com couro, curtia couro lá e na época era uma época que essa, essa,
12 esse, esse ofício dava muito dinheiro. Então ele tinha fazenda, ele tinha terra curtin'
13 coro, cuidano de coro. E minha vó era dona de casa, tinha, teve treze filhos. Então,
14 minha mãe era mais velha desses, desses filhos todos de minha vó. Aí, meu avô, numa
15 época é, numa certa época, ele inventou, acho que teve uma febre por aqui, de largar
16 zona rural vim pra zona urbana. Perdê o que tinha, tirá tudo que tinha pá podê vim
17 pra cá pra abrir comércio. Pegou e vendeu as terras, largou o curtume, largou as
18 vacas, largou tudo, vei mais minha vó e meus tios pra cá, abriu um comércio aqui no
19 centro antigo da cidade, que não deu certo e isso foi a, a queda financeira deles. Não
20 passaram fome porque tinham uma casa, mas ficaram pobres, né?
- 21 P: Uhum
- 22 I: Pra quem tinha o que tinha ficou pobre. E meu pai é filho de carpinteiro, que meu
23 avô paterno, pai de meu pai, ele era carpinteiro aqui em Araçuaí. Numa época que

24 num existia é, loja de móveis, num existia funerária, então meu avô fazia tudo, as
25 pessoas casavam e ia lá encomendava a mobília da casa, ou então, quando morria
26 gente lá encomendava o caixão. Eu vi muitas vezes, eu bem pequeno, assim, eu entendi
27 depois de muito tempo o que que era. A gente(), quando eu dormia na casa de minha
28 vó, paterna, é, as pessoas chegaram e bater na porta de noite, e ele levantar de
29 madrugada e sair, voltava, daqui a pouco ele ligava as máquinas, que na época num
30 tinha energia, era tudo, motor, né, puxava. E aí, ia cortar madeiras, ficava cortano
31 madeira, cortano pano, forrano pra fazer o caixão, a pessoa vinha buscava, punha na
32 carroça e levava. Ou então, as pessoas casavam e ele fazia guarda-roupa, mesa,
33 cadeira, fazia mobília da casa e meu pai aprendeu um pouco o ofício dele. E meu pai
34 carregava água pra pudê ajudá na despesa da casa, estudou pouco, estudou até o 4º
35 ano, né? Meu pai é uma pessoa que leu muito, né? Ele conseguiu ler bastante, tal, não
36 conseguiu fazer o curso superior na época, nem nada, não tinha nem como isso. E aí,
37 meu avô ensinou a profissão pra ele e eu ficava vendendo água na rua, depois vei cuidá
38 duma fazenda aqui num lugar que chama **Santana**, perto da **Barra do Pontal**, ele já
39 rapaz foi pra lá, na casa de, é B, do pessoal dos GJ aqui, ele foi cuidar dessas
40 fazendas lá e aí com isso ele ficou lá vinte e tantos anos, largou a profissão de
41 marceneiro, ficou cuidando de fazenda, depois, nesse interim ele casou com a minha
42 mãe, que minha mãe já tava morando aqui. Minha mãe é da **Baxa**, meu pai é daqui.
43 Meus bisavós, meus avós, meu avô paterno, ele é de **Virgem da Lapa**, na verdade. A
44 minha vó paterna, ela era filha de um canoeiro da cidade aqui, o pai dela Chamava
45 JAC, chamava ele de J. Ele era canoeiro.

46 P: É o canoeiro JA.

47 I: É o bairro JAC. E aí dero o nome lá pra época que ele, ele foi acendedor de
48 Lampião. Quando num tinha luz elétrica, tinha uns postizinhos ele acindia, não cunhici.
49 E ele acindia lampião naquela baixada lá, depois ele pegou, ele pegou a profissão de,
50 de canoeiro. E na época a Prefeitura dava posse aos canoeiros, até consegui achá
51 depois os arquivos antigo aí uma, uma posse dele como canoeiro.

52 P: Olha.

53 I: Que era o pai de minha avó.

54 P: Pelo seu nome eu achei que se você morava aqui, mas nunca pensei que você fosse
55 daqui de Araçuaí.

56 I: Sou daqui, sou daqui. Meu pai porque ele leu muito. Meu pai lia muito apesar de ter,
57 ter tido pouca instrução acadêmica, né? Não estudou, estudou pouco, mas meu pai que

58 *gostava muito de ler, até hoje. Aí ele, ele fala que um belo dia ele leu D, ele encantou*
59 *com o que ele leu, e que se ele tivesse um filho vai chamá D. Arranjou uma confusão*
60 *com o padre, com o cartório{ }, com o cartório, o Padre que não queria batizá. E o*
61 *Frei na época, Frei JC, falô qu'ele que não era o nome d'uma criança, falou que o filho*
62 *era dele, que se ele quisesse arranjasse um filho pra ele, mas que eu ia chamar era isso*
63 *mesmo e foi um bafafá, mais conseguiu pô o nome. E aí eu não carrego nem sobrenome*
64 *deles, que meu pai chama JNTL, ele tá vivo ainda, minha mãe faleceu, minha mãe*
65 *chamava MJPT e eu fiquei DAB, ele criou um nome e um sobrenome.*

66 P: Até o sobrenome ele criou?

67 I: É. Criô, inventô o nome e sobrenome.

68 P: Que diferente.

69 I: Não carrego nada dele, nem sobrenome nem nada.

70 P: E você frequentou a escola aqui mesmo?

71 I: É, aí estudei, comecei é estudá aqui mesmo, a vida inteira, fiz, até quando eu fui
72 fazer o ensino médio, eu fiz curso de magistério, na época tinha um curso de magistério
73 pra homens aqui, fiz magistério, depois do magistério fui trabalhá de primeira a quarta
74 série. Aí depois eu fiz um curso de história, fiz minha primeira graduação, fiz em
75 história com a faculdade que funcionava aqui da FEVALE, lá de Diamantina, da
76 FAFIDIA, funcionava, funcionava aqui, tinha um polo aqui, né, eu fiz aqui mesmo. E
77 como eu comecei muito cedo mexê com cultura, com teatro, isso impediu que eu saísse
78 daqui pra podê, eu terminei o ensino médio, curso de magistério e fiquei por aqui, dano
79 aula e tal, e aí, fui ficano, num quis ir embora, queria ficar por aqui mesmo, aí, veio o
80 cu... veio a, a FEVALE vei pra cá, eu já fui pra faculdade, já depois de cinco, oito anos
81 que eu tinha terminado o curso de magistério. Aí depois eu fiz uma segunda graduação
82 que eu fiz em Artes Visuais lá em Diamantina. Eu acabei fazendo duas graduações, né?
83 Fiz Artes Visuais, fiz...o meu sonho, era tê feito graduação em Artes, mas como só tinha
84 História aqui, era mais próximo do que eu fazia, fui fazê História e só depois é que fiz
85 Artes Visuais.

86 P: E a infância, como era? Os lugares pra brincar, pra passear, divertir?

87 I: Eu morava numa rua, eu crisci numa rua que hoje, até levei E pá conhecer lá, hoje é
88 uma rua que fica, chama éé, rua Leopoldo Pereira, se eu não tiver enganado, lá no
89 centro histórico, então era uma rua que não tinha saída, uma rua sem saída e a casa
90 que eu nasci tá lá até hoje, inclusive, tirei foto lá e tudo. Então, eu tenho poucas
91 lembranças de lá, mas era bem no centro velho, ali perto do hospital velho e tal, minhas

92 lembranças são muito poucas. Quando eu, como diz né, comecei a entendê,
93 comprehendê, eu já tava morano numa outra rua, que era no bairro Esplanada, que
94 chama rua Luciana Teixeira. Então, eu fui criado na rua Luciana Teixeira. E aí na, na
95 rua de minha casa tinha uma lagoa, perto da minha casa tinha uma lagoa e a mãe
96 brigava pra não entrá na lagoa, mas eu entrava dentro da lagoa e brincava e era uma
97 confusão danada, que a rua não tinha, não tinha calçamento, não tinha luz
98 elétrica, não tinha nada. Então, juntava eu e os meninos pra gente fica brincando ni
99 rua. Eu vi praticamente essa rua que hoje tá bem diferente, vi essa rua receber poste
100 com, pra colocar luz, porque num tinha.

101 P: Hum hum.

102 I: Era lampião.

103 P: E a lagoa não existe mais?

104 I: A lagoa não existe mais e a gente brincava lá, era lá que a gente brincava, corria,
105 brincava, jogava bola, é tomava banho nessa lagoa, os pais da gente faltava matá a
106 gente, porque cada esquina nessas lagoas era uma surra. E o **rio Calhauzin** ele fica, a
107 rua Luciana Teixeira tá aqui, o **rio Calhauzin** cê andô, bem em cima , o **Calhauzin**
108 fica lá no final, que é o córrego, né, que deságua no Araçuá. E e era, na época,
109 quando eu era, nessa idade, oito, dez anos, ele era bem mais largo e muito mais água,
110 né? E a gente ia muito lá, fugido, escondido, de pai e de mãe, aí quando chegava, a
111 surra era dobrada. E quando chuvia, então, a gente ficava rezano pra chuver, porque
112 quando chuvia, enchia, a gente ia pra lá. E lá tinha os barrancões, a gente pulava
113 dentro d'água e um pegava o outro, virava aquela confusão, coisas de menino mesmo.

114 P: E o interesse pela arte, pela cultura, surgiu na sua adolescência ou desde criança?

115 I: Quando eu fui estudá, eu, eu, eu tive o privilégio de ter estudado, porque na época
116 que eu tava, comecei, fui pra escola, num tinha escola de estado, não tinha esses trem
117 aqui. Então, meu pai e minha mãe fizeram das tripas ao coração pra me pô pra estudá
118 no Nazaré, que era pago e tal, fui estudá lá. E aí com esse negócio de tá estudano lá, fui
119 fazer o antigo jardim de infância, essas coisas, fiz tudo lá. E as irmãs, elas cuidava
120 muito dessa coisa da arte, sabe? Então, eu comecei com elas essa coisa de cantá, de
121 fazê teatro, desde pequeno. E aí, eu fui ficano lá, do jardim infância fui pra primeira
122 série, segunda série e aí tinha um grupo de teatro do colégio, tinha um coral, eu
123 participava, daí eu aprendi a gostá. As irmãs é que acho que incentivaram essa coisa,
124 sabe? Elas percebiam e elas iam catano e a gente tinha, e aí tudo que tinha "vai
125 participar!" eu gostava, minha mãe, coitada, tinha que se virar nos trinta, porque num

126 *tinha grana pra fazer roupa, esses trem. Então mais mãe costurava, aí mãe fazia das
127 tripa o coração, comprava um pedacinho de pano aqui, um trem ali pra costurá, e eu
128 gostava de participá de tudo. Aí, cê imagina a dificuldade que não era.*

129 P: E na adolescência, juventude, vocês tinham o hábito de ir pra alguma comunidade,
130 pra alguma festa que tinha em algum lugar?

131 *I: Eu, eu fui muito na **Baxa Quente**, que com a minha mãe era de lá, eu ia muito na
132 **Baxa Quente** lá, tinha uma, tinha festa, né? De de é **Bom Jesus da Aguada Nova**, que
133 eles falam lá, então a gente ia muito na festa lá e festa Santa Cruz, que é no alto do
134 morro, lá tem um morro, tem o alto do morro, tem um cruzeiro e tem um Sino. Então, a
135 gente tinha a festa de Santa Cruz a gente ia pra lá. Era os lugares que eu conhecia,
136 assim pra ir na festa. Na **Baxa Quente**, lá em **Santana**, onde que meu pai trabalhava,
137 porque meu pai trabalhava na fazenda, então ia muito pra lá, ficava lá na fazenda e lá
138 tinha, onde hoje o remanescente **Quilombo dos Baús**. Então, lá tinha umas festas e eu
139 ia muito pra lá. Que meu pai cuidava uma fazenda e a comunidade, onde hoje é o
140 quilombo, já existia esse, esse pessoal morando lá. Eles eram AGREGADOS do
141 fazendeiro, né, o fazendeiro que pagava
142 e tal pra ficar lá, cê imagina como que num era isso. E meu pai administrava fazenda.
143 Então, eu ia muito com meu pai passa férias, e quando tinha uma festa pai me levava,
144 na **Baxa Quente** mãe levava. E eu ficava sabendo (). Quando eu peguei um tamanzin
145 assim, que eu podia, como diz, voar sozinho. Ganhava castigo, mas eu ia.*

146 P: E tinha duas Santana aqui?

147 *I: Tem **Santana do Araçuá**, que pertence a, a, não pertence a **Araçuá**. Se eu não tivé
148 enganado **Santana do Araçuá** pertence a, é é Padre Paraíso, se eu não tivé enganado
149 e **Santana** que é a fazenda, que fica do outro lado da **Itira**, é uma fazenda que no caso
150 era de B, AB, que era da família dele, da mulher dele, a mulher dele é MCF que era
151 dos....*

152 P: Chegando lá em Coronel Murta.

153 *I: Isso, isso, era dos, dos (...) aí, dos, dos, dos, dos (...) da cidade. Ele até se tornou meu
154 padrinho, o meu pai acabô me colocano ele pra me batizá, batizô, gostava muito dele,
155 da mulher deles. Excelentes padinhos, ela muito presente, e ele também. Ela, hoje,
156 mora em Belo Horizonte, (...). Ele morreu já tem algum tempo, ela ficou muito (),
157 adoeceu, a fazenda acabô, tudo. E uma parte da fazenda, que não era dela, mais era da
158 irmã dela, (...) já morreu aqui, Doutor AB . Ela, ela, é, foi quando o Governo Federal*

159 reconheceu alguns lugares como renascente quilombo, e lá entrô nesse
160 reconhecimento.

161 P: Ah tá.

162 *I: (...). Mas hoje lá é uma remanescente dos quilombos dos Baús, da comunidade Baú.*
163 *E eu ia muito lá, eu ficava muito lá com eles e tal porque é, meu pai me levava e meu*
164 *pai saía pro mato pra podê trabalhá com os agregados lá e não tinha onde fica eu ficá*
165 *sozinho na casa da fazenda e me levava eu e me punha cum eles lá, aí eu ficava lá,*
166 *cresci no meio deles lá, tanto que alguns hoje eu conheço, já tão rapaz mesmo como eu,*
167 *assim, tá mais velho, aí a gente cresceu juntos ali.*

168 P: Então, a maioria é o lugar de diversão era na rua mesmo ou nessas comunidades.

169 *I: Nessas comunidades. Nesses lugares, ni roça, ni, lá na Baxa Quente.*

170 P: Tomar banho nos rios.

171 *I: Tomar banho ni rio. Aqui no rio Grande, falava rio Grande, né? Aqui no rio*
172 *Araçuaí.*

173 P: Rio Grande é o Araçuaí?

174 *I: É. E a gente falava assim em rio, no Calhauzin, é córrego, rio Grande é Araçuaí.*
175 *No rio Grande gente pouco vinha, né, porque era longe, pra nós era longe, que eu*
176 *morava lá na Esplanada, pra vim pra cá era complicado, então a gente não vinha, que*
177 *aí acho que a surra ia ser triplicada. Como o Calhauzin tava pertinho lá de casa, era*
178 *mais fácil ir para o Calhauzin.*

179 P: Ah.

180 *I: A gente ia pro Calhauzin, lá no início dele, lá no fim dele, tomava banho lá e levava*
181 *coisa pra cumê, robava coisa em casa, levava pra cumê.*

182 P: Você é mais novo, mas já vi que você também lembra um pouquinho como era a
183 infraestrutura aqui da região do município, né? E era muita pedra? Muito mato? ?

184 *I: Ó, na minha, na minha memória, assim, essa região onde nós estamos aqui hoje, por*
185 *exemplo, né? Essa casa aqui ela existia, ela existia, agora tudo mais que taí num*
186 *existia, era tudo mato. Procê chegá na na no mercado ali era carret”, num tinha*
187 *rua, é rodoviária então, nem pensá. Aí ondê que é a rodoviária tinha uma casinha e*
188 *dessa estrada, dessa BR 367, era tudo pedra e e, e poeira e uma confusão danada,*
189 *porque não tinha nada, nada, nada, daqui pra cima num tinha nada, tinha essa casa lá,*
190 *o casarão da educação e tinha umas casa que ficava lá em cima, que tem até uma lá*
191 *que eles mexeram demais, modificou dimais ela, era tão bonita, mas cabô, modificou*
192 *dimais. E a gente pegava ônibus aqui pra ir pra Teóflotoni, por exemplo,, minha*

193 *família, depois a família de minha mãe, minha mãe casô, ficô por aqui, mas a minha vó,*
194 *meu avô eles foram morar depois em Teóflotoni, depois que perdeu tudo, ficô sem nada.*
195 *Aí o segundo é, projeto deles foi mudá daqui para Teoflotoni. Lá deu certo que meu tio*
196 *conseguiu fazê comércio e tal, ficô mais, ficô melhor de vida. E naquela época pra podê*
197 *ir pra Teoflotoni, cê ia daqui a Itaobim, no ônibus um, um pau de arara, um ônibus*
198 *assim chacoalhando , aí chegava ni Itaobim, cê discia, cê trocava o ônibus, pegava um*
199 *ônibus, outro ônibus pra podê pegá, porque lá já tinha a BR cento e dezesseis.*

200 P: Para ir para Belo Horizonte então demorava muito.

201 *I: Oh, meu Deus do céu, se chuvesse, então cê podia ficar na estrada aí. Cê saía daqui*
202 *e ia pra Diamantina. Daqui até Diamantina era estrada de terra, mas era estrada de*
203 *terra. Aí o pessoal daqui ainda falava assim: se chuvê lá ni Mendanha não passa, lá*
204 *num sei na onde num passa, não passava. Eu tenho um primo que ele fazia, ele*
205 *estudava em Belo Horizonte e ele veio uma vez, eu nunca esqueci, ele veio uma vez*
206 *passar férias, ficô aqui, tal, daqui a pouco na hora de voltá deu uma chuva, deu um pé*
207 *dágua e ele foi, daqui a pouco, minhas tias por aqui, pessoal daqui ligano pá saber.*
208 *“Ah, tô preso aqui num sei na onde”, meu tio teve que ir lá lá naquelas chapadas, lá em*
209 *cima buscá, porque o ônibus pregô lá, num saía. Daqui, daqui, essa estrada todinha*
210 *aqui, ninguém passava () quando chovia né. Ondé que é o a rodoviária, ali tinha uma*
211 *casinha, que era uma gráfica, essa casa não existia, isso aqui tudo era mato, num tinha*
212 *nada, o mercado ficava ali no meio do nada, no meio do nada. E a torre de televisão lá*
213 *em cima, ondé que é a **chapada do Candonga**. Se chovesse também, pronto, cabô*
214 *televisão, num tinha televisão.*

215 P: Essa Chapada é, é chapada do quê?

216 I: *Do Candonga.*

217 P: Candonga?

218 I: *É És falam Condonga, mas é **Candonga**, inclusive é a chapada que o Saint- Hilaire*
219 *fala no livro dele. Fala no livro dele sobre a **chapada do Candonga**.*

220 P: Fala

221 I: *Que ele desceu nela, pra podê, que de lá ele enxergô e tal. É, onde é que tá a torre*
222 *de televisão. Eu lembro que meu pai trabalhô na prefeitura, depois que meu pai saiu da*
223 *fazenda, meu pai vei pra cá, trabalhô na Prefeitura muito tempo, foi vereador, depois*
224 *foi chefe de obras, não sei quem pôs na cabeça dês, mas eu, ele era muito correto com*
225 *esses negócio. E assim, eu lembro dele, dele reclamano, assim, a dificuldade de chegá*
226 *na torre de televisão quando chuvia, porque quando chuvia num tinha televisão, cabô.*

227 P: E as pessoas buscavam... não tinha água encanada, né?

228 I: Não

229 P: Buscava todo mundo no mesmo rio?.

230 I: No rio.

231 P: Mas a água era potável?

232 I: Potável. É claro que chegava em casa botava um pano na boca do pote, virava a
233 água e tal mas{ } pegava água e bebia. E tinha gente que vivia éé, na rua de minha
234 casa mês tinha, tinha, eu num passei por isso, mais assim, eu lembro de rapaz, mais
235 veio que eu, que ficava na rua venden' água, passava na rua venden' água, aí depois
236 veio eu assistir, a minha rua especificamente eu assisti sendo canalizada a água, vindo
237 luz elétrica, que num tinha nada disso, luz elétrica tinha algumas poucas casas e água
238 encanada, quando encanou, ni algumas poucas casas, o resto cê tinha que comprá ou
239 então, assim, cê tinha uma lavadeira, as lavadeira ia pra beira do rio, ficava aquele
240 tanto de mulher lavano roupa, lavano roupa.

241 P: Uma dona falou comigo em la, la, Lajedo.

242 I: Lajedo é, as Pedrinhas, Pedrinha Lajedo. O pessoal quarava aquele tanto de roupa
243 quarano lá. Isso eu vi algumas vezes porque eu consegui fugir e vinha pra beira do rio
244 pra vê mulher lavano roupa, aí cê via aquele tanto de convessero, gente conversano,
245 umas cantano, lavano roupa, bateno roupa, esticano nas pedra pra quará. E elas
246 lavavam, passava e ia com aquês negócio na cabeça tudo arrumadin assim, pra
247 entregar nas casas de quem tinha dinheiro, né.

248 P: Dona Lfalou comigo que lavou muita roupa pra...

249 I: É, aqui tem muita gente que lavô rôpa pos ôtro, muita gente.

250 P: E aqui ainda tem muito rio, córregos, lagoas?

251 I: O que eu sei sobre os córregos nosso aqui, infelizmente, tão quase todo secano, né,
252 tão acabano. Mas tem bastante córrego, lagoa tem bastante, é tem... essa éé, por
253 exemplo, aqui subino aqui, lá perto do, onde hoje chamam o que é o Mirante ali. Ali
254 mesmo tem uma lagoa, que o cara lá não sei se ocê conhece lá, o o esqueci o nome
255 dele, ele conseguiu urbanizar a lagoa, plantô, cuidô.

256 P: Tem jacaré

257 I: É, tinha até um jacaré lá, ali era chamada lagoa do Doutor Geraldo, Doutor Geraldo
258 que era dono disso aqui tudo pra cima, a fazenda dela, sabe? Lagoa Doutor Geraldo.
259 Quando ele começaram a crescê e tal e tal, aí uma época, a outra, o outro prefeito
260 tinha aqui, inventou de acabá com a lagoa pra podê é fazê loteamento, pra lotear. Aí

261 *um rapaz aqui entrô numa briga com o Ministério Público e meio ambiente, num sei o*
262 *que, que não que não, não fizeram isso, pelo contrário, eles abriram mais, aumentou a*
263 *lagoa e tal, hoje é lindo lá. Mas assim, inclusive essa lagoa tá lá, quando eu mudei*
264 *aqui pra essa parte de cima, que minha mãe e meu pai veio morar aqui na parte de*
265 *cima, eu e meus irmãos já tava mais rapazinho, a gente ia lá pra podê passeá nessa*
266 *lagoa, passano ali onde que é a Praça das Rosa ,tinha um caminho, uns carreirinhos*
267 *assim, a gente passava no meio pra chegar nessa lagoa, nessa dito cujo lagoa, que não*
268 *tinha rua, não tinha nada. E minha mãe ainda brigava, ali tem (), botando medo na*
269 *gente. Lá tem, vai ter até onça naquele mato. Falei: " Que Onça, o que? onça ni*
270 *Araçuái?. Tem não. Pó ter cobra".*

271 P: Mas aqui tem animais selvagens, já teve?

272 I: *Comé que é?*

273 P: Aqui já tiveram esses animais selvagens?

274 I: *Onça eu não sei, eu sei, cobra, muita.*

275 P: É, cobra..

276 I: *Aquês macaquin, aqueles, é, micozinho, né?*

277 P: Sim.

278 I: *Soin. Tem demais. ()*

279 P: Lá em casa, eles vão lá na porta.

280 I: *Eles ficam pulando, né, de um lado pro outro assim. Eu mesmo nunca, nunca vi onça,*
281 *esse bicho mais assim não.*

282 P: Alguém já falou que viu uma onça lá perto de casa.

283 I: *Pode ser mesmo, pode ser. Lá ni Badaró, um cara fala que viu, cunhido de E,*
284 *inclusive. É, pode ser, num vô duvidá não.*

285 P: E as pessoas usavam o rio pra pesca também ou só para garimpo?

286 I: *Pra pescá, pescá, não, pescá, lazer, era um custume daqui até, num vô lembrá a data,*
287 *mas assim era um custume, as pessoas aqui ir pra beira do rio fazê piquinique, as*
288 *pessoas iam tomá banho, levava lanche, levava num sei o que e sentava na areia,*
289 *tomava banho, e lanchava, e num sei o que e vinha embora à tarde todo mundo, todo*
290 *mundo molhado e tal, tomava banho.*

291 P: E tem vários tipos de peixes?

292 I: *Sim, num sei nomes não.*

293 P: Anham.

294 *I: Mas tem sim, tem sim. E lembro de gente assim que vinha, ia a fazê esses piquiniques*
295 *na beira do rio e vinha trazeno sacola com peixe, ês fala cambão né? Pegava um*
296 *pedaço de madeira, e ia colocando os pedaços dos peixes () { } e vinha trazeno os*
297 *peixe pindurado lá. Eu acho que eu, eu acho não tenho certeza que eu tenho. Eu nunca*
298 *consegui reproduzir isso. Eu tenho um filme, assim, um super oito, que é esses*
299 *piqueniques na beira do rio. Aí eu tenho um tio lá em Teóflotoni, que ele até tem uma*
300 *câmera super oito, ele tem um projetor, uma vez ele conseguiu passar o filme, mas eu*
301 *não, eu devia ter filmado ele projetano na parede, eu nunca fiz isso.*

302 P: Eu, eu, lá perto de casa, né, passa um córrego, tem a placa córrego Mateus, só que
303 não tem água.

304 *I: Secou. É. Ali tinha água, mas ali tinha água, ali tinha água, quando chuvia, então,*
305 *aquela estrada que corta lá, que é a BR três meia sete, né? Aquela...cê tinha que passar*
306 *correno de carro porque a água subia até ali.*

307 P: E você acha que é falta de preservação? É questão climática mesmo?

308 *I: Eu acho que foi assim, eu, eu, quer dizer, não sou especialista nessa área, mas o que*
309 *que que eu acredito? ()Nós tamo pagando o que os nossos antepassado fizeram e nós*
310 *não tamo nós continuamo fazeno. Eu acho que foram cortano tanto, foram destruino*
311 *tanto, foram acabano tanto, tanto, eu não pensaro e aí, hoje, nós tamo aí, né, nessa*
312 *situação horrorosa. Meu pai mesmo tinha uma terra, quando meu pai saiu da fazenda,*
313 *veio pra cá, que ele consegui juntar um dinheirinho. E ele era doido cum roça, cum*
314 *fazenda, ele comprou uma fazenda, um sítio né, eu falo sítio, lá no **Gravatá**, **Gravatá***
315 *que é uma região daqui.*

316 P: Uhum.

317 *I: Aí meu pai comprou uma, uma ca..., comprou uma terra lá, ai na maior dificuldade*
318 *pra conseguir construir a casa e nossa casa era assim, tinha a estrada que tá daqui, cê*
319 *subia, ele construiu a casa, cê discia aqui, aqui tinha um, um, um, uma coisa, ondê que*
320 *passava a antiga estrada de trem, passava aqui, o trem passava aqui dentro. E aqui,*
321 *daqui pra baixo já era o o **Gravatá**, o córrego **Gravatá**. Nossa vizinho era um senhor*
322 *que ele não tinha perna, porque ele perdeu a perna na construção da estrada, passô*
323 *por cima da perna dele, ele ficava sentado o tempo todo, ele gostava muito de contar*
324 *essas histórias e eu fugi pra casa dele pra podê ouvir as histórias. Então a gente discia*
325 *assim, e quando é chuv', e quando tava cheio **Gravatá** , mãe nem levava a gente pra lá*
326 *porque tava muito cheio, hoje cê tá tá fiozinho de água acabano. Esses dia eu passei lá*
327 *inclusive, pra ir lá ni **Schnoor**, falei: "meu Deus do céu, eu vi isso aqui cheio de água".*

328 *A gente pulava lá na, nas terras do meu pai, tinha um pontilhão amarrado numa árvore*
329 *assim de cabo de aço, né, a gente pulava lá de cima, lá embaixo pra podê tomar banho.*

330 P: Schnoor é Distrito?

331 I: É Distrito,

332 P: Ah tá.

333 I: É distrito.

334 P: Mas é mais recente ou sempre foi distrito lá?

335 I: É, lá sempre foi. Lá sempre foi, lá e **Itira**. Eu acho que os outros distritos que tinha
336 que foi perdendo depois, que tinha mais que foi perdend' depois.

337 P: Ah entendi! E a parte rural daqui de Araçuaí, você conhece, costuma frequentar
338 algum lugar?

339 I: Cê fala, hoje ou antes, como é que é?

340 P: É, você já frequentou, você frequenta ainda?

341 I: Hoje, talvez até mais, muito mais assim, até por uma questão assim, do trabalho
342 nosso de patrimônio, então a gente tem muitos inventários de zona rural, de igrejas, de
343 casas, de capela. Então, a gente viaja, eu fui muito nessas zonas rurais aí pra podê fazê
344 inventário, trabalhá com inventário de capela, de casa, onde que fala pra gente, tem
345 uma casa, nós vamos. Então, eu conheço, praticamente eu acho que eu conheço todas
346 as comunidades rurais daqui, que eu já viajei bastante pra elas.

347 P: E tem algumas muito distantes daqui, não tem?

348 I: Tem, tem uma que chama **Bois**, então, que é, eu não entendo porque que pertence
349 aqui, porque tá lá perto de Padre Paraíso. Cê tem que sair daqui, vai quase Padre
350 Paraíso().

351 P: Não sei onde é, mas alguém já me falou quando me colocaram pra trabalhar na
352 eleição, falou assim: "se te colocar no Boi, sai!"

353 I: Longe, longe, mais longe, cê pensa num lugar longe, longe. E eu fui lá algumas
354 vezes, porque assim, lá tem uma escola municipal e com a época do desfile { }.

355 P: Lá é aqui pelo Gravatá?

356 I: Não, não. Os **Bois** cê pega é a estrada que vai pra Teoflotoni mesmo, aí cê chega lá
357 perto de, de, de, daquele posto, posto de gasolina, na estrada, na BR 116 já. Parece que
358 tá tá saindo, saino, cê tá saino de **Araçuaí** já. Cê tá entrano na cento e dezesseis, aí
359 tem um lugar que cê entra e volta pra **Araçuaí**, só que é longe. Aí a escola do município
360 lá, lá ta pra cá, né? **Gravatá** tá pra cá e o **Bois** tá pra lá. Aí na época do desfile
361 aniversário da cidade, a escola lá é municipal e ia participar do desfile aqui, né? E nós

362 fomos lá ajudar a montá o, o, o desfile que o desfile aqui é temático, ele tem temas,
363 cada escola tem um tema, então lá tinha um tema e a diretora foi e me pediu a ajuda,
364 ela falou “cê pode ajudar e tal”. Eu falei “posso”, ah que eu pensei assim, ah, eu
365 queria que você fosse lá, pra gente vê, os minino tão animando, falei, “vou”. Aí,
366 alguém falô comigo, falô assim, “cê prepara pra podê ir porque não é perto não”, mas
367 eu achei que era tipo assim, é coisa de mineiro. Oh, meu Deus do céu. Eu acho que eu
368 fui lá quatro vezes, os minino naquela animação. Eu chegava lá, eu tenho que ir, fiz
369 esse compromisso, tem que cumprir. Longe, mas longe, longe.

370 P: Então, para segundo grau, por exemplo, porque é a zona rural, normalmente, quando
371 os alunos para o segundo grau, né?

372 I: Sim. Sim

373 P: Que não tem lá, manda pra cidade.

374 I: É.

375 P: Lá não manda para aqui, né?

376 I: Eu nem sei, porque ês tão bem mais perto de Padre Paraíso do que daqui, sabe? Eu
377 nem entendo porque que que aquele lugar pertence a Araçuaí.

378 P: As escolas municipais têm segundo grau? Na zona rural?

379 I: Não. Acho que não. Acho que não. O R deve ter essa informação melhor que eu.

380 P: E ainda existe, cê falou de agregados, cê acha que atualmente ainda existe esse
381 sistema de fazer muitas fazendas com muito agregados?

382 I: É o que eu vejo, tá, assim? Pelo o que eu vejo, por aí e tal, assim, não acho mais que
383 é como já foi um tempo atrás, mas ainda existe. Ainda existe gente trabalhando aí pra
384 poder ter o que come.

385 P: Pra ter o que comer.

386 I: Sabe? E e o porque às vezes essas fazendas que eu não entendo, essas fazendas aqui
387 hoje, eu não entendo, porque pra criar o quê? Vaca pra comê, comê e graveto, porque
388 né, nessa seca.

389 P: É.

390 I: Né?

391 P: Aqui ainda tem muito. Coronel Murta tem fazenda demais.

392 I: Aí eu fico() assim, porque tanta terra na mão de uma pessoa e tem gente sem terra.
393 E às vezes eu fico assim, meu Deus do céu, o que a pessoa vai fazer com esse tanto de
394 terra? Parece ser improdutiva, porque não tem nada, eu falei “se a pessoa me der isso

395 *eu não quero, não quero isso aqui porque isso é problema". Como é que cê vai mantê*
396 *um negócio desse?. Mas... né, fazê o que.*

397 P: E o que você poderia falar que você acha que é fato marcante aqui para o município
398 ou para a região.

399 I: *Cê fala o que, o que é um fato marcante?*

400 P: É.

401 I: *Eu acho que eu.... tô puxano a sardinha pra minha brasa, né, ou a brasa pra minha*
402 *sardinha. Eu sempre defendo essa questão da cultura e da arte. Eu acho que esses*
403 *seriam, essas duas, arte, a cultura seria éé o caminho pra transformar*
404 *economicamente, socialmente a região aqui. Pena que, que às vezes os governantes, ou*
405 *quem tem poder aqui não enxerga isso, tá? Não enxerga, não consegue enxergar, isso*
406 *como sendo algo que pode, embora a gente sabe que isso é é a médio, longo prazo, não*
407 *é assim e acontecesse, né? Mas ninguém, ninguém, as pessoas não acreditam nisso,*
408 *elas não veem isso, né? Cê vê nessa pandemia agora nós temos um grande problema,*
409 *nós temos muitos artistas na cidade aí coitados, que tão aí sem podê fazê nada, porque*
410 *não tem, não tem, né? Não tem o que fazê. Eu falo de mim, assim, eu ainda pelo menos*
411 *eu tenho meu trabalho, eu dou aula e tal, mas tem muitos aí que mexe com arte que*
412 *num tem outra coisa, que só mexia com isso. Ganhava o dinheirinho fazeno animação*
413 *de festa aniversário, ganhava um dinheirinho fazeno intervenção, ganhava dinheiro*
414 *fazendo num sei o que, ganhava. Agora nada, né? Então, assim, eu acho que que a*
415 *arte, a cultura, elas são, isso é o caminho pra, pra o desenvolvimento social,*
416 *econômico daqui. Só que o que posso te falá isso e te falo mais, eu eu num tenho uma*
417 *receita, eu num sei como é que seria, sabe? Eu enxergo que é, mas eu num sei como,*
418 *num sei como é que seria feito isso, sei que a médio e longo prazo. Mas assim, oxalá, se*
419 *esse rio tivesse hoje, como ele foi na minha época de criança, por exemplo. Se esse rio*
420 *tivesse hoje lá como foi na minha época de criança, que as pessoas pudesssem passá*
421 *final de semana, domingo lá, sabe? Pra podê tomar banho, fazer lanche, num sei o que,*
422 *sabe, seria ótimo, mas o rio foi, as pessoas foram acabano com tudo, foram destruino*
423 *tudo, destruino, destruino, destruino. Voltar isso hoje, eu não sei como é que seria, né?*
424 *Que quem tem dinheiro compra uma cota de clube, que tem piscina, que tem num sei o*
425 *que, né? Quem não tem, fica correno, às vezes vai pra parte de cima do rio, porque*
426 *num pega nada, num pega sujeira, ou às vezes vai pra fazenda, aí os que tem fazenda*
427 *aqui, que tem as fazenda, que hoje em dia o povo compra muita tira de fazenda que*
428 *que o rio passa lá dentro, ês cerca tudo como se fosse deles, é meu, né? O rio é meu.*

429 P: Ah tá.

430 I: *O rio é da pessoa.*

431 P: Apropria né, se apropria, né?

432 I: *Daquele lugar. Mas eu acho que uma saída pra essa região, pra Araçuaí*
433 *especificamente que eu vejo aqui é a questão da arte, da cultura, se pudesse*
434 *transformar isso em turismo, turismo cultural, turismo rural, turismo. Todos os, todas*
435 *as formas. Cê vê muito caminhão passano aqui. Eu falo que nós vivemos uma época*
436 *assim, éé, primeiro cortaram tudo quanto éé, cortou a mata toda que tinha, destruiu*
437 *toda a mata toda, cortou tudo, não sei o que, tal. Trouxe, ah, é ouro, não sei o que, e*
438 *foram caçano e foram revirano terra, quando não achou mais nada. Ah é gado, trouxe*
439 *gado e mais não o que e tal. Aí gado não serve mais e ah não sei o que. Ah, agora é*
440 *granito, os buracos tão ficando levando os granitos embora. Eu falei, que mais que vão*
441 *explorar daqui? O Que mais que vão levar daqui? Porque não tem mais nada pra*
442 *levar. Eu fui ni **Itinga** mais E um dia, lá tem um lugar que é uma jazida de granito e o*
443 *moço falano que, um moço simples num cavalo, cê num dá nada pra ele. Se ocê vê ele*
444 *assim cê dá vontade de pedi esmola pra ele. Aí, nós chegamos, tamo olhando aqueles*
445 *paredões de pedra, aí, eu num entendo, né, Ernani tá assim: “D isso é granito” Eu*
446 *falei:” meu Deus do céu, isso tava tudo embaixo da terra ()”Aí, cê viu o lugar que ês*
447 *colocaro as dinamites e explodiu.*

448 P: É

449 I: () *granito e tal, uma agressão com o meio ambiente, eu falei assim” ah que ponto*
450 *vale o dinheiro pra fazer um negócio”*. Aí, hoje, tem uns lugares que fizeram umas
451 *piscina, que a água encheu, tem peixe, não sei o que. Aí, ele veio, montadin num*
452 *cavalo, perguntou o que a gente tava fazendo, tava olhando e tal. O senhor conhece ?*
453 *É, eu sou o dono. Eu falei “o senhor é dono”? É. Porque a empresa aqui, num sei o que*
454 *dos estrangeiro, pagava num sei quantos salários, mas eu queria vinte salários, ês num*
455 *dero vinte salários, eu num.... Eu falei “o senhor queria vinte salários pra explorar,*
456 *está achando pouco? Ele:”nada, mas é pouco, num sei o que, que já pagou num sei*
457 *quanto. Ai eu olhei e fiquei pensano assim “Meu Deus do céu, eu nem sei contá 20*
458 *salários mínimo!*

459 P: Verdade. E em relação à ocupação, aos indígenas e povos tradicionais. Na região
460 aqui de Araçuaí, ainda existem?

461 I: *Existe. Assim, pelo que a gente sabe da questão da história daqui. É tem até um*
462 *amigo meu, chama de CM, ele fez uma live esses dias. Ele tem um livro, né?*

463 P: Eu assisti.

464 I: Cê assistiu né?

465 P: Eu tenho o livro dele.

466 I: Pois é, ele fala, ele trabalhô muito com a gente aqui na época nós começamo a mexer
467 com patrimônio, ele trabalhava no Ministério Público em Belo Horizonte, ele era muito
468 amigo de A, meu, e então ele ajudou muito a gente aqui com este negócio de
469 patrimônio, de casa e tal. Aí numa época numa conversa informal com ele, ele falô
470 assim, “D, cê não tem noção da quantidade de indígenas que mataram aqui, que
471 queimaram, porque como chegava aqui não tinha como entrar e a a notícia que
472 chegava é que os índio era muito bravo, comia até gente, mandô tacar fogo em tudo”
473 Ele falou: ” Foi a maior chacina de índio da mata daqui, foi nessa época ”. E aí depois,
474 o Dom Enzo, quando foi bispo aqui, pegô um pedaço da terra, fez é reforma agrária na
475 terra, e deu uma comunidade indígena, segundo Geralda Soares tem descendentes aqui,
476 que é o povo do, do povo da **aldeia Cinta Vermelha**, que mora aqui hoje, que acho
477 ótimo eles estarem ali, que é direito deles, é deles mesmo, né? Que hoje tão ali, que é
478 essa presença mais física que a gente tem, né? Mas assim, é o, o, o meu avô, por
479 exemplo, pai de minha mãe, a minha avó, é mãe de minha mãe, ela fala que a mãe dela
480 foi pego no mato, na boca de cachorro pra casá com meu avô porque ela era indígena.
481 Mais num sabia que, que o povo que era, que etinia que era, nada. Ah ela índia, ela
482 era índia, pegô no mato lá pra podê, na região da **Baxa Quente**, muitos anos atrás pra
483 podê casá com seu bisavô. Eu falei, gente, como é que fazia isso, né? Obrigava a
484 pessoa.... “Não, D, era comum”. Eu falei: “ôh vó, não era comum não, aliás, isso não é
485 comum, pode ser que naquela época cês encaravam isso uma normalidade, né, mas
486 num é, não, não é de jeito nenhum”. E a presença do negro da mesma forma, sabe,
487 assim, eu não sei se cê já viu, mas tem uma, uma, um, eu acho que até tenho. Eu vô
488 procurar, se eu encontrar eu mando pra você. Eu tenho um monte de coisa, porque eu
489 tenho que dar uma procurada, mas tem uma carta que saiu até num livro de
490 história do Estado, dos Minas Gerais, saiu na capa do livro, saiu essa carta, a carta da
491 nega Tuluzia.. Cê já viu falar? Essa nega Tuluzia, ela, ela se apresenta como nega
492 Tuluzia , aí depois embaixo fala: carta da nega Tuluzia, da região de **Araçuaí do Vale**
493 **Jequitinhonha**. Ela pedindo, ela escreveu do jeito dela e tem todo um dialeto ali, afro
494 né? Ela pedindo a Princesa Isabel pra podê mudar a lei, que ela não queria ser livre,
495 porque comé que ela ia fazer? Ela não tinha onde morá, ela não tinha o que comê, ela
496 falava que num tinha coberta, num tinha, ela usa uns termos de { } aí eu falei: “meu

497 *Deus do céu". E lá lá na, lá, lá, na, na, lá ondé que meu pai trabalhava por exemplo,*
498 *que hoje é Quilombo, era todos negros, de descendência negra, tanto que lá é hoje*
499 *remanescente quilombo, cê via aquele povo assim do rosto sufrido, sufrido, sufrido,*
500 *sufrido, né? E os negros aqui, eles eram, eles eram condenados a lavá roupa, passá*
501 *roupa, arrumá casa, tal, e lá no museu lá de Aline tem carta de venda de escravo.*

502 P: Ah é?

503 *I: Tem. Ela tem carta de venda de escravo, tem recibo, que frei Chico e quem é que*
504 *conseguiu, num sei, sei que Frei Chico quando, quando ês, ês criaro o museu que era lá*
505 *na diocese, chamava museu diocesano, essas cartas, eu olhava pra elas e ficava "meu*
506 *Deus, eu já entendia, isso não pode ficar assim não". Botaram numa, numa, numa*
507 *moldura com um vidro e penduraram na parede e os trem sumino, por causa do do*
508 *tempo, né? Aí quando levou o museu lá eu falei assim: "Oh A, pelamor de Deus, ranca*
509 *essas / Ela falou assim:" Oh D vem aqui então ()" eu falei assim: " mó prazer, eu*
510 *rancor esses trem, jogo essas muldura fora, cê manda isso pra Belo Horizonte, manda*
511 *alguém que entende restaurar isso, que senão vai sumir tudo, vai perder tudo". Aí lá*
512 *em Belo Horizonte ês vão te dar como é que cê pode acomodar isso, como é que pode*
513 *ser exposto e tal. Eu conheço uma empresa lá, chama Quatro Papel, A4 Papel, parece,*
514 *tem uma moça que chama B, ela trabalha com restauro em papel, só em papel. Ela*
515 *restaurou inclusive um material pra nós aqui uma época. Quando eu inventei de*
516 *trabalhá com isso, né? Que hoje nós tamo precisando de novo, falei qu'ela que aqui*
517 *tem um arsenal de coisa precisando restaurar de livro antigo da igreja e tal, que tá*
518 *tudo lá, precisano. Aí A levou pra ela restaurar, que ela restaurou as cartas todas, mas*
519 *A tem essas cartas de vendas escravos aqui da nossa região, de um senhor que tinha*
520 *que passou pra Frei Chico na época.*

521 P: E você falou aí do, da reforma do Dom Enzo, a região aqui é predominantemente
522 católica ou já foi hoje já no, não podemos mais dizer que é.

523 *I: Eu acho que ainda é muito católica. Ah, ooooooooooooo, as outras religiões, elas*
524 *cresceram aqui, claro, né, evangélicos e tal, mas o catolicismo, acho que ele tem essa,*
525 *essa, essa pre predominância, né? Porque assim, quereno ou não, a igreja católica,*
526 *ela, ela, ela fundou o hospital, ela fundou a escola, ela trabalhou com ação social, ela*
527 *foi, então, ela foi fazeno o nome dela, né? Veio padres da Holanda, irmãs da Holanda,*
528 *num sei da onde, da Alemanha. Dom Enzo é Italiano E aí, Don Enzo, inclusive, assim,*
529 *ele não gostava, detestava falá que era o Vale da pobreza, miséria. Uma época*
530 *publicaram uma uma matéria num jornal, se eu não tiver enganado eu devo ter*

531 também, que eu gostava de guardar tudo do que eu via, é, o vale esquecido de Deus.
532 Ele ficô uma arara com isso. E ele publicô no outro jornal, ele mandô publicar que
533 Deus não esquece ninguém e que aqui num era um vale esquecido de Deus, muito pelo
534 contrário.

535 P: História legal, muito bonita. E qual que é o seu, se você pudesse resumir seus
536 sentimentos de pertencimento ao médio Jequitinhonha, ao vale Jequitinhonha, ou ao
537 município de Araçuaí. Como você se vê?

538 *I: Assim, Eu acho que eu tento da da minha forma, né, eu, eu fiz teatro muitos anos,
539 afastei porque fui fazer faculdade, tive que largar, mas eu fui teatro muitos anos, a
540 gente tinha um espetáculo que chamava Jequiti Canta, que era pra contá, que contava
541 a história do vale Jequitinhonha de uma forma bem, eu tava até contando pas meninas
542 aqui hoje, bem diferente. A gente cantava, dançava, tocava e falava do Jequitinhonha,
543 das músicas, tal, de forma bem alegre. Então, tudo quanto é lugá que a gente
544 apresentava as pessoas falava assim” mas o Vale do Jequitinhonha é isso!”. Então,
545 nós colocamo como bandeira do grupo desse espetáculo, dismistificar essa ideia de
546 pobreza, de miséria. E nós ficamo oito anos com esse espetáculo, rodando muitos
547 lugares do Brasil, assim, Macapá no no Amapá, Florianópolis, Lajes, Santa Catarina,
548 Pelotas no Rio Grande do Sul, Erechim, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, bons
549 lugares. Fomos num festival internacional de teatro em Colômbia, em Bogotá,
550 representano o Brasil, três grupos foram escolhidos no Brasil, um do Rio, a gente aqui
551 de, de Minas Gerais, o outro de São Paulo. Então, assim, o o meu sentimento é essa
552 coisa de de ser daqui, de pertencer aqui e de querer pregar essa bandeira num é
553 miséria, num é pobreza, num é nada disso, muito antes, pelo contrário. Penso eu que tô
554 fazendo a minha parte, tô contribuindo com a minha parte. É claro que tem muito mais
555 que fazer, parece que o processo de destruição, processo de é fazer uma ideia errada,
556 ele é muito mais rápido que a ideia de da gente desfazer.*

557 P: Verdade

558 *I: Mas eu acredito, né, que, que meu sentimento é esse. Que eu tô fazeno a minha parte,
559 tô correno atrás, tentano, tentano, todo dia, tentano, mexeno aqui, mexeno ali, pra ver o
560 que que, aonde vai dar, né? Acho que já mudô muito, já melhorô bastante éé como eu
561 trabalho na área que é bem delicada, essa questão de patrimônios, as pessoas acham,
562 geralmente as pessoas olham pra mim e falam comigo assim: “ah, cê gosta de coisas
563 velhas, ah, tudo seu é coisa velha”. Elas não entendem que às vezes assim éé eu não
564 acho que por causa do, do, novo tem que cabá com o passado, muito antes, pelo*

565 *contrário, essas coisas podem e devem se harmonizar. Então, acho que o sentimento é*
566 *esse, né? De construir.*

567 P: Ah, que bom. Muito obrigada, DA, pela contribuição.

ENTREVISTA: 010BERASF44
Dados da informante

Informante 010, 44 anos, feminino, ensino médio completo, casada, natural do município de Berilo.

Dados da entrevista

Data:	Duração:	Local:
30/09/2020	33minutos e 20segundos	Residência da Informante

Legenda: P =pesquisadora I= informante

TRANSCRIÇÃO ORTOGRÁFICA

- 1 P: Então, vamos lá.
- 2 *I: Vamos lá.*
- 3 P: Boa tarde, AS!
- 4 *I: Boa tarde!*
- 5 P: Vamos lá. Onde você nasceu?
- 6 *I: Eu nasci na comunidade de Bem- Querê.*
- 7 P: De Berilo? É daqui?
- 8 *I: Isso.*
- 9 P: E você reside no município há quanto tempo?
- 10 *I: Desde que eu nasci há quarenta e quatro anos.*
- 11 P: Seus pais também nasceram aqui?
- 12 *I: A minha mãe, sim, meu pai não.*
- 13 P: Sua mãe nasceu onde?
- 14 *I: Na comunidade, eu creio que foi na comunidade de Palmital.*
- 15 P: E seu pai?
- 16 *I: Meu pai, segundo informações, porque eu não o conheci, ele veio de fora, de outra cidade, veio pará em Berilo.*
- 17 P: Ah, tá, mas ééé... sua família toda, você tem mais irmãos?
- 18 *I: Tenho.*
- 19 P: Todos nasceram nesse mesmo lugar?
- 20 *I: Eles nasceram na comunidade de Bem Querer.*
- 21 P: Ah, tá. E lá, você frequentou a escola ou veio pra cá muito cedo?

23 I: Ééé, eu nasci na **comunidade Bem Querê**, mas, quando eu tinha dois meses, a minha
24 família, por uma história triste que você vai descobrir... por ironia do destino, né, que
25 te trôxe aqui, minha família foi separada, cada irmão foi morá num lugar diferente.

26 P: Mas você tem... Áí você não tem contato?

27 I: Então, com o passar dos anos, ééé, a gente foi se encontrando, né? Eee o que
28 aconteceu foi o seguinte: é, a minha mãe, ela casô com o meu pai, né,eee ,eles
29 moraram na **comunidade Bem Querê**, em um terreno cedido pela minha vó, que a
30 minha vó morava em outra comunidade, não morava na **comunidade de Bem Querê**.
31 Minha mãe era uma mulhé muito valente e sempre defendia o que era dela, muito
32 brava. E ela cultivava essa terra, mas segundo relatam, um tio, né, queria brigá com
33 ela por posses dessas terras. Naquele tempo, eles tinham muito essa coisa de ficá
34 mudando cerca de lugar, intende? E... nessa confusão, assim, eu cresci ouvindo a
35 história, né? Ééé meu pai não estava em casa, mas ele chegô já contando ela que
36 nessa... nessa de ficar discutindo por posse de terra, um desses dias, ele teria, esse
37 senhor que era tio dela né, teria mexido mais uma vez na cerca, e ela escutando a
38 história, pegô uma foice, brava ,e foi atrás dele. E aí, de repente, quando ela é... comé
39 que eu posso dizer? É, são coisas que eu cresci ouvindo, então, às vezes mim bagunça a
40 mente.

41 P: É, mas assim, se você não quiser entrar em detalhes, não quiser falar, é tranquilo.

42 I: Não, hoje eu estou preparada pra contá a história.

43 P: Pois é, mas fica à vontade.

44 I: Hoje eu estou preparada pra conta a história. É interessante que eu já quis escrevê
45 um livro sobre isso e de repente você vem na minha casa. (()) E... após minha mãe sair
46 com essa foice, de repente a vizinhança começa aparecer na minha casa, ééé, e eu ouvi
47 essa história recentemente contada por uma irmã, né, que eu encontrei agora depois de
48 quarenta anos, essa parte da história... que as pessoas começaram a cochichar entre si,
49 que algo trágico teria acontecido. Após minha mãe ter saído com essa foice ao ouvir o
50 que meu pai teria dito a ela. Uma fatalidade. Ela foi defendê a posse de sua terra e esse
51 tio teria a assassinado... Deixando três filhas, meninas. Eu, A. com dois meses, uma
52 irmã do meio de nome VLSP, é, agora eu não consigo vim à memória a idade certa,
53 mas creio que ela é mais velha do que eu, oito meses. E a que meu pai levô mais tarde
54 imbora com ele pra Belo Horizonte, acho que teria três anos na época se eu não me
55 engano. E aí... foi uma notícia que deixô todos na região, assim, estagnados, assim,
56 num sei se essa seria a palavra, mais todo mundo ficô sem chão, né? Áí após ter

57 acontecido isso, meu pai ficô sem sabê o que fazer, porque naquela ocasião nossa
58 região era, hoje a gente pode dizê que não é uma região pobre, até mesmo porque a
59 gente descobriu que nosso Vale tem muita riqueza, né? Mais naquela ocasião, ééé, era
60 uma região que era tida como pobre, por mais que chovia e quem plantasse colhia
61 muito naquela época em 1976, né? Mais a minha família, pelo menos, era muito pobre!
62 Meu pai era um homem que, segundo contam, ele vinha pra cidade, ele era barbe'ro,
63 aqui na cidade, hoje, fala cabele're'ro. Ele cortava cabelo, fazia barba, de vez em
64 quando ele achava uns bicos e ele ajudava a fazê cerca, curral, pra ganhá um
65 dinheirim, mas ele gostava de tomá os golinhos, né { }. Não sei se esse dinheiro dele
66 rendia muito não. Né, igual eu te falei, hoje eu consigo contá a história. Talvez porque
67 eu encontrei a minha irmã que eu procurava tanto, quarenta anos depois, a V.A.S.P.

68 P: Mora aqui?

69 I: Não, ela mora em Belo Horizonte. Eu encontrei ela em Ribeirão das Neves, com cinco
70 filhos... né? (())E... ai, me fugiu a memória agora. Segundo contam, meu pai igual te
71 falei, né, minha família era muito pobre, morava num, numa casinha pequenininha,
72 talvez de dois quarto, de pau a pique naquele tempo. Meu pai ficô desesperado né, três
73 meninas mulheres, tudo piquinininha. Era tanto que naquele dia do velório, né, quando
74 encontrei minha irmã agora ela dizia que era ela que me carregava no colo, uma bebê.
75 Meu pai saiu batendo de porta em porta pra sabê quem é que podia cuidá de nós, pra
76 ele se virá porque ele não tinha como cuidá de nós e trabalhar ao mesmo tempo pa nos
77 sustentá, né? Uma história que eu prefiro não contá (()) que a minha vó por parte da
78 minha mãe não quis nos adotá, mas eu prefiro nem contá. Então por isso esse
79 desespero dele sair batendo de porta em porta e... ninguém queria nos adotá porque
80 era uma responsabilidade muito grande, mais ele insistiu, não desistiu, voltô de novo
81 na porta das pessoas insistindo e a minha própria mãe adotiva, é, eu cresci ouvindo ela
82 falá, a senhora D.G.S, ela já é falecida hoje. E ela falava assim, que pra que ela me
83 adotasse ele fez uma promessa que pudesse criá e educá como os filhos dela, que ele
84 nunca mais voltava, porque o medo dela é que ela pegasse amor e depois ele voltasse
85 pra tomá, por isso que eu nunca odiei meu pai por ter nos deixado (()). E assim... eu...
86 houve momentos assim, que ficava na dúvida, será que ele nos abandonô? Ou foi isso
87 mesmo que ela falô ? Mas aí quando surgiu a internet na cidade, eu comecei a procurá-
88 lo, né? Em 2007 pra cá, tentei, não consegui. Em 2013 eu tentei de novo, 2013, isso, foi
89 em vão, 2018 eu tentei de novo. Ééé, antes disso, eu ...aconteceu uma fatalidade com
90 um tio meu que morava com minha vó e ela acabô vino morar comigo e isso me

91 *despertou mais interesse de procurá minha irmã. Ela faleceu e eu continuei insistindo*
92 *porque isso mim{ } reacendeu mais essa vontade, né? Três meses depois que minha vó*
93 *faleceu, aí não sei ...que... coincidência ou não, eu encontrei a minha irmã. Foi em*
94 *dezembro de 2018? Não sei, às vezes, mim foge a memória, se eu buscá nos arquivos de*
95 *facebook eu lembro, mais eu posso te confirmá depois, tá? Foi com a ajuda de algumas*
96 *pessoas que vendo eu contano a minha história novamente no Facebook, jogou no*
97 *sistema do SUS, lá em Belo Horizonte e conseguiu. (()) .Aí, uma outra irmã que mora*
98 *em São Paulo, que foi adotada por outra família também, daqui de Berilo, mais hoje*
99 *ela mora em São Paulo, ela jogô no sistema, acho que é Ache Fácil, parece, no site, né?*
100 *Encontrô um telefone em nome dessa irmã minha V.A.S e aí ela fez contato, quem é*
101 *mentiu o nome, mais tinha certeza que era a irmã que tava ligando (()). Aí conseguiu*
102 *fechá ééé, conseguiu retornar, né, e ter certeza que de que era mesmo a gente, que tava*
103 *procurando por ela, foi, nossa, foi emoção demais.*

104 P: Imagino.

105 I: *A gente marcô um encontro no Natal e nós encontramos as três irmãs. Foi uma festa*
106 *muito boa.*

107 P: Ah, que bom. Mas, mas a sua infância foi, como foi, você brincava muito, se
108 divertia?

109 I: *Sim, a família que me adotô teve assim uma responsabilidade muito grande comigo,*
110 *porque é, a senhora que mim adotô, ela tinha essa, essa, essa convicção de que ela*
111 *tinha essa responsabilidade, se ela me adotô, ela tinha que tratar bem, muito mais do*
112 *que com as filhas dela. Ela era essa pessoa que, muito responsável.*

113 P: Que bom.

114 I: *Intendeu? Se alguém fizesse algum mal pra mim ou na escola ou em qualquer lugar.*
115 *Nossa! Eu costumo dizer que era igual a galinha choca, se alguém pisasse ni seus*
116 *pintinhos, ela podia, mas outros não.*

117 P: E vocês brincavam de que?

118 I: *A gente brincava de tudo, colocava é, marrava corda na árvore, colocava aqueles*
119 *balanços. Tinha o Riberão naquele, hoje, é / que no caso, a minha mãe adotiva, ela*
120 *morava em Riberão, né (())? Que Bem Querer nós tivemo que sair do Bem Querer,*
121 *porque lá, minha família se desfez, então ... cada criança foi pr'um lugar. Então, a*
122 *família que adotô a mim e a família que adotô a minha outra irmã, segunda, né, V. L,*
123 *morava em Riberão.*

124 P: Que é o nome de um lugar também?

125 I: É outra comunidade, chamada **Ribeirão das Gangorras**.

126 P: Tem gangorra?

127 I: Então, eu já ouvi dizê, eu... outra pessoa talvez pudesse confirmá isso, mais eu ouvi
128 dizer que é porque, ééé,, em algum lugá dessa comunidade, usavam uma gangorra onde
129 esse motor é tipo de madeira, feito de madeira, era usado pra jogá água, né, no, nos,
130 nos, nesses tabuleiros que eles fala, né, nas plantações.

131 P: Ah, tá. E lá vocês brincavam, tinha rio, córrego, Ribeirão?

132 I: No **Riberão** tinha muita água.

133 P: O nome do córrego também é Ribeirão?

134 I: Ééé, a comunidade que eu fui criada é, tem o nome de **Ribeirão das Gangorras**, que
135 acho que sua nascente é lá para o lado de **José Gonçalves de Minas**, que antes também
136 chamava **Gangorras**, né? A nascente é lá pra cima e a comunidade que eu fui criada
137 também tem o nome de **Ribeirão das Gangorras**. Era um rio de muita água, riberão de
138 muita água, que a gente nadava, brincava, fazia piquinique, né? Muita gente daqui da
139 cidade ia pra lá, né? E a gente brincava de pega-pega, de esconde-esconde, fazia é,
140 vendinha, peteca, era brincadeira de infância que hoje em dia quase não se usa mais,
141 né (())? Èéé bolinha de gude, fazia arapuca pra pegá passarim. Gente, que pecado! A
142 gente não sabia o que tava fazendo, né?{ }. Eu mesma aprendi fazê arapuca. Meu pai
143 adotivo, como as filhas dele eram só duas e já eram mais velhas, elas se casaram e eu
144 era { }a caçulinha. Eu aprendi fazê até rede de pescá no **Riberão**.

145 P: Ah, o seu dom para o artesanato começou muito cedo.

146 I: Começô muito cedo e também porque a minha mãe adotiva,é, a **comunidade de**
147 **Riberão** também tinha essa tradição, não usava pra venda, igual hoje em dia **Berilo**
148 tem essa tradição vinda de **Roça Grande**, da **comunidade Roça Grande**, né? Mas
149 **Riberão** também já tinha essa tradição. Eu fui criada em meio a pessoas que usava o
150 artesanato pra sobrevivência deles, né, quando as moças iam casá, fazê os seus
151 enxovais, elas ficavam seis meses confeccionando almofadas, cochas, e isso ééé, o que
152 mais que mais faziam? Mais era, era as cobertas, né?

153 S: Sua adolescência e juventude você também já mexia com artesanato, sabia fazer
154 alguma coisa?

155 I: Então, ééé eu mais que via a minha mãe adotiva fazer do que eu fazê, porque ela era
156 uma pessoa muito perfeccionista, ela não deixava a gente chegá perto. Eu fui aprendê
157 mesmo, foi com meu esposo e com minha sogra. Intendeu?

158 P: Mas na juventude você ia algum lugar?

- 159 I: Estudá! Eu ia mais estudá, porque a minha mãe era ciumenta.
- 160 P: Mas não tinha lugar pra se divertir, não?
- 161 I: A minha diversão era nadá no rio, os,os bailezinhos era dentro de casa com a vitrola
- 162 em cima da mesa naquele tempo.
- 163 P: Tinha os forrós nas outras comunidades não?
- 164 I: Naquele tempo, no meu tempo não, porque assim, eu, eu, eu, eu fui mesmo me diverti
- 165 ni festas de, de, de praça, foi depois que eu casei com meu esposo { }. Eu acho que eu já
- 166 sou d'uma época meio arcaica. (risos)
- 167 P: Seu marido é da mesma comunidade?
- 168 I: Ah, o meu marido é da **comunidade de Roça Grande**. A mãe dele veio de lá { }, é
- 169 daqui,da comunidade da S., que é da... presidente da loja de artesanato, da associação
- 170 de artesanato, ele vem desta comunidade.
- 171 P: E os jovens saíam pra estudar ou ficavam, a maioria por aqui mesmo?
- 172 I: Então, naquela época da minha adolescência, alguns já saíam pra trabalhá, poucos
- 173 saíam pra estudá.
- 174 P: Iam trabalhar onde?
- 175 I: No corte de cana e de café e colheita de café (()), eram poucos eu saíam pra estudá,
- 176 trabalhá e estudá, né? (())
- 177 I: O pessoal começô a saí pra estudá mesmo creio que foi de 1990 pra cá, se eu não me
- 178 engano.
- 179 P: E como era aqui antigamente, AS? Você lembra da infraestrutura da cidade? Se tinha
- 180 calçamento, já tinha água encanada?
- 181 I: Olha, eu posso falá da época que eu mudei pra **Berilo**, que eu, que eu morei um
- 182 tempo em São Paulo com meu esposo, né? No ano de 2000 que eu construí aqui e... eu
- 183 posso falá pelo meu bairro, o meu bairro tinha muita dificuldade nessa questão, né?
- 184 Meu bairro não era calçado 100% por cento, a minha rua mesmo, aqui era tudo sem
- 185 calçamento.
- 186 P: Mas água?
- 187 I: A água... quando eu mudei, já tinha, né? Mas assim..., é, mas assim, de maneira
- 188 precária até hoje, né? Porque temos uma empresa aqui, que só por Deus.
- 189 P: Copasa?
- 190 I: Antes era Copasa agora é Coponor.
- 191 P: E de onde que abastece aqui?
- 192 I: Do **rio Araçuaí**.

193 P: Aqui ele é limpo, né AS?

194 I: Pra nós não tá sendo não, até o esgoto tá sendo jogado a céu aberto no rio.

195 P: (())). E os córregos que tem aqui ao redor, os ribeirões, eles ainda correm água?

196 I: Eu num, num tenho andado muito pela região, mas eu posso dizer pelo **Ribeirão das Gangorras** que já não corre mais. Já tem... já tem uns vinte anos que não corre, não corre. É, que eu me lembre já tem uns vinte anos. É. Porque o meu filho mais novo ele tem vinte anos, quando o, ele nasceu, o **Ribeirão** já tava secando (()), tendeu? Eu lembro que eu ganhei ele, minha mãe adotiva ainda era viva e já não tava, já tava secando já /. Lá, hoje já não tem água, tem poço artesiano.

202 P: Ah, nossa. E... seus filhos já estudavam, brincavam, de outras brincadeiras, né? (telefone tocou). E eles sempre estudaram aqui, por aqui mesmo?

204 I: Sempre, por aqui mesmo.

205 P: Só as brincadeiras que mudaram também, né?

206 I: Não, assim... o meu, o meu mais novo é é... pegô mais a, a tecnologia, né, mais o meu mais velho, aproveitou um pouco as brincadeiras mais, mais antigas. Conviveu um pouco com o avô adotivo na roça, né? É, foi assim, um pouco do passado com...

209 P: Com o presente, né?

210 I: Isso, isso.

211 P: E você conhece bem a parte rural aqui do município? Você vai a algum lugar? Você visita algum lugar aqui?

213 I: Recentemente eu não tenho ido, mas já fui em alguns lugares.

214 P: Quais os lugares aqui que você conhece, que você já visitou?

215 I: **Comunidade Vai Lavando**, é uma comunidade, é uma comunidade quilombolas de **Vai Lavando**... né? **Comunidade de Mocó**, comunidade quilombolas também.

217 P: Aqui tem muitos quilombolas?

218 I: Isso, é é, o **município de Berilo**, a maioria das comunidades são quilombolas, né?

219 P: Olha, eu sei, é que o Vale tem muita comunidade quilombola, mas eu acho que Berilo é o município que tem mais.

221 I: Que tem mais, é, tem muitas comunidades quilombolas. É é é, já fui na **comunidade Monte Alto** que fica para o lado do distrito de **Leliveldia**, **comunidade de Coqueiros**... né.

224 P: São todas próximas daqui?

225 I: Eu não conheço muito a fundo né, mas sim, conheço por alto porque eu fui, né? **comunidade de Datas**, **comunidade de Palmital**, é um vilarejo, né, que assim, é, minha

- 227 vó disse que nasceu foi lá, minha vó que já é falecida também, morô um tempo comigo,
228 faleceu, ela disse que nasceu foi lá.
- 229 P: Aqui só tem um distrito?
- 230 I: É. / tem as tem as vilas, né? Mas o distrito é **Lelivéldia**.
- 231 P: E além dos quilombolas, indígenas, existem ainda?
- 232 I: Aqui não, aqui, aqui não, que eu saiba não, né? Tem até uma senhora que eu
233 imaginava que ela fosse indígena, mas ela insiste em dizê que não, né? Então, eu
234 imagino que talvez seja por isso, mas se ela disse que não, então eu não vou insisti com
235 ela, né.
- 236 P: E porque aqui foi formado, então, provavelmente aqui não foram indígenas. Mas o
237 que prevalece aqui como subsistência é a agricultura, é pecuária, é artesanato, fonte de
238 renda daqui?
- 239 I: Agricultura familiar, bem forte aqui se tivé, né? Tem apoio, tem apoio, bastante né?
240 Mas assim, ééé, eu creio que, que está tendo e vai ter muito mais apoio, porque com o
241 passar do tempo, até a administração vem percebendo isso, né?{ }
- 242 P: Vem valorizando.
- 243 I: Vem valorizando e percebendo isso,éé, o artesanato também né?
- 244 P: Corais aqui tem?
- 245 I: Tem... Quer dizer, o o coral, o coral mais é da igreja, né? Não, não é coral assim,
246 coral que a gente sabe é mais é de Araçuaí mesmo, né? Volto atrás e corrijo porque a
247 gente /.
- 248 P: E aqui, já teve...
- 249 I: Aqui, aqui tem os grupos de congado, né? De batuque.
- 250 P: É da igreja?
- 251 I: É, não. É, quer dizer, entra na igreja, mas é cultura, né? Cultura geral.
- 252 P: Porque tem muitas festas religiosas aqui?
- 253 I: Tem, tem a festa Nossa Senhora do Rosário, a festa de Nossa Senhora dos Pobres,
254 que é a festa de, que acontece em maio, nossa Senhora do Rosário, outubro, né?
- 255 P: Então, aqui é predominantemente católica a religião ou não?
- 256 I: Tem, tem a religião da Umbanda, mais ultimamente ela não tá muito fluente. Com o
257 passar dos anos, acho que pelo preconceito, foi acabando, né. Existe o terreiro, né?
258 Mais devido o preconceito, foi acabando, foi acabando, mais existe o salão aqui { },
259 bem aqui na saída, na frente.
- 260 P: Mas no pessoal não gosta de frequentar?

- 261 I: Eu creio que até frequentam, mais assim, no anonimato.
- 262 P: Ah, entendi.
- 263 I: Mas houve uma ocasião atrás que eram bem freqüentado mesmo, um deles eu sei que
- 264 fechô.
- 265 P: E aqui tem tanta comunidade quilombola, né?
- 266 I: Então. Sim
- 267 I: Sim. Mais é onde que tá, né, o tal do preconceito, né? Que eu acho que não deveria
- 268 existi, né? Deveria havê esse respeito às tradições.
- 269 P: Cada um crer no que quiser.
- 270 I: Exatamente.
- 271 P: Porque m algumas poucas cidades acho que ainda existem os terreiros
- 272 I: Exatamente.
- 273 P: Por isso mesmo, mesmo sendo cultura dele, sendo herança dos povos que habitaram
- 274 aqui, né?
- 275 I: Sim, sim.
- 276 P: E o meio de transporte que se usa aqui é terrestre, né?
- 277 I: Isso.
- 278 P: Mas é, carros e motos também?
- 279 I: Carros e motos... Ainda tem as pessoas que usam é, animais, né? De vez em quando
- 280 até tem cavalgada, esse ano não teve por causa da pandemia, né?
- 281 P: Ah, então aqui tem cavalgada?
- 282 I: Tem, tem, o pessoal até que quando resgatô, eles estavam bem animados, mas aí veio
- 283 a pandemia, acabô que, né? Paralisô tudo.
- 284 P: Essas comunidades quilombolas são já reconhecidas?
- 285 I: Então, essas são reconhecidas, algumas ainda não, ééé, estão certificadas, mas está
- 286 sendo providenciado.
- 287 P: Ah tá. É, tem um processo burocrático.
- 288 I: Como eu converso com o pessoal que estão à frente disso, então eu tenho essa
- 289 informação.
- 290 P: Religião, você é de qual religião?
- 291 I: Eu sou católica, mas eu respeito todas as religiões e estudo um pouquinho sobre
- 292 elas, porque eu gosto de conhecer.
- 293 P: É muito bom, né?
- 294 I: É bom.

- 295 P: E aqui tem ainda muitos padroeiros, muito nome de Santo, não tem?
- 296 I: *Tem, tem.*
- 297 P: Você falou festa do Rosário, Nossa Senhora, Nossa Senhora.
- 298 I: *Tem, tem, as comunidades, todas as comunidades, elas têm as datas festivas.*
- 299 P: O padre vai nas comunidades pra celebrar?
- 300 I: *Sim, sim, algumas delas o congado vai.*
- 301 P: E o congado é em uma época do ano só?
- 302 I: *Aqui, ah, não, sempre que chama eles vão, se tivé os eventos e a comunidade chama o congado, tem um congado aqui que chama Nossa Senhora do Rosário, né? O congado Nossa Senhora do Rosário e tem o congado de **Lagoa Ezequiel**, que é de outra comunidade também Quilombolas, que fica do outro lado do rio Araçuái.*
- 306 P: Lagoa Ezequiel?
- 307 I: *Isso.*
- 308 P: Parece que uma lagoa, né? E animais selvagens aqui na região? Você já ouviu falar
- 309 se tem ainda?
- 310 I: *Já falaram que tem onça pintada na região (risos). É, já falaram, aí quando fala é*
- 311 *porque viram, né?*
- 312 P: É, esses estarem secando, os animais também estarem extintos, né? Árvores que
- 313 existiam, que hoje já não existem. Na sua visão é mais pela questão climática aqui da
- 314 região ou é interferência humana?
- 315 I: *Bom, eu acho que mais a interferência humana, com certeza, né. O homem, é, pela*
- 316 *ganância, né, ele qué fazê o seu investimento, querendo tirá, sugá a natureza, né?*
- 317 P: E aqui, e aqui ainda se consegue explorar muito da natureza, dos rios, de pedra, essas
- 318 coisas?
- 319 I: *Bom, até pouco tempo existia até uma balsa aqui no rio, eles querem nos enganá, que*
- 320 *não acham pedras e ouro, mas nós não somos bobos, né? Eu não participei dos*
- 321 *movimentos, mas muitos professores e alunos participaram, né? E... vereadores, todos*
- 322 *foram chamados pra participá desses movimentos, pra que fosse impedido de, de, de,*
- 323 *que ela ficasse aqui.*
- 324 P: Ah, mas não é daqui, né? De gente de fora?
- 325 I: *De gente de fora. E acredita-se que de gente poderosa, intendeu?*
- 326 I: *Por isso que eu falei a frase, que enquanto um deputado pensa na água, o outro*
- 327 *quer... intendeu? É consumi com a água.*
- 328 P: Verdade.

- 329 I: Isso.
- 330 P: E se fosse pra você resumir sua vida aqui? O seu pertencimento ao Vale do
331 Jequitinhonha, ao médio Jequitinhonha, ao município de Berilo? Como que você se
332 identifica com o lugar?
- 333 I: Comé que eu me identifico com o lugar?
- 334 P: É, tem vontade de mudar? Acha que sua vida é aqui?
- 335 I: Olha, já houve tempos em que eu quis mudar daqui, mas hoje eu digo que o **Vale** é o
336 **Vale** que vale viver.
- 337 P: Verdade. Ah, mas que bom. É isso, terminou com chave de ouro nossa conversa.
338 Você terminou poetizando, filosofando. Muito obrigada, AS.
- 339 I: É porque às vezes a gente luta, luta, luta e acha que a gente não... tá em vão, né?
340 Mais aí quando a gente vê que a gente luta e tá vendo resultados, a gente vê que vale.
- 341 P: É uma luta longo prazo, mas vale a pena.
- 342 I: Vale a pena.
- 343 P: Isso, mas vale a pena. E a gente gosta do lugar da gente, né?
- 344 I: Com certeza.

ENTREVISTA: 011CMUHFM52

Dados do Informante

Informante 011, 52 anos, masculino, ensino médio completo, divorciado, natural do município de Coronel Murta.

Dados da Entrevista

Data:	Duração:	Local:
22/09/2020	51min e 57segundos	Residência do Informante

Legenda: P=pesquisadora I= informante .

TRANSCRIÇÃO ORTOGRÁFICA

- 1 P: Boa tarde, HF. Qual o seu nome completo?
- 2 I: HPF.
- 3 P: Assina para mim, por favor, o termo de consentimento! Vamos começar. Onde que
- 4 você nasceu?
- 5 I: Éé, **Coronel Murta**, antiga **Itaporé**.
- 6 P: Itaporé?
- 7 I: É.
- 8 P: Foi na zona urbana?
- 9 I: Eu nasci na zona urbana.
- 10 P: Seus pais também nasceram em Coronel Murta?
- 11 I: Isso, **Coronel Murta**, na zona rural.
- 12 P: Quais lugares?
- 13 I: Meu pai nasceu na, na localidade conhecida por **Olho D'água**, na **chapada do Agachado** e minha mãe nasceu numa comunidade chamada **Jacaré**, **Jacaré das Cobras**.
- 16 P: E você chegou a frequentar alguma escola em Coronel Murta?
- 17 I: Não. Eu saí de lá muito, muito jovem, mais sempre voltei todo ano.
- 18 P: E sobre a sua infância? Onde foi e como foi?
- 19 I: Então, a infância foi passada na bera do **rio Jequitionha**, exatamente entre **Coronel Murta** e **Taobim**, porque ééé, eu viajava assim, duas, três vezes por ano de **Itaobim** pá
- 20 **Coronel Murta**, né, Então ééé, meu pai trabalhava com garimpo lá em, lá em **Coronel Murta** e quando ia levava todo mundo, né. Me lembro, por exemplo, que na enchente
- 21 de 79 né, porque as escolas ficaram ocupadas por, por, pelas pessoas, né, que foram
- 22 atingidas pela enchentes, nós fomos em **Coronel Murta** e ficamos lá quatro meses, né,

25 *garimpos, no meio do mato. Então assim, eu tenho uma infância muito relacionada com*
26 ***Coronel Murta.***

27 P: Havia algum lugá específico para brincar, se divertir?

28 I: *Tinha: beira de rio, bicas, cachoeiras.*

29 P: Tinham muitas cachoeiras lá?

30 I: *Sim, muitas cachoeiras. Inclusive eu costumo comentá o seguinte: que de Coronel*
31 ***Murta*** *pra chegá na, na localidade que meu pai nasceu, que é, tipassim, 14 quilômetros*
32 *da, da cidade, gente passava por três, quatro córregos com água no joelho e nenhum*
33 *deles existe mais.*

34 P: Você lembra quais córregos?

35 I: *Então, eu, eu lembro, eu lembro a localização deles, mais o nome eu não lembro*
36 *muito. Eu lembro, eu lembro de um que marcô muito minha infância que foi o córrego*
37 ***da Sede***, né. *O córrego da Sede, ele passava, ele nascia na região do Olho D'água, que*
38 *também é um corgo, corgo do Olho D'água, né, éé, que hoje não existe mais, e esse*
39 ***corgo da Sede***, ele marcô minha infância porque foi ond', onde eu trabalhei garimpo
40 *aos dez, 12 anos de idade eu era garimpero mirim, lá entendeu? Então eu lavava*
41 *cascalho lá, né, no corgo da Sede, eu brinquei muito, tomei muito banho no corgo da*
42 ***Sede.***

43 P: A adolescência prosseguiu com esses mesmos meios de diversão?

44 I: *Com esses mesmos meios de diversão, mais aí, ne, nessa questão da adolescência,*
45 *assim, até chegá aos 17 anos, éé, entraram as caçadas, né, porque, sempre seguindo*
46 *os irmãos mais velhos, né. Eu tinha um irmão que gostava, adorava matá ariri, né, na*
47 *época tinha muito ariri, né.*

48 P: O que é ariri?

49 I: *Ariri é um pássaro que ele passa em multidões de de 500, passava antigamente, hoje*
50 *cê vê três ou quatro passano. O canto dele ééé, o nome dele vem do cant'. Tem um*
51 *pessoal antigo que falava né, que, tem uns pássaros que têm o nome tirado do canto, né,*
52 *Então o nome dele é ariri porque ele canta ariri, ariri, ariri.*

53 P: O bem-te-vi também.

54 I: *O bem-te-vi também é tirado do canto.*

55 P: Algum lugá que ficou na sua memória da adolescência, da juventude?

56 I: *Da adolescência ficô na minha memória as, as margens do rio Jequitionha onde eu*
57 *caçava ariri, onde eu garimpava diamante, também porque meu pai, nós sempre*
58 *tivemos essa conexão com o rio. E assim é engracado, né, porque hoje eu tenho uma,*

59 uma visão, é, de preservação do rio e a visão que era pra ter não era essa porque eu fui
60 inséido no rio num contexto da exploração, né. Meu pai lá em Itaobim, ele pegô uma
61 obra pá construí e naquela época não tinha brita, não tinha britadô, cê tinha que tirá
62 cascalho no rio, e ele levava a gente pá tirá cascalho mais ele, é, em lombo de animal,
63 éé, às vezes eu ia levá comida pra ele, assim, distante, essa **Ilha do Bento**, ela fica a
64 cinco quilômetros do centro de Taobim, Então todo dia, eu chegava da escola ali 11
65 horas, chegava da escola, minha mãe fazia a marmita e falava “vai levá comida pro
66 seu pai”, aí eu adorava porque, eu ia levá comida pá ele na bera do rio, que era um
67 local chamado **Ilha do Bento**, né, é onde ele tirava cascalho, Então pra mim era uma
68 maravilha, eu ficava nessa **Ilha do Bento**. Outras, ni outras feita, meu irmão, a **Ilha**
69 **Bento** era uma, era uma, na verdade ela num chegava a sê, hoje ela é uma ilha, mais
70 na verdade ela era uma grande praia que se formava, uma praia de cascalho que se
71 formava no meio do rio,(lagoa). E aí com o tempo, essa questão toda das mudanças, né,
72 das cheias, o regime de cheia mudô muito depois de **Irapé**, né. Então, o que que
73 acontece?Eu penso assim que, que a construção de **Irapé** favoreceu a formação da ilha
74 de verdade, na época não tinha ilha, era só um monte de cascalho.

75 P: Mas já era chamado de ilha?

76 I: Chamado de **Ilha do Bento**. Depois que veio a **usina de Irapé** e o regime da cheia foi
77 mudado essa ilha floresceu, ela tem árvores enormes lá hoje.

78 P: Bento era uma pessoa?

79 I: Bento era seu A de Bento, por que? porque o pai dele chamava Bento, né. Aqui tinha
80 muito essa coisa de falá "eu só fulano, filho de ciclano, filho de ciclano, filho de
81 ciclano, né".

82 P: Ainda usam na política.

83 I: Ainda usa na política. Ontem mes gent' tava brincano, um cara, candidato a vereadô,
84 ele lançô a candidatura dele, um jovem, e aí ele se explicano quem é ele, gente tava té
85 brincan' ontem, ele já tá, ele já tá na quarta geração atrás, falano quem é ele, eu só
86 filho de fulano, neto de beltrano, de ciclano.

87 P: (())). Os jovens iam pra as comunidades rurais para dançar forró, para festas ou não
88 tinha muito dessas coisas?

89 I: Tinha, tinha. Essa minha, essa minha conexão, eu tive partes, eu tive assim, foi
90 dividida em partes. Essa questão, da época aí das caçadas, era uma época em que não
91 se pensava em namoro, gente, com 15 anos de idade a gente andava na rua de cueca,
92 jogano bola, não se pensava em namoro, hoje em dia com 15, 16 anos todo mundo tá

93 namorano, né. E aí o que que acontece? Daí, o que despertô ni mim essa curiosidade de
94 ir nas festas, e aí eu vô abri um parênteses aqui e confessá que não era nem pelas festas
95 em si, pela religiosidade, era mais pela, né, acompanhá a batida das moça, né. Então
96 isso nasceu aqui em Araçuáí porque aqui em Araçuáí eu vim estudá aqui, Dom Enzo,
97 Dom Enzo era muito presente ni nossa casa lá em Itaobim, ele era muito presente,
98 Então ele almoçava lá, éé, gent' morava perto da igreja, quase todos os irmãos,
99 inclusive eu, fomos coroinhas, né, tinha uma, tinha uma técnica de saí um, entra outro,
100 pra sê coroinha,né, ajudá. Coroinha era o cara que ajudava o padre, não é esse nome
101 aqui que cês conhecem né. Aí o que acontece?Nessa, dom Enzo vai e vem sê bispo aqui
102 em Diamanti, em, sai de Itaobim, ele era padre lá, ele era padre em Itaobim, e aí ele
103 vem pra pá Araçuáí e aí ele funda a escola Agrope, né, que depois virô Agrogemito. E
104 nessa feita eu vim, eu vim pra cá pá estudá na Agrope. Aí aqui que eu, que eu comecei
105 tomá o primero contato com os rabos de saia, com os forró. E aí é lógico com as festas
106 religiosa. Eu lembro muito que a gente ia em festa religiosa lá na comunidade dos
107 criolos, éé, Arraial dos Criolos, né, que é uma, um bairro que tem aqui ni, ni Araçuáí,
108 e, e a gente saía da Agrope e ia até o Arraial dos Criolos a pé. Gente ia, éé, da
109 pracinha ali embaixo que tem ali perto do Adelson, aquela pracinha lá do coreto, hora
110 que chegava na pracinha do coreto a gente tirava o chinelo, gente tirava o chinelo ou o
111 sapato, se tivesse, porque tinha que lavá o pé no **Calhauzin** e era de uma
112 transparência, coisa de besta, entendeu? A gente via lambarizin passá. Hoje é um
113 esgoto a céu aberto, né. Então a gent' chegava ali, chegava ali, todo mundo lavava os
114 pés, lavava as canelas né, e punha chinel' de novo e seguia po Arraial dos Criolos onde
115 que tinha normalmente os encontros, né, tinha as festas. E eu acompanhei uma ou
116 outra, porque na verdade, eu vô te fala verdade, uma coisa que me incomodava nas
117 festas era que, que tinha muita, tinha muito barulho. Nunca gostei de barulho, eu nunca
118 fui chegado. Nunca, nunca, nunca.

119 P: Então você não ia muito às festas na zona rural?

120 I: Eu ia, mais eu procurava ficá distante, aí que aparecia os namoros, entendeu?
121 Porque cê ficava distante, às vezes né, eee, chegava na festa e ficava longe. Eu gostava
122 da, da aglomeração, mais não da, do barulho das festas, eu nunca...

123 P: E aqui perto tinha algum lugar que você já frequentou na sua juventude?

124 I: Aqui perto?Então, aqui perto eu frequentava muito ooo, uma região ali chamada
125 **Baxa Quente**, que é perto da, do **Calhauzin**. **Baxa Quente** eu ia muito, ia muito no
126 **Alfredo Graça**, né, ééé, eu ia muito na **Itira**. **Itira** eu ia dimais, dimais, adorava ir na

127 *Itira*, porque a **Itira** , a **Itira** era mais perto de **Coronel Murta** e eu achava muita gente
128 de, quando tinha festa na **Itira** a gente encontrava ...o pessoal de **Coronel Murta** vinha,
129 gente ia, né.

130 P: E as pessoas saíam para trabalhar, para estudar ou era possível estudar por aqui
131 mesmo?

132 *I: Então. Ééé, era ofertado na região o curso médio, o curso médio, em algumas
133 cidades. Exemplo: nessa minha infância que eu te falei, eu convivi muito com minhas
134 primas e meus primos de **Coronel Murta**. Eu morava em Itaobim e convivi muito com
135 eles, eles mais velhos que eu porque **Coronel Murta** não tinha segundo grau, só tinha
136 até a oitava série. Aí eles saíam de **Coronel Murta** pra ir estudá em Itaobim. Por quê?
137 Porque lá a escola era gratuita, a escola lá, aqui ni Araçuaí não era, aqui era, era, o
138 pessoal chamava de escola de padre, né, que era, que era mais, as escolas mais com,
139 voltadas assim, pra servir as classes mais, mais, assim, digamos assim, mais
140 favorecidas, né. Então eles iam, passavam direto daqui e ia pra Itaobim estudá, lá tinha
141 escola normal, que a pessoa formava pá sé professô, que era um curso técnico né, de,
142 de, e aí minhas primas iam pra lá e só tinha isso. Curso superior quem quisesse fazê e
143 tivesse uma boa grana faria em Tióflotoni , né, que tinha curso de direito, ou faria em
144 Belo Horizonte, Então por isso pouca gente tinha acesso.*

145 P: Aqui começou segundo grau só para mulher, não foi isso?

146 *I: Aqui, pois é aqui ni Araçuaí o segundo grau era só para, não, tinha mulheres e
147 homens, tinha pra homens também. É, eu lembro, vô te indicá uma pessoa depois, que
148 vai te ajudá muito nisso, sobre a questão de educação, foi um ex-vereador aqui, uma
149 figuraça, cê tem que ir na roça conversá com ele.*

150 P: Você lembra da infraestrutura, como era a região antigamente, o que melhorou?

151 *I: Então , a infraestrutura é, ela alterô muito. Eu custumo dizê o seguinte: que melhorá
152 é subjetivo, né, é muito subjetivo. A infraestrutura, ela, ela tinha uma visão romântica,
153 de quê? Por exemplo: a gente ia pá cidades tipo **Itinga**, não tinha ponte, a gente
154 atravessava o rio, eu achava gostoso. Fez a ponte, eu sei que troxe modernidade, mais
155 eu fiquei assim: "poxa, ficô sem graça agora, porque não tinha coisa mais gostosa do
156 que cê atravessá o rio passano a mão na água?" Assim, a gente saía de Coronel, de
157 Itaobim pá ir pá **Coronel Murta** em época de férias, a gente saía todo mundo, é, na
158 carroceria de um caminhão. Gente sabe que era risco, que era tudo, e ni estrada de
159 chão, mais qual que era o bacana daquilo? Que a gente passava em, de Itaobim até
160 **Coronel Murta** a gente passava em oito, nove córregos. O caminhão parava para a*

161 gente tirá a poera, tomá um banho no córregos, aí o caminhão parava pá gente tirá
162 poera, tomá um banho no córrego e ia. Uma viagem de Itaobim a **Coronel Murta**
163 custumava demorá seis horas, a gente saía de manhã, chegava à tardinha lá em
164 **Coronel Murta**, exatamente por isso, por causa das paradas, quando chuvia tinha que
165 esperá o rio baixá po córrego, né, porque não tinha ponte. Aí veio o asfalto, veio a
166 modernidade, lógico que troxe as facilidades, mais com isso também troxe a, o fato do
167 asfalto, as pessoas já passaram a também, a investir mais em gado, aí vem mais o
168 desmatamento, veio a questão do eucalipto, porque na época de chão não tinha
169 eucalipto, né, aí o asfalto vem...eu até acho até que essa questão do asfalto vem mais pâ
170 facilitá a vida de quem planta eucalipto e produz boi, né.

171 P: E além das caçadas, você falou dos pássaros. Tinha animais selvagens? Já ouviu
172 relato de que tinha por aqui?

173 I: Sim. Relatos e vê, eu já vi ué, eu já participei de uma pegada de onça na comunidade,
174 é sério.

175 P: Achei que era lenda.

176 I: É sério. Ééé, tem um lugá, tinha um cara muito amigo meu chamado cabo Cardoso,
177 ele era cabo da polícia, bem mais velho que eu. Eu sempre gostei de fazê amizade com
178 pessoas bem mais velhas que eu. Então eu tinha, tipo 17 pâ 20 anos, 18 anos eu tinha,
179 o cabo Cardoso já era um cara quase aposentano na polícia, ele era da polícia florestal
180 lá em Itaobim. E aí um dia ele chegô pra mim, era uma época assim, que arma era uma
181 coisa que a gente via em cima do balcão de casa, pendurado na, na parede, várias,
182 várias. Na minha casa eu cresci assim, né, ééé, meus irmãos tinham arma, alguns deles,
183 pendurava na parede, meu pai tinha arma, não ia po mato sem uma espingarda, né,
184 com medo da temida onça, né. E eu sei que um dia aconteceu um caso engraçado
185 comigo, que o cabo Cardoso passô cedo lá em casa, me chamô: “Ginin, cê vai ali
186 comigo hoje pegá uma onça”. Eu falei “nó”, aí eu chei de história na cabeça de vê,
187 aventura que eu já tinha lid’, eu falei assim: “vô mesmo, vamo pegá essa onça”. Só que
188 chegô lá, mais que decepção. É um gatin, um gatin, assim, era uma onça, mais eu, eu
189 imaginava a onça que a gente lia, sabe, e cheguei lá eu vi um bicho acuado numa
190 arataca, arataca você sabe o que é? Arataca é uma armadilha de pegá onça. Por que, o
191 que que acontece? Um dia eu quero até escrevê um causo sobre arataca porque é uma
192 coisa bem sofrida pra vítima, não a onça, o, o bode. Cê põe um, arataca é o seguinte: é
193 uma armadilha que você faz tipo, duas gaiolas, uma grudada na outra, ni uma cê põe o
194 bode e ele fica lá, cê põe água e comida pra ele e põe no meio do mato, esse bode vai

195 ficá lá o dia todo exalando o chero dele e berrano, ele vai atraí a onça. A outra gaiola,
196 ela tá, aberta, hora que a onça entra pá chegá perto bode, a porta cai, pá. Aí fica os
197 dois presos lá. Aí, até chegá a pessoa que vai capturá a onça, imagina o que esse bode
198 passa. Tendeu? Então assim, aí eu cheguei lá pra, mais o cabo Cardoso, né, ele já tinha
199 uns cinco dias que ele tinha armado essa arapuca pá pegá essa onça que tava comeno
200 o, segundo o pessoal tava comeno os bode deles, né. E aí eu cheguei lá eu vi a onça, né,
201 a pobezinha com fome, me deu vontade de dá ela comida, entendeu, ela acuada com
202 medo da gente. Eu falei: "ah, isso que é caçada de onça? Muito sem graça".

203 P: Tem algum lugá com esse nome? Porque no mapa tem córrego da Onça, mas não tem
204 nada a ver?

205 I: É, normalmente córrego da onça é onde, onde era a passada né, de onça, né. Porque
206 tinha um local, éé, esses animais assim, tipo onça, jaguatirica, eles têm um local deles
207 passá e o povo antigo sabia disso. Eles não passam em qualquer lugá, eles têm a, o
208 local deles atravessá, né, Então eles chamam córrego da onça porque ali passa sempre
209 uma onça, naquele lugá.

210 P: E plantas típicas ou que se vê em quase todos os lugáes aqui, árvores, tem alguma?

211 I: Então, eu sei, eu conheço muito aroera, aroera é quase que um símbolo, né, da
212 nossa região, sicupira, peroba, éé, pau-ferro, pau-ferro é, a gente chama ele também
213 de, de, ele dá um óleo muito bom que é usado pra, pra pele. Pau-ferro ééé, esqueci, me
214 falhô agora o nome dele, mais, éé, eu te falei sicupira, peroba, éé, jequitibá, jequitibá
215 rosa, peroba rosa, tem aroera do campo também que é uma outra aroera mais branca,
216 tem aroera preta.

217 P: São as mesmas de antigamente? Como está a preservação desses animais e árvores
218 daqui?

219 I: Então, taí uma outra questão da minha vida interessante, porque eu, de certa forma,
220 participei ativamente dessa história porque eu fiz na minha infância, eu fiz amizade
221 com dois, dois mininos, M e... M e ME. Eles são do Paraná e chegaram em Itaobim
222 acompanham o pai, o pai troxe eles, e aí, Seu M T, da família T. Aí o pai deles montô
223 lá uma serraria e, o pai dele tinha um caminhão e, gente criança, com dez anos de
224 idade, 12, aí o pai deles saía pas matas pá buscá madera. E assim, hoje em dia, eu tô
225 com 52 anos, eu ando e assim, eu ando muito, muito, eu ando, tipo, daqui de onde nós
226 tamo aqui, eu ando 100 quilômetros e não consigo vê uma madera igual eu via milhares
227 de madera em cima do caminhão do seu MTs, entendeu a, a questão da, do
228 comprimento e a largura delas, né. Eu lembro que eu acompanhava muito eles, porque

229 *eu gostava, pra mim, aventura era tá dentro da mata, tá naquela história, em cima dum
230 caminhão sem carroceria, entendeu?*

231 P: O que era perigoso, pra você era aventura.

232 *I: E saía de casa assim: mãe, eu tô ino ali mais os mininos de Seu MT, e ela num sabia
233 nem que hora nem que dia eu ia voltá, eu ficava um dia fora, dois dias às vezes,
234 entendeu. Então eu lembro de que tinha muita madera, muita madera. Eu conheço
235 locais aqui no Vale do Jequitinhonha que dá procê vê ainda tocos de madera que dá
236 pá ficá três, quatro pessoas em pé em cima do toco, entendeu? Madera que talvez não
237 exista mais, né, e aqui foi tirado, principalmente a exploração, esse pessoal vinha do
238 Paraná, montava as serrarias, fabricava móveis, hora que cabava a madera eles iam
239 embora. Tipo assim, eram predadores mesmo, tendeu? E a madera quês mais tiraram
240 aqui foi a peroba rosa, peroba rosa era famosa, porque ela era boa pá móveis, é uma
241 madera bonita, entendeu, boa pá fazê móveis. Aroera também foi muito tirada só que
242 aroera, ela é resiliente, né, aroera dá muito, ela nasce muito, né. Só que a aroera é
243 uma madera muito forte, isso aqui é aroera, ó, entendeu, éé uma madera que é igual um
244 ferro, né. Essa aqui eu comprei dum curral véi, cé vê que tem as marcas ainda, ó, um
245 curral que tinha mais de 100 anos, ó, comprei ela lá ni Jacaré, fui lá buscá.*

246 P: Jenipapo? Tinha muito?

247 *I: Jenipapo é o que? Cê fala a madera ou a cidade?*

248 P: Não, a madeira.

249 *I: Tem, até hoje tem muito jenipapo, aqui em Araçuaí tem muito.*

250 P: É porque tem em vários lugares. Além do município, para o lado de cá também tem
251 alguns lugáes com esse nome.

252 *I: O jenipapo é, na verdade o jenipapo, ele num dá uma madera boa, o jenipapo da
253 uma fruta boa, né. O jenipapo dá uma madera mais pá quema, num dá madera pra
254 trabalhá em serraria, o jenipapo é madera para quema.*

255 P: E barriguda é uma madeira também? É uma árvore?

256 *I: Barriguda não é considerada uma madera de lei, éé, e tá em extinção também, é,
257 porque a barriguda é uma madera fofo usada pá fazê éé, mesas, gamela, mais assim.*

258 P: E tinha muito aqui na região?

259 *I: Dimais, tem um lugá aqui que chama Barra da Barriguda, exatamente porque tinha
260 muita barriguda, então ês, tem o córrego da Barriguda, entendeu, o córrego da
261 Barriguda é um córrego que, que tem ali pra baix' ali, uns dez quilômetros aqui pra
262 baix', ino pá Itaobim que, que nas margens dele cé via muita barriguda, muita*

263 barriguda.{ } Eu tenho foto depois se cê quisé eu te mostro ali, eu tenho uma foto
264 minha não tão distante, talvez dez anos atrás, talvez 10 anos atrás, eu tenho uma foto
265 ali é, numa barriguda lá em **Itinga**, cê quase não me vê de tão grossa que é a barriguda
266 e olha que eu só gordin.

267 P: Você falou da relação sua com a água, com o rio, dos córregos que se passavam de
268 Itaobim até Coronel Murta. Hoje para fazer um relato sobre a questão da água por aqui
269 no Vale do Jequitinhonha, os rios, os córregos, as lagoas, o que você diria sobre a
270 manutenção, por que eles não correm mais água?

271 *I: Então, eu tenho uma visão sobre a questão da água, minha visão é o seguinte: talvez
272 um dia né, eu num só estudososo do assunto, qué dizê eu num vô falá que eu num só
273 estudososo não, porque estudá também é subjetivo, né, eu observo essas coisas há 52
274 anos, Então, num só um catedrático, mais, o que acontece. Eu observo o seguinte: que
275 o rio Jequitionha, ele vem descendo de Diamantina até a região de **Coronel Murta**, ele
276 é um rio meio, digamos assim, éé, desnivelado, né, ele vem em cachoerada até **Coronel**
277 **Murta** onde tem o último salto dele, que é lá na **Cachuera da Barra do rio Salinas**, é,
278 **Cachuera da Barra**, eu tive lá esses dias mais a A. É um lugár lindo, uma, não é uma
279 cachoera de queda, mais é um trem violento, violento assim, que dá até medo. É uma
280 água limpa e forte, sabe, que se ocê encostá cê fica com medo dela te puxá. É, até li ela
281 vem assim, beleza? Hora que chega na região de **Coronel Murta** o rio amansa, ele
282 amansa e vai manso até a região de Jequitihonha, região de Jequitihonha ele costuma
283 a começá essas cachoeras de novo. Então, essa região ali de **Coronel Murta** até perto
284 de Jequitionha, é uma região que, que quando o rio enchia, o rio jogava a água pra
285 fora e nessas regiões formavam lagoas. Mais assim, cê saía de Araçuaí, cê saía de
286 Itaobim pra ir pra **Coronel Murta** que era o meu trajeto, assim, três vezes por ano
287 durante 20 anos, entendeu? Cê saía de Itaobim pra ir pra **Coronel Murta**, você
288 passava, na época da chuva, você, o rio subia né, e ele jogava a água dele em lagoas, e
289 hora que ele baxava essas lagoas ficavam, elas ficavam sete, oito, nove, dez meses,
290 tinha lagoa inclusive, tinham umas lagoas famosas chama, famosa lagoa, lagoa dos
291 (...), elas nunca secaro, qué dizê, nesse período, né. Ééé, Então, o que que acontece? A
292 lagoa da **Ilha do Bento**, por exemplo, quantas vezes eu fui lá pra pegá peixe, entendeu,
293 e cê ia na certeza que ia pegá peixe porque o rio encheu, deixô o peixe lá, ninguém
294 tirô, tá lá, né. Então, assim, aí o que acontece, que eu percebo? Depois que **Irapé** foi
295 construída e regulô as cheias, **Irapé** regulô as cheias, não existe mais as grandes
296 cheias, então essas lagoas não enchem mais, por não enché mais, elas foram secano,*

297 secano, secano, e dano lugá a pasto. Olha só que coisa, além de mudá o regime da
298 água, da, da, cheia, **Irapé** ainda conseguiu mudá o regime dos pássaros porque, olha,
299 esses ariris que eu te falei, gente via ariri, igual eu já vi, sabe, assim de tapá a visão,
300 sabe, é porque era muito, não tampava é lógico, mais cê via uma mancha negra como
301 se fosse uma nuvem andano, andano assim né, voano, né, cê via uma, uma mancha
302 negra, e hora que ela aproximava cê dava até medo, era, talvez mil, mil e quinhentos
303 ariris. Outra coisa interessante, as garças, os frangos d'água, eles habitavam essas
304 lagoas, chocavam, reproduziam ali, alimentavam, então era um negócio que funcionava
305 assim, era um ciclo que a **barragem de Irapé** acabô, esses bichos sumiro, entendeu?
306 Esses bicho sumiro, então assim, ééé, essa é a questão das águas. Os córregos, eu
307 acredito que os córregos secaram por causa, principalmente de duas questões que é a
308 questão éé, do granito, né, e a questão do eucalipto, ee, sem falá também na, na, na
309 extensiva pecuária, nos chapadões, né. Porque nós sabemos que, a questão do granito
310 eu vi esses dias uma pessoa, uma pessoa mais antiga me explican' o porquê o granito
311 acaba com a água, eu achei uma coisa superinteressante, um senhor me explicano lá no
312 **Olho D'água**, sabe, um senhor que eu fui lá mais A e gente conversano sobre a águas
313 né, porque que esse olho d'água não tem mais, porque assim eu ia po, de **Coronel**
314 **Murta** pra terra em que eu nasci, lá, qué dizê, eu nasci em **Coronel Murta**, mais a
315 terrinha, na roça, gente passava três, quatro córregos e hoje eles não existem mais, só
316 tem o olhinho d'água, que cê pega a água assim, é o dia todo pá enchê um balde. Aí eu
317 fico imaginano, porque, aí o senhor M me contô, M, um velhozin, sabe, ele me explicô
318 que... ele já sabia alguma coisa, mais chegô um geólogo um dia e explicô pra ele de
319 outra forma, da forma que ele, né, que ele pensô que era burrice dele ele imaginá
320 aquilo, as pessoas é, davam tiro pá tirá, hoje em dia o granito não corta tanto com tiro,
321 né, é com arame de diamantado, mais antiga, até uns dez, cinco anos atrás o granito
322 era cortado no tiro, né, pra tirá a pedra, muito tiro, muito tiro, muita dinamite. Aí o
323 que que acontece? A, a, nós sabemos que a terra tem a,a, as camadas né, ali onde que,
324 que, que formam ali a impermeabilização do, do bolsão de água da nascente tá ali e tal,
325 aí cê dá um tiro, aí dá outro, vai dano tiro durante os anos, aí trincava e por essas
326 trincas a água ia sumino por ali, aí ela sumia da nascente. Aí ele me contano esse
327 caso, ele falô assim: "o seu HF, eu achava que isso era mentira, isso era mentira de
328 minha cabeça, que eu só imaginava que não tinha como acontecê uma dinamite estorá
329 o negócio, mais um dia um geólogo chegô e me falô que podia aumentá as trincas e a
330 água sumia", água sumia né, é por isso que às vezes quando as pessoas tá furano poço

331 artesiano, éé, é uma coisa interessante, o cara tá furano poço artesiano, aí chegô em 40
332 metros deu água, bacana, aí cê fala: "ah Então vai pá 50 metros que pode dá mais
333 água", aí o cara fala: "não, pode achá uma trinca e se ocê achá uma trinca, essa água
334 que eu achei aqui ela vai sumir toda nessa trinca", então é uma coisa interessante, né.
335 Então eu achava que a questão do granito não tinha muita coisa a ver com a questão
336 da água, mais tem, de certa forma, sim. Porque cê observa uma coisa, que as nascentes
337 tão perto de onde tem muita pedra, por quê? Tem um sentido, as fendas das pedras, é
338 por ali que essa água, né, vai.

339 P: E Coronel Murta é um município predominantemente urbano ou rural? A área maior
340 é rural ou urbana?

341 I: A área maior de **Coronel Murta** hoje ela é urbana, urbana assim como quase todas,
342 né.

343 P: Lá tem quantos distritos?

344 I: **Coronel Murta** tem poucos distritos, lá tem os, os distritos maiores são: **Barra de**
345 **Salinas**, né, que é um distrito consideravelmente grande, rico em pedra preciosa, é, um
346 distrito muito bonito, uma região muito bonita.

347 P: Mais próximo de Salinas ou não?

348 I: Não. **Barra de Salinas** é porque ele fica na barra do **rio Salinas**, ele fica longe de
349 Salinas.

350 P: O rio Salinas passa em Coronel Murta?

351 I: O **rio Salinas**, ele deságua em **Coronel Murta**, e inclusive o **rio Salinas** é limite entre
352 **Coronel Murta** e o lado de lá de **Virge da Lapa**. Ele é limite. { }É **Barra de Salinas**,
353 **Oro Fino**, né. **Oro Fino** é uma questão interessante porque lá chama-se **Oro Fino**, e eu
354 até brinco com A porque nó pensamos às vezes em morá lá, entendeu, gente pensa em
355 morá, e a cidade chama **Itaporé**, cachoeira de pedra, e assim, o lugazin chama **Oro**
356 **Fino**, o, onde minha família mais ficô presente foi **Oro Fino**, né, onde eu passei
357 também muito a minha infância e aí o pessoal me pergunta: "por que **Oro Fino**?" e eu
358 não sabia, porque eu nunca vi falar de oro lá, depois eu comecei a investigá e
359 realmente o pessoal antigo diz o seguinte: uma coisa interessante, que um dia as vacas
360 começavam a comê o sal do barranco, né, que o, a vaca costuma lambê o barranco, e
361 aí o cara um dia matô uma vaca e hora que ele matô essa vaca, que ele foi, deu o bucho
362 da vaca pá muié limpá, que o bucho da vaca da muié, que é tipo a mesma técnica pá
363 tirá oro, não sei se ocê conhece, é jogano o cascalho em cima dum tapete, depois que o
364 cascalho passa com a água cê tira o tapete e o que ficô grudado ali cê vê se, se apura

365 *oro. Então é o bucho, a dobradinha né, que a gente chama, da vaca, chei de alvéolos,*
366 *né, os buraquin. Aí que a mulher foi limpá essa buchada de, de vaca, na hora que ela*
367 *começô limpá, que'la viu um negócio brilhano, ouro em pó na buchada da vaca. Uma*
368 *senhora esses dias contô isso para mim mais A, sabe, uma senhora contô essa história*
369 *pra nós, e aí eu falei assim: "ah, então deve sê por isso que chama **Ouro Fino**". Aí foi*
370 *lá e sacanearam as famílias, inclusive a minha também, né, meus parentes mais antigos*
371 *mudô o nome, colocô Freire e Cardoso que é o nome do local que era **Oro Fino**, né.*

372 P: Freire Cardoso.

373 I: **Freire Cardoso**, é, duas Famílias, falô: "Não, aqui agora é, vai chamá nosso nome" e
374 **Coronel Murta** éé, foi colocado em homenagem a...

375 P: Mas então não existe Ouro Fino mais ou existe?

376 I: **Oro Fino** é chamado de **Freire Cardoso** hoje.

377 P: É um lugá só então?

378 I: Um lugá só, **Freire Cardoso** e **Oro Fino** é um lugá só sim, é um lugá só, sim.

379 P: No IBGE tem os dois.

380 I: Pois é. É, é porque no IBGE existe um outro **Oro Fino** que talvez ele não sabe. Existe
381 um **Ouro Fino** lá em olho, Olhos D'água, lá em cima, entendeu, inclusive esses dias eu
382 tomei um susto porque eu tenho uma propriedade lá numa localidade chamada **Olhos**
383 **D'água**, lá ni **Oro Fino** eu tenho propriedade, 52 hectares. Aí eu peguei, tô observando
384 um mapa, mapa minerário do Brasil, esse mapa minerário mostra a localização de uma
385 jazida de ouro com capacidade pâ cinco toneladas nos próximos 20 anos e eu falei: "tô
386 rico". Chamei A, chamei meus irmãos, chamei todo mundo e falei: "Oh gente, nós
387 estamos ricos, tonelada de ouro durante 20 anos, nós vamo ganhá em cima disso".
388 Hora que eu fui olhá, o erro, erro grosseiro de quem fez o mapa minerário, esse **Olhos**
389 **D'água** citando a jazida é perto, é mais pra cima na estrada que vai pâ Bocaiúva, mais
390 que fez na mesma jazida, então quem sabe respinga um pouquinho, né, mais é isso.

391 P: E tem muitas fazendas? As pessoas ainda trabalham muito em fazendas dos outros?

392 Tem muito agregado essas coisas?

393 I: Então, pocos agregados, sabe, algumas comunidades resistem, tipo a **comunidade**
394 **dos Olhos D'água**, eu a gente tá muito presente lá, elas resistem eles produzem, é uma
395 agricultura de subsistência, criam galinha, faz biscoito. Então ali quase não saem, vão
396 na cidade uma vez por mês. Existe ainda esse tipo de comunidade.

397 P: É, porque lá tem muitos nomes de fazendas, não sei se ainda existem essas fazendas.

398 I: Tem Vereda, Folha Roxa, tem muitas. Agora, a maioria das fazendas, o que que
399 acontece hoje? A maioria das fazendas hoje virô o que, local onde os, as pessoas que
400 moram na cidade, os donos vão passá fim de semana e deixa às vezes ali um agregado,
401 uma pessoa pra cuidá do gado. Porque eu percebo que lá em **Coronel Murta** hoje, a
402 juventude está com o seguinte dilema: ou trabalha em prefeitura ou trabalha, ou
403 trabalha em prefeitura ou trabalha em mineração, né. É aquela velha, velha coisa que
404 a gente vê, nos, nos, eu li um livro uma vez falano a história da ocupação do **Vale do**
405 **Jequitihonha**, este livro que eu te mostrei, contano a história da ocupação do **Vale**
406 **Jequitihonha**, que foi mais ou menos assim, uma coisa que eu só totalmente contra,
407 sabe, assim, eu só muito fã do garimpo sustentável, eu não só assim , o neo pseudo
408 intelectual que acha que não pode ter garimpo, cê não pode desmatá nada, cê não pode
409 matá um animal na roça, não, eu acho um crime por exemplo, eu acho um crime
410 quando, por exemplo, a polícia vai na zona rural, nós sabemos que vai acobertada
411 pela lei, isso é lógico, mais acho um crime quando a polícia vai na zona rural e toma
412 uma espingarda do cara que tá lá na zona rural, que tem uma espingarda pá, pá, tipo
413 assim, assustá um , um, um malfeitô ou coisa assim. Eu acho assim, que, que as coisas
414 acabaram por trazê na juventude éé, pra ficá tipo é, disacreditada. Porque veja bem
415 hoje, hoje, por exemplo: nós temos tantos jovens aí por exemplo hoje, que tão
416 trabalhamo no garimpo pá grandes corporações, ali ganhamo mil reais por mês pá tá
417 debaixo dum túnel, furano uma coisa pá tirá granito e a legislação permite, o meio
418 ambiente não, não é atingido nessa situação? Eu vejo, por exemplo, hoje que se vim
419 uma grande corporação aqui, dona de uma grande pesquisa, duma grande extensão,
420 ela vai pegá e devastá esse rio tirano oro e diamante, ela pode, mais se ocê pegá uma
421 bateia e ir pá a beira do rio pá batiar, tendeu? Então eu vejo que essas antigas
422 profissões, elas ficaram descaracterizadas, a juventude hoje não sabe mais, por
423 exemplo, o que que é ará uma terra de forma manual com cavalo, arado, essa
424 juventude não sabe, por exemplo, o que é cê fazê uma seleção de milho, de feijão, né,
425 aquela seleção da, da, o milho criolo, né, eles não sabem mais, eu tô com medo de um
426 dia um jovem chegá numa, numa roça dessa aí, vê um bezerro e perguntá po pai, o que
427 que é isso.

428 P: Verdade. Mas vão chegar nesse ponto mesmo. Na região de Coronel Murta existem
429 indígenas ainda?

430 I: Então, na região de **Coronel Murta**, a região de **Coronel Murta**, segundo a história,
431 né, ela tinha os temidos tocoiós, os botocudos, né, eram os temidos, né. Segundo consta

432 quem, quem foi pra lá pá resolvê essa contenda dessa moçada foi Tioflotoni, né, vei do
433 Serro e foi resolvê esse trem, mais beleza. É, originais não existe, existe lá hoje as
434 aldeias, né, as, parece que são os Krenaques, os Cinta Vermelha. Eles tão lá numa
435 região que, gente pode entendê como assentamento. São índios de várias etnias, né,
436 inclusive tem índios, inclusive do norte do Brasil, é, que se mesclaram com a moçada
437 dos maxakalis tal e tão lá. Então, assim, tradicionalmente não é uma região indígena,
438 né, qué dizê, é, mais hoje são pessoas que vieram né e garantiram aquela posse.
439 Bacana porque pelo menos eles tratam a terra de uma forma mais, mais responsável
440 né.

441 P: Até os nomes, igual, você falou Itaporé, é de origem indígena e foi trocado né?

442 I: Foi trocado por **Coronel Murta**, né.

443 P: É o nome de alguém importante?

444 I: Coronel Murta foi o cara né, o Coronel I, é IM, acho que foi esse o nome dele, que
445 foi pra lá e ganhô essa terra, né, porque na verdade o pessoal fala: "ah, ulano
446 comprô", mentira. Ninguém comprô nada, todo mundo ganhava. Éé, cê prestava um
447 serviço po governo naquela época, pá coroa e a coroa te dava um troc'. "Oh, tem uns
448 índios lá que tão incomodano o, o pessoal lá, tá matano o...vai lá, resolve esse trem pá
449 mim que eu te dô uma área", era assim que funcionava, né. E aí esse cara foi pra lá e
450 foi o primero, o primero e mais famoso, né, de lá porque era um político, né. Esse
451 tornou-se inclusive representante na Assembleia Constituinte do Império. Ele foi, se
452 não me engano senadô.

453 P: E as pessoas lá ainda chamam de Itaporé ou não?

454 I: Olha. Não, muita gente chama de **Itaporé**, muita gente, inclusive a juventude. A
455 juventude, alguns jovens assim mais, alguns jovens menos alienados, menos alienados
456 ainda chamam de **Itaporé**.

457 P: Religiosidade? Predomina a católica ou está bem dividido atualmente?

458 I: É, hoje em dia né, hoje em dia é difícil essa história de religiosidade, né, cê discuti
459 issaí, né. Ééé, eu percebo que, como eu sempre falo, eu sempre, a minha visão religiosa
460 foi sempre a do, do, daquele cara lá, dos santo...é me faltô na memória aqui, é, Deus,
461 segundo Espinoza, cê já viu falá? Baruch Espinoza?

462 P: Já ouvi, mas não conheço profundamente.

463 I: Então , Baruch Espinoza diz o seguinte: Que Deus, pra você conectar com ele, basta
464 que cê esteja na bera do rio, né, olhano pá natureza, po tempo, assim sentino, aí cê tá
465 conectado com Deus, né. Ai, a partir dai as pessoas começaram a criá templos e

466 *denominações e essa coisa virô assim, às vezes um comércio, né, gente percebe que é,*
467 *né, algumas religiões ainda resistem, né, mais gente vê que vai acabano, assim, a poco*
468 *a poco essa questão, porque é tanto escândalo toda hora, a gente sabe que a moçada*
469 *né, num guenta vê muito poder do dinheiro, né e aí... Eu, eu até te falo a verdade que eu*
470 *costumo não percebê, a minha preocupação hoje, hoje, hoje não é muito com religião,*
471 *não é muito com isso, sabe, uma coisa que me preocupa hoje é, é a desinformação e o*
472 *desengajamento dessa juventude que tá vino aí nas questões de preservação da, da*
473 *cultura, do meio ambiente, sabe. Nós fomo ontem em Coronel Murta, e nós, assim, um*
474 *lugá lindo, mágico, não sei se ocê conhece, o Juá, é um lugá lindo, a água limpa,*
475 *natureza bonita, mais tá lá a presença do pacotinho de pipoca, da garrafinha de*
476 *cerveja, da tampinha, tá lá, entendeu, e isso mim, mim dexa chateado. Aí ocê vê assim:*
477 *religião, eu tenho uma visão tão diferente dessas coisa, é tipo assim, eu acho que uma*
478 *pessoa que vai na igreja rezá ou fazê qualqué coisa e vai no rio e joga latinha de de de*
479 *plástico ou qualqué coisa no rio, essa pessoa num tem, umas das coisas tá errada, num*
480 *dos dois lugá ela num deveria ir, né, num deveria ir, porque se isso aqui foi criado por*
481 *Deus e se ele criô esse negócio pá gente, por que que eu tô sujano? Então, assim nessa*
482 *questão da religião só muito, tô, só muito cétilo.*

483 P: Mas a gente percebe que já tem mais divisões hoje, porque antigamente tinha
484 predominância católica nos lugares e hoje já não tem.

485 P: E se fosse para você resumir, qual o seu sentimento de pertencimento ao Vale do
486 Jequitinhonha, se você tem vontade de morar em uma outra região, em um outro local, o
487 que te incomoda na região e o que te faz gostar? Como você faria?

488 I: *Então, como eu tive uma vivência na infância muito conectada à beira do rio*
489 *Jequitihonha e eu entendo o rio como um organismo vivo, né, Então é, minha vontade*
490 *hoje é morá na bera de um riacho que deságua no Jequitihonha ou deságua num*
491 *afluente do rio Jequitinhonha porque eu vô tá ligado, é mais ou menos como eu tá em*
492 *num, numa, num fio de cabelo dele ali, entendeu, se eu não posso tá no corpo do*
493 *Jequinhonha todo, eu tô num fio de cabelo dele. Então assim, eu, eu tenho essa*
494 *vontade de tá conectado, inclusive por um motivo: pra ter uma área e preservá essa*
495 *área pá garanti que exista um pouco de árvore, um pouco de beira de rio limpa, que,*
496 *tendeu? É uma coisa bem utópica assim, mais eu, eu fico pensano assim, sabe, se a*
497 *gente pudesse juntá uma turma que qué preserá as coisas e de certa forma a gente*
498 *tomasse posse dessa beira de rio todinha assim, sabe e falá assim: "não, daqui a 500*
499 *metros pra lá ninguém entra e nós vamo preservá esse trem, vai ter árvore, vai ter beira*

500 de rio, não vai ter latinha de cerveja, não vai ter garrafa, entendeu, nós vamos preservá
501 esse negócio, entendeu?", fazê da mesma forma que as indústrias fazem mais ao
502 contrário, elas invadem pá devastá, a gente ia invadir pra preservá, né. Então, assim, o
503 que me incomoda é isso, hoje é a falta de né, igual cê vê aqui ni Araçuaí, o **ribearão**
504 **Calhauzinho** virô esgoto, né, a gente não vê nenhum engajamento das, das, das,
505 digamos assim, das autoridades, né. Sabemos que o engajamento tem que sé de todos
506 da sociedade, eu tenho que fazê a minha parte, cada um tem que fazê a sua parte, mais
507 gente vê que os órgãos que deveriam tá se preocupano com isso, não tão, sabe. Por isso
508 que eu te falo, eu volto lá na questão garimpo, às vezes o cara tá no garimpo, eu, eu vi
509 uma matéria que eu achei muito assim, sabe, eu falei "não, a gente que pensá sobre
510 isso, sabe". Alguém colocô uma draga na beira do rio, hora que cê fala a palavra
511 draga, a pessoa fala: "nó, uma draga" por quê? Porque nós ao longo do tempo nós, nós
512 achamos que draga é tejucana, que é uma draga de sete andares que tem éé capacidade
513 de processá uma tonelada por hora né, por hora, por minuto, a Chica da Silva que é
514 outra draga enorme, né, dragas de 70 metros de altura, então, nós conectamos com
515 isso. Mais alguém falô assim: "Oh, colocaram uma draga no **rio Araçuaí** pá tirá oro",
516 aí eu pá, beleza, aí eu fui vê a draga, aí o que era? Cheguei lá tinha um senhozin com
517 uma, uma, a gente chama de, de banca, com uma banca de madera, com um tapete,
518 metendo a pá no cascalho, jogano pra cima. E aí eu cheguei e fui conversá com ele,
519 isso tem, foi em 2013, 2014. É, aí eu fui conversá com ele, falei assim, sentei numa
520 região bacaninha, aí, eu sentei lá, tava conversano com ele ele virô pra mim e falô, aí
521 eu perguntei pra ele: "como é que tá produção?", ele falô "meu fi, essa semana deu
522 nada não, mais a semana passada eu tirei duas gramas de oro", na época a grama de
523 oro tava tipo 90 reais, tendeu? E aí olhano aquele negócio e percebendo, o que que eu
524 percebo nisso? Qual o grau de poluição, qual o grau de, de, sabe, de devastação que
525 está aconteceno aqui? Porque isso tava na mídia de uma forma tão forte, que eu pensei
526 assim: "deve ter uma tejucana, ês tão dragano o rio", mais o que acontece nisso tudo
527 que me deixa éé indignado, é que eu peguei e falei assim " ah tá", fiquei conversano
528 com ele, até troquei um, um pãozin com carne que eu tinha levado com ele lá, parece
529 que ele nem almoço tinha no dia, né, uma barraquinha de lona, tava lá um senhozinho
530 que tava esperano tirá uma pepita, né, tava esperano acertá o veio da vida. Aí eu
531 peguei e disci mais um pouc', e disci mais um pouco, hora que bati o olho assim, eu vi
532 um canavial imenso, um negócio de doido, sabe, na beira do rio e umas três ou quatro
533 bombas assim, enormes, olhei do outro lado daquilo e vi um bananal , um negócio de

534 *doido, sabe assim, aí eu falei assim, aí eu voltei no veizin e falei: "não, eu quero sabê*
535 *dele o que que ele acha", aí eu falei "deixa eu te falá, o senhor acha que o senhor tá*
536 *acabano com o rio?" ele: "eu? eu não meu fi, ês fala aí que num pode, mais eu num uso*
537 *mercúrio pá apurá o oro", porque hoje em dia já não se usa mais mercúrio pá curá o*
538 *oro né, hoje em dia cê apura o oro em tapete, de outra forma. "Quem tá acabano os*
539 *rio é aquês lá que chupa a água igual um dragão, entendeu." E aí, depois a banana,*
540 *não sei se ocê sabe, no trato da banana cê usa nitrato de prata, pá conservá a banana,*
541 *e o nitrato de prata vai lá depois de passá pela banana ele volta po rio, tendeu? A cana,*
542 *gente sabe que tem a cachaça que eu gosto e tudo, tem a rapadura e tudo, mais ela tem*
543 *um chorume, que é o, o, a questão, o que sobra volta po rio. E a polícia ambiental tava*
544 *de olho naquele veizin, e eu falei: "nossa, tá errado, essa coisa tem que sê discutida",*
545 *tem muita coisa pra se discutir, tendeu? É, Então minha indignação é isso, é que as*
546 *pessoas não tão discutino isso, não tão discutino e nós tamos seno engolidos por uma*
547 *sociedade consumista, é, sociedade das mídias sociais que, que num tão, nun tão*
548 *preocupadas. Eu tenho um certo temô disso, sabe eu tenho um certo temô de que...Eu.*
549 *costumo dizê o seguinte: que, se você no futuro entregá um isquero prum jovem,*
550 *imagina um mundo onde acabô tudo, cê só tem um isquero, e se ocê entregá prum*
551 *jovem, mais eu falo isquero daquele antigo, sabe, isquero de pedra, se ocê entregá*
552 *prum jovem e falá: "olha, se você não mantê esse fogo aqui aces' a humanidade vai sê*
553 *extinta", aí eu acho que acaba a humanidade, porque eles num sabem mais fazê nada,*
554 *êis num sabem, êis num sabem acendê um fogo, é capaz de ver um lampião e não sabê o*
555 *que que é tendeu? Então assim, eu tenho essa vantagem, assim, porque eu tô com 52*
556 *anos, eu tive uma vida, uma infância intensamente vivida de coisas. Se ocê falá pra mim*
557 *assim: "HF, éé, tá faltano um padre aqui pra fazê o casamento, cê, cê, dá procê fazê?",*
558 *"dá, uai, tranquilo. Eu acompanhei o Dom Enzo, eu vi ele fazê esses trem, eu sei mais*
559 *ou menos como é, tendeu, eu sei fazê hóstia, sei fazê isso, sei fazê aquilo", "Éé, estamos*
560 *precisano fazê isso aqui, tirá uma verruga e fazê uma reza, cê consegue?", "Uai, posso,*
561 *posso tranquilo, acho que conheço, já vi minha vó fazê isso, eu prestava a atenção",*
562 *"biscoito", "cê sabe trocá o gás?", aí vai vino as coisas mais modernas, porque hoje*
563 *acaba o gás, a moçada não sabe trocá o gá. Será que eles saberiam acender um fogão*
564 *a lenha? Então assim porque tem toda uma ciência, eu lembro de minha avó falano*
565 *qual é a madera boa pra quemar, qual a época boa pá tirá a madera pá num dá*
566 *escorpião, pá num dá caruncho, né, qual a época boa de você colhê o amedoim, então,*
567 *eu vi essas coisas tudo que hoje num, num tem mais, entendeu assim, é muito difícil.*

568 P: Verdade. Mas muitíssimo obrigada, vai me ajudar muito, vai contribuir muito comigo

569 [00:51:57]

ENTREVISTA: 012FBAECM42

Dados do Informante

Informante 012, 42 anos, masculino, ensino superior completo, solteiro, natural do município de Francisco Badaró.

Dados da Entrevista

Data:	Duração:	Local:
24/09/2020	38min e 42segundos	Residência do Informante

Legenda: P=pesquisadora I= informante

TRANSCRIÇÃO ORTOGRÁFICA

- 1 P: Boa tarde, EC.
- 2 *I: Boa tarde.*
- 3 P: E aí se você autoriza alguma imagem ou sem imagem. O primeiro é sem imagem né.
- 4 *I: Autorizo e aceito que minha identidade e imagem sejam usadas para fins acadêmicos.*
- 5 P: Então vamos começar. Onde você nasceu?
- 6 *I: Em Francisco Badaró.*
- 7 P: Na zona urbana?
- 8 *I: Na zona urbana.*
- 9 P: E você reside neste município há quanto tempo?
- 10 *I: Em Badaró eu fiquei, é nasci no ano de setenta e nove, né, e fiquei até dois mil e seis, dois mil e sete eu passei a morar em Araçuaí.*
- 11 P: Ah, tá. E seus pais nasceram onde?
- 12 *I: Nasceram lá também, minha mãe é de... da comunidade de Setúbal, que (), ela é de mil novecentos e cinquenta, pertence a Araçuaí, porque Setúbal é separado pela ponte, né? Então, Badaró, está a quarenta e dois quilômetros daqui, então do lado da ponte pertence a Badaró, aí pega a região de Córrego do Melado, Cachuera, Água Limpa, passando a ponte, que é no meio da cidade, no meio desse trânsito, passa a pertencer a Araçuaí, então comunidade dela pertence a Araçuaí. Minha mãe nasceu em Setúbal, mas meu pai nasceu em Badaró.*
- 13 P: Também na zona urbana?
- 14 *I: Também na zona urbana*
- 15 P: Tá.

24 I: Lembrando que **Badaró** é uma cidade pequena, né? Então é cidade urbana, mas
25 muito ruralista.

26 P: Sim. E você frequentou escola em Badaró? Qual escola você frequentou lá?

27 I: Eu estudei na Escola Estadual Cônego Figueiró, a única escola estadual de dentro
28 da cidade que tinha desde o pré-escolar até o terceiro ano do ensino médio. Então é
29 uma escola muito grande, que tinham muitas turmas. E nos arredores das cidades que
30 tinham as outras escolas. Então, lá só tinha o prédio municipal e essa era a única
31 escola estadual da cidade. Porém, comportava muitas turmas e muita gente da cidade.

32 P: E o pessoal da zona rural estudava lá também?

33 I: Não, até então estudava nas suas comunidades, né? Até o fundamental II, depois
34 passava a ir, porque o município mantinha o fundamental, fundamental I, perdão, nas
35 comunidades, né? **Tocoíós, Barreiros, é, é, Ribeirão, Passagem**, então tinha suas
36 escolas, aí as pessoas começaram a ir para o ensino médio lá ni **Badaró**. **Tocoíós**, que
37 é o distrito lá, que é uma comunidade quilombola, também tem escola estadual São
38 Sebastião e lá os alunos estudavam até o nono ano. Só fazia o ensino médio em **Badaró**.

39 P: Ah, tá.

40 I: Mas de... se não me engano, dois a três anos você pode passá a sabê, lá foi, recebeu
41 o título de quilombola e a escola que é fundamental, passô a integrá o ensino médio, aí
42 os alunos não precisavam mais sair do lugar, **Tocoíós de Minas**.

43 P: Ah tá. E sobre a sua infância, você lembra como foi?

44 Quais eram as brincadeiras? Onde vocês iam para brincar, onde passeavam...?

45 I: Bom, a infância ni **Badaró** é aquela infância que... foi uma infância de não
46 tecnologia, né? Por exemplo, a gente estudava pela manhã, à tarde, ou ora, ia pra roça,
47 porque a maioria das pessoas lá, como **Badaró** é um lugar piqueno, é muito ruralista.
48 Então, a maioria das, dos filhos, acompanhava os pais pra roça. Muitos pais tinha seu
49 terreno, assim, noventa por cento das pessoas que estavam na cidade tinham um
50 pedaço de terra. Ninguém vivia só ali na cidade. Então, a, os filhos das famílias, os
51 rapazes iam acompanhar os pais. Muito perto, às vezes, dois quilômetros, um
52 quilômetro, três quilômetros, mas no entorno de **Badaró**, cada pessoa tinha um
53 pedacinho de terra. Então, eu ia muito pra roça e ora, em dia de lazê, sim, que num
54 tinha tarefa nenhuma da escola, ia brincá, e nossa brincadeira não tinha nada de
55 tecnologia. Porém, a gente era um pouco engenheiro, né, a gente criava as, as
56 brincadeiras, fazia carrim de lata, um rolimã, fazia carrim de made'ra, pipa, é,
57 brincava, esses dias eu tava até comentano. A gente pegava ca'xinha de fósforo e fazia

58 *o barro, montava os adobes, aquele monte de adobe com ca'xinha de fósforo. Deixava*
59 *secá, depois do adobe sequim a gente levantava a casinha e aí montava o sítio. A*
60 *cisterna era uma lata de óleo, baldim era uma, quês vidro de perfumes, né? É, perfume*
61 *aerossol, né nem spray parece, perfumim, de esguichar, cortava e fazia baldim e ali*
62 *esquecia de minin', num tinha televisão, num tinha celular, num tinha tecnologia,*
63 *então, assim, os pais se desse água e terra, esquicia minin', não tinha problema,*
64 *brincade'ra era isso, estilingue, cada um tinha, né? Um estilo de brinca:as meninas de*
65 *guizadim, e os rapazes eram de...*

66 P: Guizadim?

67 *I: Guizado, eles pegava a lata de óleo e fazia o fogãozim e fritava a casca de batata,*
68 *casca de abóbora e ainda, sem contá que elas tinham o batizado das bonecas, elas*
69 *tinham suas bonecas e faziam o batizado, chamava alguém pra ser o padre, as meninas*
70 *batizavam as bonecas, tinham a festa que era um guizado que tudo era frito, né?*
71 *Enquanto os rapazes brincavam. As únicas brincaderas que por ser uma época ainda*
72 *de inocência, de confiança no outro, era pé na lata, que era chutá a lata e escondê, e*
73 *uma pessoa ia pra achá, e brincava minino e minina juntos. Não tinha esse problema,*
74 *maldade de minina e minino brincá junto. Era pé na lata,esconde esconde, roba*
75 *bandeira, duro ou mole, pula calçada né, rua calçada, rua calçada.*

76 P: Robá bandeira eu lembro, as outras não.

77 *I: Duro ou mole fazia, e nós fazíamos o que? Brincava descalço, e aquele monte de*
78 *minino, mais ou menos uns trinta minino, pro centro, pra praça, pegava o próprio*
79 *chinelo e colocava de um lado e no outro na rua, fazia uma barrera, e os idosos*
80 *ficavam assistindo as brincaderas, as calçadas ficavam cheia de gente, assistin'. E aí,*
81 *nós tínhamos que robá a bandera do outro campo, mas se a pessoa, a equipe do campo*
82 *tocasse na gente, a gente tinha que ficá duro*

83 P: Ah, tá.

84 *I: E aí, do, da nossa equipe tinha que tocá na gente pra gente ficá mole, pra corrê,*
85 *então, era uma brincadeira simplistas, sem, sem muita evolução. Carrinho, por*
86 *exemplo. É, é... pode continuar? Cê tem... carrinho, por exemplo, nós ficávamos*
87 *andando, com chinelo, um chinelo macio, né, diz que não pode falar propaganda, mas é*
88 *havaiana, rastando no pé, pá furá o calcanhar. Pa pa jogá o chinelo fora. Quando*
89 *jogava fora, a gente ia lá, pegava, fazia rodinha de carrim. E a rodinha de carrim, era*
90 *feita do chinelo. Quando o pai descubriu, tempo depois e deu nós um chinelo de*
91 *precata, aquele de pneu acabô as roda, por que não tinha como fazê a roda e, e na*

92 casa, igual lá em casa, que éramos dois, somos dois rapazes, o mais velho sempre tem o
93 privilégio de consegui as coisas primeiro. Então, tinha toda a engenharia, pra fazê um
94 carrim de lata, a gente usava a lata de marmelada, que é uma lata quadrada, que hoje
95 tem a goiabada e a , o marrom glacê, mas antes era marmelada, quadrada. Só comia
96 aos domingos. Então, comia a primeira, meu irmão pegava. Eu tinha que esperá o
97 outro domingo pra ganhá uma lata. Que pai não deixava a gente pegá coisa do lixo. Do
98 lixo assim, descartável (). A sardinha era outra parte do carro, que era a cabine do
99 carro ficava o, o cabo de vassoura pra fazê o guidom. A sardinha só comia ni
100 macarronada, macarronada só aos domingos. Aí no domingo meu irmão pegava. Então
101 meu irmão pegava sempre o material primero eu só pegava uma semana, um mês
102 depois. E aí, a gente ia montando... brincando, assim, criando os, os...os brinquedos.
103 Não tinha, e se ganhasse, ganhava apenas no Natal. Dia das crianças, por ser um lugá
104 pequeno, minha mãe, é, como muitas outras mulheres, dona de casa, e o pai não
105 deixava faltá comida, mas num dava luxo, né. Ora os brinquedos era no dia das
106 crianças, então eram duas datas que você ganhava, Natal e Dia das Crianças,
107 Então num tinha brinquedo ni outra data.
108 P: E você já gostava de desenhar ou não brincava de desenhar ainda?
109 I: Eu comecei a desenhar no de, a partir de, identifiquei a partir dos oito anos de idade.
110 Eu, eu era o caçula dos cinco filhos. Nós somos, é, lá em casa, são quatro moças e dois
111 rapazes. Eram três, são, ainda, todos vivos, três primeiras moças, meu irmão e eu,
112 cinco. Oito anos e um mês certim, que eu só treze de outubro, e minha irmã é treze de
113 novembro, Oito anos, minha irmã nasceu. No dia do nascimento de minha irmã,
114 **Badaró** tava muito em chuva, e lá fazia o parto, quando num era natural, hospital num
115 fazia, e mãe foi pra Teóflotoni. Nós ficamos com minha tia, no casarão antigo da
116 família dos Calazans. E aí, nesse, nessa brincadeira de ficá cinco crianças e nossa tia
117 lá cuidando da gente, me dê... me deram um maço de folha Chamex de uma parda
118 duma escura, num é essa branquinha não. Eu sumi, eu fui pro quarto escondido do
119 Casarão antigo, fiquei brincan', começava a fazê criação, criava coisas. Então, assim,
120 ali eu já me identificava. Eu fazia teatro, com bonecos { } eu pegava..., ia pá roça da
121 minha vó aqui em **Setúbal**, pegava madeira mole, começava esculpi, fazia tóten. Então
122 eu já tinha noção de simetria, de miniatura, de desenho, mas fui começá a desenhá
123 mesmo a partir dos oito anos, respeitando as linhas, colorindo certim. Então, a partir
124 daí eu comecei a identificar com as artes. Gostava de desenhá, comecei a pintá tela,
125 vivi, na minha adolescência, eu vivi fazendo peça de gesso.

126 P: Eu ia te perguntar agora, e a adolescência e juventude? Quais são os relatos
127 marcantes que te... que te vem a memória, se tem algum lugar específico que você ia
128 pra se divertir, algum lugar que ficou na memória.

129 I: Lá nós temos, sempre sentido a, a roça do meu pai que era chamada de encantado,
130 né?

131 P: O nome do lugar é encantado?

132 I: O nome do lugar era Encantado, porque na chegada no... no rio, no córrego
133 Sucuriú, né, sentido Berilo, dois quilômetros, íamos a pé, estrada de terra e lá eu
134 gostava da natureza. Assim, eu, eu imaginava um outro mundo ali, né? Imaginava
135 herói, é, é animais encantados, mitologia, aquele negócio. E, é e o rio sempre corria.
136 (telefone dele tocou). Enorme, tinha um poço. E aí, é, é é, este lugar é chamado
137 Encantado por isso, que é um lugar maravilhoso. E, e, e na minha adolescência, sempre
138 íamos pra roça cum pai. Só eu e meu irmão, então pai foi sempre daqueles ali ó. “ô pai,
139 me dá um boné”, “vai na roça, pega milho e compra”. Ele não deixava faltá material
140 de escola e cumida, mas o luxo pra qualqué coisa, fui tê minha primeira raider, aquele
141 chinel’ que cobria o pé assim, venden’ laranja, então nós tínhamos quatro tabuleiros,
142 um só de abobrera e mi, um só de laranja e outro pra, pra manga pra animais, né?
143 Então, nós íamos na adolescência, eu e meu irmão, molhá cinquenta pés de abobrera,
144 com aquela lata quadrada que vinha mantega(())com pau no meio, porque não tinha
145 balde. Ia no rio, pegava água, levava e molhava abobrera. Então, minha adolescência
146 foi dividida entre escola, casa e, posteriormente uma diversão. A vida inteira indo pra
147 roça, caminhando, tem até botija ali que era nossa squeeze, hoje os adolescentes tem
148 uma garrafinha de água, que é um trabalho levá pra escola, eu tinha que levá pra roça,
149 o peso do barro e o peso desse barro com água, pra matá a sede, que é uma botija,
150 então ficava levano, todo dia, dois quilômetros, a pé, na poe’ra, mas tinha o prazer de
151 chegar lá e comê as verduras, levava sal, comia tomate, nunca faltava, porque tinha
152 água com, constantemente no rio. As laranja..., laranjera, então, minha vida foi, essa
153 adolescência de ajudá pai na roça. Mais em contrapartida, como eu me identifiquei
154 com a arte, fui produzin’ também. Eu via, conheci, né? Tudo é uma questão de, de
155 conhecimento, de aprendizado. Eu vi as pessoas fazendo chocolate com aquela
156 forminha, chocolate(())forminha transparente, de acetato. Aí eu tô assim ”ô gente eu
157 vô, podia fazê isso com gesso”, porque meu pai era protético, então, eu vi ele mexer
158 com gesso, fazê molde de dentadura, além de lavrador, mais protético por ofício, não
159 era formado não, o avô, o meu avô, o pai dele ensinou cada um dos treze filhos, uma

160 profissão: tinha Ourives, pedrero, carpintero, alfaiate, ferrero, todos os... todos os
161 meus tios tinham um profissão.

162 P: Que legal!

163 I: E aí, meu pai era o protético, que aprendeu. E ele mexia com gesso. Aí eu fui ligano
164 as coisas, comprei aquela forminha e comprava em Teoflotoni, que ni Araçuaí num
165 tinha. Pedia as pessoas pra trazer pra mim. Aí pegava o gesso e fazia Papai Noel.
166 Então lá pros doze anos eu fazia presépio, imagem de santo, anjinho e saía vendeno na
167 casa. Então cada peça era o que, cinco reais, cada peça, ou o joguim. Se eu vendia dez,
168 eu já ganhava cinquenta reais. Então, eu já pagava o material, comprava o gesso na
169 mão de quem começô colocá gesso lá em Badaró também , num num existia isso, lá
170 pro ano de noventa e cinco e pouco, o povo começô a usar gesso no teto da casa. Num
171 sabia o que que era o gesso, a não ser pro uso da prótese, né? E aí eu comecei a, a,a
172 fazê isso, então, minha adolescência também foi de ser independente, começá a fazê
173 minhas coisas.

174 P: Sim

175 I: Aí, a partir dos dezesseis anos, comecei fazê cartaz pra a professor, cartaz de
176 aniversário, dos meses do ano, pintá em parede, propaganda. Então, a, quando eu me
177 identifiquei com arte, comecei a aperfeiçoá e aprendê e fazê com que aquilo fosse uma
178 renda pra mim. E como eu via que dava a renda, eu só fui aperfeiçoano.

179 P: Mas se a juventude você não ia muito nas..., tinha festa nas comunidades rurais lá?

180 I: Tinha, tinha festas, festas nas comunidades rurais. Eu fui, comecei a ir com meu pai.
181 Meu pai levava, ele tinha um corcel branc', levava uns quatro sacos de algodão
182 branco, pra arrematar a cancela de biscoito. Já ouviu falá na cancela de biscoito? É
183 tipo um tabi, tabulêro, ele é grandão, são os biscoitos iscrevido como eles falavam,
184 cruzava assim ó, cruzava na, na horizontal e na vertical, imagina-se assim, né? E fazia
185 as cancela mesmo, igual uma cancela, do tamanho da forma. E a cancela, interessante,
186 ora umas era cumprida, ou outras era quadrada, porque depende do tamanho da lata.
187 E a lata depende do tamanho da boca do forno. Então, se a cancela era cumprida, era
188 porque a boca do corno era estreita, então as latas eram estreitas, porém cumpridas. E
189 aí, eu ia pras comunidades: **Água Limpa**, Nossa Senhora é... é, Festa do, de
190 Pentecostes em **São José**, em **Tocoiós**, Festa de Nossa Aparecida, mas o padroe, é a
191 Escola lá é de São Sebastião, em doze de Outubro... em setembro, se não me engano,
192 vinte e um de setembro, em barre... em... **Empoera**, festa de Sant'Ana Mestra.

193 P: Empoeira também um lugar ?

194 I: **Empoera** é uma comunidade, perto da **comunidade de Barreros**.

195 P: É Empoera?

196 I: **Empoera**, porque tem muita pue'ra. **Empoera**, chama a comunidade, chama
197 **Empoera e lá é Sant'Ana Mestra**.

198 P: Essa que você falou, Sucuriú, é uma comunidade ou é um rio?

199 I: Não. **Sucuriú** é, foi o primeiro nome de **Francisco Badaró**. **Badaró** ela foi é, é, é
200 **Badaró** ela foi emancipada, mais antes era chamada de **Sucuriú**, por quê? Porque
201 **Badaró** era chamada de **Arraiá de Nossa Senhora da Conceição, Vila de Nossa**
202 **Senhora da Conceição do Sucuriú**, porque **Badaró** foi uma cidade do percurso da
203 mineração. E nessa, nessa vila de **Badaró**, os bandeirantes Atanásio Couto e Antônio
204 Farias eles começaram a vila, era uma plantação de algodão e canavial no centro de
205 **Badaró**, por que é um lugar muito íngreme, lá só tem morro, porque o vale tem é tanto
206 que é uma cidade fria, o vale sinuoso é baix' e muito frio. Aí os é, é os senhores pediu
207 para os escravos da época, ir até o rio, até é, a mata buscá uma made'ra pá fazê o
208 mastro pra levantá a bandeira em honra de nossa senhora, nossa Senhora da
209 Conceição. Quando chegando lá ês achô um pau já pintado. Por ser um lugar frio e
210 úmido, quando eles perceberam era uma sucuri. Enorme, mais de seis metros, a sucuri
211 na beira da água. Ês nunca tinha visto uma cobra daquele tamanh', matô a cobra e
212 saiu levano pá rua. Aí deu-se o nome, **sucuriHU**, ou **sucuriú**, que **HU** é homem
213 indígena, homem que achô a cobra. Aí ficou por muitos anos chamado de **Vila do**
214 **Sucuriú**. Aí só em mil novecentos e quarenta e oito que foi é, é **Badaró**, passô a se
215 chamá **Francisco Badaró**, em homenagem a um político, a, ao senhor **Francisco**
216 **Duarte Coelho Badaró**, que fo... que era o pai do **Murilo Badaró de Minas Novas**.
217 Porque **Badaró** pertence a comarca de Minas Novas. Então muitas homenagens foram
218 feita a políticos de lá, a pessoas importantes de Minas Novas.

219 P: Hoje é aqui ou ainda lá em Minas Novas?

220 I: É, é lá. Tudo que se resolve é lá, é tanto que a autoescola de lá é ni Capelinha.
221 Então, existe uma diferença daqui pra lá.

222 P: Sim.

223 I: **Badaró** pertence àquela região.

224 P: E aí, na divisão do IBGE, região imediata de Araçuaí
225 I: Não, pertence a lá. Então, por isso era **Sucuriú**, hoje **Francisco Badaró**. Então, tem
226 muita história que se conta do **Sucuriú**. E antes fosse o, os nomes, né? Tanto o nome
227 bonito que conta a história verdadeira, igual fala **Coronel Murta**, chamava **Itaporé**.

228 (())*Deixa Itaporé, pra ser chamado Coronel Murta.* Então assim, as emancipações,
229 elas descaracterizam os lugares em homenagem a pessoas que podem ter sido
230 importante para época, mas não é importante para a origem do lugar.

231 P: Sim.

232 I: É uma homenagem posterior a origem e deixa de lembrá da origem, igual **Itinga**,
233 **Itinga** era chamado de Água Clara.()

234 P: E lá antigamente, como era a infraestrutura, teve alguma, Você lembra de lá sem
235 calçar. ?

236 I: Sim. **Badaró**, a maioria das vilas, começa com dois tipos de construção. A igreja e
237 construção da família importante. **Badaró** por ser um vale, um lugar baixo, que tinha
238 igreja da matriz que foi demolida, uma das igrejas mais bonitas da região, mais bonita
239 ainda a nível das de Minas Novas, que hoje são conservadas, mas por interesse próprio
240 o padre Itamar(), o Padre Itamar influenciô as pessoas a demulir a igreja. Onde foi
241 demoli adobe das paredes, a largura ali do colégio Nazareth adobe do tamanho quase
242 dessa mesa. Quando quebrô o adobe, forçaram, ele falano que ia cair, forçaram a
243 demolição, ele convenceu o povo que ia cair, e o primero, e o prefeito da época , se
244 não me engano era seu Juscelino, quando caiu, quando quebrô os adobes, dentro tinha
245 feno, a técnica de escravidão na época, colocava feno, capim pra dá estrutura no
246 adobe pra ele não quebrá. Que hoje a gente não faz a coluna com o ferro?

247 P: Anham.

248 I: Eles colocavam esterco e feno, e gordura de baleia, né? Pra num dá infiltração.

249 P: Que legal!

250 I: E aí, **Badaró** por ser aquele lugar baixo, então, tinha, é, e o rio ainda, caudaloso, na
251 época, tinha muitos sobrados, o centro de **Badaró** era cheio sobrados, casa de dois
252 pavimento e, ou, e,e e o centro todo de pedra, tá até no registro, você pode pegá o
253 casarão ali como exemplo, né na foto, todo de pedra, eram lapas, cidade colonial
254 mesmo, a nível de Diamantina, Tiradentes, Ouro Preto, Lapa e as cidades, não tinha
255 cidades alta, a não ser a Igreja do Rosário, porque uma das, das intenções da igreja, as
256 igreja era, eram feitas em todos os lugares mais altos.

257 P: Era proposital?

258 I: Era proposital porque a igreja sempre se sentiu acima da população, tanto que o
259 Santuário era o ponto mais alto aqui. Hoje tem o que mais alto? O Mirante. Se ocê for
260 ali no, vai naquele asfalto sentid' **Virge da Lapa** e olha pra Araçuaí. O Santuário em
261 linha do horizonte é o ponto mais alto, a torre do Santuário. Hoje que tem o Mirante,

262 que é mais alto que o Santuário, mas nenhum outro bairro é mais alto que o Santuário.

263 Agora, também tá crescendo pra cá, né?

264 P: É.

265 I: Então aquele lugar lá, era alto, o resto tudo era embaixo. Então **Badaró** tem um
266 lugar baixo, tinha um mercado, é, é ruelas, né, becos, área de estreito é, é tudo de
267 pedra e casarão de dois, dois pavimentos, aí com uma evolução, com a mudança, foi,
268 tirô todo o calçamento, pôs bloquete hoje , mas os casarões foram demolidos, por que
269 era adobe, só sobrô aí a igreja da matriz é bonita, construiu duas após ela, uma é,
270 segunda igreja hoje é, só tem um sobradão, a casa dos meus avós também foi demolidid',
271 hoje tem um sobradão de dois pavimentos, a casa de Cleomar e e, uma casa que é ao
272 redor, que é a casa do seu Manoel Simões.

273 P: Lá é predominantemente é...católica, predomina o catolicismo?

274 I: Catolicismo.

275 P: Ainda é?

276 I: Ainda é e tem a festa de Nossa Senhora do Rosário. Então, com toda em, todo e
277 qualquer lugar que cê vai chegá, cê vai ter uma igreja evangélica, mas lá é
278 predominante é, é, da, da igreja católica. É tanto que lá, tem a, fez cento e setenta se
279 não me engano, cento e setenta e dois anos, é festa da irmandade dos homens pretos,
280 irmandades dos homens pretos do **Sucuriú**, que é a irmandade que honra Nossa
281 Senhora do Rosário, assim como Chapada e assim como Minas Novas.

282 P: Lá é mais velho que aqui ?

283 I: Não de emancipaçao, aqui tem cento e quarenta e nove anos de emancipaçao.

284 P: Isso.

285 I: Mas desde a vila, por que todo lugar começa se com uma vila, desde a vila, até cá
286 tem cento e setenta, então, é mais, possivelmente mais velho. Mais conta-se Saint-
287 Hilaire, que em mil oitocentos e dezesseis, ele rezô missa na casa de Luciana Teixeira.

288 P: Sim.

289 I: Então, bem provável que aqui, de vila é mais velho.

290 P: De vila é mais velho.

291 I: Porque ês conta emancipaçao né, emancipaçao não, emancipaçao lá tem é sessenta
292 e dois anos.

293 P: E é uma região de... em Francisco Badaró, é uma região que ainda existem animais
294 selvagens, plantas, árvores típicas lá da região ou já não existem mais?

295 I: Árvores, sim, animais selvagens não. É, é, é, tem registro que achô onça lá, uns cinco

296 anos atrás, mas são onças que veio da chapada, às vezes fugino de alguma depredação,
297 de uma degradação(())eucalipto, quemada, etc. Cinco anos tem um registro que
298 acharam uma onça lá. E a sucuri também, se hoje tem, disse que viram no **rio Setúbal**,
299 porque o **Sucuriú** deságua no **Setúbal**. Segundo eles, eles viram no **rio Setúbal**. Mas,
300 nunca mais, depois dessa história, nunca viram cobra nesse rio. Animais comuns, como
301 aves, tatu, tiú e tal. Agora, as árvores que predominam lá, ainda, porque desmatô
302 demais, até que o rio secô, o leito secô, eles desmataram muita nascente do córrego,
303 ainda acha muito é jacarandá, o ipê, que é a barriguda e o angico.

304 P: Ipê e barriguda é a mesma árvore ou não?

305 I: É da família, porque o ipê tem os ipê que ês confunde, a família dos jacarandá. É
306 tanto que tem um pau chamad' é... arco, (), que'le dá uma flô rosa, que de longe o
307 povo acha que é o ipê. O ipê, essa amarela agora que, que tá nasceno, é da família de
308 jacarandá, mas muita gente confunde ele com o acari, que é uma árvore amarela
309 também.

310 P: Ah.

311 I: Então, tem vários nomes. E a barriguda ela tem uma flor parecendo a do ipê, tip'uma
312 orquídea, que é aquela que faz o bojo, espinhento, barriguda mesmo, ela faz o bojão
313 assim.

314 P: O formato dela é de uma barriga?

315 I: De uma barriga, barriguda e... e tem essa flor parecendo uma orquídea, uma flor
316 branca, lilás. E lá ainda tem, essa região. Só que desmatô dimais. Então, é um lugar
317 hoje tá muito sec'.

318 P: E em relação a água, lá na região, ainda existem muitos córregos, rios, as pessoas têm
319 o hábito ainda de pescar, os rios ainda tem peixe?

320 I: Não, eu vou contá a experiência que eu tive, que eu vi, o rio correndo até a minha
321 adolescência mesmo, até os anos é, é, até os anos noventa e cinco, pra noventa e
322 quatro, que o rio corria, que eu ia pro meu pai também, é, é, a gente, tanto que na
323 época da páscoa, tinha o que, a quema de Judas, que é uma festa de lá, todo domingo
324 de páscoa e depois a gente ia po córrego, ia po rio tomá banho. É tanto que na roça
325 meu pai, no Encantado, o rio corria assim, caudaloso, tem foto de poço, a gente tomava
326 banho e tudo. Com o desmatamento da parte de cima, fazendo mangas, essas coisas,
327 tem a mudança climática, secô. Então, lá tinha muitos córregos, **córrego Água Limpa**,
328 **córrego da Passage**, é, é, o, o **Ribeirão**, **córrego Sec'**.

329 P: O Ribeirão é o nome de um Córrego?

330 I: De uma comunidade, mas também é o nome do, do rio que passa na comunidade,
331 chamada **Ribeirão de Areia**.

332 P: Não é do, do, do coral?

333 I: Tem um coral nessa comunidade, que G acompanha por Jenipapo também. Mas tem
334 a comunidade chamada **Ribeirão de Areia**, que tem o córrego Riberão. Esse córrego
335 Riberão nasce lá pra cima de **Jenipap'**, desce pro **Riberão**, desce pro **São João de**
336 **Quelé**, até caí em **São João** que cai no **Sucuriú**, que cai em **Setúbal**.

337 P: O maior espaço lá então é o Sucuriú?

338 I: É, porém tudo assoreado hoje, não tem nenhum com água. Todos, ninguém. A água
339 que o povo, não pratica nem a, nem a pesca, é tanto que lá, lugar de garimpo, que
340 qualquer um que chega lá e bateiar se tiver água, acha ouro ainda no rio, viu?

341 P: Sério.

342 I: É tanto que eu e meu irmão já achamos uma pena de ganso() mas secô. Então, se
343 você chegá no leito do rio, pegá o cascalho e pene'rar, cé acha... pequenas porções de
344 ouro, mas secô, num tem como, como é que cé bateia sem água? Cê não vai contratar
345 um caminhão de pipa pra ficá lá do lad' cé bateiando. Entendeu? Então não se, não se
346 tem a prática nem de garimpo, nem de, de pesca mais. Todos os córregos e os seus
347 afluentes, lá em **Badaró** secaram. A única água que tem, que eles têm acesso a água do
348 rio **Setúbal** o que tá suja depois da barragem de **Jenipap'** e a água do rio Araçuaí que
349 é lá pro lado de **Virge da Lapa**, **Vila São João** que é extremante de **Badaró** pra **Virge**
350 **da Lapa**.

351 P: E antigamente o pessoal se abastecia dessa água aqui?

352 I: Dessa água, e no quintal das casa era cheio de cisterna, porque o leito do rio até
353 hoje é cisterna. O leito do rio ainda tem profusão de água, no centro da cidade, na casa
354 dos meus avós, dos vizinhos lá, cada um tinha cisterna e poço artesiano, porque ainda
355 tem água.

356 P: Uhum.

357 I: Porém não com tanta profusão, igual antes, a cisterna chegava quase na boca, hoje
358 fica cinco metros pra baixo.

359 P: E as fazendas têm algumas lagoas particulares?

360 I: Não, não tem mais não. Lá tem os donos de sítio, né? Suas terrinhas.

361 P: Uhum.

362 I: E o povo também foi embora pra cidade, tanto que tem uma comunidade inteira que
363 acabô, as pessoas foram da comunidade ()

364 P: Ah é...

365 I: Tem comunidade chamada **Cruzero**, foram todas pra cidade, uma comunidade
366 chamada **Passagem**, sentido **Tocoiós**, se tiver lá deve ter duas famílias, porque as
367 outras famílias todas vieram pra cidade por falta de, de água lá nesse lugar. Então foi,
368 teve uma época de seca que todo mundo mudô,()casa na cidade, então tem
369 comunidade que acabô totalmente, as pessoas vieram tudo pra cidade. E, e tem as
370 rocinhas. Mais o que chamam de lagoa lá são as barraginhas, que só tem, que é as
371 barragens que tem apenas pra colocar água. Pra ter água, água de chuva e alguns põe
372 peixe, mais só pra mantê ali pra dar água pra animal.

373 P: E lá o que você acha um fato marcante pra... pra o município. Teve algum fato que
374 foi marcante pras pessoas do município, que trouxe beneficio, ou malefício?

375 I: Não, lá cidade, por ser uma cidade simples, o que marcou, que trouxe, foi to, todo um
376 processo, foi a água, se não me engano foi no ano de noventa e quatro que chegô a
377 água, que a água vinha das veredas de **Tocoiós**, onde foi desmatado, de poço artesiano.
378 Aí, a administração de noventa e quatro, conseguiu levá água de **Setúbal** pra **Badaró**.

379 Hoje a gente é abastecido com a água de **Setúbal**.

380 P: Hum.

381 I: Que ainda o povo tem esse receio porque a água é suja, né ? Fez a barrage, a água
382 não limpa, de jeito nenhum, vem de **Jenipap'**, mas a água vem, conseguiu, esse é um,.
383 um uma evolução. A outra evolução é, o asfalto, porque **Badaró** nunca teve indústria,
384 **Badaró** nunca teve um benefício de fora, as pessoas lá se ergueram. Então, as pessoas
385 ééé, com os benefícios, com projetos do Governo, as pessoas foram adquirindo bolsas,
386 né? Bolsas e benefícios aí. Essas bolsas fizeram com que as pessoas construissem. E é
387 na construção que gerô o que, casa de material de construção, entendeu? Então as
388 pessoas crescem lá mesmo, se desenvolvem lá. Lá não tem assim..., num tem uma
389 grande churrascaria, num tem shopping, num tem grandes lojas... a cidade cresce em
390 função dela mesma, num, num tem, só tem ótimas casas, porque as pessoas preferem
391 uma cozinha externa, um quintal maravilhoso, porque não tem onde gastá, não tem
392 onde sair, não tem bares grande, mas é uma cidade toda bem estruturada. ()É. Uma
393 cidade estruturada: tem o posto,né, os PSF, hospital, quadra de esporte, mas não é uma
394 cidade que tá crescendo, num recebe ninguém pra engrandecê a cidade. As pessoas
395 vivem de, de, de escolas, são a maioria são professores, né? Nas escolas ou
396 funcionando, perdão, ou funcionários da Prefeitura.

397 P: Unhum

398 I: *Então num tem uma empresa, manufaturamento, num tem uma, nada que vai fazê
399 chegá pessoas e aumentá a cidade, a cidade cresce por si, pra si só.*

400 P: E em relação a indígenas ou outros próprios tradicionais, ainda existem lá na região
401 de Badaró?

402 I: *Existem quilombolas, indígenas, não. Se tiveram indígenas, foram na época da
403 exploração do minério. Mas lá, é região de quilombola, que é nos entornos. Nós temos
404 Tocoiós de Minas, que dentro de Tocoiós tem a comunidade de Mocó, que é totalmente
405 quilombola, igual eu te falei, há uns uns três anos recebeu o título de quilombola,
406 então, pra ser mais beneficiado. E hoje tem a produção de de, fia, tem a associação das
407 tecelãs, então elas produzem peças, cobertores e peças de de, algodão, nós temos
408 Caititu, sentido, que é uma comunidade de Berilo, que é quilombola e, e é Roça
409 Grande, que tem a produção também.*

410 P: Roça Grande é um nome também?

411 I: *Roça Grande é o nome de uma comunidade, nós temos até aluno de lá, eles são
412 maravilhosos na produção de de pavio e peças, colchas, de, de algodão e exporta e da
413 Roça Grande ainda exporta. É um produto daqui, da produção de algodão.*

414 P: Que legal.

415 I: *Mas lá nós só temos mesmo é comunidade quilombola.*

416 P: Ah tá. E lá também sofreu com algumas dessas enchentes que devastou aqui em
417 Araçuaí?

418 I: *Sofreu, no ano vinte e nove mais ainda era, era vila, né? No ano de vinte e nove.
419 Mas no ano de setenta e nove, teve mais sofrimento. Porque como a população
420 aumentô, aí mãe, mãe me conta que eram quarenta dias chuvendo. Que eles tinham que
421 colhê feijão verde, por que senão ele apodrecia lá na roça e o, o,e o feijão verde
422 quando cozinhava, ele dirritia. Então, foi sofrimento, teve, muitas famílias vendê peças,
423 igual a minha mãe, meu pai ganhô ()no casamento, teve que vendê pá fazê, estocá
424 alimento. Então, lá, a, a primeira vez chegô um helicóptero ni Badaró na época, o
425 povo ficô assustado com aquela coisa que ninguém nunca tinha visto. Descendo com
426 cesta básica. Porque a enchente de setenta e nove, como foi no Vale Jequitinhonha
427 todo, devastou. Então Badaró entrô em caos mesmo.*

428 P: Ah. Tá.

429 I: *Muita casa de adobe também, né? Não tinha muita estrutura, então caía.*

430 P: Transporte lá terrestre só, né?

431 *I: Terrestre, só no ano de dois mil e seis que foi inaugurá o asfalto, até dois mil e de*
432 *dois mil e quatro pra dois mil e seis, foi o processo da, de, de, de, da feitura do asfalto*
433 *praqui a vida inteira foi istrada de terra, tanto que registra-se muito nascimento no*
434 *meio do caminho, que istrada de terra era ni chuva, aí o carro, a ambulância atolava,*
435 *né nem ambulância, os carros atolavam e aí a pessoa tinha que ganhá a criança no*
436 *meio da estrada.*

437 P: Nossa! E se fosse pra resumir o seu sentimento de pertencimento a região do vale e a
438 região de Badaró, da dessa região aqui do médio Jequitinhonha. Se você tem vontade de
439 um dia sair do vale, por que sim ou por que não?

440 *I: Ó, o sentimento é de total amor pelo Vale, não quero sair, sabe? E eu trago aquela*
441 *frase, né? Eu não escolhi nascer no Vale, eu tive a honra de nascer no Vale, porque*
442 *não quero sair, eu amo estar aqui e, e sair de nossa terra, pra ser só mais um fora, cê*
443 *perde o poder de falá sobre. Se ocê vai protegê seu lugar, cê tem que tá aqui pra*
444 *protegê. Eu, não adianta eu ir pra Belo Horizonte, pra cidade grande falá do Vale do*
445 *Jequitinhonha lá. Pra, pro povo vai ser só mais um lugar distante. Então, enquanto eu*
446 *tiver aqui, eu vou tentá escrevê pra quebrá esse estigma de miserabilidade que*
447 *sempre foi imposto, né? Não que não houve, mas não é da forma como eles apresenta,*
448 *nos apresentam. Então, assim, eu tenho total amor, tenho honra, não tenho vergonha de*
449 *falá, é tanto que no meu mestrado, quando eu fui, a gente sofre um pouquinho com esse*
450 *preconceito, né, da nossa maneira de falá meia abaianada, nosso vocabulário, nossa*
451 *tonalidade, é mais aberto, né? És vai e fala mais fechado, mais assim, sempre que eu*
452 *posso, eu estou tentando escrevê, já estô no meu segundo livro, escrevendo, éé, O Vale*
453 *do Jequitinhonha, e quero ainda escrevê mais, mais sempre que eu pudé falá, eu vou*
454 *falá do povo do Jequitinhonha, dessa região. Então, assim, além de orgulho, eu tenho*
455 *amor pela, pelo lugar, viu? Não tenho vergonha não.*

456 P: Muito bom, EC, muito obrigada pela disponibilidade, pela contribuição.

ENTREVISTA: 013ITIJCM45

Dados do Informante

Informante 013, 45 anos, masculino, ensino superior completo, solteiro, natural do município de Itinga.

Dados da Entrevista

Data:	Duração:	Local:
21/09/2020	34min e 58segundos	Residência do Informante

Legenda: P=pesquisadora I= informante

TRANSCRIÇÃO ORTOGRÁFICA

- 1 P: Então, boa tarde. É, boa tarde, J. JP não é seu nome, né?
- 2 I: *Não, JCSP.*
- 3 P: Mas é conhecido como JP, né?
- 4 I: *Como JP, isso.*
- 5 P: Aí eu só peço depois que você rubrique pra mim o termo e vamos começar então a
- 6 nossa conversa. Onde é que você nasceu?
- 7 I: *Eu nasci aqui em Itinga mesmo, nasci na, na, no mesmo lugar.*
- 8 P: Ah, tá. E quanto tempo você reside aqui?
- 9 I: *Há quarenta e cinco anos, né, desde quando eu nasci.*
- 10 P: Nunca morou em outro lugar?
- 11 I: *Já morei, já morei em Belorizonte por quatro anos.*
- 12 P: Ah, tá. E seus pais?
- 13 I: *Meu pai é, é de comunidade quilombola, eu sou quilombola, né? Meu pai é da*
- 14 *comunidade quilombola de Jenipapo zona rural daqui de Itinga e minha mãe é da*
- 15 *comunidade do Frade, né? Na mesma região do Jenipapo, aí os dois vieram pra cá*
- 16 *quando casaram, vieram pra cá morá aqui na cidade.*
- 17 P: Ah, tá. É porque tem Jenipapo essa comunidade, e tem o outro Jenipapo município,
- 18 não é isso?
- 19 I: *É, tem o Jenipapo município e ni Itinga tem o grande, a grande comunidade do*
- 20 *Jenipapo dividido pelas pessoas em três jenipapos: Jenipapo I, II e III. Que é o*
- 21 *Jenipap' Pinto, onde que originou, que é onde que me, meu, meu avô criô a*
- 22 *comunidade, né, no início do século XIX e aí depois fui aumentado as famílias e foi*
- 23 *formano outros jenipapo: Jenipapo II e Jenipapo III.*
- 24 P: E aqui existem muitas comunidades quilombolas?

25 I: Existem várias, certificadas só a nossa, **Jenipap' Pinto** né, e tem outra em processo
26 que é a dos **Hermógis**.

27 P: Como é que é?

28 I: **Hermóginis**.

29 P: Nossa! Diferente o nome.

30 I: Que é do... do... cara, né? Do patriarca.

31 P: Hum, tá. E você estudou aqui em Itinga?

32 I: Eu fui pra Belorizonte pra estudá, fiz cursin lá em Belorizonte, tentei UFMG umas
33 duas vezes não consegui, voltei pra trabalhá e depois consegui uma bolsa PROUNI,
34 estudei em Medina, fiz História em Medina pela Unopar e fiz especialização em
35 Filosofia pelo Instituto Federal, né, CEAD né?

36 P: Olha que legal. E quando era... na sua infância, como foi a sua infância, é aqui na
37 sede mesmo, né? Como foi sua infância, onde vocês brincavam, o que faziam?

38 I: Então, a infância foi infância normal de minino de interior, né? A gente explorava
39 tudo, né? Não só a cidade, mas os redores da cidade. Como eu sempre gostei muito
40 de mato, dessas coisas, na roça né? A gente tinha um local específico que a gente
41 brincava, chamado de ()Monte Azul, que é um espaço, hoje é dentro da cidade,
42 naquela época era afastado da cidade, né? A gente brincava mais assim, né?
43 Brincaderas mãe da lua, bola, brincá de espada, né? É, fazia carrim de pau pra pegá
44 na cebolinha, mês de setembro, época das chuvas, né.

45 P: Verdade.

46 I: Então assim, banhá na bica da, da igreja na época, na época de chuva, fazia carrim
47 de rolimã, né, então essa infância bem típica mesmo de minino de interior.

48 P: Essa cebolinha que é bem típica daqui, tem algum lugar com esse nome?

49 I: Não, tem não, o nome não, mas a cebolinha é muito típica dessa região nossa, né?

50 P: Sim, a gente vê agora, tá quase chegando a época, não é? De ficar tudo, né?

51 I: Justamente, nas primeiras chuvas, né, de setembro, outubro, na primeira chuva
52 mesm', ela nasce, fica tudo branquim.

53 P: E a adolescência tem algum lugar importante, alguma comunidade que as pessoas
54 tenham hábito de se reunir, ir pra um forró, pra uma reza?

55 I: **Itinga** tem uma tradição nas comunidades rurais, assim, **Itinga** tem muitas festas
56 rurais né, porque cada cidade que tem um padroeiro tem-se uma festa, lá no **Corrent'**
57 tem uma festa de São Sebastião, lá de **Jenipapo** é São João com homenagem a meu
58 avô, ééé, na... tem muitas de Nossa Senhora Aparecida, tem a festa da Santa Cruz, que é

59 uma das, muitas, da região (), que é lá no, no, no **Pasmado**, né. Então assim têm
60 várias festa muito de cunho religioso. Então, a gente ia muito nessas festas, né? Na
61 adolescência, ondê que tinha um forró a gente ia.

62 P: Então, é uma, é uma região predominantemente católica.

63 I: *Predominantemente católica.*

64 P: Aqui também tem padroeiro?

65 I: *Tem, o padroeiro aqui é Santo Antônio.*

66 P: É igual Araçuaí?

67 I: *É, Santo Antônio. Só que o nosso Santo Antônio vei primero que Araçuaí, né? Porque é assim, Itinga é mais velha que Araçuaí de fundação, mas Araçuaí emancipô primeiro que Itinga, a igreja de Itinga é de 1841, então desde 1841 que Santo Antônio é padroero de Itinga.*

71 P: E quem foram os primeiros habitantes, JP?

72 I: *Pois é, então em 1500 tem a expedição Souza Navarro, né, que vem da Bahia até o rio Araçuaí, né, logo pra fazê mapeamento do rio, mapeou até hoje o rio Araçuaí, aqui na Barra do Pontal, aí com isso, alguns colonos, algumas pessoas ficaram. Só que ês ficaram nessa região de Itinga na beira do rio de Itinga, no rio Itinga com o rio Jequitinhonha e aí colonizaram, começaram a colonizá aí mais ou menos nessa época. E aí depois vieram () em mil oitocentos e cinco vei uma expedição pá pá criá os ouriferos nessa região. E aí aqui ni Itinga foi um dos, um dos quartéis da 7ª divisão militar e Itinga foi um dos quartéis, o quartel da Água Branca.*

80 P: Ah.

81 I: *Que a 2ª divisão era em Jequitinhonha né? Aí tem o quartel de vigia que é Almenara, o quartel de Jequitinhonha, o quartel de Itinga e o quartel de Salto da Divisa. A Itinga nasceu de um quartel e aí depois foi que a cidade nasceu.*

84 P: Que interessante, eu não sabia que aqui era mais velho que Araçuaí.

85 I: *Itinga, Itinga, o documento, o primeiro documento oficial de Itinga é em 1805, mais ééé... o documento mais antigo, mais os colonos chegaram antes disso, né? O documento oficial da Santo Antônio da Barra, da Barra do Rio Itinga é de 1805.*

88 P: E passaram, tem relatos de portugueses aqui na região, muitos portugueses?

89 I: *Sim, tem muitos relatos de portugueses.*

90 P: Porque lá tem uma comunidade que tem o nome que é o mesmo nome que tem em Portugal, né?

92 I: *Sim.*

- 93 P: Lá em ...Setúbal.
- 94 I: Isso, **Itinga**, **Itinga** teve uma, uma grande influência dos portugueses na região do,
95 do **Jenipap'**.
- 96 P: Ah tá.
- 97 I: Algumas famílias portuguesas que vieram pro **Jenipapo**, na região de **Jenipapo**.
- 98 P: E as pessoas daqui normalmente vão pra trabalhar... qual que é a principal fonte de
99 renda?
- 100 I: **Itinga** sempre teve, a fonte de renda de **Itinga** é a agricultura de subsistência, a
101 agricultura hoje, chamada de agricultura familiar, né, sempre foi a renda, mais a
102 maioria, **Itinga**, **Itinga** é tipicamente rural, isso tá mudado agora dela ser urbana né. A
103 população de **Itinga** se eu não me engano até mais ou menos em 2005, 2006 era 60,
104 mais de 60% era rural, né, então e na questão de urbana foi sempre a questão do
105 serviços, os serviços normais de venda, né, comércio e a Prefeitura. Sempre foi, nunca
106 teve empresa, aliás, isso pegano na atualidade, **Itinga** já foi muito industrializada.
- 107 P: Já teve indústria aqui?
- 108 I: **Itinga** já teve fábrica de, a segunda fábrica de tecido do **Vale do Jequitinhonha** foi
109 aqui ni **Itinga**, é **Itinga** já teve fábrica de manteiga, fábrica de açúcar, fábrica de
110 produção de ferro, ééé, fábrica de tinta.
- 111 P: Gente.
- 112 I: Já teve dois cinemas.
- 113 P: Olha...
- 114 I: É. Mas só que isso foi tudo se perdeno porque tudo dependia... O que que acontece?
115 É, **Itinga** foi fundada antes de **Araçuaí** só que **Itinga** não tinha um poder político, as
116 famílias que vieram, tradicionais vieram pra **Araçuaí**, Chalub, aquelas, todas as
117 famílias tradicionais e eles tinham um poder político. Aí **Itinga** na época, picisava ter:
118 uma igreja, que picisava ter um quar, picisava ter um cemitério e um quartel pra virá
119 cidade. E eles não quiseram fazê isso em **Itinga**, eles quiseram fazê isso em **Araçuaí**. Aí
120 aí eles construíram tudo isso lá, por isso que **Araçuaí** emancipô antes de **Itinga**. Tanto é
121 que **Itinga** se você olhar () de **Araçuaí** na década 1919 na câmara cê vai vê: quem
122 sustenta **Araçuaí** é **Itinga**, é o distrito, o distrito arrecada mais do que a sede.
- 123 P: Itinga já pertenceu só Araçuaí?
- 124 I: Não, **Itinga** pertenceu a Mariana, a Diamantina e depois a Minas Novas, depois
125 **Araçuaí**. Primero pertencia a Mariana, comarca de Mariana, primero Serro né, que

126 era a comarca de tudo aqui, que **Itinga** já tinha moradores, né, mas considera mesmo,
127 pertenceu mesmo a Mariana.

128 P: Ah, tá. E você lembra como que era aqui antigamente, em relação à infraestrutura?

129 I: Lembro, algumas coisa lembro, né? Assim, é, acho que por ser tudo, muito precário,
130 no sentido de... vamos dizê assim de obras públicas, né. Sempre foi muito, o hospital
131 mesmo teve um postin, era muito, era só um posto que tinha de atendimento, né? Não
132 tinha grandes supermercados é, mais era as vendas tradicionais, na década de 80.
133 **Itinga** sofreu muito com a questão do rio né, e isso atrapalhou muito o desenvolvimento
134 de **Itinga**, a falta da ponte, né? Atrapalhou muito o desenvolvimento de **Itinga**, então
135 **Itinga** não tinha essa estrutura tão grandiosa, né? Ela tinha uma estrutura da época
136 colonial ainda, **Itinga** ficou seno colonial, as casas de construção colonial até, isso tá
137 mudado agora. Isso é uma mudança de quinze anos, vinte anos pra cá, cê anda nas
138 ruas de **Itinga** era muitas aquelas casas da praça principal, cê não via prédios, era
139 toda casa no estilo colonial minero mesmo, até o finalzim da década de 90, 80, 90.

140 P: E pra passar pro lado de lá tinha dificuldade, né?

141 I: Tinha dificuldade porque atravessava na ponte né ou então nas canoas, né. Então,
142 tudo pra chegá aqui era mais difícil, né, antes da ponte. Então por isso a estrutura não
143 era essa, essa grande estrutura, né?

144 P: Então, cê pode dizer que a construção da ponte foi uma, é algo marcante para o
145 município?

146 I: É algo marcante, com certeza, a ponte ela tem um papel fundamental, ela tem um
147 papel econômico, um papel histórico.

148 P: Que ano que foi construída, JP?

149 I: 2004.

150 P: Ah, é recente.

151 I: É recente, tinha até rivalidade, tinha rivalidade de um bairro dum lado com
152 outro, né, rivalidade seríssima, não é rivalidade só de, a rivalidade de trocá tiro, o
153 pessoal do bairro de cá, quando o pessoal daqui ia pra lá brigava, tem história do capa
154 jegue, capa bode né, então assim tinha essa rivalidade muito séria.

155 P: E as pessoas aqui também são é ligadas ao artesanato, ao trabalho artesanal?

156 I: **Itinga** é uma cidade cultural, né? **Itinga** respira cultura, então aí o artesanato é sem
157 dúvida nenhuma, acho que é o maior marca de **Itinga**, **Itinga** tem duas comunidades
158 que vive praticamente de artesanato, né? Que é o **Pasmado** e os **Campinhos**, né?

159 P: Campinhos?

- 160 I: É, **Campinhos** também vive do artesanato também.
- 161 P: De barro também?
- 162 I: Do artesanato de barro, é. Então assim, fora na cidade, né? Tem vários artesão: tem
163 o *Ulisses, Ulisses Mendes*, que é reconhecido aí, nacionalmente, né? E tem outros,
164 outras, os outros artesãos também que produz, então assim, apesar de ter outras formas
165 de manifestações né, *Folias de Reis*, ééé, corais, né, mas o artesanato, é sem dúvida, a
166 maior marca de **Itinga**.
- 167 P: Ah, que legal. E aqui na região, teve ou tem animais selvagens, plantas típicas que
168 você conhece?
- 169 I: **Itinga** tem né. Hoje tem, aqui na zona rural encontra muito animal selvagem ainda
170 né, como a onça, né?
- 171 P: Ainda acha aqui?
- 172 I: Acha, **Itinga** tem. A região de **Água Fria**, na região do **Maitá**, cê ainda acha onça.
173 Inclusive nós temos uma, na Água Fria uma região que chama toca, **Toca da Onça**. É
174 ondé que, que, que 'la fica.
- 175 P: Humaitá ()?
- 176 I: **Humaitá** significa, pra nós aqui pedra negra, ou né? Pedra negra, pedra, pedra
177 preta.
- 178 P: Lá tem muitas?
- 179 I: Na verdade é uma montanha qui tem atrás dela que é bem escura lá no **Humaitá**,
180 então o nome é por causa dessa pedra, é pedra negra e aí pra nós aqui sempre foi
181 indígena não sei se é eu nunca estudei a fundo o nome porque geralmente o ITA vem
182 antes né, como vem na frente.
- 183 P: Sim.
- 184 I: Porque se eu não me engano acho que ni alguns lugares tem essa explicação que,
185 uma explicação...
- 186 P: Ita é pedra né: Itaramandiba...
- 187 I: Só que é conhecido também como pedra negra aqui ni **Itinga** também, por causa
188 duma pedra negra, ondé que fica justamente numa das tocas das construções rupestres,
189 **Itinga** tem 8 cavernas de construções rupestres.
- 190 P: Ah eu acho que E fez um trabalho por aqui.
- 191 I: Sim, justamente. **Itinga** tem 8 cavernas catalogadas. Nós catalogamos, na época, 8,
192 mais a gente acredita que tenha mais.
- 193 P: Que legal.

- 194 I: *E uma dessas cavernas fica nessa montanha.*
195 P: E indígenas ainda existem por aqui?
196 I: *Não, aqui ni **Itinga** não, na região de **Itinga** não tem mais não.*
197 P: Mas só os quilombolas então.
198 I: *Só os quilombolas, os indígenas não têm mais não, na região nossa não, aqui ni **Itinga** não, tem só os vestígios, né?*
199
200 P: Mas indígenas aqui foram os mesmos da região de Araçuaí?
201 I: *Itinga foram os boruns, os botocudos. **Itinga** não teve, **Itinga** não teve outra etnia*
202 *não, **Itinga** só teve, no início, os boruns.*
203 P: Aqui tem muito nome de origem indígena, né?
204 I: *Tem, tem muitos nomes. Tem vários nomes, **Itinga** né, é de origem indígena.*
205 P: Água Branca, né?
206 I: *Água Branca, né, tem os.... sabê se eu vô lembra (risos), mas tem vários nomes*
207 *índigenas.*
208 P: E como é a questão da água aqui na região?
209 I: *Pois é, **Itinga** ainda é um dos poucos municípios do Vale do Jequitinhonha*
210 *privilegiado com água, apesar de ter um contraste né? As que estão do outro lado do*
211 *rio, que é explicado por causa das montanhas né, a escassez de água é maior, é, mais*
212 *quem tá desse lado de cá tem, tem uma oferta de água muito maior, né.*
213 P: A s pessoas daqui têm água encanada?
214 I: *Na cidade tem.*
215 P: Mas já... quando não tinha, como que{ }?
216 I: *Quando não tinha cê tinha que pegá no rio, no rio Jequitinhonha.*
217 P: Rio Jequitinhonha?
218 I: *É, as pessoas pegavam água lá.*
219 P: É o rio que tem mais água, né?
220 I: *O rio que corta a cidade é, aí pegava água no rio Jequitinhonha antes.*
221 P: Esses córregos { }.
222 I: *Aí **Itinga** pegava água no rio Jequitinhonha e pegava também no córrego que*
223 *descia, que ele nem existe hoje mais, tinha um córrego que descia, também na cidade*
224 *né e que sobrava água nesse córrego também, nem sei o nome dele mais, desse córrego.*
225 P: Ah tá, hoje nem tem água mais.
226 I: *Não tem mais não.*
227 P: Então existem muitos córregos secos aqui hoje?

228 I: Tem, igual quando eu fiz meu livro sobre **Itinga**, em 2008, eu cataloguei... se não me
229 engano foram 15 córregos só aqui ni **Itinga**, aí desses acho que 7 são perenes... e os
230 outros não são perenes.

231 P: E você acha que, além da falta de chuvas, a seca desses córregos e rios tem a ver com
232 as construções e com as povoações nas beiradas { }.

233 I: Sim, a desmatação né, a mata ciliar, tanto é que assim, algumas comunidades têm
234 tentado recuperá algumas dessas mata ciliar pra podê recuperá os córregos né, a
235 destruição da mata ciliar com certeza. É que causô todo essa ()porque se cê olhá
236 todos os córregos(), todos eles eram perenes, tanto é que as essas comunidades
237 nascem ao redor, perto deles por causa d'água , as comunidades são construídas perto,
238 justamente por causa da água, né?

239 P: Tem um rio que passa aqui pertinho além do Jequitinhonha ou não?

240 I: Não, só tem o **rio Itinga** né.

241 P: Tem água também?

242 I: Não, hoje não é mais perene não, mas na chuva ele corre muito

243 P: Ah tá.

244 I: Ma não é mais, mas as famílias vivem deles ainda, as famílias que moram ao, no, né,
245 na, na, nele ondê que le passa sobrevive da água dele e subsolo dele, que ele faz as
246 cacimbas né e tira água de dentro do subsolo.

247 P: Aqui ainda tem muito uso de cacimba?

248 I: Nessa região da **Itinguinha** tem, ondê que tá o rio, o **rio Itinga**, aí nessa região tem,
249 mas nas outras regiões nem tanto, cê vai vê só naquelas regiões mais secas né.

250 P: Aham.

251 I: Que é pro lado do, que é do **Córrego Novo**, ééé **Camp' Quemad'né**, que é uma
252 região bem seca.

253 P: É uma comunidade rural?

254 I: Comunidade rural, nessas aí cê ainda vai encontrá muita cacimba ainda, muito poço
255 artesiano, intendeu?.

256 P: Ah tá.

257 I: Então os lugares mais secos de **Itinga** é essa região aí, sentido Taobim, né? Pro lado
258 de lá.

259 P: E daqui pra ir pra Itira.. vocês têm muito contato com Itira?

260 I: Temos as comunidades rurais, as comunidades quilombolas, por causa do pessoal de
261 **Santana**, né, dos Baís que a descendência dos, da minha família vem de lá também, a

262 minha vó era Baú, aí então assim, as comunidades rurais tem muita ligação com **Itira**,
263 nós aqui da sede até não tem muita não, mas as comunidades igual **Jenipapo**, o pessoal
264 do **Areão**, o pessoal do **Capulin'**, eles têm muita ligação lá com **Itira**.

265 P: Ah, tá. E seus parentes... hoje as brincadeiras são semelhantes às da sua época ou
266 hoje são outras brincadeiras?

267 I: *Não. Hoje são outras brincade'ra, sem dúvida nenhuma, hoje a brincade'ra é só*
268 *celular, não é mais uma brincade'ra não.*

269 P: Não toma banho em rio, essas coisas...

270 I: *Não, não, é raridade cêvê alguém no rio, eu acho que eu sou um dos únicos que vai*
271 *no rio quase toda semana tomá banho (risos).*

272 P: E você conhece bem a parte rural de Itinga?

273 I: *Conheço todas as comunidades. Eu conheço **Itinga**, todas as comunidades eu já fui ni*
274 *todas.*

275 P: Qual que é a mais movimentada?

276 I: *Em termos de movimento acho que é a de **Jenipap'**, a do **Jacaré** né, que são, a do*
277 ***Pasmado**, da **Ponte do Pasmado**, né, **Taquaral** que é o distrito também né, e a região lá*
278 *de, do **Pasmado**, que o **Pasmad'** ele é()... **Pasmadin**. **Itinga** tem vários **Pasmado**, mais*
279 *ou menos 4 **Pasmado**.*

280 P: Aqui tem muito isso em Itinga, repetir os nomes, né?

281 I: *É, **Itinga** tem **Pasmado**, () tem **Pasmado**, tem **Pont' do Pasmad'**, **Pasmad'***
282 ***Impedrad'** e **Pasmadin**.*

283 P: Como você falou de Jenipapo e Água Fria tem vários nomes que se repetem.

284 I: *Justamente, tem **Água Fria dos Lobat'**, Tem **Água Fria Fábrica**. Então tem vários.*

285 P: Interessante. E esse Pasmado você sabe por quê?

286 I: *Sei, éé, antigamente dava muito estrondos que hoje a gente sabe o que que é, estava*
287 *explorando então o minero, a terra tremia e as pessoas falavam que ficavam, que*
288 *ficavam pasmadas, então ficava com medo, né, aí elas ficavam pasmados, então o nome*
289 ***Pasmado** é por isso, que tava nessa região ela dava muito estrondo nessa região e aí o*
290 *pessoal mais velho falava que eles ficava pasmados, e aí a palavra pegô.*

291 P: Olha que legal. E Jacaré?

292 I: ***Jacaré** é por causa que tinha uma lagoa né, que tinha muito jacaré, os trope'ros*
293 *quando vinham de... São Francisco, Montes Claros, **Itinga** era o entreporto comercial,*
294 *() então **Itinga** era o entreporto, eles vinham por, por dentro né, por Rubelita, subia*
295 *pro **Jacaré** e descia. Então lá aonde quês tava tinha uma lagoa e essa lagoa tinha muito*

- 296 *jacaré e era o ponto onde quês paravam aí ês colocaram o nome, ficô cunhicido como*
297 **Jacaré.**
- 298 P: Só tem esse distrito?
- 299 *I: Itinga tem dois distrito que é o Jacaré e Taquaral.*
- 300 P: Ah tá, Taquaral { }.
- 301 *I: Tinha 3 né, Ponto dos Volantes também era depois emancipô.*
- 302 P: Pontos dos Volantes pertencia a Itinga?
- 303 *I: Pertencia a Itinga. Itinga, antes de Pontos dos Volantes emancipá era o terce'ro*
304 *município em extensão de Minas Gerais().*
- 305 P: Sério?
- 306 *I: Itinga fazia divisa com Teoflotoni,(risos).*
- 307 P: Então foi falta de incentivo, força política mesmo...Aqui tem quantos habitantes hoje,
308 JP?
- 309 *I: Hoje Itinga tá com 15.670 se eu não me engano.*
- 310 P: Olha, é grande.
- 311 *I: É, 15.670.*
- 312 P: E aqui tem muitas fazendas? As pessoas ainda trabalham em fazendas?
- 313 *I: Ainda tem, não tanto quanto antigamente né. { } Como eu te falei que o pessoal*
314 *migrô muito pra, pra cidade. Então assim a gente, então a gente não tem tanto*
315 *trabalhador rural assim, muitos empregados rurais não, têm as famílias próprias que*
316 *mantêm as terras deles, né, mas igual era antigamente, aquele negócio de...*
- 317 P: Agregados.
- 318 *I: Agregados hoje praticamente é, quase que inexistente hoje.*
- 319 P: Você já falou do fato marcante aqui para o município, que foi essa construção da
320 ponte, né, é um marco.
- 321 *I: É um marco, com certeza. Tem vários outros, mas eu acho que a ponte é um grande*
322 *marco.*
- 323 P: Sobre indígenas você já falou que não existem né, que hoje não existem mais,
324 existem os quilombolas. E sobre as enchentes que causaram muitos danos para aqui,
325 Araçuaí e outros lugares, aqui também você tem relato?
- 326 *I: Itinga teve vários, várias enchentes, maior enchente da região né. Teve a enchente de*
327 *1808, logo depois da gripe espanhola, né?*
- 328 P: 1808?

329 I: É. Aí depois, em 1808 teve uma, aí em 1818, 1819 vai ter outra (), em 1819 tem
330 outra enchente e **Itinga** tem uma outra pior também que arrasô mais **Itinga** que foi em
331 1924, que é quando destruiu a fábrica de tecido. **Itinga** foi destruída a parte da zona
332 rural de **Itinga**.

333 P: Essa fábrica era de pessoas daqui ou não?

334 I: Daqui, a companhia era da família Murta e a família Pereira, que criô na época, era
335 Cia & Murta fábrica de tecido.

336 P: E dava muito emprego, né?

337 I: Muitos empregos, muitos empregos. E aí a famosa de 79 né, que a de 79 aí.

338 P: Araçuaí fala da de 29 e depois a de 79.

339 I: É, tem de 29 também. Foi 24, 29 aí depois vem a fome né, durante 10 anos, que é a
340 fome de 32 que eles falam, então foram 10 anos sem chuva.

341 P: Ficou 10 anos sem chover?

342 I: Sem chuvê, e o pessoal passou fome literalmente.

343 P: Sério?

344 I: 10 anos, de 1932 a 1942 sem caí uma gota de água.

345 P: Meu Deus!

346 I: A fome de 32. ()

347 P: A região inteira?

348 I: Região Inteira, regional, uma e outra cidade que deu uma chuvinha, mais foi
349 regional... aí depois veio a grande enchente de 79, que essa daí, destruiu tudo mesmo.

350 P: Nossa! E sobre religião, é predominantemente católica, você também é católico?

351 I: Eu sou católico.

352 P: Então aqui tem muitos nomes de santos?

353 I: Muitos, **Itinga** é predominantemente católica, a primeira igreja, tanto que a primeira
354 igreja, não vô lembra de cabeça que a gente esquece, a primeira igreja evangélica que
355 vei pra **Itinga** foi na década de 70 indo pra década de 80.

356 P: É por causa também da questão de catequizar, né ?

357 I: Sim, sim., é.

358 P: Na região de Araçuaí ainda existem muitos descendentes indígenas, muitos.

359 I: Nô, se tem.

360 P: Eu achei que aqui também tivesse.

361 I: Não, não tem, os de, é, descendentes diretos não.

362 P: É porque assim: se aqui tem muito artesanato e em Araçuaí, quando a gente vai
363 chegando em Lelivéldia pra lá não tem, ninguém fala de artesanato, eu acho muito
364 próximo os locais para ter esta mudança de cultura

365 I: *Mais o Vale do Jequitinhonha tem disso, né, essas divisões, por exemplo, você pega*
366 *a festa de Nossa Senhora do Rusaro, elas vem só até Araçuaí, cê num vai tê festa de*
367 *Nossa Senhora, isso depende muito do contexto histórico, né, o tipo de escravidão que*
368 *foi feito na região, né, o tipo de colonização que foi feito, algumas coisas é marcada*
369 *por isso.*

370 P: Ah, tá.

371 I: *Cê entendeu? A festa do Rusaro, por exemplo, a festa do Rusaro só vem só até*
372 *Araçuaí, de Araçuaí pra cá cê num tem festa do Rusaro né, cê vai tê, já vai tê as festas*
373 *mais profanas, Itinga tem o que? Tinha o boi hoje não tem mais, o boi de janeiro, de*
374 *Jequitinhonha, Almenara, Itaobim vai tê boi de Jane'ro intendeu? Então vai muita da*
375 *forma que foi esse período colonial, né, é o que demarca o Vale do Jequitinhonha.*
376 *Porque até Araçuaí era região mineradora e a maioria dos escravos que vieram da*
377 *região mineradora era reis e rainhas, tendeu? A nossa aqui não, a nossa já era*
378 *canavial, antiga, vieram primeiras, eram antigas, tendeu.*

379 P: Por isso que é bom conversar com Historiador, viu!

380 I: *Tem esse contexto, né? (risos).*

381 P: Você acha que sabe e não sabe nada (risos).

382 I: *O contexto histórico, na verdade, ele define, ele delimita o Vale do Jequitinhonha.*
383 *O contexto da colonização delimita o Vale do Jequitinhonha.*

384 P: Nossa.

385 I: *Até sobre as famílias, repara procê vê, ondê que tem as famílias mais tradicionais*
386 *que vieram da parte Oriental, C, esse pessoal, foram pra Almenara, Araçuaí, é, a*
387 *evolução dessas cidades é muito maior, ondê que, ondê que os comerciantes vieram,*
388 *dessas famílias.*

389 P: Ah, entendi.

390 I: *Isso é nítido aqui no Vale de Jequitinhonha, aonde essas famílias chegaram o*
391 *comércio prospera até hoje.*

392 P: E meios de transporte, hoje usa carro, moto, tudo, mas...

393 I: *Itinga usava antigamente, tinha a, cumé que é o nome, a, a jardinéra, jardinéra?*
394 *Jardinéra, que é um car' tipo aquê ônibus americano?*

395 P: Tipo um Van maior?

396 I: É tipo um Van maior, (risos) então tinha aquela jardinêra, tinha ela que fazia a linha
397 de **Itinga** a Araçuaí, era o transporte que tinha, ia pela estrada, né?
398 P: Ia atravessando.
399 I: Atravessava na, pont' na, na balsa puxada por braços de homens mesm'.
400 P: Ah é?
401 I: É, é tanto eu eles tinha, os, os braceiros eles tinham uma marca no peito, todos eles
402 ,é, era por causa do remo pra força prá levá a balsa.
403 P: Uma pessoa por vez?
404 I: Levava até três carros por vez. No braç'.
405 P: No braço?
406 I: No braço, dois barquero.
407 P: Gente!
408 I: Dois barquero, isso durante 11, e isso quando o rio secava aqui em cima, a barca
409 tinha que descê pra um quilometro lá em baixo.
410 P: Ah tá.
411 I: Que a gente chama de paredão.
412 P: É uma comunidade?
413 I: Não, é, é um, acho que num morava ninguém lá na época não, hoje já tem umas
414 casas lá, uns sítios, né? Na época num morava ninguém não, aí é lá que os carros
415 tinham que descê pra lá pra podê atravessá , na época da seca do rio Jequitinhonha.
416 E o transporte de canoa, né.
417 P: Aham. E aqui também tinha os tropeiros? Tem feira aqui ainda?
418 I: Tem a feira, num tem mais os tropéros, né? Os tropéros pararam de vir, o pessoal vem
419 de carro, carro de leite, essas coisas, mais antigamente tinha. **Itinga** foi praticamente
420 fundada por tropeiros, que **Itinga**, igual eu te falei, era entreporto comercial, então
421 tudo era feito pelos tropeiros, tudo, tudo, tudo. As tropas vinham, paravam aqui e
422 pegava as canoas, **Itinga** tinha frotas de canoas, antigamente.
423 P: E aí depois que surgiu Araçuaí, começaram ir pra lá pra vender as coisas ou não?
424 I: Aí depois o entreporto, depois que **Araçuaí** começou a desenvolvê o porto começô
425 ser, ser ni **Araçuaí**, eles mudaram a rota, invêz de, de vim por aqui, eles começaram a
426 vim por **Itaporé**, **Coronel Murta**.
427 P: Ah!
428 I: E **Araçuaí** vira, passô a virá o porto, aí o porto de **Itinga** diminui, né, a fluênci
429 a como porto de **Itinga**, depois da emancipaçao (de Itinga), de **Araçuaí**.

430 P: Ah, tá.

431 I: Pra **Itinga** a emancipação de Araçuaí foi a decadência de **Itinga**.

432 P: Verdade.

433 I: É.

434 P: Mas o pessoal daqui ainda vai lá vender na feira de lá ou não? Já tem a feira própria
435 daqui também?{ }

436 I: *Itinga tem a feira dela, mas muita gente vai pra Araçuaí também. Araçuaí, o*
437 *comercio de Araçuaí não é feito só pra Araçuaí né, é um comércio que foi feito pra*
438 *toda região né, a região toda vai pra Araçuaí, né, é regional, Araçuaí é a regional.*

439 P: E como é a vida, se você pudesse fazer um resumo de como é a vida das pessoas aqui,
440 a sua específica: se você tem vontade de se mudar pra outra cidade maior, se você quer
441 ficar aqui, né? Qual é a sua relação de pertencimento e identificação com o local?

442 I: *Minha relação a pertencimento é total, eu já morei fora, tá, já tive oportunidades de*
443 *ir embora pra trabalhá, pra tá ni bons empregos, nunca quis ir. É, não consigo me ver*
444 *morano fora de Itinga, posso até ir pra trabalhá, como vô muito fora viajano, mais eu*
445 *gosto de sabê que eu posso voltá (risos). Então meu pertencimento a Itinga é, eu falo*
446 *que, eu sempre uso essa frase “pode ter alguém que ama Itinga do mesmo jeito que eu,*
447 *mais do que eu não, não existe não”.*

448 P: Que bonito isso, hein?

449 I: É, eu, é, acho que o lugar da gente é o lugar da gente, né, com todos os seus
450 problemas, né, mais eu acho que essa questão do pertencimento, ele tem que existir,
451 né?

452 P: Eu tô achando muito linda essa questão de, disso que você tá falando: o nome do
453 lugar com o pertencimento, você fala Itinga e você já aguça seu sentimento por aquele
454 lugar, e isso é muito forte essa relação de pertencimento das pessoas ao local.

455 I: *Ao local. Mas eu acho que nós do Vale do Jequitinhonha temos isso, né? É tanto que*
456 *eu falo sempre, eu já conversei com uma professora que trabalham com linguística até*
457 *uma Patrícia, que fez um trabalho bacana na UFMG também, sobre linguística, esqueci*
458 *o nome dela agora, ela estudiô Fanado, na verdade né,o, Minas Novas, aquela região*
459 *ali, e eu sempre falava e ela ()na tese dela justamente isso: o pessoal do Vale do*
460 *Jequitinhonha , nós não nos identificamos como cidade, a gente se identifica assim,*
461 *somos do Vale do Jequitinhonha da cidade tal.*

462 P: Exatamente.

463 I: *Então o pertencimento ao Vale do Jequitinhonha é muito forte.*

464 P: O IBGE já criou uma nova nomenclatura, uma nova divisão, né? Para o IBGE não
465 é...eram as microrregiões do Vale. Agora recente, acho que 2018, 2019 já mudou, é
466 Região Imediata e Região Intermediária.

467 *I: É, justamente.*

468 P: Só que essa classificação de IBGE é para IBGE, não pra pessoas do lugar, pra nós,
469 nós que somos, né? Eu sou do Vale do Rio Doce, mas já me considero, Jequitinhonha.
470 Tem nove anos que eu moro aqui.

471 *I: Unhum.*

472 P: Então a gente vê assim: eu sou do Médio, Alto ou Baixo do Jequitinhonha. É a essa
473 nomenclatura que a gente pertence, sente.

474 *I: É isso, é isso. Eles tentaram mudá uma vez pra território, território do médio, num
475 funciona. aqui pra nós vai sê sempre vai ser sempre o Alto, o Baixo ou Médio e cê se
476 identifica, e você se identifica lá fora como toda região “Daonde cê é?” “Sô do Vale
477 do Jequitinhonha da cidade tal, a cidade ela vem depois, né? Então é, esse
478 pertencimento é muito forte aqui.*

479 P: Muito.

480 *I: E historicamente tem o porquê, né? Tudo aquilo que a mídia fez, o Vale da miséria,
481 as pessoas queriam muda essa história, né?*

482 P: É. Que é outro estigma assim...

483 *I: Outro estigma que foi colocado, né e depois a luta dos membros hoje é mais respeito
484 pela cultura, né { }?*

485 P: Sim, sobrepor a cultura à miséria...

486 *I: Claro que a gente sabe que a miséria existe, como existe em qualquer lugar (risos).*

487 P: Só que aí alguns falam que é questão política, né? Para tentar adquirir recurso...

488 *I: Na verdade, na verdade o pessoal... para pra analisá: essa região é uma das regiões
489 mais ricas de Minas Gerais. Todo, todo, todo material de minério é produzido no Vale
490 do Jequitinhonha.*

491 P: Tudo bem que eles roubam tudo e levam para outro lugar.

492 *I: É Justamente isso (risos).*

493 P: Mas é isso, JP. Muito obrigada então, pela sua colaboração, muito bom, eu tive uma
494 aula de história.

495 *I: Pois é.*

496 P: Aí eu vou conseguir fazer uma contextualização bacana de cada município pra
497 escrever, né?

- 498 I: É. Eu lancei um livro em 2008 sobre **Itinga**.
- 499 P: Ah você tem um livro sobre Itinga? Ah eu vou procurar.
- 500 I: Na biblioteca lá, acho que tem.
- 501 P: No campus Araçuaí?
- 502 I: No campus tem, eu doe pra lá pro instituto, acho que eu doe seis livros pra lá, se
- 503 não me engano.
- 504 P: Ah então vou lá procurar.
- 505 I: As Memórias de Itinga. Foi um trabalho que fiquei quase vinte anos pesquisando.
- 506 P: Então vai ser muito útil.
- 507 I: Aí eu lancei em 2009, é bem bacana o material. Eu fiz dês da colonização até o ano
- 508 de 2008. Eu tô escrevendo outro pra dá continuidade à história, mas vem com outras
- 509 memórias, né, que não deu pra entrar no livro.

ENTREVISTA: 014JEMFRM46

Dados do Informante

Informante 014, 46 anos, masculino, ensino superior completo, casado, natural do município de Jenipapo de Minas.

Dados da Entrevista

Data:	Duração:	Local:
10/02/2021	45min e 03segundos	Via telefone

Legenda: P=pesquisadora I= informante

TRANSCRIÇÃO ORTOGRÁFICA

- 1 P: Oi FR. Dá pra a gente falar agora, então né?
- 2 I: *Estou tranquilo, tô aqui à disposição.*
- 3 P: Então, está bom. Prometo que não vou tomar mais do que 30 minutos do seu tempo
- 4 não, tá.
- 5 I: *Não, eu tô bem tranquilo, é porque agora, no final do, na verdade, assim, a gente tá encerrano o ano letivo agora, né, então a semana passada, já era pra eu tá de férias, mas, eu não consegui fechá o serviço de escola, e nem era o serviço que eu tinha que tá fazendo mesmo, mas eu tinha iniciado o serviço, então era minha obrigação fechá né. Aí passei a semana passada fechando as atividades da escola, porque hoje eu não tô na sala de aula, estou na biblioteca. Mas aí têm me solicitado alguns serviços, e aí eu comecei, fiquei uma semana aí trabalhando de graça, mas foi ontem, ontem que eu consegui fechá, aí fechô exatamente ontem, cê ligô no dia certin.*
- 13 P: Que bom. Essa alteração de calendário bagunçou a vida nossa toda.
- 14 I: *É, mas é com Deus, né, é o tempo, estamos num tempo diferente. Então, tô sempre aqui e a gente () mas graças a Deus não acontece nada né, tem muita coisa acontecendo.*
- 17 P: No atual cenário, a gente estar com saúde hoje já é a melhor benção. Então, vamos começar. Tudo bem?
- 19 I: *Tudo bem, tô de acordo, Shirlene. É Shirlene mesmo né?*
- 20 P: Shirlene. Seu nome completo, por favor.
- 21 I: *F R.*
- 22 P: Quantos anos, pode falar?
- 23 I: *46 anos.*
- 24 P: Ok, então vamos lá. Você nasceu onde, FR?

25 *I: Eu nasci no hoje **município de Jenipapo de Minas**, na época era município de*
26 ***Francisco Badaró**. É, eu nasci na beira do **rio Setúbal**, em meu domicílio, na verdade*
27 *domicílio do meu pai, né, aqui na beira do **rio Setúbal**. Fica a dois quilômetros de, é da*
28 ***cidade de Jenipapo** hoje, é rio acima, a gente diz.*

29 P: E você reside no município há quanto tempo?

30 *I: Desde que nasci. Eu só, só me ausentei do município por um período de cinco anos,*
31 *foi o período que eu estudei, mas sempre morei aqui, sempre vivi aqui no **município de***
32 ***Jenipapo**.*

33 P: E seus pais também são aí da região?

34 *I: Meus pais, sim, eles nasceram aqui também na mesma, no mesmo espaço né. Tem*
35 *meus avós, bisavós que, realmente estes viveram aqui em **Jenipapo** mesmo.*

36 P: Na mesma comunidade?

37 *I: Na verdade nem chega a ser uma comunidade, assim é, só três famílias que vivem*
38 *nesse espaço, vamos dizer assim, bem próximo da cidade, então não chega a ser um*
39 *povoado, uma comunidade, como a gente entende hoje as nossas comunidades, é,*
40 *rurais aqui do município. Então, como é bem próximo aqui da cidade, então sempre*
41 *viveram aqui mesmo, enfim, no município aqui mesmo, em **Jenipapo**, então bem*
42 *próximos aqui da cidade mesmo.*

43 P: Vocês chamam os espaços da zona rural de comunidades, povoados? Como vocês
44 denominam?

45 *I: Aqui, Shirlene, a gente chama os espaços rurais de comunidades, aí de acordo com a*
46 *proximidade, né, das casas, né, assim das casas, do território, aí a gente vê assim*
47 *como uma comunidade. Aqui, nós temos, me parece vinte e poucas comunidades hoje, e*
48 *aí cada comunidade, assim, é, tem suas características específicas, mas é isso. Tem a*
49 *sede, né, e, e aqui, a **cidade de Jenipapo**, e nós temos aí várias comunidades no*
50 *município.*

51 P: E o município de Jenipapo tem quantos habitantes atualmente?

52 *I: Em torno de sete mil e pouco, assim, não me lembro. Me parece que o IBGE traz aí*
53 *sete mil e cem, me parece em 2010, mas é sete mil e pouco.*

54 P: E a maior parte é urbana ou rural?

55 *I: Eu acredito que seja assim metade e metade. Acredito que a gente tenha perdido*
56 *muito, assim, muito, as, o, que a gente perdido muito, assim, () eu percebo que muitas*
57 *comunidades que, antes, assim, tinham uma população maior, hoje têm muitas casas*
58 *vazias, é, os jovens não mais querem permanecer na comunidade. Nós temos aqui o*

59 *transporte, é, o transporte escolar né, pra estudar, e a grande maioria do município*
60 *vem aqui pra cidade. Num sei se isso também, né, faz com que os meninos vão*
61 *crescendo, já imaginando que não vai morar lá no seu espaço né, saindo do seu espaço*
62 *desde cedo, e eu não tenho números não. Eu realmente não sei os números hoje, mas*
63 *imagino que é, seja metade, mas a zona urbana tem crescido, e a zona rural, a gente*
64 *percebe que tem muitas casas vazias em algumas comunidades, famílias vão saindo,*
65 *vão pros município, é, aí que tem cidades maiores, né. Mas ainda é um município rural,*
66 *nós inda temos é, essa característica muito forte, né. Eu vi alguém dizer que algumas,*
67 *alguns municípios deveriam ser considerados urbanos né, só o município ()um buraco*
68 *porque, realmente a cidade, ainda tem essa relação com o campo, né, as pessoas tão*
69 *na cidade, mas se relacionam com o campo, trabalham lá, têm assim, essa relação*
70 *forte, com o campo mesmo. Eu nasci na beira do **rio Setúbal**, que é o principal rio que*
71 *corta aqui o município, tem um nome bem interessante, bem enigmático aí, eu até tenho*
72 *curiosidade de entender isso, esse nome, de onde vem. Mas, então...*

73 P: E só tem esse rio ou tem mais córregos no município?

74 I: No município, tem é, vários córregos, né. Tem o **corgo do Bolas**, o **córrego São José**,
75 o **córrego riberão de Areia**, que, depois, dá origem ao **córrego São João**, que desce,
76 passa no **município de Francisco Badaró**, é, mas esses córregos, hoje são todos, não
77 são perenes mais, né. Até não muito tempo atrás, eram perenes, e hoje, já não são mais.
78 Perene mesmo, nós temos o **rio Setúbal**, né.

79 P: E nessas comunidades rurais oferece até o ensino médio ou até o fundamental só?
80 Agora é tudo educação básica, mas...

81 I: Bem, o município é, tem três, duas, três escolas estaduais aqui dentro do **município**
82 **de Jenipap'**. Duas estão ativas, são bem próximas uma da outra. Uma tem até o nono
83 ano e a outra tem até o ensino médio. A que tem até o ensino médio, ela é até
84 considerada escola do campo, porque ela recebe, é, a grande a maioria dos alunos né,
85 da zona rural, que é próximo da sede vem pra essa escola, é a Escola Nossa Senhora de
86 Fátima. Éé, os alunos da **comunidade de Ribeirão de Areia, Vila de São José, Ribeirão**
87 **do Bosque, Bosque, Santana, Cipó, Curtume, Tamanduá, Istiva, Barra do Bolas,**
88 **Capão, Cana-Brava, Funil, Agrovila, Monte Alegre**, inclusive, os mininos de
89 **Machad'**, que tão também no município de, de **Araçuaí**, são todos transportados pra
90 estudar, a partir do médio, ou melhor, a partir do sexto ano dos anos finais do
91 fundamental, já são transportados pra estudar nessas duas escolas aqui de **Jenipap'**.
92 Inicialmente, eram todos na Escola Nossa Senhora de Fátima, mas, depois, a Nossa

93 *Senhora de Fátima* passou a ser tempo integral o ensino médio, então não tá
94 suportando, é, em termos de número de alunos, os alunos estudam o dia inteiro lá, é,
95 uma parte, então, pra o ensino fundamental, vai também pra a Escola Padre Willy. Isso
96 aí éé, as comunidades que tão mais próximas aqui da sede. Tem uma outra
97 comunidade lá, a gente chama assim, na ponta do município, porque já tá lá na divisa
98 com Novo Cruzero, é uma escola também estadual, na **comunidade de Santo Antônio**
99 **do Bolas**. Ali, as comunidades () a partir do sexto ano e ensino médio, tanto que as
100 comunidades vizinhas lá , tudo nessa escola. Aí tem a **comunidade Muquém**, a
101 **comunidade de Lagoa Grande**, comunidade, o próprio **Santantônio**. Aí também tem a
102 **comunidade de Veredas**, é, que são comunidades próximas. Então, são algumas
103 comunidades, assim, que são atendidas por essa **comunidade Santantônio**. É mais ou
104 menos assim: do primeiro ao quinto ano, normalmente, são as escolas municipais que
105 atendem, os alunos estudam nas escolas do município. E a partir do sexto ano, as
106 escolas estaduais é que atendem à demanda da educação.

107 P: E uma curiosidade: o nome é do Bolas?

108 I: É, do Bolas (risos), **São José do Bolas**. Tem a **comunidade São José do Bolas** e tem
109 **Córrego do Bolas**, do Bolas.

110 P: É o do no singular mesmo e o Bolas no plural.

111 I: É. Não é da Bola, não é das Bolas.

112 P: É do Bolas.

113 I: Do Bolas.

114 P: E você não sabe o porquê de onde surgiu o nome?

115 I: Não, não sei explicar porque.

116 P: E você acha que esses córregos terem deixado de ser perenes tem a ver com a questão
117 climática ou com interferência humana mesmo?

118 I: Eu acredito que, é, na nossa região, o gado, né, o capim, eu acho foi uma das
119 principais interferências assim, pra que a gente tivesse os problemas que a gente tem,
120 né. O pé do gado, eu acho que fez uma devastação muito grande, assim. Tem muitas
121 famílias né, que gosta de gado, o meu pai gosta de gado, sempre criou gado, sempre
122 teve leite, sempre fez queijo, mas eu, eu vejo isso. Eu tenho um irmão que continua na
123 zona rural, ele continua na atividade principal da pecuária, né, ele é menos agricultor e
124 mais criador de gado, assim, não em grande quantidade, numa pequena quantidade e
125 tal mas, é, por muito tempo, teve essa ligação, né. O meu pai sempre teve essa ligação.
126 E eu vejo que o gado fez essa devastação, porque realmente eu acho que a atividade

127 pecuária é o que mais influenciou nesses aspectos, né, principalmente, né. Porque,
128 realmente, é, meus pais contam que... não vou conseguir lembrar aqui, Shirlene, mais
129 assim, falava de 30 anos, acho que já deve ter uns 20 que eles me falaram isso, que teve
130 um padre que falou assim: "óh, se continuar assim, daqui 30 anos, cê não vai ter
131 água mais", que ele falava isso deve ter uns 50 anos atrás. E, realmente, assim, é isso
132 mesmo, acho que é a nossa interferência, é a atividade agrícola, principalmente.

133 P: E as pessoas aí têm hábito de pescar, de ir para o rio para tomar banho?

134 I: Para o rio tomar banho, tinha até, até fazerem a **Barragem**, né, porque pescar, na
135 verdade, a quantidade de peixes diminuiu, só via isso quando eu era menino e me
136 lembro muito que se pescava bastante, viu. Era farturoso nesse sentido, tomar banho no
137 rio era uma atividade, assim, muito frequente, né. Sou de família ribeirinha, né, eu
138 sempre tomei banho no rio, até que, foi feita a **Barragem**...

139 P: Qual barragem que você fala?

140 I: A **barragem do Setúbal**, ela foi inaugurada em 2010.

141 P: É porque eu imaginei que fosse lá de Irapé, falei: "mas está muito distante de Irapé".

142 I: Não. Foi feita uma barragem aqui, é, inaugurada em 2010, foi a Rural Minas que
143 coordenou o processo de construção. A ideia era que era pra fazer... é, desenvolver a
144 ideia de que era uma barragem de cunho social. Não sei comé que funciona isso, né,
145 tanta desapropriação, com tantos problemas sociais que uma barragem traz, mas
146 desenvolveram essa ideia, que era uma barragem de cunho social, que era
147 principalmente pra irrigação, e acabou que ela num, num foi desenvolvido nenhum
148 projeto de irrigação, e não sei os motivos, assim, não consigo te falar, ela suja, a água
149 é constantemente suja. Quando cê vai no **rio Araçuaí**, na seca, ocê pode, pode olhar o,
150 a água do **rio Araçuaí** aí na **cidade de Araçuaí**, ela é suja. É barrenta, quando eu falo
151 suja, num é uma composição, assim, de porqueira, vamos usar essa expressão, é a cor,
152 a tonalidade barrenta, né, vermelha. E é por causa da **barragem do rio Setúbal**. É uma
153 barragem que eles fizeram mais ou menos 12km aqui acima da cidade e ela interferiu
154 nesse costume. As pessoas, hoje, não tomam mais banho no rio, mas não é somente por
155 causa da cor da água, é por causa também da esquistossomose, assim, tem muita assim,
156 a água é contaminada por schistose. Então, interferiu muito nesse costume. Eu tenho
157 três crianças, e eu nossa, adora tomar banho no rio e hoje eu não levo eles pra tomar
158 banho no rio, então interferiu muito negativamente.

159 P: Criança gosta mesmo.

160 *I: Nossa! Eu saio daqui, às vezes, vou no rio Araçuaí em Berilo né que tá próximo
161 daqui, lá na roça ee não faço questão de levar no rio aqui, passa no fundo da nossa
162 cidade, como se diz, passa bem pertin aqui, mas é, não tem possibilidade. Perde o
163 costume, o costume tá se perdendo né. Ainda tem gente que sai e tal, mas mesmo assim
164 eu percebo assim, que tinha gente que frequentava e hoje não vai mais, porque é um
165 risco pra saúde. A partir daqui da cidade, aí se tornas complicado ainda, porque a
166 Copanor, ela deixa o esgoto diretamente no rio. Num, num tem tratamento nenhum, é in
167 natura, sabe, todo o nosso esgoto da cidade, joga no rio Setúbal, aqui na altura da
168 cidade.*

169 P: Muita cidade tem isso.

170 *I: O costume de pescar e o costume de tomar banho no rio, ele vai sendo proibido, né.*

171 P: E melhorou a infraestrutura da região como um todo. A gente acaba percebendo
172 algumas melhorias, e tem alguma melhoria que você acha que foi marcante para o
173 município? Pode ser acesso, infraestrutura.

174 *I: Acesso ao asfalto, né, acho que facilitou muito, éé, com os programas sociais, a
175 partir de 2003, a gente percebe que a qualidade de vida de nossas famílias, assim,
176 melhorou bastante. A gente, eu tô com 46 anos, como eu te falei, e eu me lembro, assim,
177 de muitas pessoas pedintes, pedindo as coisas, e assim, como eu te falei, minha família
178 tinha gado, muito leite, fazia queijo. Então, é uma família que não tinha, vamo dizer
179 assim, não era uma família rica, de jeito nenhum, mas também não passava
180 necessidade, e eu presenciava, né, as pessoas procurando por mãe, procurando por pai,
181 pedindo as coisas. E a partir de 2003, a situação foi melhorando um pouco, assim. Eu
182 percebo que as pessoas pararam de pedir, não tinham essa necessidade de pedir, então
183 eu percebo que isso, né, mudou aqui no município. Não sei, vamos ver agora, né, comé
184 que vai ficar, porque eu acho que nós estamos voltando...*

185 P: Verdade, a gente tem medo disso.

186 *I: A, como diz, a essa condição, né, porque as políticas públicas tão sendo todas
187 destruídas, né, em todos os sentidos, né: acesso a saúde, acesso à educação, acesso, né,
188 como vê muito jovem, acesso ao trabalho, acesso a tudo, está sendo prejudicado, né. Na
189 verdade é isso que tá acontecendo, né. Então, assim, acho que tem melhorado, tem
190 mudado né, por um período, e agora vamos ficar aqui, esperando, né, vamos observar,
191 né, ver o que vai acontecer.*

192 P: Vamos torcer. E você disse ser ribeirinho. Aí no município, existem ainda
193 comunidades ribeirinhas, quilombolas, remanescentes de indígenas?

194 *I: As comunidades ribeirinhas, sim, todas as pessoas que ainda vivem na beira do rio, é*
195 *muito característica, né, elas fazem hortas né, tem um estilo de vida, ()mas que usam*
196 *até a beira do rio pro cultivo, pra plantação. Mas elas, elas são as famílias ribeirinhas*
197 *na beira do rio Setúbal, é bem característica mesmo, a tradição, éé, são comunidades*
198 *tradicionais. Os quilombolas, éé, aqui tem, na verdade, nós somos um grande*
199 *quilombo, né Shirlene. O município é um grande quilombo, né, o, eu tento observar*
200 *mesmo as características das comunidades, das organizações, nós somos uma herança*
201 *né, da , do tempo da escravidão e depois deu origem a muitas comunidades*
202 *tradicionais. Aqui, nós temos uma comunidade tradicional, que é a **comunidade de***
203 ***Lagoa Grand'**, que eu destaco, vem de uma luta aí, muito grande desde 2003. A*
204 ***comunidade de Lagoa Grand'**, é, em 2002, 2003, a Comissão Pastoral da Terra, a*
205 *CPT e o Movimento de Pequenos Agricultores, MPA começou um trabalho lá, porque,*
206 *assim, as pessoas relatavam, assim, que não tinha acesso à água. Tinha uma escola*
207 *dentro da comunidade, eee, mas a escola era dentro da sede da fazenda, e a*
208 *comunidade era dentro da fazenda. Foi bastante sofrido, sabe, assim, e eles vivia lá*
209 *dentro da fazenda, mas a escola tinha acesso à água de um poço artesiano, água de*
210 *boa qualidade e tá, mas as famílias não tinha, as famílias não podia ter água encanada.*
211 *Aí depois, né, veio o programa Luz para Todos e as famílias foram impedidas de ter*
212 *acesso à energia, porque o (...), juntamente com o (...), impedia né, assim, de que a rede*
213 *passasse no terreno dele pras famílias ter acesso e aí essas entidades entraram aí nessa*
214 *discussão de entender comé que era a vida daquelas pessoas, daquelas famílias, e*
215 *depois se percebeu que não era uma questão só de luta pela água, pela energia, não*
216 *eram questões assim, tão superficiais. Era uma questão mais estrutural, né, e aí num*
217 *dado momento, veio aí alguém que falou: "uai, isso aqui é um quilombo né". Aí quando*
218 *a gente começava a ouvir os relatos das pessoas que viviam ali, mas muito*
219 *característico, muito vivo, sabe, assim na memória das pessoas, o relato dos avós, os*
220 *pais, né, que viviam ali trabalhando pra ganhar uma rapadura no dia, ou trabalhando*
221 *pra ganhar uma medida de feijão, é muito vivo, sabe, aí eles relatavam a história toda,*
222 *nossa, muitos relatos interessantes na **comunidade de Lagoa Grande**.*

223 P: Com certeza, deve ter muita coisa.

224 I: Sim. Pode falar.

225 P: Pode continuar.

226 I: Aí, Shirlene, que alguém pensou: "isso aqui é um quilombo, né" e a gente começou
227 então a trabalhar, e eu tenho a satisfação de ser agente, porque eu dediquei um pouco

228 *da minha, do meu tempo, doeí uma parte do meu tempo assim pra isso, pra ir à*
229 *comunidade, pra visitar, pra motivar, pra reunir e a comunidade ser reconhecida pela*
230 *Fundação Palmares, e entrou com um processo no Incra de, de titularização da terra.*
231 *O processo já foi feito, já foi feito tudo, foi uma parceria do Incra com a UFVJM, e já*
232 *fez o estudo antropológico e já tá assim, na verdade, agora, esperando a boa vontade*
233 *do presidente assinar, né, pro território, pra que libere o título do território pra*
234 *comunidade. É uma fazenda, né, tá lá a fazenda, depois, no meio desse processo todo, a*
235 *fazenda caçou o... que antes fazia café, mas já tava em decadência a fazenda, aí mesmo*
236 *nesse processo, aí, na morosidade que é no Incra e nessas estruturas pra se resolver*
237 *essas questões pra, como diz, fazer a Constituição de 1988 ser, assim, né, respeitada,*
238 *então assim, se colocar na prática isso, ao longo desse processo e passou a plantar*
239 *hortaliça na parte de chapada. A gente nem mesmo, no processo de luta pela conquista*
240 *da terra a gente viu algumas situações desse tipo. Mas a comunidade tá, tá viva, tá*
241 *forte, tá animada e esperando o título da terra, né, assim éee. E depois disso, algumas*
242 *outras comunidades também fizeram o processo de reconhe, autodeclaração junto à*
243 *Fundação Palmares, mas num sei, são comunidades mais mistas, assim, são*
244 *comunidades em que muitas pessoas tão em sua própria propriedade, né, num é a*
245 *mesma realidade da comunidade de Lagoa Grande. Nós temos a comunidade Martins,*
246 *nós temos a comunidade São José do Bolas, a comunidade de Silvolândia, de*
247 *Tamanduá, né, que ali é onde que nasce o córrego do Machado, que já corta ali no*
248 *município de Francisco Badaró, né, ou melhor de Araçuaí mesmo, e assim, quando eu*
249 *falo que nós somos um grande quilombo, aqui além dessas comunidade tem também a*
250 *comunidade de Curtume né, que também se autodeclarou quilombola, mas nessa*
251 *modalidade aí ó. É uma comunidade, as pessoas vivem lá e tal, mas que não é a mesma*
252 *luta pelo território, porque a grande maioria tá em seus, em suas propriedades*
253 *pequenas, né, muito pequenas, mas, muitos não têm o título da terra, mas é a ().*
254 *Então, vamos dizer assim. Agora, a comunidade de Lagoa Grande, não, eles, tão em*
255 *espaços muito pequenos, quintais de sete, cinco hectares, e famílias muito grandes, né,*
256 *uma família com dez, 12 pessoas, sabe assim, muitos filhos né. Então, os filhos já agora*
257 *casando, tendo mais filhos, então é uma outra luta, digamos assim, é uma outra*
258 *articulação. Eu faço esse destaque da comunidade de Lagoa Grande porque ali a*
259 *gente já tem uma luta mais é, concreta, assim, de realmente colocar em prática a*
260 *Constituição de 1988, quando fala do resgate aos quilombolas e tal, então é isso. E*
261 *quando eu falo assim que somos um grande quilombo, aqui em Jenipapo, nós temos, na*

262 *praça da cidade, uma gruta, eu diria, é, meio lendária aqui, sabe, diz que era uma*
263 *gruta de escravos, e que muitos entendem como, no imaginário popular, e as pessoas*
264 *entendem como santo, santo popular.*

265 P: É do Pai Joaquim?

266 I: É do Pai Joaquim.

267 P: Eu vi uma foto e achei maravilhosa. Vou aí em Jenipapo, esperar só dar uma trégua
268 na pandemia, mas eu quero ir aí. Vi uma foto maravilhosa desse lugar.

269 I: Você não conhece não?

270 P: Não, mas eu vou.

271 I: Nunca veio aqui em **Jenipapo** não? ().

272 P: Eu vi a foto e achei maravilhosa. Vi no site de um fotógrafo, esqueci o nome.
273 Belezas de Minas, Encantos de Minas, alguma coisa assim.

274 I: Pois é. Tem a gruta de Pai Joaquim aqui bem, bem na área central da cidade.

275 P: Mas sempre foi Jenipapo o nome? O nome daí sempre foi Jenipapo?

276 I: Aqui sempre foi **Jenipapo**, né. Aqui na verdade, Shirlene, era menos, não sei porque,
277 obra do destino, do destino não, obra da ação humana, né. **Jenipapo** era muito
278 pequenininho, era um povoado muito pequenininho, o centro era **Machados**, **Machados**
279 é, né, que era a referência, que tinha comércio, tinha vendas, que tinha as lojas de
280 tecidos e tal, era em **Machad'**. Está me ouvindo?

281 P: Sim.

282 I: Por causa da BahiMinas, né, que ele está próximo do **Alfredo Graça**. Aí **Machados**,
283 então, era uma referência pra gente. Mas, depois, com a desativação da BahiMinas, é,
284 **Jenipapo** começou a crescer. O nome **Jenipapo** é por causa da lagoa, que é bem no
285 centro da cidade e hoje não tem mais, é uma área de comércio local, que até pouco
286 tempo, o pessoal tinha um problema danado quando chovia, porque inundava tudo, era
287 uma lagoa, né, mas agora, de um tempo pra cá, mudaram a infraestrutura e não tem
288 esse problema mais. Mas é por causa dessa lagoa, por causa dos jenipapeiros, né, que
289 tinha na lagoa. Então, o nome vem daí. E quando emancipou né, se tornou cidade, aí
290 foi mantido o nome, mas acrescentou o de Minas: **Jenipapo de Minas**. Mas mesmo
291 antes da emancipação já era o distrito de **Jenipapo** que pertencia a **Francisco Badaró**.

292 P: Eu fiquei ouvindo você falar da questão da comunidade Lagoa Grande, da questão
293 quilombola, da questão de dedicar um tempo para tentar ajudar, de alguma forma, a
294 melhorar o nosso espaço, a nossa região, e aí eu fiquei pensando: se fosse para você
295 resumir a sua vida no Vale ou em Jenipapo, no caso, essa questão sua de pertencimento

296 ao lugar, como você resumiria esse seu sentimento de pertencer a uma determinada
297 região, determinado lugar.

298 *I: (risos) Eu nunca pensei nisso não. Mas assim, essa convivência, o acolhimento, essa*
299 *aproximação, assim, a gente é muito próximo, né. Não tô conseguindo achar a palavra*
300 *certa, mas é, é esse conviver assim muito, muito é, deixa eu achar a palavra, calma,*
301 *muito interligadas as pessoas assim, com esse envolvimento social, a gente sentir o*
302 *outro, a gente tentar assim, enxergar o outro, se colocar no lugar do outro, é, pertencer*
303 *pra tentar assim, desenvolver algo mais coletivo, um bem-estar mais coletivo, um bem*
304 *viver, assim, acho que é bem viver mesmo, as pessoas viverem, mas tendo acesso aos*
305 *bens, ao conhecimento de forma integral, sabe, assim. Não é mudar nada daqui não e*
306 *nem mudar daqui não. Acho que o Vale é bonito demais, é gostoso demais. Eu gosto do*
307 *Vale, eu acho que o Vale é o melhor lugar que tem no mundo, sabe. É tanto que nós*
308 *falamos assim: só do Vale. Cê é de onde, Shirlene?*

309 P: Do Vale do Jequitinhonha.

310 I: Você é de onde?

311 P: Eu sou de São José do Jacuri, Vale do Rio Doce.

312 I: Nasceu, mas agora cê é do Vale do Jequitinhonha. (risos)

313 P: Eu já sou aracuaiense desde 2011.

314 I: A gente, quando fala do Vale, fala assim, quando eu vou em Belo Horizonte, falam
315 assim “cê é de onde”? , eu “Do Vale”, como se existisse só um vale, é como se não
316 existisse outro. O mundo inteiro é obrigado a saber de onde você é porque fala que é do
317 Vale. Então, assim, é muito forte isso, isso é muito gostoso, é muito bom a gente
318 pertencer a esse lugar. Agora, é, eu acho que é... tá falando dessa questão do
319 pertencimento, assim. Acho que o que nós precisamos é de ação política pra que nós
320 não sejamos mais tratados como vale da pobreza, para que a nossa riqueza seja
321 externada, seja visualizada, e para que a nossa riqueza seja usada para o bem-estar,
322 usada para o bem, para a qualidade de vida, pra que as pessoas tenham condição de
323 viver bem, porque nós não temos necessidade nenhuma de pessoas ainda não
324 estudarem, passarem necessidades de alimentação adequada. O Vale não tem precisão
325 nenhuma disso, o Vale é muito rico. Então, é possível mudar isso, é possível a gente,
326 como diz, acabar com isso que ainda existe, né. Ainda tem tristeza, ainda tem
327 realidades, nós temos alunos que sofrem muito, a gente percebe assim que a família
328 sofre muito, e que falta coisas básicas, e o Vale não precisa disso, porque nós somos

329 ricos, muito ricos , não é pouco não. Então essa condição assim, é isso, é isso mesmo.

330 (risos) Me pegou na surpresa, essa pergunta sua aí, realmente me surpreendeu.

331 P: Que bom, FR. Foi muito bom, eu agradeço muito a sua colaboração, sua
332 disponibilidade, eu ficar te atazanando para você tirar um tempo para me atender.

333 Porque tinham me indicado você, e eu coloquei na cabeça que seria com você que eu
334 iria fazer minha entrevista.

335 *I: Ih, Shirlene, na verdade, eu que te agradeço, sabe, assim. Foi muito bom te conhecer,*
336 *assim, mas a gente vai ter a oportunidade de se conhecer pessoalmente, conversar*
337 *pessoalmente, nós vamos ter esse momento. Eu, realmente, tenho me orientado muito*
338 *nessa pandemia pra que o que eu puder fazer pra me isolar, uma vez que sou servidor*
339 *público e que tenho essa possibilidade, tenho obrigação de fazer. Tem outros que não*
340 *têm possibilidade, então não vou cobrar deles. Mas quem tem, tem obrigação de fazer*
341 *esforço, porque na medida que a gente se isolar, a gente vai tá contribuindo pra*
342 *pandemia não espalhar.*

343 P: Verdade. Muito obrigada

ENTREVISTA: 015JGMVJM46

Dados do Informante

Informante 015, 46 anos, masculino, ensino médio completo, casado, natural do município de José Gonçalves de Minas.

Dados da Entrevista

Data:	Duração:	Local:
11/02/2021	41min e 20segundos	Via telefone

Legenda: P=pesquisadora I= informante

TRANSCRIÇÃO ORTOGRÁFICA

- 1 *I: Oi.*
- 2 P: Boa noite, VJ.
- 3 *I: Oi, boa noite.*
- 4 P: Desculpa estar tirando você da sua rotina e sua família, mas tinham me falado que
- 5 você sabe me informar muita coisa.
- 6 *I: (risos) Algumas coisas pode ser que eu sei.*
- 7 P: Vamos lá. O seu nome completo, por favor.
- 8 *I: VVJ.*
- 9 P: Pode falar a idade?
- 10 *I: 46 anos, vou fazer 47, mais é 46 ainda.*
- 11 P: E você nasceu onde, VJ?
- 12 *I: Virgem da Lapa.*
- 13 P: Na zona urbana?
- 14 *I: Rural e mudei, com um ano de idade eu mudei pra cidade.*
- 15 P: Qual é o nome do lugar onde você nasceu?
- 16 *I: Comunidade do Pega.*
- 17 P: Do Pega?
- 18 *I: Isso (risos.)*
- 19 P: E nesse município de José Gonçalves, você reside há quantos anos?
- 20 *I: É, Esse ano agora tá fazendo, em maio faz 20 anos.*
- 21 P: E seus pais, sua família toda é daí?
- 22 *I: Não. Minha família mora em Virgem da Lapa.*
- 23 P: E você frequentou escola aí em Virgem da Lapa?

24 *I: Eu fiço o ensino médio, não, eu fiço até a oitava série em Virgem da Lapa. O ensino*
25 *médio, né, que foi um curso técnico, eu fiço em Araçuaí na na Agrogemito e fiço*
26 *Unopar agora, depois é, um tecnólogo em Administração, né, já residino aqui já.*

27 P: Aí você mora na zona urbana?

28 *I: Aqui, eu moro na zona rural, urbana qué dizê, desculpa.*

29 P: Seus pais, pai e mãe nasceram no Pega?

30 *I: Não. Meu pai, sim, minha mãe, não. Minha mãe ela é da, natural de Coronel Murta.*

31 P: Que legal! Você está me atendendo em três lugares, está ótimo. Da zona urbana?

32 *I: Não, zona rural.*

33 P: O nome?

34 *I: O local dela?*

35 P: Isso, por favor.

36 *I: Olha, eu me lembro, assim vagamente, ela me falava, ela fala Bananal, mais me*
37 *parece que é próximo de Morro Redondo ali, aquela região ali.*

38 P: E como foi a sua infância? Tinha lugar específico para as crianças brincarem,
39 passearem?

40 *I: Olha, a minha infância, ela foi basicamente na zona urbana de Virgem da Lapa. A*
41 *gente morava numa rua, inclusive é uma rua que deu, assim, que foi onde começo tudo*
42 *em Virgem da Lapa, né. É na bera do ribeirão São Domingos, né eee ali começo tudo*
43 *ali. A gente, nós somos só quatro irmãos, né, meu pai já vei da zona rural, mudô que*
44 *teve conflito com a família de minha mãe lá, quês moravam na propriedade deles, né,*
45 *quando meu pai casô e foi morá com os pais dela, né, na propriedade, né. E aí viveu lá*
46 *um período, conseguiu alguma coisa. Aí por causa de problema familiar com os irmãos*
47 *e tal, aí ele acabô saino de lá e vei pra, pra cidade. E niss', ele foi, ééé, só que naquela*
48 *época era tudo muito mais difícil, né, aí ele tinha que sair pra fora, né, pra trabalhá,*
49 *pra sustentá a família, aí ele ia pra São Paulo, pra Belo Horizonte, trabalhá em*
50 *construção. Ele trabalhava mais em construção civil. Naquela época, o pessoal tinha*
51 *muito hábito de ir pra corte de cana, né, mais ele não, ele foi, ele foi pra construção*
52 *civil, ele num adaptô, acho que ele tentô, até um período, mais num conseguiu trabalhá*
53 *com cana, aí ele foi pra construção civil e trabalhô em São Paulo, trabalhô em Belo*
54 *Horizonte muito tempo, aí ele voltô pra Virgem da Lapa, e nisso ele conseguiu é,*
55 *trabalhá na, na Copasa, e aí gente viveu nossa infância toda ali por volta do ribeirão,*
56 *do São Domingos, né, e naquela época, tudo era permitido, né: criança ficava na rua,*
57 *criança ficava no mato, gente, gente tinha muito essa questão de gente caçá*

58 *passarinho, né, existia isso, né. A gente brincava na bera do córrego lá, pescando.*
59 *Então era uma infância muito gostosa. E como a minha família toda assim, veio lá do*
60 *Pega, meus avós moravam lá, então a gente, a gente tinha aquela questão de ir pra*
61 *roça assim no domingo passeá, pra visitá os parente e também pá tomá banho de rio,*
62 *né. E aí a gente ia a família, a gente ia a pé, naquela época, né, há muitos anos atrás,*
63 *num tinha quase nem transporte. Tinha, mais a gente não tinha acesso.*

64 P: E tomava banho em qual rio? Nesse córrego que você falou mesmo?

65 *I: Gente tomava banho nesse córrego, São Domingos, uma parte dele era poluída, já*
66 *era poluída, mais uma parte pra cima, o esgoto da cidade não atingia, aí então a gente*
67 *tomava banho na parte de cima dele, e aí ia todo mund', misturava todo mund', num*
68 *tinha disso, menina, homem, num tinha problema, era tudo permissível naquela época,*
69 *né. E assim, mais era assim, os pais, como os pais trabalhavam o dia todo, ês num tinha*
70 *tempo de ficá com a gente dentro de casa. Quem cuidava do outro, era sempre assim: o*
71 *mais velho cuidava do mais novo. E assim ia, né. E minha mãe tinha que sair pra*
72 *trabalhá em casa de família, né, pra ajudá em casa, né, porque era tudo muito difíci. A*
73 *vida era difíci naquela época, gente num tinha acesso às coisas que tem hoje. Os filhos,*
74 *hoje, têm tudo, né, antigamente não tinha. Eu vivenciei essa infância meia sofrida, mais*
75 *gostosa. E aí a gente estudava também e aí, só que meu pai era aquele, aquele senhor*
76 *que ele já, pelo fato de'le vim da zona rural, mais ele tinha uma instrução, ele tinha*
77 *uma cabeça diferenciada. Ele preocupô da gente estudá, gente segui alguma coisa, né,*
78 *todos os filhos tê que estudá, é, ele trabalhava pra isso. Né, sempre instruino a gente,*
79 *conversano com a gente. Por mais que ele não tinha instrução mais ele passava isso*
80 *pra gente.*

81 P: E você tem filhos?

82 *I: Tenho duas, duas filhas.*

83 P: Eu também tenho duas. Você vê a diferença da infância sua para a das suas filhas em
84 relação às brincadeiras?

85 *I: Nossa Senhora. Nada a ver, sabe. Olha, eu até falo assim com a minha esposa, que*
86 *minha esposa também é da minha idade. Ela morô basicamente na zona rural, né, mais*
87 *a gente { }.*

88 P: De Virgem da Lapa?

89 *I: Não. Minha esposa é de, do município de Berilo. Eu sô uma mistura aqui do Vale.*
90 *Minha esposa é da zona rural de Lagoinha.*

91 P: Lagoinha é uma comunidade quilombola, né?

92 *I: É, eu acho que agora é, né, é ali do Alto Brav', né, sentido Jequitinhonha, né. Aí a
93 gente conversa muito a respeito, né, do que a gente vivenciô pro que eles vivenciam
94 hoje, né, e ééé, gente fala muito, porque naquela época, a gente brincava, a gente
95 sabia o que que era brincadera. Minhas meninas, gente mora aqui, eu moro aqui bem
96 no centro, né, minhas minina num sabe convivê com o que que é terra. Elas não
97 brincam com isso, num têm esse acesso a tomá um banho de rio, a brincá, num tem iss'.*
98 *É mais é televisão, é celular, às vezes, de vez em quando, é, sai com a bicicleta aqui na
99 rua, mais muito raro. Num tem essa, essa infância que eu tive, num, nada, nada a ver. E
100 sem falá o seguinte: a acessibilidade às coisas que eles têm hoje é muito grande, né,
101 criança hoje tem tudo na mão. Assim, eu num só rico, num tem, mais assim, minhas
102 filhas elas têm uma qualidade de vida, uma condição de vida milhó, então, elas têm
103 acesso a tudo, então é tudo muito fácil pra eles hoje. E na minha época, a gente tinha
104 que inventá nossos brinquedos. É igual eu falo né: que todo ano aqui, por mais que eu
105 tem padaria, todo ano a gente tem que cantá o parabéns, fazê o bolinh e tal, e assim, cê
106 sabe com quantos anos que eu fui tê um bolo de aniversário? E mesmo assim, foi aqui
107 da minha padaria, que meus funcionários fez pra mim. Isso aí eu tinha, eu já tava com
108 40 anos de idade. Eu num tinha iss', hoje não, criança tem tudo.*

109 P: Eu tento explicar isso às minhas meninas, mas elas falam: "mãe, esquece, a senhora
110 tem 50 anos, que é outra época".

111 *I: É, mais elas não sabem o que elas perderam, sabe, assim, é porque elas não têm
112 conhecimento do que era. Eu, eu assim, eu tenho, eu sinto falta da minha infância, era
113 muito gostoso. Por mais que tinha essas dificuldades, né, mais era gostos'. Porque hoje
114 a coisa se perdeu, ao longo dos anos, as coisas vão se perdeno, né. Eu digo mesmo
115 assim a questão de festas juninas. Festa junina se perdeu. Aqui, pelo menos aqui na
116 nossa região, aqui, pelo menos aqui, especificamente Zé Gonçalves, as festas juninas
117 daquela época, assim, eu num sei se ocê vivenciô isso, pelo menos na minha época, na
118 nossa cultura lá de Virge da Lapa, aí por mais que a gente morava dentro da cidade,
119 nós tinha aquela tradição de fazê a fuguera. Aí no dia da fuguera, fazia aqueles quitutes
120 lá, aquelas comidas lá típicas, né, aqueles bolos, biscoitos, e aí os vizinhos distribuíam
121 entre o outro, né, quem fazia na casa de um, levava um poco po outro e assim era, né. E
122 tinha essa tradição de fazê a festa, de soltá fogos, brincá todo mundo em volta da
123 fuguera, conversando, né. Acabô, hoje num tem iss'.*

124 P: As pessoas estão mais distantes também.

125 *I: Também, também.*

126 P: E na adolescência e juventude, também vocês iam para rio ou para alguma outra
127 comunidade para as festas?

128 *I: É gente ia, assim, na minha adolescência, eu já cheguei, assim, que eu tava com meus*
129 *dez, 11 anos, e até os 12 anos, a gente frequentava muito inda a bera do rio lá, do rio*
130 *Araçuaí, né, no Pega lá, gente ia assim, isso foi desde dos meus seis, sete anos, gente já*
131 *frequentava , sempre frequentamo né, aí éé, quando chegô na faxa dos 13, 14 anos, eu*
132 *já fui pra escola, né, a escola técnica em Araçuaí, aí nessa época da escola, aí gente*
133 *saía, frequentava as cidades vizinhas, né. Como eu era, gente traba, estudava em*
134 *colégio interno, éé, e aí gente ia a festa, tinha várias colegas de várias cidades, né, aí*
135 *um convidava o outro pra ir é, pra casa do outro no final de semana, a gente ia.*
136 *Visitava esses lados todos: Itaobim, Itinga, Medina. E tinha colegas de todas as*
137 *regiões, né, e a gente frequentava. Então, e essas festas, sempre na cidade, sempre*
138 *tinha aquelas festas da cidade, né, aquela festa tradicional. E aí a gente frequentava né,*
139 *Berilo, carnaval de Berilo a gente ia muito, Coronel Murta também tinha o Carnaval,*
140 *a gente ia também.*

141 P: E aí no município de José Gonçalves, os jovens têm algum lugar específico para ir e
142 se divertir? Existem as festas tradicionais ainda nas comunidades rurais?

143 *I: Tem. Aqui tem muita, aqui eu acho que aqui faz festa até demais. Toda comunidade*
144 *rural aqui, a única diversão, o lazer que o pessoal aqui de José Gonçalves tem é essas*
145 *festas. Assim, todo, todo lugá tem aquela festa específica, né: mês de janeiro? Tem uma*
146 *comunidade aí que tem uma festa, aí o pessoal vai pr'essa festa, mais é sempre assim,*
147 *festa à noite, né, é festa noturna. É. E aqui na cidade tem a festa tradicional, tem duas*
148 *festas quês fazem aqui, que eu memoro, que é a Nossa Senhora Aparecida, 12 de*
149 *outubro, né, uma festa tradicional, e tem o aniversário da cidade, que é em março. Aí*
150 *tem essas festas, né, que aí as comunidades vizinhas todas saíram, a prefeitura faz*
151 *questão de fazê festa, contratá banda, essas coisas todas. Então, todas as comunidades*
152 *rurais têm festas. Aí e tem também, às vezes, como são festas normalmente religiosas,*
153 *né, aí tem a parte religiosa, e depois vem as festas, os bares, as bandas que vêm tocá,*
154 *né.*

155 P: É uma região predominantemente católica ainda?

156 *I: Olha, bastante. É, é mais católica, é bem mais, mais cê percebe, igual aqui, Zé*
157 *Gonçalves, numa cidadezinha de 4.800 habitantes, aqui tem Assembleia de Deus, tem*
158 *igreja né, Igreja Assembleia de Deus, tem Igreja Cristão do Brasil, aí tem mais duas*

159 outras religiões aqui que eu num, não sei nem a designação delas não. Parece que é
160 Deus é Amor.

161 P: E aí pertenceu a algum outro município, você sabe?

162 I: Pertencia a **Berilo**. Aqui era município de **Berilo**.

163 P: Mas já com o nome que tem hoje?

164 I: Não, era **Gangorras**, né. Antigamente era **Gangorras**. Esse nome aqui é, acho que
165 veio alguma pessoa pra cá há muitos anos atrás, instalô na bera do **Ribeirão** aqui, e aí
166 instalô uma gangorra, né, pra fazê a soca do mi, essas coisas né, aí por causa dessas
167 gangorras que o pessoal pegava e trabalhava em torno, né, do, do **Ribeirão**, e produzia
168 e vendia, aí se deram, foi, e aí foi criado o arraial né e se deu o nome **Gangorras**.
169 Trocô de nome, agora é **José Gonçalves de Minas**, acho que refere, é, é, é um cidadão
170 daqui, família daqui, é um senhor d'uma família tradicional, que eu acho que ele foi, na
171 época, vereador em **Berilo**, alguma coisa desse tipo.

172 P: E quando você fala ribeirão, qual é o ribeirão que passa aí?

173 I: **Ribeirão Gangorras**.

174 P: E tem rio aí?

175 I: Não. Rio mesmo, num tem não. Aqui gent' tem o **Jequitinhonha**, né, que o município
176 atinge até as margens do **Jequitinhonha**, o município de **Zé Gonçalv'**. Inclusive, nós
177 tamo aqui ao lado da **Irapé**, né.

178 P: Não sabia que tinha ligação. Irapé é lá pro lado de Leme do Prado, daquele lugar?

179 I: A **Irapé** tá situado do município de Grão-Mogol e **Berilo**, né, que é ali perto de
180 **Lelivélida**, que é o, aonde que tá a casa de força, né. Só que atingiu as margens
181 do, do, do município aqui né, de **Zé Gonçalv'**, Leme do Prado, Turmalina, Cristália.
182 Então, a prefeitura daqui recebe royalties , né, da **Barrage**.

183 P: Aí tem escassez de água também? Falta água para a população ou vocês não têm esse
184 problema?

185 I: Olha, faltá, faltá, assim na cidade, não, é, aqui, nós temos, o **Ribeirão** até num
186 período do ano ele ainda corre água, né, aqui até mês de agosto, ano passado, pelo
187 menos, até setembro, tinha água no **Ribeirão**, parte dele. Ele ia secano e tal, aí, daí de
188 setembro pra a frente já faltô. Só que aqui tem um poço artesiano que abastece a
189 cidade. Nas comunidades rurais, sofre bastante. Algumas, não são todas, mas algumas
190 comunidades rurais sofrem bastante. A prefeitura faz o abastecimento com carro-pipa,
191 e algumas são abastecidas com poço artesiano, né, na onde tem, na onde que não tem é
192 carro-pipa.

- 193 P: As comunidades são bem próximas do centro urbano?
- 194 I:*São. Num é muito distante, não. A mais distante aqui deve tá em torno de 30*
- 195 *quilômetros, por ai.*
- 196 P: E na região, ouve-se falar que ainda existem animais selvagens?
- 197 I: *Ouve. Assim, tem. Ainda aqui na estrada, a gente passando aqui de carro, à vezes a*
- 198 *gente vê alguns animais, né, é, que tinha muita floresta né. Com a chegada da Irapé,*
- 199 *pelo menos aqui na chapada, o que aconteceu com a CEMIG? A CEMIG foi reassentá*
- 200 *o pessoal que morava, que é riberinhos, né, compraram a chapada, e as chapadas aqui*
- 201 *ainda tinha, ainda era bem preservadas e tal. No que eles compraram essas chapadas,*
- 202 *eles conseguiram desmatá e o pessoal, reassentaram as famílias, né, e aí aquela mata*
- 203 *nativa foi dano lugá a pastage, a plantio de eucalipto, né. Então, se vê falá ainda de*
- 204 *animais selvagens e tal, mais num tem aquela grande quantidade que tinha*
- 205 *antigamente, mais tem, ainda tem alguns ainda.*
- 206 P: E os córregos que existem ainda correm água? Tem algum que é perene?
- 207 I: *Olha, aqui no município tem alguns ainda, que inclusive as comunidades aqui, tem*
- 208 *algumas comunidades que ainda é abastecida por eles, né, que eles não secaram ainda,*
- 209 *mas são comunidades que já são bem próximas às nascentes deles, né. Então, ainda*
- 210 *tem essa vantagem, que a água não secô lá ainda, mais a maioria tá seco, a grande*
- 211 *maioria.*
- 212 P: Infelizmente está geral.
- 213 I: *Infelizmente, né, é geral.*
- 214 P: E você tem contato, visita muito a parte rural do município? Ela é muito grande?
- 215 I: *Não, ela num é muito grande, não, é, é... Pelo tamanho do município, ela é até*
- 216 *grande né, que Zé Gonçalv' é um, é um, o tamanho territorial não é muito grande, mas*
- 217 *tem bastante comunidades, aqui, eu visito assim, quando, sempre que eu posso ir eu vô*
- 218 *ni alguns lugares, assim. Eu conheço quase o município todo. Pelo fato d'eu não sé do*
- 219 *município, mais eu conheço mais do que muitas pessoas que é daqui da cidade.*
- 220 P: Quais são as comunidades mais próximas aí?
- 221 I: *A mais próxima aqui é Riberão Gangorras, é, Córrego do Cipó, ééé, Contendas,*
- 222 *Farinha Seca, ééé Samambaia, Córrego do Arrozal, ééé Palmital, Lapinha, assim são*
- 223 *todos bem próximos, né, São Bento.*
- 224 P: E as pessoas dessas comunidades. Nessas comunidades tem ensino médio ou eles têm
- 225 que se deslocar para ir aí estudar?

226 *I: Olha, praticamente todas as comunidades daqui, ensino médio é todo aqui na cidade,*
227 *o ensino médio. Algumas, eu acho que só duas comunidades hoje que têm o, o, o, o*
228 *fundamental é da prefeitura, e tem o Ijicatu, né, que tem também o fundamental*
229 *lá em Ijicatu que atende também outras comunidades lá também, que tem uma escola*
230 *estadual lá, e tem a estadual aqui no município, aqui ni Zé Gonçalv'.*

231 P: É o distrito daí?

232 *I: É o distrito.*

233 P: Só tem um distrito?

234 *I: Olha, eu nem sei se ainda foi, eu acredito que ele ainda não foi ééé, oficialmente*
235 *distrito ainda não. Me parece que tá em fase ainda de documentação. Num sei te falá*
236 *iss' com certeza não, mais ele, tava pra ser distrito, sim.*

237 P: Em relação aos povos tradicionais, VJ, aí ainda existem remanescentes de
238 quilombolas, de indígenas?

239 *I: Indígenas, não. Quilombolas, aqui ainda na cidade ainda não fizeram essa... tem uma*
240 *comunidade aqui que eu acho que me parece que eles tão tentando, que ela, ela*
241 *extrema com Berilo, que é Istiva. Eu até tive conversano com uma senhora de lá, ela*
242 *falô que tão, ês tão tentano já, né, fazê toda a documentação, ela já participô de*
243 *algumas reuniões.*

244 P: Para certificar, às vezes, demora muito tempo.

245 P: E aí também sofre quando tem enchente, muita chuva?

246 *I: Aqui na cidade, eu presenciei aqui, eu, eu o Riberão aqui duas vez entrá na cidade.*
247 *Uma parte da cidade aqui ele, ele invade. Inclusive, teve um ano que fez um estrago até*
248 *bastante, estragô bastante, invadiu lojas né, as ruas aqui, né, então deu um prejuízo*
249 *grande po pessoal.*

250 P: Aí é uma cidade que fica mais na parte alta ou é uma cidade mais plana?

251 *I: Ela, na verdade é como (risos), éé, eu lembro de, da menina do meu sócio aqui, G,*
252 *quando gente descia o morro aqui, né, ela dizia: "eu num quero ir pr'esse buracão*
253 *não", então cê imagina assim, que é um, um cânion, né, a gente tá bem embaixo, gente*
254 *tá na parte baixa, mais em torno é muito morro, né. Então gente tá, procê ter noção,*
255 *minha construção qui hoje, eu tô na, tô na bera do rio. Eu se eu, se eu jogá um anzol lá*
256 *eu pesco, entendeu. Então, as casas aqui tão todas em torno do rio. A gente segue aqui,*
257 *a cidade todinha, é ao lado do rio.*

258 P: E as pessoas que precisam de atendimento médico ou de justiça, autoescola, essas
259 coisas que nem sempre tem nessas cidades menores, vão para qual cidade?

260 *I: Olha, aqui na cidade, aqui nós temos uma estrutura médica até legal pelo porte da*
261 *cidade. Nós temos uma UBS, né, e essa UBS aqui nós temos um médico. Na verdade*
262 *aqui temos, hoje nós temos três médicos clínicos, né. As especialidades, aí manda, sim,*
263 *pra, aqui atende Turmalina, Capelinha e Diamantina. Minas Novas também. As*
264 *emergências, urgências, né, quando precisa de, de sair pr'esses, aí a cidade de apoio*
265 *aqui é Turmalina. Se caso num resolvê lá, aí de imediato já manda pra Diamantina.*

266 P: Então não tem esse vínculo com Araçuaí?

267 *I: Não. Na verdade, acaba seno regional, né. O SUS ele regionalizô, então Zé Gonçalv'*
268 *aqui tá pertenceno à regional de Diamantina.*

269 P: E pelo IBGE pertence à região imediata de Araçuaí.

270 *I: Pois é. Algumas coisas sim, algumas situações, assim, por exemplo, o Banco do*
271 *Nordeste, o Banco do Nordeste nós tamo no semiárido, né, na região de Araçuaí. E*
272 *antes era Capelinha, agora não, mudô pra região de Araçuaí.*

273 P: Porque antes, José Gonçalves, até 2017, não pertencia, aí mudou o nome de
274 microrregião para região imediata, o IBGE mudou isso em 2017. E aí colocou José
275 Gonçalves e tirou outras duas.

276 P: E o meio de transporte aí que usam é o terrestre mesmo?

277 *I: É, num tem outro não.*

278 P: E aí tem feiras? Tem produtor rural que produz para vender nas feiras no final de
279 semana?

280 *I: Feira aqui nós não temos. Inclusive, já tentaram criá uma ferinha aqui e não deu*
281 *certo. No povoado de Ijicatu, andô lá até uma ferinha lá até legalzinha no domingo,*
282 *ficô uns dois, três anos e depois num deu certo também. Éé, agora esse ano agora já*
283 *tão cogitano, né, pelo menos já tão anunciano aqui que vai fazê um mercado, já*
284 *conseguiu uma verba pa um mercado municipal, que vai tentá abrir uma ferinha aqui*
285 *agora, mais o pessoal produz aqui e vende de porta em porta, né.*

286 P: Então não tem um lugar específico?

287 *I: Não.*

288 P: E o município aí, de emancipação, é novo?

289 *I: Tem 20 e poucos anos. Num sei te fala assim precisamente, porque, me parece que*
290 *são 24 ou 25 anos.*

291 P: Deve ter sido, porque em 1997 teve uma onda de emancipação.

292 *I: Foi nessa onda mesmo, de todos esses, Ponto dos Volantes, Veredinha, Josenópolis.*
293 *É dessa mesma época.*

294 P: E depois que emancipou você percebe que teve alguma coisa marcante para a
295 infraestrutura, de melhoria para o município, ou não interferiu muito?

296 *I: Com certeza. Zé Gonçalv' ela mudô, assim, deu um salto gigantesco se ocê fô avaliá
297 o que era. Eu , assim, eu tive a oportunidade de conhecê aqui antes, né, de ser cidade,
298 e, assim, na minha infância ainda, eu vinha aqui que eu tinha uns colega que morava,
299 que morava em Virgem da Lapa, né, eu consegui vim aqui umas duas vez, e, assim, ocê
300 vê que mudô completamente. José Gonçalves é uma cidadezinha pequena, mais bem
301 estruturada, bem organizada, né, as ruas bem calçadinhas, as casas assim, o comércio,
302 o comércio então, melhorô 100%. Quando eu cheguei aqui, logo quando eu cheguei, em
303 2001, foi bem no auge da construção da **barrage de Irapé**, aqui se eu quisesse pagá um
304 boleto aqui, eu tinha que pegá o meu carro aqui e ir em **Virgem da Lapa** ou **Berilo** pá
305 pagá, que num conseguia pagar um boleto aqui na cidade.*

306 P: Aí tem agência bancária, tem tudo?

307 *I: Agência bancária mesmo, não, mais nós temos postos, né. Tem um posto avançado
308 do Bradesco, tem gerente, né, tem um caixa eletrônico, né, e tem os correspondentes,
309 né.*

310 P: E o acesso? Sempre foi de fácil acesso aí ou também não era fácil para chegar?

311 *I: Não. Aqui até meados aqui de 2000, foi em 2008, me parece, que foi que surgiu o
312 asfalto, né, num era asfaltado. Aí esse asfalto desceu de Turmalina, do trevo lá em
313 Leme do Prado e Zé Gonçalv', e não ligô Virgem da Lapa, né. Virgem da Lapa foi
314 recente agora. Aí esse acesso, mais era acesso, era uma estrada de chão, mais uma
315 estrada de chão, assim boa, né, dava pá transitá normalmente.*

316 P: Porque tem alguns lugares que não dava quase para ir.

317 *I: Não, não, até que, tinha dificuldade na época da chuva, né, estrada de chão sempre
318 tem esse problema, né.*

319 P: E você acha que essa diminuição dessas águas dos córregos, dos ribeirões terem
320 secado, é mais influência humana ou questão climática da região mesmo?

321 *I: Os dois, né. Eu sempre avalio os dois. Claro que a interferência humana ela é
322 gigantesca aqui, é grande, né, num tem nenhum. Eu tenho 20 anos aqui, eu não vi
323 prefeito nenhum fazê nenhum trabalho, nenhum trabalho voltado a meio ambiente,
324 nenhum dos prefeitos, nenhum. Não fez nada, nada, nada, é zero. Ééé, agora, inclusive
325 a prefeitura teve que contratá, por causa de exigências, né, um engenheiro ambiental, e
326 agora tá promovendo alguns trabalhos aqui. Já tão, já tá querendo já mudá alguma
327 coisa, né, e também tem a questão da própria regulamentação, né, das normas, né,*

328 questão de lixo, né, iss' aí num é nem que a prefeitura tá tomando providência, é porque
329 são regras, né.

330 P: É obrigado, não é porque quer.

331 I: É obrigação. Mais o fator humano, com certeza. Ééé, o fator humano sim, mais
332 nossa, aqui a questão de escassez de água aqui, iss' é né, é de muito tempo, vem
333 acontecendo há muito tempo. E aí vem o desmate, vem a questão do, do, da ação
334 humana com máquinas e tudo e acaba interferindo, né.

335 P: E aí tem eucalipto perto também?

336 I: Tem bastante. Aqui, basicamente, hoje quem tem chapada, a gente fala chapada que
337 é essa terra plana aí. Éé, quem não tem capim, tem eucalipto. Tem bastante. É uma
338 fonte de renda hoje aqui do pessoal.

339 P: E aí também você sabe se os primeiros habitantes foram africanos, se tinham escravos
340 na formação do município ou não?

341 I: Acho que é mais recente. Eu assim, uma vez eu conversei com um senhor aqui, que
342 tem uma fazenda ééé, na **comunidade de Santana**, que tinha um senhô que me parece
343 que ele, ele veio pra essa região, mais ele num era daqui, tipo assim, aquelas pessoas
344 que vinha em busca é, de riqueza, de produção, de alta produção, e ele veio, e ele
345 acabô instalano nessa fazenda. E essa fazenda é uma fazenda bem antiga mesmo, cê vê
346 assim, a estrutura da casa lá e tal. Aí fala-se, eu num sei se tinha, inclusive, eu tive
347 acesso a um caderno dele, é um caderno escrito naquela época, aí ele relatava tudo, os
348 períodos de chuva, o que produziu, quantas arrobas de algodão. Aí tinha tudo relatado
349 nesse caderno, uma letra muito bonita, por sinal. E esse caderno é um caderno bem
350 antigo. Aí fala que é um dos primeiros habitantes que é, rodô essa região. Me parece
351 que ele era de origem portuguesa, isso é o que ele fala, né. Eu tive acesso e esse
352 moradô, ele ainda tá aqui na região e ele tem esse caderno.

353 P: Isso dá um trabalho fantástico.

354 I: Eu vô te dá uma referência. Pode falá a referência dele? Você conhece o dotô A, em
355 Araçuaí, né?

356 P: Conheço.

357 I: A esposa de dotô A, hoje, V, o pai dela tem esses cadernos. A mãe dela, a mãe de V
358 mora com ela, dona A. Eu não sei se tá com o pai, que eles são separados, eu não sei se
359 tá com o pai o caderno ou com a mãe, mas eu tive acesso de vê os cadernos, eu vi o
360 caderno. É um caderno muito bacana, viu.

361 P: Imagino a preciosidade, a riqueza que tem.

362 *I: Depois eu posso até dá uma averiguada, ele num tá aqui na região no momento não*
363 *que ele tá com um terreno fora, mais assim que eu vê ele eu vô perguntá ele a respeito*
364 *desse caderno, que talvez seria bom se ocê conseguisse ter um acesso ao caderno, pra*
365 *você seria uma informação, ixe, valiosíssima. É muito bacana, as letras, eu fiquei,*
366 *assim, apaixonado com a escrita, sabe. A escrita é muito, muito bonita, as letras todas*
367 *desenhadas. Inclusive assim, cê tem até dificuldade pá decifrá, sabe, de tão desenhadas*
368 *que é as letras.*

369 P: Mas, então, VJ, a última questão é como você resumiria a sua vida no Vale do
370 Jequitinhonha? Qual o seu sentimento em relação ao Vale? É um lugar que você gosta
371 de morar, gostaria de morar em outra região?

372 *I: Oi?*

373 P: Oi.

374 *I: Parece que deu interferência e caiu a ligação. Oh, eu na verdade, eu só, eu só*
375 *apaixonado pelo Vale, tanto é que eu tinha uma, uma visão, que assim, quando eu*
376 *entrei na Agrogemito, eu acho que lá a gente foi muito bem alertado, sabe, a ideia de,*
377 *de Dom Enzo, que era o, o, o, o que começô tudo, a escola e tal, que era o bispo da*
378 *época, a ideia dele era, ele tinha um um um lema que era pa formá cidadão né, pra*
379 *atuá no Vale, e assim, isso ficô na minha mente, sabe e eu formei naquela intenção de*
380 *continuá no Vale, e eu nunca saí, nunca saí pra fora, nunca fui trabalhá fora. Desde*
381 *quando eu saí da escola, continuei trabalhano na região. Trabalhei na minha área*
382 *quatro anos, voltei, né, pra minha cidade natal, é, Virgem da Lapa, fiquei dois anos lá,*
383 *aí tô 20 anos aqui ni Zé Gonçalv', e eu num tenho vontade nenhuma, sabe, vontade*
384 *nenhuma de sair pra lugar nenhum. Eu tenho vontade de conhecê mais o Vale, eu tenho*
385 *vontade, assim, de expandi mais, talvez sair daqui dessa cidade, é uma cidade muito*
386 *pequena pra mim hoje. Eu tinha vontade de montá um negócio em outro lugar, uma*
387 *cidade maior, tipo Araçuáí, sabe. Isso aí, eu tenho vontade. Agora, sair do Vale, não.*
388 *Nunca tive essa pretensão. Eu gosto do Vale, acho o Vale um lugar riquíssimo, sabe, a*
389 *cultura do Vale, a hospitalidade do pessoal, todos os lugares. Quando eu cheguei aqui*
390 *ni Zé Gonçalv', assim, uma cidade bem pequena, eu gosto demais, eu senti tão, quando*
391 *eu cheguei eu senti tão, tão bem recebido, que num deu vontade nem de, eu falei: "aqui,*
392 *eu senti, sabe, quando ocê sente vontade, aqui eu vou ficá". Que quando nós chegamos*
393 *aqui, não tinha padaria, e aí o pessoal veio acolhê a gente, veio o povo todo, a gente*
394 *tinha um forno muito pesado pá tirá do carro, cê imagina, juntô, assim, em menos de*
395 *dez minutos, 40 homens pra tirar esse forno de cima do caminhão, e o pessoal tudo com*

396 aquelas qualidades, aquele: "ah, se ocê num pudé ir embora hoje, fica em casa, pode
397 dormir em casa". Sabe, eu, iss' é o **Vale**, né, iss' é Minas. Outra região cê num
398 encontra iss'. Já tive oportunidade de conhecê outros estados, e num encontra, num
399 tem, Minas é Minas, e o **Vale do Jequitinhonha** é diferenciado. Gente percebe isso no
400 olhar das pessoas, gente percebe ééé na hospitalidade, gente percebe, assim, qualquer
401 lugar que cê chega, cê é bem recebido, pelo menos, eu sinto isso, né.

402 P: É verdade. Eu só tenho a agradecer a vocês por estarem contribuindo comigo, então
403 eu te agradeço. Muito obrigada mesmo pela boa vontade, pela disposição em ajudar, em
404 colaborar.

405 I: É um prazer, se pudé atende assim, se precisá de mais alguma coisa. (())Aqui é
406 aquele, o povo é aquele minerin que qué recebê a pessoa na casa dele com café e
407 biscoito, sabe, o povo aqui é assim.

408 P: Eu liguei para uma dona de Virgem da Lapa semana passada, dona D.

409 I: D?

410 P: Dona DJ, ela mora no Pega, eu acho.

411 I: (risos) Taí, ó, cê tá veno, oh como o mundo é pequeno. Dona D, cê sabe o que ela é
412 minha? Cê já ouviu fala mãe-de-leite?

413 P: Sim, já, na minha região tem.

414 I: Pois é, era minha mãe-de-leite. Porque tem uma filha dela, a mais nova tem a minha
415 idade, e aí minha mãe, nós morava lá, era, ela morava d'um lado de cá do rio, minha
416 mãe morava do outro lado do rio.

417 P: Eu conversei com ela semana passada, ela falou: "só não estou mais feliz porque
418 você tinha que vir em casa, porque aqui tem ovo caipira, aqui tem frango caipira".

419 I: Pois é. Dona D é minha mãe-de-leite. Assim, é uma senhora já, já bem idosa.

420 P: Tem 93 anos, eu acho.

421 I: É bem idosa, mas tá bem ativa ainda.

422 P: Sim, porque eu liguei para ela, ela estava bem lúcida, porque eu não a conheço
423 pessoalmente, foi indicação de,a neta dela trabalhou comigo aqui no Instituto, foi
424 professora de Física um período aqui, e aí a AF que me falou.

425 I: AF, eu conheço.

426 P: "se você quiser conversar com a minha avó, eu vou te dar o contato dela e ela vai
427 ficar muito feliz, porque ela adora bater papo".

428 I: Conheço.

429 P: E você me ajudou muito mesmo. Se te perturbei muito, você briga lá com o moço da
430 padaria G que me indicou, mas ele me falou que você saberia muito sobre a região.

431 *I: Tá certo. Aí o dia que, quando voltá ao normal, se ocê quisé passá por aqui, éé, pode*
432 *procura aqui. Aqui o pessoal me conhece como N, ês num conhece como VJ, não. Fala:*
433 *, todo mundo sab', até os cachorrinhos da rua sab'. Aí pode vim aqui, se precisá de*
434 *indicação de algum lugar, de algumas pessoas, aqui a gente tá à disposição, viu.*

435 P: Que bom, VJ. O R falou: "se ele não puder, mais ele vai, porque ele é muito gente
436 boa, ele gosta de ajudar, você me fala. Eu não sei tanto quanto ele, mais alguma coisa,
437 eu te ajudo". Mas está sendo muito bom. A experiência de... porque eu moro aqui tem
438 nove anos , foi em 2011 que eu vim.

439 *I: Tem um bom tempo já.*

440 P: Eu vim para ficar aqui seis meses, um ano, e agora já, também sou do Vale. Mudei
441 do Vale do Rio Doce para o Vale do Jequitinhonha. Mas muito obrigada. Eu sei que
442 você trabalha o dia inteiro, você e sua esposa.

443 *I: Na verdade, assim, é que eu tô agora num período complicado, que eu tô com dois*
444 *funcionários de férias, e produção é difícil achá alguém pa substitui. E como eu sei fazê*
445 *de tudo, eu já venho pra dentro e faço. É só um mês só e aí eu tô me matano aqui*
446 *agora.*

447 P: Tenho que agradecer muito mesmo, porque à noite é hora de aproveitar a família, os
448 filhos, e você tirou tempo para me atender. Muito obrigada.

449 *I: Mas sem problemas, é um prazer. Precisando, cê tem o meu contato aí, viu.*

450 P: Então, está bom. Muito obrigada, fica com Deus, boa noite.

451 *I: De nada. Boa noite e fica com Deus.*

ENTREVISTA: 016VDLMJF55
Dados da informante

Informante 016, 55 anos, feminino, ensino médio completo, casada, natural do município de Virgem da Lapa.

Dados da entrevista

Data:	Duração:	Local:
17/09/2020	33minutos e 35 segundos	Residência da Informante

Legenda: P =pesquisadora I= informante

TRANSCRIÇÃO ORTOGRÁFICA

- 1 P: Dona MJ, bom dia!
- 2 *I: Bom dia*
- 3 A senhora aceita que a entrevista seja utilizada sem identificação ou pra senhora pode
- 4 usar identidade e imagem que não tem problema?
- 5 ***I: Sem identificação.***
- 6 P: Sem identificação. Então deixa eu marcar aqui. Então, vamos lá, então, começar a
- 7 nossa conversa. Onde que a senhora nasceu?
- 8 ***I: Eu nasci na, na comunidade chamada Tum-Tum que pertence a Virgem da Lapa.***
- 9 P: É perto daqui?
- 10 ***I: Perto, daqui uns 20 e poucos quilômetros.***
- 11 P: E a senhora reside aqui há quanto tempo?
- 12 ***I: Eu resido aqui há quarenta e três anos.***
- 13 P: Essa comunidade Tum-Tum a senhora sabe o porquê?
- 14 ***I: Essa comunidade Tum-Tum as pessoas mais velhas, né, mais, que conhecem disso sobre a, a característica, né, disse, desse nome, a denominação, desse nome, é porque tinha as árvores, né? As árvores chamadas Tum-Tum onde eles, é, aproveitavam de várias formas, é, frutos, né? É, espaço pra lazer por baixo das árvores. E aí foi sendo denominado o lugar por causa das árvores.***
- 15 P: Das árvores. E os pais da senhora também nasceram lá?
- 16 ***I: Meus pais também são, nasceram lá.***
- 17 P: O pai e a mãe da senhora
- 18 ***I: O pai e a mãe.***
- 19 P: E a senhora frequentou escola onde?

24 **I:** Eu frequentei a escola aqui em **Virgem da Lapa**, porque minha mãe faleceu e, fui,
25 eu fiquei aos cuidados do meu pai né, e aí, depois, a minha madrinha me trouxe... pra,
26 me adotô. Eu fui adotada pela família dela, e eles me... me deram educação, né? Todo,
27 todo o carinho, todo o cuidado possível.

28 **P:** E a senhora se lembra da infância da senhora? Como foi? O que a senhora se lembra
29 de marcante? O que a senhora fazia pra se divertir, para brincar, pra passear?

30 *I: A minha infância não foi assim muito, eu não tenho muito boas lembranças, porque,*
31 *primeiramente, né, eu não conheci minha mãe, não tenho nem, nem sei, se pedi pra não*
32 *fazer um autorretrato da minha mãe, eu não sei, porque quando ela faleceu, eu tinha*
33 *sete meses de idade. E aí, né, fui, fui criada e convivendo com os meus familiares, né?*
34 *Meu pai, os irmãos mais velhos, eu sou a caçula. E aí, depois, eu vim pra cidade,*
35 ***Virgem da Lapa**, né? Aos cuidados da família da minha madrinha e aqui... cresci. E eu*
36 *não tinha assim, na minha infância eu era, eu tinha mais assim, um pensamento de*
37 *adulto.*

38 **P:** Amadureceu rápido?

39 *I: Eu não tinha brinquedo, não tinha brinquedos, assim, eu brincava mais com coisas*
40 *mais relacionadas a fazeres de casa, né? Gostava de brincá de, de, de casinha, né,*
41 *aqueles, tem aqueles caquinhos de lôça que era as vasilhinhias. E aí, tudo meu, era de*
42 *bá das árvores, né, gostava muito de brincá debá das árvores, mesmo na cidade e eee,*
43 *eu tinha muita vontade de tê uma boneca, meu sonho era tê uma boneca. Então, depois*
44 *que eu me tornei adulto, o, pra mim o melhor presente que me dá é uma boneca.*

45 **P:** (())).

46 *I: Que a gente vivia fazendo era de sabugo, né, daquelas coisas, do que tinha né? Os*
47 *brinquedos. Não tinha condição de, de comprá, né.*

48 **P:** Verdade. Ontem minha menina, a menina de quatro anos falou isso comigo, dona
49 MJ, ela falou assim, “oh mãe quando você era criança, um dia me mostra como era as
50 bonecas da senhora”, falei assim, “vou ter que te levar no milharal”.

51 *I: Era isso mesmo. Ah, era tão interessante, a gente achava tão interessante ().*

52 **P:** Verdade. E a adolescência a senhora lembra? Como que era a diversão na
53 adolescência?

54 *I: Ah, a minha adolescência foi melhor, eu já tinha um grupo de amigos, né, assim de,*
55 *de, pra, pro lazê mesmo, prá ir aos clubes, né, e, e na turminha de pessoas, de amigas*
56 *muito, cabeça feita, né, também, que não tinha. No meu tempo também, não tinha muito*

57 *essas coisas de, de, de farra assim, de, de, de, esses sons, essas músicas, né, sem sentido*
58 *né, igual tem hoje, então era coisa muito gostosa, muito bom.*

59 P: E vocês iam pra onde pra passear, quais lugares?

60 **I:** *A gente ia pra, o centro da cidade, né, a gente tava aqui, morava aqui há muito*
61 *tempo, eee, nas danceterias, né, assim,a única que tinha aqui, né, a gente frequentô*
62 *muito, era muito divertido.*

63 P: Não tinha forró na zona rural não?

64 **I:** *Tinha muito.*

65 P: Onde tinha muito forró?

66 **I:** *Em todos os lugares mais próximos, é,no **Tum-Tum**, no **Santa Rita**, né? Que são*
67 *comunidades próximas, é, **Vai Vi**, assim.*

68 P: Como que chama?

69 **I:** ***Vai Vi**. Tinha uma comunidade, tem uma comunidade próxima aqui que chama **Vai***
70 ***Vi**.*

71 P: Vai Vir?

72 **I:** *É (risos). Aí a gente frequentô muito esses, essas diversões, né?*

73 P: Ah, tá. E tem algum lugar que ficou na memória, desses lugares, que a senhora acha
74 o lugar mais legal de ir?

75 **I:** *O lugar mais legal de ir, você fala das comunidades?*

76 P: É. Na adolescência.

77 **I:** *Ah, no **Vai Vi**.*

78 P: Ah é? O que tinha lá de legal?

79 **I:** *Assim, a maior parte das minhas amigas, né, era nessa comunidade. Muitas hoje*
80 *permaneceram. Muitas já foram embora, mas assim a gente, e aqui na cidade também,*
81 *eu, eu, mais eu gostava mais da zona rural.*

82 P: E hoje, onde as pessoas se divertem pra passear, para reunir com os amigos, parentes,
83 tem algum lugar específico?

84 **I:** *Hoje, aqui na cidade ou na...?*

85 P: É, no município todo.

86 **I:** *É, as pessoas vão também, assim que tem muitos lazeres, né, assim, nessas*
87 *comunidades, igual aqui mais próximo, mais próximo mesmo no **Pega**, na comunidade*
88 *chamada **Pega** porque tem um rio, né? Tem os barzinhos, né?*

89 P: Qual rio que tem lá?

90 **I:** *O rio Araçuaí, o rio Araçuaí ,e... tem aqui na cidade também, mais é muito pôco, o*
91 *lazê aqui é muito pôco.*

92 **P:** E lá chama pega?

93 **I:** *A comunidade chama Pega.*

94 **P:** E a senhora lembra como era aqui o município antigamente, falar um pouco como
95 era a região, o que a senhora acha de melhoria, ou se não teve?

96 **I:** *Ah, o município aqui antigamente era bem, era bem difícil, as coisas era muito*
97 *difícil, em questão de, de, de, é, ir e vir, né, nas cidades vizinhas, porque não tinha*
98 *asfalto, da cidade, na nossa cidade também era muito, as ruas eram precárias né, assim*
99 *uma situação muito, muito precária. Há pôco tempo, né, que foi chegando calçamento,*
100 *foi a luz elétrica, né? Isso eu tô falando da (), mais assim, no começo era, era bom, a*
101 *gente era feliz e não sabia, mais assim, depois foi melhorando bem, né?*

102 **P:** Não tinha calçamento?

103 **I:** *Quando emancipô, né, a cidade, sim? Foi aos poucos, foi se transformando.*

104 **P:** Aqui pertencia onde? Qual lugar?

105 **I:** *Aqui pertencia (), de Araçuaí.*

106 **P:** E sempre chamou Virgem da Lapa?

107 **I:** *Não, antigamente se chamava São Domingos, Arraiá São Domingos. E... depois foi,*
108 *que emancipô, recebeu esse nome de Virgem da Lapa por causa da Santa, aquela*
109 *história toda, né, que cê já deve conhecê, né. A Nossa Senhora da Lapa.*

110 **P:** Da festa?

111 **I:** *Do aparecimento da santa né, e aí foi que recebeu o nome de Virgem da Lapa.*

112 **P:** Ah, tá. E na região, a senhora lembra se já teve ou se tem muitos animais selvagens,
113 quais são as plantas que são predominantes aqui?

114 **I:** *Aqui tem vários tipos de plantas assim, por exemplo, é... é... Como é que fala? As*
115 *mais antigas que eu conheço, é... Tem lugares que tem mais ipês, né, mas não são*
116 *predominantes, são mesmo assim que, né, que as pessoas...*

117 **P:** Mas sempre existiram aqui, né?

118 **I:** *Existiram, sempre existiram, tem é... uma antiga mesmo gente, que eles chamavam*
119 *de... aroeira oh ...Meu Deus como é que chama? Gameleira.*

120 **P:** Essa que a senhora falou, Tum-Tum, ainda existe essa planta na região?

121 **I:** *Eu acho que sim, há muitos anos atrás, eu acho que sim, ainda existe. Pouco, mais*
122 *existe.*

123 P: A senhora acha como que é a preservação das plantas de animais aqui na região?
124 Existe, não existe, tão acabando?

125 *I: Ah, tá diminuindo muito, né, nossa a destruição... Uma falta de consciência do ser*
126 *humano acha que, né, que tem que fazê aquilo ali, aquela, aquela, aquelas derrubadas,*
127 *né? E como diz, né? Se paga uma licença, né, consegue com, com facilidade, mas não*
128 *imagina o futuro, né?*

129 P: É verdade. E em relação a água daqui da região, dona MJ, como foi? Como era?
130 Como está hoje?

131 *I: A água aqui era difícil, moça! A gente, a gente buscava água no córrego.*

132 P: Qual córrego?

133 *I: No córrego São Domingos antigo, né? Quando corria água mesmo a gente, lavava*
134 *roupa, levava aquelas baciadas de rôpa pro lajedo, né pra lavá. E eu mesma*
135 *piquinininha, imagina eu com, com uns 6, 7 anos de idade, buscando água na cabeça,*
136 *né, do corgo pra cá que não tinha, na cidade, não tinha água encanada. Aí quando*
137 *encanô a água ainda era muito difícil, porque a, a população foi aumentando, né, e aí,*
138 *eram demandas, por uma lata d'água. Tinha um lugá ali, até hoje ainda existe, que*
139 *chama filtro¹, a água da cidade toda era vinda de lá, então, era regrada mesmo, ficava*
140 *até uma semana às vezes. Aí o povo tinha uns coisos, chamados chafariz, né? Eles*
141 *colocava as filas de lata pra quando chegasse conseguisse pegá pelo menos um (risos).*
142 *Aí depois veio o, o... Eles conseguiram fazê, veio a, a Copasa, né? Depois de muito*
143 *tempo veio a Copasa e fez a encanação. Que nessa comunidade Pega tem a estação de*
144 *tratamento da água.*

145 P: Ah, tá.

146 *I: Que serve pá nossa cidade.*

147 E esses córregos que pegava água que todo mundo buscava no mesmo córrego, São
148 Domingos, só tinha ele ou tinha mais córregos?

149 *I: Só tinha ele, o córrego São Domingos, só tinha ele.*

150 P: E hoje ele corre a água ainda?

151 *I: Não, corre quando chove, né, que dá aquelas chuvas, aquelas quedas d'água né, bem*
152 *fortes, aí ele enche, mais enche e vai embora.*

¹ Na verdade não se tratava de um lugar e sim de um recipiente, uma caixa grande onde se dizia tratar a água nos tempos que não existia redes de distribuição de água para os moradores. Era o único reservatório da cidade, conforme informações da informante.

- 153 P: E por que a senhora acha que parou de correr água, dona MJ?
- 154 **I:** *Por causa da, da, da falta de preservação né?*
- 155 P: Verdade. E, rios aqui perto tem o Araçuaí e tem outro?
- 156 **I:** *Só tem rio Araçuaí, né? Que passa no, nessa comunidade Pega.*
- 157 P: Hoje as pessoas ainda têm o hábito de pescar, de tomar banho no rio, aqui da região?
- 158 **I:** *Tem, como lá, né, mais por lazê mesmo, né? Mais são poucos rios.*
- 159 P: E as pessoas aqui pescam onde? Qual rio tem mais peixe aqui perto?
- 160 **I:** *Aqui tem as represas, né, não tem rio. O rio próximo que tem aqui é o Araçuaí, passa na comunidade Pega.*
- 161
- 162 P: Quais represas têm aqui?
- 163 **I:** *Tem a represa na chegada mesmo, assim perto da ponte, uma represa lá de, de, que eles falam a represa de Djalma, tem represa mais assim, que eles,éé, construíram mesmo.*
- 164
- 165
- 166 P: Propriedade particular.
- 167 **I:** *Propriedade particular.*
- 168 P: Ah, tá. Então talvez essas lagoas sejam...
- 169 **I:** *É, não tem assim mesmo nativa*
- 170 P: E a senhora tem filhos?
- 171 **I:** *Tenho três filhos.*
- 172 P: Estudaram todos aqui? Nasceram aqui?
- 173 **I:** *Nasceram todos esses aqui, estudaram... aqui e Belo Horizonte, dois estudaram em*
- 174 *Belo Horizonte.*
- 175 P: Ah. É, a maioria dos jovens aqui vão embora para estudar, né?
- 176 **I:** *É. E muitos às vezes fazem essas faculdades que tem é, virtuais, né? Igual tem a UNOPAR, muitos aqui estudaram na UNOPAR, estudaram na UNIASSELVI, tão*
- 177 *estudando na UNIASSELVI ().*
- 178
- 179 P: E na época dos filhos da senhora, eles também brincavam no mesmo lugar que a
- 180 senhora, na rua e tudo ou não?
- 181 **I:** *Muito pôco, porque na época deles a gente assim, igual eu falei que, que, por eu ter*
- 182 *tido uma, uma infância assim, bem pobre mesmo, né, não tinha condição, nem de*
- 183 *comprá, nem de ganhá, os pais, né, de dá é, era no máximo a alimentação e estudo,*
- 184 *né, aí, porque meu pai eu perdi com sete anos de idade, então, eu fui criada*
- 185 *praticamente com a família da minha madrinha, que hoje as meninas conhecem os tios*

186 *e os avós, né, família mais próxima deles. Mais eu tenho a minha família ainda, meus
187 irmãos biológicos, né, que moram nessa comunidade Tum-Tum.*

188 P: Moram em Tum-Tum ainda?

189 **I:** *Moram. Aí ééé, eles não, eles já tinham, já tinham mais boa vida, né, já tiveram esses
190 outros brinquedos, igual eu falei que por eu não ter tido, né, então que eu, eu faria tudo
191 pra dá pra eles, assim, mais um, um conforto, melhor, né, em termos de tudo.*

192 P: Mas tem algum hábito da infância da senhora que eles ainda preservaram? Alguma
193 brincadeira que a senhora brincava, que ensinou, que eles também brincaram?

194 **I:** *Não, não. Acabei, acabei nem ensinando, acredita (risos). Também assim, porque
195 minha, minha, a infância deles também foi assim, muito, eu fiquei muito distante porque
196 eu trabalhava nessas escolas de zona rural, então teve escola que eu trabalhava que eu
197 ficava uma semana, né, ia assim na segunda e voltava na sexta, então eu não
198 acompanhei muito, é tanto que eu falo que eu não vi meus meninos nem dando os
199 primeiros passos às vezes, porque eu não tinha, não tinha oportunidade de acompanhá,
200 não tinha como, tinha que saí pra trabalhá, né?*

201 P: É. Minha mãe também passou por isso.

202 **I:** *Aí, agora assim, tô curtindo os meus netos, porque o que eu não curti deles, agora eu
203 tô curtindo os netos. Eu realmente não podia pará pra, pra dá-los toda a assistência,
204 né, todas as... curti todas as fases.*

205 P: A senhora já trabalhou em quais lugares aqui?

206 **I:** *Nossa, mãe, já trabalhei. Nessa comunidade Tum-Tum foi meu primeiro emprego
207 como professora, né? Foi em 84 a oitenta 87. Aí depois, em 87 eu fui trabalhá no
208 Estado, escola do Estado.*

209 P: Aí aqui dentro da cidade?

210 **I:** *Aí já foi nas comunidades próximas a Lelivélia, lá na saída, trabalhei em Monte
211 Alto, trabalhei em Lagoinha, e lá eu trabalhei em Monte Alto, Lagoinha. Lá em
212 Ijicatu eu trabalhei em várias comunidades também: Santana, é Cipó, comunidade
213 chamada Cipó. Então meu, meu maior tempo de serviço todo foi em lugares mais
214 distantes, nas comunidades do município e de outros municípios.*

215 P: Aí depois a senhora veio p'raqui?

216 **I:** *Ai depois eu vim p'racá, agora depois que veio o asfalto, né () (risos).*

217 P: Verdade, eu que o diga, eu já fiquei nessas estradas de chão daqui.

218 **I:** *Moça, cê qué vê quando chovia.*

219 P: Já fiquei nesses morros aí, dona MJ (risos).

220 **I:** *Mas foi muito bom, a gente conheceu tanta gente boa, né, muita gente preza a, a
221 amizade da gente até hoje.*

222 P: Eu acho que uma das vantagens de ficar trabalhando em vários lugares e ir viajar pra
223 vários lugares é esse, conhecer pessoas.

224 **I:** *Cê qué vê os ex-alunos, moça, tem hora que chega, cumprimenta a gente hoje, cê
225 lembra a fisionomia, mais esquece até o nome.*

226 P: Verdade.

227 **I:** *E eles com aquela maior satisfação com a gente.*

228 P: E pra senhora aconteceu, tem algum fato marcante que aconteceu aqui em Virgem da
229 Lapa ou em Tum-Tum? E o que a senhora acha que foi mais marcante pra senhora ou
230 para o município?

231 **I:** *O que foi mais marcante... ééé... Assim de bom, ou de, de?*

232 P: Que marcou a senhora? Pode ser positiva ou negativamente.

233 **I:** *O nascimento dos meus filhos.*

234 P: Todos aqui, né?

235 **I:** *Todos aqui.*

236 P: E sobre a questão de indígena, dona MJ, a senhora conhece? Existem por aqui
237 ainda?

238 **I:** *Não, aqui não existe, assim, porque antigamente tinha aquele, lá no **Tum-Tum**
239 mesmo, na minha comunidade, na comunidade que eu nasci, tinha famílias, inclusive
240 dizem que tinha parentes nossos que eram indígenas, mais eu não conheci, muitos,
241 muitos anos atrás.*

242 P: (()) Quilombolas? Aqui existem?

243 **I:** *Tem, existe. Inclusive essa comunidade **Vai Vi** mesmo é, tem aaa, é comunidade
244 quilombola, aqui, **Curral Novo**.*

245 P: Que é uma comunidade?

246 **I:** *É uma comunidade.*

247 P: Curral Novo?

248 **I:** ***Curral Novo**. Tem a comunidade quilombola o **Pega**, é comunidade quilombola. Ééé,
249 aqui próximo **Rosário**, tem **Rosário de Cima e de Baixo**, eu não lembro se é a de cima
250 ou de baix', tem comunidade, é quilombola.*

251 P: É bem marcante a presença deles aqui na região, né? Que foram trazidos p'raqui
252 também...

- 253 **I:** *Bugre, que fica próximo a Cansanção, é comunidade quilombola. Nossa, tem muita,*
254 *muita mesmo.*
- 255 P: Interessante. Ééé, religião, a senhora tem alguma religião?
- 256 **I:** *Católica.*
- 257 P: Católica? A senhora frequenta qual igreja? Aqui tem uma só?
- 258 **I:** *Aqui tem várias, cada bairro tem uma, Igreja Matriz, Igreja Nossa Senhora da Lapa,*
259 *Igreja Nossa Senhora da Saúde, tem várias, várias.*
- 260 P: Então, a população aqui é predominantemente católica?
- 261 **I:** *Uma parte, porque também tem muitas evangélicas, inclusive aqui próximo tem uma*
262 *igreja, igrejão azul, na chegada ali tem uma outra que é a mesma Assembleia de Deus,*
263 *do lado dela tem também, tem os Testemunhas de Jeová, tem é, é, é com' é, que fala, é,*
264 *Batista, tem um monte.*
- 265 P: E a senhora se lembra da, lembra ou já ouviu falar da enchente que teve em 79?
- 266 **I:** *Eu já vi falá, assim, eu era bem nova.*
- 267 P: Aham, das consequências que trouxe, aqui também teve?
- 268 **I:** *Teve, mais parece que prejudicô mais foi Araçuaí, né. Aqui teve, morreu pessoas,*
269 *várias casas, foram né, assim, prejudicô...porque bem próximos aaa... Ah, não! Foi no*
270 *rio Araçuaí, né, a 79, foi Araçuaí.*
- 271 P: E aqui teve alguma marcante?
- 272 **I:** *Teve nas comunidades próximas. Algumas pessoas perderam muitas, muitos gados,*
273 *muitas, né, muitas plantações, () fez muita é, muitos estragos. Bom, quem morava*
274 *próximo ao rio, né, ?*
- 275 P: Ah tá.
- 276 **I:** *Agora aqui não, foi no córrego São Domingos, eu confundi.*
- 277 P: Ah, entendi. Aqui a senhora não se lembra de nenhuma enchente, nenhuma chuva
278 que destruiu muito aqui não, né?
- 279 **I:** *Teve uma época aqui, que choveu quarenta dias. Eu não lembro a data assim, mas,*
280 *mas eu lembro, foi chuva assim que, que quase faltô até alimento pra população, eu*
281 *não lembro a data.*
- 282 P: Meios de transporte aqui hoje são as motocicletas, os carros, mas antigamente não
283 era. A senhora se lembra de outros meios de transportes que se usava daqui pra ir pra
284 cidades vizinhas?
- 285 **I:** *Os caminhões pau de arara que eles falava, né?*
- 286 P: Pessoal ia de caminhão?

287 **I:** *Ia de caminhão, ia de caminhão. É, a cavalo, né? Carroças, muito, muito, muito*
288 *depois vieram, né, as bicicletas, motos. O pessoal antigamente aqui ia daqui pra Bom*
289 *Jesus da Lapa, de caminhão. Viajavam o que? Gastavam acho que quase 8 dias pra*
290 *chegá lá.*

291 P: Eu já encontrei com caminhão com um monte de gente em cima da carroceria.

292 **I:** *Não, mais isso aí é farra, né, era por farra, ou às vezes vinha da zona rural, mais o*
293 *transporte era pau de arara, esses caminhões que eles falam aí. Moça, o povo ia numa*
294 *felicidade, tomav' poeira, cé imagina daqui a Bom Jesus da Lapa.*

295 P: Verdade.

296 **I:** *E pra Araçuaí tinha, né, também. Era muito difícil porque era terra, né, estrada de*
297 *terra muito ruim, mais muitos, assim igual lá do **Tum-Tum** mesmo, tinha pessoas que*
298 *ia para Araçuaí a pé, carregano coisas pra vendê na quarta-feira, no sábado, né?*
299 *Naquela mesma feira que tem.*

300 P: Sempre levava as coisas pra feira de lá ou aqui também tem?

301 **I:** *É. Cê fala assim...*

302 P: A feira de Araçuaí, né? Os produtores levam coisas pra vender.

303 **I:** *É, os mais próximo de lá levavam pra lá.*

304 P: Mas aqui também tem essa feira?

305 **I:** *Aqui tem, aqui tem.*

306 P: Movimentada também, dona MJ?

307 **I:** *Movimentada. Bem movimentada no sábado, só no sábado.*

308 P: É sábado?

309 **I:** *É.*

310 P: Aí vêm as pessoas das comunidades todas?

311 **I:** *Todas vêm.*

312 P: Mas aqui não chegaram a levar coisas em animais pra Araçuaí não, ou chegaram? Os
313 tropeiros?

314 **I:** *Eu acho que sim, viu! Eu acho que sim porque era, era aquele ir e vir, né, assim.*
315 *Tinha pessoas que tinha até medo de carro, né, quando aparecia um carro diz que eles*
316 *escondia no mato.*

317 P: Ah é?

318 **I:** *(Risos). Porque tinha medo, né, não tinha custum'.*

319 P: Aí ia de animal?

320 **I:** *Aí ia de animal, ia a pé. Das comunidades, né? Agora daqui mais era a cavalo, né?*

- 321 P: E o pessoal que ainda usa muito animais ainda como meio de transporte ou não?
- 322 I: Tá muito pôco, muito pôco, que eles ultimamente, eles ficam, fazem mais é essas
323 cavalgadas que tem, né?
- 324 P: Aqui tem muita cavalgada?
- 325 I: De vez em quando tem. Parô mais agora por causa dessa pandemia, né, mais antes
326 todo fim de semana tinha uma cavalgada, nessas comunidades aí. Aí o povo vinha, saía
327 daqui pra ir pra, pras farras.
- 328 P: Esses nomes dessas comunidades a senhora sabe porque de alguns? Tem alguns que
329 a senhora sabe o porquê, além de já falou que a árvore?
- 330 I: **Tem Tum-Tum, tem Santa Rita.**
- 331 P: É religiosidade.
- 332 I: É. Ééé, **Vai Vi** que eles diz que é porque, eles falam que é porque tinha o, o, por
333 causa do acesso de ir e vir, né, aí um perguntava “Cê vai...cê vai vir...”, por exemplo,
334 cê, cê vai... como é que é que eles usavam, gente? Eu já vi essa história, eu trabalhei na
335 Associação Aprisco, né? Então ela envolvia todas essas comunidades, aí a história do
336 **Vai Vi** é essa questão mesmo do, do, que eles pegaram esse hábito de fala, né.
- 337 S: É uma expressão, Vai Vir. E o Pega?
- 338 I: **O Pega** é porque, eles falavam que é porque é...cumé que é gente? Essa história do
339 **Pega** é até engraçado, eu lembro lá na Aprisco a gente lendo, né, sobre eles. Tipo
340 assim, de, de,de, do, do manusear mesmo, né?
- 341 P: Ah, é do verbo pegar?
- 342 I: É, do verbo pegar. Cê, cê, por exemplo, cê, cê tem isso aqui assim? Não. Cê qué, cê
343 pega aí diz que foi (risos) foi, pegando esse hábito.
- 344 P: Que interessante? E se a senhora pudesse resumir hoje como é a vida da senhora
345 aqui, o que a senhora gosta da região, o que a senhora não gosta, se a senhora tem
346 vontade de mudar pra outro município?
- 347 I: Não. Eu sempre falo que **Virgem da Lapa** pra mim, eu me sinto feliz em viver aqui,
348 porque, eu aprendi muita coisa, tudo de bom na minha que eu aprendi, né, foi com
349 meus familiares aqui eeee vendo também a, a, a transformação do lugar, né?
- 350 P: Melhorias, né?
- 351 I: As melhorias, porque demorô, mais, mais conseguiram, né? Conseguiu chegá as
352 melhorias aqui pra nossa cidade. E a gente foi crescendo vendo a transformação.
353 Então, eu, igual eu falo mesm': eu não tenho vontade de morá fora de **Virgem da Lapa**,
354 não desfazendo dos outros lugares que a gente precisa, né? Vai, né, é, em termos né, de

355 tratamento, essas coisas, mais, o meu lugá predileto é **Virgem da Lapa**, não troco por
356 outro.

357 P: Ai, que bom. O pessoal do Vale tem essa, essa ligação muito com o lugar, né? Esse
358 amor pelo lugar, mesmo os que vão querem voltar.

359 **I:** É o que eu falo. Tem gente que fala, aí eu, eu fui embora pra São Paulo, ganhei iss',
360 ganhei aquil', gente mais seu lugar é, né... é **Virgem da Lapa**.

361 P: É verdade.

362 **I:** Tem hora que vai, muitos, já aconteceram com muitos que foram, moraram muito
363 tempo, construíram muita coisa, né, muitos bens e tudo, depois, acabô vindo. / Procurá
364 um lugar mais tranquilo, né. Eu tenho parentes mesm' que tem vontade de vir pra,
365 morá.

366 P: Se as pessoas tivessem melhores condições de emprego, de vida não sairiam do
367 lugar.

368 **I:** E lá fora tem tudo isso mais é mais difícil, né? As coisas são muito mais complicadas
369 ééé, depois de um certo tempo, né? Não tem mais aquela, aquela, aquela vida que teve
370 antes, quando foram pra lá que ganhavam muito dinheiro, que né, conseguiram tudo e
371 aí depois vem as consequências, várias consequências que acabô. / Eles querem hoje
372 voltá pr'um lugar mais tranquilo.

373 P: E em relação ao Vale do Jequitinhonha em si, qual é o sentimento da senhora? A
374 relação da senhora com o Vale? Senhora gosta também?

375 **I:** Gosto e meu sentimento é de tê acabado muita coisa, assim, igual aqui na nossa
376 cidade mesmo tinha muita coisa voltada pra... pra... ééé... Festivale, né, as cantorias
377 assim, e as coisas acabaram, a gente sente falta, né, que já tinha as épocas que
378 aconteciam né. Aqui em **Virgem da Lapa** mesm', foi em, em, eu não sei se foi em 82,
379 gente aconteceu um festivale, foi a coisa mais linda, mais interessante e depois tudo foi
380 acaband'.

381 P: É. A cultura do Vale é muito rica, né? Por mais que as pessoas rotulem o Vale.

382 **I:** É, fala Vale a miséria. Não, o povo que é, existe muita gente acomodad', né, mas o
383 nosso Vale é muito rico, muito rico, falta é, assim mais, mais é, mais governantes pra
384 implantá, né { } pra tá incentivando né.

385 P: Verdade. Primeira vez que eu passei aqui, eu fiquei encantada. Quando eu fui em
386 Araçuaí a primeira vez, eu passei aqui no dia 15 de agosto.

387 **I:** Nossa. Oh moça, este ano a gente sofreu demais, por causa dessa festa que não teve.

388 P: A festa tradicional daqui é essa, né?

- 389 **I:** É esta, 15 de agosto.
- 390 P: E vem gente de vários lugares?
- 391 **I:** São muitos dias, que a parte religiosa mesm' começa a partir do dia 6 e termina dia
- 392 15 e aí as festividades começam dia 12 e por aí vai.
- 393 P: E esse ano totalmente diferente né?
- 394 **I:** Ai, meu Deus, esse ano foi uma tortura, muita gente até, ficô até com o psicológico
- 395 abalado porque, ficava vendo, parece que ficava né, flutuand'.
- 396 P: É algo que faz parte da tradição do lugar e 15 de agosto é marcado e você já espera
- 397 aquela data, né?
- 398 **I:** É igual Araçuaí. Imagina agora o aniversário da cidade, né, tanta coisa ééé, cumé
- 399 que fala, é, que acontece lá, em setembro.
- 400 P: Ah, a programação do desfile do aniversário, né?
- 401 **I:** Aniversário da cidade tem a, a, cumé que fala? Micareta, aquelas coisa toda. Além
- 402 das outras festividades, né, tradicionais que tem.
- 403 P: Verdade. Agradecer porque a gente, graças a Deus, tá vivo, né? Nossa região não tá
- 404 tendo essa quantidade de mortes, né? Embora Araçuaí esteja crescendo muito o número
- 405 de casos.
- 406 **I:** Mais eu vou te fala a verdad', pode até pensá que é ignorância minha, sabe, mais tá
- 407 tendo tanta jogada política no meio dessa situação, que eles tão envolvendo, eu num
- 408 sei, tem hora que aparece esses casos assim, gente nem acredita. Sai aqueles boletins, a
- 409 gente fica assim: será que tá mesm', será que ta acontecend' mesm'? A gente tem que
- 410 se precavê, né, porque a coisa é mundial, mas num sei não.
- 411 P: Fazer nossa parte né.
- 412 **I:** Eu falo que em **Virgem da Lapa** os casos aí que apareceu cê viu que é muita, num
- 413 sei, mas deixa estar.
- 414 P: Mas é isso dona MJ. Agradecer a senhora pela conversa, né? Pelo tempo disponível,
- 415 pela boa vontade, perdeu tempo da senhora aqui comigo.
- 416 **I:** Ganhei. É mais uma amizade, né?
- 417 P: Verdade, verdade. Vindo em Araçuaí, minha casa tá a disposição, pode ir lá passear,
- 418 tomar um cafezinho...

ENTREVISTA: 017ARALOM66

Dados do Informante

Informante 017, 66 anos, masculino, ensino fundamental incompleto, casado, natural do município de Araçuaí.

Dados da Entrevista

Data: 16/09/2020	Duração: 43min e 55segundos	Local: Residência do Informante
Legenda: P=pesquisadora I= informante		

TRANSCRIÇÃO ORTOGRÁFICA

- 1 Boa tarde, seu LO.O senhor aceita que a entrevista seja gravada e utilizada sem
2 identificação ou com a identidade e imagem?
- 3 *I: Sem identidade e imagem.*
- 4 P: Ok, perfeitamente.
- 5 *I: Vou explicar porque, porque depois da minha, olha eu estava em tudo antes de*
6 *baquiá, e a partir do momento em que baquieei eu observo que a sociedade, aquela que*
7 *depindia muito de mim, ela num tá nem aí comig'.*
- 8 P: Eu entendi e respeito.
- 9 *I: Você concorda?*
- 10 P: Uhum, sim, perfeitamente. Também é só um áudio e eu não preciso da imagem. Eu
11 vou conversar com o senhor um pouquinho então. Qual é o nome todo do senhor?
- 12 *I: LONA.*
- 13 P: Tem um apelido?
- 14 *I: É o que mais tem, só que... o mais é L*
- 15 P: Ah tá.
- 16 *I: mais em muitos outros lugares por onde eu morei igual Virge da Lapa, morei 5 anos*
17 *lá, meu nome lá é LL. Cê sabe qual é hoje meu nome em Araçuaí? Embora tem 28 anos*
18 *que eu dismembrei do PT, é L. Isto porque o Vale do Jequitinhonha onde tem PT*
19 *agradece a LO. LO sacrificô a família, a minha esposa, meus filhos e levantei o PT no*
20 *Vale, intendeu? Só que na hora da minha infirmitade muitos me criticavam, eu fiquei*
21 *sabendo depois, então eu... quando eu adueci na realidade eu não estava mais no PT, aí*
22 *eu criei o PSB eu já havia levado o PSB pá sete município do Vale. Entendeu?*
- 23 P: E o senhor nasceu onde?
- 24 *I: Eu nasci qui.*

- 25 P: Dentro da zona urbana?
- 26 I: *Não, sabe onde é o entroncamento ali de Coronel Murta? Virge da Lapa, cê num vei*
- 27 *de Virge da Lapa? Num tem o entroncamento do Coronel Murta?*
- 28 P: Sim.
- 29 I: *Nasci dali, dali do entroncamento, onde eu nasci comunidade que chama Córrego do*
- 30 *Candonga, dava um quilômetro.*
- 31 P: Córrego do Candonga?
- 32 I: **Candonga.** Tendeu? Lá nasceu de R até a mais velha e aí três dos mais novo que nós
- 33 éramos, na realidade, na realidade, nasceram lá 11 e nasceram 3 aqui.
- 34 P: 3 foram aqui na zona urbana.
- 35 I: *Os mais novo.*
- 36 P: E quanto tempo o senhor reside aqui no município?
- 37 I: *Em 80 e... em... Quando eu... eu nasci 2 de novembro de 53, finados de 53. Quando eu*
- 38 *completei 17anos e uns 2, 3meses, fui pâ Belo Horizonte, lá em Belo Horizonte, eu*
- 39 *morei três anos no Barre'ro de Baixo, fui garçom, eu era garçom. Vim aqui quando*
- 40 *completô 100 anos de emancipaçao política de Araçuaí, em 80, em, agora nesse mês,*
- 41 *dia 21 de setembro. Araçuaí faz agora, aniversário. Aí eu vim aqui no centenário,*
- 42 *tornei voltá. De lá eu fui pa Ipatinga, morei um tempo ni Ipatinga, mais uns seis meses*
- 43 *marromeno. Aí uma irmã minha, a mais velha que mora hoje ni Fabriciano desde esta*
- 44 *época, lá eu fiquei sabendo que minha irmã estava morando em Fabriciano, aí procurei*
- 45 *o indereço dela quando ela menos assustava eu cheguei, fiquei com ela seis meses*
- 46 *maomeno, morando com eles. Aí eu vim aqui ni Araçuaí, mais quando eu quis voltar, aí*
- 47 *meus irmãos já mexia com oficina, com essas coisas e minha mãe danô chorar e eu num*
- 48 *voltei.*
- 49 P: Ah, tá.
- 50 I: *Entendeu? E aí eu entrei na oficina com meus irmãos, tornei me, várias profissões na*
- 51 *área da oficina, como soldadô, lanternêro, pintô, intendeu? Montava e desmontava*
- 52 *carro, coisa e tal.*
- 53 P: Mas o maior tempo de vida do senhor então, é aqui no município?
- 54 I: *Aqui no município.*
- 55 P: Ah, tá. E os pais do senhor nasceram onde?
- 56 I: *Minha mãe nasceu numa comunidade aqui na beira do rio Araçuaí, pra lá um pouco*
- 57 *do entroncamento, não pra lá do, do, da, da ponte, marromeno uns 2 quilômetros pra lá*

58 da ponte do **rio Araçuaí**, na beira do do **rio Araçuaí** pelo lado de cá, aí nasceu minha
59 mãe. Meu pai nasceu...

60 P: Como chama o local?

61 I: *A comunidade chama Piabanga.*

62 P: Piabanga?

63 I: **Comunidade de Piabanga.**

64 P: Ah tá. E o pai do senhor?

65 I: *Meu pai nasceu numa comunidade que chama **Tum-Tum, município de Virge da***
66 **Lapa**. Só que o meu pai era de uma família muito humilde e muitos irmãos, aí tinha
67 uma prima dele que trabalhava aqui com uma família, isso é coisas de, se meu pai
68 estivesse vivo tava com 95 anos. A prima dele trabalhava numa casa e a mulher da casa
69 não tinha filho, era um casal que trabalhava aqui no cartório, mas não tinha, não tinha
70 parente aqui, não tinha nada. E a mulher não tinha filho, que já tava um pouco idosa,
71 não ia ter também. Aí ela pediu a empregada da, da casa que arranjasse um mininim
72 pra ela, a empregada, intão, chegou na casa da minha vó e falou com minha avó que a
73 patroa dela tava procurando um mininim pra criar, aí a minha vó, “pega qualquer um aí
74 e leva”. E ela pegou meu pai com cinco anos de idade. Meu pai foi alfabetizado, ele era
75 negro, ((lá dentro, aqui não tem tenho foto dele não)), mas meu pai foi alfabetizado, aos
76 dez anos ele concluiu o curso primário com distinção. Sabe como que é a distinção?

77 P: Tipo um destaque, né?

78 I: *Nota dez em tudo. E a velha, manda prepará meu pai pra ir pra Diamantina, que*
79 *naquela época aqui só tinha o segundo grau, ginásio, só pra mulher, homem num tinha.*
80 *E ela queria mandá meu pai pâ Diamantina, pra lá ele... aí a velha teve uma doença,*
81 *não sei se foi uma febre tifo o que é que foi, que naquela época as infertilidades eram*
82 *mais devastadora. Imagina essa que tá agora naquela época.*

83 P: Verdade.

84 I: *Agora tem, o remédio tá prestes a saí, naquele época num ia sair nunca né, ia matar*
85 *muita gente, como matou. A Febre Espanhola, que começou nos Estados Unidos, mas*
86 *tinha o nome de Espanha e a Febre Espanhola, Febre Espanhola matô foi mais de*
87 *cinquenta milhões de pessoas. Intendeu? In quanto esta ainda não chegô a um milhão.*

88 P: É.

89 I: Né? Já e a, e os remédio já tá quase tudo pronto. Aí o meu pai então, quando a velha
90 morreu o veio num quis levá-lo, levá-lo pâ mandá-lo pa Diamantina, ficô, ficô cum ele,
91 com menos de um ano o veio morreu, é, casô. A primeira esposa não teve filho, a

92 *segunda teve, só que quando o véio casou, ele já tava um homem com 57, 58 anos,*
93 *dizem que ele virô pra esposa que tinha vinte e poucos anos e falô, arruma, arruma,*
94 *meu pai chamava-se O.L.A. Eu, L.O.N.A, eu tenho o Neves por causa da minha mãe.*

95 P: Aham.

96 I: *Aí eu pus ni um filho também, O.L.A.N. Pá num, num pode é..*

97 P: Não pode acabar.

98 I: *Essa raça não pode acabar. E meu filho disse que o dia que ele tivé um filho, ele num*
99 *tem ainda não, os outros tem e ele não. Que é pá chamar LO.*

100 P: Ah, que legal...

101 I: *N.A.N, tudo bem. Aí a velha pegô meu pai, ela num era velha, foi logo quando ela*
102 *casô com o velho. Enquanto o velho mandô arrumá meu pai pá ir pá Diamantina, ela*
103 *falô, “cê besta, J, põe ele pá carregar leite”. E assim ele foi carregá leite. Tendeu?*
104 *Porém a velha morreu sem assiná o nome.*

105 P: Ah.

106 I: *E meu pai graças a Deus era alfabetizado.*

107 P: E vocês, os filhos, ele conseguiu estudar todos?

108 I: *R, ele criô, ele teve 14 filhos, minha mãe teve 17 gravidez, nasceram 14 e 3 foram*
109 *percias. R fez Letras, o mais velho fez Direito e Contabilidade também e o mais novo*
110 *também fez Direito. O mais novo é responsável pelo cartório eleitoral, aqui né?*

111 P: É o F não, né?

112 I: An?

113 P: É o F não?

114 I: É o F.

115 P: Conheço o F.

116 I: *Pois é. Intendeu? É o caçula. Cê vê, caçula já tá com 52 anos.*

117 P: Ah tá, e tinha escola perto da casa do senhor?

118 I: *Onde a gente...Sim, aí vei duas irmãs e três irmãs, três irmãos mais véio do que eu,*
119 *eu sou o sexto filho. Aí ficava um na casa de um, outro na casa de outro, aí quando eu,*
120 *sou o sexto, sou o sexto que já fui pra escola e meu pai já tinha uma casa aqui na rua,*
121 *mais a casa morava era outras pessoas e os filho ficava um na casa dum, na casa d'um*
122 *padrinho, d'um cumpadre. Aí quando eu, eu que sou o sexto, aí eu acho que desconfiô,*
123 *né? Aí foi que minha mãe vei com todo mundo e nós já fomo morá na casa que tinha,*
124 *intendeu? Aí moramo na casa.*

125 P: Ah, tá. E infância do Senhor como é que foi, o senhor pode contar onde brincava?
126 Onde passeava? O que tinha pra se divertir?

127 *I: Era uma coisa que... era o que tinha, mais a gente divertia muito, brincava tanto aqui*
128 *na rua, quanto na roça, não era essa brincadeira hoje fabricada e industrializada, não.*
129 *Os brinquedo era cá gente mesmo que criava eles, e outra, era muita, muita criança,*
130 *né, intão facilitava também, tendeu?*

131 P: E na adolescência o senhor era de ir pra rio tomar banho?

132 *I: Não, não, nunca fomos de, de, de, a gente ia no rio buscar água.*

133 P: Qual rio?

134 *I: Porque Naquela época não tinha água encanada aqui. Rio Araçuaí, a gente pegava*
135 *água lá embaix'. Intendeu? Depois é que aí foi trôxe água, mais a gente ia no rio e no a*
136 *gente ir buscar água, num tinha água encanada aqui ni Araçuaí não, no a gente ir*
137 *buscar a água, a gente também, cada um trazia uma lata d'água.*

138 P: Ah, tá. E na adolescência ia pra zona rural, pra alguma comunidade, pra se divertir?

139 *I: Na zona rural, porque meu pai continuô tendo vínculo com, com o meio rural, intão a*
140 *gente sempre tava lá.*

141 P: No...

142 *I: No Candonga.*

143 *I: Candonga, a gente sempre tava lá. Tendeu? Eu assim, olhando bem eu saí com*
144 *17anos. Intão, todos os filhos do pai foi o mais novo que saiu foi eu. E eu voltei já com*
145 *21, 22, não tive ééé a minha, a minha juventude, o início da minha juventude ou então o*
146 *fim da minha adolescência, 17 ano, eu era um adolescente quando fui pra Belo*
147 *Horizonte. Então eu não tenho muito pra contá dela, que eu vou explicar porque. Era*
148 *uma dificuldade muito grande, em termos financeiros do meu pai, treze filhos que*
149 *criava, um dos irmãos meu morreu piquinin, mais um sobrim do meu pai vei morá com*
150 *a gente, vei pá estudá, do município de Virge da Lapa, ele hoje mora no Paraná, ele é*
151 *mais véio do que eu um ano. Então é, a gente, eu principalmente, quando fui trabalhar*
152 *num cumércio aqui, eu fui trabalhar num cumércio aqui, eu tinha 15 anos. Era eu, mais*
153 *um rapaz que tornou-se padre depois, morreu recentemente ni, como é que chama a*
154 *cidade, gente...era? Chamava N. P. N, ele era mais véio do que eu. E tinha outro rapaz*
155 *também, era um cumércio. O cumércio era Secos e Molhados, intão como eu tinha 15,*
156 *16, 17 anos, eu não conseguia mexer com sacaria, coitado, essa área era eles, mas era*
157 *eu que abria e fechava o cumércio com 15 e 16 anos.*

158 P: E o senhor conhece muita área daqui do município? Os lugares ao redor aqui, as
159 comunidades?

160 *I: Conhecer eu conheço, porém tem vinte e dois anos que eu estou (apontando para seu*
161 *problema físico), intendeu? Afastado, mas conheço palmo por palmo a região, né só*
162 *aqui não, conheço o Vale todo. Eu tô pá te falá que num tem 10 cidades do Vale do*
163 *Jequitinhonha que eu não conheço, mas mais ou menos umas quarenta ou mais eu*
164 *conheço. Conhecia, né?*

165 P: E as comunidades daqui, o senhor lembra como eram as comunidades, as que vinham
166 mais para aqui ou que as pessoas daqui iam mais.

167 *I: Éé, aqui sempre as comunidades frequenta muito Araçuaí isso desde aquela época*
168 *quanto até hoje. Só tem uma comunidade no município de Araçuaí que a população*
169 *dela, os habitante dela não frequenta bem Araçuaí não, procê ter uma ideia, ela fica*
170 *mais perto de Padre Paraíso' do que de Araçuaí.*

171 P: Qual que é?

172 *I: Então o elemento lá torna-se adulto sem conhecê Araçuaí, mas conhece Padre*
173 *Paraíso', comunidade dos Boi, já ouviu falar?*

174 P: Já, em época de eleição, ninguém quer ir trabalhar lá porque fica muito longe.

175 *I: Intendeu agora? Não sei por que lá pertence à Araçuaí, tendeu? Eu já fui muito lá,*
176 *tanto em campanha minha, quanto eu tive uma pequena empresa de produto*
177 *veterinário, quando eu dismembrei de oficina, montei uma empresa de produto*
178 *veterinário e eu ia lá, eu vendia naquela região lá.*

179 P: E o senhor ia em outras comunidades aqui perto, quais que o senhor ia? Pra vender
180 ou fazer campanha.

181 *I: Ia em todas, todas, tô dizendo pra você... teve um período de Araçuaí que eu era um*
182 *dos dez elemento mais cunhecido de Araçuaí. Tendeu?*

183 P: E aqui na região já teve, senhor já ouviu falar de animais selvagens, como que era a
184 questão de flora, de fauna aqui, de árvores, de bichos.

185 *I: Olha, é... animais selvagens, assim, tipo assim onça, essas coisa nunca, isso aqui*
186 *nunca teve muito não. Entendeu? Se você adentrasse aqui no município da Itinga,*
187 *alguns lugares da Itinga tinha onça é... porém, cê conhece o viado, né? Que o povo*
188 *gosta de caçar? Tinha demais na região. Tatu, muito. Intendeu? Tatu tinha muito, hoje*
189 *quase não tem.*

190 P: E plantas? Quais as plantas típicas daqui que o senhor conhece?

191 *I: As conhecidas da região quase todas, todas. Éééé, num sei se você conhece a jurema,*
192 *a aroeira, o angico. Tendeu? Éé, região adentrando aqui pra esse meio aqui dos **Boi**,*
193 *onde eu já até citei, é, região de **Santa Rita** tinha jacarandá.*

194 P: Santa Rita é uma comunidade?

195 *I: Comunidade.*

196 P: Daqui de Araçuaí?

197 *I: De Araçuaí. Tendeu? Lá tinha jacarandá, não tem hoje nada mais, cabô.*

198 P: É, porque eles falam que quando os índios habitavam, né?

199 *I: É. Olha, é, é, escuta aqui. A população, Araçuaí quando começou não sei se você já*
200 *ouviu falá na **Barra do Pontal**. Já conhece lá?*

201 P: Conheço.

202 *I: Conhece? Ali quando começou não tinha Araçuaí não.*

203 P: Hoje é Itira, né?

204 *I: Hojé é Itira. Aí éééé, não tinha Araçuaí, de lá é que veio, é que começô aqui, mais*
205 *quando tinha Itira e ainda não tinha Araçuaí aqui morava era índio. Tendeu? Aí xô te*
206 *explicá, esta região nossa não somente aqui, mais essa região aqui de Chapada do*
207 *Norte, Virgem da Lapa, Minas Novas. Tendeu? Essa região começô a ser habitada*
208 *primeiro do que Araçuaí, ela começô primeiro do que Araçuaí e a Barra do Pontal*
209 *começou primeiro do que Araçuaí. O município nessa época era Minas Novas, que*
210 *mandava tudo isso aqui, intão Berilo era um povoado, Chapada do Norte, era um*
211 *povoado, Badaró era um povoado e Araçuaí ainda não era, a Barra do Pontal sim, era*
212 *um povoado. Intendeu?*

213 P: Uhum.

214 *I: Aí tinha uma mulhé que morava na Barra do Pontal, que chamava-se Luciana*
215 *Teixeira, diz a história que foi ela a fundadora de Araçuaí. Acredito também que sim.*

216 P: Ela tem... A casa dela ainda existe? Será?

217 *I: Não, acho que não.*

218 P: Me falaram que existia, eu falei que queria ir lá conhecer essa fazenda dela.

219 *I: Não.*

220 *I: Não, não não, ela num tinha fazenda, tudo bem, tudo bem, morava lá. Aí, a Luciana*
221 *Teixeira morava lá na Itira, na beira do rio Araçuaí com Jequitionha, que é onde*
222 *encontra os dois. E, tinha um padre, padre Carlos... que era filho de um que dominava*
223 *toda a região lá. Aí o padre Carlos ao tornar-se padre ele fixô residência na Itira e a,*
224 *os pais dele, a família dele era um pouco pra lá da Itira, do lado de lá do Jequitionha e*

225 *ele intão era muito rígido, os católico num conta a história do padre Carlos como eu
226 conto. Eles contam sempre, falou é padre, ês tá puxando sardinha pro lado deles. E aí o
227 meio de transporte da época, era o que? Fluvial, era através dos rios, num tinha a
228 estrada, caso contrário, através de mula, de burro. Intendeu?*

229 P: Uhum.

230 *I: Mais o fruvial era o mais, quando, às vezes a carga vinha nas canoa, aí os burro
231 panhava e levava pra onde num tinha rio. E a **Barra do Pontal** era um ponto de
232 referência dessas pessoas que transportavam mercadorias, e a Luciana Teixeira, a casa
233 dela, abrigava as mininas que quando os canoeiros chegavam, cê intende, né? Tendeu?
234 E aí o padre Carlos ao chegá, não gostava daquil', não gostava daquil' e ispulsou a
235 Luciana de lá, que na mente dele, se ele tirasse a Luciana, as prostituta sumia.
236 Conclusão: a Luciana vei subindo o **rio Araçuái** e acampou-se ali ondê que tá hoje
237 aquele bairro que chama-se Corredô. Num tem?*

238 P: Tem.

239 *I: Aí acampô-se ali. Eu tenho um pequeno poema sobre mais ou menos Luciana, isto
240 porque... é, eu te falei que quando eu adueci era o autor de muita coisa, coisa e tal.
241 Então eu tenho um pequeno poema que diz mais ou menos assim, 'foi há séculos
242 passados se não estou enganado que o **Calhau** se projetou. Foi lá no encontro dos rios,
243 enfrentando desafios, que uma mulher que se destacou. Era uma bichinha morena, que
244 o Carlos sem ter pena, do **Pontal** a expulsou, fazendo-a subir as águas para acalentar
245 suas mágoas neste lugar se aportou. E Luciana, mulata faceira, mulher de primeira,
246 cheia de amor, com seu jeito de criança, conquistou a esperança de um povo sofredor'.
247 Quem era o povo sofredô? Os canoeiros.*

248 P: Ah, que legal seu LO.

249 I: Intendeu?

250 P: E nessa época...o senhor lembra se antigamente tinha muita água aqui, muito
251 córrego?

252 *I: Muito bem, muito bem. Inclusive aonde a gente nasceu aqui no **Córrego do**
253 **Candonga** eu lembro de lá, passar o ano inteiro sem secar, hoje tem ano às vezes que
254 lá não corre, mesmo no período de chuva.*

255 P: E tinha mais córregos próximo de lá? Ribeirão ou Lagoa?

256 *I: Lagoa muitas fazendas tem, outras, muitas fazendas fizeram pequenas represas,
257 iglotas e coisa e tal, né? Mas, mais córregos mesmo é tem é esse aí, **Candonga**, tem o
258 **Casanção**, como você já conhece, né? Depois do **Casanção** tem o **Santa Rita** e pra o*

259 lado aqui de tá indo pra **Coronel Murta**, depois do **Candonga**, que o **Candonga** já ele
260 travessa aquela estrada de **Coronel Murta**. Intão tem o **Candonga**, depois do
261 **Candonga** tem o **Bicudo**, depois do **Bicudo**, tem o **Bananal**, depois do **Bananal** tem, é
262 depois do **Bananal** tem, é **Tibussu** depois do, do **Tibussu** tem o **São José** é vários
263 córregos até **Coronel Murta**.

264 P: E por que o senhor acha que secaram todos esses córregos aqui, foi falta de
265 preservação?

266 *I: Olha, xô te explicá um detalhe, eu num só profissional dessa área, mais eu tenho uma*
267 *leve impressão que secaram, esses córregos que estão secando por aí, não tem nada a*
268 *ver com a devastação que o homem anda fazendo. Eu vou te dar um exemplo: 100 anos*
269 *atrás ou mais, o São Francisco, o, o o Amazonas quase secaram. E lá num era assim,*
270 *naquela época num era assim não, o povo não desmatava não. Você sabe dessa história*
271 *que o Amazonas quase foi seco.*

272 P: Verdade.

273 *I: Naquela época. Intendeu? O São Francisco também, num tinha hidrelétrica tirando*
274 *água dos rios, num tinha nada disso não.*

275 P: E a região aqui tem muitas fazendas, né?

276 *I: Tem, porém, improdutivas, porque fazendas pá produzi é preciso que chova, chova*
277 *bastante, né. Eu quando trabalhava com produto veterinário, é, 30 anos, 28 anos, 23,*
278 *24 anos que eu parei, ainda dava pra... hoje, elemento que tinha 2 mil criação naquela*
279 *época, hoje ele não tem 500, quem tinha 500 não tem 100 e assim por diante.*

280 P: Sobre os indígenas, o senhor chegou a conhecer, conhece?

281 *I: Daquela época não, daquela época não. Eu...Tem duas comunidades na região*
282 *nossa, uma em Araçuaí e outra no município de Coronel Murta que tem índios. Porém,*
283 *esses índios foram trazidos pra região aqui.*

284 P: Não são os nativos, né?

285 *I: Não, um é lá na Barra do Pontali , pra lá um pouco da Barra do Pontali. , tendeu?*
286 *São até índios(...), tem evangélicos, tem dois, um casal que são professores que fizeram*
287 *essa faculdade aí na UNOPAR e dão aula, mas são índios, mora lá no mato lá no meio.*
288 *E tem outra comunidade lá no município de Coronel da Murta , lá em... chama*
289 *Lagadiç', que também tem índios.*

290 P: É uma comunidade rural?

291 *I: Comunidade rural. De vez em quando esses índios lá do Alagadiç, eles põe ês num*
292 *carro e traz e solta aí perto aí daí da rodoviária. Cê já viu por aí? Pois de vez enquanto*
293 *ês fazem isso.*

294 P: E sobre a religiosidade aqui da região é bem dividido, não é?

295 *I: Preste atenção, aqui é sede episcopal né (). Cumeçô primeiro Diamantina, depois*
296 *Araçuáí e hoje parece que Almenara também tem isso, mais já era só Diamantina e*
297 *Araçuáí. Tendeu? Aí, mais ou menos há não sei se foi há cinquenta anos atrás,*
298 *começou um movimento evangélico, hoje a minha esposa é da Assembleia, ela é da*
299 *Assembleia há trinta e cinco anos. As minhas duas irmãs, esta não, mais duas são da*
300 *Assembleia, há aproximadamente cinquenta e poucos anos. Intendeu? E hoje eu vejo*
301 *ara... antigamente era só Assembleia, depois é que veio Batista, hoje Araçuáí deve ter*
302 *umas vinte igrejas evangélicas. É muito grande o mundo evangélico, o movimento*
303 *evangélico aqui. Admiro até como que uma cidade que é sede episcopal conseguiu*
304 *deixá os evangélico.*

305 P: O senhor frequenta alguma, não?

306 *I: Eu sou cristão, mas não tenho a ligação com nenhuma igreja. Num, num, num*
307 *frequento missa.*

308 P: Acho que na zona rural ainda tem mais, não sei, tem muito nome de santo.

309 *I: Tem até movimento católico na, na meio rural é mais fluente, porém tem muito*
310 *evangélico também.*

311 P: E se o senhor pudesse resumir como é a vida do senhor aqui, se gosta, o que não
312 gosta, se ainda tem vontade de mudar daqui, se não tem.

313 *I: Não, vô te explicar porquê, olhando a minha situação hoje... aqui eu saio na rua todo*
314 *mundo me cunhece. Intendeu? É como eu te falei. Lá ni Virge da Lapa , LL, aqui era*
315 *LD, L não sei aquiloutro, LP, né? Eu não sei se é por causa de duas filhas, de duas*
316 *neta, me chamam também de L da meminas (risos). Mas eu acho que é por causa das*
317 *filhas e das netas né (risos), a minha esposa não aceita.*

318 P: A esposa do senhor não vai gostar desse apelido não.

319 *I: Não aceita não (risos).*

320 P: É, não vai gostar desse apelido não.

321 *I: Mas é, eu quando morava em Belo Horizonte, era baian'. Intendeu? Era baian'.*
322 *Intão, eu já tive vários nomes, mais hoje é LO.*

323 P: Ah, tá. Olha, mas que bom seu LO.

324 *I: Recentemente era LP, mais hoje é só LO.*

325 P: Mas que bom, muito bom, muito produtivo.

326 I: *Mas você presta atenção à questā da imagem. É, eu sô, grazadeus sô muito*
327 *cunhecidio, mas eu tive crises e ninguém me ajudô a não ser a família. Cê intendeu? Eu,*
328 *eu, quando a adoeci, eu estava indo.*

329 P: O fim também da minha pesquisa é acadêmico, não tem outro fim nenhum (())

330 I: *Preste atenção. Antes, antes deu baquiar, eu era, eu tinha saído do PT, tinha criado o*
331 *PSB e tinha um cidadão que morava em Joaíma, muito rico, OM, ele hoje tá igual eu,*
332 *ele nem caminha e eu caminho. OM é considerado, ele mora em Valadares hoje, procê*
333 *ter uma ideia, OM é homem de aproximadamente um rebanho bovino de cem mil*
334 *cabeça. E ele saiu candidato a deputado federal e ele vei aqui “oh LO, nós tamo no*
335 *mesmo partido, coisa e tal, cê me apoia?” Falei assim: “apoio”. Eu era um dos*
336 *coordenadores da campanha de OM. Na última hora, OM me abandonou e me*
337 *imbananou, porque ni muitas cidades eu tinha feito compromiss’.*

338 P: Verdade.

339 I: *Intendeu? (())E isto eu acho que fez com que eu irritasse, que eu adoeci um dia antes*
340 *da eleição, um dia depois da eleição. Eu lembro que eu tinha feito tanto compromiss’*
341 *na campanha de OM, eu não pude nem participar da campanha, porque ele nem*
342 *material mandou, mas eu fiço os compromissos, em várias cidades. Aí, um amigo meu*
343 *lá de Uberlândia, me liga e virô pra mim, isso tá, 22 anos que eu adoeci, isso tá com 22*
344 *anos, virou pra mim e falô assim “LO, uai, cumé que tá? Cê tá ainda cum OM?”, eu*
345 *disse “Oh, moço, o OM tem um mês que, OM sumiu , fez eu alugá casa aqui pá pô*
346 *comitê, alugá lá ni outra cidade ni outra, eu fiquei... eu tô sem saber o que que eu faço,*
347 *porque fez sacanagem comigo”.*

348 P: É.

349 I: *Conclusão: o rapaz virô pra mim e falou assim, “Oh, vamos fazê o seguinte. Eu tô*
350 *trabalhando com o Ronan Tito” não sei se cê já ouviu falar no Ronan Tito.*

351 P: Já.

352 I: *Foi secretário de agricultura, de governo, de, de, de, de, como é que ele chama gente,*
353 *é? Foi Governador de Minas, um que é nordestino, ááá, ah esqueci o nome dele, depois*
354 *a gente lembra o nome. “E aí se você querer eu converso, eu ponho você pra conversá*
355 *com o Ronan Tito”, aí ele me pôs pra conversá com o Ronan. Aí o Ronan falô, “Oh LO,*
356 *cê consegue arranjá uns votozinho aí pra mim e coisa e tal?”, Falei assim “Oh*
357 *moço...faltava uns vinte e dois dias pra eleição”, falei assim :“oh rapaz, eu num vou te*

358 *falá que num arranjo e nem que arranj' porque, mais eu vou, vou vê o que faz” Ele pôs
359 na minha conta, isso está com vinte dois anos, ele pôs dez mil reais, é dinheiro hoje.*

360 P: Verdade, mas a gente tem que...

361 *I: Aí eu comecei fazê um movimento, contratei um rapaz, um carro, ele mandô muita
362 mercadoria e fomo fazeno um trabaizin, faltando mais ou menos um cinco dias pâ
363 eleição, eu virei pra ele e falei com ele assim, aí eu liguei pra ele e falei assim, “Ô
364 Ronan, ó, cê mandou dez mil, eu tenho mais ou menos trinta pessoas que eu pus no
365 trabalho, cinco ni uma cidade, cinco ni outra, pus dez aqui ni Araçuaí”. Naquela
366 época, o salário mínimo acho que era 90 reais mais ou menos. Então, eu pagava cada
367 pessoa um salário, intendeu? Era umas trinta e poucas pessoas. E aí ele virô pra mim e
368 falô assim “Ô LO eu, eu vou pô mais três mil na sua conta”, falei assim, “esses três mil
369 eu vou arranjá, vou arranjá mais uma, umas pessoas pra... ”. Só que aí eu já estava... eu
370 só usava óculos, mas num oiava uma pressão, nada. E eu já estava todo, ele pôs os três
371 mil na minha conta e eu não pude nem pegár o dinheiro que a eleição, eu, eu, antes da
372 eleição, um dia antes da eleição, eu já tava baquiado. Aí veio a eleição, é tanto que um
373 dia depois da eleição eu fui pará no hospital, né? Do hospital me arrancaram comigo
374 pra Belo Horizonte, tendeu?*

375 P: O bom é que hoje tá aqui firme e forte.

376 *I: A sorte, a sorte que tinha três mil do dinheiro ele mandô foi que... depois que eu
377 cheguei lá, sem, conseguimo tirá o dinheiro , foi que, que aí eu num tinha ainda , ainda
378 mexido com o INSS, cum nada, sabe o que eu... mai s foi a sorte, por sinal devo essa
379 obrigação a ele.*

380 P: Mas graças a Deus o senhor tá aqui firme e forte, tá me ajudando e agradeço muito o
381 senhor.

382 *I: Eu só num posso fazer quase nada. Eu não declamei um pequeno poema pra você?*

383 P: Aham.

384 *I: Que é uma homenagem a Araçuaí?*

385 P: Sim.

386 *I: Cê vai ficá me conheceno depois, são milhares, centenas e tá surgindo aos pouco,
387 tendeu?*

388 P: Aham.

389 *I: Os poema tão surgindo aos pouco...*

390 P: Deixa eu só encerrar aqui, muito obrigada então, seu Luiz, pela ajuda, pela
391 contribuição e vai ser muito importante pro meu trabalho.

ENTREVISTA: 018BERIAF60
Dados do informante

Informante 018, 60 anos, feminino, ensino superior completo, casada, natural do município de Berilo, onde mora há mais de 50 anos.

Dados da entrevista

Data:	Duração:	Local:
30/09/2020	32minutos e 54segundos	Residência da Informante

Legenda: P =pesquisadora I= informante

TRANSCRIÇÃO ORTOGRÁFICA

- 1 **P:** Boa tarde, IA.
- 2 *I: Boa tarde.*
- 3 Então, vamos lá, começando, você...onde foi que você nasceu?
- 4 **I:** *Nasci aqui em Berilo.*
- 5 **P:** Na zona urbana?
- 6 **I:** *Urbana, nessa rua.*
- 7 **P:** E então, você reside aqui há quanto tempo?
- 8 **I:** *Há sessenta anos.*
- 9 **P:** Os pais também nasceram aqui?
- 10 **I:** *A minha mãe nasceu em Virgem na Lapa e o meu pai numa comunidade chamada Boa Vista? Boa Vista, não sei se é Boa Vista... é, mas é zona rural.*
- 11 **P:** De Berilo?
- 12 **I:** *De Berilo, aham.*
- 13 **P:** E aqui sempre teve esse nome de Berilo?
- 14 **I:** *Primeiro Água Suja, era um povoado, né? Mas que era sob a égide do ouro, no período da, do ouro no século XVIII, 1723, foram criados primeiros povoados aqui, 1723. E esse, esse povoado foi chamado de Água Limpa, porque era exatamente onde tinha uma povoação maior, existia um povoamento maior né? Na zona rural e 1728, Água Suja, mais tarde Berilo.*
- 15 **P:** Então, Água Limpa, Água Suja.
- 16 **I:** *Água Limpa, Água Suja, Berilo, tiveram três nomes.*
- 17 **P:** Berilo é a pedra, né?

23 **I:** É uma pedra, é uma pedra preciosa, porém nunca foi encontrado pedra, essa pedra
24 preciosa, não se tem concreto, nada registrado que ela foi encontrada não, eu acho que
25 é assim, essas pedras, é, esses nomes, eram dados pela beleza da, do, é, foi no período
26 aurífero, pedra preciosa, né? Então colocô turmalina, Turmalina, berilo, **Berilo**.

27 **P:** Verdade. E você frequentou a escola aqui?

28 **I:** A escola Estadual Professor Jason de Moraes.

29 **P:** A zona rural oferece ensino médio?

30 **I:** Hoje? Oferece. Quase...quase todas...Xovê. Ééé **Lagoinha**, é **Lagoinha**, **Roça Grande**, **Vila Santo Isidoro**, é **Caititu do Meio**, umas cinco, umas quatro escolas de
31 **Ensino Médio** na zona rural. As outras, as outras são muita, mas é ensino, só até o
32 nono.

34 **P:** Aí os alunos vem pra'qui?

35 **I:** Vem pra cá, aham.

36 **P:** De ônibus?

37 **I:** De ônibus.

38 **P:** Ah, tá. E quais são comunidades que mandam alunos pra cá?

39 **I:** É... Ultimamente ()óh, **Caititu**, **Alto Caititu**, **Mocó**, **Roça Grande** até então
40 mandava, **Ribeirão**.

41 **P:** É o nome de um lugar?

42 **I:** É. Tudo nome de comunidade. **Ribeirão**, **Datas**, ééé **Ribeirão**, **Datas**, a **Lagoa Ezequiel**, **Alto Catitu**, igual eu te falei, **Mocó** dêxa eu ir rodando assim, e as outras
44 têm, tem ensino médio.

45 **P:** E sobre sua infância aqui, como que foi?

46 **I:** Maravilhosa.

47 **P:** Tinha as brincadeiras, de que se brincava?

48 **I:** Todas as crianças da minha época foram muito felizes, brincávamos de balanço, subi
49 nas árvores, pegá cigarra, bambolê, as brincadeiras de roda, corre-corre, muitas,
50 muitas, muitas brincadeiras, ouvi histórias, que a gente ficava até mais tarde ouvindo
51 histórias, a gente gostava muito de brincá de trapézio, né? Brincá de trapézio, balanço
52 igual eu te falei, MUI, nadá muito no rio.

53 **P:** Qual rio?

54 **I:** O rio Araçuaí. O rio Araçuaí ou então córrego Água Suja.

55 **P:** Ainda existe o córrego?

56 **I:** Existe, existe, é intermitente, ele agora não é perene mais (), hoje é só com as
57 chuvas, ele para. Mas até hoje a gente brinca muito no **rio Araçuaí**, maravilhoso, sem
58 problema nenhum de poluição.

59 **P:** Aqui ele corre muito? Aqui ele é claro? (()).

60 **I:** Então, corre, clarinho, clarinho, assim cristalino. A gente tá tendo até problema com
61 a Covid agora, né? Pela, pela questão dele tá muito límpido, muito gostoso, o pessoal
62 de **Badaró** vem e infesta (risos), Infesta. E as brincadeiras, né? Tradicionais, éé
63 quadrilha, o carnaval nunca parô, né? A gente brincava de carnaval de praça, as
64 quadrilhas, as, as festas juninas, fugueiras, tudo.

65 **P:** Tinha algum lugar pra passear?

66 **I:** Muito, eu passeava muito na casa da minha vó, morava na, na, no tempo que eu
67 viajava (cantando)... **Ouro Fino**, que chama... onde o papai nasceu, não é o outro nome
68 que eu te falei não, quando eu canto essa música eu lembro no tempo que eu viajava
69 pela estrada de Ouro fino (cantando). Então **Ouro Fino** é o lugazinho onde ele nasceu.

70 **P:** Faz parte daqui?

71 **I:** Faz parte, indo pra **Lagoa Zéquiel**.

72 **P:** Lagoa Zéquiel é uma lagoa?

73 **I:** É uma comunidade.

74 **I:** É uma comunidade e a comunidade existe porque existiu sempre uma lagoa. Essa,
75 essa lagoa é da família Zéquiel. Ela foi crescendo ao redor dessa lagoa. Hoje ela é
76 seca, secou, mas, né, antes, tinha muita água, peixe.

77 **P:** E adolescência e juventude? Quais eram os, os relatos marcantes? Alguns lugares
78 que os jovens costumavam ir, se iam pra alguma comunidade rural passear?

79 **I:** Sim, a gente tinha um padre aqui que nos levava pra fazê piquenique. Já ouviu falar
80 em piquenique? Então gente, sempre ia na casa de uma comadre dele, ele escolhia uma
81 comadre pra gente passeá, escolhia uma pedreira, então a criançada toda ia com, com
82 os pais nesse dia, nesse domingo e aquele tantão de família e os meninos iam e ele
83 tinha um alto falante e a gente cantava, falava poesia, uma pedreira linda que tem aqui
84 em **Berilo**.

85 **P:** Aqui também é muito forte a cultura?

86 **I:** Maravilhosa, maravilhosa. Nós temos aqui o forte a cultura do, a cultura é... de
87 roda, né? A, a, as congas.

88 **P:** Aqui tem ainda?

89 **I:** *Tem as Congadas e tem uma festa do Rosário que ficou perdida, morta, quase
90 durante, quase 30 anos, nós conseguimos levantá. Essa festa tem 10 anos, fez
91 exatamente 10 anos no outubro passado. E amanhã a gente vai fazê a abertura da 11º,
92 após abertura, reabertura. E a festeira? Aqui (risos).*

93 **P:** Óh que maravilha! Você é engajada nas festas.

94 **I:** *Eu sou professora de história, eu sou paixonada, paixonada.*

95 **P:** E tem também artesanato aqui?

96 **I:** *O artesanato é um dos mais maravilhosos do Vale, do Vale do Jequitinhonha,
97 porque ele é, ele é diferente na forma de produzi, produzi a, os desenhos, exemplo, isso
98 aqui nós temos um bordadinho, que é feito depois. O artesanato daqui não, no próprio
99 tear, as mulheres já tecem, já vão fazendo os desenhos, então, com a linha, né? Não é
100 aquele negócio igual tem Turmalina, Turmalina, Veredinha, vai o pano branco daqui e
101 lá elas bordam, né? Aqui não, no tear mesmo, seria bom se vocês visitassem um.*

102 **P:** Aqui tem um dentro da cidade?

103 **I:** *Tem, aqui tem, dentro da cidade tem.*

104 **P:** Ah, eu vou querer, a hora que eu terminar, vou lá.

105 **I:** *Então, durante o tempo que tá produzindo, tá, tá fazendo o a coberta, então, já tá
106 fazendo o desenho de casinha, de bichinhos, patinhos, tudo da vida da cidade. ()*

107 **P:** Que maravilha. Tem artistas aqui também da música?

108 **I:** *Nós somos...*

109 **P:** Você canta? Parece que canta.

110 **I:** *Nós fazemos parte do grupo da Família Amaral, a gente canta em igreja,
111 casamentos, eventos em geral, né? Tem pouco tempo que nós fizemos uma, uma live,
112 uma live seresta.*

113 **P:** (())Assisto todas.

114 **I:** *E meu pai, ele tocava na banda de música... Esse aqui é meu pai, isso aqui é o meu
115 tio, o tio da NR pai de, pai de V, essa banda (). Mas hoje não existe mais porque, né,
116 os integrantes já se foram, mas a cidade ela é muito ééé, muito festêra, **Berilo** o povo é
117 muito festêro, sabe? Gosta muito de festa, principalmente as, as religiosas.*

118 **P:** Por falar em festa religiosa, aqui na região de Berilo ainda predomina a religião
119 católica ou já se dividiu muito hoje?

120 **I:** *Se dividiu bastante, mas é predominante a católica, né?*

121 **P:** É predominante? Então tem muitos padroeiros e festas religiosas

- 122 **I:** *Tem, nossa, muito, muito, muito, todas as comunidades tem um padroeiro, todas as*
123 *comunidades. Agora esqueci quantas, não sei quantas se são 53 comunidades.*
- 124 **P:** Que aqui tem?
- 125 **I:** *Comunidades rurais.*
- 126 **P:** Sério? Muitas!
- 127 **I:** *Aham.*
- 128 **P:** E as pessoas hoje se divertem, se reúnem com os amigos, tem algum lugar específico
129 ou é o rio ainda?
- 130 **I:** *Óh, o rio é um dos locais, mas as pessoas se divertem em família também. Os*
131 *aniversários, né? Em família, a gente se reúne muito pra cantá, né? Tomá uma*
132 *cervejinha, churrasco...*
- 133 **P:** Nessa região tem registro de animais selvagens? As pessoas falam que se encontram
134 aqui ainda?
- 135 **I:** *Onça.*
- 136 **P:** Ainda se encontra?
- 137 **I:** *Ainda se encontra. Capivara, é selvagem? Capivara, lobo, pro lado de Lamarão ali,*
138 *ó. Nós, um dia...*
- 139 **P:** Lamarão?
- 140 **I:** *É, Lelivéldia... Lá já chamô Lamarão. Vindo um dia da da, de Diamantina nós*
141 *encontramos um rinoceronte, num tem? É rinoceronte aquele que... hipopótamo tem*
142 *um, aquele, aquele bicão. Que bicho é aquele?*
- 143 **I2:** Que tem um chifre?
- 144 **I:** *Não... Ô Z, cumé que chama aquele bicho que nós encontramos com Manuel? Ele*
145 *tem um, um... pareceno um elefante, aquele negócio que encontramos em Diamantina,*
146 *vindo da estrada do Lamarão.*
- 147 **I3:** Tamanduá.
- 148 **I:** *Tamanduá a gente encontra bastante.*
- 149 **P:** E plantas típicas aqui tem?
- 150 **I:** *É, as plantas típicas aqui são aquelas florzinhas roxas. Comé que é o nome? Tem*
151 *dela roxa, tem branca.*
- 152 **P:** Onze horas?
- 153 **I:** *Eu, eu acho que é essa mesmo, tem roxa, branca, amarela.*
- 154 **P:** E árvores? Tem alguma árvore que é comum?

- 155 **I:** Outra planta também que é muito comum aqui é o Tiorão, né? Tiorão aquela aquela
156 folhona verde, só dá verde, tinha demais ali, tem ainda, tiorão.
- 157 **P:** Árvore tem?
- 158 **I:** Árvores, frutíferas?
- 159 **P:** Não, pode ser árvore...
- 160 **I:** Normal?
- 161 **P:** É.
- 162 **I:** Eh... tem a... Z seria muito melhor pra falá. Cumé que chama gente? Gameleiras,
163 muitas Gameleiras, tem muitas, beira do rio ali você vai ver muitas...éé...
- 164 **P:** Jenipapo?
- 165 **I:** Jenipapeiro, Jenipapo, fala outras aí , vou te falando{ }.
- 166 **P:** É que me falaram de Jenipapo, de Barriguda...
- 167 **I:** É, barriguda aqui nunca vi.
- 168 **P:** Aroeira.
- 169 **I:** Agora tem muito... Aroeira. Isso, Aroeira.
- 170 **P:** E em relação à água daqui da região. Ainda existem muitos córregos, rios, lagoas?
- 171 **I:** Existiam mais né, já morreram muitas.
- 172 **P:** Tem muitos que estão secos, córregos secos?
- 173 **I:** Muitos, muitos córregos secos, muitos. O único que ainda corre em período da, da
174 chuva e fica um pouco mais tempo, é o Água Suja. Por exemplo, nós tínhamos o
175 córrego que a gente lavava a roupa, chamado Freitas ele ficava uns seis meses após as
176 chuvas, ele ficava correndo. Acabô a chuva ele já, já fizeram até casas.
- 177 **P:** Você fala de lavar roupa, mas é mais...
- 178 **I:** É naquele tempo que lavava muito, né?
- 179 **P:** Já ia falar mais atual, né?
- 180 **I:** Antigamente.
- 181 **P:** Porque aqui tem água encanada há muito tempo?
- 182 **I:** Tem muito, há muito tempo.
- 183 **P:** Aí antes as pessoas pegavam a água no rio?
- 184 **I:** Sim, a gente descia, pegava água na, na, na, no, no, no, na, no tambô. Você me, me
185 perguntando, eu já sei quem que ocê vai olhá aqui que tem mais de 60, Dona Inês, cê já
186 foi lá? Vai adorá conversar cocês, vai lembrá de tudo!
- 187 **P:** E as pessoas tem hábito de pescar ainda aqui?
- 188 **I:** Tem.

- 189 **P:** Tem muito peixe?
- 190 **I:** *Tem, mas como hoje é...tá mais restrito, né? É, mais restrito a quem tem a carteirinha.*
- 191
- 192 **P:** Ah, tá.
- 193 **I:** *Então, o pessoal não pesca muito não. Era, tinha mais pescadores, hoje não vejo tanto não..*
- 194
- 195 **P:** Existe peixe, eles acham?
- 196 **I:** *Acham. Tinha um senhor aqui que todo dia pescava.*
- 197 **P:** Procurando pedras, lá pro lado de Araçuaí ainda tem muita gente procurando pedras
- 198 preciosas.
- 199 **I:** *Aqui não tem, acabô. Ouro né?*
- 200 **P:** E qual rio tem mais peixe? É o Araçuaí?
- 201 **I:** *Araçuaí, aqui nós só temos o Araçuaí. Aqui em Berilo é só o Araçuaí. Agora, no Jequitinhonha tem o Irapé, né? A Irapé, que foi construída.*
- 202
- 203 **P:** Jequitinhonha passa aqui não, né?
- 204 **I:** *Passa. Ele passa no município, ele não passa dentro da cidade, mas ele passa no município.*
- 205
- 206 **P:** Onde que passa o Jequitinhonha aqui?
- 207 **I:** *Em Lelivéldia, Bunito, aquela região toda ali, passa a o, o Jequitinhonha, é, banha,*
- 208 *banha a o município.*
- 209 **P:** Na sua visão, esses córregos secaram por fatores climáticos mesmo, ou tem
- 210 influência humana aí?
- 211 **I:** *Tem a climática, mais tem muita influência humana. Muito, muito, muito gado né,*
- 212 *gado transitando pra lá, pra cá, pisoteando e o próprio clima e a população também*
- 213 *que com a questão de não mexê muito na roça, passou a comprá mais na cidade, eles*
- 214 *passaram a não utilizá muito a,a produção deles, a comprá aqui e não valorizá tanto a*
- 215 *água.*
- 216 **P:** Ah, tá.
- 217 **I:** *Aí foi jogando lixo naqueles pequenos, naquelas pequenas nascentes que tinham*
- 218 *próximos a casa, né?*
- 219 **P:** Existem construções ainda à beira do rio aqui não, né?
- 220 **I:** *Existem, aqui no rio tem.*
- 221 **P:** Porque antigamente, nesse livro fala que as pessoas começam a chegar e construir as
- 222 beiras, né?

223 **I:** *Sim, ainda tem, ainda tem.*

224 **P:** E a parte rural do município, como é em relação a, a... tem muitas fazendas ainda, sítios, as pessoas ainda não usam o sistema de ter agregado?

226 **I:** *Não, Berilo é uma característica forte isso aí, não existe é, essa questão muito, assim, mínima de ter agregado. Não, eu acho que não existe, sabe? São as pessoas que 227 228 229 230* *vão fazê o trabalho no diário, mas vão embora pra suas casas. Um dos fatores que faz com que Berilo seja diferente de Araçuaí, por exemplo, aqui nós não temos esmoleiros, gente que fica pedindo esmola, aqui nós não temos pedintes.*

231 **P:** Que maravilha.

232 **I:** *Não existe isso na nossa região, na nossa, no nosso município, grazadeus.*

233 **P:** E qual seria o fato pra você que foi marcante para o município, para cidade, ou para 234 235 236 237 238 239 240 241 242 243 244 245 246 247 248 249 250 251 252 253 254 255 256

região? Algum benefício que veio para o município e que foi muito importante?

I: *Ó, um benefício importante foi a chegada do Banco do Brasil né? Que, que passô a, ajuda bastante, né, na questão financeira. Ééé, nós tivemos um padre, que fez um trabalho brilhante, um trabalho social brilhante, hoje é uma conscientização muito grande, ele ficô trinta anos aqui. Em relação à vacinação de crianças, então, ele fez, um trabalho brilhante, marcante também, com a questão da, daquela doença de Chagas, fez um projeto muito bonito, junto com a UFOP, em sintonia com a UFOP, Universidade de Ouro Preto, né? Eee, nossa, eu acho que nem tem mais hoje essa doença no município.*

P: Em Araçuaí também em uma época, lepra era muito forte.

I: *É, então, a doença de Chagas era muito forte em Berilo. Então, a chegada do Banco do Brasil, esse projeto muito marcante da, da, da, da, do padre. Ééé foi forte assim pro município.*

P: É, de infraestrutura de acesso aqui, sempre teve acesso?

I: *Está sendo agora, que a gente tá construindo, né, o... pavimentando a estrada com asfaltamento.*

P: Antes não tinha asfalto aqui, por exemplo?

I: *Não. Não, de Araçuaí pra cá, tem uns quatro anos, né? Ah, isso aí também é uma coisa marcante, né?*

P: Aham.

I: *Deve ter mais de cinco anos, mas agora nós estamos conseguindo, por exemplo, de Minas Novas a Chapada, a gente já tem, facilita, porque a gente vai é pra lá, né? E nós tamos conseguindo de Chapada pra cá.*

- 257 **P:** Olha, nossa, vai ser fantástico.
- 258 **I:** Fantástico.
- 259 **P:** Em relação aos indígenas, ainda existem povos indígenas aqui?
- 260 **I:** Não.
- 261 **P:** Descendentes?
- 262 **I:** Não.
- 263 **P:** É muito bem interessante, é o mesmo que em Jequitinhonha, aqui não, lá em{ }
- 264 Coronel Murta também tem.
- 265 **I:** Aqui num tem nenhum, nunca teve.
- 266 **P:** E quilombolas?
- 267 **I:** Quilombolas têm, acho que Berilo tem o maior número de comunidades quilombolas.
- 268 **P:** Ah, é? Quais são as comunidades que tem aqui?
- 269 **I:** Santo Isidoro, Tabulero, Vai Lavando.
- 270 **P:** Vai Lavando?
- 271 **I:** Vai Lavando, Vai Lavando é...eles falavam que, eles falavam que tinha muito ouro,
- 272 né, acima assim do córrego Vai Lavando, aí o pessoal ia lavando esse ouro e descendo
- 273 a água. Água Suja, por exemplo, Água Limpa que com a lavagem do ouro, sujava
- 274 muito a água, então quando chegava na próxima comunidade, a água já tava suja.
- 275 **P:** (())
- 276 **I:** Outra coisa marcante aqui no nosso município foi a chegada da Emater, né? Marcô
- 277 muito as, os trabalhadores rurais não tinham acesso, não tinham uma informação
- 278 adequada, foi muito interessante a chegada da Emater.
- 279 **P:** Esses povos tradicionais, os quilombolas já são reconhecidos?
- 280 **I:** São.
- 281 **P:** Ah, tá! Porque ainda tem, ainda tem comunidade que as pessoas não sabem, não
- 282 sabem que são.
- 283 **I:** É. Elas, agora, por exemplo, a gente tá montando um processo de reconhecimento de
- 284 uma comunidade chamada... essa da Lagoa Ezequiel, não foi reconhecida. Agora,
- 285 todas as outras foram: Roça Grande, Alto Catitu, Catitu do Meio, Muniz, Boa Vista.
- 286 **P:** Catitu é um bicho?
- 287 **I:** É um bicho. Diz que tinha muito, porque tem Alto Catitu, Catitu do Meio , né?
- 288 **P:** Em Araçuaí foi muito marcante, que eles falam lá da destruição da parte baixa, a
- 289 enchente de 79, aqui também já foi vítima de alguma enchente?
- 290 **I:** Já.

291 **P:** Foi a mesma?

292 **I:** A de 28, deve ser no mesmo, mesmo, mesma época, 1928, houve uma inundação
293 imensa e trôxe praticamente a cidade pro alto. Lá na, na na baxa, perto do **rio Araçuáí**,
294 por exemplo, lá existia o mercado municipal era lá, a escola estadual, a mais
295 importante era lá, entendeu?.

296 **P:** E ainda tem mercado com feira?

297 **I:** Tem, todo sábado, forte.

298 **P:** Aí os produtores trazem muitas coisas?

299 **I:** Trazem muitas coisas.

300 **P:** E deve ter artesanato também, né?

301 **I:** Não. Não tem, o artesanato tá nas próprias artesãs. Agora tem muito, muito
302 artesanato assim é...casêro mesmo, né? As pessoas faz uma peça, nós temos uma
303 feirinha chamada feira online, é...Talentos que brilham, eu criei um grupo.

304 **P:** É online?

305 **I:** É, talentos que brilham, mas eles fazem tanta coisa linda.

306 **P:** Tem uma página?

307 **I:** Não, eu fiz foi, eu fiz foi no zap mesmo, sabe?

308 **P:** Ah, achei que tinha uma página de Facebook, alguma coisa.

309 **I:** Não, eu vou, posso até criar depois, mas ainda não tem não. Faz cada coisa linda.

310 **P:** Em relação a religião, você já falou que predomina aqui, né? Católica, né?

311 **I:** A católica.

312 **P:** Tem muitos santos ainda, os padroeiros, a festas religiosas ainda acontecem.

313 **I:** Existe, acontecem. A festa de maio... que éé, a festa de maio é a festa de Nossa
314 Senhora dos Pobres, a festa de Nossa Senhora da Conceição, que é a padroeira.

315 **P:** Daqui?

316 **I:** É. Maio é maio, é... da Conceição a padroeira, em dezembro e a do Rosário, que é no
317 terceiro final de semana de outubro. Ah, e muita congada, muito doce, é bom demais.

318 **P:** Barraquinhas têm ainda?

319 **I:** Barraquinhas, leilões, tem isso tudo, essa trenhada toda, banda na rua, forró.

320 **P:** E aqui, em relação ao transporte, hoje é terrestre, moto e carro. É isso?

321 **I:** Aham.

322 **P:** E antigamente, aqui também já se usou muito animais?

323 **I:** Muito, nossa senhora! Ainda tem bastante, viu.

324 **P:** Transporte animal?

- 325 **I:** *Muito animal. Tem. Pessoal, nos sábados ixi, cê vai tá aí sábado agora, procê ver?*
- 326 **P:** Vou tá em Araçuaí acho.
- 327 **I:** *Vai tá lotado.*
- 328 **P:** Que legal.
- 329 **I:** *Mas vem muita gente de, o pessoal mais novo, né, é moto. Mais eu tenho visto muitos,*
- 330 *muitos assim 60, 65 anos, tudo motoqueiro (risos).*
- 331 **P:** É, verdade. Não tem idade pra andar de moto, não. Porque tinha os tropeiros, né?
- 332 **I:** *Exato, aqui já teve também. Cabô.*
- 333 **P:** Aí levavam, aqui também levavam?
- 334 **I:** *Levavam a mercadoria pra Minas Novas (()) . Tem até uma, uma, uma, uma*
- 335 *coisinha, comé que fala? Ô gente... um poeminha, coisinha pequena, cê sabe mais que*
- 336 *eu, um versinho: “Berilo pra negócio, Sucuriú pra devoção, Sucuriú é Badaró,*
- 337 *Chapada pra feitiço, Minas Novas pra ladrão” (risos).*
- 338 **P:** (()).
- 339 **I:** *Era um senhor que tinha aqui e esse verso, ele imprimia todo ano pra distribuí po*
- 340 *povo, e junto colocava nas casas numa boa*
- 341 **P:** Ah, é? .
- 342 **I:** *Tinha a coisinha de Nossa Senhora, a figurinha de Nossa Senhora dos Pobres e ele*
- 343 *colocava esse versinho e ninguém achava ruim não (risos).*
- 344 **P:** Tem algum autor daqui que já escreveu sobre Berilo, você sabe?
- 345 **I:** *Dona Dona Aidê Almeida Murta, Aidê Almeida Murta, mamãe fazia muita música*
- 346 *pra cidade, M.T.*
- 347 **P:** Mas ela tem algum livro?
- 348 **I:** *Não, ela não chegô a escrevê não { } nem ela, nem a dona Aidê também não.*
- 349 **P:** Achei que tivesse algum livro eu contasse a história de Berilo.
- 350 **I:** *Não, tem não.*
- 351 **P:** Então você tem que escrever historiadora , pode escrever a história de Berilo.
- 352 **I:** *Tá passando de hora. Nossa Senhora, tá faltando é disposição.*
- 353 **P:** E se fosse pra você fazer um resumo da sua vida aqui e o seu, o seu sentimento de
- 354 pertencimento ao Vale de Jequitinhonha, ao Médio Jequitinhonha, a Berilo?
- 355 **I:** *Eu não consigo viver sem esse Vale, eu acho que... eu acho que Berilo é meu (risos).*
- 356 *Eu sou pertencente à cultura, né, à história, sou apaixonada pela história da minha*
- 357 *cidade, da, da minha região e nós temos que fazê muito por ela, né? Pela, pela, cidade,*
- 358 *pela região, porque ela é nossa, ela nos pertence! Então, se ela, se está aí, nós estamos*

359 vivos, saúde, temos que fazê dessa **Berilo** uma cidade cada vez melhor, um **Vale** cada
360 vez mais gostoso de se viver, né? E tem muita beleza, muita maravilha pra se preservá,
361 muita coisa boa pra fazê, né? Muito pra melhorá, mas, eu me sinto que eu pertenço sim,
362 eu sou respeitada, como cidadã, o que eu falo, né, éé ouvido, eu ouço as pessoas
363 também, e a gente vai segurando a cidade da gente, a gente, às vezes, consegue barrá
364 muitas coisas que a gente vê que vai prejudicá, por exemplo, uns dois anos que tava pra
365 se construir, uma... uma cerâmica pra fazê telha, bem assim em cima do rio, abaixo é
366 onde a gente faz o carnaval, nós juntamos, não deixamos isso acontecer e tendeu? Não
367 foi feito.

368 **P:** Porque infelizmente o dinheiro fala mais alto, as empresas vêm só para nos explorar.

369 **I:** Exatamente. Tiramo suor, mais conseguimos.

370 **P:** É, agora tem Itinga né, do lítio.

371 **I:** Do lítio, eu tô nesse grupo.

372 **P:** Você é do grupo? Ah, que legal!

373 **I:** E essa, essa estrada também, a gente tá conseguindo através de um grupo chamado
374 Movimento Filhos do Vale. Há três anos, há dois anos ,dois anos e oito meses nós
375 criamos, porque nós ficamos sabendo que de, de Jacinto a Salto já estava sendo feito
376 licitação pra construir. Aí, mais uma vez, nós vemos que nós estávamos ficando pra
377 trás, porque na 367 tem dois, dois pedaço que é sem, que é o de Minas Novas a **Virgem**
378 **da Lapa**, que agora de, de Chapada que já fez, né, até Minas Novas? E de Jacinto a
379 Salto. Aí, nós fomos fizemos pressão, fizemos audiência e conseguimos esse movimento,
380 ele faz movimentá, sabe, os políticos, o DNIT, eles ficaram com dó de nos, eu chorei lá
381 em Brasília, chorei na audiência.

382 **P:** Eu acho muito bonito essa união do vale pelo vale, né?

383 **I:** Exatamente. Muito, muito bonita.

384 **P:** Porque as pessoas se unem, as pessoas que são do Vale têm amor pelo lugar e
385 querem melhorar o lugar.

386 **I:** Exato. Claro.

387 **P:** Então, elas abrem mão ao mesmo tempo, do descanso, do tempo de estar com a
388 família pra correr atrás de melhorias.

389 **I:** Nossa, em Belo Horizonte, em Brasília, nós saímos de Minas Novas, nós saímos
390 daqui 4 horas da manhã, chegamos em, em próximo a Brasília 7 horas, não
391 dormimos em Brasília mesmo, quando foi no outro dia 8h, nós partimos pra Brasília,

392 terminô a audiênciâ 5 horas da tarde e viemos embora, chegamos no outro dia. É, é a
393 questão do pertencimento, se é seu, quem ama cuida, né?

394 **P:** Exatamente, mas é isso então, IA. Muito obrigada pela disponibilidade, pela boa
395 vontade, presteza.

396 **I:** Só isso? E as árvores, hein? Têm muitas árvores, oh gente, ()eu amava ir pra roça
397 com vovô, eu praticamente morava na roça com o vovô, com meu avô. Eu saía da
398 escola, descia pra roça, né? Umburana, tem a árvore, a tal Umburana,né, tem muitas
399 árvores.

400 **P:** Tem muitos lugares com nomes de plantas?

401 **I:** Não, nome com nome de árvore, não. Tem de bicho, né? O catitu, tem de ri, de, de,
402 da questão voltada pra questão do ouro, que é o **Vai Lavando**, tem a ver com o povo
403 lavando, o **Água Suja** tem a ver com os negros mesmos, os quilombolas, lavando na
404 água suja, na água limpa e a água descendo. São comunidades quilombolas.

405 **P:** Muito bom.

ENTREVISTA: 019CMUESM64

Dados do Informante

Informante 019, 64 anos, masculino, ensino superior completo, solteiro, natural do município de Coronel Murta.

Dados da Entrevista

Data: 28/09/2020	Duração: 35min e 49segundos	Local: Residência do Informante
Legenda: P=pesquisadora		I= informante

TRANSCRIÇÃO ORTOGRÁFICA

- 1 P: Boa tarde, seu ES!. Vamos começar. Qual é o nome completo do senhor?
- 2 I: *Boa tarde, Shirlene, né? Boa tarde, Shirlene! Meu nome completo é EFS. Esse nome*
3 *é um nome diferente, né, mas tem uma história. É, meu pai era comerciante e RR*
4 *também era comerciante, vizinho dele, e, e então, quando nasceu o filho dele, ele deu*
5 *meu pai pá batizá, e colocô o nome E. Aí eu nasci logo depois, meu pai também né, é*
6 *deu pra ele, me deu pra ele batizá, né, como padrin meu. E aí ele colocô, como eu nasci*
7 *dia de Natal, coloco ES, de E e N. (risos)*
- 8 P: E o senhor nasceu onde?
- 9 I: *Eu nasci na, em Coronel Murta mesmo, na cidade.*
- 10 P: Senhor ou você? Tem preferência?
- 11 I: *Você. Fique à vontade.*
- 12 P: Você nasceu na zona urbana de Coronel Murta?
- 13 I: *Isso.*
- 14 P: E os seus pais?
- 15 I: *Meus pais é, a minha mãe, ela é de, ela nasceu mesmo na Varge Grande, perto de*
16 *Araçuáí, ali, num sei se você conhece a Varge Grande, fica antes de, daqui pra lá, fica*
17 *acho que dez quilômetros, parece, antes de chegá em Araçuáí. É uma comunidade,*
18 *minha mãe nasceu lá. Mais meu avô mudô pra cá, elainda era moça ainda, e meu pai,*
19 *a origem é da, é da, zona da mata ali do Vale do Mucuri, ele veio pra cá na década de*
20 *40, no final da década 30, aliás, atraído pelo garimpo. Ele é de, ele é da região de*
21 *Ataléia, ele é de Ataléia. E aí veio pra cá e se conheceram aqui, aqui se casaram.*
- 22 P: Ele foi uma das pessoas que vieram atrás das pedras preciosas?
- 23 I: *Atraído pelo garimpo, isso.*

24 P: E ele conseguiu algum êxito?

25 *I: Olha, ele primeramente, ele trabalhô como garimpero, trabalhô, tirô, naquela época*
26 *num tirô muita coisa não, mais tirava. Ele veio com, ele veio com o cunhado dele,*
27 *porque, na verdade, meu pai ficô órfão de, de pai muito novo, e a mãe também, depois,*
28 *futura, logo depois acho que que ele tinha, ele era muito novo, acho que ele tinha pouco*
29 *mais de dez anos, a mãe também veio a falecê, então a irmã mais velha dele é que*
30 *adotô. E como eles vieram pra cá, ele veio junto, já veio rapaz pra cá. E aqui começô a*
31 *trabalhá na região de **Barra de Salinas**, com, né...*

32 P: Barra de Salinas pertence a Coronel Murta?

33 *I: Pertence a **Coronel Murta**. É um garimpo muito rico, muito, tem uma história, né*
34 *que é uma história longa, mais é uma história interessante de muito crime, de muita*
35 *pedra, de muita é, sabe, de pistolagem e tudo. É um lugar marcado pela, pela violência.*
36 *Mais já deu muita pedra, é o garimpo mais rico que tem aqui na região.*

37 P: Mesmo sendo Barra de Salinas, pertence aqui? Não tem a ver com Salinas cidade?

38 *I: Não. É porque o **rio Salinas** desagua lá, então quando, geralmente, eu falo: quando o*
39 *rio desagua, é, na foz, a gente fala barra, aqui nós falamo barra. Então justamente*
40 *onde que é a foz do **rio Salinas**, a 18 quilômetros, mais ou menos, distante de **Coronel***
41 ***Murta**. Então, meu pai, ele nasceu lá, e depois de lá, ele veio, trabalhô muito tempo*
42 *com garimpo de diamante, que né, o **rio Jequitinhonha** era e ainda é muito rico em*
43 *diamante nessa região. Inclusive, aqui, ó, o rio passa aqui, isso aqui deu muito*
44 *diamante, e tem muito diamante. Ele veio, trabalhô também como mergulhadô de*
45 *escafandro, né, trabalhano no fundo do rio, escafandrista, e depois começô a mexê com*
46 *cumércio. Entrô com, começô com um cumércio pequeno e foi né, chegô, chegô uma*
47 *época que ele tava bem sucedido. Na década de, na década de 60, meu pai ele era o*
48 *comerciante mais bem-sucesso em **Coronel Murta**, tinha um estoque muito grande,*
49 *muito variado e tudo, tinha um padrão de vida bom, mais depois ele, num sei o que que*
50 *aconteceu que ele entrô num, sabe, num quis mais mexê, abriu mão, endividô, teve que*
51 *pagá as dívidas, e no final das contas, não quis mais sabê de cumércio.*

52 P: E você tem irmãos?

53 *I: Nós somos dez.*

54 P: Todos nasceram aqui?

55 *I: Todos. São cinco homens e cinco mulheres.*

56 P: Na casa da minha mãe também, cinco homens e cinco mulheres.

57 I: E lá em casa foi bem distribuído: três mulheres, três homens, duas mulheres, dois
58 homens.

59 P: Tem até a ordem. E você frequentou escola onde?

60 I: Eu frequentei aqui mesmo em **Coronel Murta**. Agora minha graduação foi em, aqui
61 em **Araçuaí**, que, né, eu fiz pela, pela UEMG, de 1996 a 2000. Foi quando a UEMG
62 criô, no governo Itamar Franco, que a UEMG criô, que antes era, era, o curso era
63 feito, as pessoas que estudavam aqui e que habilitavam é, pra magistério, elas faziam
64 na, na PUC, né na PUC. E faziam o quê? Tinha, tinha faculdade curta, que habilitava
65 só pra, era Estudos Sociais e habilitava pra lecioná no, no fundamental. Aí depois, a
66 pessoa, se quisesse éé, e daí tinha a plena, que era mais dois períodos, a curta era com
67 seis períodos, e a plena tinha que fazê mais quatro, aliás. E aí então a pessoa tinha que
68 optá por História ou por Geografia. Então, o curso de Estudos Sociais era só, era só
69 pra, habilitava só pra o ensino fundamental.

70 P: Coronel Murta tem até o segundo grau?

71 I: Tem até o segundo grau.

72 P: A zona rural também tem até o segundo grau ou não?

73 I: Tem na, no, tem em **Freire Cardoso** e na **Barra de Salinas**, extensão da Escola
74 Mariano Murta, que é a escola estadual que tem na sede do município. Tem duas, mais
75 a escola de, que tem ensino médio é só a Mariano Murta.

76 P: E nas outras zonas rurais, o pessoal vem para Coronel Murta?

77 I: É. Essa região aqui de **Alagadiço**, **São José**, aqui é **Alagadiço**, mais embaixo **São**
78 **José**, do outro lado, **Vereda**, os alunos vão, estudam todos na, na sede.

79 P: Aqui se chama Alagadiço?

80 I: É. Porque, na verdade, isso aqui, quando chuvia, isso aqui nas águas, ficava
81 alagado, na verdade tinha um minipantanal. Mais hoje, com a seca, né,virô tudo, com
82 desmatamento né, então.

83 P: E a sua infância, como foi? Onde brincava, onde se divertia?

84 I: A minha infância foi brin, na ver, a gente, a diversão da gente era, né, era o que,
85 tomá banho no rio, pesca, né,éé, jogá bola na bera do rio, ou então andá pros matos
86 né, resolvia. Meu pai, como era muito chegado ao mato, a gente, levava a gente, então
87 a gente, naquela época, né, caçada, meu pai gostava muito de caçá.

88 P: E aqui tem muitos animais na região?

89 I: Na época tinha muitos animais, hoje não, tá extinto, né, porque, praticamente, em
90 extinção, porque o desmatamento, as nascentes secaram. Isso aqui tinha água, isso,

91 *tinha um córrego aqui mesmo que corria o ano todo, praticamente o ano todo. Hoje, ele*
92 *só corre quando tá chovendo.*

93 P: A maioria dos córregos da região, né.

94 I: É. Então, a fauna, com a extinção da, da flora, quemada, desmatamento pra
95 pecuária extensiva, você tá vendo aí atrás, no pé da serra, tem, tem pasto né. Então, foi
96 tudo desmatado. E aí veio a seca, então né, os animais acabam...

97 P: E as brincadeiras no rio eram nesse rio aqui?

98 I: No **rio Jequitionha**. É, o rio que tinha uma praia muito bonita, uma praia grande
99 mesmo, era uma praia de extensão, de largura, tinha lugares que dava aí uns, ia daqui
100 lá no asfalto, assim ó.

101 P: E atraía as pessoas da região também?

102 I: A vida da gente era, também né, na época do carnaval, por exemplo, éé, isso aqui,
103 vinha gente de Araçauá, vinha de Salinas, é tanto que praia ficava lotada. Muita gente.
104 E com a **barrage de Irapé**, que acabô, acabô com a praia. Depois eu vou te mostrá,
105 acho que eu ainda tenho algumas fotos ainda no celular que eu vou te mostrá.

106 P: E para passear, os pais levavam as crianças para passear em algum lugar específico,
107 alguma comunidade?

108 I: Ééé, passeá na roça ou então, quando a, a diversão também é quando vinha circos,
109 né. No interiô, aparecia um circo era atração, né, aí a meninada, palhaço na rua né, e
110 o circo era a atração da cidade. Era o que tinha antes, antes, né da televisão.

111 P: E na adolescência? Como foi a adolescência e a juventude do senhor? Os lugares que
112 passeava, os forrós, onde o senhor ia?

113 I: É, a adolescência também a gente continuava, né, também na praia, né. A praia já
114 era mais, num era mais só pra, pra brincá, né, mais pra namorá também, né, você era
115 adolescente, ia namorá na bera do rio. E à noite tinha, tinha, **Coronel Murta** tinha dois
116 clubes na época, né, a gente falava boates. Tinha o Garimpo e tinha o Xodó na praça
117 central então era aquele lugá que a gente ia.

118 P: Xodó?

119 I: É. Um chamava Xodó, e o outro, Garimpo. Garimpo porque o, o proprietário era
120 garimpero, também garimpero de diamante e tudo né, e aí ele colocô o nome de
121 Garimpo, inclusive tinha uma penera, tinha um garimpero assim na parede, um painel,
122 muito bonito. E a gente né, a atração noturna era lá, quando não tinha circo, era o
123 Garimpo e o Xodó, ia pra dançá, pra né, na década de 70, 80.

124 P: Eu percebi aqui na BR que tem muitas entradas de fazendas. Aqui ainda existem
125 muitas fazendas onde as pessoas trabalham ou é mais fazenda para final de semana?

126 *I: Não, não é, tem... Aqui mesmo, aqui embaixo, no Alagadiço, na bera do rio, tem*
127 *muito pessoal que dedica à agricultura familiar. Então, uma grande, boa parte da*
128 *produção de de de é, de de legumes, de hortaliças, de tudo, ovos, sai daqui dessa*
129 *região aqui, tem muito aqui embaixo porque isso aqui era uma, num sei se ocê tá veno*
130 *aqui, isso tudo, isso aqui era um latifúndio, pertencia à Igreja. Então, a, a, a terra da*
131 *Igreja, ela pegava daqui ó e ia lá embaixo, cê tá veno, tudo aí pertencia à Igreja. Então*
132 *o bispo Dom José Maria Pires, na década de 70 , 70 ou 80?, agora fugiu a memória,*
133 *ele, como tinha muito, muito possero, e , ou aliás era terra da Igreja, a dona era, era*
134 *filha do coronel Murta e ela era (...), né, Dona M, quês falava. Então, como ela era*
135 *muito católica, ééé, segundo o relato que ouço, né, é que o, o padre, o vigário falô com*
136 *ela, né, que ela doasse as terras dela e tal, que ela, porque naquela época, né, quem*
137 *doava, tinha uma cadeira no Céu, né, por causa das indulgências, né. E aí ela doou a*
138 *terra, então esse, doou pra Igreja, pra a Diocese. Então, ficô sendo da Igreja, e aí esse*
139 *pessoal que morava, os, os posseiros que moravam, então o bispo, na década de 80,*
140 *acho que foi, 80 foi Dom Enzo, aliás, na década de 80, é isso mesmo. Ele fez uma*
141 *reforma agrária e assentô o pessoal né, na terra. Tirô uma parte pra igreja, essa parte*
142 *que você tá veno, toda que é mata, é da Igreja. Se fosse de fazendero, já teria*
143 *desmatado tudo pra fazê pastagem, então ficô da igreja. A Igreja assentô o pessoal*
144 *embaixo. E aí, então isso aí ó, aquelas casas que você está vendo lá na frente, aquilo*
145 *ali são pessoas que, que receberam terra da Igreja, são os assentados. Então, o*
146 *pessoal que, que tem é, pequena propriedade se dedicam mais à agricultura mesmo, né.*
147 *Então, tem muita gente, muito morado aí que dedica à agricultura, agora onde que é de*
148 *fazendero, igual aqui que é de um fazendero, essas regiões aí mais pra cima também, o*
149 *pessoal dedica à pecuária.*

150 P: E o pessoal da agricultura? Eles levam para vender em algum lugar de Coronel
151 Murta? Tem alguma feira?

152 *I: Tem, tem um mercado, vende na feira.*

153 P: Todo final de semana ou é diariamente?

154 *I: Todo final de semana. E, às vezes, esporadicamente, eles vendem também na semana,*
155 *lá na, lá na praça, mais lá tem a feira, todo sábado.*

156 P: E os jovens daqui trabalham... qual é a principal fonte de trabalho?

157 *I: Os jovens aqui, éé, uma das atividades que mais absorve a mão-de-obra,*
158 *principalmente dos jovens, é o garimpo, que a região, **Coronel Murta** é uma região*
159 *muito rica, o subsolo aqui é muito rico. Então, aqui produz minério, tanto gemas:*
160 *turmalina, água-marinha, né, pra, pra joalheria, como também produz minério*
161 *industrial: fosfato, granito, que é né, que é pra pavimentação, Então, a maioria do*
162 *pessoal aqui trabalha, ultimamente, trabalho no setor minerário mesmo.*

163 P: E o município, o senhor acha que, de uns tempos para cá, teve melhoria, evolução?
164 Como está a questão da infraestrutura das ruas de Coronel Murta? Elas eram calçadas?

165 *I: Melhorô muito de uns anos pra cá, porque antes era só a parte central que era*
166 *calçado, calçada. Hoje, depois de uns 20 anos pra cá, tem melhorado muito, você vai*
167 *chegá lá, você vai vê que a rua, a cidade quase toda tá pavimentada. A administração*
168 *atual agora mês fez lá, calçô a entrada da cidade, que era calçada, mais era com essas*
169 *pedrinhas. Ela tirô, fez o calçamento, tem calçado muitas ruas. E a, a esse setor de*
170 *pavimentação melhorô muito.*

171 P: Tem hospital, seu ES?

172 *I: Tem uma, tem um posto de saúde, unidade avançada, num chega a ser um hospital*
173 *não. Você vai chegá na entrada da cidade, você vai vê, do lado esquerdo, você vai*
174 *passá na ponte, você nunca veio em **Coronel Murta** não né?*

175 P: Já fui desse lado esquerdo, depois da ponte, no Juá.

176 *I: É, pois é, ali, próximo ao Juá, tem um hospital em cima, no alto lá é o, o, a unidade*
177 *de saúde.*

178 P: Eu nunca passei do Juá pra lá.

179 *I: É, ééé, pertin. Cê, tá o Juá aqui, o hospital tá no alto. Inclusive, na entrada pro Juá é*
180 *a mesma entrada do hospital, pertin. Lá se ocê prestá atenção lá, você vai vê. Agora, a,*
181 *em termos de renda per capita, eu acho que diminuiu, caiu muito, porque aqui a*
182 *pecuária, era pecuária, com a seca, diminuiu muito né, o rebanho. Eee, então, eu, eu*
183 *acho que **Coronel Murta** diminuiu a população. Não sei se diminuiu porque, por*
184 *interesse político, na época, eu me lembro que o censo de, parece que de 2000...*

185 P: O último que eu tive acesso foi o de 2010.

186 *I: Pois é, 2010. Parece que foi o de 2000, que a população era de 12 mil parece que*
187 *caiu pra dez mil.*

188 P: Se emancipou algum lugar ou não? Tirou algum distrito, emancipou?

189 *I: Não. Me falaram que foi porque o prefeito, na época, era muito esperto, pediu pra*
190 *poder aumentá a população pra podê melhorá a arrecadação. (risos)*

191 P: Mas a população de Coronel Murta é mais urbana ou rural?

192 I: Mais urbana.

193 P: Quantos distritos têm?

194 I: O êxodo rural aqui () por causa do usucapião né que entrou em vigor, e os
195 fazenderos né, começaram, e atraídos também pela pela, pelo próprio sistema, né.

196 P: Necessidade de desenvolvimento também, as pessoas vão muito em busca de
197 melhores condições de vida.

198 I: Éé, a ditadura militar atraiu muita, puxô, tirô, criô o êxodo rural, né, principalmente
199 a ditadura militar né, que, que ela deu suporte pra o e financiamento pro, que antes
200 aqui era um sistema meio semifeudal, eu diria, né, todo mundo tinha um monte de
201 agregado que trabalhava e plantava na roça do fazendero, dividia o, pagava pra ele
202 uma porcentagem, trabalhava também e fazia a roça do fazendero pra ele e tal e
203 trabalhava ali. Então, tinha muita gente que morava na zona rural. Quando veio a lei
204 do usucapião, que a ditadura né, na época da ditadura, ela era uma lei que já existia,
205 porém ela foi, ela entrou em, em ação né, a partir da ditadura, então o fazendero ficou
206 com medo: "não eu vou ficá com um agregado aqui, ele vai tomá a metade de minha
207 terra, né". Então, mandou todo mundo pra a rua então, e a cidade cresceu. E as cidades
208 grandes também, o pessoal...

209 P: E quase todo mundo?

210 I: Quase todo mundo éé, as famílias, assim, a família, o pessoal que detém, que detinha
211 né, o, as posses de terra, era tudo Murta né. Que o coronel chegou e o pessoal até conta
212 né...

213 P: Mudou o nome, provavelmente, por alguma benfeitoria que ele fez para a região?

214 I: Olha, é, porque Coronel Murta chamava, o primeiro nome foi **Boa Vista do**
215 **Jequitihonha**, tinha uma vista muito bonita. Você viu lá, **Coronel Murta** tem realmente
216 uma vista muito bonita né. Aí depois, depois mudaram para o nome do coronel, éé,
217 quando a cidade foi emancipada, o coronel criou a a, fundou a,a mais pra frente, ele
218 colocou o nome de **Itaporé**, porque o nome **Itaporé** era um nome, **Itaporé** é nome de
219 origem indígena, como aqui embaixo tinha uma tribo que foi, que foi é aldeia, que foi
220 distribuída e aí ele tinha uma certa, uma certa é, simpatia pelos índios e tal,
221 acredito, então ele foi e colocou o nome **Itaporé**, que significa, Ita, pedra, e poré,
222 cachoeira. Então, cachoeira de pedra, é um nome, ele colocou em homenagem aos
223 índios. Só que depois, com a emancipação da cidade em 1953, aí os políticos na época

224 lá, resolveram tirá, o coronel tinha morrido, tirô o nome que ele colocô e colocô
225 **Coronel Murta** em homenagem ao coronel.

226 P: Mas as pessoas ainda chamam de Itaporé, algumas pessoas?

227 I: Muita gente, tem gente que não aceita o nome, éé, lá fora mesmo, as pessoas mais
228 velhas falam **Itaporé**.

229 P: Agora, de Boa Vista, ninguém lembra mais?

230 I: Não. Boa Vista, não. Inclusive, nós, na década de 80, a gente tinha um grupo aí do,
231 Centro Cultural Itaporé, que chamava, e nós ensaiamos fazê um plebiscito pra poder
232 voltá o nome de **Itaporé**. Só que aí (...)o prefeito, na época, (...) abafô e num foi pra
233 frente.

234 P: E o senhor falou que o pai do senhor gostava de caçar. Quais eram os animais que se
235 caçavam aqui? Tinha onça, tinha esses animais selvagens?

236 I: Suçuarana, essa suçuarana, a onça-parda né, que fala, tinha. Ainda tem até hoje.

237 P: Aqui ainda tem onça?

238 I: Tem. A onça-parda tem. Não, ela não faz nada a ninguém não, ela é mansa. Aqui em
239 cima na chapada () saía daí deste alto aí, saía de madrugada, subia isso aí tudo a pé
240 e caçava catitu, paca, cutia, esses bichos tudo, tinha muito. Mocó, que é uma coisa que
241 ainda tem muito aí nas pedras.

242 P: Mocó é o quê?

243 I: Mocó é um, um, um roedô, só que ele come é folhas e casca de planta. Inda tem muito
244 aqui na região. Ele, ele costuma morá nas, nas tocas, né, então ele, ele num sofreu
245 muito com água, e reproduz muito, é um animal que o pessoal até fala que é
246 afrodisíaco, e acho que por isso que o povo caça muito.

247 P: E árvores? Tem alguma árvore que a gente acha em qualquer lugar, que é bem
248 característica da região?

249 I: Tem. Oh, você tá vendo essas árvores que tão brotadas aí, verdes? Isso é o tambori,
250 Tamborili. É uma árvore que, ela é típica da, da, da mata seca ou então da caatinga,
251 né, de transição. Cê vê quela brota antes de, antes de chuvê por que, porque ela já, o
252 tronco dela tem um reservatório de água. O tronco, não, a raiz. Quando tá próximo da
253 chuva, o que acontece? A raiz libera, né, a água pra né, pro caule, aí então ela brota
254 porque sabe que tá vindo chuva pra podê né, é a característica das árvores e da
255 vegetação da caatinga.

256 P: Por falar em chuva, qual é a relação, como é a questão da água nessa região? Falta ou
257 tem água em abundância? Se é como era antigamente, se tem muitos rios, ribeirões e
258 lagoas ainda.

259 *I: O único rio, hoje, que pode falá que é o rio que corre é o Jequitinhonha, só. Os*
260 *outros córregos, tinha o córrego São José aqui embaixo, que corria o ano todo e já não*
261 *corre mais, há muito mais de dez anos que não corre. Tem , tem lá o córrego lá, abaixo*
262 *de Coronel Murta, passa dentro de Coronel Murta, aliás, o córrego Santo Antônio,*
263 *também que não corre mais. Tem, só, o rio Salinas, que é um afluente do*
264 *Jequitinhonha, ele tá correno porque tem a barragem que foi construída lá na*
265 *cabicera dele que perenizou o rio, senão ele também não estaria mais correno, teria*
266 *secado até.*

267 P: E esses córregos com nomes de santos, a religiosidade aqui é predominantemente
268 católica ou já não é mais?

269 *I: Ainda é, ainda predmonina. Apesar do, do, dos evangélicos terem aumentado muito,*
270 *ainda é, o que predomina ainda é o catolicismo.*

271 *I: Olha a aroera, que é típica da região, só que ela tá verdinha, porque o dono aqui*
272 *irriga, irrigô agora, molhô o capim, e ela brotô. Mais ela fica toda daquela manera lá,*
273 *tá veno, óh, esperano a chuva.*

274 P: Está muito seco e tem umas verdinhas no meio.

275 *I: É justamente essa, essas brotaram por causa do, da, da água que 'le, que a aroera só*
276 *brota depois que chove, mais como ele molho aí a semana passada, tem a irrigação aí,*
277 *cê tá veno os aspersores, ela brotô, mais aí as outras todas tão secas, esperano a*
278 *chuva. Só os tamboris é que brotam antes da chuva , tambori, algumas outras,*
279 *tartarena.*

280 P: E as pessoas buscavam água no rio?

281 *I: No rio. Primeramente, no rio, depois, que o prefeito, na década de... o José Onnis*
282 *Murta, Coronel Murta tudo é Murta, é rua num sei o que Murta, escola Murta, tudo*
283 *Murta. E o prefeito, na época, catô água lá de, duma, de uma nascente e levô pro*
284 *Coronel Murta, inclusive um lugá que tinha uma mata, Mata Atlântica. Que aqui é uma*
285 *região, como é uma área de transição, então tem que lugares que tinha Mata Atlântica,*
286 *e era mata uma cabicera e tinha um córrego muito, com muita água, e ele conseguiu*
287 *levá essa água pra, trazê essa água pra Coronel Murta. Então, fez um chafariz, tinha*
288 *um chafariz na praça, então o pessoal pegava água do chafariz. A gente é, enchia as*

289 *latas d'água né, e colocava nos pote em casa. E quando num panhava no rio, panhava*
290 *no chafariz. Aí depois veio a Copasa e, né, e criô as redes.*

291 P: É Copasa lá, né? E esses córregos terem parado de correr, o senhor acredita que é por
292 causa da situação climática ou ação do homem mesmo de devastação?

293 *I: Éé mais a devastação, porque dismataram de forma discriminada, né. Dismataram a*
294 *às margem dos córregos, né, então veio erosão, né, e também desmataram a vegetação*
295 *nativa nos morros, né, então aquilo vai arrastando tudo pra dentro dos córregos.*
296 *Então, acho que uma coisa eeee aí o, o, é claro que o fatô, o fato das chuvas terem*
297 *diminuído é uma coisa mais de, que tá ligada ao aquecimento global, mais uma coisa*
298 *global, né, mas provocado, pela, né, Coronel Murta fez sua partem deu sua pequena*
299 *contribuição mais deu né, com o desmatamento né.*

300 P: Verdade. Mas esse rio ainda tem peixe?

301 *I: Depois da **barrage de Irapé**, o peixe diminuiu muito, mais ainda tinha, tinha.*

302 P: Quais peixes que tem?

303 *I: Aqui os peixes, os nativos aqui é o piau, a curimatã, a traíra, ééé, piabinha, piapara,*
304 *tem o, o surubim.*

305 P: Tem muitos.

306 *I: É, o surubim que num cresce igual o do São Francisco, mais ele ficava aí, até com 80*
307 *centímetros ele pegava. Tem os, tem os bagres, lambaris, timburé, roncadô, que é um*
308 *peixe de coro, que a gente pegava muito com a água suja, quando a água suja era de*
309 *enchente, a gente pegava muito. É um peixe muito saboroso por sinal. Mais depois da*
310 ***barragem de Irapé**, também criô um, né, um desequilíbrio muito grande no rio e esses*
311 *peixes praticamente desapareceram. Hoje né, taí hoje tem até piranha no rio, piranha,*
312 *a piranha branca, que **Irapé** fez uma bagunça no rio, soltó peixe invasô, e aí bagunçô*
313 *com o rio. Piau mesmo, num acha mais, dificilmente, a piabinha. Os peixes nativos do*
314 *rio praticamente desapareceram após a construção da **barrage de Irapé**.*

315 P: E você conhece bem a parte rural de Coronel Murta? Tem muitas comunidades?

316 *I: Tem. **Coronel Murta** tem, conheço relativamente bem. Se não me engano, acho que*
317 *tem 27 comunidades, acho que é isso, 27. Aqui mesmo tem a **comunidade do***
318 ***Alagadiço**, que é, tem Alagadiço, tem **São José**, tem **Vereda 1** e **Vereda 2**, que **Vereda***
319 ***1** é do lado de cá, e **Vereda 2** de lá. Éé, só aqui nessa região, tem o que, **Alagadiço**,*
320 ***Vereda 1**, **Vereda 2**, ou aliás, **Alagadiço**, o nome da comunidade é **Vereda**. Então, é*
321 ***Vereda 1**, **Vereda 2**, **São José**. Aqui são três comunidades só aqui embaixo.*

322 P: E mais para lá tem?

323 *I: Aí pra lá tem, em direção a,aa, Virge da Lapa, aí subino pro Jequitinhonha, entre*
324 *Coronel Murta e Virge da Lapa tem comunidade da Laje, que é pertin da cidade,*
325 *depois tem a comunidade é do, do Morredondo, depois tem oo , tem aaa, tem o Alto*
326 *Morredondo, Alto e Baxo Morredondo. Tem duas, tem essas três comunidades. Tem oo*
327 *Jatobá também. Depois, tem, tem pro lado de, em direção a Barra de Salinas, tem a*
328 *comunidade da, do Carrapicho, num sei como é que chama lá, esqueci o nome, tem a*
329 *comunidade. Tem, Oro Fino, pro lado de Oro Fino, tem a comunidade da Pedra, tem*
330 *da Água Branca, tem a Lajinha, a Sede.*

331 P: Sede é o nome de um lugar?

332 *I: É, comunidade da Sede.*

333 P: Que diferente.

334 *I: Sete Canais, Mutuca. Éé, tem mais, tem mais que eu num tô lembrano de todas.*

335 P: E comunidades indígenas ainda existem aqui na região, já existiram?

336 *I: É, aqui tem uma aldeia aqui, inclusive o pessoal aqui, uma família aqui que são dos*
337 *índios. Inclusive tem aqui, tem uma casinha lá na frente que o pessoal é índio, dos*
338 *Pancararu,*

339 P: Vieram para cá ou são daqui mesmo, a vida inteira morando aqui?

340 *I: Porque quando, quando a Igreja né, apropriô eles aí, ficaram aqueles índios que*
341 *foram, que foram distribuídos e ficaram morando aí né. Casaram com pessoas,*
342 *pessoas de, brancos né. Então, tem uma família de índios aí, tem muitos que são índios*
343 *e até assinam índios: fulano de tal, num sei o quê, Índio. Tem Manoel Índio, tem, tem*
344 *Pedro Índio, tem, tudo Índio. (())Indígena. Então, eles, eles assinam Índio mesmo no*
345 *sobrenome. E aí fica, e casaram por aqui mesmo então misturaram, mais tem muito*
346 *índio.*

347 P: Eles fazem parte do início da construção de Coronel Murta?

348 *I: Fazem parte.*

349 P: E tem alguma enchente que marcou? Algum fato marcante em Coronel Murta, no
350 município, que foi importante para o município.

351 *I: É, duas duas enchentes que mais marcaram aqui: foi uma em 1967, que, na época,*
352 *muitas casas eram na beira do rio, e o rio acabô entrando na, na parte mais baixa da*
353 *cidade e derrubô muitas casas, e, né, então mais a maior enchente foi a de, foi a de 79,*
354 *essa foi maior ainda, causô bem mais, mais prejuízos. O rio entrô nessas áreas aqui*
355 *tudo, virô uma, eu acho que tenho uma foto aí, se ocê quisé vê. Eu tenho uma foto aí no*
356 *celular dessa enchente de 1979. O rio ficô faltando um pouquin pra...*

- 357 P: Em Araçuaí também essa foi marcante.
- 358 I: *Foi, exatamente, foi, na região toda, que foi Minas, Minas tava debaixo d'água. Na*
359 *época, eu tava em BH, eu fui pra Belo Horizonte pra trabalha, fiquei três meses lá*
360 *esperano passá o período de chuvas pra eu podê empregá, porque ni todo lugar, toda*
361 *firma que eu chegava, falava: "agora num tem, ninguém tá admitindo".*
- 362 P: E pra ir para Belo Horizonte, você falou de Belo Horizonte, se usava qual meio de
363 transporte? Tinha ônibus diário?
- 364 I: *Tinha o, o Gontijo, sempre fez essa linha.*
- 365 P: E hoje, o meio de transporte é terrestre, motos também? Animais não se usa mais
366 como meio de transporte ou ainda usa?
- 367 I: *Não. O animal usa mais pra, por esporte, pro gado né, ou então para mexê com*
368 *gado né.*
- 369 P: Porque levavam para... o pessoal de Araçuaí usavam muito, os tropeiros.
- 370 I: *Era mais ou menos a mesma característica da região ().*
- 371 P: E se o senhor pudesse resumir a vida do senhor aqui na região, o que o senhor acha
372 de bom da região, o que o senhor acha que precisaria melhorar? Se fosse para o senhor
373 se mudar daqui dessa região, se você mudaria, se não, e o porquê. Qual é o seu
374 sentimento de pertencimento ao Médio Jequitinhonha?
- 375 I: *Olha eu eu me sinto assim, sabe, um, uma pessoa muito arraigada, muito presa aqui.*
376 *Eu já morei fora, eu saí de casa com 20 anos, morei no Rio, morei em Vitória, no*
377 *Espírito Santo, trabalhei e depois voltei pra cá e falei: "não, aqui que é meu lugá". Éé,*
378 *e gosto do lugá, apesar de que, hoje, eu , eu me sinto, umas das coisas que mais, que me*
379 *abalô aqui, a vontade de sair, que eu acho que o lugar não identifica mais comigo, é*
380 *que nós perdemos as coisas que, pra mim, faziam parte, sabe, da minha vida, da minha*
381 *história: o rio e a praia, principalmente, que não tem mais. Eu fico, não ficava um dia,*
382 *praticamente, sem ir ao rio. Hoje, eu fico meses, porque eu chego no rio e num tem*
383 *mais o **Jequitionha** que tinha antes. A gente num chega na bera do rio mais, tá tudo*
384 *sujo, lama, sabe, acabô com o rio. Então, esse é um dos fatores, sabe, que eu tenho*
385 *pensado em sair. E depois o lugá também: politicamente, eu não me adapto ao sistema*
386 *político do lugá, já tentei, já lutei muito, eu tenho 30 anos de luta, de militância, sabe,*
387 *praticamente só, enfrentano o sistema político pra tentá implantá uma coisa diferente*
388 *em **Coronel Murta**, um projeto alternativo, um projeto popular, participativo, projeto*
389 *éé, mais assentado no, né, na participação popular das comunidades, desenvolvimento*
390 *da, né, do meio rural, educação no campo, meio-ambiente, cultura, essas coisas.*

391 *Infelizmente eu num, né, , a gente vai lutan, lutano, às vezes chega uma hora que a*
392 *gente fala assim: "óh, a minha luta a minha luta é, não deu certo, eu vou deixá e caçá*
393 *outro lugar pra eu mora, certo" (risos). E eu mesmo já, já tenho, já tem... na eleição*
394 *passada, eu fiquei tão decepcionado com , com um grupo que eu formei, praticamente*
395 *eu que ajudei a formá, eu assim, eu falo eu, porque eu na frente, mais fomos nós, mais*
396 *eu que fui o articuladô. Dez anos assim lutano, lutano e até apoiano um candidato que,*
397 *eu achei que, como era uma pessoa simples, muito assim, sabe, simplório, eu falei: "ôh*
398 *gente, já que eles não deixam né que...", os dois lados me podano, falei: " eu vô tentá*
399 *miná o, sabe, tirá as pessoas do, de um lado e de outro e formá um grupo novo pra*
400 *tentá vê se, aos poucos, a gente vai mudano". Fiquei dez anos praticamente, de 2000 a*
401 *2012. Quando ganhamos a eleição, o cara pisô na bola com todo mundo, comigo, fez*
402 *uma bagunça, sabe, e num entendeu nada do que eu propus, e eu que tomava frente de*
403 *tudo, tudo era eu. Sem a minha presença, não acontecia nada. Então, eu fiquei tão*
404 *confiante, que eu falei: "Bom, ele vai ganhá e eu vô tá junto pra podê , a gente implantá*
405 *esse projeto aí fazeno as mudanças", e simplesmente, né...*

406 P: Aí é frustrante.

407 I: *Moça, eu fiquei tão chateado, que eu , eu ganhei uma casa lá na comunidade da*
408 *Laje, cinco quilômetros de Coronel Murta com uns amigos que moravam lá, eu falei:*
409 *"ó gente ó, eu num vô ficá aqui em Coronel Murta não, que eu não vou participá de*
410 *nada dessa política, num vô, num vô, quero ficá de fora. Num vô candidatá, num tenho*
411 *condições, então melhor ficá fora". E aí fui pra lá e fiquei distante de tudo. E agora*
412 *também, do mesmo jeito, eu vim pra cá e, ês me convida pra isso e pra aquilo, eu falo:*
413 *"não, num vô não".*

414 P: A gente vai cansando.

415 I: *Exatamente.*

416 P: Mas é isso, seu ES. Muitíssimo obrigada. O senhor me ajudou muito. Agradecer a M.

417 I: *Espero que sim.*

418 P: Com certeza. Muito obrigada pela disponibilidade, pela boa vontade.

419 I: *Fique à vontade. Se você precisá novamente...*

420 P: Sim, senhor. Agora já sei o caminho.

ENTREVISTA: 020FBAMEF66

Dados da Informante

Informante 020, 66 anos, feminino, ensino médio completo, viúva, natural do município de Francisco Badaró.

Dados da Entrevista

Data:	Duração:	Local:
11/12/2020	39min e 01segundo	Via telefone

Legenda: P=pesquisadora I= informante

TRANSCRIÇÃO ORTOGRÁFICA

- 1 *I: Alô?*
- 2 P: Oi, dona ME.
- 3 *I: Oi, tudo bem?*
- 4 P: Eu tava apanhando do telefone aqui, ligando sem acrescentar o 9, tava falando que
- 5 não existe. Eu não sou boa de tecnologia não.
- 6 *I: (risos) É igual eu também.*
- 7 P: Aí falava que o número não existe.
- 8 *I: É por causa que tem hora que tem que coloca, é, os, um tanto de nove aí, vira uma*
- 9 *danada, essa danura toda.*
- 10 P: Aí depois eu liguei para aquele número que a senhora me deu achando que era o
- 11 número da senhora e era a pessoa que a senhora arrumou para conversar comigo.
- 12 *I: É, ela é neta do, do fundador daqui de Tocoíós.*
- 13 P: Que legal, mas aí eu liguei pra ela achando que eu tava ligando para a senhora, que
- 14 era o outro número da senhora.
- 15 *I: Ah, ligô?*
- 16 P: Aí perguntei se era esse o número da senhora, porque a voz tava diferente, ela falou:
- 17 "não, meu nome é N".
- 18 *I: (risos) Mas aí depois cê pode tá falano, ela tá ligano pra ela.*
- 19 P: Ela marcou para amanhã de manhã.
- 20 *I: Ah, beleza, que bom.*
- 21 P: Então, vamos lá.

22 *I: É que ela também tá recebendo, ela tá resolvendo os negócios do daquela Lei lá,*
23 *Aldir Blanc, a nova, ajudano a gente da comunidade, né, ela tava aqui no galpão*
24 *agora.*

25 P: Essa semana teve até uma *live* aqui de Araçuaí, o pessoal faz muito essas *lives*
26 culturais e era sobre essas leis também. O nome da *live* era Live Lei Aldir Blanc.

27 *I: Então, pois é. E aqui, é, o nosso município e associação é ponto de cultura, né, e*
28 *também como é, por ser comunidade quilombola, tem um, um lá, lá, saiu um recurso lá*
29 *pras comunidades quilombola, e aí a menina de da AJENAI e de Diamantina né, a*
30 *nossa assessora, tá ajudano a gente vê se a gente consegue este recurso pá*
31 *comunidade.*

32 P: Vou ver então se dá certo o telefone, eu acredito que sim. Mas de qualquer maneira,
33 quando estiver liberando uma ou duas pessoas, eu quero ir aí conhecer.

34 *I: Sim, com certeza, nós, né, tava comentano com as meninas aqui: aí nós vamo*
35 *aguardá, assim que tivé oportunidade, você pode tá vindo. { }Os trabalhos da gente*
36 *aqui são muito simples, mais é feito com amor e tudo manual.*

37 P: A N falou comigo que é muito lindo. Então, vamos começar. Qual é o nome
38 completo da senhora?

39 *I: MEAS.*

40 P: Quantos anos a senhora tem dona ME?

41 *I: 66 anos, já tô velhinha.*

42 P: Tá é nada. E a senhora nasceu onde?

43 *I: Eu nasci numa comunidade próxima daqui, né, é, também comunidade quilombola,*
44 *chamada **Corgo Seco, Passage.***

45 P: Córrego o quê?

46 *I: **Corgo Seco, Passage.** Porque minha, minha, a casa dos meus pais é no **Corgo Seco**,*
47 *mais é próximo à **comunidade Passage** que é comunidade quilombola também. E o*
48 *município, o município é **Francisco Badaró.***

49 P: E a senhora é artesã?

50 *I: É, eu só, hoje eu é, tô como artesã, sou artesã; mais eu aprendi, né, o, fazê as artes,*
51 *desde sete anos de idade, aí como na minha região lá num tinha como eu estudá, eu sai*
52 *pá estudá lá ni, na **cidade de Francisco Badaró**, fiz a quarta série lá. E nessa casião,*
53 *né, eu tava com uns 16, quando eu completei 18 anos, quem tinha a quarta série podia*
54 *lecioná, dá aula. Então, eu fui trabalhá dan'aula, porque na minha comunidade num*
55 *tinha ninguém que sabia lê e escrevê. Então, eu fui alfabetizá as crianças daquela*

56 *região. Aí é, depois, saiu o supletivo e eu comecei estudá. Quando fiz 18 anos eu casei,*
57 *comecei, continuei trabalhando na escola. E, quando foi em 85, a escola minha aqui em*
58 *Tocoiós passô po o estado, e eu num tinha terminado de fazê o segundo grau ainda. E*
59 *aí então eu pirdi a sala pa quem já tinha feito segundo grau, mais nesse mesmo ano*
60 *saiu um concurso de ajudante de serviços gerais lá em Diamantina, eu fui, passei, e*
61 *averbei meu tempo que eu tinha no município com o do estado, e aí depois quando, um*
62 *tempo atrás aí, eu a, eu aposentei. E aí depois que eu aposentei, eu é, eu pedi*
63 *aposentadoria proporcional porque eu queria voltá pa sala, né, mais depois saiu de*
64 *uma divulgação no jornal de Minas falano que quem era aposentado no quadro*
65 *permanente não poderia voltá pa sala. Aí eu voltei pra, pra associação, po artesanato.*

66 P: A senhora é bem conhecida aí no artesanato.

67 I: *Sim, sim. A gente trabalha com um, com um grupo de pessoas, né, e aí já fui, é,*
68 *participei da diretoria uns oito anos, uma hora eu era presidente, outra hora eu era*
69 *secretária, outra hora eu era tisoreria. São dois anos que eu saí, porque num podia ficá*
70 *mais né. Mais as meninas da diretoria, o que elas podem, o que elas precisá de mim,*
71 *pode contá comigo, as minhas colegas também, né. A gente faz assim, um trabalho*
72 *muito coletivo aqui.*

73 P: E a senhora mora em Francisco Badaró há quantos anos?

74 I: *Não, eu só do município de Francisco Badaró desde que nasci né, mais eu moro*
75 *hoje aqui na comunidade de Tocoiós, comunidade quilombola Tocoiós de Minas.*

76 P: Mas a senhora nunca morou em outro lugar?

77 I: *Não, não. Nunca saí do meu município.*

78 P: E os pais da senhora também são daí, nasceram aí?

79 I: *Também, também. Meu pai, minha mãe. Minha mãe nasceu no Poté, lá em perto de*
80 *Belori, de Teóflotoni, porque o meu pai ele saiu pra fora pa podê é, pra ganhá um*
81 *dinheirin nas panha de café, e lá conheceu a minha avó. Ele era negro e minha avó era*
82 *da pele branca né. E aí ês gostaro um do outro, e lá, minha mãe nasceu, no Poté. E aí*
83 *depois que ela nasceu, ele troxe elas duas pra cá: a minha mãe e minha avó. E aí ele foi*
84 *criá a família dele aqui, do jeito que, meu pai era negro, é negro e minha avó era da*
85 *família de índios, éé, ês era uma mistura, sabe.*

86 P: E a senhora frequentou escola, a senhora falou que foi aí mesmo né?

87 I: *É. Eu quando começô o supletivo em Francisco Badaró, a gente fazia os exercícios,*
88 *mandava pelo correio, e prova finali, a gente fazia em Diamantina. E o segundo grau,*
89 *eu fiz através do Logos, Logos dois, cê viu falá?*

90 P: Não. Eu já vi o supletivo, agora esse Logos, eu não conheço.

91 *I: Não, pois já teve, teve o Logos, Logos dois, eu fiz através do Logos, tinha uma*
92 *professora, né, que recebia as informações lá em Diamantina, e vinha e aplicava a*
93 *prova pa gente.*

94 P: E a infância da senhora, a senhora pode contar um pouquinho como foi, o que tinha
95 para fazer, brincar, passear?

96 *I: É, a minha infância foi uma infância inesquecível, que era uma infância que não era*
97 *igual hoje, sabe, totalmente diferente de hoje. A gente brincava muito de pula corda, de*
98 *cantá roda, jogá verso, criá verso e jogá. Tinha uma mu, uma, uma cantiga que chama*
99 *Trocadin, que gente cantava e dançava com quatro pessoas. Tinha brincá de gata-cega,*
100 *éé, pulá corda, esconde-esconde, de livramento, sabe. E quando a gente botava muito*
101 *de ir nos lugares, mais só ia com papai e mamãe, num podia ir com outras pessoas, só*
102 *se pai e mãe fosse que ia. A gente brincava com, é, brincava de professora, brincava de*
103 *fazê guisado, fazia as panelinhas e fazia comida, robava até as coisas de mãe em casa*
104 *pra podê fazê as comidas escondida. Pegava as coisinhas de mãe.*

105 P: E ia passear em alguns lugares perto?

106 *I: Sim, a gente ia nas novenas.*

107 P: E onde tinha novena aí?

108 *I: As novenas, era, antigamente, num tinha igual, por exemplo, tem as celebrações hoje*
109 *em dia, né, que tem missa, tem isso e aquilo. A gente passava quatro, cinco mês sem ir*
110 *numa mi, igreja, numa missa, mais tinha novena que os vizin fazia. As novenas era*
111 *nove dias seguidos que a gente tinha que ir na casa daquela pessoa. Aí no último dia,*
112 *tinha muito o que comê, então a gente ficava doido que chegava o último dia, porque*
113 *tinha bolo, tinha biscoito, tinha licô, um monte de coisa gostosa: bolo feito nas, nas*
114 *foias de banana, biscoito socado no pilão. Era bom demais, até hoje tenho saudade.*

115 P: E a sua adolescência, começava a sair mais pras comunidades vizinhas, para os
116 lugares ou ainda ficava mais em casa?

117 *I: Ficava mais em casa, só ia se pai e mãe fosse. Já tevez de 'u chorá a noite intirinha*
118 *quereno ir no bá do vizin e pai mais mãe num deixava.*

119 P: Era muito rígido.

120 *I: Muito, muito, mais, olha, falá a verdade, já pirdi meu pai pirdi minha mãe, mais*
121 *tenho muito orgulho deles, que soube como me educá, como né, um ensinamento*
122 *inesquecível.*

123 P: Verdade. E a senhora tinha... os colegas adolescentes, iam muito para rio, para nadar,
124 ou não?

125 *I: Sim, a gente ia muito no rio. Num ia pra nadá, mais ia lavá ropa. A ropa, a gente*
126 *juntava em casa e punha num balai, que às vezes cê nem cunhece, balai feito de*
127 *palhas.*

128 P: Balaio eu conheço.

129 *I: Pois é, depois eu tiro foto duns aqui que eu tenho aqui no galpão e mando procê.*
130 *Enchia o balai de ropa, punha na cabeça e ia lavá. Lavava as ropas tudo, punha na*
131 *lapa pra quará, talvez cê num sabe o que que é, ia jogano água. Enquanto a ropa tava*
132 *quarano, nós tava dentro d'água, nós tava dentro d'água tomano banho, pescano de*
133 *rede, jogava o lençol da mãe no ri e pegava os peixes da água lá no rio.*

134 P: Qual o rio que é aí, dona ME?

135 *I: No **rio Sucuiú**, o que passa dentro de **Francisco Badaró**.*

136 P: Sucuriú?

137 *I: **Sucruíú**. E ele é dado o nome de **Sucuriú** porque foi achado, uma, uma cobra*
138 *sucuriú dentro do tacho de rapadura, no meio do rio, lá dentro de **Badaró**. Que na*
139 *enchente ele subiu po **Setuba** acima.*

140 P: E aí tem muitos animais ainda? Esses animais, cobra, é comum ainda achar na
141 região?

142 *I: Tem, tem. Outro dia mesm nós tava limpano o galpão aqui, as casca que a gente usa*
143 *pa tingiment', a gente não joga fora, a gente usa, é reaproveita né. A gente amontoa ela*
144 *pá quando secá, a gente voltá po fogo né. Quando as minina tava limpano, é que, que*
145 *suspende a casca, uma cobra corali den, debaixo, uma cobra mais linda, preta e*
146 *vermelha. Nossa, mais era linda a cobra, num queria que matasse de jeito nenhum.*

147 P: E tem algum lugar que ficou na memória da senhora da infância, adolescência, que ia
148 para divertir?

149 *I: Ficô, muitas. Essas novenas, né, ficô também o rio que a gente ia lavá ropa, ia tomá*
150 *banho. As cantiga de roda, que enquanto o povo juntava, nós tava cantano roda e*
151 *jogano verso. Até hoje a gente canta aqui no tear.*

152 P: Ainda fazem as rodas?

153 *I: De vez em quando a gente faz roda, mas cantá, a gente canta sempre, trabalhano, né.*

154 P: E as pessoas aí, dona ME, trabalhavam onde? Qual era a fonte de renda? Tinham que
155 sair da região para buscar recursos em outro lugar ou aí mesmo se ajeitavam?

156 *I: Oh, um tempo atrás, uns 40 anos, 50 anos aqui atrás, o pessoal muitas vezes ia pá
157 Paraná, trabalhá lá. Mais dava muito pouco (). E muitas vezes, ês usava, as nossas
158 mães, tias e avós fiavam, fazia os cobertô, os, os pais de família colocava dentro do
159 balaio e trovava, trocava tropeiro até Poté. Lá, vendia esses, fazia esses cobertô po
160 povo de lá e comprava as coisa que num tinha na nossa região. Levava rapadura,
161 levava farinha e lá trocava por sal, querosene. De jeito que eu vim conhecê macarrão,
162 eu já tava quase adolescente.*

163 P: Faziam essa barganha.

164 *I: É, e depois foi que veio as, as, é, ficô mais, aumentado a, aumentô mais o número de
165 pessoas que sai, né, pra procura de serviço, po corte de cana, panha de café, né, é,a
166 cana de açúcar. E mesmo as pessoas que vai pa São Paulo à procura de um novo
167 trabalho que a gente aqui não oferece né. Quando estuda, se forma, faz, pra fazê, faz o
168 terceiro ano e pra fazê faculdade, e para mantê, tem que saí pra fora. Meus filhos
169 mesmo mora tudo fora.*

170 P: Mas aí as pessoas ainda vão para trabalhar em corte de cana ou não?

171 *I: Sim. Ês vão, tem muitos que vão po corte de cana. Diminuiu muito, agora o que tá em
172 alta agora é a panha de café. Todo ano, até os adolescentes sai da escola ainda pa ir
173 pra a panha de café, fica dois meses lá.*

174 P: E os córregos e rios? A senhora lembra se são os mesmos que tinham antigamente, se
175 diminuíram, quais são?

176 *I: São os mesmos, são os mesmos. Aqui na nossa região tem muito corgo. Só que não
177 corre mais, igual o **corgo Seco** mesm', corria quase, aqui quase o ano todo. Agora já
178 num corre mais.*

179 P: Mesmo quando corria, tinha esse nome de Córrego Seco?

180 *I: Sim, tinha. É, porque corria, era muito grande, o espaç, o coisa dele era muito
181 grande né. Então ele, e quando chegava ni **Badaró** mesmo, o rio represava ele, e ele
182 voltava pa trás e entrava na cidade, sabe, porque ele tem o leito muito grande. E aí éé,
183 tem vários corgos. Tinha várias minas, mais as minas foram secando por causa da, da
184 destruição, os roçados, queimando, né. A maioria das minas acabaram todas.*

185 P: A senhora acha que essa diminuição dos córregos com água tem muita influência
186 humana e também da questão de clima, ou a senhora acha que é mais influência
187 humana?

188 *I: Eu acho que é mais a, a, a o procedimento humano, sabe, que destruiu muitas matas,
189 cabeceras de nascentes, sabe. E também essas rodage que faz, tudo quanto é bequin*

190 *tem rodage, aí froxa a terra. Quando chove, a terra vai tudo pos leitos dos corgos e*
191 *rios, e isso entupiu os poços todos no rio, aí o rio seca, igual o rio aqui mesmo, só corre*
192 *nas água. Passô lá po mês de março, abril, já num tem água no rio mais.*

193 P: E as plantas aí? É uma região muito cheia de plantas ainda. Mesmo chovendo pouco,
194 tem muitas plantas.

195 *I: É, quando tá chovendo assim, diminuiu, o pessoal diminuiu porque há uns anos*
196 *atrás, fazia roça em qualqué lugá. Hoje ês tem que procurá o local aonde se produz*
197 *mesmo, porque senão, planta no morro, é, vem a chuva, vem a chuva, não. Quando é na*
198 *época da, da florada dá uma sequidão danada, perde todo o frutho né. Então ês fica*
199 *procurano espaço aonde é melhó pra fazê o plantio.*

200 P: E as pessoas aí têm o hábito de construir perto dos ribeirões, dos córregos?

201 *I: Não. Não, pa, pra construí não, ês gosta de fazê as roças, né, na beirada dos*
202 *córregos e rios, porque acha assim que perto do córrego ou então perto do rio que vai*
203 *tê umidade melhó pra, pras as plantas é, produzi melhó. Mais é, pra construí mesmo*
204 *perto dos córregos e rios não.*

205 P: E o pessoal da região tem o hábito de pescar? Onde eles pescam, se tem muito peixe,
206 quais os peixes.

207 *I: Quando, quando tinha rio, pescava no rio né. Mais depois que o rio agora num, num*
208 *sigura água, começô fazê as represas, né. Aí o pessoal compra os peixe piquininin,*
209 *solta na represa, e aí depois quando eles, dá na época certa, eles pescam. Mais é quase*
210 *que é só as família, porque eles não deixa também pescá os peixin piquininin e acabá*
211 *com a produção, né. { }Aí é, a qualidade dos peixe é traíra, é tilapa, é um outro peixe*
212 *que eu esqueci o nome agora , que meu irmão gosta de pescá ele, esqueci o nome.*

213 P: A senhora falou que os filhos moram fora e tudo. Mas na época da infância deles,
214 eles ainda mantinham as mesmas brincadeiras da época da senhora ou já teve uma
215 diferença?

216 *I: Sim. Sabe por quê? Que meus, meus, como eu já sou velha, né, os meus caçulas, que*
217 *são gêmeos, têm 33 anos { } e é, eu tenho um filho que mora na Bahia, ele fez o*
218 *segundo grau, mas não quis fazê faculdade, ele hoje trabalha com, com eletrecidade,*
219 *aquela eletrecidade do Sol, um negócio assim.*

220 P: Energia solar?

221 *I: Isso, energia solar. Ele, hoje tá trabalhano em Piauí, que a firma que ele trabalha tá*
222 *trabalhano no Piauí. E eu tenho uma outra, a segunda filha que chama B. Essa aí ela é,*
223 *ela fez é, faculdade de Infermagem, ela trabalha em dois hospitais, trabalha na UTI, e*

224 *tem a terceira filha que chama C, essa aí, ela é professora, ela fez acho umas três*
225 *faculdades, fez, é, Letras((O meu também é Letras)).Pois é. Fez é, Direito e esqueci*
226 *qual é a outra, a outra, o outro nome da outra faculdade. Sei que é três. E ela, hoje,*
227 *trabalha com educadores. Ela trabalha, ééé, ela tem uns três polos onde qu'ela forma*
228 *os professores, formação de professores.*

229 P: Que bom. A senhora tem muito orgulho, então, dos filhos.

230 *I: É. E tem o outro minino que é, que é motorista de ônibus, hoje lá dentro de São*
231 *Paulo, e tem um outro que é Engenheiro de Alimento, fez Engenharia de Alimentos,*
232 *mas ele não conseguiu serviço na área porque ele casô, tá morano em Montes Claros,*
233 *e lá num tem, assim, campo pra ele lá na engenharia. Aí ele fez concurso de, de no*
234 *Samu, hoje ele trabalha no Samu e é professor também.*

235 P: Que maravilha.

236 *I: E a outra que é gêmea com ele, essa aí Deus levô em 2013, num acidente. Era o*
237 *último dia do estágio dela de técnica em enfermagem.*

238 P: Que triste.

239 *I: É, moça, eu já passei, eu tenho assim, uma história.*

240 P: É verdade.

241 *I: E aí a outra mora aqui perto de mim. Só tem uma que mora na **comunidade de***
242 ***Passage**. Essa aí é casada, tem três filhos, ela tem problema de saúde, né, mais né, com*
243 *Deus na frente, vai levano. Só ela que mora aqui no estado de Minas comigo. Só uma*
244 *que ficô morano perto de mim, os outro tá tudo... Montes Claros, São Paulo, Bahia,*
245 *ééé, desse jeito.*

246 P: Mas a gente que é mãe quer que eles estejam bem em qualquer lugar.

247 *I: É, é verdade. E a gente é, cria os filhos, é igual aos pássaro, cria asa, voa.*

248 P: E a senhora conhece bem a área rural de Francisco Badaró, dona ME?

249 *I: Conheço, conheço bem as comunidades.*

250 P: Quais são os lugares que a senhora conhece?

251 *I: Eu conheço é **Vila Sã Jão**, conheço **Empuera**, conheço **Barreiros**, conheço **Água***
252 ***Limpá**, é, conheço **Zabelê**. Tem outros que agora esqueci o nome.*

253 P: Zabelê é o nome de um lugar?

254 *I: É.*

255 *I: Lá tem é cabe..., tem **Zabelê Lagoa** e **Cabecera de Zabelê**. Mocó*

256 P: O que é Mocó?

257 *I: Mocó é uma comunidade, e quando, lá deu o nome de Mocó porque, ês fazia, o*
258 *pessoal que quando eles eram, fugia da, dos fazenderos, correno da, da, da*
259 *preseguição, eles vieram pra 'qui pr'esse esse lado da gente aqui, e aí eles construíram*
260 *umas casinha de pedra, de alguma coisa assim, e colocô o nome de mocó. A casinha*
261 *chamava mocó. Então, os quilombos, né que saía, os refugiados, e aí fazia as pequenas*
262 *casinhas e foram morá, e aí colocaram o nome da casinha de mocó. E aí ficô, a*
263 *comunidade ficô chamada de Mocó.*

264 P: Que legal.

265 *I: Próximo daqui, próximo daqui.*

266 P: Existem indígenas aí ainda ou só quilombolas?

267 *I: Aqui não existe indígena mais não, só que a comunidade aqui ela é, foi dado o nome*
268 *Tocoios porque era uma mistura de negro com índio. Muitos índios moravam aqui.*

269 P: Essa região tinha muito índio e negro?

270 *I: É. Aqui mesmo, a comunidade aqui mesmo, hoje, não, tá muito misturado, porque.*
271 *foram misturando muitho, igual, por exemplo, eu só negra negra porque meu pai é*
272 *negro, mais minha mãe era branca. E assim vice-versa, tem muitos que foi desse jeito.*
273 *Foi clareando, foi clareando a pele do povo porquê, éé, eu num sei, tem uma história,*
274 *esqueci, uma que, que teve uma história que pessoal é, tava misturano o pessoal, não*
275 *deixava preto com preto pra podê vê se diminuía as negradas, né. ().*

276 *I: É um racismo danado né. Então, éé aí começô fazeno assim, e também tinha muitas*
277 *escravas que eram obrigadas a ficá com o, com patrão, né, e aí já saía, os filhos já*
278 *saía mais claros um pouquin, e assim vice-versa.*

279 P: E tinha muitas fazendas, dona ME, antigamente? Muitos fazendeiros mandavam.

280 *I: Muitos fazendeiros, muitos.*

281 P: Aqui na região, que eu já fui também, tinha essa questão mesmo das empregadas
282 terem que ficar com os patrões.

283 *I: Isso. Aqui mesmo tem uma história muito viva aqui, aqui tem um, até, esse*
284 *senhozinho já até morreu, ele chamava M colocô o nome nele de MJ. A mãe desse M*
285 *era filha do fazendeiro, do seu P, que é um dos fundadô daqui. A filha dele foi levá*
286 *comida prum senhô que tava cortano cana e engravidô dele, e ele era negro, esse*
287 *cortadô de cana. E aí esse menino, ele se criô, a vida dele toda, assim, diferente dos*
288 *outros irmãos, quando a mãe casô, sabe, só porque era filho de negro. E a mãe ficô*
289 *grávida sem casá.*

- 290 P: Áí também já teve alguma enchente que causou destruição em alguma comunidade,
291 na enchente, como teve aqui em Araçuaí?
- 292 I: *Não. Aqui dentro de Tocoiós mesm', não. Agora, Badaró, Francisco Badaró já teve*
293 *enchente que já entrô em casa de gente lá mais o menos.*
- 294 P: Francisco Badaró é o fundador daí, é isso?
- 295 I: *Francisco Badaró é o nome da cidade.*
- 296 P: Mas é por causa de algum fundador daí?
- 297 I: *Isso, é, tem alguma coisa a ver, sim, porque até poucos anos ês, tava falano pra mim*
298 *que o cara que, que morava em Minas Nova, aqui foi feito, falado Francisco Badaró*
299 *por causa desse fundado daqui. Então, o neto desse homem, num sei se é neto, num sei,*
300 *já ouvi contar alguma história, só que tem que eu num sei contá essa história direitin*
301 *não.*
- 302 P: Mas é porque já teve outro nome aí antes, por isso que fiquei curiosa de saber.
- 303 I: *Eu num sei contá a você a história direitin, como que foi, porque se deu Francisco*
304 *Badaró. Eu sei que tem alguma coisa a ver com esse cara.*
- 305 P: E sobre religião, dona ME, a região aí é uma região predominantemente católica ou é
306 bem diversificada?
- 307 I: *Católica. Tem evangélico também, tem até umas igrejinha evangélico, mais muito*
308 *poucas pessoas. Acho que num chega nem a ser dez pessoas que é, assim, que participa.*
- 309 P: Ainda tem as novenas, as procissões?
- 310 I: *Sim. Só que, agora tá tudo parado né, por causa da pandemia.*
- 311 P: A senhora é católica?
- 312 I: *Sô. Eu só da Legião de Maria, só vicentina.*
- 313 P: Minha mãe é falecida, mas era apaixonada pela Legião de Maria.
- 314 I: *Pois é. Eu vô muito em Araçuaí quando tem, quando, antes da pandemia, eu, eu, a*
315 *gente ia muito lá nas reuniões, aí na igreja, no centro aí.*
- 316 P: O dia que a senhora vier, pode vir aqui em casa passear.
- 317 I: *Tá, vô, sim. Só cê me dá o endereço que eu vou sim.*
- 318 P: A senhora me fala, que passo sim.
- 319 I: *Deixa Deus abençoá, que essa pandemia passá, que esse corona vai embora pa onde*
320 *ele não deveria nem tê saído.*
- 321 P: Amém. E antigamente, aí também tinha tropeiros igual aqui?
- 322 I: *Sim. A comunidade quilombola de Passage, ela tem o nome hoje de Passage é*
323 *porque era lá que os troperos parava pa pôs os burros pá descansá e atravessá o ri,*

324 então ês chamava de **Passage** porque era lá quês tinha que passa né. Então, tornou-se a
325 **comunidade Passage**.

326 P: Que legal.

327 I: *Tudo tem alguma coisa a vê, né minina.*

328 P: Verdade. A gente, às vezes, principalmente as pessoas mais novas, não têm essa
329 noção, mas tudo tem um motivo.

330 I: *É. Muitos às vezes, assim, não valoriza, né, ah fala: "foi assim e pronto", não coloca*
331 *na mente que a gente tem que valorizá essas coisas.*

332 P: Porque eu vi que, antes, tinha esse nome que a senhora falou, do negócio da cobra.

333 I: *Da cobra sucurui, a cobra sucruí.*

334 P: E se a senhora pudesse resumir como é a vida da senhora aí na região, o que a
335 senhora gosta e o que não gosta, se tem vontade de se mudar para outro lugar, como a
336 senhora resumiria?

337 I: *Ah, moça, eu só apaixonada pelo nosso lugar aqui, meu lugar aqui. Éé, inclusive, uns*
338 *treis anos aqui atrás, meus filhos propôs, os de São Paulo, propôs, pra mim, que ficô só*
339 *eu e meu marido, né, porque os outros já tá tudo pra lá. Todo mundo tem casa lá em*
340 *São Paulo, né, e ia comprá casa num sítio pequeno, perto de São Paulo, que viu que eu*
341 *num ia dá certo pra ficá ni apartamento, mais eu num quis não porque eu só*
342 *apaixonada pelo meu lugar. E também outra coisa: a minha cultura. Enquanto Deus me*
343 *dé vida e saúde, deu guentá é, trabalhá na minha cultura, passá o que eu sei para os*
344 *mais novos, né. Inclusive, meus, o, a minha filha trabalha comigo, ela num guenta*
345 *muito porque num tem saúde, mais, de vez em quando, ela vem pá trabalhá. Ela sabe*
346 *tecê. E os meus sobrinhos e afilhados, um monte deles aprenderam comigo, só que num*
347 *pôde fica aqui porque terminô de fazê segundo grau, foi embora pa São Paulo pa fazê*
348 *faculdade e fazê a vida dês lá fora, porque aqui não tem oportunidade. Então, por isso*
349 *que eu falo/ as minina tá assim" oh, mãe, a senhora num vem? Eu falei " ô filha "" oh*
350 *mãe, a senhora num larga o que a senhora faz mesm' né" eu falei assim " não,*
351 *enquanto eu viver, eu quero fazê nosso ofício e passando também pras pessoas que num*
352 *sabe". Outro dia mesmo, eu falei com a minina aqui, a nossa assessora, V, ela é de*
353 *Diamantina, falano com ela que se a gente pudesse consegui um recursos pra podê a*
354 *gente dá umas oficinas, porque a gente tem que é, passá pras pessoas mais jovens né,*
355 *pra num deixá a peteca cair, pra não deixá a cultura acabá.*

356 P: Verdade. É importante manter as tradições.

357 I: *As novas gerações. Senão daqui uns anos num tem mais.*

- 358 P: E essa desmistificação também de que Vale da Miséria, Vale de não sei o quê.
- 359 I: *Sim. Outro dia mesmo, a moça tava falano, conversano com a gente, me falano*
360 *sobre, aí eu falei com ela: "eu num, num eu não é, assino embaixo pra falá que é vale*
361 *da miséria, não. Eu sei que o povo aqui ele é um povo simples e humilde, mais é rico*
362 *em sabedoria".*
- 363 P: Exatamente. E quando a gente vai nas casas, a gente vê que tem fartura de tudo -
364 inclusive de recepção, de amizade.
- 365 I: *Então, e simplicidade, iguali aqui é tudo feito com amor. Então, num tem nada disso.*
- 366 *É mesmo que o povo pensa diferente.*
- 367 P: Verdade. Dona ME, foi muito bom. Já estou mais curiosa ainda pra ir aí conhecer a
368 senhora.
- 369 I: *Pois é, eu também.*
- 370 P: Ver as obras de arte da senhora aí, o trabalho.
- 371 I: *É, hoje taqui só eu e mais uma menina. Só tem três pessoas aqui hoje, as outras já*
372 *vieram aqui já foram embora que de manhã eu fui na roça pra coloca, é, olhá uma*
373 *formiga que tava comeno o mandiocal, torano as folhinhas da manáiba que tava*
374 *nasceno, inda caí uma quedona de moto, meu Deus. Aí, depois cheguei fui fazê*
375 *almoço, fui lavá ropa, aquela hora que ocê me ligô eu tava subino porque eu vim pra*
376 *cá pra mim torcê o pavio na roda, pra mim fazê umas rede de encomenda.*
- 377 P: Eu tenho que ir aí, estou curiosa.
- 378 I: *Aí então é, eu vô torcê o pavio agora, mais tá sossegado, já fiz tanta coisinha hoje,*
379 *subi pra mim sentá e torcê este pavio pra amanhã eu tecê um pouquin.*
- 380 P: Muitíssimo obrigada pela colaboração da senhora, pela contribuição. Se Deus quiser,
381 em breve, vou aí conhecer. E quando a senhora vier aqui...
- 382 I: *Estou aguardando você, sim. É um prazê recebê você aqui no nosso galpão.*
- 383 P: Muito obrigada. Fica com Deus. E a gente vai combinar, sim, de ir aí, e quando a
384 senhora vier aqui em Araçuaí, a senhora vem aqui passear.
- 385 I: *Vou, sim. Xô te falá: esse número aí que eu passei pra você é da N. Ela é neta de um*
386 *dos fundadô daqui. E aí depois, quando eu chegá lá em casa, vou procurá o telefone da*
387 *A, de Badaró. Ela é uma professora, é uma pessoa que gosta de dar informações e sabe*
388 *dar informações. Toda a cultura de Francisco Badaró, sobre o fundamento de*
389 *Francisco Badaró, porque tem o nome de Francisco Badaró. Sempre que preciso de*
390 *alguma coisa eu ligo é pra ela.*
- 391 P: Está bom, então. Muitíssimo obrigada, fica com Deus e bom trabalho para a senhora.

- 392 I: *Amém. Fica com Deus também e bom trabalho pra você também. Espero ter ajudado*
393 *em alguma coisa, senão depois cé pode me ligá novamente.*
- 394 P: Com certeza ajudou. Obrigadão, dona ME.

ENTREVISTA: 021ITIDGM72

Dados do Informante

Informante 021, 72 anos, masculino, ensino fundamental incompleto, solteiro, natural do município de Itinga.

Dados da Entrevista

Data:	Duração:	Local:
12/02/2021	37min e 40segundos	Via telefone

Legenda: P=pesquisadora I= informante .

TRANSCRIÇÃO ORTOGRÁFICA

- 1 *I: Oi Shirlene!*
- 2 P: Boa tarde.
- 3 *I: Boa tarde.*
- 4 P: Podemos, então? Tem trinta minutos para conversar um pouquinho comigo?
- 5 *I: É, vamos conversá né.*
- 6 P: Vamos sim. O nome do senhor é DG?
- 7 *I: GF.*
- 8 P: Quantos anos o senhor tem?
- 9 *I: Eu já tenho 72 anos.*
- 10 P: Prefere que eu chame de você ou de senhor?
- 11 *I: Tanto faz, é, num faz diferença não.*
- 12 P: Tá bom. Como eu adiantei, é uma conversa sobre a região e como eu não estou
- 13 fazendo a conversa pessoalmente eu vou ler aqui para o senhor um termo de
- 14 consentimento para mostrar o que é a pesquisa e o que a gente vai conversar, tá bom?
- 15 *I: Tá bom.*
- 16 P: Vamos conversar. Onde você nasceu?
- 17 *I: O ano que eu nasci?*
- 18 P: Onde, qual local?
- 19 *I: Ah, tá! Eu nasci éé, aqui no **município de Itinga** mesmo, numa fazenda por nome,*
- 20 *numa comunidade por nome **Laranjera**.*
- 21 P: E você reside no município há quanto tempo?
- 22 *I: Olha, Shirlene, eu, o tempo exato eu num tenho, num sei, eu já, eu vim de lá da*
- 23 *fazenda aqui pá cidade né, e aí já deve tê aproximadamente, desse período que eu*
- 24 *morei aqui na cidade, fui pra São Paulo e fiquei lá um bom tempo, depois voltei, depois*

25 tornava a ir tornava a voltá, então é, eu num tenho assim, ciênciá né do tempo exato em
26 que eu moro aqui.

27 P: Mas são mais de vinte anos, né?

28 I: É mais de, eu creio que mais de 50 anos, né.

29 P: Que legal. E os pais do senhor são daí?

30 I: São todos daqui mesmo.

31 P: Da mesma comunidade?

32 I: Da mesma comunidade. Não, qué dizê, o meu pai, ele é duma família de Araçuaí né e
33 a mãe é daqui da, da região mesmo, aqui ni Itinga.

34 P: O senhor chegou a frequentar a escola na região, no município?

35 I: Não, só o quarto ano primário.

36 P: E como era a infância na época do senhor, seu DG? Tinha muitas coisas para fazer,
37 muitas brincadeiras, lugar para passear?

38 I: Ah tá! Ôh Shirlene, no tempo de criança, cê qué dizê?

39 P: Isso.

40 I: Oh, no tempo de criança nossas brincadeiras, por exemplo, era, era bastante
41 different', nós, como a gente morava na roça, na fazenda, né, aí as nossas brincaderas
42 era de escondê no mato, nossa de montá ni cavalo de pau, né, correno, brincano no
43 chão, é um, seria , seno o gado e o outro seno o vaquero. As brincaderas era essa né.

44 P: Sim.

45 I: E o mais era só trabalhá mesmo ajudando os pais né, na lavora e, e era isso.

46 P: Começou a trabalhar muito cedo, não é seu DG?

47 I: Muito (). Com set', oito ano de idade eu já tava na roça mais meu pai trabalhano.

48 P: Era costume ir para o rio tomar banho?

49 I: Isso. Aí gent', é como diz o outro, é morava mais no rio do que em casa mesmo,
50 ficava, o rio Jequitinhonha tinha bastant' água né, e a gente aprendeu nadá e ficava,
51 nadava de um lado pro outro e, ia e voltava, e era, era isso que a, a gente, a nossa
52 diversão era essa né.

53 P: E era só esse rio Jequitinhonha que tinha perto da casa do senhor?

54 I: É, ficava perto, né, a gente morava é, na margem do rio.

55 P: Mas tinha outros córregos, ribeirões próximos que tinham água também ou não?

56 I: É, tinha ooo, Corgo, que era corgo do Jenipapo né, só que ele ficava é de frente, né,
57 do outro lado do rio. Então tem esse córrego lá até hoje né, e aí gent' ia, tinha amizade
58 com as meninas, as crianças que morava também né, na barra desse córrego, né, no, na

59 margens do rio **Jequitinhonha** e a gente fazia amizad', gent' ia pra lá brincá com eles
60 e nadá por lá, né.

61 P: Que legal.

62 I: Era assim.

63 P: E adolescência, quando o senhor já estava jovem, já mudou os lugares para ir, para
64 visitar. Ia para muita comunidade vizinha? Para onde que ia? Tinha forró em algum
65 lugar?

66 I: *Oh Shirlene até que num era muito não, né, mais sempre a gente ia, na onde que os
67 pais levava, né, que agora não, que a gente vê a diferença de hoje pra naquele temp' a
68 gente num tinha idade pra ser criança pos pais, mais eles dominava né a gente até. só
69 falava que a gente só tinha a liberdade de fazê o que a gente queria só depois que
70 casasse, né. Aí quando eles levava a gente ni algum lugá, né, a gente ia, se não a gente
71 ficava em casa mesmo.*

72 P: Mas tinha que ir para arrumar as namoradas e namorados, né?

73 I: *É, tinha isso também né, que, eu mesmo, divido a ser, sempre fui até hoje, né, muito
74 tímido, aí eu num, num namorava muito, mais assim, antes, eu num tenho muita certeza
75 não, com quantos anos eu namorava, foi, quantos anos eu tinha, mais eu creio que eu já
76 tinha, assim, mais de 20 anos.*

77 P: É que antigamente o pessoal se casava muito novo, né?

78 I: *Casava novo né, aí, mais como a gente, gente também é, né, tinha muita ocupação
79 com os pais, né, tava sempre na lavora, num sobrava nem tempo pra aproveitá, né?
80 Ocupano com, com essas coisas assim como namoro, casamento.*

81 P: Mas perto tinha forró em algum lugar? Essas festas de reunir as pessoas.

82 I: *Tinha, tinha forró (), tinha forró nos vizinho né, a gente ia quando era vizinho, aí
83 mais, só ia mais pra dormir né, não era pra outra coisa, chegava lá quando tava todo
84 mundo animado lá comeno e bebendo e a gente já com sono, né, oito, nove horas da
85 noite, gent' tava caçano jeito de ir embora, a nossa mãe levava nós embora ou então
86 arrumava um lugazin lá pá gente dormir né, até na hora de ir embora.*

87 P: E tinha festas, festas tradicionais de padroeiras, de novenas ou não?

88 I: *Tinha dança né e essas coisas assim, né, que...?*

89 P: E como era região, seu DG? Tinha muita mata, muita água? O que mudou de hoje
90 para a sua época de criança?

91 I: *Oh, Shirlene, ó, quanto mata tinha bastante em vista de hoje, até esse lugá que a
92 gente morô, qué onde qu'eu nasci, na fazenda, ela fica nas margens do Jequitinhonha,*

93 então tinha bastant' água, como ainda tem ainda, mais num é tanto igual tinha, mais
94 ainda tem bastant', né, o *Jequitinhonha*, mais, aí a gente, a gente tinha, mais as matas,
95 qué dizê assim que eu , deve tê mais o menos uns 15 anos aqui atrás, depois que gente
96 mudô de lá nunca mais eu tinha ido né, aí outro dia, de uns 15 anos atrás uma pessoa
97 me convidô pra ir lá numa fazenda, aí nós passamo por essa estrada, passô na casa
98 onde que eu nasci né. Aí, num tinha mais a casa, só tinha assim, só a marca na onde, a
99 casa já tinha né, caído e num tinha mais nada, lá, só tava limpo o lugá. Até depois eu
100 falei po rapaz que tava comigo, “eu num fico alegre, fiquei alegre de tê passado aqui
101 depois de, acho que mais de 40 anos, né, que eu num fiquei alegre de tê passado aqui
102 onde que eu nasci” tanto que a gente né, num tem muita, num deixô saudade não, num
103 sei porque, a gente levava uma vida muito difícil, passava até , assim, necessidade de
104 alimento, essas coisas, aí aquilo parece que vem na lembrança da gente e a gente, né,
105 fica triste.

106 P: Lembrar de coisa ruim. Mas que bom a gente superou, não é seu DG?

107 I: É, graças a Deus né.

108 P: E as pessoas trabalhavam... o senhor falou que começou a trabalhar muito cedo
109 ajudando o pai, e trabalhavam e recebiam um salário ou era trocando por alimentos?

110 I: A gente trabalhava era assim, é pa manutenção da casa mesmo, né. Aí a gente
111 trabalhava dês do arroçado até, até a colheita né. Aí eu lembro que era assim, tinha
112 alguns anos que era bons de chuva né, então tinha alimentação com abundância, mais
113 muitos períodos de seca né, aí que não dava muito mantimento aí a gente passa, que
114 era muita criança, né, em casa... eles tentava tudo, né, pra pudê cuidá da gente, pra
115 num deixá passá fome era uma luta, né, mas Deus ajudô que...

116 P: O senhor tem muitos irmãos?

117 I: Nós somos 12 irmãos. Qué dizê, já morreu né, morreu dois né, é morreu dois, nós
118 somos em dez irmãos, que são vivos né. Desculpa, desculpa, morreu dois não, morreu
119 três, dois irmão e uma irmã, aí nós somos em nove.

120 P: E nesse trabalho do senhor da roça, não achava muito bicho?

121 I: É, tinha muita né!Naquele tempo, naquele tempo não era proibido caçá, né, por
122 exemplo, hoje num, né. E como a gente, na ignorância que a gente né, ficava só, nos
123 domingo, por exemplo, que era dia de folga, que só tinha folga no domingo, juntava
124 aquela turma de menino mais ou menos na mesma idade com os estilingues né e ia pos
125 matos caçá passarin pá, pra, num sei se por diversão ou por ingnorância, vamos dizê
126 assim, hoje, mesmo se hoje não fosse proibido, eu não teria mais coragem de matá os

127 *passarin, mais era diversão da gente também era essa, ficava aquela vontade na gente*
128 *que chegasse logo o fim de semana pa gente ir po mato né, falava bodocá, no caso era*
129 *matá passarin.*

130 P: Era bodocar?

131 I: É, chamava de bodocá né.

132 P: Que legal.

133 I: Gente fazia umas bodoqu' de, de madeira né, de pau e aí era diversão nossa era essa
134 no domingo, né, fim de semana, nós num tinha , num tinha mesmo o que fazê, né.

135 P: E tinha muito peixe nesses rios?

136 I: É, tinha bastante peixe, a gente pescava também.

137 P: Hoje já diminuiu muito, não é seu DG?

138 I: Diminuiu muito Shirlene, porque até aqui na **Itinga**, por exemplo, tem muitas pessoas
139 que veve de pesca né, pesca artesanal e aí de vez em quando eu pergunto pra eles comé
140 que tá os peixe do rio e eles fala que tá, que tem muito pouco peixe e que eles pesca,
141 pesca e quase não pega, né. Mais naquele tempo não, era, gente chegava no rio ,
142 jogava o anzol e rapidin a gente já pegava bastante peixe, mais diminuiu né.

143 P: O senhor acha que diminuiu a água dos rios, esses animais, não sei se ainda tem ,
144 onça e esses bichos selvagens, mas diminuiu por algum motivo especial?

145 I: Olha, Shirlene, os peixes, por exemplo, eu creio que mais foi a poluição das águas
146 né, do rio porque, que eu me lembre, a gente morava numa região, que, a gente
147 chamava de poço, o poção onde buscava água pra né, pra servir em casa, a gente
148 chamava até de poção, era um lugá bem fundo né, e gente chegava, tinha, ainda tem
149 né, um travessão, gente chama de travessão que travessa o rio, né, a gente vai, ia até
150 mais o menos na metade do rio e fazia uma represa, né, por baixo e aí gente olhava de
151 cá de cima, gente enxergava os peixes lá na areia, né, perto da areia lá no fundo e aí,
152 agora com o passar do tempo o rio foi poluino, poluino e agora a gente num enxerga
153 mais nem meio palmo, é, dessa profundezas do rio.

154 P: E usava a água para pescar, para tomar banho, mas dentro de casa também, usava a
155 água do rio?

156 I: Era tudo a água do rio. Naquele tempo nem filtro num tinha né, e do jeito que pegava
157 lá no rio já bibia.

158 P: Do jeito que pegava no rio?

159 I: Do jeito que pegava no rio, num tinha filtro e num tinha nada, mais num era só as
160 pessoas de baixa renda não, até os, os fazenderos. Num sei, se o trem apareceu, a menos

161 *que na cidade eu não sei né, mais pelo menos pra gente lá, que morava na roça, nas
162 comunidades, então num tinha, nem conhecia né.*

163 P: Mas a água era limpa, não é?

164 I: *Só que a água era limpa né.*

165 P: Tá, eu imaginei o rio agora, seu DG.

166 I: *É, agora num, agora num dá, agora num tem como mais, nem de pensá em bebê né,
167 porque é tanta sujeira que tem no rio, né, o povo num zela.*

168 P: Verdade.

169 I: *Eu vejo falá que na Itinga mesmo, por exemplo, já vi falá que joga até rede de esgoto
170 dentro do rio e ao pessoas que mora pra baixo aí, né.*

171 P: Em muitos rios fazem isso, né?

172 I: *É uma tristeza, né.*

173 P: Verdade. E os jovens daí iam para algum lugar para trabalhar e ganhar dinheiro ou
174 ficavam por aí mesmo na lavoura?

175 I: *Oh Shirlene, ó, aqueles que tinha condições de ir, ia, sabe, então assim, tem um
176 desses lá que eles iam né, ia pra, pro estado de São Paulo, então lá eles ficavam por lá
177 uns temp' e tinha muito deles que num conseguia nem vim embora, na época não
178 condições nem de voltá. Inda tem é, colega meu, do tempo de criança aí eles adaptaram
179 lá e agora raramente eles vêm aqui né, visitá os parente que ainda tem por aqui. Mais
180 naquele tempo era difícil de ir, né, além de num tê transporte né, e as condições
181 financeiras também era, era escassa, né, então quando alguém tinha assim, uma
182 condição melhó de pelo menos pagá a passage pra ir, ia né, aí quando voltava, num
183 tinha é, mais ficava correspondeno por carta né, com a família.*

184 P: E demorava para chegar né?

185 I: *E como não tinha é, telefone né, aí eles num tinha, então nós tinha um vizin que até
186 depois que a gente , né, civilizô mais vamos dizê assim, aí gente, de vez em quando a
187 gente conversa isso aí, quando eles vinham, assim mais ou menos uns dois quilômetros
188 de distância já começava a soltá fuguet' né, aí naquelas matas lá eles esperavam
189 foguete pra tudo quanto é lado e era divirtido e a família faltava de endoidá de alegria,
190 né, porque era difícil de voltá, aí quando voltava era uma alegria. Aí vinha ficava lá, é,
191 até nós ainda brincava que, aqueles rapazes que tinha namorada por lá, mais quando
192 chegava aí eles tomava as namorada dos outros e ia namorar com as namoradas deles
193 e eles ficava todo dia amolado e era uma luta né.*

194 P: Verdade.

195 I: Mais no fim deu tudo certo.

196 P: Iam também para corte de cana e panha de café, seu DG?

197 I: Como que é?

198 P: Algumas pessoas iam para o corte de cana e panha de café?

199 I: Naquele tempo, isso a gente está falano no tempo da minha adolescência, né.
200 Naquele tempo num tinha ainda, pelo menos num ouvia falá, né, que tinha panha de
201 café, corte de cana. Aí, então eles falavam muito que lá eles cortavam é palmit', era
202 outras atividades, sabe. Eu nem conheço, nem conheço, mais tinha um tal de cacheta,
203 que eu também num sei o que é, só sei que eles falavam, sabe, que o serviço deles lá
204 era esse,né, cortá palmito e cacheta. Sorte que eles ganhavam muito dinheiro, que eles
205 chegavam lá todo entusiasmado, cada um com rádio na mão, um óculos escuro no olho
206 e era uma festa né.

207 P: Todo mundo que ia voltava com um radinho?

208 I: Ah, se não troxessem um rádio é porque não foi bem-sucedido lá, sabe. Aí, então eles
209 já trazia os rádios e aí as mães, aí quando chegava em casa ninguém tinha né, um
210 rádio aqui, na nossa região ninguém tinha. Aí gente conhecia porque ouvia os mais
211 velhos falá que existia, né, mais assim, não na mão da gente, né, aí eles ouvia música
212 de rádio a noite toda, né, tem que mandá, pelo menos nos primeiros dias que chegava
213 né, pra alegrá a família, então era a noite toda com o rádio ligado e como diz ês,
214 contano vantage e aquela coisa toda e era até, e era engraçado.

215 P: Verdade. E tinha agregados aí? Tinha muitas fazendas com agregados?

216 I: Tinha, tinha muitas fazendas. O meu pai mesmo era agregad' né, a gente morô de
217 agregado até que nós mudamo pra cidade.

218 P: Porque hoje não tem muito mais, parece que acabou isso.

219 I: Num tá teno muito mais porque uns falam que as leis também né, não permite mais os
220 fazenderos colocá é agregado, né, que chamava de agregado, né, e aí mais a razão que
221 fez nós saí, saí da fazenda e vim pra cidade foi isso, né, que, nós, é, somente um irmão
222 meu que nasceu fora desse lugá lá, nós semo doze, onze nasceu lá, neste mesmo lugá
223 né. Aí, como nós tava falano, com o passar do tempo aí a justiça começô a dá direito ao
224 agregado de tê um direito na fazenda,né, aí os donos das fazendas foi dispensando, né,
225 os agregado e porque é, se não tomava mesmo né a parte da fazenda e aí foi aí onde
226 nós viemo pa cidade.

227 P: E o senhor conhece bem a região, a parte rural? O senhor vai em algum lugar?

228 *I: Oh, Shirlene, não muito longe, só que o município de Itinga ele é muito grande, abe,*
229 *mas eu conheço bastante comunidade aqui, mais assim, éé, as mais distantes eu num*
230 *tenho, tem algumas comunidades aí que eu não conheço, sabe, porque eu nunca fui.*
231 *Por exemplo, pra te falá, quando nós viemo pa a cidade e as coisas ficô difícil e aí eu*
232 *fui pra São Paulo, né, trabalha lá e aí eu também já , eu já ingressei no evangelho,*
233 *sabe, e aí eu fiquei mais assim, com outras ocupação, mais eu num, aí eu num tenho*
234 *assim, muito conhecimento não, eu conheço várias, né? Várias comunidades aqui no*
235 *município, mais num são todas né.*

236 P: Quais o senhor vai ou já foi, que conhece?

237 *I: Eu conheço é, é Humaitá, éé Texerão, éé Texera, Texerinha, tem Texerinha 1,*
238 *Texerinha 2 e Texerinha 3, todas eu conheço, sabe. Eee, tem Pasmad', Pamadin,*
239 *Ponte de Pasmad', tem é, Laranjera que foi onde que eu nasci né. Éé, tem, dexa eu vê*
240 *se eu lembro mais aqui, tem Santa Maria, Jenipapo.*

241 P: Muita.

242 *I: É, essas aí todas eu conheço. Jenipapo por exemplo ficava de frente ond' eu nasci,né,*
243 *de frente a Laranjera. O mesmo corgo do Jenipapo é da Santa Maria, né passa aqui é*
244 *o córrego de Jenipap' e aí passa na Santa Maria e desagua no Jequitinhonha.*

245 P: Mas corre água ainda?

246 *I: Corre água ainda, esse aí corre.*

247 P: Que legal então. O que o senhor acha que foi importante para a região, que mudou,
248 que melhorou a vida das pessoas aí?

249 *I: Shirlene, olha, vamo dizê assim, a gente naquele tempo a gente tinha mais, assim*
250 *liberdade, né, era todo mundo mais simples, né, as pessoas é, raramente vinha uma*
251 *pessoa calçado cum sapato, né, era tudo discalç' eee, e era assim, a gente muitas*
252 *vezes é o que eu tava te falano né, gente passava bem e tinha ocasião que a gente*
253 *passava até necessidade de alimento né, na mesa.*

254 P: Sim.

255 *I: Eee, a gente num tinha assim, condições de viajá, era , e era e era, o que mudô pelo*
256 *que eu vejo, né, em partes mudô, algumas coisas mudô pra melhó e outras pra pió, né,*
257 *porque, agora a gente só ouve falá muito de corrupção, mais isso aí é uma coisa que*
258 *mudô porque naquele tempo não tinha né eee, vê assim muito, usuário de droga, a*
259 *gente vê fala em assassinato, umas coisas que num devia tê, né, entrado na nossa*
260 *sociedade, que infelizmente hoje a gente vê as pessoas assim né, a gente fica até com*
261 *dó, né, de vê e naquele tempo não tinha, né. Dexa eu te falá uma história aqui, quando*

262 *eu é, quando eu tinha o hábito de fumá, eu tinha , eu acho que eu tinha mais ou menos*
263 *uns 20 anos né, um dia, aí um dia eu lembro que eu tava fumano escondido do meu pai,*
264 *fumava escondido, né, aí eu ia pra casa do vizin fumá, aí meu pai , acho que meu pai*
265 *descobriu o que que eu ia todo dia fazê na casa do vizin que era bem pertin, aí um dia*
266 *ele chegô e eu tava com o cigarro na boca, quando ele entrô na porta sem chamá, né, aí*
267 *eu peguei o cigarro e fechei na mão aceso, né, e aí ele só olhô e saiu, acho que ele ficô*
268 *com dó, né? E aí ele saiu pra mim podê jogá o cigarro fora porque tava quemano a*
269 *mão. E aí, qué dizê, a gente, a gente divia assim, a obediência aos pais da gent' até, é o*
270 *que'les falava, enquanto cês tive aqui dentro de casa tem que me obedecê, agora*
271 *quando cês casar e fô cuidá de sua vida, aí entãotá, cês tão liberado de fazê o que ocês*
272 *quierer. Então agora as coisas mudaram, essas coisas que eu te falei que mudaram pra*
273 *pió, né, que naquele tempo não tinha essas coisas de desobediência aos pais, né. Outro*
274 *dia mesmo eu tava ali num posto de gasolina e aí tinha um rapaz que eu conheço aqui*
275 *na Itinga, né, um cidadão. Aí ele falô pra mim que tinha maió ódio do pai dele, né, que*
276 *o pai dele num dexava ele fazê nada, que batia nele quando ele era menino, qualqué*
277 *coisinha de errado que ele fazia o pai dele batia e num sei o que, num sei o que, aí eu*
278 *fiquei pensano né, aí que eu já fui o contrário, né, eu apanhei muito, mais quanto mais*
279 *meu pai me batia mais eu gostava dele, né. Aí ele falano com o outro lá e eu pensano,*
280 *aí ele mesmo falano que na família desse aí que os filhos é tudo usuário de droga,*
281 *traficante, eu fiquei pensando, odeia o pai, o pai num pôde corrigi né. Aí hoje tá veno o*
282 *que, o valor né, que existe na correção dos pais.*

283 P: Com certeza, seu DG. O senhor tem religião?

284 I: *Como é?*

285 P: O senhor segue alguma religião?

286 I: *Eu sou evangélico.*

287 P: Tá. Então tem um conhecimento da bíblia, isso é bacana também.

288 I: *É, a gente já, pelo menos assim o básico né, a gente conhece e a gente já sabe o que*
289 *é certo e o que é errado e a gente decide, né? Então e lá fala que tem esses dois*
290 *caminhos pra a gente escolhê um.*

291 P: Na região aí o senhor já ouviu falar de indígenas ou quilombolas?

292 I: *Oh Shirlene. Não, aqui os indígenas sim, aqui até tem uma aldeia, né, olha, eu não*
293 *conheço, mais é bem pertin aqui, cê deve conhecê. Cê mora em Araçuai?*

294 P: Moro.

295 I: *É, cê deve conhecê, aqui cê vai tê a cidade aqui , quase toda cercada de serra, né.*

296 P: Sim.

297 I: *Aí é, tem um lugá aí numa serra daquela ali, aqui no bairro Porto Alegre mesmo,*
298 *dizem que tem lá uma, é uma gruta né onde que morava os índios né.*

299 P: Que legal.

300 I: *É, tem aqui pertin, até o meu irmão, o que é mais novo estudava, aí as professoras*
301 *aqui levava eles lá né, pra podê conhecê e fazê trabalho de escola, né e aí , eu nunca fui*
302 *lá não sabe, eu sei a direção que é, mais ele falava que lá era, é bonito o lugá lá, uma*
303 *caverna assim, é, cortada na serra, na rocha e aí eles ia muito lá fazê trabalho de*
304 *escola.*

305 P: Porque os primeiros habitantes da região foram os indígenas e negros escravizados,
306 tinha muitos escravos aqui.

307 I: *Dizem que é, mais aí já foi antes de mim, né?*

308 P: Muito antes, né seu DG.

309 I: *Num cheguei conhecê não. Eles fala ... A minha mãe falava pra nós, né, que a vó dela*
310 *foi pegada no mato cum cachorro né.*

311 P: Sério?

312 I: *É, diz a minha, ela falava pra nós que a vó dela, né, então divia ser interessante, né,*
313 *tem assim, eu num entendo isso aí não, sabe, mais falava que era cabocla né, da tribo*
314 *dos caboclos, né. Então eles é, minha mãe, por exemplo, ela era morena, do cabelo*
315 *duro então ela falava que os caboclos tinha, era de pele escura né e cabelo duro então,*
316 *e a vó dela, mais deve tê ido misturano as raças.*

317 P: É verdade, nós somos uma mistura muito grande de etnias.

318 I: *É, mais ela falava pra nós que a vó dela foi pegada cum cachorro.*

319 P: Então a vó dela era índia?

320 I: *Era india, no caso ela tinha sangue de india, né?*

321 P: Sim, que legal.

322 I: *Era interessante.*

323 P: É muito interessante. E se fosse para o senhor resumir, contar como é a vida do
324 senhor na região, se o senhor gosta ou não gosta, se tem vontade de se mudar.

325 I: *Ôh, Shirlene, ó, eu gosto, né! Nem todas as coisas num sastisfaz, num alegra a gente*
326 *né, porque, como nós tava falano, a gente tem que convivê com todos os tipos de*
327 *pessoas né eee aí mais, eu aprendi a respeitá o direito de cada um né, e aí eu gosto de, ,*
328 *eu como evangélico, eu tenho assim, muita é, eu tenho oportunidade é, de conhecer,*
329 *pelo menos na nossa região, é, essas cidades, fiz muita amizade com o pessoal não só*

330 os evangélico, mais o pessoal lá po lado de Capelinha pra cá, Capelinha, Turmalina,
331 Chapada do Norte, **Zé Gonçalv' de Minas**, aí tem uns povoado lá: **Santa Rita**, né?
332 Então aí eu, é, **Lamarão**, essas comunidade pro lado de Novo Cruzero, então eu tô
333 sempre nessas cidades por aí, né, e aí eu aprendi, eu gosto de ficá, num sei se eu gosto
334 ficá por, divido a amizade que eu fiz né ou se, num sei, Deus sabe, né, mais eu gosto de
335 ficá aqui, de morá aqui, eu não tenho vontade de sair não sabe, até eu tenho, umas
336 parentes, umas irmãs que mora é, no estado de São Paulo, na Baxada Santista né,
337 então sempre vem aqui e aí pelejam pra mim ir pra ficá lá pelo menos uma semana lá e
338 eu falo que vô, vô, e acabo num ino, né. Aí eu gosto de ficá aqui num sei se é porque a
339 gente tem também uma responsabilidade na igreja, né, um compromisso com Deus e a
340 gente fica embaraçado como diz o outro, mais tá dano tudo certo e eu tô gostano de
341 ficá aqui.

342 P: Que bom, seu DG. É isso, nossa conversa era essa, tranquila, simples, sem nada
343 difícil.

344 I: É, graças a Deus. Mais Deus tem mim abençoado né.

345 P: Eu agradeço muito a boa vontade do senhor, a disponibilidade de tirar o seu tempo
346 para me ajudar. Muitíssimo obrigada mesmo.

347 I: Tá bem Shirlene, eu tô por aqui, qualqué coisa você pode ligá, talvez eu num tenha
348 te ajudado muito igual você esperava, mais como diz, é o que eu sei e o que eu pude foi
349 isso viu Shirlene.

350 P: O senhor não tem noção do quanto o senhor me ajudou. Muitíssimo obrigada, vou
351 agradecer a moça que me indicou o senhor também. Obrigada, seu DG.

352 I: Tá. Obrigado, qualqué coisa nós tamo aqui às suas ordens.

353 P: Tá ok. Boa tarde.

ENTREVISTA: 022JEMMF82

Dados da Informante

Informante 022, 82 anos, feminino, ensino fundamental incompleto, casada, natural do município de Jenipapo de Minas.

Dados da Entrevista

Data:	Duração:	Local:
18/02/2021	31min e 53segundos	Via telefone

Legenda: P=pesquisadora I= informante

TRANSCRIÇÃO ORTOGRÁFICA

- 1 *I: Oi. Com quem eu falo?*
- 2 P: Oi, dona MJ. Com Shirlene. Tudo bem com a senhora?
- 3 *I: Tudo bem. E você, tá boa?*
- 4 P: Graças a Deus. Primeiro já agradecendo...\
- 5 *I: Chuveno, tá chovendo, né?*
- 6 P: Aqui também está chovendo.
- 7 *I: Graças a Deus.*
- 8 P: Primeiro já agradecer a senhora pela boa vontade.
- 9 *I: Eu tava lá embaixo tratando dos bichos, ela me gritou: "corre, mamãe, corre que a minina ligou e tá esperando", eu falei "agora eu num vou sair pra canto nenhum que eu tenho que esperá, então tô à disposição sua, viu?*
- 12 P: A senhora desculpa ter atrasado uns dez minutos.
- 13 *I: Num tem problema, tem é prazê das pessoas procurá a gente.*
- 14 P: Qual que é o nome da senhora?
- 15 *I: Meu nome? MJSS.*
- 16 P: A senhora tem quantos anos, dona MJ?
- 17 *I: 82. .*
- 18 P: Podemos começar?
- 19 *I: Tá bom. Pode falá.*
- 20 P: Onde que a senhora nasceu?
- 21 *I: Nasci aqui mesmo, na Jenipapo de Minas.*
- 22 P: Na cidade?
- 23 *I: Não. Nasci é, na roça mesmo. É pertinho mesmo, mas não é mesmo na cidade, não.*
- 24 *Agora que eu moro, agora não, eu mudei pra aqui para a cidade, eu tinha, num tinha nem casado ainda, acho que eu podia ter uns 30 ano quando eu mudei pra aqui. Não,*
- 25

26 30, que isso, tinha 30 não, eu num tinha nem 20, quando que eu casei que tinha 20, eu
27 já\!. Eu devia ter 20 ano quando eu mudei pra 'qui. Então eu cresci na roça aqui.

28 P: Qual roça que era?

29 *I: Comunidade de Jenipapo de Minas.*

30 P: Comunidade?

31 *I: De Jenipapo de Minas.*

32 P: Qual o nome de lá? A senhora lembra?

33 *I: Oi?*

34 P: Qual é o nome de lá?

35 *I: Cumé?*

36 P: O nome da comunidade que a senhora nasceu.

37 *I: Da comunidade que eu nasci?*

38 P: É.

39 *I: No tempo que eu nasci falava Situba, Setuba. Agora já é o quê? É Santa Luzia.*

40 *Agora o nome é Santa Luzia, mais quando eu nasci o nome era Setuba. Era municipio*
41 de, Badaró.

42 P: Então a vida inteira a senhora morou na região?

43 *I: Foi. A vida intera. O lugá que eu morava é aqui pertin. Você vai a pé e volta, é*
44 pertin.

45 P: E os pais da senhora também são região?

46 *I: Todo mundo. Nascido aqui e criô aqui. Da família que eu nasci, de pai e mãe, todo*
47 mundo foi nascido aqui mesmo em Jenipapo. Era Situba. Setuba que falava, né.

48 P: E sempre foi Jenipapo?

49 *I: Hoje Jenipapo, é. Agora eu mudei pra cá. A minha família toda foi aqui, tá todo*
50 mundo aqui.

51 P: E na época de criança da senhora, dona MJ, como era?

52 *I: Cê fala ni, ni que sentido?*

53 P: O que a senhora fazia para brincar, o que as crianças da época brincavam?

54 *I: Oh, meu Deus, o brinquedo era balango de corda, era brincá de peteca. Num tinha*
55 esses brinquedos de buneca, essas coisas, bunequinha de pano, que mãe fazia pra nós,
56 mas num tinha esses brinquedo comprado, não. Eu fui criada, o meu pai num era
57 pobre, mais num era rico também não.

58 P: E a senhora acha que tinham mais liberdade do que hoje?

59 *I: Se tinha? Tinha.*

60 P: As crianças.

61 I: *Criança tinha mais liberdade aqui do que hoje. Porque hoje a liberdade que tem é*
62 *diferente, né. A nossa era só em casa. Nós brincava, saía pâ casa dos amiguin pâ*
63 *brincá, mais num tinha essa liberdade de sair pra a casa dos otros, passiá, pâ praia,*
64 *pra essas coisas, né. Mais gente brincava um com os outros, meus vizin, com buneca de*
65 *pano.*

66 P: E ia para algum lugar para nadar, para tomar banho?

67 I: *Não, não. Ia pro rio porque aqui o rio era grande, era bom porque era limpo e agora*
68 *nós num tem, não temos rio porque está muito sujo né, depois do negoço da barrage né,*
69 *ficô muito sujo, mais nós tinha liberdade e quando era pra tomá banho, ia todo mundo*
70 *po rio tomá banho, todo mundo brincava dentro da água, né? Era bom demais, num*
71 *tinha praia pra nós, num tinha piscina. Porque hoje todo mundo tem sua piscina, né?*

72 P: Verdade. E qual rio que passa aí?

73 I: *Cumé?*

74 P: Qual rio?

75 I: *É o rio **Situba** mesmo. O nome da comunidade, do lugá era **Situba** por causa do rio,*
76 *o rio é **Situba, rio Situba**.*

77 P: E ele corre menos hoje, que a senhora falou.

78 I: *Esse rioxinhoa cai ni Araçuái. Ele passa aqui, num é um rio limpo, bom, mais né...*

79 P: Hoje ele corre menos água?

80 I: *Corre menos. Poquinha, poquinha água mesmo, mais hoje num presta não, porque a*
81 *água ficô contaminada por causa da barrage aqui. Ficô muito suja, sujô demais, num*
82 *limpô até hoje. A água é preta e suja. Ninguém usa ela pra nada, só presta pra molhá*
83 *planta grande.*

84 P: E além desse rio, tem mais córregos na região? A senhora conhece algum?

85 I: *Não. Os córregos? Seca tudo. Num tem córrego que corre não.*

86 P: Eles estão secos?

87 I: *Todo mundo seco. Não, agora tá chei', porque tá choveno, né.*

88 P: É verdade.

89 I: *Nas águas aqui tem muito corgo que corre bastante água, mais na seca é tudo seco,*
90 *num tem nada.*

91 P: E tem muito peixe aí ainda?

92 I: *Tem. Bastante. Lá na Barrage mesmo tem peixe, o povo pega bastante.*

93 P: Que legal. E a adolescência da senhora? A senhora pode falar um pouquinho como
94 foi a adolescência e a juventude?

95 *I: A minha adolescência foi, foi muito poca, né, porque nós morava na roça, né, num*
96 *tinha nada pá aproveitá, né, e ai, os nossos pais era muito brab', num dexava sair.*
97 *Então a adolescência minha num foi muito boa, não.*

98 P: Mas tinha festas nas outras { }

99 *I: Tinha festas, tinha festas nas regiões né, e aqui no, no, num era cidade, mais era*
100 *cumércio. Tinha um comercinho, tipo uma festinha, né, tinha a festa de setembro, da,*
101 *da, no mastro de setembro que a gente falava, no mastro né, tinha essa festinha. Era a*
102 *única festa que tinha, né. Era a festa que tinha. E tinha festas, né, nas, nas roça assim,*
103 *a questão do forró que tinha e fuguera. Fuguera, tinha muita fuguera. Naquele tempo,*
104 *a fuguera era uma influência doida, né. Hoje nem tem fuguera. Ninguém nem vê falá*
105 *mais, tem assim, mais ninguém, qué fazê.*

106 P: Verdade.

107 *I: () A festa que nós ia era, tinha o negócio da pastorinha, que a gente fazia. Nós era*
108 *da parte, tinha a parte da pastorinha. Então essa festa que nós aproveitava, na minha*
109 *adolescência é isso aí.*

110 P: A senhora é católica?

111 *I: Sô. Católica, apostólica, graças a Deus. Sô da religião da igreja daqui e só da*
112 *Conferença, só da Sagrado Coração, só do, pessoali que faz visita, tem muita coisa que*
113 *eu faço, viu? Sô católica mesmo, católica mesmo. A minha família toda.*

114 P: A minha também. Minha mãe já faleceu, mas ela era da Legião de Maria, do
115 Apostolado, do Ministro da Eucaristia também.

116 *I: Pois então. Pois, época da adolescência minha ainda tem uma que eu num falei cocê,*
117 *minha vida era montá a cavalo. Tenho até o sinal de coice de cavalo na cabeça que eu*
118 *vivia só montada no cavalo.*

119 P: Para passear ou porque gostava mesmo, de divertir?

120 *I: Comé?*

121 P: Para passear, para ir para algum lugar ou só na casa da senhora mesmo?

122 *I: Não. Pá brincá e passeá. E quando nós tinha que ir nos cantos, era a cavalo porque*
123 *num tinha carro. Nesse tempo ninguém tinha carro. Não tem moto, nem bicicleta, era*
124 *só a cavalo mesmo. E eu era boa cavalera, então eu passeava.*

125 P: Que legal. Então é um meio que a senhora usava como transporte, né?

126 *I: Não. O transporte era papai. Papai fazia o transporte era nos cavalos, nos burro,*
127 *carregava as cargas. E eu vinha aqui na rua comprá aiguma coisa, quando tinha...*
128 *quando eu casei, que eu mudei pra lá pá roça, que papai tinha fazenda, né, então nós*
129 *morava aqui, mais quando eu casei, eu mudei pra lá pá roça. Quando eu tinha que fazê*
130 *alguma compra era a cavalo que eu vim. Eu vinha montada no cavalo, trazia os burro*
131 *aqui de casa pra levá as cargas e vendê, era assim.*

132 P: E fazia compra aí em Jenipapo?

133 *I: Era, era ni Jenipapo. Jenipapo, as compras de conzinha que comprava, mais coisas*
134 *de vesti era ni, nós ia ni Badaró comprá. Badaró, Berilo, Araçuaí. Era lá, papai fazia*
135 *as cargas aqui, tocava e ia pá Araçuaí vendê, as cargas dele.*

136 P: E as estradas? Essas estradas eram boas, dona MJ?

137 *I: As estradas ruim, minha fia, estrada de terra. Ninguém tinha estrada não, era*
138 *estrada de terra. Tinha vez que ele vinha e dormia na, no mei' da estrada, no otro dia*
139 *ia otra vez.*

140 P: Ah, tá. E como que era a região? Tinha muita mata, muitos animais? Mudou isso?

141 *I: Muita o quê?*

142 P: Animais, matas.

143 *I: Tem bastante mata. Muito, muito mesmo. Aqui, a região aqui, lá mesmo na fazenda*
144 *que, que eu nasci, lá de papai, que hoje é minha mais dos minino, é, tem muita, muita*
145 *madera, muita mata bonita, que de vez em quando a gente vai até lá vê. Então é muito*
146 *bonito lá.*

147 P: Mas a senhora acha que já mudou da época da senhora criança para agora?

148 *I: Muito, mudô demais.*

149 P: Para melhor?

150 *I: Tem mudança que a gente num pode nem falá tanto. Até a vivência de gente vivê é*
151 *mais tranquilo, né. Num trabaia tanto, que o trabaio é mais poco.*

152 P: Verdade. E por que a senhora acha que as águas daí, os córregos secaram? É por
153 causa da falta de chuva?

154 *I: Uai, eu acho que é falta de chuva e desmata, o negócio de desmatamento demais que*
155 *faz né minina, gente fazeno roça, fazeno, muita coisa que faz vai desmatano e a chuva é*
156 *poca.*

157 P: É verdade. As pessoas daí, os jovens ficam aí mesmo ou quando precisam trabalhar
158 tem que ir para outra cidade?

- 159 I: Não. Fica aqui mesmo. Tem uns que, as crianças não, é como cê falô, os jovens, as
160 crianças e...
- 161 P: É, as crianças só brincam aí. Mas os jovens já começam a pensar em sair, né?
- 162 I: Pra trabalhá tem que sair pra fora, né, que aqui num tem. O serviço que tem aqui é
163 muito poco, num dá pra todo mundo, que a gente é bastante, né. Os pai de familia
164 mesmo quase ninguém fica, todo mundo vai embora.
- 165 P: E tem escola pras crianças, até o segundo grau?
- 166 I: Tem. Pra todo, pras criança de todo o tipo. Até o ensino médio tem aqui.
- 167 P: Na cidade?
- 168 I: Graças a Deus. Tem banco, tem o, a gente num pricisa saí como saía pra recebê, era
169 aquela bagunça, saía caminhão pingano gente do carro, hoje, graças a Deus a gente
170 num pricisa disso, tem o lugá de recebê, tem banco, tem lotérca, tem tudo, graças a
171 Deus.
- 172 P: É verdade. E as pessoas, as crianças têm lugar para brincar, para divertir. O
173 município tem muitas roças?
- 174 I: Se tem?
- 175 P: É. Tem muita roça aí?
- 176 I: Tem. Tem bastante. Eu mesm' tem dois, tem dois lugá de roça.
- 177 P: Então tem lugar para ir, para divertir?
- 178 I: Tem, pra divirtir. As minhas mininas mesmo, tem umas que vai, vai divirti bastant'.
- 179 Lá mesmo é o lugá das crianças brincá.
- 180 P: Que legal. E tem também um lugar muito bonito na praça. Não tem uma capela de
181 Pai Joaquim?
- 182 I: Cê fala na praça?
- 183 P: É. Tem uma estátua do Pai Joaquim aí?
- 184 I: É lá na Gruta do Pai Joaquim é uma praça! E lá em cima na igreja, na matriz, tem
185 outra praça. É a praça dos brinquedin das crianças. É ond'ê o correio, ond'ê o banco.
- 186 P: Eu vi a foto da gruta do Pai Joaquim e achei bonita.
- 187 I: Oi?
- 188 P: Oi.
- 189 I: Oi.
- 190 P: Eu vi a foto da gruta do Pai Joaquim e achei muito interessante.
- 191 I: Ah, cê já viu a foto? Então cê nunca vei aqui, não?

192 P: Não. Fui não. Porque eu iria agora nesse período, aí veio a pandemia. Não está
193 podendo sair.

194 *I: Cê viu? Pois é, ali é a praça velha da cidade, que começô a cidade, foi ali. A casa do*
195 *meu pai era ali, era na frente da casa de Pai Joaquim. Ali começô com três, três casas,*
196 *dos três mais velhos, já foi todo mund'. Então, é ali na, ali que começô a praça, ali*
197 *tinha aquela igreja. Cê só viu a gruta, num viu a igrejinha que tinha, a primera*
198 *igrejinha que tinha de celebrá missa, que os padres vinha.*

199 P: Não. Ia da região para aí?

200 *I: Ia. Os padres das comunidades de Jenipapo que vinha, vinha celebrá, era aqui nessa*
201 *pracinha. E, o somitero também era naquela praça, atrás, ond'é Pai Joaquim, era um*
202 *Somitero. Ele foi o último (), mudô o somitero, mudô a igreja lá pra cima, tem outra*
203 *praça grande.*

204 P: E o pai da senhora então é um dos primeiros moradores daí?

205 *I: É. O meu pai era um dos primeiros moradô. Ele interô é, ficô seno um dos quatro*
206 *primero que tinha.*

207 P: Que legal.

208 *I: É. Era os quatro. A minha mãe era, é, cuidava da Igreja, do Pai Joaquim, ela que*
209 *tomava conta, cuidava dele direitin, que ela morava pertin. E o meu pai foi o primero,*
210 *pôs venda lá primero, era venda que falava, num era, num era supermercado não, era*
211 *os butec', as venda, um punha uma venda lá, depois um otro lá, mais véri que ele, que*
212 *ele foi o primero, ele foi o tercero.*

213 P: Mas ele nasceu aí, é isso? Ou não, ele foi para aí?

214 *I: Ele nasceu lá na, na roça e depois que criô o, tinha o, tinha a casa do Pai Joaquim,*
215 *aí ele foi construino. Ele construiu aqui e aí mudô pr'aqui e foi interano os três, foi*
216 *construino, o povo foi juntano, pá fazê, foi fazeno casinha, casinha, casinha ruim, até...*

217 P: Que legal. E os pais da senhora já falaram com a senhora de indígenas na região, que
218 tinha índio na região ou não?

219 *I: Se tinha índio?*

220 P: É.

221 *I: Tinha, tinha. Os meus pais contava caso dos índio que tinha aqui, num pudia vê*
222 *gente, saía correno, escondia no mat', era assim, ês falava isso dos índio.*

223 P: É verdade. Não eram bravos!

224 *I: Humhum saía corren' de medo.*

225 P: E quilombolas? Descendente de escravo, de africano. Tem por aí ainda? A senhora
226 sabe?

227 *I: Comé, caiambola?*

228 P: Os descendentes de africanos, se aí a senhora ainda vê.

229 *I: Tem.*

230 P: Tem?

231 *I: Ainda tem, ainda. Ainda tem que os véi foi cabano e ficô os novo né.*

232 P: É verdade. E já teve alguma enchente que fez muito estrago, dona MJ?

233 *I: Enchente?*

234 P: É. Já choveu muito aí?

235 *I: Não. Aqui num foi lugá que teve estrago assim, igual a gente vê passano na televisão*
236 *tanta coisa, né?*

237 P: Verdade.

238 *I: Diz a minina minha que lá na zona rural ainda tem os calombola ainda. Agora, cê*
239 *fala nas inchentes, as inchentes aqui teve muita inchent' no tempo que tinha, que num*
240 *tinha a Barrage. A inchente era demais, dava muito prejuízo nas planta, que às vezes a*
241 *gente plantava, tava perto de culhê, vinha a inchentona cabava com tudo. Mais agora*
242 *depois da Barrage, cabô, num teve inchentona de prejuízo mais não. Graças a Deus*
243 *cabô.*

244 P: E as pessoas daí produzem, plantam muito ainda, gostam de plantar?

245 *I: Uai, quando chuvia tinha a, eu mesm' tava reclamano que agora cumé que planta?*
246 *Parece que as águas começô foi agora, e gente plantô, os mi tá tud' grandão e num deu*
247 *nada, deu aquês caburezin de mi, então cumé cê pode culhê aquilo prá plantá otro.*
248 *Num pode, tá verd'.*

249 P: A falta de chuva prejudica um pouquinho, né?

250 *I: Ficô, as primera a gente correu e plantô porque era o tempo né? Mode que a gente*
251 *usava plantá era nesse tempo que nós plantava: setembr', outubr'. Agora gent' plantô*
252 *em setembr', plantô outubr', perdeu tudo, tudo num dá nada, então ficô sem culhê*
253 *porque agora pá rancá eles pra plantá otras, num pode proveitá os milho. Só capim*
254 *mesmo, capim sai bastante porque a gente pode plantá otros, e os que plantô num*
255 *morreu né. Mais essas coisas, esse negócio de, só frutas, que laranjas, banana, essas*
256 *coisas não, essas coisas tá bunita. Porque chuveu, ficô muito feio, mais chuveu agora,*
257 *já tá lá na terra, num priciso plantá otro. Agora o mi, arroz, essas coisas, feijão, o*
258 *feijão, a terra tá tampada das coisas que perdeu.*

259 P: E aí tem muito jenipapeiro ainda?

260 I: *Tem, se ocê quisé panhá pó vim. Só que agora acho que num tá maduro não, que lá na, aqui no meu fund'*, que eu tenho um, um, eu tenho uma plantação aqui no fundo da casa, perto d'uma oficina que meu genro tem, tem, acho que tem quatro pé de jenipapo.

261 *E na estrada da gente chega ni Jenipap'*, aqui mais na cidade, o meu genro tem uma oficina e tem um pé do jenipap' que fica mesmo na porta dele. Na área aqui do quintal tem eu acho que uns quatro pés, sabe, bastant' jenipap'.

266 P: Mas jenipapo é uma fruta de a gente comer crua?

267 I: É. É madura lá, cai do pé ou cé panha no pé. Faz suco, faz licô. Cê já tomô licô de jenipapo não?

269 P: Eu não sabia que jenipapo era é uma fruta, não.

270 I: Não. É uma árvore bonita, grandona, mais é fruta. Ela quando tá madura, ela chera de longe. Tem gente que nem gosta de tão cherosa que ela é. As minina daqui faz licô, vende licô de jenipapo, direto elas vende. O suco também é muito bom.

273 P: Aí tem feira para vender as coisas ou não?

274 I: Tem. Tem a fera de dia de sábado e tem a ferinha lá no rebuço, lá na pracinha, que tem a verdura que eles vendem na praça e tem. É muita verdura porque tem a pracinha lá, os cara que, os banquero que vend' sábado, vend' a semana toda, né.

277 P: Não é só sábado, não?

278 I: Não, gent' num fica sem verdura. E tem as casas das verduras também. Tem muita verdura, tem fruta, tem tudo o que cé quisé, aqui nós num tá muito ruim, não.

280 P: E vende artesanato também? As pessoas fazem muito artesanato ou não faz?

281 I: Faz. Tem muita gente aqui que faz artesanato.

282 P: Que legal. E hoje aí, usa para transporte só os carros e motos né?

283 I: Cumé?

284 P: Para transporte hoje, usa carro e moto?

285 I: É. Carro, moto, ônibus. Tem os ônibus também que, carrega as crianças para escola, que carrega é, tem muito... Carro, tem os carros que levam as pessoas para Belo Horizonte, o ônibus.

288 P: Para saúde aí, quando as pessoas precisam internar, alguma coisa, vão para Belo Horizonte?

290 I: É. Não. Vai pra, pá Araçuaí, é, é, Turmalina, Diamantina, mais pra ir mesmo pra fazer tratamento sério é Belo Horizonte. Todo domingo tem uma lotação do ônibus que vai levando as pessoas para Belo Horizonte.

- 293 P: Da minha cidade também é assim. Todo domingo.
- 294 I: É. *Todo domingo sai. Aí na sua cidade, cê é de que cidade?*
- 295 P: Eu moro em Araçuaí, mas eu sou de Jacuri.
- 296 I: Ah, *mais cê mora em Araçuaí?*
- 297 P: Eu moro em Araçuaí.
- 298 I: Aqui também é. *Sai dia de domingo, sai o carro. Tem vez que sai lotad'. E tem uma casa lá ni Araçuaí, a Casa de Apoio, ni Belo Horizonte, tem a Casa de Apoio daqui, e o pessoal vai pra lá, fica lá a semana toda, vai, pega un, leva otros, né. É assim direto.*
- 301 P: É. Talvez seja até a mesma Casa de Apoio, que a minha cidade também tem uma
- 302 Casa de Apoio lá perto da Santa Casa de Belo Horizonte. Aí leva o pessoal para ficar lá.
- 303 I: *Eu mesmo num sei onde que é essa casa não. As minina minha sempre fica lá, ficava.*
- 304 *que agora és num tá ino mais e, quando és, , eu tenho uma minina que ficô doent' e aí*
- 305 *tinha que ir de sempre. Aí a minina minha alugô um apartamento lá, ela tá com ele*
- 306 *alugado lá. A minina agora parô porque completô o tempo, né. Ela teve um câncer de*
- 307 *mama, então ficô no tratamento muito tempo. Aí ficô ino nessa Casa de Apoio, mais lá*
- 308 *era muito apertado, muito ruim aí ela achô melhô alugá esse apartamento lá. Ela tá*
- 309 *com ele alugado até hoje lá. A minina ainda tem que ir umas duas vez ainda, mais ela*
- 310 *tá esperano, por causa dessa doença, assim, ela fica, ficô com medo de ir lá pra lá, né.*
- 311 P: Mas se Deus quiser em breve já volta, já recupera.
- 312 I: É.
- 313 P: E a senhora passeia muito, dona MJ, nas roças? A senhora vai muito nas roças?
- 314 I: Muito. *Eu passeio bastante, minina. O tanto que eu passeio nas roças. Quando,*
- 315 *quando num tinha esse negócio que trapáia gente sair, nós tinha um encontro, um*
- 316 *encontrão, que a gente se encontra na Conferência. Tem a cidade que a gent' já faz*
- 317 *esse encontrão. De Teoflotoni pra cá todo ano tem um encontro. Agora em setembr' nós*
- 318 *tem um encontro, eu esqueci comé que chama a cidade que nós vamos. É, eu esqueci. E,*
- 319 *na semana, nos mês, todo mês, nós vamo, nós sai nas casa, nas roça fazeno visita, né.*
- 320 *Marca numa casa, quando é no outro mês é.\|*
- 321 P: Entendi. A senhora então é uma pessoa que participa.
- 322 I: *Eu viajo bastante. Eu vô pa São Paulo todo ano. Vô, já fui ni, ni Trindade. Cê*
- 323 *conhece lá?*
- 324 P: Lá em Goiás, do padre Robson?
- 325 I: É. *Eu já fui lá. Quero ir outra vez ainda. Já fui na Paricida cinco vez. São Paulo eu*
- 326 *num sei nem quantas vezes, todo ano eu vô. Belo Horizonte. Eu tenho um sobrin que*

327 *mora lá ni Belo Horizonte, tenho uma cunhada que morava lá e eu ia lá muito. Agora*
328 *num vô muito, não, mais eu passeio bastant', bastant'.*

329 P: Canção Nova.

330 I: *Canção Nova eu nunca fui, cê acredita?*

331 P: É tão pertinho de Aparecida.

332 I: *Toda vez que eu vô ni São Paulo eles fala comigo que, que vai me levá ni Canção*
333 *Nova, mais eu nunca fui lá não.*

334 P: É muito pertinho de Aparecida.

335 I: *Diz que é. A próxima vez que eu for lá, eu vô ver se eu vô lá ni Canção Nova.*

336 P: Eu fui em 2018. Depois o ano passado não teve jeito. Estou esperando acabar, liberar
337 a gente para andar outra vez.

338 I: *Agora ficô ruim. Mais deustá que gent' chega lá, se Deus quisé a gente chega lá e ês*
339 *libera pá passeá né.*

340 P: É verdade. Se Deus quiser logo isso resolve.

341 I: *Já tá começano vaciná o pessoali, né.*

342 P: É, graças a Deus. E como que é a vida da senhora, dona MJé, na região? A senhora
343 gosta de morar na região? Se fosse para morar em outro lugar, a senhora gostaria?

344 I: *Não. Daqui eu num tenho vontade de sair não, minha fia. Eu gosto é daqui, do meu*
345 *lugá, gosto de passeá. Tem vez que eu fico quase um mês fora lá em São Paulo, mais*
346 *tenho de vim embora, que a vontade de vim embora, aqui que é o meu lugá, né? Gosto*
347 *de passeá, gosto de ir nos cantos, viajo, gosto, mais pá morá não. É aqui mesmo.*

348 P: Que legal. Então a senhora gosta de Jenipapo e do Vale do Jequitinhonha, né?

349 I: *É. É aqui que eu, vejo meu povo, gosto de fica ali fora, passeá bastante, lá ni São*
350 *Paulo mesmo, mais vixe, quando vai chegano perto de vim embora, eu fico doida pá*
351 *vim.*

352 P: Então na verdade a infância da senhora foi... a senhora já ajudava a trabalhar,
353 ajudava em casa também, né?

354 I: *É. Na minha infância foi trabalhá bastante. Agora, oh meu Deus, eu tô no, como diz,*
355 *no berço de oro, que eu num tô trabalhano mais e tem as minhas fia que faz tudo, me dá*
356 *tudo no prato aqui e eu fico sentada aqui, ó. Eu trabaio muito porque eu gosto, porque*
357 *eu tenho o sítio, então eu gosto de ir. Que eu que gosto de panhá o que dava, gosto de*
358 *plantá a minha horta, fazê horta, vixe eu gosto de horta demais. E eu gosto de ficá na*
359 *horta. Assim nos mato eu gosto de trabaíá, mais dentro de casa eu num faço nada mais*
360 *não.*

361 P: Quem está acostumado a trabalhar é difícil também parar, né?

362 I: *Num deixa não, minha fia. Eu num dexo, as minina fala: "mamãe, a senhora num tem pricisão de tá indo pras roças, pra quê"; não. Não, me pega aqui e me leva lá pra a roça, eu vô, fico lá. Planto uma coisa aqui, planto ali, panho uma fruta, uma verdura e é gostoso, né. Eu acostumei, nasci nisso, então num quero dexá, não. Talvez depois que eu num guentá mesmo.*

367 P: Mas nessas roças não tem cobra, não, dona MJ?

368 I: *E bastante, só que elas num gosta de mim, não.*

369 P: Credo.

370 I: *Num gosta de mim. Os outros vê, mas eu mesma num vejo não. Tem uma aqui que é assombrada, ela num gosta nem de ir porque tem muita cobra.*

372 P: Eu sou traumatizada com cobra também. Eu tenho pânico.

373 I: *A V também tem medo demais da conta. Toda coisa que ela vê, ela, eu saio çá po mato, pego um quiabo ou uns trens assim, e ela fica: "a cobra mamãe, a cobra"; mais eu ando com um rusarin de São Bento, minha fia, rezo a reza de São Bento, nem vê és eu vejo.*

377 P: Eu também ando com São Bento, mas mesmo assim eu tenho medo.

378 I: *Não. Num tenho medo, não. Graças a Deus eu vô andano po mato, elas fala assim: "mamãe, a senhora nem olha po chão, a senhora olha pá riba, óia po chão, o que a senhora tá pisano"; eu saio po mato e num vejo nada, de bicho lá no mato não.*

381 P: Mas a senhora então, de uma maneira geral, pode falar que a região é uma região boa.
382 É uma região boa para se morar.

383 I: *É. É ótima. Aqui é bom demais pra morá. Só o que falta é mesmo isso que a gente pricisa sair pra fazê tratamento, é fora, porque aqui num tem nem é, os médicos. Eu acho que tem três ou quatro médicos, enfermeiras, tem tudo aí, mais pra fazê tratamento assim, pá ficá internado, pá fazê uma cirurgia, tem que ir fora.*

387 P: É. Mas toda cidade pequena tem a vantagem da tranquilidade e tudo, mas tem isso.

388 I: *Mais num falta também, porque se pricisô, o carro tá aí a disposição de quem quis é, é só pegá e leva, né.*

390 P: Mas que bom, dona MJ. Está vendo? É só isso a nossa conversa. Não tem pergunta difícil.

392 I: *Eu fico cum vergonha porque eu num sei nem conversa porque eu...*

393 P: Nada.

394 I: *Do meu tempo eu quase num estudei, né.*

395 P: Mas não tem isso não.

396 *I: Mas é porque se ocê gostô, eu também gostei viu.*

397 P: Ótima. Foi ótima. A senhora me ajudou muito. O que eu precisava era só isso
398 mesmo, essa conversa. Que eu já tinha conversado com o F e com a C, e eu preciso de
399 três pessoas de idades diferentes de cada município para eu conhecer a região.

400 *I: Mais ocê discurpa, se ocê num tivé gostado, cê discurpa aí*

401 P: não, desculpa a senhora...

402 *I: Se precisá outra vez, pode me ligá.*

403 P: Desculpa a senhora, tirar a senhora do conforto da senhora aí, do descanso da senhora
404 para me atender. Mas eu agradeço muito pela boa vontade.

405 *I: Não. Eu que agradeço de ocê me procurá, porque a gente fica se sentino alegre
406 porque a pessoa achô a gente bom pra isso, né. Se faltô alguma coisa aí cê discurpa,
407 né, porque no meu tempo eu num sabia fazê essas coisas, falá essas coisas não.*

408 P: Mas o que eu queria, o que eu precisava era isso mesmo. A senhora me ajudou muito
409 mesmo.

ENTREVISTA: 023JGMOAF65

Dados da Informante

Informante 023, 65 anos, feminino, ensino fundamental completo, casada, natural de Berilo e residente há mais de 40 anos município de José Gonçalves de Minas .

Dados da Entrevista

Data:	Duração:	Local:
17/09/2020	42min e 08segundos	Residência da Informante

Legenda: P=pesquisadora I= informante I 2= informante 2 I3= informante 3

TRANSCRIÇÃO ORTOGRÁFICA

- 1 P: Boa tarde, Dona OA.
- 2 *I: Boa tarde!*
- 3 Então vamos começar a nossa conversa, dona OA. O senhor também pode ajudar. Onde
- 4 é que a senhora nasceu?
- 5 *I: Eu nasci no Ribeirão do Altar.*
- 6 P: E a senhora reside aqui no município há quanto tempo?
- 7 *I2: Antes era Berilo né, hoje é Zé Gonçalv'?*
- 8 *I: É. Antes era Berilo.*
- 9 *I2: Antes era Zé Gonçalv'.*
- 10 *I: Município de Berilo.*
- 11 I2: Quando nós nasceu o município era Berilo.
- 12 *I: Mais na época Ribeirão do Altar, no município de Berilo. Aí eu vim pra cá.*
- 13 *I2: Aí municipô depois e a gente pertence hoje a Zé Gonçalv', mais era de Berilo.*
- 14 P: Ribeirão do Altar pertencia a Berílio e hoje é José Gonçalves?
- 15 *I2: A região intera aqui, toda essa região era Berilo.*
- 16 P: Os pais da senhora também nasceram lá?
- 17 *I: Meus pais nasceram lá também.*
- 18 P: Os do senhor também?
- 19 *I2: Os meus já foi Santana.*
- 20 P: Santana?
- 21 *I2: Santana.*
- 22 *I: Já nasceu em Santana.*
- 23 *I2: Santana ni Zé Gonçalv' hoje, que era Berilo. É perto, também.*
- 24 P: Então a senhora a vida inteira morou aqui?

- 25 I: Morei. Eu nasci lá, mais mudei pra cá. É perto daqui lá.
- 26 P: E a senhora frequentou a escola aqui?
- 27 I: Frequentei e trabalhei.
- 28 P: A senhora é professora?
- 29 I: Eu trabalhei, é, comecei como professora, depois eu num tinha o, o, o, a faculdade completa né, então fiquei como serviçali, eu me aposentei como serviçali.
- 30
- 31 P: Minha mãe era serviçal, minha mãe é falecida, ela era serviçal. E qual escola que a
- 32 senhora frequentou aqui?
- 33 I: Eu frequentei a escola municipal lá da minha região só que lá, depois, quando eu\
- 34 nem tinha nome, era no município de **Berilo**. És arrumava uma casa assim e: “ah, vai
- 35 funcioná uma escola aqui”.
- 36 I2: Era nas roça, né.
- 37 I: Então era assim, funcionava.
- 38 I2: E depois **Virge da Lapa**, né?
- 39 I: Aí depois eu estudei em **Virgem da Lapa**.
- 40 I2: Era difíci demais, hoje é mais fáci.
- 41 I: Eu fiz a quarta série e a quinta em **Virgem da Lapa**.
- 42 P: E a senhora lembra da infância?
- 43 I: **Lelivéldia**, estudei em **Lelivéldia** também, na fazenda do padre Willy.
- 44 I2: É, tinha a escola do Padre Willy.
- 45 P: Era uma fazenda?
- 46 I: Era uma fazenda, do padre Willy, que hoje é uma, uma escola né.
- 47 I2: Padre Willy ajudô muita gente.
- 48 I: Ajudô muita gente.
- 49 I2: Na época quem num podia saí pra fora, duzentos e tanto menino numa fazenda aqui.
- 50 Ele morreu pouco tempo.
- 51 I: Só que, eu num morava na fazenda, eu morava em **Lelivéldia** e o caminhão levava
- 52 nós pra estudá lá nessa fazenda do padre.
- 53 P: Esse padre Willy é de Lelivéldia?
- 54 I: Não, padre Willy é lá da Holanda.
- 55 I2: Ele morô aí né, mais era holandês.
- 56 I: Padre Willy da Holanda, ele quem me batizô e eu estudei na escola dele.
- 57 P: Deve ser tipo Dom Enzo lá em Araçuaí, ajudou muita gente...

- 58 I2: Mesma coisa, padre Willy foi famoso aqui demais, ele tinha nome mesmo.
- 59 I: E os menino que num tinha pai e mãe ficava na fazenda dele lá.
- 60 I2: Ficava duzens e tanto menino.
- 61 I: Só que eu num cheguei morá lá não, só estudá. Eu morava em **Lelivéldia** e ia pra lá.
- 62 Meu pai num dão dexava, a gente ficava em **Lelivéldia** e um caminhão levava nós.
- 63 P: E a infância da senhora? Como que era? A senhora lembra?
- 64 I: Oh, minha fia, a minha infância (risos) foi trabaíá na roça, ajudava meu pai plantá, capiná, muê cana. Teve uma época que eu fui, nós foi muê umas cana lá, o boi, eu ficava dentro, por fora da moeção pá tocá o boi, era muito malina, catucando o boi assim, o boi deu ni mim uma pezada assim ni mim, deu um coice ni mim assim e eu caí.
- 65 E aí eu fiquei ruim, só cé veno, pai me levô, me deu um lá remédio e eu milhorei,
- 66 remédio do mato mesmo.
- 67 P: E a senhora não brincava, não tinha brincadeiras então?
- 68 I: Uai, num tinha, gente num tinha tempo nem de brincá, porque a gente trabaiaava
- 69 muito.
- 70 P: É verdade. E passear? Os pais levavam para passear em alguma comunidade?
- 71 I: Uai, tinha uma colega da minha mãe lá...
- 72 I2: De vez em quando, né.
- 73 I: D'um ano a outro nós ia na festa de **Virgem da Lapa** mais essa muié.
- 74 P: Em Virgem da Lapa também?
- 75 I: É.
- 76 I2: Na festa que tinha era mais próxima pra ir né.
- 77 P: E perto de onde a senhora morava? Também tinha festa em alguma comunidade?
- 78 I: Tinha uma serrinha lá, uma serrinha, uma, uma, tinha uma igrejinha lá perto, onde
- 79 que um galo apareceu lá cantano aí ês foi e construiu a igrejinha lá. Eles falavam que
- 80 era lá...
- 81 I2: Meu avô que fez.
- 82 I: Pois é, o avô dele que fez essa igrejinha. Aí nós rezava todo ano lá nessa igrejinha.
- 83 Até mudei pra cá, logo foi cabano, cabano.
- 84 P: E na adolescência a senhora já saia mais? Ou também não?
- 85 I: Não, gente, quase num saía não. Gente ficava mais é em casa mesmo.
- 86 P: Mas não ia em forró?
- 87 I: Não, num tinha, quando acontecia de nós ir nós já tava com 16, 17 anos. Aí gente ia

- 91 I2: *Já foi casano e travô tamém (risos).*
- 92 P: A senhora casou muito nova?
- 93 I: *Eu casei com 17 anos.*
- 94 P: Nova demais.
- 95 I: *17, num foi?*
- 96 I2: *E eu tinha 19.*
- 97 P: Dois meninos.
- 98 I2: *Nós tem bisnetinha grande já.*
- 99 I: *Nós já tem bisneta, minha fia.*
- 100 I2: *Correno tudo quanto é canto aí.*
- 101 P: Na adolescência e juventude então não tinha os forrós para ir, as festas das
- 102 comunidades vizinhas?
- 103 I: *Ah, aquelas festas a gente tinha medo de dançá, gente nem dançava.*
- 104 I2: *Era forró de roça, né.*
- 105 I: *Se gente ia sim.*
- 106 I2: *Sanfona, violão.*
- 107 I: *Era assim: se meu pai tivesse dançano mais minha mãe, nós num dançava. Nós tinha vergonha de dançá junto quês no baile, né (risos). Aí nós nínum dançava, aí o dia quês num tava dançano, a gente dava umas voltinhas assim.*
- 110 P: E tem algum lugar que ficou na memória da senhora? Que a senhora gostava de ir?
- 111 de passear? Alguma comunidade especial?
- 112 I2: *Era nessa sorrinha, que a gente ia.*
- 113 P: Serrinha é o nome da comunidade?
- 114 I: *É o nomes da, nome da igreja.*
- 115 I2: *Da igreja, lá tá no, no caso na comunidade que chama **Boa Vista**.*
- 116 I: *E é município de Berilo.*
- 117 I2: *Município de **Berilo** tamém, tudo era **Berilo**, hoje **José Gonçalv'**, dividiu.*
- 118 P: José Gonçalves tem quantos habitantes? Vocês sabem?
- 119 I: *Ah lá é pequeno.*
- 120 I2: *Deve tê uns sete, né?*
- 121 P: Sete mil habitantes?
- 122 I: *Deve tê com as comunidades, né, os povoados.*

- 123 *I2: É não, moça, tem mais. Eu tô contano eleitô, uai, habitantes, habitantes tem muitos,*
124 *eu confundi agora, deu um branco, eleitô que tem uns sete.*
- 125 P: Aqui é distrito de lá ou é povoado?
- 126 *I2: Aqui ainda num é nem distrito, cumé que se fala é, torce pra ser, mais ainda num é,*
127 *assim, é distrito. Ainda num registrô, ainda num teve um documento cumé o distrito*
128 *não.*
- 129 P: Aqui ainda é povoado então.
- 130 *I2: É. Num consta como distrito, mais pra qualqué efeito nós pega a causa porque nós*
131 *que tem o direito de ser porque o povoado maior do município é o nosso.*
- 132 P: Quantos habitantes aqui tem?
- 133 *I2: L, cê sabe L?*
- 134 *I3: O que?*
- 135 *I2: Aqui ni **Buriti**? Quantos habitantes, L? E **Zé Gonçalv'**?*
- 136 *I3: Ah, acho que aqui tem por volta, o município tem três mil, né, pá quatro mil.*
- 137 *I2: Não, moço, é mais.*
- 138 *I3: Não, eleitor que tem quatro mil.*
- 139 *I2: Eu me confundi agora, eu também me confundi uai.*
- 140 *I3: Confundiu né? Eleitô que tem quatro mil.*
- 141 *I2: Não, eleitô tem quase sete.*
- 142 P: E aqui, esse povoado?
- 143 *I3: Aqui esse povoado num chega a mil, não.*
- 144 *I2: Mais ou menos, é de mil pá trás.*
- 145 *I3: Num chega a mil não, esse povoado é na base de 800 a mil.*
- 146 P: O nome aqui ...?
- 147 *I3: **Ijicatu**.*
- 148 P: Isso, Ijicatu. Esse Ijicatu sempre foi esse nome? Ijicatu?
- 149 *I: Não, antes era **Buriti**.*
- 150 *I2: Antes era **Buriti**.*
- 151 P: O que é Buriti, vocês sabem?
- 152 *I: Buriti é que tinha um pé, tinha uns pés de buriti ali imbaxo.*
- 153 *I2: Ali imbaxo...*
- 154 P: É uma árvore?
- 155 *I2: É. Um coquero por nome buriti.*

- 156 *I: És tirava pra fazê tampa de garrafa, de litro, esses trem.*
- 157 *I2: Aí és colocô Buriti, depois colocô, foi até o padre Willy que pôs Ijicatu.*
- 158 *I2: Ele “ah tem que tirá Buriti porque no município Virge da Lapa tem um Buriti*
- 159 *Quebrad””.*
- 160 *I3: Na realidade era, era por causa do Buriti Quebrado que tinha, né, quês falava*
- 161 *assim”onde que ocê tá ino?” a gente falava assim” ah, eu tô ino lá no Buriti*
- 162 *Quebrado”. Daí pegô o nome daqui de Buriti.*
- 163 P: Aí ficavam dois lugares com o mesmo nome né?
- 164 *I2: O buriti deu um vento nele, ele era mais no fundo aí imbau e quebrô ele, aí ficô o*
- 165 *lugar lá como Buriti Quebrad’. Aí aqui ficô seno Buriti, ah tô ino no Buriti Quebrad’,*
- 166 *teve um dia o padre falô assim: “quebrado aqui num tem nada, nós vão mudá o nome,*
- 167 *pô Ijicatu.*
- 168 *I3: Água pouca, porém boa.*
- 169 *I2: Nós falô “por quê?” aí ele falô: “Porque água pouca e boa”.*
- 170 P: Significa isso?
- 171 *I: É, indígena. Água pouca, porém boa. Nós buscava água na biquinha, nega.*
- 172 P: Onde buscavam água?
- 173 *I: Nessa biquinha. Era dess’ tanto de água num cano, pra tudo aqui, ó, pá tomá banho,*
- 174 *pá lavá ropa, pá lavá ropas era lá.*
- 175 P: E todo mundo buscava no mesmo lugar?
- 176 *I: Buscava e lavava ropas.*
- 177 *I2: E brigava lá tamém.*
- 178 *I: Fazia uma fila pá lavá ropa. Se tivesse cum pressa num ia lavá ropa não.*
- 179 P: A dona lá em Lelivéldia falou comigo que todo mundo ia pra praça buscar água e
- 180 brigavam por causa da água.
- 181 *I2: Tá veno? É porque todo mundo divid’ a mesma coisa ali né, então dá confusão.*
- 182 *I3: Lá dava assim também que os menino queria tomá banho, as muié lavá as vasias,*
- 183 *lavano as ropas e virava aquela bagunça lá.*
- 184 *I: É, e os menino queria tomá banho, cê picisa vê comé que era.*
- 185 P: E como era aqui antigamente? A senhora lembra?
- 186 *I: Uai antigamente era, num tinha, num era asfaltado, né, era só poera, mato também.*
- 187 P: Tinha muita plantação aqui? Muito mato?

- 188 I: *Tinha, ixe, aquilo lá em cima mesmo era mato por toda vida, até tem ainda, nós tem*
189 *um campo de futebol aqui num terreno noss' ainda é mato. Só que o mato que tem é*
190 *mato bixin, sabe, todo roçado, bixin.*
- 191 P: Tinha calçamento? Asfalto?
- 192 I: *Tinha não.*
- 193 P: Quando chovia?
- 194 I: *Uai, quando chovia a gente ficava mais é dentro de casa, num tinha né.*
- 195 P: E aqui chovia mais do que chove atualmente?
- 196 I: *Chovia, antes chovia mais. Agora tá chovendo muito pouco, né, antes era assim: deu*
197 *dez, mês de novembro, dezembro, a gente podia plantá e esperá a chuva e hoje num tá*
198 *chovendo né, que, dá dezembro aqui, novembro e dezembro tá igual agosto, que agosto*
199 *que era tempo de sol, né.*
- 200 P: E aqui vocês vão muito a José Gonçalves?
- 201 I: *Vão, tudo gent' resolve é lá.*
- 202 P: E animais selvagens? Já teve algum animal selvagem por aqui? O pessoal comentou
203 que tinha, porque tinha muita mata.
- 204 I: *Uai, tinha aqui jacu, tinha viado, tinha paca também, nessas bera tudo tinha paca. Só*
205 *que o povo num matô, não, ês tem sumido, porque tem muitos anos que foi proibida a*
206 *caça, né. Paca mesmo ninguém dá nem notícias mais.*
- 207 P: Verdade, e aqui tem uma área ambiental muito boa, era para ter muitos bichos.
- 208 I: *Pois é, e num tem não minha fia. Eu acho que é esses eucaliptos.*
- 209 P: E sempre teve plantação de eucalipto na região?
- 210 I: *Não, onde tem eucalipto. A gente nem queria que plantasse o eucalipto aqui, tem*
211 *eucalipto demais aí, nega. O mato que tem aqui é eucalipto.*
- 212 I2: *O único lugá que num tem é do lado de cá, que tem outras fazendas que tem outras*
213 *coisas, que tem café, é do lado de cá. Do lado de cá, aqui mais em cima também tem, só*
214 *esse meizin aqui que tem um trecho que num tem eucalipto.*
- 215 P: E a senhora acha que está acabando com os animais?
- 216 I: *Eu acho que tá. Eu vô falá cocê, esses eucaliptos mesmo, tudo foi plantado contra*
217 *vontade do pessoal aqui. Gente reclama, gente reclama com eles pra num plantá mais*
218 *eucalipto aí, mais num adianta.*
- 219 P: E em relação à água, como é aqui? Tem muita água? Tem falta de água?

- 220 I: Água aqui é de poço, minha filha. Acabô, secô o poço nós tão n'água, até a aguinha
221 da bica tá, pode dizê que secô.
- 222 P: Aqui não tem água encanada?
- 223 I: Tem. Tem do poço, do poço.
- 224 P: Pega no poço?
- 225 I: É. Todo mundo tem água encanada, mais do poço. Dos dois poço, tem dois poço
226 aqui.
- 227 P: Então a água aqui é gratuita? Não paga não?
- 228 I: Não, paga não.
- 229 P: Aonde a minha irmã também mora é assim. Não tem Copasa, não tem nada disso
230 não. E o pessoal aqui tem o hábito de pescar dona OA? Em algum lugar? Tem rios?
- 231 I: Aí tem um rio aí embaixo, tem uns que tem assim a, tem uns que pesca né. Quem tem
232 a carterinha profissional, eles pesca, aí gente compra o pexe na mão deles.
- 233 P: Mas quais rios que tem aqui perto e que tem peixes?
- 234 I: Só tem o **Jequitinhonha**, só o **Jequitinhonha** mesmo.
- 235 P: E tem córrego, lagoa aqui perto?
- 236 I: Não. O corgo que tem é lá ni **Santana**, onde que nós tá mexeno lá com uma casinha.
- 237 P: E qual córrego que tem lá? É Santana o nome?
- 238 I: É. **Corgo Santana**. Lá é um corgo, mais vô falá procê, tem época que a água tá
239 passano desse tantin assim, ó.
- 240 P: Está diminuindo, né?
- 241 I: Tá. E lá mesmo que nós tem minha sogra que agora ela faleceu, lá no terreno dos
242 menino, lá é quase cabicera já e a água tá poca.
- 243 P: O rio Jequitinhonha?
- 244 I2: É a **Barrage**, a **Irapé** é nele.
- 245 P: Então vocês estão perto do Jequitinhonha. É que em outras cidades que eu fui estão
246 perto de Araçuaí.
- 247 I: Mais só que pá buscá água de lá aqui é bem longe.
- 248 I2: É uns cinco quilômetros. Muita água, muita água.
- 249 P: E tem outros córregos que deságuam aqui?
- 250 I: Não. Pra lá tem né.
- 251 I2: Tem, mais é corgo tudo fraquin.
- 252 I: E é doutro lado também. Desse lado de cá num tem não.

- 253 I2: Não, lado de cá tem, mais é fraco.
- 254 I: Mais ondé que tem esse corgo perto?
- 255 I2: Tem, tem uns corquin aí que desce nele, mas é fraquin. Numa época dessa tá tudo
- 256 seco.
- 257 I: Tudo seco.
- 258 I2: Aqui, na bera aqui do rio aqui eu não sei o nome não. Eu sei o nome dos de cá. Os
- 259 de cá que eu sei, os de cá eu sei todos os nomes.
- 260 P: Quais são os que têm de cá?
- 261 I2: Aqui começano lá debaxo lá vem o **corgo de Maçambé**.
- 262 P: Maçambé?
- 263 I2: **Maçambé**. Pois é, esse que vem lá de **Leliveldia**, começá de **Leliveldia** pra cá:
- 264 **Maçambé**, depois tem o **coigo do Alegre**, **Boa Vista**, depois vem o, que tem água, tem
- 265 várias grotinhas aí que num tem água mais não, já tinha mais num tem mais, igual
- 266 **corgo da Lapa**, **Catuá**, **Barriguda**, num tem água mais não. Os que tem é **Maçambé**,
- 267 **Alegre**, **Boa Vista**, **Santana**, depois vem aqui o **reberão Piqueno**, **corgo do Cipó**, o
- 268 **reberão Grande** e depois **corgo dos Polino**.
- 269 I: Num é **riberão Grande** não.
- 270 I2: É **reberão Grande** o nome dele. Aí chega até na **Dileta** lá em cima, esse trecho tem
- 271 esses corgo tudo.
- 272 P: E tudo tem água?
- 273 I2: Tem **corgo dos Passes**, tudo tem água, **corgo dos Passes** também, tudo tem água
- 274 ainda.
- 275 P: Olha que legal.
- 276 I: **Corgo do Arrozal**.
- 277 I2: **Corgo do Arrozal** num tem água lá mais não.
- 278 P: Então tem muitos córregos com água. Porque para o lado de lá de Araçuaí tem muito
- 279 córrego que não têm água mais.
- 280 I2: Pois é, aqui eles já tão encurtano. Esses corgos quando cai no **reberão do Altar** que
- 281 é ondé que ela morava, mais embaixo já não tem água mais. Agora, caino po lado de
- 282 **Berilo** afora, outros corgos que tinha pra lá, é **reberão Grande** já num tem mais água.
- 283 O reberão de **Gangorra**, esses corgos tudo desaguava nele aqui. Na ponte de **Gangorra**
- 284 já tá secano.
- 285 P: Ribeirão de Gangorra é indo para Badaró?

- 286 I2: *Não, ele é aqui ó, ele desce aqui. Corta pra baixo vai sair lá, ele vai saí lá ni*
287 **Berilo, ali na ponte do Procópio.**
- 288 P: Porque tem a gangorra lá em Badaró também.
- 289 I2: *Tem a gangorra, né? Essa aqui é outra. Chama José Gonçalves de Minas, mais é a*
290 **Gangorra antiga. Vai saí lá ni, chama ponte do Procópio, ino pá Berilo.**
- 291 I: *Oh, moça, uma ponte que tem ino pá Berilo. Num tem uma ponte assim ino pra*
292 **Berilo?**
- 293 P: Eu só fui em Berilo uma vez, passando de Araçuaí e indo por lá.
- 294 I2: *É, num conhece não. Esse trecho é passano aqui de Lelivéldia pra lá, trevessa ele,*
295 *agora tá seco lá já. Esse Zé Gonçalves aí, esses outros corgos aqui cai nesse. Agora o*
296 *corgo que tem mais água prá nós aí é o Santana nosso aqui ainda, ainda chega no*
297 **Reberão com água, reberão do Altar, é Boa Vista, Cipó, rebeirão Pequeno e reberão**
298 **Grande**, são os que mais tem água.
- 299 P: E as pessoas aqui trabalhavam muito em fazendas ou não? O lugar de trabalho aqui é
300 agricultura? Ou é artesanato, comércio?
- 301 I2: *Cada um vai pingano, mexeu toda vida foi com roça mesmo, né, depois que começô*
302 *ficá difícil e começô ir pra fora trabaíá.*
- 303 P: Aqui também é forte o artesanato ou não?
- 304 I2: *Não, artesanato não.*
- 305 P: Porque é interessante de Lelivéldia para cá está diminuindo isso. Até Lelivéldia é
306 artesanato.
- 307 I2: *Aqui veio uma pessoa dá esse curso aqui, ficô uns três, quatro dia aí, aprendeu,*
308 *mais num teve rendimento não, parô todo mundo, não tem. Agora Turmalina é forte.*
- 309 I: *Hoje num mexeno nisso nisso mais não. A gente vai ficano de idade, moça e é tanta*
310 *coisa pá gente fazê.*
- 311 P: Tocoiós também tem um pessoal que fia lá.
- 312 I2: *Aqui pra cima, aqui no Leme do Prado aqui tem o caiambola, uma região que tem*
313 *o...*
- 314 P: Aqui não tem?
- 315 I2: *Aqui não, aqui não tem caiambola nenhum.*
- 316 P: Aqui os descendentes... a maioria são portugueses?
- 317 I: *Não.*
- 318 I2: *É de portugueses, vei de Portugal, os Amaral uai.*

- 319 I: *Não fôi, é só os Amaral.*
320 I2: *Oh moça, mais o pessoal intero aqui da região é de descendência portuguesa.*
321 I: *É mais os Amaral. Tem muitos Motoso aqui, que vieram.*
322 I2: *Pois é, moça, mais tudo é descendência isso depois que mistura tudo, né? A*
323 *descendência é portuguesa mesmo, não adianta. Então os português mesmo.*
324 I: *Os irmãos, os três irmãos que vieram de lá.*
325 I2: *Hoje aqui tem o caiambola, só no Leme do Prado. Lá tem uma comunidade.*
326 P: *Uma comunidade, né?*
327 I2: *Tem, ês fatura muito dinheiro, com esse trem dês lá, ês tem uma associação lá*
328 *organizada pá daná.*
329 P: *Por que antes não eram nem reconhecidos, né. E agora que são reconhecidos.*
330 I2: *Vixe, essa **Barrage** quando entrô lá, vô dizê uma coisa: teve que pagá ês foi muito*
331 *dinheiro, inda ficô gente lá ainda.*
332 P: *Indígenas aqui na região, não tem?*
333 I2: *Num tem não, num tem.*
334 P: *E a senhora tem filhos?*
335 I: *Tenho duas e tenho um neto que eu crio.*
336 P: *E estudaram todos aqui?*
337 I: *Estudô. Não, saiu pra fora pra fazê faculdade.*
338 I2: *O pessoal aqui tem que sair pra fora né.*
339 P: *A maioria tem que sair para estudar.*
340 I: *Eles mesmo, eles começaram aqui, minha menina mais velha mesmo ela estudô aqui,*
341 *estudô ni **Zé Goncalv'**, estudô ni **Virgem da Lapa**, fez o ensino médio ni **Virge da Lapa***
342 *e fêz faculdade ni João Pinheiro.*
343 P: *É longe!*
344 I: *E ele também, esse menino que mora comigo, formô em João Pinheiro. Presidente*
345 *Prudente, João Pinheiro, Paracatu.*
346 P: *É longe.*
347 I: *Ela sofreu pra estudá, menina. Esse ai é formado em educação física.*
348 P: *Agora eles trabalham aqui mesmo?*
349 I: *A S trabalha por aqui, ela dá aula em **José Gonçalves** e é secretária de escola aqui.*
350 *E ele trabalhô aqui também, mais fundiu algumas classes ele foi pará lá ni **São João de***
351 ***Vacaria** perto do município de **Virgem da Lapa**.*

- 352 P: São João da Vacaria?
- 353 I: É. Perto de, perto de, de **Coronel Murta**, mais é **município de Virge da Lapa**.
- 354 Ninguém fala, é um bicho que tá lá longe.
- 355 P: Eu já ouvi esse nome Vacaria e eu achei diferente.
- 356 I: Ele trabalha pr'esses lados de lá, agora esse outro aqui que tá com camisa amarela,
- 357 ele é formado também, mas, porém, trabalha aqui. Ele trabalha aqui, ele é, trabalha
- 358 como candeirante, ele é novato no serviço então pegô uma vaga de candeirante aqui na
- 359 escola aqui. Trabalha aqui, trabalha ni **Zé Gonçalves** e passô no concurso da polícia,
- 360 né, agora tá esperano ês chamá.
- 361 P: Que bom. Mas os filhos da senhora já tinham mais lugares para brincar, né? Já
- 362 melhorou um pouco a infância?
- 363 I: Menino da época nossa pra cá já começava brincá, gente também num esforçava,
- 364 que gente tinha uma condição milhó pra dá pra eles né. E os pais da gente num tinha,
- 365 gente tinha que ajudá eles.
- 366 P: E gostavam de brincar no rio, tomar banho no rio? Aqui perto não tem?
- 367 I: Não, aqui perto num tem. Agora nós, nós tomava banho no **Reberão**.
- 368 P: No Ribeirão do Altar. E tem uma comunidade com esse nome também e tem o
- 369 córrego, não é isso?
- 370 I: É, mais é a mesma comunidade de **Ribeirão do Altá**.
- 371 P: Exato: tem o córrego água e tem o córrego comunidade.
- 372 I: Não, o **Reberão** é um só, do Altá, é só um. Chama **Reberão do Altar**, num tem outro.
- 373 **Reberão do Altar** é onde que eu nasci e criei. Agora, córrego, a gente fala córrego, mas
- 374 é reberão mesmo, lá era reberão. Agora que é córrego porque secô, ele secô, secô
- 375 porque a água tá pouquinha. Mas o lugar lá mesmo chama **Rebeirão do Altar**. Onde
- 376 que eu nasci e criei.
- 377 P: E a senhora conhece bem o município aqui? A parte mais rural?
- 378 I: Conheço aqui tudo.
- 379 P: Quais a senhora tem o hábito de ir, ou a senhora não vai?
- 380 I: Oh, moça, o único lugar que a gente vai muito é aqui no **Alegre**, de vez em quando a
- 381 gente vai, aqui ni **Santana** mesmo, é, minha família, a família dele é de lá, a gente vai
- 382 muito lá, em **Santana**, e **Maiada** aqui embaixo já é.
- 383 P: Aqui que tem malhada também?
- 384 I: Tem, **Malhada** já é mais perto do rio.

- 385 P: Mas só Malhada?
- 386 I: É, ês fala **Malhada**.
- 387 P: Porque em Araçuaí tem Malhada Preta.
- 388 I: Pois é, aí é **Malhada** só, a gente chama **Malhadinha**.
- 389 P: E a senhora não é muito de andar nessa parte rural não.
- 390 I: Não, eu fico mais dentro de casa, mais em casa.
- 391 P: Mas tem muitas fazendas onde as pessoas trabalham aqui ainda, como antigamente
- 392 ou não?
- 393 I: Oh, moça, fazenda mesmo, o povo mudô tudo pos lugarejos, igual aqui, **Zé Gonçalves**, quase que num tá teno mais fazenda não. Meu tio mesmo ele era fazendero,
- 394 meus dois tios era fazendero. Aí um mudô daqui e foi morar lá po Mato Grosso afora,
- 395 Goiás, aí sumiu pra lá, né. Agora, depois de gente já de idade que tô teno contato com
- 396 os filhos dele, que já morreu, minhas tias já morreu tudo. E tinha o JO também que
- 397 tinha, que era fazendero, gente passava assim de manhã pá ir pá **Berilo**, que eu
- 398 trabalhava no município, né, eu trabalhei muito no **município de Berilo** ni escola dano
- 400 aula no **município de Berilo**. Gente passava de madrugada assim pá ir pa **Berilo**, às
- 401 vezes tinha reunião ali às oito horas, gente levantava muito cedo pra ir pr'essa reunião.
- 402 Cê passava assim na fazenda dele, precisava tá tirano animal pá num pisá no gado
- 403 dele. E isso acabô tudo, lá tá só, só tem piquitero nas fazenda.
- 404 P: Por que vâo matando e não repondo, será?
- 405 I: É porque o povo, os véi morre e os novo num liga né, de cuidá.
- 406 P: É. Não é fácil de cuidar também, né?
- 407 I: Não é não, as casas já caiu tudo... tinha o ZF também, que era assim né, morreu
- 408 tudo.
- 409 P: E o que a senhora acha que aconteceu aqui ou no município de José Gonçalves
- 410 inteiro que foi marcante para a população, para as pessoas?
- 411 I: Que foi marcante... uai lá ni **Zé Gonçalves** ês, ês, era **Gangorras**. Antigamente
- 412 chamava **Gangorra** porque tinham gangorras que socava o milho, fazia o milho de,
- 413 farinha de milho.
- 414 I2: Lá tinha uma gangorra velha que ficava socano milho, o nome de lá era, primeiro
- 415 era Vage, depois dessa gangorra lá, colocô o nome de **Gangorra** e aí **Zé Gonçalves**,
- 416 porque tinha um véi lá, eles fala assim: "por que colocô o nome de **José Gonçalves**

417 *daquele José Gonçalves?"* És diz " 'porque era um véri muito safado, e aí colocaram o
418 nome dele." Mais era brincadeira né.

419 *I: E tinha uma velha também, tinha uma L lá ni Zé Gonçalves, ela era uma baxutinha
420 assim, ela fazia esses galhinhos de pano, fazia aquêis gain de pano, é artesanato. E
421 tinha umas velas que ela fazia, quemava e ficava durin o pano, engomava aquele pano,
422 então a gente ia lá passeá e ela ficava" oh doninha, sua menina é muito bonita, vó dá
423 ela um presente" ia lá, pegava aquele galhinho e punha no vestido da gente assim.
424 Uma velhinha boazinha. Essa velha, o filho dela mora em Leliveldia, ele é professor lá,
425 chama P. Ela chamava de L. Não, ele é neto, né? O P é neto da L, não era? O P é neto
426 de dona L, num era?*

427 *I: Era. P era neto.*

428 *I: Era neto de dona L.*

429 P: Indígenas a senhora falou que não têm muitos aqui mais?

430 *I: Não.*

431 P: Quilombolas?

432 *I: Também não.*

433 P: Éé, teve uma época que teve uma enchente que destruiu quase Araçuaí, a senhora
434 lembra se aqui também, a cidade sofreu com essa enchente? Ou não?

435 *I: Lá ni Zé Gonçalves teve, entrô dentro da rua assim, ó. Mais essa época, até as loja
436 eu me lembro bem que eu cheguei lá ni Zé Gonçalves, a dona da loja tava com o sapato
437 molhado secano nas calçada, ela entrô e desabô, assim, o lugar tudo.*

438 *I: Aqui não.*

439 P: Aqui é alto, né?

440 *I: Aqui é alto, é.*

441 P: E a senhora frequenta alguma igreja? Aqui tem?

442 *I: É, tem, frequento a católica.*

443 P: Aqui a população é mais católica ou é dividido?

444 *I: Aqui é dividido, minha fia, um mocado é crente, um mocado é católico.*

445 P: Tem muitas igrejas?

446 *I: Tem. Tem a nossa aqui, tem a nossa católica, tem a cristã, a evangélica dessa rua
447 aqui, ixe tem muita igreja aqui.*

448 P: E tem alguma festa tradicional?

449 *I: Tem a de Nossa Senhora Aparecida.*

- 450 P: É a padroeira aqui?
- 451 I: É. Foi até eu que criei essa comunidade aqui.
- 452 P: Olha, que legal.
- 453 I: Eu criei a comunidade, criei a festa.
- 454 P: E quando que acontece?
- 455 I: Oh, moça, aí eu num sei não viu. Tem muitos anos. Eu tinha até a foto, mais.
- 456 P: Mas que mês é essa festa?
- 457 I: É em outubro.
- 458 P: Esse ano provavelmente não terá.
- 459 I: Num tem. Mas todo mês de outubro tem a festa. Agora, esse ano capaz que num vai tê
- 460 não né, que essa epidemia.
- 461 P: Porque em Virgem da Lapa não teve.
- 462 I: E aqui num tinha, sabe como é que nós fazia as procissão? Eu fazia a procissão
- 463 assim: eu rasgava essas latas de óleo, rasgava ela assim, no meio assim e punha a vela
- 464 dentro e deixava o teto dela sem, só tirava o tampin assim, ó, pra podê o vento num
- 465 pagá que era época de chuva aí nós fazia procissão. Outra hora fazia tocha de bambu
- 466 pra podê fazê a procissão, que num tinha luz.
- 467 P: Nossa, está acabando essas tradições, né?
- 468 I: Tá cabano tudo, minha fia. Hoje ês é, faz a festa aí, um trem tão sem graça. Mais era
- 469 uma festa tão bonita, mesmo assim no escuro era bonita.
- 470 P: Essa região tem muita tradição religiosa e algumas estão acabando mesmo.
- 471 I: Aqui mesmo, menina tem tanta, aqui tem três igreja evangélica, num lugar pequeno.
- 472 P: Meios de transporte aqui são os carros mesmo?
- 473 I: É, os carros e os ônibus. Os ônibus passam aí direto.
- 474 P: Aqui é um lugar que passa muito ônibus. Antigamente se usava animais? Aqui hoje
- 475 não usam muito animais como transporte?
- 476 I: Não, ninguém num, mais é moto carro, primero era cavalo, né.
- 477 P: Aqui tem feira Dona OA?
- 478 I: Tem não. Tinha , acabô, tinha uma feirinha aí e acabô.
- 479 P: Essas que acontecem sábado, né? Que os produtores vêm trazer as coisas para
- 480 vender, aqui não tem?
- 481 I: Aqui não tem.
- 482 P: A senhora falou que é descendente de portugueses, né?

- 483 I: A minha descendência Amaral, é portuguesa.
- 484 P: Eles falam os Amaral? É o sobrenome das pessoas?
- 485 I: Eles falam assim: que os Amaral, isso quem falava era minha bisavó, minha bisavó
- 486 eu chegava lá e ela tava com o cabelo branquin, fiano algodão.
- 487 P: Ela veio de Portugal? Ela era uma que veio de Portugal?
- 488 I: É a descendência nossa que vieram de Portugali. Meu triteavô que era pai dessa mãe
- 489 B que vei de Portugal.
- 490 P: E ele veio de onde lá? A senhora sabe?
- 491 I: Eu não sei não, moça.
- 492 P: E aí veio por aqui e gostou e foi criando família...
- 493 I: É, ficô qui, em Berilo né. Aí de Berilo foi espaiano os Amaral.
- 494 P: E foi ficando todo mundo aqui. Todos gostaram do Vale, né?
- 495 I: É, gosto daqui.
- 496 P: Hoje se fosse para a senhora resumir como a senhora acha que é a vida aqui na
- 497 região, se fosse para a senhora mudar, se a senhora gosta.
- 498 I: Moça, eu num sei. Eu tenho uma menina que mora em São Paulo então ela fala: "ah,
- 499 mãe vai passeá". E eu chego lá doida pra vim embora. Quero vim embora de novo.
- 500 P: A senhora gosta daqui, né?
- 501 I: Eu gosto, gente acostuma né no lugá, até o clima do lugá gente acostuma.
- 502 P: E o que a senhora acha que deveria melhorar na região toda do Vale? Que a senhora
- 503 acha que ainda...
- 504 I: Uai, moça, aqui tava picisano de melhorá mais é essa água né. Nós mesmos, nós tão
- 505 construino lá na terra do pai dele. Na terra do pai dele mesmo nós tão construino uma
- 506 casinha lá com medo dessa água aqui acabá.
- 507 P: Lá tem mais água do que aqui?
- 508 I: Tem. Lá o córrego lá né, sem dúvida com fé em Deus.
- 509 P: Lá é o Santana que a senhora fala?
- 510 I: É. Lá num caba assim. Porque a água lá ondê que ele pegô água é da nascente.
- 511 P: Tem que preservar essas nascentes.
- 512 I: Lá é preservado, direitinho. O povo respeita né?
- 513 P: Verdade. E Berilo a senhora tem muito contato lá ainda?
- 514 I: Não. Depois que municipalizô Zé Gonçalves gente quase num vai em Berilo. A gente
- 515 só tem conta aberta lá no banco lá.

- 516 P: Daqui lá é longe, Dona OA?
- 517 I: É bem longe. Daqui lá gente gasta uns 40 minutos, né? Uns 40 minutos daqui de
- 518 Berilo, né? Daqui de **Buriti ni Berilo**, uns 40 minutos.
- 519 P: A senhora ainda fala Buriti, né?
- 520 I: Eu falo. Um cafezinho?
- 521 P: Obrigada. Mas a senhora então gosta daqui, já formou família. E sobre o Vale do
- 522 Jequitinhonha que o pessoal tanto fala?
- 523 I: Era isso que eu ia te falá. Eles falam assim: que o **Vale do Jequitinhonha** é o vale da
- 524 miséria e não é. Graças a Deus não é. Todo mundo aqui passa de barriga cheia. Num
- 525 tem não? És caça jeito de trabalhá e comprá.
- 526 P: Ainda tratam bem os que chegam.
- 527 I: Graças a Deus, gente aqui, eles fala vale da miséria, mas num é não.
- 528 P: Quando eu vim para cá em 2011 também eu ouvia isso e cheguei e vi que não tem
- 529 nada a ver.
- 530 I: Não, aqui graças a Deus todo mund', aqui o povo aqui é trabalhadô, minha filha,
- 531 todo mundo trabalha. Aqui em casa mesmo, nós aqui em casa mesmo, eu só aposentada
- 532 do estado, trabalhei até aposentei, minhas meninas tudo trabalha como eu te falei e ele
- 533 também ele trabalha com comércio também, mexe com comércio também.
- 534 P: Falta talvez os governos investirem mais na região, isso é óbvio, poderiam investir
- 535 mais. Agora, não é porque... as pessoas aqui são muito trabalhadoras.
- 536 I2: Investi mais. Cê pode ficá à vontade aí eu vô saí, viu, és tá esperano nós lá, tá
- 537 fazendo um serviço mais nós lá.
- 538 P: Muito obrigada, e bom trabalho para o senhor.
- 539 I2: Brigado.
- 540 P: Mas era isso que a senhora falou Dona OA, o pessoal não conhece a região e só
- 541 escuta falar, né? Mas quando chega: onde você mora? Vale do Jequitinhonha.
- 542 I: Lá do **Vale do Jequitinhonha**, terra da miséria. Vixe, pra eles é um bicho de sete
- 543 cabeças e num é. Graças a Deus aqui todo mundo veve, é assim, ó, maior parte
- 544 trabalha no Estado, como te falei que eu trabalhei até aposentei, meus meninos tudo
- 545 trabalha. Quando num trabalham no Estado arruma prefeitura e trabalha. Tem uns
- 546 menino aqui que mexe com eucalipto, trabalha no eucalipto aí, de braçal, outros mexe
- 547 com café, trabalha panhano café, os japoneses planta, tem um japonês que inda tá aí
- 548 plantando café, eles trabalha no café. E é assim, todo mundo dá seus pulo. Outros mexe

549 com negócio, nós mesmos mexia assim com vendas assim de passage da Gontijo, agora
550 aposentô e passô pá meu genro. Meu genro que é o marido daquela menina que tava
551 aqui mexe com () sivicin dele. E aí a minha filha trabalha de escola. E todo mundo
552 caça o que fazê. Todo mundo caça o que fazê, minha filha, ninguém fica à toa e
553 ninguém passa picisão de nada também não.

554 P: A pessoa que é muito acomodada também vai passar necessidade em qualquer lugar
555 que tiver, né?

556 *I: Aqui, moça, às vezes cê mexe com 21 coisas pra resumi pra uma só dá alguma coisa.
557 Aquilo que dá alguma coisinha, cê vai largano as outras coisas, né. Nós mesmos,
558 quando começamos, quando nós chegamos pra'qui, nós morava nessa casinha ó.
559 Nossas filhas tudo nós criô foi aí nessa casinha. Aí eu mexia com escola, meu marido
560 mexia com cumércio mais o tio dele e o tio dele era, mexia mais ele lá, a casa era do
561 pai dele então ês mexia lá, de sociedade. Depois que o tio dele morreu, nós passamos
562 pra, dividimos o que tinha lá né, no cumércio, o véi aposentô e ele ficô sozin. A casa já
563 era do meu sogro, né, aí ele foi e comprô as partes dos menino dele, nós desmanchamo
564 e fizemo um cumercin aí, ele mexia com vendê passage da Gontijo. Eu mexia na escola,
565 menina, num sei como eu criei essas meninas. Mexia na escola, lavava ropa na bica,
566 cuidava da venda mais ele quando ele saía, ele saía às vez pá fazê compra e eu ficava.
567 E tomava conta de minha casa, eu hospedava padre, mexia em comunidade, era dess'
568 jeito'. Só faltava eu endoidá, porque buscano água na bica, cuidano de comunidade,
569 cuidano de padre.*

570 P: Quando a gente vê tudo criado também dá um alívio, uma sensação de dever
571 cumprido, né dona OA!

572 *I: Pior que, tem hora que eu fico assim, assuntano assim, eu criei filho e neto, minha
573 fia. Esses dois que cê tá veno aqui, todos eles pode dizê que fui eu que criei. Esse que
574 mora comigo até hoje, aquele que passô aqui, ó, chama ele de pai. Eles me chama de
575 mãe ou me chamam de D, todo mundo me chama de D. Então quando eu vejo ês grande
576 assim, pra mim é um sonho por que fui eu que criei, por que ela, ela só vivia trabaiano.
577 Coitadinha, ela arrumô esses menino antes de casá, né. Aí eu que tomava conta dos
578 menino pra ela trabalhá, trabalhava igual uma condenada.*

579 P: Mas é por isso que a senhora gosta do lugar, que foi o lugar que a senhora conseguiu
580 as coisas da senhora, também, com trabalho, com esforço, né?

581 *I: E pocê vê: agora ela mora aqui, começano a vida dela, do meu genro, aqui tudo é
582 padaria dela. Aqui é a cozinha de lenha, qui na frente e a casa dela.*

583 P: Ela se chama L?

584 *I: Ela chama S. O fogão é de lenha, o dela, esse é o fogão de lenha dela e tem a casa
585 dela ali em baixo, é esse que tava aqui em pé, que trabalha de cadeirante, ele passô no
586 concurso da polícia, mora ali a casinha dele é na frente ali. E tamo todo mundo junto.*

587 P: Mas é isso mesmo, o importante é isso.

588 *I: E todo mundo junto, eu criei todo mundo junto, minha filha. Mas vou fala pro'cê:
589 comi o pão que o diabo amassô pra podê ajudá a criá esses filhos. Trabalhava e
590 cuidava de menino. Tinha dia que eu ia pra a escola aqui, eu e ela, às vezes ela
591 trabalhava aqui também, que ela trabalhô novinha aqui, ela arrumô esses meninos ela
592 tinha 16 ano. Nós deixava o menino sozin dentro de casa, esse gordo que tá aqui, que
593 passô no concurso da polícia. Nós deixô ele, nós deixava ele mais esse outro maiozin
594 que morava comigo e ia trabalhá, picisava d'eu tá cuidano lá e cá igual uma doida.*

595 P: Mas que bom, Dona OA. Muito bom conversar com a senhora. Quero agradecer a
596 senhora pelo tempo, pela disposição, porque eu gosto de conhecer a região até para a
597 gente escrever alguma coisa que seja sem falar que é vale de miséria porque eu não
598 concordo com isso também. Entendeu?

599 *I: Graças a Deus, num tem nada de Vale de miséria não.*

600 P: E a gente conhece as pessoas, a gente aprende sobre a região, a gente vê o quanto que
601 é um povo trabalhador, que é um povo que tem as coisas porque trabalhou mesmo.
602 Ninguém deu nada para ninguém e isso é muito bom, viu?

603 *I: Graças a Deus, a gente enquanto tivé tranquilidade, eu e minha família. Mais graças
604 a Deus meus filhos tudo tá bem de situação, sim, que cria a famia deles sem tanta
605 dificuldade. Essa menina minha que mora em São Paulo, a segunda filha, a caçula, ela
606 é professora, a escola que ela trabalha é como daqui naquela casa roxa lá, ó, que cê tá
607 veno lá. Daqui dá pra vê, uma casa roxa, dois andar. Ela trabalha nessa escola, pertin
608 da casa dela. Tem sua casinha de aluguel, tem a sua casinha que mora. Ela recebe
609 aluguel e mora na outra. E o marido trabalha e ganha bem, dinheiro, qu'ele é, ele é
610 mecânico, ele trabalha numa firma de entrega de máquinas que se chama (), lá em
611 São Paulo. Foi mecânico, trabalhô aqui na Barrage, conheceu minha menina aqui e ele
612 trabalhô muito tempo fazeno compactação da Barrage, conheceu minha menina, casô*

613 *e mudô pra lá. Ele não teve jeito, viu essa menina teve que casá aqui e casô no*
614 *religioso e civil e levô embora.*

615 P: Mas que bom, eu fico muito feliz...

616 *I: Gaças a Deus ela tá tão tranquila. Ela é professora, ela trabalha, só tem uma*
617 *menina. E graças a Deus, eu não reclamo da minha família não.*

618 P: Que bom. Muito obrigada senhora, por tudo. Pelo tempo, pela boa vontade.

619 *I: Por nada*

ENTREVISTA: 024VDLMOF90

Dados da Informante

Informante 024, 90 anos, feminino, ensino fundamental incompleto, viúva, natural do município de Virgem da Lapa.

Dados da Entrevista

Data: 26/01/2021	Duração: 41min e 53segundos	Local: Via telefone
----------------------------	---------------------------------------	-------------------------------

Legenda: P=pesquisadora I= informante

TRANSCRIÇÃO ORTOGRÁFICA

- 1 I: *Oi.*
- 2 P: Bom dia!
- 3 I: *Bom dia!*
- 4 P: A senhora pode falar agora ou está ocupada?
- 5 I: *Não, eu posso falá. Eu tava é, tava sentada, minha vida é sentada, minha fia (risos).*
- 6 P: Ah, então tá bom então. O nome da senhora é dona M.O, mas a senhora tem apelido,
- 7 né?
- 8 I: *É M.O.*
- 9 P: Então tá, a senhora prefere que chama a senhora de M.O?
- 10 I: *É, pode chamá.*
- 11 P: Ah, então tá bom, dona M.O
- 12 I: *É tá bem, tá.*
- 13 P: Eu conversei com a A.F eu trabalhei junto com ela né, e eu tô fazendo uma pesquisa,
- 14 eu tô conhecendo a região, a história da região, os antepassados e aí ela me falou que a
- 15 senhora seria uma ótima pessoa pra conversar comigo
- 16 I: *risos*
- 17 P: Que a senhora sabe muita coisa.
- 18 I: *É, né?*
- 19 P: É
- 20 I: *Pela idade, pelos ano que eu moro aqui argurma coisa eu tô conscient' né, agora*
- 21 *ôtras.*
- 22 P: quantos anos a senhora tem dona M.O?
- 23 I: *Eu, eu completo, eu tenho 90 anos e cinco meses.*

- 24 P: Que maravilha!
- 25 I: Eu sou de 1930, de 18 de agosto.
- 26 P: Olha minha filha é dia 18 de agosto também.
- 27 I: Pois é
- 28 I: Você é de Araçuaí, mesm'? Descurpa eu perguntá, cê é de Araçuaí?
- 29 P: Ah sim eu trabalho aqui no Instituto em Araçuaí desde 2011, mas eu sou de Jacuri.
- 30 I: Ah, eu tenho aí ni, ni Araçuaí, eu tenho, eu posso falá num posso?
- 31 P: Claro.
- 32 I: Pois é, eu tenho o L. aí que é meu sobrin, tem o D. que é polícia que também é meu sobrin, tem o dotô A. aí no hospital que é meu sobrin.
- 34 P: Ah.
- 35 I: E tem as minina.
- 36 P: Doutor A. eu fiz muita consulta com ele quando eu tava grávida.
- 37 I: Pois é o, o, o pai dele é meu irmão é aqui de Virge da Lapa.
- 38 P: Ah tá, mas...
- 39 I: Pois é, e tem, tem o, o L., que já foi vice, num sei se foi vice prefeito, ele já teve, já
- 40 comando arguma coisa aí ni Araçuaí, tem o C., o D é polícia.
- 41 P: Ah tá, acho que eu sei quem é.
- 42 I: Pois é, um miudin que usa óculos.
- 43 P: Sim eu acho que eu sei quem é. Mas o material da pesquisa a gente só usa o áudio
- 44 mesmo tá eu não coloco nome então nós podemos começar a nossa conversa.
- 45 I: Tá.
- 46 P: Podemos?
- 47 I: Tá. Pode perguntá o que eu sabê eu te respondo.
- 48 P: Então tá. Onde que a senhora nasceu?
- 49 I: Ondé que eu nasci?
- 50 P: Isso.
- 51 I: Eu nasci, eu fui criada ni Virge da Lapa, fui criada num lugá que chama Capão, na
- 52 serra, mais fui criada ni Virge Da Lapa.
- 53 P: Ah tá. E há quanto tempo a senhora mora no município de Virgem da Lapa?
- 54 I: É aqui ni, no Pega desde, desda idade de dez anos que minha mãe mudô pra'qui que
- 55 eu moro aqui nessa, nessa comunidade.
- 56 P: Como que aí chama Dona M.O?
- 57 I: Hã?

- 58 P: Como que chama aí a comunidade?
- 59 I: É **Pega**. Aqui é o lugá que pegava os iscravo.
- 60 P: Ah é?
- 61 I: É. Lá do ôtro lado do ri chama **Pega**. E aqui ês trevessa... posso falá ?
- 62 P: Pode, eu tô ouvindo.
- 63 I: Aí os, os iscravo curria e trevessava o rio, aí eu num lembro, minha sogra que
- 64 contava né?
- 65 P: Aham.
- 66 I: Conto a história que minha sogra contava.
- 67 P: Aham.
- 68 I: E aí do ôtro lado do ri era uma mata virge e lá ês pegava os iscravo a trôco de
- 69 cachorro.
- 70 P: Humm.
- 71 I: Agora do lado daqui que eu moro tem uma pedra, chama pedra de Adão, ês iscundai
- 72 nessa pedra, debaixo dessa pedra.
- 73 P: Então era uma região que tinha muito escravos, né?
- 74 I: É. Aí do ôtro lado do rio eu já fui lá passiá, que eu tenho uma amiga lá, uma
- 75 senhora já velha e lá ela mostrava o tronco ondê que marrava, que marrava os escravo.
- 76 P: Nossa! E os pais da senhora também nasceram ai?
- 77 I: Ah, nasceu tudo aqui ni **Virge da Lapa**, todo mundo meu é da região de **Virge da**
- 78 **Lapa**, papai, mamãe vovô, vovó.
- 79 P: Ah então não vieram de outra região para cá não, são daqui mesmo?
- 80 I: Não, só tem minha, a minha vó, a mãe de minha mãe que ela, ela chamava M. A.J.
- 81 Ela falava "eu nasci ni Teoflotoni".
- 82 P: Hum.
- 83 I: E quando ela vei pra'qui ela casô com vovô, disse que tinha treze ano. Eu conheci
- 84 ela, e ela nunca falô, não, nem que era, nem que num era, ês fala que ela parece sê
- 85 raça de italiano que ela era muito vermelha.
- 86 P: Ah, tá casava muito nova, né?
- 87 I: Pois é. Ela vei pra'qui dessa idade aqui pra **Virge da Lapa** e morreu aqui.
- 88 P: Ah tá e tinha algum parente da senhora que era indígena, descendente ou não?
- 89 I: Não, não dos meus não. Da minha família não.
- 90 P: Não. Ah, tá. E a senhora a senhora frequentou a escola, dona M.O?

- 91 I: Eu, eu fiquei na, na escola, até tercero ano, aquel (mala) cachorro, é (risos), tercero
92 ano de borra, aprendi o abc, né?
93 P: Hum. E era aí mesmo?
94 I: Hã?
95 P: Era aí mesmo a escola?
96 I: Não, era, era... mamãe separô de papai muito ced' e mudô aqui po **Pega**.
97 P: Sim.
98 I: E aí...mamãe tocô foi sirviço ni nós, esqueceu de escola, muito longe também. É sete
99 quilômetro de distância. Não tinha éé recurso, a pé, aí, teve umas escola aqui, aqui já
100 teve escola, já teve professora. Agora depois que passô essas essas, ficô tudo mais
101 difícil, tem muito carr', tem muita coisa que pode ir, cabô.
102 P: E como foi a infância da senhora? A senhora pode contar, por favor?
103 I: Ah?
104 P: Como foi a infância da senhora?
105 I: Foi, foi, minha infância foi de sofrimento, viu? Foi de sofrimento. Eu nunca tive
106 infância na minha vida. Minha mãe era muito brava. Deus que dá o bom lugá a minha
107 mãe se ela merecê. Só ensinô a gente o que é bom. Mais no, de infância minha, só
108 trabalho.
109 P: Ah não tinha brincadeiras é?
110 I: Nada. Nada. Não tinha nada disso. Num existia isso não. Era um, era um respeito
111 fora de série, iguali hoje num tem, né?
112 P: Verdade.
113 I: Menina mulhé num podia brincá mais menino home e era, era separado e também
114 não dexava.
115 P: Hum, tá. Mas a senhora passeava em algum lugar da região?
116 I: Nada, passiava de que jeito? É o **Pega** é, é um, tem umas casinha aí, é do **Pega** pá
117 **Virge da Lapa**, e da roça pra casa.
118 P: Ah, tá. E aí, e na adolescência já teve mais liberdade pra passear, pra se divertir?
119 I: Isso aí foi, foi...Minha vida toda sufrida, viu? Que minha mãe mesm', largô meu pai
120 e, muito pobre, arrumô outro home e aí nunca teve, num tinha conforto de nada, eu
121 vivia trabaizando na casa dum, trabaiaava na casa do ôto e foi assim.
122 P: A senhora ajudava em casa de família?
123 I: Ajudava a mamãe, né? Ganhava, naquele tempo num era dinho, ganhava o que
124 come, era feijão, arroz.

- 125 P: Ah, trocava, né?
- 126 I: Levava pá mamãe.
- 127 P: Trocava o serviço por alimentos?
- 128 I: É, é isso, era isso.
- 129 P: Ah, tá. Mas tinha algum lugar especial que os jovens passeavam, que iam se divertir?
- 130 I: Não. Não, tinha nada. Eu, eu quando eu casei, eu casei, eu ia fazê dezessete anos no
- 131 dia dezoito de agosto.
- 132 P: Muito nova!
- 133 I: No dia dezoito, e casei no dia quinze. Eu ia fazê dezessete anos, quando eu casei.
- 134 Meu marido era de agosto, ele ia fazê vinte e dois anos e eu dezessete, éé, meu sogro
- 135 era bem, bem, bem escurão, bicudo, era bem, né? A mãe dele era descendência de
- 136 escrav', a mãe do meu sogro. E aí, eu casei com essa idade, ele, mais véri do que eu
- 137 cinco anos, aí nós tivemos uma vida de, de Deus com os anjo. Era meu marido, era bom
- 138 vixe.
- 139 P: Ai, que bom.
- 140 I: Aí eu tive onze filho.
- 141 P: Quantos?
- 142 I: Onze. (risos) E graças a Deus do céu, é Deus no céu e meus fi na terra. Cada um
- 143 melhor que o ôtro, viu.
- 144 P: Ah, que maravilha!
- 145 I: Todo mundo é trabalhadô. Todo mundo tem sua morada. Ninguém depende de, é, é
- 146 Deus e ês.
- 147 P: E eles e eles todos moram aí na região?
- 148 I: Não, aqui, aqui perto de mim, mora um. Ele nasceu em setenta, aí queria sé o caçula.
- 149 Depois, veio uma menina, ele mora aqui perto de mim. E tem um outro que mora aqui,
- 150 pertim, seu gritá ele escuta. Agora, o resto é no mund'. Tem um na Liberdade, tem um
- 151 ni Perus, éé, tem, tem no Sul de Minas, tem a minha caçula e mais três, tá isparramad',
- 152 aqui só tem dois.
- 153 P: Mas quando junta é uma festa, né dona M.O?
- 154 I: É. Graças a Deus. Eita, que meus fi é bom! Num sei como eu agradeço a Deus. Ô,
- 155 meu Deus. São meus amigos, né, meus amigos e meus filhos.
- 156 P: Verdade, e eles é... estudaram ai perto ou eles se divertiam..{ }?
- 157 I: Não, não, eu só tem dois que formô. Tenho uma filha que é viúva também, entrô, era
- 158 professora e tem um que mora em Perus, esse dai também formô, mais tem é mercearia.

- 159 P: Ah, tá. Mas diversão, eles tinham algo aí pra divertir, lugar pra ir passear?
- 160 I: *Nada, que passiá? Passei era, é trabalho, minha fia. É gente sem, sem conhecê o*
- 161 *nada, nada, nada, nada, é só trabalho.*
- 162 P: As pessoas aí de perto da senhora saem pra trabalhar em outra cidade, outro
- 163 município ou aí mesmo conseguem trabalho?
- 164 I: *É. Tem. Vai po café, vai pá praia. Arguns que mora aqui né, que eu tenho uma vizin*
- 165 *aqui perto também. Ééé, ele é sobrin de meu marido. Os fi dele foi pá Virge da Lapa,*
- 166 *ele tem 3 filhos, casô por lá, por lá, tá, vive ês dois aí. Mais o povo aqui vai po café, éé,*
- 167 *vai pá praia, agora os meus mesm' não, graças a Deus, nunca fui nem ni praia, nem, só*
- 168 *um que cortô cana uma vez.*
- 169 P: Hum.
- 170 I: *E aí a graças a Deus, tem sua morada muitho boa, tem, mora no sítio. É dês mesm',*
- 171 *graças a Deus, graças a Deus.*
- 172 P: Graças a Deus. E a senhora lembra como que era aí antigamente? Em relação a
- 173 plantas, a matas.
- 174 I: *Não, isso aqui, isso aqui eu já nasci na roça. Nós, nós colhia tanta coisa pra perdê:*
- 175 *é feijão, é arroz, engordava muitho porco, galinha. Vaca ainda tem umas duas ainda,*
- 176 *meu fi tem, tem gad'. E aí era uma fartura pra jogá fora. E hoje, hoje ês não têm,*
- 177 *depende de tudo do, do, do mercado. Depende, porque as águas não, a chuva é muito*
- 178 *pouca, né?{ }*
- 179 P: A senhora acha, então, que a causa de ter diminuído essa fartura, essa produção é a
- 180 falta de chuva, falta de água?
- 181 I: *É falta de chuva, é chuva.*
- 182 P: Antes { } chovia muito?
- 183 I: *Não, chuvia. Era chuva oito dias assim sem pará. () depois quando eu moro aqui,*
- 184 *teve uma enchente de onze metro de água. Que meu marido tinha umas régua, aí ele*
- 185 *observava, essas leitura e midia chuva, deu onze metro de água. Tem uma pedra aqui,*
- 186 *no fundo da casa de meu fi, que mora lá no, no povoadozin, ela tem sete metros de*
- 187 *altura e quando essa enchente cobriu ela. Daí pra cá, nunca mais, éé, cinco metro,*
- 188 *quatro metro, três metro, sete metro.*
- 189 I: *E aí agora é, é assim.*
- 190 P: E a senhora acha que é por causa da falta de preservação ou não tem nada a ver?
- 191 I: *É a chuva, é a chuva né e desmatô muito e era muita mata, muita mata. E aí foi*
- 192 *desmatano, desmatano ().*

- 193 P: É. E aí tem muitos animais selvagens aí perto, dona M.O?
- 194 I: *Tem é, meu fi tem cavalo tem burr', tem vaca, puquin assim, mais tem.*
- 195 P: E planta, tem alguma planta específica, alguma árvore típica aí da região?
- 196 I: *Não? Aqui na, aqui na minha porta tinha umas mangueira. Já morreu duas, eu acho que é até cupim, mais inda tem duas mangueira, tem um pé de, de, é, quês fala acerola, ciriguela, essas coisas aí tem, a gen tem é água da Copasa.*
- 199 P: Ah, entendi. { }E aí tem muita, é uma região com muita água, muitos córregos que
- 200 correm ainda?
- 201 I: *Não, não, aqui é só, só quand' chov', quando chov' tem bastant' água, em vorta dos minino tem barrage.*
- 203 P: Quais córregos que tem aí perto?
- 204 I: *É um corgo que chama corgo do Rusaro.*
- 205 P: Tem alguma coisa a ver com a Nossa Senhora do Rosário?
- 206 I: *É, só quando chov' que tem água, né?*
- 207 P: Anham.
- 208 I: *Mais nessas quebrada aqui, quando chov' tem água pá todo lado aqui, a chuva acabô, cabô, é no rio, é o rio Araçuáí.*
- 210 P: Ah, tá! E as pessoas vão muito...as pessoas vão muito nos rios pra pescar, pra tomar
- 211 banho?
- 212 I: *Não, agora não. Vem arguém de Virge da Lapa vem aí bebê cerveja, curti na bera do rio, tem muita praia assim, areia, pedrinha, tem lugá muito fundo ainda, mais tem lugá já bem ras'. E a água é da copasa, é da água do, de, do rio Araçuáí.*
- 215 P: E o rio aí, ele corre limpo ou ele é poluído também?
- 216 I: *Corr'. Não, corr'. Aqui em casa tem umas cachueras no fundo da casa, que corre dia e noite, muita água.*
- 218 P: Tem muita cachoeira aí na região?
- 219 I: *É, não. Tem um lugá aqui qui chama Funili , é lá que tem os, as cachuera, ca quês remanso, agora tem água currida né, a água, cachuera pôca, num é cum muita velocidade não, mais tem.*
- 222 P: Funil é o nome de um lugar também.
- 223 I: *É, é, por cima aqui do Pega, chama Funili.*
- 224 P: Ah, tá. Aí, as pessoas falam, Pega ou chama de comunidade do Pega, ou tanto faz?
- 225 I: *Não, era do Pega, é comunidade do Pega. Aqui tem igreja, de Nossa Senhora de Santana, tem, tem, tem dois botequim aí, botequim assim, fim de semana.*

- 227 P: A maioria { }.
- 228 I: *E o povo, o povo frequenta muito aqui. In roda, a, in roda da igreja é calçada, Nossa*
229 *Senhora Santana é uma imagem, é a vó de Jesus Cristo, é muito linda a imagem dela.*
- 230 P: A população aí é católica? A maioria?
- 231 I: *É. Vai andand, aqui mesm' no povoado, tem bem, bem, bem, jeit' de ir pra Virge da*
232 *Lapa, só pedi um carr', tai, pede o outro, o carr' tai. É sete quilômetro, é pertin, podia*
233 *ir até andano.*
- 234 P: É verdade. E tem muita festa religiosa aí na região?
- 235 I: *Se tem gente?*
- 236 P: Festa religiosa de padroeiros?
- 237 I: *É. Aqui ééé,a igreja é... sempre antes dessa coisa que apareceu aí no mundo, é que eu*
238 *nem gosto de tá lembrano, é a igreja era cheia, agora, vai, mais o povo tem muito med',*
239 *é só, só vai de máscara, alguns vai, outros não. Aqui, ó, nessa região que eu moro, só*
240 *tem eu e uma velha, tem uma velha que tem cento e dois ano, ela, ela é pior do que ieu,*
241 *ela num sabe nada, nada, nada, num sabe se come, num sabe se bebe.*
- 242 P: Nossa.
- 243 I: *É uma bem escurona, mais bem, preta mesmo.*
- 244 P: Aham.
- 245 I: *E aí tem muita gente nov',. Ês gosta muito de mexê com horta, rigação.*
- 246 P: Ah, que bom.
- 247 I: *O povo aqui é trabalhadô.*
- 248 P: É. Isso aí é. O pessoal da região aqui trabalha muito. E a senhora conhece os, os as
249 comunidades, os povoados aí perto de onde a senhora mora?
- 250 I: *Não, aqui tem uma comunidade aqui que rio abaix', bem distante chamada Vila. Eu*
251 *fui uma vez, nunca mais.*
- 252 P: Como que chama?
- 253 I: ***Vila São João.***
- 254 P: Ah, tá. Tem muito nome de santo aí, né, dona M.O?
- 255 I: *Han?*
- 256 P: Tem muitos nomes de santos?
- 257 I: *É, e aí tem outro rio acima que chama... esqueci o nome do, do...é perto do, o Funili*
258 *fica de cá e essa, essa é, é, tem até uns moradô, tem até um moço de lá que mora aqui*
259 *disse que é município de Badaró... é Pacheco, chama Pacheco.*
- 260 P: Tá. Deve ser o nome de alguma família, né?

261 I: Era. **Pacheco**.

262 P: E tem muito, muita fazenda ainda que tem, que tem agregado?

263 I: Tem, tem. Aqui tem um sinhô que cuida sempre né, só falta chuva, né?

264 P: Verdade.

265 I: Tem um fí trabalhadô, eita voitad' do meu fí tralhadô, na hora que a gente tá naquela
266 maió, agora mesmo, na maió aligria vem essa crise aí de falta de chuva, mais Deus,
267 Deus dá um jeito né, Deus é muitho grand' né.

268 P: O filho da senhora mora no Pega também, né?

269 I: É. Aqui todo mundo é **Pega**.

270 P: Ah, tá. E a senhora já foi nos forrós aí da região ou não tem muito forró aí perto?

271 I: É, no tempo que eu era gent' eu dançava mais meu marido dia e noite, hoje, nem pá
272 pag' eu num danço(risos).

273 P: E onde que a senhora ia? Forró em qual comunidade que tinha?

274 I: Aqui mesm', aqui mês'm', aqui no **Pega**. Aqui no **Pega** é já, ni **Virge da Lapa** eu num
275 ia, meu marido não, não gostava, aí **Virge da Lapa** nunca frequentei essas coisas não,
276 mais é na roça, é qui no **Pega** é no lugá que chama **Barbosa** que de vez em quando nós
277 ia.

278 P: É outro, é outro povoado, Barbosa?

279 I: É outro povoado, mais tudo é daqui mesmo, é **Virge da Lapa** mesmo.

280 P: Sim. E Cachoeira, as cachoeiras daí tem nomes ou a senhora não sabe?

281 I: Nome, só tem o **Funili** que tem o nome.

282 P: Funil é, é, deve ser o formato da cachoeira, né?

283 I: É. É o lugá mais, um lugá assim, cê pode contá agora, dagora pá frent', quem tem
284 corage e põe um pau, pode pulá dum lad' a ôtro, mais a água roda assim dia e noite, é
285 um funili mesmo.

286 P: Nossa!

287 I: E tem espaço, elé, tem uns lugá qué mais istreito, otros é mais largo um pôc', tem
288 lugá que cê joga um pau aqui, cê custa vê ele imbaix'.

289 P: Ah, então é perigoso.

290 I: A água que leva, é, lá é lá, lá já morreu bem gent' viu.

291 P: Nossa. E aí na região, a senhora falou que tinha muito descendentes de escravos, né?

292 Devem ter comunidades quilombolas, mas, e indígenas, a senhora sabe se teve, se
293 tiveram aí?

294 I: Não, iss'aí não.

- 295 P: Indígenas então não, só quilombos, só escravo.
- 296 I: *Ês tem umas reunião aí que fazem, eu num, isso aí eu num vô mais nesses lugá, num*
297 *frequent’’. Uma que as pernas num guent.*
- 298 P: É, e agora a gente tá só dentro de casa de máscara também, né?
- 299 I: *É. Agora é pió, agora tem que botá esse negóco no nariz, tem hora que eu fico sem*
300 *fôrgo e eu nem gosto disso, eu.*
- 301 P: Não é bom mesmo não.
- 302 I: *Cê tá doida! Eu falei assim cum F, “ô F, na hora que passá isso aí, traz ela aqui”, cê*
303 *cê tem vontade de ir assim nos lugá na roça?*
- 304 P: Eu tinha muita vontade de ir e na verdade eu comecei a fazer essa pesquisa, eu queria
305 muito é ir nos lugares, né? Conhecer as pessoas, os lugares, ver essas pedras, esses
306 lugares que atravessavam, mas aí veio a, o, o coronavírus, né? Acabou com tudo, né?
- 307 I: *É, mais Deus vai acabar com isso, Deus é muito grand’. Pois é, eu tô aqui, ó, com*
308 *essa idade, ainda tô conscient’’. Graças a Deus, sou mãe de onze filho, ganhei tudo aqui*
309 *no mat’, dotô nunca viu esse negoço aí.*
- 310 P: Foi tudo, foi tudo parte normal?
- 311 I: *É, tudo. Eu tive até, tive uns três aí só mais Deus.*
- 312 P: Nossa!
- 313 I: *Mas aí tô’ viv’ muito tranquil’, muit’, muito alegre, sou muito amiga de todo mund’,*
314 *moro aqui de quantos ano, num tem inimigo, só amig’ de todo mundo, gosto de, de*
315 *minha casa simples, casazinha de pobre, gosto dos amigo, gosto muito de tê gente aqui*
316 *do meu lad’, vixe.*
- 317 P: O importante da nossa vida é isso também, né? Rodeado de pessoas, né, Dona M.O?
- 318 Eu perguntei F porque eu vi esse nome, eu achei interessante, aí que ela contou que o
319 avô dela era descendente de escravo. E a senhora tem religião, dona M.O?
- 320 I: *Mas eu só católica. Vixe, até morré.*
- 321 P: Ah, eu também sou.
- 322 I: *()Aqui, eu conveso demais, cê num repara isso não viu.*
- 323 P: Não, mas eu quero é que conversa mesmo.
- 324 I: *Pois é. Aí esses tempos chegô um sinhô aqui, já de idade, mais uma, uns minino,*
325 *umas mulhé, aí eu olho, ele falô, “quero conversá cum a senhora”, eu falei, “tudo bem,*
326 *eu tô qui às ordes! Aí falano sobre religião. “Olha, a senhora num tem vontade, não sei*
327 *o que, num sei”. Eu deixei ele falá, deixei ele falá, falá. Depois de, eu falei assim, “ô*

328 moço, cê sabe de uma coisa? Cê me discurpa, mais eu nasci católica e vô morrê
329 católica".

330 P: Ah, é verdade,

331 I: Aí minha menina falô, "ah, mãe, porque que a senhora falô?" eu falei "eu falei a
332 verdade, eu num vô, eu num, eu num quero ser crent'.

333 P: É,

334 I: E? Jesus é um só, Deus é um só. Tudo dele é um só. Cumé que eu vô sê crent'? Deus é
335 um só. Falei "não".

336 P: Verdade.

337 I: (risos) Ele falô assim, "ah, intão, eu vô imbora", eu falei, "toda hora que cê querê,
338 minha casa tá às orde, pode vortar pra nós conversá, agora crent' eu num quero ser
339 não".

340 P: Verdade. E mudar de religião não muda o caráter da gente também, né?

341 I: Uma bestage! Que mané crente que nada!

342 P: Dona M.O, aí também teve enchente que destruiu muita coisa? Aqui em Araçuaí eles
343 falam que em setenta e nove teve uma enchente que causou uma destruição muito
344 grande.

345 I: É, de onze metr' de água no rio.{ }. Onze metr', acima do normali, tev' onze metr'
346 de água.

347 P: Ah, e antigamente { }

348 P: Antigamente, dona M.O, como as pessoas se movimentavam pra ir pra outra cidade
349 pra outro lugar? Qual meio de transporte que se utilizava?

350 I: Oh, oh, minina cê falô, eu , isso aí é, única cidade que eu ia, uma vez, foi ni Araçuaí,
351 quando minha irmã era viva, a, a mãe de L, a minha irmã. Mais nunca mais eu fui,
352 depois que meu marido morreu, meu marido morreu em 80, 10 de junho. Era seis
353 irmão, todos seis morreu de chaga. Depois que ele morreu, meus fi foi pra São Paulo,
354 aí eu eu fui em São Paulo quatorze dia, na casa dês. Aí, depois então um foi po sul, não,
355 três po sul, ôtro foi pá Perus, fui nem casa dês. No sul eu já fui três vez, sul de Minas. É
356 uma região muito boa também.

357 P: Verdade.

358 I: E aí eu só cunheço...se ocê perguntá perto de **Virge da Lapa** eu sei.

359 P: E a, a região aí perto da senhora tinha muita mata que a senhora falou, né?

360 I: Tinha, tinha muito, tinha muito mato. Nós mês' tinha muit', meu sogro tinha muita,
361 muita terra, muita, fazenda né?

- 362 P: Hum hum.
- 363 I: Aí ele, morreu o véio e a velha dividiro. Foro ni Salinas, trôxe um engenheiro, midiu
364 a terra e dividiu: pá cada um deu um pedaço, cada um mora no que é seu mês.
- 365 P: Hum.
- 366 I: É **fazenda Pega**, beira do **rio de Araçuaí**.
- 367 P: Ah, tá. Mas eu achei interessante esse nome que a senhora falou aí, porque chama
368 Pega, né.
- 369 I: É. Os escravo. O meu sogro diz que a, ês viero de Teoflotoni, ele contava, né.
- 370 P: Hum hum.
- 371 I: Ele vei mais a mãe dele, vei currid' de Teoflotoni. Ééé, tinha mais, tinha Z.C e L., era
372 os irmão. Aí eu num conheci não. Morô aí nesse **Pega**. E aí saiu currid'. E aí quês dav,
373 durant' o dia prissiguia os coitado. Era só mata, mata, num tinha estrada, num tinha
374 nada. Argum moradozin na beira do, do, do rio. E aí foi...
- 375 P: Tem casa na beira do rio ainda?
- 376 I: Ah?
- 377 P: Ainda existem casas na beira do rio?
- 378 I: Tem uai, no rio aqui tem, tem muita, muita horta, tem muita plantação. O, o meu
379 minino mesm', ele tem do lado de lá e de cá, só cana, capim.
- 380 P: Ah, que legal.
- 381 I: É cana. Ele mexeu ano pa, ano trasad', ele comprô um alambique, fez muita pinga.
382 Pegô e vendeu tud', tá lá um mund' véi de cana lá perden'.
- 383 P: O pessoal da região ainda faz muita pinga?
- 384 I: Faz, tem um parent' perto de mim aqui, ri abaix', pertin, que faz pinga diret'.
- 385 P: Rapadura?
- 386 I: Rapadura, eu já fiz rapadura até pá dá porco e e vaca. Hoje, vindi o ingenho, o
387 ingenho era de ferro, os mininos foro tudo eu falei" eu vou ficá só", aí me deu, deu o
388 que? Deu uma crise. Meu marido morreu em oitenta e deixou cinco filho de menor.
- 389 P: Hum, tá.
- 390 I: Aí, aí, aí, aí que a vaca foi po brejo, viu? Não tinha condições de nada.
- 391 P: É, e agora também tá na hora de descansar, né, dona M.O?
- 392 I: Pois, é. Aí, ele, o, ele ficô quatro ano doent' pegô hospital, cabô cum tud', fiquei com
393 cinco filho. Ah, cê sabe cumé que eu criei esses filhos?
- 394 P: Ham?
- 395 I: Caçan' oro, caçan' oro.

- 396 P: Ah, é? A Senhora é garimpeira também?
- 397 I: *Eu já, eu já, já peguei tanto oro na minha vida, se eu tivesse guardado éé, vixe! Vindi pra comprá o que come pros filh'*.
- 399 P: Olha! Mas no rio Araçuaí mesmo, a senhora já achou?
- 400 I: *É. Vindi aqui mesmo oro. E aí as crise foi montano ,as água, foi diminuino. Pra comprá o qui come.*
- 402 P: É verdade. Ah, mas que bom que a senhora é né, conseguiu dar o jeito da senhora, trabalhar e sustentar os filhos, criar todos bem, né?
- 404 I: *É. Eu só, é cinco fì de menor e cinco de maior, porque morreu um com seis mês.*
- 405 P: Humm.
- 406 I: *Aí era, era caçano oro diret', diret', mais criei cinco, mais Deus iguali eu criei os cinco mais o véi. Fui uma mulhé que o home que eu cunheci nessa minha vida foi o meu, meu véi.*
- 409 P: É, a senhora foi casada com ele por muitos anos, né?
- 410 I: *Era negro, mais foi o, eu tô conversan' mais ocê e olhano o retrato dele ali na parede, ele olhan' pra mim. (risos)*
- 412 P: Então a lembrança continua aí, né? A lembrança continua aí com a senhora, né?
- 413 I: *Eita! Deu uma sodade! Ô meu Deus, coitad' de meu véi. Pois é, aí foi assim: sufri, sufri, dêi conta de meus fì, nunca insinei o que é ruim, eu num tem um fì que tem defeito.*
- 416 P: Graças a Deus, né?
- 417 I: *Graças a Deus. Tem vício de nada. Vez em quando toma uma cerveja, toma um, um gole duma caipira, mais num, num é viciado.*
- 419 P: É. Graças a Deus. E se a senhora, se fosse pra senhora resumir, contar como é a vida da senhora aí, se a senhora gosta da do lugar, se a senhora não gosta, se a senhora tinha vontade de morar em outro lugar, como que a senhora contaria?
- 422 I: *Não. Não, eu, se eu saí daqui, se eu tivé de vivê dois dia eu vivo um. Nem pra Virge da Lapa. E eu tenho uns que é contra eu saí daqui.*
- 424 P: Ah, tá. Então, a senhora gosta do lugar que a senhora mora, né?
- 425 I: *Gosto daqui, gosto de meu lugá, gosto de minha casa. A minha casa, com banheiro é onze quarto.*
- 427 P: Nossa! Pra arrumar isso tudo!
- 428 I: *É. Graças a Deus. Eu vivo aqui mais uma mulhé que trabaia mais eu de segunda a sexta. Agora pá dormi é meu filho e a nora que dorme mais eu, mais é pertin daqui, eu*

430 *vej' ela lá, eu grit' ela, ela vem qui. Ela tem dois fi também , já... o fi casô, a filha tá
431 estudan', mais dois só.*

432 P: Ah, mas que bom!

433 *I: E aí eu fic' aí à vontade, (), todo mundo que chega e eu receb', é uma alegria, ihhh.*

434 P: Ah, mas que bom, dona M.O. Foi muito bom, muito bom conversar com a senhora.
435 Agradeço muito a boa vontade da senhora de tirar o tempo da senhora, né, pra me
436 atender. Eu falei com a A que eu ainda quero ir aí conhecer a região, mas vou esperar
437 ver se acaba, né, essa pandemia.

438 *I: É. Na hora que cabá, cê vem cumê um frango aqui mais nós, eu gosto de, só num
439 guent'. No quintal tem dois anos que eu num vô, só do banheiro pra cama, ando no
440 quarto, na área dent' de casa, mais aí vem cumê um franquin mais nós, tem um
441 franguin aí, tem um ov'caipira, aí tem.*

442 P: Ah, sim, muito obrigada mesmo pelo convite e também pela boa vontade em me
443 ajudar tá? Eu agradeço muito, muito a senhora, dona M.O.

444 *I: Pois é. Eu fiquei muito satisfeita quando, satisfeita quando F.falô isso, ihhh. Elas é
445 três irmã.*

446 P: Sim, eu trabalhei com ela aqui na escola, né? Gente boa demais.

447 *I: Ela tem, ela, agora tá namorand', né? Diz ela que casô de nov'. Graças a Deus. Tem
448 uma que é separada, tud' nova e tem uma casada, as outras duas... Diz A. que agora tá
449 casada de nov', Deus que ajude.*

450 P: É verdade. Ah, mas brigadão mesmo, um bom dia pra senhora, tá?

451 *I: Pois é. Cê discurpa, cê discurpa as....*

452 P: Não. Desculpar nada, a senhora me ajudou muito.

453 *I: E eu fiquei muito satisfeita, desde no dia de domingo que ela falô comigo que eu
454 fiquei muito satisfeita. E eu gosto muito de conversá, gente que intend' mais, eu num
455 intend' nada, ainda além de tudo velha.*

456 P: Ah, quem é, né? A senhora dá uma aula pra qualquer um de nós.

457 *I: (risos)Oia. Já vei uns dois cunversá mais eu"quantos anos que a senhora tem? Eu
458 falei, "eu tenho nove, acho que tem nove anos que eu tenho nove anos" "Ah, tá bom".
459 Eu só amiga de **Virge da Lapa** intera, eu fico aqui, eu mando panhá. Cê viu que
460 qualquer lugá que eu mando buscá, aqui no dia de hoje eu disse, eu morrê, meus fi
461 paga.*

- 462 P: É, mas o bom, o bom é isso, a gente ter crédito em qualquer lugar, né? Ter amizade
463 em qualquer lugar? E o melhor que a senhora nasceu no mesmo dia da minha filha, né?
464 Leonina também. Né?
- 465 I: Nasceu dezoito de agosto?
- 466 P: A minha filha mais nova é.
- 467 I: Cê já tem, cê já tem quantas? Duas?
- 468 P: Eu tenho uma de vinte e uma de quatro.
- 469 I: Uai, vi, custô. Eu tem onze. Dês a minina de cinquenta. Eu tenho a primera é de
470 cinquenta e esse úrtimo é de setenta. Depois vem a minina de setenta e três.
- 471 P: E. Ter onze é muita animação, dona M.O (risos).
- 472 I: Cê tá doida, meu filho? Sim, tem a dô, a dô é ruim, ruim eu num, sei lá. Eu, teve um
473 dia que a, comecei sinti a dô, eu falei “o que”? , quando eu abaxei lá, o minin’ nascen’.
- 474 P: Não, as minhas, nenhuma das minhas foi normal, não.
- 475 I: (risos). Eu nunca fui ni dotô pra vê esse bich’ não.
- 476 P: Mas, mas foi muito bom mesmo conversar com a senhora, eu agradeço muito a
477 atenção da senhora, fica com Deus, tá? Um bom dia pra senhora, dona M.O.
- 478 I: Fica com Deus, dê um abraço ni suas filhas. Diz que mandei: a velha.
- 479 P: Dou sim.
- 480 I: Discurpa perguntá. Cê tem marido Também?
- 481 P: Sim, sim.
- 482 I: Pois é, pois é. É discurpe eu perguntá porque eu sou muito ixibida pra querê sabê o
483 que num é de minha conta.
- 484 P: Ué, eu tô perguntando tudo pra senhora, a senhora pode perguntar também (risos).
- 485 I: Não, mais as suas pergunta, ocê tá fazend’ porque é de sua part’, agora eu num
486 tenho nada a vê com isso, mais gosto muito de sabê também, né?
- 487 P: Não, mas não tem problema não, é bom conversar mesmo, a gente conhecer as
488 pessoas.
- 489 I: Pois é, intão cê fica cum Deus também, nossa senhora que abençoe vocês, a hora que
490 cê querê vim na minha casa tá às orde, viu!
- 491 P: Tá bom, brigadão dona M.O, fica com Deus também, um abraço.
- 492 I: Amém! Fica com Deus também. Ótro.